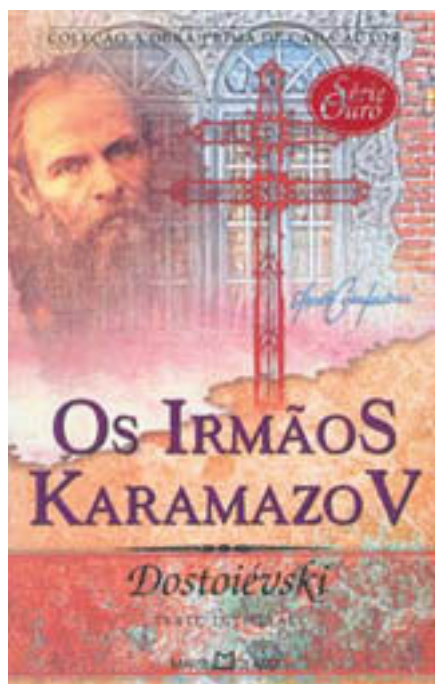
Fiódor M. Dostoiévski

OS IRMÃOS KARAMAZOVI

Com licença da Cia. Aguilar Editora,
Rio de Janeiro, detentora do "copyright"
para a língua portuguesa.
1970 — Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes.
Este livro integra o fascículo n.º 1 da coleção
OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL,
não podendo circular separadamente.

Os Irmãos Karamazov

Fiódor Dostoiévski

Abril Cultural, 1970
Tradução: Natália Nunes e Oscar Mendes.
Este livro integra o fascículo n.º 1 da coleção
OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL.

Digitalizado por SusanaCap
Revisado por valadaobatistoni
WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/

OS IRMÃOS KARAMÁZOVI[1]

A Ana Grigórievna Dostoiévskaia

Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto.

São João, Cap. XII, Vers. 24 e 25.

PREFÁCIO

Ao começar a biografia de meu herói, Alieksiéi Fiódorovitch, sinto-me um tanto perplexo. Com efeito, se bem que o chame meu herói, sei que ele não é um grande homem; prevejo também perguntas deste gênero: "Em que é notável Alieksiéi Fiódorovitch, para que tenha sido escolhido como seu herói? Que fez ele? Quem o conhece e por quê? Tenho eu, leitor, alguma razão para consagrar meu tempo a estudar-lhe a vida?"

A derradeira pergunta é a mais embaraçosa, porque só lhe posso responder dizendo: "Talvez o senhor mesmo descubra isso no romance". Mas se o lerem, sem achar que meu herói é notável? Digo isto porque prevejo, infelizmente, a coisa. A meus olhos, é ele notável, mas duvido bastante de que consiga convencer o leitor. O fato é que ele age seguramente, mas de uma maneira vaga e obscura. Aliás, seria estranho, em nossa época, exigir clareza das pessoas! Uma coisa, no entanto, está fora de dúvida: é um homem estranho, até mesmo um original. Mas a estranheza e a originalidade prejudicam, em lugar de conferir um direito à atenção, sobretudo quando todo mundo se esforça por coordenar as individualidades e destacar um sentido geral do absurdo coletivo. O original, na maior parte dos casos, é o indivíduo que se põe de parte. Não é verdade?

No caso de me contradizerem, a propósito deste último ponto, di-

[1] Plural russo de Karamázov. Nome forjado, composto provavelmente do substantivo kara, castigo, punição, e do verbo mázat, sujar, pintar, não acertar. Seria, simbolicamente, aquele que com o seu comportamento desacertado provoca a própria punição.

zendo: "Não é verdade", ou "não é sempre verdade", retomo coragem a respeito do valor de meu herói. Porque não somente o original não é "sempre" o indivíduo que se põe de parte, mas acontece-lhe deter a quinta-essência do patrimônio comum, enquanto seus contemporâneos o repudiaram por algum tempo.

Aliás, em vez de engajar-me nessas explicações destituídas de interesse e confusas, teria começado bem simplesmente, sem prefácio — se minha obra agradar, hão de lê-la —, mas a desgraça está em que, além de uma biografia, tenho dois romances. O principal é o segundo, é a atividade de meu herói em nossa época, no momento presente. O primeiro desenrola-se há treze anos, e, para dizer a verdade, é apenas um momento da primeira juventude do herói. Ê indispensável, porque, sem ele, muitas coisas ficariam incompreensíveis no segundo. Mas isso só faz aumentar o meu embaraço: se eu, biógrafo, acho que um romance teria bastado para um herói tão modesto e vago, como apresentar-me com dois e justificar tal pretensão?

Desesperando de resolver essas questões, deixo-as em suspenso. Naturalmente, o leitor perspicaz já adivinhou que tal era meu fim desde o começo e leva-me a mal que perca um tempo precioso em palavras inúteis. Ao que responderei que o fiz por polidez, e em seguida por astúcia, a fim de que se fique prevenido de antemão. Além do mais, folgo que meu romance se divida por si mesmo em duas narrativas, "contudo conservando sua unidade integral"; depois de ter tomado conhecimento do primeiro, o leitor verá por si mesmo se vale a pena abordar o segundo. Sem dúvida, cada qual é livre; pode-se fechar o livro desde as primeiras páginas da primeira narrativa para não mais abri-lo. Mas há leitores delicados que querem ir até o fim, para não deixar de ser imparciais; tais são, por exemplo, todos os críticos russos. Sente-se a gente de coração mais leve para com eles. Malgrado sua consciência metódica, forneço-lhes um argumento dos mais fundamentados para abandonar a narrativa no primeiro episódio do romance. Eis terminado o meu prefácio. Convenho que é supérfluo, mas, já que está escrito, deixemo-lo.

E agora, comecemos.

O Autor.

PRIMEIRA PARTE

LIVRO I

HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

I

FIÓDOR PÁVLOVITCH KARAMÁZOV

Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov era o terceiro filho de um proprietário de terras de nosso distrito, Fiódor Pávlovitch, tão conhecido em seu tempo (dele se lembram, aliás, ainda) pelo seu fim trágico, ocorrido há treze anos e de que falarei mais adiante. No momento, limitar-me-ei a dizer desse "proprietário" (chamavam-no assim, se bem que jamais tivesse morado em sua "propriedade") que era o tipo estranho, embora bastante freqüente, da criatura vil e corrompida, ao mesmo tempo que absurda. Sabia arranjar perfeitamente seus negócios proveitosos, mas nada mais. Fiódor Pávlovitch, por exemplo, começou quase do nada: era um modesto proprietário, gostando muito de jantar em casa dos outros, com fama de parasita. E no entanto, ao morrer, possuía mais de 100 000 rublos em metal sonante. Isso não o impediu de ser, durante sua vida, um dos piores malucos de nosso distrito. Repito-o, não se trata de estupidez — a maior parte desses malucos é bastante inteligente e astuta —, mas de extravagância específica e nacional.

Foi casado duas vezes e teve três filhos; o mais velho, Dimítri, da primeira mulher, e os dois outros, Ivã e Alieksiéi, da segunda. Sua primeira mulher pertencia a uma família nobre, os Miúsovi, proprietários bastante ricos do mesmo distrito. Como pôde uma moça, tendo um dote, bonita e, além do mais, viva e espirituosa, tal como se encontram muitas entre nossas contemporâneas, casar-se com tão nulo "doidelo" (era assim que o chamavam)? Creio inútil explicá-lo demasiado longamente. Conheci uma jovem, da penúltima geração "romântica", que, após vários anos de amor misterioso por um senhor, com o qual poderia casar-se bem tranqüilamente, acabou imaginando obstáculos intransponíveis a esse casamento. Numa noite de tempestade precipitou-se, do alto de um penhasco, num rio impetuoso e profundo, e pereceu vítima de sua

imaginação, unicamente para parecer-se com a Ofélia de Shakespeare. Se aquele penhasco, de que ela gostava particularmente, tivesse sido menos pitoresco ou substituído por uma margem chata e prosaica, não se teria ela, sem dúvida, suicidado. O fato é autêntico e creio que entre as duas ou três últimas gerações russas houve numerosos casos análogos. Semelhantemente, a decisão que Adelaide Miúsova tomou foi sem dúvida o eco de influências estrangeiras, a exasperação de uma alma cativa. Queria talvez afirmar sua independência de mulher, protestar contra as convenções sociais, contra o despotismo de sua família. Sua imaginação complacente pintou-lhe — por um curto momento — Fiódor Pávlovitch, malgrado sua reputação de papa-jantares, como uma das personagens mais ousadas e mais maliciosas daquela época em via de melhoramento, quando era ele muito simplesmente, um pregador de más peças. O picante da aventura foi um rapto que encantou Adelaide Ivânovna. A situação de Fiódor Pávlovitch dispunha-o então a semelhantes proezas; estava louco por abrir caminho a qualquer preço: introduzir-se em uma boa família e receber um dote era bastante atraente. Quanto ao amor, não se cuidava disso nem de um lado nem de outro, malgrado a beleza da moça. Esse episódio foi provavelmente único na vida de Fiódor Pávlovitch, grande amador do belo sexo, a vida inteira, sempre pronto a agarrar-se a qualquer saia, contanto que ela lhe agradasse. Ora, aquela mulher foi a única que não exerceu sobre ele atração nenhuma do ponto de vista sensual.

Adelaide Ivânovna não tardou a verificar que só sentia desprezo pelo seu marido. Nessas condições, as conseqüências do matrimônio não se fizeram esperar. Se bem que a família se tivesse resignado bem depressa ao acontecido e remetido seu dote à fugitiva, uma existência desordenada e cenas contínuas começaram. Conta-se que a jovem senhora mostrou-se muito mais nobre e mais digna do que Fiódor Pávlovitch, que lhe escamoteou desde o começo, como se soube mais tarde, todo o seu capital, 25 000 rublos, de que ela não mais ouviu falar. Durante algum tempo fez ele tudo para que sua mulher lhe transmitisse, por um documento em boa e devida forma, uma pequena aldeia e uma casa de cidade bastante bonita, que faziam parte de seu dote. Teria certamente logrado isso, tanto era o desprezo e desgosto que lhe causava com suas extorsões e exigências descaradas, levando-a por lassidão a dizer "sim". Por felicidade, a família dela interveio e refreou a rapacidade de seu marido. É notório que os esposos chegavam freqüentemente à troca de pancadas e pretende-se que não era Fiódor Pávlovitch quem as dava, mas

Adelaide Ivânovna, mulher arrebatada, atrevida, morena irascível, dotada de estupendo vigor. Por fim abandonou a casa e fugiu com um seminarista que não tinha onde cair morto, deixando a cargo do marido um menino de três anos, Mítia. Fiódor Pávlovitch não tardou em transformar sua casa num harém e em organizar pândegas e bebedeiras. Entrementes, percorria toda a província, lamentando-se com todos da deserção de Adelaide Ivânovna, com pormenores chocantes sobre sua vida conjugai. Dir-se-ia que achava prazer em representar diante de todo mundo o papel ridículo de marido enganado, em pintar seu infortúnio, carregando as cores. "Acreditar-se-ia que você subiu de grau, Fiódor Pávlovitch, tão contente você se mostra, apesar de sua aflição", diziam-lhe os trocistas. Muitos ajuntavam que ele se sentia feliz em mostrar-se na sua nova atitude de bufão e que, de propósito, para fazer rir mais, fingia não notar sua situação cômica. Quem sabe, aliás, fosse ingenuidade de sua parte? Por fim, conseguiu descobrir a pista da fugitiva. A desgraçada achava-se em Petersburgo, para onde fora com seu seminarista e onde começara a agir publicamente com a maior liberdade. Fiódor Pávlovitch começou a agitar-se e preparou-se para partir — com que fim? ele mesmo não sabia ainda. Talvez tivesse verdadeiramente feito a viagem a Petersburgo, mas, tomada essa decisão, achou que tinha o direito, para se dar coragem, de embriagar-se desenfreadamente. Enquanto isso, soube a família de sua mulher da morte desta, em Petersburgo. Morrera de repente, num pardieiro, de febre tifóide, dizem uns, de fome, segundo outros. Fiódor Pávlovitch estava bêbedo, quando lhe anunciaram a morte de sua mulher; conta-se que correu para a rua e se pôs a gritar, na sua alegria, de braços levantados para o céu: "Agora, deixa morrer o teu servo". Outros pretendem que soluçava como uma criança, a ponto de causar pena vê-lo, malgrado a aversão que inspirava. Pode dar-se que ambas as versões sejam verdadeiras, isto é, que se regozijou com sua libertação, chorando a sua libertadora. Muitas vezes, as pessoas, mesmo más, são mais ingênuas, mais simples do que o pensamos. Nós também, aliás.

II

KARAMÁZOV LIVRA-SE DE SEU PRIMEIRO FILHO

Pode-se bem imaginar que pai e que educador seria tal homem. Como era de prever, desinteressou-se totalmente do filho que tivera de

Adelaide Ivânovna, não por animosidade ou rancor conjugai, mas simplesmente porque se esquecera dele por completo. Enquanto importunava todos com suas lágrimas e suas queixas e fazia de sua casa um antro de corrupção, foi o pequeno Mítia recolhido por Gregório, um servidor fiel; se não tivesse este tomado conta dele, o menino não teria tido talvez nem mesmo quem lhe trocasse as fraldas. Além disso, sua família por parte de mãe pareceu esquecê-lo. Seu avô morrera, sua avó, estabelecida em Moscou, era muito doente e suas tias haviam-se casado, de modo que Mítia teve de passar quase um ano em casa de Gregório e morar em sua isbá. Aliás, se seu pai se tivesse lembrado dele (de fato, não podia ignorar sua existência), teria mandado o menino de volta para a isbá, para não ser incomodado nas suas orgias. Mas, entrementes, chegou de Paris o primo da falecida Adelaide Ivânovna, Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que devia, mais tarde, passar muitos anos no estrangeiro. Naquela época, era ainda bastante moço e se distinguia de sua família pela sua cultura, sua estada na capital e no estrangeiro. Tendo sempre tido a mentalidade ocidental, tornou-se, para o fim de sua vida, um liberal à moda dos anos 40 e 50. No curso de sua carreira, esteve em relações com numerosos ultraliberais, na Rússia e no estrangeiro, conheceu pessoalmente Proudhon e Bakunin. Gostava de evocar os três dias da Revolução de Fevereiro de 1848, em Paris, dando a entender que chegara mesmo a tomar parte nas barricadas. Era uma das melhores recordações de sua juventude. Possuía uma fortuna independente, cerca de 1000 almas,[2] para contar à moda antiga. Sua soberba propriedade encontrava-se nas proximidades de nossa cidadezinha e se limitava com as terras de nosso famoso mosteiro. Logo de posse de sua herança, Piotr Alieksándrovitch iniciou contra os monges um processo interminável, por causa de certos direitos de pesca ou de corte de madeira, não sei mais ao certo, mas achou de seu dever, na qualidade de cidadão esclarecido, processar os "clericais". Tendo sabido das desgraças de Adelaide Ivânovna, de quem se lembrava, e posto ao corrente da existência de Mítia, meteu-se no caso, malgrado sua indignação juvenil e seu desprezo por Fiódor Pávlovitch. Foi então que o viu pela primeira vez. Declarou-lhe abertamente sua intenção de encarregar-se da educação do menino. Muito tempo depois, contava, como traço característico, que Fiódor Pávlovitch, quando se tratou de Mítia, pareceu um momento não compreender

---

[2] Servos da gleba. Calculava-se a riqueza dos proprietários rurais pelo número de "almas" que eles possuíam.

absolutamente de qual filho se tratava e até mesmo admirar-se de ter um menino em alguma parte, em sua casa. Mesmo exagerado, o relato de Piotr Alieksándrovitch estava próximo da verdade. Efetivamente, Fiódor Pávlovitch gostou toda a sua vida de tomar atitudes, de representar um papel, por vezes sem necessidade nenhuma, e mesmo em detrimento seu, como naquele caso particular. Ê, aliás, um traço especial de muitas pessoas, mesmo inteligentes. Piotr Alieksándrovitch levou a coisa a sério e foi até nomeado tutor do menino (juntamente com Fiódor Pávlovitch), uma vez que a mãe dele deixara uma casa e terras. Mítia foi morar em casa daquele primo que não tinha família. Com pressa de regressar a Paris, depois de haver regularizado seus negócios e assegurado o pagamento de suas rendas, confiou o menino a uma de suas tias que morava em Moscou. Mais tarde, tendo-se aclimatado na França, esqueceu-se do menino, sobretudo quando estourou a Revolução de Fevereiro, que lhe impressionou a imaginação para o resto de seus dias. Tendo morrido a tia que morava em Moscou, Mítia foi recolhido por uma de suas filhas casadas. Mudou, ao que parece, pela quarta vez, de lar. Não me alongo a este respeito no momento, tanto mais quanto ainda muito se falará desse primeiro rebento de Fiódor Pávlovitch, e limito-me aos detalhes indispensáveis, sem os quais é impossível começar o romance.

Em primeiro lugar, esse Dimítri foi o único dos três filhos de Fiódor Pávlovitch que cresceu com a idéia de que tinha alguma fortuna e seria independente ao atingir a maioridade. Sua infância e sua juventude foram agitadas: deixou o ginásio antes do termo, entrou em seguida para uma escola militar, partiu para o Cáucaso, serviu no Exército, foi degradado por haver-se batido em duelo, voltou ao serviço, entregou-se à orgia, gastou dinheiro em quantidade. Recebeu dinheiro de seu pai somente quando atingiu a maioridade, mas fizera dívidas enquanto esperava. Só veio a ver pela primeira vez Fiódor Pávlovitch, depois de sua maioridade, quando chegou à nossa província especialmente para informar-se a respeito de sua fortuna. Seu pai, ao que parece, não lhe agradou desde o começo; ficou pouco tempo, em casa dele e apressou-se em partir, levando certa soma, depois de haver concluído um acordo a respeito das rendas de sua propriedade. Coisa curiosa: nada pôde arrancar de seu pai a respeito de seu rendimento e do valor do domínio. Fiódor Pávlovitch notou então — e importa notá-lo — que Mítia fazia de sua fortuna uma idéia falsa e exasperada. Ficou com isto muito contente, tendo em vista seus interesses particulares. Concluiu de tudo que o rapaz era estouvado,

arrebatado, de paixões vivas, um boêmio ao qual bastava dar um osso a roer para acalmá-lo até nova ordem. Fiódor Pávlovitch explorou a situação, limitando-se a largar de tempos em tempos pequenas somas, até que um belo dia, quatro anos depois, Mítia, perdida a paciência, reapareceu na localidade para exigir uma regularização de contas definitiva. Para estupefação sua, aconteceu que não possuía mais nada; era mesmo difícil verificar as contas: já havia recebido em espécie, de Fiódor Pávlovitch, o valor total de seus bens; talvez mesmo viesse a ser seu devedor; de acordo com tal e tal arranjo, concluído em tal e tal data, não tinha o direito de reclamar mais, etc. O rapaz ficou consternado; suspeitou da falsidade, da fraude, ficou fora de si, quase perdeu a razão. Esta circunstância provocou a catástrofe cuja narrativa forma o assunto de meu primeiro romance, ou antes seu quadro exterior. Mas, antes de iniciar o dito romance, é preciso falar ainda dos dois outros filhos de Fiódor Pávlovitch e explicar-lhes a proveniência.

III

NOVO CASAMENTO E NOVOS FILHOS

Fiódor Pávlovitch, depois de livrar-se do pequeno Mítia, contratou em breve um segundo casamento, que durou oito anos. Escolheu por esposa desta segunda vez também uma mulher bastante jovem, de uma outra província, aonde tinha ido, em companhia de um judeu, para tratar de um pequeno negócio. Embora boêmio, bêbedo e debochado, nunca deixava de ocupar-se com a boa colocação de seu capital e arranjava quase sempre bem os seus negócios, mas quase sempre desonestamente. Sofia Ivânovna, órfã desde a infância, filha de um obscuro diácono, vivera na opulenta casa de sua benfeitora, a viúva, altamente colocada, do General Vórokhov, que a educava e a maltratava. Ignoro os detalhes, ouvi simplesmente dizer que a moça, doce, paciente e cândida, tentara enforcar-se, pendurando-se dum prego, na despensa, tão farta estava dos caprichos e das eternas censuras daquela velha, não má no íntimo, mas a quem sua ociosidade tornava insuportável. Fiódor Pávlovitch pediu sua mão; tomaram informações a seu respeito e despacharam-no. Como por ocasião de seu primeiro casamento, propôs então à órfã raptá-la. Muito provavelmente, teria ela recusado tornar-se sua esposa, se tivesse tido melhores informações a seu respeito. Mas isto se passava em outra

província; que podia, aliás, compreender uma moça de dezesseis anos, senão que valia mais lançar-se à água do que ficar em casa de sua benfeitora? Foi assim que a infeliz substituiu sua benfeitora por benfeitor. Desta vez, Fiódor Pávlovitch não recebeu um vintém, porque a generala, furiosa, nada dera, a não ser sua maldição. De resto, não contava ele com o dinheiro. A beleza notável da moça e sobretudo sua candura tinham-no encantado. Estava maravilhado, ele, o voluptuoso, até então apaixonado apenas pelos encantos grosseiros. "Aqueles olhos inocentes traspassavam-me a alma", dizia mais tarde com um riso canalha. Aliás, aquela criatura corrupta não podia experimentar senão atração sensual. Fiódor Pávlovitch não se incomodou com sua mulher. Como era ela por assim dizer "culpada" para com ele, que a havia quase "salvado da corda", aproveitando, além disso, de sua doçura e de sua resignação espantosas, pisou aos pés a decência conjugai mais elementar. Sua casa tornou-se teatro de orgias nas quais tomavam parte mulheres de má vida. Um traço a notar é que o criado Gregório, criatura taciturna, discutidor estúpido e teimoso, que detestava sua primeira patroa, tomou o partido da segunda, discutindo por causa dela com seu amo duma maneira quase intolerável da parte dum criado. Um dia, chegou a ponto de expulsar as mulheres que se entregavam a orgias em casa de Fiódor Pávlovitch. Mais tarde, a infeliz jovem senhora, aterrorizada desde a infância, foi presa duma doença nervosa, freqüente entre as aldeãs, e que lhes vale o nome de "possessas". Por vezes, a doente, vítima de terríveis crises de histeria, perdia a razão. Deu, no entanto, a seu marido, dois filhos: o primeiro, Ivã, após um ano de casamento; o segundo, Alieksiéi, três anos mais tarde. Quando ela morreu, estava o jovem Alieksiéi com quatro anos de idade e, por mais estranho que isto pareça, nunca se esqueceu de sua mãe durante toda a sua vida, mas como através de um sonho. Morta sua mãe, tiveram os dois meninos a mesma sorte que o primeiro: seu pai esqueceu-se deles, abandonou-os totalmente, tendo sido eles recolhidos pelo mesmo Gregório na sua isbá. Foi lá que os encontrou a velha generala, a benfeitora que havia educado a mãe deles. Vivia ainda e, durante aqueles oito anos, seu rancor não se desarmara. Perfeitamente ao corrente da existência que levava sua Sofia, ao saber de sua doença e dos escândalos que ela suportava, declarou duas ou três vezes aos parasitas que a cercavam: "Bem feito; Deus a castiga por causa de sua ingratidão". Três meses, exatamente, após a morte de Sofia Ivânovna, apareceu a generala em nossa cidade e apresentou-se em casa de Fiódor Pávlovitch. Sua visita não durou senão uma meia hora, mas aproveitou seu tempo. Era de noite.

Fiódor Pávlovitch, a quem não via desde oito anos, apresentou-se em estado de embriaguez. Conta-se que, desde que ela o viu, e sem explicações, lhe deu duas bofetadas ressoantes, e puxou-lhe de alto a baixo o topete umas três vezes. Sem acrescentar uma palavra, foi diretamente à isbá, onde se encontravam os meninos. Não estavam lavados, nem vestidos com roupas limpas; vendo isto, a irascível velha assestou também uma bofetada na cara de Gregório e declarou-lhe que levava os meninos. Tais como estavam, enrolou-os numa manta de viagem, pô-los na carruagem e tornou a partir. Gregório guardou a bofetada como bom servidor e absteve-se de qualquer insolência; ao reconduzir a velha senhora à carruagem, disse, num tom grave, depois de ter-se inclinado profundamente, que "Deus a recompensaria pela sua boa ação". "Não passas de um bobalhão", gritou-lhe ela à guisa de adeus. Tendo examinado o caso, Fiódor Pávlovitch declarou-se satisfeito, e concedeu mais tarde seu consentimento formal à educação dos meninos em casa da generala. Foi à cidade vangloriar-se das bofetadas recebidas.

Pouco tempo depois, a generala morreu; deixava, por testamento, 1 000 rublos a cada um dos dois petizes "para sua instrução"; esse dinheiro devia ser despendido integralmente em proveito deles, mas bastar até sua maioridade, sendo já tal soma muito para semelhantes crianças. Se outros quisessem dar mais, que dessem de seu bolso, etc.

Não li o testamento, mas trazia ele um trecho estranho, naquele gosto *por* demais original. O principal herdeiro da velha senhora era, por felicidade, um homem honesto, marechal da nobreza da província, Iefim Pietróvitch Poliénov. Tendo compreendido, pelas cartas de Fiódor Pávlovitch, que dele nada retiraria para a educação de seus filhos (contudo este último nunca recusava categoricamente, mas arrastava as coisas indefinidamente, fazendo por vezes sentimentalismo), interessou-se pelos órfãos e concebeu afeição especial pelo caçula, que ficou muito tempo na sua família. Chamo a atenção do leitor para isso. Se os jovens deviam a alguém sua educação e sua instrução, era justamente a Iefim Pietróvitch, caráter nobre raramente encontrado. Conservou intato para as crianças seu pequeno capital, que, na ocasião de sua maioridade, atingia 2 000 rublos com os juros, educou-os às suas custas, gastando nisso, para cada um, bem mais de 1 000 rublos. Não farei agora um relato detalhado da infância e da juventude deles, limitando-o às principais circunstâncias. O mais velho, Ivã, tornou-se um adolescente sombrio e fechado, nada tímido, mas compreendera bem cedo que seu irmão e ele cresciam em casa

de estranhos, de graça, que tinham como pai um indivíduo que lhes causava vergonha, etc. Esse rapaz mostrou, desde sua mais tenra idade (pelo que se conta, pelo menos), brilhantes capacidades para o estudo. Com a idade de cerca de treze anos, deixou a família de Iefim Pietróvitch para seguir os cursos de um ginásio de Moscou, e tomar pensão em casa de um famoso pedagogo, amigo de infância de seu benfeitor. Mais tarde, Ivã contava que Iefim Pietróvitch fora inspirado por seu "ardor pelo bem" e pela idéia de que um adolescente genialmente dotado devia ser educado por um educador genial. De resto, nem seu protetor, nem o educador de gênio existiam mais, quando o rapaz entrou para a universidade. Não tendo Iefim Pietróvitch tomado bem suas disposições e como o pagamento do legado da generala ia-se arrastando, em conseqüência de diversas formalidades e retardamentos inevitáveis entre nós, o rapaz viu-se em apertos nos seus dois primeiros anos de universidade, obrigado a ganhar sua vida enquanto fazia seus estudos. É preciso notar que então não tentou de modo algum corresponder-se com seu pai — talvez por altivez, por desdém para com ele, talvez também o frio cálculo de sua razão lhe demonstrasse que nada tinha a esperar dele. Seja como for, o rapaz não se perturbou, encontrou trabalho, a princípio deu lições a 20 copeques, em seguida redigiu artigos de dez linhas a respeito de cenas da rua, assinados "Uma Testemunha Ocular", que levava a diversos jornais. Esses artigos, dizem, eram sempre curiosos e espirituosos, o que lhes assegurou bom êxito. Dessa maneira o jovem repórter mostrou sua superioridade prática e intelectual sobre os numerosos estudantes dos dois sexos, sempre necessitados, que, em Petersburgo e em. Moscou, assaltam ordinariamente, da manhã à noite, as redações dos jornais e revistas, não imaginando nada de melhor senão reiterar seu eterno pedido de traduções do francês e cópias. Uma vez conhecido nas redações, Ivã Fiódorovitch não perdeu o contato; nos seus derradeiros anos de universidade, pôs-se com muito talento a escrever resenhas de obras especiais, fazendo-se assim conhecido nos círculos literários. Mas somente para o fim é que conseguiu, por acaso, despertar uma atenção particular num círculo de leitores muito mais extenso. O caso era bastante curioso. À sua saída da universidade e quando se preparava para partir para o estrangeiro com seus 2000 rublos, publicou Ivã Fiódorovitch, num grande jornal, um artigo estranho, que atraiu a atenção até mesmo dos profanos. O assunto era-lhe aparentemente desconhecido, uma vez que seguira os cursos de Ciências Naturais e o artigo tratava a questão dos tribunais eclesiásticos, suscitada, então, por toda parte. Examinando algumas opiniões emitidas a respeito

dessa matéria, expunha igualmente suas opiniões pessoais. O que impressionava era o tom e o inesperado da conclusão. Ora, muitos eclesiásticos tinham o autor como seu partidário. Por outra parte, os leigos, bem como os ateus, aplaudiam suas idéias. Afinal de contas, algumas pessoas decidiram que o artigo inteiro não passava de uma desavergonhada mistificação. Se menciono esse episódio é sobretudo porque o artigo em questão chegou até o nosso famoso mosteiro — onde havia interesse pela questão dos tribunais eclesiásticos — e ali provocou grande perplexidade. Uma vez conhecido o nome do autor, o fato de ser originário de nossa cidade e filho daquele mesmo Fiódor Pávlovitch aumentou o interesse. Pela mesma época, apareceu o autor em pessoa.

Por que Ivã Fiódorovitch viera à casa de seu pai, já o perguntava eu então a mim mesmo, lembro-me, com certa inquietude. Aquela chegada tão fatal, que engendrou tantas conseqüências, permaneceu por muito tempo inexplicada para mim. Na verdade, era estranho que um jovem tão sábio, de aparência tão altiva e tão reservada, aparecesse numa casa tão escandalosa, em casa de tal pai. Este ignorara-o toda a sua vida, não se lembrava dele e, se bem que não tivesse dado, por coisa alguma do mundo, dinheiro, se lho houvessem pedido, temia sempre que seus filhos aparecessem para lho reclamar. E eis que o rapaz se instala na casa de tal pai, passa junto com ele um mês, depois dois, e se entendem maravilhosamente. Não fui eu o único a espantar-me com tal acordo. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, de quem já se falou, passava uma temporada então entre nós, na sua propriedade suburbana, vindo de Paris, onde fixara residência. Estava surpreendido mais que todos, tendo travado conhecimento com o rapaz que o interessava bastante e com o qual rivalizava em erudição. "Ele é altivo", dizia-nos. "Saberá sempre arranjar-se; desde agora, tem com que partir para o estrangeiro. Que faz ele aqui? Todos sabem que não veio cá procurar seu pai para pedir dinheiro, que aquele lho recusaria, aliás. Não gosta de beber, nem de requestar mulheres; no entanto, o velho não pode passar sem ele, de tal modo estão de acordo. " Era verdade; o jovem exercia visível influência sobre o velho, que por vezes o atendia, se bem que muito teimoso e caprichoso; começou mesmo a comportar-se mais decentemente...

Soube-se mais tarde que Ivã chegara igualmente por causa da demanda e dos interesses de seu irmão mais velho, Dimítri, que ele viu pela primeira vez nessa ocasião, mas com o qual já se correspondia, a respeito de um negócio importante. Falar-se-á disso pormenorizadamente

a seu tempo. Mesmo quando fiquei ao corrente, pareceu-me Ivã Fiódorovitch enigmático e sua chegada à nossa cidade difícil de explicar.

Acrescentarei que ele mantinha papel de árbitro e de reconciliador entre seu pai e seu irmão mais velho, então totalmente desavindos, tendo este último intentado mesmo uma ação na justiça.

Pela primeira vez, repito-o, essa família, da qual certos membros nunca se tinham visto, achou-se reunida. Somente o caçula, Alieksíéi, morava entre nós havia já um ano. É difícil falar dele neste preâmbulo, antes de pô-lo em cena no romance. Devo, no entanto, estender-me a seu respeito para elucidar um ponto estranho, isto é, que meu herói aparece, desde a primeira cena, sob o hábito de um noviço. Havia um ano, com efeito, que morava em nosso mosteiro e se preparava para ali passar o resto de seus dias.

IV

O TERCEIRO FILHO: ALIÓCHA

Tinha vinte anos (seus irmãos, Ivã e Dimítri, estavam então, respectivamente, com 24 e 28 anos). Devo prevenir que esse jovem Aliócha não era absolutamente um fanático, nem mesmo, pelo que creio, um místico. Na minha opinião, era simplesmente um filantropo na dianteira do seu tempo, e, se escolhera a vida monástica, era porque então somente ela o atraía e representava para ele a ascensão ideal para o amor radioso de sua alma liberta das trevas e do ódio daqui embaixo. Atraía-o essa via unicamente porque havia nela encontrado um ser excepcional a seus olhos, o nosso famoso *stáriets*[3] Zósima, ao qual se ligara com todo o fervor noviço de seu coração sedento. Convenho que era ele já bastante estranho, tendo isso começado desde o berço. Já contei que, tendo perdido sua mãe aos quatro anos, dela se lembrou toda a sua vida, de seu rosto, de suas carícias, "como se eu a visse viva". Semelhantes recordações podem persistir (cada qual o sabe), mesmo numa idade mais tenra, mas não permanecem como pontos luminosos nas trevas, como o fragmento de um imenso quadro que tivesse desaparecido. Era o caso para ele: lembrava-se duma suave noite de verão, da janela aberta aos raios oblíquos do sol poente; a um

[3] Monge idoso e pobre, respeitado pela sua bondade e sabedoria.

canto do quarto, uma imagem santa com a lâmpada acesa e, diante da imagem, sua mãe ajoelhada, soluçando como numa crise de nervos, lançando gemidos e exclamações. Ela o tomara em seus braços, apertando-o a ponto de sufocá-lo, e implorava por ele à Santa Virgem, afrouxando seu amplexo para empurrá-lo para a imagem como a pô-lo sob sua proteção... mas a ama acorre e arranca-o, apavorada, dos braços de sua mãe. Tal era a cena! Aliócha lembrava-se do rosto de sua mãe, exaltado, mas sublime, segundo suas recordações. Mas não gostava de falar disso. Na sua infância e na sua mocidade, era antes concentrado e até mesmo taciturno, não por timidez ou selvageria, pelo contrário, mas por uma espécie de preocupação interior tão profunda que o fazia esquecer-se dos que o cercavam. Mas gostava de seus semelhantes, toda a sua vida teve fé neles, sem passar jamais por simplório ou ingênuo. Algo nele revelava que não queria ser o juiz alheio, nem censurar as pessoas ou condená-las por preço algum. Parecia mesmo tudo admitir, sem reprovação, embora muitas vezes com profunda melancolia. Bem mais ainda, conseguira neste sentido ficar inacessível ao espanto e ao medo, desde sua primeira mocidade. Chegado aos vinte anos à casa de seu pai, num foco de baixo deboche, ele, casto e puro, retirava-se em silêncio, quando a vida se lhe tornava intolerável, mas sem testemunhar a ninguém reprovação alguma nem desprezo. Tendo seu pai sido outrora parasita e, por conseqüência, sutil e sensível às ofensas, acolheu-o a princípio de má-vontade. "Ele se cala", dizia ele, "mas nem por isso deixa de pensar. " Entretanto, não tardou em beijá-lo, em acariciá-lo; eram, na verdade, lágrimas e um enternecimento de bêbedo, mas via-se que o amava com um amor sincero, profundo, que até então fora incapaz de sentir por quem quer que fosse... Sim, aquele adolescente era amado por todos, em toda parte aonde fosse, e isto desde sua infância. Na família de seu benfeitor, Iefim Pietróvitch Poliénov, tinham-se de tal modo ligado a ele que todos o consideravam como filho da casa. Ora, entrara em casa deles numa idade em que a criança é ainda incapaz de cálculo e de astúcia, em que ignora as intrigas que atraem o favor e a arte de se fazer amar. Esse dom de despertar a simpatia era por conseqüência nele natural, espontâneo, sem artifício. O mesmo ocorria na escola e, no entanto, as crianças como Aliócha atraem a desconfiança de seus camaradas, suas zombarias e, por vezes, o ódio. Desde a infância, gostava ele, por exemplo, de isolar-se para sonhar, para ler num canto; contudo, foi objeto de afeição geral durante sua permanência na escola. Não era brincalhão, nem mesmo alegre; observando-se, via-se depressa que não era melancolia, mas, pelo

contrário, uma disposição igual e serena. Entre seus condiscípulos, jamais queria pôr-se à frente. Por esta razão, talvez, jamais temia alguém e os rapazes notavam que, longe de orgulhar-se disso, parecia ignorar sua ousadia, sua intrepidez. Não era rancoroso. Uma hora após ter sido ofendido, respondia ao ofensor ou dirigia-lhe ele próprio a palavra, com um ar confiante, tranqüilo, como se nada se tivesse passado entre eles. Não parecia então ter esquecido a ofensa, ou decidido perdoá-la, mas não se considerava ofendido e isto fazia com que conquistasse o coração dos meninos. Um só traço de seu caráter incitava freqüentemente todos os seus camaradas a zombarem dele, não por maldade, mas por divertimento. Era dum pudor, duma castidade exaltada, feroz. Não podia suportar certas palavras e certas conversas a respeito de mulheres. Essas "certas" palavras e conversas são infelizmente tradicionais nas escolas. Jovens de alma e coração puros, quase crianças ainda, gostam muitas vezes de entreter-se com cenas e imagens, a respeito das quais os próprios soldados nem sempre falam; aliás, estes últimos sabem menos a este respeito que os rapazes de nossa sociedade culta. Não há ainda aí, admito-o, corrupção moral, nem verdadeiro cinismo, mas a aparência disso; e isso passa freqüentemente aos olhos deles como algo de delicado, de fino, digno de ser imitado. Vendo Aliócha Karamázov tapar rapidamente os ouvidos, quando se falava "daquilo", formavam por vezes círculos em redor dele, afastavam suas mãos à força e gritavam-lhe obscenidades. Alieksiéi debatia-se, deitava-se no chão, ocultando o rosto; suportava a ofensa em silêncio e sem se zangar. Por fim deixavam-no em repouso, cessavam de chamá-lo de "mocinha", sentiam mesmo compaixão por ele. Na classe, era um dos melhores alunos, mas nunca obteve o primeiro lugar.

Após a morte de Iefim Pietróvitch, Aliócha passou ainda dois anos no ginásio. A viúva partiu em breve para uma longa viagem à Itália, com toda a sua família, que se compunha de mulheres. O rapaz foi morar em casa de parentes afastados do defunto, duas senhoras que ele jamais vira. Ignorava as condições; era aliás nele um traço bastante característico o jamais inquietar-se à custa de quem vivia. A este respeito, era totalmente o contrário de seu irmão mais velho, Ivã, que conhecera a pobreza nos seus dois primeiros anos de universidade, vivendo de seu trabalho, e que havia sofrido, desde sua infância, por ter de comer o pão de um benfeitor. Mas não se podia julgar severamente essa particularidade do caráter de Alieksiéi, porque bastava conhecê-lo um pouco para que se ficasse convencido de que era um desses inocentes capazes de dar todo o seu

capital a uma boa obra, ou mesmo a um cavalheiro de indústria, se lho pedisse. Em geral ignorava o valor do dinheiro, em sentido figurado, entenda-se. Quando lhe davam dinheiro não sabia o que fazer dele durante semanas ou gastava-o num piscar de olhos. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, bastante meticuloso no que se refere a dinheiro e honestidade burguesa, tendo tido mais tarde ocasião de observar Alieksiéi, caracterizou-o desta maneira: "Eis talvez o único homem no mundo que, se ficasse sem recursos numa grande cidade desconhecida, não morreria de fome, nem de frio, porque imediatamente o nutririam, viriam em seu auxílio, senão ele mesmo se livraria logo de apertos, sem trabalho, nem humilhação, e seria um prazer para os outros prestar-lhe serviços".

No ginásio, não terminou seus estudos: restava-lhe ainda um ano, quando declarou de repente àquelas senhoras que partia para a casa de seu pai por causa de um negócio que lhe viera à cabeça. As senhoras lamentaram-no muito; não queriam deixá-lo partir. A viagem custava muito pouco, e não deixaram elas que ele empenhasse o relógio que lhe tinha dado a família de seu benfeitor, antes de partir para o estrangeiro; foi abundantemente provido de dinheiro, bem como de roupa branca e vestes, mas ele devolveu-lhes a metade da soma declarando que fazia questão de viajar em terceira classe. Como seu pai lhe perguntasse por que viera antes de ter acabado seus estudos, não respondeu nada, mas mostrou-se mais pensativo que de costume. Em breve verificou-se que ele procurava o tumulo de sua mãe. Confessou mesmo não ter vindo senão para isso. Mas não era provavelmente a única causa de sua chegada. Sem dúvida, ignorava então que não teria podido explicar ele mesmo com certeza o que havia de súbito surgido em seu íntimo para arrastá-lo irresistivelmente a uma via nova, desconhecida. Fiódor Pávlovitch não pôde indicar-lhe o tumulo de sua mãe, porque ali jamais voltara e esquecera o lugar após tantos anos...

Falemos de Fiódor Pávlovitch. Ficara muito tempo ausente de nossa cidade. Três ou quatro anos após a morte de sua segunda mulher, partiu para o sul da Rússia e chegou por fim a Odessa, onde passou vários anos. Travou conhecimento, segundo suas próprias palavras, com "muitos judeus, judias e judotes de toda laia", e acabou por ser recebido "não só em casa dos judeus, mas também em casa dos israelitas". É preciso crer que, durante esse período, aperfeiçoara a arte de juntar e de subtrair dinheiro. Reapareceu em nossa cidade três anos somente antes da chegada de

Aliócha. Seus antigos conhecidos acharam-no bastante envelhecido, se bem que não fosse muito idoso. Mostrou-se mais descarado do que nunca: o antigo bufão experimentava agora a necessidade de rir à custa dos outros. Gostava de freqüentar os bordéis duma maneira mais repugnante do que outrora e, graças a ele, novos cabarés abriram-se em nosso distrito. Atribuíam-lhe um capital de 100 000 rublos ou quase, e dentro em breve muitas pessoas tornaram-se seus devedores, em troca de sólidas garantias. Nos últimos tempos, ficara enrugado, começava a perder o equilíbrio temperamental e o controle de si mesmo; caiu numa espécie de idiotismo, começando por uma coisa e acabando por outra, incapaz de concentrar-se e embriagando-se cada vez mais. Sem aquele mesmo criado, Gregório, que havia também envelhecido muito e o vigiava por vezes como um guia. a existência de Fiódor Pávlovitch teria sido eriçada de dificuldades. A chegada de Aliócha influiu sobre ele do ponto de vista moral, e recordações, que dormiam desde muito tempo, despertaram-se na alma daquele velho prematuro. "Sabes", repetia ele a seu filho, observando-o, "que te pareces com a endemoniada?" Era assim que chamava sua segunda mulher. Foi o criado Gregório quem indicou a Aliócha o tumulo da "endemoniada". Conduziu-o ao cemitério, mostrou-lhe num canto afastado uma placa de ferro fundido, modesta mas decente, em que estavam gravados o nome, a condição, a idade da defunta, com a data de sua morte: embaixo figurava uma quadra, como se lê freqüentemente sobre o tumulo das pessoas da classe média. Coisa de espantar: aquela laje era obra de Gregório. Fora ele que a colocara, às suas custas, sobre o tumulo da pobre - "endemoniada", depois de ter muitas vezes importunado seu patrão com suas alusões; este partira afinal para Odessa, dando de ombros a respeito de túmulos e de todas as suas recordações. Aliócha não mostrou nenhuma emoção especial diante do tumulo de sua mãe; prestou atenção ao relato grave que lhe fez Gregório a respeito da colocação da laje, permaneceu curvado e retirou-se sem ter pronunciado uma palavra. Depois, não voltou mais ao cemitério, talvez por um ano inteiro. Mas esse episódio produziu em Fiódor Pávlovitch um efeito bastante original. Pegou 1000 rublos e levou-os ao nosso mosteiro para o repouso da alma de sua mulher, não a segunda, a "endemoniada", mas a primeira, aquela que lhe batia. Na mesma noite, embriagou-se e falou mal dos monges na presença de Aliócha. Ele próprio estava longe de ter sentimentos religiosos; talvez jamais tivesse posto uma vela de 5 copeques diante de uma imagem. Os sentimentos e o pensamento de semelhantes indivíduos têm por vezes impulsos tão bruscos quanto estranhos.

Já disse que ele havia ficado bastante enrugado. Sua fisionomia trazia então os traços reveladores da existência que levara. Às pequenas bolsas que pendiam sob seus olhinhos sempre descarados, desconfiados, maliciosos, às rugas profundas que sulcavam sua cara gorda vinha juntar-se, sob seu queixo pontudo, um gordo pomo-de-adão, carnudo, que lhe dava o ar de um luxurioso repelente. Juntai a isto uma larga boca de carniceiro, de lábios intumescidos, em que apareciam os cacos enegrecidos de seus dentes apodrecidos. Espalhava saliva toda vez que falava. De resto, gostava de zombar de sua figura, se bem que ela lhe agradasse, sobretudo seu nariz, não muito grande, mas bastante reduzido e curvo. "Um verdadeiro nariz romano'*, dizia ele. "Com meu pomo-de-adão, dir-se-ia um perfeito patrício da decadência. '* Orgulhava-se disso.

Algum tempo depois da descoberta do tumulo de sua mãe, declarou-lhe Aliócha, inesperadamente, que queria entrar para o convento onde os monges estavam dispostos a admiti-lo como noviço. Acrescentou que era seu mais caro desejo e que lhe implorava o consentimento paterno. O velho já sabia que o *stáríets* Zósima produzira sobre seu "manso rapaz" uma impressão particular.

— Esse *stáríets* é seguramente entre eles o monge mais honesto — declarou, depois de ter ouvido Aliócha, num silêncio pensativo, mas sem se espantar com o pedido dele. — Hum! Eis aonde queres ir, meu manso rapaz! — Estava meio bêbedo. Abria-se no seu rosto um sorriso de ébrio, marcado de astúcia e finura. — Hum! Previa que irias chegar a isso, imagina tu! Era bem isto que tinhas em visita. Pois bem, seja! Tens 2 000 rublos, será teu dote; quanto a mim, meu anjo, não te abandonarei nunca e pagarei por ti o que for preciso, se o pedirem. Senão, de que serve tomarmos compromisso, não é verdade? Precisas de tanto dinheiro quanto de alpiste um canário... Hum! Sabes? Há um convento, com um lugarejo, nos arredores da cidade, habitado, como ninguém o ignora, pelas "esposas dos monges", é assim que as chamam. São umas trinta, creio... Visitei-o. Ê interessante, no seu gênero. Interrompe a monotonia. Por desgraça, só se encontram ali russas, nem uma francesa. Poder-se-ia tê-las, não faltam fundos para isso. Quando o souberem, virão. Aqui, não há mulheres, mas duzentos monges. Jejuam conscientemente. Convenho... Hum! Com que então, queres fazer-te monge? Causas-me dó> Aliócha; na verdade, tinha-te criado afeição... Aliás, eis uma boa ocasião: reza por nós, pecadores de consciência sobrecarregada. Tenho muitas vezes perguntado a mim mesmo: quem rezará um dia por mim? Meu querido rapaz, sou

totalmente ignorante a este respeito, talvez o saibas, não? Totalmente. Mas vês, malgrado minha estupidez, reflito por vezes; penso que os diabos me arrastarão com toda a certeza com seus ganchos, após a minha morte. E digo a mim mesmo: donde vêm esses ganchos? De que são? De ferro? Onde os forjam? Será que eles possuem uma fábrica? Os religiosos, por exemplo, estão convencidos de que o inferno tem teto. Ora, tenho muita vontade de acreditar no inferno, mas sem teto, é mais delicado, mais iluminado, como entre os luteranos. No fundo, não será a mesma coisa, com ou sem teto? Eis a dificuldade! Ora, se não há teto, então não há ganchos. Mas seria incrível: quem me arrastaria então, com ganchos? Porque, se não me arrastarem, onde estaria a justiça neste mundo? Seria preciso inventar esses ganchos, especialmente para mim, para mim só. Se soubesses, Aliócha, que descarado sou eu!...

— Não há ganchos lá — declarou Aliócha, em voz baixa, olhando seriamente para seu pai.

— Ah! só há sombras de ganchos. Sei, sei. Era assim que um francês descrevia o inferno. *Vai vu Vombre d'un cocher qui, avec Vombre d*une brosse, frottait Vombre d'un carrosse*[4]. Donde sabes tu, meu caro, que não há ganchos? Uma vez entre os monges, mudaras de tom. Mas, afinal, parte, vai destrinçar a verdade e vem informar-me. Será mais fácil ir para o outro mundo sabendo o que lá se passa. Será mais conveniente para ti estar entre os monges do que em minha casa, velho bêbedo, com mulheres... se bem que estejas, como um anjo, acima de tudo isso. Talvez o mesmo aconteça lá e, se te deixo ir, é que conto com isso. Não és tolo. Teu ardor se extinguira e voltarás curado. Quanto a mim, esperar-te-ei, porque sinto que és o único neste mundo que não me censurou, meu querido rapaz, não posso deixar de senti-lo!...

E pôs-se a choramingar. Estava sentimental. Sim, era mau e sentimental.

V

OS "STÁRTSI"

---

[4] *"Vi a sombra de um cocheiro que, com a sombra de uma escova, esfregava a sombra de uma carruagem" Versos tirados de uma paródia do Livro VI da* Eneida *pelos irmãos Perrault, em 1646.*

O leitor imaginará talvez que o meu herói fosse um indivíduo doentio e extático, um pálido sonhador, macilento, atacado de tuberculose. Pelo contrário, Aliócha, que tinha então dezenove anos, era um jovem bem feito, de faces vermelhas, de olhar límpido, transbordante de saúde. Era mesmo bastante belo, de talhe esbelto, cabelos castanhos, rosto regular, embora um pouco alongado, olhos dum cinzento-escuro, brilhantes, rasgados, pensativo e parecendo bastante calmo. Dir-se-á talvez que faces vermelhas não impedem de ser fanático ou místico; ora, parece-me que Aliócha era, mais que qualquer outra pessoa, realista. Oh! bem decerto, no convento cria perfeitamente nos milagres, mas, na minha opinião, os milagres jamais perturbarão o realista. Não são eles que o levam a crer. Um verdadeiro realista, se é incrédulo, encontra sempre em si a força e faculdade de não crer mesmo no milagre e, se este último se apresenta como um fato incontestável, duvidará de seus sentidos em vez mesmo de admitir o fato. Se o admitir, será como um fato natural, mas desconhecido dele até então. No realista, a fé não nasce do milagre, mas o milagre da fé. Se o realista adquire a fé, deve necessariamente, em virtude de seu realismo, admitir também o milagre. O apóstolo Tome declarou que não acreditaria enquanto não visse; em seguida, diz: "Meu Senhor e meu Deus!" Fora o milagre que o obrigara a crer? Muito provavelmente não, mas ele acreditava unicamente porque desejava crer; talvez tivesse já a fé inteira nas dobras ocultas de seu coração, mesmo quando declarava: "Só acreditarei depois que tiver visto.

Dir-se-á talvez que Áliócha era obtuso, pouco desenvolvido, que não terminara seus estudos. Este último fato é exato, mas seria bastante injusto dizer que fosse ele obtuso ou estúpido. Repito o que já disse: escolhera aquela via unicamente porque somente ela o atraia então e representava a ascensão ideal para a luz de sua alma desprendida das trevas. Além disso, era aquele rapaz da época mais recente, isto é, leal, ávido de verdade, procurando-a cora fé, e, uma vez encontrada, querendo dela participar com toda a força de sua alma, querendo realizações imediatas e pronto a tudo sacrificar com este fim, até mesmo sua vida. Entretanto, esses rapazes não compreendem, desgraçadamente, que sacrificar sua vida é a coisa mais fácil em muitos casos, ao passo que consagrar, por exemplo, cinco ou seis anos de sua bela mocidade ao estudo e à ciência — não fosse senão para decuplicar suas forças, a fim de servir à verdade e atingir o fim proposto — é um sacrifício que os ultrapassa. Aliócha só fizera escolher a via oposta a todas as outras, mas com a mesma sede de realização

imediata. Logo que se convenceu, após sérias reflexões, de que Deus e a imortalidade existem, disse a si mesmo, naturalmente: "Quero viver para a imortalidade, não admito compromissos'*. Igualmente, se tivesse concluído que não há nem Deus nem imortalidade, ter-se-ia tornado imediatamente ateu e socialista (porque o socialismo não é apenas a questão operária ou do quarto Estado, mas é sobretudo a questão do ateísmo, de sua encarnação contemporânea, a questão da torre de Babel, que se construiu sem Deus, não para atingir os céus da terra, mas para abaixar os céus até a terra). Parecia estranho e impossível a Aliócha viver como antes. Está dito: "Abandona tudo quanto tens e segue-me, se queres ser perfeito". Aliócha dizia a si mesmo: "Não posso dar um lugar de "tudo' 2 rublos e em lugar de 'segue-me' ir somente à missa". Entre as recordações de sua tenra infância, lembrava-se talvez de nosso mosteiro, aonde sua mãe talvez o levara para assistir aos ofícios. Talvez tivesse ali sofrido a influência dos raios oblíquos do sol poente diante da imagem para a qual o voltava sua mãe, a endemoniada. Chegou entre nós pensativo, unicamente para ver se se tratava aqui de tudo ou somente de 2 rublos, e encontrou no convento aquele *stáriets.*

Era o *stáriets* Zósima, como já o expliquei acima; seria preciso dizer algumas palavras a propósito dos *stártsi* nos nossos mosteiros e lamento não ter, neste domínio, toda a competência necessária. Tentarei, no entanto, fazê-lo a grandes traços. Os especialistas competentes asseguram que a instituição dos *stártsi* apareceu nos mosteiros russos em época recente, há menos de um século, quando, em todo o Oriente ortodoxo, sobretudo no Sinai e no Monte Atos, existe ela desde bem mais de mil anos. Pretende-se que os *stártsi* existiam na Rússia em tempos bastante antigos, ou que deveriam ter existido, mas que, em conseqüência das calamidades que sobrevieram, o jugo tártaro, as perturbações, a interrupção das antigas relações com o Oriente, após a queda de Constantinopla, essa instituição se perdeu entre nós e os *stártsi* desapareceram. Foi ressuscitada por um dos maiores ascetas, Païsi Vielitchkóvski, e por seus discípulos, mas até o presente, após um século, existe ela em muito poucos conventos e foi mesmo, ou pouco faltou, alvo de perseguições, como uma inovação desconhecida na Rússia. Florescia sobretudo no famoso Eremitério de Kózilhskaia Optínaia, Ignoro quando e por quem foi ela implantada em nosso mosteiro, mas já se haviam sucedido ali três *stártsi,* dos quais Zósima era o último. Estava quase a sucumbir à fraqueza e às doenças e não se sabia por quem substituí-lo.

Para nosso mosteiro, era essa uma séria questão, porque, até o presente, nada o havia distinguido; não possuía nem relíquias santas nem ícones miraculosos, ligando-se as tradições gloriosas à nossa história. Faltavam-lhe igualmente os altos fatos históricos e os serviços prestados à pátria. Tornara-se florescente e famoso em toda a Rússia, graças a seus *stártsi,* que os peregrinos vinham em multidão ver e ouvir de todos os pontos da Rússia, a milhares de verstas. Que é um *stáriets?* O *stáriets* é aquele que absorve vossa alma e vossa vontade nas suas. Tendo escolhido um *stáriets,* vós abdicais de vossa vontade e lha entregais com toda a obediência, com inteira resignação. O penitente submete-se voluntariamente a essa prova, a essa dura aprendizagem, na esperança de, após um longo estágio, vencer-se a si mesmo, dominar-se a ponto de atingir, afinal, depois de ter obedecido toda a sua vida, a liberdade perfeita, isto é, a liberdade para consigo mesmo, e evitar a sorte daqueles que viveram sem se encontrar a si mesmos. Esta invenção, isto é, a instituição dos *stártsi,* não é teórica, mas tirada, no Oriente, de uma prática milenar. As obrigações para com o *stáriets* são bem diversas da "obediência** habitual que sempre existiu igualmente nos mosteiros russos. Lá, a confissão de todos os militantes ao *stáriets* é perpétua, e o elo que liga o confessor ao confessado, indissolúvel. Conta-se que, nos tempos antigos do cristianismo, um noviço, depois de haver deixado de cumprir um dever prescrito pelo seu *stáriets,* abandonou o mosteiro para dirigir-se a outro país, da Síria ao Egito. Ali, praticou atos sublimes e foi por fim julgado digno de sofrer o martírio pela fé. Já a Igreja ia enterrá-lo, reverenciando-o como um santo, quando o diácono proferiu: "Que os catecúmenos saiam!*', o caixão que continha o corpo do mártir foi arrancado de seu lugar e projetado fora do templo três vezes em seguida. Soube-se por fim que aquele santo mártir havia infringido a obediência e abandonado o seu *stáriets* e que, por conseqüência, não podia ser perdoado sem o consentimento deste último, malgrado sua vida sublime. Mas quando o *stáriets,* chamado, o desligou da obediência, pôde-se enterrá-lo sem dificuldade. Sem dúvida, não passa isso de uma antiga lenda, mas eis um fato recente. Um religioso cuidava de sua salvação no Monte Atos, ao qual queria de toda a sua alma, como um santuário e um retiro tranqüilo, quando seu *stáriets* lhe ordenou,, de repente, que partisse para ir primeiro a Jerusalém, visitar os Lugares Santos,, depois voltar ao norte, na Sibéria. "Lá é que é teu lugar e não aqui.'* Consternado e desolado, o monge foi procurar o patriarca em Constantinopla e suplicou-lhe que o libertasse da obediência, mas o chefe da Igreja respondeu-lhe que não somente ele, patriarca, não podia desligá-lo, mas não havia

nenhum poder no mundo capaz de fazê-lo, exceto o *stáriets* do qual ele dependia. Vê-se dessa forma que, em certos casos, os *stártsi* estão investidos duma autoridade sem limites e incompreensível. Eis por que, em muitos de nossos mosteiros, essa instituição foi a princípio quase perseguida. No entanto o povo testemunhou imediatamente grande veneração pelos *stártsi*. Por isso o povinho e as pessoas mais distintas vinham em multidão prosternar-se diante dos *stártsi* de nosso mosteiro e lhes confessavam suas dúvidas, seus pecados, seus sofrimentos, implorando conselhos e direções. Vendo o que, os adversários dos *stártsi* lhes censuravam, entre outras acusações, envilecerem arbitrariamente o sacramento da confissão, se bem que as confidencias ininterruptas do noviço ou dum leigo ao *stáriets* não tivessem de modo algum o caráter dum sacramento. Seja como for, a instituição dos *stártsi* manteve-se e implanta-se pouco a pouco nos mosteiros russos. É verdade que esse meio experimentado e já milenar de regeneração moral, que faz o homem passar da escravidão à liberdade, aperfeiçoando-o, pode também tornar-se uma arma de dois gumes: em lugar da humildade e do domínio de si mesmo, pode desenvolver um orgulho satânico e fazer um escravo em lugar de um homem livre.

O *stáriets* Zósima tinha 65 anos; descendia duma família de proprietários; na sua mocidade servira no Exército como oficial, no Cáucaso. Sem dúvida, Aliócha ficou impressionado por certa qualidade especial da alma dele. Vivia na mesma cela do *stáriets,* que muito o amava e o mantinha a seu lado. Ê preciso notar que, vivendo no mosteiro, não estava Aliócha preso por nenhum laço; podia ir aonde bem quisesse, dias inteiros, e, se usava batina, era voluntariamente, para não se distinguir de ninguém no mosteiro. Talvez a imaginação juvenil de Aliócha tivesse sido muito impressionada pela força e pela glória que cercavam seu *stáriets* como uma auréola. A propósito do *stáriets* Zósima, muitos contavam que, à força de acolher, desde numerosos anos, todos aqueles que vinham expandir seu coração, ávidos de seus conselhos* e de suas consolações, havia, para o fim, adquirido grande perspicácia. Ao primeiro olhar lançado sobre um desconhecido, adivinhava o motivo de sua vinda, o que lhe era preciso e até mesmo o que lhe atormentava a consciência. O-penitente ficava espantado, confuso e por vezes mesmo apavorado por sentir-se penetrado, antes de ter proferido uma palavra. Aliócha notara que muitos daqueles que vinham pela primeira vez entreter-se em particular com o *stáriets* entravam em seu aposento com temor e

inquietação; quase todos saíam radiantes e o rosto mais sombrio iluminava-se de satisfação. O que o surpreendia também é que o *stáriets,* longe de ser severo, parecia mesmo satisfeito. Os monges diziam dele que se ligava aos mais pecadores e os estimava na proporção de seus pecados. Mesmo para o fim de sua vida, contava o *stáriets,* entre os monges, inimigos e invejosos, mas seu numero diminuía, se bem que figurassem nele personalidades importantes do convento. Tal era um dos mais antigos religiosos, por demais taciturno e jejuador extraordinário. No entanto, a grande maioria era partidária do *stáriets* Zósima e muitos o amavam sinceramente, de todo o seu coração; alguns lhe eram mesmo ligados quase fanàticamente. Estes diziam, mas em voz baixa, que era um santo, decerto, e, prevendo seu fim próximo, aguardavam imediatos milagres que espalhariam grande glória sobre o mosteiro. Alieksiéi cria cegamente na força miraculosa do *stáriets,* da mesma maneira que acreditava no relato do caixão projetado fora da igreja. Entre as pessoas que levavam ao *stáriets* crianças ou parentes doentes, para que ele lhes impusesse as mãos ou rezasse uma oração em sua intenção, via Aliócha muitos voltarem em breve, por vezes no dia seguinte, para agradecer-lhe de joelhos o ter-lhes curado seus doentes. Havia cura ou somente melhoria natural do estado deles? Aliócha nem sequer fazia a si mesmo a pergunta, porque acreditava absolutamente na força espiritual de seu mestre e a glória dele era como o seu próprio triunfo. Batia-lhe o coração e ficava radiante, sobretudo quando o *stáriets* saía a ter com a multidão dos peregrinos que o esperavam nas portas do eremitério, pessoas do povo vindas de todos os pontos da Rússia pura vê-lo e receber sua bênção. Prosternavam-se diante dele, choravam, beijavam seus pés e o lugar onde ele se achava, lançando gritos; as mulheres estendiam para ele seus filhos; traziam possessos. O *stáriets* falava-lhes, fazia uma curta oração, dava-lhes sua bênção, depois mandava-os embora. Nos derradeiros tempos, a doença havia-o de tal modo enfraquecido que mal podia ele deixar sua cela e os peregrinos aguar-» davam sua saída para o mosteiro, por vezes dias inteiros. Aliócha não perguntava a si mesmo absolutamente por que eles o amavam tanto, por que se prosternavam diante dele com lágrimas de enternecimento, vendo seu rosto. Oh! Compreendia perfeitamente que para a alma resignada do simples povo russo, vergado sob o trabalho e o pesar, mas sobretudo sob a injustiça e o pecado contínuos — o seu e o do mundo — não há maior necessidade e consolo do que encontrar um santuário ou um santo, cair de joelhos, adorá-lo: "Se o pecado, a mentira, a tentação são nossa partilha, há no entanto em alguma parte do mundo um

ser santo e sublime; possui a verdade, conhece-a; portanto, ela descerá um dia até nós e reinará sobre a terra inteira, como foi pro* metido". Aliócha sabia que é assim que o povo sente e até mesmo raciocina; compreendia isto, mas que o *stáriets* fosse precisamente esse santo, esse depositário da verdade divina aos olhos do povo, estava disso persuadido tanto quanto aqueles mujiques e aquelas mulheres doentes que lhe estendiam seus filhos. A convicção de que o *stáriets,* após sua morte, atrairia uma glória extraordinária para o mosteiro reinava na sua alma mais forte talvez do que entre os monges. Desde algum tempo, seu coração aquecia-se sempre mais à labareda dum profundo entusiasmo interior. Não o perturbava absolutamente nada ver no *stáriets* um indivíduo isolado: "Dá no mesmo, há no seu coração o mistério da renovação para todos, esse poder que instaurará por fim a verdade na terra e todos serão santos, amar-se-ao uns aos outros; não haverá mais nem ricos nem pobres, nem elevados nem humilhados; todos serão como os filhos de Deus e será isto o advento do reino do Cristo". Eis com que sonhava o coração de Aliócha.

Parece que impressionou fortemente a Aliócha a chegada de seus dois irmãos, que ele não conhecia absolutamente até então. Ligara-se mais a Dimítri, se bem que este tivesse chegado mais tarde. Quanto a Ivã, interessava-se muito por ele, mas os dois jovens permaneciam estranhos um ao outro e, no entanto, dois meses se haviam passado durante os quais viam-se bastante freqüentemente. Aliócha era taciturno; além disso, parecia esperar não se sabia o que, ter vergonha de alguma coisa; muito embora tivesse notado no começo os olhares curiosos que lhe lançava seu irmão, cessou Ivã em breve de prestar-lhe atenção. Aliócha sentiu por isso alguma confusão. Atribuiu a indiferença de seu irmão à desigualdade de sua idade e de sua instrução. Mas tinha uma grande idéia. O pouco interesse que lhe testemunhava Ivã podia provir de uma causa que ele ignorava. Parecia este absorvido por algo de importante, como se visasse um alvo muito difícil, o que teria explicado sua distração a respeito dele. Alieksiéi perguntou igualmente a si mesmo senão havia naquilo o desprezo de um ateu sábio por um pobre noviço. Não podia sentir-se ofendido com tal desprezo, se é que ele existia, mas aguardava com um vago alarma, que ele próprio não explicava a si mesmo, no momento em que seu irmão queria aproximar-se dele. Seu irmão Dimítri falava de Ivã com o mais profundo respeito, num tom circunspecto. Contou a Aliócha os detalhes do importante negócio que havia aproximado estreitamente os dois mais velhos. O entusiasmo com que Dimítri falava de Ivã

impressionava tanto mais Aliócha quanto, comparado a seu irmão, Dimítri era quase um ignorante; o contraste da personalidade deles e de seus caracteres era tão vivo que se teria dificilmente imaginado dois seres tão diferentes.

Foi então que teve lugar a entrevista, ou antes, a reunião, na cela do *stariets,* de todos os membros daquela família mal harmonizada, reunião que exerceu influência extraordinária sobre Aliócha. O pretexto que a motivou era na realidade mentiroso. O desacordo entre Dimítri e seu pai, a respeito da herança de sua mãe e das contas da propriedade, atingia então seu auge. As relações tinham-se envenenado a ponto de tornar-se insuportáveis. Foi Fiódor Pávlovitch quem sugeriu, por brincadeira, que se reunissem todos na cela do *stariets* Zósima; sem recorrer à sua intervenção, poderiam eles entender-se mais decentemente, sendo capazes a dignidade e a pessoa do *stariets* de impor a reconciliação. Dimítri, que jamais estivera em casa dele e jamais o vira, pensou que quisessem amedrontá-lo daquela maneira; mas, como ele próprio se censurava secretamente de muitas explosões bastante bruscas em sua querela com seu pai, aceitou o desafio. É preciso notar que não residia, como Ivã, em casa de seu pai, mas na outra extremidade da cidade. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que morava então em nossa cidade, agarrou-se a essa idéia. Liberal dos anos 40 e 50, livre-pensador e ateu, tomou neste caso uma parte extraordinária, por tédio, talvez, ou para se divertir. Tomou-o subitamente a fantasia de ver o mosteiro e o "santo". Como seu antigo processo contra o mosteiro durasse ainda — o litígio tinha por objeto a delimitação de suas terras e certos direitos de pesca e de corte —, apressou-se em aproveitar essa ocasião, sob o pretexto de entender-se com o padre abade, a fim de dar por terminado aquele negócio amigavelmente. Um visitante animado de tão boas intenções podia ser recebido no mosteiro com mais atenções que um simples curioso. Estas considerações fizeram com que se insistisse junto ao *stariets,* o qual, desde algum tempo, não deixava mais sua cela e recusava mesmo, por causa de sua doença, receber os simples visitantes. Deu seu consentimento e foi marcado o dia. "Quem me encarregou de decidir entre eles?*', declarou ele somente a Aliócha, com um sorriso.

Ao saber dessa reunião, ficou Aliócha muito perturbado. Se algum dos adversários em luta podia tomar aquela entrevista a sério, era seguramente seu irmão Dimítri, e somente ele; os outros iriam com intenções frívolas e talvez ofensivas para o *stariets.* Aliócha o compreendia

bem. Seu irmão Ivã e Miúsov para ali se dirigiam levados pela curiosidade e seu pai para fazer o papel de palhaço, se bem que guardando silêncio. Conhecia-o a fundo. Repito-o, aquele rapaz não era tão ingênuo como todos o acreditavam. Aguardava com ansiedade o dia marcado. Sem dúvida levava muito em questão ver cessar por fim o desacordo na sua família. Mas preocupava-se sobretudo com o *stariets;* tremia por ele, pela sua glória, temendo as ofensas, particularmente as finas zombarias de Miúsov e as reticências do erudito Ivã. Queria mesmo tentar prevenir o *stariets,* falar-lhe a respeito daqueles visitantes eventuais, mas refletiu e calou-se. Na véspera do dia marcado, mandou dizer a Dimítri que o amava muito e esperava dele o cumprimento de sua promessa. Dimítri, que procurou em vão lembrar-se de ter prometido alguma coisa, respondeu-lhe por carta que faria tudo para evitar uma baixeza. Embora cheio de respeito pelo *stariets* e por Ivã, via naquilo uma armadilha ou uma comédia indigna. "Entretanto, preferirei engolir minha língua a faltar ao respeito ao santo homem que veneras", dizia Dimítri, terminando sua carta. Aliócha nem por isso ficou reconfortado.

LIVRO II

UMA REUNIÃO INTEMPESTIVA

I

A CHEGADA AO MOSTEIRO

Estava um dia magnífico, quente e claro. Era no fim de agosto. A entrevista com o *stáriets* fora marcada para imediatamente depois da última missa, às llh30. Os nossos visitantes chegaram quase no fim da cerimônia, em duas carruagens. A primeira, uma elegante caleça puxada por dois cavalos de preço, estava ocupada por Piotr Alieksán-drovitch Miúsov e um parente afastado, Piotr Fomitch Kolgánov, de vinte anos de idade. Este rapaz preparava-se para entrar na universidade. Miúsov, de quem era ele hóspede, propunha-lhe levá-lo ao estrangeiro, a Zurique ou a Iena, para ali acabar seus estudos, mas ele não havia ainda tomado decisão. Pensativo e distraído, tinha um aspecto agradável, uma constituição robusta, a estatura bastante elevada. De olhar estranhamente fixo, o que é próprio das pessoas distraídas, olhava-nos por vezes muito

tempo sem ver-nos; taciturno e algo embaraçado, acontecia-lhe — somente na intimidade — mostrar-se de repente bastante loquaz, veemente, jovial, rindo só Deus sabe de quê. Mas sua imaginação não passava de um fogo de palha, assim que se acendia logo se apagava. Andava sempre bem vestido e até mesmo com apuro. Possuidor de certa fortuna, tinha ainda mais em perspectiva. Entretinha com Aliócha relações amigáveis.

Fiódor Pávlovitch e seu filho tinham tomado lugar em uma caleça de aluguel bastante estragada, mas espaçosa, atrelada a dois velhos cavalos malhados de preto e branco, que seguiam a uma distância respeitável. Dimítri tinha sido prevenido na véspera da hora da entrevista, mas estava atrasado. Os visitantes deixaram suas carruagens perto da cerca, na hospedaria, e transpuseram a pé as portas do mosteiro. Exceto Fiódor Pávlovitch, os três outros jamais tinham visto o mosteiro e Miúsov havia trinta anos que não entrava numa igreja. Olhava com certa curiosidade, assumindo um ar desenvolto. Mas o interior do mosteiro, de parte a igreja e as dependências, aliás bastante banais, nada oferecia a seu espírito observador. Os derradeiros fiéis que saíam da igreja benziam-se de gorros nas mãos. Entre o povinho viam-se também pessoas de uma posição mais elevada: duas ou três damas, um velho general, todos hospedados na pousada. Mendigos cercaram nossos visitantes, mas ninguém lhes deu esmola. Somente Pietrucha Kolgánov tirou JO copeques de seu porta-moedas e, acanhado Deus sabe por que, introduziu-os rapidamente na mão de uma mulher* murmurando: "Reparta-os". Nenhum de seus companheiros lhe fez qualquer observação, o que teve como resultado aumentar-lhe a confusão.

Coisa estranha: deveriam deveras esperá-los e até mesmo testemunhar-lhes algumas atenções; um deles acabava de fazer um donativo de 1 000 rublos, o outro era um proprietário bastante rico, que mantinha os monges mais ou menos sob sua dependência, no que dizia respeito à pesca, de acordo com o rumo que tomasse o processo. No entanto, nenhuma personalidade oficial se encontrava lá para recebê-los. Miúsov contemplava com ar distraído as lápides tumulares em redor da igreja e quis fazer a observação de que os ocupantes daqueles túmulos deviam ter pago bastante caro o direito de ser enterrados em um lugar tão "santo**, mas manteve-se em silêncio: sua ironia de liberal dava lugar à irritação.

— A quem, diabo, devemos dirigir-nos nesta casa onde todos mandam?... Seria preciso sabê-lo, porque o tempo passa — murmurou ele,

como consigo mesmo.

De repente, aproximou-se deles uma personagem calva, de idade madura, numa ampla veste de verão e de olhos ternos. De chapéu na mão, apresentou-se, ceceando, como o proprietário de terras Maksímov, do governo de Tula. Deu-se conta imediatamente do embaraço daqueles senhores.

— O *stáriets* Zósima mora no eremitério, à parte, a quatrocentos passos do mosteiro; é preciso atravessar o bosquezinho...

— Sei bem — respondeu Fiódor Pávlovitch. — Não nos lembramos bem da estrada, pois faz muito tempo que não venho por aqui.

— Passem por aquela porta, depois sigam diretamente pelo bosquezinho. Permitam-me que os acompanhe... eu mesmo... por aqui. por aqui...

Saíram da cerca e meteram-se no bosque. O proprietário Maksímov, de uns sessenta anos de idade, caminhava, ou antes, corria ao lado deles, examinando-os a todos com uma curiosidade incômoda. Esbugalhava os olhos.

— Fique o senhor sabendo que nós vamos à casa desse *stáriets* para tratar de um negócio pessoal — observou friamente Miúsov. — Obtivemos, por assim dizer, "uma audiência" dessa personagem; de modo que, malgrado nossa gratidão, não lhe propomos que entre conosco.

— Já estive ali... *Un chevalier parfait* — declarou, dando um piparote no ar, o proprietário.

— Quem é *ce chevalier?* — perguntou Miúsov.

— O *stáriets,* o famoso *stáriets...* a glória e a honra do mosteiro, Zósima. Aquele *stáriets,* vejam...

Sua tagarelice foi interrompida por um monge, com capuz, de pequena estatura, pálido e desfeito, que alcançou o grupo. Fiódor Pávlovitch e Miúsov pararam. O monge saudou-os com grande polidez e lhes disse:

— Senhores, o padre abade convida-os a todos a jantar, depois da visita ao eremitério. É à 1 hora em ponto. O senhor também — disse ele a Maksímov.

— Não haverei de faltar — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado pelo convite. — O senhor sabe que todos prometemos portar-nos decentemente... E o senhor virá, Piotr Alieksándrovitch?

— Como não? Por que estou aqui, senão para observar os costumes deles? Uma só coisa me embaraça, Fiódor Pávlovitch, é encontrar-me agora com o senhor.

— Sim, Dimítri Fiódorovitch ainda não chegou.

— Seria perfeito se ele faltasse; acredita o senhor que seja isso uni prazer para mim, essa estória dos senhores e o senhor ainda de quebra? Estaremos lá para o almoço; agradeça ao padre abade — disse ele ao monge.

— Perdão, tenho de conduzi-los à casa do *stáriets* — respondeu este.

— Neste caso vou diretamente à casa do padre abade, sim, vou durante este tempo à casa do padre abade — gorjeou Maksímov.

— O padre abade está muito ocupado neste momento, mas será como o senhor quiser... — disse o monge, perplexo.

— Que sujeito cacete esse velho! — observou Miúsov, quando Maksímov voltou ao mosteiro.

— Parece-se com Von Sohn — declarou, de repente, Fiódor Pávlovitch.

— É tudo quanto o senhor sabe... Em que se parece ele com Von Sohn? O senhor mesmo já o viu?

— Vi-lhe a fotografia. Se bem que as feições não sejam idênticas, há qualquer coisa de indefinível. É totalmente o sósia de Von Sohn. Reconheço-o apenas pela fisionomia.

— Ah! Talvez seja o senhor entendido nisso. Todavia, Fiódor Pávlovitch, o senhor acaba de lembrar que prometemos portar-nos decentemente; não se esqueça disto. Digo-lhe que se contenha. Se o senhor começa a fazer-se de palhaço, não tenho eu a intenção de ser metido no mesmo cesto que o senhor. Veja esse homem — disse ele dirigindo-se ao monge —, tenho medo de ir com ele à casa de pessoas distintas.

Um pálido sorriso, não desprovido de astúcia, apareceu nos lábios exangues do monge, que, no entanto, nada respondeu, deixando ver claramente que se calava pela consciência de sua própria dignidade. Miúsov franziu ainda mais o cenho.

"Oh! Que o diabo leve a todas essas criaturas de exterior plasmado pelos séculos, mas cujo íntimo não é senão charlatanismo e absurdo!",

dizia ele entre si.

— Eis o eremitério, chegamos — gritou Fiódor Pávlovitch, que se pôs a fazer grandes sinais-da-cruz diante dos santos pintados por cima e de lado do portal.

— Cada qual vive como lhe agrada — declarou ele. — E o provérbio russo diz com razão: "A monge duma outra ordem não imponhas tua regra". Há aqui 25 bons padres que tratam de sua salvação, contemplam-se uns aos outros e comem couves. E nem uma mulher transpôs esse portal, eis o que é espantoso. No entanto, ouvi dizer que o *stáriets* recebia senhoras — disse ele ao monge.

— As mulheres do povo esperam-no lá embaixo, perto da galeria, veja, estão sentadas no chão. Para as senhoras da sociedade prepararam dois quartos na própria galeria, mas fora da cerca, veja aquelas janelas; o *stáriets* ali chega por um corredor interno, quando sua saúde lho permite. Há uma Senhora Khokhlakova, proprietária em Khárkov, que quer consultá-lo a respeito de sua filha, atacada de fraqueza. Teve de prometer vir vê-las, se bem que nestes últimos tempos esteja muito fraco e não se mostre em público.

— Há, pois, no eremitério uma porta entreaberta do lado das senhoras. Não estou fazendo mau juízo, meu padre! No Monte Atos, o senhor deve saber, não somente são proibidas as visitas femininas, mas não se tolera nenhuma mulher, nem fêmea, galinhas, peruas, bezerras...

— Fiódor Pávlovitch, vou-me embora e deixo-o sozinho. Vão mandá-lo embora a braços, sou eu que lho predigo.

— Em que é que eu o incomodo, Piotr Alieksándrovitch? Olhe! — exclamou ele, de repente, uma vez transposta a cerca. — Veja em que vale de rosas eles moram!

Efetivamente, se bem que não houvesse então rosas, via-se uma profusão de flores outonais, magníficas e raras. Mãos experimentadas deviam cuidar delas. Havia canteiros em redor das igrejas e entre os túmulos. Flores cercavam ainda a casinha de madeira, um rés-do-chão, precedido duma galeria, onde se encontrava a cela do *stáriets.*

— Era assim também no tempo do *stáriets* precedente, Varsonófi? Dizem que ele não gostava da elegância, arrebatáva-se e recebia mesmo as senhoras às bengaladas — observou Fiódor Pávlovitch, subindo o patamar.

— O *stáriets* Varsonófi parecia por vezes, com efeito, um pobre de espírito, mas exagera-se muito a este respeito. Nunca bateu em ninguém com o báculo — respondeu o monge. Agora, senhores, um minuto, vou anunciá-los.

— Fiódor Pávlovitch, pela derradeira vez lho digo, comporte-se bem, do contrário, ai do senhor! — murmurou ainda uma vez Miúsov.

— Gostaria bem de saber o que o comove dessa maneira — observou Fiódor Pávlovitch, zombeteiro. — São seus pecados que o amedrontam? Porque dizem que, com um simples olhar, adivinha ele com quem está tratando. Mas como pode fazer tal caso da opinião deles o senhor, um parisiense, um progressista? Palavra, o senhor me espanta!

Miúsov não teve oportunidade de responder a este sarcasmo: convidavam-nos a entrar. Sentiu ligeira irritação. "Pois bem! Sei de antemão que, nervoso como estou, irei discutir, acalorar-me... rebaixar-me, a mim e a minhas idéias", disse a si mesmo.

II

UM VELHO PALHAÇO

Entraram quase ao mesmo tempo que o *stáriets*, que, desde a chegada deles, havia saído de seu quarto de dormir. Na cela, tinham sido precedidos por dois religiosos do eremitério: um era o padre bibliotecário, o outro o Padre Paísi, doente, malgrado sua idade pouco avançada, mas erudito, segundo se dizia. Achava-se ainda ali um rapaz (ficou de pé todo o tempo), parecendo ter 22 anos de idade, de sobrecasaca, seminarista e futuro teólogo, protegido pelo mosteiro e pela confraria. Era de estatura bastante elevada, tinha o rosto fresco, os pômulos salientes, com olhinhos castanhos de olhar inteligente. Seu rosto exprimia deferência, mas sem obsequiosidade. Não cumprimentou os visitantes, considerando-se não como igual deles, mas como um subalterno.

O *stáriets* Zósima apareceu, em companhia de um noviço e de Aliócha. Os religiosos levantaram-se, fizeram-lhe profunda reverência, com os dedos tocando a terra, receberam sua bênção, beijaram-lhe a mão. A cada um deles, o *stáriets* respondeu com uma reverência semelhante, com os dedos tocando a terra, pedindo-lhes por sua vez sua bênção. Aquela cerimônia, marcada de grande seriedade, nada tendo da etiqueta

vulgar, exalava uma espécie de emoção. No entanto, pareceu a Miúsov que aquilo se fazia com uma finalidade de sugestão premeditada. Conservava-se à frente de seus companheiros. Teria sido conveniente, quaisquer que fossem suas idéias — e por simples polidez, para se conformar com os usos —, que se aproximassem do *stáriets* para receber sua bênção, se não para beijar-lhe a mão. Foi no que pensara na véspera, mas as reverências e os beijos dos monges fizeram-no mudar de resolução. Fez uma reverência grave e digna, de homem da sociedade, e foi sentar-se. Fiódor Pávlovitch fez a mesma coisa, macaqueando dessa vez Miúsov. A saudação de Ivã Fiódorovitch foi das mais corteses, mas também ele conservou seus braços ao longo dos quadas. Quanto a Kolgánov, tal era sua confusão que não fez saudação nenhuma. O *stáriets* deixou recair sua mão prestes a abençoá-los e convidou todos a sentarem-se. O sangue subiu às faces de Aliócha, estava envergonhado. Seus maus pressentimentos realizavam-se.

O *stáriets* tomou lugar num pequeno diva de couro — móvel bastante antigo — e fez seus visitantes sentarem-se perto da parede em frente, em quatro cadeiras de acaju, recobertas de couro bastante surrado. Os religiosos instalaram-se de lado, um na porta, outro na janela. O seminarista, Aliócha e o noviço ficaram de pé. A cela não era vasta e mostrava certo ar de coisa velha. Continha somente alguns móveis e objetos grosseiros, pobres, o estritamente necessário. Dois jarros de flores na janela; a um canto, numerosos ícones; um deles representava uma Virgem de grandes dimensões, pintada provavelmente muito tempo antes do Raskol.[5] Uma lâmpada ardia diante dela. Não longe, dois outros ícones de revestimentos cintilantes, depois dois querubins esculpidos, pequenos ovos de porcelana, um crucifixo de marfim, com uma *Mater Dolorosa* que o abraçava, e algumas gravuras estrangeiras, reproduções de grandes pintores italianos dos séculos passados. Ao lado dessas obras de valor, exibiam-se litografias russas para uso do povo, representando santos, mártires, prelados, as quais se vendiam por alguns copeques em todas as feiras. Miúsov lançou uma olhadela rápida sobre aquelas imagens, depois fixou seu olhar no *stáriets.* Respeitava sua maneira de ver, fraqueza desculpável, seguramente, se se considerar que já tinha cinqüenta anos, idade em que um homem do mundo, inteligente e opulento, leva-se

---

[5] Literalmente: cisão. Seita religiosa dos "velhos crentes" que provocou o cisma na Igreja russa, em meados do século XVII, contra as reformas do Patriarca Nikhon.

sempre mais a sério, por vezes mesmo contra a sua vontade.

Desde o começo, o *stáriets* causara-lhe desagrado. Havia efetivamente em sua figura algo que teria desagradado a muitos outros que não apenas a Miúsov. Era um homenzinho curvado, de pernas muito fracas, de sessenta anos somente, mas que parecia ter dez anos mais, por causa de sua doença. Todo o seu rosto, aliás bastante seco, estava sulcado de pequenas rugas, sobretudo em redor dos olhos. Tinha os olhos claros, não muito grandes, vivos e brilhantes como dois pontos luminosos. Seus cabelos grisalhos chegavam-lhe apenas às têmporas; sua barba, pequena e rala, acabava em ponta; os lábios, delgados como duas correias, sorriam freqüentemente; o nariz agudo lembrava um pássaro.

"Segundo toda a aparência, uma alma malévola e arrogante", pensou. Em geral, estava muito descontente consigo mesmo.

O soar da hora ajudou o início do diálogo. Um pequeno relógio de pesos bateu doze pancadas.

— A hora exata — exclamou Fiódor Pávlovitch — e meu filho Dimítri Fiódorovitch que não chega! Peço-lhe desculpas por ele, santo *stáriets!* (Aliócha estremeceu ao ouvir aquelas palavras de "santo *stá-riets*".) Sou sempre pontual, dentro do minuto, lembrando-me de que a pontualidade é a polidez dos reis.

— No entanto, o senhor não é nenhum rei — resmungou Miúsov, incapaz de conter-se.

— Ê verdade, não o sou. E imagine, Piotr Alieksándrovitch, que eu mesmo o sabia, palavra! E falo sempre assim, fora de propósito! Vossa Reverência — exclamou ele, de súbito, num tom patético — tem diante de si um verdadeiro palhaço. É minha maneira de apresentar-me. Um velho hábito, ai de mim! Ora, se falo por vezes fora de propósito, é intencionalmente, com o fim de fazer rir e ser agradável. É preciso ser agradável, não é verdade? Há sete anos, cheguei a uma cidadezinha para tratar duns negocinhos, umas contas a meias com uns negociantezinhos. Fomos à casa do *isprávnik,* uma vez que tínhamos algo a pedir-lhe e para convidá-lo a comer conosco. Aparece o *isprávnik:* era um homem de alta estatura, gordo, louro e carrancudo — os indivíduos mais perigosos em semelhante caso, pois a bílis os atormenta. Abordo-o com a desenvoltura de um homem do mundo: "Senhor Isprávnik", disse eu, "o senhor será

talvez, por assim dizer, o nosso Naprávnik?" [6] "Que Naprávnik?", perguntou ele. Vi imediatamente que aquilo não pegava, que ele continuava todo grave; obstinei-me: "É uma brincadeira, quis tornar todos alegres, porque o Senhor Naprávnik é um chefe de orquestra conhecido; ora, para a harmonia de nosso empreendimento, precisamos justamente duma espécie de chefe de orquestra". A explicação e a comparação eram razoáveis, não? "Perdão", disse ele, "sou *isprávnik* e não permito que se façam trocadilhos a respeito de minha profissão." Volta as costas e retira-se. Corro atrás dele, gritando: "Sim, sim, o senhor é *isprávnik* e não Naprávnik". "Não", replicou ele, "o senhor disse, sou Naprávnik." Imaginem que isso fez fracassar nosso negócio! Nem por isso me emendei. Prejudico-me por causa de minha amabilidade! Certa vez, há muitos anos, dizia eu a uma personagem importante: "Sua esposa é uma mulher coceguenta", no sentido de ser muito sensível em questões de honra, de qualidades morais, por assim dizer, ao que ele me replica: "O senhor lhe fez cócegas?" Não pude conter-me, banquemos o amável, pensei: "Sim, fiz-lhe cócegas"; mas então quem me fez cócegas foi ele... Aconteceu há muito tempo, por isso não tenho vergonha de contá-lo; é sempre assim que causo prejuízo a mim mesmo.

— È está causando agora — murmurou Miúsov, com desagrado. O *stáriets* examinava um a um, em silêncio.

— Deveras? Imagine que já o sabia, Piotr Alieksándrovitch, e, até mesmo, saiba que pressentia o que faço, desde que comecei a falar, e até mesmo, saiba-o, pressentia que seria o senhor o primeiro a observar-me isso. Nesses momentos, quando vejo que minhas pilhérias não dão resultado, reverendíssimo senhor, minhas bochechas começam a dessecar-se na direção das gengivas, tenho quase como uma convulsão; isto remonta à minha mocidade, quando era parasita em casa dos nobres e ganhava meu pão por meio dessa habilidade. Sou um palhaço autêntico, inato, reverendíssimo senhor, a mesma coisa que um idiota; não nego que um espírito mau more talvez em mim, bem modesto, cm todo caso; se fosse mais importante, ter-se-ia alojado em outra parte, somente não no senhor, Piotr Alieksándrovitch, porque o senhor não é importante. Em compensação, creio, creio em Deus. Nestes últimos tempos, tinha dúvidas; mas agora espero sublimes palavras. Pareço-me com o filósofo Diderot, reverendíssimo senhor. Sabe o senhor, santíssimo padre, como se

---

[6] *Nome forjado. Do verbo* naprávliat, *endireitar, dirigir.*

apresentou ele diante do metropolita Platon, no reinado da Imperatriz Catarina? Entrou e largou sem mais: "Não há Deus**. Ao que o grande prelado respondeu, de dedo erguido: "O insensato disse em seu coração: 'não há Deus!*** Imediatamente Diderot lançou-se a seus pés: "Creio", exclamou ele, "e quero ser batizado". Batizaram-no ali mesmo. A Princesa Dachkova foi a madrinha, e Potiomkin o padrinho...

— Fiódor Pávlovitch, é intolerável! Porque o senhor mesmo sabe que está mentindo e que essa estúpida anedota é falsa; por que fazer-se malicioso? — proferiu com voz trêmula Miúsov, que já não se podia conter.

— Toda a minha vida pressenti que era isso uma mentira! — exclamou Fiódor Pávlovitch, entusiasmando-se. — Em compensação, senhores, dir-lhes-ei toda a verdade. Eminente *stáriets,* perdoe-me, eu mesmo Inventei esse fim, ainda há pouco, com o batismo de Diderot; isto jamais me ocorrera antes. Inventei-o para dar certo ar picante ao caso. Se me faço de malicioso, Piotr Alieksándrovitch, é para ser mais gentil. De resto, por vezes, não sei eu mesmo por quê. Quanto a Diderot, ouvi contar isto: "O insensato disse..." umas vinte vezes na minha juventude, pelos proprietários de terras do país, quando morava entre eles; ouvi-o dizer, Piotr Alieksándrovitch, de sua própria tia, Mavra Fomínichna. Até agora, estão todos persuadidos de que o ímpio Diderot fora à casa do metropolita Platon para discutir a existência de Deus...

Uy Miúsov levantara-se, não somente porque perdera a paciência, mas achava-se fora de si. Estava furioso e compreendia que isso o tornava ridículo. Com efeito, passava-se na cela algo de intolerável. Havia quarenta ou cinqüenta anos, ainda no tempo dos precedentes *stártsi,* os visitantes reuniam-se naquela cela, mas sempre com a mais profunda veneração. Quase todos quantos eram admitidos compreendiam que lhes era concedido um insigne favor. Muitos, dentre eles, punham-se de joelhos e assim ficavam durante toda a visita. Pessoas de posição elevada, eruditos e até mesmo livres-pensadores, vindos, quer por curiosidade, quer por qualquer outro motivo, achavam um dever o testemunhar ao *stáriets* profunda deferência e grandes atenções, durante toda a entrevista — quer fosse pública ou privada —, tanto mais quanto não havia questão de dinheiro. Só havia o amor e a bondade, em presença do arrependimento e da sede de resolver algum difícil problema moral ou uma crise da vida do coração. Assim, as piadas a que se entregara Fiódor Pávlovitch, chocantes em tal lugar, haviam provocado o embaraço e o

espanto das testemunhas, em todo caso, de várias dentre elas. Os religiosos, que permaneciam impassíveis, fixavam sua atenção no que iria dizer o *stáriets,* mas pareciam já prestes a levantar-se como Miúsov. Aliócha tinha vontade de chorar e curvava a cabeça. Toda a sua esperança repousava em seu irmão Ivã, o único cuja influência seria capaz de deter seu pai, e estava estupefato por vê-lo sentado, imóvel, de olhos baixos, aguardando com curiosidade o desenlace daquela cena, como se fosse completamente estranho a ela. Era impossível a Aliócha olhar para Rakítin (o seminarista), com o qual vivia quase em intimidade: conhecia seus pensamentos (era, aliás, o único a conhecê-los em todo o mosteiro).

— Desculpe-me... — começou Miúsov, dirigindo-se ao *stáriets* — se pareço tomar parte nessa indigna pilhéria. Errei ao acreditar que, até mesmo um indivíduo da qualidade de Fiódor Pávlovitch, visitando uma personalidade tão respeitável, saberia compreender suas obrigações ... Não pensava que seria preciso desculpar-me por ter vindo com ele...

Piotr Alieksándrovitch não acabou e, todo confuso, queria sair já do quarto.

— Não se inquiete, rogo-lhe — disse o *stáriets,* que, erguendo-se sobre seus pés débeis, pegou Piotr Alieksándrovitch pelas duas mãos e obrigou-o a tornar a sentar-se. — Acalme-se, rogo-lhe. O senhor é meu hóspede.

Dito isto, e após uma reverência, voltou a sentar-se no diva.

— Eminente *stáriets,* diga-me, será que minha vivacidade o ofende? — exclamou, de repente, Fiódor Pávlovitch, agarrando-se nos dois braços da poltrona, como prestes a saltar, de acordo com a resposta que recebesse.

— Rogo-lhe igualmente que não se inquiete e não se constranja — declarou o *stáriets* com majestade. — Não se constranja, esteja como que em sua casa. Sobretudo não tenha tanta vergonha de si mes mo, porque todo o mal vem daí.

— Completamente como em minha casa? Isto é, ao natural? Oh! é demais, é muito demais. Aceito, porém, com enternecimento! Sabe, meu venerando padre? Não me leve a mal mostrar-me ao natural, é por demais arriscado... eu mesmo não chego a esse ponto. Digo isto para que o senhor se previna. Pois bem! o resto está ainda enterrado nas trevas do desconhecido, se bem que alguns quisessem enforcar-me. Isto dirige-se ao

senhor, Piotr Alieksándrovitch; quanto ao senhor, santa criatura, eis o que declaro: "Estou transbordante de entusiasmo!" — Levantou-se e, de braços para o ar, proferiu:

— "Bendito o ventre que te concebeu e benditos os peitos que te amamentaram, os peitos sobretudo!" Com aquela sua observação de há pouco: "Não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque todo o mal vem daí", o senhor como que me transpassou e leu em mim. Justamente, quando me dirijo às pessoas, parece-me que sou a mais vil de todas e que todo mundo me toma por um palhaço; então digo a mim mesmo: "Sejamos palhaço, não temo vossa opinião, porque vós sois todos, até o derradeiro, mais vis do que eu!" Eis por que sou palhaço, por vergonha, eminente padre, por vergonha. Somente por timidez é que me faço de valentão. Porque se estivesse certo, ao entrar, de que todos me acolheriam como um ser simpático e ajuizado, meu Deus!, como eu seria bom! Mestre*— pôs-se de repente de joelhos —, que é preciso fazer para ganhar a vida eterna?

Mesmo então, era difícil saber se brincava ou cedia ao enternecimento. O *stáriets* ergueu os olhos para ele e declarou, sorrindo:

Há muito tempo que o senhor mesmo sabe o que é preciso fazer; não lhe falta senso: não se entregue à embriaguez e à intemperança de linguagem; não se entregue à sensualidade, sobretudo ao amor ao dinheiro; e feche seus botequins de bebida, pelo menos dois ou três, se não pode fechá-los todos. * Mas sobretudo, antes de tudo, não minta.

— É a propósito de Diderot que o senhor diz isso?

— Não, não é a propósito de Diderot. Sobretudo não minta ao senhor mesmo. Aquele que mente a si mesmo e escuta sua própria mentira vai ao ponto de não mais distinguir a verdade, nem em si, nem em torno de si; perde pois o respeito de si e dos outros. Não respeitando ninguém, deixa de amar; e para se ocupar, e para se distrair, na ausência de amor, entrega-se às paixões e aos gozos grosseiros; chega até a bestialidade em seus vícios, e tudo isso provém da mentira contínua a si mesmo e aos outros. Aquele que mente a si mesmo pode ser o primeiro a ofender-se. É por vezes bastante agradável ofender a si mesmo, não é verdade? Um indivíduo sabe que ninguém o ofendeu, mas que ele mesmo forjou uma ofensa e mente para embelezar, enegrecendo de propósito o quadro, que se ligou a uma palavra e fez dum montículo uma montanha — ele próprio o sabe, portanto é o primeiro a ofender-se, até o

prazer, até experimentar uma grande satisfação, e por isso mesmo chega ao verdadeiro ódio... Mas levante-se, sente-se, rogo-lhe; isto também é um gesto falso...

— Bem-aventurado! Deixai-me beijar-vos a mão. — Fiódor Pávlovitch levantou-se e pousou os lábios sobre a mão descarnada do *stáriets.* — Justamente, justamente, ofender-se a si mesmo causa prazer. O senhor disse-o tão bem, como jamais o ouvi dizer. Justamente, justamente, senti prazer em toda a minha vida com as ofensas, por um sentimento de estética, porque ser ofendido não somente causa prazer, mas por vezes é belo. Eis o que o senhor esqueceu, eminente *stáriets:* a beleza! Notá-lo-ei no meu caderninho! Quanto a mentir, não faço senão isso em toda a minha vida, a cada dia e a cada hora. Na verdade, sou mentira e o pai da mentira! Aliás, creio que não é o pai da mentira, embaraço-me nos textos, pois bem, o filho da mentira, e isto basta. Somente... meu anjo... pode-se por vezes florear a respeito de Diderot! Isto não faz mal, ao passo que certas palavras podem fazer mal. Eminente *stáriets,* a propósito, recordo-me de que, há três anos, tinha prometido a mim mesmo vir aqui informar-me e descobrir com insistência a verdade; peça somente a Piotr Alieksán-drovitch que não me interrompa. Eis de que se trata. É verdade, reverendo padre, o que se conta em alguma parte das *Vidas dos Santos,* a respeito dum santo taumaturgo, que sofreu o martírio pela fé e, depois de ter sido decapitado, ergueu do chão sua cabeça e, "beijando-a delicadamente", a carregou muito tempo em seus braços? É verdade ou não, meus padres?

— Não, não é verdade — disse o *stáriets.*

— Não há nada de semelhante em nenhuma *Vidas dos Santos. A* propósito de que santo diz o senhor que se relata esse fato? — perguntou um religioso, o padre bibliotecário.

— Ignoro qual. Não tenho conhecimento disso. Induziram-me em erro. Ouvi-o dizer e sabe por quem? Por esse mesmo Piotr Alieksán-drovitch Miúsov, que ainda há pouco se zangava a respeito de Diderot; era ele quem contava isso.

— Jamais lhe contei isso, pela razão muito justa de que não converso nunca com o senhor.

— É verdade que não contou isso a mim, mas numa reunião social em que me encontrava há quatro anos. Se lembrei o fato, é que o senhor abalou minha fé com essa narrativa cômica. Piotr Alieksán-drovitch. O

senhor de nada sabia, mas voltei para minha casa com a fé abalada e desde então vacilo cada vez mais. Sim, Piotr Alieksándrovitch, foi o senhor causa duma grande queda. Ê coisa bem diversa de Diderot!

Fiódor Pávlovitch acalorava-se duma maneira patética, se bem que fosse evidente para todos que ele de novo não fazia senão exibir-se. Mas Miúsov estava exacerbado.

— Que absurdo, como tudo isso, aliás! — murmurou ele. — Talvez tenha-o dito uma vez, na verdade... mas não ao senhor. Falaram-me disso. Ouvi em Paris um francês contar que se lê entre nós este episódio na missa, nas *Vidas dos Santos,* Foi um erudito que tem especialmente estudado a estatística da Rússia... há muito tempo. Quanto a mim, não lia as *Vidas dos Santos* e não as lerei... Pode-se bem dizer coisas durante o jantar... Nós estávamos jantando, então...

— Sim, os senhores estavam jantando então e eu perdi a fé! — disse para aborrecê-lo Fiódor Pávlovitch.

— Que me importa sua fé! — ia gritar Miúsov, mas conteve-se e proferiu com desprezo: — O senhor emporcalha literalmente tudo quanto toca.

O *stáriets* levantou-se de repente.

— Desculpem-me, senhores, deixá-los a sós por alguns minutos — disse ele, dirigindo-se a todos os visitantes —, mas já me esperavam antes da chegada dos senhores. Quanto ao senhor, abstenha-se de mentir — acrescentou, voltando-se para Fiódor Pávlovitch, com o rosto alegre.

Saiu da cela. Aliócha e o noviço lançaram-se a ajudá-lo a descer a escada. Aliócha sufocava; sentia-se feliz por sair, feliz igualmente por ver o *stáriets* alegre e não ofendido. O *stáriets* dirigia-se para a galeria, a fim de abençoar aquelas que o esperavam, mas Fiódor Pávlovitch deteve-o às portas da cela.

— Bem-aventurado! — exclamou ele, sentimentalmente. — Permita-me que lhe beije ainda uma vez a mão! Com o senhor, pode-se conversar, pode-se viver. O senhor pensa que minto sempre assim e que banco de palhaço? Era para verificar se se pode viver com o senhor, se há lugar para minha humildade ao lado de sua altivez. Passo-lhe um certificado de sociabilidade! Agora, nem mais uma palavra. Vou sentar-me e ficar em silêncio. Cabe ao senhor falar, Piotr Alieksándrovitch, o senhor passa a ser

a personagem principal... por dez minutos.

III

AS MULHERES CRENTES

Embaixo da galeria de madeira que dava para o muro exterior do recinto apertavam-se umas vinte mulheres do povo. Tinham-nas prevenido de que o *stáriets* sairia afinal e haviam-se agrupado à espera. As proprietárias Khokhlakovi esperavam-no igualmente, mas num quarto da galeria, reservado às visitantes de qualidade. Eram duas: a mãe e a filha. A primeira, senhora rica e sempre trajada com gosto, era ainda bastante jovem e de exterior bastante agradável, de olhos vivos e quase negros. Tinha apenas 33 anos e estava viúva havia cinco. Sua filha, de catorze anos, tinha as pernas paralíticas. A pobre menina não andava mais havia seis meses; carregavam-na numa cadeira de rodas. Tinha um rosto delicioso, um pouco emagrecido pela doença, mas alegre. Algo de folgazão brilhava nos seus grandes olhos sombrios, de longas pestanas. Desde a primavera estava a mãe disposta a levá-la ao estrangeiro, mas trabalhos efetuados em suas terras haviam-nas retardado. Desde uma semana, viviam em nossa cidade, mais por negócios que por devoção, mas já haviam visitado o *stáriets* três dias antes. Agora voltavam e, embora sabendo que o *stáriets* não podia quase receber mais ninguém, suplicavam que lhes concedesse "a felicidade de ver o grande curador". Aguardando a vinda dele, a mãe estava sentada ao lado da poltrona de sua filha; a dois passos mantinha-se de pé um velho monge, vindo dum longínquo convento do norte e que desejava receber a bênção do *stáriets.* Mas este, quando apareceu na galeria, dirigiu-se diretamente ao povo. A multidão comprimia-se em torno do patamar de três degraus que reunia a galeria baixa ao solo. O *stáriets* manteve-se no degrau superior, revestiu-se da estola e pôs-se a abençoar as mulheres que o cercavam. Trouxeram-lhe uma possessa que seguravam pelas duas mãos. Assim que ela avistou o *stáriets,* foi tomada dum soluço, lançando gemidos e sacudida por espasmos, como numa crise de eclampsia. Tendo-lhe coberto a cabeça com a estola, pronunciou o *stáriets* sobre ela uma curta prece e ela acalmou-se imediatamente. Ignoro o que se passa agora, mas na minha infância tive muitas vezes ocasião de ver e de ouvir essas possessas, nas aldeias e nos conventos. Levadas à missa, ganiam e ladravam na igreja, mas quando traziam o santo

sacramento e elas dele se aproximavam, a "crise demoníaca" cessava imediatamente e as doentes se acalmavam sempre por certo tempo. Ainda menino, isso me espantava e me surpreendia bastante. Ouvia então certos proprietários rurais e sobretudo professores da cidade responderem às minhas perguntas que era aquilo uma simulação para não trabalhar e que se podia sempre reprimi-la, mostrando severidade. Citavam-se em apoio disto diversas anedotas. Mais tarde, soube com espanto, de médicos especialistas, que não havia ali nenhuma simulação, que era uma terrível doença das mulheres, atestando, mais particularmente na Rússia, a dura condição de nossa camponesa. Provinha de trabalhos estafantes, executados muito cedo, após laboriosos partos mal efetuados, sem nenhuma ajuda médica; além disso, desespero, maus tratos, etc., etc., o que certas naturezas femininas não podem suportar, malgrado o exemplo geral. A cura estranha e súbita de uma possessa presa de convulsões, desde que a aproximavam das sagradas espécies, cura atribuída então à simulação e, além do mais, a um ardil empregado, por assim dizer, pelos próprios "clérigos", efetuava-se provavelmente também da maneira mais natural. As mulheres que conduziam a doente, e sobretudo ela própria, estavam persuadidas, como duma verdade evidente, de que o espírito impuro que a possuía não poderia jamais resistir na presença do santo sacramento, diante do qual inclinavam a infeliz. De modo que, numa mulher nervosa e psiquicamente doente, produzia-se sempre (e isto devia ser) como que um abalo nervoso de todo o organismo, abalo causado pela expectativa do milagre da cura e pela fé absoluta na sua realização. E ele se realizava, nem que fosse por um minuto. Foi o que ocorreu, assim que o *stáriets* cobriu a doente com a estola.

Muitas das mulheres que se comprimiam em redor dele vertiam lágrimas de enternecimento e de entusiasmo, sob a impressão daquele minuto; outras avançavam para beijar nem que fosse a orla do hábito dele; algumas lamentavam-se. Ele as abençoava a todas e conversava com elas. Conhecia já a possessa, que morava numa aldeia a 6 verstas do mosteiro; não era a primeira vez que lha traziam.

— Eis uma que vem de longe! — disse ele, apontando uma mulher ainda jovem, mas muito magra e desfeita, o rosto mais enegrecido que queimado. Estava de joelhos e fitava o *stáriets* com um olhar imóvel. Seu olhar tinha qualquer coisa de desvairado.

— Venho de longe, *bátiuchka,* de longe, a 300 verstas daqui. De longe, meu pai, de longe — repetiu a mulher como um estribilho, balançando a

cabeça da direita para a esquerda, com a face apoiada na palma de sua mão. Falava como que se lamentando. Há no povo uma dor silenciosa e paciente; entra em si mesma e se cala. Mas há uma outra que explode: manifesta-se por lágrimas e se expande em lamentações, sobretudo entre as mulheres. Não é mais ligeira que a dor silenciosa. As lamentações só se acalmam roendo e dilacerando o coração. Semelhante dor não quer consolações, repasta-se com a idéia de ser inextinguível. As lamentações são apenas a necessidade de irritar cada vez mais a ferida.

— A senhora é da cidade, sem dúvida? — continuou o *stáriets,* olhando-a com curiosidade.

— Moramos na cidade, *bátiuchka;* somos do campo, mas moramos na cidade. Vim para ver-te. Ouvimos falai de ti, *bátiuchka.* Enterrei meu filhinho bem novo, fui rogar a Deus, estive em três conventos e disseram-me: "Vai lá embaixo também, Nastássiuchka", isto é, vir ter com o senhor, *bátiuchka,* com o senhor. Vim, estava ontem de noite na igreja e eis-me aqui.

— Por que choras?

— Choro pelo meu filho, *bátiuchka;* ele estava com três anos, ia fazê-los dentro de três meses. Ê por causa dele que me atormento. Era o último; Nikítuchka e eu tivemos quatro, mas os meninos não ficam em nossa casa, bem-amado, não ficam. Enterrei os três primeiros, não tinha tanto pesar, mas este último, não posso esquecê-lo. É como se tivesse ficado diante de mim, não se vai embora. Estou de alma ressequida. Contemplo sua roupinha, sua camisinha, suas botinas, e soluço. Exponho tudo quanto restou depois dele, cada coisa, contemplo-as e choro. Digo a Nikítuchka, meu marido: "Ah, meu senhor, deixa-me ir em peregrinação". Ele é cocheiro, temos de tudo, meu pai, temos de tudo, vivemos por nossa conta, tudo nos pertence, os cavalos e os carros. Mas de que servem agora todos esses bens? Sem mim, meu Nikítuchka deve ter-se posto a beber, decerto, e, já antes, assim que eu me afastava fraquejava ele. Mas agora não penso mais nele, há três meses que abandonei a casa. Esqueci tudo e não quero mais lembrar-me de nada; que farei dele agora? Rompi com ele e com todos. E agora não desejaria ver minha casa e meus bens e preferiria mesmo ter perdido a vista.

— Escuta, mãe — proferiu o *stáriets.* — Outrora um grande santo avistou no templo uma mãe que chorava como tu, também por causa de seu filho único que o Senhor havia igualmente chamado a si. "Não sabes", disse-lhe o santo, "como são atrevidas essas criancinhas diante do trono de

Deus? Não há mesmo ninguém mais atrevido, no reino dos céus. 'Senhor. Tu nos deste a vida', dizem eles a Deus, 'mas apenas vimos o dia. Tu no-la tomaste.' Pedem e reclamam tão atrevidamente que o Senhor faz deles logo anjos. Por isso", disse o santo, "rejubila-te e não chores, teu filho acha-se agora na casa do Senhor, no coro dos anjos." Eis o que disse, nos tempos antigos, o santo à mulher que chorava. Era um grande santo e nada podia dizer-lhe que não 'fosse verdade. Sabe pois, mãe, que teu filho também se acha decerto diante do trono do Senhor, regozija-se, diverte-se e roga a Deus por ti. Podes chorar, mas rejubila-te.

A mulher escutava-o, com a face na mão, inclinada. Suspirou profundamente.

— Era da mesma maneira que Nikítuchka me consolava: "Não és razoável", dizia ele, "por que chorar? Nosso filho, decerto, canta agora com os anjos junto do Senhor". Diz-me isto e ele mesmo chora, vejo suas lágrimas. "Eu sei", digo eu, "Nikítuchka. Onde estaria ele senão na casa do Senhor? Somente não está mais aqui conosco, neste momento, bem perto, como ficava outrora." Oh! se eu pudesse revê-lo uma vez, uma vez apenas, sem me aproximar dele, sem falar, ocultando-me em um canto. Vê-lo somente um minuto, ouvi-lo brincar lá fora, vir, como vinha por vezes, gritar com sua vozinha: "Mamãe, onde estás?" Se eu pudesse ouvir seus pezinhos trotarem pelo quarto; bem muitas vezes, lembro-me, corria para mim com gritos e risadas. Se pudesse ao menos ouvi-lo! Mas ele não está mais lá, *bátiuchka,* e não o ouvirei nunca mais! Eis o seu cinto, mas ele não está mais lá e tudo acabou para sempre!...

Tirou do seu seio o cinturãozinho de passamanaria de seu filho; assim que o olhou, foi abalada por soluços, ocultando os olhos com seus dedos através dos quais corriam torrentes de lágrimas.

— Ah! — exclamou o *stáriets* —, isto é o antigo "Raquel chorando seus filhos sem poder ser consolada, porque eles não mais existem". Tal é a sorte que vos está destinada neste mundo, ó mães! Não te consoles, não é preciso que te consoles, chora, mas cada vez que chorares, lembra-te de que teu filho é um dos anjos de Deus, que, lá do alto, te olha e te vê, que se rejubila com tuas lágrimas e mostra-as ao Senhor; por muito tempo ainda tuas lágrimas maternais correrão, mas afinal tornar-se-ão uma alegria tranqüila, tuas lágrimas amargas serão lágrimas de enternecimento e de purificação, que salvam do pecado. Rogarei pelo repouso da alma de teu filho. Como se chamava ele?

— Alieksiéi, *bátiuchka,*

— Um belo nome. Tinha por santo padroeiro Alieksiéi, "homem de Deus"?

— Sim, *bátiuchka,* Alieksiéi, "homem de Deus".

— Que grande santo! Rogarei por ele, mãe, não esquecerei tua aflição em minhas preces; rogarei também pela saúde de teu marido, mas é um pecado abandoná-lo, volta para ele, toma bastante cuidado com ele. Lá do alto, teu filho vê que abandonaste seu pai e chora por vós. Por que perturbar a sua beatitude? Ele vive, porque a alma vive eternamente; não está em casa, mas encontra-se bem perto de vós, invisível. Como virá ele à tua casa, se dizes que a detestas? Para quem virá ele, se não vos encontra em casa, se não vos encontra juntos, o pai e a mãe? Ele te aparece agora e ficas atormentada; então enviar-te-á doces sonhos. Volta para teu marido, mãe, hoje mesmo.

— Irei, bem-amado, segundo a tua palavra; leste em meu coração. Nikítuchka, tu me esperas, meu querido, tu me esperas — começava a mulher a lamentar-se, mas já o *stáriets* se voltava para uma velhinha, vestida não de peregrina, mas de citadina. Pelos seus olhos, via-se que tinha um caso, que viera para comunicar alguma coisa. Era a viúva dum suboficial, morador de nossa cidade. Seu filho, Vássienhka, empregado num comissariado, partira para Irkutsk, na Sibéria. Escrevera duas vezes, mas havia um ano que estava ela sem notícias; havia-se informado, mas na verdade não sabia mesmo onde informar-se.

— Um dia destes, Stiepanida Ilínichna Biedriáguina, uma rica comerciante, me dizia: "Escreve o nome de teu filho num papel, Prókhorovna, vai à igreja e encomenda preces pelo repouso de sua alma. Sua alma ficará angustiada e ele te escreverá. É este", afirmou Stiepanida Ilínichna, "um meio seguro e freqüentemente posto em prática". Tenho somente dúvidas... Tu, que és nossa luz, dize-me se isso é verdade ou mentira, bem ou mal?

— Guarda-te bem disso. É até vergonhoso pedi-lo. Como se pode rezar pelo repouso de uma alma viva, e ainda por cima sua própria mãe? É um grande pecado, como a feitiçaria; somente tua ignorância vale-te o perdão. Reza, antes, pela saúde dele à Rainha dos Céus, a Pronta Medianeira, Auxiliadora dos Pecadores, a fim de que ela te perdoe o teu erro. Escuta, Prókhorovna: ou teu filho voltará em breve para ti, ou

enviará decerto uma carta. Fica sabendo. Vai em paz, teu filho está vivo, digo-te.

— Bem-amado, que Deus te recompense, a ti, nosso benfeitor, que reza por nós todos e pelos nossos pecados...

Mas o *stáriets* já havia notado na multidão o olhar ardente, dirigido para ele, duma camponesa de aspecto de tuberculosa, acabada, se bem que ainda jovem. Ela olhava em silêncio, seus olhos imploravam alguma coisa, mas parecia temer aproximar-se.

— Que queres, minha cara?

— Alivia minha alma, bem-amado * — murmurou ela, docemente. Sem pressa, pôs-se de joelhos, prosternou-se a seus pés. — Pequei, meu bom pai, e tenho medo do meu pecado.

O *stáriets* sentou-se sobre o derradeiro degrau. A mulher aproximou-se dele, sempre de joelhos.

— Sou viúva há três anos — começou ela à meia voz. — Era penoso viver com meu marido, era velho e batia-me duramente. Estava deitado, doente, e, pensava eu, olhando-o: "Mas se ele se restabelecer e se levantar de novo, que acontecerá então?" E esta idéia não me deixou mais...

— Espera — disse o *stáriets,* e aproximou seu ouvido dos lábios dela. A mulher continuou com uma voz que mal se ouvia. Logo terminou.

— Há três anos? — perguntou o *stáriets.*

— Três anos. A princípio, não pensava nisso, mas a doença chegou e estou cheia de angústia.

— Vens de longe?

— Caminhei 500 verstas.

— Confessaste-te?

— Confessei-me duas vezes.

— Foste admitida à comunhão?

— Admitiram-me. Tenho medo; tenho medo de morrer.

— Não temas nada e nunca tenhas medo, não te apoquentes. Contanto que o arrependimento perdure, Deus perdoa tudo. Não há pecado sobre a terra que Deus não perdoe àquele que se arrepende sinceramente.

O homem não pode cometer pecado tão grande que esgote o amor infinito de Deus. Porque, poderá haver pecado que ultrapasse o amor de Deus? Sem cessar, não sonhes senão com o arrependimento e bane todo temor. Crê que Deus te ama como não podes imaginá-lo, se bem que te ame em teu pecado e com teu pecado. Haverá mais alegria nos céus por um pecador que se arrepende do que por dez justos. Não te aflijas a respeito dos outros e não te irrites com as injúrias. Perdoa em teu coração ao defunto todas as suas ofensas contra ti, reconcilia-te com ele em verdade. Se te arrependes, é que o amas. Ora, se amas, serás já de Deus... O amor tudo redime e tudo salva. Se eu, um pecador como tu, me enterneci, se tive piedade de ti, com mais forte razão o Senhor. O amor é um tesouro tão inestimável que em troca podes adquirir o mundo inteiro e redimir não só teus pecados, mas os dos outros. Vai e não temas nada.

Fez três vezes sobre ela o sinal-da-cruz, tirou de seu pescoço uma pequena, imagem, passou-a no pescoço da pecadora, que se prosternou em silêncio até o chão. Ele se levantou e olhou alegremente uma mulher robusta que trazia nos braços um bebê.

— Venho de Vichegórie, bem-amado.

— Tu te cansaste andando 6 verstas com esse menino. Que queres?

— Vim ver-te. Não é a primeira vez, já te esqueceste? Tens memória fraca, se não te lembras de mim. Dizia-se lá em nossa aldeia que estavas doente. "Pois bem", pensei, "eu mesma irei vê-lo!" Vejo que não tens nada. Viverás ainda vinte anos, palavra! Não rezam bastante por ti? Como haverias de cair doente?

— Obrigado por tudo, minha cara.

— A propósito, tenho um pequeno pedido a fazer-te. Aqui estão 60 copeques. Dá-os a uma outra mais pobre do que eu. Ao vir para cá, pensava: "Valerá melhor entregá-los a ele, que saberá a quem dá-los".

— Obrigado, minha cara, obrigado, minha boa mulher, eu te amo. Não deixarei de fazer o que pedes. É uma menina que tens nos braços?

— Uma menina, bem-amado, Lisavieta.

— Que o senhor vos abençoe a todas duas, a ti e à pequena Lisavieta, Tu alegraste meu coração, mãe. Adeus, minhas queridas filhas.

Abençoou a todas e fez-lhes uma profunda reverência.

IV

UMA DAMA SEM MUITA FÉ

A dama proprietária, recentemente chegada, testemunha dessa conversação com as mulheres do povo e da bênção, vertia suaves lágrimas que enxugava com seu lenço. Era uma mulher da sociedade, sensível, de tendências virtuosas. Quando o *stáriets* a abordou, por fim, acolheu-o com entusiasmo.

— Experimentei uma tal impressão, contemplando essa cena enternecedora... — a emoção cortou-lhe a palavra. — Oh! Compreendo que o povo vos ame, eu mesma amo o povo. Como não se haveria de amar nosso excelente povo russo, tão ingênuo na sua grandeza?

— Como vai sua filha? Quis de novo entreter-se comigo?

— Oh! Pedi instantemente, tenho suplicado, estava pronta a me pôr de joelhos e a ficar três dias diante de vossas janelas, até que me deixásseis entrar. Vimos, grande curador, exprimir-vos todo o nosso reconhecimento entusiasta. Porque fostes vós que curastes Lisa, completamente, quinta-feira, rezando diante dela e impondo-lhe as mãos. Tínhamos pressa em beijar essas mãos, em testemunhar nossos sentimentos e nossa veneração.

— Eu a curei, diz a senhora? Ela, porém, está ainda deitada em sua poltrona.

— Mas as febres noturnas desapareceram completamente há dois dias, a partir de quinta-feira — disse a dama com uma solicitude nervosa. — Não é tudo: suas pernas fortificaram-se. Esta manha, levantou-se de boa saúde. Olhai suas cores e seus olhos que brilham. Chorava constantemente, agora já, está alegre, jovial. Hoje, exigiu que a pusessem de pé e manteve-se um minuto sozinha, sem nenhum apoio. Quer apostar comigo que dentro de quinze dias dançará uma quadrilha? Mandei chamar o Doutor Herzenstube; ele levanta os olhos e diz: "Estou admirado, não compreendo nada disso". E queríeis vós que não vos incomodássemos, que não acorrêssemos aqui, para agradecer-vos? Lisa, vamos, agradece!

O rostinho de Lisa tornou-se subitamente sério. Ergueu-se de sua poltrona tanto quanto pôde e, fitando o *stáriets,* juntou as mãos, mas não pôde conter-se e pôs-se a rir.

— É dele que rio, dele — disse ela, mostrando Aliócha, contrariada por não poder impedir-se de rir. Observando-se o rapaz, que se mantinha por trás do *stáriets,* ter-se-ia visto que suas faces se cobriam dum rápido rubor. Seus olhos brilharam e ele os baixou.

— Ela tem um recado para você, Alieksiéi Fiódorovitch... Como vai você? — continuou ela dirigindo-se a Aliócha e estendendo-lhe a mão deliciosamente enluvada. O *stáriets* voltou-se e examinou Aliócha. Este aproximou-se de Lisa e estendeu-lhe a mão, sorrindo acanhadamente. Lisa assumiu um ar grave.

— Catarina Ivânovna pediu-me que lhe remetesse isto — e entregou-lhe uma pequena carta. — Ela lhe pede que vá vê-la o mais cedo possível e sem falta.

— Ela me pede que eu vá à casa dela? Por quê?... — murmurou Aliócha com profundo espanto. Seu rosto tornou-se preocupado.

— Oh! Ê a propósito de Dimítri Fiódorovitch e... de todos esses últimos acontecimentos — explicou rapidamente a mãe. — Catarina Ivânovna firmou-se agora numa decisão... mas para isso deseja vê-lo ... Por quê? Ignoro-o, decerto, mas pediu ela que fosse o mais cedo possível e você não deixará de ir lá, os sentimentos cristãos o obrigam a isto.

— Vi-a uma vez ao todo — continuou Aliócha, sempre perplexo.

— Oh! É uma criatura tão nobre, tão inacessível!... Quando menos pelos seus sofrimentos... Considere o que tem ela suportado, o que ela suporta agora e o que a espera... Tudo isto é horrível, horrível!

— Está bem, irei — decidiu Alieksiéi, depois de ter lido o bilhete, curto e enigmático, que não continha nenhuma explicação, a não ser a súplica instante para que ele fosse.

— Ah! Como é gentil de sua parte — exclamou Lisa, animadamente. — Dizia eu a mamãe: "Ele jamais irá, está tratando de sua salvação". Como você é bom! Sempre pensei que você era bom. É um prazer dizer-lho agora!

— Lisa! — disse gravemente a mãe, que, aliás, sorriu.

— Você nos esqueceu, Alieksiéi Fiódorovitch, não quer absolutamente visitar-nos. Entretanto, Lisa me disse duas vezes que só se encontrava bem em sua companhia. — Aliócha ergueu seus olhos baixos, corou de novo e sorriu sem saber por quê. Aliás o *stáriets* não o observava

mais. Entrara em conversa com o monge que aguardava sua vinda, como o dissemos, ao lado da cadeira de Lisa. Era, pelo que se via, um monge duma condição das mais modestas, de idéias estreitas e paradas, mas crente e obstinado a seu modo. Contou que vivia longe, no norte, em Obdorsk, no Convento de São Silvestre, pobre mosteiro, que só contava nove monges. O *stáriets* - abençoou-o, convidou-o a vir à sua cela, quando bem lhe parecesse.

— Como tentais semelhantes coisas? — perguntou o monge, mostrando gravemente Lisa. Fazia alusão à sua "cura".

— É ainda demasiado cedo para falar disso. Um alívio não é a cura completa e pode ter outras causas. Mas o que pôde passar-se é unicamente devido à vontade de Deus. Tudo vem dele. Venha ver-me, padre — acrescentou ele —, eu não poderei vir sempre; estou doente e sei que meus dias estão contados.

— Oh! não, não, Deus não vos arrebatará de nós, vivereis ainda muito tempo, muito tempo — exclamou a mãe. — Além disso, qual a vossa doença? Pareceis de tão bom aspecto, alegre e feliz.

— Sinto-me muito melhor hoje, mas sei que não é por muito tempo. Conheço agora a fundo minha doença. Se lhe pareço tão alegre, nada me pode causar mais prazer que ouvi-la dizer isso. Porque a felicidade é o fim do homem, e aquele que tem sido completamente feliz tem o direito de dizer a si mesmo: "Cumpri a lei divina nesta terra". Os justos, os santos, os mártires todos foram felizes.

— Oh! As ousadas, as sublimes palavras! — exclamou a mãe. — Elas nos traspassam! Entretanto, onde está a felicidade? Quem pode dizer-se feliz? Oh! já que tivestes a bondade de permitir que vos viéssemos ser ainda hoje, escutai tudo quanto não vos disse na derradeira vez, tudo quanto não ousava dizer-vos, aquilo de que sofro desde tanto tempo! Porque eu sofro, desculpai-me, eu sofro... —' e, num ímpeto de fervor, juntou as mãos diante dele.

— De que, particularmente?

— Sofro... porque não creio...

— Não crê em Deus?

— Oh! Não, não, não ouso pensar nisso, mas a vida futura, que enigma! E ninguém pode responder a isto! Escutai-me, vós que conheceis

a alma humana e a curais; sem dúvida, não ouso pedir-vos que me acrediteis absolutamente, mas asseguro-vos, da maneira mais solene, que não é por leviandade que falo agora, essa idéia da vida de além-túmulo me emociona até o sofrimento, até o espanto e o pavor... E não sei a quem dirigir-me, não ousei toda a minha vida... Agora me permito dirigir-me a vós... Oh! Deus! Por quem me tomais?

Bateu as mãos uma contra a outra.

— Não se inquiete com a minha opinião — respondeu o *stáriets.* — Creio perfeitamente na sinceridade de sua angústia.

— Oh! Como vos sou grata! Vede: fecho os olhos e sonho. Se todos acreditam, donde vem isto? Assegura-se que tudo isto provém a princípio do medo, inspirado pelos fenômenos grandiosos da natureza, mas que nada existe. Pois bem! penso eu, acreditei toda a minha vida; morrerei e não haverá nada e somente "a relva brotará sobre o tumulo", como se exprime um escritor. É horrível! Como recuperar a fé? Aliás, cri somente na minha infância, mecanicamente, sem pensar em nada... Como me convencer? Vim inclinar-me diante de vós e rogar-vos que me esclareçais. Porque se deixo passar a ocasião presente nunca mais me responderão. Como persuadir-me? De acordo com que provas? Quanto sou infeliz! Em redor de mim, ninguém se preocupa com isto, quase ninguém; ora, não posso suportar isto sozinha. É esmagador!

— Decerto, é esmagador. Mas onde nada se pode provar, pode a gente persuadir-se.

— Como? De que maneira?

— Pela experiência do amor que age. Esforce-se por amar seu próximo com ardor e sem cessar. À medida que progredir no amor, convencer-se-á a senhora da existência de Deus e da imortalidade de sua alma. Se for até a abnegação total no seu amor ao próximo, então acreditará indubitavelmente e nenhuma dúvida mesmo poderá aflorar sua alma. Está isto demonstrado pela experiência.

— O amor que age! Eis ainda uma questão, e que questão! Vede: amo tanto a humanidade que, acreditaríeis vós?, sonho por vezes abandonar tudo quanto tenho, deixar Lisa e fazer-me irmã de caridade. Fecho os olhos, sonho e devaneio; nesses momentos, sinto em mim uma força invisível. Nenhum ferimento, nenhuma chaga purulenta poderia horrorizar-me. Eu as pensarei, as lavarei com minhas próprias mãos, serei

a enfermeira desses pacientes, prestes a beijar suas úlceras...

— Já é muito que a senhora tenha tais pensamentos. Por acaso acontecer-lhe-á praticar verdadeiramente uma boa ação.

— Sim, mas poderia eu suportar muito tempo tal existência? — continuou a dama, apaixonadamente, com um ar quase desvairado. — Eis a questão capital, a que mais me atormenta. Fecho os olhos e pergunto a mim mesma: "Persistidas muito tempo nessa via? Mas se o doente, cujas úlceras tu lavas, te pagar com ingratidão, se puser a atormentar-te com seus caprichos, sem apreciar nem notar teu devotamento, se gritar contra ti, se se mostrar exigente e queixar-se mesmo à diretoria (como acontece muitas vezes quando se sofre muito), farás então o quê? Continuará o teu amor?" Imaginai que já decidi, com um arrepio: "Se há alguma coisa que possa esfriar imediatamente meu amor *que age* em favor da humanidade, é unicamente a ingratidão". Numa palavra: trabalho por um salário, exijo-o imediatamente, sob forma de elogios e de amor em troca do meu. De outro modo, não posso amar ninguém.

Depois de haver-se assim fustigado, num acesso de sinceridade, ela fitou o *stáriets* com um atrevimento provocante.

— É exatamente o que me contava, há muito tempo, aliás, um médico — observou o *stáriets*.— — - Era um homem de idade madura e verdadeiramente inteligente, exprimia-se tão francamente quanto a senhora, se bem que brincando, mas com tristeza. "Eu amo", dizia ele, "a humanidade, mas admiro-me de mim mesmo. Tanto mais amo a humanidade em geral, quanto menos amo as pessoas em particular, como indivíduos. Muitas vezes tenho sonhado apaixonadamente em servir à humanidade, e talvez tivesse verdadeiramente subido ao calvário por meus semelhantes, se tivesse sido preciso, muito embora não possa viver com ninguém dois dias no mesmo quarto. Sei-o por experiência. Desde que alguém está junto de mim, sua personalidade oprime meu amor-próprio e constrange minha liberdade. Em 24 horas, posso mesmo antipatizar com. as melhores pessoas uma, porque fica muito tempo na mesa, outra, porque está resfriada e só faz espirrar. Torno-me o inimigo, dos homens, apenas se acham eles em contato comigo. Em compensação, invariavelmente, quanto mais detesto as pessoas em particular, tanto mais ardo de amor pela humanidade em geral."

— Mas que fazer? Que fazer em semelhante caso? É de desesperar.

— Não, porque basta que a senhora fique desolada. Faça o que puder e ser-lhe-á levado isso em conta. A senhora já fez muito para ser capaz de conhecer-se a si mesma, de maneira tão profunda, tão sincera. Se me falou agora com tal franqueza, unicamente para receber meus elogios pela sua veracidade, não atingirá nada, seguramente, no domínio do amor que age. Tudo se limitará a sonhos e sua vida escoar-se-á como um sonho. Então, naturalmente, esquecerá a vida futura e para o fim tranqüilizar-se-á duma maneira ou de outra.

— Vós me acabrunhais! Compreendo somente agora, como acabais de dizer-me, que, ao contar-vos o horror que sinto pela ingratidão, esperava vossos elogios à minha sinceridade, e nada mais. Sugerisies, captastes meus pensamentos para mos revelardes.

— Fala sério? Pois bem! depois de tal confissão, creio que a senhora é boa e sincera. Se não atingir a felicidade, lembre-se sempre de que está no bom caminho e trate de não sair dele. Sobretudo, evite toda mentira, particularmente a mentira para consigo mesma. Observe sua mentira, examine-a a cada instante. Evite também a repugnância para com os outros e para consigo mesma: o que lhe parece mau na senhora mesma está purificado, pelo simples fato de que o notou na senhora. Evite também o temor, se bem que seja ele somente a conseqüência de toda mentira. Não tema jamais sua própria covardia na procura do amor, não se deixe mesmo atemorizar demais pelas suas más .ações a esse propósito. Lamento nada poder dizer-lhe de mais rejubilante, porque o amor que age, comparado com o amor contemplativo, é algo de cruel e de atemorizante. O amor contemplativo tem sede de realização imediata e de atenção geral. Chega-se ao ponto de dar sua vida, com a condição de que isso não dure muito tempo, e que tudo se acabe rapidamente, como no palco, sob os olhares e os elogios. O amor atuante é o trabalho e o domínio de si, e para alguns toda uma ciência. Ora, predigo-lhe que no momento mesmo em que a senhora verificar com terror que, malgrado todos os seus esforços, não somente não se aproximou a senhora do alvo, mas até mesmo dele se afastou — nesse momento, predigo-lhe —, a senhora atingirá o alvo e verá acima da senhora a força misteriosa do Senhor, que a terá guiado com amor, sem que a senhora soubesse. Desculpe-me não poder demorar mais tempo com a senhora. Esperam-me. Adeus.

A dama chorava.

— Lisa, Lisa, abençoai-a — disse ela com ímpeto.

— Ela não merece ser amada. Vi-a divertir-se todo o tempo — brincou o *stáriets.* — Por que zombou de Alieksiéi?

Lisa, com efeito, dedicara-se todo o tempo a isso. Desde muito tempo, desde o ano anterior, notara que Aliócha se perturbava na sua presença, evitava olhá-la, e isto tornou-se muito divertido para ela. Fitava-o, buscava seu olhar. Não resistindo àquele olhar fixo obstinadamente sobre ele, Aliócha, impelido por uma força invisível, olhava-a por sua vez; imediatamente ela se abria num sorriso triunfante. Isto aumentava a confusão e o despeito de Aliócha. Afinal, afastou-se completamente dela, ocultando-se por trás do *stáriets.* Ao fim de alguns minutos, como que hipnotizado, voltou-se para ver se o olhavam. Lisa, quase fora de sua cadeira, observava-o de viés e esperava impaciente-mente que ele a olhasse; tendo assim captado o olhar dele, explodiu em tal gargalhada que o *stáriets* não pôde conter-se.

— Por que, sua brejeira, faz você que ele core dessa maneira?

Lisa ficou toda vermelha, seus olhos brilharam, seu rosto ficou sério e com voz lamentosa, indignada, disse nervosamente:

— Por que esqueceu ele tudo? Quando eu era bem pequenina, carregava-me em seus braços, brincávamos juntos. Foi ele quem me ensinou a ler, sabíeis? Há dois anos, ao partir, disse que não o esqueceria jamais, que éramos amigos para sempre, para sempre! E ei-lo agora que tem medo de mim, como se eu fosse comê-lo. Por que não se aproxima e não quer falar? Por qual razão não nos vem ver? Não é porque vós o retenhais, pois sabemos que ele vai a toda parte. Não é conveniente para mim convidá-lo. Deveria ele lembrar-se por primeiro, se não esqueceu. Não, agora trata de sua salvação! Por que o revestistes desse hábito de longas abas?... Se correr, cairá...

De súbito, não suportando mais, ocultou o rosto nas mãos e rebentou numa gargalhada nervosa, prolongada, silenciosa, que a sacudia toda. O *stáriets,* que a havia escutado sorrindo, abençoou-a com ternura; ao beijar-lhe a mão, ela a apertou contra seus olhos e se pôs a chorar.

— Não vos zangueis comigo, sou uma bobinha, não valho coisa alguma... Aliócha tem talvez razão em não querer ir à casa duma moça tão ridícula.

— Eu lho mandarei lá, sem falta — cortou o *stáriets.*

V

ASSIM SEJA!

A ausência do *stáriets* durara cerca de 25 minutos. Era mais de meio-dia e meia e Dimítri Fiódorovitch, por causa de quem se havia convocado a reunião, ainda não tinha chegado. Mas tinham-no quase esquecido e quando o *stáriets* reapareceu na cela encontrou seus visitantes ocupados numa conversação bastante animada. Travava-se, sobretudo, entre Ivã Fiódorovitch e os dois religiosos. Miúsov a ela se misturava com ardor, mas sem grande êxito. Ficava em segundo plano e não lhe respondiam, o que só fazia aumentar sua irritabilidade. Anteriormente, já havia feito duelo de erudição com Ivã Fiódorovitch e não podia suportar de sangue-frio certa falta de atenções da parte deste último. "Até agora, pelo menos, estava eu ao nível de tudo quanto há de progressista na Europa, mas essa nova geração nos ignora totalmente", pensava consigo mesmo. Fiódor Pávlovitch, que havia jurado ficar sentado sem dizer palavra, guardou silêncio por algum tempo, mas observava, com um sorriso zombeteiro, seu vizinho Piotr Alieksándrovitch, cuja irritação o alegrava visivelmente. Desde muito tempo se dispunha a pagar-lhe na mesma moeda e não queria deixar passar a ocasião. Por fim, não se conteve mais, inclinou-se para o ombro de seu vizinho e mexeu com ele à meia voz.

— Por que não partiu ainda há pouco, depois da anedota do santo, e consentiu em ficar em companhia tão inconveniente? Ê que, sentindo-se humilhado e ofendido, ficou o senhor para mostrar seu espírito e tirar sua vingança. Agora o senhor não se irá embora, sem tê-lo mostrado.

— O senhor recomeça? Vou-me embora agora mesmo, pelo contrário.

— Será o último a sair — lançou-lhe Fiódor Pávlovitch.

O *stáriets* voltou quase imediatamente.

A discussão parou por um minuto, mas, tendo o *stáriets* retomado seu lugar, passou seu olhar sobre os assistentes como para convidá-los a continuar. Aliócha, que conhecia cada expressão de seu rosto, viu que ele estava extenuado e exigia demais de suas forças. Nos últimos tempos de

sua doença, desmaiava de fraqueza. A palidez que era o sintoma disto espalhava-se agora pelo seu rosto; tinha os lábios exangues, mas não queria evidentemente despedir a assembléia, tendo para isto suas razões. Quais? Aliócha observava-o com atenção.

— Comentamos um artigo bastante curioso do senhor — explicou o Padre Iósif, o bibliotecário, designando Ivã Fiódorovitch. — Há muitas apreciações novas, mas a tese parece de dois gumes. É um artigo em resposta a um padre, autor de uma obra a respeito dos tribunais eclesiásticos e da extensão de seus direitos.

— Infelizmente, não li seu artigo, mas ouvi falar dele — respondeu o *stáriets,* olhando atentamente para Ivã Fiódorovitch.

— O senhor coloca-se dum ponto de vista bastante curioso — continuou o padre bibliotecário. — Parece rejeitar absolutamente a separação da Igreja e do Estado na questão dos tribunais eclesiásticos.

— É curioso, mas em qual sentido? — perguntou o *stáriets* a Ivã Fiódorovitch.

Este respondeu-lhe afinal, não com um ar altivo, pedante, como Aliócha receava ainda na véspera, mas num tom modesto, discreto, excluindo qualquer segunda intenção.

— Parto do princípio de que esta confusão dos elementos essenciais da Igreja e do Estado, tomados separadamente, durará sem dúvida sempre, se bem que seja impossível e jamais se possa levá-la a um estado não somente normal mas um pouco conciliável, porque repousa sobre uma mentira. Um compromisso entre a Igreja e o Estado, em questões tais como a da justiça, por exemplo, é, na minha opinião, essencialmente impossível. O eclesiástico a quem replico sustenta que a Igreja ocupa no Estado um lugar preciso e definido. Objetar-lhe que a Igreja, pelo contrário, longe de ocupar apenas um canto no Estado, devia absorver o Estado inteiro, e que se isto é atualmente impossível, deveria ser, por definição, o alvo direto e principal de todo o desenvolvimento ulterior da sociedade cristã...

— Perfeitamente justo — declarou com voz firme e nervosa o Padre Paísi, religioso taciturno e erudito.

— É ultramontanismo puro! — exclamou Miúsov, cruzando as pernas em sua impaciência.

— Pois se nem sequer temos montes em nosso país! — exclamou o Padre Iósif, que continuou, dirigindo-se ao *stáriets.* — O senhor refuta os princípios "fundamentais e essenciais" de seu adversário, um eclesiástico, notai-o. Ei-los: em primeiro lugar: "Nenhuma associação pública pode nem deve atribuir-se o poder, dispor dos direitos políticos e civis de seus membros"; em segundo lugar: "O poder, em matéria civil e criminal, não deve pertencer à Igreja, porque é incompatível com sua natureza, como instituição divina e como associação que se propõe fins religiosos". Afinal, em terceiro lugar: "A Igreja é um reino que não é deste mundo".

— É este um jogo de palavras totalmente indigno de um eclesiástico! — interrompeu, de novo, o Padre Païsi, com impaciência. — Li a obra que o senhor refuta — disse ele, dirigindo-se a Ivã Fiódorovitch —, e fiquei surpreso diante das palavras daquele padre: "A Igreja é um reino que não é deste mundo". Se ela não é deste mundo, não poderia existir sobre a terra. No Santo Evangelho, as palavras "não és deste mundo" são empregadas num outro sentido. É impossível brincar com semelhantes palavras. Nosso Senhor Jesus Cristo veio precisamente estabelecer a Igreja sobre a terra. O reino dos céus, bem entendido, não é deste mundo, mas do céu, e nele só se entra pela Igreja, a qual foi fundada e estabelecida sobre a terra. Também os trocadilhos mundanos a este respeito são impossíveis e indignos. A Igreja é verdadeiramente um reino, está destinada a reinar, e finalmente seu reino se estenderá sobre o universo inteiro, temos disso a promessa...

Calou-se de repente, como que se contendo. Ivã Fiódorovitch, depois de havê-lo escutado com deferência e atenção, com a maior calma, continuou com a mesma simplicidade, dirigindo-se ao *stáriets.*

— A idéia mestra de meu artigo é que o cristianismo, nos três primeiros séculos de sua existência, aparece sobre a terra como uma Igreja e não era outra coisa. Quando o Estado romano pagão adotou o cristianismo, aconteceu que, tornado cristão, incorporou a si a Igreja, mas continuou a ser um Estado pagão numa multidão de atribuições. No fundo, era isso inevitável. Roma, como Estado, herdara por demais da civilização e da sabedoria pagas, como, por exemplo, os fins e as próprias bases do Estado. A Igreja do Cristo, entrada no Estado, não podia evidentemente nada cortar de suas bases, da pedra sobre a qual repousava; só podia prosseguir os seus fins, firmemente estabelecidos e indicados pelo próprio Senhor, entre outros: converter em Igreja o mundo inteiro e, por conseqüência, o Estado pagão antigo. Dessa maneira (isto é, em vista

do futuro), não era a Igreja que devia procurar para si um lugar definido no Estado, como "toda associação pública", ou como "uma associação que se propunha fins religiosos" (para empregar os termos do autor que refuto), mas, pelo contrário, todo Estado terrestre devia posteriormente converter-se em Igreja, não ser senão isso, renunciar a seus outros fins incompatíveis com os da Igreja. Isto não o humilha absolutamente, não diminui nem sua honra, nem sua glória, como grande Estado, nem a glória de seus chefes, mas isto a faz deixar a falsa via, ainda paga e errada, pela via justa, a única que leva aos fins eternos. Eis por que o autor do livro sobre as *Bases da Justiça Eclesiástica* teria pensado com justeza se, procurando e propondo essas bases, as tivesse considerado como um compromisso provisório, necessário ainda à nossa época pecadora e imperfeita, mas nada mais. Desde, porém, que o autor ousa declarar que as bases que propõe agora, e das quais o Padre Iósif acaba de enumerar uma parte, são inabaláveis, primordiais, eternas, está ele em oposição direta à Igreja e sua predestinação santa imutável. Eis a exposição completa de meu artigo.

— Isto é, em duas palavras — disse o Padre Iósif, fazendo força sobre cada palavra —, segundo certas teorias, que não fizeram senão revelar-se por demais no nosso século XIX, a Igreja deve converter-se em Estado, passar como que dum tipo inferior a um superior, a fim de absorver-se em seguida nele, depois de ter cedido à ciência, ao espírito do tempo, à civilização. Se ela se recusa a isso e resiste, não lhe reservam no Estado senão um pequeno lugar, vigiando-a, e por toda parte é esse o caso na Europa de nossos dias. Pelo contrário, segundo a concepção e a esperança russas, não é a Igreja que deve converter-se em Estado como que dum tipo inferior em um superior, é, pelo contrário, o Estado que deve finalmente mostrar-se digno de ser unicamente uma Igreja e nada mais. Assim seja! Assim seja!

— Pois bem, confesso-o, o senhor me reconfortou um pouco — disse Miúsov, sorrindo e cruzando de novo as pernas. — Tanto quanto o compreendo, é a realização dum ideal infinitamente longínquo, por ocasião do regresso do Cristo. É tudo quanto se quer. O sonho utópico do desaparecimento das guerras, dos diplomatas, dos bancos, etc .. Alguma coisa que se assemelhe mesmo ao socialismo. Ora, pensava eu que tudo isso era sério, que a Igreja ia "agora", por exemplo, julgar os criminosos, condenar ao chicote, à galé e até mesmo à pena de morte.

— Se houvesse atualmente um só tribunal eclesiástico, a Igreja não

enviaria agora às galés ou ao suplício. O crime e a maneira de encará-lo deveriam então seguramente modificar-se pouco a pouco, não duma só vez, mas, no entanto, bastante depressa... — declarou num tom tranqüilo Ivã Fiódorovitch.

— Fala seriamente? — interrogou Miúsov, fitando-o.

— Se a Igreja absorvesse tudo, excomungaria o criminoso e o refratário, mas não cortaria as cabeças — continuou Ivã Fiódorovitch. — Pergunto-vos: aonde iria o excomungado? Porque deveria, então, não somente separar-se das pessoas, mas do Cristo. Pelo seu crime, insurgir-se-ia não só contra as pessoas, mas contra a Igreja do Cristo. É o caso, atualmente, sem dúvida, no sentido estrito, no entanto não é proclamado, e a consciência do criminoso de hoje transige muitas vezes: "Roubei", diz ela, "mas não vou contra a Igreja, não sou o Inimigo do Cristo". Eis o que diz freqüentemente o criminoso de hoje. Pois bem, quando a Igreja tiver substituído o Estado, ser-lhe-á difícil falar assim, a menos que negue a Igreja na terra inteira: 'Todos", diria ele, "estão no erro, todos se desviaram, a Igreja deles é falsa, somente eu, assassino e ladrão, sou a verdadeira Igreja cristã". É dificílimo manter esta linguagem, supõe isto condições extraordinárias, circunstâncias que raramente existem. Atualmente, considerai de outra parte o ponto de vista da própria Igreja para com o crime: será que não deveria modificar-se em oposição ao de hoje, que é quase pagão, e, de meio mecânico de cortar um membro gangrenado, como se pratica atualmente para preservar a sociedade, transformar-se totalmente na idéia da regeneração do homem, de sua ressurreição e de sua salvação?...

— Que quer dizer isso? Deixo de novo de compreender — interrompeu Miúsov. — Ainda um sonho. Algo de informe, de incompreensível. Que excomunhão é essa? Creio que o senhor se diverte simplesmente, Ivã Fiódorovitch.

— Na realidade, é assim mesmo atualmente — começou o *stáriets* è todos se voltaram para ele. —r- Se não houvesse agora a Igreja do Cristo, não haveria para o criminoso nem freio a seus crimes, nem castigo, uma vez cometidos, isto é, um castigo real, não mecânico, como o senhor acaba de dizer, e que não faz senão irritar na maior parte dos casos, mas o único eficaz, o único que amedronta e acalma e que consiste na confissão de sua própria consciência...

— Como se pode dar isso, permita-me que lho pergunte? — disse

Miúsov com viva curiosidade.

— Pois vou dizer-lhe — prosseguiu o *stáriets.* — Todas essas deportações a trabalhos forçados, agravadas outrora por punições corporais, não emendam ninguém e sobretudo não atemorizam quase nenhum criminoso; o numero dos crimes não somente não diminui, mas só faz aumentar, à medida que se avança. Estarão nisto de acordo comigo. Resulta que dessa maneira não fica a sociedade de modo algum preservada, porque, muito embora o membro nocivo seja mecanicamente cortado e mandado para longe, oculto à vista, outro criminoso surgiu em seu lugar, talvez mesmo dois. Se alguma coisa protege ainda a sociedade, mesmo em nossos dias, emenda o próprio criminoso e faz dele outro homem, é ainda unicamente a lei do Cristo que se manifesta pela voz de sua própria consciência. Somente depois de ter reconhecido sua falta como filho da sociedade do Cristo, isto é, da Igreja, é que a reconhecerá diante da própria sociedade, isto é, diante da Igreja. Dessa maneira, é somente diante da Igreja que o criminoso contemporâneo é capaz de reconhecer sua falta e não diante do Estado. Se a justiça pertencesse à sociedade na qualidade de Igreja, saberia então a quem revogar da excomunhão, a quem admitir em seu seio. Agora, a Igreja, não tendo nenhuma justiça efetiva, mas somente a possibilidade de uma condenação moral, renuncia ela própria a castigar efetivamente o criminoso. Não o excomunga, cerca-o de sua edificação paternal. Mais ainda, esforça-se mesmo por conservar com o criminoso todas as relações entre a Igreja e o cristão; admite-o aos ofícios, à comunhão, faz-lhe caridade e trata-o mais como transviado do que como criminoso. E que seria do criminoso, Senhor, se a sociedade crista, isto é, a Igreja, o rejeitasse como o rejeita e o exclui a lei civil? Que aconteceria, se a Igreja o excomungasse cada vez que o castiga a lei do Estado? Não poderia haver maior desespero, pelo menos para os criminosos russos, porque estes ainda têm fé. Ora, aliás, quem sabe, aconteceria talvez uma coisa terrível — a perda da fé no coração ulcerado do criminoso, e, então, que haveria? Mas a Igreja, como uma mãe terna, renuncia ela mesma ao castigo efetivo, visto que sem isto o culpado já é demasiado duramente punido pelo tribunal secular e é preciso haver alguém que tenha compaixão dele. Renuncia a isso sobretudo porque a justiça da Igreja encerra em si unicamente a verdade e não pode juntar-se, por conseqüência, essencial e moralmente, a nenhuma outra, mesmo sob a forma de compromisso provisório. Aqui, é impossível transigir. O criminoso estrangeiro, dizem, arrepende-se raramente, porque as

doutrinas contemporâneas o confirmam na idéia de que seu crime não é um crime, mas somente uma revolta contra a força que o oprime injustamente. A sociedade o afasta de si mesma por meio de uma força que triunfa dele totalmente de maneira mecânica e acompanha essa exclusão de ódio (é assim, pelo menos, que se conta na Europa) — de ódio, de uma indiferença e dum esquecimento completos a respeito do destino ulterior desse homem, do ponto de vista fraternal. Dessa maneira, tudo se passa sem que a Igreja testemunhe a menor compaixão, porque em numerosos casos não há mais Igreja lá, não subsistem senão eclesiásticos e edifícios magníficos, esforçando-se as próprias Igrejas desde muito tempo por passar do tipo inferior, como Igreja, ao tipo superior, como Estado. É assim pelo menos, parece, nos países luteranos. Em Roma, há já mil anos que em lugar da Igreja proclamou-se o Estado. Assim o próprio criminoso não se reconhece membro da Igreja e, excomungado, cai no desespero. Se volta para a sociedade, é freqüentemente com tal ódio que a própria sociedade o exclui espontaneamente de seu seio. Podeis julgar como isso acaba. Em numerosos casos, parece que o mesmo ocorre entre nós; mas o fato é que, de parte os tribunais estabelecidos, temos além disso a Igreja, que não perde jamais o contato com o criminoso, que é para ela um filho sempre caro; além do mais, existe e subsiste, ainda que apenas em idéia, a justiça da Igreja, se bem que não efetiva agora, mas viva para o futuro, mesmo em sonho, e reconhecida certamente pelo próprio criminoso, pelo instinto de sua alma. O que se acaba de dizer aqui é justo, a saber, que se a justiça da Igreja entrasse em vigor, isto é, que se a sociedade inteira se convertesse em Igreja, então não somente a justiça da Igreja influiria sobre a emenda do criminoso como não o faz nunca atualmente, mas os próprios crimes diminuiriam em proporção inverossímil. E a Igreja, sem dúvida alguma, compreenderia no futuro, em numerosos casos, o crime e os criminosos duma maneira toda diferente da atual; saberia converter o excomungado, prevenir as intenções criminosas, regenerar o decaído. É verdade — e o *stáriets* sorriu — que a sociedade cristã não está ainda preparada para isso e só repousa sobre sete justos; mas como eles não se enfraquecem, permanece ela na expectativa de sua transformação completa de associação quase paga em Igreja única, universal e reinante. Assim será, nem que seja no fim dos séculos, porque só isto está predestinado a cumprir-se! E não há por que preocupar-se a propósito dos tempos e dos prazos, porque o mistério deles depende da sabedoria de Deus, de sua presciência, de seu amor. E o que, a vistas humanas, parece bastante afastado está talvez, pela predestinação divina, em vésperas de

cumprir-se. Assim seja!

— Assim seja! — confirmou respeitosamente o Padre Paísi.

— Estranho, estranho no mais alto grau! — proferiu Miúsov, num tom de indignação contida.

— Que encontra nisso de estranho? — informou-se com precaução o Padre Iósif.

— Francamente, que é que isso significa? — exclamou Miúsov, de súbito agressivo. — O Estado é eliminado e instaura-se a Igreja em seu lugar! É ultramontanismo na segunda potência. O próprio Gregório VII não o tinha sonhado!

— Sua interpretação é o contrário da verdade! — disse severamente o Padre Paísi. — Não é a Igreja que se converte em Estado, notai-o bem, isto é Roma e seu sonho, é a terceira tentação diabólica. Pelo contrário, é o Estado que se converte em Igreja, que se eleva até ela e torna-se uma Igreja sobre a terra inteira, o que é diametralmente oposto a Roma, ao ultramontanismo, à vossa interpretação, e não é senão a missão sublime reservada à ortodoxia no mundo. É no Oriente que essa estrela começará a resplender.

Miúsov manteve um silêncio significativo. Toda a sua pessoa refletia uma dignidade extraordinária. Um sorriso de condescendência apareceu em seus lábios. Aliócha observava-o, com o coração palpitante. Toda aquela conversação havia-o emocionado extremamente. Olhou por acaso para Rakítin, imóvel no mesmo lugar, o qual escutava atento, de olhos baixos. Pelo seu rubor, adivinhou Aliócha que estava tão comovido quanto ele próprio; sabia por quê.

— Permiti-me, senhores, que vos conte uma anedota — começou Miúsov, com ar digno e imponente. — Tive ocasião, em Paris, após o golpe de Estado de dezembro, de visitar um de meus conhecidos, personagem importante, então no poder. Encontrei em casa dele um indivíduo bastante curioso que, sem ser de todo um policial, dirigia uma brigada da polícia política, posto bastante influente. Aproveitando da ocasião, conversei com ele por curiosidade; recebido na qualidade de subalterno que apresenta um relatório, ao ver-me em bons termos com seu chefe, testemunhou-me relativa franqueza, isto é, mais polidez que franqueza, à maneira dos franceses, tanto mais quanto sabia que eu era estrangeiro. Mas compreendi-o perfeitamente. Tratava-se dos socialistas

revolucionários que estavam então sendo perseguidos. Negligenciando o resto de sua conversa, contentar-me-ei em relatar uma observação muito curiosa que escapou àquela personagem: "Não tememos demais*', declarou ele, "todos esses socialistas, anarquistas, ateus e revolucionários, nós os vigiamos e estamos ao corrente de seus atos e gestos. Mas entre eles existe uma categoria particular, na verdade pouco numerosa: são os que crêem em Deus, embora sendo socialistas. Eis os que tememos mais que todos, é uma corja temível! O socialista cristão é mais perigoso que o socialista ateu". Estas palavras tinham-me abalado então, e agora, senhores, junto de vós, elas me voltam à memória...

— Quer dizer que o senhor as aplica a nós e vê em nós socialistas? — perguntou sem rebuços o Padre Paísi. Mas antes que Piotr Alieksán-drovitch tivesse encontrado uma resposta, a porta se abriu e Dimítri Fiódorovitch entrou, consideravelmente atrasado. Na verdade, não o esperavam mais e sua aparição súbita causou a princípio certa, surpresa.

VI

POR QUE TAL HOMEM EXISTE?

Dimítri Fiódorovitch, jovem homem de 28 anos, de estatura média e de presença agradável, parecia, no entanto, notavelmente mais velho. Era musculoso e adivinhava-se nele uma força física considerável; no entanto, seu rosto magro, de faces chupadas, a tez dum amarelo doentio, tinha uma expressão enfermiça. Seus olhos negros, à flor da testa, mostravam um olhar vago, se bem que parecesse obstinado. Mesmo quando estava agitado e falava com irritação, seu olhar não correspondia a seu estado de alma e exprimia algo de diferente, por vezes nada em harmonia com o minuto presente. "É difícil saber em que ele pensa", costumavam dizer os que falavam com ele. Em certos dias, seu riso súbito, atestando idéias alegres e travessas, surpreendia aqueles que o acreditavam, no mesmo momento, pelos seus olhos, pensativo e tristonho. Aliás, sua expressão um pouco sofredora naquele momento nada tinha de espantoso; todo mundo estava a par de sua vida agitada e dos excessos a que se entregava naqueles últimos tempos, da mesma maneira que se conhecia a exasperação que dele se apoderava em suas discussões com seu pai, por questões de dinheiro. Circulavam na cidade anedotas a este respeito. Na

verdade, era irascível por natureza, "de um espírito impetuoso e irregular", como o caracterizou numa reunião nosso juiz de paz Siemion Ivânovitch Katchálhnikov. Entrou vestido de modo elegante e irreprochável, com a sobrecasaca abotoada, de luvas pretas, a cartola na mão. Como oficial desde pouco tempo reformado, só trazia no momento os bigodes. Seus cabelos castanhos estavam cortados curtos e penteados para a frente. Caminhava a grandes passadas, com ar decidido. Tendo parado um instante na soleira da porta, passeou o olhar pela assistência e dirigiu-se diretamente ao *stáriets,* adivinhando nele o dono da casa. Fez-lhe uma profunda vênia e pediu-lhe a bênção. Tendo-se levantado o *stáriets* para dar-lha, Dimítri Fiódorovitch beijou-lhe a mão com respeito e declarou com agitação e com um ar quase irritado:

— Queira desculpar-me por me ter feito esperar tanto. Mas como insistisse em conhecer a hora da entrevista, o criado Smierdiákov, enviado por meu pai, respondeu-me duas vezes, categoricamente, que estava marcada para 1 hora. E, agora, venho a saber...

— Não se atormente — disse o *stáriets* —, não é nada, o senhor está um pouco atrasado, não há mal nisso.

— Sou-lhe muito grato e não esperava menos de sua bondade. Depois destas palavras lacônicas, Dimítri Fiódorovitch inclinou-se de

novo, depois, voltando-se para o lado de seu pai, fez-lhe a mesma saudação profunda e respeitosa. Via-se que havia ele premeditado aquela saudação, com sinceridade, considerando como uma obrigação exprimir assim sua deferência e suas boas intenções. Fiódor Pávlovitch, se bem que apanhado de improviso, saiu-se à sua maneira: em resposta à saudação do filho, levantou-se de sua cadeira e retribuiu-lhe igualmente. Seu rosto se tornou grave e imponente, o que não deixava de dar-lhe um aspecto mau. Depois de ter respondido em silêncio às saudações dos presentes, Dimítri Fiódorovitch dirigiu-se com seu passo decidido para a janela e ocupou o único assento livre, não longe do Padre Paísi; inclinado sobre sua cadeira, preparou-se para escutar a continuação da conversa interrompida.

A chegada de Dimítri Fiódorovitch passara-se em dois ou três minutos e a conversação prosseguiu. Mas desta vez Piotr Alieksándrovitch não creu necessário responder à pergunta premente e quase irritada do Padre Paísi.

— Permitam-me que abandone esse assunto — declarou ele, com

certa, desenvoltura mundana. — É aliás um assunto delicado. Vejam lva Fiódorovitch sorrindo para meu lado; tem provavelmente algo de curioso a dizer a esse propósito. Perguntem-lhe.

— Não de particular — respondeu logo Ivã Fiódorovitch. — Farei somente observar que, desde muito tempo já, o liberalismo europeu em geral e mesmo nosso diletantismo liberal russo confundem freqüentemente os resultados finais do socialismo com os do cristianismo. Essa conclusão extravagante é aliás um traço característico. Por outro lado, como se vê, não somente os liberais e os diletantes confundem em muitos casos o socialismo e o cristianismo, há também os gendarmes, no estrangeiro, bem entendido. A anedota parisiense do senhor é bastante característica a esse respeito, Piotr Alieksándrovitch.

— Em geral, peço de novo permissão para abandonar o assunto — repetiu Piotr Alieksándrovitch. — Contar-lhes-ei antes outra anedota bastante interessante e bastante característica, a propósito de Ivã Fiódorovitch. Há cinco dias, numa reunião em que se achavam sobretudo senhoras, declarou ele solenemente, no curso duma discussão, que nada no mundo obrigava as pessoas a amar seus semelhantes, que não existia nenhuma lei natural ordenando ao homem que amasse a humanidade; que se o amor havia reinado até o presente sobre a terra, era isto devido não à lei natural, mas unicamente à crença das pessoas em sua imortalidade. Ivã Fiódorovitch acrescentou entre parênteses que nisso está toda a lei natural, de sorte que se destruís no homem a fé em sua imortalidade, não somente o amor secará nele, mas também a força de continuar a vida no mundo. Mais ainda, não haverá então nada de imoral, tudo será autorizado, até mesmo a antropofagia. Não é tudo: terminou afirmando que para cada indivíduo — nós agora, por exemplo — que não acredita nem em Deus, nem em sua imortalidade, a lei moral da natureza devia imediatamente tornar-se o inverso absoluto da precedente lei religiosa; que o egoísmo, mesmo levado até a perversidade, devia não somente ser autorizado, mas reconhecido como a saída necessária, a mais razoável e quase a mais nobre. De acordo com tal paradoxo, julguem o resto, senhores, julguem o que o nosso querido e excêntrico Ivã Fiódorovitch acha bom proclamar e suas intenções eventuais...

— Com licença — exclamou de súbito Dimítri Fiódorovitch. — Se bem entendi, "a perversidade deve não somente ser autorizada, mas reconhecida como a saída mais necessária e a mais razoável de cada ateu"! É bem isto?

— É exatamente isso — disse o Padre Paísi.

— Haverei de lembrar-me!

Dito isto, Dimítri Fiódorovitch calou-se tão subitamente quanto tinha tomado parte na conversa. Todos o olharam com curiosidade.

— Será possível que o senhor encare dessa forma as conseqüências do desaparecimento nas pessoas da crença na imortalidade da alma? — perguntou de súbito o *stáriets* a Ivã Fiódorovitch.

— Sim, afirmei-lo Não há virtude sem imortalidade.

— Ê feliz se assim acredita; pode-se ser muito infeliz!

— Por que infeliz? — objetou Ivã Fiódorovitch, sorrindo.

— Porque, segundo toda aparência, não crê o senhor nem na imortalidade da alma, nem mesmo no que escreveu a respeito da questão da Igreja.

— Talvez tenha o senhor razão!... No entanto, não brinquei absolutamente — confessou de modo estranho Ivã Fiódorovitch, corando imediatamente.

— O senhor não brincou absolutamente, é verdade. Essa idéia não está ainda resolvida no seu coração e tortura-o. Mas o mártir também gosta por vezes de divertir-se com seu desespero, igualmente como para esquecê-lo. No momento, é por desespero que o senhor se diverte com artigos de revistas e com discussões mundanas, sem acreditar na sua dialética e zombando dela dolorosamente a sós consigo. Esta questão não está ainda resolvida no senhor, e é isso que causa seu tormento, porque reclama ela imperiosamente uma solução.

— Mas pode ela ser resolvida em mim, resolvida no sentido positivo? — perguntou ainda de modo estranho Ivã Fiódorovitch, olhando o *stáriets* com um sorriso inexplicável.

— Se não puder ser resolvida no sentido positivo, não o será nunca no sentido negativo; o senhor mesmo conhece essa propriedade de seu coração; é isso que o tortura. Mas agradeça ao Criador o ter-lhe dado um coração sublime, capaz de assim atormentar-se, "de meditar nas coisas celestes e procurá-las, porque nossa morada está nos céus". Que Deus lhe conceda encontrar a solução ainda aqui embaixo e abençoe os seus caminhos!

O *stáriets* ergueu a mão e quis, de seu lugar, fazer o sinal-da-cruz sobre Ivã Fiódorovitch. Mas este se levantou, foi até ele, recebeu sua bênção e, tendo-lhe beijado a mão, voltou a seu lugar sem dizer uma palavra. Tinha o ar firme e sério. Essa atitude e toda a sua conversa precedente com o *stáriets,* que não era esperada de sua parte, impressionaram a todos por não sei que de enigmático e solene; de sorte que um silêncio geral reinou por um instante e o rosto de Aliócha exprimia quase terror. Mas Miúsov ergueu os ombros ao mesmo tempo que Fiódor Pávlovitch se levantava.

— Divino e santo *stáriets* — exclamou ele, designando Ivã Fiódorovitch —, eis meu filho bem amado, a carne de .minha carne! É por assim dizer o meu muito reverencioso Karl Moor, mas eis meu outro filho que acaba de chegar, Dimítri Fiódorovitch, contra o qual exijo satisfação perante o senhor — é o irreverentíssimo Frantz Moor —, ambos tirados de *Os Bandidos,* de Schiller; e eu, nesta circunstância, sou o Regierender Graf von Moor! Julgue-nos e salve-nos! Temos necessidade não somente de suas preces, mas de seus vaticínios!

— Fale duma maneira ajuizada e não comece por ofender seus próximos — respondeu o *stáriets* com voz extenuada. Sua fadiga aumentava e suas forças decresciam visivelmente.

— É uma comédia indigna que eu previa, ao vir aqui! — exclamou com indignação Dimítri Fiódorovitch, que também se havia erguido. — Desculpe-me, reverendo padre, sou pouco instruído e ignoro mesmo como o chamam, mas enganaram-no, e foi o senhor demasiado bom para nos conceder esta entrevista em sua casa. Meu pai tinha necessidade absoluta de escândalo. Com que fim? É negócio dele. Só age calculadamente. Mas agora creio saber por quê...

— Todo mundo me acusa! — gritou por sua vez Fiódor Pávlovitch — inclusive Piotr Alieksándrovitch. Sim, o senhor me acusou, Piotr Alieksándrovitch! — prosseguiu, voltando-se para Miúsov, se bem que este não pensasse absolutamente em interrompe-lo. — Acusam-me de ter ocultado o dinheiro de meu filho e de não lhe ter dado um vintém sequer! Mas, pergunto-lhes, não há tribunais? Ali, Dimítri Fiódorovitch, de acordo com seus recibos, de acordo com as cartas e convênios, far-se-á a conta do que você tinha, de suas despesas e do que lhe resta! Por que evita Piotr Alieksándrovitch pronunciar-se? Dimítri Fiódorovitch não lhe é estranho. É porque estão todos contra mim; ora, Dimítri Fiódorovitch

continua a dever-me, não uma pequena soma, mas vários milhares de rublos, do que posso dar as provas. Seus excessos provocam conversinhas da cidade inteira. Nas suas antigas guarnições gastou mais de 1 milhar de rublos para seduzir moças honestas; nós o sabemos, Dimítri Fiódorovitch, da maneira mais circunstanciada, e demonstrá-lo-ei... Reverendo padre, acreditaria o senhor que fez com que se apaixonasse por ele uma moça das mais distintas, de excelente família com fortuna, filha de seu antigo chefe, um bravo coronel que serviu meritòriamente à pátria, condecorado com o colar de Santa Ana com gládios? Essa moça, que ele comprometeu, oferecendo-se para casar com ela, mora agora aqui, órfã, é sua noiva, e aos olhos dela freqüenta ele uma sereia. Se bem que esta última tenha vivido em união livre com um homem respeitável, mas de caráter independente, é uma fortaleza inexpugnável para todos, tal como uma mulher legítima, porque ela é virtuosa, sim, meus reverendos padres, ela é virtuosa! Ora, Dimítri Fiódorovitch quer abrir aquela fortaleza com uma chave de ouro, eis por que faz-se de bravo agora comigo, quer subtrair-me dinheiro, já gastou milhares de rublos por causa dessa sereia; além disso anda pedindo dinheiro emprestado sem cessar, e a quem, sabem os senhores? Devo dizê-lo ou não, Mítia?

— Cale-se! — exclamou Dimítri Fiódorovitch. — Espere que eu me retire, evite enodoar na minha presença a mais nobre das moças... Ê já uma vergonha para ela que tenha ousado fazer alusão a isso... Não o tolerarei!

Estava sufocado.

— Mítia, Mítia! — gritou Fiódor Pávlovitch, nervoso e fazendo força para chorar. — E a bênção paterna, que fazes dela? Se eu te amaldiçoar, que acontecerá?

— Tartufo sem-vergonha! — rugiu Dimítri Fiódorovitch.

— É assim que trata a seu pai, a seu pai! Como o fará aos outros? Escutem, senhores, há aqui um homem pobre, mas honrado; capitão reformado, que foi dispensado em conseqüência de uma desgraça, mas não em virtude de um julgamento, de reputação intata, sobrecarregado de numerosa família. Há três semanas, o nosso Dimítri Fiódorovitch agarrou-o pela barba num botequim, arrastou-o pela rua e surrou-o em público, pela mera razão de estar esse homem secretamente encarregado de meus interesses em determinado negócio.

— Mentira tudo isso! Aparentemente é verdade, no fundo, pura

mentira! — disse Dimítri Fiódorovitch, tremendo de cólera. — Meu pai, não justifico minha conduta; sim, convenho publicamente que fui brutal para com esse capitão. Agora lamento isso e minha brutalidade me causa horror, mas esse capitão, encarregado de seus negócios, foi procurar aquela pessoa que o senhor chama de sereia e lhe propôs de parte do senhor avalizar minhas promissórias, que estão em seu poder, a fim de perseguir-me e mandar-me prender, no caso de apertá-lo eu demais a propósito de nosso ajuste de contas. Se o senhor quer atirar-me na prisão é unicamente por ciúme dela, porque o senhor mesmo começou a andar em roda dessa mulher — estou ao corrente de tudo. Ela só fez rir, está ouvindo? E foi zombando do senhor que o repeliu. Tal é, meus reverendos padres, esse homem, esse pai que censura a má conduta de seu filho. Os senhores, que são testemunhas, perdoem minha cólera, mas pressentia eu que esse pérfido velho os convocara a todos aqui para provocar um escândalo. Vim na intenção de perdoar, se ele me estendesse a mão, de perdoar-lhe e de pedir-lhe perdão! Mas como acaba ele de insultar não somente a mim, mas à moça mais nobre, cujo nome não ouso pronunciar em vão, porque a respeito, decidi desmascará-lo publicamente, se bem que seja meu pai.

Não pôde continuar. Seus olhos faiscavam, respirava com dificuldade. Todos os presentes estavam emocionados, exceto o *stáriets,* todos se haviam levantado, agitados. Os religiosos olhavam com olhar severo, mas aguardavam a vontade do *stáriets.* Este último estava pálido, não de emoção, mas de fraqueza doentia. Um sorriso suplicante desenhava-se em seus lábios; erguia por vezes a mão como para conter aqueles furiosos. Teria podido, com um só gesto, pôr fim à cena; mas parecia esperar qualquer coisa e olhava fixamente, como se quisesse ainda compreender um ponto que lhe teria escapado. Por fim, Piotr Alieksándrovitch sentiu-se definitivamente humilhado, atingido na sua dignidade.

— No escândalo que acaba de desenrolar-se, somos todos culpados! — declarou ele, apaixonadamente. — Mas não previa tudo isso vindo aqui, se bem que soubesse com quem tratava... É preciso acabar com isso sem tardar. Meu reverendo padre, fique certo de que não conhecia eu exatamente todos os detalhes revelados aqui, não queria acreditar neles e fico conhecendo-os pela primeira vez. O pai está com ciúmes de seu filho por causa de uma mulher de má vida e entende-se com essa criatura para lançá-lo na prisão... E é em semelhante companhia que me fizeram vir aqui... Enganaram-me, declaro ter sido enganado tanto

quanto os outros...

— Dimítri Fiódorovitch! — gritou de súbito Fiódor Pávlovitch, com uma voz que não era a sua. — Se não fosse você meu filho, eu o desafiaria agora mesmo a um duelo... a pistola, a três passos... através de um lenço, através de um lenço — terminou ele, sapateando.

Há nos velhos mentirosos que representaram comédia a vida inteira momentos em que entram de tal maneira em seu papel que tremem e choram com verdadeira emoção, se bem que no mesmo instante possam dizer a si mesmos (ou logo depois): 'Tu mentes, velho descarado, és um ator -mesmo agora, malgrado tua santa cólera".

Dimítri Fiódorovitch ficou sombrio, mirando seu pai com um desprezo indizível. Eu pensava... — disse ele em voz baixa — eu pensava voltar ao país natal com aquele anjo, minha noiva, para cuidar da velhice dele, e que vejo? Um debochado luxurioso e um vil comediante!

— A um duelo! — gritou de novo o velho, ofegante e babando a cada palavra. — Quanto ao senhor, Piotr Alieksándrovitch Miúsov, fique sabendo que em toda a sua linhagem não há talvez mulher mais nobre e mais honesta — está entendendo? —, mais honesta do que essa criatura, como se permitiu o senhor chamá-la ainda há pouco! Quanto a você, Dimítri Fiódorovitch, que substituiu sua noiva por essa "criatura*', você mesmo julgou que sua noiva não valia a sola dos sapatos dela!

— É vergonhoso! — deixou escapar o Padre Iósif.

— É vergonhoso e infame! — gritou com uma voz juvenil, trêmula de emoção, o rosto rubro, Kolgánov, que havia até então guardado silêncio.

— Por que tal homem existe? — rugiu surdamente Dimítri Fiódorovitch, a quem a cólera quase enlouquecia. Ergueu os ombros a ponto de parecer corcunda. — Não, dizei-me, pode-se permitir ainda que ele desonre a terra? — Lançou um olhar circundante e apontou para o velho com a mão. Falava num tom lento, medido.

— Estais ouvindo, monges, estais ouvindo o parricida?! — exclamou Fiódor Pávlovitch, dirigindo-se ao Padre Iósif. — Eis a resposta ao vosso "Ê vergonhoso!" Que é que é vergonhoso? Essa "criatura", essa "mulher de má vida" é talvez mais santa que vós todos, senhores religiosos, que tratais de vossa salvação! Ela caiu talvez na sua juventude, vítima do meio, mas

"muito amou". Ora, o Cristo também perdoou aquela que muito amou...

— O Cristo não perdoou tal amor... — deixou escapar em sua impaciência o manso Padre Iósif.

— Não, foi esse amor mesmo, monges, esse mesmo. Cuidais de vossa salvação comendo couves e vos acreditais sábios. Corneis cadozes, um por dia, e pensais poder comprar Deus com cadozes.

— É intolerável, intolerável! — ouviu-se de todos os lados.

Mas essa cena escandalosa cessou da maneira mais inesperada. De súbito, o *stáriets* se levantou. Alieksiéi, que quase enlouquecera de medo por ele e por todos, pôde, no entanto, segurá-lo pelo braço. O *stáriets* dirigiu-se para o lado de Dimítri Fiódorovitch e, ao chegar bem perto, ajoelhou-se diante dele. Aliócha pensou que ele tivesse caído de fraqueza, mas não era nada disso. Uma vez de joelhos, o *stáriets* prosternou-se aos pés de Dimítri Fiódorovitch numa profunda saudação, precisa e consciente; sua testa aflorou mesmo a terra. Aliócha ficou de tal maneira estupefato que nem mesmo o ajudou a levantar-se. Um leve sorriso pairava-lhe nos lábios.

— Perdoem, perdoem todos! — disse ele, saudando seus hóspedes para todos os lados.

Dimítri Fiódorovitch ficou alguns instantes como que petrificado: prosternar-se diante dele! Que significava aquilo? Por fim exclamou: "Ô Deus!", cobriu o rosto com as mãos e lançou-se para fora do quarto. Todos os hóspedes seguiram-no em fila, tão perturbados que se esqueceram de despedir-se do dono da casa e de cumprimentá-lo. Somente os religiosos se aproximaram para receber-lhe a bênção.

— Por que se prosternou ele? Será algum símbolo? — Fiódor Pávlovitch, de súbito acalmado, procurava assim travar uma conversa, não ousando, aliás, dirigir-se a alguém em particular. Transpunham naquele momento a cerca do eremitério.

— Não respondo por alienados — respondeu logo Piotr Alieksándrovitch, com aspereza. — Mas, em compensação, desembaraço-me de sua companhia, Fiódor Pávlovitch, e acredite que é para sempre. Onde está aquele monge de há pouco?...

"Aquele monge", isto é, o que os havia convidado a jantar com o padre abade, não se fizera esperar. Encontrara os hóspedes a tempo, no

momento em que estes desciam o patamar, como se tivesse estado todo o tempo à espera deles.

— Tenha a bondade, reverendo padre, de assegurar ao padre abade o meu profundo respeito e apresentar-lhe minhas desculpas; em conseqüência de circunstâncias imprevistas, é-me impossível, malgrado todo o meu desejo, aceitar o convite — declarou Piotr Alieksándrovitch ao monge, com irritação. —

— A circunstância imprevista sou eu! — interveio logo Fiódor Pávlovitch. — Escute, meu padre, é que Piotr Alieksándrovitch não quer ficar a meu lado, senão iria agora mesmo. Vá, Piotr Alieksándrovitch, não deixe de ir à casa do padre abade, e bom apetite! Fique sabendo que sou eu que me escapulo e não o senhor. Volto para casa, lá poderei comer, aqui, sinto-me incapaz, meu bem-amado parente.

— Não sou seu parente, jamais o fui, vil indivíduo.

— Disse isto de propósito para fazer-lhe raiva, porque o senhor repudia este parentesco embora seja meu parente, malgrado seus ares de importância, provar-lhe-ei pelo almanaque eclesiástico; enviar-te-ei o carro, Ivã, fica também, se quiseres. Piotr Alieksándrovitch, as conveniências lhe ordenam que se apresente em casa do padre abade; é preciso pedir desculpas das tolices que cometemos lá.

— É verdade que se vai embora? Não está mentindo?

— Piotr Alieksándrovitch, como o ousaria eu depois do que se passou? Deixei-me arrebatar, senhores, perdoem-me. Além disso, estou transtornado! E tenho vergonha. Senhores, pode-se ter o coração de Alexandre da Macedônia ou o de um cãozinho. Eu me assemelho ao cãozinho Fidelhka. Tornei-me tímido. Pois bem! Como ir ainda jantar depois de tal leviandade, encher-me dos assados do- mosteiro? Tenho vergonha, não posso, desculpem-me!

"O diabo sabe de que é ele capaz! Não terá ele a intenção de nos enganar?" Miúsov parou, irresoluto, seguindo com um olhar perplexo o palhaço que se afastava. Este voltou-se e, vendo que Piotr Alieksándrovitch o observava, enviou-lhe com a mão um beijo.

— Vai à casa do padre abade? — perguntou Miúsov a Ivã Fiódorovitch, num tom brusco.

— Por que não? Ele mandou convidar-me especialmente desde

ontem.

— Por desgraça, sinto-me verdadeiramente quase obrigado a comparecer a esse maldito jantar — continuou Miúsov no mesmo tom de irritação amarga, sem mesmo tomar cuidado com o mongezinho que o ouvia. — Ê preciso pelo menos desculpar-nos do que se passou e explicar que não fomos nós... Que pensa disto?

— Sim, é preciso explicar que não fomos nós. Além disso, meu pai não estará lá — observou Ivã Fiódorovitch.

— Era só o que faltava que seu pai estivesse lá! Maldito jantar.

No entanto todos para ele se dirigiam. O mongezinho escutava em silêncio. Ao atravessar o bosque, fez notar que o padre abade esperava desde muito tempo e estava atrasado mais de meia hora. Não lhe responderam. Miúsov mirava Ivã Fiódorovitch com um ar cheio de ódio.

"Ele vai ao jantar como se nada se tivesse passado", pensava ele. "Uma testa de bronze e uma consciência de Karamázov!"

VII

UM SEMINARISTA AMBICIOSO

Aliócha conduziu o *stáríets* ao seu quarto de dormir e fê-lo sentar no leito. Era uma peça muito pequena, com o mobiliário indispensável; a cama de ferro estreita tinha apenas uma almofada de feltro à guisa de colchão. A um canto, sobre uma estante, perto dos ícones, repousavam a cruz e o Evangelho. O *stáriets* deixou-se cair, extenuado. Seus olhos brilhavam, resfolegava. Uma vez sentado olhou fixamente Aliócha, como se meditasse em alguma coisa.

— Vai, meu caro, vai, Porfíri me basta, apressa-te. Têm necessidade de ti em casa do padre abade, servirás à mesa.

— Permita-me ficar aqui — disse Aliócha, com voz suplicante.

— És mais necessário lá. A paz não reina ali. Servirás e tornar-te-ás útil. Vêm os maus espíritos, recita uma oração. Fica sabendo, meu filho (o *stáriets* gostava de chamá-lo assim), que no futuro teu lugar não será aqui. Lembra-te disto, rapaz. Assim que Deus me tiver julgado digno de comparecer perante ele, deixa o mosteiro. Parte imediatamente.

Aliócha estremeceu.

— Que tens? Teu lugar não é aqui no momento. Abençôo-te tendo em vista uma grande tarefa a cumprir no mundo. Peregrinarás muito tempo. Deveras casar-te, é preciso. Deveras suportar tudo até voltares. Haverá muito que fazer. Mas não duvido de ti. Eis por que te envio. Que o Cristo seja contigo! Guarda-o e ele te guardará. Experimentarás uma grande dor e ao mesmo tempo serás feliz. Tal é tua vocação: procurar a felicidade na dor. Trabalha, trabalha sem cessar. Lembra-te de minhas palavras, doravante, porque entreter-me-ei ainda contigo, mas meus dias e mesmo minhas horas estão contados.

Viva agitação pintou-se no rosto de Aliócha. Seus lábios tremiam.

— Que tens de novo? — sorriu docemente o *stáriets.* — Que os mundanos chorem seus mortos; aqui nos regozijamos quando um padre agoniza. Nós nos rejubilamos e rezamos por ele. Deixa-me. Tenho de rezar. Vai, despacha-te. Fica junto de teus irmãos, e não somente junto de um, mas de ambos.

O *stáriets* ergueu a mão para abençoá-lo. Era impossível fazer objeções, muito embora Aliócha tivesse grande vontade de ficar. Queria também perguntar-lhe, estava mesmo com a pergunta nos lábios, o que significava aquela prosternação diante de seu irmão Dimítri, mas não ousou. Sabia que o *stáriets* lho teria ele próprio explicado, se tivesse podido. Portanto, não o queria. Ora, aquela saudação até o chão havia enchido Aliócha de estupefação; havia naquilo um sentido misterioso. Misterioso e talvez terrível. Uma vez fora da cerca do eremitério, para chegar ao mosteiro no começo da refeição em casa do padre abade (devia servir à mesa), seu coração se fechou e teve de deter-se: parecia-lhe ouvir de novo as palavras do *stáriets* predizendo seu fim próximo. O que tinha predito o *stáriets* com tal exatidão devia cumprir-se sem nenhuma dúvida. Aliócha acreditava naquilo cegamente. Mas como ficaria sem ele, sem vê-lo, nem ouvi-lo? E aonde iria? Ordenavam-lhe que não chorasse e que deixasse o mosteiro. Senhor! Desde muito tempo não sentia Aliócha semelhante angústia. Atravessou rapidamente o bosque que separava o eremitério do mosteiro e, incapaz de suportar os pensamentos que o acabrunhavam, pôs-se a contemplar *os* pinheiros seculares que orlavam o caminho. O trajeto não era longo, quinhentos passos no máximo; não se podia encontrar ninguém àquela hora, mas à primeira volta avistou Rakítin. Este esperava alguém.

— Seria a mim que esperavas? — perguntou Aliócha, quando o alcançou.

— Justamente — respondeu Rakítin, sorrindo. — Apressas-te em ir à casa do padre abade. Sei; oferece um jantar. Desde o dia em que recebeu o bispo e o General Parkhátov — lembras-te? — não houve jantar igual. Lá não estarei, mas tu vais para lá, servirás os pratos. Dize-me, Aliócha, que significa esse sonho? Queria perguntar-te.

— Que sonho?

— Mas aquela prosternação diante de teu irmão Dimítri Fiódorovitch. Bateu até com a cabeça no chão!

— Falas do Padre Zósima?

— Sim, dele.

— A testa?

— Ah! exprimi-me irreverentemente! Não tem importância. Pois bem, que significa aquele sonho?

— Ignoro, Micha, o que ele significa!

— Estava certo de que ele não to explicaria. Isto nada tem de espantoso, são sempre as mesmas santas frioleiras. Mas o truque foi jogado de propósito. Agora vão os beatos falar na cidade e espalhar na província: "Que significa esse sonho?" Na minha opinião, o velho é perspicaz; farejou um crime. Isso lá na tua casa está de feder.

Que crime?

Rakítin queria evidentemente dizer alguma coisa.

— Será na tua família que ele ocorrerá, esse crime. Entre teus irmãos e teu rico papai. Eis por que o Padre Zósima bateu com a testa para qualquer eventualidade. Depois, que acontecerá? "Ah! Isto fora predito pelo santo eremita, ele profetizou." No entanto, que profecia há nisso de bater com a cabeça? Não, dirão, é um símbolo, uma alegoria, e Deus sabe o quê! Será divulgado e lembrado: ele adivinhou o crime, designou o criminoso. Os "inocentes" agem sempre assim; fazem sobre o botequim o sinal-da-cruz e atiram pedras no templo. Da mesma maneira o teu *stáriets:* para um sábio, pauladas, mas diante de una assassino curva a cabeça.

— Que crime? Diante de qual assassino? Que é que estás contando?

Aliócha ficou como que pregado no lugar. Rakítin também parou.

— Que crime? Como se não o soubesses! Aposto que já pensaste nisso. A propósito, é curioso; escuta, Aliócha, tu dizes sempre a verdade, se bem que te assentes sempre entre duas cadeiras; pensaste nisso ou não? Responde.

— Pensei nisso — respondeu Aliócha em voz baixa. Rakítin perturbou-se.

— Como, também tu já pensaste nisso? — exclamou ele.

— Eu... não é que tenha pensado precisamente nisso — murmurou Aliócha —, mas acabas de falar tão' estranhamente a esse respeito que me pareceu tê-lo pensado eu mesmo.

— Estás vendo? (E como o exprimiste claramente!) Estás vendo? Hoje, ao veres teu pai e teu irmão Mítia, pensaste em um crime. Portanto, não me engano.

— Espera, espera um pouco — interrompeu-o Aliócha, perturbado. — Donde tiras tudo isso? E, em primeiro lugar, por que isso tanto te interessa?

— Duas perguntas diferentes, mas naturais. Responderei a cada uma separadamente. Donde tiro tudo isso? De nenhuma parte o teria tirado, se não tivesse compreendido hoje Dimítri Fiódorovitch, teu irmão, dum relance e totalmente, tal como ele é, segundo certa linha. Entre essas pessoas muito honestas, mas sensuais, há uma linha que não se deve transpor. De outro modo, golpeará seu pai até mesmo com uma faca. Ora, seu pai é um bêbedo e um debochado desenfreado, que jamais conheceu a medida em coisa alguma; nenhum dos dois se conterá, e pronto, eis todos dois no fosso.

— Não, Micha, se é só isso, reconfortas-me. Isso não chegará a esse ponto.

— Mas por que tremes tanto? Sabes por quê? Pode ele ser um homem honesto, Mítia (é estúpido, mas honesto), apenas é um sensual. Eis sua definição e o fundo de sua natureza. Foi seu pai quem lhe transmitiu sua abjeta sensualidade. A respeito de ti, somente, Aliócha, é que me espanto; como se dá que sejas virgem? És, no entanto, um Karamázov! Na família de vocês, a sensualidade chega até o frenesi. Ora, esses três seres sensuais espiam-se agora... de faca no bolso. Três deram cabeçadas, podes

ser o quarto.

— Enganas-te certamente a respeito daquela mulher. Dimítri a... despreza — disse Aliócha, fremente.

— Grúchenhka? Não, irmão, ele não a despreza. Já que abandonou publicamente sua noiva por causa dela, não a despreza. Aqui, irmão, aqui há qualquer coisa que não compreendes agora. Que um homem se apaixone por uma beldade qualquer, por um corpo de mulher, até mesmo somente por uma parte desse corpo (um voluptuoso me compreenderia imediatamente), entregará por causa dela seus próprios filhos, venderá pai e mãe, a Rússia e a pátria; honesto, irá roubar; manso, assassinará; fiel, trairá. O cantor dos pés femininos, Púchkin, celebrou-os em versos; outros não os cantam, mas não podem olhá-los a sangue frio. Mas não há somente os pés... Aqui, irmão, o desprezo é impotente. Ele despreza Grúchenhka, mas não pode destacar-se dela.

— Compreendo isso — disse, de repente, Aliócha.

— Deveras? E tu o compreendes, na verdade, para que o confesses desde a primeira palavra — declarou Rakítin com uma alegria maldosa. — Isso escapou-te por acaso. Nem por isso deixa a confissão de ser mais preciosa; por conseqüência, a sensualidade é para ti um assunto conhecido, já pensaste nela! Ah! o santinho! Tu és santo, Aliócha, convenho, mas és um santinho, e o diabo sabe em que é que já não pensaste, o diabo sabe o que já conheces! És virgem, mas já penetraste bastantes coisas, observo-te desde muito tempo. És tu mesmo um Karamázov, és um completo; portanto, a raça e a seleção significam alguma coisa. És sensual por teu pai e "inocente" por tua mãe. Por que tremes? Será verdade o que digo? Sabes? Grúchenhka me pediu: "Trá-lo aqui (isto é, tu) e eu lhe arrancarei a batina". E como tivesse insistido: "Trá-lo, trá-lo!", disse a mim mesmo: por que está ela tão curiosa dele? Sabes, ela também é uma mulher extraordinária!

— Dir-lhe-ás que não irei, jura-mo — disse Aliócha, com um sorriso constrangido. — Acaba, Mikhail, o que começaste, dir-te-ei em seguida o que penso. Para que acabar? Tudo é claro. Tudo isso, irmão, é uma velha canção. Se tu mesmo tens um temperamento sensual, que será de teu irmão Ivã, filho da mesma mãe? Porque também ele é um Karamázov. Ora, a natureza dos Karamázovi se resume assim: sensuais, ávidos no ganho e malucos! Teu irmão Ivã distrai-se agora escrevendo artigos de teologia por um cálculo estúpido que se ignora, sendo ele próprio ateu, e confessa essa

baixeza. Além disso, está a ponto de conquistar a noiva de seu irmão Mítia e parece perto de seu fim. De que maneira? Com o consentimento do próprio Mítia, porque este lhe cede a noiva com o único fim de se desembaraçar dela e ir juntar-se a Grúchenhka. £ tudo isso não obstante sua nobreza e seu desinteresse, nota-o. Tais indivíduos são os mais fatais. Como entendê-los, afinal? Tendo plena consciência de sua baixeza, comportam-se baixamente. Escuta agora: um velho barra o caminho a Mítia, seu próprio pai. Porque este está loucamente apaixonado por Grúchenhka, fica com a boca cheia de água somente ao vê-la. Foi unicamente por causa dela que provocou tal escândalo, somente porque Miusov tinha ousado chamá-la de criatura depravada. Está mais amoroso do que um gato. Antes, estava ela somente a seu serviço para certos negócios equívocos e nas suas tavernas; agora, depois de tê-la bem examinado, percebeu ele que ela lhe agradava, encarniça-se após ela e faz-lhe propostas desonestas naturalmente; pois bem, o pai e o filho encontram-se nesta estrada. Mas Grúchenhka reserva-se, hesita ainda e mexe com os dois, examina qual é o mais vantajoso, porque se se pode arrancar muito dinheiro do pai, em compensação ele não se casará, tornar-se-á talvez avarento para o fim e fechará sua bolsa. Em semelhante caso, Mítia também tem seu valor; não tem dinheiro mas pode casar-se. Sim, é capaz disso! Abandonará sua noiva, uma beldade incomparável, Catarina Ivânovna, rica, nobre e filha de coronel, para se casar com Grúchenhka, outrora mantida por Samsonov, um velho comerciante, mujique depravado e prefeito da cidade. De tudo isso, podem verdadeiramente resultar um conflito e um crime. Ora, é o que espera teu irmão Ivã. Dá ele assim um golpe duplo: toma posse de Catarina Ivânovna, pela qual morre de amores, e se apropria de seu dote de 60 000 rublos. Para um pobre-diabo como ele, um pobretão, não é coisa de desdenhar, no começo. E nota bem! Não somente não ofenderá Mítia, mas este lhe será grato até a morte. Porque sei de boa fonte que, na última semana, achando-se Mítia embriagado num restaurante com ciganos, exclamou que era indigno de Catarina, sua noiva, mas que seu irmão Ivã era digno dela. A própria Catarina Ivânovna acabará não repelindo um homem encantador como Ivã Fiódorovitch; já hesita entre eles. Mas como pode esse Ivã seduzir-vos para que estejais todos em êxtase diante dele? Ri-se de vós. Estou extasiado, diz ele, e festejo às vossas custas.

— Donde sabes tudo isso? Por que falas com tal segurança? — perguntou bruscamente Aliócha, franzindo o cenho.

— Mas por que me interrogas, temendo de antemão a resposta? Isto significa que reconheces que disse a verdade.

— Não gostas de Ivã. Ivã não se deixa seduzir pelo dinheiro.

— Deveras? E a beleza de Catarina Ivânovna? Não se trata somente de dinheiro, muito embora 60 000 rublos sejam bastante atraentes.

— Ivã olha mais alto. Milhares de rublos não o deslumbrariam. Não é nem o dinheiro nem a tranqüilidade que ele procura. Ivã procura talvez o sofrimento.

— Que sonho é esse ainda? Ah! vós outros... os nobres!

Ora! Micha, sua alma é impetuosa. Seu espírito é cativo. Tem ele um grande pensamento ainda não resolvido. É daqueles que não têm necessidade de milhões, mas de resolver seu pensamento,

— Ê um plágio. Alióeha, parafraseias o teu *stárieis.* Ora! Ivã propôs-vos um enigma! — gritou com visível animosidade Rakítin, cujo rosto se alterou e cujos lábios se contraíram. — E um enigma estúpido, não há nele nada a adivinhar. Faze um pequeno esforço e compreenderás. Seu artigo é ridículo e inepto. Ouvi ainda há pouco sua absurda teoria: "Se não há imortalidade da alma, então não há virtude, o que quer dizer que tudo é permitido". Lembras-te de como teu irmão Mítia gritou: "Lembrar-me-ei disso!" É uma teoria sedutora para os tratantes... Mas estou insultando, é uma estupidez... não os tratantes, mas os fanfarrões da escola com "uma profundeza de pensamento insolúvel". É um falastraz e isto quer dizer simplesmente no fundo: "Boné branco e branco boné". Toda a sua teoria não passa duma infâmia! A humanidade encontra em si mesma a força de viver para a virtude, mesmo sem crer na imortalidade da alma! Tira-a do amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade...

Rakítin acalorara-se, tinha dificuldade em conter-se. Mas de repente parou, como se se lembrasse de alguma coisa.

— Pois bem, basta! — disse ele, com um sorriso ainda mais forçado. — Por que ris? Pensas que sou um casca-grossa?

— Não, nem mesmo tinha idéia de pensá-lo. És inteligente, mas... deixemos isso. Sorri por estupidez. Compreendo que possas acalorar-te, Micha. Adivinhei pelo teu arrebatamento que tu mesmo não ^s indiferente para com Catarina Ivânovna. Há muito tempo que duvidava disso, irmão. Eis por que não gostas de Ivã. Tens ciúmes dele.

— E também do dinheiro dela? Vai até o fim.

— Não, não falarei do dinheiro, não quero ofender-te.

— Creio-o, porque o disseste, mas que o diabo vos leve, a ti e a teu irmão Ivã! Nenhum de vós compreende que, mesmo posta de parte Catarina Ivânovna, ele é muito pouco simpático. Que razão terei para gostar dele, com a breca! Ele me faz a honra de injuriar-me, Não terei o direito de retribuir-lhe?

— Jamais o ouvi dizer bem ou mal de ti. Não fala absolutamente de ti.

— Pois bem, contaram-me que anteontem, em casa de Catarina Ivânovna, disse boas de mim, tanto se interessava por este teu criado. Depois disso, ignoro qual irmão tem ciúme do outro. Houve ele por bem insinuar que, se eu não resignar à carreira de *arkhimandrit* e não largar a batina num futuro bem próximo, partirei para Petersburgo, entrarei para uma grande revista na qualidade de crítico, escreverei por uma dezena de anos e acabarei por tornar-me proprietário da revista. Publicá-la-ei então com orientação liberal e ateia, com uma tintura socialista, certo verniz mesmo de socialismo, mas tomando minhas precauções, isto é, nadando entre duas águas e ludibriando os imbecis. Sempre segundo o teu irmão, malgrado essa tintura de socialismo, colocarei minhas rendas em conta-corrente, pondo-as no momento em circulação, sob a direção dum judeuzinho qualquer, até que eu consiga construir um grande imóvel em Petersburgo; meus escritórios ocuparão um andar e alugarei os outros. Designou mesmo o local da casa, perto da nova ponte de pedra que se projeta, parece, entre a Rua Litiéinaia e Travessa Vibórskaia...

— Ah! Micha, isto se realizará talvez de ponta a ponta! — exclamou Alióeha, que não pôde conter um riso jovial.

— E você também zomba, Alieksiéi Fiódorovitch?

— Não, não, estou brincando, desculpa-me. Pensava em outra coisa bem diversa. Mas, dize-me, quem pôde comunicar-te tais detalhes, de quem os terias sabido? Porque não estavas em casa de Catarina Ivânovna, quando ele falava de ti.

— É verdade, mas Dimítri Fiódorovitch ali se achava e ouvi-o repetir isso, isto é, escutei contra a minha vontade, oculto no quarto de dormir de Grúchenhka, donde não podia sair em sua presença.

— Ah! sim, esquecia-me de que é tua parenta.

— Minha parenta? Essa Gruchka seria minha parenta? — exclamou Rakítin, todo vermelho. — Perdeste a razão? Tens o cérebro desarranjado.

— Como? Não é tua parenta? Ouvi dizer isto.

— Onde pudeste ouvi-lo? Ah! Senhores Karamazovi, tomais ares de alta e velha nobreza, quando teu pai bancava o palhaço na mesa alheia e figurava por favor na cozinha. Admitamos, não passo de filho de pope, um vil plebeu, ao lado de vós, nobres, mas não me insulteis com tão alegre sem-cerimônia. Tenho também minha honra, Alieksiéi Fiódorovitch. Não posso ser parente de Gruchka, uma mulher pública, compreende pois!

Rakítin estava violentamente superexcitado.

— Desculpa-me, pelo amor de Deus, não o teria nunca acreditado, aliás. É ela verdadeiramente... uma mulher pública? — Aliócha ficou completamente rubro. —Repito-te, disseram-me mesmo que era tua parenta. Vais muitas vezes à casa dela e tu mesmo me disseste que não tinhas ligação com ela... Jamais teria crido que a desprezasses tanto! Merece-o ela verdadeiramente?

— Se a freqüento, tenho talvez minhas razões para isso, mas basta. Quanto ao parentesco, será antes teu irmão ou mesmo teu pai que a fará entrar na tua família e não na minha. Mas eis-nos chegados. Vai antes à cozinha... Ora! Que é que há? Que está acontecendo? Estaríamos atrasados? Mas não é possível que já tenham acabado de jantar! A menos que os Karamazovi não tenham feito das suas. Deve ser isto. Eis teu pai e Ivã Fiódorovitch que o segue. Fugiram da casa do padre abade. Eis o Padre Isidoro no patamar a gritar alguma coisa na direção deles. E teu pai, que grita, agitando os braços. Decerto está descompondo. Eis Miúsov que parte de caleça, não o vês correr? O proprietário Maksímov corre; é um verdadeiro escândalo,' o jantar não se realizou! Teriam eles batido no padre abade? Ou então foram surrados! Teriam bem merecido uma surra!...

Rakítin tinha razão de fazer essas exclamações. Ocorrera de fato um escândalo inaudito e inesperado. Tudo se passara "por inspiração do momento".

VIII

UM ESCÂNDALO

Quando Miúsov e Ivã Fiódorovitch iam entrar em casa do padre abade, produziu-se em Piotr Alieksándrovitch — que era um homem educado — uma reviravolta delicada. Teve vergonha de sua cólera. Sentia em seu íntimo que deveria estimar pelo seu justo valor o lamentável Fiódor Pávlovitch, conservar seu sangue-frio na cela do *stáriets,* e não perder a cabeça, como fora o caso. "Os monges não têm culpa nenhuma", decidiu ele de repente no patamar do abade. Ora, se há aqui pessoas decentes (o Padre Nikolai, o abade, é, parece, da nobreza), por que não me mostrar para com eles delicado, amável f| polido? Não discutirei, farei mesmo coro, conquistarei a simpatia deles pela minha amabilidade e... por fim, provar-lhes-ei que não jogou o companheiro daquele Esopo[7], daquele palhaço, daquele saltimbanco, e que fui metido nisso com eles todos..." I Resolveu ceder-lhes definitivamente os direitos de corte e pesca, de uma vez por todas, naquele dia mesmo — tanto mais que aquilo não tinha valor —, e de cessar os processos contra o mosteiro.

Todas essas boas intenções afirmaram-se ainda, quando entraram na sala de jantar do padre abade. Não era na verdade uma, porque não havia senão duas peças, aliás muito mas espaçosas e mais cômodas que as do *stáriets.* Mas o mobiliário não brilhava pelo conforto: os móveis eram de acaju, recobertos de couro à antiga moda de 1820, e até mesmo os soalhos não eram pintados. Em compensação, tudo rebrilhava de limpeza, havendo nas janelas muitas flores caras; mas uma elegância principal residia naquele momento na mesa suntuosamente servida — relativamente, como era natural; a toalha era imaculada, a prataria cintilava; sobre a mesa três espécies de pão muito bem cozidos, duas garrafas de vinho, dois jarros de excelente hidromel do mosteiro e um garrafão cheio de *kvas* reputado das redondezas. Não havia vodca. Rakftin contou mais tarde que o jantar compreendia daquela vez cinco |pratos: uma sopa de esturjão com bocados de peixe; depois um peixe cozido, preparado segundo uma receita especial e deliciosa; bolinhos de esturjão,

---

[7] *Apelido dado ao velho Fiódor Pávlovitch com a intenção, expressamente pejorativa, de emprestar-lhe as qualidades negativas de vagabundagem e histrionismo atribuídas à semilendária figura do também velho, feio, gago e corcunda fabulista grego, mas cujo engenho e sutileza são igualmente proverbiais.*

gelados e compota, e por fim um prato de doce de batata fim estilo de manjar branco.

Rakítin havia farejado tudo isto, e, incapaz de conter-se, lançou uma olhadela à cozinha do padre abade, onde tinha conhecidos. Tinha (...) por toda parte e ficava sabendo o que queria saber. Era um coração atormentado e invejoso. Tinha plena consciência de seus dons Indiscutíveis.; fazia mesmo deles, na sua presunção, uma idéia exagerada. Sabia-se destinado a desempenhar um papel, mas Aliócha, que lhe fira muito ligado, afligia-se por ver seu amigo desprovido de consciência e não se aperceber disso. Rakítin, pelo contrário, sabendo que jamais roubaria dinheiro a seu alcance, estimava-se por isto como homem de perfeita honorabilidade. A este respeito nem Aliócha nem ninguém podia influir sobre ele.

Rakítin era uma personagem por demais mesquinha para figurar na refeição; em compensação o Padre Iósif e o Padre Paísi tinham sido envidados, bem como um outro religioso. Aguardavam eles já na ala de jantar, quando entraram Piotr Alieksándrovitch, Kolgánov e Ivã Fiódorovitch. O proprietário de terras Maksímov mantinha-se à parte. O padre abade avançou para o meio da sala para acolher seus Convidados. Era um velho grande e magro, mas ainda vigoroso, de cabelos negros já grisalhos, de rosto comprido, emaciado e grave. Cumprimentou seus hóspedes em silêncio e estes vieram por sua vez receber sua bênção. Miúsov tentou mesmo beijar-lhe a mão, mas o abade preveniu seu gesto, retirando-a. Ivã Fiódorovitch e Kolgánov foram até ao extremo, fazendo estalar os lábios à maneira da gente do povo.

— Devemos apresentar-vos todas as nossas desculpas, meu reverendo padre — começou Piotr Alieksándrovitch, com um gracioso sorriso, mas num tom grave e respeitoso —, porque chegamos sozinhos, sem nosso companheiro Fiódor Pávlovitch, que convidastes; teve de renunciar a acompanhar-nos e não sem motivo. Na cela do reverendo Padre Zósima, arrebatado por sua infeliz querela com seu filho, pronunciou algumas palavras bastante fora de propósito... em suma, bastante inconvenientes... do que vossa reverendíssima deve ter tido já conhecimento (olhou para os religiosos). Assim, cônscio de sua falta e deplorando-a sinceramente, experimentou ele uma vergonha invencível e nos rogou, a seu filho Ivã e a mim, que vos exprimíssemos seu sincero pesar, sua contrição e seu arrependimento... Em suma, espera e quer tudo reparar mais tarde, e agora, pedindo vossa bênção, roga-vos que esqueçais

o que se passou..

Miúsov calou-se. Tendo chegado ao fim de sua tirada, ficou perfeitamente satisfeito consigo mesmo, a ponto de esquecer completamente sua recente irritação. Experimentava de novo sincero e vivo amor pela humanidade. O padre abade, que o tinha escutado gravemente, inclinou a cabeça e respondeu:

— Lamento vivamente sua ausência. Participando desta refeição, talvez tivesse tomado afeição por nós, o mesmo acontecendo de nossa parte. Senhores, queiram tomar lugares.

Colocou-se diante da imagem e começou uma oração. Todos inclinaram-se respeitosamente e o proprietário Maksímov colocou-se mesmo na frente de mãos juntas, em sinal de particular veneração.

E foi então que Fiódor Pávlovitch fez mais uma das suas. Deve-se notar que tivera ele verdadeiramente a intenção de partir e compreendera a impossibilidade, depois de seu vergonhoso procedimento em casa do *stáriets,* de ir jantar em casa do padre abade, como se nada tivesse acontecido. Não que se sentisse tão envergonhado assim e fizesse censuras a si mesmo; talvez mesmo muito pelo contrário; no entanto, sentia a inconveniência de ir jantar. Mas assim que a caleça de molas gementes chegou ao patamar da hospedaria, parou ele antes de nela subir. Lembrou-se de suas próprias palavras em casa do *stáriets.* "Parece-me sempre, ao entrar em alguma parte, que sou mais vil que todos e que todos me tomam por um palhaço. Então digo a mim mesmo: sejamos verdadeiramente o palhaço, porque todos, até o derradeiro de vós, sois mais estúpidos e mais vis do que eu." Queria vingar-se em todo mundo de suas próprias vilanias. Lembrou-se, de repente, a esse propósito, de como outrora lhe haviam perguntado uma vez: "Por que detesta tanto tal pessoa?" E respondera então, num acesso de bufonesco descaramento: "Ela não me fez nada, e verdade, mas eu lhe preguei uma má peça e logo depois comecei a detestá-la". A esta lembrança, sorriu maldosa e silenciosamente numa hesitação de um minuto. Seus olhos cintilaram e seus lábios tremeram. "Já que comecei, é preciso ir até o fim", decidiu ele, bruscamente. Naquele instante, ter-se-ia podido exprimir assim seu sentimento mais íntimo: "É agora impossível reabilitar-me, então zombemos deles até a impudência: não tenho vergonha diante de vós, e eis tudo!" Ordenou ao cocheiro que esperasse e voltou a grandes passadas para o mosteiro, diretamente para a casa do padre abade. Não sabia ainda

o que faria, mas sabia que não mais se dominava, que o menor impulso o impeliria aos derradeiros limites de alguma indignidade, mas somente unia indignidade, e não algum delito ou algum ataque tal que o levasse perante a justiça. Neste último caso, sabia sempre conter-se e se admirava mesmo disso por vezes. Apareceu na sala de jantar do abade, quando todos iam sentar-se à mesa depois da oração. Parou na soleira, examinou as pessoas presentes, fitando-as diretamente no rosto, e explodiu numa risada prolongada e impudente.

— Pensavam que eu tinha partido e eis-me aqui! — gritou ele com voz retumbante.

Os presentes olharam-no um instante em silêncio e de súbito todos sentiram que iria passar-se uma cena repugnante e que um escândalo era inevitável. Piotr Alieksándrovitch passou bruscamente da quietude ao pior mau humor. Sua cólera extinta reacendeu-se, sua indignação acalmada trovejou de repente.

— Não! Não posso suportar isso! — berrou. — Não sou capaz, não sou absolutamente capaz!

O sangue subia-lhe à cabeça. Atrapalhava-se, mas não se tratava de fazer estilo e pegou seu chapéu.

— De que não é ele capaz? — exclamou Fiódor Pávlovitch. — Devo entrar ou não, pergunto a vossa reverendíssima? Aceita-me como convidado?

— Rogamos-lhe de todo o coração — respondeu o padre abade. — Senhores! Permito-me — acrescentou ele — rogar-vos instantemente que deixeis em repouso vossas querelas fortuitas, que vos reunais no amor e na união fraternal, implorando ao Senhor, no nosso pacífico jantar...

— Não, não, é impossível — gritou Piotr Alieksándrovitch, fora de si.

— Ora, se é impossível a Piotr Alieksándrovitch, também o é a mim, e não ficarei. Por isso é que vim. Estarei agora em toda parte com o senhor, Piotr Alieksándrovitch: o senhor ir-se-á embora e eu também; o senhor ficará e eu também ficarei. O senhor feriu-o acima de tudo ao falar em união fraternal, padre abade; ele não quer confessar-se meu parente. Não é, Von Sohn? Ei-lo aqui, Von Sohn. Bom dia, Von Sohn.

— Ê a mim que... ? — murmurou estupefato o proprietário Maksímov.

— Naturalmente, a ti. Sabe vossa reverendíssima quem é Von Sohn? Foi caso num processo criminal: mataram-no num lupanar — é assim que chamais, creio, esses lugares —, mataram-no e despojaram-no e, malgrado sua idade respeitável, meteram-no num caixote e expediram-no ^e Petersburgo para Moscou, no furgão das bagagens, com uma etiqueta. E durante a operação, as mulheres do bordel cantavam canções e tocavam harpa, isto é, piano. Pois aí têm os senhores, essa personagem é Von Sohn. Ressuscitou dentre os mortos, não é, Von Sohn?

— Que é isso? Como? — ressoaram vozes no grupo dos religiosos.

— Partamos! — gritou Piotr Alieksándrovitch, dirigindo-se a Kolgánov.

— Não, com licença! — atalhou Fiódor Pávlovitch, dando mais um passo para dentro da sala. — Deixem-me acabar. Lá, na cela do *stariets,* os senhores me censuraram por haver, supostamente faltado ao respeito falando dos cadozes. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, meu parente, gosta de que haja no discurso *plus de noblesse que de sin-cérité;*[8] eu, pelo contrário, gosto de que meu discurso tenha *plus de sincérité que de noblesse* e tanto pior para a *nobtesse.* Não é, Von Sohn? Permita-me, padre abade, se bem que seja eu um palhaço e mantenha esse papel, sou um cavalheiro de honra e quero demonstrá-lo. Sim, sou um cavalheiro de honra, ao passo que Piotr Alieksándrovitch só tem... um arraigado amor-próprio e nada mais. Vim aqui talvez, ainda há pouco, para ver e explicar-me. Meu filho Alieksiéi procura aqui sua salvação; sou pai, preocupo-me com sua sorte e é isto o meu dever. Enquanto me oferecia em espetáculo, escutava tudo, olhava tudo sem ter ar de o fazer, e agora quero oferecer-lhes o derradeiro ato da representação. Que se passa entre nós? Entre nós, o que cai fica estendido. Uma vez caído, caído fica por todos os séculos. É verdade! Mas não, eu quero reerguer-me. Santos padres, estou indignado pela vossa maneira de agir. A confissão é um grande sacramento que eu venero e diante do qual estou pronto a prosternar-me; ora, lá, na cela, todos se ajoelham e se confessam em voz alta. Ê permitido confessar-se em voz alta? Os santos padres instituíram a confissão auricular; neste caso, somente, é a confissão um sacramento e isto desde toda a antigüidade. Ora, como explicaria eu, diante de toda gente, que eu, por exemplo, eu... isto e aquilo, enfim, os senhores compreendem, não é? Por vezes é indecente falar. Não

---

[8] *Mais nobreza que sinceridade.*

é um escândalo? Não, meus padres, convosco pode-se ser arrastado para a seita dos *khristi...* [9] Na primeira ocasião, escreverei ao Sínodo e retirarei meu filho de vossa casa.

Uma explicação se faz precisa. Fiódor Pávlovitch ouvira cantar o galo, mas não sabia onde. Haviam corrido outrora boatos malévolos que chegaram aos ouvidos do bispo (não somente a propósito de nosso mosteiro, mas de outros), segundo os quais prestava-se aos *stártsi* um respeito exagerado, em prejuízo da dignidade do abade, abusando-se, entre outras coisas, do sacramento da confissão, etc. Acusações ineptas, que caíram por si mesmas, a seu tempo, entre nós e por toda parte. Mas o demônio, que se havia apoderado de Fiódor Pávlovitch e o arrebatava mais longe a um abismo de vergonha, soprara-lhe essa acusação, da qual ele próprio não compreendia a primeira palavra. Aliás, não soubera formulá-la convenientemente, tanto mais que desta vez, na cela do *stáriets,* ninguém se havia ajoelhado nem se confessado em voz alta. Fiódor Pávlovitch não pudera pois ver nada de semelhante e baseava-se unicamente nos antigos boatos e comadrices de que se lembrava mais ou menos. Mas, tendo lançado essa tolice, sentiu-lhe o absurdo e quis logo provar a seus auditores, e sobretudo a si mesmo, que nada havia dito de absurdo. E, muito embora soubesse perfeitamente que tudo quanto diria não faria senão agravar aquele absurdo, não pôde conter-se e escorregou como sobre uma ladeira.

— Que baixeza! — gritou Piotr Alieksándrovitch.

— Desculpe — disse de repente o padre abade. — Foi dito outrora: "Começaram a falar muito de mim e mesmo a falar mal. Depois de ter escutado tudo, digo a mim mesmo: é um remédio enviado por Jesus para curar minha alma vaidosa". Deste modo nós lhe agradecemos humildemente, caríssimo hóspede.

E fez uma profunda saudação a Fiódor Pávlovitch.

Ora, ora, ora. Beatice tudo isso. Velhas frases e velhos gestos.

Velhas mentiras e formalismo das saudações até o chão! Nós conhecemos essas saudações! "Um beijo nos lábios e um punhal no coração", como em *Os Bandidos,* de Schiller. Não gosto da falsidade, meus padres,

---

[9] *Adeptos da seita dos* khristi *(cristos) ou, por zombaria, dos* khlisti *ou* khlistóvstvo *(flagelantes), que apareceu na Rússia no século XVII. Tiveram seus profetas e praticaram exageradamente seus ritos, entre eles o da chicotada, dai o nome pejorativo que lhes deram.*

quero a verdade. Mas a verdade não está nos cadozes e eu a proclamei! Monges, por que jejuais? Porque esperais uma recompensa nos céus! Então, para tal recompensa, também eu irei jejuar! Não, santo monge, sê virtuoso na vida, serve a sociedade sem encerrar-te num mosteiro, onde és custeado de tudo e sem esperar recompensa lá em cima. Eis o que será mais difícil. Sei também fazer frases, padre abade. Que prepararam eles? — continuou ele aproximando-se da mesa. — Vinho velho do Porto, Médoc, da casa dos irmãos Elissiéievi. Ah! Meus padres, isto já não se parece com os cadozes. Vejam-se essas garrafas, ah! ah! Mas quem vos arranjou tudo isto? É o mujique russo, o trabalhador que vos traz sua oferta ganha com suas mãos calosas, arrebatada à sua família e às necessidades do Estado! Reverendos padres, vós explorais o povo!

— É na verdade indigno de sua parte — proferiu o Padre Iósif. O Padre Paísi mantinha um silêncio obstinado. Miúsov lançou-se para fora da sala acompanhado por Kolgánov.

— Pois bem, meus padres, eu sigo Piotr Alieksándrovitch! Não voltarei mais, ainda que me pedísseis de joelhos, nunca mais. Enviei-vos 1000 rublos e vós arregalastes os olhos, ah! ah! Mas não acrescentarei nada. Vingo minha juventude passada e as humilhações sofridas. — Deu um murro sobre a mesa, num acesso de indignação fingida. — Este mosteiro desempenhou um grande papel na minha vida! Quantas lágrimas amargas verti por causa dele! Vós virastes contra mim minha mulher, a endemoniada. Cumulastes-me de maldições, desacreditastes-me na vizinhança! É demais, meus padres, nós vivemos numa época liberal, no século dos barcos a vapor e dos caminhos de ferro. Vós não tereis nada de mim, nem 1000 rublos, nem 100, nem 1.

Explico de novo. Jamais o nosso mosteiro tivera tal lugar na vida dele e não o fizera verter lágrimas amargas, mas ele se havia de tal modo deixado levar por essas lágrimas imaginárias que esteve um momento quase a ponto de acreditar nelas; teria chorado de enternecimento, mas sentiu logo que era tempo de dar marcha à ré. Diante de sua odiosa mentira, o padre abade inclinou a cabeça e declarou de novo num tom grave:

— Está de novo escrito: "Suporta pacientemente a calúnia de que és vítima e não te perturbes, nem aborreças aquele que é o autor dela". Agiremos de conformidade com isto.

— Ora, ora, ora, o belo palavreado! Continuai, meus padres, eu vou-

me embora. Retomarei definitivamente meu filho Alieksiéi, em virtude de minha autoridade paterna; Ivã Fiódorovitch, meu respeitosíssimo filho, permita-me que lhe ordene que me siga! Von Sohn, de que serve ficar aqui! Vem à minha casa, na cidade. Ninguém se aborrece em minha casa. Fica a 1 versta daqui, quando muito; em lugar de óleo de linhaça, darei um leitão recheado de trigo mourisco; jantaremos, oferecerei conhaque, depois licores, há uma bonita mulher... Ah! Von Sohn, não deixes passar tua felicidade!

Saiu gritando e gesticulando. Foi nesse momento que Rakítin o avistou e apontou-o a Aliócha.

— Alieksiéi — gritou-lhe seu pai, de longe —, vem hoje instalar-te em minha casa definitivamente, pega teu travesseiro, teu colchão e que nada teu fique aqui.

Aliócha parou como que petrificado, observando atentamente aquela cena, sem dizer uma palavra. Fiodor Pávlovitch subiu à caleça, seguido de Ivã Fiódorovitch, silencioso e sombrio, que nem mesmo se voltou para cumprimentar Aliócha. Mas passou-se então uma cena de saltimbanco, quase inverossímil, para coroamento de tudo. De repente, apareceu perto do estribo o proprietário rural Maksímov. Corria sem fôlego, para chegar a tempo. Tal era sua pressa que, na sua impaciência, colocou uma perna no estribo onde se encontrava ainda a de Ivã Fiódorovitch e, agarrando-se ao assento, tentou subir.

— Eu também o sigo! — gritou ele, saltitando, com um riso alegre, um ar de beatitude e pronto a tudo. — Leve-me com o senhor!

— Pois é, não dizia eu que era Von Sohn? — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado. — O verdadeiro Von Sohn ressuscitado dentre os mortos! Como saíste de lá? Que é que fabricavas lá e como pudeste renunciar ao jantar? Porque é preciso ter testa de bronze! Eu tenho uma testa assim, mas a tua me causa admiração, camarada. Salta, salta mais depressa. Deixa-o subir, Vânia, a gente se divertirá. Que se estenda aí, a nossos pés, ouviu, Von Sohn? Ou então vamos instalá-lo na boléia com o cocheiro! Salta na boléia, Von Sohn.

Mas Ivã Fiódorovitch, que já tomara lugar, sem dizer palavra, repeliu, com um forte empurrão no peito, Maksímov, que recuou uns 2 metros. Se não caiu, foi mero acaso.

— A caminho! — gritou, com raiva, ao cocheiro, Ivã Fiódorovitch.

— Como! Que fazes, que fazes? Por que tratá-lo assim? — objetou Fiódor Pávlovitch, mas a caleça já havia partido. Ivã Fiódorovitch não respondeu nada.

— Só se vendo como és! — continuou Fiódor Pávlovitch, após um silêncio de dois minutos, olhando seu filho de través. — Porque foste tu que imaginaste essa visita ao mosteiro, que a provocaste e aprovaste. Por que te zangas agora?

— Basta de dizer estupidezas! Repouse um pouco pelo menos, agora — replicou num tom rude Ivã Fiódorovitch. Fiódor Pávlovitch calou-se ainda dois minutos.

— Seria bom agora beber conhaque — observou ele, sentenciosamente. Mas Ivã Fiódorovitch nada respondeu.

— Quando chegarmos, beberás também?

Ivã Fiódorovitch não pronunciava uma palavra sequer. Fiódor Pávlovitch esperou ainda dois minutos.

— No entanto, retirarei Aliócha do mosteiro, se bem que isto lhe seja bastante desagradável, respeitoso "Karl von Moor".

Ivã Fiódorovitch ergueu desdenhosamente os ombros, voltou-se e pôs-se a olhar a estrada. Não trocaram mais uma palavra até a casa.

LIVRO III

OS SENSUAIS

I

NA ANTECÂMARA

A casa de Fiódor Pávlovitch Karamázov estava situada bastante longe do centro da cidade, mas não totalmente na periferia. Achava-se bastante deteriorada, mas tinha um exterior agradável; de um só andar, com um sótão, pintada de cinzento e de telhado vermelho de ferro. Aliás, podia durar ainda muito tempo, era espaçosa e confortável. Havia nela muitos corredores, recantos e escadas ocultas. Os ratos pululavam, mas Fiódor Pávlovitch não se inquietava muito com isto: "Com eles as noites

não são tão enfadonhas, quando se fica só!" Tinha, com efeito, o hábito de mandar os criados passarem a noite no pavilhão e fechava-se ele mesmo na casa. Esse pavilhão, situado no pátio, era vasto e sólido. Fiódor Pávlovitch instalara ali a cozinha, embora houvesse uma na casa; não gostava dos odores de cozinha e traziam os pratos através do pátio, tanto no inverno quanto no verão. Essa casa fora construída para uma grande família e ter-se-ia podido nela alojar cinco vezes mais senhores e criados. Mas, por ocasião de nossa narrativa, o corpo principal só era habitado por Fiódor Pávlovitch e seu filho Ivã, e o pavilhão da criadagem, somente por três criados: o velho Gregório, sua mulher Marfa e o jovem criado Smierdiákov. Teremos de falar mais detalhadamente desses três personagens. Já se tratou do velho Gregório Vassílievitch Kutúzov. Era um homem firme e inflexível, indo a seu alvo com uma retitude obstinada, contanto que esse alvo se lhe oferecesse, em virtude de quaisquer razões (muitas vezes espantosamente ilógicas), como uma verdade infalível. Numa palavra, era honesto e incorruptível. Sua mulher, Marfa Tgnátievna, se bem que cegamente submetida toda a sua vida à vontade de seu marido, havia-o atormentado, logo depois da libertação dos servos, para deixar Fiódor Pávlovitch e ir estabelecer uma casinha de comércio em Moscou (tinham economias); mas então Gregório decidiu, duma vez por todas, que sua, mulher não tinha razão, todas as mulheres são sempre desleais. Não deviam deixar seu antigo senhor, qualquer que ele fosse, "porque era o dever deles agora".

— Compreendes tu o que é o dever? — perguntou a Marfa Tgnátievna.

— Compreendo-o, Gregório Vassílievitch, mas em que é dever nosso ficar aqui? Eis o que não compreendo absolutamente — respondeu com firmeza Marfa Ignátievna.

— Que o compreendas ou não, será assim! Doravante, cala-te.

Foi o que aconteceu; ficaram, e Fiódor Pávlovitch lhes marcou modestos ordenados pagos regularmente. Mais ainda, sabia Gregório que exercia sobre seu patrão uma influência incontestável. Ele o sentia e era justo; palhaço astucioso e obstinado, Fiódor Pávlovitch, de caráter muito firme "em certas coisas da vida", segundo sua expressão, era, para seu próprio espanto, pusilânime em algumas outras "coisas da vida". Ele próprio sabia quais e experimentava bastantes temores. Em certos casos era preciso manter-se de sobreaviso, não se podia passar sem um homem

seguro; ora, Gregório era de uma fidelidade a toda prova. Por várias vezes, no curso de sua carreira, Fiódor Pávlovitch correu o risco de ser batido, e até mesmo cruelmente, mas foi sempre Gregório que o tirou de apuros, sem deixar de repreendê-lo todas as vezes. Mas os golpes somente não teriam amedrontado Fiódor Pávlovitch; havia casos mais salientes, por vezes mesmo bastante delicados e complicados, em que ele próprio teria sido incapaz de definir a necessidade extraordinária de alguém seguro e íntimo que se apoderava bruscamente dele, sem que soubesse por quê. Eram quase casos patológicos: visceralmente corrompido e muitas vezes luxurioso até a crueldade, tal como um inseto malfazejo, Fiódor Pávlovitch, em minutos de embriaguez, sentia de súbito uma apreensão, uma comoção moral, que tinham um contragolpe quase físico sobre sua alma. "Parece então que minha alma palpita na minha garganta", dizia ele por vezes. Era naqueles momentos que gostava de ter a seu lado, no seu círculo imediato, um homem devotado, firme, não corrompido como ele e que, muito embora testemunha de seu mau procedimento e ao corrente de seus segredos, tolerasse tudo isso por devotamento, não se lhe opusesse e, sobretudo, não lhe fizesse censuras, não o ameaçasse com nenhum castigo, quer neste mundo, quer no outro, mas que o defendesse em caso de necessidade — contra quem? Contra algo desconhecido, mas temível e perigoso. Tratava-se de ter perto de si um outro homem, devotado de longa data, para chamá-lo, num minuto de angústia, somente a fim de contemplar seu rosto, trocar talvez algumas palavras, mesmo completamente estranhas: se o via de bom humor, sentia-se aliviado, ao passo que a tristeza aumentava, se estava ele irritado. Acontecia (bastante raramente, aliás) a Fiódor Pávlovitch ir de noite ao pavilhão acordar Gregório, para que esse fosse ficar um momento junto dele. Gregório chegava, seu patrão falava a respeito de insignificantes bagatelas e o despedia em breve, por vezes mesmo com pilhérias e brincadeiras, depois metia-se na cama e dormia então o sono de um justo. Algo de análogo se passara por ocasião da chegada de Aliócha. Aliócha "traspassava o coração" de Fiódor Pávlovitch, porque "ouvia, via tudo e não censurava nada". Mais ainda, trazia consigo algo de inaudito: a ausência completa de desprezo para com ele, velho; pelo contrário, uma afabilidade constante e um apego totalmente natural e sincero, quando ele o merecia tão pouco. Tudo isto tinha sido, para o velho debochado sem família, uma surpresa completa, totalmente inesperada para ele, que, até então, não havia amado senão a "sujeira". Com a partida de Aliócha, teve de confessar a si mesmo que compreendera alguma coisa que não quisera compreender até então.

Já mencionei, no começo de minha narrativa, que Gregório detestava _ Adelaide Ivânovna, a primeira mulher de Fiódor Pávlovitch e a mãe de seu primeiro filho, Dimítri, e que, ao contrário, defendera a segunda esposa dele, a possessa Sofia Ivânovna, contra seu próprio patrão e contra aqueles que tivessem tido a idéia de pronunciar a seu respeito uma palavra malévola ou sem consideração. Sua simpatia por aquela infeliz tornara-se alguma coisa de sagrado, a ponto de, vinte anos- depois, não suportar que ninguém fizesse uma alusão malévola a seu respeito sem imediatamente replicar ao ofensor. No seu aspecto exterior, era Gregório um homem frio e grave, pouco falador, proferindo palavras ponderadas, isentas de frivolidades, À primeira vista, não se podia adivinhar se amava ou não sua mulher, doce e submissa, não obstante a amasse verdadeiramente e ela o compreendesse sem dúvida. Essa Marfa Ignátievna, longe de ser estúpida, era talvez mais inteligente que seu. marido, em todo caso mais judiciosa nos negócios da vida; entretanto, era-lhe cegamente submissa, desde o começo de seu casamento, e respeitava-o sem contradição pela sua altitude moral. É preciso notar que trocavam muito poucas palavras, somente a propósito das coisas indispensáveis da vida corrente. O grave e majestoso Gregório meditava sempre sozinho seus negócios e suas preocupações, de sorte que Marfa Ignátievna compreendera desde muito tempo que não tinha ele de modo algum necessidade de seus conselhos. Sentia que seu marido apreciava seu silêncio e via nisso uma prova de espírito. Ele nunca lhe batera, salvo uma vez, e não seriamente. No primeiro ano do casamento de Adelaide Ivânovna e de Fiódor Pávlovitch, no campo, as moças e as mulheres da aldeia, então ainda servas, tinham-se reunido no pátio dos patrões para dançar e cantar. Entoou-se a canção "Sobre o prado, sobre o prado", e de súbito Marfa Ignátievna, que, então, era jovem, veio colocar-se diante do coro e executou a dança russa, não como as outras, à moda rústica, mas como a executava, quando era arrumadeira em casa dos ricos Miúsovi, no teatro da propriedade deles, onde um mestre de dança vindo de Moscou ensinava sua arte aos atores. Gregório vira os passos de sua mulher e, uma hora depois, de volta à isbá, deu-lhe uma lição, puxando-lhe um pouco os cabelos. Mas os golpes se limitaram a isto e não se renovaram uma vez sequer em toda a vida deles; de resto, Marfa Ignátievna prometeu a si mesma não mais dançar dali por diante.

Deus não lhes havia dado filhos, exceto um que morreu. Via-se que Gregório gostava de crianças, não o ocultava, aliás, isto é, não se

envergonhava de mostrá-lo. Quando Adelaide Ivânovna fugiu, recolheu Dimítri Fiódorovitch, de três anos de idade, e tomou cuidado dele quase um ano inteiro, penteando-o e dando-lhe banho na gamela. Mais tarde, ocupou-se também com Ivã Fiódorovitch e Alieksiéi, o que lhe valeu uma bofetada, mas já narrei tudo isto; seu próprio[4] filho só o alegrou pela esperança da expectativa, quando Marfa Ignátievna estava grávida. Quando ele nasceu, foi tomado de pesar e de horror, porque aquele menino tinha seis dedos, vendo o que ficou Gregório tão acabrunhado que não somente guardou silêncio até o dia do batizado, mas foi expressamente calar-se no jardim. Estava-se na primavera; durante três dias, ficou cavando na horta. Tendo chegado a hora do batizado, já havia Gregório imaginado alguma coisa. Entrando na isbá, onde se haviam reunido o clero, os convidados e por fim Fiódor Pávlovitch, vindo na qualidade de padrinho, anunciou que "não se deveria de modo algum batizar o menino", isto em voz baixa, lacônica-mente, mal articulando uma palavra após a outra, fixando o padre com um ar idiota.

— Por que isto? — informou-se o padre com uma surpresa divertida.

— Porque é... um dragão... — murmurou Gregório.

— Como um dragão, que dragão? Gregório calou-se algum tempo.

— Produziu-se uma confusão da natureza... — murmurou ele duma maneira bastante confusa, mas muito firme, e via-se que não desejava estender-se em palavras.

Houve risos e, bem entendido, o pobre menino foi batizado. Gregório rezou com fervor perto das fontes batismais, mas persistiu na sua opinião a respeito do recém-nascido. De resto, não se opôs a nada; somente, durante as duas semanas em que viveu esse menino doentio quase não olhou para ele; não queria mesmo vê-lo e ausentava-se freqüentemente da isbá. Mas, quando o bebê morreu de aftas ao fim de duas semanas, ele mesmo o pôs no caixão, contemplou-o com profunda angústia e, uma vez enchida de terra a pequena cova, pôs-se de joelhos e prosternou-se até o chão. Posteriormente, durante muitos anos, não falou jamais de seu filho; por seu lado Marfa Ignátievna jamais fazia alusão a ele em sua presença e, se lhe acontecia conversar com alguém a respeito de seu "filhinho", falava em voz baixa, muito embora Gregório Vassílievitch não estivesse presente. De acordo com a observação de Marfa lgnátievna, depois daquela morte interessou-se ele de preferência pelo "divino", leu as *Vidas dos Santos,* a maior parte das vezes sozinho e em silêncio, pondo de

cada vez seus grandes óculos redondos de prata. Lia raramente em voz alta, quando muito durante a Quaresma. Gostava extremamente do *Livro de Jó,* arranjara uma coletânea das palavras e sermões de "nosso Santo Padre Isaac, o Sírio", que se obstinou em ler durante anos, quase sem nada compreender daquilo, mas por esta razão talvez apreciasse e amasse aquele livro acima de tudo. Nos últimos tempos, prestou ouvidos à doutrina dos *khlisti,* tendo tido a ocasião de aprofundá-la na vizinhança; ficou visivelmente abalado, mas não se decidiu a adotar a fé nova. Essas piedosas leituras tornavam naturalmente sua fisionomia ainda mais grave.

Talvez fosse ele inclinado ao misticismo. Ora, como fato expresso, a vinda ao mundo e a morte de seu filho de seis dedos coincidiram com outro caso bastante estranho, inesperado e original, que deixou em sua alma, como o disse ele uma vez mais tarde, "uma marca". Na noite que se seguiu ao enterro do bebê, tendo Marfa lgnátievna despertado, creu ouvir o choro de um recém-nascido. Ficou amedrontada e acordou seu marido. Este, prestando ouvido, notou que eram antes gemidos, * "dir-se-iam de uma mulher". Levantou-se, vestiu-se; era uma noite de maio bastante quente. Saiu para o patamar e verificou que os gemidos vinham do jardim. Mas, de noite, o jardim era fechado a chave do lado do pátio, e não se podia nele entrar senão por ali, dando-lhe volta uma alta e sólida paliçada. Voltando para casa, Gregório acendeu a lanterna, pegou a chave e, sem prestar atenção ao pavor histérico de sua mulher, persuadida de que era o choro de seu filho que a chamava, entrou em silêncio no jardim; ali, deu-se conta de que os gemidos partiam de sua sala de banhos, situada não longe da entrada, e que era, com efeito, uma mulher que gemia. Tendo aberto o banheiro, viu um espetáculo diante do qual permaneceu estupefato; uma idiota da cidade, que vagava pelas ruas, conhecida de toda a gente pelo nome de Lisavieta Smierdiáchtchaia, tendo penetrado no banheiro deles, acabava de ali dar à luz. O menino jazia ao lado dela, que estava moribunda. Não dizia nada, pela simples razão de que não sabia falar. Mas tudo isto exige explicações.

II

LISAVIETA SMIERDIÁCHTCHAIA[10]

Havia ali uma circunstância particular que impressionou profundamente Gregório e acabou de fortificar nele uma suspeita desagradável e repugnante. Aquela Lisavieta Smierdiáchtchaia era uma moça de estatura muito pequena, "um pouco mais de 2 *archini*"; assim se lembravam dela com enternecimento, após sua morte, bondosas velhas de nossa cidade. Seu rosto de vinte anos, sadio, largo, vermelho, era completamente idiota, o olhar fixo e desagradável, se bem que plácido. Tanto no inverno quanto no verão andava sempre de pés descalços, vestida apenas de uma camisa de cânhamo. Seus cabelos quase negros, extraordinariamente espessos, frisados como uma lã amontoavam-se em sua cabeça à maneira de um enorme boné. Além disso estavam muitas vezes sujos de terra, de lama, entremeados de folhas, de raminhos, de cavacos, porque ela dormia sempre no chão e na lama. Seu pai, Iliá, pequeno burguês sem domicílio, arruinado e valetudinário, fortemente dado à bebida, permanecia desde muitos anos, na qualidade de operário, em casa dos mesmos senhores opulentos, igualmente burgueses de nossa cidade. A mãe de Lisavieta morrera desde muito tempo. Sempre doentio e mal-humorado, Iliá batia sem piedade em sua filha quando chegava ela em casa. Mas ali ia raramente, sendo acolhida por toda parte na cidade como uma débil mental sob a proteção de Deus. Os patrões de Iliá, o próprio Iliá e muitas pessoas caridosas, sobretudo entre os negociantes e as negociantes, tinham tentado por várias vezes vestir Lisavieta de uma maneira mais decente, fazendo-a usar no inverno uma peliça de carneiro e calçar botas; habitualmente sujeitava-se ela dòcilmente a isso, depois ia-se embora e, em alguma parte, de preferência sob o pórtico da igreja, despojava-se de tudo quanto lhe haviam dado — quer fosse um lenço, uma saia, uma peliça, botas —, abandonava tudo no lugar e lá se ia de pés descalços, vestida com sua camisa como antes. Aconteceu que um novo governador, inspecionando nossa cidade, sentiu-se ferido nos seus melhores sentimentos à vista de Lisavieta e, muito embora tivesse percebido que se tratava de uma inocente, como aliás o informaram, fez no entanto observar "que uma moça vagando em camisa infringia a decência e que

---

[10] *Literalmente: fedorenta*

aquilo devia cessar no futuro". Mas, depois que o governador partiu, deixaram Lisavieta como era. Por fim, seu pai morreu, tornando-se ela mais querida a todas as pessoas piedosas da cidade como órfã. Com efeito, todos pareciam amá-la; os próprios garotos não mexiam com ela nem a maltratavam; ora, entre nós, os garotos, sobretudo os colegiais, são uma raça agressiva. Entrava ela em casas desconhecidas e ninguém a expulsava; pelo contrário, todos a tratavam bem e lhe davam um meio copeque. As moedinhas que lhe davam, levava-as ela logo para metê-las em um tronco qualquer, na igreja ou na prisão. Se recebia, no mercado, um sequilho ou um pãozinho, não deixava de fazer presente dele ao primeiro menino que encontrasse, ou então detinha uma de nossas damas mais ricas para lho oferecer; e esta o aceitava até mesmo com alegria. Ela própria não se nutria senão de pão preto e água. Entrava por vezes numa rica loja, sentava-se, tendo junto de si mercadorias de valor: dinheiro; jamais os proprietários desconfiavam dela, sabendo que não tomaria um copeque, mesmo se pusessem milhares de rublos a seu alcance e fossem esquecidos. Ia raramente à igreja, dormia sob os pórticos, ou num pomar qualquer, depois de ter pulado a cerca (ainda agora há entre nós muitas cercas em lugar de paiiçadas). Ia geralmente uma vez por semana à casa dos patrões de seu defunto pai, no inverno todos os dias, mas somente à noite, que ela passava no vestíbulo ou no estábulo. Causava espanto que pudesse ela suportar tal existência, mas estava a ela acostumada; se bem que de pequena estatura, tinha uma constituição excepcionalmente robusta. Certas pessoas da sociedade achavam que ela fazia tudo isso unicamente por orgulho, mas não havia motivo para tal; não sabia ela dizer uma palavra, por vezes somente mexia a língua e resmungava; que tinha de ver com isso o orgulho? Ora, numa noite de setembro, clara e quente, em que a lua era cheia, a uma hora já bastante tardia para nossos hábitos, um bando de cinco ou seis farristas, embriagados, voltava do clube para suas casas pelo caminho mais curto. Dos dois lados, a ruela que eles seguiam era bordada por uma cerca por trás da qual se estendiam os pomares das casas ribeirinhas; terminava num passadiço lançado sobre o longo pântano infecto que se batiza por vezes entre nós com o nome de rio. Perto da cerca, entre as urtigas e as barbanas, o nosso grupo percebeu Lisavieta adormecida. Aqueles cavalheiros embriagados pararam perto dela, explodiram em risadas e puseram-se a pilheriar da maneira mais cínica. Um filho de família imaginou de repente uma questão totalmente excêntrica, a respeito de um assunto impossível. "Pode-se", disse ele, "não importa quem, aceitar um tal monstro como uma mulher, etc." Todos decidiram,

com nobre aversão, que não se podia. 4Mas Fiódor Pávlovitch, que fazia parte do bando, adiantou-se logo, declarou que se podia perfeitamente aceitá-la como mulher e que havia mesmo ali alguma coisa de picante no seu gênero, etc. Naquela época, comprazia-se ele com afetação no seu papel de palhaço, gostava de dar-se em espetáculo e divertir os ricos, como um verdadeiro farsante, malgrado a igualdade aparente. Com um crepe no chapéu, porque acabava de saber da morte de sua primeira mulher, levava então uma vida tão crapulosa que alguns, mesmo libertinos endurecidos, se sentiam constrangidos à sua vista. Aquela opinião paradoxal de Fiódor Pávlovitch provocou a hilaridade do bando; um deles começou mesmo a provocá-lo, os outros mostraram ainda mais aversão, mas sempre com uma viva alegria; por fim todos seguiram seu caminho. Posteriormente, jurou ele que se afastara com os outros; talvez dissesse a verdade, ninguém nunca soube de nada ao certo. Mas cinco ou seis meses mais tarde, a gravidez de Lisavieta excitava a indignação de toda a cidade e procurou-se descobrir quem pudera ultrajar a pobre criatura. Um boato terrível circulou em breve, acusando Fiódor Pávlovitch. Donde vinha ele? Do bando farrista não restava então na cidade senão um homem de idade madura, conselheiro de Estado, pai de filhas adultas, o qual nada teria contado, mesmo se se tivesse passado qualquer coisa; os outros tinham-se dispersado. Mas o boato persistente continuava a apontar Fiódor Pávlovitch. Ele não se deu por achado e desdenhou responder a lojistas e pequenos burgueses. Era orgulhoso então e não dirigia a palavra senão à sua sociedade de funcionários e de nobres, a quem tanto divertia. Foi então que Gregório tomou energicamente o partido de seu amo; não somente defendeu-o contra qualquer insinuação, mas discutiu bastante calorosamente a esse respeito e conseguiu mudar a opinião de muitos. "A culpa é dela mesma, daquela criatura", afirmava ele, e seu sedutor não era outro senão Karp, o Parafuso (assim se chamava um detento bastante perigoso, que se havia evadido da prisão da capital e se ocultara em nossa cidade). Esta conjetura pareceu plausível; foi lembrado que Karp vagueara por aquelas mesmas noites de outono e saqueara três pessoas. Mas essa aventura e esses rumores, longe de desviar as simpatias pela pobre idiota, valeram-lhe um redobramento de solicitude. Uma viúva bastante rica, a negociante Kondrátievna, decidiu recolhê-la em sua casa, no fim de abril, para que ela ali desse à luz. Vigiavam-na severamente. Apesar de tudo, uma noite, no dia mesmo de seu parto, Lisavieta fugiu da casa de sua protetora e foi cair no jardim de Fiódor Pávlovitch. Como pudera ela, no seu estado, transpor uma paliçada tão alta? Isso

permaneceu um enigma. Uns asseguravam que a haviam carregado, outros viam naquilo uma intervenção sobrenatural. Tudo leva a crer que, aquilo se realizou de uma maneira engenhosa, mas natural, e que Lisavieta, habituada a penetrar através das sebes nos pomares, para neles passar a noite, trepou, apesar de seu estado, sobre a paliçada de Fiódor Pávlovitch, donde saltou, ferindo-se no jardim. Gregório correu a buscar sua mulher para os primeiros cuidados; ele mesmo foi à procura de uma velha parteira que morava bem perto. Salvou-se o menino, mas Lisavieta morreu ao romper do dia. Gregório pegou o recém-nascido, levou-o para o pavilhão e depositou-o sobre os joelhos de sua mulher: "Eis um filho de Deus, um órfão de que seremos os pais. É o pequeno morto que no-lo envia. Nasceu de um filho de Satanás e duma justa. Cria-o e não chores mais doravante". Foi assim que Marfa ígnátievna criou o menino. Foi batizado pelo nome de Páviel, ao qual toda a gente ajuntou, e eles também, Fiódorovitch como nome patronímico. Fiódor Pávlovitch não fez objeção e achou mesmo a coisa divertida, negando porém energicamente aquela paternidade. Aprovaram-no por ter recolhido o órfão. Mais tarde, deu-lhe como nome de família Smierdiákov, de acordo com o sobrenome da mãe dele, Smierdiáchtchaia. Servia ele a Fiódor Pávlovitch como segundo criado e vivia, no começo de nossa narrativa, no pavilhão, ao lado do velho Gregório e da velha Marfa. Tinha o emprego de cozinheiro. Seria preciso consagrar-lhe um capítulo especial, mas tenho escrúpulo de reter por tanto tempo a atenção do leitor para simples criados e continuo esperando que se tratará muito naturalmente de Smierdiákov no curso da narrativa.

III

CONFISSÃO DE UM CORAÇÃO ARDENTE, EM VERSOS

Ouvindo a ordem que lhe gritava seu pai, da caleça, ao partir do mosteiro, ficou Aliócha algum tempo imóvel e bastante perplexo. Mas, dominando sua perturbação, dirigiu-se logo à cozinha do padre abade, para procurar saber o que tinha feito Fiódor Pávlovitch. Depois pôs-se a caminho, esperando resolver, enquanto andava, um problema que o atormentava. Digamo-lo imediatamente: os gritos de seu pai e a ordem de mudar-se com travesseiros e colchão, não lhe inspiravam nenhum temor. Compreendia perfeitamente que aquela ordem, gritada entre gestos, fora

dada "por pura excitação", por assim dizer, e até mesmo para a galeria, à maneira daquele pequeno burguês que recentemente na sua cidade, tendo festejado demasiado seu aniversário e furioso porque não lhe davam mais vodca, pôs-se, diante de seus convidados, a quebrar sua própria louça, a rasgar suas roupas e as de sua mulher, a partir os móveis e as vidraças, tudo isso por pura exibição. No dia seguinte, naturalmente, o burguês desembriagado lamentava as xícaras e os pires quebrados. Aliócha sabia que o velho o deixaria seguramente voltar ao mosteiro no dia seguinte, talvez naquele mesmo dia. E mais, estava persuadido de que seu pai não quereria jamais ofendê-lo, e que jamais ninguém no mundo, não somente não o quereria, mas não o poderia. Era para ele um axioma, admitido de uma vez por todas, e a este respeito caminhava tranqüilo, sem a menor excitação.

Mas naquele momento, outro temor o agitava, duma espécie bem diversa, e tanto mais penoso quanto ele mesmo não o teria podido definir, o temor de uma mulher, daquela Catarina Ivânovna, que insistia tanto, na sua carta entregue de manhã pela Senhora Khokhla-kova, para que fosse vê-la. Esse pedido e a necessidade de a ele obedecer causavam-lhe uma impressão dolorosa, que, durante toda a tarde, não fez senão agravar-se, malgrado as cenas e as aventuras que se haviam desenrolado no mosteiro, etc. Seu temor não provinha de ignorar ele o que ela lhe diria e o que ele lhe responderia. Não era tampouco a mulher que ele temia nela; decerto, conhecia pouco as mulheres, mas não tinha, no entanto, vivido senão com elas, desde sua tenra infância até sua chegada ao mosteiro. Temia aquela mulher, precisamente Catarina Ivânovna, e isto desde sua primeira entrevista. Ora, ele a havia encontrado duas ou três vezes no máximo, e trocado por acaso algumas palavras com ela. Lembrava-se dela como de uma bela moça, altiva e imperiosa. Não era sua beleza que o atormentava, mas algo.de diferente, e sua impotência em explicar o medo que ela lhe inspirava aumentava esse medo. O fim que a jovem tinha em vista era dos mais nobres, ele o sabia: esforçava-se por salvar Dimítri, culpado para com ela, e só agia por generosidade. Pois bem, malgrado sua admiração por esses nobres sentimentos, percorria-lhe o corpo um arrepio, à medida que se aproximava da casa dela.

Deu-se conta de que não encontraria em sua companhia Iva, seu íntimo, retido então certamente por seu pai. Quanto a Dimítri, não podia tampouco estar em casa de Catarina Ivânovna, pressentindo ele a razão disso. A conversa entre ambos ocorreria, pois, a sós, mas antes desejava

Aliócha ver Dimítri e, sem mostrar-lhe a carta, trocar com ele algumas palavras. Ora, Dimítri morava longe e não estaria sem dúvida em sua casa naquele momento. Tendo parado um minuto, decidiu-se por fim. Depois de um sinal-da-cruz apressado, sorriu misteriosamente e dirigiu-se, resoluto, para a terrível pessoa.

Conhecia-lhe a casa. Mas se tivesse de passar pela Rua Grande, depois atravessando a praça, etc, seria bastante* distante. Sem ser grande, nossa cidade é muito dispersa e as distâncias consideráveis. Além do mais seu pai o esperava; lembrava-se talvez da ordem que lhe dera e era capaz de fazer das suas. Era preciso pois apressar-se para chegar a tempo. Em virtude dessas considerações, resolveu Aliócha abreviar o caminho tomando por atalhos; conhecia todos aqueles becos como seu bolso. Por atalhos significava quase com caminhos traçados costear tapumes desertos, transpor por vezes cercas particulares, atravessar pátios onde aliás todos o conheciam e o cumprimentavam. Podia assim alcançar a Rua Grande em duas vezes menos tempo. Em certo lugar, teve de passar bem perto da casa paterna, precisamente ao lado do jardim contíguo ao deles, que dependia de uma casinha de quatro janelas arruinada e inclinada para o lado. A proprietária dessa casinha era, como Aliócha o sabia, uma pequena burguesa da cidade, velha inválida, que vivia com sua filha, antiga arrumadeira na capital, recentemente ainda a serviço em casa de generais, tendo voltado para casa, havia um ano, por causa da doença de sua mãe e exibindo-se com vestidos elegantes. Essas duas mulheres tinham no entanto caído em profunda miséria e iam mesmo todos os dias, como vizinhas, procurar pão e sopa na cozinha de Fiódor Pávlovitch. Marfa Ignátievna fazia-lhes boa acolhida. Mas a filha, embora indo procurar sopa, não vendera nenhum de seus vestidos; um deles tinha mesmo uma cauda bastante comprida. Aliócha soubera desse detalhe, completamente por acaso, da boca de seu amigo Rakítin, ao qual nada escapava do que se passava na cidadezinha; é certo, porém, que o esquecera logo. Ao chegar diante do jardim da vizinha, lembrou-se daquela cauda, ergueu rapidamente sua cabeça curvada, pensativa, e... teve de súbito o encontro mais inesperado.

Por trás da cerca, de pé sobre um montículo e visível até o peito, seu irmão Dimítri fazia-lhe sinais, chamava-o com grandes gestos, evitando não somente gritar, mas até mesmo dizer uma palavra, com medo de ser ouvido. Aliócha correu para a cerca.

— Por felicidade levantaste os olhos, senão teria sido obrigado a

gritar — cochichou jovialmente Dimítri Fiódorovitch. — Salta-me esta cerca, depressa! Como chegas a propósito! Pensava em ti

Aliócha não estava menos contente, embaraçado apenas por ter de pular a cerca. Mas Mítia, com sua mão de atleta, ergueu-o pelo cotovelo e ajudou-o a saltar, o que ele fez, de batina arrepanhada, com a agilidade de um garoto.

— E agora, em frente, marcha! — murmurou Mítia, num transporte de alegria.

— Mas para onde? — perguntou do mesmo modo Aliócha, olhando por todos os lados e vendo-se num jardim deserto, onde não havia ninguém senão eles. O jardim era pequeno, mas a casa encontrava-se a cinqüenta passos pelo menos. — Não há ninguém aqui. Por que falamos em voz baixa?

— Por quê? Que o diabo me carregue! — exclamou de súbito Dimítri Fiódorovitch a plena voz. — Que adianta falar em voz baixa? Vês tu mesmo como se pode ser absurdo. Estou aqui para espionar um segredo. As explicações virão depois, mas, sob a impressão do mistério, pus-me a falar misteriosamente, a cochichar como um tolo, sem razão. Vamos! Vem e cala-te. Mas quero beijar-te.

Glória ao Eterno sobre a terra.

Glória ao Eterno em mim...

Eis o que eu repetia ainda há pouco, sentado no jardim, naquele lugar...

O jardim de cerca de 1 *diesiatina* estava todo cercado de árvores ao longo de seu recinto: pereiras, bordos, tílias, bétulas. O centro formava uma espécie de pequeno prado onde se recolhia feno, no verão. A proprietária alugava aquele jardim desde a primavera por alguns rublos. Havia pés de framboesas, groselhas de várias espécies, igualmente perto das cercas; a horta, cultivada desde pouco tempo, achava-se perto da casa. Dimítri conduziu seu irmão para o canto mais afastado do jardim. Ali, entre as tílias muito próximas e velhas moitas de groselheiras e de sabugueiros, de bolas-de-neve e de lilás, avistavam-se as ruínas de um antigo pavilhão verde, enegrecido e empenado, de paredes com clarabóia, mas ainda coberto e onde a gente podia abrigar-se da chuva. Segundo a tradição, fora esse pavilhão construído, havia cinqüenta anos, por um

antigo proprietário, Alieksandr Kárlovitch von Schmidt, tenente-coronel reformado. Tudo caía em poeira, o soalho estava podre, as tábuas balançavam, a madeira tresandava umidade. Havia uma mesa de madeira pintada de verde, enterrada no chão, cercada de bancos que ainda podiam servir. Aliócha notara o entusiasmo de seu irmão; ao entrar no pavilhão, viu sobre a mesa uma meia garrafa de conhaque e um copinho.

— É conhaque! — disse Mi tia, com uma explosão de riso. — Vais pensar: "Ele continua bebendo". Não te fies nas aparências.

Às tuas suspeitas renuncia...

Às tuas suspeitas renuncia..[*]

Eu não me embriago, "beberico", como diz aquele porco do Rakítin, teu amigo, e o dirá ainda, mesmo quando se tornar conselheiro de Estado. Senta-te, Aliócha; gostaria de apertar-te em meus braços, de esmagar-te, porque, no mundo inteiro, crê-me, na verdade, na verdade, não amo senão a ti! Pronunciou as derradeiras palavras numa espécie de frenesi.

— A ti e também a uma debochada pela qual me embeicei, para desgraça minha. Mas embeiçar-me não é amar. A gente pode emberçar-se e odiar. Lembra-te disto. Até aqui, falo alegremente. Senta-te à mesa, perto de mim, para que te veja. Tu me escutarás em silêncio e direi tudo, porque o momento de falar chegou. Mas fica sabendo, refleti, é preciso falar verdadeiramente baixo porque aqui há talvez orelhas às escutas. Saberás tudo, disse: a continuação virá. Por que tinha eu tamanha vontade de ver-te, desde cinco dias que aqui estou e ainda há pouco? É que tu me és necessário... é que a ti somente direi tudo... é que amanhã uma vida acaba e outra começa para mim. Já experimentaste alguma vez em sonho a sensação de rolar num precipício? Pois bem, agora caio realmente. Oh! não tenho medo e tu também não. Isto é, sim, tenho medo, mas é um medo suave, ou antes, embriaguez... E depois, para o diabo! Que importa! Espírito forte, espírito fraco, espírito de mulher, que importa? Louvemos a natureza! Vê que belo sol, que céu puro, por toda parte folhagens verdes; é na verdade ainda o verão. Estamos às 4 horas da tarde, está tudo calmo!. . Aonde ias?

— Ia à casa de meu pai e queria ver, de passagem, Catarina.

— À casa dela e à casa de papai? Que coincidência! Pois, por que te

---

[*] Versos de um poema de Niekrássov

chamei, por que te desejava do fundo do coração, com todas as fibras de meu ser? Precisamente para mandar-te à casa de papai, depois à casa dela, a fim de acabar isso de uma vez com um e com outra. Enviar um anjo! Teria podido enviar não importa quem, mas era-me preciso um anjo. E eis que ias tu mesmo para lá!

— Deveras? Querias mandar-me lá? — perguntou Aliócha, com uma expressão dolorosa.

— Espera, tu o sabias. Vejo que compreendeste tudo; mas cala-te. Não me lamentes, não chores!

Dimítri levantou-se, com ar meditativo:

— Foi ela quem te chamou; deve ter-te escrito, senão não irias...

— Aqui está seu bilhete... — Aliócha tirou-o de seu bolso. Mítia leu-o rapidamente.

Versos de um poema de Niekrássov.

— E tomavas o caminho mais curto! Ó deuses! Agradeço-vos o tê-lo dirigido para este lado e trazido para mim, tal como o peixinho de ouro que foi cair nas mãos do velho pescador, segundo o conto popular. Escuta, Aliócha, escuta meu irmão, Agora, resolvi dizer tudo. É preciso que me expanda, afinal! Depois de ter-me confessado a um anjo do céu, vou confessar-me a um anjo da terra. Porque és um anjo. Tu me escutarás e me perdoarás... Tenho necessidade de ser absolvido por um ser mais nobre do que eu. Escuta, pois. Suponhamos que duas criaturas se libertem das servidões terrestres e planem numa região superior, uma delas, pelo menos. Que esta, antes de voar ou desaparecer, se aproxima da outra e lhe diga: "Faze por mim isto ou aquilo", coisas que jamais se costumam exigir, que só se pedem no leito de morte. Será que o que fica se recusará, se é um amigo, um irmão?

— Eu o farei, mas dize-me de que se trata, e dize-me quanto antes — falou Aliócha.

— Depressa... Hum! Não te apresses, Aliócha. Apressando-te, atormentas-te. É inútil apressar-se agora. O mundo entra agora numa era nova. Que pena, Aliócha, que nunca te entusiasmes. Mas que digo eu? Sou eu que careço de entusiasmo! Que digo eu, tolo que sou?

Homem, sê nobre!

De quem é este verso?

Aliócha resolveu esperar. Compreendera que toda a sua atividade, com efeito, estava talvez concentrada agora naquele lugar. Mítia ficou um momento pensativo, de cotovelos sobre a mesa, a fronte na mão. Ambos mantinham-se calados.

— Aliócha, somente tu me escutarás sem rir. Gostaria de começar... minha confissão... por um hino à alegria, como Schiller, An die Freude! Mas não sei alemão, sei somente que é An die Freude. Não vás imaginar que tagarelo sob o domínio da embriaguez. Para embriagar-me são precisas duas garrafas de conhaque.

Como Sileno vermelho

No seu asno vacilante.

Ora, não bebi um quarto de garrafa e não sou Sileno. Não Sileno, mas Hércules, porque tomei uma resolução heróica. Perdoa-me essa aproximação de mau-gôsto, terás bem mais outras coisas a perdoar-me hoje. Não te inquietes, não invento, falo seriamente e vou direto ao fato. Não serei duro ao»disparo como um judeu. Espera, como é que é mesmo?

Ergueu a cabeça, refletiu, depois começou a recitar com entusiasmo:

Nu, tímido, selvagem, se ocultava

O troglodita nas cavernas;

O nômade nos campos pervagava

A devastá-los sem cessar;

O caçador com sua lança e flechas,

Terrível, as florestas percorria;

Desgraça para os náufragos lançados

Pelas ondas naquela praia inóspita.

Das alturas do Olimpo, Ceres

Desce, à procura de Prosérpina,

Ao seu amor arrebatada;

A seus olhos o mundo é todo horror.

Nenhum asilo, nem mesmo oferendas

À deusa são apresentadas.

Aqui não se conhece culto aos deuses,

Nem templos há para adorá-los.

Os frutos do pomar, as uvas doces

Não alegram nenhum festim;

Só os restos das vítimas fumegam

Sobre as aras ensangüentadas.

E em vão de Ceres vaga o triste olhar;

Por toda parte avista o homem

Numa profunda humilhação.

Soluços escaparam-se do peito de Mítia; agarrou Aliócha pela mão.

— Amigo, amigo, sim, na humilhação, na humilhação ainda agora! O homem sofre na terra males sem conta. Não penses que seja eu apenas um boneco vestido de oficial, bom para beber e para fazer farras. A humilhação, que é a partilha do homem, eis, irmão, quase o único objeto de meu pensamento. Deus me guarde de mentir e de gabar-me. Penso nesse homem humilhado, porque sou ele eu mesmo.

Para que possa sair da abjeção

O homem, por força de sua alma,

Deve aliança eterna concluir

Com sua velha mãe, a Terra.

Somente, porém, como concluir essa aliança eterna? Não fecundo a terra, abrindo-lhe o seio; far-me-ei mujique ou pastor? Ando sem saber para onde vou, para a luz radiosa ou para a vergonha infecta. Está nisso a desgraça, porque tudo é enigma neste mundo. Quando me achava mergulhado na mais abjeta degradação (era todo o tempo), sempre reli esses versos a respeito de Ceres e da miséria do homem. Corrigiram-me?

Não! Porque sou um Karamázov! Porque, quando rolo no abismo, é diretamente, de cabeça à frente; agrada-me mesmo cair assim, vejo beleza nessa queda. E do seio da vergonha entôo um hino. Sou maldito, vil e degradado, mas beijo a fímbria da veste em que se envolve o meu Deus; sou a estrada diabólica, mas sou, no entanto, teu filho, Senhor, e te amo, sinto a alegria sem a qual o mundo não poderia subsistir.

A alegria eterna anima
Toda a alma da criação,
Transmite a chama da vida
Na força oculta dos germes;
Foi quem fez surgir a relva,
Transformou o caos em sóis,
Espalhados nos espaços
Longe da vista dos homens.

Tudo quanto na boa Natureza
Respira, dela extrai sua alegria,
Arrasta atrás de si seres e povos;
Foi ela quem nos deu
Amigos na desgraça,
Dos cachos d'uva o suco,
Das Graças a grinalda,
Ao inseto, a luxúria...

E o Anjo, para levar-nos
À presença de Deus.

Mas basta de versos. Deixa-me chorar. Que seja um absurdo de que o mundo inteiro zombe, exceto tu. Eis teus olhos brilhando. Basta de versos. Quero agora falar-te dos "insetos", daqueles a quem Deus

gratificou com a luxúria. Eu mesmo sou um deles e isso se aplica a mim. Nós, Karamázovi, somos todos assim; esse inseto vive em ti, que és um anjo, e aí suscita tempestades. Porque a sensualidade é uma tempestade e até mesmo algo mais. A beleza é uma coisa terrível e espantosa. Terrível, porque indefinível, e não se pode defini-la porque Deus só criou enigmas. Os extremos se tocam, as contradições vivem juntas. Sou pouco instruído, irmão, mas tenho pensado muito nessas coisas. Quantos mistérios acabrunham o homem! Penetra-os e volta intacto. Assim a beleza. Não posso tolerar que um homem de grande coração e de alta inteligência comece pelo ideal da Madona e venha a acabar no de Sodoma. Mas o mais horrível é, trazendo no seu coração o ideal de Sodoma, não repudiar o da Madona, arder por ele como nos seus jovens dias de inocência. Não, o espírito humano é demasiado vasto, gostaria dê restringi-lo. O diabo é quem sabe de tudo. O coração acha beleza até na vergonha, no ideal de Sodoma, que é o da imensa maioria. Conheces esse mistério? É o duelo do diabo e de Deus, sendo o coração humano o campo de batalha. Ora, fala-se daquilo que faz a gente sofrer. Vamos, pois, ao fato.

IV

CONFISSÃO DE UM CORAÇÃO ARDENTE. — ANEDOTAS

— Entregara-me à devassidão. Meu pai dizia ainda há pouco que gastei milhares de rublos para seduzir donzelas. Imaginação de porco! É uma mentira, porque minhas conquistas não me custavam nada, a bem dizer. Para mim o dinheiro não passa do acessório, a encenação. Hoje, sou o amante de uma dama, amanhã de uma mulher das ruas. Divirto as duas, prodigando dinheiro aos punhados, com música e ciganos. Se for possível, dou dinheiro a elas, porque de qualquer forma o dinheiro não lhes desagrada; elas nos agradecem. Amaram-me senhoritas, não todas, mas as houve e muitas. Gostava dos becos, das vielas sombrias e desertas, teatro de aventuras, de surpresas, por vezes de pérolas na lama. Exprimo-me alegòricamente, irmão, esses becos só existiam figuradamente. Se fosses semelhante a mim, compreenderias. Gostava da devassidão pela sua abjeção mesma. Gostava da crueldade; não sou um percevejo, um inseto malfazejo? Um Karamázov, e está tudo dito! Uma vez, houve um grande piquenique, para onde fomos em sete tróicas, no inverno, num tempo sombrio; no trenó cobri de beijos minha vizinha, filha de um funcionário,

sem fortuna, encantadora e tímida; no escuro, permitiu-me ela carícias demasiado livres. A pobrezinha imaginava que no dia seguinte iria eu pedi-la em casamento (porque era eu apreciado como possível noivo); mas fiquei cinco meses sem dizer-lhe uma palavra. Muitas vezes, quando se dançava, via-a seguir-me com o olhar num canto do salão, com os olhos a arderem duma terna indignação. Esse jogo só fazia deitar minha sensualidade perversa. Cinco meses depois, casou-se ela com um funcionário e partiu... furiosa e talvez amando-me ainda. Vivem felizes, agora. Nota que ninguém sabe de nada, sua reputação está - intacta; malgrado meus vis instintos e meu amor à baixeza, não sou desonesto. Tu coras. Teus olhos cintilam. Estás farto dessa lama. No entanto, não passam de grinaldas à Paulo de Kock. Tenho, irmão, um álbum inteiro de recordações. Que Deus as guarde a essas queridas criaturas. No momento de romper, evitava as querelas. Jamais vendi nem comprometi nenhuma. Mas isto basta. Crês que te chamei somente por causa dessas sujeiras? Não, foi a fim de contar-te algo de mais curioso; mas não fiques surpreendido pelo fato de não ter eu vergonha diante de ti, sinto-me mesmo à vontade.

— Fazes alusão ao meu rubor — observou, de súbito, Aliócha. — Não são tuas palavras, nem mesmo tuas ações que me fazem corar. Coro porque sou igual a ti.

— Tu? Estás indo um pouco longe.

— Não, não exagero — declarou Aliócha, com calor. (Via-se que estava presa dessa idéia desde muito tempo.) — A escada do vício é a mesma para todos. Acho-me no primeiro degrau; estás mais alto, no décimo terceiro, admitamos. Acho que é absolutamente a mesma coisa: uma vez posto o pé no primeiro degrau, é preciso galgar todos.

— O melhor, então, é não começar?

— Evidentemente, se é possível.

— Pois bem, és capaz?

— Creio que não.

— Cala-te, Aliócha, cala-te, meu querido, tenho vontade de beijar-te a mão cheio de enternecimento. Ah! essa marota da Gruchenhka conhece os homens; dizia-me, uma vez, que um dia ou outro te devoraria. Está bem, calo-me! Mas deixemos esse terreno emporcalhado pelas moscas para chegar à minha tragédia, emporcalhada, também ela, pelas moscas,

isto é, por todas as espécies de baixezas possíveis. Se bem que o velho tenha mentido a respeito de minhas pretensas seduções, isto aconteceu-me, no entanto, uma vez somente; e ainda assim não chegou a executar-se. Ele, que me censurava coisas imaginárias, nada sabe disso; não o contei a ninguém, és o primeiro a quem falo, exceto Ivã, bem entendido. Ele sabe de tudo desde muito tempo. Mas Ivã é mudo como o tumulo.

— Como o tumulo?

— Sim.

Aliócha redobrou de atenção.

— Embora alferes num batalhão de linha, era objeto de certa vigilância, a modo dum deportado. Mas acolhiam-me bastante bem na cidadezinha. Prodigalizava dinheiro, acreditavam-me rico e eu acre ditava que o era. Devia agradar também por outras razões. Embora abanando a cabeça por causa de minhas estroinices, tinham afeição por mim. Meu tenente-coronel, um velho, antipatizou comigo de repente. Pôs-se a amofinar-me, mas eu tinha costas largas; toda a cidade ficou a meu lado, não podia ele fazer grande coisa. A culpa era minha; por tola altivez, não lhe prestava eu as homenagens a que tinha ele direito. Aquele velho teimoso, bom homem no íntimo e muito hospitaleiro, fora casado duas vezes. Era viúvo. Sua primeira mulher, de baixa condição, deixara-lhe uma filha tão simples quanto ela mesma. Tinha a moça então 24 anos e vivia com seu pai e sua tia materna. Longe de ter a ingenuidade silenciosa de sua tia, a isso juntava muita vivacidade. Jamais encontrei caráter feminino mais encantador. Chamava-se Agáfia, imagina, Agáfia Ivânovna. Bastante bonita, ao gosto russo, grande, de boas carnes, de belos olhos, mas de expressão um pouco vulgar. Ficara solteira, malgrado dois pedidos de casamento, e conservava sua jovialidade. Travei amizade com ela, tudo muito direito, com muita honestidade. Porque travei mais de uma amizade feminina, perfeitamente pura. Falava com ela em termos bastante livres e ela só fazia rir. Muitas mulheres gostam dessa liberdade de expressão, nota-o bem; além do mais, era muito divertido com uma moça igual a ela. Um traço ainda: não se podia qualificá-la de senhorita. Sua tia e ela viviam em casa de seu pai, numa espécie de rebaixa mento voluntário, sem se igualarem ao resto da sociedade. Estimavam-na, apreciavam seus talentos de costureira, porque não cobrava ela nada, trabalhando por gentileza para suas amigas, sem todavia recusar o dinheiro, quando lhe era oferecido. Quanto ao coronel, era um dos

homens notáveis do lugar. Vivia à larga. Toda a cidade era recebida em sua casa; ceava-se, dançava-se. Por ocasião de minha entrada para o batalhão, só se falava, na cidade, da próxima chegada da segunda filha do coronel. Famosa pela sua beleza, acabava de sair de um internato aristocrático da capital. É Catarina Ivânovna, a filha da segunda mulher do coronel. Esta última era nobre, de grande casa, mas não trouxera dote algum ao marido; sei-o de boa fonte. Era de boa família, com algumas esperanças, mas nada de efetivo. No entanto, quando a jovem chegou para uma temporada, a cidadezinha ficou como que galvanizada; nossas damas mais distintas, duas excelências, uma coronela, e todas as outras, em seguimento, disputavam-na; festejavam-na, era a rainha dos bailes, dos piqueniques; organizaram-se quadros vivos em benefício de não sei quais professoras. Quanto a mim, caio-me, farreio; imaginei então uma pilhéria à minha moda, que deu que falar à cidade inteira. Uma noite, em casa do comandante da bateria, Catarina Ivânovna lançou-me um olhar de alto a baixo; não me aproximei dela, desdenhando travarmos conhecimento. Abordei-a algum tempo depois, igualmente num sarau. Falei-lhe. Olhou-me apenas, com os lábios desdenhosos. "Espera um pouco, pensei, vingar-me-ei!" Era eu então um sujeito verdadeiramente estourado na maior parte dos casos e sentia isso. Sentia sobretudo que Catarina, longe de ser uma pensionista ingênua, tinha caráter, altivez e verdadeira virtude, sobretudo muita inteligência e instrução, o que me faltava totalmente. Pensas que eu queria pedir-lhe a mão? Absolutamente. Queria somente me vingar de sua indiferença a meu respeito. Foi então uma farra de arrebentar. Por fim; o tenente-coronel infligiu-me três dias de detenção. Naquela ocasião, nosso pai enviou-me 6 000 rublos em troca de uma renúncia formal a todos os meus direitos e pretensões à fortuna de minha mãe. Nada entendia disso então; até minha chegada aqui, irmão, até estes últimos dias e talvez mesmo agora, nada compreendi dessas disputas de dinheiro entre mim e meu pai. Mas, para o diabo tudo isso, tornaremos a falar. Já de posse desses 6 000 rublos* a carta de um amigo me fez ciente de uma coisa bastante interessante, a saber, que estavam descontentes com o nosso tenente-coronel, suspeito de malversações, e que seus inimigos lhe preparavam uma surpresa. Com efeito, o chefe da divisão apareceu para dirigir-lhe vigorosa reprimenda. Pouco depois foi obrigado a demitir-se. Não te contarei todos os detalhes desse negócio; tinha ele, com efeito, inimigos; ocorreu na cidade brusco resfriamento de relações com ele e toda a sua família; todo mundo os abandonava. Foi então que pus em prática minha primeira treta: encontro Agáfia Ivânovna, de quem

me mantinha sempre amigo, e digo-lhe: "Faltam 4 500 rublos na caixa de seu pai..." "Como? Quando o general veio, recentemente, a soma estava completa. ." "Estava então, mas não mais agora." Ela ficou apavorada. "Não me apavore, rogo-lhe, donde soube isso?" "Tranquilize-se", digo-lhe "não falarei a ninguém, sabe você que a esse respeito sou um tumulo. Queria somente dizer-lhe isto, de qualquer modo: quando reclamarem de seu pai esses 4 500 rublos que lhe faltam, em vez de passar em julgamento na sua idade e ser degradado, mande-me sua irmã secretamente; acabo de receber dinheiro, remeter-lhe-ei a soma e ninguém ficará sabendo de nada." "Ah! que patife é você!", disse ela. "Que canalha! Como ousa?" Ela foi-se embora, sufocada de indignação, e gritei-lhe às costas que o segredo seria inviolàvelmente guardado. Aquelas duas mulheres, Agáfía e sua tia, eram verdadeiros anjos; adoravam a altiva Cátia*, serviam-na humildemente. Agáfia deu parte de nossa conversa à sua irmã, como vim a saber mais tarde. Era justamente o que me era preciso.

"Entrementes, chega novo major para tomar o comando do batalhão. O velho coronel cai doente; fica no quarto dois dias inteiros e não presta suas contas. O Doutor Krávtchenko assegura que a doença não é simulada. Mas eis o que eu sabia com certeza, e desde muito tempo: após cada revisão de seus chefes, o coronel fazia desaparecer certa soma por algum tempo; isto remontava a quatro anos. Emprestava-a a um homem de toda confiança, um negociante, viúvo barbudo, de óculos de ouro, Trífonov. Este ia à feira, servia-se do dinheiro para seus negócios e restituía-o logo ao coronel, com um presente e uma boa comissão. Mas desta vez, Trífonov, à sua volta da feira, nada entregara (soube-o, por acaso, de seu filho, um fedeiho, garoto pervertido dos que mais o sejam). O coronel acorreu: 'Jamais recebi nada do senhor[11], respondeu o velhaco. O infeliz não põe mais pé fora de casa, com a cabeça enrolada num penso, as três mulheres aplicando-lhe gelo sobre o crânio. Chega um ordenança com a ordem de entrega da caixa imediatamente, dentro de duas horas. Ele assinou, vi mais tarde sua assinatura no registro, levantou-se, dizendo que ia vestir seu uniforme, e passou para seu quarto de dormir. Ali pegou seu fuzil de caça, carregou-o com baia, descalçou seu pé direito, apoiou a arma contra o peito, tateando com o pé para premir o gatilho. Mas Agáfia, que não esquecera minhas palavras, suspeitava de alguma coisa; tendo-se aproximado furtivamente, vigiava-o. Precipitou-se, cercou-o com seus

---

[11] *Diminutivo de Catarina.*

braços pelas costas; o tiro partiu para o ar, sem ferir ninguém. Os outros acorreram, arrancaram-lhe a arma, segurando-o pelas mãos... Encontrava-me então em casa, ao crepúsculo, a ponto de sair, vestido, penteado, o lenço perfumado; pegara meu casquete; de repente, a porta se abre e vejo entrar Catarina lvânovna.

"Há coisas estranhas: ninguém a notara na rua, quando vinha ela para minha casa, nem visto, nem conhecido. Eu morava em casa de duas mulheres de funcionários, pessoas idosas; faziam elas o serviço, para tudo me escutavam com deferência e guardaram por ordem minha segredo absoluto. Compreendi no mesmo instante do que se tratava. Ela entrou, de olhar fito em mim; seus olhos sombrios exprimiam a decisão, a audácia mesmo, mas o jeito de seus lábios revelava a perplexidade.

"— Minha irmã me disse que o senhor daria 4 500 rublos, se eu viesse buscá-los... em pessoa. Eis-me aqui... dê-me o dinheiro!... — Sufocava, tomada de terror; sua voz extinguiu-se, seus lábios tremiam... Aliócha, tu me escutas ou dormes?"

— Mítia, sei que me dirás toda a verdade — replicou Aliócha, comovido.

— Podes contar com isso, não me pouparei. Meu primeiro pensa mento foi o de um Karamázov. Um dia, irmão, fui picado por uma centopeia e tive de ficar quinze dias de cama, com febre; pois bem, senti então no coração a picada da centopeia, um animal venenoso, bem sabes. Eu a examinava de alto a baixo. Viste-a? É uma beleza.

Mas era bela então pela sua nobreza moral, pela sua grandeza de alma e pelo seu devotamento filial, a meu lado, vil e repugnante personagem. Era, no entanto, de mim que "toda" ela dependia, corpo e alma, como que prisioneira. Confessar-to-ei: aquele pensamento, o pensamento da centopéia, dominou-me o coração com tal intensidade que acreditei morrer de angústia. Parecia que nenhuma luta era possível: conduzir-me baixamente, como uma tarântula venenosa, sem sombra de compaixão... Isso atravessou-me mesmo o espírito. No dia seguinte, bem entendido, iria eu pedir-lhe a mão, para terminar tudo da maneira mais nobre e ninguém teria sabido nada do caso. Porque, se tenho instintos baixos, sou contudo leal. E, de súbito, ouço que me murmuram ao ouvido: "Amanhã, quando fores oferecer-lhe tua mão, ela não se mostrará e mandará expulsar-te pelo cocheiro. 'Podes difamar-me pela cidade', dirá ela, 'não tenho medo de ti!'" Olhei para a jovem a fim de ver se aquela voz

não mentia. A expressão de seu rosto não deixava nenhuma dúvida, por-me-iam pela porta afora. A cólera dominou-me, tive vontade de pregar-lhe a peça mais vil, uma sujeira de bodegueiro: olhá-la ironicamente e, enquanto ela se conservasse diante de mim, consterná-la, tomando a inflexão de que só são capazes os bodegueiros:

"— Quatro mil rublos! Mas eu estava brincando! A senhorita contou muito facilmente com isso! Duzentos rublos, com prazer e de boa vontade; mas 4 000 é dinheiro, isso não se pode dá-lo assim levianamente. A senhorita incomodou-se por coisa alguma.

"Vês tu, teria eu tudo perdido, ela teria fugido, mas aquela vingança infernal teria compensado o resto. Eu lhe teria pregado essa peça, pronto a lamentá-la em seguida a vida inteira! Acreditarás que, em semelhantes minutos, jamais olhei uma mulher, quem quer que ela fosse, com um ar de ódio — mas, juro-o sobre a cruz, durante alguns segundos contemplei-a com um ódio intenso, o ódio que só está separado do amor mais ardente por um cabelo. Aproximei-me da janela, apoiei a fronte na vidraça gelada, lembro-me de que o frio fazia-me o efeito de uma queimadura. Não a retive muito tempo, fica tranqüilo; fui à minha mesa, abri uma gaveta, dela retirei um cheque de 5 000 rublos ao portador, que se encontrava no meu dicionário francês. Sem dizer uma palavra, mostrei-lho, dobrei-o, entreguei-lho, depois eu mesmo abri a porta da antecâmara e fiz uma profunda saudação. Ela estremeceu toda, olhou-me fixamente um segundo, ficou branca como um linho e, sem proferir uma palavra, sem brusquidão, mas ternamente, docemente, prosternou-se a meus pés, com a fronte no chão, não como uma pensionista, mas à russa! Levantou-se e fugiu. Após sua partida, tirei minha espada e quis matar-me, por que, não sei dizê-lo; teria sido absurdo, evidentemente; sem dúvida, por entusiasmo. Compreendes que possa a gente matar-se de alegria? Mas limitei-me a beijar a lâmina e repu-la na bainha... Poderia muito bem não ter-te falado disso. Parece-me, aliás, que floreei um tanto, para me gabar, contando-te as lutas de minha consciência. Mas que importa! Ao diabo todos os espiões do coração humano! Eis toda a minha aventura com Catarina Ivânovna. És o único, com Ivã, a conhecê-la."

Dimítri Fiódorovitch levantou-se, dando alguns passos com hesitação, tirou seu lenço, enxugou a testa, depois tornou a sentar-se, mas num outro lugar, sobre o banco em frente, contra a outra parede, de modo que Aliócha teve de voltar-se totalmente para seu lado.

V

CONFISSÃO DE UM CORAÇÃO ARDENTE E DESBOCADO

— Pois bem! — disse Aliócha. — Conheço agora a primeira parte do caso.

— Isto é, um drama, que se passou lá. A segunda parte será uma tragédia e se desenrolará aqui.

— Não compreendo nada dessa segunda parte.

— E eu, será que eu compreendo alguma coisa?

— Escuta, Dimítri, há um ponto importante. Dize-me, ainda és noivo?

— Não fiquei noivo imediatamente, mas só três meses depois daquele acontecimento. No dia seguinte, disse a mim mesmo que estava tudo liquidado, terminado, que não haveria conseqüências. Ir pedi-la em casamento pareceu-me uma baixeza. De seu lado, não me deu ela sinal de vida durante as seis semanas que passou ainda na cidade. De parte uma exceção, entretanto: no dia seguinte à sua visita, a arrumadeira delas introduziu-se em minha casa e, sem dizer uma palavra, entregou-me um envelope a mim endereçado. Abro-o: continha o restante dos 5 000 rublos. Fora preciso restituir 4 500, a perda de venda da obrigação ultrapassava 200 rublos. Ela me restituía 260, creio — não me lembro exatamente —, e sem uma palavra de explicação. Procurei no pacote um sinal qualquer a lápis, nada! Fiz farra com o que me restava de meu dinheiro, a tal ponto que o novo major se viu forçado a fazer-me censuras. O tenente-coronel entregara sua caixa intacta, para espanto geral, porque acreditava-se a coisa impossível. Depois do que, caiu doente, ficou três semanas de cama e sucumbiu em cinco dias a um amolecimento cerebral. Enterraram-no com honras militares, porque não tivera ele tempo de ser reformado. Catarina Ivânovna, sua irmã e sua tia, dez dias após o enterro, partiram para Moscou. No dia de sua partida somente (não as havia revisto), recebi um bilhete azul, com esta única linha escrita a lápis: "Escrever-lhe-ei. Espere. C."

"Em Moscou, os negócios delas arranjaram-se duma maneira tão rápida quão extraordinária, tal como um conto das *Mil e Uma Noites.* A principal parenta de Catarina Ivânovna, uma generala, perdeu bruscamente suas duas sobrinhas, suas herdeiras mais próximas, mortas, na

mesma semana, de varíola. Transtornada, ligou-se a Cátia como à sua própria filha, vendo nela sua derradeira esperança, refez seu testamento em seu favor e deu-lhe — de mão para mão — 80 000 rublos de dote, para dispor deles à sua vontade. É histérica; tive ocasião de observá-la mais tarde em Moscou. Uma bela manhã, recebo pelo correio 4 500 rublos, com extrema surpresa minha, bem entendido. Três dias depois chega a carta prometida. Tenho-a ainda, conservá-la-ei até minha morte; queres que ta mostre? Não deixes de lê-la: oferece-se ela mesma a partilhar minha vida. 'Amo-o loucamente; que não me ame, não me importa, contente-se em ser meu marido. Não se espante, não o incomodarei em nada; serei um de seus móveis, o tapete sobre o qual você anda... Quero amá-lo eternamente, salvá-lo-ei de você mesmo...' Aliócha, sou mesmo indigno de repetir estas linhas em minha vil linguagem, com o tom de que jamais pude corrigir-me! Até agora, essa carta traspassou-me o coração e acreditas que me sinto à vontade hoje? Respondi-lhe imediatamente (era-me impossível ir a Moscou). Escrevi com minhas lágrimas. Envergonhar-me-ei eternamente de lhe ter lembrado que era ela agora rica e dotada — e eu sem recursos. Falei de dinheiro. Deveria ter-me contido, mas minha pena traiu-me. Escrevi também a Ivã, então em Moscou, e expliquei-lhe tudo quanto era possível, uma carta de seis páginas; mandei Ivã à casa dela. Que tens que te faz olhar-me? Sim, Ivã apaixonou-se por ela; ainda o está agora, sei disso. Cometi uma tolice, do ponto de vista mundano, mas talvez seja essa tolice que nos salvará a todos. Não vês que ela o honra, que o estima? Pode ela, depois de ter-nos comparado um com o outro, amar um homem tal como eu, sobretudo depois do que se passou aqui?"

— Estou persuadido de que é um homem como tu que ela devo amar, e não um homem como ele.

— É sua própria virtude que ela ama e não a mim — deixou Dimítri escapar, malgrado seu, com irritação. Pôs-se a rir, mas de súbito seus olhos cintilaram; tornou-se totalmente vermelho e deu um violento murro sobre a mesa.

— Juro-o, Aliócha — exclamou ele, num acesso de furor não fingido contra si mesmo —, podes crê-lo ou não, mas, tão verdade como Deus é santo e que o Cristo é Deus, e, se bem que haja eu zombado de seus nobres sentimentos, não duvido da angélica sinceridade deles; sei que minha alma é um milhão de vezes mais vil que a dela. É nesta certeza que consiste a tragédia. A bela desgraça! Declame-se um pouco! Eu também declamo e, no entanto, sou perfeitamente sincero. Quanto a Ivã, imagino

que deve ele maldizer a natureza, ele que é tão inteligente! Quem teve a preferência? Um monstro tal como eu, que não pude arrancar-me da devassidão, quando todos me observavam e isto sob os olhos de minha noiva! E sou eu preferido? Mas por quê? Porque aquela moça quer, como prova de reconhecimento, constranger-se a uma existência desgraçada! É absurdo! Jamais falei a Ivã neste sentido, e ele, bem entendido, jamais fez a menor alusão a isso; mas o destino se cumprirá, cada qual segundo seus méritos; o réprobo afundar-se-á definitivamente no lamaçal de que gosta. Estou dizendo incoerências, as palavras não exprimem meu pensamento, como se as empregasse ao acaso, mas o que fixei realizar-se-á. Afogar-me-ei na lama e ela casará com Ivã.

— Irmão, espera — interrompeu Aliócha, numa agitação extraordinária. — Há um ponto que ainda não me explicaste; continuas seu noivo. Como queres romper, se ela a isso se opõe?

— Sou noivo, recebemos a bênção oficial. Ocorreu em .Moscou, quando cheguei em grande cerimônia, com os ícones. A generala nos abençoou; imagina que chegou mesmo a felicitar Cátia: "Escolheste bem", disse ela. "Leio em seu coração." Quanto a Ivã, não lhe agradou; ela não lhe dirigiu nenhum cumprimento. Em Moscou tive longas conversas com Cátia; pintei-me nobremente, tal como era, com toda a sinceridade. Ela tudo escutou:

Houve um enleio encantador E ternas palavras ouviram-se...

Houve também palavras altivas. Arrancou-me a promessa de corrigir-me. Prometi. E eis em que ponto estou.

— E então, o quê?

— Chamei-te, trouxe-te aqui hoje, lembra-te, para enviar-te hoje mesmo à casa de Catarina Ivânovna, e...

— Que mais?

— Dize-lhe que não irei mais à casa dela, cumprimentando-a de minha parte.

— Será possível?

— Não, é impossível; assim, peço-te que vás lá em meu lugar, não poderia dizer-lhe isto eu mesmo.

— E tu, aonde irás?

— Voltarei ao meu lodaçal.

— Isto é, à casa de Gruchka! — exclamou tristemente Aliócha, juntando as mãos. — Rakítin tinha, pois, razão. E eu que acreditava que era apenas uma ligação passageira!

— Um noivo com uma amante!. Seria possível, com tal noiva e aos olhos de todos? Não perdi de todo a honra. Desde o momento em que passei a freqüentar Grúchenhka, deixei de ser noivo e homem honesto, dou-me conta disso. Que tens para me olhar assim? Fui à casa dela a primeira vez na intenção de bater-lhe. Soubera, e sei agora de fonte limpa, que aquele capitão, delegado por meu pai, entregara a Grúchenhka uma ordem de pagamento assinada por mim; tratava-se de processar-me na justiça, na esperança de abater-me e de obter minha desistência. Queriam amedrontar-me. Ia eu pois surrá-la. Já tivera ocasião de vê-la ligeiramente. Uma mulher muito ordinária. Sabia da estória daquele velho comerciante seu amante, que não durará muito mais tempo, mas lhe deixará uma bela soma. Sabia que ela era também gananciosa, emprestando com usura, velhaca e debochada, sem compaixão! Fui para dar-lhe uma correção e fiquei em casa dela. Aquela mulher é a peste. Contaminei-me, tenho-a na pele. Tudo está acabado doravante, não há mais outra perspectiva. O ciclo dos tempos passou. Eis onde me encontro. Como que de propósito tinha eu então 3 000 rublos no bolso. Fomos a Mókroie, a 25 verstas daqui, mandei buscar ciganos, ofereci champanha a todos os mujiques, às mulheres e às moças do local. Três dias depois, estava sem nada. E pensas que obtive o mínimo favor? Nada ela me mostrou. Asseguro-te, é toda sinuosa. A intrujona, seu corpo lembra uma cobra, vê-se isso em suas pernas, até o dedo mindinho de seu pé esquerdo que tem essa sinuosidade. Vi-o e beijei-o, mas foi tudo, juro^te. Ela me disse: "Queres, casarei contigo, embora pobre. Se me prometes não me bater e deixar-me fazer tudo quanto quiser, talvez me case", e riu, e ri também agora!

Dimítri Fiódorovitch ergueu-se presa duma espécie de furor. Tinha ar de ébrio. Seus olhos estavam injetados de sangue.

— Pretendes seriamente casar com ela?

— Se ela consentir, será imediatamente; se recusar, ficarei ainda assim com ela, serei seu criado. Tu, tu... Aliócha... — Parou diante dele e se pôs a sacudi-lo violentamente pelos ombros. — Sabes tu, inocente, que tudo isso é delírio, um delírio inconcebível, porque há nisso uma tragédia? Fica sabendo, Aliócha, que posso ser um homem perdido, de paixões vis,

mas que Dimítri Karamázov jamais será um ladrão, um vulgar ratoneiro. Pois bem, fica sabendo agora que sou esse ladrão, esse ratoneiro! Quando ia eu à casa de Grúchenhka para castigá-la, naquela manhã mesma Catarina Ivânovna mandoú-me chamar e pediu-me com grande segredo (ignoro por qual motivo) que eu fosse à sede da província enviar 3 000 rublos a Agáfia Ivânovna, em Moscou. Ninguém devia saber disso na cidade. Fui à casa de Grúchenhka com aqueles 3 000 rublos no bolso e serviram eles para pagar nossa excursão a Mókroie. Em seguida, fiz que ia à sede da província, que tinha enviado o dinheiro; quanto ao recibo, "esqueci-me" de lho levar, malgrado minha promessa. Agora, que pensas? Irás dizer-lhe: "Ele manda cumprimentá-la". Ela te perguntará: "E o dinheiro?" E tu lhe responderás: "Ele é uma criatura de uma sensualidade animal, uma criatura vil, incapaz de conter-se. Em lugar de enviar seu dinheiro, gastou-o, não podendo resistir à tentação". Mas podes também acrescentar: "Dimítri Fiódorovitch não é um ladrão; aqui estão os seus 3 000 rublos que ele restitui, envie-os a senhorita mesma a Agáfia Ivânovna e receba as homenagens dele". Seria apenas meio mal, não, porém, se ela te perguntar: "Onde está o dinheiro?"

— Mítia, és desgraçado, mas não tanto quanto pensas. Não te mates de desespero!

— Pensas que vou estourar os miolos, se não conseguir reembolsar esses 3 000 rublos? Absolutamente. Não tenho a mínima coragem agora; mais tarde, talvez... agora vou à casa de Gruchenhka... Lá deixarei a pele.

— Então?

— Casarei com ela, se ela me quiser; quando seus amantes chegarem, passarei para o quarto vizinho. Estarei lá para engraxar os sapatos deles, aquecer o samovar, levar recados...

— Catarina Ivânovna compreenderá tudo — declarou solenemente Aliócha. — Compreenderá teu profundo pesar e te perdoará. Tem espírito elevado, verá que não se pode ser mais desgraçado do que tu.

— Ela não perdoará tudo — sorriu Mítia. — Há nisso uma coisa imperdoável aos olhos de toda mulher. Sabes o que vale mais a pena fazer?

— Que é?

— Entregar-lhe os 3 000 rublos.

— Onde arranjá-los? Escuta, tenho 2 000, Ivã dar-te-á 1000, e estará

completa a conta.

— Quando receberei os teus 3 000 rublos? És ainda menor, quanto ao mais é preciso absolutamente que rompas com ela por mim, hoje mesmo, entregando o dinheiro ou não, porque não posso demorar mais tempo, no ponto em que estão as coisas. Amanhã, já seria demasiado tarde. Vai à casa de papai.

— À casa de nosso pai?

— Sim, primeiro à casa dele. Pede-lhe o dinheiro.

— Mítia, ele jamais o dará.

— Ora essa, sei bem disso! Alieksiéi, sabes o que seja o desespero?

— Sim.

— Escuta, juridicamente, ele não me deve nada. Recebi minha parte, sei disso. Mas, moralmente, deve-me ele alguma coisa, sim ou não? Foi com os 28 000 rublos de minha mãe que ele ganhou 100 000. Que me dê apenas 3 000 rublos, não mais, e terá salvo minha alma do inferno e muitos pecados lhe serão perdoados. Contentar-me-ei com essa soma, juro-te, ele não ouvirá mais falar de mim. Forneço-lhe uma derradeira ocasião de ser um pai. Dize-lhe que é Deus que lha oferece.

— Mítia, ele não os dará a preço algum.

– *Sei* bem disso, tenho a certeza. Agora sobretudo! Mas há melhor. Nestes últimos dias, soube ele pela primeira vez seriamente (note este advérbio) que Gruchenhka não estava brincando e se decidiria talvez a dar o salto, a casar-se comigo. Conhece o caráter daquela gata. Pois bem, dar-me-ia ele dinheiro ainda por cima, para favorecer a coisa, quando está louco por ela? Não é tudo, escuta isto. Há já cinco dias, pôs ele de parte 3 000 rublos em notas de 100, num grande envelope com cinco sinêtes, amarrado por uma fita côr-de-rosa. Vês como estou a par? O envelope traz escrito: "Para meu anjo, Grúchenhka, se consentir em vir à minha casa". Ele mesmo rabiscou isso, às ocultas, e todo mundo ignora que tem ele esse dinheiro, exceto o criado Smierdiákov, em quem confia ele tanto quanto em si mesmo. Há três ou quatro dias que aguarda Grúchenhka, na esperança de que ela irá buscar o envelope; ela fê-lo saber "que talvez fosse". Se ela for à casa do velho, poderei eu esposá-la? Compreendes tu agora por que me escondo aqui e tocaio?

— Ela?

— Sim. As proprietárias cederam um quartinho a Fomá, antigo soldado de nossa guarnição. Está a serviço delas, monta guarda de noite e caça tetrazes durante o dia. Instalei-me em casa dele; essas mulheres e ele ignoram meu segredo, isto é, que estou aqui de tocaia.

— Somente Smierdiákov o sabe?

— Sim. Será ele quem me advertirá, se Grúchenhka for à casa do velho.

— Foi ele quem te falou do pacote?

— Com efeito. É um grande segredo. O próprio Ivã ignora. O velho mandou-o dar um passeio a Tchermachniá por dois ou três dias; apareceu um comprador para a madeira, oferecendo 8 000 rublos; o velho pediu a Ivã que o ajudasse, que fosse em lugar dele. Quer afastá-lo para receber Grúchenhka.

— Ele a espera, por conseguinte, hoje?

— Não, ela não irá hoje, de acordo com certos indícios. Decerto que não! — exclamou Mítia. — É também a opinião de Smierdiákov. Papai está agora à mesa com Iva, a beber. Vai, pois, Alieksiéi, e pede-lhe esses 3.000 rublos.

— Mítia, meu caro, que tens pois? — exclamou Aliócha, saltando de seu lugar para examinar o rosto desvairado de Dimítri. Acreditou por um instante que ele estivesse louco.

— Pois bem! O quê? Não perdi a razão — declarou ele, de olhar fixo e quase solene. — Não temas. Sei o que digo, creio nos milagres.

— Nos milagres?

— Nos milagres da Providência. Deus conhece meu coração.' Vê meu desespero. Permitiria ele que se realizasse tal horror? Aliócha, creio nos milagres, vai!

— Irei. Dize-me, esperar-me-ás aqui?

— Decerto. Compreendo que será demorado, não se pode abordá-lo diretamente. Está bêbedo agora. Esperarei aqui, três, quatro, cinco horas, mas fica sabendo que hoje, até mesmo à meia-noite, deves ir à casa de Catarina, com ou sem dinheiro. Dirás: "Dimítri Fiódorovitch pediu-me que lhe apresentasse seus cumprimentos". Quero que lhe repitas esta frase exatamente.

— Mítia! E se Grúchenhka for hoje... ou amanhã, ou depois de amanhã?

— Grúchenhka? Vigiarei, forçarei a porta, impedirei.

— Mas se...

— Então, matarei. Não suportarei isso.

— A quem matarás?

— O velho. Nela não tocarei.

— Irmão, que dizes?

— Não sei, não sei... Talvez mate, talvez não mate. Receio que sua cara se me torne odiosa, naquele momento. Odeio sua papada, seu nariz, seus olhos, seu sorriso impudente. Dão-me náuseas. Esse ódio é que me causa medo. Não poderia resistir a ele.

— Irei, Mítia. Creio que Deus arranjará tudo da melhor forma possível e nos poupará essas coisas horríveis.

— E eu aguardarei o milagre. Mas se ele não se realizar, então...

Aliócha, pensativo, dirigiu-se para a casa de seu pai.

VI

SMIERDIÁKOV

Encontrou Fiódor Pávlovitch ainda à mesa. Como de hábito, a mesa fora posta no salão e não na sala de jantar. Era a peça maior da casa, mobiliada com certa pretensão antiquada. Os móveis, bastante antigos, eram brancos, cobertos por um estofo vermelho, meio seda, meio algodão. Havia tremós de molduras pretensiosas, esculpidas à velha moda, igualmente brancas e douradas. Nas paredes, cuja tapeçaria branca estava rasgada em muitos lugares, figuravam dois grandes retratos, o de um antigo governador-geral da província, e o de um prelado, também morto desde muito tempo. No ângulo que fazia face à porta de entrada encontravam-se vários ícones, diante dos quais ardia uma lâmpada durante a noite, menos por devoção do que para iluminar a sala. Fiódor Pávlovitch deitava-se muito tarde, às 3 ou 4 horas da madrugada, e até então passeava de lá para cá ou meditava em sua poltrona. Tornara-se isso

um hábito. Passava muitas vezes a noite sozinho, depois de ter despedido os criados, mas a maior parte do tempo o criado Smierdiákov dormia na antecâmara, deitado em cima de uma comprida arca. À chegada de Aliócha, o jantar estava no fim, haviam-se servido a sobremesa e o café. Fiódor Pávlovitch gostava de doces, após o jantar, com conhaque. Ivã estava tomando café com seu pai. Os criados, Gregório e Smierdiákov, conservavam-se perto da mesa. Amos e servidores achavam-se visivelmente de bom humor. Fiódor Pávlovitch ria às gargalhadas; desde o vestíbulo, reconheceu Aliócha sua risada semelhante a latidos, que lhe era tão familiar. Concluiu dali que seu pai, ainda longe da embriaguez, encontrava-se em felizes disposições.

— Ei-lo afinal! — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado com a chegada de Aliócha. — Vem sentar-te conosco. Queres café forte? É famoso e está fervendo. Não te ofereço conhaque porque estás jejuando. Mas se quiseres... Não, dar-te-ei antes licores de boa qualidade. Smierdiákov, abre o armário, eles se acham na segunda prateleira, à direita, aqui estão as chaves. Ufa!

Aliócha fez gesto de que recusava os licores.

— Servi-los-ão mesmo assim para nós, já que não queres. Dize-me, já jantaste?

Aliócha respondeu que sim; na realidade, comera um pedaço de pão e beber a um copo de *kvas* na cozinha do padre abade.

— Tomarei de bom grado uma xícara de café quente.

— Ah! o espertalhão! Não recusa o café! Será preciso esquentá-lo? Mas não, está ainda fervendo. É café famoso, preparado por Smierdiákov. É mestre em fazer café, tortas e sopas de peixe. Virás um dia tomar a sopa de peixe aqui. Avisa-me com antecedência. A propósito, não te disse que transportasses teu colchão e teus travesseiros hoje mesmo? Já o fizeste? Ah! ah! ah!

— Não, não os trouxe — respondeu Aliócha, também rindo.

— Ah! tiveste medo, no entanto, tiveste medo! Serei capaz de fazer-te sofrer, meu querido? Escuta, Ivã, não posso resistir, quando ele me fita nos olhos, rindo. A alegria dilata-me as entranhas, somente ao vê-lo. Gosto dele! Aliócha, vem receber minha bênção.

Aliócha levantou-se, mas Fiódor Pávlovitch reconsiderara.

— Não, farei somente um sinal-da-cruz, assim, vai-te sentar. Pois bem, ficarás contente, a propósito de teu assunto favorito, vais rir. A burra de Balaão falou, e que linguagem a dela!

A burra de Balaão não era outro senão o criado Smierdiákov, rapaz de 24 anos, insociável e taciturno, embora não fosse selvagem ou acanhado; pelo contrário, era arrogante e parecia desprezar todo mundo. Chegou o momento de falar a seu respeito, ainda que pouco. Educado por Marfa Ignátievna e Gregório Vassílievitch, o garoto, "natureza ingrata", segundo a expressão de Gregório, crescera selvagem no seu canto. Na sua infância, tinha prazer em enforcar os gatos, enterrando-os depois com grande cerimonial. Para fazer isto, cobria-se com uma colcha de cama, à guisa de casula, e cantava, agitando um simulacro de turíbulo por cima do cadáver. Tudo isso no maior mistério. Gregório surpreendeu-o um dia e chicoteou-o rudemente. Durante uma semana, o garoto enfurnou-se num canto, olhando de través. "Ele não gosta de nós, o monstro", dizia Gregório a Marfa. "Aliás, não gosta de ninguém. És verdadeiramente um ser humano?", perguntou ele uma vez a Smierdiákov. "Mas não, nasceste da umidade do banheiro..." Smierdiákov, como se viu posteriormente, jamais lhe perdoara essas palavras. Gregório ensinou-o a ler e a história sagrada desde que completou doze anos. Mas esta tentativa foi infeliz. Um dia, numa das primeiras lições, o menino pôs-se a rir.

— Que tens? — perguntou Gregório, olhando-o severamente por cima de seus óculos.

— Nada. Deus criou o mundo no primeiro dia; o sol, a lua e as estrelas no quarto dia. Donde vinha, pois, a luz do primeiro dia?

Gregório ficou estupefato. O menino olhava seu amo com ar irônico, seu olhar parecia mesmo provocá-lo. Gregório não pôde conter-se: "Eis donde ela veio!", exclamou, esbofeteando-o violentamente. O menino não se moveu, mas meteu-se de novo no seu canto por vários dias. Uma semana depois, teve ele uma primeira crise de epilepsia, doença que não o deixou mais dali por diante. Tendo conhecimento disso, Fiódor Pávlovitch mudou logo sua maneira de tratar o garoto. Até então olhava-o com indiferença, se bem que não o repreendesse nunca e lhe desse 1 copeque todas as vezes em que o encontrava. Quando estava de bom humor, mandava-lhe sobremesa de sua mesa. A doença do menino provocou sua solicitude; mandou buscar um médico; ensaiou-se um tratamento, mas Smierdiákov era incurável. Em média, tinha uma crise uma vez por mês, a

intervalos irregulares. Os ataques variavam de intensidade, ora fracos, ora violentos. Fiódor Pávlovitch proibiu terminantemente que Gregório batesse no menino e deu-lhe acesso à sua casa. Proibiu igualmente qualquer estudo até nova ordem. Um dia — tinha Smierdiákov então quinze anos — Fiódor Pávlovitch viu-o lendo os títulos das obras através dos vidros da biblioteca. Fiódor Pávlovitch possuía uma centena de volumes, mas nunca fora visto a folheá-los. Deu logo as chaves a Smierdiákov. "Toma, serás meu bibliotecário; senta-te e lê, será melhor do que andares à toa pelo pátio. Toma isto", e Fiódor Pávlovitch deu-lhe *Serões na Quinta de Dikanhka*[12]

Esse livro não agradou ao rapaz, que o acabou de ler com ar sombrio, sem ter rido uma vez sequer.

— Pois bem! Não é divertido? — perguntou Fiódor Pávlovitch. Smierdiákov permaneceu calado.

— Responde, pois, imbecil.

— Só há mentiras, aqui dentro — resmungou Smierdiákov, sorrindo.

— Vai-te para o diabo, alma de lacaio! Espera, eis aqui a *História Universal,* de Smarágdov. Aqui tudo é verdadeiro. Lê.

Mas Smierdiákov não chegou a ler dez páginas. Achava aquilo enfadonho. Não se falou mais em biblioteca. Em breve Marfa e Gregório levaram ao conhecimento de Fiódor Pávlovitch que Smierdiákov, pouco a pouco se tornara de trato muito difícil, fazendo-se requintado; contemplando seu prato de sopa, examinava-o curvado, enchia uma colherada, que olhava à luz.

— Uma barata, talvez? — perguntava por vezes Gregório.

— Ou então uma mosca? — insinuava Marfa.

O meticuloso rapaz não respondia nunca, mas procedia da mesma maneira com o pão, a carne, todas as comidas; pegando um pedaço com seu garfo, estudava-o à luz, como num microscópio, e, após reflexão, decidia-se a levá-lo à boca. "Dir-se-ia que é o filho de um senhor", murmurava Gregório, olhando-o. Posto ao corrente dessa mania de Smierdiákov, decretou Fiódor Pávlovitch logo que tinha ele vocação para cozinheiro e mandou-o a aprender sua arte em Moscou. Passou ali vários

---

[12] *Primeira coletânea de novelas de Gógol* (1831).

anos e voltou bastante mudado de aspecto; envelhecido demasiadamente para sua idade, enrugado, amarelecido, assemelhava-se a um *skópiets.* Moralmente, era quase o mesmo de antes da partida; sempre um verdadeiro selvagem que não procurava absolutamente a sociedade. Não dizia palavra em Moscou, como se soube mais tarde. A própria cidade muito pouco o interessara. Tendo ido uma vez ao teatro, voltou descontente. Usava roupas de linho convenientes, escovava cuidadosamente seus ternos duas vezes por dia; gostava muito de engraxar suas botas elegantes, de bezerra, com uma graxa inglesa especial, que as fazia reluzir como um espelho. Revelou-se excelente cozinheiro. Fiódor Pávlovitch decidiu pagar-lhe ordenado, que era quase todo gasto em roupas, pomadas, perfumes, etc. Parecia fazer tão pouco caso das mulheres quanto dos homens, mostrando-se para com elas empertigado e quase inabordável. Fiódor Pávlovitch pôs-se a considerá-lo de um ponto de vista um pouco diferente. Suas crises tornavam-se mais freqüentes. Marfa substituía-o naqueles dias na cozinha, o que não convinha absolutamente a seu amo.

— Por que tens crises mais freqüentemente? — E olhava carrancudo para o novo cozinheiro. — Deverias arranjar mulher, queres que te case?

Mas Smierdiákov não respondia nada àquelas palavras, que o tornavam lívido de despeito. Fiódor Pávlovitch ia-se embora, dando de ombros. Sabia-o visceralmente honesto, incapaz de tomar ou roubar o que quer que fosse, e era o essencial. Estando bêbado, perdeu Fiódor Pávlovitch em seu pátio três cédulas de 100 rublos que acabara de receber e só se deu conta disso no dia seguinte. Ao cascavilhar em seus bolsos, viu-os em cima da mesa. Smierdiákov tinha-os achado e trazido na véspera. "Nunca encontrei outro igual a ti, meu bravo", disse lacônicamente Fiódor Pávlovitch, e presenteou-o com 10 rublos. É preciso acrescentar que não somente estava certo de sua honestidade, mas tinha afeição por ele, muito embora o rapaz lhe fizesse má cara, como aos outros. Se alguém que o visse perguntasse: "Por que se interessa esse rapaz, que é que o preocupa sobretudo?" não se teria podido responder, olhando-o. Entretanto, em casa, no pátio ou na rua, parava por vezes, pensativo, e ficava assim uma dezena de minutos. O rosto de Smierdiákov nada teria revelado a um fisionomista; nenhum pensamento, pelo menos, mas somente uma espécie de contemplação. Há um notável quadro do pintor Kramskói, intitulado *O Contemplativo.* Uma floresta no inverno; sobre a estrada vê-se um mujique, vestido com um cafetã rasgado e com sapatos

de tília. Ali está numa solidão profunda e parece refletir, mas não pensa, contempla alguma coisa. Se se desse nele um encontrão, estremeceria e olharia como quem desperta, mas sem compreender. Na verdade, voltaria logo a si, mas se lhe perguntassem em que pensava, certamente não se lembraria de nada, mas, em compensação, decerto guardaria para si a impressão sob cujo império se achava durante, sua contemplação. Essas impressões são-lhe caras e se acumulam nele, imperceptivelmente, sem que o perceba; com que fim, ele o ignora. Um dia, talvez, depois de havê-las armazenado durante anos, deixará tudo e partirá para Jerusalém, a fim de tratar de sua salvação. Ou então deitará fogo à sua aldeia natal, talvez faça mesmo as duas coisas sucessivamente. Há muitos contemplativos em nosso povo. Smierdiákov era certamente um tipo desse gênero e armazenava avidamente suas impressões, quase sem conhecer a razão disso.

VII

UMA CONTROVÉRSIA

Ora, a burra de Balaão pôs-se a falar de repente e a respeito de um tema estranho. De manhã, achando-se Gregório na venda do comerciante Lukiánov, ouviu-o contar o seguinte: um soldado russo foi feito prisioneiro, numa região afastada, por asiáticos que o intimaram, sob ameaça de tortura e morte, a abjurar o cristianismo e a converter-se ao Islão. Tendo recusado trair sua fé, sofreu o martírio*, deixou-se esfolar, morreu glorificando o Cristo. Esse fim heróico era relatado no jornal recebido naquela mesma manhã. Gregório falou disso à mesa. Fiódor Pávlovitch sempre gostara, à sobremesa, de brincar e tagarelar, mesmo com Gregório. 'Estava desta vez de humor jovial, sentindo um relaxamento agradável. Depois de ter escutado a notícia, bebericando seu conhaque, insinuou que deveriam ter canonizado aquele soldado e transferido sua pele para um mosteiro. "O povo cobri-la-ia de dinheiro. " Gregório fechou a cara, vendo que Fiódor Pávlovitch, longe de se emendar, continuava a zombar das coisas santas. Naquele momento, Smierdiákov, que se mantinha perto da porta, sorriu. Já antes era muitas vezes admitido na sala de jantar, ao fim da refeição. Desde a chegada de Ivã Fiódorovitch, ali comparecia quase diariamente.

— Pois bem? O quê? — perguntou Fiódor Pávlovitch, compreen-

dendo que aquele sorriso visava a Gregório.

— Penso naquele bravo soldado — disse, de repente, Smierdiákov, em voz alta. — Seu heroísmo é sublime, mas na minha opinião não teria havido, em semelhante caso, nenhum pecado em renegar o nome do Cristo e o batismo, para assim salvar sua vida e consagrá-la às boas obras, que resgatariam um momento de fraqueza.

— Como, nenhum pecado? Mentes; isto te valerá ir para o inferno, onde te assarão como a um carneiro — replicou Fiódor Pavlovitch.

Foi então que chegou Aliócha, para grande satisfação de Fiódor Pavlovitch, como se viu.

— Trata-se de teu tema favorito — continuou ele, com um riso de escárnio, fazendo Aliócha sentar-se.

— Tolices tudo isso, não haverá nenhuma punição, não deve haver, em toda justiça — afirmou Smierdiákov.

— Como em toda justiça? — exclamou Fiódor Pavlovitch, redobrando de alegria e empurrando Aliócha com os joelhos.

— Um desavergonhado, eis o que ele é! — deixou escapar Gregório, fitando Smierdiákov com cólera.

— Quanto a isso de desavergonhado, refreie-se, Gregório Vassílievitch! — replicou Smierdiákov, conservando seu sangue-frio. — Pense antes que, caído em poder dos que torturam os cristãos, e intimado por eles a maldizer o nome de Deus e renegar meu batismo, minha própria razão me autoriza a isso plenamente, porque não pode haver aí nenhum pecado.

— Já o disseste, não divagues, mas prova-o! — gritou Fiódor Pavlovitch.

— Queima-panelas! — murmurou Gregório com desprezo.

— Queima-panelas, espere um pouco, e sem palavrões, julgue você mesmo, Gregório Vassílievitch. Porque, logo que dissesse a meus carrascos: "Não, não sou cristão e maldigo o verdadeiro Deus", tornar-me-ia anátema aos olhos da justiça divina, seria separado da santa Igreja, como um pagão, de sorte que, no instante mesmo, não de proferir essas palavras, mas de pensar em proferi-las, estou excomungado, não é verdade, sim ou não, Gregório Vassílievitch? — Smierdiákov dirigia-se com satisfação

visível a Gregório, embora respondendo somente às perguntas de Fiódor Pavlovitch; dava-se perfeitamente conta disso, mas fingia crer que era Gregório quem lhe fazia tais perguntas.

— Ivã! — exclamou Fiódor Pavlovitch. — Chega perto de meu ouvido. Toda essa peroração dele é para ti, quer receber teus elogios. Dá-lhe esse prazer.

Ivã ouviu com grande seriedade a observação de seu pai.

— Espera um minuto, Smierdiákov — continuou Fiódor Pavlovitch. — Ivã, aproxima-te de novo.

Ivã inclinou-se, sempre com o mesmo ar sério.

— Amo-te tanto quanto a Aliócha. Não vás crer que não te amo. Um pouco de conhaque?

— De boa vontade. "Tu pareces já ter passado da conta", disse Ivã a si mesmo, fitando o pai. Observava Smierdiákov com extrema curiosidade.

— Já és agora maldito e anátema — explodiu Gregório — e como ousas, depois disso, desavergonhado, discutir se...

— Nada de injúrias, Gregório, acalma-te! — interrompeu-o Fiódor Pavlovitch.

— Tenha paciência, Gregório Vassílievitch, ainda que seja um momentinho, e continue a escutar, porque ainda não acabei. No momento em que renego a Deus, nesse instante mesmo, tornei-me uma espécie de pagão, meu batismo apagou-se e não conta para nada, não é bem isto?

— Apressa-te em concluir, meu caro — estimulou-o Fiódor Pávlovitch, bebericando, deleitado.

— Ora, se não sou mais cristão, não menti então aos meus carrascos, quando perguntaram: "És cristão ou não?", porque já estava "descristianizado" pelo próprio Deus, em conseqüência apenas de minha intenção e antes de ter aberto a boca. Ora, se estou decaído, como e com que direito me pedirão contas no outro mundo, na qualidade de cristão, por ter abjurado o Cristo, quando, pela simples premeditação, já teria sido desbatizado? Se não sou mais cristão, não posso mais abjurar o Cristo, porque isto já estaria feito. Quem pois, mesmo no céu, pedirá contas a um tártaro pagão por não ter nascido cristão e quem quererá puni-lo? Não diz o provérbio que não se deverá esfolar duas vezes o mesmo touro? Se o

Todo-Poderoso exige contas a um tártaro, por ocasião de sua morte, suponho que o punirá levemente (não podendo absolvê-lo totalmente), estimando não ser culpa dele o ter nascido pagão, de pais que o eram. Será que o Senhor pode pegar à força um tártaro e dizer dele que era cristão? Seria o mesmo que dizer então que o Todo-Poderoso profere uma verdadeira mentira. Ora, pode ele mentir, ele que reina sobre a terra e nos céus, ainda mesmo por uma só de suas palavras?

Gregório ficou estupefato e examinou o orador, de olhos escancarados. Embora não compreendendo bem do que se tratava, apanhara uma parte daquele galimatias e assemelhava-se a um homem que dera com a cabeça de encontro a um muro. Fiódor Pávlovitch acabou de beber seu copinho e explodiu numa risada aguda.

— Aliócha, Aliócha, que homem! Ah! o casuísta! Deve ter freqüentado os jesuítas, em algum lugar, Ivã, Tresandas a jesuíta, quem pois te instruiu? Mas tu mentes desavergonhadamente, casuísta, tu divagas. Não te desoles, Gregório, vamos reduzi-lo a pó. Responde a isto, burra: tens razão perante teus carrascos, seja, mas abjuraste a fé em teu coração e dizes tu mesmo que foste logo atingido de anátema. Ora, como tal, não te passarão a mão pelos cabelos no inferno. Que pensas disso, meu bom padre jesuíta?

— É fora de dúvida que abjurei em meu coração, no entanto não há nisso nenhum pecado especialmente, quando muito um pecado dos mais veniais.

— Como? Dos mais veniais?

— Mentes, maldito! — murmurou Gregório.

— Julgue você mesmo, Gregório Vassílievíich — continuou comedidamente Smierdiákov, consciente de sua vitória, mas fazendo-se de generoso para com um adversário abatido —, julgue você mesmo; está dito na Escritura que se tiverdes fé, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda, disserdes a uma montanha que se precipite no mar, ela irá, sem nenhuma demora, assim que derdes a primeira ordem. Pois bem, Gregório Vassilievitch, se não sou crente e se você o é, a ponto de me invectivar sem cessar, tente você mesmo dizer a essa montanha que vá, não para o mar (porque está ele muito longe daqui), mas mesmo para aquele riacho infecto que corre por trás de nosso jardim, e verá logo que ela não se moverá e que não haverá mudança alguma, por mais que você

grite. Ora, isto significa que você não crê da maneira que convém, Gregório Vassílievitch, e que, em compensação, você invectiva os outros. Suponhamos ainda que ninguém, em nossa época, não somente você, mas ninguém decididamente, desde as pessoas mais altamente colocadas até o derradeiro mujique, possa empurrar as montanhas para o mar, a não ser um homem no mundo inteiro, dois quando muito, ainda assim talvez aqueles que tratam de sua salvação, ocultamente, no deserto do Egito e que não podem ser encontrados. Se assim é, se todos os outros são incréus, será possível que estes, isto é, a população do mundo inteiro, com exceção dos dois anacoretas, sejam amaldiçoados pelo Senhor, e que não perdoe ele a nenhum, dada a sua misericórdia bem conhecida? De modo que espero que minhas dúvidas me serão perdoadas, quando derramar lágrimas de arrependimento.

— Espera! — guinchou Fiódor Pávlovitch, no cumulo do entusiasmo. — De modo que supões que há dois homens capazes de mover montanhas? Ivã, nota esse detalhe, nota bem. O homem russo inteiro está aí!

— O senhor notou com bastante justeza que é esse um sinal da fé popular — disse Ivã Fiódorovitch, com um sorriso de aprovação.

— Estás de acordo? É então verdade, já que estás de acordo. É exato, Aliócha? Assemelha-se isso perfeitamente à fé russa?

— Não, Smierdiákov não tem de todo a fé russa — declarou Aliócha, num tom sério e firme.

— Não falo de sua fé, mas desse detalhe, desses dois anacoretas, nada mais do que esse detalhe: não é bem russo?

— Sim, esse detalhe é perfeitamente russo — aprovou Aliócha, sorrindo.

— Essa frase merece 1 ducado, burra, e eu to enviarei hoje mesmo, mas quanto ao resto tu mentes, tu divagas; fica sabendo, imbecil, que neste mundo todos nós não cremos somente por frivolidade, mas porque falta tempo; os negócios nos absorvem, os dias só têm 24 horas, não temos tempo não só de nos arrependermos, mas de dormir à vontade. Mas tu, tu abjuraste diante dos carrascos, quando não tinhas de pensar senão em tua fé e que era preciso justamente testemunhá-la! Isto constitui um pecado, meu caro, penso eu!

— Decerto, constitui um, mas um pecado venial, julgue você mesmo, Gregório Vassílievitch. Porque se tivesse eu então crido na verdade, como importa crer nela, teria sido verdadeiramente um pecado não sofrer o martírio e converter-me à maldita religião de Maomé. Mas não teria sofrido o martírio, porque me bastaria dizer àquela montanha: marcha e esmaga o carrasco, para que ela se pusesse logo em movimento e o esmagasse como a uma barata, e ter-me-ia retirado como se de nada se tratasse, glorificando e louvando a Deus. Mas, se naquele momento já o tivesse tentado e gritado à montanha: esmaga os carrascos, sem que ela me obedecesse, como então, diga-me, não teria eu duvidado naquela hora terrível de pavor mortal? Fora isto, já sei que não obterei inteiramente o reino dos céus (porque se a montanha não se moveu à minha voz é que minha fé não goza de muito crédito lá em cima e que a recompensa que me espera no outro mundo não é bastante elevada); por que, pois, ainda por cima, deixar-me-ia esfolar sem nenhum proveito? Porque, mesmo esfolado até a metade das costas, minhas palavras ou meus gritos não deslocariam aquela montanha. Num tal minuto, não somente a dúvida pode invadir-nos, mas o medo pode tirar-nos a razão e impedir-nos de decidir. Por conseqüência, sou tão culpado assim, se salvo pelo menos a pele, não vendo em parte alguma um proveito ou uma recompensa? Assim, confiante na misericórdia divina, espero ser inteiramente perdoado...

VIII

SABOREANDO O CONHAQUE

A discussão chegara ao fim, mas, coisa estranha, Fiódor Pávlovitch, tão alegre até então, ensombreceu-se. Serviu-se de mais um copo de conhaque, o que já era demais.

— Vão-se embora, jesuítas, fora daqui! — gritou ele para os criados. — Vai-te, Smierdiákov, receberás hoje o ducado prometido. Não te desoles, Gregório, vai procurar Marfa, ela te consolará, cuidará de ti. Esses canalhas não nos deixam descansar — disse ele, de mau humor, quando os criados saíram, obedecendo-lhe às ordens. — Smierdiákov vem agora aqui todos os dias depois do jantar. És tu que o atrais, que o tratas com mimos? — perguntou ele a Ivã Fiódorovitch.

— Absolutamente — respondeu este. — Deu-lhe na veneta mostrar

respeito por mim, é um lacaio, um pulha. Fará parte da vanguarda, quando o momento chegar.

— Da vanguarda?

— Haverá outros e melhores, mas haverá muitos como ele.

— E quando chegará o momento?

— O foguete arderá, mas talvez não até o fim. No momento, não gosta o povo de ouvir esses queima-panelas.

— Com efeito, aquela burra de Balaão pensa que não acaba mais, e Deus sabe até onde isso pode ir.

— Ele armazena idéias — observou Ivã, sorrindo.

— Vês tu? Sei que ele não me pode tolerar, nem a mim nem aos outros, e a ti em primeiro lugar, se bem que creias que "lhe deu na veneta mostrar respeito por ti". E quanto a Aliócha, ele despreza Aliócha. Mas não é ladrão, nem falador; não sai espalhando coisas; faz excelentes pastéis de peixe... Ah! Afinal, que o diabo o leve! Vale a pena falar dele?

— Decerto que não.

— E, quanto ao que ele pensa lá consigo, é preciso em geral chicotear o mujique russo. Sempre foi minha opinião. Nosso mujique é um velhaco, indigno de compaixão, e fazem bem em bater-lhe por vezes ainda agora. É a bétula que faz a força da terra russa, e ela perecerá com as florestas. Sou a favor das pessoas de espírito. Deixamos de bater nos mujiques, por liberalismo, mas eles continuam a chicotear a si mesmos. E fazem bem. "Com a medida com que me dirdes, vos medirão a vós. " É bem isto, não é?... Meu caro, se soubesses como odeio a Rússia... isto é, não a Rússia, mas todos os seus vícios... e talvez a Rússia. *Tout cela, c'est de Ia cochonnerie.* Sabes o que amo? Amo o espírito.

— O senhor serviu-se outro copo. Já bebeu bastante.

— Espera, tomarei ainda dois e acabou-se. Mas interrompeste-me. De passagem por Mókroie, conversei um dia com um velho, que me disse: "Gostamos, mais do que tudo, de condenar as moças a açoites, e encarregamos os rapazes de executar a sentença. Em seguida, o rapaz toma como noiva aquela a quem chicoteou, de modo que se tornou isso um costume entre nós para as moças". Que sadistas, hein? Digam o que disserem, é engraçado. Se fôssemos ver isso, hein? Aliócha, ficas corado?

Não te envergonhes, meu filho. É pena que não tenhas ficado hoje para jantar com o padre abade. Teria falado aos monges a respeito das moças de Mókroie. Aliócha, não me queiras mal por ter ofendido o padre abade. A cólera arrebata-me. Porque, se há um Deus, se ele existe, evidentemente sou culpado então, e responderei por isso, mas, se ele não existe, há necessidade ainda desses teus padres? Não seria demais se lhes cortassem a cabeça, porque eles impedem o progresso. Crês tu, Ivã, que isso me atormenta? Não, tu não o crês, vejo-o nos teus olhos. Crês que não sou senão um palhaço, como se pretende. Aliócha, crês tu nisso, crês tu?

— Não, não o creio.

— E eu estou persuadido de que falas sinceramente e que vês com justeza. Não és como Ivã. Ivã é presunçoso... No entanto, gostaria de acabar com o teu mosteiro. Seria preciso suprimir duma vez essa engenhoca mística em toda a terra russa, para converter todos os imbecis à razão. Quanto dinheiro e quanto ouro afluiriam para o Tesouro!

— Mas por que suprimir os mosteiros? — perguntou Ivã.

— A fim de que a verdade resplandeça mais depressa.

— Quando essa verdade resplandecer, primeiramente despojá-los-ão, depois... suprimi-los-ão.

— Ora! Mas talvez tenhas razão. Que asno sou! — exclamou Fiódor Pávlovitch, coçando a testa. — Paz ao teu mosteiro, Aliócha, se é assim. Nós, pessoas de espírito, ficamos no quente e bebemos conhaque. É sem dúvida a vontade expressa de Deus. Ivã, dize-me, há um Deus, sim ou não? Espera, responda-me seriamente! Por que ris ainda?

— Rio de sua observação espirituosa a respeito da fé que revelou Smierdiákov a respeito dos dois eremitas capazes de mover montanhas.

— É a mesma coisa?

— Totalmente.

— Pois bem, por conseqüência, sou também um homem russo, com a mesma característica russa, e tu, filósofo, podes ser apanhado com uma característica do mesmo gênero. Queres que te apanhe? Apostemos que será amanhã. Mas dize-me, no entanto, há um Deus ou não? Somente é preciso que me fales seriamente.

— Não, não há Deus.

— Aliócha, Deus existe?

— Sim, existe.

— Ivã, há imortalidade? Por pequena que seja, por mais modesta?

— Não, não há.

— Nenhuma?

— Nenhuma.

— Quer dizer, um zero absoluto, ou uma parcela? Não haveria uma parcela?

— Um zero absoluto.

— Aliócha, há imortalidade?

— Sim.

— Deus e a imortalidade juntos?

— Sim. É em Deus que repousa a imortalidade.

— Hum! Deve ser Ivã quem tem razão. Senhor, quando se pensa quanto de fé e de energia essa quimera tem custado ao homem, em pura perda, desde milhares de anos! Quem, pois, zomba assim da humanidade? Ivã, pela derradeira vez e categoricamente: há um Deus, sim ou não?

— Não, pela derradeira vez.

— Quem, pois, zomba do mundo, Ivã?

— O diabo, provavelmente — escarneceu Ivã.

— O diabo existe?

— Não, não existe.

— Tanto pior. Não sei o que teria eu feito ao primeiro fanático que inventou Deus. Enforcá-lo seria insuficiente!

— Sem essa invenção, não haveria civilização.

— Deveras? Sem Deus?

— Sim. E não haveria conhaque tampouco. Vai ser preciso retirá-lo.

— Espera, espera! Ainda um copito! Ofendi Aliócha. Não me queres mal, não é, meu queridinho Alieksiéitchik?

— Não, não lhe quero mal. Conheço seus pensamentos. Seu coração vale mais que sua cabeça.

— Meu coração vale mais que minha cabeça? De quem são essas palavras? Ivã, gostas de Aliócha?

— Sim, amo-o.

— Ama-o (Fiódor Pávlovitch estava meio embriagado). Escuta, Aliócha, fui grosseiro há pouco com teu *stáriets,* mas estava superexcitado. É um homem inteligente, que achas, Ivã?

— Poderia ser.

— Decerto, *il y a du Piron là-dedans*[13] É um jesuíta russo. A necessidade de representar a comédia, de usar uma máscara de santidade, indigna-o interiormente, porque é um caráter nobre.

— Mas ele crê em Deus.

— Nem 1 copeque. Não o sabias? Ele mesmo fala disso a todo mundo, ou antes, a todas as pessoas inteligentes que vão vê-lo. Declarou sem rebuços ao Governador Schultz: "Creio, mas ignoro em quê".

— Deveras?

— É textual. Mas estimo-o. Há nele alguma coisa de Mefistófeles, ou melhor do *Um Herói de Nosso Tempo*... Arbiénin, é este mesmo seu nome?.., Vês tu? É um sensual, e a tal ponto que não estaria tranqüilo, mesmo agora, se minha mulher ou minha filha fossem confessar-se com ele. Quando começa ele a contar, se tu soubesses... Há três anos, convidou-nos a tomar chá, com licores (porque as damas enviam-lhe licores); pôs-se a descrever sua vida de outrora, de modo que a gente só faltava morrer de rir... e como teve de avir-se para curar uma senhora... "Se não tivesse dor nas pernas", disse ele, "dançaria para vocês certa dança. " Hein? Que sujeito! "Eu também levei vida alegre", acrescentou ele. Extorquiu 60 000 rublos ao negociante Diemídov.

— Como? Roubando-o?

— O outro havia-se confiado a ele, acreditando-o um homem de honra. "Guarde-os para mim, amanha vão passar minha casa em revista. " O santo homem guardou tudo. "Tu os deste para a igreja", disse ele. Disse-

---

[13] *Há Piron dentro disso.*

lhe que era ele um tratante. "Não", replicou ele, "mas tenho idéias largas... " De resto, é de um outro que se trata. Confundi... sem dar por isso. Ainda um copinho e pronto. Leva a garrafa, Ivã. Por que não me detiveste nas minhas mentiras?

— Sabia que o senhor mesmo se deteria.

— É falso, somente por maldade não disseste nada. No fundo, tu me desprezas. Vieste à minha casa para mostrar teu desprezo.

— Vou-me embora; o conhaque começa a subir-lhe à cabeça.

— Pedi-te insistentemente que fosses passar um ou dois dias em Tchermachniá, mas não fizeste caso.

— Partirei amanhã, já que faz tanta questão.

— Não há perigo. Queres espionar-me; tal é teu fito, maldito, e o que te retém aqui.

O velho não se acalmava. Estava naquele ponto em que certos bebedos, até então pacíficos, fazem de repente questão de se mostrarem malvados.

— Que tens para me olhares assim? Teus olhos me dizem: "Vil beberrão". Revelam desconfiança e desprezo. És um velhaco astuto. O olhar de Aliócha resplandece. Ele não me despreza. Alieksiéi, cuida de não amar Ivã.

— Não se zangue contra meu irmão! Basta de ofendê-lo — proferiu Aliócha, num tom firme.

— Pois bem, seja! Ah! que dor de cabeça! Ivã, leva o conhaque, pela terceira vez to digo. — Pôs-se a pensar e mostrou de súbito um sorriso astuto. — Não te zangues, Ivã, contra um pobre velho. Não gostas de mim, eu o sei, mas não te zangues. Não há razão para amar-me. Partirás para Tchermachniá, irei encontrar-te lá e te levarei um presente. Mostrar-te-ei lá uma mocinha, atrás de quem ando há muito tempo. Anda ainda descalça, mas não tenhas medo das moças descalças, não se deve desprezá-las, elas são umas pérolas!...

E estalou um beijo na mão.

— Para mim — animou-se subitamente, como que desembriagado por um instante, abordando seu tema favorito —, para mim... Ah! meus filhos, meus leitõezinhos... para mim... jamais encontrei uma mulher feia,

eis minha máxima! Compreendem? Não, não podem. Não é sangue, é leite que corre nas veias de vocês, ainda não quebraram a casca completamente! Na minha opinião, pode-se encontrar em toda mulher algo de muito interessante, que lhe é particular, somente é preciso saber descobri-lo, eis o *quid!* É um talento! Para mim nunca houve feionas. Basta o sexo e é já muito... Mas isto está fora do alcance de vocês! Até mesmo entre as solteironas velhas, encontram-se por vezes encantos tais, que a gente pergunta a si mesmo como é que imbecis puderam deixá-las envelhecer sem as notar! É preciso em primeiro lugar surpreender uma dessas que andam descalças, é assim que se deve fazer. Não o sabias? É preciso que ela fique maravilhada e confusa por ver um *bárin* [14] amoroso do focinhozinho dela. Por sorte, há e sempre haverá senhores para tudo ousar e criadas para obedecer-lhes. Basta isto para felicidade da existência! A propósito, Aliócha, sempre causei espanto à tua defunta mãe, mas duma outra maneira. Por vezes, depois de havê-la privado de carícias, expandia-me diante dela num momento dado, caía a seus joelhos, beijando-lhe os pés, e sempre lhe provocava uma risadinha convulsiva, aguda mas sem estrépito. Ela não ria de outra forma. Sabia que sua crise começava sempre assim, que no dia seguinte ela gritaria como uma possessa, e que aquela risadinha só exprimia a aparência de um entusiasmo; mas era sempre isto! A gente sempre encontra, quando sabe procurar. Um dia um tal Bieliávski, um rico bonitão, que lhe fazia a corte e freqüentava nossa casa, esbofeteou-me na presença dela. Mansa como um carneiro, pensei que ela ia bater-me: "Tu foste batido, ele te esbofeteou!", dizia ela. 'Tu me vendias a ele... Como ousou ele, na minha presença? Trata de não me aparecer, corre a desafiá-lo a um duelo!... " Conduzi-a então ao mosteiro, onde rezaram sobre ela para acalmá-la, mas, juro-te perante Deus, Aliócha, jamais ofendi a minha pequena endemoniada. Uma vez somente, foi no primeiro ano de nosso casamento, rezava ela demais, observava estritamente as festas da Virgem, e recusava-me a entrada de seu quarto. "Vou curá-la de seu misticismo!", pensava eu. "Vês", disse, "este ícone que tens como milagroso? Tiro-o, vou cuspir em cima dele na tua presença e nenhum castigo sofrerei!" "Meu Deus, ela vai Tratar-me", digo a mim mesmo. Ela, porém, teve apenas um sobressalto, juntou as mãos, ocultou seu rosto, foi tomada dum tremor e caiu sobre o soalho... Aliócha! Aliócha! Que tens? Que tens?

---

[14] *Senhor. Tratamento respeitoso dado outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente, emprega-se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.*

O velho levantou-se, aterrorizado. Desde que se começou a falar de sua mãe, o rosto de Aliócha alterava-se pouco a pouco; corou, seus olhos cintilaram, seu lábios tremeram... O velho bêbedo nada notara, até o momento em que Aliócha teve uma crise estranha, reproduzindo, traço por traço, o que acabava ele de contar a respeito da "endemoniada". De-súbito, levantou-se da mesa, exatamente como sua mãe, de acordo com a narrativa, juntou as mãos, ocultou o rosto, deixou-se cair sobre sua cadeira, todo sacudido por uma crise de histeria, acompanhada de lágrimas silenciosas.

— Ivã! Ivã! Água, depressa! Completamente como a mãe dele. Tira água com a colher grande e asperge-o, como eu fazia com ela. É por causa de sua mãe, por causa de sua mãe... — murmurou ele a Ivã.

— Sua mãe era também a minha, suponho, que pensa o senhor? — não pôde Ivã impedir-se de dizer, com um desprezo cheio de cólera. Seu olhar faiscante fez o velho estremecer. Coisa estranha, por um instante, o velho pareceu perder de vista que a mãe de Aliócha era também a de Ivã...

— Como, tua mãe? — murmurou, sem compreender. — Por que dizes isto? A propósito de que mãe? Será que ela... Ah! diabo! é também a tua! Pois bem, onde tinha eu a cabeça? Desculpa-me, mas eu acreditava, Ivã... Eh! eh! eh! — Parou, com um sorriso idiota de bêbedo. No mesmo instante, um barulho reboou no vestíbulo, gritos furiosos se elevaram, a porta abriu-se e Dimítri Fiódorovitch irrompeu na sala. O velho apavorado precipitou-se para Ivã.

— Ele vem matar-me! Não me entregues! — exclamou ele, agarrado às abas do paletó de Ivã.

IX

OS SENSUAIS

Gregório e Smierdiákov acorriam atrás de Dimítri. No vestíbulo, tinham lutado com ele, para impedi-lo de entrar (de conformidade com as instruções dadas por Fiódor Pávlovitch alguns dias antes). Aproveitando-se do fato de ter Dimítri Fiódorovitch, ao penetrar na sala, parado um minuto para orientar-se, deu Gregório volta à mesa, fechou os dois batentes da porta do fundo, que dava para os aposentos interiores, e conservou-se diante dessa porta, de braços estendidos em cruz, pronto a

defender-lhe a entrada até o derradeiro suspiro. Vendo isso, Dimítri rugiu mais do que gritou e precipitou-se contra Gregório.

— Então ela está aí! Foi lá que a esconderam! Para trás, patife!

Quis afastar Gregório, mas este o repeliu. Louco de raiva, Dimítri ergueu a mão e golpeou Gregório com toda a sua força. O velho caiu como que ceifado e Dimítri, pulando por cima de seu corpo, forçou a porta. Smierdiákov, pálido e tremendo, ficara na outra extremidade da mesa, apertado contra Fiódor Pávlovitch.

— Ela está aqui — gritou Dimítri Fiódorovitch. — Acabo de vê-la dirigir-se para esta casa, mas não pude alcançá-la. Onde está ela? Onde está ela?

Aquele grito de "ela está aqui" causou uma impressão inexplicável em Fiódor Pávlovitch; todo o seu pavor desapareceu.

— Detenham-no, de tenham-no! — guinchou ele, precipitando-se no encalço de Dimítrí. Enquanto isso, Gregório havia-se levantado, mas ainda estava zonzo. Ivã Fiódorovitch e Aliócha correram para deter seu pai. No quarto vizinho, ouviu-se o barulho de um objeto que caía e se quebrava. Era um grande vaso de vidro (de pouco valor), sobre um pedestal de mármore em que Dimítri tropeçara ao passar.

— Socorro! — urrou o velho.

Ivã e Aliócha alcançaram-no e arrastaram-no à força para a sala de jantar.

— Por que o persegue? Ele seria capaz de matá-lo! — exclamou com cólera Ivã Fiódorovitch.

— Vânia, Aliócha! Ela está aqui, Grúchenhka; ele mesmo disse que a viu entrar.

Fiódor Pávlovitch perdia o fôlego. Não esperava Grúchenhka naquela ocasião e a notícia imprevista de sua presença perturbava sua razão. Estava todo tremente, como que perdera o espírito.

— O senhor mesmo viu que ela não veio — gritou Ivã.

— Mas talvez pela outra entrada?

— Está fechada essa entrada, e o senhor tem a chave... Dimítri tornou a aparecer na sala de jantar. Naturalmente, havia encontrado

aquela entrada fechada e era mesmo Fiódor Pávlovitch que tinha a chave dela em seu bolso. Todas as janelas estavam igualmente fechadas; Grúchenhka não pudera, pois, entrar nem sair por nenhuma via de acesso.

— Detenham-no! — vociferou Fiódor Pávlovitch, assim que avistou Dimítri. — Roubou dinheiro no meu quarto de dormir! — Arrancando-se dos braços de Ivã, lançou-se de novo contra Dimítri. Este ergueu as mãos e, agarrando o velho pelos dois únicos tufos de cabelo que lhe restavam nas têmporas, fê-lo dar uma piruêta e atirou-o violentamente no soalho. Deu-lhe ainda dois ou três golpes com o tacão no rosto, quando ele estava caído. O velho lançou um gemido agudo. Ivã, embora mais fraco que Dimítri, agarrou-o pelo braço e afastou-o do velho. Aliócha, ajudando-o com todas as suas forças, agarrara seu irmão pela frente.

— Louco, tu o mataste! — gritou Ivã.

— Tem o que merece! — exclamou Dimítri, ofegante. — Se não o matei; voltarei. Vocês não o resguardarão.

— Dimítri, fora daqui agora mesmo! — gritou imperiosamente Aliócha.

— Alieksiéi! Só tenho confiança em ti; dize-me se Grúchenhka estava aqui há pouco ou não. Eu mesmo a vi costear a sebe e desaparecer nesta direção. Chamei-a, ela fugiu...

— Juro-te que ela não estava aqui e que ninguém a esperava!

— Mas eu a vi... portanto ela... Saberei agora mesmo onde ela está... Adeus, Alieksiéi! Nem uma palavra a Esopo a respeito do dinheiro, mas vai imediatamente à casa de Catarina Ivânovna e dize-lhe: "Ele me ordenou que a saudasse, precisamente que a saudasse e tornasse a saudar!" Descreve-lhe a cena.

Enquanto isso, Ivã e Gregório tinham levantado e instalado o velho numa poltrona. Seu rosto estava ensangüentado, mas não perdera os sentidos. Parecia-lhe sempre que Grúchenhka se encontrava em alguma parte da casa. Dimítri lançou-lhe um olhar de ódio ao retirar-se.

— Não me arrependo de ter derramado teu sangue! — exclamou ele. — Toma cuidado, velho, vigia teu sonho, porque eu também tenho um. Eu mesmo te maldigo e te renego para sempre...

Lançou-se para fora da sala.

— Ela está aqui, ela está certamente aqui — estertorou o velho com uma voz mal perceptível, fazendo sinal a Smierdiátov.

— Não, ela não está aqui, velho insensato — gritou com raiva Ivã. — Bem! ei-lo que desmaia! Água, um guardanapo! Apressa-te, Smierdiákov!

Smierdiákov correu a buscar água. Depois que lhe tiraram a roupa, levaram o velho para o quarto de dormir e deitaram-no na cama. Cercaram-lhe a cabeça com um guardanapo molhado. Enfraquecido pelo conhaque, pelas emoções violentas e pelos golpes, fechou ele os olhos e adormeceu assim que pousou a cabeça no travesseiro. Ivã Fiódorovitch e Aliócha voltaram ao salão. Smierdiákov retirou os cacos do vaso partido. Gregório mantinha-se perto da mesa, sombrio, de cabeça baixa.

— Devias também molhar tua cabeça e deitar-te — disse-lhe Aliócha. — Nós cuidaremos dele; meu irmão golpeou-te violentamente a cabeça.

— Ele o ousou! — proferiu Gregório, com ar sombrio.

— Ousou também contra seu pai, não somente contra ti! — observou Ivã, com os lábios contraídos.

— Lavei-o pequenino na gamela e ele ousou! — repetiu Gregório.

— Com os diabos! Se eu não o tivesse retido, tê-lo-ia matado. Pouco faltou a Esopo para morrer — murmurou Ivã a Aliócha.

— Que Deus o preserve! — exclamou Aliócha.

— Por quê? — continuou Ivã, no mesmo tom, com o rosto numa contração de ódio. — Que os répteis se devorem entre si, tal é seu destino!

Aliócha estremeceu.

— Bem entendido, não deixarei que se dê um assassinato, como fiz agora. Fica aqui, Aliócha, vou andar no pátio, começo a ter dor de cabeça.

Aliócha foi para o quarto de dormir e ficou uma hora à cabeceira de seu pai, por trás do biombo. De súbito, o velho abriu os olhos e olhou-o muito tempo em silêncio, esforçando-se visivelmente por coordenar suas lembranças. Uma agitação extraordinária pintou-se em seu rosto.

— Aliócha — cochichou ele, apreensivo —, onde está Ivã?

— No pátio; está com dor de cabeça. De guarda a nós.

— Dá-me o espelhinho que está ali.

Aliócha entregou-lhe um espelhinho oval, que se achava sobre a cômoda. O velho mirou-se nele. O nariz estava bastante inchado e, na testa, acima da sobrancelha esquerda, via-se uma equimose roxa.

— Que diz Ivã? Aliócha, meu querido, meu único filho, tenho medo de Ivã; tenho mais medo dele do que do outro. Só de ti *ê* que não tenho medo.

— Não tenha medo tampouco de Ivã; ele se zanga, mas o defenderá.

— Aliócha, e o outro? Correu para a casa de Grúchenhka? Meu anjo, dize-me a verdade: estava Grúchenhka ainda há pouco aqui ou não?

— Ninguém a viu! É uma ilusão, ela não estava ali!

— Mítia quer casar com ela, sabes?

— Ela não quererá. -

— Ela não quererá, ela não quererá a preço nenhum — exclamou o velho, fremente de alegria, como se nada lhe pudessem dizer de mais agradável no momento. No seu entusiasmo, agarrou a mão de Aliócha e a apertou contra seu coração. Lágrimas mesmo brilharam em seus olhos. — Toma essa imagem da Virgem de que falei ainda há pouco, leva-a contigo. E permito que voltes ao mosteiro... Estava brincando, não te zangues. A cabeça me dói, Aliócha... tranqüiliza-me, sê meu bom anjo, dize a verdade!

— Sempre a mesma idéia, se ela veio ou não — disse tristemente Aliócha.

— Não, não, acredito em ti. Mas vai à casa de Grúchenhka ou procura vê-la; pergunta-lhe o mais breve possível — penetra seu segredo — quem ela prefere, ele ou eu? Podes ou não?

— Se a encontrar, perguntar-lhe-ei — murmurou Aliócha, confuso.

— Não, ela não to dirá — interrompeu o velho —, é uma criança terrível. Começará por beijar-te, dizendo que é a ti que ela quer. É astuta e descarada, não, não podes ir à casa dela.

— Com efeito, meu pai, não estaria absolutamente bem.

— Aonde te enviava ele, ainda há pouco, quando gritou: "Vai", ao retirar-se?

— À casa de Catarina Ivânovna.

— Para lhe pedir dinheiro?

— Não, para isso não.

— Ele não tem dinheiro, nem 1 copeque. Escuta, Aliócha, refletirei durante a noite. Vai-te... talvez a encontres. Vem ver-me amanhã de manhã sem falta. Tenho alguma coisa para dizer-te. Virás?

— Virei.

— Terás o ar de vir saber notícias de mim. Não digas a ninguém que te chamei. Nem uma palavra a Ivã.

— Está entendido.

— Adeus, meu anjo. Tomaste minha defesa, ainda há pouco, não o esquecerei nunca. Dir-te-ei uma palavra amanhã... mas isto exige reflexão.

— Como se sente agora?

— Amanhã estarei de pé, completamente restabelecido, de perfeita saúde!...

No pátio, Aliócha encontrou Ivã sentado em um banco, perto do portão; anotava qualquer coisa a lápis no seu caderno. Aliócha informou-o de que o velho recuperara os sentidos e deixava que ele passasse a noite no mosteiro.

— Aliócha, sentiria grande prazer em ver-te amanhã de manhã — disse Ivã, num tom amável, de todo inesperado para Aliócha.

— Estarei amanhã em casa das senhoras Khokhlakovi, talvez também em casa de Catarina Ivânovna, se não a encontrar em casa agora.

— Vais lá mesmo? É para "saudá-la, saudá-la" — pilheriou Ivã. Aliócha perturbou-se.

— Penso ter compreendido as exclamações de Dimítri e um pouco o que se passou. Ele pediu que fosse vê-la para dizer-lhe que ele... pois bem... numa palavra, para despedir-se.

— Meu irmão, como terminará esse pesadelo para Dimítri e para nosso pai? — exclamou Aliócha.

— É difícil adivinhá-lo. Talvez dê tudo em nada. Aquela mulher é um monstro. Em todo caso, é preciso que o velho fique em casa e que

Dimítri aqui não entre.

— Meu irmão, permite-me ainda uma pergunta. Pode dar-se que cada qual tenha o direito de julgar seus semelhantes e de decidir quem é digno de viver e quem não o é?

— Que vem fazer aqui a apreciação dos méritos? O coração humano não se baseia sobre os méritos para resolver essa questão, mas sobre outros motivos bem mais naturais. Quanto ao direito, quem, pois, não tem o direito de desejar?

— Não a morte de outrem.

— E por que não a morte? De que serve mentir a si mesmo, quando todos vivem assim e sem dúvida não podem viver de outro modo? Pensas no que disse ainda há pouco, que "os dois répteis se devoram um ao outro"? Crês-me capaz, como Dimítri, de derramar o sangue de Esopo, de matá-lo, enfim?

— Que dizes, Ivã? Jamais me veio tal idéia! E não creio que Dimítri...

— Obrigado — disse Ivã, sorrindo. — Fica sabendo que o defenderei sempre. Mas, no caso particular, deixo o campo livre a meus desejos. Até amanhã. Não me julgues, não me olhes como a um celerado — acrescentou.

Apertaram-se as mãos mais cordialmente do que jamais o fizeram. Aliócha compreendeu que seu irmão se aproximava dele com um certo fim, intencionalmente.

X

OS DOIS JUNTOS

Aliócha saiu da casa de seu pai mais abatido e mais acabrunhado do que à sua chegada. Suas idéias eram fragmentárias, confusas; ele próprio se dava conta de que temia reuni-las, tirar uma conclusão geral das contradições dolorosas de que se compusera aquele dia. Experimentava um sentimento vizinho do desespero, o que jamais lhe acontecera. Uma questão dominava as outras, fatal e insolúvel: que aconteceria a seu pai e Dimítri em presença daquela mulher terrível? Vira-os engalfinhados. O único verdadeiramente infeliz era seu irmão Dimítri; a fatalidade o

tocaiava. Outros encontravam-se misturados a tudo isso e talvez mais do que parecia antes a Aliócha. Era enigmático. Ivã dera os primeiros passos para ele, esperados desde muito tempo, e agora sentia ele certa apreensão. Outra coisa estranha: enquanto antes ia à casa de Catarina Ivânovna numa extraordinária perturbação, nenhuma sentia agora; apressava-se mesmo, como se esperasse dela uma indicação. No entanto, o recado era ainda mais penoso de dar: a questão dos 3 000 rublos estava liquidada e Dimítri, sentindo-se definitivamente desonrado, cairia cada vez mais baixo. Além disso, devia Aliócha narrar a Catarina Ivânovna a cena que acabava de desenrolar-se em casa de seu pai.

Eram 7 horas e a noite estava a cair, quando Aliócha chegou à casa de Catarina Ivânovna, que morava num prédio vasto e confortável da Rua Grande. Sabia que ela vivia com duas tias. Uma, a tia de sua irmã Agáfia Ivânovna, era aquela pessoa silenciosa que tomara conta dela depois que saíra do internato. A outra era uma senhora de Moscou, bastante digna, mas sem fortuna. Sabia-se que as duas senhoras se submetiam em tudo a Catarina Ivânovna e só permaneciam em sua companhia para manter o decoro. Catarina Ivânovna só dependia de sua benfeitora, a generala, cuja saúde a retinha em Moscou e a quem estava ela obrigada a dar, duas vezes por semana, notícias suas pormenorizadas.

Quando Aliócha, no vestíbulo, fez-se anunciar pela arrumadeira que lhe abrira a porta, sabia-se já no salão de sua chegada, evidentemente (talvez o tivessem visto pela janela); o fato é que ele ouviu rumor, passos precipitados ressoaram com um frufru de vestidos, duas ou três mulheres teriam saído correndo. Aliócha achou estranho que sua chegada produzisse tal agitação. Fizeram-no entrar logo para o saião, uma grande peça mobiliada com elegância, que nada tinha de provinciana, Muitos canapés, divas, poltronas, mesas e centros; quadros nas paredes, vasos e lâminas, um molho de flores, havendo mesmo um aquário, perto da janela. O crepúsculo ensombrecia a sala. Aliócha avistou em cima dum canapé uma mantilha de seda abandonada, e sobre a mesa, em frente, duas xícaras onde restava chocolate, biscoitos, uma taça de cristal com passas de uvas, outra com bombons. Vendo aquela refeição, adivinhou Aliócha que havia convidados e franziu o cenho. Mas logo o reposteiro se ergueu e Catarina Ivânovna entrou a passos rápidos, estendendo-lhe as duas mãos com alegre sorriso. Ao mesmo tempo, uma criada trouxe e colocou em cima da mesa duas velas acesas.

— Louvado seja Deus, ei-lo afinal! Rezei a Deus o dia inteiro para

que você viesse! Sente-se.

A beleza de Catarina Ivânovna já havia impressionado Aliócha três semanas antes, quando Dimítri o levara à casa dela para apresentá-lo, porque ela desejava muito conhecê-lo. Não haviam conversado por ocasião daquela entrevista. Pensando que Aliócha estava muito acanhado, Catarina Ivânovna quis pô-lo à vontade e conversou todo o tempo com Dimítri. Aliócha mantivera-se em silêncio, mas observara muitas coisas. Impressionaram-no o porte nobre, a desenvoltura altiva, a segurança da orgulhosa moça. Seus grandes olhos negros e brilhantes pareceram-lhe em perfeita harmonia com a palidez mate de seu rosto oval. Mas seus olhos, seus lábios encantadores, por mais capazes que fossem de excitar o amor de seu irmão, não poderiam talvez retê-lo por muito tempo. Foi quase franco com Dimítri, quando este, após a visita, insistiu, rogando-lhe que não ocultasse a impressão que lhe causara sua noiva.

— Serás feliz com ela, mas talvez não uma felicidade calma.

— Meu irmão, mulheres como essa permanecem iguais a si mesmas, não se resignam diante do destino. De modo que pensas que não a amarei sempre?

— Não, tu a amarás sempre, é possível, mas não serás talvez sempre feliz com ela...

Aliócha exprimira sua opinião corando aborrecido por ter, para ceder aos rogos de seu irmão, formulado idéias tão "tolas", porque sua opinião lhe parecera a ele próprio bastante tola, logo que fora emitida. Tivera vergonha de haver-se exprimido tão categoricamente a respeito de uma mulher. Sua surpresa foi tanto maior sentindo, ao primeiro olhar lançado agora sobre Catarina Ivânovna, que se tinha talvez enganado então no seu julgamento. Desta vez o rosto da moça irradiava uma bondade ingênua e uma sinceridade ardente. Da "altivez e orgulho" de então, que haviam impressionado tanto Aliócha, não restava senão uma nobre energia, uma confiança serena e forte em si mesma. Ao primeiro olhar, às primeiras palavras, compreendeu Aliócha que o trágico de sua situação a respeito do homem a quem ela tanto amava não lhe escapava e que, talvez, já soubesse de tudo. E no entanto, malgrado isso, seu rosto radiante exprimia a fé no futuro. Aliócha sentiu-se culpado perante ela, vencido e cativo ao mesmo tempo. Além disso, observou, às suas primeiras palavras, que se encontrava ela numa violenta agitação, talvez insólita nela, e que confinava mesmo com a exaltação.

— Eu o esperava, porque é só de você, agora, que posso saber toda a verdade.

— Vim... — gaguejou Aliócha — eu... ele me enviou.

— Ah! ele o enviou? Está bem. Pressentia isso. Agora, sei tudo, tudo — disse Catarina Ivânovna, com os olhos cintilantes. — Espere, Alieksiéi Fiódorovitch, vou dizer-lhe por que desejava tanto vê-lo. Sei muito mais do que você mesmo; não são notícias que reclamo de você. Quero saber de sua derradeira impressão sobre Dimítri, quero que você me conte o mais francamente, o mais grosseiramente que puder (oh! não se acanhe!), o que pensa dele agora e de sua situação depois da entrevista de vocês, hoje. Valerá isto talvez melhor que uma explicação entre nós dois, uma vez que não quer ele mais vir ver-me. Compreendeu o que espero de você? Agora, por qual motivo o enviou? Fale francamente, não mastigue as palavras...

— Encarregou-me de... saudá-la, de dizer-lhe que não viria mais e de saudá-la...

— Saudar? Disse assim, foi assim que se exprimiu?

— Sim.

— Talvez se haja enganado, por acaso, e não empregou a palavra devida.

— Não, insistiu precisamente para que eu lhe repetisse essa palavra "saudar". Recomendou-ma três vezes.

O sangue subiu ao rosto de Catarina Ivânovna.

— Ajude-me, Alieksiéi Fiódorovitch, tenho agora necessidade de você. Eis o que penso, diga-me se tenho ou não razão: se ele o tivesse encarregado de saudar-me, ligeiramente, sem insistir na transmissão da palavra, sem sublinhá-la, tudo estaria acabado. Mas se se apoiou particularmente neste termo, se lhe ordenou expressamente que me transmitisse essa "saudação", é que estava superexcitado, fora de si talvez. A decisão que tomou terá espantado a ele próprio! Não me deixou com segurança, precipitou-se ladeira abaixo. O sublinhamento dessa palavra tem o sentido de uma bravata...

— É isto, é isto — afirmou Aliócha. — Tenho a mesma impressão.

— Neste caso, nem tudo está perdido! Está ele apenas desesperado,

posso ainda salvá-lo. Não lhe falou ele de dinheiro, de 3 000 rublos?

— Não somente me falou deles, mas é talvez isso que mais o acabrunha. Disse que nada mais lhe importa agora, agora que perdeu sua honra — respondeu Aliócha, que se sentia renascer para a esperança e entrevia a possibilidade de salvar seu irmão. — Mas sabe... de que dinheiro se trata? — acrescentou ele, e de repente calou-se.

— Desde muito tempo que o sei e com certeza. Telegrafei para Moscou, onde nada tinham recebido. Ele não remeteu o dinheiro, mas eu me calei. Soube na última semana como estava ele necessitado... Só tenho um fito em tudo isto: é que ele saiba a quem se dirigir e onde encontrar a amizade mais fiel. Mas não quer ele crer que seu mais fiel amigo sou eu; só considera a mulher, em mim. Atormentei-me a semana inteira: como fazer para que ele não core diante de mim por ter gasto esses 3 000 rublos? Que se envergonhe ele diante de todos e se envergonhe de si mesmo, mas não diante de mim! Como ignora ele até agora tudo quanto posso suportar por ele? Como pode ele me desconhecer, depois de tudo quanto se passou? Quero salvá-lo para sempre. Que deixe de ver em mim sua noiva! E teme pela sua honra para comigo? Mas não receia abrir-se a você, Alieksiéi Fiódorovitch. Por que não mereci ainda sua confiança?

Pronunciou estas derradeiras palavras com os olhos cheios de lágrimas.

— Devo relatar-lhe — disse Aliócha, com voz trêmula — a cena que acaba de ter ele com seu pai. — E contou tudo: como Dimítri o havia mandado pedir dinheiro, depois irrompera na casa, batera em Fiódor Pávlovitch e, na ocasião, recomendara com insistência a Aliócha que viesse "saudá-la". — Ele foi à casa daquela mulher... — acrescentou Aliócha, em voz baixa.

— Pensa que não suportarei sua ligação com aquela mulher? Ele também o pensa, mas não casará com ela. — Soltou uma risadinha nervosa. — Será que um Karamázov pode queimar-se com um ardor eterno? É um entusiasmo passageiro, não é amor. Ele não casará com ela, porque ela não o quererá — disse, com o mesmo riso estranho.

— Ele se casará talvez com ela — disse tristemente Aliócha, de olhos baixos.

— Ele não se casará com ela, afirmo-lhe! Aquela moça é um anjo! Sabia-o? Sabia-o? — exclamou Catarina Ivânovna, com um calor

extraordinário. — Ê a mais fantástica das criaturas. É sedutora, decerto mas tem um caráter nobre e bom. Por que me olha desse jeito, Alieksiéi Fiódorovitch? Talvez minhas palavras lhe causem espanto, talvez não me acredite. Agrafiena Alieksándrovna, meu anjo — exclamou ela, de súbito, com os olhos voltados para a peça vizinha —, venha cá, este gentil rapaz está ao corrente de todos os nossos negócios, apareça, pois!

— Só esperava seu chamado — disse uma voz doce e até mesmo melíflua.

O resposteiro ergueu-se e... Grúchenhka em pessoa, risonha, alegre, caminhou para a mesa. Aliócha sentiu uma comoção. Os olhos fixos nela, não podia desviá-los de seu rosto. Ei-la, aquela mulher temível, "aquele monstro", como a chamara seu irmão Ivã meia hora antes. No entanto, tinha ele diante de si a criatura mais vulgar, mais simples à primeira vista, uma mulher encantadora e boa, bonita, decerto, mas parecendo-se com todas as mulheres bonitas "comuns". Na verdade, era até mesmo bela, bastante bela, uma beleza russa, a que suscita tantas paixões. De estatura bastante elevada, sem igualar, no entanto, a de Catarina Ivânovna (que era muito alta), forte, com movimentos mansos e silenciosos, como que enlanguecidos numa doçura de acordo com sua voz. Adiantou-se, não como Catarina Ivânovna, mas com um passo firme e seguro, embora silencioso. Não fazia quase, ruído ao andar. Deixou-se cair numa poltrona, com um rumor leve de seu elegante vestido de seda preta, cobriu friorentamente com um xale de lã seu pescoço branco como neve e seus largos ombros. Tinha 22 anos e seu rosto indicava essa idade. Sua pela era muito branca, com um matiz de reflexos rosa-pálido, o oval do rosto um tanto largo, o maxilar inferior um pouco saliente. O lábio superior era delgado, o inferior, que avançava, duas vezes mais forte e tumido. Uma manífica cabeleira castanha muito abundante, supercílios escuros, admiráveis olhos dum cinzento azulado de longos cílios: o mais indiferente, o mais distraído dos homens, perdido na multidão, passeando, não teria deixado de parar diante daquele rosto e de recordá-lo por muito tempo. O que mais impressionava Aliócha era sua expressão infantil e ingênua. Tinha ela um olhar e alegria de criança, aproximara-se da mesa verdadeiramente alvoroçada, como se esperasse alguma coisa, curiosa e impaciente. Seu olhar alegrava a alma, sentia-o Aliócha. Havia ainda nela algo de que não teria ele podido ou sabido dar conta, mas que sentia talvez inconscientemente, aquela languidez de movimentos, aquela ligeireza felina de seu corpo, no entanto, vigoroso e gordo. Seu xale

desenhava espáduas cheias, um firme busto de mulher jovem. Aquele corpo prometia talvez as formas da Vênus de Milo, mas já em proporções um tanto exageradas, adivinhava-se. Conhecedores da beleza russa, ao examinar Grúchenhka, teriam predito com certeza que, ao aproximar-se dos trinta anos, aquela beleza tão fresca ainda perderia sua harmonia, alterar-se-ia, o rosto se empastaria; rugas se formariam rapidamente na testa e em redor dos olhos; a tez murcharia, avermehar-se-ia talvez; numa palavra, era a beleza do diabo, beleza efêmera, tão freqüente na mulher russa. Aliócha, bem entendido, não pensava nisso, mas, embora sob o encanto, perguntava a si mesmo com mal-estar e como a contragosto: por que arrasta ela assim as palavras e não pode falar naturalmente? Grúchenhka achava decerto bonito aquele rotacismo e aquelas entonações cantantes. Não era senão um hábito de mau gosto, índice de uma educação inferior, duma falsa noção das conveniências. No entanto, aquela fala afetada parecia a Aliócha quase incompatível com aquela expressão ingênua e radiosa, aquele brilho dos olhos ridentes duma alegria de bebê. Catarina Ivânovna fizera-a sentar-se em frente de Aliócha e beijara várias vezes com entusiasmo seus lábios sorridentes. Parecia apaixonada por ela.

— Vemo-nos pela primeira vez, Alieksiéi Fiódorovitch — disse ela, encantada. — Queria conhecê-la, vê-la, ir à casa dela; ela mesma, porém, veio ao meu primeiro chamado. Estava certa de que arranjaríamos tudo! Meu coração pressentia-o... Tinham-me rogado que desistisse desse passo, mas previa-lhe o resultado e não me enganei. Grúchenhka explicou-me todas as suas intenções; veio como um anjo bom trazer-me a paz e a alegria...

— Você não me desdenhou, cara senhorita — disse Grúchenhka, com uma voz arrastada e seu doce sorriso.

— Evite dizer-me tais palavras, encantadora mágica! Desdenhá-la? Vou beijar mais uma vez seu lindo lábio. Tem o ar de estar intumescido, pois vou torná-lo mais intumescido ainda... Veja como ri. Alieksiéi Fiódorovitch, é uma alegria para o coração olhar esse anjo...

Aliócha corava e estremecia ligeiramente.

— Você está-me mimando, cara senhorita, mas não mereço talvez suas carícias.

— Não as merece! — exclamou com o mesmo calor Catarina

Ivânovna. — Saiba, Alieksiéi Fiódorovitch, que temos aí uma cabeça fantasista, independente, mas um coração altivo, oh! muito altivo! É nobre e generosa, Alieksiéi Fiódorovitch, sabia-o? Era apenas infeliz, pronta inteiramente a sacrificar-se a um homem talvez indigno ou leviano. Havia um oficial a quem amava, deu-lhe tudo, há muito tempo isso, cinco anos, e ele a esqueceu, casou-se. Tendo ficado viúvo, escreveu, está a caminho, é a ele somente, fique sabendo, que ama e sempre amou! Ele chega, e Grúchenhka será de novo feliz, depois de ter sofrido durante cinco anos. Que se lhe pode censurar? Quem pode gabar-se de ter-lhe conquistado as belas graças? Aquele velho negociante impotente, mas era antes um pai, um amigo, um protetor; encontrou-a desesperada, atormentada, abandonada... Porque queria ela afogar-se, aquele velho a salvou, salvou-a!

— Você me defende demais, cara senhorita, vai um pouco longe demais — disse de novo, arrastadamente, Grúchenhka.

— Eu a defendo? Cabe a mim defendê-la, ousaríamos nós defendê-la? Grúchenhka, meu anjo, dê-me sua mão. Olhe essa mãozinha rechonchuda, essa deliciosa mãozinha. Alieksiéi Fiódorovitch: está. vendo-a? Foi ela que me trouxe a felicidade, que me ressuscitou, vou beijá-la dos dois lados... assim, assim!

Beijou três vezes, como que arrebatada, a mão verdadeiramente encantadora, talvez demasiado rechonchuda, de Grúchenhka. Esta, com um riso nervoso e sonoro, consentia na carícia; mirava a "cara senhorita" e tinha prazer com aquilo... "Ela talvez se exalte demasiado", pensou Aliócha. Corou, seu coração não estava tranqüilo.

— Quer fazer-me corar, cara senhorita, beijando assim minha mão diante de Alieksiéi Fiódorovitch.

— Mas foi minha intenção fazê-la corar? — proferiu Catarina Ivânovna um pouco admirada. — Ah! minha cara, como me compreende mal!

— Mas talvez não me compreenda tampouco, cara senhorita. Sou talvez pior do que pareço. Tenho coração mau, sou caprichosa. Foi somente para zombar do pobre Dimítri Fiódorovitch que o conquistei.

— Mas agora você o salvará, prometeu-o. Far-lhe-á compreender, revelar-lhe-á que desde muito tempo ama outro pronto a desposá-la...

— Mas não, não lhe prometi nada de semelhante. Foi você quem

disse tudo isso e não eu.

— Compreendi-a mal então — declarou Catarina Ivânovna, que baixou a voz e empalideceu ligeiramente. — Você prometeu...

— Ah! não, angélica senhorita, não lhe prometi nada — interrompeu-a Grúchenhka, com a mesma expressão alegre, tranqüila, inocente. — Veja, digna senhorita, como sou má e voluntariosa. O que me agrada, faço-o; ainda há pouco talvez lhe haja feito uma promessa, e agora digo a mim mesma: se Mítia viesse a agradar-me de novo, porque já um vez me agradou quase uma hora, talvez vá dizer-lhe que fique morando comigo a partir de hoje... Veja como sou inconstante...

— Ainda há pouco falava você de maneira totalmente diversa... — murmurou Catarina Ivânovna.

— Sim, ainda há pouco! Mas tenho o coração terno, sou tola! Basta pensar em tudo quanto ele sofreu por mim; se, de volta para minha casa, tiver piedade dele, que acontecerá?

— Eu não esperava...

— Oh! senhorita, quanto é boa e nobre comparada comigo! E talvez, agora, vai deixar de amar-me vendo meu caráter. Dê-me sua bonita mão, angélica senhorita — pediu ela, tomando com respeito a mão de Catarina Ivânovna. — Vou beijar sua mão, cara senhorita, como fez você à minha. Deu-me três beijos, deveria dar-lhe bem uns trezentos para ficar quite. Assim será, e depois, seja o que Deus quiser: talvez seja sua escrava e haverei de querer comprazê-la em tudo quanto Deus queira, sem convenção alguma nem promessas. Dê-me sua mão, sua linda mão, cara senhorita, bela entre todas!

Levou docemente aquela mão a seus lábios, com o fito estranho de "saldar a conta" dos beijos recebidos. Catarina Ivânovna não retirou sua mão. Havia escutado com tímida esperança a derradeira promessa de Gruchenhka, por mais estranhamente expressa que tivesse sido, de "comprazê-la em tudo"; olhava-a com ansiedade bem dentro dos olhos; via ali a mesma expressão ingênua e confiante, a mesma jovialidade serena... "Ela é talvez demasiado ingênua!", disse a si mesma Catarina Ivânovna, num clarão de esperança. Entretanto Gruchenhka, encantada com aquela "linda mãozinha", levava-a lentamente aos lábios. Ia quase tocar-lhe quando a reteve para refletir.

— Sabe, meu anjo — disse ela, arrastadamente, com sua voz mais melíflua —, feitas as contas, não lhe beijarei a mão. — E soltou uma risadinha alegre.

— Como queira... Que tem? — estremeceu Catarina Ivânovna.

— Lembre-se disso: você beijou minha mão, mas eu não beijei a sua. Um clarão brilhou nos seus olhos. Fitava com obstinação Catarina

Ivânovna.

— Insolente! — exclamou esta, que começava a compreender. Levantou-se vivamente, tomada de cólera. Sem se apressar, Gruchenhka fez o mesmo.

— Vou contar a Mítia que você beijou minha mão, mas que eu não quis beijar a sua. Isto vai fazê-lo rir.

— Fora daqui, canalha!

— Ah! que vergonha! É indecente de sua parte empregar tais palavras, cara senhorita.

— Fora daqui, fêmea vendida! — vociferou Catarina Ivânovna. Todo o seu rosto convulsionado tremia.

— Vendida, seja. Você mesma, mocinha, saía à noite à busca de dinheiro entre rapazes, traficando seus encantos; sei de tudo.

Catarina Ivânovna lançou um grito, quis atirar-se contra ela, mas Aliócha reteve-a com todas as suas forças.

— Não se mova, nem uma palavra! Não lhe responda, ela partirá agora mesmo!

As duas parentas de Catarina Ivânovna e a arrumadeira acorreram ao seu grito. Precipitaram-se para ela.

— Está bem! Vou-me embora — declarou Gruchenhka, tomando sua mantilha de cima do diva. — Aliócha, meu bem, acompanha-me!

— Vá-se o mais depressa possível — implorou Aliócha, de mãos juntas.

— Aliócha querido, acompanha-me. De caminho, dir-te-ei uma palavra, algo de muito gentil! Foi por ti, Aliócha, que representei essa cena. Vem, meu caro, não lamentarás ter vindo.

Aliócha voltou-se, torcendo as mãos. Gruchenhka saiu rindo, sonoramente.

Catarina Ivânovna teve um ataque de nervos; soluçava, espasmos sufocavam-na. Todos se mostravam solícitos em torno dela.

— Eu a havia prevenido — disse-lhe a mais velha das tias — e desaconselhado tal passo... você é demasiado viva... pode-se arriscar tal coisa? Você não conhece essas criaturas e dizem dessa que é a pior de todas... Você só faz o que lhe dá na cabeça!

— É uma teoriza! — vociferou Catarina Ivânovna. — Por que me reteve, Alieksiéi Fiódorovitch? Ter-lhe-ia batido, batido...

Estava incapaz de conter-me diante de Alieksiéi, talvez mesmo não o quisesse.

— Merecia ser chicoteada em público, pela mão do carrasco. Alieksiéi aproximou-se da porta.

— Oh! meu Deus! — exclamou Catarina Ivânovna, juntando as mãos. — Mas ele! Pôde ser tão desleal, tão inumano?! Por que foi ele que contou àquela criatura o que se passou naquele dia fatal e para sempre maldito! "Você ia traficar seus encantos, cara senhorita!" Ela sabe! Seu irmão é um canalha, Alieksiéi Fiódorovitch!

Aliócha quis dizer alguma coisa, mas não encontrou uma palavra sequer; seu coração cerrava-se a ponto de doer-lhe.

— Vá-se embora, Alieksiéi Fiódorovitch! Tenho vergonha, é horrível! Amanhã... Rogo-lhe, de joelhos, venha amanhã. Não me julgue, perdoe-me, não sei de que sou capaz!

Aliócha saiu cambaleante. Teria querido também chorar; de repente a criada alcançou-o.

— A senhorita esqueceu-se de entregar-lhe esta carta da Senhora Khokhlakova; estava com ela desde o jantar.

Aliócha pegou o pequeno envelope côr-de-rosa e meteu-o quase inconscientemente no bolso.

XI

OUTRA REPUTAÇÃO PERDIDA

Da cidade ao mosteiro era apenas 1 versta. Aliócha caminhava rapidamente pela estrada, deserta àquela hora. Era quase noite e difícil, a trinta passos, distinguir os objetos. Em meio do caminho, no centro duma encruzilhada, elevava-se um salgueiro isolado, sob o qual percebia-se um vulto. Mal Aliócha chegara àquele local, o vulto destacou-se da árvore e lançou-se a ele gritando:

— A bolsa ou a vida!

— Como, és tu, Mítia! — exclamou, espantado, Aliócha, bastante comovido.

— Ah! ah! não esperavas por isto, hein? Perguntava a mim mesmo onde esperar-te. Perto da casa dela? Há três caminhos que partem dali e eu podia não te encontrar. Tive a idéia afinal de esperar-te aqui, porque devias necessariamente passar por esta estrada, uma vez que não há outra para ir ao mosteiro. Pois bem, dize-me a verdade, esmaga-me como a uma barata... Que tens, então?

— Não é nada, irmão... É o medo! Ah! Dimítri! Ainda há pouco, esse sangue de nosso pai (Aliócha pôs-se a chorar, desde muito tinha vontade disso, parecia-lhe que alguma coisa se dilacerava dentro dele). Tu quase o mataste... tu o amaldiçoaste... e eis que agora... aqui... fazes brincadeira... a bolsa ou a vida!

— Ah! sim. Pois bem! É indecente? Não convém isto à situação?

— Mas não, dizia isto...

— Espera, olha essa noite; vê como está sombria, aquelas nuvens, esse vento que se levantou. Oculto sob o salgueiro, esperava-te e, de repente, disse a mim mesmo (Deus me seja testemunha!): "Que adianta sofrer ainda, por que esperar? Eis um salgueiro, tenho meu lenço e minha camisa, a corda ficaria trançada em breve, com meus suspensórios ainda por cima... A terra ficaria livre de mim, não mais a desonraria com a minha presença!" E eis que ouço os teus passos. Senhor, foi como se um raio descesse sobre mim! "Há pois um homem a quem amo, ei-lo, esse homenzinho, o meu querido irmãozinho, a quem amo mais que tudo no

mundo e é o único a quem amo!" Tão vivo era meu afeto naquele minuto que pensei: "Vou atirar-me ao seu pescoço!" Mas veio-me uma idéia estúpida: "Para diverti-lo, vou fazer-lhe medo". E gritei como um imbecil: "A bolsa!" Perdoa minha tolice; é absurdo, mas no fundo da alma... sou bom... Pois bem! com o diabo! Fala pois, que houve lá? Que foi que ela disse? Esmaga-me, bate-me, não me poupes! Ela está exasperada?

— Não... não é totalmente isto, Mítia. Encontrei as duas.

— Quais duas?

— Grúchenhka em casa de Catarina Ivânovna. Dimítri ficou estupefato.

— É impossível! — exclamou. — Deliras! Grúchenhka em casa dela?

Numa narrativa despida de artifício, mas não de clareza, expôs Aliócha o essencial do que se passara, acrescentando-lhe suas próprias impressões. Seu irmão escutava-o em silêncio, fixando-o com um ar impassível, mas Aliócha via claramente que ele já havia compreendido tudo, elucidado todo o caso. À medida que a narrativa avançava, seu rosto tornava-se não sombrio, mas ameaçador. Franzia o cenho, de dentes cerrados, o olhar ainda mais fixo, mais terrível na sua obstinação... A mudança súbita que ocorreu em seu rosto encolerizado foi por isso mesmo totalmente inesperada; seus lábios crispados distenderam-se, e Dimítri Fiódorovitch explodiu na gargalhada mais irresistível e mais franca. Ficou um bom momento sem poder falar, à força de rir.

— De modo que ela não lhe beijou a mão! Fugiu sem beijar-lhe a mão! — exclamou ele num arrebatamento mórbido, que se teria podido qualificar de impudente, se não fosse tão ingênuo. — E a outra chamou-a de teoriza? É uma mesmo! Devia subir ao cadafalso! Certamente, estou de acordo; deveriam tê-lo feito desde muito. Mas não é tudo, irmão, é preciso em primeiro lugar recuperar a saúde. Ela está toda inteira nesse beijo de mão, aquela rainha da impudência, aquela criatura infernal! É a rainha de todas as fúrias que se possam imaginar! De encher de entusiasmo, de certa maneira! Partiu para sua casa? Agora mesmo... corro até lá. Aliócha, não me acuses, convenho que seria pouco o estrangulá-la...

— E Catarina Ivânovna? — perguntou tristemente Aliócha.

— Também a compreendo, como até agora tenho compreendido! Ê a descoberta das quatro partes do mundo, das cinco, quero dizer! Tal passo

que deu! Ê bem a mesma Catarina, a pensionista que não receia ir ter com um oficial grosseiro, com o nobre desígnio de salvar seu pai, arriscando-se a ser insultada! Mas essa altivez, essa sede do perigo, esse desafio ao destino, até os derradeiros limites!... Sua tia, dizes, queria impedi-la? É uma mulher despótica, irmã daquela generala de Moscou; fazia muito embaraço, mas seu marido foi acusado de malversações, perdeu tudo, seus bens e o resto, sua orgulhosa esposa teve de baixar o tom. De modo que retinha ela Cátia, mas esta não a escutou. "Posso tudo vencer, tudo me é submetido, enfeitiçarei Grúchenhka, se quiser. " Acreditava bem nisso decerto, e forçou seu talento. De quem a culpa? Pensas que tenha sido intencionalmente que beijou por primeira a mão de Grúchenhka, por cálculo e por astúcia? Não, deixou-se enfeitiçar nada mais nada menos por Grúchenhka, isto é, não por ela, mas pelo seu sonho, pelo seu desejo, muito simplesmente, porque esse sonho, esse desejo eram os seus! Aliócha, como pudeste escapar a semelhantes mulheres? Fugiste, arrepanhando a batina, hein? Ah! ah! ah!

— Irmão, não pensaste, creio, na ofensa que fizeste a Catarina Ivânovna contando a Grúchenhka sua visita à tua casa; Grúchenhka lançou-lhe em rosto que "ela ia furtivamente traficar seus encantos". Há pior injúria, meu irmão?

A idéia de que seu irmão se rejubilava com a humilhação de Catarina Ivânovna atormentava Aliócha, embora sem razão, evidentemente.

— Ah! sim! — disse Dimítri, franzindo as sobrancelhas e batendo na testa. Somente agora se dava conta, se bem que Aliócha tivesse tudo contado ao mesmo tempo, a injúria e o grito de Catarina Ivânovna: "Seu irmão é um canalha!" — Sim, com efeito, devo ter falado a Grúchenhka daquele "dia fatal", como diz Cátia. Deveras, contei-lhe, lembro-me! Foi em Mókroie, enquanto os ciganos cantavam; estava embriagado... Mas então eu soluçava, rezava de joelhos diante da imagem de Cátia. Grúchenhka compreendia-o, ela mesma chorava... Ah! diabos! poderia ser de outro modo agora? Ela chorava então, agora crava um punhal no coração. Eis as mulheres!

Pôs-se a refletir, de cabeça baixa.

— Sim, sou um verdadeiro canalha — proferiu ele, de súbito, com voz sombria. — Que tenha chorado ou não, tanto faz. Conta-lhe que aceito o qualificativo, se isto pode consolá-la. Pois bem! chega, de que serve tagarelar? Não é divertido. Sigamos cada qual nossa estrada. Não quero

mais rever-te antes do derradeiro momento. Adeus, Alieksiéi!

Apertou fortemente a mão de Aliócha e, sem erguer a cabeça, como um evadido, caminhou a grandes passadas para a cidade. Aliócha acompanhou-o com o olhar, não podendo crer que tivesse ele partido deveras.

— Espera, Alieksiéi, ainda uma confissão, para ti somente! (Dimítri retrocedera.) — Olha-me bem no rosto: aqui, vês tu, aqui, uma infâmia execrável se prepara. (Ao dizer isto, Dimítri batia no peito com um ar estranho, como se a infâmia estivesse depositada em seu peito ou suspensa ao seu pescoço.) Já me conheces como um canalha chapado. Mas, fica sabendo, o que quer que eu tenha feito, o que quer que possa fazer no futuro, nada se compara em baixeza com a infâmia que trago no meu peito e que poderia reprimir, mas não o farei, fica sabendo. Prefiro cometê-la. Tudo te contei há pouco, exceto isto, não tinha coragem! Posso ainda deter-me e, dessa maneira, recuperar amanhã a metade de minha honra, mas não renunciarei a isto, cumprirei meu negro desígnio, poderás ser testemunha de que falo disso antecipadamente e cientemente. Perdição e trevas! Inútil explicar-te, sabê-lo-ás a seu tempo. A lama é uma verdadeira fúria! Adeus. Não rezes por mim, não sou digno e não tenho necessidade de oração nenhuma... Sai de meu caminho!...

Afastou-se desta vez, definitivamente. Aliócha seguiu para o mosteiro. "Como! Não o verei mais? Que é que ele diz?" Isto pareceu-lhe esquisito. "Amanhã, sem falta, pôr-me-ei à sua procura. Que quis ele dizer?"

Contornou o mosteiro e seguiu diretamente para o eremitério através do bosque de pinheiros. Abriram-lhe, se bem que não deixassem entrar ninguém àquela hora. Entrou na cela do *stáriets,* com o coração palpitante. "Por que partira ele? Por que o haviam enviado ao mundo?

Aqui, a paz, a santidade; lá, a perturbação, as trevas nas quais a gente se perde... "

Na cela encontravam-se o noviço Porfírio e um religioso, o Padre Paísi, que o dia inteiro viera a cada hora saber notícias do Padre Zósima. Seu estado piorava, como veio a saber Aliócha, com espanto. A conversa habitual da noite com a comunidade não pudera realizar-se daquela vez. Comumente, à noite, após o ofício, a comunidade, antes de ir repousar, reunia-se na cela do *stáriets;* cada qual lhe confessava bem alto suas faltas do dia, os sonhos culpados, as idéias, as tentações, até as rusgas entre

monges, se alguma ocorrera. Outros se confessavam, de joelhos. O *stáriets* absolvia, acalmava, ensinava, impunha penitências, abençoava e despedia. Era contra essas "confissões" fraternais que se levantavam os adversários do *stáriets,* dizendo que era aquilo uma profanação da confissão, como sacramento, quase um sacrilégio, se bem que fosse coisa bem diversa. Haviam mesmo feito denúncia à autoridade diocesana de que não somente aquelas confissões não atingiam o seu fim, mas eram na realidade uma fonte de pecados e de tentações. A muitos, na comunidade, repugnava ir à casa do *stáriets* e ali apareciam de má-vontade, a fim de não passarem por orgulhosos e revoltados de espírito. Contava-se que certos monges, ao irem à confissão da noite, entendiam-se entre si de antemão: "Direi que me zanguei contra ti esta manhã, tu o confirmarás", isto a fim de ter alguma coisa que dizer e ver-se livre daquilo. Aliócha sabia que as coisas se passavam por vezes assim. Sabia também que alguns se indignavam bastante contra o costume segundo o qual as cartas, mesmo dos pais, recebidas pelos solitários, eram levadas em primeiro lugar ao *stáriets,* para que ele as abrisse e lesse antes de seus destinatários. Supunha-se, bem entendido, que essas práticas deviam realizar-se livremente e sinceramente, de todo o coração, com um fim de edificação salutar e de submissão voluntária; de fato, acontecia que, longe de serem sinceras, não eram senão fingidas. Mas os mais idosos e os mais experimentados da comunidade persistiam em sua idéia, estimando que "os que tinham transposto o recinto para cuidar sinceramente de sua salvação encontravam naquela obediência e naquela abdicação de si mesmos um proveito dos mais salutares; mas que os que murmuravam com repugnância não tinham a vocação e melhor teriam feito se tivessem ficado no mundo. O pecado e a tentação vos tocaiam não somente no mundo, mas no santuário, melhor valia não se prestar a isso".

— Está enfraquecendo, sonolento — murmurou o Padre Paísi a Aliócha. — É difícil despertá-lo. E para quê? Acordou por uns cinco minutos e pediu que se transmitisse sua bênção à comunidade, cujas preces solicita. Amanhã de manhã, tem intenção de comungar de novo. Lembrou-se de ti, Aliócha, informou-se de onde estavas, disseram-lhe que havias partido para a cidade. "Minha bênção o acompanhe ali; seu lugar é lá e não aqui. " És o objeto de seu amor e de sua solicitude, compreendes essa honra? Mas por que te marca ele um estágio no mundo? Será que pressente alguma coisa no teu destino? Se voltares ao mundo, é para cumprir uma tarefa imposta pelo teu *stáriets,* compreende-o, Alieksiéi, e

não para te entregares à agitação vã e às obras do século...

O Padre Paísi saiu. Alieksiéi não duvidava de que o fim do *stáriets* estivesse próximo, muito embora pudesse viver ainda um dia ou dois. Jurou a si mesmo, malgrado os compromissos tomados para com seu pai, as senhoras Khokhlakovi, seu irmão, Catarina Ivânovna, não deixar o mosteiro no dia seguinte e ficar junto do *stáriets* até seu derradeiro momento. Seu coração abrasava-se de amor e censurava-se amargamente ter podido esquecer um instante, lá embaixo, aquele que deixara em seu leito de morte e a quem venerava acima de tudo. Passou para o quarto de dormir, ajoelhou-se, prosternou-se diante da cama dele. O *stáriets* repousava tranqüilamente, mal se ouvia sua respiração. Seu rosto estava calmo.

Voltando ao quarto vizinho, onde tivera lugar a recepção da manhã, contentou-se Aliócha com tirar suas botas e estendeu-se sobre o estreito e duro diva de couro onde se acostumara a dormir, valendo-se apenas de um travesseiro. Desde muito tempo renunciara ao colchão de que falava seu pai. Só fazia tirar sua batina, que lhe servia de coberta. Antes de adormecer, ajoelhou-se e pediu a Deus numa prece fervorosa que o esclarecesse, ansioso por tornar a encontrar o apaziguamento que experimentava sempre outrora, depois de ter louvado e glorificado a Deus, como o fazia comumente na sua prece da noite. A alegria que o invadia proporcionava-lhe um sono leve e tranqüilo. Enquanto rezava, sentiu em seu bolso o envelopinho côr-de-rosa, entregue pela criada de Catarina Ivânovna, que o alcançara na rua. Ficou perturbado, mas acabou sua prece. Depois abriu o envelope, com alguma hesitação. Continha um bilhete a ele dirigido, assinado por Lisa, a filha da Senhora Khokhlakova, que zombara dele pela manhã, na presença do *stáriets.*

A lieksiéi Fiódorovitch:

Escrevo-lhe às ocultas de todos e de minha mãe, e sei que isto não está bem. Mas não posso viver mais tempo sem dizer-lhe o que me nasceu no coração e que ninguém, a não ser nós dois, deve saber até nova ordem. Dizem que o papel não cora, que engano! Asseguro-lhe que estamos agora bem corados um e outro. Querido Aliócha, eu o amo, eu o amo desde minha infância, desde Moscou, quando era você bem diferente do que é agora. Elegi-o em meu coração para me unir a você e acabarmos nossos dias juntos. Bem entendido, com a condição de que deixe você o mosteiro. Quanto à nossa idade, esperaremos tanto quanto a lei o exija. Daqui até lá, estarei restabelecida, andarei, dançarei. Isto não tem dúvida

nenhuma.

Vê você que calculei tudo, mas há uma coisa que não posso imaginar: que pensará você de mim lendo estas linhas? Rio, brinco, fi-lo zangar-se há pouco, mas asseguro-lhe que antes de pegar da pena rezei diante da imagem da Virgem, quase chorando.

Meu segredo está em suas mãos e quando você vier, amanhã, não sei como poderei encará-lo. Alieksiéi Fiódorovitch, que acontecerá, se não puder impedir-me de rir ao vê-lo, como esta manhã? Você me tomará por uma zombadora implacável e duvidará de minha carta. Assim, suplico-lhe, meu querido, que não me olhe demasiado o rosto quando vier, porque pode acontecer que rebente a rir à vista de sua batina comprida... Já agora, meu coração fica gelado só de pensar nisso; para começar, lance seus olhares para mamãe ou para a janela...

Eis que lhe escrevi uma carta de amor. Meu Deus, que fiz eu? Aliócha, não me despreze; se agi mal e o magôo, desculpe-me. Agora, a sorte de minha reputação, talvez perdida, está entre suas mãos.

Haverei de chorar hoje por certo. Adeus, até essa entrevista terrível...

PS. — Aliócha, venha sem falta, sem falta. Lisa.

Aliócha leu duas vezes aquela carta com surpresa, ficou pensativo, depois riu docemente de prazer. Estremeceu, aquele riso lhe parecia culpado. Mas, ao fim de um instante, repetiu o mesmo riso feliz. Tornou a pôr a carta no envelope, fez um sinal-da-cruz e deitou-se. Sua alma havia reencontrado a calma. "Senhor, perdoa-lhes a todos, protege esses infelizes e agitados, guia-os, mantém-nos no bom caminho. Tu que és o amor, concede a todos a alegria!" E Aliócha adormeceu num sono tranqüilo.

SEGUNDA PARTE

LIVRO IV

OS TUMULTOS

I

O PADRE FIERAPONT

Aliócha despertou antes do amanhecer. O *stáriets* já não dormia e se

sentia bastante fraco, mas quis levantar-se e sentar-se numa cadeira. Estava em plena consciência. Seu rosto, embora esgotado, refletia uma alegria serena, o olhar alegre, afável, atraía. — Talvez não veja o fim deste dia — disse ele a Aliócha. Quis logo confessar-se e comungar. Seu diretor habitual era o Padre Paísi. Depois administraram-lhe a extrema-unção. Os religiosos reuniram-se; a cela, pouco a pouco, encheu-se; o dia amanhecera; vieram também monges do mosteiro. Depois do ofício, o *stáriets* quis despedir-se de todos e beijou a todos. Tendo em vista a exigüidade da cela, os primeiros chegados cediam lugar aos outros. Aliócha mantinha-se junto do *stáriets,* de novo sentado em sua cadeira. Falava e ensinava de acordo com suas forças; sua voz, embora fraca, era ainda bastante nítida. "Desde tantos anos vos instruo pela palavra, que se tornou isso para mim um hábito tal que o silêncio me seria quase mais penoso, caros padres e irmãos, mesmo agora, em meu estado de fraqueza", disse ele, brincando, olhando com ar enternecido aqueles que se acotovelavam em redor dele. Aliócha lembrou-se depois de algumas de suas palavras. Mas, muito embora sua voz fosse distinta e suficientemente firme, sua fala era bastante desconexa. Falou muito, como se tivesse querido, naquela hora suprema, exprimir tudo quanto não pudera dizer durante sua vida, não com o único fim de instruir, mas para fazer todos partilharem de sua alegria e de seu êxtase, expandir por uma derradeira vez seu coração...

— Amai-vos uns aos outros, meus padres — ensinava o *stáriets* (segundo as recordações de Aliócha). — Amai ò povo cristão. Não somos mais santos do que os leigos, por ter vindo encerrar-nos dentro destas paredes; pelo contrário, todos aqueles que estão aqui têm reconhecido, pelo simples fato de sua presença, ser piores do que os leigos e do que todo mundo... E quanto mais o religioso viver em seu retiro, tanto mais deverá ter consciência disso. De outro modo não valeria a pena vir para cá. Quando compreender que não somente é pior que todos os leigos, mas culpado de tudo para com todos, de todos os pecados coletivos e individuais, então somente o fim de nossa união será atingido. Porque, sabei, meus irmãos, que cada um de nós é certamente culpado aqui na terra de tudo para com todos, não somente pela falta coletiva da humanidade, mas de cada um individualmente, por todos os outros na terra inteira. Esta consciência de nossa culpabilidade é o coroamento da carreira religiosa, bem como de cada homem na terra. Porque os religiosos não são homens à parte, mas somente tais como deveriam ser todas as

pessoas neste mundo. Então somente vosso coração será penetrado dum amor infinito, universal, jamais saciado. Então cada um de vós será capaz de ganhar o mundo inteiro pelo amor e de lavar-lhe os pecados com suas lágrimas... Que cada qual entre em si mesmo e se confesse sem cessar. Não temais vosso pecado, mesmo se tiverdes consciência dele, contanto que vos arrependais, mas não imponhais condições a Deus. Eu vo-lo repito, não vos orgulheis, nem diante dos pequenos nem diante dos grandes. Não odieis aqueles que vos repelem, vos desonram, aqueles que vos insultam e vos caluniam. Não odieis os ateus, os professores do mal, os materialistas, mesmo os maus dentre eles, porque muitos são bons, sobretudo em nossa época. Lembrai-vos deles em vossas orações, dizei: "Salvai, Senhor, aqueles por quem ninguém reza, salvai aqueles que não querem rezar a vós". E acrescentai: "Não é por orgulho que vos dirijo esta prece, Senhor, porque sou eu mesmo vil entre todos... " Amai o povo cristão, não abandoneis vosso rebanho aos estrangeiros, porque, se adormecerdes na cupidez, virão de todos os países para arrebatar vosso rebanho. Não vos canseis de explicar o Evangelho ao povo... Não vos entregueis à avareza... Não vos ligueis ao ouro e à prata... Tende fé, mantende firme e alto o estandarte...

O *stâriets* exprimia-se, aliás, duma maneira mais desconexa do que foi acima exposta e do que Aliócha a escreveu depois. Por vezes parava completamente, como para reunir suas forças, ofegava, mas estava como em êxtase. Escutavam-no com enternecimento, muito embora muitos se espantassem com suas palavras e as achassem obscuras... Posteriormente, todos se recordaram delas. Quando Aliócha deixou a cela por um instante, ficou impressionado com a agitação geral e com a expectativa da comunidade que se comprimia na cela e em redor. Aquela expectativa era em alguns quase ansiosa, em outros, solene. Todos aguardavam alguma coisa de grande imediatamente após o desenlace do *stâriets.* Muito embora em certo sentido fosse essa expectativa quase frívola, os monges mais severos estão a ela sujeitos. O rosto mais sério era o do Padre Paísi. Aliócha só se ausentara porque um monge o chamava de parte de Rakítin, que viera da cidade com uma carta da Senhora Khokhlakova para ele. Comunicava curiosa notícia chegada muito a propósito. Na véspera, entre as mulheres do povo, que eram crentes e tinham vindo prestar homenagem ao *stáriets* e receber sua bênção, encontrava-se uma velha da cidade, Prókhorovna, viúva dum suboficial. Perguntara ao *stâriets* se se podia mencionar como defunto, na oração pelos mortos, seu filho

Vássienhka, que partira para seu serviço militar em Irkutsk, na Sibéria, do qual estava ela sem notícias havia um ano. Ele lho havia severamente proibido, tratando tal prática de análoga à feitiçaria. Mas, indulgente para com a ignorância dela, acrescentara uma consolação, "como se visse no livro do futuro" (segundo a expressão da Senhora Khokhlakova); o filho dela, Vássia, estava certamente vivo, chegaria em breve ou lhe escreveria, tendo ela apenas de ficar esperando em casa. E então, acrescentava a Senhora Khokhlakova, entusiasmada, "a profecia cumprira-se ao pé da letra e mesmo além". Assim que a boa mulher regressara à sua casa, entregaram-lhe uma carta da Sibéria, que a esperava. Mais ainda, nessa carta, escrita de. Ekatierinburg, Vássia informava sua mãe de que voltava para a Rússia em companhia dum funcionário, e que, duas ou três semanas após o recebimento daquela carta, esperava beijar sua mãe. A Senhora Khokhlakova rogava insistentemente a Aliócha que comunicasse o novo milagre daquela predição ao padre abade e a toda a comunidade. "É importante que todos o saibam!", exclamava ela ao fim de sua carta, escrita à pressa: a emoção refletia-se nela em cada linha. Mas Aliócha nada tinha de comunicar à comunidade, todos já o sabiam. Ao enviar o monge à sua procura, encarregara-o Rakítin, além disso, de informar respeitosamente sua reverência, o Padre Paísi, de que tinha de comunicar-lhe um caso sem demora, visto sua importância, e rogava-lhe humildemente que lhe perdoasse a ousadia. Tendo o monge transmitido em primeiro lugar ao Padre Paísi o pedido de Rakítin, não restava a Aliócha, depois de ter lido a carta, senão comunicá-la ao padre, a título de documentário. E eis que aquele homem rude, desconfiado, lendo, de sobrancelhas contraídas, a notícia do "milagre", não foi inteiramente senhor de seu sentimento íntimo. Seus olhos brilharam, mostrou um sorriso grave, penetrante.

— Veremos bem mais outros — deixou ele escapar.

— Veremos bem mais outros! — repetiram os monges; mas o Padre Paísi, franzindo de novo as sobrancelhas, rogou a todos que não falassem a ninguém no momento, "até que isto se confirme, porque há muita frivolidade nas notícias do mundo, e aquele caso podia ter ocorrido duma maneira natural", concluiu ele, prudentemente, como para desencargo de consciência, mas quase sem acrescentar fé ele próprio à sua reserva, o que observaram muito bem seus ouvintes. Na mesma hora, naturalmente, o "milagre" era conhecido de todo o mosteiro, e até mesmo de muitos leigos, vindos para assistir à missa. O mais impressionado parecia ser o monge

chegado de véspera de São Silvestre, pequeno mosteiro de Obdorsk, no norte longínquo, o que prestara homenagem ao *stáriets* ao lado da Senhora Khokhlakova e lhe perguntara com ar penetrante, designando a filha daquela senhora: "Como ousa fazer tais coisas?"

Estava agora presa de certa perplexidade e não sabia quase mais em quem crer. Na véspera, à noite, fizera visita ao Padre Fierapont em sua cela particular, por trás do apiário, e trouxera dessa entrevista um impressão lúgubre. O Padre Fierapont era aquele velho monge, grande jejuador e observador do silêncio, que já citamos como adversário do *stáriets* Zósima e sobretudo do "starietismo", que considerava uma novidade nociva e frívola. Era um adversário bastante temível, se bem que, taciturno, não falasse quase com ninguém. Era sobretudo perigoso por causa da sincera simpatia que lhe testemunhava a maioria da comunidade; muitos leigos o veneravam como um grande justo e um asceta, vendo nele ao mesmo tempo um verdadeiro insensato. Mas sua loucura cativava. O Padre Fierapont não ia nunca à casa do *stáriets* Zósima. Se bem que vivesse no eremitério, não lhe impunham demasiado a regra, porque tinha ele um proceder de inocente. Tinha 75 anos, se não mais, e morava por trás do apiário, no ângulo de um muro, numa cela de madeira, caindo quase em ruínas, instalada havia bastante tempo, ainda no último século, por outro grande jejuador e taciturno, o Padre Iona, que vivera até 105 anos e cujas façanhas constituíam ainda o objeto de narrativas bastante curiosas, no mosteiro e nos arredores.

O Padre Fierapont obtivera por fim permissão de instalar-se naquela ceia isolada, uma simples isbá, mas que se assemelhava bastante a uma capela, porque continha grande quantidade de ícones com lâmpadas a arderem perpetuamente; provinham de donativos e o Padre Fierapont parecia encarregado de guardá-las e acendê-las. Comia, pelo que se contava (e era verdade), somente 2 libras de pão em três dias, não mais; era o guarda do apiário, que morava no local, quem lhas trazia, mas trocava raramente uma palavra com aquele homem. Aquelas 4 libras, com o pão bento do domingo, enviado regularmente ao inocente pelo padre abade, constituíam sua alimentação da semana. Renovava-se cada dia a água de seu jarro. Assistia raramente ao ofício. Seus admiradores encontravam-no por vezes dias inteiros em oração, sempre ajoelhado e sem olhar em torno de si. Se entrava em conversa com eles, mostrava-se lacônico, brusco, estranho e quase sempre grosseiro. Havia, no entanto, casos muito raros em que conversava com os visitantes, mas a maior parte das vezes

contentava-se com pronunciar uma palavra estranha que intrigava sempre seu interlocutor; em seguida, a despeito de todos os rogos, não dava jamais uma palavra de explicação. Jamais fora ordenado padre. Circulava um boato estranho, na verdade, entre os mais ignorantes, segundo o qual o Padre Fierapont estava em relação com os espíritos celestes e se entretinha somente com eles,, o que explicava seu silêncio com as pessoas. O monge de Obdorsk, que entrara no apiário depois da indicação do guarda, monge igualmente sombrio e taciturno, dirigiu-se para o ângulo em que se erguia a cela do Padre Fierapont. "Talvez queira ele falar-te pela tua qualidade de estranho, talvez também nada consigas dele", prevenira-o o guarda. O monge aproximou-se, como o contou mais tarde, com um grande medo. Já se fazia tarde. O Padre Fierapont estava sentado num banquinho, diante de sua cela. Acima de sua cabeça rumorejava levemente um velho olmo gigantesco. Caía o frescor da noite. O monge prosternou-se diante do recluso e pediu-lhe a bênção.

— Queres tu, monge, que também eu me prosterne diante de ti? — proferiu o Padre Fierapont. — Levanta-te.

O monge levantou-se.

— Abençoante e abençoado, senta-te ali. Donde vens?

O que impressionou mais o pobre mongezinho foi que o Padre Fierapont, a despeito de seus jejuns prolongados e de sua idade avançada, tinha ainda o ar de ancião vigoroso, de elevada estatura, mantendo-se ereto, o rosto fresco, se bem que magro, mas sadio. Tinha certamente conservado uma força notável e era de constituição atlética. Malgrado sua avançada idade, seus cabelos, outrora negros e espessos, bem como sua barba, não estavam todos grisalhos. Tinha grandes olhos cinzentos, luminosos, mas bastante salientes, o que chamava a atenção. Falava acentuando fortemente a letra "o". Seu hábito consistia num longo gabão avermelhado, de pano grosseiro, como para os prisioneiros, com uma corda à guisa de cinturão. O pescoço e o peito estavam nus. Uma camisa de pano muito grosso, quase enegrecida, que ele usava durante meses, aparecia sob o gabão. Dizia-se que carregava consigo correntes de 35 libras. Estava calçado com velhos sapatos quase desfeitos.

— Acabo de chegar do pequeno mosteiro de Obdorsk, de São Silvestre — respondeu humildemente o visitante, observando o asceta com seus olhos vivos e curiosos, mas um pouco inquietos.

— Estive no teu São Silvestre. Vivi ali. Passa ele bem? O monge perturbou-se.

— Vós sois gente de poucas luzes! Que jejum observais?

— Nossa mesa é regulada segundo o antigo uso monacal. Durante a Quaresma, nas segundas, quartas e sextas, não se servem alimentos. Nas terças e quintas, dá-se à comunidade pão branco, uma tisana com mel, amoras silvestres ou couves salgadas, e farinha de aveia. No sábado, sopa de couve, aletria com ervilhas, trigo mourisco com azeite de cânhamo. No domingo, acrescentam-se à sopa peixe seco e trigo mourisco.

Na Semana Santa, da segunda ao sábado à noite, pão, água, e somente legumes não cozidos, em quantidade moderada; ainda assim não se deve comer todos os dias, mas conformar-se com as instruções dadas para a primeira semana da Quaresma. Na sexta-feira santa, jejum completo; no sábado, até as 3 horas da tarde, quando se pode tomar um pouco de pão e de água, e beber um copo de vinho. Na quinta-feira santa, comemos alimentos cozidos sem manteiga, bebemos vinho e observamos o uso de alimentos secos. Porque já o concilio de Laodicéia se exprime assim a respeito da quinta-feira santa: "Não convém romper o jejum na quinta-feira da última semana e desonrar assim a Quaresma inteira". Eis o que se passa entre nós. Mas que é isto em comparação convosco, eminente padre —- acrescentou o monge, que havia retomado coragem —, que o ano inteiro, mesmo na Páscoa, só vos nutris de pão e água? O pão que consumimos em dois dias basta-vos para a semana inteira. Vossa abstinência é verdadeiramente maravilhosa.

— E os cogumelos? — perguntou de súbito o Padre Fierapont.

— Os cogumelos? — repetiu o monge com espanto.

— Justamente. Passo sem o pão deles, não tenho nenhuma necessidade dele, mesmo na floresta; nutro-me de cogumelos ou de bagas, eles não podem passar sem pão, estão pois ligados ao demônio. Agora, pretendem os pagãos que é inútil jejuar tanto. Tal é o raciocínio deles, arrogante e ímpio.

— Ai, sim! — suspirou o monge.

— Viste os diabos em casa deles? — perguntou o Padre Fierapont.

— Em casa de quem? — informou-se timidamente o monge.

— No ano passado, fui à casa do padre abade, em Pentecostes.

Depois não voltei mais lá. Vi um diabo escondido no peito de um monge, sob a batina, aparecendo somente os chifres; um segundo tinha um no seu bolso, espiando, de olhos vivos. Eu lhe fazia medo; um terceiro dava asilo a um diabinho nas suas entranhas impuras, enfim um outro carregava um, suspenso a seu pescoço, agarrado, sem o ver.

— Vós... víeis? — perguntou o monge.

— Digo-te que vejo, vejo através. Ao deixar o padre abade, avistei um diabo que se escondia de mim atrás da porta, era de bela estatura, 1 *archin* e meio ou mais, a cauda espessa, fulva, comprida; a ponta ficou presa na fenda, não hesitei e fechei violentamente a porta, apertando o rabo dele. O meu diabo pôs-se a gemer, a debater-se. Fiz sobre ele três vezes o sinal-da-cruz. Rebentou ali mesmo como uma aranha esmagada. Deve ter apodrecido num canto, fede, mas eles não o vêem, nem o sentem. Há um ano que não vou mais lá. A ti somente, como estranho, revelo isto.

— Vossas palavras são terríveis! Dizei-me, eminente e bem-aventurado padre, é verdade o que relatam de vós nas terras mais longínquas, que estaríeis em relação permanente com o Espírito Santo?

— Ele desce por vezes sobre mim.

— Sob que forma?

— A forma dum pássaro.

— O Espírito Santo sob a forma de uma pomba?

— Isto é o Espírito Santo, sim, mas falo do Santo Espírito, que é diferente. Pode descer sob a forma dum outro pássaro, uma andorinha ou um pintassilgo, por vezes um melharuco.

— Como podeis reconhecê-lo?

— Ele fala.

— Como fala ele, em que língua?

— Na língua humana.

— E que vos diz?

— Hoje, anunciou-me a visita de um imbecil que me faria perguntas ociosas. Monge, és bem curioso.

— Vossas palavras são temíveis, bem-aventurado e venerando

padre. — O monge abanava a cabeça, mas a desconfiança aparecia nos seus olhos medrosos.

— Vês aquela árvore? — perguntou, após uma pausa, o Padre Fierapont.

— Vejo-a, bem-aventurado padre.

— Para ti, é um olmo, mas para mim, outro quadro.

— Qual? — E o monge esperou ansiosamente.

— Vês aqueles dois ramos? De noite, por vezes, são os braços do Cristo que se estendem para mim e me procuram, vejo-o claramente e estremeço. Oh! é terrível!

— Por que terrível, se é o próprio Cristo?

— Ele me agarrará e me levará.

— Vivo?

— Não sabes então nada da glória de Elias? Ele vos agarra e vos leva...

Depois dessa conversa, o monge de Obdorsk regressou à cela que lhe haviam designado; estava bastante perplexo, mas seu coração o inclinava mais para o Padre Fierapont que para o Padre Zósima. Nosso monge estimava mais que tudo o jejum e não lhe causava surpresa que um grande jejuador como o Padre Fierapont visse maravilhas. Suas palavras tinham ar de absurdas, evidentemente, mas Deus sabia o que elas significavam e muitas vezes os inocentes, por amor do Cristo, falam e agem duma maneira ainda mais estranha. Sentia prazer em crer sinceramente no diabo e no seu rabo preso, não somente no sentido alegórico, mas literal. Além do mais, desde antes de sua chegada ao mosteiro, tivera grande prevenção contra o "sta-rietismo", que considerava segundo muitos outros como uma inovação nociva. Durante o dia passado no mosteiro, pudera notar o murmúrio secreto de certos grupos frívolos, opostos àquela instituição. Além disso, era uma natureza insinuante e sutil, testemunhando por tudo grande curiosidade. Assim, a notícia do novo "milagre" realizado pelo *stáriets* Zósima mergulhou-o numa profunda perplexidade. Mais tarde, Aliócha lembrou-se, entre os religiosos que se comprimiam em torno do *stáriets* e de sua cela, da freqüente aparição daquele hóspede curioso que se intrometia em toda parte, prestando ouvidos e interrogando todo mundo. Não lhe deu

atenção então... Tinha outra grande coisa na cabeça: o *stáriets*, que voltara a deitar-se, sentindo lassitude, lembrou-se dele ao despertar e reclamou sua presença. Aliócha acorreu. Em redor do moribundo não havia então senão o Padre Paísi, o Padre Iósif e o noviço Porfírio. O velho, fixando Aliócha com seus olhos fatigados, perguntou-lhe:

— Será que os teus te esperam, meu filho? Aliócha ficou embaraçado.

— Não têm eles necessidade de ti? Prometeste a alguém ir vê-lo hoje?

— Prometi a meu pai... a meus irmãos... a outras pessoas também...

— Estás vendo? Vai imediatamente e não te aflijas. Fica sabendo, não morrerei sem ter pronunciado diante de ti minhas supremas palavras aqui na terra. É a ti que as legarei, meu caro filho, porque sei que me amas. E agora, vai cumprir tua promessa.

Aliócha submeteu-se logo, se bem que lhe custasse afastar-se. Mas a promessa de ouvir as derradeiras palavras de seu mestre, como um legado pessoal, arrebatava-o de alegria. Apressava-se, a fim de poder voltar mais depressa, depois de ter terminado tudo. Justamente, o Padre Paísi lhe dirigiu, antes de sua partida, palavras que o impressionaram profundamente. Foi depois de haverem deixado a cela.

— Lembra-te sempre, rapaz — começou o padre, sem preâmbulos —, de que a ciência do mundo, tendo-se desenvolvido neste século sobretudo, dissecou nossos livros santos e, após uma análise impiedosa, nada deixou subsistir. Mas, dissecando as partes, perderam de vista o conjunto, e sua cegueira é de causar espanto. O conjunto se ergue diante dos olhos deles, tão inabalável quanto antes, e o inferno não prevalecerá contra ele. Será que o Evangelho não tem dezenove séculos de existência, não vive ainda agora nas almas dos indivíduos e nos movimentos das massas populares? Subsiste mesmo, sempre inabalável, nas almas dos ateus destruidores de toda crença! Porque os que renegaram o cristianismo e se revoltam contra ele, esses mesmos permaneceram no íntimo à imagem do Cristo, porque nem sua sabedoria nem sua paixão puderam criar outro modelo para o homem, superior ao indicado outrora pelo Cristo. As tentativas neste sentido não passaram de monstruosidades. Lembra-te disto sobretudo, rapaz, pois teu *stariets* moribundo te envia para o mundo. Talvez lembrando-te deste grande dia, não esqueças minhas palavras, dirigidas para teu bem, porque és jovem, as tentações do

mundo são grandes e não tens força para suportá-las. E agora vai, pobre órfão.

Ao terminar, o Padre Paísi deu-lhe sua benção. Refletindo nessas palavras imprevistas, compreendeu Aliócha que encontrara novo amigo e um guia cheio de amor naquele monge até então rigoroso e rude para com ele, como se o *stariets* Zósima lho houvesse legado ao morrer. "Talvez se hajam entendido entre si", pensou Aliócha. A dissertação que acabara de ouvir atestava somente o zelo do Padre Paísi: apressava-se em armar aquele jovem espírito para a luta contra as tentações e em preservar aquela jovem alma que lhe legavam, elevando em torno dela o baluarte mais sólido que pôde imaginar.

II

ALIÓCHA EM CASA DE SEU PAI

Aliócha começou por ir em primeiro lugar à casa de seu pai. Ao aproximar-se, lembrou-se da recomendação feita na véspera, de entrar sem que Ivã ficasse sabendo. "Por quê?", perguntou a si mesmo. "Se meu pai quer fazer-me uma confidência, é esta uma razão para entrar furtivamente? Queria, sem dúvida, na sua emoção, dizer-me outra coisa ontem e não pôde", decidiu ele. No entanto, sentiu-se satisfeito ao saber de Marfa Ignátievna, que lhe abriu a porta do jardim (Gregório estava deitado, doente), que Ivã saíra havia duas horas.

— E meu pai?

— Levantou-se, está tomando seu café — respondeu a velha. Aliócha entrou. O velho, sentado à sua mesa, de chinelos e com um casaco bastante surrado, examinava contas para se distrair, sem grande interesse de resto. Encontrava-se sozinho na casa, tendo Smierdiákov saído para comprar provisões. Sua atenção estava alhures.

Se bem que se tivesse levantado bem cedo e bancado o corajoso, parecia fatigado, fraco. Sua testa, onde, durante a noite, se haviam formado equimoses, estava enrolada num lenço de seda vermelha. O nariz, muito inchado, dava a seu rosto uma expressão particularmente má, irritada. O velho dava-se conta disso e acolheu Aliócha com um olhar pouco amigável.

— O café está frio — disse ele num tom seco —, não to ofereço. Hoje, meu caro, tenho apenas uma magra sopa de peixe e não convido ninguém. Por que vieste?

— Vim saber notícias suas — declarou Aliócha.

— Sim. Aliás, tinha-te pedido ontem que viesses. Tolices tudo isso. Tu te incomodaste em vão. Sabia bem que haverias de vir...

Suas palavras refletiam o sentimento mais hostil. Entretanto, havia-se levantado e examinava ansiosamente seu nariz no espelho (pela quadragésima vez talvez desde a manhã). Arranjou com extremo cuidado seu lenço Vermelho na testa.

— O vermelho assenta melhor, o branco lembra imediatamente o hospital — observou ele, num tom sentencioso. — Pois bem! Que há de novo? Como vai teu *stáriets?*

— Está muito mal, morrerá talvez hoje — disse Aliócha; mas seu pai não lhe prestou atenção.

— Ivã saiu — disse ele, de repente. — Esforça-se por furtar a noiva de Mítia. Por isso é que permanece aqui — acrescentou com raiva, a boca contraída, olhando Aliócha.

— Ele mesmo lho disse?

— Desde muito tempo, há já três semanas. Não foi para assassinar-me às ocultas que ele veio; tem pois um fito.

— Como! Por que diz isso? — perguntou Aliócha, com angústia.

— Não pede dinheiro, é verdade; aliás, não terá nada. Eu, meu caríssimo Alieksiéi Fiódorovitch, tenho a intenção de viver o mais tempo possível, toma nota disso; assim, tenho necessidade de todo o meu dinheiro, e quanto mais avançar em idade, mais precisarei — continuou Fiódor Pávlovitch, com as mãos nos bolsos de seu casaco manchado, de durante amarela. '— Agora, aos 55 anos, conservo minha força viril, e conto bem que isso durará ainda vinte anos; ora, envelhecerei, tornar-me-ei repulsivo, as mulheres não virão mais de boa-vontade; então, precisarei de dinheiro. Eis por que, agora, amealho o mais possível, para mim só, meu caro filho Alieksiéi Fiódorovitch, fica sabendo bem, porque quero viver até o fim na libertinagem. É a existência mais agradável; todo mundo deblatera contra ela e todo mundo nela vive, mas às ocultas, e eu, em pleno dia. É por causa de minha franqueza que todos os canalhas me

caíram em cima. Quanto ao teu paraíso, Alieksiéi Fiódorovitch, fica sabendo que não o quero, é até mesmo inconveniente para um homem às direitas, se é que existe. A gente dorme para não mais despertar, eis minha idéia. Manda dizer uma missa por mim, se quiseres, senão, que o diabo te leve! Eis minha filosofia. Ontem, Ivã falou bem a este respeito, no entanto, estávamos bêbedos. É um falador desprovido de erudição... não tem instrução, cala-se e ri da gente em silêncio, eis todo o seu talento.

Aliócha escutava sem dizer palavra.

— Por que não me fala ele? E, quando fala, faz-se malicioso; é um miserável o teu Ivã! Casarei imediatamente com Grúchenhka, se quiser. Porque com dinheiro basta querer. Alieksiéi Fiódorovitch, tem-se tudo. É disto que Ivã tem medo, vigia-me para impedir meu casamento, e com este fito impele Mítia a fazer dela sua esposa; dessa maneira, entende preservar-me de Gruchka (na esperança de herdar, se não me casar com ela!); por outra parte, se Mítia se casar com ela, toma-lhe Ivã sua rica noiva, eis seu cálculo! É um miserável o teu Ivã!

— Como está o senhor irascível! É o resultado de ontem; o senhor deveria deitar-se — disse Aliócha.

— Tuas palavras não me irritam — observou o velho —, ao passo que vindas de Ivã me zangariam; somente contigo tenho tido bons momentos, porque sou mau.

— O senhor não é mau, o senhor tem é o espírito corrompido — sorriu Aliócha.

— Pois seja, eu queria mandar prender aquele bandido do Mítia e agora não sei que partido tomar. Sem dúvida, em nosso tempo, passa por preconceito respeitar pai e mãe; entretanto, as leis não permitem ainda arrastar um pai pelos cabelos, bater-lhe no rosto com golpes de botas, em sua própria casa, e ameaçá-lo, diante de testemunhas, de vir liquidá-lo. Se eu quisesse, domá-lo-ia e poderia mandá-lo prender por causa da cena de ontem.

— Então, não quer dar queixa?

— Ivã dissuadiu-me disso. Zombo de Ivã, mas há uma coisa... Inclinou-se para Aliócha e continuou num tom confidencial:

— Se mandar prender o canalha, ela ficará sabendo e correrá para ele. Mas se souber que ele quase me mata, a mim, débil velho, abandoná-

lo-á talvez e virá ver-me... Tal é seu caráter, só age contraditoriamente. Conheço-a a fundo! Não queres conhaque? Toma café frio, servir-te-ei um quarto de cálice, isto dá bom gosto.

— Não, obrigado. Levarei este pão, se o permitir — disse Aliócha, pegando um pãozinho francês de 3 copeques, que meteu no bolso de sua batina. — O senhor não deveria beber mais conhaque — aconselhou, timidamente, lançando uma olhadela furtiva para o velho.

— Tens razão, isto irrita. Mas só um copinho...

Abriu o armário, serviu-se um copinho, tornou a fechar o armário e a pôr a chave no bolso.

— Isto basta, não rebentarei por causa dum copinho...

— Ei-lo melhor!

— Hum! Gosto de ti, mesmo sem conhaque, e sou um canalha para os canalhas! Ivã não parte para Tchermachniá porque tem intenção de espionar-me. Quer saber quanto darei a Grúchenhka, se ela vier. Todos uns miseráveis! Aliás, renego Ivã, não o compreendo. Donde vem ele? Sua alma não é como a nossa. Conta com minha herança. Mas não deixarei testamento, fica sabendo. Quanto a Mítia, eu o esmagarei como a uma barata; faço-as rebentar à noite sob meu chinelo; teu Mítia rebentará da mesma maneira. Digo "teu" Mítia porque o amas. mas isto não me faz medo. Se fosse Ivã que o amasse, temeria por mim mesmo. Mas Ivã não ama ninguém, não é dos nossos, as pessoas como ele, meu caro, não são semelhantes a nós, são poeira... Se o vento sopra, essa poeira se levanta... Foi uma fantasia que se apoderou de mim ontem, quando te disse que viesses hoje; queria informar-me por meio de ti a respeito de Mítia; será que em troca de 1 000 ou 2 000 rublos aquele tratante, aquele bandido, consentiria em ir-se daqui por cinco anos, ou melhor, por 35 anos, e em renunciar a Grúchenhka? Hein?

— Eu... eu lhe perguntarei — murmurou Aliócha. — Por 3 000 rublos, talvez ele...

— Não, senhor! Não é preciso perguntar nada agora! Mudei de idéia. Foi um capricho que me deu ontem. Não darei nada. nem 1 níquel, eu mesmo tenho necessidade de meu dinheiro. (O velho teve um gesto expressivo.) De qualquer maneira, esmagá-lo-ei como a uma barata. Não lhe digas nada, senão vai imaginar coisas. Mas tu mesmo nada tens a fazer

em minha casa, vai-te. E sua noiva, Catarina Ivânovna, que sempre ocultou de mim tão cuidadosamente, casar-se-á com ela ou não? Estavas ontem em casa dela, certo?

— Ela não quer abandoná-lo por preço nenhum.

— Eis os indivíduos a quem essas ternas senhoritas amam: farristas, malandros! Não valem nada essas pálidas criaturas. Que idéia! Pois bem, se tivesse a juventude dele e meu corpo de então (porque aos 28 anos era melhor do que ele), lograria o mesmo êxito. Canalha, sim!... Mas não terá Grúchenhka, não a terá... Eu o esmagarei...

Tornou-se de novo colérico ao proferir estas últimas palavras.

— Vai-te também, nada tens a fazer em minha casa hoje — disse, secamente.

Aliócha aproximou-se dele para despedir-se e beijou-o no ombro.

— Por quê? — espantou-se o velho. — Nós nos tornaremos a ver, ou pensas que é a derradeira vez?

— Absolutamente, foi por acaso...

— Eu também... digo isto por dizer... — declarou o velho, fitando-o. — Escuta, escuta — gritou ele às costas de Aliócha —, volta em breve, haverá uma sopa de peixe famosa, não como hoje. Vem amanhã, ouviste?

Assim que Aliócha saiu, voltou o velho ao armário e tomou meio copo.

— Basta — murmurou ele, resfolegando. Tornou a fechar o armário, repôs a chave no bolso, depois, já sem forças, foi estender-se sobre seu leito, onde adormeceu imediatamente.

III

O ENCONTRO COM OS COLEGIAIS

"Felizmente meu pai não me fez perguntas a respeito de Grúchenhka", dizia a si mesmo Aliócha, dirigindo-se para a casa da Senhora Khokhlakova. "Teria sido preciso contar-lhe o encontro de ontem com ela. "Pensava com pesar que, durante a noite, os adversários haviam retomado forças, que seus corações estavam de novo endurecidos. "Meu pai está

irritado e cheio de maldade, continua ancorado em sua idéia. Dimítri também se reafirmou e deve ter um plano... É absolutamente preciso que o encontre hoje... "

Mas as reflexões de Aliócha foram interrompidas por um incidente que o impressionou, malgrado sua pouca importância. Ao aproximar-se da Rua de São Miguel, paralela à Rua Grande, da qual só estava separada por um riacho (nossa cidade é cortada por ele), avistou lá embaixo, diante do passadiço, um pequeno grupo de colegiais, meninos de nove a doze anos no máximo. Voltavam para suas casas após as aulas, carregando suas sacolas a tiracolo ou amarradas nas costas por meio de correias; uns tinham apenas uma jaqueta, outros, sobretudos; alguns calçavam botas dessas pregueadas, com as quais gostam de exibir-se os meninos mimados por pais abastados. O grupo discutia com animação, parecia manter conselho. Aliócha interessava-se sempre pelas crianças que encontrava (era o caso em Moscou) e, muito embora preferisse os bebês de três anos, os escolares de dez e de onze lhe agradavam muito. Assim, malgrado sua preocupação, quis abordá-los, entrar em conversa com eles. Ao aproximar-se, observava-lhes os rostos vermelhos e notou que todos os meninos tinham uma pedra na mão e até mesmo duas. Do outro lado do riacho, a cerca de trinta passos, mantinha-se, encostado a uma paliçada, um escolar, com sua sacola sobre o quadril, parecendo ter no máximo uns dez anos, pálido, de ar doentio, com olhos negros que cintilavam. Esquadrinhava com o olhar os seis colegiais, seus camaradas, com os quais parecia estar brigado. Aliócha avançou e, dirigindo-se a um menino de cabelos cacheados, louro, corado, de jaqueta preta, observou, olhando-o:

— Quando eu tinha tua idade, carregava-se a sacola do lado esquerdo, a fim de alcançá-la com a mão direita; mas a tua está do lado direito, não deve ser cômodo.

Sem nenhuma premeditação, começara Aliócha com essa observação prática; um adulto não pode proceder de outra forma, se quer ganhar a confiança de uma criança e sobretudo dum grupo de crianças. Era preciso começar seriamente, praticamente, para ficar em pé de igualdade. Instintivamente, dava-se Aliócha conta disso,

— Ele é canhoto — respondeu logo outro menino de onze anos, de ar resoluto.

Os cinco outros fitavam Aliócha.

— Ele atira pedras com a mão esquerda — notou um terceiro.

No mesmo instante, foi lançada uma pedra contra o grupo, roçando pelo canhoto, mas foi perder-se adiante, embora atirada com habilidade e vigor. Fora lançada pelo menino colocado do outro lado do riacho.

— Duro com ele, acerta bem, Smúrov! — gritaram todos. O canhoto não se fez de rogado e retribuiu imediatamente; não teve êxito e sua pedra bateu no chão. O adversário ripostou com um seixo que atingiu Aliócha bastante rudemente no ombro. Via-se a trinta passos que aquele garoto tinha os bolsos de seu sobretudo cheios de pedras..

— Foi no senhor, no senhor; fez pontaria de propósito no senhor. Porque o senhor é um Karamázov — exclamaram os meninos, desatando a rir. — Vamos, todos ao mesmo tempo contra ele, fogo!

Seis pedras voaram juntas. Atingindo na cabeça, o garoto caiu, mas para se levantar logo e responder com encarniçamento. Dos dois lados houve um bombardeio ininterrupto; muitos", no grupo, tinham também seus bolsos cheios de projéteis.

— Mas como é isso? Não têm vergonha, meus amigos? Seis contra um! Vão matá-lo! — exclamou Aliócha.

Correu para a frente, a fim de se expor aos projéteis, protegendo assim o garoto do outro lado do riacho. Três ou quatro pararam por um minuto.

— Foi ele quem começou! — gritou com voz irritada um menino de blusa vermelha; é um bandido; ainda há pouco feriu na aula Krasótkin com seu canivete, correu sangue, Krasótkin não quis fazer queixa; é preciso dar uma surra nele...

— Mas por quê? Precisam mesmo persegui-lo?

— Ele atirou outra pedra nas costas do senhor. Ele o conhece — gritaram os meninos. — É contra o senhor que está fazendo pontaria agora. Vamos, todos de novo contra ele, não deixe de acertar, Smúrov!...

O bombardeio recomeçou, desta vez implacável. O garoto, sozinho, recebeu uma pedrada no peito; lançou um grito, pôs-se a chorar, fugiu pela subida para a Rua de São Miguel. No grupo vociferava-se: "Ah! ele teve medo, fugiu, aquele 'esfregão de tília'!"

— O senhor ainda não sabe, Karamázov, como ele é ruim; seria

pouco matá-lo — repetiu o menino de jaqueta, de olhos ardentes, e que parecia ser o mais velho.

— É um linguarudo? — perguntou Aliócha.

Os meninos trocaram olhares com ar zombeteiro.

— O senhor vai pela Rua de São Miguel? — continuou o mesmo. — Então, alcance-o... Veja, parou de novo; espera e olha para o senhor.

— Olha para o senhor, olha para o senhor! — repetiram os meninos.

— Pergunte-lhe então se ele gosta de um esfregão de tília desmanchado. Entendeu? Pergunte assim.

Houve então uma explosão geral de gargalhadas. Aliócha e os meninos cruzavam olhares.

— Não vá lá, ele o ferirá — gritou, solícito, Smúrov.

— Meus amigos, não farei a ele a pergunta a respeito do esfregão de tília, porque é com isso que vocês o maltratam, mas me informarei com ele do motivo pelo qual vocês o odeiam tanto...

— Informe-se, informe-se — gritaram os meninos, rindo-se. Aliócha transpôs o passadiço e subiu a ladeira ao longo da paliçada, diretamente para o lado de seu agressor.

— Atenção — gritaram-lhe —, ele não tem medo do senhor e vai atingi-lo à traição, como fez com Krasótkin.

O menino esperava-o imóvel. Chegando bem perto, encontrou-se Aliócha diante de um menino de nove anos, fraco, raquítico, de rosto oval, pálido, magro, com grandes olhos escuros que o olhavam cheios de ódio. Vestia um velho sobretudo bastante gasto e muito curto. Seus braços nus saíam de suas mangas. Havia um grande remendo no joelho direito de sua calça e, dissimulado com tinta, um buraco no seu sapato do pé direito, no lugar do dedo grande. Os bolsos do sobretudo estavam cheios de pedras. Aliócha parou a dois passos, olhando com ar interrogador. O garoto, adivinhando pelos olhos de Aliócha que não tinha este intenção de bater-lhe, retomou coragem e falou em primeiro lugar:

— Eu estava sozinho contra seis... Hei de matá-los todos — disse ele, com olhar faiscante.

— Uma pedrada deve ter-lhe feito bastante mal — observou Aliócha.

— Mas eu acertei bem na cabeça de Smúrov! — replicou ele.

— Disseram-me que você me conhecia e atirou-me a pedra de propósito — disse Aliócha.

O menino olhava-o com um olhar sombrio.

— Não o conheço. Você me conhece? — continuou Aliócha.

— Deixe-me tranqüilo! — gritou, de súbito, o menino com voz irritada, mas sem sair de seu lugar, como na expectativa de alguma coisa, o olhar hostil.

— Está bem, vou-me embora — disse Aliócha —, mas não o conheço e não quero importuná-lo. No entanto, seus colegas me disseram como deveria eu fazer. Adeus.

— Seu fradeco! — gritou o garoto, acompanhando Aliocha com o mesmo olhar cheio de ódio e provocante; pôs-se na defensiva, acreditando que Aliocha iria lançar-se contra ele, mas aquele voltou-se, olhou-o e seguiu seu caminho. Não havia dado uns três passos quando recebeu nas costas o mais grosso dos seixos que enchiam o bolso do sobretudo.

— Como? Por trás? É então verdade o que eles dizem, que você ataca como traidor?

Aliocha voltou-se; visado no rosto, teve tempo de prevenir-se e novo projétil atingiu-o no cotovelo. — Não tem vergonha? Que lhe fiz eu? — exclamou ele.

O garoto esperava, silencioso e agressivo, persuadido de que, daquela vez, Aliocha lhe cairia em cima; vendo que sua vítima não se movia, ficou furioso como uma pequena fera e avançou. Antes que Aliocha tivesse podido fazer um movimento, o diabrete agarrou-lhe a mão esquerda e mordeu-lhe cruelmente um dedo. Aliocha lançou um grito de dor, esforçando-se por livrar-se. O garoto largou-o por fim, recuando para a distância anterior. A mordidela, perto da unha, era profunda, o sangue corria. Aliocha tirou seu lenço, enrolando com ele apertadamente sua mão ferida. Isto levou cerca de um minuto. Entretanto o menino esperava. Aliocha baixou sobre ele um olhar calmo.

— Está bem — disse ele —, veja como me mordeu profundamente. Isto basta, creio. Agora, diga-me, que lhe fiz eu?

O menino fitou-o, surpreso.

— Não o conheço absolutamente e vejo-o pela primeira vez — prosseguiu Aliocha, com a mesma calma —, mas devo ter-lhe feito alguma coisa, do contrário não me teria você agredido por coisa nenhuma. Vamos, diga-me, que lhe fiz eu e que culpa cometi para com você?

Como resposta, o menino pôs-se a soluçar e fugiu. Aliocha seguiu-o lentamente pela Rua de São Miguel e avistou-o ainda por muito tempo, correndo e chorando, sem se voltar. Prometeu a si mesmo, desde que tivesse tempo, tornar a encontrá-lo, para esclarecer aquele enigma.

IV

EM CASA DAS SENHORAS KHOKHLAKOVI

Não demorou a chegar à residência da Senhora Khokhlakova, cuja casa de pedra, de um andar, era uma das mais belas de nossa cidade. Se bem que vivesse ela a maior parte do tempo numa propriedade situada em outra província, e em sua casa de Moscou, possuía uma em nossa cidade, que lhe vinha de sua família. De resto, a maior de suas três propriedades encontrava-se em nosso distrito, mas só raramente havia ela vindo à nossa província. Acorreu ao encontro de Aliocha no vestíbulo.

— Recebeu minha carta a propósito do novo milagre? — perguntou ela, nervosamente.

— Sim, recebi-a.

— Fê-la circular, mostrou-a a todos? Ele restituiu um filho à sua mãe!

— Morrerá hoje — disse Aliócha.

— Sei. Oh! como gostaria de falar de tudo isso, com você ou com um outro! Não, com você, com você! E dizer que não posso vê-lo! É pena. Toda a cidade está emocionada, todos estão na expectativa. A propósito... sabe que Catarina Ivânovna acha-se neste momento em nossa casa?

— Ah! que feliz encontro! — exclamou Aliócha. — Ontem recomendou-me que viesse vê-la sem falta.

— Sei, sei. Contaram-me pormenorizadamente o que se passou ontem... aquela cena horrível com aquela... criatura. *C'est ira-gique!* No lugar dela, não sei o que teria feito. E seu irmão, Dimítri Fiodorovitch, que homem, meu Deus! Alieksiei Fiodorovitch, estou-me atrapalhando;

imagine que seu irmão está aqui, isto é, não aquela terrível personagem, mas o outro, Ivã Fiodorovitch. Está tendo uma conversa solene com Catarina Ivânovna... Se você soubesse o que se passa entre eles, é terrível, é dilacerante, é um conto inverossímil; atormentam-se com prazer, eles mesmos o sabem e disso extraem um gozo acre. Eu o esperava, tinha sede de você! Sobretudo, não posso suportar isso. Vou contar-lhe tudo, mas há outra coisa, essencial. Ah! tinha esquecido de que era o essencial. Diga-me, por que Lisa está com uma crise nervosa? Ficou assim logo que foi informada de sua chegada.

— Mamãe, é a senhora quem está agora numa crise, e não eu — gorjeou de repente a voz de Lisa, que vinha do quarto vizinho, através da porta entreaberta. A abertura era exígua e a voz aguda, tal como quando se tem uma violenta vontade de rir e se faz esforço para reprimi-la. Aliócha notara aquela fenda, por onde Lisa devia examiná-lo de sua cadeira, sem que ele pudesse dar-se conta disso.

— Pode bem dar-se, Lisa, que esteja eu com uma crise, diante de teus caprichos, e, no entanto, Alieksiei Fiodorovitch, esteve ela bastante doente a noite inteira: febre, gemidos! Com que impaciência esperei o raiar do dia e a chegada do Doutor Herzenstube! Diz ele que não compreende nada, que é preciso esperar. Quando vem, repete sempre a mesma coisa. Assim que o senhor entrou, lançou ela um grito e quis ser transportada para seu antigo quarto...

— Mamãe, eu não sabia absolutamente que ele vinha; não foi para evitá-lo que quis passar para meu quarto.

— Não é verdade, Lisa, Iúlia tocaiava a chegada de Alieksiei Fiodorovitch e correu a anunciar-te a chegada dele.

— Querida mamãezinha, não está direito isso, de sua parte; se quer dizer algo de mais espirituoso, diga ao nosso caro visitante, Alieksiei Fiodorovitch, que demonstrou ele sua falta de espírito somente com decidir vir à nossa casa, depois do dia de ontem, e apesar de toda gente zombar dele.

— Lisa, vais longe demais, e asseguro-te que recorrerei a medidas rigorosas. Ninguém zomba dele, estou tão contente por ter ele vindo! É-me necessário, indispensável. Oh! Alieksiei Fiodorovitch, quanto sou infeliz!

— Que tem então a senhora, mamãezinha?

— O que me mata, Lisa, são teus caprichos, tua inconstância, rua doença, essa terrível noite de febre, aquele horrendo, aquele eterno Herzenstube, e enfim tudo, tudo... E depois esse milagre! Oh! como ele me impressionou, me transtornou, querido Alieksiei Fiodorovitch!

E aquela tragédia no salão, que não posso suportar, afirmo-lhe, é impossível. Uma comédia, talvez, e não uma tragédia. Diga-me, o *stáriets* Zósima viverá até amanhã? Oh! meu Deus! Que é que me acontece? Fecho os olhos a cada instante e digo a mim mesma que tudo é absurdo, absurdo.

— Ficar-lhe-ia muito grato — interrompeu-a de repente Aliócha — se me desse um pedacinho de pano para pensar meu dedo; feri-me e está-me doendo muito.

Aliócha descobriu seu dedo mordido, o lenço cheio de sangue. A Senhora Khokhlakova lançou um grito, fechou os olhos.

— Meu Deus! Que ferimento, é horrível!

Assim que Lisa viu o dedo de Aliócha através da fenda, escancarou a porta.

— Venha, venha ter comigo — disse ela, com uma voz imperiosa —, agora, chega de tolices! Oh! Deus! Por que ficou tanto tempo sem nada dizer? Teria ele podido perder todo o seu sangue, mamãe! Onde e como lhe aconteceu isso? Antes de tudo água, água! É preciso lavar a ferida, mergulhar o dedo na água fria para fazer cessar a dor e conservá-lo ali muito tempo... Depressa, água, mamãe, numa tigela! Mais depressa, vamos — disse ela, com um movimento nervoso. Estava bastante amedrontada; a ferida de Aliócha consternava-a.

— Não será preciso ir chamar Herzenstube? — exclamou a mãe.

— Mamãe, a senhora me mata. Seu doutor virá para dizer que não compreende nada! Água, água, mamãe, pelo amor de Deus! Vá a senhora mesmo estimular Iúlia, que se retardou não sei onde; nunca pode chegar a tempo! Mais depressa, mamãe, ou eu morro... morro...

— Mas é uma coisa de nada! — exclamou Aliócha, espantado com aquele terror.

Iúlia acorreu com a água. Aliócha mergulhou nela o dedo.

— Mamãe, suplico-lhe, traga um pouco de gaze e daquela água turva para cortes, como é que se chama? Temos dela, temos dela... mamãe,

a senhora sabe onde está o frasco, no seu quarto de dormir, no armário à direita; há um grande frasco e fios.

— Imediatamente, Lisa, mas não grites, não te enerves. Tu vês com que coragem Alieksiéi Fiódorovitch suporta sua dor. Onde se feriu o senhor assim, Alieksiéi Fiódorovitch?

Ela saiu imediatamente. Lisa só esperava por isso.

— Antes de tudo, responda à minha pergunta — disse ela rapidamente. — Onde pôde ferir-se assim? Depois falaremos de outra coisa. Vamos!

Adivinhando que o tempo se tornava precioso, Aliócha fez-lhe uma narrativa exata, se bem que resumida, de seu estranho encontro com os colegiais. Depois de havê-lo escutado, Lisa juntou as mãos.

— Como pode você, e ainda mais com esse hábito, andar às voltas com garotos? — exclamou ela, encolerizada, como se tivesse direitos sobre ele. — Mas, afinal, não passa você mesmo de um garoto, o menor dentre eles. No entanto, não deixe de informar-se a respeito desse diabrete e conte-me tudo; deve haver nisso um segredo. Outra coisa agora. Poderia você, malgrado sua dor, falar discretamente a respeito de bagatelas, Alieksiéi Fiódorovitch?

— Mas sim, aliás não me está doendo mais tanto.

— É porque seu dedo está dentro da água. É preciso mudá-la imediatamente, ela esquentará. Iúlia, vai procurar um pedaço de gelo na adega e nova tigela com água. Já se foi ela, abordo o assunto. Meu querido Alieksiéi Fiódorovitch, queira entregar-me imediatamente minha carta, mamãe pode voltar dum minuto para outro, e eu não quero...

— Não a tenho comigo.

— Não é verdade, tem sim, estava certa de que você me daria essa resposta. Lamentei tanto a noite inteira aquela estúpida pilhéria! Entregue-me minha carta agora mesmo. Entregue-ma!

— Deixei-a em casa!

— Você não pode tomar-me por uma meninota, depois da tola pilhéria de minha carta. Peço-lhe perdão! Mas traga-ma; se verdadeiramente não está com você, traga-a hoje sem falta.

— Hoje, é impossível, porque volto para o mosteiro e não voltarei a

vê-la por dois dias, três ou quatro talvez, porque o *stariets* Zó-sima...

— Quatro dias, que absurdo! Escute, riu muito de mim?

— Absolutamente.

— Por que então?

— Porque acreditei em você, absolutamente.

— Você me ofende!

— De modo algum. Pensei, imediatamente depois de ter lido, que isto se daria, porque desde que o *stariets* tiver morrido, terei de deixar o mosteiro. Em seguida acabarei meus estudos, farei meus exames e depois do prazo legal casar-nos-emos. Amá-la-ei bastante. Embora não tenha tido tempo de pensar nisso, refleti que não encontraria jamais uma mulher melhor que você e o *stariets* ordena que eu me case..

— Sou um monstro, fazem-me rodar numa cadeira! — objetou, rindo, Lisa, com as faces incendidas.

— Eu mesmo a farei rodar, mas estou certo de que até lá estará você restabelecida.

— Mas você está louco! — proferiu Lisa, nervosamente. — Tirar tal conclusão duma simples brincadeira!... Aí vem mamãe, talvez muito a propósito. Mamãe, como se pode demorar tanto tempo?! E eis Iúlia que traz o gelo.

— Ah! minha Lisa, não grites, não grites principalmente. Tenho a cabeça rebentada... é culpa minha que hajas posto os fios noutro lugar?... Procurei, procurei... Suponho que o fizeste de propósito.

— Eu não podia adivinhar que ele chegaria com um dedo mordido, se soubesse tê-lo-ia feito de propósito. Minha querida mamãe, a senhora começa a dizer coisas muito espirituosas.

— Espirituosas? Pois seja. Mas quanta pena do dedo de Alieksiéi Fiódorovitch, Lisa, e de tudo isso! Oh! meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, não são os detalhes que me matam, nem um Herzenstube qualquer, mas tudo junto, tudo reunido, eis o que não posso suportar.

— Basta de tanto Herzenstube, mamãe — continuou Lisa, com um riso jovial —, dê-me mais depressa a gaze e a água. É muito simples, "água branca", Alieksiéi, o nome me ocorre, um excelente remédio. Mamãe,

imagine a senhora que ele brigou com garotos na rua e foi um que lhe deu uma dentada; não é ele mesmo um garotinho e poderá ele casar-se, mamãe, depois dessa aventura? Porque, imagine a senhora, ele quer casar-se! Pode imaginá-lo casado? Não é de morrer de rir?

E Lisa ria, aquela sua risadinha nervosa, olhando maliciosamente para Aliócha.

— Mas como haveria ele de casar-se, Lisa, que coisa sem pé nem cabeça! É muito fora de propósito de tua parte... Aquele garoto poderia estar danado!

— Ah! mamãe, há crianças danadas?

— Por que não, Lisa? Nem que estivesse eu dizendo uma bobagem! Aquele garoto foi mordido por um cão danado, ele mesmo ficou danado, passa a morder alguém por sua vez. Como o curou bem ela, Alieksiéi Fiódorovitch! Eu nunca teria podido fazê-lo assim. Sente dor?

— Muito pouca.

— Não tem medo da água? — perguntou Lisa.

— Basta, Lisa, falei talvez demasiado apressadamente de raiva, a propósito daquele garoto, e tu concluis Deus sabe o quê. Catarina Ivânovna acaba de saber de sua chegada, Alieksiéi Fiódorovitch. Deseja ardentemente vê-lo.

— Ah! mamãe, vá sozinha; ele não pode ainda, sofre demais.

— Não estou sofrendo absolutamente, posso ir muito bem — protestou Aliócha.

— Como? Vai-se embora? Ah! é assim?

— Pois bem, quando terminar, voltarei e poderemos tagarelar tanto quanto você queira. Tenho pressa de ver Catarina Ivânovna, porque desejo voltar o mais cedo possível para o mosteiro.

— Mamãe, leve-o bem depressa. Alieksiéi Fiódorovitch, não se dê ao trabalho de vir ter comigo depois de ter visto Catarina Ivânovna. Volte direto para seu mosteiro, é sua vocação! Eu estou com vontade de dormir, passei a noite em claro.

— Ah! Lisa, estás brincando, decerto, mas se dormisses deveras?

— Ficarei ainda uns três minutos, até mesmo cinco, se você quiser —

balbuciou Aliócha.

— Leve-o, pois, depressa, mamãe, é um monstro.

— Lisa, perdeste a cabeça. Vamos, Alieksiéi Fiódorovitch, está ela demasiado caprichosa hoje, tenho medo de enervá-la. Oh! que desgraça uma mulher nervosa, Alieksiéi Fiódorovitch! Mas talvez tenha ela realmente vontade de dormir. Como sua presença a inclinou depressa para o sono! Que coisa boa!

— Mamãe, como fala gentilmente a senhora! Dou-lhe um beijinho por isso.

— Eu também, Lisa. Escute, Alieksiéi Fiódorovitch — cochichou ela com um ar misterioso, importante, afastando-se com o rapaz —, não quero influenciá-lo, nem erguer o véu; vá ver você mesmo o que se passa: é terrível. A comédia mais fantástica; ela ama seu irmão Ivã Fiódorovitch e trata de persuadir-se de que está apaixonada por Dimítri Fiódorovitch. É horrível! Acompanho-o, e, se quiserem, esperarei.

V

O TUMULTO NO SALÃO

A conversa no salão tinha terminado; Catarina Ivânovna, superexcitada, mostrava, no entanto, um ar resoluto. Quando Aliócha e a Senhora Khokhlakova entraram, Ivã Fiódorovitch levantava-se para partir. Estava um pouco pálido e seu irmão examinou-o com inquietação. Aliócha encontrava agora a solução para uma dúvida, para um enigma que o atormentava desde algum tempo. Por diversas vezes, desde um mês, tinham-lhe sugerido que seu irmão Ivã amava Catarina Ivânovna, e sobretudo que estava ele a "tomá-la" de Mítia. Até então parecera isto monstruoso a Aliócha, inquietando-o fortemente. Amava seus dois irmãos e aterrorizava-se com a rivalidade deles. Entretanto, Dimítri havia-lhe declarado na véspera que se sentia feliz por ter como rival seu irmão, que isso lhe prestava grande, serviço. Em quê? Para se casar com Grúchenhka? Mas era essa resolução desesperada. Além disso, crera Aliócha firmemente, até a véspera à noite, no amor apaixonado e obstinado de Catarina Ivânovna por Dimítri, até a véspera à noite somente. Parecia-lhe também que ela não podia amar um homem como Ivã, mas que amava Dimítri tal como ele era, malgrado a estranheza de tal amor. Mas, durante

a cena com Grúchenhka, suas impressões tinham mudado. A palavra "dilacerante", empregada havia pouco pela Senhora Khokhlakova, perturbava-o, porque na noite passada, semi-acordado ao raiar do dia, pronunciara-a ele duas vezes, provavelmente sob a impressão de seu sonho; a noite inteira revira aquela cena. Agora, a afirmação categórica da Senhora Khokhlakova de que a moça amava Ivã, que seu amor por Dimítri não passava de um logro, de um amor de empréstimo que ela se infligia por jogo, por "dilaceramento", sob o império da gratidão, essa afirmação impressionava Aliócha: 'Talvez seja verdade!" Mas, então, qual era a situação de Ivã? Aliócha adivinhava que um caráter como o de Catarina Ivânovna tinha necessidade de dominar; ora, aquele domínio não podia exercer-se senão sobre Dimítri, e não sobre Ivã. Porque somente Dimítri (suponhamos que só por pouco tempo) poderia enfim submeter-se a ela "para sua felicidade" (isso teria desejado também Aliócha), mas Ivã não o poderia; aliás, essa submissão não o teria tornado feliz. Tal era a idéia que Aliócha fazia involuntariamente de Ivã. Era presa dessas hesitações e dessas reflexões ao entrar no salão. Outra idéia se impôs a ele de repente: "E se ela não amasse nem a um nem a outro?" Notemos que Aliócha tinha vergonha de tais pensamentos e censurava a si próprio, quando por vezes lhe sobrevinham, no derradeiro mês. "Que entendo eu do amor e das mulheres e como posso tirar tais conclusões?", dizia a si mesmo, depois de cada conjectura. Entretanto, a reflexão se impunha. Adivinhava que aquela rivalidade era capital no destino de seus dois irmãos. "Os répteis devorar-se-ão um ao outro", dissera ontem Ivã na sua irritação, a propósito de seu pai e de Dimítri. Assim, era Dimítri um réptil aos olhos dele, desde muito tempo talvez. Não seria depois que ele próprio viera a conhecer Catarina Ivânovna? Aquelas palavras haviam, sem dúvida, escapado a Ivã involuntariamente, mas eram por isso mesmo mais graves. Naquelas condições, que paz, que paz poderia haver? Não eram, pelo contrário, novos motivos de ódio e de inimizade na família deles? Sobretudo, a quem deveria ele, Aliócha, lamentar? E que desejar a cada um deles? Amava-os igualmente, mas o que desejar aos dois, entre tão temíveis contradições? Era caso de perder-se naquele labirinto e o coração de Aliócha não podia suportar a incerteza, porque seu amor tinha sempre um caráter ativo. Incapaz de, amar passivamente, sua afeição traduzia-se em uma ajuda. Mas, para isso, era preciso ter um fito, saber claramente o que convinha a cada um e ajudá-los em conseqüência. Em lugar desse fito, só havia confusão e embrulhada. Tinha-se falado em "dilaceramento". Mas que poderia ele compreender, até mesmo desse

dilaceramento'' Não compreendia a primeira palavra daquele enigma!

Vendo Aliócha, Catarina Ivânovna disse vivamente a Ivã Fiódorovitch, que se levantara para partir:

— Um instante! Quero ter a opinião de seu irmão, em quem tenho plena confiança. Catarina Óssipovna, fique também — continuou ela, dirigindo-se à Senhora Khokhlakova. Esta se colocou ao lado de Ivã Fiódorovitch, e Aliócha, em frente, perto da moça.

— Eis meus amigos, os únicos que tenho no mundo — começou ela com uma voz ardente em que tremiam lágrimas de sincera dor, e Aliócha sentiu-se de novo atraído para ela. — Você, Alieksiéi Fiódorovitch, assistiu ontem àquela cena horrível, viu-me. Ignoro o que pensava de mim, mas sei que nas mesmas circunstâncias minhas palavras e meus gestos seriam idênticos. Deve lembrar-se de ter-me contido... (Ao dizer isto, corou e seus olhos cintilaram.) Declaro-lhe, Alieksiéi Fiódorovitch, que não sei que partido tomar. Ignoro se *à* amo agora, a ele. Causa-me compaixão, o que é uma ruim marca de amor. Se o amasse, se continuasse a amá-lo, não seria compaixão, mas ódio o que sentiria eu agora...

Sua voz tremia, lágrimas brilhavam em seus cílios. Aliócha estava comovido; aquela moça era leal, sincera, pensava ele, e... não ama mais Dimítri.

— É isto! É isto mesmo! — exclamou a Senhora Khokhlakova.

— Espere, cara Catarina Óssipovna. Não lhe disse o essencial, a decisão que tomei esta noite. Sinto que minha resolução é talvez terrível, para mim, mas pressinto que não a mudaria por preço nenhum. Meu caro conselheiro, bom e generoso, meu confidente, o único amigo que tenho no mundo, Ivã Fiódorovitch, aprova-me inteiramente e louva minha resolução...

— Sim, aprovo-a — disse Ivã, em voz baixa, mas firme.

— Mas desejo que Aliócha — desculpe-me chamá-lo assim —, desejo que Alieksiéi Fiódorovitch me diga agora, diante de meus dois amigos, se tenho razão ou não. Adivinho que você, Aliócha, meu caro irmão (porque o é) — repetia ela com arrebatamento, agarrando-lhe a mão gelada com a sua ardente —, adivinho que sua decisão, sua aprovação me tranqüilizarão, malgrado meus sofrimentos, porque após suas palavras acalmar-me-ei e resignar-me-ei, pressinto-o!

— Ignoro o que me vai pedir — disse Aliócha, corando. — Sei somente que a amo e que lhe desejo neste momento mais felicidade que a mim mesmo!... Mas nada entendo de tais negócios... — apressou-se ele a acrescentar, sem saber por quê...

— O essencial em tudo isto é a honra e o dever, e algo de mais alto, que ultrapassa talvez o próprio dever. Meu coração me dita esse sentimento irresistível e me arrasta. Em suma, minha decisão está tomada. Mesmo se ele desposar aquela... criatura, a quem não poderei jamais perdoar, não o abandonarei, no entanto! Doravante, não o abandonarei jamais! — disse ela, presa de uma exaltação mórbida. — Bem entendido, não tenho a intenção de correr atrás dele, de impor-lhe minha presença, de importuná-lo, oh! não! Irei para outra cidade, não importa onde, mas não deixarei de interessar-me por ele. Quando se sentir infeliz com a outra — e isto não tardará —, que ele venha a mim, encontrará uma amiga, uma irmã... Uma irmã apenas, decerto, e isto para toda a vida, uma irmã amorosa, que lhe terá sacrificado sua existência. Conseguirei, à força de perseverança, fazer-me afinal apreciar por ele, ser sua confidente, sem que ele venha a corar por isso! — exclamou ela, como que enlouquecida. — Serei seu Deus, a quem dirigirá ele suas preces, é o menos que ele me deve por ter-me traído e por tudo quanto suportei ontem por causa dele. E ele verá que permanecerei eternamente fiel à palavra uma vez dada, malgrado suas infidelidades e sua traição. Serei apenas o meio, o instrumento de sua felicidade, por toda a sua vida, por toda a sua vida! Eis minha decisão. Ivã Fiódorovitch aprova-me altamente.

Sufocava. Talvez tivesse querido exprimir seu pensamento com mais dignidade, naturalidade, mas o fez com demasiada precipitação e sem rebuços. Havia em suas palavras muita exuberância juvenil; refletiam elas a irritação da véspera, a necessidade de orgulhar-se; ela mesma dava-se conta disso. De súbito, seu rosto ensombreceu-se, seu olhar tornou-se mau. Aliócha percebeu-o e a compaixão despertou nele. Seu irmão acrescentou algumas palavras.

— É, com efeito, a expressão de meu pensamento. Em qualquer uma outra, isto teria parecido excessivo e atormentado. Outra não teria tido razão, mas você a tem. Não sei como motivar isto, mas vejo que você é completamente sincera e por isso é que tem razão...

— Mas só por um instante... Ora, que é esse instante? É unicamente o ressentimento de ontem — não pôde impedir-se de dizer com justeza a

Senhora Khokhlakova, malgrado seu desejo de não intervir.

— Oh! sim! — disse Ivã, com uma espécie de irritação e visivelmente vexado por ter sido interrompido. — É isto; numa outra, esse instante não seria senão uma impressão passageira, mas com o caráter de Catarina Ivânovna durará isto toda a sua vida. O que para outras não seria senão uma promessa no ar, será para ela um dever eterno, penoso, sombrio talvez, mas incessante. E ela se repastará com o sentimento desse dever cumprido! Sua existência, Catarina Ivânovna, consumir-se-á agora numa dolorosa contemplação de seus sentimentos heróicos e de seu pesar. Mas com o tempo esse sofrimento se acalmará, viverá você na doce contemplação dum desígnio firme e altivo, realizado duma vez por todas, desesperado na verdade, mas que você logrou vencer. Esse estado de espírito lhe proporcionará por fim a satisfação mais completa e a reconciliará com tudo o mais...

Exprimira-se com uma espécie de rancor, visivelmente intencional e sem procurar dissimular sua intenção irônica.

— Oh! Deus, quanto tudo isso é falso! — exclamou de novo a Senhora Khokhlakova.

— Alieksiéi Fiódorovitch, fale! Tarda-me conhecer sua opinião! — disse Catarina Ivânovna, que se pôs a derramar lágrimas. Aliócha levantou-se.

— Não é nada, não é nada! — prosseguiu ela, chorando. — É o nervoso, a insônia, mas, com amigos como seu irmão e você, sinto-me fortificada... porque sei que vocês não me abandonarão nunca...

— Infelizmente, deverei talvez partir amanhã para Moscou, deixá-la por muito tempo... Essa viagem é indispensável — declarou Ivã Fiódorovitch.

— Amanhã, para Moscou? — exclamou Catarina Ivânovna, de rosto crispado. — Meu Deus! que felicidade! — continuou ela, com uma voz de súbito mudada, contendo suas lágrimas, de que não restou mais nenhum traço. Essa mudança súbita, que impressionou fortemente Aliócha, foi de fato repentina; a infeliz moça, ofendida, chorosa, de coração dilacerado, deu lugar de repente a uma mulher perfeitamente senhora de si mesma e além do mais satisfeita como após uma alegria inesperada.

— Não é sua partida que me alegra, decerto — retificou ela, com o

encantador sorriso de uma dama da sociedade. — Um amigo como você não pode crer nisso; sinto-me, pelo contrário, muito infeliz com sua partida (avançou para Ivã Fiódorovitch e, agarrando-lhe as mãos, apertou-as com calor); mas o que me rejubila é que possa você agora expor em Moscou à minha tia e a Agáfia minha situação em todo o seu horror, francamente com Agáfia, mas poupando minha tia querida, como é você capaz de fazê-lo. Não pode você imaginar quanto me sentia infeliz ontem e esta manhã, perguntando a mim mesma como escrever a elas essa terrível carta... porque não se pode, exprimir isso por escrito... Agora, ser-me-á fácil escrever-lhes, porque estará você em pessoa em casa delas para explicar tudo. Oh! como sou feliz! Mas por isto somente, repito-lhe. Você me é indispensável certamente... Corro a escrever essa carta — concluiu ela, dando um passo para sair do salão.

— E Aliócha? E a opinião de Alieksiéi Fiódorovitch, que você desejava tão vivamente conhecer? — exclamou a Senhora Khokhla-kova, com uma entonação sarcástica e irritada.

— Não o esqueci — disse Catarina Ivânovna, parando. — Mas por que se mostra a senhora de tão má vontade para comigo neste momento, Catarina Óssipovna? — proferiu ela, num tom amargo de censura. — Confirmo o que disse. Tenho necessidade de saber sua opinião e, bem mais ainda, sua decisão! Será uma lei para mim, tanta sede tenho de suas palavras, Alieksiéi Fiódorovitch... Mas que tem?

— Jamais pensei, não posso imaginar isso! — disse Aliócha, com ar aflito.

— O quê?

— Ele parte para Moscou, testemunha-lhe a senhorita sua alegria, fê-lo de propósito! Em seguida, explica que não é sua partida que a rejubila, que a lamenta, pelo contrário, que perde... um amigo. Mas aí também representava de propósito... como no teatro, numa comédia!...

— No teatro? Como?... Que diz você? — exclamou Catarina Ivânovna estupefata; corou, franziu o cenho.

— Por mais que afirme lamentar o amigo que parte, declara-lhe redondamente que sua partida é uma felicidade... — proferiu Aliócha ofegante. Mantinha-se de pé, perto da mesa.

— Que quer dizer? Não compreendo...

— Eu mesmo não sei... É como uma iluminação repentina... Sei que faço mal em dizer-lho, mas falarei ainda assim — prosseguiu ele, com uma voz trêmula, entrecortada. — A senhorita talvez nunca tenha amado Dimítri... Ele tampouco, sem dúvida, a ama absolutamente... desde o começo... estima-a, eis tudo... Na verdade, não sei como tenho a audácia... mas é bem preciso que alguém diga a verdade, pois que ninguém aqui ousa fazê-lo.

— Que verdade? — perguntou Catarina Ivânovna com exaltação.

— Ei-la — balbuciou Aliócha, tomando sua decisão, como se se precipitasse no vácuo. — Mande chamar Dimítri — eu o encontrarei —, que ele venha aqui pegar sua mão e a de meu irmão Ivã para uni-los. Porque a senhorita faz Ivã sofrer somente porque o ama... e seu amor por Dimítri é uma dolorosa mentira... da qual procura a senhorita persuadir-se...

Aliócha calou-se bruscamente.

— Você... você é um pobre de espírito — replicou Catarina Ivânovna, pálida, de lábios crispados. Ivã Fiódorovitch levantou-se, de chapéu na mão.

— Tu te enganaste, meu bom Aliócha — disse ele, com uma expressão que seu irmão jamais lhe vira, uma expressão de sinceridade juvenil, de irresistível franqueza. — Catarina Ivânovna jamais amou a mim! Conhecia desde muito tempo meu amor por ela, se bem que nunca lho houvesse revelado, mas não correspondia a ele. Não fui tampouco seu amigo, em momento algum; seu orgulho não tinha necessidade de minha amizade. Mantinha-me perto dela para se vingar em mim das ofensas contínuas que lhe infligia Dimítri desde o primeiro encontro deles, porque este ficou em seu coração como uma ofensa. Meu papel consistiu em ouvir falar de seu amor por ele. Parto, afinal, mas fique sabendo, Catarina Ivânovna, que você não ama, na realidade, senão a ele. E isto na proporção de suas ofensas. Eis o que a dilacera. Ama-o tal como ele é, com suas faltas para com você. Se ele se emendasse, você o abandonaria logo e deixaria de amá-lo. Mas ele lhe é necessário para você contemplar nele sua fidelidade heróica e censurar-lhe sua traição. Tudo isso por orgulho! Você sente-se humilhada e rebaixada, mas seu orgulho é a causa disso... Sou demasiado jovem, amava-a demais. Sei que não deveria ter-lhe falado assim, que teria sido mais digno de minha parte deixá-la simplesmente; teria sido menos magoante para você. Mas parto para longe e não voltarei mais... É para

sempre... Não quero respirar este ar de exaltação... Aliás, não tenho mais nada a dizer, é tudo... Adeus, Catarina Ivânovna, não fique zangada comigo, porque estou sendo cem vezes mais castigado que você, castigado pelo simples fato de que jamais tornarei a vê-la. Adeus. Não quero pegar sua mão. Você me fez sofrer demasiado conscientemente para que eu possa perdoar nesta hora. Mais tarde, talvez, mas agora não quero sua mão.

Den Dank, Dame begehfich hicht... [15]

— acrescentou ele com um sorriso constrangido, provando assim que conhecia Schiller, a ponto de sabê-lo de cor, o que Aliócha ter-se-ia recusado a acreditar antes. Saiu sem mesmo cumprimentar a dona da casa. Aliócha juntou as mãos.

— Ivã! — gritou-lhe, transtornado. — Volta, Ivã! Não, agora não voltará ele por coisa alguma do mundo! — exclamou, com um pressentimento amargo. — Mas a culpa é minha, fui eu que comecei! Ivã falou com cólera, injustamente. É preciso que ele volte... — exclamava Aliócha, como fora de si. Catarina Ivânovna passou para outra peça.

— Você nada tem a censurar-se, sua conduta é a de um anjo — murmurou para o triste Aliócha a Senhora Khokhlakova, entusiasmada.

— Farei todo o possível para impedir que Ivã Fiódorovitch parta... A alegria iluminava seu rosto, para grande mortificação de Aliócha, mas Catarina Ivânovna reapareceu de súbito. Tinha na mão duas cédulas de 100 rublos.

— Tenho um grande obséquio a pedir-lhe, Alieksiéi Fiódorovitch — começou ela com uma voz calma e igual, como se nada se tivesse passado. — Há cerca de uma semana, Dimítri Fiódorovitch deixou-se levar a praticar uma ação injusta e escandalosa. Há aqui um cabaré mal afamado, onde encontrou aquele oficial reformado, aquele capitão que seu pai empregava em certos negócios. Irritado contra aquele capitão por um motivo qualquer, Dimítri Fiódorovitch agarrou-o pela barba e arrastou-o naquela posição humilhante até a rua, onde continuou ele ainda por muito tempo. Dizem que o filho dele, jovem escolar, corria a seu lado, soluçando diante daquele espetáculo, pedia por seu pai e rogava aos passantes que o defendessem, mas todo mundo ria. Desculpe-me, Alieksiéi Fiódorovitch,

---

[15] *"Pouco me importa, senhora, o vosso agradecimento. " Schiller.*

não posso lembrar-me sem indignação desse ato vergonhoso... de que somente Dimítri Fiódorovitch é capaz, presa da cólera... e de suas paixões! Não posso contá-lo, isto me faz mal... embaraço-me. Tomei informações a respeito daquele infeliz e soube que ele é muito pobre, chama-se Snieguiriov. Tornou-se culpado duma falta em seu serviço, deram-lhe baixa, não posso fornecer detalhes, e agora, com sua desgraçada família, as crianças doentes, a mulher louca, parece, caiu em profunda miséria. Mora na cidade desde muito tempo, era copista em alguma parte, mas neste momento não ganha nada. Lancei os olhos em você... isto é, pensei, ah! confundo-me, queria pedir-lhe, meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, que fosse a casa dele, sob um pretexto qualquer, e, delicadamente, prudentemente, como só você é capaz (Aliócha corou), entregar-lhe este socorro, estes 200 rublos... Ele os aceitará decerto... isto é, persuada-o a aceitá-los... veja você, não é uma indenização, para evitar que ele apresente queixa (porque queria fazê-lo, ao que parece), mas simplesmente uma marca de simpatia, o desejo de ir em seu auxílio, em meu nome, como noiva de Dimítri Fiódorovitch, e não no dele... Eu mesma teria ido, mas você sair-se-á melhor do que eu. Ele mora na Rua do Lago, na casa da Senhora Kalmíkova... Pelo amor de Deus, Alieksiéi Fiódorovitch, faça isto agora... estou um pouco fatigada. Adeus...

Desapareceu tão rapidamente por trás da porta que Aliócha não teve tempo de dizer uma palavra. Teria querido pedir perdão, acusar-se, dizer qualquer coisa, afinal, porque seu coração transbordava e não podia ele decidir-se a afastar-se assim. Mas a Senhora Khokhlakova pegou-o pelo braço e levou-o. No vestíbulo, fê-lo parar como ainda há pouco.

— Ela é orgulhosa, luta consigo mesma, mas é uma natureza boa, encantadora, generosa! — murmurou ela à meia voz. — Oh! como gosto dela, por momentos, e quanto me sinto de novo contente! Meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, sabe que nós todas, suas duas tias, eu e até mesmo Lisa, não temos senão um desejo, desde um mês: suplicamo-lhe que abandone o seu favorito Dimítri Fiódorovitch, que não a ama absolutamente, e case com Ivã, esse excelente rapaz, tão instruído e de quem ela é o ídolo. Urdimos uma verdadeira conspiração e é esta talvez a única razão que me retém ainda aqui.

— Ela, porém, chorou, sente-se de novo ofendida! — exclamou Aliócha.

— Não creia nas lágrimas de uma mulher, Alieksiéi Fiódorovitch!

Sou sempre contra as mulheres neste caso e do lado dos homens.

— Mamãe, a senhora o estraga e o perde — repercutiu a voz agudinha de Lisa, por trás da porta.

— Não, sou eu que sou causa de tudo, sou muito culpado! — repetiu Aliócha, inconsolável, experimentando uma vergonha dolorosa com aquela sua saída, o rosto oculto nas mãos.

— Pelo contrário, você agiu como um anjo, como um anjo, estou pronta a repeti-lo mil vezes.

— Mamãe, em que agiu ele como um anjo? — perguntou de novo Lisa.

— Imaginei, não sei por quê — prosseguiu Aliócha, como se não ouvisse Lisa —, que ela amava Ivã e larguei aquela tolice... Que irá acontecer?

— De que se trata? — indagou Lisa. — Mamãe, quer matar-me? Interrogo-a e a senhora não me responde.

Naquele momento, acorreu a arrumadeira.

— Catarina Ivânovna está passando mal... chora, está com um ataque de nervos.

— Que há? — gritou Lisa, com a voz alarmada. — Mamãe, sou eu que vou ter um ataque!

— Lisa, pelo amor de Deus, não grites, tu me matas! Na tua idade não podes saber de tudo como as pessoas grandes; quando eu voltar, contar-te-ei o que puderes saber. Oh! meu Deus! Corro até lá... um ataque é bom sinal, Alieksiéi Fiódorovitch, é excelente que tenha ela um ataque. Em semelhantes casos, estou sempre contra as mulheres, seus ataques e suas lágrimas. Iúlia, corre a dizer que já vou. Se Ivã Fiódorovitch partiu daquela maneira, a culpa é dela. Mas ele não partirá. Lisa, pelo amor de Deus, não grites. Ah! não és tu quem grita, sou eu, perdoa tua mãe. Mas estou entusiasmada, arrebatada! Notou, Alieksiéi Fiódorovitch, como seu irmão partiu com um ar viril, ainda há pouco? Disse-lhe o que tinha de dizer-lhe e partiu! Dizia a mim mesma: ele é tão culto, um universitário, e de repente, tal calor, uma franqueza juvenil, inexperiência, e tudo isso é tão gentil, tão gentil, absolutamente como você... E aquele verso alemão que ele citou, afinal como você, mas vou correndo, Alieksiéi Fiódorovitchr despache-se a cumprir a sua missão e volte bem depressa. Lisa, não tens

necessidade de nada? Pelo amor de Deus, não retenhas Alieksiéi Fiódorovitch, ele vai voltar para ti.

A Senhora Khokhlakova foi-se embora, afinal. Aliócha, antes de sair, quis abrir a porta de Lisa.

— Por coisa alguma do mundo! — exclamou Lisa. — Não quero vêlo, Alieksiéi Fiódorovitch. Fale-me através da porta. Como foi que virou um anjo? É tudo quanto desejo saber.

— Com minha tremenda estupidez, Lisa. Adeus!

— Não parta assim! — exclamou ela.

— Lisa, tenho um pesar muito sério! Volto imediatamente, mas tenho um grande, um enorme pesar.

Saiu correndo.

VI

O TUMULTO NA ISBÁ

Tinha Aliócha na verdade um pesar sério, como raramente experimentara até então. Interviera e cometera uma rata, e num caso de sentimento, ainda por cima! "Mas que é que compreendo disso, que posso eu conhecer dessas coisas? Oh! a vergonha não é nada, a vergonha é um castigo merecido. A desgraça é que serei certamente a causa de novas calamidades... E dizer que o *siáriets* me enviou para reconciliar e unir! É assim que se une?" Lembrou-se então de como tinha "unido as mãos" e a vergonha reapossou-se dele. "Muito embora tenha agido de boa fé, será preciso ser mais inteligente no futuro", concluiu ele, e nem mesmo sorriu de sua conclusão.

O encargo de Catarina Tvânovna conduzia-o à Rua do Lago e seu irmão morava precisamente daquele lado, numa ruela vizinha. Decidiu Aliócha passar primeiro em casa dele, de qualquer forma, pressentindo que não o encontraria em casa. Suspeitava de que Dimítri quisesse talvez esconder-se dele agora, mas era preciso descobri-lo a qualquer preço. O tempo passava; a idéia do *stúriets* moribundo não o deixava um minuto, desde sua partida do mosteiro.

Na narrativa de Catarina Ivânovna figurava uma circunstância que

o interessava bastante, igualmente; quando a moça falara do pequeno escolar, filho do capitão, que corria soluçando ao lado de seu pai, viera subitamente a Aliócha a idéia de que deveria ser ele o mesmo que lhe mordera o dedo, quando lhe perguntou em que o ofendera. Agora estava Aliócha quase certo, sem saber ainda por quê. Essas preocupações secundárias desviaram sua atenção. Resolveu não mais pensar no mal que acabava de fazer, não se atormentar pelo arrependimento, mas agir. Aconteceria lá o que acontecesse. Essa idéia restituiu-lhe toda a coragem. Ao entrar no beco onde morava Dimítri, teve fome e tirou de seu bolso o pãozinho que tomara em casa de seu pai. Comeu-o, enquanto caminhava; isto reconfortou-o.

Dimítri não estava em casa. Os donos da casinha — um velho carpinteiro, sua mulher e seu filho — olharam Aliócha com ar suspeitoso. "Há três dias que ele não passa a noite aqui, partiu talvez para algum lugar", respondeu o velho às suas perguntas. Aliócha compreendeu que ele se conformava com instruções recebidas. Quando perguntou se Dimítri não estava em casa de Grúchenhka, ou de novo oculto em casa de Fomá (Aliócha falava assim abertamente de propósito), todos o olharam com ar receoso. "Gostam dele pois, estão de seu lado", pensou ele. "Está bem. "

Por fim descobriu na Rua do Lago a casa da mãe Kalmíkova, em mau estado e arriada, com três janelas para a rua, um pátio sujo, no meio do qual se achava uma vaca. Entrava-se pelo pátio para o vestíbulo, à esquerda vivia a velha proprietária com sua filha igualmente idosa, sendo surdas as duas, ao que parece. À pergunta várias vezes repetida para saber onde morava o capitão, uma delas, compreendendo por fim que perguntavam pelos inquilinos, apontou-lhe com o dedo, do outro lado do vestíbulo, a porta que dava para a mais bela peça da isbá. O apartamento do capitão consistia, com efeito, apenas dessa peça. Aliócha pusera a mão na maçaneta para abrir a porta, quando o impressionou o silêncio completo que reinava no interior. Sabia, no entanto, de acordo com a narrativa de Catarina Ivânovna, que o capitão tinha família. "Dormem todos, ou então me ouviram chegar e esperam que eu abra; será melhor bater antes. " Bateu. Ouviu-se uma resposta, mas não imediatamente, talvez ao fim de dez segundos.

— Quem é? — gritou uma voz grossa e irritada.

Aliócha abriu então e transpôs o limiar. Encontrava-se numa sala bastante espaçosa, mas extremamente atravancada de gente e de toda

espécie de objetos caseiros. À esquerda, havia uma grande estufa russa. Da estufa à janela da esquerda, uma corda estendida através de todo o quarto suportava diversos trapos. De cada lado se encontrava um leito com cobertas tricotadas. Sobre um deles, o da esquerda, quatro travesseiros empilhados, uns menores que os outros. Sobre o leito da direita, só se via um, muito pequeno. Mais longe, no ângulo da frente, havia um espaço reservado, separado por uma cortina ou um lençol, fixado a uma corda estendida de través no ângulo. Por trás aparecia um leito improvisado sobre um banco e uma cadeira colocada junto.

Uma simples mesa de mujique, quadrada, de madeira, estava instalada perto da janela do meio. As três janelas, de vidraças cobertas de mofo esverdeado que as empanava, estavam hermèticamente fechadas, de modo que se sufocava na peça semi-escura. Em cima da mesa, uma estufa com um resto de ovos sobre o prato, uma fatia de pão já mordida, um meio litro de aguardente, quase vazio de seu conteúdo. Perto do leito da esquerda estava sentada numa cadeira uma mulher, tendo um ar senhoril, com um vestido de chita da Índia. Demasiado magra e de rosto amarelo, suas faces cavadas atestavam ao primeiro lance de olhos seu estado doentio. Mas o que impressionou sobretudo Aliócha foi o olhar da pobre senhora, olhar ao mesmo tempo interrogador e arrogante. Enquanto Aliócha se explicava com o dono da casa, seus grandes olhos castanhos iam de um para outro, com tanta curiosidade quanta arrogância. Ao lado dela, perto da janela da esquerda, mantinha-se de pé uma moça de rosto pouco simpático, de cabelos ruivos e ralos, vestida pobremente, embora muito limpa. Olhou desdenhosamente para Aliócha, quando este entrou. À direita, igualmente perto do leito, estava sentada uma pessoa do sexo feminino, uma pobre criatura ainda jovem, duns vinte anos, mas corcunda e aleijada, de pés secos, como explicaram depois a Aliócha. Viam-se suas muletas a um canto, entre o leito e a parede. Os magníficos olhos da pobre moça fitavam Aliócha com doçura. Sentada à mesa e acabando a omelete, via-se uma personagem de 45 anos, de pequena estatura, magra, de constituição débil, cuja barba arruivada e rala assemelhava-se bastante a um esfregão de tília desfiado (esta comparação e sobretudo a palavra "esfregão" surgiram ao primeiro lance de vista no espírito de Aliócha, lembrou-se ele mais tarde). Fora ele, evidentemente, quem respondera de dentro, porque não havia outro homem no quarto. Quando Aliócha entrou, levantou-se bruscamente, limpou a boca com um guardanapo esburacado e apressou-se em ir-lhe ao encontro.

— Um monge que pede esmolas para seu mosteiro encontrou a quem se dirigir! — proferiu a moça que se mantinha no ângulo da esquerda. O indivíduo que correra ao encontro de Aliócha girou nos calcanhares e respondeu-lhe num tom entrecortado.

— Não, Varvara Nikoláievna, não é isto, você não adivinhou! Permita-me que lhe pergunte — disse, voltando-se para Aliócha, — o que o levou a visitar... este antro?

Aliócha observou-o atentamente. Via aquele homem pela primeira vez. Havia nele algo de áspero, de apressado, de irritado. Tinha certamente bebido, mas não estava bêbedo. Seu rosto refletia uma caracterizada impudência e, ao mesmo tempo — coisa estranha —, uma covardia visível. Assemelhava-se a um homem muito tempo submetido e sofredor, mas que de repente sentisse ímpetos de reerguer-se e de manifestar-se. Ou, melhor ainda, um homem que ardia do desejo de bater na gente, mas temendo nossos golpes. Nas suas palavras e na entonação de sua voz, bastante penetrante, distinguia-se uma espécie de humor esquisito, ora mau, ora tímido, intermitente e de tom desigual. Falara do antro, como a tremer, com os olhos arregalados e mantendo-se tão perto de Aliócha, que este deu maquinalmente um passo para trás. A personagem trazia um paletó de ganga, escuro, em muito mau estado, remendado, manchado. Suas calças, muito claras, como não se usam mais desde muito tempo, eram de quadrados dum pano muito ralo, esfiapadas embaixo, e subiam-lhe nas pernas a ponto de dar-lhe o ar dum menino que cresceu demais.

— Eu sou... Alieksiéi Karamázov... — respondeu Aliócha.

— Sei bem — replicou o outro, dando a entender que lhe conhecia a identidade. — E eu sou o Capitão Snieguiriov. Mas importa saber o que o traz...

— Vim por vir. De fato, queria dizer-lhe uma palavra, em meu nome... se o permite...

— Neste caso, eis uma cadeira, queira sentar-se. É nas velhas comédias que diziam: "Queira sentar-se... "

Com um gesto pronto, o capitão agarrou uma cadeira livre (uma simples cadeira de mujique, de madeira), que colocou quase no meio do quarto; tomou outra igual para si e sentou-se diante de Aliócha, de novo tão perto que seus joelhos quase se tocavam.

— Nikolai Ilitch Snieguiriov, ex-capitão da infantaria russa, envilecido pelos seus vícios, mas apesar de tudo capitão. Deveria antes dizer: Capitão Slovoiérsov e não Snieguiriov, pois na segunda metade de minha vida comecei a empregar a letra "s". Esta letra "s" aprende-se na abjeção. [16]

— É assim mesmo — disse Aliócha, sorrindo. — Somente, aprende-se sem querer ou de propósito?

— Deus o vê, involuntariamente. Nunca a tinha dito, passei toda a minha vida sem dizê-la e, de repente, comecei a empregar o "s". Faz-se assim por força maior. Vejo que o senhor se interessa pelos problemas contemporâneos. Mas que pôde infundir-lhe tanta curiosidade? pois vivo em um meio impossível para receber-se alguém.

— Vim justamente por causa disso...

— Disso quê? — interrompeu o capitão, impaciente.

— A propósito de seu encontro com meu irmão, Dimítri Fiódorovitch — replicou Aliócha, constrangido.

— Que encontro? Não será o mesmo, isto é, a respeito do "esfregão de tília"?

Avançou de tal maneira desta vez que seus joelhos bateram nos de Aliócha. Seus lábios cerrados formavam uma linha estreita.

— Que "esfregão de tília"? — murmurou Aliócha.

— É para se queixar de mim, papai, que ele veio! — ressoou uma voz por trás da cortina, uma voz já conhecida de Aliócha, a do menino de ainda há pouco. — Eu mordi o dedo dele hoje!

A cortina afastou-se e Aliócha avistou seu recente inimigo, no canto sob os ícones, sobre um leito formado por um banco e uma cadeira. O menino estava deitado, coberto por seu pequeno sobretudo e por um velho cobertor acolchoado. Era visível que estava doente e com febre, a julgar por seus olhos ardentes. Intrépido, olhava para Aliócha, com ar de dizer: "Aqui em casa, nada me podes fazer".

— Como? Que dedo mordeu ele? — sobressaltou-se o capitão. — Foi

---

[16] *Refere-se ao costume que havia, na época, de a gente pobre acrescentar um "s" ao fim das palavras, como deferência às pessoas importantes.*

o seu?

— Sim, o meu. Ainda há pouco, batia-se a pedradas na rua com seus camaradas; eram seis contra ele. Aproximei-me, atirou-me ele uma, depois outra à cabeça. Perguntei-lhe o que lhe tinha feito eu. De súbito, avançou e me mordeu cruelmente o dedo. Ignoro-o por quê.

— Vou açoitá-lo! — exclamou o capitão, que saltou da cadeira.

— Mas não me estou queixando, contava somente... Não quero que o açoite! Aliás, creio que está doente...

— E pensava o senhor que eu ia fazer isso? Que eu ia agarrar Iliúchka e açoitá-lo diante do senhor para sua inteira satisfação? Quer isso imediatamente? — proferiu o capitão, voltando-se para Aliócha com um gesto ameaçador, como se quisesse lançar-se sobre ele. — Lamento o seu dedo, senhor, mas não quererá que antes de açoitar Iliúchka corte meus quatro dedos diante do senhor, com esta faca, para sua justa satisfação? Penso que quatro dedos lhe bastarão, o senhor não reclamará o quinto, para aplacar sua sede de vingança!... — Parou de súbito, como sufocado. Cada traço de seu rosto se agitava e se contraía, seu olhar era dos mais provocantes. Estava como que enlouquecido.

— Agora, compreendi tudo — disse Aliócha, num tom doce e triste sem se levantar. — De modo que tem o senhor um bom filho, que ama seu pai e lançou-se sobre mim por ser eu o irmão do ofensor do senhor... Compreendo, agora — repetiu, pensativo. — Mas meu irmão Dimítri lamenta seu ato, eu o sei, e se puder vir a sua casa, ou, ainda melhor, encontrá-lo no mesmo lugar, pedir-lhe-á perdão diante de todo mundo... se o senhor o desejar.

— Quer dizer que puxou minha barba e pede desculpas... arranjou assim tudo, deu satisfação, não é?

— Oh! não! Pelo contrário, fará tudo quanto lhe agradar e como lhe agradar!

— De modo que se eu rogasse a Sua Alteza Sereníssima que se ajoelhasse diante de mim, naquele mesmo cabaré, o cabaré A Capital, como o chamam, ou na praça, ele o faria?

— Sim, ele se poria de joelhos.

— O senhor transpassou-me, comoveu-me até as lágrimas. Estou demasiado inclinado a sentir a generosidade de seu irmão. Permita-me

que lhe apresente minha família, minhas duas filhas e meu filho, minha ninhada. Se eu morrer, quem os amará? E, enquanto eu viver, quem me amará com todos os meus defeitos, senão eles? O Senhor Deus fez bem as coisas para cada homem de minha espécie, porque mesmo um homem de minha qualidade deve ser amado por um ser qualquer...

— Ah! é perfeitamente verdadeiro! — exclamou Aliócha.

— Basta de palhaçadas! O senhor nos mete a ridículo diante do primeiro imbecil que aparece — exclamou de repente a moça que se conservava perto da janela, dirigindo-se a seu pai, com a fisionomia cheia de desprezo.

— Espere um pouco, Varvara Nikoláievna, permita-me continue minha idéia — gritou-lhe seu pai num tom imperioso, enquanto a olhava aprovativamente. — É esse o seu caráter — disse ele, voltando-se para Aliócha.

E na natureza inteira Nada queria abençoar.

O sujeito aqui deveria ser feminino: ela nada queria abençoar. E agora, permita-me que lhe apresente minha esposa, Arina Pietrovna, dama imponente de 43 anos; anda, mas muito pouco. É de baixa condição; Arina Pietrovna, componha seu semblante para que eu lhe apresente Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov. Levante-se, Alieksiéi Fiódorovitch — pegou-o pelo braço e, com uma força de que não o teriam julgado capaz, ergueu-o. — Apresentam-no a uma dama, é preciso que se levante. Não foi este Karamázov, *mamienhka,* que... num!, etc, mas seu irmão, reluzente de virtudes pacíficas. Permita, Arina Pietrovna, permita, *mámienhka,*. que lhe beije em primeiro lugar a mão.

Beijou a mão de sua mulher com respeito, com ternura mesmo. A moça, perto da janela, voltava as costas àquela cena com indignação; o rosto arrogante e interrogativo da mãe exprimiu, de súbito, grande afabilidade.

— Bom dia, sente-se, Senhor Tchernomázov[17] — proferiu ela.

— Karamázov, *mámienhka,* Karamázov (somos de baixa condição) — soprou ele de novo.

---

[17] *Nome forjado, composto de* tcherno, *preto, e* mázat, *pintar, sujar. Literalmente: aquele que pinta, ou suja de preto. Deturpação intencional de Karamázov.*

— Está bem! Karamázov ou como seja, eu digo sempre Tchernomázov... Sente-se. Por que ele o levantou? Uma dama sem pés, diz ele, tenho pés, sim, mas estão inchados como cântaros, e eu estou ressequida. Outrora, era eu duma grossura... e agora dir-se-ia que engoli uma agulha...

— Somos de baixa condição, de bem baixa — repetiu o capitão.

— *Bátiuchka* — ah! *bátiuchka* — exclamou de repente a corcunda, que ficara até então silenciosa e que cobriu bruscamente os olhos com seu lenço.

— Palhaço! — gritou a moça que estava perto da janela.

— Veja o que se passa em nossa casa — e a mãe estendeu os braços, apontando as filhas. — É como se nuvens passassem, passam e nossa música recomeça. Outrora, quando éramos militares, vinham ver-nos muitos visitantes semelhantes. Não faço comparação, meu senhor. É preciso gostar de todos. A mulher do diácono vem por vezes e diz: "Alieksandr Alieksándrovitch é um homem de alma excelente, mas Nastássia Pietrovna é uma endemoniada". "Pois bem", respondo-lhe eu, "isto depende de quem se ama, ao passo que tu não passas de uma trouxinha, mas fedorenta. " "Tu", diz-me ela, "só mereces que te tratem com rigor. " "Ah! negra, a quem vens tu dar lições?" "Eu", diz ela, "deixo entrar o ar puro, e tu, o ar pestilento. " "Pergunta", respondo-lhe eu, "aos senhores oficiais se o ar é pestilento em minha casa. " Assim, isso me aflige tanto que, ainda há pouco, sentada como agora, acreditei ver entrar aquele general que chegou aqui pela Páscoa. "Pois bem", digo-lhe eu, "pode, excelência, uma dama nobre deixar entrar o ar de fora?" "Sim", responde ele, "a senhora deveria abrir a porta ou o postigo, porque o ar não está puro em sua casa. " E todos são iguais! Por que implicam com o ar de minha casa? Os mortos fedem muito mais. Eu não corrompo o ar de sua casa, mandarei fazer sapatos e ir-me-ei embora. Meus filhos, não queiram mal à sua mãe! Nikolai Ilitch, meu *bátiuchka,* será que deixei de agradar-te? Porque só tenho Iliúchka para me querer bem, quando volta da escola. Ontem, trouxe-me uma maçã. Perdoem à sua mãe, meus bons amigos, perdoem a uma pobre abandonada! Que têm contra o ar de minha casa?

A pobre demente desatou a soluçar, suas lágrimas corriam. O capitão precipitou-se.

— *Mámienhka,* querida *mámienhka,* basta! Não estás abandonada, todos te amam e te adoram! — Recomeçou a beijar-lhe as mãos e se pôs a

acariciar-lhe o rosto; com um guardanapo enxugou-lhe mesmo as lágrimas. Pareceu a Aliócha que havia até lágrimas nos olhos dele.

— Pois bem! Viu o senhor, entendeu? — Voltou-se, de súbito, para ele, encolerizado, apontando com o dedo a pobre demente.

— Vejo e entendo — murmurou Aliócha.

— Papai, papai! Como podes com ele... deixa-o, papai! — gritou o menino, que se erguera no seu leito, com o olhar ardente.

— Basta de palhaçadas, de recorrer a suas estúpidas manigâncias que nunca levam a nada! — gritou de seu canto Varvara Nikoláievna, exasperada; bateu mesmo com o pé no chão.

— Você tem totalmente razão, desta vez, de ficar encolerizada, Varvara Nikoláievna, e lhe darei imediatamente satisfação. Cubra-se, Alieksiéi Fiódorovitch, tomo meu boné, e vamos. Tenho de falar-lhe seriamente, mas não aqui. Aquela jovem sentada é minha filha. Nina Nikoláievna, esqueci-me de apresentar-lha, um anjo encarnado... que desceu entre os mortais... se é que o senhor poderia compreender isso...

— Está ele todo agitado, como se tivesse convulsões — continuou Varvara Nikoláievna, indignada.

— Essa que acaba de bater com o pé e de me chamar de palhaço é também um anjo encarnado, deu-me o nome que me convém. Vamos, Alieksiéi Fiódorovitch, é preciso acabar...

E, pegando Aliócha pelo braço, conduziu-o para fora.

VII

E AO AR LIVRE

— O ar é puro, mas em meus aposentos não é verdadeiramente fresco, de modo algum. Caminhemos um pouco, senhor. Gostaria bem que se interessasse por mim.

— Eu mesmo tenho uma importante comunicação a fazer-lhe... — declarou Aliócha. — Somente não sei por onde começar.

— Como não adivinhar que o senhor precisa falar-me? Sem isto, jamais teria tido sua visita. Ou só teria vindo para queixar-se de meu

rapaz? Ora, é inverossímil. A propósito de meu filho, não pude contar-lhe tudo lá dentro, mas agora descrever-lhe-ei a cena. Veja o senhor, o "esfregão de tília" estava mais espesso há uma semana — é de minha barba que falo; deram-lhe este apelido, sobretudo os escolares. E eis que seu irmão me arrastou pela barba, fez violências por causa de uma bagatela; caí, arrastou-me pela praça, onde no momento os colegiais saíam e entre eles Iliúchka. Assim que ele me viu naquela posição, correu para mim: "*Bátiuchka*", gritava ele, "*bátiuchka!*" Agarra-se a mim, abraça-me, quer libertar-me, grita para meu agressor: "Largue-o, largue-o, é meu pai, perdoe-lhe!" Com seus bracinhos agarrou meu agressor e beijou-lhe a mão, aquela mesma mão... Lembro-me de sua carinha naquele momento, não a esquecerei jamais!...

— Juro-lhe — exclamou Aliócha — que meu irmão lhe exprimirá um arrependimento completo, da maneira mais sincera, até mesmo de joelhos naquela mesma praça... Obrigá-lo-ei a isso, senão deixará de ser meu irmão!

— Ah! ah! Acha-se ainda em estado de projeto! Isto vem não dele, mas da nobreza de seu coração generoso. Deveria o senhor tê-lo dito. Não, neste caso, permita-me que me refira ao espírito cavalheiresco e à nobreza de seu irmão, como oficial, porque os revelou então. Parou de puxar-me pela barba e largou-me: "És um oficial", disse ele, "e eu também; se puderes encontrar para testemunha um homem decente, envia-mo, que te darei satisfação, se bem que sejas um tratante!" Tais foram suas palavras. Um espírito verdadeiramente cavalheiresco! Afastamo-nos com Iliúchka, e aquela cena de família ficou gravada na sua memória para sempre. De que nos serve permanecer nobres? Aliás, julgue o senhor mesmo; estava ainda há pouco em meus aposentos e que viu? Três mulheres, das quais uma aleijada, fraca de espírito; a outra, aleijada e corcunda; a terceira, válida mas demasiado inteligente; é estudante, arde por voltar a Petersburgo, a fim de descobrir às margens do Nievá os direitos da mulher russa. Não falo de Iliúchka, só tem nove anos, está inteiramente só, porque, se eu morrer, que acontecerá ao meu lar, pergunto-lhe eu? Nestas condições, se eu o provocar a duelo e ele me matar, que acontecerá então? Que se tornarão eles todos? Será ainda pior se ele não me matar, mas me estropiar apenas. Ficarei incapaz de trabalhar, mas será preciso comer. Quem me nutrirá, então, bem como a eles todos? Ou então mandarei Iliúchka todos os dias pedir esmola, em lugar de ir à escola. Eis o que significa para mim uma provocação a duelo; é um absurdo e nada mais.

— Ele lhe pedirá perdão, lançar-se-á a seus pés bem no meio da praça — exclamou de novo Aliócha, de olhar aceso.

— Tinha pensado em citá-lo perante o juiz — continuou o capitão —, mas abra nosso Código. Posso esperar receber uma justa satisfação de meu ofensor? E eis que Agrafiena Alieksándrovna me manda chamar e me ameaça: "Nem penses nisso! Se o citares, arranjar-me-ei para fazer constar publicamente que ele te bateu por causa de tua maroteira e então será a ti que processarão". Ora, só Deus sabe quem é o autor dessa maroteira e sob as ordens de quem eu agi como comparsa. Não foi mesmo de acordo com as instruções dela e de Fiódor Pávlovitch? "Além do mais", acrescentou ela, "despedir-te-ei para sempre e não ganharás mais nada a meu serviço. Direi também ao meu comerciante (é assim que ela chama o seu velho), de modo que ele também te despedirá. " Ê digo a mim mesmo: "Se esse comerciante me despede também, como poderei ganhar minha vida? Porque não me restam senão esses dois, visto como seu pai, Fiódor Pávlovitch, não só retirou de mim sua confiança, por um outro motivo, mas ele próprio, munido de meus recibos, quer processar-me. Por estas razões, mantive-me quieto e o senhor viu o meu antro. E agora, diga-me, Iliúchka feriu-o muito, mordendo-o? Não podia entrar em detalhes na presença dele.

— Sim, bastante mal, ele estava muito irritado. Vingou em mim a ofensa que fizeram ao senhor, pelo fato de ser eu um Karamázov, compreendo-o agora. Mas se o senhor o tivesse visto bater-se a pedradas com seus colegas! É muito perigoso, podem matá-lo; os meninos são estúpidos, uma pedra pode facilmente rachar a cabeça.

— Sim, ele recebeu uma, mas não na cabeça, no peito, acima do coração; tem uma equimose, voltou para casa chorando, gemendo e lá está doente.

— E sabe que é ele o primeiro a atacar os outros? Tornou-se mau, por causa do senhor. Seus colegas contam que ele há pouco deu uma canivetada nas costelas do menino Krasótkin.

— Sei também disso, é perigoso. O pai era funcionário aqui e isto pode atrair complicações...

— Eu aconselharia — continuou Aliócha, com calor — que não o enviasse à escola durante algum tempo, até que ele se acalme... e que sua cólera passe...

— A cólera! — concordou o capitão. — É bem isto. Uma grande cólera numa pequena criatura. O senhor não sabe de tudo. Permita-me que lhe explique com detalhes. Depois do acontecido, os colegiais começaram a inferná-lo, chamando-o de "esfregão de tília". Essa idade é impiedosa; tomados separadamente são uns anjos, mas todos juntos são implacáveis, sobretudo na escola. Perseguiam-no e um nobre sentimento despertou-se em Iliuchka. Um menino comum, fraco como ele, ter-se-ia resignado; teria tido vergonha de seu pai; mas ele se ergueu contra todos, em favor de seu pai, da verdade e da justiça. Porque o que ele tem sofrido, desde que beijou a mão de seu irmão, gritando-lhe: "Perdoe a papai, perdoe a papai!", só Deus e eu sabemos. E assim nossos filhos, não os dos senhores, os nossos, os filhos dos mendigos desprezados, mas nobres, aprendem a conhecer a verdade, desde a idade de nove anos. Como os ricos a aprenderiam? Não penetram jamais nessas profundezas, ao passo que Iliuchka percorreu toda a verdade, naquele minuto na praça, beijando aquela mão. Aquela verdade penetrou nele; e magoou-o para sempre! — proferiu apaixonadamente o capitão, com o ar desvairado, batendo sua mão esquerda com o punho direito, como se quisesse mostrar materialmente a contusão feita em Iliuchka pela "verdade". — Naquele dia teve ele febre, delirou a noite inteira. Durante todo o dia, falou-me pouco, ficou mesmo silencioso; notei que ele me observava de seu canto, fingindo aprender suas lições, mas não eram as lições que o preocupavam. No dia seguinte, embriaguei-me de pesar; a gente é fraca e esqueci muitas coisas. A mamãe também se pôs a chorar — amo-a muito — então, de dor. Embriaguei-me com meus últimos níqueis. Não me despreze, senhor. Na Rússia, os piores ébrios são as pessoas melhores e reciprocamente. Estava deitado e não pensava em Iliuchka; mas, naquele mesmo dia, os garotos divertiram-se à custa dele, desde a manhã: "Psiu! 'esfregão de tília'!", gritavam-lhe. "Arrastaram teu pai pela sua barba em forma de esfregão para fora do cabaré; tu corrias ao lado dele pedindo misericórdia. " Era no dia seguinte; voltou da escola pálido e desfeito. "Que tens?", perguntei-lhe. Calou-se; era impossível conversar em casa, sua mãe e suas irmãs ter-se-iam metido imediatamente, as moças tinham ficado cientes do caso desde o primeiro dia. Varvara Nikoláievna já começava a resmungar! "Palhaço, bobo, será possível que nada saiba fazer que seja sensato?" "É verdade", digo eu, "Varvara Nikoláievna, poderemos fazer algo que seja sensato?" Saí-me assim desta vez. À noite saí a passear com o petiz. É preciso dizer-lhe que todas as noites, já antes, vínhamos passear por este mesmo caminho, até aquela enorme pedra isolada, lá embaixo perto da sebe, onde

começam os pastos comunais: um lugar deserto e encantador. Caminhávamos de mãos dadas, como de costume; uma mãozinha bem pequena, de dedos delgados, gelados, porque ele sofre do peito. "*Pápotchka*", diz ele, "*pápotchka!*" "Que há?", pergunto-lhe (via seus olhos cintilarem). "Como te tratou ele, papai!" "Que fazer, Iliuchka?" "Não faças as pazes com ele, *pápotchka,* de modo nenhum. Os alunos dizem que ele te deu 10 rublos por isso. " "Não, meu pequeno, por coisa alguma do mundo aceitaria dinheiro dele, agora. " (Ele se pôs a tremer, agarrou minha mão nas suas, beijou-a.) "*Pápotchka,* provoca-o a um duelo, na escola eles me infernam dizendo que és um covarde, que não te baterás, mas que aceitarás dele 10 rublos. " "Não posso provocá-lo a duelo, Iliuchka", respondo-lhe, e lhe expus brevemente o que acabo de dizer ao senhor a este respeito. Ele me escutou. "*Pápotchka*", diz ele, no entanto, "não faças as pazes com aquele homem; quando eu crescer, eu mesmo o provocarei e o matarei!" Seus olhos brilhavam com um clarão intenso. Apesar de tudo, era pai dele e tornava-se necessário dizer-lhe uma palavra de verdade: "É um pecado", expliquei eu, "matar seu próximo, mesmo em duelo. " "*Pápotchka,* eu o derrubarei, quando for grande, farei saltar seu sabre de suas mãos e me lançarei sobre ele, brandindo o meu, e lhe direi: poderia matar-te, mas perdôo-te!" Está vendo, senhor, está vendo que trabalho se operou na cabecinha dele, durante esses dois dias? Só fazia pensar na vingança com um sabre e deve ter falado disso no seu delírio. Quando voltou da escola, cruelmente batido, soube de tudo e, o senhor tem razão, não voltará mais lá. Fico sabendo que ele se levanta contra a classe inteira, que provoca a todos; está exasperado, seu coração arde de ódio e então tenho medo por ele. Voltamos a passear. "*Pápotchka*", pergunta ele, "os ricos são os mais fortes neste mundo?" "Sim, Iliúchka, não há ninguém mais poderoso que o rico. " "*Pápotchka*", diz ele, "ficarei rico, serei oficial e baterei todos os inimigos, o czar me recompensará, voltarei para junto de ti e então ninguém ousará... " Após um silêncio, continuou, com os lábios trêmulos como antes: "*Pápotchka,* que cidade de gente ruim essa nossa!" "Sim, Iliúchka, é uma cidade de gente ruim. " "*Pápotchka,* vamos morar em outra, onde não nos conheçam. " "Gostaria bem, Iliúchka, mudemo-nos; somente é preciso juntar dinheiro. " Rejubilo-me por poder assim distraí-lo de seus sombrios pensamentos; pusemo-nos a fazer projetos sobre a instalação numa outra cidade, a compra de um cavalo e de uma *tieliega.* "A mamãe e as manas montariam nela, nós as cobriríamos bem, nós mesmos caminharíamos ao lado, tu montarias de vez em quando, enquanto eu iria a pé, porque é preciso poupar o cavalo, todos não poderão ir ao mesmo

tempo, seria assim que viajaríamos. " Ficou encantado, sobretudo por ter um cavalo que o conduziria. Sabe-se que um menino russo não vê nada de mais belo que um cavalo. Nós tagarelamos muito tempo. "Deus seja louvado", pensei eu, "distraí-o e consolei-o". Foi anteontem de noite; no dia seguinte, voltou* da escola bastante sombrio. À noite, por ocasião do passeio, permaneceu silencioso. O vento elevou-se, o sol desapareceu, sentia-se o outono e já estava escuro; estávamos tristes. "Pois bem, meu rapaz, como vamos fazer nossos preparativos?" Pensava retomar a conversa da véspera. Nem uma palavra. Mas seus dedinhos tremiam na minha mão. "Isto vai mal", disse a mim mesmo, "há novidade. " Chegamos, como agora, até aquela pedra; sentei-me nela, haviam empinado papagaios que estalavam ao vento; havia bem uns trinta. É a estação agora. "Deveríamos nós também, Iliúchka, empinar o papagaio do ano passado. Consertá-lo-ei. Que fizeste dele?" Meu filho cala-se, olha para o lado, desviando a vista. De repente, o vento se põe a assobiar, levantando areia... Lança-se para mim, com seus dois braços enlaça-me o pescoço, abraça-me. Sabe que, quando os meninos são taciturnos e altivos, retêm muito tempo suas lágrimas, mas, quando elas brotam, por motivo dum grande pesar, não correm, mas jorram? Suas lágrimas ardentes inundaram-me o rosto. Ele soluçava, convulsivamente, apertava-me contra ele. "*Pápotchka*", gritou ele, "meu querido *pápotchka,* como ele te humilhou!" Então os soluços dominaram-me e nos abalavam, enlaçados sobre esta pedra. Ninguém nos via então, exceto Deus. Talvez me leve isso em conta. Agradeça a seu irmão, Alieksiéi Fiódorovitch. Não, não açoitarei meu filho para causar-lhe satisfação!

Terminou da mesma maneira esquisita e complicada de ainda há pouco. No entanto sentia Aliócha que aquele homem tinha confiança nele e não teria "conversado" assim com um outro, nem feito aquela confidencia. Isto encorajou Aliócha, que estava comovido até as lágrimas.

— Ah! como gostaria de fazer as pazes com seu rapaz! — exclamou ele. — Se o senhor se encarregasse disso...

— Decerto — murmurou o capitão.

— Mas agora não é disto que se trata, escute! — prosseguiu Aliócha. — Tenho uma incumbência para o senhor. Meu irmão Dimítri insultou também sua noiva, uma nobre senhorita da qual o senhor já deve ter ouvido falar. Tenho o direito de revelar-lhe esse insulto, devo mesmo fazê-lo, porque, tendo sabido da ofensa que o senhor sofreu e de sua

situação infeliz, ela me encarregou há pouco... de entregar-lhe este auxílio de sua parte... mas somente de sua parte, não em nome de Dimítri, que a abandonou, nem de mim, seu irmão, nem de ninguém, mas unicamente da parte dela! Suplica-lhe que aceite seu auxílio... Foram ambos ofendidos pelo mesmo homem... Ela só se lembrou do senhor quando sofreu de parte de Dimítri a mesma injúria que o senhor (igualmente gravíssima). É pois uma irmã que vem em auxílio de um irmão... Ela me encarregou precisamente de persuadi-lo a aceitar esses 200 rublos de sua parte, como de parte de uma irmã, que conhece as suas dificuldades. Ninguém ficará sabendo disto, não haverá a temer nenhuma comadrice malévola... Eis os 200 rublos e, juro-lhe, deve aceitá-los, senão.... senão, só haveria inimigos no mundo! Mas há também irmãos... O senhor tem alma nobre... Deve compreendê-lo!...

E Aliócha estendeu-lhe duas cédulas de 100 rublos novinhas. Ambos encontravam-se então justamente perto da grande pedra, na direção da paliçada; não havia ninguém nos arredores. Parece que as cédulas causaram profunda impressão no capitão; estremeceu, mas foi a princípio unicamente de surpresa; não pensava em nada de semelhante e não esperava absolutamente tal desenlace. Mesmo em sonho, jamais sonhara uma ajuda qualquer, e sobretudo tão importante. Pegou as cédulas e, durante quase um minuto, esteve incapaz de responder; uma expressão nova apareceu em seu rosto.

— É para mim tanto dinheiro, 200 rublos? Justo céu! Há quatro anos que não via tanto dinheiro, Senhor Deus! E ela diz que é uma irmã... É verdade, é verdade mesmo?

— Juro-lhe que tudo quanto disse é verdade! — exclamou Aliócha. O capitão corou.

— Escute, meu caro, escute; se aceitar, não serei um covarde? A seus olhos, Alieksiéi Fiódorovitch, não o serei? Não, Alieksiéi Fiódorovitch, escute, escute — repetia ele a cada instante, tocando em Aliócha —, o senhor me persuade a aceitar sob o pretexto de que é uma "irmã" que o envia, mas o senhor mesmo, no íntimo, não sentiria desprezo por mim, se eu aceitar, hein?

— Não, mil vezes não! Juro-o pela minha salvação! E ninguém jamais o saberá, exceto nós: o senhor, eu, ela e ainda uma dama, sua grande amiga...

— Que dama? Escute, Alieksiéi Fiódorovitch, escute, é agora indispensável porque o senhor não pode mesmo compreender o que representam para mim estes 200 rublos — prosseguiu o infeliz, dominado pouco a pouco por uma exaltação desordenada, selvagem. Estava desorientado, falava com grande pressa, como se receasse que não o deixassem dizer tudo. — Além do fato de provir este dinheiro duma fonte honesta, duma "irmã" tão respeitável, sabe que posso tratar agora da mãe e de Nínotchka, minha filha, minha angélica corcundinha? O Doutor Herzenstube foi à minha casa, por bondade de alma; examinou-as uma hora inteira: "Não compreendo nada", disse ele. No entanto, a água mineral que lhe prescreveu fez-lhe certamente bem, ordenou também que ela banhasse os pés com remédios. A água mineral custa 30 copeques, talvez seja preciso beber umas quarenta garrafas. Peguei a receita e coloquei-a na prateleira, abaixo dos ícones, e lá está. Para Ninotchka, prescreveu banhos quentes numa solução especial, todos os dias, de manhã e de noite; como poderíamos nós seguir semelhante tratamento, alojados como estamos, sem criada, sem ajuda, nem água, nem utensílios? Ora, Ninotchka está entrevada de reumatismo, esqueci-me de dizer-lhe; de noite, todo o lado lhe dói, sofre um martírio, acreditaria o senhor? Aquele anjo se enrijece para não nos inquietar, contém-se para não gemer, a fim de não nos despertar. Comemos o que se apresenta, o que se encontra; ora, ela toma o último bocado, bom para atirar ao cão. "Não mereço esse bocado, privo-os dele, sou uma carga para vocês. " Eis o que quer exprimir seu olhar celeste. Nós a servimos e isto lhe pesa. "Não o mereço; sou uma aleijada indigna de cuidados, boa para nada", como se não os merecesse, quando sua doçura angélica é uma bênção para todos. Sem sua palavra mansa, a casa seria um inferno. Ela enterneceu a própria Vária. Não condene tampouco Varvara Nikoláievna; é também um anjo, também ela é infeliz. Chegou a nossa casa de verão, com 16 rublos, ganhos em dar lições e destinados a pagar seu regresso a Petersburgo, no mês de setembro, isto é, agora. Ora, nós comemos seu dinheiro e ela não tem mais nenhum com que possa voltar, eis a verdade. Aliás, não poderia partir, porque trabalha para nós como um galé, fizemos dela uma besta de carga, ocupa-se com tudo; é ela quem remenda, lava, varre, deita a mãe; ora, a mãe é caprichosa, chorona, uma louca!... Agora, com estes 200 rublos, posso alugar uma criada, compreende o senhor, Alieksiéi Fiódorovitch, cuidar daquelas queridas criaturas; enviarei a estudante para Petersburgo, comprarei carne, estabelecerei novo regime. Senhor, mas é um sonho!

Aliócha estava encantado por ter trazido tanta felicidade e ver que o pobre-diabo queria mesmo ser feliz.

— Espere, Alieksiéi Fiódorovitch, espere — e o capitão, agarrando-se a um novo sonho que se oferecia, recomeçou a taramelar com a mesma velocidade. — Sabe que com Iliúchka realizaremos, talvez, agora nosso sonho? Compraremos um cavalo e uma carriola, um cavalo preto, ele o pediu expressamente, e partiremos como o marcamos anteontem. Conheço um advogado na província de K***, um amigo de infância. Deu-me a saber, por intermédio de um homem seguro, que se eu aparecesse lá dar-me-ia ele, por exemplo, um lugar de secretário em seu escritório; quem sabe? Talvez dê mesmo... Então, a mãe e Ninotchka subiriam na carriola, Iliúchka conduziria, eu iria a pé, toda a família seria transportada... Senhor Deus, se pudesse eu somente recuperar uma quantia que me devem, aqui, seria o bastante mesmo para essa viagem!

— Seria o bastante, seria o bastante! — exclamou Aliócha. — Catarina Ivânovna lhe mandará mais, tanto quanto o senhor queira e, sabe?, tenho também dinheiro, aceite o que precisar, como de um irmão, como de um amigo, depois o senhor mo restituirá... (Ó senhor ficará rico!) Saiba que não poderia imaginar nunca nada de melhor do que essa mudança! Seria a salvação, sobretudo para seu rapaz; deveria partir mais depressa, antes do inverno, antes dos frios; o senhor nos escreveria de lá, ficaríamos irmãos... Não, não é um sonho!

Aliócha gostaria de abraçá-lo, tão contente estava. Mas, depois de fitá-lo, parou bruscamente: o capitão, de pescoço e lábios tensos, com um rosto lívido e exaltado, remexia os lábios como se quisesse dizer alguma coisa; nenhum som saía e seus lábios mexiam-se. Era estranho.

— Que tem? — indagou Aliócha, num estremecimento súbito.

— Alieksiéi Fiódorovitch... Eu... lhe... — murmurou o capitão, aos repelões, fixando-o com um ar estranho e selvagem, o ar de um homem que se vai lançar no vácuo, ao mesmo tempo que seus lábios sorriam. — Eu... lhe... Quer que lhe mostre um jogo de mãos? — cochichou ele, de súbito, rapidamente, num tom firme, sem parar.

— Que jogo?

— Um jogo, o senhor vai ver — repetiu o capitão, com a boca crispada; o olho esquerdo piscava, seu olhar não largava Aliócha, como pregado nele.

— Que tem o senhor então? De que jogo fala? — exclamou Aliócha, bastante espantado.

— Ei-lo! Olhe! — vociferou o capitão.

E, mostrando-lhe as duas cédulas que durante a conversa mantinha entre o polegar e o índice, agarrou-as com raiva, e amarrotou-as em seu punho fechado.

— O senhor viu, o senhor viu? — gritou ele, lívido, frenético; ergueu o punho e, com toda a sua força, atirou as duas cédulas amarrotadas sobre a areia. — Viu? — vociferou de novo, mostrando-as com o dedo. — Pois bem! Veja!

Com um encarniçamento selvagem, pôs-se a pisá-las com o calcanhar. Ofegava e lançava exclamações a cada golpe.

— Eis o que faço de seu dinheiro, eis o que faço dele!

De súbito, saltou para trás, ergueu-se diante de Aliócha. Toda a sua pessoa transpirava um orgulho indizível.

— Vá dizer aos que o enviaram que o "esfregão de tília" não vende sua honra! — exclamou ele, com o braço estendido. Depois girou rapidamente nos calcanhares e se pôs a correr. Não havia dado cinco passos, quando se voltou para Aliócha, fazendo-lhe com a mão um gesto de adeus. Ao fim de outros cinco passos, voltou-se de novo; desta vez seu rosto não estava mais crispado pelo riso, mas estremecia todo sacudido pelo pranto. Gaguejou num tom lacrimoso, entrecortado:

— Que teria eu dito a meu rapaz, se tivesse aceitado o preço de nossa vergonha?

Depois disso, retomou sua carreira, desta vez sem se voltar. Aliócha acompanhou-o com os olhos, numa indizível tristeza. Compreendia que até o derradeiro momento o desgraçado não sabia que amarrotaria e atiraria fora as cédulas. Não se voltou mais uma vez sequer em sua carreira; Aliócha estava certo disso de antemão. Não quis persegui-lo, e chamá-lo, sabia por quê. Quando o capitão se perdeu de vista, Aliócha apanhou as duas cédulas. Estavam muito amarrotadas, enrugadas, afundadas na areia, mas intatas, e estalaram mesmo como novas, quando Aliócha as desdobrou e desenrugou. Depois de havê-las dobrado, meteu-as no bolso e foi dar conta a Catarina Ivânovna do resultado de sua missão.

LIVRO V

PRÓ E CONTRA

I

NOIVADO

Foi a Senhora Khokhlakova quem recebeu de novo Aliócha, toda azafamada; a crise de Catarina Ivânovna terminara com um desmaio, seguido "dum profundo abatimento. Agora ela delirava, presa da febre. Tinham mandado chamar Herzenstube e as tias. Estas já estavam lá. Esperava ansiosamente, enquanto jazia ela sem sentidos. Ah! se fosse uma febre nervosa!"

Assim dizendo, tinha a boa senhora o ar sério e inquieto. "É sério, desta vez, é sério", acrescentava ela a cada palavra, como se tudo quanto lhe acontecera até então não contasse. Aliócha escutava-a com pesar. Quis contar-lhe sua aventura, ela, porém, interrompeu-o às primeiras palavras; não tinha tempo, rogou-lhe que fizesse companhia a Lisa, enquanto a esperasse.

— Lisa, meu caro Alieksiéi Fiódorovitch — cochichou-lhe quase ao ouvido —, Lisa espantou-me ainda há pouco, mas também enterneceu-me, por isso meu coração tudo lhe perdoa. Imagine que logo depois de sua saída revelou sincero pesar por ter zombado de você ontem e hoje. Mas não eram zombarias, ela brincava simplesmente. Quase chorava, o que me surpreendeu. Jamais antes se arrependia seriamente de suas zombarias a meu respeito, eram meras brincadeiras. Acontece-lhe a cada instante rir de mim. Mas agora, é sério, faz grande caso de sua opinião, Alieksiéi Fiódorovitch; se for possível, poupe-a, não lhe guarde rancor. Eu mesma só faço poupá-la, porque ela é tão inteligente, acredita-o? Dizia ela ainda há pouco que você era seu amigo de infância, "o mais sério", imagine essa amizade séria; e eu, então? A este respeito tem sentimentos bastante sérios e até mesmo recordações, sobretudo essas frases, essas pequenas palavras, que brotam quando menos se espera. Recentemente, a propósito de um pinheiro, por exemplo. Havia um pinheiro em nosso jardim, quando ela era bem pequena, talvez exista ainda e não tenho razão de falar no passado. Os pinheiros não são como as pessoas, ficam muito tempo sem

mudar, Alieksiéi Fiódorovitch. "Mamãe", disse ela, "lembro-me daquele pinheiro como em sonho. "[18] Deve ter-se exprimido doutra forma; há aqui uma confusão; pinheiro é uma palavra tão boba... Em todo o caso, disse-me a esse respeito algo de original, que não atino repetir. Aliás, esqueci tudo. Pois bem, até logo, estou toda emocionada, é de perder a cabeça. Alieksiéi Fiódorovitch, estive louca duas vezes e curaram-me. Vá ver Lisa. Reconforte-a como você sabe tão bem fazer. Lisa — gritou ela, aproximando-se da porta —, trago-te tua vítima, Alieksiéi Fiódorovitch, que não está absolutamente zangado, asseguro-te; pelo contrário, admira-se de que hajas podido acreditar em tal.

— *Merci, maman.* Entre, Alieksiéi Fiódorovitch.

Aliócha entrou. Lisa olhou-o com um olhar confuso e corou até as orelhas. Parecia envergonhada e, como se faz em semelhantes casos, pôs-se a falar com rapidez a respeito de coisa bem diversa, fingindo interessar-se por isso exclusivamente.

— Mamãe acaba de contar-me, Alieksiéi Fiódorovitch, a história daqueles 200 rublos e de sua missão... junto àquele pobre oficial... descreveu-me aquela cena atroz, como o insultaram e, sabe, muito embora mamãe conte muito mal... duma maneira desconchavada... derramei lágrimas ao ouvir aquilo. Pois bem! entregou-lhe você o tal dinheiro e como aquele desgraçado...

— Justamente não lho entreguei. É uma história muito longa — respondeu Aliócha, parecendo, por seu lado, sobretudo preocupado com aquele caso; no entanto, notava Lisa que também ele desviava a vista e tinha visivelmente o espírito em outra parte. Aliócha sentou-se e começou sua narrativa; desde as primeiras palavras, seu constrangimento desapareceu por completo e cativou por sua vez Lisa. Falava sob a influência da emoção e da viva impressão que sentira ainda há pouco, duma maneira interessante e pormenorizada. Já em Moscou, quando Lisa era ainda menina, gostava ele de visitá-la, quer para contar uma aventura recente, uma leitura que o impressionara, quer para lembrar um episódio de sua infância. Por vezes devaneavam juntos e compunham os dois verdadeiras novelas, na maior parte das vezes alegres e cômicas. Agora reviviam essas recordações, velhas de dois anos. Lisa ficou vivamente

---

[18] *Trocadilho com a palavra* sosna, *pinheiro, e a expressão* sosna, *em sonho, na frase* sosna kak sosna.

emocionada pela narrativa dele. Aliócha pintou-lhe com calor Iliúchka. Depois que descreveu com detalhes a cena em que o infeliz havia pisoteado o dinheiro, Lisa juntou as mãos e não pôde impedir-se de exclamar:

— Então você não lhe deu o dinheiro, deixou-o partir? Deveria ter-lhe corrido atrás, procurado alcançá-lo...

— Não, Lisa, é melhor assim — disse Aliócha, que se levantou e se pôs a andar, com ar preocupado.

— Como melhor, melhor em quê? Agora, eles vão morrer de fome!

— Não morrerão, porque esses 200 rublos lhes chegarão às mãos. De qualquer maneira, ele amanhã os aceitará. Estou certo disto — declarou Aliócha, andando, perplexo. — Veja você, Lisa — prosseguiu ele, parando bruscamente diante dela —, cometi um erro, mas teve ele um feliz resultado.

— Que erro e por que um feliz resultado?

— Eis por quê. Aquele homem é poltrão e de caráter fraco. Está muito ressentido, mas é um homem bom. Não cesso de perguntar a mim mesmo por que se ofendeu ele subitamente e pisou com os pés o dinheiro, porque, asseguro-lhe, até o derradeiro momento não sabia ele que iria pisoteá-lo. E creio que se ofendeu por diversas razões... não podia ser de outro modo na sua situação... Em primeiro lugar, rejubilou-se por demais diante de mim à vista do dinheiro e não soube ocultar isso. Se tivesse mostrado uma alegria moderada e feito cerimônia, como outros em casos semelhantes fazem caretas, teria podido resignar-se a aceitar, mas sua alegria foi demasiado sincera e isto lhe causou vexame. Lisa, ele é um homem sincero e bom, eis o pior em tais situações! Falava todo o tempo com uma voz fraca, debilitada, e tão depressa, tão depressa, que se teria dito que ria ou mesmo chorava... chorou mesmo de alegria... falou de suas filhas, do lugar que lhe dariam em outra cidade, e depois de ter-se expandido teve vergonha de súbito de haver-me mostrado sua alma. Imediatamente detestou-me. É desses pobres envergonhados, extremamente orgulhosos. Ofendeu-se sobretudo por me ter tomado demasiado depressa por seu amigo e cedido tão rapidamente; depois de ter-se lançado contra mim para intimidar-me, abraçou-me e me acariciou à vista das cédulas. Naquela posição deve ter ressentido toda a sua humilhação e foi então que eu cometi um erro grave. Declarei-lhe que, se

não tivesse ele bastante dinheiro para mudar-se para outra cidade, dar-lhe-iam mais, eu mesmo lho daria, com meus próprios recursos. Eis o que o magoou: por que vinha também eu em seu socorro? Sabe você, Lisa, é extremamente penoso para um desgraçado ver que todos se consideram como benfeitores seus... ouvi-o dizer, o *stáriets* me falou disso! Não sei como exprimi-lo, mas tenho-o notado eu mesmo. E experimento o mesmo sentimento. Mas, sobretudo, se bem que ignorasse ele até o derradeiro momento que pisotearia as cédulas, pressentia-o, é fatal. Eis por que experimentava tal alegria... E eis como, por mais desagradável que isto seja, tudo vai muito bem. Sou mesmo de opinião que nada poderia ocorrer de melhor.

— Como é isso possível? — exclamou Lisa, olhando Aliócha com estupefação.

— Lisa, se em lugar de pisotear esse dinheiro tivesse-o ele aceitado, ao chegar em casa, uma hora depois, teria chorado de humilhação, é mais do que certo. No dia seguinte, viria lançar-mo à cara, tê-lo-ia pisado com os pés, talvez, como ainda há pouco. Agora partiu todo orgulhoso e em triunfo, muito embora saiba que "se perde". Portanto, nada é mais fácil, agora, do que obrigá-lo a aceitar esses 200 rublos, não mais tarde do que amanha, porque mostrou que era honrado, atirou fora e pisou o dinheiro. No entanto, tem necessidade urgente dessa soma. Por mais orgulhoso que ainda esteja neste momento, vai pensar no socorro de que se privou. Pensará nele ainda mais nesta noite, pensará amanhã de manhã talvez, estará pronto a correr à minha casa e desculpar-se. Será então que me apresentarei: "O senhor é orgulhoso, demonstrou-o. Pois bem, aceite agora, perdoe-nos". Então ele aceitará.

Foi com uma espécie de embriaguez que Aliócha pronunciou estas palavras: "Então ele aceitará!" Lisa bateu palmas.

— Ah! é verdade, compreendi tudo de repente! Aliócha, como sabe você tudo isso? Tão jovem e já conhecedor do coração humano... Não o teria jamais acreditado...

— É preciso sobretudo persuadi-lo agora de que se acha em pé de igualdade com todos nós, embora aceite o dinheiro — prosseguiu Aliócha, exaltado —, e não somente de igualdade, mas mesmo de superioridade...

— "Em pé de superioridade!" É encantador, Aliócha, mas fale, fale!

— Quer dizer que não me exprimi como era devido... no caso de pé...

mas isto não importa... porque...

— Mas isto não importa, decerto, absolutamente! Perdoe-me, querido Aliócha... Até agora, quase não tinha respeito por você... isto é, tinha, mas decerto num pé de igualdade, doravante será num pé de superioridade... Meu querido, não se zangue se procuro fazer espírito — encareceu com vivo sentimento. — Sou uma pequena zombeteira, mas você, você!... Diga-me, Alieksiéi Fiódorovitch, não há em toda a nossa discussão... desdém por esse infeliz... pelo fato de dissecarmos sua alma com certa altivez, dando como certo desde agora que aceitará o dinheiro?

— Não, Lisa, não há desdém — respondeu com firmeza Aliócha, como se previsse essa pergunta —, já pensei nisso ao vir para cá. Julgue você mesma: que desdém pode haver, quando somos todos iguais a ele, quando todos o são? Porque não valemos mais. Fôssemos nós melhores, seríamos semelhantes no lugar dele. Ignoro o que seja você, Lisa, mas acho que tenho a alma mesquinha para muitas coisas. A alma dele não é mesquinha, mas bastante delicada... Não, Lisa, não há nenhum desdém para com ele! Sabe, Lisa, meu *stariets* disse uma vez: "É preciso muitas vezes tratar as pessoas como a crianças e algumas como a doentes".

— Caro Alieksiéi Fiódorovitch, quer que tratemos as pessoas como a doentes?

— Decerto, Lisa, estou disposto a isso, mas não completamente, por vezes mostro-me por demais impaciente ou então não reparo em nada. Você, você não é assim.

— Ah! não o creio! Alieksiéi Fiódorovitch, quanto sou feliz!

— Como é bom que você diga isso, Lisa!

— Alieksiéi Fiódorovitch, você é de uma bondade supreendente, mas por vezes tem o ar pedante... no entanto, vê-se que você não o é. Vá sem fazer rumor abrir a porta e veja se mamãe não nos escuta — cochichou rapidamente Lisa.

Aliócha fez o que ela pedia e declarou que ninguém estava à escuta.

— Venha cá, Alieksiéi Fiódorovitch — prosseguiu Lisa, corando cada vez mais. — Dê-me sua mão; assim. Escute, tenho uma grande confissão a fazer-lhe: escrevi-lhe ontem, não por brincadeira, mas seriamente...

E cobriu os olhos com a mão. Via-se que esta confissão lhe custava muito. De repente, agarrou a mão de Aliócha e beijou-a três vezes,

impetuosamente.

— Ah! Lisa, é admirável! — exclamou Aliócha, todo contente. — Eu sabia que era sério...

— Vejam só que segurança! — Repeliu-lhe a mão sem contudo a largar, corou e riu-se, levemente, cheia de felicidade. — Beijo-lhe a mão e ele acha isto admirável.

Censura injusta, aliás; Aliócha estava também bastante perturbado.

— Gostaria de agradar-lhe sempre, Lisa, mas não sei como fazer — murmurou ele, corando por sua vez.

— Aliócha, meu querido, você é frio e presunçoso. Vejam só isso! Não se dedignou de escolher-me por esposa e ei-lo tranqüilo! Estava certo de que lhe tinha escrito seriamente. Mas isto é pura presunção!

— Estava eu errado acreditando estar certo? — E Aliócha pôs-se a rir.

— Pelo contrário, Aliócha, estava muito bem.

Lisa olhou-o ternamente e cheia de felicidade. Aliócha havia mantido a mão dela na sua. De repente, inclinou-se e beijou-a na boca.

— Que é isso? Que tem você? — exclamou Lisa. Aliócha ficou todo desconcertado.

— Perdoe-me, se fiz mal... Talvez tenha cometido uma tolice... Você me achava frio e então eu a beijei... Mas vejo que foi uma tolice...

Lisa desatou a rir e ocultou o rosto nas mãos.

— E com esse traje! — deixou ela escapar, rindo; mas de súbito parou, ficou séria, quase severa.

— Não, Aliócha, para mais tarde os beijos, porque nós dois não entendemos disso ainda e é preciso esperar ainda muito tempo — concluiu ela. — Diga-me antes por que escolhe para esposa uma tola e uma doente como eu, você, tão inteligente, tão refletido, tão penetrante? Aliócha, sinto-me muito feliz, porque sou indigna de você.

— Mas não, Lisa! Em breve deixarei o mosteiro completamente. Ao voltar para o mundo, terei de casar-me, eu o sei. "Ele" mo ordenou. Quem acharia eu melhor que você... e quem haveria de querer-me, senão você? Já refleti nisso. Em primeiro lugar, você me conhece desde a infância; em segundo lugar, tem você muitas qualidades que me faltam totalmente. É

mais alegre do que eu; sobretudo, mais ingênua, porque eu já aflorei muitas coisas... Ah! não sabe você que sou um Karamázov? Que importa que você ria e pilherie, e mesmo à minha custa? Fico tão contente com isso... Mas você ri como uma menina e se atormenta com seus pensamentos.

— Como, me atormento? Como isso?

— Sim, Lisa, sua pergunta, ainda há pouco: "não há desdém por esse infeliz, pelo fato de dissecarmos assim sua alma?", é uma pergunta dolorosa... vê você? Não sei explicar-me, mas os que fazem tais perguntas são capazes de sofrer. Na sua cadeira, deve você meditar muito...

— Aliócha, dê-me sua mão. Por que a retira? — murmurou Lisa, numa voz enfraquecida pela felicidade. — Escute, como se trajará você, quando sair do mosteiro? Não ria e trate de não se zangar, é muito importante para mim.

— Quanto ao traje, Lisa, ainda não pensei nele, mas escolherei aquele que lhe agradar.

— Gostaria de vê-lo usar um casaco de veludo azul-escuro, um colete de pique branco e um chapéu de feltro cinzento... Diga-me, acreditou você ainda há pouco que eu não o amava, quando me desdisse de minha carta de ontem?

— Não, não o acreditei.

— Oh! o insuportável, o incorrigível!

— Vê você? Sabia que você... me amava, mas fingi crer que você não me amava mais, para ser-lhe... agradável...

— É pior ainda! Tanto pior e tanto melhor. Aliócha, eu o adoro. Antes de sua chegada, tinha dito a mim mesma: "Vou pedir-lhe a carta de ontem e se ele ma restituir sem dificuldade (como se pode esperar de sua parte), isto significa que ele não me ama absolutamente mais, que não sente nada, que não passa de um garoto tolo e que estou perdida". Mas você deixou a carta na cela e isto me restituiu a coragem; não teria sido pelo fato de pressentir você que eu tornaria a pedir-lha e a fim de não ma restituir? Não é verdade?

— Não é isto de todo, Lisa, porque tenho a carta comigo, como a tinha ainda há pouco; está neste bolso, ei-la.

Aliócha tirou a carta rindo e mostrou-lha de longe.

— Somente, não lha darei. Contente-se com olhá-la.

— Como, você mentiu? Você, um monge, mentindo?

— É verdade que menti, mas foi para não lhe devolver a carta. É preciosa para mim — acrescentou, com fervor, corando de novo — e não a darei a ninguém.

Lisa examinava-o, encantada.

— Aliócha — cochichou ela —, vá ver se mamãe não nos está escutando.

— Bem, Lisa, olharei, mas não seria melhor não fazê-lo? Por que suspeitar de que sua mamãe pratique essa baixeza?

— Como? Que baixeza? Mas vigiar sua filha é seu direito, não há baixeza. Esteja certo, Alieksiéi Fiódorovitch, de que, quando eu for mãe' e tiver uma filha, igual a mim, vigiá-la-ei da mesma maneira.

— Deveras, Lisa? Mas isso não está bem.

— Meu Deus! Que baixeza há nisso? Se ela escutasse uma conversa mundana, seria vil, mas trata-se de sua filha a sós com um rapaz... Saiba, Aliócha, que vou vigiá-lo desde que nos casarmos, abrirei todas as suas cartas para lê-las... Já está prevenido...

— Decerto, se faz questão disso... — murmurou Aliócha. — Mas não será louvável...

— Que desdém! Aliócha, meu bem, não briguemos desde o começo. Prefiro falar-lhe francamente: é censurável, decerto, escutar às portas, estou errada e você está certo, mas isto não me impedirá de escutar.

— Pois escute. Você nunca me haverá de apanhar em falta — disse, rindo, Aliócha.

— Outra coisa: obedecer-me-á você em tudo? É preciso decidir isto também desde já.

— De muito boa vontade, Lisa, salvo nas coisas essenciais. Nestes casos, mesmo se você não estiver de acordo comigo, só me submeterei à minha consciência.

— Isto é o que deve ser. Saiba que não somente estou pronta a

obedecer-lhe nos casos graves, mas cederei a você em tudo, juro-lhe desde agora, em tudo e por toda a minha vida — gritou Lisa apaixonadamente —, e isto com felicidade, com alegria! Além do mais, juro-lhe jamais escutar às portas e ler suas cartas, porque você tem razão. Por mais forte que seja minha curiosidade, resistirei a isso, pois que você acha isso vil. Você é agora a minha Providência... Diga-me, Alieksiéi Fiódorovitch, por que está você tão triste nestes últimos dias? Sei que tem aborrecimentos, pesares, mas noto ainda em você uma tristeza oculta, talvez.

— Sim, Lisa, tenho uma tristeza oculta. Vejo que você me ama, uma vez que adivinhou isso.

— Que tristeza? A propósito de quê? Pode-se saber? — perguntou timidamente Lisa.

— Mais tarde, Lisa, lho direi... — Aliócha perturbou-se. — Agora você não compreenderia. E eu mesmo não saberia explicar-lhe.

— Sei também que você se atormenta por causa de seus irmãos e de seu pai.

— Sim, de meus irmãos — proferiu Aliócha, pensativo.

— Não gosto de seu irmão Ivã Fiódorovitch, Aliócha.

Esta observação surpreendeu Aliócha, mas não a rebateu.

— Meus irmãos se perdem — prosseguiu ele — e meu pai igualmente. Arrastam outros consigo. É a "força da terra" própria dos Karamazovi, segundo a expressão do Padre Paísi, uma força violenta e brutal... Ignoro mesmo se o espírito de Deus domina essa força. Sei somente que eu mesmo sou um Karamázov... Sou um monge, um monge... Dizia você ainda há pouco que sou um monge?

— Sim, disse-o.

— Ora, talvez não creia em Deus.

— Não crê? Que está dizendo? — murmurou Lisa, com reserva. Mas Aliócha não respondeu. Havia naquelas palavras bruscas algo de misterioso, de demasiado subjetivo talvez, que ele próprio não explicava a si mesmo e que o atormentava.

— Além do mais, meu amigo se vai; o mais eminente dos homens vai deixar a terra. Se você soubesse, Lisa, os laços morais que me ligam

àquele homem! Vou ficar só... Voltarei a vê-la, Lisa... Doravante, estaremos sempre juntos.

— Sim, juntos, juntos! Desde agora e por toda a vida. Beije-me, permito-lhe.

Aliócha beijou-a.

— Agora, vá embora! Que o Cristo esteja com você! (Fez sobre ele o sinal-da-cruz.) Vá vê-lo enquanto ainda é tempo. Tenho sido cruel, retendo-o. Hoje rezarei por ele e por você. Aliócha, seremos felizes, não é verdade?

— Creio que sim, Lisa.

Aliócha não tinha intenção de procurar a Senhora Khokhlakova ao sair do quarto de Lisa, mas encontrou-a na escada. Desde as primeiras palavras adivinhou que ela o esperava.

— É horrível, Alieksiéi Fiódorovitch. É uma infantilidade e uma tolice. Espero que você não vá imaginar... Tolices, tolices! — exclamou ela, zangada.

— Mas não lhe diga; isto a agitaria e lhe faria mal.

— Eis a palavra sábia dum jovem prudente. Devo entender que você estava consentindo unicamente por piedade pelo seu estado doentio, com medo de irritá-la, contradizendo-a?

— Absolutamente; falei-lhe com toda a seriedade — declarou Aliócha com firmeza.

— Deveras? É impossível. Em primeiro lugar, nossa casa ser-lhe-á fechada, em seguida partirei e levá-la-ei comigo, fique sabendo!

— Mas por quê? — disse Aliócha. — Ainda está longe, dezoito meses talvez a esperar.

— É verdade, Alieksiéi Fiódorovitch, e em dezoito meses poderão vocês brigar e separar-se. Mas sou tão infeliz! São tolices, de acordo, mas isto me consternou. Sou como Famússov na derradeira cena, o senhor é Tchátski, ela é Sofia. Corri aqui para encontrá-lo. Na comédia também as peripécias se passam na escada. Ouvi tudo, mal me podia conter. Eis pois a explicação para essa noite em claro e as recentes crises nervosas! O amor para a filha, a morte para a mãe! Agora, um segundo ponto, essencial: que carta é essa que Lisa lhe escreveu? Mostre-ma imediatamente!

— Não, para quê? Dê-me notícias de Catarina Ivânovna, isto me interessa bastante.

— Continua a delirar e não recuperou os sentidos; suas tias estão aqui a se lamentar, com seus ares imponentes. Herzenstube veio, ficou de tal modo espantado que eu não sabia o que fazer, queria mesmo mandar chamar outro médico. Levaram-no no meu carro. E, para dar cabo de mim, ei-lo com essa carta! É verdade que dezoito meses nos separam de tudo isso. Em nome do que há de mais sagrado, em nome de seu *stáriets* moribundo, mostre-me essa carta, a mim, mãe dela. Segure-a, se quiser, eu a lerei à distância.

— Não, não lhe mostrarei, Catarina Óssipovna, mesmo que ela o permitisse. Voltarei amanhã, conversaremos, se quiser; agora, adeus.

E Aliócha saiu precipitadamente.

II

SMIERDIÁKOV E SUA GUITARRA

Não tinha, aliás, tempo. Ao despedir-se de Lisa, viera-lhe uma idéia; como fazer para encontrar imediatamente seu irmão Dimítri, que parecia evitá-lo? Já eram 3 horas da tarde: Aliócha experimentava vivo desejo de voltar ao mosteiro, para ir ter com o ilustre moribundo, mas a necessidade de ver Dimítri venceu-o; o pressentimento de uma catástrofe iminente crescia em seu espírito. De que natureza era ela, que teria ele querido dizer agora a seu irmão, ele mesmo não tinha idéia nítida. "Que meu benfeitor morra sem mim! Pelo menos, não me censurarei toda a minha vida por não ter salvo alguém, quando talvez podia fazê-lo, ter passado além na. pressa de regressar a casa. Aliás, obedeço assim à vontade dele..."

Seu plano consistia em surpreender Dimítri de improviso. Eis como: escalando a cerca, como na véspera, penetraria no jardim e se instalaria no pavilhão. "Se ele não estiver lá, sem nada dizer a Fomá nem às proprietárias, ficarei oculto, a esperar até a noite. Se Dimítri está ainda tocaiando ali a vinda de Grúchenhka, virá provavelmente ao pavilhão... " Aliás, Aliócha não se deteve em detalhes do plano, mas resolveu executá-lo, embora devesse não voltar ao mosteiro naquele dia.

Tudo se passou sem obstáculo; transpôs a cerca quase no mesmo

lugar que na véspera e dirigiu-se secretamente para o pavilhão. Não desejava ser notado; as proprietárias, bem como Fomá (se estivesse lá), poderiam ficar do lado de seu irmão e conformar-se com suas instruções, portanto não deixar Aliócha entrar no jardim ou advertir Dimítri, a tempo, de sua presença. Sentou-se no mesmo lugar e se pôs à espera; o dia era tão belo como o anterior, mas o pavilhão pareceu-lhe mais arruinado do que na véspera. O pequeno copo de conhaque deixara um círculo sobre a mesa verde. Idéias ociosas vinham-lhe ao espírito, como acontece sempre por ocasião de uma espera aborrecida: por que se sentara ele precisamente no mesmo lugar e não em outro? A tristeza invadia-o, proveniente duma vaga inquietação. Esperava havia um quarto de hora apenas, quando ressoaram perto os acordes de uma guitarra. Provinha das moitas, a uns vinte passos, quando muito. Aliócha lembrou-se de ter entrevisto na véspera, perto do tapume, à esquerda, um velho banco rústico e verde, entre os arbustos. Era dali que partiam os sons. Uma voz masculina cantava em falsete, acompanhando-se da guitarra: *Uma força pertinaz À amada preso me traz, Senhor, tende piedade, Dela e de mim! Dela e de mim!*

A voz parou: voz de tenorino com floreios de lacaio. Uma voz de mulher, cariciosa e tímida, proferiu, afetadamente:

— Por que se vê você tão raramente, Páviel Fiódorovitch, por que se esquece de nós?

— Nada disso — respondeu a voz de homem, com uma dignidade firme, se bem que cortês. Via-se que era o homem quem dominava, que a mulher o cortejava. "Deve ser Smierdiákov", pensou Aliócha, "a julgar pela voz pelo menos. A mulher é decerto a filha da dona da casa, a que voltou de Moscou e vai de vestido de cauda tomar sopa em casa de Marfa Ignátievna... "

— Adoro os versos, quando são harmoniosos — prosseguiu a voz feminina. — Continue.

A voz voltou a cantar:

Pouco me importa a coroa, Se minha amada está boa, Senhor, tende piedade, Dela e de mim! Dela e de mim!

— Da outra vez, era bem melhor — observou a mulher. — Você cantava, a propósito da coroa: "Se meu benzinho está bem". Era mais terno.

— Versos são frioleiras! — cortou Smierdiákov.

— Oh! não, adoro os versos.

— Os versos! Não há nada de mais tolo. Julgue você mesma; será que a gente fala rimando? Se falássemos todos rimando, mesmo por ordem das autoridades, seria isso por muito tempo? Os versos não são coisa séria, Maria Kondrátievna.

— Como você é inteligente! Onde aprendeu tudo isso? — continuou a voz, cada vez mais caridosa.

— Saberia muito mais, se a sorte não me tivesse sido sempre contrária. Teria matado em duelo aquele que me chamasse de vilão, porque não tenho pai e nasci duma fedorenta. Eis o que me lançaram em rosto, em Moscou, onde souberam disto por Gregório Vassflievitch. Ele me censura por me revoltar eu contra meu nascimento: "Tu lhe rompeste as entranhas". Pois seja, mas teria preferido que me matassem no ventre de minha mãe, a ter nascido. Dizia-se no mercado — e sua mãe me contou isso com sua falta de delicadeza — que a cabeça de minha mãe era ninho de galinha e que tinha de altura apenas 2 *archini* e pico. Por que dizer "e pico", quando podiam ter dito, como toda gente costuma dizer, simplesmente: "e um pouco mais"? É essa uma maneira boba de falar, muito própria de gente rústica. Pode o mujique falar direito diante de um homem culto? Por efeito de sua incultura, não possui senso nenhum do bem falar. Eu, desde menino, sempre que ouvia esse "e pico", tinha vontade de dar cabeçadas na parede. Detesto tudo quanto é russo, Maria Kondrátievna.

— Se você fosse um cadete ou um jovem hussardo, não falaria assim, mas tiraria seu sabre em defesa da Rússia.

— Não somente não desejaria ser hussardo, Maria Kondrátievna, mas desejo, pelo contrário, a supressão de todos os soldados.

— E se o inimigo vier, quem nos defenderá?

— De que servirá? Em 1812, viu a Rússia a grande invasão do imperador dos franceses, Napoleão I, pai do atual, [19] e bom teria sido se os franceses nos tivessem conquistado; uma nação inteligente teria subjugado um povo estúpido, anexando-o. Tudo teria marchado de outra maneira.

---

[19] *Dostoiévski faz Smierdiákov cometer um erro histórico, para ressaltar sua ignorância e pedantismo.*

— Quer dizer com isso que eles valem mais do que nós? Pois eu não trocaria um de nossos elegantes por três ingleses jovens — declarou com voz terna Maria Kondrátievna, acompanhando (provavelmente) suas palavras com o olhar mais langoroso.

— Isto depende dos gostos.

— Você parece um estrangeiro entre nós, o mais nobre estrangeiro, digo-o sem nenhuma vergonha.

— Para falar a verdade, no que diz respeito à corrupção, as pessoas de lá e as de cá se assemelham. Todos uns velhacos, com esta diferença: o estrangeiro anda de botas envernizadas, ao passo que o nosso tratante nacional vive de cócoras na sua miséria e não se queixa. É preciso fustigar o povo russo, como o disse ontem com razão Fiódor Pávlovitch, muito embora ele e seus filhos não passem de uns loucos.

— Você respeita muito Ivã Fiódorovitch, você mesmo o disse.

— Mas tratou-me de lacaio fedorento. Toma-me por um revoltado, no que se engana. Se tivesse eu algum dinheiro, desde muito haveria fugido daqui. Dimítri Fiódorovitch é pior que um lacaio, pela sua conduta e pela sua inteligência; é um balaio furado, um bom para nada e, no entanto, o respeitam. Eu não passo de um queima-panelas, admitamos, mas, com sorte, poderia abrir um café-restaurante em Moscou, na Rua de São Pedro. Porque, com efeito, preparo pratos especiais e nenhum de meus colegas, em Moscou, é capaz disso, exceto os estrangeiros. Dimítri Fiódorovitch é um vagabundo, mas se provocar a duelo um filho de conde, não se recusará ele a comparecer ao terreno. Ora, que tem ele mais do que eu? É infinitamente mais estúpido. Quanto dinheiro já não gastou, sem mais nem menos?

— Isto de duelo deve ser coisa muito interessante — insinuou Maria Kondrátievna.

— Como assim?

— É espantoso, tal bravura, sobretudo quando jovens oficiais trocam balas por causa de uma mulher. Que quadro! Ah! se as mulheres pudessem assistir a isso... Eu gostaria tanto...

— É bonito quando se presencia, mas quando o alvo é a garganta da gente, a impressão não é nada agradável. Você sairia a correr, Maria Kondrátievna.

— E você, fugiria também?

Smierdiákov não se dignou responder. Depois de uma pausa, novo acorde soou e a voz de falsete entoou a derradeira copia:

Por mais esforços que façam, Ninguém aqui me retém, Vou gozar a minha vida, Vou viver na capital, E não hei de lamentar-me, Não, não me lamentarei...

Nesse momento sobreveio um incidente. Aliócha espirrou; o silêncio se fez no banco. Levantou-se e marchou para o lado deles. Era com efeito Smierdiákov, trajado com todo o apuro, empomadado, creio que até mesmo de cabelos frisados e de botinas envernizadas. Trazia sua guitarra ao lado. A mulher era Maria Kondrátievna, a filha da proprietária, moça nada feia, mas de rosto demasiado redondo, semeado de sardas; trazia um vestido azul-claro, com uma cauda de 2 *archini.*

— Meu irmão Dimítri tardará a chegar? — perguntou Aliócha, com o tom mais calmo possível.

Smierdiákov levantou-se lentamente; sua companheira imitou-o.

— Como posso eu saber das idas e vindas de Dimítri Fiódorovitch? Seria diferente se fosse eu seu guardião — respondeu tranqüilamente Smierdiákov, com um matiz de desdém.

— Perguntava simplesmente se você sabia.

— Ignoro onde ele se encontra e não quero sabê-lo.

— Meu irmão me disse que você o informava de tudo quanto se passa na casa e lhe havia prometido anunciar-lhe a chegada de Agrafiena Alieksandrovna.

Smierdiákov, impassível, ergueu os olhos para Aliócha.

— Como fez para entrar? Há já uma hora que a porta foi aferrolhada.

— Ora, escalei a cerca. Espero que me desculpe (dirigia-se à Maria Kondrátievna), estava com pressa de ver meu irmão.

— Ah! nada há que desculpar! — murmurou a jovem, lisonjeada.

— Dimítri introduz-se muitas vezes dessa maneira no pavilhão; já está instalado, antes que a gente o tenha visto.

— Estou à sua procura, gostaria muito de vê-lo. Não poderia dizer-me onde se encontra ele neste momento? É para um negócio sério que lhe

diz respeito.

— Ele não nos diz para onde vai — balbuciou a moça.

— Mesmo aqui, em casa de meus conhecidos, seu irmão me perseguia com perguntas a respeito de meu amo — disse Smierdiákov.

— Que se passa em casa dele, quem entra, quem sai, se não tenho nada a comunicar-lhe? Por duas vezes ameaçou matar-me.

— Será possível? — admirou-se Aliócha.

— Pensa que ele se constrangeria, com o caráter que tem? Pode o senhor mesmo julgar por ontem. "Se não conseguir apanhar Agrafiena Alieksandrovna e ela passar a noite em casa do velho, não respondo pela tua vida", disse-me ele. Tenho muito medo e, se ousasse, deveria denunciá-lo às autoridades. Deus sabe do que é ele capaz.

— Um dia destes, disse-lhe: "Eu te esmagaria num pilão" — acrescentou Maria Kondrátievna.

— Talvez não passe isso de palavras soltas... — observou Aliócha.

— Se eu pudesse vê-lo, falar-lhe-ia a este respeito.

— Eis tudo quanto posso comunicar-lhe — disse Smierdiákov, depois de ter refletido. — Venho freqüentemente aqui como vizinho. Por que não? Por outra parte, Ivã Fiódorovitch mandou-me hoje bem cedo à casa de Dimítri Fiódorovitch, na Rua do Lago, para dizer-lhe que fosse sem falta jantar com ele no botequim da praça. Fui lá, mas não o encontrei; já eram 8 horas. "Ele veio e depois partiu", disse-me textualmente o dono da casa. Dir-se-ia que haviam combinado isso. Neste momento, talvez esteja à mesa com Ivã Fiódorovitch, porque este não voltou para jantar; quanto a Fiódor Pávlovitch, há já uma hora que jantou e agora faz a sesta. Mas rogo-lhe instantemente que não revele nada disso, ele seria capaz de matar-me por uma bagatela.

— Meu irmão Ivã marcou encontro com Dimítri no botequim, hoje? — insistiu Aliócha.

— Sim.

— No botequim A Capital, na praça?

— Precisamente.

— É bem possível! — exclamou Aliócha, agitado. — Agradeço-lhe,

Smierdiákov, a notícia é importante, corro lá imediatamente.

— Não me atraiçoe.

— Não, apresentar-me-ei como por acaso, fique tranqüilo.

— Aonde vai então? Vou abrir-lhe a porta — gritou Maria Kondrátievna.

— Não, é mais perto por aqui. Vou transpor a cerca.

Aquela notícia impressionara Aliócha, que correu ao botequim. Não seria conveniente entrar ali com aquele seu traje, mas podia informar-se e chamar seus irmãos à escada. Assim que se aproximou do botequim, uma janela se abriu e Ivã gritou-lhe:

— Aliócha, podes vir ter aqui comigo? Ficar-te-ei infinitamente grato.

— Sim, mas com esta roupa...

— Estou num gabinete reservado, sobe o patamar, vou ao teu encontro.

Um instante depois, estava Aliócha sentado ao lado de seu irmão. Ivã jantava sozinho.

III

OS IRMÃOS TRAVAM AMIZADE

Na verdade, a mesa de Ivã, perto da janela, estava protegida por um simples biombo dos olhares indiscretos. Encontrava-se ao lado do balcão, na primeira sala, em que os garçons circulavam a todo instante. Somente um velhinho, militar reformado, bebia chá num canto. Nas outras salas, ouvia-se o barulho habitual dos botequins: chamados, garrafas que se desarrolhavam, os choques das bolas no bilhar. Um órgão fazia-se ouvir. Aliócha sabia que seu irmão não gostava dos botequins e a eles quase nunca ia. Sua presença só se explicava, pois, pela entrevista marcada com Dimítri.

— Vou mandar pedir para ti uma sopa de peixe ou outra coisa. Não vives de chá somente. — Ivã estava visivelmente encantado com a companhia de Aliócha. Acabara de jantar e tomava chá.

— De acordo, e em seguida chá, estou com fome — disse Aliócha

num tom jovial.

— E doce de cerejas? Lembras-te de como gostavas dele, na tua infância, em casa de Políenov?

— Ah! lembras-te? Quero sim, gosto ainda dele.

Ivã tocou a campainha, ordenou uma sopa de peixe, chá e doces.

— Lembro-me de tudo, Aliócha. Tu tinhas onze anos e eu quinze. A camaradagem entre irmãos não é possível naquela idade, com quatro anos de diferença. Não sei mesmo se gostava de ti. Nos primeiros anos de minha estada em Moscou, nem mesmo pensava em ti. Depois, quando lá apareceste por tua vez, encontramo-nos uma única vez, creio. Há quatro anos que vivo aqui e não temos conversado. Parto amanhã e pensava ainda há pouco nos meios de ver-te para dizer-te adeus. Chegas a propósito.

— Desejavas muito ver-me?

— Muito. Quero que aprendamos a conhecer-nos mutuamente. Em seguida, nos separaremos. Na minha opinião, vale melhor conhecer-mo-nos antes de separar-nos. Tenho notado como me observavas, durante esses três meses. Lia-se em teus olhos uma expectativa contínua. Não saberia tolerar isso e era o que me mantinha a distância. Afinal, aprendi a estimar-te: eis, pensava eu, um homenzinho de caráter firme. Nota que falo seriamente, embora rindo. Porque tu és firme, não és? Gosto de firmeza, por não importa que motivo e mesmo na tua idade. Enfim, teu olhar ansioso deixou de desagradar-me, tornou-se-me mesmo simpático. Dir-se-ia que tens afeição por mim, Aliócha.

— Decerto, Ivã. Dimítri diz que és um tumulo. Eu digo que és um enigma. Tu o és ainda agora para mim, no entanto começo a compreender-te, desde esta manhã apenas.

— Que queres dizer? — disse Ivã, rindo.

— Não te zangarás, pelo menos? — perguntou Aliócha, rindo também.

— E então?

— Então, descobri que és um rapaz semelhante a todos os outros, aos 23 anos, um rapaz bem viçoso, bem gentilmente ingênuo, um verdadeiro fedelho, em uma palavra. Minhas palavras não te ofendem?

— Pelo contrário, estou admirado duma coincidência — exclamou Ivã, com ímpeto. — Acreditarias que desde nossa entrevista desta manhã só penso na ingenuidade dos meus 23 anos, e é por isso que começas, como se o tivesses adivinhado? Sabes o que dizia a mim mesmo ainda há pouco? Se não tivesse mais fé na vida, se duvidasse duma mulher amada, da ordem universal, persuadido ao contrário de que tudo não é senão um caos infernal e maldito e estivesse eu preso dos horrores da desilusão — mesmo então quereria viver ainda assim. Depois de ter bebido na taça encantada, só a deixaria uma vez esgotada. Aliás, perto dos trinta anos, pode ser que sinta saudade dela, mesmo inacabada, e irei... não sei aonde. Mas, até os trinta anos, tenho a certeza, minha mocidade triunfará de tudo, do desencanto, do desgosto de viver. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo se haveria no mundo um desespero capaz de vencer em mim esse furioso apetite de viver, inconveniente talvez; e penso que ele não existe, pelo menos antes de trinta anos. Esta sede de viver é chamada de vil por certos moralistas catarrentos e tuberculosos, sobretudo por poetas. É verdade que é um traço característico dos Karamázovi, essa sede de viver à qualquer preço; encontra-se em ti, mas por que haveria de ser vergonhosa? Há ainda muita força centrípeta em nosso planeta, Aliócha. Quer-se viver, e eu vivo, mesmo a despeito da lógica. Não creio na ordem universal, pois seja; mas amo os brotos tenros na primavera, o céu azul, amo certas pessoas, sem saber por quê. Amo o heroísmo, no qual talvez tenha deixado de crer desde muito tempo, mas que venero por hábito. Eis que te trazem a sopa de peixe. Bom apetite. É excelente, preparam-na bem aqui. Quero viajar pela Europa, Aliócha. Sei que não encontrarei lá senão um cemitério, mas quão querido! Queridos mortos nele repousam, cada pedra atesta a vida ardente deles, sua fé apaixonada nos seus ideais, sua luta pela verdade e pela ciência. Oh! cairei de joelhos diante daquelas pedras, beijá-las-ei, derramando lágrimas. Convencido, aliás, intimamente, de que tudo aquilo não é senão um cemitério e nada mais. E não serão lágrimas de desespero, mas de felicidade. Embriago-me com meu próprio enternecimento. Gosto dos brotos tenros da primavera e do céu azul. A inteligência e a lógica não entram nisso absolutamente, é o coração que ama, é o ventre, gosta-se de suas primeiras forças juvenis... Compreendes tu alguma coisa dessa minha arenga, Aliócha? — E Ivã pôs-se a rir.

— Compreendo por demais, Ivã; desejar-se-ia amar pelo coração e pelo ventre, como bem o disseste. Estou encantado com esse teu ardor de viver. Penso que se deve amar a vida acima de tudo.

— Amar a vida, em vez do sentido da vida?

— Decerto. Amá-la antes de raciocinar, sem lógica, como dizes; então somente compreender-se-á o sentido dela. Eis o que entrevejo desde muito tempo. A metade de tua tarefa está realizada e adquirida, Ivã: amas a vida. Ocupa-te com a segunda parte, é a salvação.

— Estás muito apressado em salvar-me, talvez não esteja eu ainda perdido. Em que consiste essa segunda parte?

— Em ressuscitar teus mortos, que estão talvez ainda vivos. Dá-me chá. Estou satisfeito com nossa conversa, Ivã.

— Vejo que estás de veia. Gosto dessas *professions de foi,* [20] da parte de um noviço. Sim, tens firmeza, Alieksiéí. É verdade que queres deixar o mosteiro?

— Sim, meu *stáriets* me envia para o mundo.

— Então, nós tornaremos a ver-nos antes dos meus trinta unos, quando começar a desdenhar a taça. Nosso pai não quer renunciar a ela antes dos setenta anos, ou mesmo dos oitenta. Disse-o muito seriamente, embora seja um palhaço. Agarra-se à sua sensualidade como a um rochedo... Na verdade, após os trinta anos, não há outro recurso talvez. Mas é vil entregar-se a isso até os setenta. Melhor vale cessar aos trinta. Conserva-se uma aparência de nobreza, ao mesmo tempo que se engana a si mesmo. Não viste Dimítri hoje?

— Não, mas vi Smierdiákov. — E Aliócha fez a seu irmão um relato pormenorizado de seu encontro com Smierdiákov. Ivã escutava-o com ar preocupado e insistiu sobre certos pontos.

— Rogou-me que não repetisse a Dimítri o que disse dele — acrescentou Aliócha.

Ivã franziu as sobrancelhas e pôs-se a refletir.

— Foi por causa de Smierdiákov que fechaste a cara?

— Sim. Que o diabo o carregue! Queria, com efeito, ver Dimítri; agora, é inútil... — declarou Ivã a contragosto.

— Partes deveras tão cedo, irmão?

---

[20] *Profissões de fé.*

— Sim.

— Como acabará tudo isso, entre Dimítri e nosso pai? — perguntou Aliócha, com inquietação.

— Voltas sempre a isso! Que posso eu fazer? Serei o guarda de meu irmão Dimítri? — replicou Ivã com irritação. De repente teve um sorriso amargo. — É a resposta de Caim a Deus. Pensas nisso neste momento, talvez, hein? Mas, que diabo! Não posso, no entanto, ficar aqui para vigiá-los! Meus negócios terminaram, parto. Não vás crer que eu estava com ciúmes de Dimítri, que procurava tomar-lhe a noiva, durante estes três meses. Oh! não, tinha meus negócios. Acabaram, parto. Viste o que se passou?

— Em casa de Catarina Ivânovna?

— Decerto. Libertei-me dum só golpe. Que me importa Dimítri? Nada tem ele a ver com o caso. Tinha eu meus negócios próprios com Catarina Ivânovna. Sabes tu mesmo que Dimítri se portou como se estivesse conivente comigo. Não lhe pedi nada, foi ele mesmo quem ma transmitiu solenemente, com sua bênção. É de causar riso. Aliócha, se soubesses como me sinto leve, atualmente! Aqui, jantando, queria pedir champanha para celebrar minha primeira hora de liberdade. Puxa! Seis meses de servidão, quase, e, de repente, eis-me desembaraçado! Ontem ainda, não tinha a menor idéia de que era tão fácil dar tudo por acabado.

— Queres falar de teu amor, Ivã?

— Sim, do amor, se queres. Apaixonei-me por uma colegial e causávamos sofrimento um ao outro. Não pensava senão nela... e de repente tudo se desmorona. Ainda há pouco falava eu com ar inspirado, mas saí rindo às gargalhadas, acreditas nisso? É a pura verdade.

— Falas disso ainda agora com alegria — notou Aliócha, examinando o rosto radiante de seu irmão.

— Mas como podia eu saber que não a amava absolutamente? Era, no entanto, a verdade. Mas quanto ela me agradava, e ainda ontem quando eu discorria! Mesmo agora, agrada-me muito, entretanto deixo-a de coração leve. Pensas talvez que banco o fanfarrão.

— Não, talvez não fosse amor.

— Aliócha — disse Ivã rindo —, não raciocines a respeito do amor, isto não te convém. Como te salientaste ainda há pouco! Esqueci-me de

abraçar-te por isto... Quanto ela me atormentava! Era um verdadeiro dilaceramento. Oh! ela sabia que eu a amava! Era a mim que ela amava e não a Dimítri — afirmou alegremente Ivã. — Dimítri só lhe serve para torturar-se. Tudo quanto lhe disse é a verdade pura. Somente, ser-lhe-ão precisos talvez quinze ou vinte anos para dar-se conta de que não ama realmente a Dimítri, mas apenas a mim, a quem ela faz sofrer. Talvez mesmo não o adivinhe nunca, malgrado a lição de hoje. Será melhor assim. Deixei-a para sempre. A propósito, que há com ela? Que se passou depois de minha partida?

Aliócha contou-lhe que Catarina Ivânovna tivera uma crise de nervos e delirava agora sem conhecimento.

— Não estará mentindo aquela Khokhlakova?

— Creio que não.

— É preciso saber notícias dela. Não se morre duma crise de nervos. Aliás, foi bondade de Deus conceder isso às mulheres. Não irei à casa dela. Para quê?

— Tu lhe disseste, no entanto, que ela jamais te amara.

— Foi de propósito, Aliócha. Vou pedir champanha, bebamos à minha liberdade! Se soubesses como estou contente!

— Não, meu irmão, não bebamos, aliás, sinto-me triste.

— Sim, és triste, percebi-o desde muito tempo.

— Então partes decididamente amanhã de manhã?

— Amanhã, mas não disse de manhã... Aliás, pode ser que sim. Acreditadas que hoje jantei aqui unicamente para evitar o velho, de tal modo me causa ele aversão? Se só houvesse ele, teria partido daqui desde muito tempo. Por que te inquietas tanto com a minha partida? Temos ainda tempo daqui até lá, toda uma eternidade!

— Como, se partes amanhã?

— Que é que isso pode mesmo fazer? Teremos sempre tempo para tratar do assunto que nos interessa. Por que me olhas com espanto? Responde, por que estamos reunidos aqui? Para falar do amor de Catarina Ivânovna, do velho ou de Dimítri? Do estrangeiro? Da situação fatal da Rússia? Do Imperador Napoleão? É para isso?

— Não.

— Portanto, compreendes tu mesmo por quê. Nós outros, fedelhos, temos como tarefa resolver as questões eternas, eis nosso fim. Agora, toda a jovem Rússia só faz dissertar sobre essas- questões primordiais, ao passo que os velhos se limitam às questões práticas. Por que me olhaste durante três meses com um ar ansioso, senão para me perguntar: "Tens fé ou não tens?" Eis o que exprimiam os teus olhares, Alieksiéi Fiódorovitch; não é verdade?

— Pode muito bem ser — concedeu Aliócha, sorrindo. — Mas não estás zombando de mim neste momento, meu irmão?

— Zombando de ti? Não haveria de querer causar pesar a meu jovem irmão, que me olhou durante três meses com tanta ansiedade. Aliócha, olha-me de frente: sou um menino igual a ti, com a diferença de que és noviço. Como procede a juventude russa, pelo menos uma parte? Vai para um botequim de ar viciado, tal como este, por exemplo, e instala-se num canto. Esses rapazes não se conhecem e ficarão quarenta anos sem tornar a encontrar-se. Que discutem eles naqueles breves minutos? Apenas questões essenciais: se Deus existe, se a alma é imortal. Os que não crêem em Deus discorrem sobre o socialismo, a anarquia, sobre a renovação da humanidade; ora, essas questões são as mesmas, mas encaradas sob outra face. E boa parte da juventude russa, a mais original, hipnotiza-se com essas questões. Não é verdade?

— Sim, para os verdadeiros russos, as questões da existência, de Deus, da imortalidade da alma, ou, como dizes, as mesmas encaradas sob outra face, são primordiais, e tanto melhor assim — disse Aliócha, olhando seu irmão, com um sorriso escrutador.

— Aliócha, ser russo não é sempre uma prova de inteligência. Não há nada de mais tolo que as ocupações atuais da juventude russa. No entanto, há um adolescente russo a quem amo bastante.

— Como expuseste bem tudo isso! — disse Aliócha, rindo.

— Pois bem, dize-me por onde começar. Pela existência de Deus?

— Como queiras, podes mesmo começar pela "outra face". Proclamaste ontem que Deus não existia. — Aliócha olhou seu irmão com um olhar penetrante.

— Disse isso ontem em casa do velho, expressamente para irritar-te.

Vi teus olhos faiscarem. Mas agora estou disposto a entreter-me seriamente contigo. Desejo entender-me contigo, Aliócha, porque não tenho amigo e quero ter um. Imagina que admito talvez Deus — disse Ivã, rindo. — Não esperavas por isto, hein?

— Sem dúvida, se não brincas neste momento.

— Vamos lá! Foi ontem, em casa do *stáriets*, que se podia achar que eu estava brincando. Sabes, meu caro, que havia um velho pecador no século XVIII que disse: "*Si Dieu riexistait pas, il foudrait Vinventer*"?[21] E, com efeito, foi o homem quem inventou Deus. E o que é espantoso não é que Deus exista realmente, mas que essa idéia da necessidade de Deus tenha vindo ao espírito de um animal feroz e mau como o homem, tão santa, comovente e sábia é ela, tanta honra faz ao homem. Quanto a mim, renunciei desde muito tempo a perguntar a mim mesmo se foi Deus quem criou o homem, ou o homem quem criou Deus. Bem entendido, não passarei em revista todos os axiomas que os adolescentes russos deduziram das hipóteses européias, porque o que na Europa é uma hipótese torna-se logo um axioma para os ditos. adolescentes, e não somente para eles mas para seus professores, que muitas vezes se lhes assemelham. De modo que afasto todas as hipóteses: qual é, com efeito, nosso desígnio? Meu desígnio é explicar-te o mais rapidamente possível a essência de meu ser, minha fé e minhas esperanças. Assim, declaro admitir Deus, pura e simplesmente. É preciso notar, no entanto, que, se Deus existe, se criou verdadeiramente a terra, fê-la, como se sabe, segundo a geometria de Euclides, e não deu ao espírito humano senão a noção das três dimensões do espaço. Entretanto, encontraram-se, encontram-se ainda geômetras e filósofos, mesmo eminentes, para duvidar de que todo o universo e até mesmo todos os mundos tenham sido criados somente de acordo com os princípios de Euclides. Ousam mesmo supor que duas paralelas que, de acordo com as leis de Euclides, jamais se poderão encontrar na terra, possam encontrar-se, em alguma parte, no infinito. Decidi, sendo incapaz de compreender mesmo isto, não procurar compreender Deus. Confesso humildemente minha incapacidade em resolver tais questões; tenho essencialmente o espírito de Euclides: terrestre. De que serve querer resolver o que não é deste mundo? E aconselho-te a jamais quebrar a cabeça a respeito, meu amigo Aliócha,

---

[21] *"Se Deus não existisse, precisaríamos inventá-lo" Citação da* Epístola ao Autor dos "Três Impostores", *de Voltaire.*

sobretudo a respeito de Deus: existe ele ou não? Essas questões estão fora do alcance dum espírito que só tem a noção das três dimensões. Assim, admito Deus, não só voluntariamente, mas ainda sua sabedoria, seu fim que nos escapa; creio na ordem, no sentido da vida, na harmonia eterna, na qual se pretende que nos fundiremos um dia: creio no Verbo para o qual propende o Universo que está em Deus e que é ele próprio Deus, até o infinito. Estou no bom caminho? Imagina que, em definitivo, esse mundo de Deus, eu não o aceito e, embora saiba que ele existe, não o admito. Não é Deus que repilo, nota bem, mas a criação; eis o que me recuso admitir. Explico-me: estou convencido, como uma criança, de que o sofrimento desaparecerá, que a comédia revoltante das contradições humanas se esvanecerá como uma lamentável miragem, como a manifestação vil da impotência mesquinha, como um átomo do espírito de Euclides; que no fim do drama, quando aparecer a harmonia eterna, uma revelação se produzirá, preciosa a ponto de enternecer todos os corações, de acalmar todas as indignações, de resgatar todos os crimes e o sangue vertido; de sorte que se poderá não só perdoar, mas justificar tudo quanto se passou sobre a terra. Que tudo isso se realize, seja, mas não o admito e não quero admiti-lo. Que as paralelas se encontrem sob meus olhos, verei e direi que se encontraram; e no entanto não o admitirei. Eis o essencial, Aliócha, eis minha tese. Comecei expressamente nossa conversa duma maneira que não podia ser mais idiota, mas levei-a até minha confissão, porque é o que esperas. Não era a questão de Deus que te interessava, mas a vida espiritual de teu irmão querido. Tenho dito.

Ivã acabou sua longa tirada com uma emoção singular, inesperada.

— Mas porque começaste de "uma maneira que não podia ser mais idiota"? — perguntou Aliócha, olhando com ar pensativo.

— Em primeiro lugar, por cor local: as conversas dos russos sobre esse tema travam-se sempre idiotamente. Em seguida, a idiotice aproxima do fim e da clareza. É concisa e não faz astúcia, o espírito usa de atalhos e escapa-se. O espírito é desleal, mas há honestidade na idiotice. Quanto mais idiotamente confessar o desespero que me acabrunha, tanto melhor valerá isto para mim.

— Explicar-me-ás por que "não admites o mundo"?

— Decerto, não é um segredo e ia fazer isso mesmo. Meu irmãozinho, não tenho a intenção de perverter-te, nem de abalar tua fé. Sou eu antes que quereria curar-me ao teu contato — disse Ivã com o

sorriso duma criança. Aliócha jamais o vira sorrir assim.

IV

A REVOLTA

— Devo confessar-te uma coisa — começou Ivã. — Jamais pude compreender como se pode amar seu próximo. É precisamente, na minha idéia, o próximo que não se pode amar, ou somente a distância. Li, em alguma parte, a propósito de um santo, João, o Misericordioso, [22] a quem um passante faminto e franzido de frio foi um dia suplicar que o aquecesse; o santo deitou-se com ele, tomou-o nos seus braços e se pôs a insuflar seu hálito na boca purulenta do infeliz, infectada por uma horrível moléstia. Estou persuadido de que fez isso com esforço, mentindo a si mesmo, num sentimento de amor ditado pelo dever e por espírito de penitência. Para que se possa amá-lo, é preciso que um homem esteja oculto; desde que ele mostra seu rosto, o amor desaparece.

— O *stáriets* Zósima falou por várias vezes disso — observou Aliócha. — Dizia também que muitas vezes, para almas inexperientes, o rosto de um homem é um obstáculo ao amor. Há, no entanto, muito amor na humanidade, um amor quase igual ao do Cristo, eu mesmo o sei, Ivã...

— Pois bem; eu, eu não o sei ainda e não posso compreendê-lo; muitos estão no mesmo caso. Trata-se de saber se isso provém dos maus pendores, ou se é inerente à natureza humana. Na minha opinião, o amor do Cristo pelos homens é uma espécie de milagre impossível na terra. É verdade que ele era Deus; mas nós não somos deuses. Suponhamos, por exemplo, que eu sofro profundamente; outro não poderá jamais conhecer a que ponto sofro, porque é outro e não eu. Além do mais, é raro que um indivíduo consinta em reconhecer o sofrimento de seu próximo (como se fosse uma dignidade!). Por que isso, que pensas? Talvez porque cheiro mal, tenho o ar estúpido ou terei pisado o pé daquele senhor! Além disso, há diversos sofrimentos: o que humilha, a fome, por exemplo, meu benfeitor quererá bem admiti-lo; mas desde que meu sofrimento se eleve, que se trate de uma idéia, por exemplo, só nela crerá por exceção, porque, talvez, examinando-me, verá que não tenho o rosto que sua imaginação empresta a um homem que sofre por uma idéia. Logo cessará seus bene-

---

[22] *Possível equívoco de Dostoiévski, confundindo este santo com São Julião, o Hospitaleiro.*

fícios, e isto sem maldade. Os mendigos, sobretudo aqueles que têm alguma nobreza, não deveriam jamais mostrar-se, mas pedir esmola por intermédio dos jornais. Em teoria, ainda, pode-se amar seu próximo, e até mesmo de longe; de perto, é quase impossível. Se, pelo menos, tudo se passasse como no palco, nos balés em que os pobres em farrapos de seda e com rendas rasgadas mendigam, dançando graciosamente, poder-se-ia ainda admirá-los. Admirá-los, não amá-los. Mas basta, a respeito. Queria somente colocar-te no meu ponto de vista. Queria falar dos sofrimentos da humanidade em geral, mas vale mais que me limite aos sofrimentos das crianças. Meu argumento, ficará reduzido à décima parte, mas é melhor assim. Perco com isso, bem entendido. Em primeiro lugar, podem-se amar as crianças de perto, mesmo sujas, mesmo feias (parece-me, no entanto, que as crianças nunca são feias). Em seguida, se não falo dos adultos, é que não somente são repelentes e indignos de ser amados, mas têm uma compensação: comeram o fruto proibido, discerniram o bem e o mal, tornaram-se "semelhantes a deuses". Continuam a comê-lo. Mas as criancinhas nada comeram e são ainda inocentes. Gostas de crianças, Aliócha? Sei que as amas e compreenderás por que só quero falar delas. Sofrem muito, também elas, sem dúvida; é para expiar a falta de seus pais, que comeram o fruto; mas é o raciocínio dum outro mundo, incompreensível para o coração humano aqui embaixo. Um inocente não saberia sofrer por um outro, sobretudo um pequeno ser! Isto te surpreenderá, Aliócha, mas eu também adoro as crianças. Nota que os homens cruéis, de paixões selvagens, os Karamázovi, amam por vezes muito as crianças. Até os sete anos, as crianças diferem enorme-mente do homem; são como um outro ser, com outra natureza. Conheci um bandido num cárcere; durante sua carreira, quando se introduzia de noite nas casas para roubar, assassinara famílias inteiras, inclusive as crianças. No entanto, na prisão, amava-as estranhamente. Só fazia olhar as que brincavam no pátio da prisão e tornou-se amigo de um menino habituado a brincar sob sua janela... Sabes por que digo tudo isto, Aliócha? Estou com dor de cabeça e sinto-me triste.

— Estás com um ar esquisito, como se não estivesses em teu normal — observou Aliócha, com inquietação.

— A propósito, um búlgaro contava-me outrora em Moscou — continuou Ivã, como se não tivesse ouvido seu irmão — as atrocidades dos turcos e dos cherqueses em seu país: temendo um levante geral dos eslavos, incendeiam, estrangulam e violam as mulheres e crianças;

pregam os prisioneiros nas paliçadas pelas orelhas, abandonam-nos assim até de manhã, depois os enforcam, etc. Compara-se por vezes a crueldade do homem com a dos animais selvagens; é uma injustiça para com estes. As feras não atingem jamais os refinamentos do homem. O tigre dilacera sua presa e a devora; não conhece outra coisa. Não lhe viria à idéia pregar as pessoas pelas orelhas, ainda mesmo que o pudesse fazer. São os turcos os que torturam crianças com um prazer sádico, arrancam os bebês do ventre materno, lançam-nos no ar para recebê-los nas pontas das baionetas, sob os olhos das mães, cuja presença constitui o principal prazer. Eis outra cena que me impressionou. Pensa nisto: um bebê ainda de peito, nos braços de sua mãe trêmula, e em torno deles os turcos. Ocorre-lhes uma idéia divertida: acariciando o bebê, conseguem fazê-lo rir; depois um deles aponta-lhe um revólver bem junto ao rosto. A criança ri alegremente, estende suas mãozinhas para agarrar o brinquedo; de repente, o artista puxa o gatilho e rebenta-lhe a cabeça. Os turcos gostam muito, segundo dizem, de coisas doces.

— Meu irmão, a que vem tudo isto?

— Penso que se o diabo não existe e foi por conseguinte criado pelo homem, este deve tê-lo feito à sua imagem.

— Como Deus, então?

— Sabes muito bem usar as palavras, como diz Polônio no *Hamlet* — continuou Ivã, rindo. — Pegaste nessa frase; pois seja, isso me agrada. Mas é belo o teu Deus, se o homem o fez à sua imagem. Perguntavas ainda há pouco a que vem tudo isto? Vê, sou um diletante, um amador de fatos e anedotas; recolho-os dos jornais, anoto o que me é contado; isto já forma uma bela coleção. Os turcos nela figuram, naturalmente, com outros estrangeiros, mas tenho também casos nacionais que os ultrapassam. Entre os russos, as varas e o chicote têm sobretudo lugar de honra; não se prega ninguém pelas orelhas, ora essa, somos europeus, mas nossa especialidade é açoitar e não se poderia privar-nos dela. Dir-se-ia que essa prática desapareceu no estrangeiro, em conseqüência do abrandamento dos costumes, ou então porque as leis naturais proíbem que o homem açoite seu semelhante. Em compensação, existe lá como aqui um costume, a tal ponto nacional, que seria quase impossível na Rússia, muito embora se implante também entre nós, sobretudo em virtude do movimento religioso na alta sociedade. Possuo uma interessante brochura traduzida do francês, em que se conta a execução em Genebra, há cinco anos, de um

assassino chamado Ricardo, que se converteu ao cristianismo antes de morrer, na idade de 24 anos. Era filho natural, dado por seus pais, quando tinha seis anos, a pastores suíços, que o educaram para fazer dele um trabalhador. Cresceu como um pequeno selvagem, sem nada aprender; aos sete anos, mandaram-no a fazer pastar o rebanho, ao frio e à umidade, mal vestido e faminto. Aquela gente não sentia nenhum remorso ao tratá-lo assim; pelo contrário, achava que tinha direito de fazê-lo, porque lhe haviam dado Ricardo como uma coisa e não julgava mesmo necessário nutri-lo. O próprio Ricardo conta que então, como o filho pródigo do Evangelho, quis mesmo comer a varredura destinada aos porcos que eram engordados, mas era privado disso e batiam-lhe quando ele a roubava dos animais; foi assim que passou sua infância e sua mocidade, até que, tornando-se grande e forte, pôs-se a roubar. Aquele selvagem ganhava a vida em Genebra como jornaleiro, bebia seu salário, vivia como um monstro e acabou por assassinar um velho para roubá-lo. Foi preso, julgado e condenado à morte. Não se é sentimental naquela cidade! Na prisão, é logo cercado pelos pastores, pelos membros de associações religiosas, pelas senhoras patrocinadoras. Aprendeu a ler e a escrever, explicaram-lhe o Evangelho e, à força de doutriná-lo e de catequizá-lo, acabou por confessar solenemente seu crime. Dirigiu ao tribunal uma carta declarando que era um monstro, mas que o Senhor se havia dignado esclarecê-lo e enviar-lhe sua graça. Toda Genebra ficou emocionada, a Genebra filantrópica e beata. Tudo quanto havia de nobre e de bem-pensante acorreu à prisão. Beijam-no, abraçam-no: 'Tu és nosso irmão! Foste tocado pela graça!" Ricardo chora de enternecimento: "Sim, Deus iluminou-me! Na minha infância e na minha mocidade, invejava eu a varredura dos porcos; agora, a graça tocou-me, morro no Senhor!" "Sim, Ricardo, tu derramaste sangue e deves morrer. Não é culpa tua se ignoravas Deus, quando roubavas a varredura dos porcos e batiam-te por causa disso (aliás, tinhas bastante culpa, porque é proibido roubar), mas derramaste sangue e deves morrer. " Enfim chega o derradeiro dia, Ricardo, enfraquecido, chora e só faz repetir a cada instante: "Eis o mais belo dia de minha vida, porque vou para Deus!" "Sim", exclamam pastores, juizes e senhoras patrocinadoras, "é o mais belo dia de tua vida, porque vais para Deus!" O grupo se dirige para o cadafalso, atrás da carreta ignominiosa que leva Ricardo. Chega-se ao local do suplício. "Morre, irmão", gritam para Ricardo, "morre no Senhor, sua graça te acompanhe. " E, coberto de beijos, o irmão Ricardo sobe ao cadafalso, colocam-no na guilhotina e sua cabeça cai, em nome da graça divina. É característico. A

referida brochura foi traduzida para o russo pelos luteranos da alta sociedade e distribuída como suplemento gratuito a diversos jornais e publicações, para instruir o povo. A aventura de Ricardo é interessante porque nacional. Na Rússia, se bem que seja absurdo decapitar um irmão pela única razão de ter-se tornado dos nossos e tê-lo tocado a graça, temos quase coisa igual. Entre nós, torturar batendo constitui uma tradição histórica, um gozo pronto e imediato. Niekrássov conta num de seus poemas como um mujique bate com seu chicote nos olhos de seu cavalo. Quem já não viu isso? É bem russo. O poeta mostra que o cavalicoque sobrecarregado, atolado com sua carroça, não pode desvencilhar-se. Então o mujique bate-lhe encarniçadamente, bate sem compreender o que faz, os golpes chovem numa espécie de embriaguez. "Não podes puxar, pois puxarás assim mesmo; morre, mas puxa. " A besta sem defesa debate-se desesperadamente, enquanto seu dono açoita seus doces olhos, donde rolam lágrimas. Enfim, consegue ele desatolar-se e lá se vai tremendo, sem fôlego, num andar cambaleante, constrangido, vergonhoso. Produziu isto em Niekrássov uma impressão espantosa. Mas também não se trata apenas de um cavalo que Deus criou para ser chicoteado? Foi o que nos explicaram os tartaros que nos legaram o chicote. No entanto, podem-se também açoitar as pessoas. Um senhor culto e sua mulher sentem prazer em açoitar com varas sua filhinha de sete anos. E o papai sente-se feliz porque as varas têm espinhos. "Isto causará mais dor assim", diz ele. Há seres tais que se excitam a cada golpe, até o sadismo, progressivamente. Bate-se na criança um minuto, depois cinco, depois dez, sempre mais fortemente. Ela grita, afinal, já sem forças, sufoca: "Papai, meu papaizinho, tenha dó!" O caso torna-se escandaloso e recorre-se ao tribunal. Toma-se um advogado. Há muito tempo que o povo russo chama o advogado "uma consciência que se aluga". O defensor pleiteia em nome de seu cliente: "O caso é simples; é uma cena de família, como se vêem muitas. Um pai açoitou sua filha, é uma vergonha processá-lo!" O júri fica convencido, recolhe-se e traz um veredicto negativo. O público exulta por ver absolvido aquele carrasco. Ai! não assistia eu à audiência. Teria proposto fundar uma bolsa em honra daquele bom pai de família!... Eis um belo quadro! No entanto, tenho ainda melhor, Aliócha, e sempre a propósito de crianças russas. Trata-se de uma menina de cinco anos, por quem criaram aversão seu pai e sua mãe, honrados funcionários instruídos e bem educados. Repito-o, é um pendor especial de muitas pessoas o prazer de torturar as crianças, mas somente as crianças. Para com os outros indivíduos, esses carrascos se mostram afáveis e ternos,

como europeus instruídos e humanos, mas sentem prazer em fazer as crianças sofrerem, é sua maneira de amá-las. A confiança angélica dessas criaturas sem defesa seduz os seres cruéis. Não sabem aonde ir, nem a quem se dirigir, e isto excita os maus instintos. Cada homem oculta em si um demônio: acesso de cólera, sadismo, desencadeamento de paixões ignóbeis, doenças contraídas na devassidão, ou então a gota, a hepatite, isto varia. Portanto, aqueles pais instruídos praticavam muitas sevícias na pobre menininha. Açoitavam-na, espezinhavam-na sem razão, seu corpo vivia coberto de equimoses. Imaginaram por fim um refinamento de crueldade: pelas noites glaciais, no inverno, encerravam a menina na privada, sob pretexto de que ela não pedia a tempo, à noite, para ir ali (como se, naquela idade, uma criança que dorme profundamente pudesse sempre pedir a tempo). Esfregavam-lhe os próprios excrementos na cara, e sua mãe, sua própria mãe obrigava-a a comê-los! E essa mãe dormia tranqüila, insensível aos gritos da pobre criança fechada naquele lugar repugnante! Vês tu daqui aquele pequeno ser, não compreendendo o que lhe acontece, no frio e na escuridão, bater com seus pequeninos punhos no peito ofegante e derramar lágrimas inocentes, chamando o "bom Deus" em seu socorro? Compreendes esse absurdo, tem ele um fim, meu amigo e meu irmão, tu, o noviço piedoso? Dizem que tudo isso é indispensável para estabelecer a distinção entre o bem e o mal no espírito do homem. Para que pagar tão caro essa distinção diabólica? Toda a ciência do mundo não vale as lágrimas das crianças. Não falo dos sofrimentos dos adultos. Eles comeram o fruto proibido, que o diabo os leve! Mas as crianças! Faço-te sofrer, Aliócha, tens ar de não estar passando bem. Queres que me detenha?

— Não, também quero sofrer. Continua.

— Ainda um pequeno quadro característico. Acabo de ler nos *Arquivos Russos* ou em *A Antigüidade Russa,* não sei bem. Era na época mais sombria da servidão, no começo do século XIX. Viva o czar libertador! Um antigo general, com importantes relações, rico proprietário rural, vivia numa de suas propriedades da qual dependiam 2 000 almas. Era um desses indivíduos (na verdade já pouco numerosos, então) que, uma vez retirados do serviço militar, estavam quase convencidos de seu direito de vida e de morte sobre seus servos. Cheio de arrogância, tratava do alto seus modestos vizinhos, como se fossem parasitas e palhaços seus. Tinha ele uma centena de capatazes, todos a cavalo e uniformizados, e várias centenas de galgos. Ora, eis que um dia um pequeno servo de oito anos,

que se divertia atirando pedras, feriu na pata um daqueles cães favoritos. Vendo seu cão coxear, perguntou o general a causa. Explicaram-lhe o caso, designando o culpado. Mandou imediatamente agarrar o menino, a quem arrancaram dos braços de sua mãe e fizeram passar a noite na prisão. No dia seguinte, logo ao romper da aurora, o general, em uniforme de gala, monta a cavalo para ir à caça, cercado de seus parasitas, de seus monteiros, de seus cães, de seus capatazes. Reúne-se toda a famulagem para dar-se um exemplo e a mãe do culpado é trazida, bem como o menino. Era uma manhã de outono, brumosa e fria, excelente para a caça. O general manda que se tire toda a roupa do menino, o que foi feito. O menino tremia, louco de medo, não ousando dizer uma palavra. "Façam-no correr", ordena o general. "Corre! corre!", gritam-lhe os capatazes. O menino põe-se a correr. "Cisca! Cisca!", berra o general, e açula toda a sua matilha. Os cães estraçalharam a criança diante dos olhos de sua mãe. O general, parece, foi posto sob tutela. Pois bem, que merecia ele? Seria preciso fuzilá-lo? Fala, Aliócha.

— Sim, fuzilá-lo! — proferiu mansamente Aliócha, totalmente pálido, com um sorriso convulso.

— Bravo! — exclamou Ivã, encantado. — Se o dizes, tu, é que... Vejam só, o asceta! Tens, pois, também um diabinho no coração, Aliócha Karamázov?

— Disse uma tolice, mas...

— Sim, mas... Fica sabendo, noviço, que as tolices são necessárias ao mundo; sobre elas é que ele se funda: sem essas tolices, nada se passaria aqui na terra. Sabemos o que sabemos.

— Que sabes tu?

— Nada compreendo — prosseguiu Ivã, como em sonho —, nada quero compreender agora. Atenho-me aos fatos. Tentando compreender, altero os fatos...

— Por que me atormentas? — disse dolorosamente Aliócha. — Dir-me-ás por fim?

— Decerto. Preparava-me para dizer-te. Gosto de ti e não quero abandonar-te ao teu Zósima. Ivã calou-se um instante e seu rosto entristeceu-se de súbito.

— Escuta, limitei-me às crianças para ser mais claro. Nada disse das

lágrimas humanas de que a terra está saturada, abreviando de propósito meu assunto. Confesso humildemente não compreender a razão desse estado de coisas. Os homens são os únicos culpados: tinham-lhes dado o paraíso, cobiçaram a liberdade e arrebataram o fogo do céu, sabendo que seriam felizes; não merecem, pois, nenhuma compaixão. Segundo meu pobre espírito terrestre, sei apenas que o sofrimento existe, que não há culpados, que tudo se encadeia, tudo passa e se equilibra. São as pataratas de Euclides, eu sei, mas não posso consentir em viver baseando-me nisso. Que bem me pode fazer tudo isso? Preciso é de uma compensação, do contrário destruir-me-ia a mim mesmo. E não uma compensação em alguma parte, no infinito, mas aqui embaixo, que eu mesmo a veja. Acreditei, quero ser testemunha, e, se já estou morto, que me ressuscitem; se tudo se passasse sem mim seria bastante aflitivo. Não quero que meu corpo com seus sofrimentos e suas faltas sirva unicamente para arder a serviço de alguma harmonia futura. Quero ver com meus olhos a corça dormir junto do leão, a vítima beijar seu matador. É sobre este desejo que repousam todas as religiões e eu tenho fé. Quero estar presente quando todos souberem o porquê das coisas. Mas as crianças, que farei delas? Não posso resolver essa questão. Se todos devem sofrer, a fim de concorrer com seu sofrimento para a harmonia eterna, qual o papel das crianças? Não se compreende por que deveriam sofrer, também elas, em nome da harmonia. Por que serviriam de materiais destinados a prepará-la? Compreendo bem a solidariedade do pecado e do castigo, mas não pode ela aplicar-se aos inocentinhos, e se na verdade são solidários com os malfeitos de seus pais, é uma verdade que não é deste mundo e que eu não compreendo. Um galhofeiro malicioso objetará que as crianças crescerão e terão ocasião de pecar, mas aquele menino de oito anos ainda não havia crescido e foi estraçalhado pelos cães. Aliócha, não estou blasfemando. Compreendo como estremecerá o Universo, quando o céu e a terra se unirem no mesmo grito de alegria, quando tudo quanto vive ou viveu proclamar: "Tens razão, Senhor Deus, porque tuas vias nos são reveladas!", quando o carrasco, a mãe, o menino se beijarem e declararem com lágrimas: "Tens razão, Senhor Deus!" Sem dúvida então, a luz se fará e tudo será explicado. Mas eis a dificuldade: não posso admitir tal solução. E tomo minhas providências a tal respeito, enquanto me encontro ainda aqui na terra. Acredita-me, Aliócha, pode ser que eu viva até esse momento ou que ressuscite então, e exclamarei talvez com os outros, vendo a mãe beijar o carrasco de seu filho: "Tu tens razão, Senhor Deus!", mas será contra minha vontade. Enquanto ainda é tempo, recuso-me a aceitar essa

harmonia superior. Acho que não vale ela uma lágrima de criança, daquela pequenina vítima que batia no peito e rezava ao "bom Deus", no seu canto infecto; não as vale, porque aquelas lágrimas não foram redimidas. Enquanto assim for, não se poderá falar de harmonia. Ora, não há possibilidade de redimi-las. Os carrascos sofrerão no inferno, dir-me-ás tu. Mas de que serve esse castigo, uma vez que as crianças tiveram também o seu inferno? Aliás, que vale essa harmonia que comporta um inferno? Quero o perdão, o beijo universal, a supressão do sofrimento. E, se o sofrimento das crianças serve para perfazer a soma das dores necessárias à aquisição da verdade, afirmo desde agora que essa verdade não vale tal preço. Não quero que a mãe perdoe ao carrasco, não tem esse direito. Que lhe perdoe seu sofrimento de mãe, mas não o que sofreu seu filho estraçalhado pelos cães. Ainda mesmo que seu filho perdoasse, não teria ela o direito. Se o direito de perdoar não existe, que vem a tornar-se a harmonia? Há no mundo um ser que tenha esse direito? Por amor pela humanidade é que não quero essa harmonia. Prefiro conservar meus sofrimentos não redimidos e minha indignação persistente, mesmo se não tivesse razão! Aliás, deram realce excessivo a essa harmonia, a entrada custa demasiado caro para nós. Prefiro entregar meu bilhete de entrada. Como homem de bem, tenho mesmo obrigação de devolvê-lo o mais cedo possível. É o que faço. Não recuso admitir Deus, mas muito respeitosamente devolvo-lhe meu bilhete.

— Mas isto é revolta — disse mansamente Aliócha, de olhos baixos.

— Revolta? Não era meu desejo ver-te empregar essa palavra. Pode-se viver revoltado? Ora, eu quero viver. Responde-me francamente. Imagina que os destinos da humanidade estejam entre tuas mãos e que, para tornar as pessoas definitivamente felizes, proporcionar-lhes afinal a paz e o repouso, seja indispensável torturar um ser apenas, a criança que batia no peito com seu pequeno punho, e basear sobre suas lágrimas a felicidade futura. Consentidas tu, nestas condições, em edificar semelhante felicidade? Responde sem mentir.

— Não, não consentiria.

— Então, podes admitir que os homens consentiriam em aceitar essa felicidade ao preço do sangue dum pequeno mártir?

— Não, não posso admiti-lo, meu irmão — declarou Aliócha, com os olhos cintilantes. — Perguntaste se existe no mundo inteiro um ser que teria o direito de perdoar. Sim, esse ser existe. Pode tudo perdoar, a todos

e por tudo, porque foi ele quem verteu seu sangue inocente por todos e por tudo. Tu o esqueceste, é ele a pedra angular do edifício e é a ele que se deve gritar: "Tu tens razão, Senhor Deus, porque tuas vias nos são reveladas".

— Ah! sim, "o único impecável" e "seu sangue". Não, não o esqueci, admirava-me, pelo contrário, de que não o tivesses ainda mencionado, porque nas discussões os vossos começam habitualmente por colocá-lo à frente. Fica sabendo, mas não rias, que compus um poema, há um ano. Se puderes conceder-me ainda dez minutos, recitar-to-ei.

— Escreveste um poema?

— Não — disse Ivã, rindo —, porque jamais compus dois versos sequer em minha vida. Mas sonhei esse poema e lembro-me dele. Serás meu primeiro leitor, isto é, meu ouvinte. Por que não aproveitar tua presença? Queres?

— Sou todo ouvidos.

— Meu poema intitula-se "O Grande Inquisidor"; é absurdo, mas quero que o fiques conhecendo.

V

O GRANDE INQUISIDOR

— É necessário um preâmbulo do ponto de vista literário. A ação se passa no século XVI. Sabes que nessa época era de uso fazer intervirem nos poemas as potências celestiais. Não falo de Dante. Na França, os clérigos julgadores e os monges davam representações em que se punham em cena Nossa Senhora, os anjos, os santos, o Cristo e Deus Pai. Eram espetáculos ingênuos. Em *Notre Dame de Paris,* de Vítor Hugo, em honra ao nascimento do Delfim, no reinado de Luís XI, em Paris, é o povo convidado a uma representação edificante e gratuita, *Le bon jugement de Ia três sairite et gracieuse Vierge Marie.* [23] Nesse mistério, aparece a Virgem em pessoa para pronunciar o seu *bon jugement.* Entre nós, em Moscou, antes de Pedro, o Grande, davam-se de tempos em tempos representações desse gênero, tiradas sobretudo do Antigo Testamento. Além disso, circulava

---

[23] *O bom julgamento da santíssima e graciosa Virgem Maria.*

uma porção de recitativos e de poemas em que figuravam, de acordo com as necessidades, os santos, os anjos, o exército celeste. Nos nossos mosteiros, traduziam-se, copiavam-se esses poemas, compunham-se mesmo novos, e isto sob a dominação tártara. Por exemplo, existe um pequeno poema monástico, sem dúvida traduzido do grego: *La Vierge chez les damnés,* [24] com quadros duma audácia dantesca. A Virgem visita o inferno, guiada por São Miguel Arcanjo. Vê os condenados e seus tormentos. Entre outras, há uma categoria de pecadores num lago de fogo. Alguns afundam-se no lago e não aparecem mais; são esses "esquecidos pelo próprio Deus", expressão duma profundeza e duma energia notáveis. A Virgem, banhada em pranto, cai de joelhos diante do trono de Deus e pede perdão para todos os pecadores que viu no inferno, sem distinção. Seu diálogo com Deus é de um interesse extraordinário. Suplica, insiste e, quando Deus lhe mostra os pés e as mãos de seu filho traspassados pelos cravos e lhe pergunta: "Como poderei eu perdoar a seus carrascos?", ordena ela a todos os santos, a todos os mártires, a todos os anjos que caiam de joelhos com ela e implorem o perdão para os pecadores, sem distinção. Afinal, obtém a cessação dos tormentos, cada ano, da sexta-feira santa a Pentecostes, e os condenados, do fundo do inferno, agradecem a Deus e exclamam: "Senhor, tua sentença é justa!" Pois bem! Meu pequeno poema teria sido nesse gosto, se tivesse aparecido naquela época. Deus aparece; não diz nada, só faz passar. Quinze séculos decorreram, desde que ele prometeu voltar ao seu reino, depois que seu profeta escreveu: "Voltarei em breve. Quanto ao dia e à hora, o próprio Filho não os conhece, mas somente meu Pai que está no céu", segundo suas próprias palavras na terra. E a humanidade o espera com a mesma fé de outrora, uma fé mais ardente ainda, porque quinze séculos se passaram desde que o céu deixou de dar testemunhos ao homem.

Daquilo que o coração diz O céu não dá testemunho.

E só resta a fé no referido coração. É verdade que numerosos milagres se verificavam então; santos realizavam curas maravilhosas. A Rainha dos Céus visitava certos justos, de acordo com a biografia deles. Mas o diabo não dorme; a humanidade começou a duvidar da autenticidade daqueles milagres. Naquele momento nascia na Alemanha uma terrível heresia que negava os milagres. "Uma grande estrela, ardente como um facho, caiu sobre as fontes das águas, que se tornaram amargas.

---

[24] *A Virgem entre os condenados.*

" [25] A fé dos fiéis só fez redobrar. As lágrimas da humanidade elevam-se para ele como outrora, aguardam-no, amam-no, espera-se nele como antes... Depois de tantos séculos, a humanidade reza com fervor: "Senhor Deus, dignai-vos aparecer-nos", depois de tantos séculos grita ela para ele, ele que quis, na sua misericórdia infinita, descer entre seus fiéis. Outrora, já havia visitado justos, mártires, santos anacoretas, como o narram suas biografias. Entre nós, Tiútchev, que acreditava profundamente na verdade de suas palavras, proclamou que *Sob o peso da cruz, esmagador, O Rei dos Céus, de servo disfarçado, Toda te percorreu, terra natal, O solo teu inteiro abençoando.* Mas eis que quis ele mostrar-se por um instante pelo menos ao povo sofredor e miserável, ao povo que se arrastava no pecado, mas que o ama ingenuamente. A ação se passa na Espanha, em Sevilha, na época mais terrível da Inquisição, quando todos os dias no país ardiam as fogueiras à glória de Deus e *Em esplêndidos autos de fé Queimavam-se horríveis heréticos.* Oh! não foi assim que ele prometeu voltar no fim dos tempos, em toda a sua glória celeste, subitamente, "como um relâmpago que brilha do Oriente ao Ocidente". Não, quis visitar seus filhos, no lugar onde crepitavam precisamente as fogueiras dos heréticos. Na sua misericórdia infinita, volta ao convívio dos homens sob a forma que tivera durante os três anos de sua vida pública. Ei-lo que desce para as ruas ardentes da cidade meridional, onde, justamente na véspera, na presença do rei, dos cortesãos, dos cavaleiros, dos cardeais e das mais encantadoras damas da corte, o grande inquisidor mandara queimar uma centena de heréticos *ad majorem gloriam Dei*[26] Apareceu docemente, sem se fazer notar, e — coisa estranha — todos o reconheciam. Seria uma das mais belas passagens de meu poema explicar a razão disso. Atraído por uma força irresistível, o povo comprime-se à sua passagem e segue-lhe os passos. Silencioso, passa ele por entre a multidão com um sorriso de compaixão infinita. Seu coração está abrasado de amor, seus olhos desprendem a Luz, a Ciência, a Força que irradiam e despertam o amor nos corações. Estende-lhes os braços, abençoa-os, uma virtude salutar emana de seu contato e até mesmo de suas vestes. Um velho, cego de infância, exclama em meio da multidão: "Senhor, cura-me e eu te verei". Uma casca cai de seus olhos e o cego vê. O povo derrama lágrimas de alegria e beija o chão sobre as marcas de seus passos. As crianças lançam flores à sua passagem, canta-se, grita-se: "Hosana!" "É ele, deve ser ele!", exclama-se. "Só pode ser ele!" Ele

---

[25] *Do* Apocalipse, *de São João.*

[26] *"Para a maior glória de Deus. " Mote dos jesuítas.*

pára no adro da Catedral de Sevilha no momento em que trazem um pequeno ataúde branco no qual repousa uma menina de sete anos, a filha única de uma pessoa notável. A morta está coberta de flores.

"Ele ressuscitará tua filha", gritam na multidão para a mãe lacrimosa. O padre, que sai a receber o ataúde, olha com ar perplexo e franze o cenho. De súbito, repercute um grito, a mãe se lança aos seus pés: "Se és tu, ressuscita minha filha!", e estende os braços para ele. O cortejo pára, deposita-se o caixão sobre as lajes. Ele a contempla, cheio de compaixão, e sua boca ordena docemente mais uma vez: "*Talitha kumi,* [27] *e* a menina se levantou". A morta se levanta, senta-se e olha em redor de si, sorridente, com ar admirado. Tem na mão o buquê de rosas brancas que haviam depositado no caixão. No meio da turbamulta há agitação, grita-se, chora-se. Naquele momento passa pela praça o cardeal, grande inquisidor. É um ancião quase nonagenário, de elevada estatura, de rosto dessecado, olhos cavados, mas onde luz ainda uma centelha. Não traz mais a pomposa veste com a qual se pavoneava ontem diante do povo, enquanto eram queimados os inimigos da Igreja Romana. Retomara sua velha batina grosseira. Seus sombrios auxiliares e a guarda do Santo Ofício seguem-no a uma distância respeitosa. Detém-se diante da multidão e observa de longe. Viu tudo, o caixão depositado diante dele, a ressurreição da menininha, e seu rosto ensombreceu-se. Franze suas espessas sobrancelhas e seus olhos brilham com um clarão sinistro. Aponta-o com o dedo e ordena aos guardas que o prendam. Tão grande é o seu poder e o povo está de tal maneira habituado a submeter-se, a obedecer-lhe tremendo, que a multidão se afasta imediatamente diante dos esbirros; em meio dum silêncio de morte, estes o pegam e levam-no. Como um só homem, aquele povo se inclina até o chão diante do velho inquisidor, que o abençoa sem dizer palavra e prossegue seu caminho. O prisioneiro é conduzido ao sombrio e velho edifício do Santo Ofício, onde o encerram numa estreita cela abobadada. O dia chega ao fim, vem a noite, uma noite de Sevilha, quente e sufocante. O ar está embalsamado do perfume de loureiros e limoeiros. Nas trevas, a porta de ferro da masmorra abre-se de repente e o grande inquisidor aparece, com um facho na mão. Está só, a porta torna a fechar-se atrás dele. Pára no limiar e observa longamente a Santa Face. Por fim, aproxima-se, pousa o facho sobre a mesa e diz-lhe:

---

[27] *"Jovem, levanta-te. " São Lucas, C. VII,* v. *14. Palavras da linguagem aramaica, pronunciadas por Jesus Cristo quando da ressurreição do filho da viúva de Nain.*

— És tu, és tu? — Não recebendo resposta, acrescenta rapidamente: — Não digas nada, cala-te. Aliás, que poderias dizer? Sei demais. Não tens o direito de acrescentar uma palavra mais do que já disseste outrora. Por que vieste estorvar-nos? Porque tu nos estorvas, bem o sabes. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Ignoro quem tu és e não quero sabê-lo: tu ou apenas tua aparência; mas amanhã eu te condenarei e serás queimado como o pior dos heréticos, e esse mesmo povo que hoje te beijava os pés precipitar-se-á amanhã, a um sinal meu, para alimentar tua fogueira. Sabes disso? Talvez — acrescenta o velho, pensativo, com os olhos sempre fixos em seu prisioneiro.

— Não compreendo bem o que quer isto dizer, Ivã — observou Aliócha, que escutara em silêncio. — É uma fantasia, um erro do ancião, um qüiproquó estranho?

— Admite esta última suposição — disse Ivã, rindo —, se o realismo moderno te tornou a este ponto refratário ao sobrenatural. Seja como quiseres. É verdade que o meu inquisidor tem noventa anos e sua idéia pode ter-lhe desde muito tempo transtornado o espírito. Afinal, é talvez um simples delírio, o devaneio de um velho antes de seu fim, com a imaginação esquentada pelo recente auto de fé. Mas, qüiproquó ou fantasia, que nos importa? O que é preciso somente notar é que o inquisidor revela afinal seu pensamento, desvenda o que calou durante toda a sua carreira.

— E o prisioneiro não diz nada? Contenta-se com olhá-lo?

— Com efeito. Só pode calar-se. O próprio ancião faz-lhe observar que não tem ele o direito de acrescentar uma palavra às suas antigas palavras. É talvez o traço fundamental do catolicismo romano, na minha humilde opinião: "Tudo foi transmitido por ti ao papa, tudo depende pois agora do papa, não venhas estorvar-nos antes do tempo, pelo menos". Tal é a doutrina deles, dos jesuítas, em todo caso. Encontrei-a nos seus teólogos. "Tens tu o direito de nos revelar um só dos segredos do mundo donde vens?", pergunta o velho, que responde em seu lugar: "Não, não tens o direito, porque essa revelação se ajuntaria à de outrora, e seria isso retirar aos homens a liberdade que defendias tanto na terra. Todas as tuas revelações novas feririam a liberdade da fé, porque pareceriam miraculosas; ora, tu punhas acima de tudo, há quinze séculos, essa liberdade da fé. Não disseste bem muitas vezes: "Quero tornar-vos livres"? Pois bem, viste-os, os homens "livres" — acrescenta o velho, com ar

sarcástico. — Sim, isto nos custou caro — prosseguiu ele, olhando-o com severidade —, mas levamos a cabo afinal aquela obra em teu nome. Foram-nos precisos quinze séculos de rude labor para instaurar a liberdade; mas está feito, e bem feito. Não o crês? Olhas-me com doçura, sem mesmo fazer-me a honra de te indignares. Mas fica sabendo que jamais os homens se creram tão livres como agora, e, no entanto, a liberdade deles depositaram-na humildemente a nossos pés. Isto é a nossa obra, para dizer a verdade: é a liberdade que sonhavas?"

— Não compreendo de novo — interrompeu Aliócha. — Ironiza ele, zomba?

— Absolutamente! Vangloria-se de ter, ele e os seus, suprimido a liberdade, com o fito de tornar os homens felizes. "Porque é agora, pela primeira vez (fala ele, bem entendido, da Inquisição), que se pode pensar na felicidade dos homens. São naturalmente revoltados; revoltados podem ser felizes? Tu estavas advertido — diz-lhe ele —, conselhos não te faltaram, mas não os levaste em conta, rejeitaste o único meio de proporcionar a felicidade aos homens; felizmente, ao partires, tu nos transmitiste a obra, prometeste, concedeste-nos solenemente o direito de ligar e desligar; decerto, não podes pensar em retirar de nós agora esse direito. Por que então vieste estorvar-nos?"

— Que significa isso: "As advertências e os conselhos não te faltaram?" — perguntou Aliócha.

— Mas é o ponto capital no discurso do ancião.

"O espírito terrível e profundo, o espírito da destruição e do nada", continua ele, "falou-te no deserto e as Escrituras relatam que ele te 'tentou', é verdade? E nada se podia dizer de mais penetrante que o que te foi dito nas três perguntas ou, para falar com as Escrituras, as 'tentações' que repeliste? Se jamais houve na terra um milagre autêntico e retumbante, foi o dia daquelas três tentações. O simples fato de terem sido formuladas aquelas três perguntas constitui um milagre. Suponhamos que tenham desaparecido das Escrituras, que seja preciso reconstituí-las, imaginá-las de novo para substituí-las ali, e que se reúnam para esse efeito todos os sábios da terra, homens de Estado, prelados, sábios, filósofos, poetas, dizendo-lhes: imaginai, redigi três perguntas que não somente correspondam à importância do acontecimento, mas ainda exprimam em três frases toda a história da humanidade futura — acreditas que esse areópago da sabedoria humana poderia imaginar nada de tão forte e de

tão profundo como as três questões que te propôs então o poderoso espírito? Essas três questões provam por si sós que se tem de ver com o espírito eterno e absoluto e não com um espírito humano transitório. Porque resumem e predizem ao mesmo tempo toda a história ulterior da humanidade, são as três formas em que se cristalizam todas as contradições insolúveis da natureza humana. Não se podia na ocasião perceber isso, porque o futuro estava velado, mas agora, após quinze séculos decorridos, vemos que tudo fora previsto naquelas três perguntas e realizou-se a ponto de ser impossível acrescentar-lhes ou retirar-lhes uma só palavra.

"Decide, pois, tu mesmo quem tinha razão: tu, ou aquele que te interrogava? Lembra-te da primeira pergunta, do sentido, senão do teor: queres ir para o mundo de mãos vazias, pregando aos homens uma liberdade que a estupidez e a ignomínia naturais deles os impedem de compreender, uma liberdade que lhes causa medo, porque não há e jamais houve nada de mais intolerável para o homem e para a sociedade! Vês aquelas pedras naquele deserto árido? Muda-as em pão e atrás de ti correrá a humanidade, como um rebanho dócil e reconhecido, tremendo, no entanto, no receio de que tua mão se retire e não tenham eles mais pão.

"Mas tu não quiseste privar o homem da liberdade e recusaste, estimando que era ela incompatível com a obediência comprada por meio de pães. Replicaste que o homem não vive somente de pão; mas sabes que, em nome desse pão terrestre, o espírito da terra se insurgirá contra ti, lutará e te vencerá, que todos o seguirão, gritando: 'Quem é semelhante a esse animal? Ele nos deu o fogo do céu!' Séculos passarão e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios e de seus intelectuais que não há crimes e, por conseguinte, não há pecado; só há famintos. 'Nutre-os e então exige deles que sejam virtuosos!' Eis o que se inscreverá sobre o estandarte da revolta que abaterá teu templo. Em seu lugar elevar-se-á novo edifício, uma segunda torre de Babel, que ficará sem dúvida inacabada, como a primeira, mas tu terias podido poupar aos homens essa nova tentativa e mil anos de sofrimento. Porque virão eles procurar-nos, depois de ter penado mil anos para construir sua torre! Procurar-nos-ão sob a terra como outrora, nas catacumbas onde estaremos escondidos (perseguir-nos-ão de novo) e clamarão: 'Dai-nos de comer, porque aqueles que nos tinham prometido o fogo do céu não no-lo deram'. Então, acabaremos a torre deles, porque para isso basta apenas o alimento, e nós os nutriremos, utilizando-nos falsamente de teu nome, e os faremos crescer.

Sem nós, estarão sempre famintos. Nenhuma ciência lhes dará pão, enquanto permanecerem livres, mas acabarão por depositá-la a nossos pés, essa liberdade, dizendo: 'Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis'. Compreenderão por fim que a liberdade e o pão da terra à vontade para cada um são inconciliáveis, porque jamais saberão reparti-los entre si! Convencer-se-ão também de sua impotência para ser livres sendo fracos, depravados, nulos e revoltados. Tu lhes prometias o pão do céu; ainda uma vez, é ele comparável ao da terra aos olhos da fraca raça humana, eternamente ingrata e depravada? Milhares e dezenas de milhares de almas seguir-te-ão por causa desse pão, mas que acontecerá aos milhões e bilhões que não terão a coragem de preferir o pão do céu ao da terra? Será que só preferes os grandes e os fortes, aos quais os outros, a multidão inumerável, que é fraca, mas te ama, só serviria de matéria explorável? Eles também nos são queridos, os seres fracos. Embora depravados e revoltados, tornar-se-ão finalmente dóceis. Ficarão espantados e acreditarão que somos deuses por ter consentido, pondo-nos a comandá-los, em assumir a liberdade que os atemorizava e reinar sobre eles, de modo que ao final terão medo de ser livres. Mas lhes diremos que somos teus discípulos e reinamos em teu nome. Enganá-los-emos de novo, porque então não deixaremos que te aproximes de nós. E será essa impostura que constituirá nosso sofrimento, porque será preciso que mintamos. Tal é o sentido da primeira pergunta que te foi feita no deserto, e eis o que rejeitaste em nome da liberdade, que punhas acima de tudo. No entanto, ocultava ela o segredo do mundo. Consentindo no milagre dos pães, terias acalmado a eterna inquietação da humanidade — indivíduos e coletividade —, isto é: 'Diante de quem se inclinar?' Porque não há, para o homem que fica livre, preocupação mais constante e mais ardente do que procurar um ser diante do qual se inclinar.. Mas só quer ele inclinar-se diante de uma força incontestada, que todos os humanos respeitem por consenso universal. Porque essas pobres criaturas atormentar-se-ão em procurar um culto que reúna não somente alguns fiéis, mas no qual todos juntos comunguem, unidos pela mesma fé. Porque essa necessidade da comunidade na adoção é o principal tormento de cada indivíduo e da humanidade inteira, desde o começo dos séculos. É para realizar esse sonho que se têm os homens exterminado pelo gládio. Os povos forjaram deuses e desconfiaram uns dos outros: 'Abandonai vossos deuses, adorai os nossos, senão, ai de vós e de vossos deuses!' E assim será até o fim do mundo, mesmo quando os deuses tiverem desaparecido; prosternar-se-ão diante dos ídolos. Tu não ignoravas, tu não

podias ignorar esse segredo fundamental da natureza humana e, no entanto, repeliste a única bandeira infalível que te ofereciam e que teria curvado sem contestação todos os homens diante de ti, a bandeira do pão terrestre; rejeitaste-a em nome do pão do céu e da liberdade! Vê o que fizeste em seguida, sempre em nome da liberdade! Não há, repito-te, preocupação mais aguda para o homem que encontrar o mais cedo possível um ser a quem delegar esse dom da liberdade que o infeliz traz consigo ao nascer. Mas, para dispor da liberdade dos homens, é preciso dar-lhes a paz da consciência. O pão te garantia o êxito; o homem se inclina diante de quem lhe dá, porque é uma coisa incontestável, mas, se um outro se torna senhor da consciência humana, largará ali mesmo o teu pão para seguir aquele que cativa sua consciência. Nisto tu tinhas razão, porque o segredo da existência humana consiste não somente em viver, mas ainda em encontrar um motivo de viver. Sem uma idéia nítida da finalidade da existência, prefere o homem a ela renunciar e se destruirá em vez de ficar na terra, embora cercado de montes de pão. Mas que aconteceu? Em lugar de te apoderares da liberdade humana, tu ainda a estendeste! Esqueceste-te então de que o homem prefere a paz e até mesmo a morte à liberdade de discernir o bem e o mal? Não há nada de mais sedutor para o homem do que o livre arbítrio, mas também nada de mais doloroso. E, em lugar de princípios sólidos que teriam tranqüilizado para sempre a consciência humana, tu escolheste noções vagas, estranhas, enigmáticas, tudo quanto ultrapassa a força dos homens e com isso agiste como se não os amasses, tu, que vieras dar tua vida por eles! Aumentaste a liberdade humana em vez de confiscá-la e assim impuseste para sempre ao ser moral os pavores dessa liberdade. Querias ser livremente amado, voluntariamente seguido pelos homens fascinados. Em lugar da dura lei antiga, o homem, devia doravante, com coração livre, discernir o bem e o mal, não tendo para se guiar senão tua imagem, mas não previas que ele repeliria afinal e contestaria mesmo tua imagem e tua liberdade, esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher? Gritarão por fim que a verdade não estava em ti, de outro modo não os terias deixado numa incerteza tão angustiosa, com tantas preocupações e problemas insolúveis. Preparaste assim a ruína de teu reino. Não acuses ninguém. Entretanto, era isso que te propunham? Há três forças, as únicas que possam subjugar para sempre a consciência desses fracos revoltados, a saber: o milagre, o mistério, a autoridade! Tu rejeitaste todas as três, dando assim um exemplo. O espírito terrível e profundo havia-te transportado ao pináculo e havia-te dito: 'Queres saber se és o filho de

Deus? Lança-te daqui abaixo, porque está escrito que os anjos o sustentarão e o carregarão, e ele não sofrerá nenhum ferimento. Saberás então se és o filho de Deus e provarás assim tua fé em teu pai'. Mas repeliste esta proposta, não te precipitaste. Mostraste então uma altivez sublime, divina, mas os homens, raça fraca e revoltada, não são deuses! Sabias que, dando um passo, um gesto para te precipitares, terias tentado o Senhor e perdido a fé nele, ter-te-ias rebentado sobre aquela terra que vinhas salvar, para grande alegria do tentador. Mas há muitos como tu? Podes admitir um instante que os homens teriam a força de suportar semelhante tentação? É próprio da natureza humana repelir o milagre e, nos momentos graves da vida, diante das questões capitais e dolorosas, agarrar-se à livre decisão do coração? Oh! Tu sabias que tua firmeza seria relatada nas Escrituras, atravessaria as idades e iria até as regiões mais longínquas, e esperavas que, seguindo teu exemplo, o homem se contentaria com Deus, sem recorrer ao milagre. Mas ignoravas que o homem rejeita Deus ao mesmo tempo que o milagre, porque é sobretudo o milagre que ele procura. E, como não saberia passar sem ele, forja novos, os seus próprios, inclinar-se-á diante dos prodígios de um mágico, dos sortilégios de uma feiticeira, ainda que seja um revoltado, um herege, um ímpio confesso. Tu não desceste da cruz, quando zombavam de ti e gritavam-te, por derrisão: 'Desce da cruz e creremos em ti'. Não o fizeste, porque de novo não quiseste sujeitar o homem por meio de um milagre. Desejavas uma fé livre e não inspirada pelo maravilhoso. Tinhas necessidade de um livre amor e não dos transportes servis dum escravo aterrorizado. Aí ainda, fazias idéia demasiado alta dos homens, porque são escravos, se bem que tenham sido criados rebeldes. Vê e julga, após quinze séculos decorridos: quem elevaste até a ti? Juro-o, o homem é mais fraco e mais vil do que o pensavas. Pode ele, pode ele realizar o mesmo que tu? A grande estima que tinhas por ele fez mal à compaixão. Exigiste demasiado dele. Tu, no entanto, que o amavas mais do que a ti mesmo! Estimando-o menos, ter-lhe-ias imposto um fardo mais leve, mas em relação com teu amor. Ele é fraco e covarde. Que importa que no presente se insurja por toda parte contra nossa autoridade e se mostre orgulhoso de sua revolta? É o orgulho de jovens escolares que se amotinaram em aula e expulsaram seu mestre. Mas a alegria dos garotos terá fim e lhes custará caro. Derrubarão os templos e inundarão a terra de sangue. Mas perceberão por fim, essas crianças estúpidas, que são apenas fracos revoltosos, incapazes de revoltar-se por muito tempo. Derramarão lágrimas bobas e compreenderão que o Criador, fazendo-os rebeldes, quis

zombar deles, certamente. Gritarão contra ele com desespero e essa blasfêmia torná-los-á ainda mais infelizes, porque a natureza humana não tolera a blasfêmia e acaba sempre por tirar vingança dela. Assim, a inquietação, a perturbação, a desgraça, tal a partilha dos homens, após os sofrimentos que suportaste pela liberdade deles. Teu eminente profeta diz, na sua visão simbólica, que viu todos os participantes da primeira ressurreição e que havia 12 000 para cada tribo. Para serem tão numerosos, deveriam ser mais que homens, quase deuses. Suportaram tua cruz e a existência no deserto, nutrindo-se de gafanhotos e de raízes; decerto, podes orgulhar-te desses filhos da liberdade, do livre amor, de seu sublime sacrifício em teu nome. Mas, lembra-te, não eram eles senão alguns milhares e quase deuses, e o resto? É falta deles, dos outros, dos fracos humanos, se não puderam suportar o que suportam os fortes? É culpada a alma fraca por não poder conter dons tão terríveis? Vieste na verdade apenas para os eleitos? Então, é um mistério, incompreensível para nós, e teremos o direito de pregá-lo aos homens, de ensinar que não é a livre decisão dos corações nem o amor que importam, mas o mistério, ao qual devem eles submeter-se cegamente, mesmo malgrado sua consciência. É o que temos feito. Corrigimos tua obra baseando-a no milagre, no mistério, na autoridade. E os homens regozijaram-se por ser de novo levados como um rebanho e libertados daquele dom funesto que lhes causava tais tormentos. Tínhamos razão de agir assim, dize-mo? Não era amar a humanidade compreender sua fraqueza, aliviar seu fardo com amor, tolerar mesmo o pecado à sua fraca natureza, contanto que fosse com nossa permissão? Por que então vir entravar nossa obra? Por que guardas tu o silêncio, fixando-me com teu olhar penetrante e terno? É preferível que te zangues, não quero o teu amor, porque eu mesmo não te amo. Por que haveria eu de dissimular isto? Sei a quem falo, tu conheces o que tenho a dizer-te, vejo-o nos teus olhos. Cabe a mim esconder-te nosso segredo? Talvez o queiras ouvir de minha boca. Ei-lo: não estamos contigo, mas com ele, desde muito tempo já. Há justamente oito séculos que recebemos dele esse derradeiro dom que tu repeliste com indignação, quando ele te mostrava todos os reinos da terra; aceitamos Roma e o gládio de César e declaramo-nos os únicos reis da terra, se bem que até agora não tenhamos tido ainda tempo de completar nossa obra. Mas de quem a culpa? Oh! o negócio está apenas começado, bem longe de ser completado, e a terra terá de sofrer ainda muito, mas atingiremos nosso fim, seremos césares e então pensaremos na felicidade universal.

"Entretanto, terias podido então tomar o gládio de César. Por que repeliste esse derradeiro dom? Seguindo esse terceiro conselho do poderoso espírito, realizavas tudo quanto os homens procuram na terra: um senhor diante de quem inclinar-se, um guarda de sua consciência e o meio de se unirem finalmente na concórdia em uma comunidade de formigueiro, porque a necessidade da união universal é o terceiro e derradeiro tormento da raça humana. A humanidade teve sempre tendência no seu conjunto para organizar-se sobre uma base universal. Houve grandes povos de história gloriosa, mas, à medida que se elevaram, sofreram mais, experimentando mais fortemente que os outros a necessidade da união universal. Os grandes conquistadores, os Tamerlão e Gengis-Cã, que percorreram a terra como um furacão, encarnavam, também eles, sem ter disso consciência, essa aspiração dos povos à unidade. Aceitando a púrpura de César, terias fundado o império universal e dado a paz ao mundo. Com efeito, quem está qualificado para dominar os homens senão aqueles que lhes dominam a consciência e dispõem de seu pão? Tomamos o gládio de César e, assim fazendo, nós te abandonamos para segui-lo. Oh! Decorrerão ainda séculos de licença intelectual, de vã ciência e de antropofagia, porque será nisto que eles acabarão, depois de ter edificado sua torre de Babel sem nós. Mas então a besta virá para nós arrastando-se, lamberá nossos pés, regá-los-á com lágrimas de sangue. E nós montaremos nela, ergueremos no ar uma taça em que estará gravada a palavra: 'Mistério'. Então somente a paz e a felicidade reinarão sobre os homens. Tu te orgulhas de teus eleitos, mas não passam de um escol, ao passo que nós daremos o repouso a todos. Aliás, entre esses fortes destinados a ser eleitos, quantos se cansaram por fim de esperar-te, levaram e levarão ainda a outras partes as forças de seu espírito e o ardor de seu coração, quantos acabarão por insurgir-se contra ti em nome da liberdade! Mas serás tu que lha terás dado. Nós tornamos todos os homens felizes e as revoltas e os massacres inseparáveis de tua liberdade cessarão. Oh! Nós os persuadiremos de que não serão verdadeiramente livres senão abdicando de sua liberdade em nosso favor. Pois bem, diremos a verdade ou mentiremos? Convencer-se-ão eles próprios de que dizemos a verdade, porque se lembrarão daquela servidão e daquela perturbação em que os mergulhou a tua liberdade. A independência, o livre-pensamento, a ciência tê-los-ão desviado num tal labirinto, posto em presença de tais prodígios, de tais enigmas, que uns, rebeldes furiosos, destruir-se-ão a si mesmos, e os outros, rebeldes, porém fracos, multidão covarde e miserável, se arrastarão a nossos pés, gritando:

'Sim, tínheis razão, somente vós possuíeis seu segredo e nós voltamos a vós; salvai-nos de nós mesmos!' Sem dúvida, recebendo de nós os pães, verão bem que tomamos os deles, ganhos com seu próprio trabalho, para distribuí-los, sem nenhum milagre; verão bem que não mudamos as pedras em pão; mas o que lhes causará mais prazer que o próprio pão será recebê-lo de nossas mãos! Porque se lembrarão de que outrora o próprio pão, fruto de seu trabalho, mudava-se em pedra em suas mãos, ao passo que, quando voltaram a nós, as pedras tornaram-se pão. Compreenderão o valor da submissão definitiva. E, enquanto os homens não a tiverem compreendido, serão infelizes. Quem mais contribui para essa incompreensão, dize-me? Quem dividiu o rebanho e dispersou-o por estradas desconhecidas? Mas o rebanho se recomporá, voltará a obedecer e será isso para todo o sempre. Então, dar-lhe-emos uma felicidade mansa e humilde, uma felicidade adaptada a criaturas fracas como eles. Nós os persuadiremos, por fim, a não se orgulharem, porque foste tu, elevando-os, quem os ensinou a serem orgulhosos; provar-lhes-emos que são débeis, que são crianças dignas de dó, mas que a felicidade infantil é a mais deleitável. Tornar-se-ão tímidos, não nos perderão de vista e se comprimirão contra nós com medo, como uma tenra ninhada sob a asa materna. Sentirão uma surpresa medrosa e terão orgulho de toda aquela energia e inteligência que nos permitiram domar a multidão inumerável dos rebeldes. Nossa cólera fá-los-á tremerem, a timidez dominá-los-á, seus olhos tornar-se-ão lacrimosos como os das crianças e das mulheres; mas, a um sinal nosso, passarão bem facilmente ao riso e à alegria, à alegria radiosa das crianças. Decerto, sujeitá-los-emos ao trabalho, mas nas horas de lazer organizaremos sua vida como um brinquedo de criança, com cantos, coros, danças inocentes. Oh! permitiremos mesmo que pequem — são fracos —, e nos amarão por causa disso como crianças. Dir-lhes-emos que todo pecado será redimido, se for cometido com nossa permissão; por amor é que lhes permitiremos que pequem e assumiremos o castigo de tais pecados. Amar-nos-ão como a benfeitores que tomam a si a carga de seus pecados perante Deus. Não terão segredo algum para conosco. De acordo com seu grau de obediência, permitir-lhes-emos ou proibir-lhes-emos que vivam com suas mulheres e suas amantes, que tenham filhos ou não tenham, e eles nos escutarão com alegria. Submeter-nos-ão os segredos mais penosos de sua consciência, resolveremos todos os casos e eles aceitarão nossa decisão com alegria, porque ela lhes poupará a grave preocupação de resolverem eles mesmos livremente. E todos serão felizes, milhões de criaturas, exceto uns 100 000, seus diretores, exceto nós, os

depositários do segredo; Os felizes contar-se-ão por bilhões e haverá 100 000 mártires encarregados do conhecimento maldito do bem e do mal. Morrerão tranqüilamente, extinguir-se-ão mansamente em teu nome e no outro mundo nada encontrarão senão a morte. Mas nós guardaremos o segredo; nós os ninaremos, para sua felicidade, com uma recompensa eterna no céu. Porque, se houvesse outra vida, não seria decerto para criaturas como eles. Profetiza-se que voltarás para vencer de novo, cercado de teus eleitos, poderosos e orgulhosos; diremos que eles só se salvaram a si mesmos, ao passo que nós salvamos o mundo inteiro. Dizem que a fornicadora, montada na besta e tendo nas mãos a taça do mistério, será desonrada, que os fracos se revoltarão de novo, rasgarão sua púrpura e desnudarão seu corpo 'impuro'. Eu me levantarei então e te mostrarei os bilhões de felizes que não conheceram o pecado. E nós, que nos sobrecarregamos com seus pecados, para sua felicidade, nós nos ergueremos diante de ti, dizendo: 'Não te tememos; também eu estive no deserto, vivi de gafanhotos e de raízes; também eu abençoei a liberdade com que gratificaste os homens e me preparava para figurar entre teus eleitos, os poderosos e os fortes, ardendo por completar-lhes o numero. Mas dominei-me e não quis servir uma causa insensata. Voltei a juntar-me àqueles que corrigiram tua obra. Abandonei os orgulhosos, voltei aos humildes, para fazer a felicidade deles. O que te digo se realizará e nosso império se edificará. Repito-te, amanhã, a um sinal meu, verás aquele rebanho dócil trazer carvões acesos para a fogueira a que subirás, por teres vindo estorvar nossa obra. Porque, se alguém mereceu mais que todos a fogueira, foste tu. Amanhã, queimar-te-ei. *Dixi.* "[28]

Ivã parou. Exaltara-se ao discorrer e falava com animação; ao terminar, sorriu.

Aliócha escutara em silêncio, com uma emoção extrema. Por várias vezes, tinha querido interromper seu irmão, mas contivera-se.

— Mas... é absurdo! — exclamou, corando. — Teu poema é um elogio de Jesus e não uma censura... como o querias. Quem acreditará no que dizes da liberdade? É assim que se deve compreendê-la? É essa a concepção da Igreja Ortodoxa?... É Roma, e não toda, são os piores elementos do catolicismo, os inquisidores, os jesuítas!... Não existe personagem fantástico como o teu inquisidor. Quais são esses pecados dos

---

[28] *"Tenho dito. " Expressão latina empregada antigamente no final dos discursos.*

outros dos quais se assume a carga? Quem são esses detentores do mistério, que se encarregam do anátema pela felicidade dos homens? Quando se viu isso? Conhecemos os jesuítas, fala-se mal deles, mas são semelhantes aos teus? De modo algum!... É simplesmente o exército romano, o instrumento da futura dominação universal, com um imperador, o pontífice romano, à sua frente... eis o ideal deles, não há aí mistério nenhum, nem tristeza sublime... A sede de reinar, a vulgar cobiça dos vis bens terrestres... uma espécie de servidão futura em que eles se tornariam proprietários de terras... eis tudo. Talvez mesmo não creiam em Deus. Teu inquisidor não passa de uma ficção...

— Pára, pára! — disse, rindo, Ivã. — Como te acaloras! Uma ficção, dizes? Pois seja, evidentemente. No entanto, crês verdadeiramente que todo o movimento católico dos derradeiros séculos seja apenas inspirado pela sede do poder, em vista somente dos bens terrestres? Não será o Padre Paísi quem. te ensina isto?

— Não, não, pelo contrário, o Padre Paísi falou uma vez no teu mesmo sentido... mas, decerto, não disse de todo a mesma coisa — emendou Aliócha.

— Eis uma informação preciosa, apesar do teu "não de todo a mesma coisa". Mas por que os jesuítas e os inquisidores ter-se-iam unido unicamente em vista da felicidade terrestre? Não se pode encontrar entre eles um só mártir, presa dum nobre sofrimento e amando a humanidade? Suponhamos que entre essas criaturas sedentas somente de bens materiais seja encontrada uma só como o meu velho inquisidor, que viveu de raízes no deserto e encarniçou-se em domar seus sentidos para se tornar livre, para atingir a perfeição; no entanto, sempre amou a humanidade. De repente, vê claro, dá-se conta de que é uma felicidade medíocre atingir a liberdade perfeita, quando milhões de criaturas permanecem para sempre desgraçadas, demasiado fracas para usar de sua liberdade, de que esses revoltados débeis não poderão jamais terminar sua torre, e de que não é para tais gansos que o grande idealista sonhou sua harmonia. Depois de ter compreendido tudo isto, meu inquisidor volta atrás e... alia-se às pessoas de espírito. Será, pois, impossível?

— Alia-se a quem, a que pessoas de espírito? — exclamou Aliócha, quase zangado. — Não têm espírito, não detêm mistérios, nem segredos... O ateísmo, eis o segredo deles. Teu inquisidor não crê em Deus.

— Pois bem, e se assim fosse? Adivinhaste, afinal. É bem isto, eis

todo o segredo, mas não é um sofrimento, pelo menos para um homem como ele, que sacrificou sua vida a seu ideal no deserto e não cessou de amar a humanidade? No declínio de seus dias convence-se claramente de que somente os conselhos do grande e terrível espírito poderiam tornar suportável a existência dos revoltados débeis, "desses seres abortados, criados por derrisão". Compreende que é preciso escutar o espírito profundo, esse espírito de morte e de ruína, e, para isto fazer, admitir a mentirá e a fraude, conduzir cientemente os homens à morte e à ruína, enganando-os durante o caminho todo, para ocultar-lhes para onde os leva, e para que esses lastimáveis cegos tenham a ilusão da felicidade. Nota isto: a fraude em nome daquele no qual o velho acreditou ardentemente durante toda a sua vida! Não é uma desgraça? E se se encontra, seja apenas uma criatura semelhante, à frente desse exército "ávido de poder em vista apenas de bens vis", não é bastante para suscitar uma tragédia? Bem mais ainda, basta um só chefe semelhante para encarnar a verdadeira idéia diretriz do catolicismo romano, com seus exércitos e seus jesuítas, a idéia superior. Declaro-te que estou persuadido de que esse tipo único jamais faltou entre os que estão à testa do movimento. Quem sabe se não houve talvez alguns entre os pontífices romanos? Quem sabe? Talvez aquele maldito velho, que ama tão obstinadamente a humanidade, à sua maneira, exista ainda agora em vários exemplares, e isto não por efeito do acaso, mas sob a forma de uma aliança, de uma liga secreta, organizada desde muito tempo para manter o mistério, roubá-lo aos desgraçados e aos fracos, para torná-los felizes? Deve certamente ser assim, é fatal. Imagino mesmo que os franco-maçons têm um mistério análogo na base de sua doutrina e é por isso que os católicos odeiam os franco-maçons; vêem neles uma concorrência, a difusão da idéia única, quando deve haver um só rebanho sob um só pastor. Aliás, defendendo meu pensamento, tenho o ar de um autor que não suporta tua crítica. Basta disso.

— Talvez sejas tu mesmo um franco-maçom — deixou escapar de súbito Aliócha. — Não crês em Deus — acrescentou com profunda tristeza. Parecera-lhe que seu irmão o olhava com ar zombeteiro. — Como acabou teu poema? — continuou, de olhos baixos. — Ou já se acabou?

— Queria acabá-lo assim: o inquisidor se cala, espera um momento a resposta do prisioneiro. Seu silêncio lhe pesa. O cativo escutou-o todo o tempo, fixando-o com seu olhar penetrante e calmo, visivelmente decidido a não lhe dar resposta. O velho queria que ele lhe dissesse alguma coisa,

ainda mesmo palavras amargas e terríveis. De repente, o prisioneiro aproxima-se em silêncio do nonagenário e beija-lhe os lábios exangues. É toda a sua resposta. O velho estremece, seus lábios tremem, vai à porta, abre-a e diz: "Vai-te e não voltes mais... nunca mais!" E deixa que ele se vá pelas trevas da cidade. O prisioneiro sai.

— E o velho?

— O beijo queima-lhe o coração, mas ele persiste na sua idéia.

— E tu estás com ele, também tu! — exclamou amargamente Aliócha.

— Que absurdo, Aliócha! É apenas um poema destituído de sentido, a obra dum fedelho estudante que jamais fez versos. Pensas que vou agora meter-me com os jesuítas, juntar-me àqueles que corrigiram sua obra? Oh! Senhor! que me importa? Já to disse: assim que atingir os meus trinta anos, quebrarei a taça.

— E os brotos tenros, os túmulos queridos, o céu azul, a mulher amada? Como viverás, qual será teu amor por eles? — exclamou Aliócha, cheio de dor. — Pode-se viver com tanto inferno no coração e na cabeça? Sim, vais juntar-te a eles... se não, tu te suicidarás, desesperado.

— Há em mim uma força que resiste a tudo! — declarou Ivã, com um frio sorriso.

— Qual?

— A dos Karamázovi... a força que eles haurem de sua baixeza.

— Quer dizer mergulhar na corrupção, perverter sua alma, não é?

— Poderia ser isso também... Talvez escape a isso até os trinta anos e depois...

— Como poderás escapar a isso? É impossível, com tuas idéias.

— Também karamazovianas!

— Quer dizer que "tudo é permitido", não é?

Ivã franziu o cenho e empalideceu estranhamente.

— Ah! apanhaste ao vôo aquela frase de ontem que tanto ofendeu Miúsov... e que Dimítri repetiu tão ingenuamente. Pois seja, "tudo é. permitido", já que se disse isto. Não me retrato. Aliás, Mítia formulou-a

bastante bem.

Aliócha examínava-o em silêncio.

— Na véspera de partir, meu irmão, pensava que tinha só a ti no mundo, mas vejo agora que, mesmo em teu coração, não há mais lugar para mim, meu caro eremita. Não renegarei esta fórmula de que "tildo é permitido" e serás tu então que me renegarás, não é?

Aliócha aproximou-se dele e beijou-lhe suavemente os lábios.

— É um plágio! — exclamou Ivã, de súbito exaltado. — Tiraste isto do meu poema. Agradeço-te, no entanto. É tempo de partir, Aliócha, para ti e para mim.

Saíram. No patamar, pararam.

— Escuta, Aliócha — disse Ivã num tom firme —, se posso ainda amar os brotos primaveris, será graças à tua lembrança. Bastar-me-á saber que estás aqui, em alguma parte, para retomar gosto pela vida. Estás contente? Se quiseres, toma isto como uma declaração de amizade. Agora, sigamos cada qual para seu lado. E chega, entendes-me?

Quer dizer que, se não partir amanhã (o que não é provável) e nos encontrarmos de novo, nem uma palavra a respeito dessas questões. Peço-te formalmente. E, quanto a Dimítri, rogo-te também que não me fales mais dele, nunca mais. O assunto está esgotado, não? Em troca, prometo-te, aos trinta anos, quando eu quiser "atirar minha taça", voltar a conversar ainda contigo, onde quer que te aches, ainda que esteja eu na América. Interessar-me-á muito então ver o que te tornaste. Eis uma promessa solene, com efeito. Nós nos despedimos por dez anos, talvez. Vai ter com teu *pater seraphicus,* que está morrendo; se morresse em tua ausência, haverias de ficar zangado comigo porque te retive. Adeus; beija-me ainda uma vez, e agora vai-te...

Ivã afastou-se e seguiu seu caminho sem voltar-se. Fora assim que Dimítri partira na véspera, em condições muitíssimo diversas, é verdade. Essa observação estranha atravessou como uma flecha o espírito entristecido de Aliócha. Ficou alguns instantes a acompanhar seu irmão com o olhar. De repente, percebeu, pela primeira vez, que Ivã gingava ao andar e que tinha, visto de costas, o ombro direito mais baixo que o outro. Mas de súbito Aliócha deu meia volta e dirigiu-se, quase correndo, para o mosteiro. A noite caía; estava inquieto, invadido por um pressentimento

indefinível. Como na véspera, o vento elevou-se e os pinheiros centenários rugitavam lúgubremente, quando entrou no bosque do eremitério. Corria quase. "*Pater seraphicus,* donde tirara ele esse nome? Ivã, pobre Ivã, quando tornarei a ver-te?... Aqui está o eremitério, Senhor! Sim, é ele, o *pater seraphicus,* que me salvará... dele para sempre!"

Várias vezes, mais tarde, admirou-se de ter podido, após a partida de Ivã, esquecer-se tão totalmente de Dimítri, a quem prometera a si mesmo, naquela manhã mesma, procurar e descobrir, embora tivesse de passar a noite fora do mosteiro.

VI

ONDE REINA AINDA A OBSCURIDADE

Por seu lado, depois de ter deixado Aliócha, dirigiu-se Ivã Fiódorovitch à casa de seu pai. Coisa estranha, sentiu de repente uma ansiedade intolerável, que aumentava à medida que se aproximava da casa. Não era a sensação que lhe causava espanto, mas a impossibilidade de defini-la. Conhecia a ansiedade por experiência e não o surpreendia senti-la naquele momento, quando, depois de ter rompido com tudo quanto o retinha naqueles lugares, ia engajar-se numa via nova e desconhecida, sempre também solitária, cheio de esperança sem finalidade, de confiança excessiva na vida, mas incapaz de precisar sua expectativa e suas esperanças. Naquele instante, se bem que apreendesse o desconhecido, não era isso que o atormentava. "Não será a aversão pela casa paterna?", pensava ele. "Seria na verdade isso, tanto ela me repugna, muito embora lhe transponha os umbrais hoje pela derradeira vez... Mas não, não é isso. Foram talvez as despedidas com Aliócha, depois de nossa conversa. Conservei-me calado por tanto tempo, sem dignar-me falar, e eis que passo a acumular tantos absurdos. " Na realidade, podia ser o despeito da inexperiência e da vaidade juvenis, o despeito de não ter revelado seu pensamento, sobretudo com uma criatura como Aliócha, de. quem esperava ele certamente muito em seu foro íntimo. Sem dúvida, esse despeito existia, era fatal, mas havia outra coisa. "Estar ansioso até a náusea e não poder precisar o que quero. Não pensar, talvez... "

Ivã Fiódorovitch tentou "não pensar", mas nada conseguiu. O que o irritava sobretudo era que aquela ansiedade tinha uma causa fortuita, exterior, sentia-o ele. Um ser ou um objeto obsedava-o vagamente, da

mesma maneira que se tem por vezes diante dos olhos, sem que se perceba, durante um trabalho ou uma conversação animada, alguma coisa irritante até o sofrimento, até que nos vem por fim a idéia de afastar aquele objeto incômodo, muitas vezes uma bagatela: uma coisa que não está no lugar, um lenço caído no chão, um livro fora da estante, etc. De muito mau humor, chegou Ivã à casa paterna; a quinze passos da porta ergueu os olhos e adivinhou de repente o motivo de sua perturbação.

Sentado num banco, perto do portão, o criado Smierdiákov tomava fresco. Ao primeiro olhar compreendeu Ivã que aquele Smierdiákov o incomodava e que sua alma não podia suportá-lo. Foi como um raio de luz. Ainda há pouco, quando Aliócha contava seu encontro com Smierdiákov, sentira uma sombria repulsa, e, por contragolpe, animosidade. Em seguida, durante a conversa, não pensou mais naquilo, mas, desde que se encontrou só, a sensação esquecida emergiu do inconsciente. "Será possível que esse miserável me inquiete a tal ponto?", pensava ele, exasperado.

Com efeito, havia pouco, sobretudo nos últimos dias, tomara aversão àquele homem. Ele próprio acabara por notar aquela antipatia crescente. O que a agravava talvez é que, no começo de sua estada entre nós, experimentava Ivã Fiódorovitch por Smierdiákov uma espécie de simpatia. Achara-o a princípio muito original e conversava habitualmente com ele, julgando-o um pouco limitado ou antes inquieto, e sem compreender o que podia mesmo atormentar constantemente aquele contemplador. Entretinham-se também com questões filosóficas, perguntando mesmo por que a luz brilhava no primeiro dia — quando o sol, a lua e as estrelas só tinham sido criados no quarto dia — e a maneira de compreender isso. Mas em breve Ivã Fiódorovitch convenceu-se de que Smierdiákov interessava-se mediocremente pelos astros e que lhe era preciso outra coisa. Manifestava um amor-próprio excessivo e ofendido. Isto desagradou bastante a Ivã e engendrou sua aversão. Mais tarde sobrevieram incidentes desagradáveis, o aparecimento de Grúchenhka, as brigas de Dimítri com seu pai; houve barulhos. Se bem que Smierdiákov sempre falasse com agitação, não se podia nunca saber o que desejava ele para si mesmo. Alguns de seus desejos, quando os formulava involuntariamente, impressionavam pela sua incoerência. Eram constantemente perguntas, alusões que ele não explicava, interrompendo-se ou falando de outra coisa no momento mais animado. Mas o que exasperava Ivã e acabara por tornar-lhe Smierdiákov antipático era a

familiaridade chocante que este lhe testemunhava cada vez mais. Não que fosse descortês, pelo contrário; mas Smierdiákov chegara a um ponto, Deus sabe por que, em que se acreditava solidário com Ivã Fiódorovitch; exprimia-se sempre como se existisse entre eles uma aliança secreta conhecida só dos dois e incompreensível para os que os cercavam. Ivã Fiódorovitch levou muito tempo para compreender a causa de sua repulsa crescente e só muito recentemente dera-se conta disso. Queria passar irritado e desdenhoso, sem nada dizer a Smierdiákov, mas este se levantou e esse gesto revelou a Ivã Fiódorovitch seu desejo de falar-lhe em particular. Olhou-o e parou, e o fato de agir assim, em lugar de passar adiante como era sua intenção, transtornou-o. Olhava com cólera e repulsa aquela figura de eunuco, de cabelos penteados sobre as têmporas, com uma mecha levantada. O olho esquerdo piscava maliciosamente, como para dizer-lhe: "Tu não passarás, vês bem que nós, gente de espírito, temos de conversar". Ivã Fiódorovitch estremeceu.

"Para trás, miserável! Que há de comum entre nós, imbecil?!", quis gritar; mas em lugar dessa descompostura, e para grande assombro seu, proferiu coisa bem diversa:

— Meu pai ainda está dormindo? — perguntou, num tom resignado, e, sem pensar nisso, sentou-se no banco. Um instante, quase teve medo, lembrou-se depois. Smierdiákov mantinha-se diante dele, com as mãos atrás das costas, e olhava-o com segurança, quase com severidade.

— Repousa ainda — disse, sem se apressar. (Foi ele quem me dirigiu por primeiro a palavra!) — O senhor me causa espanto — acrescentou depois de algum silêncio, os olhos baixos com afetação, brincando com a ponta de sua botina engraxada, com o pé direito para a frente.

— Que é que te causa espanto? — perguntou secamente Ivã Fiódorovitch, esforçando-se por conter-se, mas nauseado por sentir viva curiosidade, que queria satisfazer a qualquer preço.

— Por que não vai a Tchermachnia? — perguntou Smierdiákov, com um sorriso familiar. "Deves compreender meu sorriso, se és um homem de espírito", parecia dizer seu olho esquerdo.

— Que irei fazer em Tchermachniá? — admirou-se Ivã Fiódorovitch.

Houve um silêncio.

— Fiódor Pávlovitch rogou-lhe insistentemente — disse por fim,

sem se apressar, como se não ligasse nenhuma importância à resposta dele: "Indico-te um motivo de terceira ordem, unicamente para dizer alguma coisa".

— Com os diabos! Fala mais claramente. Que queres? — exclamou Ivã Fiódorovitch, com cólera, tornando-se grosseiro.

Smierdiákov puxou o pé direito para junto do esquerdo, endireitou-se, sempre com o mesmo sorriso fleumático.

— Nada de sério... Era só por falar.

Novo silêncio. Ivã Fiódorovitch compreendia que deveria levantar-se, zangar-se; Smierdiákov mantinha-se diante dele e parecia esperar: "Vejamos, zangar-te-ás ou não?" Tinha pelo menos a impressão disso. Por fim, fez um movimento para levantar-se. Smierdiákov aproveitou a ocasião.

— Terrível situação a minha, Ivã Fiódorovitch, não sei como sair do aperto — disse com voz firme, depois do que suspirou. Ivã tornou a sentar-se.

— Ambos perderam a cabeça, dir-se-iam crianças. Falo de seu pai e de seu irmão Dimítri Fiódorovitch. Daqui a pouco, Fiódor Pávlovitch vai-se levantar e perguntar-me a cada instante: "Por que ela não veio?", até meia-noite e mesmo depois. Se Agrafiena Alieksándrovna não vier (creio que não tem ela absolutamente intenção disso), amanhã de manhã virá ele perguntar-me de novo: 'Por que ela não veio? Quando virá ela?", como se fosse culpa minha! Do outro lado, é a mesma história; ao cair da noite, por vezes antes, chega seu irmão, armado: "Toma cuidado, tratante, queima-panelas, se a deixas passar sem me prevenir, matar-te-ei em primeiro lugar!" De manhã, atormenta-me ele como Fiódor Pávlovitch, tanto que pareço também responsável perante ele pelo fato de não ter vindo sua dama. A cólera deles cresce todos os dias, a ponto de sonhar eu por vezes em suicidar-me, tal é o medo que tenho. Não espero nada de bom.

— Por que te meteste nisto? Por que te tornaste o espião de Dimítri Fiódorovitch?

— Como agir de outro modo? Aliás, não me meti em nada, se quer saber. No começo calava-me, não ousando replicar. Fez ele de mim seu servidor. Depois, são ameaças contínuas: "Eu te matarei, patife, se a deixares entrar". Estou certo, senhor, de ter amanhã uma longa crise.

— Que crise?

— Mas uma crise longa, muito longa. Durará várias horas, um dia ou dois, talvez. Uma vez, durou três dias, ficando eu sem conhecimento. Caíra do celeiro. Fiódor Pávlovitch mandou chamar Herzenstube, que prescreveu gelo sobre o crânio, depois outro remédio. Estive à morte.

— Mas dizem que é impossível prever as crises de epilepsia. Como podes saber que será amanhã? — perguntou Ivã Fiódorovitch com uma curiosidade a que se misturava cólera.

— É verdade.

— Além do mais, caíras do celeiro daquela vez.

— Poderei cair amanhã, porque subo lá todos os dias. Se não for no celeiro, cairei na adega. Vou lá também todos os dias.

Ivã examinou-o longamente.

— Tu tramas alguma coisa que não compreendo bem — disse ele em voz baixa, mas com ar ameaçador. — Não terás a intenção de simular uma crise por três dias?

— Se eu pudesse simular — não passa de um brinquedo, quando se tem experiência —, teria plenamente o direito de recorrer a esse meio para salvar minha vida, porque quando estou nesse estado, até mesmo se Agrafiena Alieksandrovna chegasse, seu irmão não poderia exigir contas a um doente. Teria vergonha.

— Com os diabos! — exclamou Ivã Fiódorovitch, com as feições contraídas pela cólera. — Por que tens de temer sempre pela tua vida? As ameaças de Dimítri são falas de um homem furibundo e nada mais. Matará alguém, mas não tu.

— Matar-me-ia como a uma mosca, a mim em primeiro lugar. Receio ainda mais passar por seu cúmplice, se ele atacasse loucamente seu pai.

— Por que te acusariam de cumplicidade?

— Porque lhe revelei um segredo... os sinais.

— Que sinais? Que o diabo te leve! Fala claramente.

— Devo confessar — disse arrastadamente Smierdiákov, com ar doutorai —, temos um segredo, Fiódor Pávlovitch e eu. O senhor sabe sem dúvida que desde alguns dias ele se tranca com ferrolho assim que chega

a noite. Nestes tempos, o senhor regressa cedo, sobe imediatamente para seus aposentos, ontem mesmo nem chegou a sair, de modo que ignora talvez com que cuidado ele se embarricava. Se Gregório Vassílievitch chegasse, ele só lhe abriria a porta depois de reconhecer-lhe a voz. Mas Gregório Vassílievitch não vem, porque sou eu somente que sirvo nos aposentos de seu pai — decidiu ele assim desde aquela intriga com Agrafiena Alieksandrovna; de acordo com suas instruções, passo a noite no pavilhão; até meia-noite devo montar guarda, vigiar o pátio, para o caso de ela vir; desde alguns dias a espera o torna louco. Eis seu raciocínio. "Dizem que ela tem medo dele (de Dimítri Fiódorovitch, entende-se), portanto virá de noite pelo pátio; fica de vigia lá até depois de meia-noite. Assim que ela chegar lá, corre a bater na porta ou na janela no jardim, duas vezes de leve, assim, depois três vezes mais depressa, toc, toc, toc. Então compreenderei que é ela e te abrirei devagarzinho a porta. " Deu-me outro sinal para os casos extraordinários, primeiro, dois golpes depressa, toc, toc, depois, após um intervalo, uma vez forte. Compreenderá que há novidade e me abrirá e eu farei meu relatório. Isto no caso em que viessem de parte de Agrafiena Alieksándrovna, ou se Dimítri Fiódorovitch chegasse, a fim de assinalar sua aproximação. Ele tem muito medo e mesmo se estivesse trancado com sua beldade e o outro chegasse, sou obrigado a informá-lo disso imediatamente, dando três pancadas. O primeiro sinal, cinco pancadas, quer pois dizer: "Agrafiena Alieksándrovna chegou"; o segundo, três pancadas, significa: "Negócio urgente". Fez-me ensaiar várias vezes. E como ninguém no mundo conhece esses sinais, exceto ele e eu, abrir-me-á sem hesitar, nem chamar (receia muito fazer barulho). Ora, Dimítri Fiódorovitch está ao corrente desses sinais.

— Por quê? Foste tu que lhos transmitiste? Como ousaste?

— Tinha medo. Podia eu guardar o segredo? Dimítri Fiódorovitch insistia cada dia: "Tu me enganas, tu me ocultas alguma coisa! Quebrar-te-ei as pernas!" Falei para provar-lhe minha submissão e persuadi-lo de que não o engano, bem pelo contrário.

— Pois bem, se pensas que ele quer entrar por meio deste sinal, impede-o!

— E se eu tiver minha crise, como lho impedirei, admitindo que o ouse? Ele é tão violento!

— Que o diabo te carregue! Por que estás tão certo de ter uma crise amanhã? Zombas de mim!

— Não mo permitiria; aliás, não é momento para riso. Pressinto que terei uma crise, basta o medo para provocá-la

— Se estiveres deitado, será Gregório quem vetará. Previne-o, ele o impedirá.

— Não ouso revelar os sinais a Gregório Vassílievitch, sem a permissão do patrão. Aliás, Gregório Vassílievitch está doente desde ontem e Marfa Ignátievna prepara-se para cuidar dele. É bastante curioso: ela conhece e tem de reserva uma infusão fortíssima, feita de certa erva, é um segredo. Três vezes por ano, dá esse remédio a Gregório Vassílievitch, quando tem ele seu lumbago e fica como que paralítico. Pega ela um guardanapo embebido desse licor e esfrega-lhe com ele as costas uma meia hora, até que lhe fique a pele avermelhada e até mesmo inchada. Depois dá-lhe a beber o resto do frasco, recitando uma oração. Ela mesma toma um pouco. Não tendo ambos costume de beber, caem ali mesmo e adormecem num sono profundo que dura muito tempo. Ao despertar, Gregório Vassílievitch está quase sempre curado, ao passo que sua mulher fica com enxaqueca. De sorte que, se amanhã Marfa Ignátievna puser seu projeto em execução, não ouvirão eles Dimítri Fiódorovitch e o deixarão entrar. Estarão dormindo.

— Que absurdo! Tudo se arranjará como de propósito: tu terás tua crise, os outros estarão adormecidos. É de acreditar-se que tens intenções... — exclamou Ivã Fiódorovitch, franzindo o cenho.

— Como poderia eu arranjar tudo isso... e para que, quando tudo depende unicamente de Dimítri Fiódorovitch?... Se ele quiser agir, agirá, senão não irei procurá-lo para empurrá-lo para a casa de seu pai.

— Mas por que viria ele, e às ocultas ainda por cima, se Agrafiena Alieksandrovna não vem, como tu mesmo dizes? — prosseguiu Ivã Fiódorovitch, pálido de cólera. — Eu também sempre pensei que era uma fantasia do velho, que jamais aquela criatura viria aqui à casa dele. Por que, pois, Dimítri forçaria a porta? Fala, quero conhecer teu pensamento.

— O senhor mesmo sabe por que ele virá, de que adianta aqui meu pensamento? Virá ele por animosidade ou por desconfiança, se eu estiver doente, por exemplo; terá dúvidas e quererá explorar ele próprio os aposentos, como ontem de noite, ver se ela não teria entrado sem que ele o soubesse. Sabe também que Fiódor Pávlovitch preparou um grande envelope contendo 3 000 rublos, selado com três sinêtes e amarrado por

uma fita. Escreveu de seu próprio punho: "Para meu anjo, Grúchenhka, se ela quiser vir". Três dias depois, acrescentou: "Para minha franguinha". Aí tem o senhor o perigo!

— Que absurdo! — exclamou Ivã Fiódorovitch fora de si. — Dimítri não irá roubar dinheiro e matar seu pai ao mesmo tempo. Ontem, teria podido matá-lo como um louco furioso por causa de Grúchenhka, mas não irá roubar.

— Tem ele extrema necessidade de dinheiro, Ivã Fiódorovitch. O senhor nem mesmo pode fazer idéia — explicou Smierdiákov com grande calma e bem nitidamente. — Aliás, acha ele que esses 3 000 rublos lhe pertencem e declarou-me: "Meu pai me deve justamente 3 000 rublos". Além do mais, Ivã Fiódorovitch, considere isto: está ele quase certo de que Agrafiena Alieksandrovna, se o quiser, obrigará Fiódor Pávlovitch a casar-se com ela. Acho que ela não virá, mas talvez queira ela algo mais, queira tornar-se uma dama. Sei que seu amante, o comerciante Samsónov, dizia-lhe francamente que não seria este um mau negócio, e ria. Ela mesma não é tola; não tem razão nenhuma para casar-se com um pobretão como Dimítri Fiódorovitch. Neste caso, Ivã Fiódorovitch, sabe o senhor muito bem que nem o senhor nem seus irmãos herdarão de seu pai 1 rublo sequer, porque se Agrafiena Alieksandrovna casar com ele, será para pôr tudo em seu nome e ficar com todos os seus capitais. Se o pai dos senhores morrer agora, receberá cada um 40 000 rublos, até mesmo Dimítri Fiódorovitch, a quem ele detesta tanto, porque seu testamento ainda não está feito... Dimítri Fiódorovitch está ao corrente de tudo isto...

As feições de Ivã contraíram-se. Corou.

— Por que, pois — interrompeu bruscamente —, me aconselhas a partir para Tchermachniá? Que tencionavas com isso? Após minha partida, acontecerá aqui alguma coisa.

Ofegava.

— Justamente — disse num tom calmo Smierdiákov, fixando Ivã Fiódorovitch.

— Como justamente? — repetiu Ivã Fiódorovitch, procurando conter-se, com o olhar ameaçador.

— Digo isto por compaixão pelo senhor. No seu lugar, largaria tudo... para me afastar de tal negócio — replicou Smierdiákov, com ar

franco. Ambos se calaram.

— Tens cara dum chapado imbecil... e dum perfeito canalha!

Ivã Fiódorovitch levantou-se dum salto. Queria transpor a pequena porta, mas parou e voltou para Smierdiákov. Passou-se então algo de estranho: Ivã Fiódorovitch mordeu os lábios, cerrou os punhos e esteve a ponto de lançar-se contra Smierdiákov. Este percebeu isso a tempo, estremeceu e recuou. Mas nada de desagradável aconteceu, e Ivã Fiódorovitch, silencioso e perplexo, dirigiu-se para a porta.

— Parto amanhã para Moscou, se o queres saber, amanha de manhã, eis tudo! — gritou ele, com raiva, surpreendido ele mesmo por ter podido dizer isto a Smierdiákov.

— Perfeito! — replicou este, como se já o esperasse. — Somente, talvez tenham de telegrafar-lhe para lá, caso aconteça alguma coisa.

Ivã Fiódorovitch voltou-se de novo, mas uma mudança súbita operara-se em Smierdiákov. Toda a sua familiaridade displicente desaparecera; todo o seu rosto exprimia uma atenção e uma expectativa extremas, mas tímidas e servis. "Não acrescentaras nada?", ' lia-se no seu olhar fixo sobre Ivã Fiódorovitch.

— E não me chamariam também de Tchermanchniá, se acontecesse alguma coisa? — vociferou Ivã Fiódorovitch, elevando a voz sem saber por quê.

— Também o avisarão em Tchermachma... — murmurou Smierdiákov, em voz baixa, sem cessar de fitar Ivã bem nos olhos.

— Somente Moscou é longe e Tchermachniá é perto; será que lamentas as despesas da viagem, que insistes por Tchermachniá, ou me lamentas por ter eu de dar uma grande volta?

— Justamente — murmurou Smierdiákov, com voz mal segura e um sorriso vil, pronto de novo a saltar para trás. Mas, com grande surpresa sua, Ivã Fiódorovitch desatou a rir. Transposta a porta, ria ainda. Quem o tivesse observado naquele instante não teria atribuído aquele riso à jovialidade. Ele próprio não teria podido explicar o que sentia. Andava maquinalmente.

VII

DÁ GOSTO FALAR COM UM HOMEM DE ESPÍRITO

Falava sozinho também. Encontrando Fiódor Pávlovitch no salão, gritou-lhe, gesticulando: "Subo ao meu quarto, não irei aos seus aposentos... adeus!", e passou, evitando olhar seu pai. Sem dúvida, sua aversão pelo velho dominou-o naquele momento, mas essa animosidade manifestada com tal sem-cerimônia surpreendeu o próprio Fiódor Pávlovitch. Tinha evidentemente algo de urgente a dizer a seu filho e viera a seu encontro com este fim; diante daquela indelicada acolhida, calou-se e acompanhou-o com um olhar irônico até que ele desapareceu.

— Que tem ele? — perguntou a Smierdiákov, que chegava.

— Está zangado. Quem sabe por quê? — respondeu evasivamente Smierdiákov.

— Ao diabo sua zanga! Apressa-te em trazer-me o samovar e vai-te. Nada de novo?

Vieram então as perguntas de que Smierdiákov acabava de queixar-se a Ivã Fiódorovitch, referentes à visitante esperada, mas silenciamos a respeito. Meia hora mais tarde, a casa estava fechada e o velho apaixonado pôs-se a andar para lá e para cá, com o coração palpitante, aguardando o sinal convencionado. Por vezes, olhava as janelas sombrias, mas só via a noite.

Já era bastante tarde e Ivã Fiódorovitch não dormia. Meditava e só se deitou às 2 horas. Não exporemos o curso de seus pensamentos; não chegou o momento de entrar naquela alma; chegará a vez dela. Seria, aliás, bastante árduo, porque não eram pensamentos, mas antes uma agitação vaga. Ele próprio sentia que perdia pé. Desejos estranhos o atormentavam: assim, depois da meia-noite, sentiu uma vontade irresistível de descer, de abrir a porta e ir ao pavilhão dar uma surra em Smierdiákov, mas, se lhe tivessem perguntado por que, não teria podido indicar um só motivo, salvo talvez que aquele lacaio se lhe tornara odioso, como o pior ofensor que existisse. Por outra parte, uma timidez inexplicável, humilhante, invadiu-o várias vezes, paralisando suas forças físicas. Sua cabeça girava, doía-lhe. Uma sensação de ódio aguilhoava-o, como se fosse ele vingar-se de alguém. Odiava até mesmo Aliócha, lembrando-se de sua recente

conversa, e, por instantes, detestava a si mesmo. Esquecera Catarina Ivânovna e admirou-se mais tarde, lembrando-se de que na véspera, quando se gabava diante dela de partir para Moscou no dia seguinte, dizia a si mesmo: "É absurdo, não partirás e não romperás tão facilmente, fanfarrão!" Muito tempo depois, lembrou-se Ivã Fiódorovitch com repulsa de que, naquela noite, foi de mansinho, como se temesse ser percebido, abrir a porta, saiu para o patamar e pôs-se a escutar as idas e vindas de seu pai no andar térreo; escutou por muito tempo, com estranha curiosidade, retendo sua respiração e com o coração batendo. Ele próprio ignorava por que agia assim. Toda a sua vida tratou aquele processo como indigno, considerando-o, no fundo de sua alma, o mais vil que tinha a censurar-se. Não sentia então nenhum ódio contra Fiódor Pávlovitch, mas somente uma curiosidade intensa; que poderia ele estar fazendo lá embaixo? Via-o olhando as janelas sombrias, parando de repente no meio do quarto para escutar se não batiam. Por duas vezes, saiu Ivã Fiódorovitch assim para o patamar. Cerca das 2 horas, quando tudo ficou calmo, ele próprio se deitou, ávido de sono, porque se sentia extenuado. Na verdade, adormeceu profundamente, sem sonhos, e, quando despertou, já era dia. Ao abrir os olhos, surpreendeu-se ao sentir uma energia extraordinária, levantou-se, vestiu-se à pressa e pôs-se a arrumar sua mala. A lavadeira acabava justamente de trazer-lhes a roupa branca e ele sorriu ao pensar que nada se opunha à sua repentina partida. Era repentina, com efeito. Se bem que Ivã Fiódorovitch tivesse declarado na véspera a Catarina Ivânovna, a Aliócha, a Smierdiákov, que partia no dia seguinte para Moscou, lembrava-se de que, ao meter-se na cama, não pensava em partir, pelo menos não imaginava que, ao despertar, começaria a arrumar sua mala. Por fim, ficou ela pronta, bem como seu saco de viagem; eram já 9 horas, quando Marfa Ignátievna veio perguntar-lhe, como de costume: "Toma o chá em seu quarto ou vai descer?" Desceu quase alegre, muito embora suas palavras e seus gestos traíssem certa agitação. Saudou afavelmente seu pai, perguntou mesmo pela sua saúde, mas sem esperar sua resposta declarou-lhe que partia dentro de uma hora para Moscou e pediu que preparassem cavalos. O velho escutou-o sem o menor espanto, descuidou mesmo de mostrar, por convenção, um ar aflito; em compensação, agitou-se, lembrando-se muito a propósito de um negócio importante para ele.

— Ah! Parece incrível! Nada me disseste ontem. Não importa, não é tarde demais. Faze-me um grande prazer, meu caro, passa por

Tchermachniá. Basta dobrares à esquerda na estação de Volóvia, 1 dúzia de verstas no máximo, e lá estarás.

— Desculpe-me, mas não posso; há 80 verstas até a estação, o trem de Moscou parte às 7 horas da noite, tenho o tempo justo.

— Terás muito tempo, amanhã ou depois de amanhã, mas hoje vai a Tchermachniá. Que te custa tranqüilizar teu pai? Se não estivesse ocupado, teria eu mesmo ido lá desde muito tempo, porque o negócio é urgente, mas... não posso ausentar-me no momento... Vês? Possuo matas, em dois lotes, em Bieguítchev e em Diátchkino, nas charnecas. Os Máslovi, pai e filho, negociantes, só oferecem 8 000 rublos pela lenha; no ano passado apresentou-se um comprador que dava 12 000, mas não é daqui, nota bem. Porque não há comprador entre os daqui. Os Máslovi, que possuem centenas de milhares de rublos, é que fazem os preços: é preciso aceitar-lhes as condições, ninguém ousa disputar com eles. Ora, o Padre Ilinski escreveu-me na quinta-feira passada noticiando-me a chegada de Górstkin, também comerciante, que eu conheço e tem a vantagem de não ser daqui, mas de Pogrébov, não temendo, portanto, os Máslovi. Oferece 11 000 rublos, entendes-me? Ficará lá uma semana no máximo, escreveu-me o padreco. Irás negociar a coisa com ele...

— Escreva então ao padreco, ele se encarregará disso.

— Não saberá fazê-lo, eis a dificuldade. Esse padreco não entende nada disso. Vale seu peso em ouro, eu lhe confiaria 20 000 rublos sem recibo, mas não tem faro, é uma criança. Contudo, é um erudito, imagina só! Esse Górstkin tem o ar de um mujique, de blusa azul, mas é um perfeito tratante, eis a desgraça: mente. E por vezes a tal ponto que a gente pergunta por quê. Uma vez, contou que sua mulher tinha morrido e que ele se tornara a casar; era tudo mentira; sua mulher continua viva e surra-o regularmente. Trata-se, pois, agora, de saber se ele quer comprar mesmo por 11000 rublos.

— Mas eu tampouco entendo coisa alguma dessas espécies de negócios.

— Espera, sair-te-ás bem, vou dar-te todos os pormenores a respeito desse Górstkin. Há muito tempo que mantenho relações de negócios com ele. Escuta lá: é preciso olhar para a barba que ele tem, ruiva e maltratada. Quando ela se agita e ele mesmo se zanga enquanto fala, a coisa vai bem, fala ele a verdade e quer ultimar; mas se acaricia sua barba com a mão

esquerda, sorrindo, é que quer enrolar-nos, trapaceia. Inútil olhar-lhe os olhos, é água turva; olha sua barba. Seu verdadeiro nome não é Górstkin, mas Liagávi; [29]mas cuida de não chamá-lo Liagávi, pois se ofenderia. Se vês que o negócio se arranja, escreve-me umas linhas. Mantém o preço de 11 000 rublos. Podes baixar uns 1 000, mas não mais. Pensa pois, 8 e 1. 1, faz isto 3 000 de diferença. É para. mim dinheiro achado e tenho extrema precisão dele. Se me anunciares que a coisa é séria, haverei de achar tempo para dar um pulo até lá e ultimar o negócio. Que adianta deslocar-me daqui agora, se o padre estiver enganado? Pois bem, irás ou não?

— Ah! não tenho tempo, dispense-me.

— Presta este serviço a teu pai, não me esquecerei disso. Vocês todos não têm coração. Que é para ti um dia ou dois? Aonde vais agora, a Veneza? Ela não vai desmoronar-se, tua Veneza. Teria bem mandado Aliócha, mas entende ele disso? Ao passo que tu és astuto, vejo-o bem. Não és negociante de madeira, mas tens olho. Trata-se de ver se aquele homem fala seriamente ou não. Repito-o: olha sua barba; se ela mexer-se, é sério.

— Então, manda-me o senhor mesmo a essa maldita Tchermachniá? — exclamou Ivã com um sorriso mau.

Fiódor Pávlovitch não notou ou não quis notar a maldade e reteve só o sorriso.

— Com que então, vais, não é? Vou dar-te um bilhete.

— Não sei, decidirei isso no caminho.

— Por que no caminho? Decide agora. Fechado o negócio, escreve-me duas linhas, entrega-as ao padre, que fará chegar às minhas mãos teu bilhete. Depois disso, estarás livre e poderás partir para Veneza. O pope te levará de carro à estação de Volóvia.

O velho exultava: escreveu umas linhas, mandou buscar um carro, serviu-se um pequeno almoço, conhaque. A alegria tornava-o habitualmente expansivo, mas desta vez parecia conter-se. Nem uma palavra a respeito de Dimítri Fiódorovitch. De modo algum afetado pela separação, nada achava para dizer. Ivã Fiódorovitch ficou impressionado: "Eu o aborrecia", pensava. Ao acompanhar seu filho, o velho agitou-se como se

---

[29] *Literalmente: cão de caça. Apelido de Górstkin.*

quisesse beijá-lo. Mas Ivã Fiódorovitch apressou-se em estender-lhe a mão, visivelmente desejoso de evitar o beijo. Ele compreendeu logo e parou.

— Deus te guarde! — repetiu ele do patamar. — Voltarás algum dia, não? Terei sempre prazer em ver-te! Que o Cristo esteja contigo!

Ivã Fiódorovitch subiu no *tarantás.*

— Adeus, Ivã não me queiras mal! — gritou-lhe uma última vez seu pai.

Os criados, Smierdiákov, Marfa, Gregório, tinham vindo dizer-lhe adeus. Ivã deu a cada um 10 rublos. Smierdiákov correu a arranjar o tapete.

— Estás vendo? Vou a Tchermachniá... — deixou de súbito Ivã escapar, como contra sua vontade e com um riso nervoso. Muito tempo mais tarde lembrou-se disso.

— É então verdade o que se diz: dá gosto falar com um homem de espírito — replicou Smierdiákov, com um olhar penetrante.

O *tarantás* partiu a galope. O viajante estava preocupado, mas olhava avidamente os campos, os outeiros, um bando de gansos selvagens que voavam alto no céu claro. De repente, experimentou uma sensação de bem-estar. Tentou conversar com o cocheiro e interessou-se bastante por uma resposta do mujique; mas em breve deu-se conta de que seu espírito estava em outra parte. Calou-se, respirando com delícia o ar puro e fresco. A lembrança de Aliócha e de Catarina Ivânovna atravessou-lhe o espírito; sorriu docemente, soprou os seus queridos fantasmas, que desapareceram. "Mais tarde!", pensou. Chegaram bem depressa à estação de posta; os cavalos foram substituídos para se dirigirem a Volóvia. "Por que dá gosto falar com um homem de espírito, que queria ele dizer com isso?", perguntou a si mesmo, de súbito. "Por que lhe disse eu que ia a Tchermachniá?"

Chegado à estação de Volóvia, Ivã desceu e foi cercado pelos cocheiros: tratou o preço para Tchermachniá, 12 verstas por uma estrada vicinal. Mandou atrelar, entrou no posto, olhou a encarregada, tornou a sair para o patamar.

— Não vou mais a Tchermachniá. Terei tempo, irmãos, de chegar às 7 horas à estação?

— Às suas ordens. É preciso atrelar?

— Agora mesmo. Será que um de vocês não vai amanhã à cidade?

— Mítri irá justamente.

— Poderias tu, Mítri, prestar-me um obséquio? Vai à casa de meu pai, Fiódor Pávlovitch Karamázov, e dize-lhe que não fui a Tchermachniá.

— Por que não? Conhecemos Fiódor Pávlovitch desde muito tempo.

— Toma, eis aqui uma gorjeta, porque não se pode contar muito com ele... — disse jovialmente Ivã Fiódorovitch.

— É verdade — disse Mítri rindo. —. Obrigado, senhor, darei seu recado.

Às 7 horas da noite, tomou Ivã o trem para Moscou. "Para trás todo o passado! Está acabado para sempre! Que não ouça mais falar dele! Para um novo mundo, para novas terras, sem olhar para trás!" Mas de repente sua alma ensombreceu-se e uma tristeza tal como nunca sentira apertou-lhe o coração. Meditou toda a noite. Somente pela manhã, ao chegar a Moscou, pareceu voltar a si.

— Sou um miserável! — disse.

Fiódor Pávlovitch, após a partida de seu filho, sentiu-se de coração leve. Durante duas horas, esteve quase feliz, com a ajuda do conhaque, quando sobreveio um incidente desagradável que o consternou; ao dirigir-se à adega, Smierdiákov caiu do primeiro degrau da escada. Marfa Ignátievna, que se achava no pátio, não viu a queda, mas ouviu o grito, o grito esquisito do epiléptico presa duma crise, que ela conhecia bem. Tivera ele, ao descer os degraus, um ataque que o fizera rolar até embaixo sem conhecimento, ou então foram a queda e o choque que o provocaram? Não se sabia de nada. O certo é que o encontraram no fundo da adega, torcendo-se em horríveis convulsões, os lábios espumantes. A princípio acreditou-se que ele se contundira, fraturara um membro, mas "o Senhor o preservara", segundo a expressão de Marfa Ignátievna. Estava indene, contudo custou um trabalhão fazê-lo subir. Conseguiu-se com a ajuda dos vizinhos. Fiódor Pávlovitch, que assistia à remoção, também ajudou. Estava transtornado. O doente permanecia sem conhecimento: a crise, que cessara, recomeçou; concluiu-se disso que as coisas se passariam como no ano anterior, quando caíra ele do celeiro. Tinham-lhe então posto gelo na cabeça. Restava ainda algum na adega, que Marfa utilizou. Ao anoitecer, Fiódor Pávlovitch mandou chamar o Doutor Herzenstube, que chegou

sem demora. Depois de ter examinado atentamente o doente (era o médico mais meticuloso da província, um velhinho respeitável), concluiu que era uma crise extraordinária, que podia ocasionar complicações; que, para o momento, não compreendia bem, mas que, no dia seguinte de manhã, se os remédios prescritos não tivessem agido, tentaria outro tratamento. Deitaram o doente no pavilhão, num quartinho contíguo ao de Gregório. Em seguida, Fiódor Pávlovitch só teve aborrecimentos: a sopa, preparada por Marfa Ignátievna, comparada com a que fazia Smierdiákov, não passava de uma água suja; e a galinha estava tão dura que não havia jeito de trincá-la. Diante das amargas censuras, aliás justificadas, de seu amo, a boa mulher replicou que a galinha era velha e que ela mesma não era cozinheira de profissão. À noitinha, outro aborrecimento. Soube Fiódor Pávlovitch que Gregório, que estava doente desde a antevéspera, fora para a cama, presa de lumbago. Apressou-se em tomar o chá e trancou-se, extremamente agitado. Era a noite em que esperava, quase com certeza, a visita de Grúchenhka; pelo menos Smierdiákov lhe assegurara naquela manhã mesma que ela prometera vir. O coração do incorrigível velho batia violentamente; ia e vinha pelos quartos vazios, prestando ouvidos. Era preciso estar de vigia: talvez Dimítri Fiódorovitch o espionasse nos arredores e assim que ela batesse à janela (Smierdiákov afirmava que ela conhecia o sinal), seria preciso abrir-lhe imediatamente, não a retendo no vestíbulo, no receio de que ela se amedrontasse e fugisse. Fiódor Pávlovitch estava inquieto, mas nunca esperança mais doce lhe havia embalado o coração: estava quase certo de que dessa vez ela viria.

LIVRO VI

UM MONGE RUSSO

I

O "STARIETS" ZÓSIMA E SEUS HÓSPEDES

Quando Aliócha entrou, ansioso, na cela do *stariets,* sua surpresa foi grande. Em lugar do moribundo, talvez sem conhecimento, que ele temia ver, encontrou-o sentado numa poltrona, enfraquecido, mas com ar alegre, disposto, cercado de visitantes com os quais se entretinha tranqüilamente. Tinha-se levantado um quarto de hora, quando muito, antes da chegada

de Aliócha; os visitantes reunidos na cela aguardavam seu despertar, confiantes na firme garantia do Padre Paísi de que "o mestre levantar-se-ia certamente para conversar ainda uma vez com aqueles a quem amava, como o prometera pela manhã". O Padre Paísi cria firmemente naquela promessa, como em tudo quanto o monge dizia, a ponto de, se o tivesse visto sem conhecimento e até mesmo sem respiração, duvidar da própria morte e esperar que ele voltasse a si para cumprir sua palavra. De manhã mesmo, o *stariets* Zósima dissera-lhe, ao ir repousar: "Não morrerei sem entreter-me ainda uma vez convosco, meus bem-amados, verei vossos queridos rostos, expandir-me-ei pela derradeira vez". Os que se tinham reunido para aquela última entrevista eram os melhores amigos do *stariets,* desde muitos anos. Contavam-se quatro: os padres Iósif, Paísi e Mikhaií, este último superior do ascetério, homem de certa idade, bem menos culto que os outros, de condição modesta, mas de espírito firme, ao mesmo tempo sólido e cândido, ar rude, mas de coração temo, se bem que dissimulasse pudicamente essa ternura. O quarto era um velho monge simples, filho de pobres camponeses, o Irmão Anfim, muito pouco instruído, taciturno e manso, o mais humilde entre os humildes, parecendo sempre sob a impressão dum grande terror, que o teria dominado. Esse homem timorato era bastante querido pelo *stariets* Zósima, que teve durante toda a sua vida muita estima por ele, se bem que só trocassem raríssimas palavras. No entanto, tinham percorrido juntos a santa Rússia durante anos. Remontava isso a quarenta anos, aos começos do apostolado do *stariets;* pouco depois de sua entrada em um mosteiro pobre e obscuro da província de Kostroma, acompanhou ele o Padre Anfim nas suas coletas em favor do dito mosteiro. Os visitantes mantinham-se no quarto de dormir do *stariets,* bastante exíguo, como já se disse, de modo que havia apenas lugar para eles quatro, sentados em torno de sua poltrona (ficando de pé o noviço Porfíri). Já estava escoro, o quarto era iluminado por lamparinas e círios acesos diante dos ícones. À vista de Aliócha, que parará, embaraçado, na soleira, o *stáriets* mostrou um sorriso alegre e estendeu-lhe a mão.

— Boa tarde, meu doce amigo, chegaste. Sabia que virias. Aliócha aproximou-se, inclinou-se até o chão e pôs-se a chorar. Sentia um aperto de coração, a alma fremente, um desejo irreprimível de soluçar.

— Terás tempo de chorar — sorriu o *stáriets,* abençoando-o. — Vês? Converso, tranqüilamente sentado, talvez viva ainda vinte anos, como mo desejou ontem aquela boa mulher de Vichegórie, com sua filhinha

Lisavieta. Senhor, lembra-te delas! (e benzeu-se). Porfíri, levaste seu donativo aonde eu disse?

Referia-se aos 60 copeques dados com alegria por aquela mulher, para remetê-los "a uma mais pobre do que ela". Tais donativos são uma penitência que a pessoa se impõe voluntariamente e devem provir do trabalho pessoal do doador. *O stáriets* tinha mandado Porfíri à casa de uma pobre viúva, reduzida à mendicidade com seus filhos, após um incêndio. O noviço respondeu imediatamente que fizera o necessário e entregara aquele donativo, de acordo com a ordem recebida, "da parte de uma benfeitora desconhecida".

— Levanta-te, meu caro — prosseguiu o *stáriets* —, para que eu te veja. Estiveste em casa dos teus e viste teu irmão?

Pareceu estranho a Aliócha que ele o interrogasse expressamente a respeito de um de seus irmãos, mas qual? Era, então, por causa desse irmão, talvez, que o enviara à cidade ontem e hoje.

— Vi um deles — respondeu.

— Quero falar do mais velho, diante do qual me prosternei.

— Vi-o ontem, mas foi-me impossível encontrá-lo hoje — disse Aliócha.

— Apressa-te em encontrá-lo, volta amanhã e deixa tudo o mais. Pode ser que tenhas tempo de evitar uma tremenda desgraça. Ontem, inclinei-me diante do profundo sofrimento futuro dele.

Calou-se de repente, com ar pensativo. Aquelas palavras eram estranhas. O Padre Iósif, testemunha daquela cena na véspera, trocou um olhar com o Padre Paísi. Aliócha não se conteve mais.

— Meu pai e meu mestre — disse ele, presa de grande agitação —, vossas palavras não são claras. Que sofrimento o espera?

— Não sejas curioso. Ontem, tive uma impressão terrível; pareceu-me ler todo o seu destino. Tinha um olhar... que me fez fremir ao pensar na sorte que aquele homem preparava para si mesmo. Uma vez ou duas em minha vida, vi em alguns tal expressão... parecendo revelar seu destino, e ele se cumpriu, ai! Enviei-te para seu lado, Alieksiéi, com a idéia de que tua presença fraternal o aliviaria. Mas tudo vem do Senhor, e nossos destinos dependem dele. "Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se

morrer, produz muito fruto. "[30] Lembra-te disto. Quanto a ti, Alióchka, abençoei-te muitas vezes em pensamento por causa de teu rosto, fica-o sabendo — declarou o *stáriets* com um doce sorriso. — Eis minha idéia a teu respeito: deixarás estes muros, viverás no mundo como um religioso. Terás numerosos adversários, mas teus próprios inimigos te amarão. A vida trar-te-á muitas desgraças, mas encontrarás nisso a felicidade, tu a abençoarás e obrigar ás os outros a abençoá-la, o que é o essencial. Meus padres — e mostrou um sorriso amável ao dirigir-se a seus hóspedes —, jamais disse até agora, mesmo a esse rapaz, por que seu rosto me era tão caro à alma. Foi para mim como uma recordação e um presságio. Na aurora da vida, ainda menino, tinha um irmão mais velho que morreu à minha vista, com a idade de dezessete anos apenas. Posteriormente, no curso dos anos, convenci-me pouco a pouco de que aquele irmão foi no meu destino como que uma indicação, um decreto da Providência, porque sem ele, bem decerto, não me teria feito religioso, nem entrado nesta estrada preciosa. Essa primeira manifestação produziu-se na minha infância, e, ao término de minha carreira, tenho à minha vista como que sua repetição. O milagre, meus padres, é que, sem se parecer muito com ele de rosto, pareceu-me Alióchka de tal modo semelhante a ele espiritualmente que muitas vezes o considerei como meu jovem irmão, vindo para encontrar-me no final de minha jornada, como lembrança do passado, tanto que eu mesmo me admirei dessa estranha ilusão. Ouves, Porfíri? — dirigia-se ao noviço ligado a seu serviço. — Vi-te muitas vezes pesaroso porque preferia Alióchka a ti. Ficas conhecendo agora o motivo, mas eu te amo, fica sabendo, e teu pesar muitas vezes me magoou. Quero falar-vos, meus caros hóspedes, de meu jovem irmão, porque nada se passou em minha vida de mais significativo, nem de mais comovedor. Tenho o coração enternecido e toda a minha existência me aparece neste instante como se a revivesse...

*

Devo fazer notar que esta derradeira conversa do *stáriets* com seus visitantes no dia de sua morte foi conservada em parte por escrito. Foi Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov quem a redigiu de memória algum

---

[30] *São João, C. XII, vs. 24-25.*

tempo depois. É uma reprodução integral ou se valeu ele de trechos de outras conversas com seu mestre? Não saberia dizê-lo. Aliás, o discurso do *stáriets* neste manuscrito é por assim dizer interrompido, como se ele fizesse um relato de sua vida a seus amigos, ao passo que, certamente, segundo o que se contou depois, foi uma conversa geral, na qual os hóspedes tomaram parte, a ela misturando suas próprias recordações. Assim, também, não podia esse relato ser ininterrupto, porque o *stáriets* sufocava-se por vezes, perdia a voz, estendia-se sobre seu leito para repousar, mantendo-se acordado e os visitantes ficando em seus lugares. Por duas vezes o Padre Paísi leu o Evangelho no intervalo. Coisa curiosa, ninguém esperava que ele morresse naquela noite. Com efeito, depois de ter dormido profundamente durante o dia, tinha como que haurido de si mesmo uma força nova, que o sustentou por toda aquela longa conversa com seus amigos. Mas aquela animação incrível, devida à emoção, foi breve, porque ele se extinguiu bruscamente... Preferi, sem entrar nos detalhes, limitar-me à narrativa do *stáriets* de acordo com o manuscrito de Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov. Será mais curto e menos fatigante. se bem que, repito-o, Aliócha tenha aproveitado muito de conversas anteriores.

II

BIOGRAFIA DO "STÁRIETS" ZÓSIMA, MORTO COM DEUS,

REDIGIDA SEGUNDO SUAS PALAVRAS

POR ALIEKSIÉI FIÓDOROVITCH KARAMÁZOV

a) O jovem irmão do "stáriets" Zósima.

Meus caros padres, nasci numa província longínqua do norte, em V***, de um pai nobre, mas de condição modesta. Morreu quando tinha eu dois anos e não me lembro absolutamente dele. Deixou à minha mãe uma isbá e um capital suficiente para viver com os filhos ao abrigo da necessidade. Éramos dois: meu irmão mais velho, Márkel, e eu, Zinóvi. Oito anos mais velho do que eu, era arrebatado, irascíveh porém bom, sem malícia e estranhamente taciturno, sobretudo em casa, com nossa mãe, os criados e comigo. No ginásio, era um bom aluno, não se juntava com seus colegas nem brigava com eles, pelo menos minha mãe o contava. Seis

meses antes de seu fim, quando já tinha dezessete anos, pôs-se a procurar um deportado, exilado de Moscou em nossa cidade, por causa de suas idéias liberais. Era um sábio e um filósofo conhecido na universidade. Tomou amizade a Márkel, a quem recebia em sua casa. Durante todo o inverno o jovem passou noites inteiras em casa dele, até o momento em que o deportado foi chamado a Petersburgo para ocupar um lugar oficial, que solicitara, pois tinha protetores. Chega a Quaresma e Márkel nega-se a jejuar, in-vectiva, zomba: "São absurdos, Deus não existe", o que fazia estremecer nossa mãe, os criados e eu mesmo, porque embora só tivesse nove anos ficava cheio de terror ao ouvir tais palavras. Tínhamos quatro criados, todos servos, comprados de um proprietário conhecido nosso. Lembro-me de que minha mãe vendeu por 60 rublos um dos quatro, a cozinheira Afímia, coxa e idosa, e contratou em seu lugar uma serva de condição livre. Na sexta semana da Quaresma, meu irmão sentiu-se subitamente pior; sempre doente, de constituição débil, predisposto à tuberculose, era de estatura média, magro e fraco, o rosto distinto. Resfriou-se e em breve o doutor disse baixinho à minha mãe que era tísica e galopante e que ele não passaria da primavera. Nossa mãe pôs-se a chorar, a rogar a meu irmão, com precaução (a fim de não o espantar), que se confessasse e comungasse, porque estava ainda de pé então. A estas palavras, zangou-se, deblaterou contra a Igreja, mas pôs-se, no entanto, a refletir; adivinhou que estava perigosamente doente e que por esta razão sua mãe mandava-o comungar enquanto tinha ele força para isto. Aliás, sabia desde muito tempo que estava condenado; um ano antes, dissera-nos uma vez à mesa: "Não fui feito para viver neste mundo convosco, não durarei talvez um ano". Foi como uma predição. Três dias se passaram, começou a Semana Santa. Meu irmão foi à igreja desde a terça-feira. "Faço isto pela senhora, mamãe, para lhe ser agradável e tranqüilizá-la", disse-lhe. Nossa mãe chorou de alegria e de pesar: "Seu fim está então próximo, se se opera nele tal mudança". Mas dentro em pouco acalmou-se, de modo que se confessou e comungou em casa. O tempo tornara-se claro e sereno, o ar embalsamado; a Páscoa caía tarde naquele ano. Tossia ele a noite inteira, lembro-me, dormia mal, de manhã vestia-se, tentava sentar-se numa cadeira. Revejo-o sentado, doce e calmo, sorridente, doente, mas de rosto alegre e jovial. Mudara moralmente por completo. Era surpreendente. A velha criada entrava em seu quarto. "Deixa-me acender a lâmpada diante da imagem, meu bem. " Outrora, opunha-se a isto, apagava mesmo a lâmpada. "Acende, minha amiga, era eu um monstro para proibir-te disso antes. O que fazes é uma prece, bem como a alegria

que experimento por isto. Portanto, rezamos a um só Deus. " Estas palavras pareceram-nos estranhas, minha mãe foi chorar em seu quarto, voltando depois para junto dele a enxugar os olhos. "Não chores, querida mamãe", dizia ele, por vezes, "viverei ainda muito tempo, divertir-me-ei com a senhora, a vida é tão alegre, tão divertida!" "Ai, meu querido, onde está a alegria, quando tens febre a noite inteira e tosses como se teu peito fosse rebentar?" "Mamãe, não chores, a vida é um paraíso onde todos estamos, mas não queremos sabê-lo, senão amanhã a terra inteira tornar-se-ia um paraíso. " Suas palavras surpreendiam todo mundo pela sua estranheza e pela sua decisão, ficava-se comovido até as lágrimas. Conhecidos vinham à nossa casa: "Caros amigos", dizia ele, "que fiz eu para merecer o vosso amor, por que me amais tal como sou? Outrora ignorava isto e não o apreciava". Aos criados que entravam, dizia a cada instante: "Meus queridos, por que me servis, serei eu digno de ser servido? Se Deus me concedesse a graça de deixar-me vivo, eu mesmo vos serviria, porque todos devem servir uns aos outros". Nossa mãe, escutando-o, abanava a cabeça: "Meu querido, é a doença que te faz falar assim". "Mãe adorada, deve haver amos e servidores, mas quero servir os meus como eles me servem. Dir-te-ei ainda, mamãe, que cada um de nós é culpado diante de todos por tudo e eu mais do que os outros. " Nossa mãe nesse instante sorria através de suas lágrimas: "Como podes ser mais que todos culpado diante de todos? Há assassinos, bandidos, que pecados cometeste para te acusar mais que todos?" "Querida mãe, felicidade minha (tinha dessas frases caridosas, inesperadas), sabe que, na verdade, cada qual é culpado diante de todos por todos e por tudo. Não sei como te explicar isto, mas sinto que é assim e isto me atormenta. Como podíamos viver, irritar-nos, sem nada saber, então?" Cada dia despertava mais enternecido, mais jovial, fremente de amor. O Doutor Eisenschmidt, um velho alemão, visitava-o: "Como é, doutor, viverei ainda um dia?", brincava ele por vezes. "Viverás mais que um dia, meses e anos!", replicava o doutor. "Que são meses e anos?!", exclamava ele. "Para contar os dias, basta um dia ao homem para conhecer toda a felicidade. Meus bem-amados, de que serve discutirmos, vangloriar-nos, guardar rancor uns contra os outros? Vamos antes passear, recrear-nos no jardim, beijar-nos-emos, abençoaremos a vida. " "Seu filho não está destinado a viver", dizia o doutor à nossa mãe, quando esta o acompanhava até o patamar. "A doença o faz perder a razão. " Seu quarto dava para o jardim, sombreado por velhas árvores, os rebentos haviam brotado, os pássaros primaveris tinham chegado, cantavam sob as janelas, sentia ele prazer em olhá-los e eis que se pôs a pedir-

lhes também perdão: "Pássaros do bom Deus, alegres pássaros, perdoai-me, porque pequei também contra vós. " Nenhum de nós pôde então compreendê-lo, e ele chorava de alegria: "Sim, a glória de Deus me cercava: os pássaros, as árvores, os prados, o céu: só eu vivia na vergonha, desonrando a criação, cuja beleza e cuja glória não notava". "Tu te responsabilizas por muitos pecados", chorava por vezes nossa mãe. "Mamãe querida, é de alegria e não de pesar que choro. Tenho vontade de ser culpado diante deles, não posso explicar-te isto, porque não sei como amá-los. Se tenho pecado para com todos, todos me perdoarão, eis o paraíso. Não estou nele agora?" Disse ainda muitas coisas que esqueci. Lembro-me de que um dia entrei sozinho em seu quarto, não havia ninguém a seu lado. Era à noitinha, o sol poente iluminava o quarto com seus raios oblíquos. Fez-me sinal para que me aproximasse, pôs as mãos sobre meus ombros, fitou-me com ternura durante um minuto, sem dizer uma palavra. "Pois é, vai brincar agora, vive por mim!" Saí e fui brincar. Posteriormente, lembrei-me de muitas dessas palavras, chorando. Disse ainda muitas coisas espantosas, admiráveis, que não podíamos compreender então. Morreu três semanas após a Páscoa, em pleno conhecimento, e, se bem que não falasse mais, ficou o mesmo até o fim; a alegria brilhava em seus olhos, procurava-nos com o olhar, sorria para nós, chamava-nos. Mesmo na cidade falou-se muito de sua morte. Era eu bem jovem então, mas tudo isso deixou em meu espírito uma marca inapagável. Mais tarde, devia manifestar-se. Foi o que aconteceu.

b) A Sagrada Escritura na vida do "stáriets" Zósima.

Ficamos sós, minha mãe e eu. Boas amizades aconselharam-na em breve a que — uma vez que possuía meios — faria bem enviando-me a Petersburgo e que mantendo-me a seu lado entravaria talvez minha carreira. Aconselharam-na a pôr-me no Corpo de Cadetes, para entrar em seguida na Guarda Imperial. Minha mãe hesitou muito tempo em separar-se de seu derradeiro filho, mas decidiu-se no entanto, não sem muitas lágrimas, pensando em contribuir para minha felicidade. Conduziu-me a Petersburgo e colocou-me como lhe haviam dito. Jamais tornei a vê-la. Morreu, com efeito, ao fim de três anos, passados na tristeza e na ansiedade por causa de nós dois. Só tenho preciosas recordações do lar paterno, porque são para o homem as mais preciosas de todas as recordações da primeira infância em casa de seus pais; é quase sempre assim, contanto que o amor e a concórdia reinem, ainda que pouco, na

família. E pode-se conservar uma recordação comovida da pior família, se se tem uma alma capaz de emoção. Entre essas recordações um lugar pertence à História Sagrada, que me interessava muito, apesar de minha pouca idade. Tinha eu então um livro com magníficas gravuras, intitulado: Cento e Quatro Histórias Santas Tiradas do Antigo e do Novo Testamento, onde aprendi a ler. Conservo-o ainda agora como uma relíquia. Mas antes de saber ler, aos oito anos, experimentava certa impressão das coisas espirituais, lembro-me disso. Minha mãe levou-me à missa na segunda-feira da Semana Santa. Era um dia claro, torno a ver o incenso subindo lentamente para a abóbada; por uma janela estreita da cúpula, os raios do sol desciam até nós, as nuvens de incenso pareciam neles fundir-se. Olhei com enternecimento e pela primeira vez minha alma recebeu conscientemente a semente da palavra divina. Um adolescente avançou para o meio do templo com um grande livro, tão grande que me parecia que ele o carregava com dificuldade, depositou-o no atril, abriu-o, pôs-se a ler. Compreendi então que liam num templo consagrado a Deus. "Havia no país de Hus um homem justo e piedoso, que possuía grandes riquezas, não só em camelos, como em ovelhas e jumentas; seus filhos viviam em prazeres, eles os amava e rogava a Deus por eles, no receio de que, divertindo-se, pecassem. E eis que o diabo sobe até junto de Deus ao mesmo tempo que os filhos de Deus e diz ao Senhor que percorreu todo o país, abaixo e acima. 'Viste meu servo Jó?', pergunta-lhe Deus. E fez ao diabo o elogio de seu nobre servidor. O diabo sorriu àquelas palavras. 'Entrega-mo e verás que teu servidor murmurará contra ti e amaldiçoará teu nome. ' Então Deus entregou ao diabo o justo a quem estimava. O diabo matou-lhe os filhos e os rebanhos, aniquilou suas riquezas com uma rapidez fulminante e Jó rasgou suas vestes, lançou-se de rosto ao chão, exclamou: 'Saí nu do ventre de minha mãe, voltarei nu à terra. Deus me havia tudo dado; Deus tudo me retomou. Que seu nome seja abençoado agora e para sempre!'" Meus padres, desculpai minhas lágrimas, porque é toda a minha infância que surge diante de mim, parece-me que tenho oito anos e sinto-me como então admirado, perturbado, arrebatado. Os camelos falavam à minha imaginação e Satanás, que fala daquela maneira a Deus, e Deus que entrega seu servidor à ruína, e este que exclama: "Que teu nome seja abençoado, apesar de teu rigor!" Depois o canto suave e doce no templo. "Que minha prece seja ouvida", e de novo o incenso e a oração de joelhos! Desde então — e aconteceu ontem ainda — não posso ler aquela tão santa história sem derramar lágrimas. Que grandeza, que mistério inconcebível! Ouvi mais tarde palavras de zombadores e

detratores, de blasfemadores, palavras soberbas. Como podia o Senhor entregar ao diabo para que com isso se divertisse um santo a quem ele estimava, arrebatar-lhe os filhos, cobri-lo de úlceras a ponto de limpar ele suas chagas purulentas com um caco de telha, e tudo isso para quê? Para se vangloriar diante de Satanás: "Eis o que pode suportar um santo por amor de mim!" Mas o que faz a grandeza do drama é o mistério, é que aqui a aparência terrestre e a verdade eterna se confrontaram. A verdade terrestre vê cumprir-se a verdade eterna. Aqui o Criador, aprovando sua obra como nos primeiros dias da criação, contempla Jó e se orgulha de novo de sua criatura. E Jó, louvando o senhor, serve não somente a ele, mas a toda a criação, de geração em geração, e aos séculos dos séculos, porque estava a isso predestinado. Senhor, que livro e que lições! Que força miraculosa dá ao homem a Escritura Sagrada! É como a representação do mundo, do homem e de seu caráter. Quantos mistérios resolvidos e revelados: Deus reexalta Jó, restitui-lhe sua riqueza, anos decorrem e tem ele outros filhos e os ama. "Como podia ele amar esses novos filhos, depois de ter perdido os primeiros? A recordação destes permite que ele seja perfeitamente feliz, como outrora, por mais queridos que sejam os novos?" Mas decerto; a dor antiga se transforma misteriosamente pouco a pouco numa doce alegria: à impetuosidade juvenil sucede a serenidade da velhice; abençôo cada dia o nascer do sol, meu coração canta-lhe um hino como outrora, mas prefiro seu poente de raios oblíquos, evocando doces e ternas recordações, queridas imagens de vida, longa vida abençoada, e, dominando tudo, a verdade divina que acalma, reconcilia, absolve! Eis-me ao termo de minha existência, eu o sei, e sinto todos os dias minha vida terrestre ligar-se já à vida eterna, desconhecida, mas bem próxima e cujo pressentimento faz vibrar minha alma de entusiasmo, ilumina minha mente, enternece-me o coração... Amigos e mestres, tenho muitas vezes ouvido dizer, e agora mais que nunca dizem que os padres, sobretudo os do campo, queixam-se da insuficiência do que ganham e da sua mediocridade; afirmam mesmo — vi-o — que já não podem mais explicar a Escritura ao povo, em vista de seus fracos recursos, que se os luteranos chegarem e se puserem esses heréticos a desviar suas ovelhas, tanto pior, porque não ganham eles o bastante. Que Deus lhes assegure o pagamento tão precioso aos olhos deles (porque sua queixa é legítima), mas na verdade, se alguém é responsável por esse estado de coisas, nós mesmos o somos pela metade! Porque admitamos que o tempo falte, que o padre tenha razão, que seja ele sobrecarregado pelo trabalho e pelo seu ministério; encontrará ele sempre nem que seja uma hora por

semana para se lembrar de Deus. Aliás, não está ele ocupado o ano inteiro. Reúna em sua casa, uma vez por semana, à noite, as crianças, para começar. Seus pais saberão e virão em seguida. Inútil construir um local para isso; basta recebê-los na isbá; não temais que a sujem, é apenas por uma hora. Abre-se a Bíblia para fazer-se uma leitura, sem palavras sábias, sem soberba ou ostentação, mas com uma doce simplicidade, na alegria de ler para eles, de ser escutado e de ser por eles compreendido, detendo-se por vezes para explicar um termo ignorado pelas pessoas simples; não tenhais receio, eles vos compreenderão, um coração ortodoxo compreende tudo! Lede para eles a história de Abraão e de Sara, de Isaac e de Rebeca, como Jacó foi à casa de Labão e lutou em sonho com o Senhor, dizendo: "Este lugar é terrível", e impressionareis o espírito piedoso do povo simples. Contai-lhes, sobretudo às crianças, como o jovem José, futuro intérprete de sonhos e grande profeta, foi vendido por seus irmãos, que disseram a seu pai que seu filho tinha sido devorado por uma besta feroz, mostrando-lhe suas vestes ensangüentadas. Como, posteriormente, chegaram seus irmãos ao Egito à procura de trigo, e José, alto dignitário, que eles não reconheceram, perseguiu-os, acusou-os de roubo e reteve seu irmão Benjamim, se bem que os amasse. Porque se lembrava sempre de como seus irmãos o tinham vendido aos comerciantes, à beira de um poço, em alguma parte do deserto ardente, como chorava e como lhes suplicava, de mãos juntas, que não o vendessem como escravo em terra estrangeira: revendo-os após tantos anos, amou-os de novo ardentemente, mas fê-los sofrer e perseguiu-os, embora amando-os. Retira-se afinal, não podendo mais conter-se, lança-se sobre seu leito e desata a chorar; depois enxuga o rosto e volta radiante para declarar-lhes: "Eu sou José, vosso irmão!" E a alegria do velho Jacó, ao saber que seu filho bem-amado estava vivo! Fez a viagem ao Egito, abandonou sua pátria, morreu em terra estrangeira, legando aos séculos dos séculos uma grande palavra, guardada misteriosamente durante toda a sua vida no seu coração tímido, o saber que de sua raça, da tribo de Judá, sairia a esperança do mundo, o Reconciliador e o Salvador! Padres e mestres, desculpai-me que eu, um menino, vos explique o que sabeis desde muito tempo e que poderíeis ensinar-me com bem mais arte. É o entusiasmo que me faz falar, perdoai minhas lágrimas, porque esse livro me é querido; e se o padre também chora, verá sua emoção partilhada pelos seus ouvintes. Basta uma minúscula semente: uma vez lançada na alma do povo. simples, não perecerá e ali ficará até o fim, entre as trevas e a infecção do pecado, como um ponto luminoso e uma recordação sublime. Nada de longos

comentários, de homilias, ele compreenderá tudo simplesmente. Duvidais disso? Lede-lhe a história tocante da bela Ester e da orgulhosa Vasti, ou a maravilhosa narrativa de Jonas no ventre da baleia. Não esqueçais tampouco as parábolas do Senhor, sobretudo no Evangelho segundo São Lucas (como sempre o fiz), em seguida aos Atos dos Apóstolos, a conversão de Saulo (isto absolutamente!). Por fim, no Martirológio, bastaria a vida de Santo Aleixo, homem de Deus, e da mártir sublime entre todas, Maria, a Egipcíaca. Essas narrativas singelas comoverão o coração do povo e isto apenas uma hora por semana, malgrado vossos fracos recursos. O padre dar-se-á conta de que o nosso povo misericordioso, reconhecido, lhe retribuirá seus benefícios ao cêntuplo; lembrando-se do zelo de seu pastor e de suas palavras comovidas, ajudá-lo-á no seu campo, na casa, testemunhar-lhe-á mais respeito que antes e então seu estipêndio aumentará. É uma coisa tão simples que por vezes tememos mesmo falar dela, porque zombarão da gente e, no entanto, como é certa! Aquele que não crê em Deus não crê em seu povo. Quem creu no povo de Deus verá seu santuário, mesmo que nele não tivesse crido até então. Somente o povo e sua força espiritual futura converterão nossos ateus desprendidos da terra natal. E que é a palavra de Cristo sem o exemplo? Sem a palavra de Deus, o povo perecerá, porque sua alma está ávida dessa palavra e de toda idéia nobre. Na minha juventude, vai fazer em breve quarenta anos, percorríamos a Rússia, o Padre Anfim e eu, pedindo esmolas para nosso mosteiro; passamos uma vez a noite com pescadores, à margem dum grande rio navegável; um jovem camponês de belo rosto, parecendo ter uns dezoito anos, veio sentar-se perto de nós; apressava-se em chegar no dia seguinte ao seu posto para sirgar uma barca mercante. Seu olhar era doce e límpido. Fazia uma noite clara, calma e quente, uma noite de julho; uma bruma subia do rio e nos refrescava; de tempos em tempos um peixe emergia, os pássaros haviam-se calado, tudo respirava paz, oração. Éramos os únicos que não dormiam, aquele jovem e eu. Falamos da beleza do mundo e de seu mistério. Cada erva, cada escaravelho, uma formiga, uma abelha dourada, todos conheciam seu caminho duma maneira admirável, por instinto, atestam o mistério divino, cumprem-no eles próprios continuamente. Vi que o coração daquele moço se aquecia. Confiou-me que amava a floresta e os pássaros que a habitam; era passarinheiro, compreendia-lhes os cantos, sabia atrair todos eles. "Para mim, não existe nada de melhor que a vida na floresta", dizia ele, "embora tudo esteja bem. " "É verdade", respondi-lhe, "tudo é bom e magnífico, porque tudo é verdade. Olha o cavalo, nobre animal, familiar

ao homem, ou o boi, que o nutre e trabalha para ele, curvado, pensativo; considera a fisionomia deles: que mansidão, que apego a seu dono, que muitas vezes lhes bate sem piedade, que mansidão, que confiança, que beleza! Chega a comover saber que nele não há pecado, porque tudo é perfeito, inocente, exceto o homem, e o Cristo está em primeiro lugar com os animais. " "Será possível", perguntou o adolescente, "que o Cristo esteja também com eles?" "Como poderia ser de outro modo", repliquei-lhe, "pois que o Verbo é destinado a todos? Todas as criaturas, cada folha, aspiram ao Verbo, cantam a glória de Deus, gemem inconscientemente o Cristo. É este o mistério de sua existência sem pecado. Lá, na floresta, vaga um urso temível, ameaçador e feroz, sem que nisso haja culpa sua. " E contei-lhe como um grande santo que fazia penitência na floresta, onde tinha sua cela, recebeu um dia a visita de um urso. Apiedou-se do animal, abordou-o sem temor, deu-lhe um pedaço de pão. "Vai", disse-lhe, "que o Cristo esteja contigo!" E a fera retirou-se documente, sem lhe fazer mal. O rapaz ficou comovido ao saber que o eremita ficara indene e que o Cristo também estava com o urso. "Que bom! Como todas as obras de Deus são boas e maravilhosas!" E mergulhou num doce devaneio. Vi que ele havia compreendido. Adormeceu a meu lado, com um sono leve, inocente. Que o Senhor abençoe a juventude! Rezei por ele antes de adormecer. Senhor, envia a paz e a luz aos teus!

c) Recordações da mocidade do "stáriets" Zósima ainda no mundo. O duelo.

Passei quase oito anos em Petersburgo, no Corpo dos Cadetes. Essa educação nova sufocou muitas das impressões de minha infância, mas sem fazer que as esquecesse. Em troca, adquiri uma porção de hábitos e até mesmo de opiniões novas que fizeram de mim um indivíduo quase selvagem, cruel e tolo. Adquiri um verniz de polidez e prática do mundo ao mesmo tempo que do francês, mas todos considerávamos os soldados que nos serviam no Corpo como verdadeiros brutos. Eu talvez mais do que os outros, porque de todos os meus camaradas era o mais impressionável. Tornados oficiais, estávamos prontos a derramar nosso sangue para vingar a honra de nosso regimento; quanto à verdadeira honra, nenhum de nós tinha dela noção, e, se a tivesse aprendido, teria sido o primeiro a rir dela. A embriaguez, a devassidão, a impudência nos tornavam quase altivos. Não direi que fôssemos pervertidos; todos aqueles rapazes tinham boa natureza, mas portavam-se mal, eu sobretudo.

Estava de posse de meu capital, de modo que vivia à minha fantasia, com todo o ardor da juventude, sem peias; navegava com todas as velas desdobradas. Mas eis uma coisa que causava admiração: lia por vezes, e até mesmo com grande prazer; não abri quase nunca a Bíblia naquela época, porém ela não me largava; andava por toda parte comigo, conservava esse livro, sem dar-me conta disso, "cada dia e cada hora, cada mês e cada ano". Depois de quatro anos de serviço, encontrei-me por fim na cidade de K***, onde nosso regimento tinha guarnição. A sociedade ali era variada, divertida, acolhedora e rica; fui bem recebido em toda parte, sendo como era alegre de natureza; além do mais, passava por ter fortuna, o que não prejudica nunca na sociedade mundana. Sobreveio uma circunstância que foi o ponto de partida de tudo o mais. Liguei-me a uma moça encantadora, inteligente e distinta, de caráter nobre, de família respeitável. Seus pais, ricos e influentes, faziam-me boa acolhida. Pareceu-me que aquela moça tinha inclinação por mim; meu coração inflamou-se com essa idéia. Compreendi mais tarde que, provavelmente, não a amava com tanta paixão, mas que a elevação de seu caráter inspirava-me respeito, o que era inevitável. No entanto, o egoísmo impediu-me então de pedir-lhe a mão; parecia-me demasiado duro renunciar às seduções da devassidão, à minha independência de celibatário jovem e rico. Fiz, no entanto, alusões, mas adiei para mais tarde qualquer passo decisivo. Fui então enviado em comando de serviço para outro distrito; de volta, após dois meses de ausência, soube que a moça se casara com um rico proprietário dos arredores, mais velho do que eu, porém jovem ainda, com relações na melhor sociedade, coisa de que eu não gozava, homem bastante amável e instruído, quando não era eu nada disso absolutamente. Esse desenlace inesperado consternou-me a ponto de perturbar-me o espírito, tanto mais que, como o soube então, aquele jovem proprietário era noivo dela desde muito tempo. Havia-o encontrado muitas vezes em casa dela, sem nada notar, cego que estava pela minha fatuidade. Era isso sobretudo que me vexava: como quase toda gente estava ao corrente, ao passo que eu de nada sabia? E experimentei de súbito um ressentimento intolerável. Rubro de cólera, lembrei-me de quantas vezes lhe havia quase declarado meu amor, e como não me havia ela nem detido nem prevenido, concluí daí que havia zombado de mim. Mais tarde, evidentemente, dei-me conta de meu erro; lembro-me de que ela punha fim, gracejando, a tais conversas e falava de outra coisa, mas, no momento, estava incapaz de raciocinar e ardia por vingar-me. Lembro-me com surpresa de que minha animosidade e minha cólera causavam repugnância a mim mesmo,

porque, com meu caráter leviano, era incapaz de permanecer muito tempo zangado com alguém; de modo que me excitava artificialmente até a extravagância. Esperei a ocasião e, numa reunião mundana bastante numerosa, consegui ofender meu "rival", por um motivo totalmente estranho, zombando de sua opinião a propósito de um acontecimento então importante — estava-se em 1826 — e escarnecendo dele com espírito, pelo que disseram. Em seguida, provoquei uma explicação de sua parte e mostrei-me tão grosseiro nessa ocasião que ele aceitou a luva, malgrado a enorme diferença que nos separava, porque era eu mais jovem que ele, insignificante e de posição inferior. Mais tarde, soube de fonte certa que aceitara ele minha provocação também por ciúme de mim; já antes se mostrara um pouco ciumento de mim em relação à sua mulher, então sua noiva; disse a si mesmo que se ela soubesse agora que eu o insultara, sem que ele me houvesse provocado em duelo, desprezá-lo-ia involuntariamente e seu amor ficaria abalado. Encontrei logo como testemunha um camarada, tenente de nosso regimento. Se bem que os duelos fossem então rigorosamente reprimidos, eram moda entre os militares, de tal modo se desenvolvem e enraízam preconceitos absurdos. Junho chegava ao fim; nosso encontro estava marcado para o dia seguinte de manhã, às 7 horas, fora da cidade, e eis que me aconteceu algo de verdadeiramente fatal. À noite, voltando para casa de muito mau humor, zangara-me com meu ordenança, Afanássi, e havia-lhe batido violentamente no rosto, a ponto de ensangüentá-lo. Estava desde pouco tempo a meu serviço e eu já lhe havia batido, mas jamais com tal selvagería. Acreditá-lo-íeis, meus queridos, quarenta anos se passaram desde então e lembro-me daquela cena com vergonha e dor. Deitei-me e quando despertei, ao fim de três horas, era já dia. Levantei-me, não tendo mais vontade de dormir, fui à janela, que dava para um jardim; o sol se levantara, fazia um tempo magnífico, os pássaros gorjeavam. "Que será isto?", pensei. "Experimento uma espécie de sentimento de infâmia e de baixeza. Não será pelo fato de que vou derramar sangue? Não", pensei, "não é isto. Ou porque tenho medo da morte, medo de ser morto? Não, absolutamente, longe disso... " E adivinhei, de repente, que eram os golpes dados em Afanássi na noite anterior. Revi a cena, como se ela se repetisse: ele, de pé diante de mim, que lhe bato no rosto a toda força, suas mãos na costura das calças, a cabeça ereta, os olhos escancarados, estremecendo a cada pancada, não ousando mesmo levantar os braços para se resguardar, e ali estava um homem reduzido àquele estado, batido por outro homem! Que crime! Foi como uma agulha que me traspassou a alma. Estava como

que fora de mim, e o sol brilhava, as folhas agradavam à vista, os pássaros louvavam a Deus. Cobri o rosto com as mãos, estendi-me no leito e desatei a chorar. Lembrei-me então de meu irmão Márkel e de suas derradeiras palavras aos criados; "Meus bem-amados, por que me servis? Por que me amais, serei digno de ser servido?" "Sim, serei digno?", perguntei a mim mesmo, de repente. Com efeito, a que título merecia eu ser servido por outro homem, feito como eu à imagem de Deus? Esta questão atravessou-me assim o espírito pela primeira vez. "Mãe querida, na verdade, cada qual é culpado diante de todos e por todos, somente os homens ignoram isso; se o soubessem, seria logo o paraíso!" "Senhor, seria isto verdade", pensei, chorando, "sou talvez o mais culpado de todos e o pior que existe?" E de súbito o que eu ia fazer apareceu-me em plena luz, em todo o seu horror: ia matar um homem de bem, nobre, inteligente, sem nenhuma ofensa de sua parte, e tornar assim sua mulher para sempre infeliz, torturá-la, fazê-la morrer. Estava deitado de bruços, com a face contra o travesseiro, tendo perdido a noção do tempo. De repente, entrou meu camarada, o tenente, que vinha procurar-me com pistolas: "Eis o que está bem", disse ele, "já te levantaste, está na hora, vamos". Minhas idéias desconcertaram-se, perdi a cabeça; contudo, saímos para subir ao carro. "Espera-me", disse-lhe, "volto imediatamente, esqueci meu porta-moedas. " Voltei correndo para casa e fui ao quartinho de Afanássi. "Afanássi, ontem bati-te duas vezes no rosto, perdoa-me!" Ele estremeceu como se tivesse medo; vi que não era bastante e prosternei-me a seus pés, pedindo-lhe perdão. Ficou estupidificado. "Vossa nobreza, bárin, como... mereço eu?... " Pôs-se a chorar como eu havia pouco, com o rosto oculto nas mãos, e voltou-se para a janela, abalado pelos soluços; corri a juntar-me a meu camarada e partimos: "Viste o vencedor", gritei-lhe, "ei-lo diante de ti!" Estava repleto de alegria, rindo todo o tempo, tagarelava sem cessar, a respeito de não sei mais o quê. O tenente olhava-me: "Pois bem, camarada, és um bravo; vejo que sustentarás a honra do uniforme". Chegamos ao terreno, onde éramos esperados. Colocaram-nos a doze passos um do outro, meu adversário devia atirar em primeiro lugar; mantinha-me diante dele, alegremente, sem pestanejar, examinando-o com afeto. Ele atirou, fui somente arranhado na face e na orelha. "Louvado seja Deus!", digo. "O senhor não matou um homem!" Quanto a mim, dei meia volta e atirei minha arma para o ar, na direção da floresta: "Eis teu lugar!", exclamei. Depois, encarando meu adversário: "Senhor, perdoe a um estúpido rapaz tê-lo ofendido e obrigado a atirar contra ele. O senhor vale dez vezes mais do que eu, é superior a mim. Transmita minhas palavras à

pessoa a quem o senhor respeita mais no mundo". Apenas acabara de falar, todos três exclamaram: "Permita", disse meu adversário, encolerizado, "se o senhor não queria bater-se, por que nos incomodou?" "Ainda ontem era eu estúpido. Hoje, tornei-me mais avisado", respondi-lhe, alegremente. "Acredito-o a respeito de ontem, mas quanto a hoje é difícil dar-lhe razão. " "Bravo!", disse eu, batendo palmas. "Estou de acordo com o senhor a respeito, mereci-o!" "Senhor, quer ou não quer atirar?" "Não atirarei, atire mais uma vez, se quiser, mas faria melhor abstendo-se. " As testemunhas gritam, sobretudo a minha: "Pode-se desonrar o regimento pedindo perdão no terreno; se o tivesse pelo menos sabido!" Declarei então a todos, num tom sério: "Senhores, é tão espantoso assim em nossa época encontrar um homem que se arrepende de sua tolice e que reconhece publicamente suas faltas?" "Sim, mas não no terreno", replica minha testemunha. "Eis o que é espantoso: devia eu ter pedido desculpas desde nossa chegada aqui, antes que o cavalheiro atirasse, e não induzi-lo em pecado mortal; mas nossos usos são tão absurdos que era quase impossível ter agido assim, porque minhas palavras não têm valor, a seus olhos, senão pronunciadas depois de ter sido alvo de seu tiro a doze passos; antes, ter-me-ia ele tomado por um covarde, indigno de ser escutado. Senhores", exclamei, com todo o coração, "olhai as obras de Deus: o céu está claro, o ar puro, a erva tenra, os pássaros cantam, a natureza é magnífica e inocente; somente nós, ímpios e estúpidos, não compreendemos que a vida é um paraíso, porque basta que queiramos compreender isso para vê-la aparecer em toda a sua beleza e então nos abraçaríamos, chorando... " Quis continuar, mas não pude, faltou-me a respiração, senti uma felicidade tal que depois jamais experimentei. "Eis sábias e piedosas palavras", disse meu adversário. "Em todo o caso, o senhor é original. " "O senhor ri", disse-lhe eu, sorrindo, "porém mais tarde me louvará. " "Agora também estou pronto a louvá-lo, estendo-lhe a mão, porque o senhor me parece verdadeiramente sincero. " "Não, agora não, mais tarde, quando eu me tiver tornado melhor e merecido seu respeito, o senhor ma estenderá, fará bem então. " Voltamos para casa; minha testemunha resmungava todo o tempo e eu o beijava. Meus camaradas, postos ao corrente, reuniram-se naquele mesmo dia para julgar-me. "Ele desonrou o uniforme, deve pedir baixa. " Encontrei defensores: "No entanto, recebeu ele um tiro". "Sim, mas teve medo dos outros e pediu perdão no terreno. " "Se tivesse tido medo", replicavam meus defensores, "teria primeiro atirado antes de pedir perdão, ao passo que lançou a pistola ainda carregada na floresta; não, passou-se algo de

diferente, de original. " Eu escutava, divertindo-me em observá-los: "Caros amigos e camaradas, não se atormentem por causa de minha baixa. Já está dada. Enviei o perdido esta manhã e, assim que ela for aceita, entrarei para um mosteiro. Eis por que peço baixa". A estas palavras, todos explodiram em risadas: "Deverias ter começado por advertir-nos. Agora, tudo se explica, não se pode julgar um monge". Não paravam de rir, mas sem zombar, com uma doce alegria. Todos gostavam de mim, até mesmo meus mais fogosos acusadores. Em seguida, durante o último mês, até que fosse eu reformado, era como se me carregassem em triunfo: "Ah! o monge!", diziam. Cada qual tinha por mim uma palavra gentil, puseram-se a dissuadir-me, a lamentar-me mesmo: "Que vais fazer?" "Não, é um bravo, recebeu um tiro e podia ele próprio atirar, mas tivera um sonho na véspera que o impelia a fazer-se monge, eis a razão. " Foi quase a mesma coisa na sociedade local. Até então, não atraía eu a atenção; recebiam-me cordialmente, e nada mais; agora, cada qual disputava conhecer-me e convidar-me para sua casa: riam de mim, ao mesmo tempo que me estimavam. Se bem que se falasse abertamente de nosso duelo, o caso não teve conseqüências, porque meu adversário era parente próximo de nosso general e, como não houvera efusão de sangue e eu pedira baixa, a coisa virou brincadeira. Pus-me então a falar bem alto e sem temor, malgrado as zombadas, porque não eram elas propriamente malévolas. Essas conversas realizavam-se sobretudo à noite, em companhia de senhoras; as mulheres gostavam ainda mais de escutar-me e obrigavam os homens a fazer o mesmo. "Como pode dar-se que seja eu culpada por todos?", e cada qual ria-me na cara. "Vejamos, posso ser culpada por você, por exemplo?" "Donde o saberia", respondia-lhes eu, "quando o mundo inteiro está desde muito tempo engajado numa outra via, quando tomamos a mentira pela verdade e exigimos de outrem a mesma mentira? Uma vez, em minha vida, resolvi agir sinceramente e todos vós acreditastes que eu estava louco. Embora, gostando de mim, ríeis de mim. " "Como não gostar de alguém como o senhor?", disse-me a dona da casa, rindo bem alto. Havia muita gente em casa dela. De repente, vejo levantar-se a jovem que fôra a causa de meu duelo e a quem quisera fazer minha noiva pouco tempo antes; não havia notado sua chegada. Dirigiu-se para mim e estendeu-me a mão: "Permita-me", disse, "que lhe declare que, longe de rir do senhor, agradeço-lhe com emoção e respeito-o pela sua maneira de agir". Seu marido aproximou-se, tornei-me o centro da reunião, quase me beijavam. Sentia-me contente assim; minha atenção foi atraída por um senhor de certa idade, que me tinha igualmente abordado; até então

conhecia-o somente de nome, sem ter jamais trocado uma palavra com ele.

d) O misterioso visitante.

Era um funcionário que ocupava desde muito tempo um lugar de destaque em nossa cidade. Homem respeitado por todos, rico, reputado pela sua beneficência, doara importante soma ao hospício e ao orfanato e praticara muito bem em segredo, sem o revelar, o que só se veio a saber após sua morte. De cerca de cinqüenta anos, tinha o ar quase severo, falava pouco; estava casado havia dez anos com uma mulher ainda jovem, de quem tinha três filhos em tenra idade. No dia seguinte à noite, estava eu em casa, quando a porta se abriu e entrou aquele senhor.

É preciso notar que não morava eu mais na mesma casa; assim que dei baixa, instalara-me em casa de uma senhora idosa, viúva dum funcionário, cuja criada me servia, porque no dia mesmo do meu duelo mandara embora Afanassi para sua companhia militar, corando ao olhá-lo de frente depois do que se passara, de tal modo um leigo não preparado é inclinado a ter vergonha da ação mais justa.

— Há vários dias que o escuto com grande curiosidade — disse-me o visitante, ao entrar. — Desejei por fim conhecê-lo para me entreter com o senhor ainda mais pormenorizadamente. Poderia o senhor prestar-me esse grande serviço?

— De muito boa vontade, e olharei isso com uma honra muito particular — respondi-lhe. Estava quase amedrontado, de tal maneira me impressionara ele desde a primeira vez. Porque, muito embora me escutassem com curiosidade, ninguém me havia ainda abordado com ar tão sério e severo. Além do mais, viera procurar-me em minha casa. Sentou-se.

— Noto no senhor — prosseguiu ele — uma grande força de caráter, porque não temeu servir a verdade num caso em que arriscava, pela sua franqueza, atrair para si o desprezo geral.

— Os seus elogios talvez sejam bastante exagerados — disse-lhe eu.

— Absolutamente. Esteja certo de que tal ato é bem mais difícil de praticar do que o senhor pensa. Eis somente o que me impressionou e por isso vim vê-lo. Se minha curiosidade talvez indiscreta não o chocar, descreva-me suas sensações no momento em que se decidiu a pedir

perdão, por ocasião do duelo, admitindo-se que o senhor se lembre delas. Não atribua à frivolidade a minha pergunta; pelo contrário, ao fazer-lha, tenho um fim secreto que lhe explicarei provavelmente mais tarde, se aprouver a Deus que ainda nos encontremos.

Enquanto ele falava, eu o fitava e experimentei de repente por ele uma confiança completa, ao mesmo tempo que viva curiosidade, porque sentia que sua alma guardava um segredo.

— Deseja conhecer minhas sensações no momento em que pedia perdão a meu adversário? — respondi-lhe. — Mas vale mais a pena contar-lhe em primeiro lugar os fatos ainda ignorados dos outros. — E narrei-lhe toda a cena com Afanassi e como me havia prosternado diante dele. — O senhor mesmo pode ver depois disso — concluí eu — que durante o duelo já me sentia mais à vontade, porque tinha começado ainda em casa e, uma vez entrado nessa via, continuei não somente sem esforço, mas com alegria.

Ele me escutava, com atenção e simpatia.

— Tudo isso é bastante curioso. Voltarei a vê-lo.

A partir de então, visitou-me quase todas as noites. E teríamos ficado grandes amigos, se me tivesse falado de si próprio. Mas quase não falava, limitando-se a interrogar-me a respeito de mim mesmo. No entanto, tomei-lhe amizade e confiava-lhe todos os meus sentimentos, pensando: "Não tenho necessidade de seus segredos para saber que é um justo... Além do mais, um homem tão sério e bem mais idoso que eu, que me vem procurar e faz caso dum rapaz". Soube dele muitas coisas úteis, porque era homem de alta inteligência. "Penso também desde muito tempo que a vida é um paraíso", e acrescentou: "Só penso nisso". Olhava-me sorrindo. "Estou ainda mais convencido disso que o senhor mesmo, mais tarde saberá por quê. " Eu o escutava, dizendo a mim mesmo: "Tem decerto uma revelação a fazer-me". "O paraíso", dizia ele, "está oculto no íntimo de cada um de nós; neste momento eu o oculto em mim e, se quiser, realizar-se-á amanhã verdadeiramente para toda a minha vida. " Falava com enternecimento, olhando-me com ar misterioso, como se me interrogasse. "Quanto à culpabilidade de cada um por todos e por tudo, de parte seus pecados, suas considerações a esse respeito são perfeitamente justas e é espantoso que tenha podido o senhor abraçar essa idéia com tal amplitude. Quando os homens a compreenderem será certamente para eles o advento do reino dos céus, não em sonho, mas na

realidade. " "Mas quando acontecerá isto?", exclamei, doloridamente. "Talvez não seja senão um sonho. " "Como, o senhor mesmo não crê no que prega?! Saiba que esse sonho, como diz o senhor, realizar-se-á certamente, mas não agora, porque tudo é regido por leis. É um fenômeno moral, psicológico. Para renovar o mundo, é preciso que os próprios homens mudem de caminho. Enquanto cada qual não for verdadeiramente o irmão de seu próximo, não haverá fraternidade. Jamais os homens saberão, em nome da ciência ou do interesse, repartir pacificamente entre si a propriedade e os direitos. Ninguém terá bastante, e todos murmurarão, terão inveja uns dos outros, exterminar-se-ão mutuamente. Pergunta o senhor quando isso se realizará? Isso virá, mas somente quando tiver terminado o período de isolamento humano. " "Que isolamento?", perguntei. "Reina ele em toda parte na hora atual, mas não está terminado e seu termo ainda não chegou. Porque, no presente, cada qual aspira a separar sua personalidade dos outros, quer gozar ele próprio a plenitude da vida; entretanto, todos esses esforços, longe de atingir o alvo, só resultam num suicídio total, porque, em lugar de afirmar plenamente sua personalidade, caem numa solidão completa. Com efeito, neste século, todos se fracionaram em unidades, cada qual se isola no seu buraco, separa-se dos outros, oculta-se, ele e seus bens, afasta-se de seus semelhantes e os afasta de si. Amontoa riqueza sozinho, felicita-se pelo seu poder e pela sua opulência; ignora, o insensato; que, quanto mais amontoa, mais se enterra numa impotência fatal. Porque está habituado a só contar consigo mesmo e destacou-se da coletividade, acostumou-se a não crer na entreajuda, no seu próximo, na humanidade, e treme somente à idéia de perder sua fortuna e os direitos que ela lhe confere. Por toda parte, em nossos dias, o espírito humano começa ridiculamente a perder de vista que a verdadeira garantia do indivíduo consiste não no seu esforço pessoal isolado, mas na solidariedade. Mas este isolamento terrível terá certamente fim e todos compreenderão ao mesmo tempo quanto sua separação mútua era contrária à natureza. Tal será a tendência da época, e causará espanto o ter-se demorado tanto tempo nas trevas, sem ver a luz. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem... Mas, até então, é preciso guardar o estandarte e — ainda que sozinho a agir — o homem deve mostrar o exemplo e sair do isolamento para se reaproximar de seus irmãos, mesmo passando por maluco. Isto a fim de impedir que uma grande idéia pereça. "

Esses temas apaixonantes enchiam nossos serões. Abandonei mesmo

a sociedade e minhas visitas tornaram-se mais raras; além disso, comecei a passar de moda. Não digo isto para queixar-me, por que continuavam a estimar-me e fazer-me boa cara, mas é preciso convir que a moda tem grande império no mundo. Acabei ficando entusiasmado pelo meu misterioso visitante, porque sua inteligência me arrebatava: além disso, tinha a intuição de que nutria ele um projeto e se preparava para uma ação talvez heróica. Sem dúvida mostrava-se grato pelo fato de não procurar eu conhecer seu segredo e de não fazer a ele nenhuma alusão. Notei por fim que começava ele a ser atormentado pelo desejo de fazer-me uma confidencia. Pelo menos, tornou-se isto evidente ao fim de um mês mais ou menos. "Sabe", perguntou-me uma vez, "que se interessam muito por nós na cidade e que minhas freqüentes visitas causam espanto? Pois seja, em breve tudo se explicará. " Por vezes era presa, de súbito, de uma agitação extraordinária; quase sempre então se levantava e ia-se embora. Acontecia-lhe fitar-me muito tempo com um olhar penetrante. Pensava eu: "Ele vai falar", mas parava e discorria a respeito de um assunto vulgar. Começou a queixar-se de dores de cabeça. Um dia em que havia conversado muito tempo e apaixonadamente, vi-o de repente empalidecer, seu rosto contraiu-se, fitava-me com um ar esgazeado.

— Que tem — perguntei —, sente-se mal?

— Eu... saiba... eu... cometi um assassinato.

Sorria ao falar, branco com linho. "Por que sorri ele?" Este pensamento atravessou-me a mente antes que tivesse eu coordenado minhas idéias. Eu mesmo empalideci.

— Que está dizendo? — exclamei.

— Veja — respondeu-me com o mesmo sorriso triste —, a primeira palavra custou-me. Agora que comecei, continuarei.

Não lhe dei crédito imediatamente, mas somente ao fim de três dias, quando me contou todos os detalhes. Eu acreditava que ele estivesse louco, no entanto acabei por convencer-me de que dizia a verdade, para doloroso espanto meu. Assassinara, catorze anos antes, uma jovem senhora rica e encantadora, viúva de um proprietário rural, que possuía em nossa cidade uma casa para suas estadas aqui. Sentiu por ela viva paixão, fêz-lhe uma declaração e quis decidi-la a tornar-se sua esposa. Ela, porém, já havia dado seu coração a outro, oficial distinto, então em campanha, cujo próximo regresso ela aguardava. Recusou-lhe o pedido de casamento e

rogou-lhe que cessasse suas visitas. Recusado e conhecendo a disposição da casa, nela se introduziu uma noite pelo jardim e pelo telhado, com uma audácia extraordinária, arriscando-se a ser descoberto. Mas, como acontece freqüentemente, os crimes audaciosos são muitas vezes mais bem sucedidos que os outros. Tendo entrado no celeiro por uma trapeira, desceu para os quartos por uma pequena escada, sabendo que os criados não fechavam sempre a chave a porta de comunicação. Contava com a negligência deles ainda dessa vez e não se enganava. No escuro, dirigiu-se para o quarto de dormir, onde ardia uma lâmpada de cabeceira. Como de propósito, as duas criadas de quarto tinham saído às ocultas, convidadas a uma ceia festiva na vizinhança. Os outros criados dormiam no rés-do-chão. Vendo-a adormecida, sua paixão despertou, depois um furor vingativo e ciumento apoderou-se dele e, não mais podendo dominar-se, mergulhou-lhe uma faca no coração, sem que ela lançasse um grito. Com uma astúcia infernal, tratou de voltar as suspeitas contra os criados; deixou de parte o porta-moedas dela, mas abriu a cômoda com as chaves encontradas debaixo do travesseiro e subtraiu, como um criado ignorante, o dinheiro e as jóias de acordo com o tamanho, deixando de lado as mais preciosas, bem como os objetos de valor. Apropriou-se também de algumas lembranças de que voltarei a falar. Realizado seu crime, voltou pelo mesmo caminho. Ninguém, nem no dia seguinte, quando foi dado o alarma, nem mais tarde, teve a idéia de suspeitar o verdadeiro culpado. Ignorava-se seu amor pela vítima, porque fora ele sempre taciturno, fechado e não possuía amigos. Passava simplesmente por um conhecido da viúva, a quem não via, aliás, desde duas semanas. Suspeitou-se logo de Piotr, criado-servo da vítima, e imediatamente todas as circunstâncias contribuíram para confirmar essa suspeita, porque sabia ele que sua senhora estava decidida a fazê-lo arrolar entre os recrutas que devia fornecer, visto como era só e de má conduta. Estando bêbado, ameaçara-a de morte no botequim. Fugira dois dias antes do assassinato e no dia seguinte encontraram-no totalmente embriagado, caído na estrada, nos arredores da cidade, com uma faca no bolso e a mão direita ensangüentada. Sustentou ele que o sangue era de seu nariz, mas não lhe deram crédito. As criadas confessaram que se haviam ausentado e tinham deixado a porta de entrada aberta até sua volta. Houve outros indícios análogos, que provocaram a detenção desse criado inocente. Instauraram o processo, mas ao fim duma semana contraiu ele febre maligna e morreu no hospital, sem conhecimento. O caso foi arquivado, submeteram-se à vontade de Deus e todos, juizes, autoridades, público, ficaram

convencidos de que aquele criado era o assassino. Começou então o castigo. Aquele visitante misterioso, que se tornara meu amigo, confiou-me que a princípio não tinha sentido nenhum remorso. Lamentava somente ter matado uma mulher amada e, suprimindo-a, suprimira seu amor, quando o fogo da paixão lhe queimava as veias. Mas então esquecia quase o sangue inocente derramado, o assassinato de um ser humano. A idéia de que sua vítima teria podido tornar-se a esposa dum outro parecia-lhe impossível, de modo que ficou muito tempo persuadido de que não podia ter agido de outro modo. A detenção do criado perturbou-o, mas sua doença e morte tranqüilizaram-no, porque aquele indivíduo sucumbira certamente — pensava ele — não pelo medo causado por sua detenção, mas pelo resfriamento contraído por ter jazido uma noite inteira sobre a terra úmida. Os objetos e o dinheiro roubados não o inquietavam, porque roubara, não por cupidez, mas para desviar as suspeitas. A soma era insignificante e em breve doou-a, aumentando-a consideravelmente, a um hospício que se fundava na nossa cidade. Fê-lo de propósito, para apaziguar sua consciência e, coisa curiosa, conseguiu isso por um tempo bastante longo, como mo contou mais tarde. Redobrou de atividade no seu serviço, fêz-se confiar uma missão árdua que lhe tomou dois anos, e esqueceu quase o que se passara, graças à firmeza de seu caráter; quando se lembrava de seu crime, esforçava-se por não pensar nele. Consagrou-se igualmente à beneficência, ocupou-se com boas obras em nossa cidade, assinalou-se nas capitais, foi eleito em Petersburgo e Moscou membro de sociedades filantrópicas. Por fim, foi invadido por um devaneio doloroso que ultrapassava suas forças. Apaixonou-se então por uma moça encantadora, com quem se casou em breve, na esperança de que o casamento dissiparia sua angústia solitária e, se cumprisse escrupulosamente seus deveres para com sua mulher e seus filhos, baniria as recordações de outrora. Mas aconteceu precisamente o contrário do que esperava. Desde o primeiro mês de seu casamento, uma idéia o atormentava sem cessar: "Minha mulher me ama, mas que aconteceria se ela soubesse?" Quando ela ficou grávida de seu primeiro filho e comunicou-lhe, ele perturbou-se: "Dou a vida e eu mesmo a tirei". Os filhos vieram ao mundo: "Como ousarei amá-los, instruí-los, educá-los, como lhes falarei da virtude? Derramei sangue". Teve belos filhos, vinha-lhe vontade de acariciá-los: "Não posso fitar-lhes os rostos inocentes; não sou digno". Por fim, teve a visão ameaçadora e lúgubre do sangue de sua vítima, que gritava vingança da jovem vida que ele destruíra. Sonhos terríveis surgiram-lhe. Tendo o coração firme, suportou por muito tempo

esse suplício: "Expio meu crime sofrendo secretamente". Mas era uma esperança vã; seu sofrimento só fazia agravar-se com o tempo. O mundo respeitava-o pela sua atividade beneficente, se bem que seu caráter sombrio e severo inspirasse temor; mas, quanto mais crescia esse respeito, mais se lhe tornava intolerável. Confessou-me que pensara em suicidar-se. Mas outro sonho pôs-se a persegui-lo, um sonho julgado a princípio impossível e insensato, que acabou, no entanto, por incorporar-se a seu coração a ponto de não poder arrancá-lo dali. Pensava em fazer a confissão pública de seu crime e passou três anos presa dessa obsessão, que se apresentava sob diversas formas. Por fim, creu, de todo o coração, que depois de ter confessado o seu crime aliviaria sua consciência e recuperaria o repouso para sempre. Malgrado esta certeza, encheu-se de terror; como fazê-lo, com efeito? Sobreveio então aquele incidente em meu duelo. "Ao vê-lo, tomei minha decisão. "

— Será possível — exclamei, juntando as mãos — que um incidente tão insignificante tenha podido engendrar semelhante determinação?

— Minha determinação estava concebida desde três anos, aquele incidente serviu-lhe de impulso. Olhando o senhor, fiz censuras a mim mesmo e invejei-o — declarou ele com rudeza.

— Não lhe darão crédito — observei eu —, ao fim de catorze anos.

— Tenho provas esmagadoras. Apresentá-las-ei. Pus-me então a chorar, beijei-o.

— Decida a respeito de um ponto, de um só! — disse-me ele (como se tudo dependesse de mim agora). — Minha mulher, meus filhos! Ela morrerá de pesar, talvez, meus filhos conservarão sua posição e a propriedade, mas serão para sempre os filhos de um forçado. E que recordação de mim guardarão eles em seu coração!

Mantinha-me calado.

— Como separar-me deles, deixá-los para sempre?

Eu estava sentado, murmurando mentalmente uma prece. Levantei-me, por fim, apavorado.

— E então? — e ele me fixava.

— Vá — disse eu —, faça sua confissão. Tudo passa, só a verdade fica. Seus filhos, quando crescerem, compreenderão a grandeza de sua determinação.

Ao deixar-me, sua resolução parecia tomada. Mas veio ver-me durante mais de duas semanas, todas as noites, sempre a se preparar, sem poder decidir-se. Angustiava-me. Por vezes, chegava resoluto, dizendo com ar enternecido:

— Sei que, desde que tiver confessado, será para mim o paraíso. Durante catorze anos estive no inferno. Quero sofrer. Aceitarei o sofrimento e começarei a viver. Agora, não ouso amar nem meu próximo, nem mesmo meus filhos. Senhor, eles compreenderão talvez o que me custou meu sofrimento e não me censurarão!

— Todos compreenderão o seu ato, se não agora, mais tarde, porque o senhor terá servido à verdade, à verdade superior, que não é deste mundo.

Deixava-me, aparentemente consolado, e voltava no dia seguinte zangado, pálido, o tom irônico,

— Cada vez que volto, o senhor me examina com curiosidade: "Ainda não confessaste?" Espere, não me despreze demais. Não é tão fácil de fazer como o senhor pensa. Talvez não o faça. O senhor não irá denunciar-me, não é?

Por vezes, longe de experimentar uma curiosidade desarrazoada, tinha até medo de fitá-lo. Sofria, estava aflito, tinha a alma cheia de lágrimas. Cheguei a perder o sono.

— Estava com minha mulher há pouco — continuou ele. — Compreende o senhor o que é uma mulher? Ao sair, os meninos gritaram para mim: "Adeus, papai, volte depressa para ler para nós". Não, o senhor não pode compreender isso. A desgraça alheia não pode ser compreendida.

Tinha os olhos cintilantes, os lábios trêmulos. De súbito, deu um murro na mesa; os objetos que nela estavam tremeram. Um homem tão manso... acontecia-lhe isso pela primeira vez.

— Devo denunciar-me? É preciso fazê-lo? Ninguém foi condenado, ninguém foi para a prisão por minha causa, o criado morreu de doença. Expiei pelos meus sofrimentos o sangue derramado. Aliás, não me acreditarão, não darão fé às minhas provas. Será preciso confessar? Estou pronto a expiar meu crime até o fim, contanto que ele não reflita sobre minha mulher e meus filhos. É justo perdê-los ao mesmo tempo que me perco? Não será isto um pecado? Onde está a verdade? Saberão essas

pessoas reconhecê-la, apreciá-la?

"Senhor", pensava eu, "pensa ele na estima pública em semelhante momento!" Inspirava-me tal piedade que teria partilhado de sua sorte, quando menos para aliviá-lo. Tinha o ar desvairado. Estremeci, não somente porque compreendia, mas sentia o que custa semelhante determinação.

— Decida minha sorte! — exclamou ele.

— Vá denunciar-se — murmurei. A voz me faltava, mas murmurei com tom firme. Peguei em cima da mesa o Evangelho e mostrei-lhe o versículo 24 do capítulo XII de São João: "Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto". Acabara de ler este versículo antes da chegada dele.

Ele o leu.

— Ê verdade. — Mas teve um sorriso amargo. — É terrível o que se encontra nesses livros — disse, após uma pausa. — É fácil aplicar o que dizem aos outros. E quem os escreveu? Foram homens?

— Foi o Espírito Santo.

— É fácil para o senhor tagarelar. — Sorriu de novo, mas quase com ódio.

Retomei o livro, abri-o noutro lugar e mostrei-lhe a Epístola aos Hebreus, capítulo X, versículo 31. Ele leu: "É coisa horrenda cair nas mãos do Deus vivo".

Rejeitou o livro, todo trêmulo.

— Eis um versículo terrível. Palavra, o senhor soube escolhê-lo. — Levantou-se. — Pois bem! adeus, talvez não volte... haveremos de tornar a ver-nos no paraíso. Portanto, há catorze anos que "caí nas mãos do Deus vivo". Amanhã, rogarei a essas mãos que me soltem...

Quis abraçá-lo, beijá-lo, mas não ousei: causava dó ver seu rosto contraído. Saiu. "Senhor", pensei, "aonde irá ele?" Caí de joelhos diante do ícone e roguei por ele à Santa Mãe de Deus, mediadora e auxiliadora. Meia hora se passou em lágrimas e preces; era já tarde, cerca de meia-noite. De súbito a porta se abre, era ele ainda. Espantei-me.

— Onde estava o senhor? — perguntei-lhe.

— Creio que esqueci alguma coisa... meu lenço... Está bem, mesmo que não haja esquecido nada, deixe que me sente...

Sentou-se. Fiquei de pé diante dele.

— Sente-se também.

Foi o que fiz. Ficamos assim dois minutos. Ele me fitava; de repente, sorriu, depois abraçou-me, beijou-me...

— Lembra-te de que voltei a procurar-te. Ouves-me? Lembra-te!

Era a primeira vez que me tuteava. Partiu. "Amanhã", pensei.

Adivinhara certo. Ignorava então, não tendo ido a parte alguma naqueles últimos dias, que seu aniversário caía precisamente no dia seguinte. Naquela ocasião, havia em casa dele uma recepção a que comparecia a cidade em peso. Realizou-se como de costume. Após o banquete, avançou para o meio de seus convidados, tendo na mão um papel dirigido a seus chefes. Como estivessem estes presentes, leu o que estava escrito para todos os que ali se encontravam: um relato detalhado de seu crime! "Sendo um monstro, separo-me da sociedade. Deus me visitou", concluía ele. "Quero sofrer. " Ao mesmo tempo, depôs sobre a mesa as provas guardadas durante catorze anos: jóias da vítima, roubadas para desviar as suspeitas, uma medalha e uma cruz tiradas do pescoço dela, seu caderninho de notas e duas cartas: uma, de seu noivo, informando-a de sua próxima chegada, e a que ela começara em resposta para enviar no dia seguinte. Por que ter ficado com essas duas cartas e tê-las conservado durante catorze anos, em lugar de destruí-las como provas? O que aconteceu é que todos foram tomados de surpresa e de terror, mas ninguém quis acreditar nele, se bem que o escutassem com uma curiosidade extraordinária, como se escuta um doente; alguns dias mais tarde, todos concordaram que o infeliz estava louco. Seus chefes e a Justiça foram obrigados a dar prosseguimento ao caso. mas em breve arquivaram-no; muito embora os objetos apresentados e as cartas dessem que pensar, achava-se que, mesmo se fossem autênticas aquelas peças, não podiam servir de base a uma acusação formal. A própria defunta poderia ter-lhas confiado. Soube depois que a autenticidade delas fora verificada por numerosos conhecidos e amigos da vítima e que não restava dúvida alguma. Mas, de novo, o caso iria dar em nada. Cinco dias após, soube-se que o infeliz caíra doente e temia-se pela sua vida. Não posso explicar a natureza de sua doença, atribuída a perturbações cardíacas; soube-se que

a junta médica, a pedido de sua mulher, o examinara também do ponto de vista mental e concluíra pela existência da loucura. Não fui testemunha de nada, contudo crivaram-me de perguntas e, quando quis visitá-lo, foi-me isso proibido por muito tempo, principalmente por sua mulher. "Foi o senhor", disse-me ela, "que o transtornou. Ele já era melancólico, mas no último ano sua agitação extraordinária e suas esquisitices chamaram a atenção de toda gente, e o senhor o pôs a perder; foi o senhor quem o doutrinou, ele não o deixava durante este mês. " Ora, não somente sua mulher, mas todos na cidade caíam-me em cima e acusavam-me: "É culpa sua", diziam. Calava-me, com o coração alegre por aquela manifestação da misericórdia divina para com um homem que se havia condenado a si mesmo. Quanto à sua loucura, não podia acreditar nela. Permitiram afinal que o visse. Ele mesmo pedira com insistência minha presença para despedir-se de mim. À primeira vista, verifiquei que seus dias estavam contados. Enfraquecido, a tez amarela, as mãos trêmulas, sufocava, mas havia alegria, emoção em seu olhar.

— Consumou-se! — declarou. — Há muito tempo que desejava ver-te. Por que não vieste?

Dissimulei-lhe que me fora proibido visitá-lo.

— Deus teve piedade de mim e me chama para seu lado. Sei que vou morrer, mas sinto-me calmo e alegre, pela primeira vez desde tantos anos. Depois de minha confissão, minha alma entrou no paraíso. Agora ouso amar meus filhos e beijá-los. Não me acreditam, ninguém acreditou em mim, nem minha mulher, nem meus juizes; meus filhos não acreditarão nunca. Vejo nisso a prova da misericórdia divina para com eles. Herdarão um nome sem mancha. Agora, pressinto Deus, meu coração exulta, como no paraíso... Cumpri meu dever...

Incapaz de falar, ofegava, apertava-me a mão, olhava-me com um ar exaltado. Mas não conversamos muito tempo, sua mulher vigiava-nos furtivamente. Pôde ele, no entanto, murmurar:

— Lembras-te de como voltei à tua casa à meia-noite? Recomendei-te mesmo que te lembrasses. Sabes por que voltava eu? Voltava para matar-te!

Estremeci.

— Depois de haver-te deixado, vaguei pelas trevas, em luta comigo mesmo. De repente, senti por ti um ódio quase intolerável. "Agora", pensei,

"tem-me ele em suas mãos, é meu juiz, sou forçado a denunciar-me, porque ele sabe tudo. " Não que eu temesse tua denúncia (não pensava nisso), mas dizia a mim mesmo: "Como ousarei olhá-lo, se não me acusar?" E, mesmo que estivesses nos antípodas, a simples idéia de que existias e me julgavas, sabendo de tudo, teria sido insuportável. Detestava-te como responsável por tudo. Voltei à tua casa, lembrando-me de que tinhas um punhal em cima da mesa. Sentei-me e roguei-te que fizesses o mesmo. Durante um minuto refleti. Matando-te, perdia-me, mesmo sem confessar o outro crime. Mas não pensava nisso, não queria pensar nisso naquele instante. Odiava-te e ardia de desejo de vingar-me de ti. Mas o Senhor venceu o diabo em meu coração. Fica sabendo, pois, que nunca estiveste tão perto da morte.

Morreu ao fim duma semana. Toda a cidade acompanhou-lhe o enterro. O padre pronunciou uma alocução comovida. Deplorou-se a terrível doença que pusera fim a seus dias. Mas toda gente ergueu-se contra mim por ocasião de seus funerais. Cessaram mesmo de receber-me. No entanto, algumas pessoas, depois um maior número, admitiram a verdade de suas alegações, vindo muitas vezes interrogar-me com maligna curiosidade, porque a queda e a desonra do justo causam satisfação. Mas guardei silêncio e deixei em breve definitivamente a cidade. Cinco meses depois, o Senhor julgou-me digno de entrar no bom caminho e eu o bendigo por me ter tão visivelmente guiado. Quanto ao infortunado Mikhail, menciono-o todos os dias em minhas orações.

III

EXTRATOS DAS CONVERSAÇÕES E DA DOUTRINA DO "STÁRIETS" ZÓSIMA

e) Do religioso russo e de seu possível papel.

Padres e mestres, que é um religioso? Em nossos dias, nos meios esclarecidos, pronuncia-se este termo com ironia, por vezes mesmo como uma injúria. E isto vai aumentando. É verdade, ai! que se contam, mesmo entre os monges, muitos mandriões, sensuais, libidinosos e desavergonhados vagabundos. "Não passais de preguiçosos de membros inúteis da sociedade, vivendo do trabalho alheio, mendigos sem vergonha. " Entretanto, quantos monges são humildes e mansos, aspiram à solidão

para nela se entregar a fervorosas preces! Não se fala deles, cercam-nos de silêncio e causarei espanto a muita gente dizendo que são eles que salvarão talvez ainda uma vez a terra! Porque estão verdadeiramente prontos para "o dia e a hora, o mês e o ano". Guardam na sua solidão a imagem do Cristo, esplêndida e intata, na pureza da verdade divina, legada pelos padres da Igreja, pelos apóstolos e pelos mártires, e, quando a hora chegar, revelá-la-ão ao mundo abalado. É um grande idéia. Essa estrela brilhará no Oriente.

Eis o que penso dos religiosos. Enganar-me-ei talvez, será presunção minha? Olhai os leigos e esse mundo que se ergue acima do povo cristão: não alterou ele a imagem de Deus e sua verdade? Têm a ciência, mas somente a ciência sujeita aos sentidos. Quanto ao mundo espiritual, a metade superior do ser humano, rejeitam-no, banem-no alegremente, mesmo com ódio. O mundo proclamou a liberdade, sobretudo nestes derradeiros anos, e que representa ela? Nada mais senão a escravidão e o suicídio! Porque o mundo diz: "Tu tens necessidades, satisfá-las, porque possuis os mesmos direitos que os grandes e os ricos. Não temas satisfazê-las, aumenta-as mesmo". Eis o que se ensina atualmente. Tal é a concepção deles de liberdade. E que resulta desse direito de aumentar as necessidades? Entre os ricos, a solidão e o suicídio espiritual; entre os pobres, a inveja e o crime, porque se conferiram direitos, mas ainda não se indicaram os meios de satisfazer as necessidades. Assegura-se que o mundo, abreviando as distâncias, transmitindo o pensamento pelos ares, unir-se-á sempre cada vez mais, que a fraternidade reinará. Ai! não acrediteis nessa união dos homens. Concebendo a liberdade como o aumento das necessidades e sua pronta satisfação, alteram-lhes a natureza, porque fazem nascer neles uma multidão de desejos insensatos, de hábitos e imaginações absurdos. Não vivem senão para invejar-se mutuamente, para a sensualidade e a ostentação. Dar jantares, viajar, possuir carruagens, cargos, lacaios, passa tudo como uma necessidade à qual se sacrifica até sua vida, sua honra e o amor à humanidade, matar-se-ão mesmo, na impossibilidade de satisfazê-la. O mesmo ocorre entre aqueles que são ricos; quanto aos pobres, a insatisfação das necessidades e a inveja são no momento afogadas na embriaguez. Mas em breve, em lugar de vinho, embriagar-se-ão de sangue, é o fim para que os conduzem. Dizei-me se tal homem é livre. Um "campeão da idéia" contava-me que, estando na prisão, privaram-no de fumo e que essa privação lhe foi tão penosa que quase traiu sua idéia para obtê-lo. Ora, esse indivíduo pretendia lutar pela

humanidade. De que pode ser ele capaz? Quando muito dum esforço momentâneo, que não sustentará por muito tempo. Nada de admirar que os homens tenham encontrado sua servitude em lugar da liberdade, e que em lugar de servir à fraternidade e à união, tenham caído na desunião e na solidão, como mo dizia outrora meu visitante misterioso e mestre. De modo que a idéia do devotamento à humanidade, da fraternidade e da solidariedade desaparece gradualmente do mundo; na realidade, acolhem-na mesmo com derrisão, porque como desfazer-se de seus hábitos, aonde irá aquele prisioneiro das necessidades inumeráveis que ele próprio inventou? Na solidão, preocupa-se muito pouco com a coletividade. Afinal de contas, os bens materiais aumentaram e a alegria diminuiu.

Bem diferente é o caminho do religioso. Zombam da obediência, do jejum, da oração, entretanto é a única via que conduz à verdadeira liberdade; suprimo as necessidades supérfluas, domo e flagelo pela obediência minha vontade egoísta e orgulhosa, chego assim, com a ajuda de Deus, à liberdade do espírito e com ela à alegria espiritual! Qual dentre eles é mais capaz de exaltar uma grande idéia, de pôr-se a seu serviço, o rico isolado ou o religioso liberto da tirania dos hábitos? Censura-se ao religioso o seu isolamento: "Tu te retiraste para um mosteiro para cuidar de tua salvação, e desertaste a causa fraternal da humanidade". Mas vejamos quem serve mais à fraternidade. Porque o isolamento está do lado deles e não do nosso, mas eles não o notam. Foi do nosso meio que saíram outrora os homens de ação do povo. Por que não será assim em nossos dias? Esses jejuadores e esses taciturnos mansos e humildes se erguerão para servir a uma nobre causa. É o povo quem salvará a Rússia. O mosteiro russo sempre esteve com o povo. Se o povo é isolado, nós também o somos. Ele partilha de nossa fé e um político incréu jamais fará nada na Rússia, seja embora sincero e genial. Lembrai-vos disso. O povo derrubará o ateu e a Rússia será unificada na ortodoxia. Preservai o povo e velai pelo seu coração. Instruí-o na paz. Eis vossa missão de religiosos, porque esse povo traz Deus em si.

f) Amos e servos podem tornar-se mutuamente irmãos em espírito?

É preciso confessar que o povo também está presa do pecado. A corrupção aumenta visivelmente todos os dias. O isolamento invade o povo; os açambarcadores e os sanguessugas aparecem; já o comerciante se

mostra mais ávido de honras, aspira a mostrar sua instrução, sem que tenha nenhuma; com esse fito, desdenha os antigos usos, envergonha-se mesmo da fé de seus pais. Vai à casa dos príncipes, embora não passe de um mujique depravado. O povo está desmoralizado pela bebedice e não pode curar-se dela. Quantas crueldades na família, para com a mulher e mesmo para com os filhos, causadas por ela! Vi nas fábricas crianças de nove anos, débeis, atrofiadas, curvadas e já corruptas. Um local sufocante, o barulho das máquinas, o trabalho incessante, as obscenidades, a aguardente, é isso que convém à alma dum menino? Precisa é de sol, dos jogos de sua idade, de bons exemplos e de um mínimo de simpatia. É preciso que isso cesse, religiosos, meus irmãos, os sofrimentos das crianças devem ter um fim, levantai-vos e pregai. Mas Deus salvará a Rússia, porque se o povo baixo está pervertido e atola-se no pecado, sabe que Deus tem horror ao pecado, e se sente culpado perante ele. De modo que nosso povo não cessou de crer na verdade, reconhece Deus, derrama lágrimas de enternecimento. Não acontece o mesmo entre os grandes. Adeptos da ciência, querem organizar-se eqüitativamente pela razão apenas, mas sem o Cristo, como outrora; já proclamaram que não há crime nem pecado. Têm razão de acordo com seu ponto de vista, porque sem Deus, onde está o crime? Na Europa, já o povo se subleva contra os ricos, por toda parte seus chefes o incitam ao assassinato e lhe ensinam que sua cólera é justa. Mas "maldita é sua cólera, porque é cruel". Quanto à Rússia, o Senhor a salvará como a salvou muitas vezes. É do povo que virá a salvação, de sua fé, de sua humildade. Meus padres, preservai a fé do povo, não estou sonhando: toda a minha vida fui impressionado pela nobre dignidade de nosso grande povo, vi-a, posso atestá-la. Não é servil, após uma escravidão de dois séculos. É livre no seu comportamento e nas suas maneiras, mas sem querer ofender a ninguém. Não é vingativo, nem invejoso. "Tu és distinto, rico, inteligente, tens talento. Pois seja, que Deus te abençoe. Respeito-te, mas sabe que também eu sou um homem. O fato de respeitar-te sem invejar-te revela-te minha dignidade humana. " Na verdade, se não o dizem (porque não sabem ainda dizê-lo), agem assim, vi-o, experimentei-o eu mesmo, e, acreditá-lo-íeis? quanto mais pobre e humilde o homem russo mais se nota nele essa nobre verdade, porque os ricos entre eles, os açambarcadores e os sanguessugas já estão na maior parte pervertidos, e nossa negligência, nossa indiferença são muito culpadas por isso. Mas Deus salvará os seus, porque a Rússia é grande pela sua humildade. Penso no nosso futuro, parece-me vê-lo aparecer, porque acontecerá que o rico mais depravado acabará por envergonhar-se

de sua riqueza diante do pobre, e o pobre, vendo sua humildade, compreenderá e lhe cederá, responderá jovialmente, amigavelmente, à sua nobre confusão. Ficai certos desse desenlace; tende-se para ele! Só há igualdade na dignidade espiritual e isto só é compreendido entre nós. Havendo irmãos, a fraternidade reinará, e sem a fraternidade não se partilharão jamais os bens. Guardamos a imagem do Cristo e ela resplandecerá aos olhos do mundo inteiro como um diamante precioso... Assim seja!

Padres e mestres, aconteceu-me uma vez algo de tocante. Por ocasião de minhas peregrinações, encontrei na cidade de K*** meu antigo ordenança Afanássi, oito anos depois de me haver separado dele. Tendo-me visto, por acaso, no mercado, reconheceu-me, acorreu todo alegre: "Bátiuchka, bárin, é mesmo o senhor? Será possível que esteja vendo mesmo o senhor?" Conduziu-me à sua casa. Livre do serviço militar, casara-se, tinha já dois filhos. Ele e sua mulher viviam' de um pequeno negócio de frutas e hortaliças. Seu quarto era pobre, mas limpo e alegre. Fêz-me sentar, preparou o samovar, mandou chamar sua mulher, como se fosse uma festa minha visita à sua casa. Apresentou-me seus dois filhos: "Abençoe-os, meu padre". "Cabe a mim abençoá-los?", respondi. "Não passo de um humilde religioso, mas rogarei a Deus por eles; quanto a ti, Afanássi Pávlovitch, não te esqueço nunca em minhas orações, desde aquele famoso dia, porque és a causa de tudo. " Expliquei-lho da melhor maneira. Ele me olhava sem poder afazer-se à idéia de que eu, seu antigo amo, um oficial, me encontrasse agora diante dele naquele hábito, e chegou mesmo a chorar. "Por que choras", perguntei-lhe, "tu, a quem não posso esquecer? Rejubila-te antes comigo, meu caro, porque meu caminho está iluminado de felicidade. " Ele não falava, mas suspirava e abanava a cabeça com enternecimento. "Que fez de sua fortuna?" "Dei-a ao mosteiro, vivemos em comunidade. " Após o chá, despedi-me deles. Deu-me 50 copeques, oferenda para o mosteiro, e vejo que ele me enfia 50 outros na mão apressadamente. "É para o senhor", disse-me, "que viaja. Isto posso servir-lhe, meu padre. " Aceitei sua esmola, saudei-o, a ele e à sua esposa, e parti alegre, pensando no caminho: "Todos dois, sem dúvida, ele em sua casa e eu que caminho, suspiramos e nos sorrimos alegremente, de coração contente, lembrando-nos de como Deus fez que nos encontrássemos". Jamais o tornei a ver depois. Eu era seu amo, ele meu servidor, e agora, beijando-nos com emoção, confundimo-nos numa nobre união. Pensei muito nisso e agora digo a mim mesmo: é inconcebível que essa

grande e franca união possa realizar-se por toda parte à sua hora, entre os russos? Creio que ela se realizará e que a hora está próxima.

A propósito dos servidores, acrescentarei o que segue: na minha juventude, irritava-me freqüentemente contra" eles: "a cozinheira serviu demasiado quente, o ordenança não escovou minhas roupas". Mas fui esclarecido pelo pensamento de meu querido irmão, que ouvira na minha infância: "Serei digno de ser servido por outrem? Tenho o direito de explorar sua miséria e sua ignorância?" Admirava-me então de que as idéias mais simples, as mais evidentes, nos venham tão tarde ao espírito. Não se pode passar sem servidores neste mundo, mas fazei de maneira a que o vosso se sinta em vossa casa mais livre moralmente do que se não fosse um servidor. E porque não serei o servidor do meu, e que ele o veja, sem nenhum orgulho de minha parte, nem desconfiança da dele? Por que meu servidor não seria como meu na rente, que aceitaria afinal com alegria em minha família? De agora em diante, é isto realizável e servirá de base à magnífica união do futuro, quando o homem não quererá mais transformar em servidores seus semelhantes, como agora, mas desejará ardentemente, pelo contrário, tornar-se ele próprio o servidor de todos, segundo o Evangelho. Seria um sonho crer que o homem encontrará afinal sua alegria unicamente nas obras de civilização e de caridade e não, como em nossos dias, nas satisfações brutais, na glutonaria, na fornicação, no orgulho, na presunção, na supremacia invejosa de uns sobre os outros? Estou persuadido de que não é um sonho e que os tempos estão próximos. Riem, perguntam: quando chegarão esses tempos, é provável que cheguem? Penso que realizaremos essa grande obra como Cristo. Quantas idéias neste mundo, na história da humanidade, eram irrealizáveis dez anos atrás e no entanto apareceram de repente, quando foi chegado seu termo misterioso e se espalharam por toda a terra! O mesmo acontecerá conosco, nosso povo brilhará diante do mundo e todos dirão: "A pedra que os arquitetos tinham rejeitado tornou-se a pedra angular". Poder-se-ia perguntar aos zombadores: se nós sonhamos, quando erguereis vós o vosso edifício, quando vos organizareis eqüitativamente de acordo apenas com a vossa razão, sem o Cristo? Se afirmarem tender também para a união, somente os mais ingênuos entre eles poderão acreditar nisso, muito embora possa causar espanto essa ingenuidade. Na realidade, há mais fantasia entre eles que entre nós. Podem organizar-se segundo a justiça, mas, tendo repudiado o Cristo, acabarão por inundar o mundo de sangue, porque o sangue chama o sangue e o que tirar a espada perecerá pela

espada. Sem a promessa do Cristo, exterminar-se-iam até só restarem dois. E no seu orgulho, não poderiam esses conter-se, o derradeiro suprimiria o penúltimo e a si mesmo em seguida. Eis o que aconteceria sem a promessa do Cristo de deter essa luta por amor dos dois e dos humildes. Depois de meu duelo, estando ainda de uniforme, aconteceu-me falar dos servidores em sociedade e lembro-me de que causei espanto a todo mundo. "Com que então seria preciso instalar o servidor no sofá e oferecer-lhes chá?" Respondi-lhes: "Por que não, ainda fosse uma vez ou outra?" A gargalhada foi geral. A pergunta deles era frívola e minha resposta não era clara, mas acho que encerrava certa verdade!

g) Da oração, do amor, do contato com os outros mundos.

Jovem, não esqueças a oração. Cada uma delas, se sincera, exprime um novo sentimento, fonte duma idéia nova que ignoravas e que te reconfortará, e compreenderás que a prece é uma educação. Lembra-te ainda de repetir cada dia, e todas as vezes que puderes, mentalmente: "Senhor, tem piedade de todos aqueles que comparecem agora diante de ti". Porque, a cada hora, milhares de seres terminam sua existência terrestre e suas almas chegam à presença do Senhor; quantos entre eles deixaram a terra no isolamento, ignorados de todos, tristes e angustiados por causa da indiferença geral! E talvez na outra extremidade do mundo, tua prece por ele chegará a Deus, sem que vós vos tivésseis conhecido. A alma, tomada de temor na presença do Senhor, comover-se-á por ter também na terra alguém que a ama e intercede por ela. E Deus vos olhará a ambos com mais misericórdia, porque, se tens tal compaixão daquela alma, ele terá muito mais, ele, cuja misericórdia e cujo amor são infinitos. E a perdoará por tua causa.

Meus irmãos, não temais o pecado, amai o homem mesmo no pecado, é isto a imagem do amor divino, amor que não há maior na terra. Amai toda a criação no seu conjunto e nos seus elementos, cada folha, cada raio de luz, os animais, as plantas. Amando cada coisa, compreendereis o mistério divino nas coisas. Tendo-o compreendido uma vez, vós o conhecereis sempre mais, cada dia. E acabareis por amar o mundo inteiro com um amor universal. Amai os animais, porque Deus lhes deu o princípio do pensamento e uma alegria tranqüila. Não a perturbeis, não os atormenteis tirando-lhes essa alegria, não vos oponhais ao plano de Deus. Homem, não te ergas acima dos animais; eles não têm

pecado, ao passo que com tua grandeza manchas a terra com tua aparição, deixando após ti um rasto de podridão — ai! quase todos nós! Amai particularmente as crianças, porque elas, como os anjos, também não têm pecado; existem para comover-nos os corações, purificá-los, são para nós como uma indicação. Maldito o que ofende um desses pequeninos! Foi o Padre Anfim quem me ensinou a amá-los; sem nada dizer, com os copeques que nos davam em nossas peregrinações, comprava por vezes bolinhos e doces para distribuí-los com eles; não podia passar perto das crianças sem ficar comovido.

Pergunta-se por vezes, sobretudo em presença do pecado: "Ê preciso recorrer à força ou ao amor humilde?" Não empregueis jamais senão esse amor, podereis assim submeter o mundo inteiro. A humildade cheia de amor é uma força tremenda, sem nenhuma outra igual. Cada dia, a cada instante, vigiai-vos, mantende uma atitude digna. Passastes ao lado duma criança blasfemando, sob o império da cólera, sem notá-la; ela, porém, vos viu e guarda talvez em seu coração inocente vossa imagem envilecedora. Vós não a vistes e talvez tenhais semeado em sua alma um mau germe que poderá desenvolver-se, e isto porque não vos contivestes diante dessa criança, não cultivastes em vós o amor ativo, refletido. Meus irmãos, o amor é mestre, mas é preciso saber adquiri-lo, porque se adquire dificilmente ao preço dum esforço prolongado; é preciso amar, com efeito, não por um instante, mas até o fim. Qualquer um, até mesmo um celerado, é capaz de um amor fortuito. Meu irmão pedia perdão aos pássaros; isto parece absurdo, mas é justo, porque tudo se assemelha ao oceano, onde tudo se derrama e comunica, toca-se num lugar e isto repercute na outra extremidade do mundo. Admitamos que seja uma loucura pedir perdão aos pássaros, mas os pássaros, e a criança, e cada animal que vos cerca sentir-se-iam mais à vontade, se vós mesmos fôsseis mais dignos do que o sois agora, um pouco que seja. Então rezaríeis aos pássaros, possuídos totalmente pelo amor numa espécie de êxtase, vós lhes rogaríeis que vos perdoassem vossos pecados. Estimai esse êxtase, por mais absurdo que pareça aos homens. Meus amigos, pedi a Deus a alegria. Sede alegres como as crianças, como as aves dos céus. No vosso apostolado não vos deixeis perturbar pelo pecado, não temais que ele macule vossa obra e vos impeça de realizá-la, não digais: "o pecado, a impiedade, o mau exemplo são poderosos, ao passo que nós somos fracos, isolados; o mal triunfará, sufocará o bem". Não vos deixeis abater assim, meus filhos! Só há um meio de salvação: toma a teu cargo todos os pecados dos homens. Com

efeito, meu amigo, desde que responderes sinceramente por todos e por tudo, verás logo que é verdadeiramente assim, que és culpado por todos e por tudo. Mas atirando tua preguiça e tua fraqueza sobre os outros, tornar-te-ás finalmente cheio de um orgulho satânico e murmurarás contra Deus. Eis o que penso desse orgulho; é-nos difícil compreendê-lo aqui embaixo, por isso é que se cai tão facilmente no erro, a ele nos. abandonamos, imaginando realizar algo de grande, de nobre. Entre os sentimentos e os movimentos mais violentos de nossa natureza, há muitos que não podemos ainda compreender aqui embaixo; não te deixes seduzir, não penses que isso te possa servir, no que quer que seja de justificação, porque o Juiz soberano te pedirá conta do que podias compreender e não do resto; convencer-te-ás disto tu mesmo, porque discernirás tudo exatamente e não farás objeção. Sobre a terra, vagamos sem rumo, e, se não tivéssemos a preciosa imagem do Cristo para guiar-nos, sucumbiríamos e nos perderíamos totalmente, como o gênero humano antes do dilúvio. Muitas coisas nos estão ocultas neste mundo; em compensação, temos a sensação misteriosa do liame vivo que nos prende ao mundo celeste e superior: as raízes de nossos sentimentos e de nossas idéias não estão aqui, mas em outra parte. Eis por que dizem os filósofos que é impossível sobre a terra compreender a essência das coisas. Deus tomou de empréstimo aos outros mundos as sementes para semeá-las aqui embaixo e cultivou seu jardim. Tudo quanto podia brotar, brotou, mas as plantas que somos vivem somente pelo sentimento de seu contato com esses mundos misteriosos; quando esse sentimento se enfraquece ou desaparece, o que havia em nós brotado perece. Tornamo-nos indiferentes à vida, sentimos mesmo aversão por ela. É esta pelo menos minha idéia.

h) Pode-se ser o juiz de seus semelhantes? Fé até o fim.

Lembra-te de que não podes ser o juiz de ninguém. Porque antes de julgar um criminoso, deve o juiz saber que é ele próprio tão criminoso quanto o acusado, e talvez mais que todos culpado do crime dele. Quando tiver compreendido isto, poderá ser juiz. Por mais absurdo que isto pareça, é verdade. Porque se eu mesmo fosse um justo, talvez não houvesse diante de mim um criminoso. Se podes encarregar-te do crime do acusado que julgas em teu coração, fá-lo imediatamente e sofre em seu lugar, quanto a ele, deixa-o ir sem censuras. E mesmo se a lei te instituiu juiz dele, tanto quanto é possível, faze também a justiça naquele espírito, porque, uma vez partido, condenar-se-á ele ainda mais severamente que o

teu tribunal. Se ele se vai insensível a teu bom tratamento e zombando de ti, não fiques impressionado; é que a hora dele ainda não chegou, mas chegará; e, no caso contrário, um outro em lugar dele compreenderá, sofrerá, condenar-se-á, acusar-se-á a si mesmo, e a verdade será cumprida. Crê firmemente nisto; é aí que repousam a esperança e a fé dos santos. Não te canses de agir. Se te lembrares, à noite, antes de dormir, de que não cumpiste o que era preciso, levanta-te logo para cumpri-lo. Se os que te cercam, por malícia ou indiferença, recusam ouvir-te, põe-te de joelhos e pede-lhes perdão, porque, na verdade, é culpa tua se não querem escutar-te. Se não podes falar àqueles que estão envinagrados, serve-os em silêncio e na humildade, sem jamais desesperar. Se todos te abandonam e se te expulsam com violência, ao ficares sozinho, prosterna-te, beija a terra, rega-a com tuas lágrimas, e essas lágrimas darão frutos, ainda mesmo que ninguém te veja, nem te ouça na tua solidão. Crê até o fim, mesmo que todos os homens se hajam desviado e tenhas ficado fiel sozinho; leva então tua oferenda e louva a Deus, por teres sido o único a manter a fé. E se dois, tais como vós, se reúnem, então eis a plenitude do amor vivo, beijai-vos com efusão e louvai o Senhor, porque sua verdade cumpriu-se, ainda que apenas em vós dois.

Se tu mesmo pecaste e estás mortalmente aflito por isso, rejubila-te por um outro, por um justo, rejubila-te por ser ele, em compensação, um justo e não ter pecado.

Se estás indignado e aflito por causa da iniqüidade dos homens, a ponto de quereres vingar-te, teme acima de tudo esse sentimento; impõe-te o mesmo castigo que se fosses tu mesmo culpado do crime deles. Aceita esse castigo e suporta-o, teu coração se acalmará, compreenderás que tu também és culpado, porque terias podido esclarecer os celerados mesmo na qualidade de único justo, e não o fizeste. Esclarecendo-os, ter-lhes-ia mostrado um outro caminho, e o autor do crime não o teria talvez cometido, graças à luz. Se os homens ficarem mesmo insensíveis a essa luz, malgrado teus esforços, e negligenciarem sua salvação, fica firme e não duvides do poder da luz celeste; persuade-te de que, se não foram eles salvos agora, sê-lo-ão mais tarde. Senão, seus filhos serão salvos em lugar deles, porque tua luz não perecerá, mesmo se estiveres morto. O justo desaparece, mas a luz fica. Após a morte do salvador é que a gente se salva. O gênero humano repele seus profetas, massacra-os, mas os homens amam seus mártires e veneram aqueles que eles mesmos fizeram perecer. É pela coletividade que trabalhas, pelo futuro que ages. Não procures

recompensa jamais, porque tens já uma grande nesta terra: tua alegria espiritual, de que somente o justo partilha. Não temas nem os grandes nem os poderosos, mas sê sábio e sempre digno. Segue a medida, conhece os termos, instrui-te a este respeito. Retirado na solidão, reza. Prosterna-te com amor e beija a terra. Ama incansavelmente, insaciável mente, todos e tudo, procura esse êxtase e essa exaltação. Rega a terra de lágrimas de alegria, ama essas lágrimas. Não te envergonhes desse êxtase, ama-o, porque é um grande dom de Deus, concedido somente aos eleitos.

i) Do inferno e do fogo eterno. Consideração mística.

Meus padres, pergunto a mim mesmo: "Que é o inferno?" Defino-o assim: "O sofrimento por não poder mais amar". Uma vez, no infinito do espaço e do tempo, um ser espiritual, pela sua aparição na terra, teve a possibilidade de dizer: "Eu sou e eu amo". Uma vez somente foi-lhe concedido um momento de amor ativo e vivo, para isso foi-lhe dada a vida terrestre, limitada no tempo; ora, esse ser feliz repeliu esse dom inestimável, nem o apreciou nem amou, considerou-o ironicamente, ficou a ele insensível. Tal ser, tendo deixado a terra, vê o seio de Abraão, entretém-se com ele como está dito na parábola de Lázaro e do mau rico, contempla o paraíso, pode elevar-se até o Senhor, mas o que o atormenta precisamente é que se apresenta sem ter amado, entra em contato com aqueles que amaram e cujo amor desdenhou. Porque tem uma clara noção das coisas e diz a si mesmo: "Agora tenho o conhecimento e, malgrado minha sede de amor, esse amor será sem valor, não representará nenhum sacrifício, porque a vida terrestre terminou e Abraão não virá aplacar — ainda que com uma só gota de água viva — minha sede ardente de amor espiritual, que agora me abrasa, depois de tê-la desdenhado na terra. A vida e o tempo passaram agora. Daria com alegria minha vida pelos outros, mas é impossível, porque a vida que se podia sacrificar ao amor já decorreu, um abismo a separa da existência atual". Fala-se do fogo do inferno no sentido literal; temo sondar esse mistério, mas penso que, se houvesse mesmo verdadeiras chamas, os danados se regozijariam, porque esqueceriam nos tormentos físicos, ainda que por um instante, a mais horrível tortura moral. É impossível libertá-los dela, porque esse tormento está neles e não fora. E, se se pudesse, penso que mais desgraçados seriam ainda. Porque, mesmo se os justos do paraíso os perdoassem à vista de seus sofrimentos e os chamassem a si no seu amor infinito, não fariam senão aumentar-lhes esses sofrimentos, excitando neles essa sede ardente

dum amor correspondente, ativo e grato, doravante impossível. Na timidez de meu coração, penso, no entanto, que a consciência dessa impossibilidade acabaria por aliviá-los, porque, tendo aceitado o amor dos justos sem poder a ele corresponder, sua humilde submissão criaria uma espécie de imagem e de imitação desse amor ativo e desdenhado por eles na terra... Lamento, irmãos e amigos, não poder formular claramente isto. Mas infelizes daqueles que se destruíram a si mesmos, infelizes dos suicidas! Penso que não pode haver mais infelizes do que eles. É um pecado, dizem-nos, orar a Deus por eles, e a Igreja aparentemente os repudia, mas meu pensamento íntimo é que se poderia rezar por eles também. O amor não haveria de irritar o Cristo. Toda a minha vida tenho rezado em meu coração por esses infortuna-dos, confesso-vo-lo, meus padres, e ainda agora.

Oh! há no inferno seres que permanecem soberbos e intratáveis, malgrado seu conhecimento incontestável e a contemplação da verdade inelutável; há-os terríveis, que se tornaram totalmente presa de Satanás e de seu orgulho. São mártires voluntários que não podem satisfazer-se com o inferno. Porque são eles próprios malditos, tendo amaldiçoado Deus e a vida. Nutrem-se de seu orgulho irritado como um esfomeado no deserto se poria a sugar seu próprio sangue. Mas são insaciáveis por todos os séculos dos séculos e repelem o perdão. Amaldiçoam Deus que os chama e quereriam que Deus se aniquilasse, ele e toda a sua criação. E arderão eternamente no fogo de sua cólera, terão sede da morte e do nada. Mas a morte fugirá deles...

*

Aqui termina o manuscrito de Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov. Repito-o: está incompleto e fragmentário. As informações biográficas, por exemplo, só abarcam a primeira juventude do stáricts Aproveitaram de seu ensino e de suas opiniões para resumi-los num todo, coisas ditas evidentemente em várias ocasiões e em várias vezes. As afirmativas do stáricts nas suas derradeiras horas não são precisas, dá-se somente uma idéia do espírito e do caráter dessa conversação, comparados com extratos de outras lições, no manuscrito de Alieksiéi Fiódorovitch. O fim do stáriets sobreveio duma maneira verdadeiramente inesperada, porque, muito embora todos os assistentes daquela derradeira noite se dessem conta de que sua morte se aproximava, não se podia imaginar que ela ocorresse tão subitamente; pelo contrário, como já o observamos, seus amigos, vendo-o tão disposto e loquaz naquela noite, acreditaram numa

melhora sensível, ainda que passageira. Cinco minutos antes de sua morte, não se podia ainda nada prever. Sentiu de repente uma dor aguda no peito, empalideceu, apoiou suas mãos no coração. Todos se reuniram solícitos em torno dele; sorrindo, malgrado seus sofrimentos, escorregou de sua cadeira, pôs-se de joelhos, prosternou-se com a face inclinada para o chão, estendeu os braços, depois, como em êxtase, beijando a terra e rezando (ele próprio o havia ensinado), entregou suavemente, alegremente, sua alma a Deus. A notícia de sua morte espalhou-se logo no eremitério e alcançou o mosteiro. Os íntimos do defunto e os designados pela sua posição procederam ao amortalhamento, segundo o antigo rito, e a comunidade reuniu-se na igreja. Antes do dia, tornou-se a notícia conhecida na cidade, constituindo-se o assunto de todas as conversas: muitas pessoas dirigiram-se ao mosteiro. Mas falaremos disto no livro seguinte; digamos somente, por antecipação, que durante aquele dia ocorreu um acontecimento tão inesperado e, segundo a impressão que produziu entre os monges e na cidade, a tal ponto estranho e desconcertante, que até agora, após tantos anos, se guardou em nossa cidade a mais viva recordação daquele dia movimentado...

TERCEIRA PARTE

LIVRO VII

ALIÓCHA

I

O ODOR DELETÉRIO

O corpo do Padre Zósima foi preparado para a inumação segundo o rito estabelecido. Não se lavam os monges e os ascetas falecidos, o fato é notório. "Quando um monge é chamado ao Senhor (lê-se no Grande Ritual), o irmão preposto ao encargo esfrega-lhe o corpo com água morna, traçando previamente, com a esponja, uma cruz sobre a fronte do morto, sobre o peito, mãos, pés e joelhos e nada mais. " Foi o Padre Paísi quem levou a cabo essa operação. Em seguida, revestiu o defunto com o hábito monástico e envolveu-o numa capa, fendendo-a um pouco, como está prescrito, para lembrar a forma da cruz. Puseram-lhe na cabeça um capuz

terminado por uma cruz de oito braços, ficando o rosto coberto por um véu negro, e nas mãos um ícone do Salvador. O cadáver, assim vestido, foi posto pela manhã num ataúde preparado desde muito tempo. Decidiu-se deixá-lo por todo aquele dia no quarto grande que servia de salão. Como pertencesse o defunto à categoria de *ieromonakh,* convinha ler em sua intenção não o Saltério, mas o Evangelho. Depois do ofício dos mortos, o Padre Iósif começou a leitura; quanto ao Padre Paísi, que queria substituí-lo em seguida pelo resto do dia e da noite, estava no momento muito ocupado e inquieto, bem como o superior do eremitério. Verificava-se, com efeito, entre a comunidade e os leigos que acorreram em multidão, algo de extraordinário, uma agitação inaudita, inconveniente mesmo, uma expectativa febril. Os dois religiosos faziam tudo quanto estava a seu alcance para acalmar os espíritos superexcitados. Quando clareou suficientemente, viram-se chegar fiéis trazendo consigo seus doentes, sobretudo as crianças, como se só estivessem à espera daquele momento, aguardando uma cura imediata, que não podia tardar em operar-se, segundo a crença deles. Foi somente então que se verificou a que ponto todos tinham o hábito de considerar o defunto *stáriets,* ainda quando vivo, como um verdadeiro santo. E os recém-chegados estavam longe de pertencer todos ao baixo povo. Aquela ansiosa expectativa dos crentes, que se manifestava abertamente, com uma impaciência quase imperiosa, parecia escandalosa ao Padre Paísi e ultrapassava suas previsões. Encontrando religiosos bastante emocionados, falou-lhes assim: "Essa expectativa frívola e imediata de grandes coisas não é possível senão entre os leigos e não convém a nós". Mas não lhe davam ouvidos, e o Padre Paísi percebia isto com inquietação, se bem que ele próprio (se não se quer nada ocultar), embora reprovando esperanças demasiado prontas, que achava frívolas e vãs, partilhava delas secretamente, no fundo de seu coração, quase no mesmo grau, do que se dava conta. No entanto, certos encontros lhe desagradavam bastante e excitavam dúvidas nele, por uma espécie de pressentimento. Foi assim que, na multidão que se aglomerava na cela, notou com repugnância (e censurou-se por isso imediatamente) a presença de Rakítin e do religioso de Obdorsk, que se retardava no mosteiro. Todos dois pareceram de súbito suspeitos ao Padre Paísi, embora não fossem os únicos a respeito. No meio da agitação geral, o monge de Obdorsk movimentava-se mais que todos, viam-no por toda parte fazendo perguntas, de ouvido à escuta, cochichando com ar misterioso. Parecia impaciente e como que irritado pelo fato de não se ter ainda produzido o milagre de há muito esperado. Quanto a Rakítin,

encontrava-se desde bem cedo no eremitério, como se soube mais tarde, seguindo instruções da Senhora Khokhlakova. Assim que essa mulher, boa, porém desprovida de caráter e que não tinha acesso ao ascetério, soube, ao despertar, da notícia, foi tomada de tal curiosidade que enviou imediatamente Rakítin com a missão de tudo observar e mantê-la ao corrente por escrito, mais ou menos a cada meia hora, de tudo quanto acontecesse. Tinha ela Rakítin na conta de um rapaz duma piedade exemplar, tão insinuante era ele e tanto sabia fazer-se valer aos olhos de todos, contanto que encontrasse nisso o mínimo lucro. Como o dia se anunciasse belo, numerosos fiéis comprimiam-se em torno dos túmulos; a maior parte agrupava-se em torno da igreja, outros disseminavam-se aqui e ali. O Padre Paísi, que dava volta pelo ascetério, pensou de repente em Aliócha, a quem não via desde muito tempo. Avistou-o no mesmo instante, no canto mais afastado, perto da cerca, sentado sobre a tumba dum religioso, morto havia muitos anos e famoso pelo seu ascetismo. Estava de costas para o eremitério, de frente para a cerca, e o monumento quase o dissimulava. Ao aproximar-se, viu o Padre Paísi que ele havia ocultado seu rosto nas mãos e chorava amargamente, com o corpo sacudido pelos soluços. Observou-o um instante.

— Basta de choro, caro filho, basta, meu amigo — disse ele por fim com simpatia. — Por que chorar? Rejubila-te, pelo contrário. Ignoras, pois, que este dia é um dia sublime para ele? Pensa somente no lugar onde ele se encontra agora, neste minuto!

Aliócha olhou o monge, descobrindo seu rosto molhado de lágrimas como o de um menininho, mas voltou-se imediatamente e tornou a cobrir o rosto com as mãos.

— Talvez tenhas razão em chorar — declarou o Padre Paísi, com ar pensativo. — Foi o Cristo quem te enviou essas lágrimas. "Tuas lágrimas de enternecimento são apenas um repouso da alma e servirão para distrair-te o coração", acrescentou ele consigo mesmo, pensando com afeto em Aliócha. Apressou-se em afastar-se, sentindo que também ele iria chorar, se o olhasse. Entretanto, o tempo decorria, sucediam-se as cerimônias fúnebres. O Padre Paísi substituiu o Padre Iósif junto do ataúde e prosseguiu a leitura do Evangelho. Mas antes das 3 horas da tarde ocorreu aquilo de que já falei no fim do livro precedente, um acontecimento tão inesperado, tão contrário à esperança geral que, repito-o, nossa cidade e seus arredores dele se lembram até agora com um interesse extraordinário. Acrescentarei que me repugna quase falar desse

acontecimento escandaloso, no fim dos mais vulgares e naturais, e tê-lo-ia decerto passado em silêncio, se não tivesse influído de maneira decisiva sobre a alma e o coração do principal, embora futuro, herói de minha narrativa, Aliócha, nele provocando uma espécie de revolução que lhe agitou a razão, mas o fortaleceu definitivamente para um fim determinado.

Quando, ainda antes do amanhecer, o corpo do *stáriets* foi posto no caixão e transportado para o primeiro quarto, alguém perguntou se era preciso abrir as janelas. Mas esta pergunta, feita incidentemente, ficou sem resposta e quase não foi percebida, exceto por alguns. A idéia de que tal morto pudesse corromper-se e cheirar mal pareceu-lhes absurda e desagradável (senão cômica), por causa do pouco de fé e da frivolidade que revelava, porque se esperava justamente o contrário. Pouco depois do meio-dia começou uma coisa, a princípio notada em silêncio por aqueles que iam e vinham, cada qual temendo visivelmente dar parte aos outros do que pensava; cerca das 3 horas, foi aquilo verificado com tal evidência que a notícia se espalhou entre todos os visitantes do eremitério, alcançou o mosteiro, onde mergulhou toda gente em espanto e logo depois atingiu a cidade, agitando crentes e incréus. Estes se rejubilaram; quanto aos crentes, houve entre eles quem se rejubilasse inda mais, porque "a queda do justo e de sua honra causam prazer", como dizia o defunto numa de suas lições. O fato é que o ataúde pôs-se a exalar um odor deletério, que foi aumentando. Procurar-se-ia em vão nos anais de nosso mosteiro um escândalo semelhante àquele que se desenrolou entre os próprios religiosos, logo após a comprovação do fato, e que teria sido impossível em outras circunstâncias. Bem muitos anos depois, alguns dentre eles, lembrando-se dos incidentes daquele dia, perguntavam a si mesmos com horror como pudera o escândalo atingir tais proporções. Porque, já antes, religiosos irreprocháveis, duma santidade reconhecida, *stártsi* piedosos tinham morrido e seus caixões haviam espalhado um odor deletério que se manifestava naturalmente, como no caso de todos os mortos, mas sem causar escândalo, nem mesmo emoção alguma. Sem dúvida, segundo a tradição, os restos de outros religiosos, mortos desde muito tempo, tinham escapado à corrupção, coisa de que a comunidade conservava uma recordação comovida e misteriosa, vendo naquilo um fato miraculoso e a promessa duma glória ainda maior provinha de seus túmulos, se tal fosse a vontade divina. Entre eles, guardava-se sobretudo a memória do *stáriets* Jó, morto cerca de 1810, na idade de 105 anos, famoso asceta, grande jejuador e taciturno, cujo túmulo era mostrado com veneração a todos os

fiéis que chegavam pela primeira vez ao mosteiro, com alusões misteriosas às grandes esperanças que ele suscitava. (Era o túmulo onde o Padre Paísi encontrara Aliócha pela manhã.) Além desse, citava-se igualmente o Padre Varsonófi, o *stáriets* ao qual havia sucedido o Padre Zósima, o qual, quando vivo, todos os fiéis que freqüentavam o mosteiro tinham por "inocente". A tradição pretendia que aquelas duas personagens jaziam nos seus ataúdes como se estivessem vivas, que as tinham enterrado intactas, que seus rostos mesmos estavam de certa forma luminosos. Outros relembravam com insistência que seus corpos exalavam um odor suave. No entanto, malgrado lembranças tão sugestivas, seria difícil explicar exatamente como uma cena tão absurda e chocante pôde passar-se junto ao caixão do Padre Zósima. Quanto a mim, atribuo-a a diferentes causas que agiram todas juntas. Assim, aquele ódio inveterado ao "starietismo", tido como uma inovação perniciosa, que existia ainda entre numerosos monges. Em seguida, havia sobretudo a inveja que se tinha à santidade do defunto, tão solidamente estabelecida quando era ele vivo que se tornara como que proibido discuti-la. Porque, muito embora o *stáriets* conquistasse uma multidão de corações mais pelo amor que pelos milagres e tivesse constituído como que uma falange com aqueles que o amavam, atraíra, no entanto, por isso mesmo, invejosos, depois inimigos encarniçados, declarados e ocultos, não somente no mosteiro, mas entre os leigos. Se bem que não houvesse causado dano a ninguém, dizia-se: "Por que passa ele por santo a tal ponto?" E somente esta pergunta, à força de repetida, acabara por engendrar um ódio inextinguível. De modo que, penso que muitos, ao saber que ele cheirava mal ao fim de tão pouco tempo — pois ainda não se passara um dia que ele morrera —, ficaram encantados; da mesma maneira, aquele acontecimento foi quase um ultraje e uma ofensa pessoal para alguns dos partidários do *síáriets* que até então o haviam reverenciado. Eis em que ordem se sucederam as coisas.

Desde que se declarou a corrupção, bastava ver o aspecto dos religiosos que entravam na cela, podia-se adivinhar o motivo que os levava. O que entrava, tornava a sair ao fim de um momento para confirmar a notícia à multidão dos outros que o esperavam. Uns abanavam a cabeça com tristeza, outros não dissimulavam sua alegria, que explodia em seus olhares maliciosos. E ninguém lhes fazia censuras, ninguém elevava a voz em favor do defunto, o que era mesmo estranho, porque seus partidários formavam a maioria no mosteiro; mas via-se que o Senhor mesmo

permitia que a maioria triunfasse provisoriamente. Em breve, apareceram na cela, também como emissários, leigos, na maior parte pessoas instruídas. O baixo povo não entrava, muito embora se comprimisse em multidão às portas do eremitério. É incontestável que a afluência dos leigos aumentou notavelmente, após três horas, em conseqüência daquela notícia escandalosa. Os que não teriam talvez vindo naquele dia chegavam agora de propósito e entre eles algumas pessoas duma posição notável. Aliás, o decoro não fora ainda abertamente perturbado e o Padre Paísi, com olhar severo, continuava a ler o Evangelho à parte, com firmeza, como se não notasse nada do que se passava, se bem que já tivesse observado algo de insólito. Mas vozes a princípio tímidas, que se firmaram pouco a pouco e tomaram certa audácia, chegaram até seus ouvidos. "De modo que o julgamento de Deus não é'o dos homens!", ouviu de repente o Padre Paísi. Esta reflexão foi formulada a princípio por um leigo, funcionário da cidade, homem de certa idade, que passava por muito piedoso; não fez, aliás, senão repetir em voz alta o que os religiosos diziam entre si ao ouvido desde muito tempo. O pior é que proferiam essas palavras pessimistas com uma espécie de satisfação que ia aumentando. Em breve, começou o decoro a ser perturbado, dir-se-ia que todos se sentiam autorizados a agir assim; "Como pôde ocorrer isso?", diziam alguns, a princípio como se lamentando, "ele não era corpulento, só tinha a pele e os ossos, por que haveria de feder?" "É uma advertência de Deus", apressavam-se em acrescentar outros, cuja opinião prevalecia, porque indicavam que, se o odor tivesse sido natural, como para todo pecador, ter-se-ia manifestado mais tarde, após 24 horas pelo menos, mas "isso adiantou-se à natureza", portanto deve-se ver nisso o dedo de Deus. Este raciocínio era irrefutável. O manso Padre Iósif, o bibliotecário, favorito do defunto, pôs-se a objetar contra certos maldizentes que "não era em toda parte assim", que a incorruptibilidade do corpo dos justos não era um dogma da ortodoxia, mas apenas uma opinião, e que nas regiões mais ortodoxas, no Monte Atos, por exemplo, liga-se menos importância ao odor deletério; não é a incorruptibilidade física que passa lá como o principal sinal da glorificação dos redimidos, mas a cor de seus ossos, depois que seus corpos permaneceram longos anos sob a terra: "Se os ossos se tornarem amarelos como a cera, significa isto que o Senhor glorificou um justo; mas se ficarem negros, é que o Senhor não o julgou digno. Eis como se procede no Monte Atos, santuário onde se conservam em toda a sua pureza as tradições da ortodoxia", concluiu o Padre Iósif. Mas as palavras do humilde padre não causaram impressão e provocaram

mesmo réplicas irônicas: "Tudo isso é erudição e novidades, não adianta ouvi-lo", decidiram entre si os religiosos. "Mantemos os antigos usos; seria preciso imitar todas as novidades que apareçam?", acrescentavam outros. 'Temos tantos santos quanto eles. No Monte Atos, sob o jugo turco, esqueceram tudo. A ortodoxia alterou-se entre eles desde muito tempo, nem sinos têm", encareciam os mais irônicos. O Padre Iósif retirou-se cheio de pesar, tanto mais quanto exprimira sua opinião com pouca segurança e sem ajuntar-lhe muita fé. Previa, na sua perturbação, uma cena chocante e um começo de insubordinação. Pouco a pouco, em seguida à do Padre Iósif, todas as vozes prudentes se calaram. Como por uma espécie de acordo, todos aqueles que haviam amado o defunto e aceitado com terna submissão a instituição do "starietismo" foram de súbito tomados de pavor e limitavam-se a trocar olhares tímidos quando se encontravam. Os inimigos do "starietismo", a que consideravam novidade, erguiam altivamente a cabeça: "Não somente o Padre Varsonófi não fedia, mas espalhava um odor suave", recordavam eles com uma alegria maligna. "Seus méritos e não sua posição lhe tinham valido essa justificação. " Em seguida, a censura e até mesmo as acusações não foram poupadas contra o defunto: "Ensinava erradamente que a vida é uma grande alegria e não uma humilhação dolorosa", diziam alguns entre os mais obtusos. "Cria segundo a nova moda, não admitia o fogo material no inferno", acrescentavam outros ainda mais obtusos. "Não jejuava rigorosamente, permitia-se o uso de doces, tomava mesmo docinhos de cereja com chá, de que gostava muito e que lhe eram enviados pelas senhoras. Convém a um asceta beber chá?", diziam outros invejosos. "Pontificava cheio de orgulho", lembravam com encarniçamento os mais malévolos, "acreditando-se um santo, ajoelhavam-se diante dele, que aceitava isso como coisa devida. " "Abusava do sacramento da confissão", cochichavam malignamente os mais fogosos adversários do "starietismo" e entre eles religiosos idosos, de uma devoção rigorosa, verdadeiros jejuadores taciturnos, que haviam guardado silêncio durante a vida do defunto, mas abriam agora a boca, coisa deplorável, porque suas palavras influíam fortemente sobre os jovens religiosos, ainda hesitantes. O monge de São Silvestre, vindo de Obdorsk, era todo ouvidos, suspirava profundamente, abanava a cabeça: "O Padre Fierapont tinha razão ontem", pensava ele consigo, e justamente naquele momento apareceu este, como para redobrar a confusão. Já dissemos que ele raramente deixava sua cela de madeira no apiário, ficava mesmo muito tempo sem ir à igreja, e que não ligavam a essas fantasias atribuídas à sua maluquice, desobrigando-o

do regulamento. Mas, para falar toda a verdade, viam-se seus superiores obrigados a mostrar-se tolerantes para com ele. Porque teriam escrúpulo em impor formalmente a regra comum a tão grande jejuador e taciturno, que rezava dia e noite, adormecendo mesmo de joelhos. "É mais santo que nós todos e suas austeridades ultrapassam a regra", teriam dito então os religiosos; "se não vai à igreja, sabe ele mesmo quando é preciso ir, segue sua própria regra. " Era para evitar esses murmúrios prováveis e o escândalo que se deixava em paz o Padre Fierapont. Como todos o sabiam, sentia ele verdadeira aversão pelo Padre Zósima e de repente soube na sua cela que "o julgamento de Deus não era o dos homens e havia-se adiantado à natureza". Pode-se crer que o monge de Obdorsk, que voltara cheio de medo de sua visita da véspera, tivesse sido um dos primeiros a correr para dar-lhe a notícia. Mencionei também que o Padre Païsi, que lia impassível o Evangelho diante do ataúde, sem ver nem ouvir o que se passava lá fora, havia, no entanto, pressentido o essencial, porque conhecia a fundo o seu meio. Não estava perturbado e, pronto para qualquer eventualidade, observava com um olhar penetrante a agitação cujo resultado já previa. De repente, um rumor insólito e inconveniente, no vestíbulo, feriu-lhe os ouvidos. A porta escancarou-se e o Padre Fierapont apareceu no limiar.

Da cela, distinguiam-se "nitidamente numerosos monges que o tinham acompanhado e se comprimiam nó pé do patamar e entre eles leigos. No entanto, não entraram, mas esperaram o que diria e faria o Padre Fierapont, porque previam, não sem temor, malgrado sua ousadia, que por algum motivo comparecera ele ali. Parando no limiar, o Padre Fierapont ergueu as mãos, e por baixo de seu braço direito assomaram os olhos agudos e curiosos do visitante de Obdorsk, incapaz de conter-se, tendo subido sozinho atrás dele por causa de sua extrema curiosidade. Os outros, uma vez que a porta se abriu com estrondo, recuaram, pelo contrário, presas dum medo súbito. De braços erguidos, o Padre Fierapont vociferou:

— Eu afugento os demônios! — E pôs-se logo, voltando-se sucessivamente para os quatro cantos da cela, a fazer o sinal-da-cruz. Os que o acompanhavam compreenderam imediatamente o sentido de seu ato, sabendo que, não importa aonde ele fosse, antes de sentar-se e de falar, exorcismava o maligno.

— Fora daqui, Satanás, fora daqui! — repetia ele a cada sinal-da-cruz. — Afugento os demônios! — vociferou de novo. Sua batina grosseira

estava cingida por uma corda, sua camisa de cânhamo deixava ver seu peito cabeludo. Tinha os pés inteiramente nus. Assim que agitou os braços, ouviu-se o tinir das pesadas correntes que trazia sob o hábito. O Padre Paísi parou de ler, adiantou-se e ficou diante dele na expectativa.

— Por que vieste, reverendo padre? Por que perturbar a ordem? Por que escandalizar o rebanho humilde? — proferiu ele afinal, olhando-o com severidade.

— Por que vim? Que perguntas tu? Que crês tu? — gritou o Padre Fierapont com ar desvairado. — Vim afugentar vossos hóspedes, os demônios impuros. Verei se vós abrigastes muitos na minha ausência. Quero varrê-los daqui.

— Afugentas o maligno e talvez tu mesmo o sirvas — prosseguiu intrepidamente o Padre Paísi —, e quem pode dizer de si mesmo: "Sou santo"? És tu, meu padre?

— Sou manchado e não santo. Não me sento numa cadeira e não quero ser adorado como um ídolo! — trovejou o Padre Fierapont. — Agora, os homens arruinam a santa fé. O defunto, vosso santo — e voltou-se para a multidão, apontando com o dedo o caixão —, rejeitava os demônios. Dava uma droga contra eles. E ei-los que pululam em vossa casa, como as aranhas nos cantos. Agora, ele próprio fede. Vemos nisso uma séria advertência do Senhor.

Era uma alusão a um fato real. O maligno aparecera a um dos religiosos, a princípio em sonho, depois em estado de vigília. Apavorado, relatou a coisa ao *stáriets* Zósima, que lhe prescreveu um jejum rigoroso e orações fervorosas. Como nada desse jeito, aconselhou-o a tomar um remédio, sem renunciar às suas práticas piedosas. Muitos então ficaram chocados e discorriam entre si, abanando a cabeça, sobretudo o Padre Fierapont, ao qual certos detratores se tinham apressado em ir contar aquela prescrição "insólita" do *stáriets.*

— Vai-te embora, padre! — disse imperiosamente o Padre Paísi. — Não cabe aos homens julgar, mas a Deus. Talvez vejamos aqui uma "advertência" que ninguém é capaz de compreender, nem tu nem eu. Vai-te embora, padre, e não escandalizes o rebanho! — repetiu ele num tom firme.

— Não observava ele o jejum prescrito aos professos, eis donde vem essa advertência. Isto é claro, é um pecado dissimulá-lo! — prosseguiu o

fanático, deixando-se arrebatar pelo seu zelo extravagante. — Adorava os bombons que as senhoras lhe traziam em seus bolsos; sacrificava a seu ventre, enchia-se de doçuras, nutria seu espírito de pensamentos arrogantes... De modo que está sofrendo esta ignomínia...

— Tuas palavras são fúteis, padre. Admiro teu jejum e teu ascetismo, mas tuas palavras são fúteis, tais como as que pronunciaria no mundo um rapazola inconstante e estouvado. Vai-te, padre, ordeno-te! — concluiu o Padre Paísi, com voz trovejante.

— Ir-me-ei! — proferiu o Padre Fierapont, como que desconcertado, mas sempre cheio de cólera. — Vós vos orgulhais de vossa ciência diante de minha nulidade. Cheguei aqui pouco instruído, aqui esqueci o que sabia, o Senhor mesmo me preservou, a mim, mesquinho que sou, de vossa grande sabedoria...

Imóvel diante dele, o Padre Paísi esperava com firmeza.

O Padre Fierapont calou-se alguns instantes e de súbito ensombreceu-se, levou a mão direita à face, e pronunciou com voz arrastada, olhando o caixão do *stáriets:*

— Amanhã cantar-se-á para ele: "Ajuda e Protetor", hino glorioso, e para mim, quando eu rebentar, apenas: "Que vida bem-aventurada", medíocre versículo — disse ele, num tom de pesar. — Vós vos orgulhastes e inchastes, este lugar está deserto! — berrou ele como um insensato, e, agitando os braços, voltou-se rapidamente e desceu à pressa os degraus do patamar. A multidão que o esperava hesitou; alguns o seguiram imediatamente, outros demoraram, porque a cela continuava aberta e o Padre Paísi, que saíra para o patamar, observava, imóvel. Mas o velho fanático não acabara: a vinte passos, voltou-se para o sol poente, ergueu os braços no ar e — como que ceifado — desabou no chão, gritando:

— Meu Senhor venceu! O Cristo venceu o sol poente! — urrava ele como um possesso, os braços estendidos para o sol e caído com o rosto contra o chão; chorava como uma criancinha, sacudido pelos soluços, afastando os braços por terra. Todos então lançaram-se para ele, repercutiram exclamações, soluços... Uma espécie de delírio apoderara-se de todos eles.

— Eis um santo! Eis um justo! — exclamava-se sem temor. — Merece ser *stáriets* — acrescentavam outros com arrebatamento.

— Ele não quererá ser *stáriets*... ele próprio recusará... não servirá a essa novidade maldita... não irá imitar as loucuras deles — continuaram outras vozes.

É difícil imaginar o que teria acontecido, mas justamente naquele momento o sino tocou chamando ao serviço divino. Todos se benzeram. O Padre Fierapont levantou-se e fez o mesmo, depois dirigiu-se para sua cela sem se voltar, pronunciando palavras incoerentes. Pequeno número de pessoas o seguiu, mas a maior parte se dispersou, com pressa de ir à cerimônia. O Padre País cedeu o lugar ao Padre Iósif e saiu. Os clamores dos fanáticos não podiam abalá-lo, mas sentiu de súbito uma tristeza e uma angústia singulares invadirem-lhe o coração. Perguntou a si mesmo donde lhe vinha essa tristeza que chegava até o abatimento e compreendeu que provinha, ao que parecia, duma causa insignificante. O fato é que, na multidão que se apertava à entrada da cela, avistara Aliócha entre os agitados e lembrava-se de ter experimentado então uma espécie de sofrimento. "Esse rapaz manteria agora tal lugar em meu coração?", perguntou a si mesmo, com surpresa. Naquele instante, passou Aliócha ao lado dele, apressando-se não se sabe para onde, mas não para a igreja. Seus olhares encontraram-se. Aliócha desviou os olhos e baixou-os; somente pelo seu aspecto adivinhou o Padre Paísi a profunda mudança que se operava nele naquele momento.

— Foste também seduzido? — exclamou o Padre Paísi. — Estarias também com as pessoas de pouca fé? — acrescentou, tristemente.

Aliócha parou, olhou-o vagamente, depois de novo desviou os olhos e baixou-os. Mantinha-se de lado, sem encarar seu interlocutor. O Padre Paísi observava-o atentamente.

— Aonde vais tão depressa? Tocam para o ofício — disse ele ainda, mas Aliócha não respondeu.

— Deixarias o eremitério sem autorização, sem receber a bênção? De repente Aliócha sorriu constrangidamente, lançou um olhar dos

mais estranhos ao Padre Paísi, que o interrogava, aquele padre ao qual o confiara, antes de morrer, seu antigo diretor, o mestre de seu coração e de seu espírito, seu *stáriets* bem-amado; depois, sempre sem responder, agitou a mão como se já nem cuidasse do respeito devido e dirigiu-se a passos rápidos para a saída do eremitério.

— Tu voltarás! — murmurou o Padre Paísi, acompanhando-o com

os olhos e com dolorosa surpresa.

II

MOMENTO CRÍTICO

O Padre Paísi não se enganava ao decidir que seu "caro rapaz" voltaria; talvez mesmo compreendera, senão totalmente, pelo menos com sagacidade, o verdadeiro estado de alma de Aliócha. Não obstante, confesso que me seria agora muito difícil definir exatamente aquele momento estranho da vida do jovem e simpático herói de minha narrativa. À pergunta entristecida que o Padre Paísi fazia a Aliócha: "Estarias também com as pessoas de pouca fé?", poderia eu decerto responder com firmeza em lugar dele: "Não, não está com elas". Mais ainda, era até muito pelo contrário: sua perturbação provinha precisamente de sua fé ardente. Existia, contudo, essa perturbação, e tão dolorosa que mesmo muito tempo depois considerava Aliócha aquele triste dia como um dos mais penosos e dos mais funestos de sua vida. Se se perguntar: "É possível que experimentasse ele tanta angústia e agitação unicamente porque o corpo de seu *stáriets,* em lugar de operar milagres, se havia pelo contrário rapidamente decomposto?", responderei sem rebuços: "Sim, é bem isso". Rogarei todavia ao leitor que não se apresse em rir da simplicidade de meu rapaz. Não somente não tenho a intenção de pedir perdão por ele, ou de desculpar e de justificar sua fé ingênua atribuindo-a à sua juventude, por exemplo, ou aos fracos progressos realizados em seus estudos, etc, mas declaro, pelo contrário, sentir sincero respeito pela natureza de seu coração. Seguramente, outro rapaz, acolhendo com reserva as impressões do coração, morno e não ardente nas suas afeições, leal, mas de espírito por demais judicioso para sua idade, tal rapaz, digo eu, teria evitado o que aconteceu ao meu; mas em certos casos é mais honroso ceder por inteiro ao impulso, ainda que pouco sensato, provocado por um grande amor, que a ele resistir. Com mais forte razão na juventude, porque um rapaz constantemente judicioso é suspeito e não vale grande coisa, eis minha opinião! "Mas", dirão talvez as pessoas sensatas, "todo rapaz não pode crer em tal preconceito e o vosso não é um modelo para os outros. " Ao que responderei: "Sim, meu rapaz acreditava com fervor, totalmente, mas não pedirei perdão para ele".

Muito embora haja eu declarado mais acima (talvez com demasiada

pressa) não querer desculpar nem justificar meu herói, vejo que uma explicação é necessária para a compreensão ulterior da narrativa. Não se tratava aqui de esperar milagres com uma impaciência frívola. E não é para o triunfo de certas convicções que Aliócha tinha então necessidade de milagres, nem pelo de alguma idéia preconcebida sobre alguma outra, de maneira alguma; antes de tudo, no primeiro plano, surgia diante dele uma figura que absorvia tudo, a figura de seu *stáriets* bem-amado, do justo a quem tanto venerava. Era sobre ele, sobre ele só, que se concentrava por vezes, pelo menos nos seus mais vivos impulsos, todo o amor que ele trazia em seu jovem coração "por todos e por tudo", agora e no ano anterior. Na verdade, aquele ser encarnava desde tanto tempo a seus olhos o ideal absoluto, que a ele aspirava com todas as forças de sua juventude, exclusivamente, até a esquecer, por momentos "todos e tudo". (Lembrou-se mais tarde ter completamente esquecido, naquele penoso dia, seu irmão Dimítri, como o qual tanto se preocupava na véspera; esquecera-se também de levar os 200 rublos ao pai de Iliúcha, como prometera a si mesmo fazê-lo.) Não era de milagres que necessitava, mas somente da justiça suprema, violada a seus olhos, o que o magoava profundamente. Que importava que aquela justiça esperada por Aliócha tomasse pela força das coisas a forma de milagres operados imediatamente pelos despojos de seu antigo diretor, a quem adorava? Era o que pensava e esperava todo mundo, no mosteiro, mesmo aqueles diante dos quais ele se inclinava, o Padre Paísi, por exemplo; Aliócha, sem se deixar perturbar pela dúvida, pensava da mesma maneira que eles. Um ano inteiro de vida monástica o havia preparado para isso, seu coração estava acostumado àquela expectativa. Mas tinha sede de justiça e não somente de milagres! E aquele que deveria ter sido, segundo sua esperança, elevado acima de todos, achava-se rebaixado e coberto de vergonha! Por que isso? Quem era juiz? Essas questões atormentavam seu coração inocente. Fora ofendido e mesmo irritado por ver o justo entre os justos entregue às zombarias malévolas da multidão frívola, tão inferior a ele. Que nenhum milagre se houvesse realizado, que a expectativa geral tivesse sido iludida, ainda passava! Mas por que aquele opróbrio, aquela decomposição apressada que "se adiantava à natureza", como diziam os monges malévolos? Por que aquela "advertência" com que triunfavam em companhia do Padre Fierapont, por que se criam autorizados a isso? Onde estava, pois, a Providência? Com que fim se havia ela retirado "no momento decisivo" (pensava Aliócha), parecendo submeter-se às leis cegas e impiedosas da natureza?

De modo que o coração de Aliócha sangrava; como já o dissemos, tratava-se do ser a quem ele mais amava no mundo e que ficara "coberto de ignomínia e de infâmia!" Queixas fúteis e insensatas, mas, repito-o pela terceira vez (e talvez com frivolidade, concordo): causa-me satisfação não se ter meu rapaz mostrado discreto em semelhante momento, porque a discrição vem sempre a seu tempo, quando não se é tolo; ao passo que se num momento como aquele não tivesse havido amor no coração do rapaz, quando teria havido? É preciso mencionar, no entanto, um fenômeno estranho, mas passageiro, que se manifestou no espírito de Aliócha naquele instante crítico. Era, a intervalos, uma impressão dolorosa resultante da conversa da véspera com seu irmão Ivã, que o obsedava agora. Não que suas crenças fundamentais estivessem de algum modo abaladas: amava seu Deus e nele cria firmemente, se bem que houvesse murmurado subitamente contra ele. No entanto, uma impressão confusa, mas penosa e má, proveniente daquela conversa, surgiu em sua alma, tendendo a impor-se cada vez mais. Ao cair da noite, Rakítin, que atravessava o bosque de pinheiros para ir ao mosteiro, avistou Aliócha, estendido sob uma árvore, o rosto contra a terra, imóvel e parecendo dormir. Aproximou-se e interpelou-o.

— És tu, Alieksiéi? Será possível que tu... — proferiu ele, admirado, mas não terminou. Queria dizer: "Será possível que hajas chegado a esse ponto?" Aliócha não voltou a cabeça, mas, segundo um movimento que ele fez, adivinhou Rakítin que ele o ouvia e compreendia.

— Que tens, afinal? — prosseguiu ele, surpreso, mas um sorriso irônico aparecia já em seus lábios. — Escuta, procuro-te há mais de duas horas. Desapareceste de repente. Que fazes, pois, aqui? Olha-me, pelo menos!

Aliócha ergueu a cabeça, sentou-se, encostando-se à árvore. Não chorava, mas seu rosto exprimia o sofrimento. Lia-se a irritação em seus olhos. Aliás, não olhava Rakítin, mas para o lado.

— Mas não tens mais o mesmo rosto! Tua famosa doçura desapareceu. Zangaste-te contra alguém? Ofenderam-te?

— Deixa-me! — disse de súbito Aliócha, sem olhá-lo, com um gesto de lassidão.

— Oh! oh!, eis como estamos! Um anjo, gritar como os simples mortais! Ora essa, Aliócha, francamente, tu me surpreendes, a mim que de

nada me espanto. Acreditava que fosses um homem instruído.

Aliócha olhou para ele afinal, mas com um ar distraído, como se o compreendesse mal.

— E tudo isso porque o teu velho cheira mal! Acreditavas seriamente que ele ia fazer milagres? — exclamou Rakítin, com sincero espanto.

— Acreditei-o, acredito-o, quero acreditá-lo sempre! Que precisas mais? — perguntou Aliócha, com irritação.

— Nada absolutamente, meu caro. Que diabo! os escolares de treze anos não crêem mais nisso! Então, tu te zangaste, eis-te agora revoltado contra Deus: nada de pagamento, nada de condecoração! Que miséria!

Aliócha olhou-o longamente, com os olhos semicerrados, um clarão passou neles... mas não era de cólera contra Rakítin.

— Não me revolto contra meu Deus, apenas não aceito seu universo

— disse ele, com um sorriso constrangido.

— Como, não aceitas o universo? — E Rakítin refletiu um instante.

— Que trapalhada é essa? Aliócha não respondeu.

— Deixemos essas bagatelas; ao fato! Comeste hoje?

— Não me lembro... Creio que sim.

— Deves restaurar-te, tens ar de esgotamento, faz pena ver. Não dormiste esta noite, ao que parece, tiveste uma sessão. Em seguida toda essa barafunda, essas palhaçadas. Com certeza não te empanturraste senão de pão bento. Tenho no bolso um salsichão que trouxe inda há pouco da cidade, por prevenção, mas não haverias de querer...

— Dá-mo.

— Ah! ah! Então, é a revolta franca, as barricadas! Pois bem, irmão, não percamos tempo. Vem à minha casa... Beberei de boa vontade vodca, estou fatigadíssimo. A vodca, decerto, não te tenta... Gostarias?

— Dá-me vodca também.

— Ah! bravo! É curioso! — exclamou Rakítin, lançando-lhe um olhar estupefato. — Seja como for, vodca ou salsichão não são de desdenhar, vamos!

Aliócha levantou-se sem dizer palavra e seguiu Rakítin.

— Se teu irmão Ivã Fiódorovitch te visse, ele é quem ficaria surpreendido! A propósito, sabes que ele partiu esta manhã para Moscou?

— Sei — disse Aliócha, com indiferença. De repente, a imagem de Dimítri apareceu-lhe um instante apenas; lembrou-se vagamente de um negócio urgente, de um dever imperioso a cumprir, mas essa recordação não lhe causou nenhuma impressão, não chegou até seu coração, apagou-se logo de sua memória. Mais tarde, lembrou-se disso muito tempo.

— Teu irmão Vânia chamou-me uma vez de palerma liberal. Tu mesmo me deste um dia a entender que eu era desonesto... Pois seja. Vão ser vistas agora vossas capacidades e vossa honestidade (isto Rakítin cochichou para si mesmo). Escuta — continuou ele em voz alta —, evitemos o mosteiro, a vereda nos leva diretamente à cidade... Hum! Devo passar em casa de Khokhlakova. Escrevi-lhe a respeito dos acontecimentos e imagina que ela me respondeu por um bilhete a lápis (adora escrever, essa dona) que "não teria jamais esperado semelhante conduta da parte de um *stáriets* tão respeitável como o Padre Zósima!" *Sic.* Ela também se zangou. Sois todos iguais! Espera!

Parou bruscamente e, com a mão sobre o ombro de Aliócha, reteve-o, dizendo:

— Sabes, Aliócha? — Olhava-o bem dentro dos olhos, sob a impressão de uma idéia súbita que temia visivelmente formular, malgrado seu ar zombeteiro, tanta dificuldade tinha em crer nas novas disposições de Aliócha. — Sabes aonde faríamos bem em ir? — disse, num tom insinuante.

— Aonde queiras... tanto faz.

— Vamos à casa de Grúchenhka, hein? Queres? — disse por fim Rakítin, todo tremente de expectativa.

— Vamos — respondeu tranqüilamente Aliócha. Rakítin esperava tão pouco esse pronto consentimento que quase deu um salto para trás.

— Até que enfim! — ia ele exclamar, mas agarrou Aliócha pelo braço e arrastou-o rapidamente, temendo vê-lo mudar de opinião. Caminhavam em silêncio. Rakítin tinha medo de falar.

— Como ficará ela contente!... — quis ele dizer, mas calou-se. Não era decerto para fazer prazer a Grúchenhka que lhe levava Aliócha; um

homem sério como ele só agia por interesse. Tinha um duplo fim: vingar-se em primeiro lugar, contemplar "a ignomínia do justo" e a "queda" provável de Aliócha, "de santo tornado pecador", do que se rejubilava de antemão; além disso, tinha em vista uma vantagem material de que se tratará mais longe.

"Eis uma ocasião que é preciso agarrar pelos cabelos", pensava ele com uma alegria maligna.

III

A CEBOLA

Grúchenhka morava no bairro mais animado, perto da praça da igreja, em casa da viúva do comerciante Morózov, onde ocupava no pátio um pequeno pavilhão de madeira. A Casa Morózova, [31] de pedra, de dois andares, era velha e feia. A proprietária, mulher idosa, vivia ali sozinha com duas sobrinhas, solteironas. Não tinha necessidade de alugar seu pavilhão, mas sabia-se que admitira Grúchenhka como locatária (quatro anos antes) unicamente para comprazer a seu parente, o comerciante Samsónov, protetor declarado de Grúchenhka. Dizia-se que o velho ciumento, instalando em casa dela sua "favorita", contava com a vigilância da velha para fiscalizar a conduta de sua locatária. Mas essa vigilância tornou-se em breve inútil, de sorte que a Senhora Morózova só via raramente Grúchenhka e cessara de importuná-la espionando-a. Na verdade, quatro anos já haviam decorrido desde que o velho trouxera da sede do distrito aquela jovem de dezoito anos, tímida, acanhada, franzina, magra, pensativa e triste, e muita água havia passado sob as pontes. Não se sabia nada de preciso sobre ela na nossa cidade e nada mais se soube depois, mesmo quando muitos começaram a interessar-se pela beleza perfeita que se tornara, em quatro anos, Agrafiena Alieksándrovna. Contava-se que aos dezessete anos fora seduzida por um oficial que logo a abandonara. Partira para casar-se, deixando Grúchenhka na ignomínia e na miséria. Dizia-se, aliás, que, apesar de tudo, provinha Grúchenhka de uma família honrada e dum meio eclesiástico, sendo filha de um diácono em disponibilidade, ou algo de parecido. Em quatro anos, a órfã sensível, desgraçada, franzina, tornara-se viçosa, rosada, uma beleza russa de

---

[31] *Costumavam-se denominar os prédios pelos nomes dos seus proprietários.*

caráter enérgico, orgulhosa, impudente, hábil em manejar o dinheiro e em adquiri-lo, avara e avisada, que soubera, honestamente ou não, amontoar certo capital. Uma única coisa não deixava dúvida alguma: é que Grúchenhka era inacessível e que, exceto o velho, seu protetor, ninguém, durante quatro anos, pudera vangloriar-se de ter-lhe conquistado os favores. O fato era certo, porque muitos suspirantes se haviam apresentado, sobretudo nos dois últimos anos. Mas todas as tentativas fracassaram e alguns tiveram de bater em retirada, cobertos de ridículo, graças à resistência daquela jovem criatura de caráter enérgico. Sabia-se ainda que ela se ocupava com negócios, sobretudo desde um ano, e manifestava nisso capacidades notáveis, tanto que muitos tinham acabado por chamá-la de judia. Não que emprestasse com usura, mas sabia-se, por exemplo, que, em companhia de Fiódor Pávlovitch Karamázov, resgatara, durante algum tempo, promissórias a preço vil, pelo décimo de seu valor, conseguindo recuperar em seguida, em certos casos, a totalidade da dívida. O velho Samsónov, cujos pés inchados não o transportavam mais havia um ano, viúvo que tiranizava seus filhos maiores, capitalista duma avareza impiedosa, caíra, no entanto, sob a influência de sua protegida a quem no começo tratara com mesquinharia, a pão e laranja, a "óleo de semente de cânhamo", como diziam os zombadores. Mas Grúchenhka soubera emancipar-se, ao mesmo tempo que lhe inspirava uma confiança sem limites quanto à sua fidelidade. Aquele velho, grande homem de negócios, tinha também um caráter notável: avaro e duro como pedra, se bem que Grúchenhka o tivesse subjugado a ponto de não poder ele passar sem ela, não chegou a conceder-lhe capitais importantes e, mesmo se ela o houvesse ameaçado de abandoná-lo, teria ficado inflexível. Em compensação, reservou-lhe certa soma, e, quando se soube disso, foi motivo de espanto para todo mundo. "Tu não és tola", disse ele, dando-lhe 8 000 rublos, "opera tu mesma, mas fica sabendo que, fora de tua pensão anual, como antes, não receberás nada mais até minha morte e que não te deixarei nada em testamento. " Manteve a palavra e seus filhos, que sempre mantivera em sua casa como criados, com suas mulheres e seus filhos, herdaram tudo; Grúchenhka nem mesmo foi mencionada no testamento. Com seus conselhos sobre a maneira de fazer valer seu capital, ajudou-a ele notavelmente e indicou-lhe "negócios". Quando Fiódor Pávlovitch Karamázov, que entrou em relações com Grúchenhka, a propósito duma operação "fortuita", acabou ficando apaixonado por ela a ponto de perder a razão, o velho Samsónov, que já estava com um pé na sepultura, divertiu-se muito. É de notar que Grúchenhka foi, durante todo

o tempo de suas relações com seu velho, plena e até cordialmente sincera para com ele, e isto, ao que parece, não o fora com nenhum outro homem do mundo. Mas quando Dimítri Fiódorovitch entrou na fila, o velho cessou de rir: "Se for preciso escolher entre os dois", disse-lhe ele, uma vez, seriamente, "escolhe o pai, mas com a condição de que o velho patife case contigo e te consigne antecipadamente certo capital. Não te ligues com o capitão, não tirarás disso nenhum proveito". Assim falou o velho libertino, pressentindo seu fim próximo; morreu com efeito cinco meses mais tarde. Seja dito de passagem, se bem que na cidade a rivalidade absurda e chocante dos Karamázovi pai e filho fosse conhecida desde muito, que as verdadeiras relações de Grúchenhka com cada um deles permaneciam ignoradas da maior parte. Até mesmo suas criadas (após o drama de que falaremos) testemunharam em justiça que Agrafiena Alieksándrovna recebia Dimítri Fiódorovitch unicamente por temor, porque ameaçara matá-la. Tinha duas criadas, uma cozinheira bastante idosa, desde muito tempo ao serviço de sua família, doente e quase surda, e sua neta, esperta, arrumadeira de vinte anos de idade. Grúchenhka vivia muito parcamente, num interior dos mais modestos, três peças mobiliadas de acaju pela proprietária, no estilo de 1820. À chegada de Rakítin e Aliócha, era já noite, ainda não haviam acendido as luzes. A jovem mulher estava estendida no salão, sobre seu divã de espaldar de acaju, duro e recoberto de couro, já usado e furado, com a cabeça apoiada em dois travesseiros. Repousava de costas, imóvel, com as mãos atrás da cabeça, trazendo um vestido de seda preta, com um toucado de renda que lhe assentava admiravelmente; nos ombros, um fichu preso por um broche de ouro maciço. Esperava alguém, inquieta e impaciente, a tez pálida, os lábios e os olhos ardentes, com o pezinho a bater compasso sobre o braço do divã. Ao rumor que fizeram os visitantes ao entrar, saltou em terra, gritando com voz de terror: "Quem vem lá?" A arrumadeira apressou-se em tranqüilizar sua ama. — Não é ele, não tenha medo.

"Que terá ela?", murmurou Rakítin, levando Aliócha pelo braço para o salão. Grúchenhka continuava de pé, ainda mal reposta de seu terror. Uma grossa mecha de seus cabelos castanhos, escapada de seu toucado, caía-lhe sobre o ombro esquerdo; ela, porém, não lhe deu atenção e só a arranjou quando reconheceu os visitantes.

— Ah! és tu, Rakitka? Causaste-me medo! Com quem estás? Meu Deus, eis quem me trazes! — exclamou ela, ao perceber Aliócha.

— Manda então acender a luz! — disse Rakítin, com o tom dum

familiar que tem direito de mandar na casa.

— Decerto... Fiénia, traze-lhe uma vela... Achaste o momento azado para trazê-lo. — Fez um sinal com a cabeça a Aliócha e arranjou seus cabelos diante do espelho. Parecia descontente.

— Não te agrada isso? — perguntou Rakítin, com súbito ar de enfado.

— Causaste-me medo, Rakitka, eis tudo — e Grúchenhka voltou-se sorrindo para Aliócha. — Não tenhas medo de mim, meu caro Aliócha, estou encantada com tua visita inesperada. Pensava que era Mítia que queria entrar à força. Vês tu? Enganei-o ainda há pouco, jurou-me que acreditava em mim e menti-lhe. Disse-lhe que ia à casa do meu velho Kusmá Kuzmitch fazer contas a noite toda. Vou lá, com efeito, uma vez por semana. Fechamo-nos a chave: ele cavaca suas contas e eu escrevo nos livros. Ele só se fia em mim. Como foi que Fiénia deixou que vocês entrassem? Fiénia, corre ao portão, verifica se o capitão não anda rondando por perto. Está talvez escondido e nos espiona, tenho um medo terrível!

— Não há ninguém, Agrafiena Alieksándrovna. Olhei para todos os lados, vou espiar a cada instante pelas frestas, porque eu também tenho medo.

— Os postigos estão fechados, Fiénia, baixa as cortinas, senão ele verá a luz. Temo hoje teu irmão Mítia, Aliócha. — Grúchenhka falava muito alto, com ar inquieto e superexcitado.

— Por que o temes tanto hoje? — perguntou Rakítin. — Comumente, ele não te causa terror. Tu o fazes andar como bem entendes.

— Digo-te que espero uma notícia, de modo que Mítia seria aqui demais agora. Não acreditou que eu ia a casa de Kusmá Kuzmitch, tenho esta impressão. Agora, deve estar montando guarda no jardim da casa de Fiódor Pávlovitch. Se está emboscado lá, não virá aqui, tanto melhor! Fui deveras à casa do velho e Mítia me acompanhava; fi-lo prometer ir procurar-me à meia-noite. Dez minutos depois, saí e corri até aqui, tremendo de medo de que ele me tornasse a encontrar.

— Porque estás tão bem vestida? Tens um toucado bastante curioso.

— Tu mesmo é que és bastante curioso, Rakítin! Repito-te que estou esperando uma notícia. Assim que a receber, levantarei vôo e vocês não

me verão mais. Eis por que me preparei assim.

— E para onde levantarás vôo?

— Se te perguntarem, dirás que não sabes de nada.

— Como está ela alegrei... Nunca te vi assim. Está enfeitada como quem vai para um baile! — admirou-se Rakítin, examinando-a.

— Estás ao corrente dos bailes?

— E tu?

— Eu vi um baile. Há três anos, quando Kusmá Kuzmitch casou seu filho; eu olhava da tribuna. Mas por que conversarei contigo, quando tenho um príncipe como hóspede? Meu caro Aliócha, não quero crer nos meus olhos; como aconteceu que viesses à minha casa? Na verdade, não te esperava, jamais acreditei que pudesses vir. O momento é mal escolhido, no entanto estou bem contente. Senta-te no divã, aqui, meu belo astro! Na verdade, ainda não voltei a mim... Rakitka, se o tivesses trazido ontem ou anteontem!... Pois bem, assim mesmo estou contente. Melhor vale talvez agora, em tal minuto, que no outro dia...

Sentou-se vivamente ao lado de Aliócha, examinando-o, extasiada. Estava verdadeiramente contente e não mentia. Seus olhos brilhavam, sorria, mas com bondade. Aliócha não esperava ver nela uma expressão tão benévola... Fizera dela uma idéia aterrorizadora. Seu rompante pérfido contra Catarina Ivânovna havia-o transtornado na antevéspera, agora se espantava por vê-la tão mudada. Por mais acabrunhado que se sentisse pelo seu próprio pesar, examinava-a, malgrado seu, com atenção. Suas maneiras tinham melhorado, as entonações melífluas, a languidez dos movimentos tinham quase desaparecido... agora, simplicidade, gestos prontos, sinceros, mas via-se que estava superexcitada.

— Meu Deus, que coisas estranhas se passam hoje! Por que me sinto tão feliz por ver-te, Aliócha? Ignoro-o.

— É mesmo verdade? — perguntou Rakítin, sorrindo. — Antes, tinhas um fito ao insistir para que eu o trouxesse aqui.

— Sim, um fito que não existe mais agora, o momento passou. E agora vou tratar bem vocês. Tornei-me melhor agora, Rakitka. Senta-te também. Mas já o fizeste. Ele não se esquece. Vês tu, Aliócha? Está ressentido porque não o convidei em primeiro lugar para sentar-se. É muito suscetível, esse meu caro amigo. Não te zangues, Rakitka, sinto-me

boa neste momento. Por que estás tão triste, Aliócha? Terias medo de mim? — E Grúchenhka sorriu maliciosamente, olhando-o bem nos olhos.

— Tem um pesar. Uma recusa de posto.

— Que posto?

— O *stáriets* dele cheira mal.

— Como assim? Tagarelas, alguma vilania ainda, sem dúvida. Aliócha, deixa-me sentar-me em teus joelhos, assim. — E logo se instalou sobre os joelhos dele, risonha, tal como uma gata caridosa, com o braço direito ternamente passado em redor do pescoço dele.

— Saberei bem fazer-te rir, meu gentil devoto! Na verdade, deixas-me sobre teus joelhos, isto hão te causa zanga? Basta que o digas e me levantarei.

Aliócha calava-se. Não ousava mover-se, não respondendo às palavras ouvidas, como que inerte. Mas não experimentava o que podia imaginar Rakítin, por exemplo, que o observava com ar galhofeiro. Seu grande pesar absorvia as sensações possíveis e, se tivesse ele podido analisar-se naquele momento, teria compreendido que estava encouraçado contra as tentações. Não obstante, malgrado a inconsciência de seu estado e a tristeza que o acabrunhava, causava-lhe espanto uma sensação estranha: aquela mulher terrível não lhe inspirava mais aquele terror, inseparável no seu coração da idéia da mulher. Pelo contrário, instalada sobre seus joelhos e enlaçando-o, despertava nele um sentimento inesperado, uma extraordinária e cândida curiosidade, sem o menor pavor; eis o que o surpreendia a seu malgrado.

— Basta de tanta conversa sem nada dizer! — exclamou Rakítin. — Manda antes servir o champanha. Sabes que prometeste isto.

— É verdade, Aliócha, prometi-lhe antes de tudo champanha, se ele te trouxesse. Fiénia, traze a garrafa que Mítia deixou, despacha-te. Se bem que avarenta, darei uma garrafa, não para ti, Rakítin, não passas de um pobre-diabo, mas para ele. Embora não esteja disposta a isso, quero beber com vocês.

— Qual é afinal essa "notícia"? Pode-se saber, é segredo? — insistiu Rakítin, fingindo não notar o motejo lançado contra ele.

— Um segredo de que estás a par — disse Grúchenhka, com ar preocupado. — O meu oficial vai chegar, Rakítin.

— Ouvi dizer isso; mas está tão perto assim?

— Acha-se ele agora em Mókroie, donde me enviará um portador. Acabo de receber uma carta dele. Espero.

— Ora essa! Por que em Mókroie?

— Seria longo demais contá-lo. Chega.

— Mas então, e Mítia, está sabendo?

— Nem uma palavra. Senão, me mataria. Aliás, não tenho mais medo dele agora. Cala-te, Rakitka; não quero ouvir mais falar disso. Causou-me ele muito mal. E não quero mais pensar nisso, prefiro pensar em Aliócha, olhá-lo... Sorri, pois, meu querido, desenruga o rosto, far-me-ás prazer... Mas ele sorriu! Vê como ele me olha com olhar acariciante. Sabes, Aliocha, acreditava que me querias mal por causa da cena de ontem, em casa daquela senhorita. Fui grosseira... No entanto, apesar de tudo, a coisa foi bem sucedida. Esteve bem e esteve mal — disse Grúchenhka, pensativamente, com um sorriso mau. — Mítia me contou que ela gritava: "É preciso chicoteá-la!" Ofendi-a gravemente. Atraiu-me à sua casa, querendo subjugar-me, seduzir-me com seu chocolate... Não, o que se passou, correu muito bem. — Sorriu de novo. — Somente, receio que te hajas zangado...

— Na verdade, Aliocha, ela tem medo de ti, de ti, o pintainho

— interveio Rakítin, com real surpresa.

— Para ti, Rakítin, é que ele é um pintainho, porque não tens consciência. Eu o amo. Acreditas, Alióchà, amo-te de toda a minha alma.

— Ah! a desavergonhada! Faz-te uma declaração, Aliocha.

— E com isso? Amo-o.

— E o oficial? E a feliz notícia de Mókroie?

— Não é a mesma coisa.

— Eis a lógica das mulheres!

— Não me aborreças, Rakítin. Digo-te que não é a mesma coisa. Amo Aliocha de outra maneira. Na verdade, Aliocha, tive maus desígnios a teu respeito. Sou vil, sou violenta, mas em certos momentos olhava-te como minha consciência. Dizia a mim mesma: "Como deve ele desprezar-me agora!" Pensava assim antes de ontem, ao sair da casa daquela

senhorita. Desde muito tempo me chamaste a atenção, Aliocha; Mítia sabe-o, compreende-me. Acreditadas tu? Sou por vezes tomada de vergonha ao olhar-te. Como vim a pensar em ti e desde quando, ignoro-o.

Fiénia entrou, pousou sobre a mesa uma bandeja com uma garrafa desarrolhada e três copos cheios.

— Eis o champanha! — exclamou Rakítin. — Estás excitada, Agrafiena Alieksándrovna. Depois de beberes, pôr-te-ás a dançar. Que falta de habilidade! — acrescentou ele. — Já está vertida e morna, sem a rolha.

Nem por isso deixou de esvaziar seu copo dum trago e enchê-lo de novo.

— Ocasiões como esta são raras — observou, enxugando os lábios.

— Vamos, Aliócha, pega teu copo e mostra-te corajoso. Mas a que beberemos? Toma o teu, Grucha, e bebamos às portas do paraíso.

— Que queres dizer com isso?

Ela pegou um copo. Aliócha bebeu um bom gole do seu e depô-lo sobre a mesa.

— Não, prefiro abster-me — disse ele, com um doce sorriso.

— Ah! tu te gabavas! — gritou Rakítin.

— Eu também, então — disse Grúchenhka. — Acaba a garrafa, Rakitka. Se Aliócha beber, beberei.

— Eis que começam as efusões! — zombeteou Rakítin. — E estás sentada nos joelhos dele! Ele está pesaroso, convenho, mas, tu, que tens tu? Ele está revoltado contra seu Deus, ia comer salsichão!

— Como assim?

— O *stáriets* dele morreu hoje, o velho Zósima, o santo.

— Ah! morreu? Não sabia de nada. — Benzeu-se. — Meu Deus, e eu que estou sentada nos joelhos dele!

Levantou-se vivamente e sentou-se no divã. Aliócha olhou-a com surpresa e seu rosto iluminou-se.

— Rakítin — proferiu ele, num tom firme —, não me irrites dizendo que me revoltei contra meu Deus. Não tenho animosidade contra ti, sê, pois, melhor, tu também. Sofri uma perda inestimável e não podes julgar-

me neste momento. Olha-a, viste sua mansuetude para comigo? Vim aqui para encontrar uma alma perversa, impelido pelos meus maus sentimentos; encontrei uma verdadeira irmã, uma alma amorosa, um tesouro... Agrafiena Alieksándrovna, é de ti que falo. Regeneraste minha alma.

Opresso, Aliócha calou-se, com os lábios trêmulos.

— Dir-se-ia que ela te salvou! — zombou Rakítin. — Mas sabes que ela queria comer-te?

— Basta, Rakitka! Calem-se ambos: tu, Aliócha, porque tuas palavras me causam vergonha. Acreditas que sou boa, mas sou má. Tu, Rakitka, porque mentes. Tinha-me proposto comer-te, mas é coisa do passado, isso. Que não te ouça mais falar assim, Rakitka! — Grúchenhka exprimira-se com viva emoção.

— Estão os dois com o diabo no couro! — murmurou Rakítin, observando-os com surpresa. — Acreditaria a gente estar numa casa de saúde. Agora mesmo vão chorar, decerto!

— Sim, chorarei, sim, chorarei! — afirmou Grúchenhka. — Ele me chamou sua irmã, não o esquecerei jamais! Por pior que eu seja, Rakitka, dei, no entanto, uma cebola.

— Que cebola? Com os diabos, estão mesmo malucos, não há que ver!

A exaltação deles espantava Rakítin, que deveria compreender que tudo concorria para agitá-los duma maneira excepcional. Mas Rakítin, sutil quando se tratava de si mesmo, destrinçava mal os sentimentos e as sensações de seu próximo, tanto por inexperiência juvenil como por egoísmo.

— Vês tu, Aliócha? — e Grúchenhka riu nervosamente. — Gabei-me a Rakítin de ter dado uma cebola. Vou explicar-te a coisa com toda a humildade. É apenas uma lenda. Matriona, a cozinheira, contava-me quando eu era menina: "Havia uma megera que morreu sem deixar atrás de si uma única virtude. Os diabos apoderaram-se dela e lançaram-na no 4ago de fogo. Seu anjo da guarda quebrava a cabeça para descobrir nela uma virtude e falar a respeito a Deus. Lembrou-se e disse ao Senhor: 'Ela arrancou uma cebola na horta para dá-la a um mendigo'. Deus respondeu-lhe: 'Pega essa cebola, entrega-a àquela mulher lá no lago para que nela se

agarre. Se conseguires retirá-la de lá, irá ela para o paraíso; se a cebola se partir, ficará ela onde está'. O anjo correu à mulher e estendeu-lhe a cebola. 'Toma', disse ele, 'segura-a bem. ' Pôs-se a puxá-la com precaução e ela já estava ficando de fora. Os outros pecadores, vendo que a retiravam do lago, agarraram-se a ela, querendo aproveitar a boa fortuna. Mas a mulher, que era muito má, dava-lhes pontapés: 'É a mim que estão tirando e não a vocês. A cebola é minha e não de vocês'. A estas palavras, a cebola se partiu. A mulher recaiu no lago, onde está-se queimando até agora. O anjo partiu, chorando", Eis essa lenda, Aliócha. Não acredites que eu. seja boa, é bem o contrário. Teus elogios causar-me-iam vergonha. Desejava de tal modo tua vinda, que prometi 25 rublos a Rakítin, se ele te trouxesse. Um instante.

Foi abrir uma gaveta, pegou seu porta-moedas e dele retirou uma cédula de 25 rublos.

— É absurdo! — exclamou Rakítin, embaraçado.

— Toma, Rakitka, estou quites contigo. Não haverás de recusar, tu mesmo pediste. — E atirou-lhe a cédula.

— Como é isso? — replicou ele, visivelmente confuso, mas esforçando-se por ocultá-lo. — Tudo é lucro, os tolos existem no interesse das pessoas de espírito.

— E agora, cala-te, Rakitka. O que vou dizer não se dirige a ti. Tu não gostas de nós.

— E por que haveria eu de gostar de vocês? — disse ele brutalmente. Contara ser pago sem' que o soubesse Aliócha, cuja presença causava-lhe vergonha e irritava-o. Até então, por política, poupara Grúchenhka, malgrado suas palavras picantes, porque ela parecia dominá-lo. Mas a cólera tomava conta dele.

— Gosta-se em troca de alguma coisa. Que fizeram por mim todos dois?

— Ama em troca de nada, como Aliócha.

— Como te ama ele e que provas te deu disso? Por que todo esse alvoroço?

De pé no meio do salão, Grúchenhka falava com calor, com voz exaltada:

— Cala-te, Rakitka, não compreendes nada de nossos sentimentos. E cessa de tutear-me, proíbo-to. Donde te vem essa audácia? Senta-te num canto e nem mais uma palavra! Agora, Aliócha, vou confessar-me a ti somente, para que saibas o que sou. Queria perder-te, estava decidida a isso, a ponto de comprar Rakítin para que ele te trouxesse. E por que isso?' Tu de nada sabias, desviavas-te de mim, passavas de olhos baixos. Eu interrogava as pessoas a teu respeito. Teu rosto me perseguia: "Ele me despreza", pensava eu, "e nem mesmo quer olhar-me". Por fim, perguntei a mim mesma, com surpresa: "Por que temer esse rapazola? Eu o devorarei. Isso me divertirá". Estava exasperada. Acredita-me, ninguém aqui ousaria faltar ao respeito a Agrafiena Alieksándrovna; não tenho senão aquele velho ao qual me vendi. Foi Satanás que nos uniu e ninguém mais. Havia, pois, decidido que serias minha presa, era um jogo para mim. Eis a detestável criatura que chamaste de irmã. Agora meu sedutor chegou, espero notícias. Sabes o que era ele para mim? Há cinco anos, quando Kuzmá Kuzmitch me trouxe para aqui, eu me ocultava por vezes para não ser vista, nem ouvida; como uma tola, soluçava, não dormia mais, dizendo a mim mesma: "Onde está ele, o monstro? Deve rir de mim com uma outra. Oh! como me vingarei, se algum dia o encontrar!" Na escuridão, soluçava sobre meu travesseiro, torturava meu coração de propósito: "Ele me pagará!", exclamava eu. Ao pensar que era impotente, que ele zombava de mim, havia-me talvez completamente esquecido, deslizava de meu leito para o soalho, inundada de lágrimas, presa de uma crise de nervos. Passara a odiar todo mundo. Em seguida, formei um capital, endureci o coração, engordei. Pensas que me tornei mais sensata? Absolutamente. Ninguém o imagina, mas quando chega a noite acontece-me, como há cinco anos, ranger os dentes e chorar: "Hei de vingar-me! hei de vingar-me!" Estás-me acompanhando? Então, que pensas disto? Há um mês recebo uma carta anunciando-me sua chegada. Ficou viúvo. Quer ver-me. Fiquei sufocada. "Meu Deus, ele vai chegar e chamar-me, arrastar-me-ei para ele como um cão batido, como uma culpada! Não posso crer nisso eu mesma! Terei ou não a baixeza de correr para ele?" E uma cólera contra mim mesma me dominou, nestas últimas semanas, mais violenta do que há cinco anos. Vês minha exasperação, Aliócha, confessei-me a ti. Mítia não passava de uma diversão. Cala-te, Rakitka, não te cabe julgar-me. Antes da chegada de vocês, eu esperava, pensava no meu futuro, e vocês jamais conhecerão meu estado de alma. Aliócha, dize àquela senhorita que não me queira mal por causa da cena de anteontem!... Ninguém no mundo pode compreender o que sinto agora... Talvez leve

uma faca, ainda não decidi.

Incapaz de conter-se, Grúchenhka interrompeu-se, cobriu o rosto com as mãos, deixou-se cair sobre o divã, soluçou como uma criança. Aliócha levantou-se e aproximou-se de Rakítin.

— Micha — disse ele —, ela te ofendeu, mas não te zangues. Ouviste-a? Não se pode exigir demais de uma alma, é preciso ter misericórdia.

Aliócha pronunciou suas palavras num impulso irresistível. Tinha necessidade de expandir-se e tê-las-ia dito mesmo que estivesse só. Mas Rakítin olhou-o ironicamente e Aliócha deteve-se.

— Estás com a cabeça cheia do teu *stáriets* e me bombardeias à sua maneira, Aliócha, homem de Deus — disse ele, com um sorriso odiento.

— Não zombes, Rakítin, não fales do morto, ele era superior a todos na terra — exclamou Aliócha, com lágrimas na voz. — Não é como juiz que te falo, mas como o derradeiro dos acusados. Que sou eu diante dela? Viera aqui para perder-me, por covardia. Ela, porém, após cinco anos de sofrimentos, por causa de uma palavra sincera que ouve, perdoa, esquece tudo e chora! Seu sedutor voltou, chama-a, ela lhe perdoa e corre alegremente para ele. Porque ela não levará faca, não. Não sou assim, Micha, ignoro se o és. É uma lição para mim... Ela é superior a nós... Tinhas ouvido antes o que ela acaba de contar? Não, sem dúvida, porque terias compreendido tudo desde muito tempo... Ela perdoará também, aquela que foi ofendida anteontem, quando souber de tudo... Essa alma ainda não se reconciliou, é preciso poupá-la... oculta talvez um tesouro...

Aliócha calou-se, porque lhe faltava a respiração. Malgrado sua irritação, Rakítin olhava-o, espantado. Não esperava semelhante tirada da parte do pacífico Aliócha.

— Aqui temo-lo, um advogado! Estarias apaixonado por ela? Agrafiena Alieksándrovna, viraste a cabeça do nosso asceta! — exclamou ele com uma risada impudente.

Grúchenhka ergueu a cabeça, sorriu docemente para Aliócha, com o rosto ainda cheio das lágrimas que acabava de derramar.

— Deixa-o, Aliócha, meu querubim, vês como ele é. Que adianta falar-lhe? Mikhail Óssipovitch, queria pedir-te perdão, mas agora desisto disso. Aliócha, vem sentar-te aqui (ela pegou-lhe a mão e olhava-o, radiante), dize-me, será que eu o amo, sim ou não, ao meu sedutor?

Perguntava-o a mim mesma, aqui, no escuro. Esclarece-me, chegou a hora, farei o que disseres. Será preciso perdoar?

— Mas já perdoaste.

— É verdade — disse Grúchenhka, pensativa. — Oh! o coração covarde! Vou beber à minha covardia. — Pegou um copo que esvaziou dum trago, depois atirou-o no chão. Havia crueldade em seu sorriso.

— Talvez não tenha ainda perdoado — disse ela, com ar ameaçador, de olhos baixos, como que falando a si mesma. — Talvez meu coração pense somente em perdoar. Vês tu, Aliócha? São meus cinco anos de lágrimas o que eu amava, a ofensa que sofri, e não ele.

— Pois bem! Não gostaria de estar em sua pele — disse Rakítin.

— Mas jamais o estarás, Rakitka. Limparás meus sapatos. Será nisto que te empregarei. Uma mulher como eu não foi feita para ti... E talvez também não para ele...

— Então, por que tão bem vestida?

— Não me censures o meu traje, Rakitka, não conheces o meu coração! Se quiser, agora mesmo mudarei de vestido. Não sabes por que o vesti. Talvez vá dizer-lhe: "Jamais me viste tão bela?" Quando ele me deixou, era eu uma mocinha de dezessete anos, magrela e chorona. Eu o acariciarei, excitá-lo-ei: "Vês o que me tornei? Então, meu caro, basta de conversa, isto põe-te água na boca, mas vai beber em outra parte!" Eis, Rakitka, para que servirá talvez este vestido. Estou arrebatada, Aliócha. Posso rasgar este vestido, desfigurar-me, sair a pedir esmola. Sou capaz de ficar em minha casa agora, de devolver a Kuzmá seu dinheiro, seus presentes, e ir alugar-me a serviço diário. Pensas que me faltaria coragem, Rakitka? Basta que me levem aos extremos... Quanto ao outro, eu o enxotarei, zombarei dele...

Proferindo estas derradeiras palavras como numa crise, cobriu o rosto com as mãos, lançou-se sobre as almofadas, soluçando de novo. Rakítin levantou-se.

— Está ficando tarde — disse ele —, não nos deixarão entrar no mosteiro.

Grúchenhka sobressaltou-se.

— Como, Aliócha, queres deixar-me? — exclamou, com dolorosa

surpresa. — Pensas fazê-lo? Transtornaste-me e agora eis de novo a noite, a solidão!

— Ele não pode, entretanto, passar a noite em tua casa. Mas, se ele quiser, fique. Vou-me embora sozinho! — disse malignamente Rakítin.

— Cala-te, malvado! — gritou Grúchenhka, encolerizada. — Nunca me disseste semelhantes palavras!

— Que palavras?

— Não sei, nada de extraordinário, mas ele revirou-me o coração... O primeiro, o único que teve piedade de mim. Por que não vieste mais cedo, querubim? — E caiu de joelhos diante dele, como em êxtase. — Toda a minha vida, esperei alguém como tu, que me traria o perdão. Acreditei que me amariam por outro motivo que não apenas o de ser uma perdida...

— Que fiz eu por ti? — perguntou Aliócha, com um terno sorriso, inclinado sobre ela e tomando-lhe as mãos. — Dei uma cebola, a menor de todas, eis tudo!...

As lágrimas inundaram-lhe os olhos. Naquele momento, ouviu-se rumor, alguém entrava no vestíbulo; Gruchenhka levantou-se aterrorizada. Fiénia irrompeu barulhentamente no quarto.

— Minha senhora, minha boa e querida senhora, o correio chegou — exclamou ela alegremente, toda ofegante. — O *tarantás* chega de Mókroie, com o postilhão Timofiéi. Vão trocar de cavalos... Uma carta, senhora, eis aqui uma carta!

Brandia a carta, gritando. Gruchenhka apoderou-se dela, aproximou-a da vela. Era um bilhete de algumas linhas que leu num instante.

— Ele me chama! — Estava pálida, o rosto contraído por um sorriso mórbido. — Ele assobia para mim! Arrasta-te, cãozinho! — Mas ficou apenas um momento indecisa, de repente o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Parto! Adeus, meus cinco anos! Adeus, Aliócha, a sorte está lançada... Afastem-se todos, vão-se embora, que eu não os veja mais!

Gruchenhka voa para uma vida nova. Não me guardes rancor, Rakitka. É talvez para a morte que sigo! Oh! sinto-me como que embriagada!

Precipitou-se para seu quarto de dormir.

— Agora não precisa mais de nós — resmungou Rakítin. — Vamos embora. Essa música poderia muito bem recomeçar; estou com os ouvidos mais que cheios...

Aliócha deixou-se levar maquinalmente.

No pátio, viam-se idas e vindas à luz duma lanterna; trocava-se a atrelagem de três cavalos. Mal os dois jovens tinham descido o patamar, abriu-se a janela do quarto de dormir e a voz de Gruchenhka elevou-se, sonora.

— Aliócha, saúda teu irmão Mítia, dize-lhe que não guarde uma má lembrança de mim. Repete-lhe minhas palavras: "Foi a um miserável que Gruchenhka se deu e não a ti, que és nobre!" Acrescenta que Gruchenhka o amou durante uma hora, nada mais que uma hora; que ele se recorde sempre dessa hora, doravante, é Gruchenhka quem lho ordena... por toda a sua vida...

Acabou com soluços na voz. A janela tornou a fechar-se.

— Hum! — murmurou Rakítin rindo. — Ela estrangula Mítia e quer que ele se lembre disso toda a sua vida. Que ferocidade!

Aliócha pareceu não ter ouvido. Caminhava rapidamente ao lado de Rakítin; tinha o ar apalermado. Rakítin teve de súbito a sensação de que lhe metiam um dedo numa chaga viva. Esperara bem outra coisa ao pôr Aliócha em presença de Gruchenhka e estava decepcionado.

— É o polonês, o tal oficial dela — prosseguiu ele, contendo-se. — Aliás, não é mais oficial agora, esteve servindo na Alfândega na Sibéria, na fronteira chinesa. Deve ser um pobre-diabo. Dizem que perdeu o lugar. Tendo sabido que Gruchenhka tem dinheiro, voltou, isto explica tudo.

De novo, Aliócha pareceu não ter ouvido. Rakítin não se conteve mais.

— Então, converteste uma pecadora? Puseste uma mulher de má vida no bom caminho? Expulsaste os demônios, hein? Ei-los, os milagres que esperávamos: realizaram-se!

— Pára com isso, Rakítin! — disse Aliócha. de alma dolorida.

— Tu me desprezas agora por causa dos 25 rublos que recebi? Vendi um verdadeiro amigo. Mas tu não és o Cristo e eu não sou Judas.

— Rakítin, asseguro-te que não pensava mais nisso, és tu quem o

recordas.

Mas Rakítin estava exasperado.

— Que o diabo leve vocês todos! — vociferou de repente. — Por que, diabo, liguei-me a ti? Doravante, não quero mais saber de ti. Vai sozinho, eis teu caminho.

Dobrou numa outra rua, deixando Aliócha sozinho ali, nas trevas. Aliócha saiu da cidade e voltou ao mosteiro pelos campos.

IV

AS BODAS DE CANÁ

Era já muito tarde para entrar no mosteiro, quando Aliócha chegou ao eremitério; o irmão porteiro introduziu-o por uma entrada particular. Tinham soado 9 horas, a hora do repouso, após um dia tão agitado. Aliócha abriu timidamente a porta e penetrou na cela do *stáriets,* onde se encontrava agora seu ataúde. Não havia ninguém, exceto o Padre Paísi, lendo o Evangelho diante do morto, e o jovem noviço Porfíri, esgotado pela conversação da derradeira noite e pelas emoções do dia; dormia o profundo sono da mocidade, deitado no chão, na peça vizinha. O Padre Paísi, que ouvira Aliócha entrar, nem mesmo voltou a cabeça. Aliócha ajoelhou-se num canto e pôs-se a rezar. Sua alma transbordava, mas suas sensações permaneciam confusas, uma afugentando a outra, numa espécie de movimento giratório uniforme. Coisa estranha, experimentava ele uma sensação de bem-estar e não se admirava disso. Contemplava de novo aquele morto que lhe era tão querido, mas a compaixão lacrimosa e dolorosa da manhã desaparecera. Ao entrar, caíra de joelhos diante do caixão como diante de um santuário e, no entanto, a alegria esplendia em sua alma. Um ar fresco entrava pela janela aberta. "O cheiro deve ter então aumentado, do contrário não se teriam decidido a abrir uma janela", pensou Aliócha. Mas não se sentia mais angustiado, nem indignado por causa daquela idéia da corrupção. Pôs-se a rezar mansamente, e em breve percebeu que o fazia quase maquinalmente. Fragmentos de idéias surgiam, tais como fogos-fátuos; em compensação, reinavam em sua alma uma certeza, um apaziguamento de que tinha consciência. Punha-se a rezar com fervor, cheio de reconhecimento e de amor... Em breve passava para outra coisa, esquecendo a oração e o que a interrompera. Prestou ouvidos à

leitura do Padre Paísi, mas acabou por dormitar, esgotado...

"Três dias depois celebraram-se umas bodas em Caná da Galiléia; encontrava-se lá a Mãe de Jesus.

"E foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas. "[32]

— As bodas?... — Esta idéia turbilhonava no espírito de Aliócha. — Ela também é feliz... foi a um festim... Não, decerto, não levou faca... Era simplesmente uma palavra desagradável... Devem-se perdoar sempre as palavras desagradáveis. Consolam a alma... Sem elas a dor seria insuportável. Rakítin seguiu pelo beco. Enquanto pensar ele em seus agravos, seguirá sempre por um beco... Mas a estrada, a grande estrada reta, clara, cristalina, com o sol resplandecente, no final... Que é que se lê?

"... E, faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: 'Não têm vinho'", ouviu Aliócha.

— Ah! sim, perdi o começo. É pena, gosto dessa passagem: as bodas de Cana, o primeiro milagre... Que belo milagre! Foi consagrado à alegria e não ao luto... "Quem ama os homens, ama também sua alegria... " O defunto repetia isto a cada instante, era uma de suas idéias principais... "Não se pode viver sem alegria", * disse Mítia... "Tudo quanto é verdadeiro e belo respira sempre o perdão", dizia ele também.

"... E Jesus disse-lhe: 'Mulher, que nos importa a mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha hora*.

"Disse sua mãe aos que serviam: 'Fazei tudo o que ele vos disser'. "

— Fazei... Dai alegria a gente muito pobre... Muito pobres, seguramente, pois que até mesmo em suas bodas o vinho faltou... Os historiadores contam que em torno do lago de Genesaré e na região estava então disseminada a população mais pobre que se possa imaginar... E sua mãe, de grande coração, sabia que ele não viera somente cumprir sua missão, sublime, mas que partilhava da alegria ingênua das pessoas simples e ignorantes que o convidavam cordialmente para suas humildes bodas. "Minha hora ainda não chegou. " Fala com um doce sorriso (deve ter-lhe sorrido ternamente). Na realidade, pode dar-se que tenha baixado à terra para multiplicar o vinho em bodas de pobres? Mas fez o que ela lhe

---

[32] *São João*, C. II, *vs. 1-10.*

pedia...

"... Disse-lhes Jesus: 'Enchei as talhas de água'. E encheram-nas até em cima.

"Então disse-lhes Jesus: 'Tirai agora e levai ao mestre-sala'. E eles levaram.

"E o mestre-sala, logo que provou a água convertida em vinho, como não sabia donde lhe viera aquele vinho, ainda que o soubessem os serventes, porque tinham tirado a água, chamou o esposo e disse-lhe:

"— Todo homem põe primeiro o bom vinho e quando já o têm bebido bem, então apresenta o inferior; tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora. "

— Mas que acontece? Por que o quarto está oscilando? Ah! sim... são as bodas, o casamento... bem, decerto. Eis os convidados, os jovens esposos, a multidão alegre e... onde está então o prudente mestre-sala? Que é isso? O quarto oscila de novo... Quem se levanta na grande mesa? Como... ele também está aqui? Mas estava no seu caixão... Levantou-se, viu-me, vem para cá... Meu Deus!...

Com efeito, ele se aproximou, o velhinho seco, de rosto sulcado de rugas, rindo docemente. O caixão desapareceu, ele está vestido como ontem, em companhia deles, quando seus visitantes se reuniram. Seu rosto está descoberto, seus olhos brilham. Como pode ser isto, também ele no festim, também ele convidado para as bodas de Cana?

— Tu estás também convidado, meu querido, com todas as regras — disse sua voz tranqüila. — Por que te escondes aqui, não te vêem... Vem para junto de nós.

É sua voz, a voz do *stáriets* Zósima... como não haveria de ser ele, pois está chamando? O *stáriets* toma a mão de Aliócha, que se levantou.

— Regozijemo-nos — prosseguiu o ancião —, bebamos o vinho novo, o vinho da grande alegria. Vês aqueles convidados? Eis o noivo e a noiva, eis o prudente mestre-sala, prova o vinho novo. Por que estás surpreendido por ver-me? Dei uma cebola e eis-me aqui. Muitos dentre nós não deram senão uma cebola, uma bem pequena cebola... Que são nossas obras? E tu também, meu terno e manso rapaz, tu também soubeste hoje dar uma cebola a uma faminta. Começa tua obra, meu querido! Estás vendo o nosso Sol, tu o percebes?

— Tenho medo... não ouso olhar... — balbuciou Aliócha.

— Não tenhas medo dele. Sua majestade é terrível. Sua grandeza nos esmaga, mas sua misericórdia é sem limites; por amor fêz-se semelhante a nós e se rejubila conosco, muda a água em vinho, para não interromper a alegria dos convidados, aguarda outros, chama-os continuamente por todos os séculos dos séculos. E eis que trazem o vinho novo, vê os copos...

Algo ardia no coração de Aliócha, enchia-o até doer-lhe, lágrimas de alegria derramaram-se de sua alma... Estendeu os braços, lançou um grito, despertou...

De novo o caixão, a janela aberta, e a leitura calma, grave, ritmada do Evangelho. Mas Aliócha não escutava mais. Coisa estranha, adormecera de joelhos e encontrava-se agora de pé. De súbito, como erguido de seu lugar, aproximou-se em três passos do ataúde, bateu mesmo com o ombro no Padre Paísi sem dar-se conta disso. O padre ergueu os olhos, mas retomou logo sua leitura, percebendo que o rapaz não se achava em seu estado normal. Aliócha contemplou um instante o caixão, o morto que estava dentro dele estendido, de rosto coberto, com o ícone sobre o peito, o capuz encimado pela cruz de oito braços. Acabava de ouvir sua voz, ecoava ainda em seus ouvidos. Escutou ainda, esperou... de súbito, voltou-se bruscamente e saiu da cela.

Desceu o patamar sem se deter. Sua alma exaltada tinha sede de liberdade, de espaço. Acima de sua cabeça, a abóbada celeste estendia-se até o infinito, as estrelas calmas cintilavam. Do zênite ao horizonte aparecia, indistinta ainda, a Via-Láctea. A noite serena envolvia a terra. As torres brancas e as cúpulas douradas destacavam-se sobre o céu de safira. As opulentas flores de outono, em redor da casa, haviam adormecido até a manhã. A calma da terra parecia confundir-se com a dos céus, o mistério terrestre confinava com o das estrelas. Aliócha, imóvel, olhava; de súbito, como que ceifado, prosternou-se.

Ignorava por que estreitava a terra, não compreendia por que teria querido, irresistivelmente, abraçá-la toda inteira, mas abraçava-a chorando, inundando-a com suas lágrimas, e prometia a si mesmo, com exaltação, amá-la sempre. "Rega a terra com lágrimas e alegria e ama-a... " Estas palavras repercutiam em sua alma. A respeito de que choraria? Oh! no seu êxtase, chorava mesmo a respeito daquelas estrelas que cintilavam no infinito, e não se envergonhava daquela exaltação. Dir-se-ia que os

filhos daqueles mundos inumeráveis convergiam em sua alma e que toda ela fremia, em contato com os outros mundos. Teria querido perdoar, a todos e por tudo, e pedir perdão, não por ele, mas pelos outros e por tudo, "os outros o pedirão por mim". Estas palavras também lhe vinham à memória. De mais a mais, sentia claramente e como que tangivelmente algo de firme e de inabalável penetrar na sua alma. Uma idéia apoderava-se de seu espírito, por toda a sua vida e para sempre. Havia-se prosternado fraco adolescente e reergueu-se lutador sólido para o resto de seus dias. Teve consciência disto, e sentiu-o naquele momento de sua crise. E nunca mais, dali por diante, pôde Alióсha esquecer aquele instante. "Minha alma foi visitada naquela hora", dizia ele, mais tarde, crendo firmemente na verdade de suas palavras.

Três dias depois, deixou o mosteiro, de conformidade com a vontade de seu *stáriets,* que lhe havia ordenado que "vivesse no mundo".

LIVRO VIII

MÍTIA

I

KUZMÁ SAMSÓNOV

Dimítri Fiódorovitch, a quem Grúchenhka, ao voar para uma vida nova, fizera transmitir seu derradeiro adeus, querendo que ele se lembrasse por toda a sua vida duma hora de amor, estava naquele momento às voltas com as piores dificuldades. Como ele mesmo o disse mais tarde, poderia ter sofrido uma congestão cerebral, naqueles dois últimos dias, no estado em que se encontrava. Alióсha não pudera descobri-lo na véspera e não fora ele ao encontro marcado por Ivã no botequim. Seus tocadores mantiveram silêncio, de conformidade com suas instruções. Durante aqueles dois dias, esteve literalmente em apertos, "lutando com seu destino para salvar-se", segundo sua expressão. Ausentou-se mesmo algumas horas da cidade, para um negócio urgente, malgrado seu temor de deixar Grúchenhka sem vigilância. O inquérito ulterior precisou o emprego de seu tempo da maneira mais formal; limitar-nos-emos a notar os fatos essenciais nos dois dias que precederam a catástrofe que se abateu sobre ele.

Se bem que Grúchenhka o tivesse amado durante uma hora, ela o atormentava por vezes impiedosamente. A princípio, nada podia ele conhecer de suas intenções; era impossível penetrá-las pela doçura ou pela violência. Ter-se-ia zangado e desviado dele completamente. Tinha ele a intuição de que ela se debatia na incerteza, sem poder decidir-se; de modo que pensava ele, não sem razão, que devia ela por vezes detestá-lo, a ele e à sua paixão. Tal era talvez o caso, mas não podia compreender exatamente o que causava a ansiedade de Grúchenhka. Na verdade, toda a questão que o atormentava se resumia numa alternativa: ele, Mítia, ou Fiódor Pávlovitch. Aqui é preciso notar um fato certo; estava persuadido de que Fiódor Pávlovitch não deixaria de oferecer a Grúchenhka sua mão (se já não o fizera), e não acreditava um instante sequer que o velho libertino esperasse arranjar tudo com 3 000 rublos. Assim raciocinava Mítia, conhecendo Grúchenhka e seu caráter. Eis por que podia parecer-lhe por vezes que o tormento de Grúchenhka e sua indecisão provinham unicamente do fato de não saber ela qual escolher; ignorando qual dos dois lhe traria mais vantagem. Quanto ao próximo regresso do oficial, do homem que desempenhara um papel fatal em sua vida e cuja chegada esperava ela com tanta emoção e terror — coisa estranha, não pensava ele nisso absolutamente. É verdade que Grúchenhka mantivera silêncio a respeito naqueles últimos dias. No entanto, sabia ele da carta recebida um mês antes, e conhecia mesmo uma parte de seu conteúdo. Gruchenhka lha havia então mostrado num momento de irritação, sem que ele ligasse importância àquilo, o que a surpreendeu. Teria sido difícil explicar por quê; talvez simplesmente porque, acabrunhado pela sua funesta rivalidade com seu pai, nada pudesse imaginar de mais perigoso naquele momento. Não acreditava num noivo surgido não se sabia donde, após cinco anos de ausência, nem em sua próxima chegada, anunciada aliás em termos vagos. A carta era nebulosa, enfática, sentimental, e Gruchenhka lhe dissimulara as derradeiras linhas, que falavam mais claramente de retorno. Mais ainda, Mítia lembrou-se posteriormente do ar de desdém de Gruchenhka por aquela mensagem vinda da Sibéria. Limitou a isso suas confidencias a respeito daquele novo rival, de sorte que pouco a pouco esqueceu ele o oficial. Pensava somente que em todo caso um conflito com Fiódor Pávlovitch estava iminente e devia ter seu desenlace em primeiro lugar. Cheio de ansiedade, esperava a cada instante a decisão de Gruchenhka e acreditava que ela viria bruscamente, por inspiração. Se ela fosse dizer-lhe: "Toma-me, sou tua para sempre", estaria tudo terminado; levá-la-ia consigo para o mais longe possível, senão mesmo para o fim do

mundo, para o fim de Rússia; casar-se-iam e instalar-se-iam, incognitamente, ignorados de todos. Então começaria uma vida nova, regenerada, virtuosa, com que ele sonhava apaixonadamente. O lamaçal em que se atolara voluntariamente causava-lhe horror e, como muitos em semelhante caso, contava sobretudo com a mudança de ambiente; escapar àquelas pessoas, às circunstâncias, fugir daquele lugar maldito, seria a renovação completa, a existência transformada. Eis no que acreditava e o que o fazia languescer.

Isto unicamente no caso em que a questão fosse resolvida felizmente. Havia bem outra solução, outra saída, terrível, porém. Se de repente ela lhe dissesse: "Vaí-te, escolhi Fiódor Pávlovitch, casarei com ele, não tenho necessidade de ti", então... oh! então... Mítia ignorava, aliás, o que aconteceria então, ignorou-o até o derradeiro momento, deve-se-lhe fazer esta justiça. Não tinha intenções determinadas, o crime não foi premeditado. Contentava-se com tocaiar, espionar, atormentava-se, mas não encarava senão um desenlace feliz. Repelia mesmo toda e qualquer outra idéia. Era aqui que começava novo tormento, que surgia nova circunstância, acessória, mas fatal e insolúvel.

No caso em que ela dissesse: "Sou tua, leva-me", como a levaria ele? Onde arranjaria o dinheiro? Precisamente então, as rendas que recebia desde anos dos pagamentos regulares de Fiódor Pávlovitch estavam esgotadas. Decerto, Gruchenhka tinha dinheiro, mas Mítia se mostrava a este respeito dum orgulho violento; queria levá-la e começar uma existência nova com seus recursos pessoais e não os dela. A idéia mesma de poder recorrer à sua bolsa inspirava-lhe profundo desgosto. Não me estenderei a este respeito, não o analisarei, limitando-me a anotá-lo; tal era seu estado d'alma naquele momento. Podia isso provir inconscientemente dos remorsos secretos que experimentava por haver-se desonestamente apropriado do dinheiro de Catarina Ivânovna: "Sou um miserável aos olhos de uma, sê-lo-ei de novo aos olhos da outra", dizia a si mesmo então, como ele próprio o confessou posteriormente. "Se Gruchenhka o souber, não quererá semelhante indivíduo. Portanto, onde encontrar fundos, ou arranjar esse fatal dinheiro? Senão tudo fracassará, por falta de recursos. Que vergonha!"

Sabia talvez onde encontrar esse dinheiro. Não direi mais no momento, porque tudo se esclarecerá, mas explicarei sumariamente em que consistia para ele a pior dificuldade: para arranjar aqueles recursos, para ter o direito de tomá-los, seria preciso em primeiro lugar restituir a

Catarina Ivânovna seus 3 000 rublos, senão "sou um larápio, um canalha, e não quero começar assim uma vida nova", decidiu Mítia, e resolveu tudo subverter se fosse preciso, mas restituir em primeiro lugar e a qualquer preço aquela soma a Catarina Ivânovna. Deteve-se nesta decisão, por assim dizer, nas derradeiras horas de sua vida, após sua derradeira entrevista com Aliócha na antevéspera, na estrada. Instruído por seu irmão a respeito da maneira pela qual Grúchenhka insultara sua noiva, reconheceu que era um miserável e rogou-lhe que a informasse disto, "se isto pudesse aliviá-la". Na mesma noite, sentiu em seu delírio que valia mais "matar e roubar alguém, contanto que restituísse o dinheiro de Cátia". "Serei um assassino e um ladrão para todo mundo, seja; irei de preferência para a Sibéria a deixar Cátia dizer que roubei seu dinheiro para fugir com Grúchenhka e começar uma vida nova! Isto é impossível!" Assim falava Mítia, rilhando os dentes, e havia motivo para que receasse por momentos uma congestão cerebral. Mas continuava a lutar...

Coisa estranha: dir-se-ia que com semelhante resolução não lhe restava em partilha senão o desespero, porque onde arranjar tal soma e sobretudo um pobretão como ele? Entretanto, esperou até o fim arranjar aqueles 3 000 rublos, contando que lhe caíssem eles nas mãos duma maneira qualquer, ainda mesmo do céu. É o que acontece àqueles que, como Dimítri, só sabem desperdiçar seu patrimônio, sem ter nenhuma idéia da maneira pela qual se adquire o dinheiro. Era uma tempestade no seu crânio desde o encontro com Aliócha, estando todas as suas idéias enredadas. Assim começou ele pela tentativa mais estranha, porque pode dar-se o caso de que, em semelhantes transes, as empresas mais extravagantes pareçam as mais realizáveis a semelhantes pessoas. Resolveu ir encontrar o comerciante Samsónov, protetor de Grúchenhka, e submeter-lhe um plano, segundo o qual este lhe adiantaria logo a soma desejada. Estava seguro de seu plano do ponto de vista comercial, perguntando a si mesmo somente como acolheria Samsónov sua proposta, se quisesse encará-la doutra maneira. Mítia não conhecia aquele comerciante senão de vista e jamais lhe havia falado Mas desde muito tempo tinha a convicção de que aquele velho libertino, cuja vida estava por um fio, não se oporia a que Grúchenhka refizesse a sua, casando-se com um homem seguro, até mesmo desejá-lo-ia e facilitaria as coisas, chegada a ocasião. Por ouvir dizer, ou de acordo com certas palavras de Grúchenhka, concluía igualmente que o velho talvez o preferisse a Fiódor Pávlovitch como marido da jovem. Numerosos leitores acharão talvez cínica a expectativa,

de parte de Dimítri Fiódorovitch, de semelhante socorro, e a intenção de tirar sua noiva das mãos de seu protetor. Posso simplesmente fazer notar que o passado de Grúchenhka parecia definitivamente enterrado aos olhos de Mítia. Pensava nele cheio de misericórdia e decidira com todo o ardor de sua paixão que, desde que Grúchenhka lhe tivesse dito que o amava e ia casar-se com ele, estariam ambos logo regenerados, desembaraçados de seus vícios, não tendo senão virtudes; perdoar-se-iam mutuamente suas faltas e começariam uma nova existência. Quanto a Kuzmá Samsónov, via nele um homem fatal no passado de Grúchenhka, que não o havia, no entanto, jamais amado, um homem agora "passado", também ele fora de conta. Não poderia fazer sombra a Mítia aquele velho débil cuja ligação se tornara paternal, por assim dizer, e isto desde cerca de um ano. Em todo caso, dava Mítia prova duma grande ingenuidade, porque, com todos os seus vícios, era um homem bastante ingênuo. Essa ingenuidade persuadia-o de que o velho Kuzmá, a ponto de deixar este mundo, experimentava sincero arrependimento pela sua conduta para com Grúchenhka, que não tinha protetor e amigo mais devotado do que aquele velho doravante inofensivo.

No dia seguinte à sua conversação com Aliócha nos campos, Mítia, que quase não havia dormido, apresentou-se cerca das 10 horas da manhã em casa de Samsonov e fêz-se anunciar. A casa era velha, sombria, espaçosa, de um andar, com dependências e um pavilhão. No rés-do-chão moravam os dois filhos dele, casados, sua irmã bastante idosa e sua filha. Dois caixeiros, um dos quais tinha numerosa família, ocupavam o pavilhão. Todo aquele mundo necessitava de espaço, enquanto o velho vivia sozinho no primeiro andar, não querendo lá nem mesmo sua filha, que cuidava dele e devia subir cada vez que ele tinha necessidade dela, malgrado sua asma inveterada. O primeiro andar compunha-se de grandes peças aparatosas, mobiliadas no velho estilo comercial, com intermináveis fileiras de poltronas maciças e de cadeiras de acaju ao longo das paredes, lustres de cristal cobertos de capas e tremós. Essas peças estavam vazias e inabitadas, confinando-se o velho no seu quartinho de dormir lá no fundo, onde o serviam uma velha criada de touca e um rapaz que se mantinha em cima de uma arca no vestíbulo. Quase não podendo mais andar, por causa de suas pernas inchadas, só raramente se levantava da poltrona, sustentado pela velha, para dar uma volta pelo quarto. Mesmo com ela se mostrava severo e pouco comunicativo. Quando o informaram da chegada do "capitão", recusou recebê-lo. Mítia insistiu e

fêz-se anunciar de novo. Kuzmá Samsonov informou-se então do ar do visitante, se tinha bebido ou fazia barulho. "Não", respondeu o rapaz, "mas não quer ir-se embora. " A uma nova recusa, Mítia, que previra o caso e tomara suas precauções, escreveu a lápis: "Para um negócio urgente, a respeito de Agrafiena Alieksándrovna", e enviou o bilhete ao velho. Depois der ter refletido um instante, ordenou este que conduzissem o visitante à sala e mandou transmitir a seu filho mais moço ordem de subir imediatamente. Esse homem de elevada estatura e duma força hercúlea, que se barbeava e se vestia à européia (o velho Samsonov usava cafetã e barba), chegou logo. Todos tremiam diante do pai. Este mandara-o chamar não por medo do capitão — não era homem medroso —, mas à loa, mais como uma testemunha. Acompanhado de seu filho, que o segurara por baixo do braço, e pelo rapaz, arrastou-se até a sala. Deve-se crer que experimentava uma curiosidade bastante viva. A sala em que Mítia estava à espera era imensa e lúgubre, de dois tons, com uma galeria, paredes imitando mármore e três enormes lustres cobertos de capas. Mítia, sentado perto da entrada, esperava impacientemente sua sorte. Quando o velho apareceu na outra extremidade, a 10 *sajénhi,* Mítia levantou-se vivamente e marchou a grandes passos a seu encontro. Estava corretamente trajado, com a sobrecasaca abotoada, seu chapéu na mão, com luvas pretas, como na antevéspera no mosteiro, em casa do *stáriets,* por ocasião da entrevista com Fiódor Pávlovitch e seus irmãos. O velho esperava-o de pé, com um ar grave, e Mítia sentiu que ele o examinava. Seu rosto, bastante inchado naqueles últimos tempos, com seu lábio pendente, surpreendeu Mítia. Dirigiu a seu visitante um cumprimento grave e mudo, indicou-lhe um assento e, apoiado ao braço de seu filho, tomou ele próprio lugar, gemendo, no divã em frente de Mítia. Este, testemunha de seus esforços dolorosos, sentiu logo um remorso e acanhamento ao pensar no nada que era diante da importante personagem a quem tirara de seus cômodos.

— Que deseja, senhor? — perguntou o velho, depois que se sentou, num tom frio, embora polido.

Mítia estremeceu, ergueu-se, mas retomou seu lugar. Pôs-se a falar alto, depressa, com exaltação, gesticulando. Sentia-se que aquele homem em apuros procurava uma derradeira saída, pronto a dar tudo por acabado em caso de fracasso. O velho Samsónov deve ter compreendido tudo isso num instante, se bem que seu rosto houvesse permanecido impassível.

— O respeitável Kuzmá Kuzmitch ouviu provavelmente falar mais de uma vez de minhas desavenças com meu pai, Fiódor Pávlovitch Karamázov, que me despojou da herança de minha mãe... porque isso é assunto de todas as conversas, metendo-se as pessoas naquilo que não lhes compete... Pode igualmente ter sido informado por Grúchenhka... perdoe, por Agrafiena Alieksándrovna... pela honradíssima e respeitabilíssima Agripina[33] Alieksándrovna...

Assim começou Mítia, que se atrapalhou desde as primeiras palavras. Mas não citaremos integralmente suas palavras, limitando-nos a resumi-las. O fato é que ele, Mítia, conferenciara, havia três meses, na sede do distrito, com um advogado, "um célebre advogado, Kuzmá Kuzmitch, o Senhor Páviel Pávlovitch Kornieplódov, de quem o senhor já deve ter ouvido falar. Grande cabeça, espírito quase de estadista... ele também o conhece... falou do senhor nos melhores termos... " E Mítia, pela segunda vez, não soube como continuar. Mas não se detinha por tão pouco, passava adiante, discorria à vontade. Aquele advogado, segundo as explicações de Mítia e o exame dos documentos (Mítia atrapalhou-se e passou rapidamente por cima), foi de opinião, a respeito da aldeia de Tchermachniá, que deveria ter-lhe pertencido por herança materna, que se podia intentar um processo e derrotar assim o velho energúmeno, "porque todas as saídas não estão fechadas e a Justiça sabe abrir-se um caminho". Em suma, podia-se esperar exigir de Fiódor Pávlovitch um suplemento de 6 000 e até mesmo 7 000 rublos, porque Tchermachniá vale pelo menos 25 000, que digo? 28 000, "30 000, Kuzmá Kuzmitch, e imagine que aquele carrasco não me pagou nem 17 000! Abandonei então esse negócio, não entendendo nada da chicana, e à minha chegada aqui fui atordoado por uma ação de reconvenção (aqui Mítia atrapalhou-se de novo e deu um salto). Pois bem, respeitável Kuzmá Kuzmitch, não quer o senhor que eu lhe ceda todos os meus direitos sobre aquele monstro e isto por 3 000 rublos somente?... O senhor não arrisca nada, nada absolutamente, juro-o pela minha honra; pelo contrário, poderá ganhar 6 000 ou 7 000 rublos, em lugar de 3 000... E, sobretudo, queria terminar este negócio hoje mesmo. Iríamos à casa do tabelião, ou então... em suma, estou pronto a tudo, dar-lhe-ei todos os documentos que o senhor quiser, assinarei... lavraríamos o ato hoje, esta manhã mesmo, se possível... O senhor me daria esses 3 000 rublos... porque é o senhor o primeiro capitalista daqui... e assim me

---

[33] *Agripina, empregado por Mítia com intenção notadamente irônica, tem em russo um matiz mais distinto do que a forma habitual Agrafiena.*

salvaria... permitindo-me praticar um ato sublime... porque nutro os mais nobres sentimentos para com uma pessoa que o senhor bem conhece e a quem cerca de uma solicitude paternal. De outro modo, não teria vindo aqui. Pode-se dizer que três cabeças se entrechocaram, porque o destino é uma coisa terrível, Kuzmá Kuzmitch. Ora, como o senhor não entra mais em conta desde muito tempo, restam duas cabeças, segundo minha expressão talvez canhestra, mas não sou literato. Minha cabeça e a daquele monstro. De modo que, escolha: eu ou um monstro! Tudo se acha agora entre suas mãos, três destinos e dois dados... Desculpe-me, atrapalhei-me, mas o senhor compreende... vejo pelos seus olhos que o senhor compreendeu... Senão, só me resta desaparecer, eis tudo!" Mítia parou de repente sua fala extravagante com aquele "eis tudo" e, levantando-se, esperou uma resposta à sua absurda proposta. Na derradeira frase, sentira de súbito que o negócio estava fracassado e sobretudo que havia proferido uma terrível mixórdia. "É estranho, ao vir aqui estava seguro de mim mesmo e agora atrapalho tudo!" Enquanto ele falava, o velho permanecia impassível, observando-o com ar glacial. Ao fim de um minuto, Kuzmá Kuzmitch disse por fim num tom categórico e desencorajador:

— Desculpe-me, mas não nos ocupamos com tais negócios. Mítia sentiu fugirem-lhe as pernas.

— Que irá ser de mim, Kuzmá Kuzmitch? — murmurou ele, com um sorriso pálido. — Estou perdido agora. Que pensa o senhor?

— Desculpe-me...

Mítia, de pé e imóvel, notou uma mudança na fisionomia do velho. Estremeceu.

— Veja, senhor, tais negócios são incômodos. Entrevejo um processo, advogados, o diabo e tudo mais! Se o senhor quiser, há aqui um homem, dirija-se a ele.

— Meu Deus, quem é?... O senhor me restitui a vida, Kuzmá Kuzmitch — balbuciou Mítia.

— Não está aqui neste momento. É um mujique, comerciante de madeira, apelidado Líagávi. Há um ano vive em conversações com Fiódor Pávlovitch a respeito da floresta da Tchermachniá de vocês. Não estão de acordo no preço. Talvez já tenha o senhor ouvido falar disso. Encontra-se ele justamente agora lá, hospedado na casa do Padre Ilinski, em llhínskoie,

a 12 verstas da estação de Volóvia. Escreveu-me a respeito desse negócio, pedindo conselho. Fiódor Pávlovitch quer ir em pessoa encontrá-lo. Se o senhor se adiantasse a ele, fazendo a Liagávi a mesma proposta que a mim, talvez que ele...

— Eis uma idéia genial! — interrompeu Mítia, entusiasmado. — É justamente o que é preciso para aquele homem. É comprador, pedem-lhe caro, e eis um documento que o torna proprietário, ah! ah! ah! — E Mítia explodiu uma risada seca, inesperada, que surpreendeu Samsónov.

— Como agradecer-lhe, Kuzmá Kuzmitch?

— Não há de quê — respondeu Samsónov, inclinando a cabeça.

— Mas o senhor não sabe, o senhor acaba de salvar-me. Oh! foi um pressentimento que me trouxe à sua casa... Então, vamos ver esse pope!

— É inútil agradecer-me.

— Corro lá. Abusei de sua saúde. Jamais esquecerei, é um russo quem lho diz, Kuzmá Kuzmiích!

Mítia quis agarrar a mão do velho para apertá-la, mas ele tinha um olhar mau. Mítia retirou sua mão, enquanto censurava sua desconfiança. "Deve estar fatigado... ", pensou.

— É por ela, Kuzmá Kuzmitch! O senhor compreende que é por ela! — disse ele com voz ressoante. Inclinou-se, deu meia volta e apressou-se em direção à saída, com grandes passadas. Palpitava de entusiasmo. "Tudo parecia perdido, mas meu anjo da guarda me salvou", pensava ele. "E se um homem de negócios como esse velho (que nobre ancião, que porte imponente!) indicou esse caminho... sem dúvida o êxito está garantido. Não há um minuto a perder. Voltarei esta noite, mas terei ganho de causa. Será possível que o velho haja zombado de mim?" Assim monologava Mítia, ao voltar para sua casa, e não podia imaginar as coisas de outro modo: ou era um conselho prático — vindo dum homem experimentado, que conhecia aquele Liagávi (que nome engraçado!) — ou então o velho zombara dele! Ai! a derradeira hipótese era a única verdadeira. Mais tarde, muito tempo após o drama, o velho Samsónov confessou, rindo, que zombara do capitão. Tinha espírito maligno e irônico, com antipatias mórbidas. Teria sido o ar entusiasta do capitão, a tola convicção daquele "cesto furado" de que ele. Samsónov, podia levar a sério seu plano absurdo, um sentimento de ciúme de Grúchenhka, em

nome da qual aquele desmiolado lhe pedia dinheiro — ignoro o que inspirou o velho, mas, quando Mítia se mantinha diante dele, sentindo suas pernas dobrarem-se, e exclamou estüpidamente que estava perdido, olhou com maldade e imaginou pregar-lhe uma peça. Após a partida de Mítia, Kuzmá Kuzmitch, pálido de cólera, dirigiu-se a seu filho, ordenando-lhe que tomasse as providências para que aquele patife não voltasse a pôr os pés em sua casa, senão...

Não acabou sua ameaça, mas seu filho, que o tinha, no entanto, visto muitas vezes encolerizado, tremeu de medo. Uma hora depois, estava ainda o velho agitado pela cólera; ao anoitecer, sentiu-se indisposto e mandou chamar o curandeiro.

II

LIAGÁVI

Por conseguinte, era preciso "galopar", e Mítia não tinha com que pagar a corrida: 20 copeques, eis o que lhe restava de sua antiga prosperidade! Possuía um velho relógio de prata, que havia muito tempo estava parado. Um relojoeiro judeu, instalado numa lojinha, no mercado, deu por ele 6 rublos. "Não esperava tanto!", exclamou Mítia, encantado (o encantamento continuava). Pegou seus 6 rublos e correu à sua casa. Ali completou a soma pedindo emprestados 3 rublos a seus locadores, que lhe deram de bom grado, se bem que fosse o derradeiro dinheiro que tinham, tanto gostavam de Mítia. Na sua exaltação, Mítia revelou-lhes que sua sorte se decidia e explicou — à pressa, bem entendido — quase todo o plano que acabava de expor a Samsónov, a decisão deste último, suas futuras esperanças, etc. Antes já, estavam aquelas pessoas a par de muitos de seus segredos e o olhavam como dos "seus", um *bárin* nada orgulhoso. Tendo dessa maneira juntado 9 rublos, mandou Mítia buscar cavalos de posta para ir até a estação de Volóvia. Mas desta maneira comprovou-se e foi relembrado que "na véspera de certo acontecimento não tinha Mítia 1 copeque, que para arranjar dinheiro vendera um relógio e pedira emprestados 3 rublos a seus locadores, tudo isso diante de testemunhas".

Noto o fato, compreender-se-á mais tarde por quê.

Rodando para Volóvia, Mítia, radiante à idéia de desembaraçar por fim e de terminar todos aqueles negócios, estremecia, no entanto, inquieto:

que aconteceria a Grúchenhka, durante sua ausência? Decidir-se-ia ela hoje a ir encontrar Fiódor Pávlovitch? Eis por que partira sem preveni-la, recomendando aos locadores que nada dissessem no caso de virem chamá-lo. "Preciso voltar absolutamente esta noite", repetia ele, sacudido na *tieliega,* "e trazer esse Liagávi... para lavrar o ato... " Mas, ai! seus sonhos não estavam destinados a realizar-se de acordo com seu plano.

Em primeiro lugar perdeu tempo tomando para Volóvia o caminho vicinal. O percurso verificou-se ser de 18 e não de 12 verstas. Em seguida não encontrou o Padre Ilinski em casa, pois fora à aldeia vizinha. Enquanto Mítia partia à sua procura com os mesmos cavalos, já estafados, a noite estava quase chegada. O *bátiuchka,* homenzinho tímido de ar afável, explicou-lhe logo que o tal Liagávi, que se alojara a princípio em sua casa, estava agora em Sukhói Posiélok, e passaria a noite na isbá do guarda-florestal, porque traficava também lá. A pedidos instantes de Mítia de conduzi-lo imediatamente à presença de Liagávi e de "assim salvá-lo", o padre consentiu, após alguma hesitação, em acompanhá-lo a Sukhói Posiélok, misturando-se nisso certa curiosidade; por desgraça, aconselhou ir-se a pé, porque a distância era de pouco mais de 1 versta. Mítia aceitou, bem entendido, e caminhou a grandes passos, de sorte que o pobre *bátiuchka* mal podia segui-lo. Era um homem ainda moço e bastante reservado. Mítia se pôs logo a falar de seus planos, pediu nervosamente conselhos a respeito de Liagávi, conversou durante todo o caminho. O padre escutava-o atentamente, mas não aconselhava nada. Respondia evasivamente às perguntas de Mítia: "Não sei; como haveria de sabê-lo?", etc, etc. Quando Mítia falou de suas desavenças com seu pai a respeito da herança, o padre amedrontou-se, porque dependia ele, a certos respeitos, de Fiódor Pávlovitch. Informou-se com surpresa da razão pela qual Mítia chamava de Liagávi o mujique Górstkin e explicou-lhe que, muito embora esse nome de Liagávi fosse o dele, ofendia-se tremendamente com ele e era preciso chamá-lo Górstkin, "senão o senhor nada poderá obter dele, que nem mesmo o escutará", concluiu o padre. Mítia espantou-se um pouco e explicou que o próprio Samsónov o havia chamado assim. A estas palavras, o padre mudou de conversa; deveria ter dado parte de suas suspeitas a Dimítri Fiódorovitch: se Samsónov o havia dirigido àquele mujique sob o nome de Liagávi, não teria sido por derrisão, não haveria naquilo algo de duvidoso? Mas Mítia não tinha tempo de se deter com tais bagatelas. Caminhava sempre e somente ao chegar a Sukhói Posiélok se apercebeu de que haviam feito 3 verstas e não 1 e meia. Dissimulou seu

descontentamento. Entraram na isbá, da qual o guarda-florestal, que conhecia o padre, ocupava a metade; o forasteiro estava instalado na outra, separada pelo vestíbulo. Foi para lá que se dirigiram, acendendo uma vela. A isbá estava superaquecida.

Sobre uma mesa de pinho havia um samovar apagado, uma bandeja com xícaras, uma garrafa de rum vazia, um garrafão de aguardente quase vazio e restos de pão de trigo. O forasteiro jazia sobre o banco, com as roupas enroladas sob a cabeça à guisa de travesseiro, e roncava ruidosamente. Mítia estava perplexo. "Certamente, é preciso despertá-lo: meu negócio é por demais importante, vim com tanta pressa e tenho também pressa de voltar hoje mesmo", murmurava, inquieto. Aproximou-se e pôs-se a sacudi-lo, mas o dorminhoco não despertou. "Está bêbado", concluiu Mítia. "Que fazer, meu Deus, que fazer?" Na sua impaciência, começou a puxá-lo pelas mãos, pelos pés, a levantá-lo, a sentá-lo no banco, mas só obteve, após longos esforços, surdos resmungos e invectivas enérgicas, embora confusas.

— Seria melhor o senhor esperar — disse por fim o padre —, nada se pode obter agora.

— Bebeu o dia inteiro — observou o guarda.

— Meu Deus! — exclamou Mítia. — Se o senhor soubesse como tenho necessidade dele e em que situação me encontro!

— Será melhor esperar até amanhã de manhã — repetiu o padre.

— Até de manhã? Mas é impossível!

No seu desespero, ia ainda sacudir o bêbado, mas parou logo, compreendendo a inutilidade de seus esforços. O padre calava-se, o guarda cheio de sono mostrava-se sombrio.

— Que tragédias se encontram na vida real! — proferiu Mítia, desesperado. O suor escorria-lhe no rosto. O padre aproveitou-se dum minuto de calma para explicar-lhe avisadamente que, mesmo se conseguisse despertar o dorminhoco, este não poderia discutir com ele, bêbado como estava; "uma vez que se trata de um negócio importante, é mais seguro deixá-lo tranqüilo até de manhã... " Mítia concordou.

— Ficarei aqui, *bátiuchka,* esperando a ocasião. Assim que ele acordar, começarei... Pagar-te-ei a vela e o pernoite — disse ele ao guarda. — Lembrar-te-ás de Dimítri Karamázov. Mas o senhor, *bátiuchka,* onde vai

deitar-se?

— Não se inquiete, volto para casa na jumenta dele — disse, designando o guarda. — Portanto, adeus e boa sorte.

Assim foi feito. O padre cavalgou a jumenta, feliz por ver-se livre mas vagamente inquieto e perguntando a si mesmo se não faria bem em informar no dia seguinte Fiódor Pávlovitch a respeito daquele curioso negócio, "senão ele se zangará ao sabê-lo e retirará sua proteção a mim". O guarda, depois de coçar-se, voltou, sem dizer palavra, para seu quarto; Mítia tomou lugar no banco para esperar a ocasião, como dizia. Profunda angústia o dominava, como uma espessa bruma. Procurava, sem consegui-lo, reunir suas idéias. A vela ardia, um grilo cantava, sufocava-se no quarto superaquecido. Imaginou de repente o jardim, a entrada; a porta da casa de seu pai abria-se misteriosamente e Grúchenhka acorria. Levantou-se bruscamente.

— Tragédia! — murmurou, rilhando os dentes. Aproximou-se maquinalmente do homem que dormia e pôs-se a examiná-lo. Era um mujique esgalgado, ainda moço, de cabelos cacheados, barbicha ruiva. Trazia uma blusa de chita da Índia e um colete preto, com a cadeia dum relógio de prata no bolsinho. Mítia observava aquela fisionomia com verdadeiro ódio. Os cachos, sobretudo, o exasperavam, não se sabia por quê. O mais humilhante é que ele, Mítia, ficava ali diante daquele homem com seu negócio urgente, ao qual tudo sacrificara, no extremo das forças, e aquele mandrião, "do qual depende agora minha sorte, ronca como se nada houvesse, como se viesse dum outro planeta!** Mítia, perdendo a cabeça, lançou-se de novo para despertar o mujique embriagado. Pôs naquilo uma espécie de encarniçamento, maltratou-o, chegou a bater-lhe, mas, ao fim de cinco minutos, não obtendo nenhum resultado, tornou a sentar-se, num desespero impotente.

"Tolice, tolice! E... como tudo isso é lamentável. " Começava a sentir dor de cabeça. "Será preciso abandonar tudo? Voltar?", pensava ele. "Não, ficarei até de manhã, decididamente! Por que ter vindo aqui? E não tenho com que voltar. Como fazer? Oh! que absurdo!"

Entretanto sua dor de cabeça aumentava. Ficou imóvel e adormeceu insensivelmente, sentado como estava. Ao fim de duas horas, foi despertado por uma dor intolerável na cabeça, suas têmporas latejavam. Levou muito tempo para voltar a si e dar-se conta do que se passava. Compreendeu por fim que era um começo de asfixia, devida ao carvão, e

que teria podido morrer O bêbado continuava a roncar; a vela consumira-se e estava a ponto de apagar-se. Mítia lançou um grito e precipitou-se cambaleante para a casa do guarda, que logo despertou. Sabendo do que se tratava, foi fazer o necessário, mas acolheu a coisa com uma fleuma surpreendente, o que causou assombro a Mítia.

— Mas ele está morto, está morto, e então... que fazer? — exclamou ele, na sua exaltação.

Abriram-se as portas e a janela, destapou-se a estufa. Mítia trouxe da entrada um balde de água com a qual molhou a cabeça, depois embebeu de água um trapo de pano que aplicou sobre a de Liagávi. O guarda continuava a mostrar uma indiferença desdenhosa; depois de ter aberto a janela, disse com ar mal-humorado: "Está tudo bem assim" e voltou a deitar-se, deixando a Mítia uma lanterna acesa. Durante uma meia hora, cuidou Mítia do bêbado, renovando a compressa, resolvido a velar a noite inteira; já sem forças, sentou-se para retomar fôlego, seus olhos fecharam-se logo, estirou-se inconscientemente sobre o banco e adormeceu com um sono de chumbo.

Despertou muito tarde, cerca das 9 horas. O sol brilhava nas duas janelas da isbá. O mujique de cabelos cacheados estava instalado diante de um samovar fervente e novo garrafão, mais de cuja metade já havia bebido. Mítia levantou-se sobressaltado e percebeu logo que o maldito mujique estava de novo embriagado, irremediavelmente embriagado. Observou-o um minuto, escancarando os olhos. O mujique olhava-o em silêncio, com um ar astuto e fleumático e até mesmo com arrogância, pelo que creu Mítia. Lançou-se para ele:

— Permita, olhe... eu... o guarda deve ter-lhe dito quem sou: o Tenente Dimítri Karamázov, filho do velho com quem anda o senhor em tratativas para um corte de madeira.

— Mentes! — replicou o mujique, num tom decidido.

— Minto como? Não conhece Fiódor Pávlovitch?

— Não conheço nenhum Fiódor Pávlovitch — declarou o mujique, com a língua pastosa.

— Mas o senhor está negociando a madeira dele; esperte-se, domine-se. Foi o Padre Ilinski quem me trouxe aqui... O senhor escreveu a Samsónov e este me disse que me dirigisse ao senhor... — Mítia ofegava.

— Tu m... entes! — repetiu Liagávi. Mítia sentia-se desfalecer.

— Por favor, não é brincadeira nenhuma. O senhor está embriagado, sem dúvida. Poderia afinal falar, compreender... senão... sou eu que não compreendo nada disso!

— És tintureiro!

— Perdão, sou Karamázov, Dimítri Karamázov, tenho uma proposta a fazer-lhe... uma proposta muito vantajosa... precisamente a propósito da madeira.

O mujique acariciava a barba com ar importante.

— Não, trabalhaste de empreitada e és um tratante!

— Asseguro-lhe que se engana! — berrou Mítia, torcendo as mãos. O mujique continuava a acariciar a barba; de súbito piscou o olho com um ar astuto.

— Cita-me uma lei que permita cometer tratantadas, entendes? És um tratante, compreendes?

Mítia recuou com ar sombrio, teve "a sensação duma pancada na testa", como disse mais tarde. Foi de súbito como um raio de luz, compreendeu tudo. Ficou estupidificado, perguntando a si mesmo como ele, um homem no entanto sensato, pudera tomar a sério tal absurdo, meter-se em semelhante aventura, cuidar solícito daquele Liagávi, molhar-lhe a cabeça... "Ora bem, este sujeito está bêbado e embebedarse-á uma semana ainda — que adianta esperar? E se Samsónov zombou de mim? E se ela... Meu Deus, que fiz eu?... "

O mujique olhava-o e ria. Em outras circunstâncias, Mítia, cheio de cólera, teria arremetido contra aquele imbecil, mas agora sentia-se fraco como uma criança. Sem dizer uma palavra, pegou de cima do banco o seu sobretudo, vestiu-o, passou para a outra peça. Não encontrou ninguém lá e deixou em cima da mesa 50 copeques pelo pernoite, pela vela e pelo incômodo. Ao sair da isbá, encontrou-se em plena floresta. Partiu ao acaso, não se lembrando mesmo qual a direção a tomar, se à direita ou à esquerda da isbá. Na véspera, na sua precipitação, não reparara no caminho. Não experimentava nenhum sentimento de vingança, nem mesmo para com Samsónov, e seguia maquinalmente o estreito caminho, a cabeça perdida e sem se inquietar a respeito da direção que tomava. A primeira criança que aparecesse tê-lo-ia derrubado, tão esgotado estava

ele. Conseguiu, contudo, sair da floresta: os campos ceifados e desnudos estendiam-se a perder de vista. "Por toda parte o desespero, a morte!", repetia, enquanto andava.

Por felicidade, encontrou um velho comerciante que um carroceiro conduzia à estação de Volóvia. Levaram consigo Mítia, que lhes perguntara qual o caminho. Chegaram três horas depois. Em Volóvia, alugou cavalos, a fim de seguir para a cidade, e sentiu então que estava morto de fome. Enquanto atrelavam, prepararam-lhe uma omelete. Devorou-a, bem como um grande naco de pão, salsichão, e bebeu três copinhos de vodca. Uma vez restaurado, retomou coragem e recuperou sua lucidez. Movimentava-se, apressava o carroceiro, ruminava novo plano "infalível" para arranjar naquele mesmo dia aquele maldito dinheiro. "E dizer-se que o destino pode depender de 3 000 desgraçados rublos!", exclamava, desdenhosamente. "Decidir-me-ei hoje!" E, não fosse o pensamento contínuo em Grúchenhka e a inquietação que experimentava por causa dela, poderia ter estado talvez completamente contente. Mas aquele pensamento traspassava-o a cada instante como um punhal. Por fim chegaram e Mítia correu à casa dela.

III

AS MINAS DE OURO

Era precisamente a visita de que Grúchenhka havia falado a Rakítin com tanto terror. Esperava então um correio e regozijava-se com a ausência de Mítia, ontem e hoje, esperando que ele não viesse talvez antes de sua partida, quando de súbito ele aparecera. Sabe-se o resto; para despistá-lo fizera-se ela acompanhar por ele à casa de Kuzmá Samsónov, onde, dizia, tinha de ir fazer contas; despedindo-se de Mítia, fizera-o prometer ir buscá-la à meia-noite. Ficara ele satisfeito com esse arranjo: "Ela fica em casa de Kuzmá, portanto não irá à casa de Fiódor Pávlovitch... contanto que não esteja ela mentindo", acrescentou logo. Acreditava-a sincera. Seu ciúme consistia, longe da mulher amada, em imaginar toda espécie de traições, mas, de volta para seu lado, transtornado, persuadido de sua desgraça, ao primeiro olhar lançado àquele doce rosto, uma revolução operava-se nele, esquecia suas suspeitas e tinha vergonha de seus ciúmes. Apressou-se em voltar para casa, tinha ainda tanto que fazer! Pelo menos estava com o coração mais leve. "É preciso agora informar-me

com Smierdiákov, se nada aconteceu ontem à noite, se ela não foi à casa de Fiódor Pávlovitch. Ah!... " De sorte que, mesmo antes de estar em casa, o ciúme se insinuava de novo no seu coração inquieto.

O ciúme! "Otelo não é ciumento, é confiante", disse Púchkin. Esta observação atesta a profundeza de nosso grande poeta. Otelo sente-se transtornado porque perdeu seu ideal. Mas não irá ocultar-se, espionar, escutar às portas: é confiante. Pelo contrário, foi preciso pô-lo no caminho, excitá-lo com grande esforço, para que ele duvidasse da traição. Tal não é o verdadeiro ciumento. Não se pode imaginar a infâmia e a degradação a que um ciumento é capaz de acomodar-se sem nenhum remorso. E não são sempre almas vis que assim agem. Pelo contrário, embora tendo sentimentos elevados, um amor puro e devotado, pode uma pessoa esconder-se debaixo de mesas, comprar tratantes, prestar-se à mais ignóbil espionagem. Otelo jamais teria podido resignar-se a uma traição — não perdoá-la, mas a ela resignar-se —, se bem que tenha a doçura e inocência duma criança. Bem diferente é o verdadeiro ciumento. Tem-se dificuldade em imaginar os compromissos e a indulgência de que alguns são capazes. Os ciumentos são os primeiros a perdoar, todas as mulheres sabem disso. Perdoariam (após uma cena terrível, bem entendido) uma traição quase flagrante, os abraços e beijos de que foram testemunhas, se fosse a derradeira vez, se seu rival desaparecesse, partisse para o fim do mundo e eles mesmos partissem com a bem-amada para um lugar onde ela não tornaria a encontrar mais o outro. A reconciliação, naturalmente, não é senão de curta duração, porque na ausência de um rival o ciumento inventaria um segundo. Ora, que vale tal amor, objeto de uma vigilância incessante? Mas um verdadeiro ciumento não o compreenderá nunca. Há, no entanto, entre eles, pessoas de sentimentos elevados e, coisa de espantar, quando se acham eles à escuta num esconderijo, ao mesmo tempo que compreendem a vergonha de sua conduta, não experimentam no momento nenhum remorso. À vista de Grúchenhka, o ciúme de Mítia desaparecia, tornava-se confiante e nobre, desprezava-se mesmo pelos seus maus sentimentos. Isto significava somente que aquela mulher lhe inspirava um amor mais elevado do que ele o cria, um amor em que havia outra coisa além da sensualidade, da atração carnal de que falava ele a Aliócha. Mas assim que Grúchenhka partia, recomeçava Mítia a suspeitar nela todas as baixezas e perfídias da traição, sem experimentar nenhum remorso.

Assim, pois, o ciúme atormentava-o mais uma vez. Em todo caso, o

tempo urgia. Era preciso, em primeiro lugar, arranjar uma pequena soma, as 9 rublos de ontem tinham-se ido quase todos na viagem, e todos sabem que sem dinheiro não se vai longe. Pensara nisso, na *tieliega* que o trazia, ao mesmo tempo que no novo plano. Possuía duas excelentes pistolas que ainda não empenhara, porque eram de estimação. No botequim A Capital, travara conhecimento com um jovem funcionário e soubera que, celibatário e em muito boas condições financeiras, tinha ele paixão por armas. Comprava pistolas, revólveres, punhais, com os quais formava panóplias que exibia com vaidade, hábil no explicar o sistema dum revólver, como carregá-lo, atirar, etc. Sem hesitar, Mítia foi oferecer-lhe suas pistolas em penhor por 10 rublos. Encantado, o funcionário queria absolutamente comprá-las, mas Mítia não consentiu nisso; o outro deu-lhe 10 rublos, declarando que não cobraria juros. Despediram-se como bons amigos. Mítia apressava-se, dirigiu-se a seu pavilhão, por trás da casa de Fiódor Pávlovitch, para chamar Smierdiákov. Mas desta maneira constatou-se de novo que, três ou quatro horas antes de um certo acontecimento de que se tratará depois, Mítia estava sem dinheiro e empenhara um objeto de estimação, ao passo que três horas mais tarde se achava de posse de milhares de rublos... Mas não antecipemos. Em casa de Maria Kondrátievna, a vizinha de Fiódor Pávlovitch, soube ele, consternado, da doença de Smierdiákov. Ouviu o relato da queda na adega, da crise que se seguiu, da chegada do doutor, da solicitude de Fiódor Pávlovitch; informaram-no também da partida de seu irmão Ivã para Moscou naquela manhã mesma. "Deve ter passado antes de mim por Volóvia", pensou, mas Smierdiákov preocupava-o intensamente. "Que fazer agora, quem velará para me informar?" Interrogou avidamente aquelas mulheres, para saber se elas nada tinham notado na véspera. Compreenderam elas muito bem o que queria ele saber e tranqüilizaram-no: "Tudo se passara normalmente". Mítia refletiu: "Decerto era preciso vigiar também hoje, mas onde: aqui ou à porta de Sansonov?" Decidiu que seria nos dois lugares, à sua vontade, e enquanto esperava... havia aquele novo plano seguro, concebido na estrada e cuja execução não era possível diferir. Mítia resolveu consagrar uma hora a isso. "Dentro de uma hora saberei tudo, e então, em primeiro lugar, em casa de Samsónov informar-me se Grúchenhka está lá, depois de novo aqui até as 11 horas, e voltarei lá para reconduzi-la de volta. "

Correu à sua casa e, depois de ter-se asseado, dirigiu-se à casa da Senhora Khokhlakova. Ai! tal era o seu famoso "plano". Resolvera pedir

emprestados 3 000 rublos àquela senhora, persuadido de que ela não lhos recusaria. Não será caso de admiração talvez que, neste caso, não haja ele ido em primeiro lugar à casa de alguém de seu mundo, em lugar de Samsónov, cuja mentalidade lhe era estranha, e com o qual não sabia exprimir-se? Mas é que desde um mês quase rompera com ela, conhecia-a pouco, aliás, e sabia que ela não podia tolerá-lo, porque era ele o noivo de Catarina Ivânovna. Teria ela querido que a moça o deixasse para casar-se com "o querido Ivã Fiódorovitch, tão instruído e que possuía tão belas maneiras". As de Mítia desagradavam-lhe fortemente. Zombava dela e dissera uma vez que "aquela senhora era tão viva e desenvolta quanto pouco instruída". E pela manhã, na *tieliega,* fora aquilo como um raio de luz: "Se ela se opõe ao meu casamento com Catarina Ivânovna (e sabia-a irreconciliável), por que me recusaria agora esses 3 000 rublos que me permitiriam abandonar Cátia e partir definitivamente? Quando essas grandes damas muito cheias de si têm um capricho na cabeça, nada se poupam para atingir os seus fins. Ela é, aliás, tão rica... ", dizia a si mesmo Mítia. Quanto ao plano, era igual ao precedente, isto é, o abandono de seus direitos sobre Tchermachnia, não com um fim comercial, como no caso de Samsónov, e sem tentar aquela senhora, como o comerciante, com a possibilidade dum bom negócio, dum ganho de alguns milhares de rublos, mas simplesmente em garantia de sua dívida. Desenvolvendo essa idéia nova, Mítia entusiasmava-se, como acontecia sempre por ocasião de seus empreendimentos e de suas novas decisões. Todo projeto novo apaixonava-o. Não obstante, ao chegar ao patamar, sentiu um arrepio repentino; naquele instante compreendeu, com uma precisão matemática, que estava ali sua derradeira esperança, que em caso de malogro não teria outro recurso senão estrangular alguém para roubá-lo... Eram 7 horas e meia, quando tocou a campainha.

A princípio, tudo marchou a contento, foi recebido imediatamente. "Dir-se-ia que ela me espera", pensou Mítia. Assim que foi introduzido no salão, a dona da casa apareceu e declarou-lhe que o esperava.

— Não podia supor que o senhor viria, há de convir; no entanto, esperava-o. Admire meu instinto, Dimítri Fiódorovitch, contava com sua visita hoje.

— É verdadeiramente de admirar, minha senhora — disse Mítia, sentando-se canhestramente —, mas vim por causa dum negócio da mais alta importância, no que a mim se refere, e apresso-me...

— Eu sei, Dimítri Fiódorovitch, não se trata mais de pressentimento, de inclinação retrógrada pelos milagres (ouviu falar do *stáriets* Zósima?), era fatal, o senhor deveria vir depois de tudo o que se passou com Catarina Ivânovna.

— A realidade da vida, minha senhora, é isso. Mas permita-me que lhe explique...

— Precisamente, a realidade da vida, Dimítri Fiódorovitch. Não há senão isso que valha aos meus olhos, estou curada dos milagres. O senhor soube da morte do *stáriets* Zósima?

— Não, senhora, não sabia de nada — respondeu Mítia, um tanto surpreso. Voltou-lhe a lembrança de Aliócha.

— Esta noite mesmo, e imagine o senhor...

— Minha senhora — interrompeu Mítia —, imagino somente que me encontro numa situação desesperada, e que se a senhora não vier em meu auxílio tudo se desmoronará, eu, em primeiro lugar. Perdoe-me a vulgaridade da expressão, a febre queima-me.

— Sim, sei que o senhor tem febre, não pode ser de outra forma; diga o que disser, sei-o de antemão. Há muito tempo que me ocupo com seu destino, Dimítri Fiódorovitch, acompanho-o, estudo-o. Sou um médico experimentado, creia-o.

— Não o duvido, minha senhora. Em compensação, sou eu um doente experimentado — replicou Mítia, esforçando-se por ser amável — e tenho o pressentimento de que, se a senhora segue com tal interesse meu destino, não me deixará sucumbir. Mas permita-me afinal que lhe exponha o plano que me traz... e o que espero da senhora... Vim cá, minha senhora...

— De que servem essas explicações? Isto não tem importância. Não é o senhor o primeiro a quem eu iria em socorro, Dimítri Fiódorovitch. Deve ter ouvido falar de minha sobrinha Bielhmiésova. Seu marido estava perdido, afundava-se. Pois bem, aconselhei-o a criar cavalos e agora ele está próspero. O senhor entende de criação de cavalos, Dimítri Fiódorovitch?

— Absolutamente, minha senhora, absolutamente! — exclamou Mítia, que se levantou na sua impaciência. — Suplico-lhe, senhora, que me ouça, deixe-me falar dois minutos somente, para explicar-lhe meu projeto.

Além do mais, tenho muita pressa!... — gritou Mítia, exaltado, compreendendo que ela ia falar mais ainda e na esperança de gritar mais forte do que ela. — Vim desesperado, para pedir-lhe emprestado 3 000 rublos contra um penhor seguro, que oferece plena garantia! Deixe-me somente dizer-lhe...

— Depois, depois! — exclamou a Senhora Khokhlakova, agitando a mão. — Sei já tudo quanto o senhor me quer dizer. Pede-me 3 000 rublos, dar-lhe-ei bem mais, salvá-lo-ei, Dimítri Fiódorovitch, mas é preciso obedecer-me.

Mítia sobressaltou-se.

— Senhora, teria tamanha bondade?! — exclamou ele num tom emocionado. — Meus Deus! A senhora salva um homem da morte, do suicídio... Minha eterna gratidão...

— Dar-lhe-ei infinitamente, infinitamente mais de 3 000 rublos! — repetiu a Senhora Khokhlakova, que olhava, sorridente, o entusiasmo de Mítia.

— Mas não preciso de tanto! Tenho necessidade somente dessa fatal soma, 3 000 rublos. Ofereço-lhe uma garantia e lhe agradeço. Meu plano...

— Basta, Dimítri Fiódorovitch, está dito, está feito — interrompeu-o a Senhora Khokhlakova, com a modéstia triunfante de uma benfeitora. — Prometi salvá-lo e salvá-lo-ei, como a Bielhmiésov. Que pensa o senhor das minas de ouro?

— As minas de ouro, senhora? Jamais pensei nisso!

— Mas eu penso, pelo senhor. Há um mês que o observo com este objetivo. Olhei-o muitas vezes, quando o senhor passava, pensando: eis um homem enérgico, cujo lugar é nas minas. Eu mesma estudei seu andar e persuadi-me de que o senhor descobriria filões.

— Pelo meu modo de andar, senhora?

— Por que não? Como, nega que se possa conhecer o caráter pelo modo de andar, Dimítri Fiódorovitch? As ciências naturais confirmam o fato. Oh! sou realista. Desde hoje, após essa história no mosteiro que tanto me afetou, tornei-me totalmente realista e quero entregar-me a uma atividade prática. Estou curada do misticismo. "Basta!", como diz Turguéniev.

— Mas senhora, esses 3 000 rublos que me prometeu tão generosamente...

— Eles não lhe escaparão, é como se os tivesse em seu bolso. E não 3 000, mas 3 milhões, em breve prazo. Eis minha idéia: o senhor descobrirá minas, ganhará milhões, quando voltar ter-se-á tornado um homem de ação capaz de nos guiar para o bem. Será preciso, pois, abandonar tudo aos judeus? O senhor construirá edifícios, fundará diversas empresas. Socorrerá os pobres e eles o abençoarão. Estamos no século das estradas de ferro. O senhor será conhecido e notado no Ministério das Finanças, que se encontra em extrema penúria. A queda de nossa moeda fiduciária impede-me de dormir, Dimítri Fiódorovitch, conhecem-me mal a este respeito.

— Minha senhora, minha senhora — interrompeu, de novo, Dimítri, inquieto —, seguirei muito provavelmente seu sábio conselho... irei talvez lá... às minas a que se refere... voltarei para conversar com a senhora... mas agora esses 3.000 rublos que a senhora tão generosamente... eles me libertariam, e se possível hoje... Não tenho uma hora a perder...

— Escute, Dimítri 'Fiódorovitch, chega! Uma pergunta: parte ou não para as minas de ouro? Responda-me categoricamente.

— Irei, minha senhora, depois... Irei aonde a senhora quiser... mas agora...

— Espere então! — dirigiu-se vivamente para uma magnífica escrivaninha e remexeu dentro das gavetas com precipitação.

"Os 3 000!", pensou Mítia, crispado pela expectativa, "e isto imediatamente, sem papel, sem formalidades... Que grandeza de alma! Que excelente mulher! Se somente falasse menos... "

— Aqui está — exclamou ela, radiante, voltando para Mítia —, eis o que eu procurava.

Era um pequeno ícone de prata, com uma corrente, como os que se usam por vezes sob a roupa.

— Vem de Kiev, Dimítri Fiódorovitch — disse a Senhora Khokhlakova, com respeito —, relíquias de Santa Bárbara, a grande mártir. Permita-me que eu mesma ponha este pequeno ícone em seu pescoço e o abençoe em véspera de uma vida nova.

É, tendo-lhe passado a corrente no pescoço, tratou de ajustá-la. Mítia,

muito constrangido, inclinou-se e procurou ajudá-la. Por fim, o ícone ficou colocado como era preciso.

— Agora, pode partir — disse ela, tornando a sentar-se, triunfante.

— Minha senhora, estou tão comovido... e não sei como agradecer-lhe... a sua solicitude, mas... se soubesse a senhora como tenho pressa! Essa soma que espero de sua generosidade... Oh! minha senhora, já que é tão boa, tão generosa — e Mítia teve uma inspiração —, permita-me que lhe revele... o que, aliás, a senhora já sabe... amo uma pessoa. Traí Cátia, Catarina Ivânovna, quero dizer... Oh! tenho sido inumano, desonesto, mas amava outra... uma mulher a quem a senhora talvez despreze, porque está a par de tudo, mas que eu não posso abandonar, de modo que esses 3 000...

— Abandone tudo, Dimítri Fiódorovitch — interrompeu em tom cortante a Senhora Khokhlakova. — Sobretudo as mulheres. Seu objetivo são as minas. Inútil levar mulheres para lá. Mais tarde, quando o senhor voltar rico e célebre, encontrará uma amiga de coração na mais alta sociedade. Será uma moça moderna, prudente e sem preconceitos. Nessa época, justamente, o feminismo ter-se-á desenvolvido e a nova mulher aparecerá...

— Minha senhora, não é isto, não é isto... — disse Dimítri Fiódorovitch, juntando as mãos, com ar suplicante.

— Mas sim, Dimítri Fiódorovitch, é precisamente disto que o senhor necessita, é disto que está o senhor sedento sem o saber. Interesso-me bastante pelo feminismo. O desenvolvimento da mulher e até mesmo seu papel político no futuro mais próximo, eis meu ideal. Tenho uma filha, Dimítri Fiódorovitch, esquecem-se disto muitas vezes. Escrevi a respeito a Chtchédrin. Este escritor abriu-me tais horizontes sobre a missão da mulher que lhe dirigi, o ano passado, estas duas linhas: "Aperto-o de encontro ao meu coração e beijo-o em nome da mulher moderna, continue". E assinei: "Uma mãe". Teria querido assinar: "Uma mãe contemporânea", mas hesitei. Afinal de contas limitei-me a "uma mãe", é mais belo moralmente, Dimítri Fiódorovitch, e a palavra "contemporânea" poderia ter lembrado *O Contemporâneo,* lembrança amarga para ele, em vista da censura atual. Meu Deus, que tem o senhor?

— Minha senhora — disse Mítia, de pé, com as mãos juntas como um suplicante —, a senhora vai fazer-me chorar, se demora ainda o que tão generosamente...

— Chore, Dimítri Fiódorovitch, chore! É um belo sentimento... no caminho que o espera. As lágrimas aliviam. Mais tarde, uma vez de volta da Sibéria, o senhor se rejubilará comigo...

— Mas permita — vociferou de súbito Mítia —, suplico-lhe pela derradeira vez, diga-me se posso receber da senhora hoje a soma prometida. Senão, quando será preciso vir buscá-la?

— Que soma, Dimítri Fiódorovitch?

— Mas os 3 000 rublos que a senhora me prometeu... que tão generosamente...

— Três mil o quê... 3 000 rublos? Mas não os tenho — disse ela, com alguma surpresa.

— Como?... ainda há pouco... a senhora disse que era como se eu os tivesse em meu bolso...

— Oh! não, o senhor compreendeu-me mal, Dimítri Fiódorovitch. Falava das minas. Prometi-lhe bem mais de 3 000 rublos, lembro-me agora, mas tinha em vista unicamente as minas.

— Mas o dinheiro? Os 3 000 rublos?

— Oh! se o senhor contava com dinheiro, não o tenho no momento absolutamente, Dimítri Fiódorovitch. Estou mesmo em dificuldades com meu administrador e acabo de pedir emprestados a Miúsov 500 rublos. Se os tivesse, aliás, não lhos daria. Em primeiro lugar, não empresto dinheiro a ninguém. Quem devedor tem, guerra lhe vem. Mas ao senhor, particularmente, teria recusado, mesmo gostando do senhor, mesmo para salvá-lo. Porque o senhor só precisa de uma coisa: das minas e das minas!

— Oh! que o diabo... — berrou Mítia, dando um violento murro sobre a mesa.

— Ai! ai! — exclamou a Senhora Khokhlakova, aterrorizada, refugiando-se na outra extremidade do salão. Mítia cuspiu com desprezo e saiu rapidamente. Ia como um doido nas trevas, batendo no peito no mesmo lugar em que dois dias antes diante de Aliócha, por ocasião do derradeiro encontro deles na estrada. Por que batia ele justamente no mesmo lugar, que significava esse gesto? Não tinha revelado ainda a ninguém aquele segredo, nem mesmo a Aliócha, um segredo que ocultava a desonra, e mesmo sua perda e o suicídio, porque tal era sua resolução no caso em que não arranjasse os 3 000 rublos para restituir a Catarina

Ivânovna e tirar de seu peito, daquele lugar, a desonra que carregava e que torturava sua consciência. Tudo isto será esclarecido mais adiante. Após a ruína de sua derradeira esperança, aquele homem tão robusto desmanchou-se de súbito em lágrimas, como uma criança. Caminhava estupidificado, enxugando suas lágrimas com o punho, quando deu um encontrão em alguém. Uma mulher, que ele quase derrubara, lançou um grito agudo.

— Meu Deus, quase me matou! Preste atenção, vagabundo!

— Ah! é você? — gritou Mítia, examinando a velha no escuro. Era a criada de Kuzmá Samsónov, que ele vira na véspera.

— E o senhor quem é, *bátiuchka?* — proferiu a velha em outro tom. — Não o estou reconhecendo.

— Não serve em casa de Kuzmá Samsóncv?

— Perfeitamente... Mas não consigo reconhecê-lo.

— Diga-me, minha boa mulher, estará Agrafiena Alieksándrovna em casa dele neste momento? Eu mesmo a levei para lá.

— Sim, *bátiuchka,* ela ficou um instante e partiu.

— Como, partiu? Quando?

— Não ficou muito tempo. Divertiu Kuzmá Kuzmitch, contando-lhe uma estória, depois saiu.

— Mentes, maldita! — gritou Mítia.

— Ai! ai! — exclamou a velha. Mas Mítia havia desaparecido, corria a bom correr para a casa onde morava Grúchenhka. Havia ela partido, um quarto de hora antes, para Mókroie. Fiénia estava na cozinha com sua avó, a cozinheira Matriona, quando o "capitão" chegou. À sua vista, Fiénia gritou com todas as suas forças.

— Estás gritando? — perguntou Mítia. — Onde está ela? — E sem esperar a resposta de Fiénia, paralisada de medo, caiu a seus pés.

— Fiénia, em nome de Cristo, nosso Salvador, dize-me onde ela está!

— Não sei de nada, caro Dimítri Fiódorovitch, de nada absolutamente. Ainda que o senhor me matasse agora mesmo, nada posso dizer. Mas o senhor a acompanhou...

— Ela voltou...

— Não, ela não voltou, juro-o por Deus.

— Mentes! — urrou Mítia. — Basta o teu terror para eu adivinhar onde ela está...

Saiu correndo. Apavorada, Fiénia felicitava a si mesma por se ter livrado tão facilmente, compreendendo que aquilo poderia ter dado em complicação, se houvesse demorado mais. Ao sair, teve ele um gesto que causou espanto às duas mulheres. Sobre a mesa havia um almofariz com um pilão de cobre; Mítia, que já havia aberto a porta, agarrou de passagem aquele pilão e meteu-o no seu bolso.

— Meu Deus! ele quer matar alguém — gemeu Fiénia.

IV

NAS TREVAS

Para onde corria ele? Pode-se imaginar: "Onde poderá ela estar, senão em casa de Fiódor Pávlovitch? Foi diretamente da casa de Samsónov para lá, está claro. Toda essa intriga salta aos olhos... " As idéias se entrechocavam em sua cabeça. Não entrou no pátio de Maria Kondrátievna: "É inútil dar alarma, deve ela participar da conjura, bem como Smierdiákov; estão todos comprados!" Sua resolução estava tomada; deu uma grande volta, transpôs o passadiço, foi sair em um beco lá atrás, deserto e desabitado, limitado de um lado pela sebe da horta vizinha, do outro, pela alta paliçada que cercava o jardim de Fiódor Pávlovitch. Escolheu para escalá-la precisamente o lugar por onde trepara, segundo a tradição, Lisavieta Smierdiáchtchaia. "Se ela pôde passar por ali — pensou ele —, por que não faria eu outro tanto?" De um salto suspendeu-se à paliçada, içou-se e encontrou-se escarranchado no alto. Bem perto erguia-se o banheiro, mas via de seu lugar as janelas iluminadas da casa. "É isto, há luz no quarto de dormir do velho, ela está lá!" E saltou para o jardim. Muito embora soubesse que Gregório e talvez Smierdiákov estivessem doentes, que ninguém podia ouvi-lo, ficou imóvel instintivamente e prestou ouvidos. Por toda parte um silêncio de morte, uma calma absoluta, nem o menor sopro. "Só se ouve o silêncio... ", voltou-lhe este verso à memória, "contanto que não me hajam ouvido! Acho que não. " Então pôs-se a caminhar pela relva a passos de lobo, de ouvido atento, ' evitando as

árvores e as moitas. Lembrava-se de que havia sob as janelas espessos maciços de sabugueiro e de briônia. A porta que dava acesso ao jardim, do lado esquerdo da fachada, estava fechada, verificou ao passar. Por fim atingiu os maciços e ali se ocultou. Retinha a respiração. "É preciso esperar. Se me ouviram, devem estar agora à escuta... Contanto que não vá tossir ou espirrar!... "

Esperou dois minutos. Seu coração batia, por momentos quase sufocava. "Estas palpitações não cessarão, não posso mais esperar. " Mantinha-se na sombra, por trás duma moita meio iluminada. "Uma briônia, como suas bagas estão vermelhas!", murmurou ele, maquinalmente. A passos de lobo, aproximou-se da janela e ergueu-se nas pontas dos pés. O quarto de dormir de Fiódor Pávlovitch aparecia-lhe totalmente, pequena peça separada em duas por biombos vermelhos, "chineses", como os chamava seu proprietário. "Grúchenhka está ali atrás", pensou Mítia. Pôs-se a examinar Fiódor Pávlovitch, vestido com um roupão de seda raiada — que Mítia nunca vira usado por ele — com um cordão que terminava em borlas. A gola dobrada deixava ver uma camisa elegante de fino pano de Holanda, ornada de botões de ouro. Sua cabeça estava enrolada com o mesmo lenço vermelho com que o vira Aliócha. "Faz-se bonito. "

Fiódor Pávlovitch conservava-se perto da janela, com ar pensativo. De súbito, voltou a cabeça, escutou e, não ouvindo nada, aproximou-se da mesa, serviu-se de um meio copo de conhaque, que bebeu. Depois suspirou profundamente, fez uma pausa. Após isto, dirigiu-se com ar distraído para o espelho, ergueu um pouco o lenço para examinar as equimoses e escaras. "Está só, muito provavelmente. " O velho afastou-se do espelho e pôs-se diante da janela. Mítia recuou vivamente para a sombra.

"Ela está talvez por trás dos biombos, já dormindo. " Fiódor Pávlovitch retirou-se da janela. "É ela que ele espera, não está, pois, aqui; senão, por que olharia ele para a escuridão? É a impaciência que o devora. " Mítia voltou a observar. O velho estava sentado diante da mesa, visivelmente triste. Por fim, apoiou o cotovelo na mesa, com a face encostada à mão direita. Mítia olhava avidamente. "Sozinho, sozinho! Se ela estivesse aqui, estaria ele com outro ar. " Coisa estranha; experimentou de repente um despeito estranho pelo fato de não se encontrar ela ali. "O que me aborrece não é sua ausência, mas não saber a que me ater", explicava a si mesmo. Mais tarde, lembrou-se Mítia de que seu espírito estava então extraordinariamente lúcido e que se dava ele conta dos

mínimos detalhes. Mas a angústia provinda da incerteza crescia em seu coração. "Está ela aqui, sim ou não?" De súbito decidiu-se, estendeu o braço, bateu na janela. Duas pancadas levemente, depois três outras mais depressa: toc, toc, toc, sinal convencionado entre o velho e Smierdiákov, para anunciar que Grúchenhka tinha chegado. O velho estremeceu, ergueu a cabeça e correu para a janela. Mítia voltou para a sombra. Fiódor Pávlovitch abriu, inclinou-se.

— Grúchenhka, és tu? — perguntou ele, com voz trêmula. — Onde estás, minha querida, meu anjo, onde estás? — Bastante emocionado, ofegava.

"Sozinho. "

— Onde estás então? — repetiu o velho, com o busto debruçado para fora, a fim de olhar para todos os lados. — Vem cá, preparei um presente para ti, vem vê-lo!

"O envelope com os 3 000 rublos. "

— Mas onde estás então? Estás na porta? Vou abrir...

E Fiódor Pávlovitch arriscava-se a cair, olhando para a porta que dava para o jardim e escrutando as trevas. Ia certamente apressar-se em abrir a porta, sem esperar a resposta de Grúchenhka. Mítia não se moveu. A luz iluminava nitidamente o perfil detestado do velho, com seu pomo-de-adão, seu nariz recurvado, seus lábios sorrindo em voluptuosa expectativa. Uma cólera furiosa ferveu de súbito no coração de Mítia: "Eis o meu rival, o carrasco de minha vida!" Era um acesso irresistível, o arrebatamento de que falara a Aliócha, por ocasião de sua conversa no pavilhão, em resposta à sua pergunta: "Como podes dizer que matarás teu pai?"

"Não sei", dissera Mítia, "talvez matarei, talvez não. Temo não poder suportar seu rosto naquele momento. Odeio seu pomo-de-adão, seu nariz, seus olhos, seu sorriso impudente. Causa-me asco. Eis o que temo, não poderei conter-me... "

A aversão tornava-se intolerável. Mítia, fora de si, tirou de seu bolso o pilão de cobre.

"Deus me preservou naquele momento", dizia mais tarde Mítia; naquele momento, com efeito, Gregório, sofrendo, despertou. Antes de deitar-se, tinha tomado o remédio de que Smierdiákov falara a Ivã

Fiódorovitch. Depois de haver-se esfregado, ajudado por sua mulher, com vodca misturada a uma infusão secreta muito forte, bebeu o resto da droga, enquanto Marfa Ignátievna recitava uma prece. Ela também bebeu e, não tendo o hábito, adormeceu com um sono de chumbo, ao lado de seu marido. De repente, este despertou, refletiu um instante e, muito embora sentisse uma dor aguda nos rins, levantou-se e vestiu-se às pressas. Talvez se censurasse o dormir, estando a casa sem guarda num tempo tão perigoso. Smierdiákov, esgotado pela sua crise, jazia imóvel no quarto vizinho. Marfa Ignátievna não se movera; "está fatigada", pensou Gregório, depois de havê-la olhado, e saiu gemendo para o patamar. Quis somente lançar uma olhadela, não tendo forças para ir mais longe, tanto lhe doíam os rins e a perna direita. De súbito lembrou-se de que não havia fechado com chave a portinha do jardim. Era um homem meticuloso, escravo da ordem estabelecida e dos hábitos inveterados. Coxeando e com contorções de dor, desceu o patamar e dirigiu-se para o jardim. Com efeito, a porta estava escancarada. Entrou maquinalmente: acreditara avistar ou ouvir alguma coisa, mas, olhando para a esquerda, notou a janela aberta, onde ninguém se via. "Por que está aberta? Não se está mais no verão", pensou Gregório. No mesmo instante, bem à sua frente, a quarenta passos, uma sombra se deslocava rapidamente, alguém corria no escuro. "Meu Deus!", murmurou ele, e, esquecendo seu lumbago, pôs-se em perseguição do fugitivo. Tomou pelo caminho mais curto, conhecendo melhor o jardim que o outro. Este se dirigiu para o banheiro, contornou-o, lançou-se para o muro. Gregório não o perdia de vista enquanto corria e atingiu a paliçada no momento em que Dimítri a escalava. Fora de si, Gregório lançou um grito, avançou e agarrou-o por uma perna. Seu pressentimento não o enganara, reconheceu-o, era mesmo ele, "o execrável parricida".

— Parricida! — vociferou o velho, mas não disse mais nada e caiu como fulminado. Mítia saltou de novo para dentro do jardim e curvou-se sobre Gregório. Maquinalmente, desembaraçou-se do pilão, que caiu a dois passos no caminho, bem em evidência. Gregório tinha a testa a sangrar, Mítia tateou-a, ansioso por saber se rebentara o crânio do velho ou se o havia apenas entontecido com o pilão. O sangue morno jorrava, inundando seus dedos trêmulos. Tirou de seu bolso o lenço imaculado que tomara para ir à casa da Senhora Khokhlakova e aplicou-lho na cabeça, esforçando-se estùpidamente por estancar-lhe o sangue. O lenço ficou logo embebido. "Meu Deus, para que fiz isto? Como saber o que há... e que importa agora? O velho está liquidado; se o matei, tanto pior para

ele!", proferiu em voz alta. Então escalou a paliçada, saltou para o beco e se pôs a correr, metendo no bolso de sua sobrecasaca o lenço ensangüentado que apertava na sua mão direita. Alguns passantes lembraram-se mais tarde de ter encontrado naquela noite um homem que corria a bom correr. Dirigiu-se de novo para a Casa Morózova. Após a partida dele, Fiénia precipitara-se para a casa do porteiro, Nazar Ivânovitch, suplicando-lhe que "não mais deixasse o capitão entrar, nem hoje, nem amanhã". Posto ao corrente do que havia, o porteiro concordou, mas teve de subir à casa da proprietária, que o mandara chamar. Encarregou de substituí-lo seu sobrinho, um rapaz de vinte anos, recentemente chegado do campo, mas esqueceu-se de mencionar o capitão. O rapaz, que se lembrava das gorjetas dele, reconheceu-o e abriu-lhe a porta logo. Sorrindo, apressou-se em informá-lo, solicitamente, de que "Agrafiena Alieksándrovna não estava em casa".

— Onde está ela então, Prókhor? — E Mítia parou.

— Há duas noras que ela partiu para Mókroie com Timofiéi.

— Por quê?

— Não sei, para ir ter com um oficial que mandou um carro buscá-la.

Mítia precipitou-se como um louco para dentro da casa.

V

UMA DECISÃO SÚBITA

Fiénia achava-se na cozinha com sua avó, preparando-se para deitar-se. Fiando-se no porteiro, não tinham fechado a porta. Assim que entrou, Mítia agarrou Fiénia pela garganta.

— Imediatamente... dize-me com quem está ela em Mókroie — vociferou ele.

As duas mulheres lançaram um grito.

— Ai! Vou dizer-lhe, ai! caro Dimítri Fiódorovitch, dir-lhe-ei tudo, não ocultarei nada! — gaguejou Fiénia, apavorada. — Ela foi ver um oficial.

— Que oficial?

— O mesmo, o que a abandonou há cinco anos.

Dimítri largou Fiénia. Estava mortalmente pálido e sem voz, mas via-se pelo seu olhar que compreendera tudo a meias palavras, adivinhara até o mínimo detalhe. A pobre Fiénia, evidentemente, não podia dar-se conta disso. Permanecia assentada sobre a arca, toda trêmula, com os braços estendidos como para defender-se, sem um movimento. As pupilas dilatadas pelo pavor, fixava Mítia, que estava com as mãos ensangüentadas. Em caminho, devia tê-las levado ao rosto para enxugar o suor, porque a testa estava manchada, bem como a face direita. Fiénia estava a ponto de ter uma crise de nervos; a velha cozinheira olhava como uma louca, prestes a desmaiar. Dimítri sentou-se maquinai mente junto de Fiénia.

Seu pensamento vagava numa espécie de estupor. Mas tudo se explicava; estava ele ao corrente, a própria Grúchenhka lhe falara daquele oficial, bem como da carta recebida um mês antes. De modo que, desde um mês, aquela intriga se desenrolava sem que o soubesse, até a chegada desse novo pretendente, e não pensara nele. Como podia ser isso? Esta pergunta erguia-se diante dele como um monstro e gelava-o de pavor.

De súbito falou docemente a Fiénia, num tom caricioso, esquecendo-se de que acabava de aterrorizá-la e tratá-la mal. Pôs-se a interrogá-la, com uma precisão surpreendente no estado em que se encontrava. Se bem que Fiénia olhasse com estupor suas mãos ensangüentadas, respondeu com solicitude a cada uma de suas perguntas. Pouco a pouco passou mesmo ela a sentir prazer em expor-lhe todos os detalhes, não para entristecê-lo, mas como se quisesse de todo o coração prestar-lhe serviço. Contou-lhe a visita de Rakítin e Aliócha, enquanto ela estava de vigia, as palavras de despedida que sua patroa lhe mandara por Aliócha, a ele, Mítia, que devia "lembrar-se sempre de que ela o amara por uma pequena hora". Mítia sorriu e suas faces enrubesceram-se. Fiénia, em quem o medo dera lugar à curiosidade, arriscou-se a dizer-lhe:

— O senhor tem sangue nas mãos, Dimítri Fiódorovitch.

— Sim — disse ele, olhando-as distraidamente. Reinou prolongado silêncio. Seu terror de ainda há pouco passara, uma resolução inflexível possuía-o. Levantou-se com um ar pensativo.

— *Bárin,* que lhe aconteceu? — perguntou Fiénia, apontando-lhe para as mãos. Falava com comiseração, como a pessoa mais próxima dele

no seu pesar.

— É sangue, Fiénia, sangue humano. Meus Deus, por que tê-lo derramado?... Há uma barreira (olhava a moça como se lhe propusesse um enigma), uma barreira alta e de aspecto formidável, mas amanhã, ao nascer do sol, Mítia a transporá... Tu não compreendes, Fiénia, de que barreira se trata, não importa... amanhã saberás tudo... agora, adeus! Não serei um obstáculo, saberei retirar-me. Vive, minha adorada... tu me amaste uma hora. lembra-te sempre de Mítia Karamázov...

Saiu bruscamente, deixando Fiénia quase mais aterrorizada que havia pouco, quando se lançara ele contra ela.

Dez minutos depois, apresentou-se em casa de Piotr Ilitch Pierkhótin, o jovem funcionário a quem empenhara suas pistolas por 10 rublos.

Eram já 8 e meia da noite e Piotr Ilitch, depois de ter tomado chá, acabava de vestir sua sobrecasaca para ir jogar bilhar. Vendo Mítia e seu rosto manchado de sangue, exclamou:

— Meu Deus! Que tem o senhor?

— Nada — disse vivamente Mítia. — Vim desempenhar minhas pistolas. Obrigado. Estou com pressa, Piotr Ilitch, por favor, despacha-me logo.

Piotr Ilitch mostrava-se cada vez mais espantado. Mítia tinha entrado, com um maço de notas de banco na mão, segurando-as de maneira insólita, com o braço estendido, como para mostrá-las a todo mundo. Devia tê-las trazido assim pela rua, segundo o que contou depois o jovem criado que lhe abriu a porta. Eram cédulas de 100 rublos que ele segurava com seus dedos ensangüentados. Piotr Ilitch explicou mais tarde aos curiosos que era difícil avaliar a soma à primeira vista, podendo haver de 2 000 a 3 000 rublos. Quanto a Dimítri, "sem ter bebido, nem por isso se achava em seu estado normal, parecendo exaltado, bastante distraído e ao mesmo tempo absorto, como se meditasse, sem conseguir chegar a uma solução. Apressava-se, respondia com brusquidão, duma maneira estranha, tendo por momentos o ar alegre e de modo algum aflito".

— Mas que tem o senhor afinal? — gritou de novo, examinando-o com estupor, Piotr Ilitch. — Como pôde sujar-se dessa forma? Caiu? Olhe!

Levou-o para diante do espelho. À vista de seu rosto manchado, Mítia estremeceu, franziu as sobrancelhas.

— Diabos! Só faltava isto!

Passou as cédulas de sua mão direita para a esquerda e tirou vivamente seu lenço. Cheio de sangue coagulado, formava ele uma bola toda colada. Mítia atirou-o no chão.

— Com a breca! Não teria o senhor um pedaço de pano... para me limpar?

— Então não está ferido? Faria melhor lavando-se. Vou dar-lhe água.

— Perfeito... mas onde meterei isto? — e designava com embaraço o maço de cédulas, como se coubesse a Piotr Ilitch dizer-lhe onde pôr seu dinheiro.

— No seu bolso, ou então coloque em cima da mesa. Ninguém tocará nele.

— Em meu bolso? Ah! sim, está bem... Não, veja o senhor, tudo isso são besteiras! Em primeiro lugar, concluamos o caso das pistolas. Entrega-mas. Eis aqui o dinheiro... tenho extrema necessidade delas... e nem um minuto a perder.

E, destacando do maço a primeira cédula, estendeu-a ao funcionário.

— Não tenho troco. Não tem o senhor moeda?

— Não. (Como tomado duma dúvida, Mítia verificou algumas das cédulas.) São todas iguais... — E olhou de novo para Piotr Ilitch com olhar interrogador.

— Onde fez fortuna? — perguntou Piotr Ilitch. — Um instante, vou mandar meu criado à casa dos Plótnikovi. Fecham tarde, dar-nos-ao moedas. Ei! Micha! — gritou ele, no vestíbulo.

— Em casa dos Plótnikovi? Eis uma famosa idéia! — disse Mítia.

— Micha — continuou ele, dirigindo-se ao criado que acabava de entrar —, corre à casa dos Plótnikovi e dize-lhes que Dimítri Fiódorovitch os saúda e vai para lá agora mesmo. Escuta ainda: que eles me preparem champanha, três dúzias de garrafas, embaladas como quando fui a Mókroie... Comprei então quatro dúzias (dirigia-se a Piotr Ilitch), eles estão ao corrente, não te atormentes, Micha. E depois acrescentem queijo, pastéis de Strasburgo, salmões fumados, presunto, caviar, enfim, tudo quanto tenham lá, por cerca de 100 ou 120 rublos. Que não se esqueçam de pôr bombons, peras, duas ou três melancias, ou quatro, não, uma bastará,

chocolate, doce de cevada, caramelos, enfim, como da outra vez. Com o champanha deve orçar pelos 300 rublos. Não te esqueças de nada, Micha... é mesmo Micha que ele se chama? — perguntou a Piotr Ilitch.

— Espere — disse este, que o observava com inquietação. — Será melhor que o senhor mesmo vá lá, Micha se atrapalharia.

— Receio mesmo! Ora, Micha, e eu que queria dar-te um beijo pelo trabalho... se não te atrapalhares, haverá 10 rublos para ti, vai depressa... Que não se esqueçam do champanha, depois conhaque, vinho tinto e vinho branco e tudo como antes... Sabem o que havia.

— Escute, pois! — interrompeu Piotr Ilitch, impaciente desta vez. — Que o rapaz vá somente obter o troco e dizer que não fechem. O senhor mesmo irá fazer a encomenda. Dê sua cédula. Despacha-te, Micha!

Piotr Ilitch tinha pressa em despachar Micha, porque o rapaz estava de boca aberta diante do visitante, com os olhos esbugalhados, à vista do sangue e do maço de cédulas que tremia entre os dedos de Mítia, cujas instruções parecia não ter compreendido lá muito.

— E agora, vá lavar-se — disse bruscamente Piotr Ilitch. — Ponha o dinheiro em cima da mesa ou em seu bolso... Isto. Tire sua sobrecasaca.

Ajudando-o a tirar a sobrecasaca, exclamou de novo:

— Olhe, há sangue na sua sobrecasaca.

— Mas não. Somente um pouco na manga e depois aqui, no lugar do lenço... deve ter escorrido através do bolso, quando me sentei em cima de meu lenço, em casa de Fiénia — explicou Mítia com ar confiante. Piotr Ilitch escutava-o com as sobrancelhas contraídas.

— Bem arranjado está o senhor, deve ter-se batido — murmurou ele.

Segurava o jarro e ia derramando a água à medida. Na sua precipitação, Mítia lavava-se mal, suas mãos tremiam. Piotr Ilitch ordenou-lhe que ensaboasse e esfregasse mais. Tomara sobre Mítia uma espécie de ascendência que se afirmava cada vez mais. É de notar que esse rapaz não era nada medroso.

— Não limpou as unhas; agora lave o rosto, aqui, perto da têmpora, na orelha... É com essa camisa que vai partir? Aonde vai? Toda a manga direita está manchada.

— Sim, manchada — disse Mítia, examinando-a.

— Vista outra.

— Não tenho tempo. Mas olhe... — continuou Mítia sempre confiante, enxugando-se e tornando a vestir sua sobrecasaca. — Vou enrolar a manga da camisa assim, não a verão.

— Diga-me agora o que se passou. Bateu-se de novo no botequim, como da outra vez? Surrou de novo o capitão? — Piotr Ilitch evocava a cena num tom de censura. — Em quem bateu de novo... ou matou, talvez?

— Tolices!

— Como, tolices?

— Deixe isso — disse Mítia, que se pôs a rir. — Na praça, ainda há pouco, esmaguei uma velha.

— Esmagou? Uma velha?

— Um velho! — corrigiu Mítia, que fitou Piotr Ilitch rindo e gritando como se o outro fosse surdo.

— Que diabo! Um velho, uma velha... Matou alguém?

— Reconciliamo-nos, depois de havermos brigado. Deixamo-nos como bons amigos. Um imbecil... perdoou-me certamente, agora.... Se se tivesse levantado, não me teria perdoado — e Mítia piscou o olho. — Mas que vá ele para o diabo! Entendeu, Piotr Ilitch? Deixemos isso! Não quero falar disso neste momento! — declarou redondamente Mítia.

— Falo isto porque o senhor gosta de brigar com não importa quem... como naquela ocasião, por bagatelas, com aquele capitão. O senhor acaba de bater-se e vai agora cair na orgia! Eis seu caráter completo. Três dúzias de garrafas de champanha! Para que tamanha quantidade?

— Bravo! Dá-me agora as pistolas. O tempo urge. Gostaria bem de conversar contigo, meu caro, mas não tenho tempo. Aliás, é inútil, é tarde demais. Ah! onde está o dinheiro, que fiz dele? — Pôs-se a procurar nos bolsos.

— O senhor mesmo o colocou em cima da mesa... ei-lo. Tinha-se esquecido? O senhor parece não prestar atenção ao dinheiro. Eis suas pistolas. É estranho, às 5 horas o senhor as empenha por 10 rublos e agora tem o senhor quanto, 2 000, 3 000 rublos, talvez?

— Três, talvez — e Mítia riu, metendo as cédulas em seus bolsos.

— O senhor vai perdê-las desse jeito. Será dono de minas de ouro?

— De minas? De minas de ouro! — exclamou Mítia com todas as suas forças, desatando a rir. — Quer ir às minas, Pierkhótin? Há aqui uma senhora que lhe dará 3 000 rublos somente para que o senhor vá para lá. Deu-mos, a mim, tanta questão faz das minas! Conhece a Senhora Khokhlakova?

— De vista somente, mas já ouvi falar dela. Na verdade, foi ela quem o presenteou com esses 3 000 rublos? Assim, sem mais nem menos? — indagou Piotr Ilitch, olhando-o com desconfiança.

— Amanhã, quando o sol se levantar, quando Febo resplandecer eternamente jovem, vá à casa dela glorificando o Senhor e pergunte-lhe se ela mos deu ou não. Informe-se.

— Ignoro as relações entre os dois... já que o senhor se mostra tão afirmativo, devo necessariamente acreditar... Agora que o senhor está com o dinheiro, não é a Sibéria que o tenta... Seriamente, aonde vai o senhor?

— A Mókroie.

— A Mókroie? Mas já é noite.

— Tinha tudo, não tenho mais nada... — disse de repente Mítia.

— Como, mais nada? Tem milhares de rublos e não é mais nada?

— Não falo de dinheiro. Que o diabo o carregue! Falo do caráter das mulheres. "As mulheres têm o caráter crédulo, versátil, depravado. " Foi Ulisses quem o disse e com bastante razão.

— Não o compreendo.

— Estou então bêbado?

— Pior que isso.

— Moralmente bêbado, Piotr Ilitch, moralmente... E basta!

— Como? Carrega sua pistola?

— Carrego minha pistola.

Com efeito, tendo Mítia aberto a caixa, pegou pólvora, que derramou num cartucho. Antes de pôr a bala no cano, examinou-a à luz da vela.

— Por que examina essa bala? — perguntou Piotr Ilitch, intrigado.

— À toa. Uma idéia que me veio. Tu, se pensasses em meter uma bala no crânio, olhá-la-ias antes de pô-la na pistola?

— Por que olhá-la?

— Ela me atravessará o crânio, então isto me interessa: ver como é ela feita... Aliás, tolices, tudo isso. Está pronto — acrescentou ele, uma vez introduzida a bala e socada com estôpa. — Meu caro Piotr Ilitch, se soubesses como tudo isso é absurdo! Dá-me um pedaço de papel.

— Aqui está.

— Não, papel para escrever. Isto. — E Mítia, pegando uma pena, escreveu vivamente duas linhas, depois dobrou o papel em quatro e meteu-o no bolso do colete. Arrumou as pistolas na caixa, que fechou à chave e conservou na mão. Depois olhou Piotr Ilitch, sorrindo, com ar pensativo.

— Vamos, agora! — disse ele.

— Ir aonde? Não, espere... Então quer o senhor meter uma bala no crânio... — proferiu Piotr Ilitch, inquieto.

— Aquela bala? Tolices! Quero viver, amo a vida. Saiba-o. Amo o louro Febo e sua quente luz... Meu caro Piotr Ilitch, saberias afastar-te?

— Como assim?

— Deixar o caminho livre ao ser querido e aquele a quem odeias... querer bem mesmo àquele a quem odiasses... e dizer-lhes: Deus vos guarde! Ide, passai, e eu...

— E o senhor?

— Basta isto, vamos.

— Por Deus, vou contar tudo a alguém, para que o impeçam de partir — declarou Piotr Ilitch, fixando-o. — Que vai o senhor fazer em Mókroie?

— Há lá uma mulher, uma mulher, basta para ti, Piotr Ilitch, de explicações!

— Escute, se bem que seja o senhor violento, sempre me agradou... e estou inquieto.

— Obrigado, irmão. Sou violento, dizes. É verdade. Não faço senão

repetir a mim mesmo: violento! Ah! eis Micha, tinha-me esquecido dele.

Micha vinha chegando com um maço de dinheiro miúdo; anunciou que tudo ia bem em casa dos Plótnikovi: embalavam as garrafas, o peixe, o chá, tudo estaria pronto. Mítia pegou uma cédula de 10 rublos e entregou-a a Piotr Ilitch, atirando outra para Micha.

— Proíbo-lhe! Não quero isto em minha casa, estraga os criados. Poupe seu dinheiro, por que gastá-lo? Amanhã virá o senhor pedir-me 10 rublos. Por que põe sempre o dinheiro nesse bolso? Vai perdê-lo.

— Escuta, meu caro, vem a Mókroie comigo.

— Que irei fazer lá?

— Queres, vamos esvaziar uma garrafa, bebamos à vida! Tenho sede, quero beber contigo. Nunca bebemos juntos, não é mesmo?

— Pois bem, vamos ao botequim.

— Não tenho tempo para isso, mas vamos à casa dos Plótnikovi, num reservado de trás. Queres que te proponha um enigma?

— Faça-o.

Mítia tirou de seu colete o papelzinho e mostrou-o a Piotr Ilitch. Havia nele escrito visivelmente: "Castigo-me como expiação de minha vida inteira".

— Na verdade, vou contar tudo a alguém — disse Piotr Ilitch.

— Não ter ás tempo, meu caro, vamos beber.

A venda dos Plótnikovi — ricos comerciantes —, situada bem perto da casa de Piotr Ilitch (na esquina da rua), era a principal mercearia da nossa cidade. Encontrava-se lá de tudo, como não importa qual armazém da capital: vinho da adega dos irmãos Eliessieievi, frutas, charutos, chá, café, etc. Havia sempre três caixeiros e dois rapazinhos para recados. Nossa região empobreceu-se, os proprietários dispersaram-se, o comércio foi-se estancando, mas a mercearia prosperava cada vez mais, compradores não faltavam para suas mercadorias. Mítia estava sendo esperado com impaciência, pois era lembrado que, três ou quatro semanas antes, fizera ele encomendas para várias centenas de rublos pagos de contado (não lhas teriam entregue a crédito). Então, como hoje, tinha ele na mão um maço de dinheiro grosso que prodigava a torto e a direito, sem mercadejar, nem se inquietar com a quantidade de suas compras. Dizia-se

na cidade que na sua excursão a Mókroie com Grúchenhka "dissipara em um dia e uma noite 3 000 rublos e que voltara da festa sem vintém, tal como sua mãe o pusera no mundo". Contratara um grupo de ciganos que acampavam então em nossas paragens e aproveitaram de sua embriaguez para lhe subtrair dinheiro e beber sem controle vinhos caros. Contava-se, rindo, que em Mókroie oferecera ele champanha aos rústicos, dera bombons e pastéis de Strasburgo de presente a moças e mulheres do campo. Riam também entre nós, sobretudo no botequim (mas, por prudência, na ausência do interessado), da confissão pública de Mítia, de que o único favor que lhe valera aquela "escapada" com Grúchenhka fora "a permissão de beijar-lhe o pé, e nada mais".

Quando Mítia e Piotr Ilitch chegaram à venda, uma *tieliega* atrelada a três cavalos, com um tapete e guizos, esperava ali já, com o cocheiro Andriéi. Estavam acabando de arranjar uma caixa de mercadorias e só se esperava a chegada de Mítia para fechá-la e pô-la no lugar. Piotr Ilitch ficou admirado.

— Donde vem essa *tieliega?* — perguntou ele.

— Indo à tua casa, encontrei Andriéi e ordenei-lhe que viesse diretamente para aqui. Não há tempo a perder! Na derradeira vez, viajei com Timofiéi, mas hoje seguiu ele na minha frente com uma mágica. Andriéi, estaremos muito atrasados?

— Eles nos precederão de uma hora, quando muito — apressou-se em responder Andriéi, um cocheiro na força da idade, ruivo e seco. — Sei como vai Timofiéi, sua corrida não pode comparar-se com a nossa, Dimítri Fiódorovitch. Não terão uma hora de avanço!

— Cinqüenta rublos de gorjeta, se não passarmos de uma hora de atraso.

— Responda por isso, Dimítri Fiódorovitch.

Todo agitado, Mítia dava ordens de uma maneira estranha, sem seguimento. Piotr Ilitch achou oportuno intervir.

— Por 400 rublos, exatamente como da outra vez — ordenava Mítia. — Quatro dúzias de garrafas de champanha, nem uma de menos.

— Por que tal quantidade, para quê? Pare! — vociferou Piotr Ilitch. — Que contém essa caixa? Haverá aí coisas no valor de 400 rublos?

Os caixeiros, que se afanavam com entonações melífluas, explica-

ram-lhe imediatamente que não havia naquela primeira caixa senão meia dúzia de garrafas de champanha e "tudo quanto era preciso para começar", frios, bombons, etc. As principais "mercadorias" seriam expedidas à parte, como da outra vez, numa *tieliega* especial, puxada também por três cavalos, que chegaria "uma hora quando muito depois de Dimítri Fiódorovitch".

— Não mais de uma hora, e ponham o mais possível de bombons e caramelos; as moças de lá gostam disso — insistiu Mítia.

— Caramelos? Pois seja. Mas por que quatro dúzias de garrafas? Uma só basta — disse Piotr Ilitch, quase com cólera. Pôs-se a mercadejar, a exigir uma fatura, e não conseguia acalmar-se. Só salvou, porém, uma centena de rublos. Ficou-se de acordo que as mercadorias entregues só montariam a 300 rublos.

— Que o diabo os carregue! — exclamou ele, como que reconsiderando. — Que tenho eu com isso? Joga o dinheiro fora, se nada te custou!

— Vem cá, homem econômico, adianta-te, não te zangues! — E Mítia arrastou-o para o reservado do fundo da venda. — Vão servir-nos bebida. Piotr Ilitch, vem comigo, porque gosto dos rapazes gentis como tu.

Mítia sentou-se diante de uma mesinha coberta por uma toalha suja. Piotr Ilitch tomou lugar em face dele e trouxeram-lhes champanha. Perguntaram se os cavalheiros não queriam ostras, "as primeiras ostras recebidas bem recentemente".

— Ao diabo as ostras! Não gosto de ostras e aliás nada quero comer — respondeu grosseiramente Piotr Ilitch.

— Não há tempo para ostras — observou Mítia. — Aliás, estou sem apetite. Sabes, meu amigo, que jamais gostei da desordem?

— Mas quem gosta afinal? Misericórdia! Três dúzias de garrafas de champanha para os mujiques. É de causar indignação a qualquer um.

— Não é disto que quero falar, mas da ordem superior. Não existe em mim essa ordem... De resto, tudo está acabado, inútil afligir-se. É demasiado tarde. Toda a minha vida foi desordenada. É tempo de ordená-la. Faço trocadilhos, hein?

— Deliras, isto sim.

— "Glória ao Altíssimo na Terra, / Glória ao Altíssimo em mim!"

Estes versos escaparam-se um dia de minha alma, não são versos, são lágrimas... Eu mesmo os compus... Mas não quando arrastei o capitão pela barba.

— Por que falas do capitão?

— Por que falo? Tolice! Tudo acaba, tudo chega ao mesmo total.

— Tuas pistolas me perseguem.

— Tolices ainda! Bebe e deixa lá teus devaneios. Amo a vida, amei-a demais, até enjoar. Basta agora. Bebamos à vida, meu caro. Por que estou contente comigo mesmo? Sou vil, minha baixeza me atormenta, mas estou contente comigo mesmo. Abençôo a criação, estou pronto a abençoar Deus e suas obras, mas... ' é preciso destruir um inseto maligno, para impedi-lo de estragar a vida dos outros... Bebamos à vida, irmão! Que há de mais precioso? Bebamos também a uma bela rainha.

— Pois seja! Bebamos à vida e à tua rainha!

Esvaziaram um copo. Mítia, malgrado sua exaltação, estava triste. Parecia presa duma pesada preocupação.

— Micha... é Micha? Ei! meu caro, vem cá, bebe este copo em honra de Febo dos cabelos de ouro que se levantará amanhã,..

— Por que oferecer-lhe bebida? — exclamou Piotr Ilitch, irritado.

— Mas deixa, eu o quero.

— Ora!

Micha bebeu, cumprimentou e saiu.

— Ele se recordará mais tempo de mim. Uma mulher, amo uma mulher! Que é a mulher? A rainha da terra! Estou triste, Piotr Ilitch. Lembras-te de Hamlet? "Sinto-me triste, bem triste, Horácio... Ai! pobre Yorick!" Sou eu, talvez, Yorick. Justamente, sou agora Yorick e depois um crânio.

Piotr Ilitch escutava-o em silêncio; Mítia calou-se igualmente.

— Que cão é esse que tem aí? — perguntou com ar distraído ao caixeiro, ao notar, num canto, um lindo fraldiqueiro de olhos negros.

— É o fraldiqueiro de Varvara Alieksiéievna, nossa patroa — respondeu o caixeiro. — Ela esqueceu-o aqui, é preciso levá-lo à casa dela.

— Vi um semelhante... no regimento... — disse Mítia, com ar pensativo —, mas tinha uma pata traseira quebrada... Piotr Ilitch, queria perguntar-te: nunca roubaste?

— Por que essa pergunta?

— À toa... estás vendo? O bem alheio, o que se tira do bolso... Não falo do Tesouro Público, todo mundo o pilha, e tu também, decerto...

— Vai-te para o diabo!

— Nunca roubaste do bolso o porta-moedas de alguém?

— Roubei uma vez 20 copeques de minha mãe, quando tinha nove anos. Peguei-os de cima da mesa e escondi-os em minha mão.

— E depois?

— Levei uma surra de chicote, naturalmente. Mas tu, roubaste?

— Sim — confessou Mítia, piscando o olho com ar malicioso.

— E que foi?

— Vinte copeques de minha mãe. Tinha nove anos. Restituí-lhos ao fim de três dias. — E levantou-se.

— Dimítri Fiódorovitch, é preciso apressar-se — gritou Andriéi na porta da venda.

— Está tudo pronto? Partamos! Ainda uma palavra e... a Andriéi um copo de vodca, depois conhaque, imediatamente! Esta caixa (com as pistolas) debaixo do assento. Adeus, Piotr Ilitch, não guardes má lembrança de mim.

— Mas voltas amanhã?

— Absolutamente.

— O senhor quer pagar? — interveio o caixeiro.

— Pagar? Mas decerto!

Tirou de novo de seu bolso um maço de notas, atirou três sobre o balcão e saiu. Todos o acompanharam cumprimentando-o e desejando-lhe boa viagem. Andriéi, enrouquecido por causa do conhaque que acabava de tomar, montou no assento. Mas, no momento em que Mítia se instalava, Fiénia ergueu-se diante dele. Acorria resfolegante, juntou as mãos e

lançou-se a seus pés:

— *Bátiuchka,* Dimítri Fiódorovitch, não ponha a perder minha ama! E eu que tudo lhe contei!... Não lhe faça mal, a ele, é o seu primeiro amor. Voltou da Sibéria para casar-se com Agrafiena Alieksándrovna... Não destrua uma vida!

— Ah! ah! ah! Eis o que é a coisa! — murmurou Piotr Ilitch. — Vai haver banzé lá! Agora compreendo tudo. Dimítri Fiódorovitch, dá-me imediatamente tuas pistolas, se queres ser um homem, entendes?

— Minhas pistolas? Espera, meu caro, lançá-las-ei num charco, na estrada. Fiénia, levanta-te, não fiques a meus pés. Doravante Mítia, esse tolo, não porá mais ninguém a perder. Escuta, Fiénia — gritou ele, uma vez sentado —, eu te ofendi ainda há pouco, perdoa-me... Se recusares, tanto pior, nada para mim tem importância agora! A caminho, Andriéi, e depressa!

Andriéi fez seu chicote estalar, a sinêta tilintou.

— Até a vista, Piotr Ilitch! Para ti, minha derradeira lágrima! "Ele não está embriagado, e no entanto quantas pataratas ele solta!",

pensou Piotr Ilitch. Tinha intenção de ficar para fiscalizar a expedição do resto das provisões, suspeitando de que iriam enganar Mítia, mas, de súbito, zangado consigo mesmo, cuspiu e foi jogar bilhar.

— É um imbecil, mas um bom rapaz — dizia a si mesmo, a caminho. — Ouvi falar desse "antigo" oficial de Grúchenhka. Se ele chegou... Ah! aquelas pistolas! Mas que diabo? Serei mentor dele? À vontade! Aliás, não acontecerá nada, cão que ladra não morde. Uma vez embriagado, bater-se-ão, depois reconciliar-se-ão. São homens de ação. Que é isso de: "eu me afasto, eu me castigo"; não haverá nada! Estando bêbado, no botequim, falou vinte vezes neste estilo. Agora, está "bêbado moralmente". Serei seu mentor? Sem dúvida alguma deve ter-se batido, todo o seu rosto está ensangüentado. Com quem? Informar-me-ei no botequim. E seu lenço cheio de sangue... Ora essa, ficou em minha casa, no chão... ora bolas!

Chegou ao botequim de muito mau humor e começou logo uma partida, o que teve por efeito desanuviá-lo. Jogou outra e contou que Dimítri Karamázov estava de novo com dinheiro, aí uns 3 000 rublos, que ele próprio vira. Partira de novo para Mókroie para farrear com Grúchenhka. Seus ouvintes escutaram-no com curiosidade e ar sério.

Deixou-se mesmo de jogar.

— Três mil rublos? Onde os teria arranjado?

Fizeram-lhe perguntas. A notícia de que aquele dinheiro provinha da Senhora Khokhlakova foi acolhida com ceticismo.

— Não teria ele roubado o velho?

— Três mil rublos! É duvidoso.

— Gabou-se em voz alta de que mataria seu pai, todos aqui o ouviram. Falava justamente de 3 000 rublos...

Piotr escutava e tornou-se de súbito lacônico em suas respostas. Não disse uma palavra a respeito do sangue que havia no rosto e nas mãos de Mítia, coisa a respeito da qual, ao chegar ali, tinha intenção de falar. Começou-se terceira partida, e pouco a pouco a conversação desviou-se de Mítia. Quando ela terminou, Piotr Ilitch não teve mais vontade de jogar, pousou o taco e partiu, sem cear, como havia projetado. Na praça, parou perplexo, pensando em ir diretamente à casa de Fiódor Pavlovitch para se informar se havia acontecido alguma coisa. "Por uma bagatela irei despertar a casa e fazer escândalo. Que diabo, serei mentor dele?"

Já voltava para sua casa em muito má disposição de ânimo, quando de repente se lembrou de Fiénia: "Diabos! Deveria tê-la interrogado ainda há pouco — pensou ele, cheio de despeito —, saberia tudo". Sentiu bruscamente uma impaciência e um desejo tão vivos de lhe falar e de informar-se que, a meio do caminho, desviou-se para a casa da Senhora Morózova, onde morava Grúchenhka. Chegado ao portão, bateu e a pancada que ressoou na noite desembriagou-o, ao mesmo tempo que o irritava. Ninguém respondeu, todo mundo dormia na casa. "Vou fazer escândalo!", pensou com mal-estar; mas, longe de ir-se embora, bateu com mais força. O barulho ressoou por toda a rua. "Não poderão deixar de abrir-me!", dizia a si mesmo, exasperado contra si próprio, enquanto redobrava seus golpes.

VI

SOU EU QUEM CHEGA

E Dimítri Fiódorovitch voava para Mókroie. A distância era de 20

verstas aproximadamente; porém os cavalos galopavam de maneira a transpô-la em uma hora e um quarto. A rapidez da corrida refrescou Mitia. O ar era vivo; o céu, estrelado. Era a mesma noite, talvez a mesma hora, em que Aliócha, caído em terra, "jurava com arrebatamento amá-lo sempre". A alma de Mítia sentia-se perturbada e malgrado sua ansiedade não tinha pensamento naquele instante senão para seu ídolo, que queria rever pela derradeira vez. Nem um minuto seu coração hesitou. Crer-se-á dificilmente/ que esse ciumento não sentisse ciúme algum daquela personagem nova, daquele rival que surgia bruscamente. O mesmo não se daria para com não importa qual outro, no sangue do qual talvez mergulhasse suas mãos, mas contra o primeiro amante dela não sentia ele no momento nem ódio ciumento nem mesmo animosidade; é verdade que ainda não o havia visto. "É o direito incontestável deles, é o seu primeiro amor, que ela não esqueceu após cinco anos; ela não amou senão a ele, pois, durante todo o tempo. Por que me vim meter eu de través? Que venho fazer aqui? Afasta-te, Mítia, deixa a estrada livre! Aliás, tudo está acabado agora, mesmo sem esse oficial... "

Eis em que termos teria ele podido exprimir suas sensações, se tivesse podido raciocinar. Mas era incapaz. Sua resolução nascera espontaneamente, fora concebida, adotada com todas as suas conseqüências às primeiras palavras de Fiénia. No entanto, sentia uma perturbação dolorosa: a resolução não lhe dera calma. Demasiadas recordações o atormentavam. Por momentos, isso lhe parecia estranho; ele mesmo escrevera sua sentença: "Castigo-me e expio". O papel estava em seu bolso, a pistola, carregada; decidira acabar amanhã aos primeiros raios de "Febo dos cabelos de ouro". Entretanto, não podia romper com o passado que o acabrunhava, sentia-o dolorosamente e essa idéia desesperava-o. Teve um momento vontade de mandar Andriéi parar, de descer da *tieliega,* de pegar sua pistola e de acabar de uma vez, sem esperar o dia. Mas foi apenas um relâmpago. Os cavalos "devoravam o espaço", e, à medida que se aproximava do objetivo, somente a idéia dela o possuía cada vez mais e bania de seu coração os pensamentos fúnebres. Desejava tanto vê-la, fosse apenas de passagem e de longe! "Verei como está ela agora com ele, seu primeiro amor; nada mais quero. " Jamais sentira tanto amor por aquela mulher fatal, um sentimento tão novo e nunca experimentado, que ia até a imploração, até o desaparecimento dela! "E eu desaparecerei!", proferiu ele de súbito, numa espécie de êxtase.

Havia quase uma hora que rodavam. Mítia mantinha-se calado e

Andriéi, mujique falador no entanto, não dissera uma palavra, como se temesse falar, limitando-se a estimular sua atrelagem baia, magra, mas fogosa. De súbito, Mítia exclamou com viva inquietação:

— Andriéi, e se estiverem dormindo? Até então não pensara nisso.

— Pode muito bem acontecer, Dimítri Fiódorovitch.

Mítia franziu o cenho. Acorria ele com tais sentimentos... e dormiam... ela também, talvez com ele... A cólera ferveu no seu coração.

— Chicoteia, Andriéi, vivamente!

— Talvez não estejam ainda deitados — sugeriu Andriéi, após um silêncio. — Ainda há pouco Timofiéi dizia que havia numerosa companhia.

— Na posta?

— Não, na hospedaria, em casa dos Plastunovi.

— Sei. Como é isso? Uma numerosa companhia? Quem são? Esta notícia inesperada inquietava bastante Mítia.

— Segundo Timofiéi, são todos homens: dois da cidade, ignoro quais, depois dois forasteiros, parece, e talvez mais algum outro. Parece que estão jogando baralho.

— Baralho?

— Então talvez não durmam ainda. Devem ser 11 horas, quando muito.

— Chicoteia, Andriéi, chicoteia — repetiu nervosamente Mítia.

— Tenho uma coisa a perguntar-lhe — continuou Andriéi ao fim dum momento —, mas receio zangá-lo, *bárin.*

— Que queres?

— Ainda há pouco Fiedóssia Márkovna suplicou-lhe de joelhos que não fizesse mal à sua patroa e a um outro... então, como o estou levando para lá... Perdoe-me, senhor, digo isso em consciência, mas talvez seja uma tolice.

Mítia segurou-o bruscamente pelos ombros.

— És cocheiro, não?

— Sim.

— Então sabes que é preciso deixar o caminho livre. Julgas, por acaso, que um cocheiro não deve dar lugar a ninguém, esmagar os outros para passar? Não, cocheiro, não é preciso esmagar as pessoas, não é preciso estragar a vida alheia; se o fizeste, se destruíste a vida de alguém, castiga-te, desaparece!

Mítia falava no cúmulo da exaltação. Malgrado seu espanto, Andriéi prosseguiu a conversa.

— É verdade, Dimítri Fiódorovitch, o senhor tem razão, não é preciso atormentar ninguém, nem nenhum animal, porque são criaturas de Deus, como o cavalo, por exemplo. Há cocheiros que martirizam seu animal sem razão, nada os detém, correm infernalmente desabalados para...

— O inferno? — interrompeu Mítia com uma brusca explosão de riso. — Andriéi, alma simplória — e agarrou-o de novo pelos ombros —, dize-me: Dimítri Fiódorovitch Karamázov irá para o inferno, na tua opinião?

— Não sei, isso depende do senhor... Veja: quando o Filho de Deus morreu na cruz, foi direito ao inferno e livrou todos os danados. E o inferno gemeu ao pensar que não chegariam mais pecadores. E o Senhor disse então ao inferno: "Não gemas, inferno, hospedarás grandes senhores, intendentes, juizes, ricaços, e estarás de novo cheio como sempre o estiveste, até que eu volte". Tais foram suas palavras...

— Eis uma bela lenda popular! Chicoteia o cavalo da esquerda, Andriéi!

— Eis, senhor, aqueles a quem está destinado o inferno; quanto ao senhor, nós o vemos como uma criança... E, se bem que seja violento, o Salvador perdoá-lo-á por causa de sua simplicidade.

— E tu, Andriéi, me perdoas?

— Mas que hei de perdoar-lhe? O senhor não me fez nada.

— Não, por todos; tu só, pelos outros, agora, na estrada, perdoas-me? Fala, alma simples!

— Oh! senhor! Faz medo conduzi-lo, sua conversa é estranha... Mas Mítia não ouviu. Rezava com exaltação.

— Senhor, recebe-me, na minha iniqüidade, mas não me julgues. Deixa-me entrar sem julgamento, porque eu mesmo me condenei, não me julgues, porque eu te amo, meu Deus! Sou vil, mas amo-te: no inferno mesmo, se para lá me enviares, proclamarei meu amor por toda a eternidade. Mas deixa-me acabar de amar... aqui embaixo... ainda cinco horas, até o nascer de teu sol... Porque eu amo a rainha de minha alma, não posso impedir-me de amá-la. Tu me vês todo inteiro. Cairei de joelhos diante dela... 'Tu tens razão", dir-lhe-ei, "em prosseguir teu caminho... Adeus, esquece tua vítima, não tenhas nenhuma inquietação!"

— Mókroie! — gritou Andriéi, mostrando a aldeia com seu chicote. Através da escuridão lívida aparecia a massa negra das construções que se estendiam por uma distância considerável. A aldeia de Mókroie contava 2 000 almas, mas àquela hora todos dormiam, somente raras luzes furavam a escuridão.

— Depressa, Andriéi, depressa, estou chegando! — exclamou Mítia, como em delírio.

— Não estão dormindo! — disse de novo Andriéi, apontando para a hospedaria dos Plastunovi, situada à entrada e cujas seis janelas para a rua estavam iluminadas.

— Não dormem! Faze barulho, Andriéi, vai a galope, faze tilintar os guizos. Que toda a gente saiba quem chega! Sou eu em pessoa! — exclamou Mítia, cada vez mais excitado.

Andriéi pôs os seus cavalos em galope e chegou barulhentamente ao pé do patamar, onde parou a atrelagem estafada. Mítia saltou em terra. Justamente naquele momento o dono da hospedaria, que ia deitar-se, teve a curiosidade de olhar quem chegava com tanto estardalhaço.

— És tu, Trifon Borísovitch?

O dono debruçou-se, olhou, desceu vivamente, obsequioso e encantado.

— *Bátiuchka,* Dimítri Fiódorovitch, o senhor aqui, de novo?

Esse Trifon Borísovitch era um latagão baixo e gordo, robusto, de rosto um pouco balofo, ar severo e implacável, sobretudo com os mujiques de Mókroie, mas sabendo tomar rapidamente a expressão mais obsequiosa, quando farejava uma pechincha. Usava a camisa russa, de gola dobrada; tinha recursos, mas só sonhava em elevar-se. Mantinha a

metade dos mujiques em suas garras, todos ali pelos arredores lhe deviam. Alugava terras dos proprietários rurais, ele mesmo as comprava e mandava lavrá-las pelos mujiques em pagamento de suas dívidas, das quais jamais conseguiam eles libertar-se. Era viúvo e tinha quatro filhas; uma, já viúva, vivia em casa de seu pai com seus dois filhos de pequena idade, e trabalhava para ele como criada. A segunda estava casada com um funcionário cuja fotografia, minúscula, de uniforme e com dragonas, se via, entre outras, na hospedaria. As duas mais moças, por ocasião da festa comunal ou para fazer visitas, punham vestidos azul-celestes ou verdes, em moda, com uma cauda de 1 *archin,* mas, no dia seguinte, já de pé desde o nascer do dia, como de costume, varriam os quartos, carregavam água, limpavam o lixo deixado pelos viajantes. Apesar de já ter feito um apreciável pé-de-meia, Trifon Borísovitch gostava bem de espoliar os farristas. Lembrava-se de que, um mês antes, o rega-bofe de Dimítri Fiódorovitch com Grúchenhka lhe proporcionara, em um dia, mais de 200 rublos, se não 300, e acolhia-o agora com alegre solicitude, farejando nova pechincha, somente pelo jeito com que Mítia chegara ao patamar.

— *Bátiuchka,* Dimítri Fiódorovitch, temo-lo de novo por aqui?

— Um instante, Trifon Borísovitch! Em primeiro lugar, onde está ela?

— Agrafiena Alieksándrovna? — adivinhou logo o hospedeiro, lançando-lhe um olhar penetrante. — Está aqui...

— Com quem? Com quem?

— Viajantes... Um funcionário, que deve ser polonês, segundo sua maneira de falar. Foi ele que a mandou buscar; o outro, seu camarada ou seu companheiro de viagem, quem sabe? Estão à paisana...

— Bem, estão farreando? São ricaços?

— Qual farra! Não grande coisa, Dimítri Fiódorovitch.

— Não grande coisa? E os outros?

— Dois senhores da cidade que pararam de volta de Tchermachniá. O mais moço é um parente do Senhor Miúsov, esqueci seu nome... O senhor deve conhecer o outro, o proprietário rural Maksímov, que foi em peregrinação ao mosteiro dos senhores.

— Ninguém mais?

— Ninguém mais.

— Basta, Trifon Borísovitch. Dize-me agora, que está ela fazendo?

— Acaba de chegar, está com eles.

— Está alegre? Ri?

— Não, não muito... Parece mesmo aborrecer-se. Passava a mão nos cabelos do mais jovem.

— O polonês, o oficial?

— Mas não é jovem, nem oficial. Não nos dele, nos cabelos do sobrinho de Miúsov... esqueci seu nome.

— Kolgánov?

— Justamente, Kolgánov.

— Está bem, verei. Estão jogando baralho?

— Jogaram, depois tomaram chá. O funcionário pediu licores.

— Basta, Trifon Borísovitch, basta, meu caro, decidirei eu mesmo. Há ciganos?

— Não se ouve mais falar em ciganos, Dimítri Fiódorovitch, as autoridades expulsaram-nos. Mas há judeus que tocam citara e violino. Mesmo a esta hora pode-se mandá-los buscar.

— É preciso mandá-los buscar, absolutamente. E as moças, pode-se acordá-las, Maria sobretudo, Stiepanida, Arina. Duzentos rublos para o coro!

— Mas por esta soma farei acordar a vila inteira, se bem que durmam agora. Aliás, vale a pena tratar dessa forma os mujiques e as moças? Gastar o dinheiro com tais brutos! Sabe lá o nosso mujique apreciar esses charutos que tu lhe dás. Fede, o patife. Quanto às moças, todas têm piolhos. Prefiro mandar, gratuitamente, que minhas filhas, que acabam de deitar-se, levantem. Acordá-las-ei a pontapés e cantarão para ti. E dizer-se que o senhor ofereceu champanha aos mujiques!

Trifon Borísovitch não tinha razão de queixar-se de Mítia. Da outra vez, surripiara-lhe meia dúzia de garrafas de champanha e guardara uma cédula de 100 rublos apanhada debaixo da mesa.

— Trifon Borísovitch, gastei aqui mais de 1 000 rublos, lembras-te?

— Decerto, como esquecê-lo. O senhor deixou bem uns 3 000 rublos em nossa casa.

— Pois bem! Chego com outro tanto, desta vez, olha.

E pôs sob o nariz do hospedeiro seu maço de notas de banco.

— Escuta e presta bem atenção. Dentro de uma hora chegarão vinho, provisões, bombons; será preciso levar tudo isso lá para cima. Da mesma forma, a caixa que está no carro; abram-na imediatamente e sirvam o champanha... Sobretudo, que haja moças e Maria, sobretudo.

Tirou de sob o assento a caixa das pistolas.

— Eis teu pagamento, Andriéi! Quinze rublos pela corrida e 50 para beber... pelo teu devotamento. Lembra-te do *bárin* Karamázov!

— Tenho medo, *bárin*... — E Andriéi hesitou. — Cinco rublos de gorjeta bastam, não aceitarei mais. Trifon Borísovitch será testemunha. Perdoe-me minhas tolas palavras...

— De que tens medo? — Mítía olhou-o de alto a baixo. — Vai-te para o diabo, então! — gritou ele, atirando-lhe 5 rublos. — Agora, Trifon Borísovitch, conduze-me de mansinho até onde possa ver sem ser visto. Onde estão eles, no quarto azul?

Trifon Borísovitch olhou Mítia, apreensivo, mas tratou de obedecer-lhe documente; levou-o ao vestíbulo, entrou para uma sala contígua àquela em que se encontravam as pessoas referidas e dela retirou a vela. Depois introduziu Mítia ali e colocou-o num canto donde podia observar à vontade o grupo, que não o via. Mas Mítia não pôde olhar por muito tempo; avistou Grúchenhka, seu coração pôs-se a bater, sua vista perturbou-o. Estava ela numa poltrona, perto da mesa. Ao lado dela, no divã, o jovem e belo Kolgánov; segurava a mão dele e ria, enquanto, sem olhá-la, falava ele com ar zangado a Maksímov, sentado em frente da jovem mulher. No divã, ele; numa cadeira, ao lado, outro desconhecido. O que se refestelava no divã fumava cachimbo; era um homem corpulento, de rosto largo, de baixa estatura, ar carrancudo. Seu companheiro pareceu a Mítia de estatura bastante elevada; mas não pôde ver mais, faltava-lhe o fôlego. Não ficou nem um minuto, depositou o estôjo sobre a cômoda e, com o coração desfalecente, entrou no quarto azul.

— Ai! — gemeu com terror Grúchenhka, que foi a primeira a avistá-lo.

VII

PRIMEIRO E INDISCUTÍVEL

Mítia aproximou-se a grandes passos da mesa.

— Senhores — começou ele em voz alta, mas gaguejando a cada palavra —, eu... não é nada, não tenham medo! Não é nada — disse ele, voltando-se para Grúchenhka, que, inclinada para o lado de Kolgánov, se agarrava a seu braço —, eu... também viajo. Ir-me-ei de manhã. Senhores, será permitido a um viajante... ficar convosco neste quarto, até de manhã somente?

Estas últimas palavras dirigiam-se à personagem obesa sentada no divã. Este retirou gravemente seu cachimbo dos lábios e disse num tom severo:

— *Pánie,* [34] estamos aqui na intimidade. Há outros quartos.

— É o senhor, Dimítri Fiódorovitch? Que faz por aqui? — exclamou Kolgánov. — Tome lugar, seja bem-vindo!

— Boa noite, caro amigo... e incomparável! Sempre o estimei... — replicou Mítia com alegre solicitude, estendendo-lhe a mão por cima da mesa.

— Ai! como o senhor aperta! Partiu-me os dedos — disse Kolgánov, rindo.

— Ele aperta sempre assim, é sua maneira — observou alegremente Grúchenhka, com um sorriso tímido. Compreendera pelo ar de Mítia que ele não faria barulho e observava-o com uma curiosidade misturada de inquietude. Alguma coisa nele feria-lhe a atenção; aliás, ela não esperava tal atitude da parte dele.

— Boa noite — disse num tom melífluo o proprietário rural Maksímov.

Mítia voltou-se para ele.

— Boa noite, ei-lo também aqui, isto me causa prazer. Senhores, senhores, eu... (Dirigiu-se de novo ao *pan* do cachimbo, tomando-o como a

---

[34] *Vocativo de* pan, *senhor, em polonês.*

principal personagem.) Quis passar minhas derradeiras horas neste quarto... onde adorei minha rainha!... Perdoe-me, *pánie!* Acorri e prestei juramento... Oh! não tenhais medo, é minha derradeira noite! Bebamos amigavelmente, *pánie!* Vão servir-nos vinho... Trouxe isto. (Tirou do bolso seu maço de cédulas.) Quero música, barulho, como da outra vez... Mas o verme inútil que se arrasta pelo chão vai desaparecer! Relembrar-me-ei de um dia de alegria em minha derradeira noite.

Sufocava; teria querido dizer muitas coisas, mas não proferia senão estranhas exclamações. O *pan* impassível olhava vez a vez Mítia, seu maço de notas e Grúchenhka; parecia perplexo.

— Se minha rainha consentir... — começou ele.

— Senta-te, Mítia — interrompeu Grúchenhka. — Que é que contas? Não me faças medo, rogo-te. Tu o prometes? Então tua presença me causa prazer...

— Eu, fazer medo? — exclamou Mítia, levantando os braços. — Oh — passai, passai! Não sou nenhum obstáculo!... — De súbito, sem que ninguém o esperasse, deixou-se cair sobre uma cadeira e desfez-se em lágrimas, com a cabeça voltada para a parede e agarrando-se ao espaldar.

— Ora essa, mas que tens? — disse Grúchenhka, num tom de censura. — Ia visitar-me dessa forma, não compreendia eu nenhuma de suas palavras. Uma vez, pôs-se a chorar, agora isso recomeça. Que vergonha! Por que choras? Se houvesse pelo menos motivo para isso!

— acrescentou ela, com ar enigmático, apoiando as derradeiras palavras.

— Eu... eu não choro... Vamos, boa noite! — Voltou-se e pôs-se a rir, mas não como de costume, e sim com um riso nervoso que o abalava.

— A coisa continua... Fica, pois, mais alegre! Estou muito contente por teres vindo, Mítia, estás ouvindo? Muito contente. Quero que ele fique conosco — disse ela, imperiosamente, dirigindo-se ao que se encontrava no divã. — Quero-o, e se ele se retirar também ir-me-ei embora! — acrescentou, com os olhos cintilantes.

— Os desejos de minha rainha são ordens! — declarou o *pan,* beijando a mão de Grúchenhka. — Rogo ao *pan* que se junto a nós! — disse ele, gentilmente, a Mítia. Este levantou-se na intenção de proferir nova tirada, mas faltou-lhe a palavra e disse somente:

— Bebamos, *pánie!* Todos puseram-se a rir.

— Meu Deus, pensava que ele ia fazer novo discurso — disse Grúchenhka. — Estás ouvindo, Mítia? Fica tranqüilo. Fizeste bem em trazer champanha, bebê-lo-ei, não posso suportar licores. Mas foi ainda melhor teres vindo tu mesmo; o aborrecimento aqui é enorme... Vieste farrear? Esconde teu dinheiro no bolso! Onde encontraste tudo isso?

As cédulas que Mítia mantinha amarfanhadas na mão atraíam a atenção, sobretudo a do polonês. Mítia meteu-as rapidamente em seu bolso e corou. Nesse momento, trouxe o hospedeiro numa bandeja uma garrafa desarrolhada e copos. Mítia agarrou a garrafa, mas estava tão confuso que não soube o que fazer. Foi Kolgánov quem encheu os copos em lugar dele.

— Outra garrafa! — gritou Mítia para o hospedeiro e, esquecendo-se de bater os copos com o *pan* que havia tão solenemente convidado a beber, esvaziou seu copo sem esperar. Sua fisionomia mudou logo. Em lugar da expressão solene e trágica que tinha ao entrar, tornou-se ela infantil. Pareceu humilhar-se e rebaixar-se. Olhava todo mundo com uma alegria tímida, com pequenos risos nervosos e o ar reconhecido dum cãozinho em falta, mas que reentra em graça. Parecia ter esquecido tudo e ria todo o tempo, olhando Grúchenhka, de quem se aproximara. Depois examinou também os dois poloneses. O do divã surpreendeu-o pelo seu ar digno, seu tom e sobretudo seu cachimbo. "Pois bem, então? Fuma cachimbo, perfeitamente!", pensou Mítia. O rosto um tanto enrugado do *pan* quase quadragenário, seu nariz minúsculo enquadrado por bigodes encerados que lhe davam um ar impertinente, pareceram perfeitamente naturais a Mítia. Até mesmo sua malfeita peruca, confeccionada na Sibéria e que lhe cobria estupídamente as têmporas, não lhe causou espanto: "Deve convir-lhe", disse a si mesmo. O outro *pan,* mais jovem, sentado perto da parede, olhava os presentes com ar provocante, escutava a conversa num silêncio desdenhoso; só surpreendeu Mítia pela sua estatura bastante elevada, contrastando com a do *pan* sentado no divã. Pensou também que aquele gigante deveria ser o amigo e o acólito do *pan* do cachimbo, como que seu guarda-costas, e que o pequeno comandava sem dúvida o grande. Mas tudo isso parecia natural e indiscutível a Mítia. O cãozinho não tinha mais nem sombra de ciúme. Não havia ainda nada compreendido do tom enigmático de Grúchenhka, compreendia somente que ela se mostrava graciosa para com ele e lhe havia "perdoado". Via-a beber, pasmando-se de prazer. Contudo, o silêncio geral chamou-lhe a atenção e se pôs a

examinar todos os presentes com ar interrogador: "Que fazemos? Por que não começais nada, senhores?", parecia dizer seu olhar.

— Eis um que sabe dizer piadas, todos nós rimos — disse Kolgánov apontando para Maksímov, como se tivesse adivinhado o pensamento de Mítia.

Mítia observou-os uns após outros.

— Piadas? — e rebentou em seu riso breve e seco. — Ah! ah! ah!

— Sim. Imagine que acha ele que todos os nossos cavaleiros se casaram, em 1820, com polonesas; é absurdo, não é?

— Polonesas? — replicou Mítia, encantado.

Kolgánov compreendia bastante bem as relações de Mítia com Grúchenhka, adivinhava as do *pan,* mas isto não lhe interessava, somente Maksímov o preocupava. Foi por acaso que viera com ele parar naquela hospedaria onde travara conhecimento com os poloneses. Fora Uma vez à casa de Grúchenhka, a quem não agradara. Agora, mostrara-se ela acariciadora para com ele, antes da chegada de Mítia, mas permanecia ele insensível. Com vinte anos, elegantemente trajado, tinha Kolgánov um rosto gentil, com belos cabelos louros, encantadores olhos azuis de expressão pensativa e por vezes superior à sua idade, se bem que tivesse por momentos modos infantis, o que de modo algum o constrangia. Em geral, era bastante original e até mesmo caprichoso, mas sempre meigo. Por vezes, tomava seu rosto uma expressão concentrada; olhava para a gente e nos escutava, parecendo ao mesmo tempo absorvido num sonho interior. Ora mostrava-se mole e indolente, ora agitava-se pela causa mais fútil.

— Imagine que há quatro dias que o arrasto atrás de mim — prosseguiu Kolgánov, pesando um pouco as palavras, mas sem nenhuma fatuidade. — Foi depois que seu irmão Ivã o repeliu do carro, o senhor deve lembrar-se. Interessei-me então por ele e levei-o ao campo, mas ele vive a dizer piadas, tanto que faz até vergonha. Levo-o de volta...

— O cavalheiro não viu as senhoras polonesas e diz coisas que não aconteceram — observou o *pan* do cachimbo.

— Mas fui casado com uma polonesa — replicou Maksímov, rindo.

— Sim, mas serviu na cavalaria? Era dela que o senhor falava. É cavalariano? — interveio Kolgánov.

— Ah! sim, é ele cavalariano? Ah! ah! — gritou Mítia, que era todos ouvidos e fixava cada interlocutor como se esperasse Deus sabe o quê.

— Não, vê o senhor? — Maksímov voltou-se para ele. — Quero falar daquelas *pánienki*... assim que uma delas dança uma mazurca com um ulano nosso, salta-lhe sobre os joelhos como uma gata branca... sob os olhos e com o consentimento do papai e da mamãe... No dia seguinte o ulano vai pedi-la em casamento... e pronto... ih! ih! ih!

— O *pan* é um canalha — resmungou o *pan* de elevada estatura, cruzando as pernas. Mítia não notou senão sua enorme bota engraxada, de sola espessa e suja. Aliás, os dois poloneses estavam bastante mal trajados.

— Ora, já vem o nome de canalha! Por que injuriar? — disse Grúchenhka, irritada.

— *Páni* Agripina, o *pan* conheceu na Polônia moças de classe baixa e não moças nobres.

— Podes afirmá-lo! — disse desdenhosamente o *pan* de pernas compridas.

— Não faltava mais que isso! Deixem-no falar! Por que impedir que as pessoas falem? É divertido — replicou Grúchenhka.

— Não impeço ninguém, *páni* — observou o *pan* de peruca com um olhar expressivo; depois disso pôs-se de novo a fumar.

— Não, não, o *pan* disse a verdade. — Kolgánov esquentou-se de novo, como se se tratasse dum negócio importante. — Maksímov não foi à Polônia. Como pode, pois, falar dela? Casou-se o senhor na Polônia?

— Não, foi na província de Smolensk. Minha futura fora a princípio levada lá por um ulano, escoltada por sua mãe, por uma tia e por uma parenta com um filho grande, poloneses puro-sangue... e ele cedeu-ma. Era um tenente, um rapaz bastante gentil. Queria a princípio casar com ela, mas desistiu, porque ela era coxa...

— Então o senhor casou-se com uma coxa? — exclamou Kolgánov.

— Sim. Ambos me dissimularam a coisa. Eu acreditava que ela saltitava.... mas que era de alegria...

— Á alegria de 'casar com o senhor? — gritou Kolgánov, com voz sonora.

— Perfeitamente. Mas era por um motivo completamente diferente. Uma vez casados, na mesma noite do casamento, ela me confessou tudo e pediu perdão. Saltando um charco, quando menina, quebrou uma perna, ih! ih! ih!

Kolgánov soltou uma risada infantil e deixou-se cair sobre o divã. Grúchenhka também ria. Mítia achava-se no cúmulo da felicidade.

— Sabe de uma coisa? Ele está dizendo a verdade agora, não mente mais — disse Kolgánov a Mítia. — Foi casado duas vezes, é de sua primeira mulher que fala; a segunda fugiu de casa e vive ainda, sabia-o?

— Deveras? — disse Mítia, voltando-se para Maksímov com um ar muito espantado.

— Sim, tive essa contrariedade, ela fugiu com um *mussiê.* Havia previamente feito transferir minhas propriedades para ele. "És um homem instruído", dizia-me ela, "sempre acharás com que comer. " Depois largou-me. Respeitável eclesiástico dizia-me um dia a esse respeito: "Se tua primeira mulher era coxa, a segunda tinha pé muito ligeiro". Ih! ih! ih!

— Escutem aqui — disse vivamente Kolgánov —, se ele mente, e isto acontece-lhe por vezes, é unicamente para causar prazer; não há baixezas nisso, não é mesmo? Gosto dele por vezes. É vil, mas franco. Que pensam disso? Qualquer outro se envilece por interesse, mas ele, é o seu natural... Imaginem, por exemplo, que ele pretende que Gogól o pôs em cena em *Almas Mortas.* Devem lembrar-se de que se vê no livro o proprietário rural Maksímov chicoteado por Nózdriov, que é processado "por ofensa pessoal ao proprietário Maksímov, com chicote, achando-se em estado de embriaguez". Pretende tratar-se dele próprio e que foi chicoteado. Será possível? Tchitchikov viajava cerca de 1830, quando muito, de modo que as datas não combinam. Não pode ter ele sido chicoteado então.

A excitação de Kolgánov, difícil de explicar, nem por isso deixava de ser sincera. Mítia tomava seu partido.

— Afinal de contas, fizeram bem se o chicotearam! — disse ele, rindo.

— Não é que me chicotearam propriamente, mas algo parecido — interveio Maksímov.

— Como assim? Fôste ou não chicoteado?

— Que horas são, *pánie?* — perguntou com ar de aborrecimento o

pan do cachimbo ao *pan* das pernas compridas. Este ergueu os ombros; nenhum deles tinha relógio.

— Deixem então que os outros falem! Se os senhores se aborrecem, não é razão para impor silêncio a todo mundo — disse Grúchenhka, com ar agressivo. Mítia começava a compreender. O *pan* respondeu desta vez com visível irritação:

— *Páni,* não me oponho, não disse nada.

— Está bem, continua — gritou ela a Maksímov. — Ror que se calam todos?

— Mas não há nada a contar, são tolices — continuou Maksímov com satisfação e com gestos um tanto afetados. — Em Gogól, tudo isso é alegórico, porque seus nomes são todos simbólicos: Nózdriov não era Nózdriov, mas Nósov; quanto a Kuvchínikov, este já nem tinha semelhança alguma, porque se chamava Chkvórniev. Fenardi chamava-se mesmo assim, somente não era um italiano, mas um russo, Pietrov; a Senhorita Fenardi era bonita na sua roupa de banho, com sua saia curta de lantejoulas, e desfilou bem, mas não quatro horas, apenas quatro minutos... e encontrou toda gente.

— Mas por que te chicotearam? — berrou Kolgánov.

— Por causa de Piron.

— Que Piron? — perguntou Mítia.

— Ora, o célebre escritor francês, Piron. Tínhamos bebido, em numerosa companhia, num botequim, naquela mesma feira. Tinham-me convidado e me pus a citar epigramas: "És tu, Boileau? Que roupa engraçada tens!" Boileau responde que vai ao baile de máscaras, isto é, ao banho, ih! ih! ih! E eles tomaram isso como se fosse para si próprios. Tratei logo de citar outro epigrama, mordaz e bem conhecido das pessoas instruídas:

Ês Safo, sou Faón, concordo, Mas para meu grande pesar, Do mar não sabes o caminho.

"Sentiram-se ainda mais ofendidos, e puseram-se a dizer-me desaforos; por desgraça, pensando arranjar as coisas, contei-lhes como Piron, que não foi recebido na Academia, mandou gravar no seu túmulo este epitáfio para se vingar:

Aqui jaz Piron, sem valia, Nem mesmo foi da Academia.

"Então agarraram-me e chicotearam-me. "

— Mas por quê? por quê?

— Por causa de meus conhecimentos. Há muitos motivos pelos quais se pode açoitar um homem — concluiu sentenciosamente Maksímov.

— Basta, é idiota, estou mais que farta. E pensei que seria engraçado! — interrompeu Grúchenhka. Mítia apressou-se em deixar de rir. O *pan* de pernas compridas levantou-se e se pôs a andar dum lado para outro, com o ar arrogante de um homem que se aborrece numa companhia que não é a sua.

— Como ele anda! — disse Grúchenhka, com ar de desprezo. Mítia inquietou-se; além do mais tinha notado que o *pan* do cachimbo olhava-o com irritação.

— *Pánie* — exclamou ele —, bebamos! — Convidou também o outro que passeava e encheu três copos com champanha.

— À Polônia, *pánowie!* Bebo à vossa Polônia!

— Com muito gosto, *pánie,* bebamos — disse o *pan* de cachimbo com ar importante, mas afável.

— E o outro *pan* também. Como se chama ele?... Tome um copo, ilustríssimo.

— *Pan* Vrubliévski[35] — disse o outro.

Pan Vrubliévski aproximou-se da mesa, bamboleando-se.

— À Polônia, *pánowie,* viva! — gritou Mítia, erguendo seu copo. Entrechocaram os copos. Mítia encheu de novo os três copos,

— Agora, à Rússia, *pánowie,* e sejamos irmãos.

— Serve-nos também — disse Grúchenhka. — Quero brindar à Rússia.

— Eu também — disse Kolgánov.

— E então, então — apoiou Maksímov —, beberei à velha vovòzinha.

---

[35] *Literalmente: interesseiro. Nome forjado. De* rubi, *rublo.*

— Todos, todos! — gritou Mítia. — Patrão, uma garrafa! Trouxeram as três garrafas que restavam.

— À Rússia, viva!

Todos beberam, exceto os *pánowie.* Grúchenhka esvaziou seu copo dum gole.

— E então, *pánowie,* é assim que sois?

Pan Vrubliévski pegou seu copo, ergueu-o e disse com voz aguda:

— À Rússia, nos seus limites de 1772![36]

— Muito bem! — aprovou o outro *pan.* Ambos esvaziaram seus copos.

— Sois uns imbecis, *pánowie!* — disse bruscamente Mítia.

— *Pánie!* — exclamaram os dois poloneses, eretos como gaios. *Pan* Vrubliévski, sobretudo, estava indignado.

— Não posso amar o meu país? — gritou.

— Silêncio! Nada de brigas! — gritou imperiosamente Grúchenhka, batendo com o pé. Tinha o rosto vermelho, os olhos cintilantes. O efeito do vinho fazia-se sentir. -Mítia ficou com medo.

— *Pánowie,* perdoem. É culpa minha. *Pan* Vrubliévski, não o farei mais!...

— Mas cala-te afinal, senta-te, imbecil! — apostrofou-o Grúchenhka. Todos se sentaram e ficaram calados.

— Senhores, sou a causa de tudo! — continuou Mítia, que nada compreendera do repente de Grúchenhka. — Pois bem! que vamos fazer... para divertir-nos?

— Com efeito, a gente se aborrece aqui — disse, displicentemente, Kolgánov.

— Se jogássemos baralho, como ainda há pouco... ih! ih! ih!

— Baralho? Boa idéia! — aprovou Mítia. — Se os *pánowie* consentirem.

---

[36] *Antes da partilha e anexação da Polônia.*

— *Pozno, pánie* — respondeu de mau-humor o *pan* do cachimbo.

— É verdade — apoiou *pan* Vrubliésvki.

— *Pozno?* Que quer dizer *pozno?* — Perguntou Grúchenhka.

— Quer dizer que já é tarde, *páni* — explicou o *pan* do divã.

— Para ele sempre é tarde. Sempre acha tudo impossível — quase gritou, zangada, Grúchenhka. — Que tristes convivas! Destilam aborrecimento e querem impô-lo aos outros. Antes de tua chegada, Mítia, estavam todos calados, fazendo-se de orgulhosos.

— Minha deusa — replicou o *pan* do cachimbo —, dizes a verdade. É tua frieza que me torna triste. Estou pronto, *pánie* — disse, voltando-se para Mítia.

— Começa, *pánie* — disse Mítia, destacando de seu maço duas cédulas de 100 rublos que colocou em cima da mesa. — Quero fazer-te ganhar muito dinheiro. Pega as cartas e mantém a banca!

— O baralho deve ser o do patrão — disse gravemente o *pan* baixinho.

— Será o melhor — aprovou *pan* Vrubliévski.

— O baralho do patrão, pois seja! Está muito bem, *pánowie!* Cartas! O hospedeiro trouxe um baralho lacrado e anunciou a Mítia que

as moças reuniam-se, que os judeus chegariam em breve, mas que a *tieliega* das provisões ainda não chegara. Mítia correu logo ao quarto vizinho para dar ordens. Havia somente três moças e Maria não estava lá ainda. Não sabia bem o que fazer e ordenou apenas que fossem distribuídos com as moças as guloseimas e bombons da caixa. — E vodca para Andriéi — acrescentou. — Eu o ofendi.

Foi então que Maksímov, que o havia seguido, tocou-lhe no ombro, cochichando:

— Dê-me 5 rublos. Gostaria de jogar também, ih! ih! ih!

— Perfeitamente. Aqui estão 10. Se perderes, torna a procurar-me...

— Muito bem — murmurou Maksímov, que tornou a entrar na sala. Mítia voltou pouco depois e pediu desculpas por ter-se feito esperar. Os *pánowie* já haviam tomado lugar e deslacrado o baralho, com ar muito mais amável e quase gentil. O *pan* do divã, que estava fumando outra

cachimbada, preparava-se para baralhar as cartas. Seu rosto tinha algo de solene.

— Aos seus lugares, *pánowie* — exclamou *pan* Vrubliévski.

— Não quero mais jogar — observou Kolgánov. — Já perdi 50 rublos ainda há pouco.

— O *pan* foi infeliz, mas a sorte pode mudar — insinuou o *pan* do cachimbo.

— Quanto possui a banca? — perguntou Mítia.

— Talvez 100 rublos, *pánie,* talvez 200. Tanto quanto queiras apostar.

— Um milhão! — disse Mítia, rindo.

— O capitão talvez tenha ouvido falar de *pan* Podvisótski.

— Que Podvisótski?

— Em Varsóvia, a banca agüenta todas as apostas. Chega Podvisótski, vê milhares de moedas de ouro, joga contra a banca. O banqueiro diz: "*Pánie* Podvisótski, jogas com ouro, ou sob palavra?" "Sob palavra, *pánie*", diz Podvisótski. "Tanto melhor. " O banqueiro corta e Podvisótski junta as moedas de ouro. "Espera, *pánie*", diz o banqueiro. Abre uma gaveta e dálhe 1 milhão: "Toma, eis tua conta!" A banca era de 1 milhão. "Ignorava-o", disse Podvisótski. "*Pan* Podvisótski", disse o banqueiro, "ambos jogamos sob palavra. " Podvisótski pegou o milhão.

— Não é verdade — disse Kolgánov.

— *Pan* Kolgánov, entre pessoas decentes não se fala assim.

— É assim que um jogador polonês dará 1 milhão! — exclamou Mítia, mas logo se conteve. — Perdão, *pánie,* não tenho razão de novo. Certamente dará ele 1 milhão sob palavra de honra, a honra polonesa. Eis 10 rublos no valete.

— E eu 1 rublo na dama de copas, na bonitinha *pánienxa* — declarou Maksímov, e, como para dissimulá-lo aos olhares, aproximou-se da mesa e fêz por baixo um sinal-da-cruz. Mítia ganhou, o rublo também.

— Dobro! — gritou Mítia.

— E eu, ainda 1 rublinho, um simples rublinho — murmurou beatificamente Maksímov, encantado por haver ganho.

— Perdido! — gritou Mítia. — Dobro!

— Perdeu de novo.

— Pare — disse, de súbito, Kolgánov.

Mítia dobrava sempre sua parada, mas perdia a cada jogada. E os "rublinhos" ganhavam sempre.

— Perdeste 200 rublos, *pánie.* Será que apostas ainda? — perguntou o *pan* do cachimbo.

— Como, já 200? Pois seja, ainda 200! — E Mítia ia colocar as notas sobre a dama, quando Kolgánov cobriu-a com a mão.

— Basta! — gritou ele, com sua voz sonora.

— Que tem o senhor? — perguntou Mítia.

— Basta, não quero! O senhor não jogará mais.

— Por quê?

— Porque não. Pare, vá-se embora! Não o deixarei jogar mais. Mítia olhava-o com espanto.

— Deixa, Mítia, ele talvez tenha razão; já perdeste muito — proferiu Grúchenhka, num tom singular. Os dois *pánowie* levantaram-se com ar muito ofendido.

— Está brincando, *pánie?* — perguntou o mais baixo, fixando severamente Kolgánov.

— Como ousa o senhor? — disse arrebatadamente, por sua vez, Vrubliévski.

— Nada de gritos, nada de gritos! Ah! os galos-da-índia! — exclamou Grúchenhka.

Mítia olhava a uns e a outros sucessivamente: algo o impressionou no rosto de Grúchenhka, ao mesmo tempo que uma idéia nova e estranha lhe vinha ao espírito.

— *Páni* Agripina! — começou ô *pan* baixinho, rubro de cólera. De repente, Mítia aproximou-se dele e bateu-lho no ombro.

— Excelência, duas palavras.

— Que deseja, *pánie?*

— Vamos ao quarto vizinho. Dir-te-ei duas palavras que irão agradar-te.

O *pan* baixinho admirou-se e olhou Mítia, apreensivo; mas consentiu imediatamente, com a condição de que o *pan* Vrubliévski o acompanharia.

— É teu guarda-costas? Pois seja, que venha ele também, sua presença é, aliás, necessária... Vamos, *pánowie!...*

— Aonde vão? — perguntou Grúchenhka, inquieta.

— Voltaremos agora mesmo — respondeu Mítia. Seu rosto exprimia a resolução e a coragem, tinha um ar bem diferente daquele de uma hora antes, à sua chegada. Conduziu os *pánowie* não à peça à direita, onde se reunia o coro, mas a um quarto de dormir, repleto de malas, de arcas, com dois grandes leitos e uma montanha de travesseiros. A um canto, uma vela ardia sobre uma mesinha. O *pan* e Mítia instalaram-se frente a frente e *pan* Vrubliévski ao lado deles, com as mãos atrás das costas. Os poloneses tinham ar severo, mas intrigado.

— Em que posso servi-lo, senhor? — murmurou o mais baixo.

— Serei breve, *pánie.* Aqui tenho dinheiro — e exibiu seu maço de cédulas. — Se queres 3 000 rublos, toma-os e vai-te embora.

O *pan* olhava-o atentamente.

— Três mil, *pánie?* — Trocou um olhar com Vrubliévski.

— Três mil, *pánowie,* 3 000! Escuta, vejo que és um homem ajuizado. Toma 3 000 rublos e vai-te para o diabo com Vrubliévski, ouviste? Mas imediatamente, agora mesmo e para sempre! Sairás por esta porta. Levarei teu sobretudo ou tua peliça. Atrelarão para ti uma tróica, e boa noite, hein?

Mítia esperava a resposta com segurança. O rosto do *pan* tomou uma expressão das mais decididas.

— E os rublos?

— Aqui, estão, *pánie:* 500 rublos como sinal, imediatamente, e 2 500 amanhã na cidade. Juro pela minha honra que os terás, ainda que fosse preciso arrancá-los de baixo da terra!

Os poloneses trocaram novo olhar. O rosto do mais baixo tornou-se hostil.

— Setecentos, 700 imediatamente! — acrescentou Mítia, sentindo

que a coisa ia atrapalhar-se. — Pois bem, *pánie,* não me acreditas? Não posso dar-te os 3 000 rublos duma vez. Voltarias amanhã para junto dela. Aliás, não os tenho comigo, estão na cidade — balbuciou Mítia, perdendo coragem a cada palavra. — Palavra de honra, num esconderijo...

Vivo sentimento de amor-próprio brilhou no rosto do *pan* baixinho.

— É tudo quanto queres? — perguntou, ironicamente. — Fora! Que vergonha! — E cuspiu. *Pan* Vrubliévski imitou-o.

— Tu cospes, *pánie* — disse Mítia, desolado Dor causa de seu fracasso —, porque pensas tirar vantagem de Grúchenhka. Sois, todos dois, uns idiotas!

— Isto me ofende profundamente! — disse o *pan* baixinho, vermelho como uma lagosta e, no cúmulo da indignação, saiu do quarto com Vrubliévski, que se bamboleava. Mítia seguiu-os, todo confuso. Temia Grúchenhka, pressentindo que o *pan* iria queixar-se. Foi o que aconteceu. Com um ar teatral, plantou-se diante de Grúchenhka e repetiu:

— *Páni* Agripina, fui profundamente ofendido!

Mas Grúchenhka, como que queimada ao vivo, perdeu a paciência e gritou, vermelha de cólera:

— Fala russo, nem uma palavra de polonês! Falavas russo outrora. Tê-lo-ias esquecido em cinco anos?

— *Páni* Agripina...

— Chamo-me Agrafiena, sou Grúchenhka! Fala russo, se queres que te escute!

O *pan,* sufocado, gaguejou com ênfase, estropiando as palavras:

— *Páni* Agrafiena, vim para esquecer o passado e tudo perdoar até este dia...

— Perdoar como? Foi para perdoar que vieste? — interrompeu Grúchenhka, que se levantou.

— Isto mesmo, *páni,* porque tenho coração generoso. Mas tive grande surpresa vendo teus amantes. *Pan* Mítia ofereceu-me 3 000 rublos para que eu me vá embora. Cuspi-lhe na cara.

— Como? Ele te oferecia dinheiro por mim? É verdade, Mítia? Ousaste-o? Estou, pois, à venda?

— *Pánie, pánie* — disse Mítia —, ela é pura e jamais fui seu amante! Mentiste...

— Como ousas defender-me diante dele? Não foi por virtude que me conservei pura, nem por temor de Kuzmá, era para ter o direito de tratar de miserável esse homem. Recusou ele deveras teu dinheiro?

— Pelo contrário, aceitava-o; somente queria os 3 000 rublos imediatamente e eu só lhe dava 700 rublos de entrada.

— Está claro; soube que tenho dinheiro, eis por que quer casar comigo.

— *Páni* Agripina, sou um cavalheiro... sou... um nobre polonês e não um vagabundo! Vim para casar contigo, mas não encontro mais a mesma *páni,* a de hoje é uma teimosa e desavergonhada.

— Volta para donde vens! Vou mandar pôr-te para fora daqui! Tola que fui por atormentar-me durante cinco anos! Mas não era por causa dele que me atormentava, era o meu rancor que eu acarinhava. Aliás, meu amante não era isso. Parece mais o pai dele! Onde encomendaste uma peruca? O outro ria, cantava, era um falcão, mas tu não passas de uma galinha molhada! E eu que passei cinco anos em lágrimas, ó tola criatura!

Recaiu sobre a poltrona e ocultou seu rosto nas mãos. Naquele momento, no quarto vizinho, o coro das moças, afinal reunido, entoou uma ousada canção dançável.

— Isto é uma Sodoma! — gritou *pan* Vrubliévski. — Patrão, ponha para fora essas desavergonhadas!

O hospedeiro, que esperava desde muito tempo na porta, adivinhando pelos gritos que estavam a brigar, entrou sem demora.

— Que berros são esses? — apostrofou ele Vrubliévski.

— Animal!

— Animal? Com que cartas estavas jogando ainda há pouco? Dei-te um baralho novinho. Que fizeste dele? Empregaste cartas falsas! Isso podia levar-te à Sibéria, sabes tu? Porque equivale a passar moeda falsa... — Indo ao divã, pôs a mão entre o espaldar e unia almofada, retirando dali o baralho lacrado.

— Ei-lo, o meu baralho, intato. — Elevou-o no ar e mostrou-o aos assistentes. — Vi-o operar e substituir suas cartas pelas minhas. És um

velhaco e não um *pan*.

— E eu vi o outro *pan* trapacear duas vezes! — disse Kolgánov.

— Ah! que vergonha, que vergonha! — Grúchenhka juntou as mãos, corando. — Meu Deus, que homem ele se tornou!

— Bem o imaginava! — disse Mítia.

Então, *pan* Vrubliévski, confuso e exasperado, gritou para Grúchenhka, ameaçando-a com o punho:

— Rameira!

Mítia já se havia lançado sobre ele; agarrou-o, ergueu-o e carregou-o num abrir e fechar de olhos até o quarto onde tinham estado antes.

— Larguei-o no soalho! — anunciou, ao voltar, resfolegante. — Debate-se o canalha, mas não voltará!... — Fechou um dos batentes da porta e, mantendo o outro aberto, gritou para o *pan* baixinho:

— Excelência, não gostaria de fazer-lhe companhia? Rogo-lhe...

— Mítri Fiódorovitch — disse Trifon Borísovitch —, retoma deles teu dinheiro então! É como se eles te houvessem roubado.

— Faço-lhes presente de meus 50 rublos — disse Kolgánov.

— E eu dos meus 200. Que isto lhes sirva de consolação!

— Bravo, Mítia! Que grande coração! — gritou Grúchenhka num tom em que vibrava viva irritação.

O *pan* baixinho, rubro de cólera, mas que nada perdera de sua dignidade, dirigiu-se para a porta; de repente parou e disse a Grúchenhka:

— *Páni,* se queres seguir-me, vem, se não, adeus!

Gravemente, sufocado de indignação e de amor-próprio ferido, saiu. Sua vaidade era extrema; mesmo depois do que se passara, esperava ainda que a *páni* o seguiria. Mítia fechou a porta.

— Fecha-os — disse Kolgánov. Mas a fechadura rangeu do lado deles. Tinham-se fechado eles próprios.

— Bravo! — gritou Grúchenhka, com raiva implacável. — Assim é que deve ser!

VIII

DELÍRIO

Começou então quase uma orgia, uma festa de arromba. Grúchenhka foi a primeira a pedir bebida:

— Quero embriagar-me como da outra vez, lembras-te, Mítia, quando nos conhecemos!

Mítia delirava quase, pressentia "sua felicidade". Aliás, Grúchenhka afastava-o de seu lado a cada instante:

— Vai divertir-te, dize-lhes que dancem e se divirtam como da outra vez!

Estava superexcitada. O coro se reunia no quarto vizinho. Aquele em que se achavam era exíguo, separado em duas partes por uma cortina de chita da Índia, por trás da qual um imenso leito com um edredão e uma montanha de travesseiros. Todos os quartos de aparato daquela casa possuíam um leito. Grúchenhka instalou-se à porta; era dali que olhava o coro e as danças, por ocasião do primeiro festim deles. As mesmas moças encontravam-se, ali os judeus com seus violinos e suas cítaras tinham chegado, bem como a famosa *tieliega* com as provisões. Mítia movimentava-se no meio de toda aquela gente. Homens e mulheres acorriam, despertados e farejando um rega-bofe enorme, como um mês antes. Mítia cumprimentava e beijava os conhecidos, servindo de beber a quem chegava. Somente as moças apreciavam o champanha, os mujiques preferiam o rum e o conhaque, sobretudo o ponche. Mítia ordenou que preparassem chocolate para as moças e conservassem ferventes a noite inteira três samovares para oferecer chá e ponche a quantos os quisessem. Em suma, uma pândega extravagante começou. Mítia sentia-se ali no seu elemento e animava-se à medida que a desordem aumentava. Se um mujique lhe tivesse então pedido dinheiro, teria tirado seu maço de notas e distribuído à direita e à esquerda sem contar. Eis sem dúvida por que, a fim de preservar Mítia, o dono da casa, Trifon Borísovitch, que renunciara a deitar-se naquela noite, quase não o deixava. Não bebia (um copo de ponche ao todo), velando, cuidadosamente, à sua maneira, pelos interesses de Mítia. Quando se tornava preciso, detinha-o, afetuosa e servilmente, e pregava-lhe um sermão, impedindo-o de distribuir como "da outra vez" aos mujiques "charutos, vinho do Reno" e, Deus nos guarde,

dinheiro. Indignava-se ao ver as moças comerem bombons e bebêrem licores.

— Estão cheias de piolhos, Mítri Fiódorovitch; meter-lhes-ia de bom grado o pé em certo lugar, isto seria mesmo fazer-lhes honra. Mítia lembrou-se de Andriéí e mandou levar-lhe ponche: "Ofendi-o ainda há pouco", repetia com voz enternecida. Kolgánov recusou a princípio beber e o coro lhe desagradou muito, mas, depois de ter absorvido dois copos de champanha, tornou-se bastante alegre e achou tudo perfeito, os cantos e a música. Maksímov, satisfeito e meio bêbado, não o deixava. Grúchenhka, a quem o vinho subia à cabeça, apontava Kolgánov a Mítia: "Que rapaz gentil!" E Mítia corria a beijar todos dois. Pressentia muitas coisas; ela não lhe dissera nada ainda de semelhante e retardava o momento; por vezes somente lançava-lhe um olhar cheio de ardor. De repente, pegou-lhe na mão e fê-lo sentar-se ao lado dela.

— Que chegada a tua ainda há pouco! Tive tanto medo! Querias ceder-me a ele, não é? É verdade?

— Não queria perturbar a tua felicidade. Ela, porém, não o escutava.

— Está bem, vai, diverte-te, não chores, eu te chamarei de novo. Deixou-o, voltou a escutar as canções, a olhar as danças, enquanto

o acompanhava com o olhar; ao fim de um quarto de hora, tornou a chamá-lo.

— Fica aqui, conta-me, como soubeste de minha partida, quem foi o primeiro a informar-te?

Mítia começou seu relato desordenadamente, duma maneira incoerente, por vezes franzia as sobrancelhas e parava.

— Que tens? — perguntava-lhe ela.

— Nada. Deixei lá embaixo um doente. Para que ele fique curado, para saber que ficará curado, daria dez anos de minha vida!

— Deixa-o tranqüilo, esse teu doente. Então querias matar-te amanhã, bobinho, por quê? Gosto dos desmiolados, como tu — murmurou ela, com a voz um tanto pastosa. — Então estás disposto a tudo por minha causa, não é? E querias deveras matar-te amanhã? Espera, dir-te-ei talvez uma palavrinha... não hoje, amanhã. Quererias hoje? Não, não quero... Vai divertir-te.

Uma vez, no entanto, ela o chamou com ar preocupado.

— Por que estás triste? Porque estás triste, vejo-o — acrescentou ela, com os olhos fitos nos dele. — Por mais que beijes os mujiques e te movimentes, bem o percebo. Uma vez que estou alegre, fica alegre também... Amo alguém aqui... adivinha quem! Olha, ele adormeceu, o coitado, está bêbado.

Falava de Kolgánov, que estava embriagado, com efeito, e dormitava em cima do divã. Mas, de parte a embriaguez, sentia ele tristeza ou, como dizia, "tédio". As canções das moças, que se tornavam por demais lascivas e licenciosas, à medida que bebiam, tinham acabado por aborrecê-lo. O mesmo com as danças; duas moças, disfarçadas de urso, eram "exibidas" por Stiepanida, uma mocetona armada dum cacete. "Entusiasmo, Maria", gritava, "se não, toma cuidado!" Finalmente, os ursos rolaram no soalho duma maneira indecente, com explosões de gargalhadas dum público grosseiro.

— Que se divirtam, que se divirtam! — disse sentenciosamente Grúchenhka, num ar extasiado. — É o dia deles. Por que não haveriam de divertir-se?

Kolgánov olhava com ar de desgosto:

— Como são baixos esses costumes populares! — observou, afastando-se. Ficou sobretudo chocado por uma canção "nova", com um estribilho alegre, em que um *bárin* em viagem interrogava as moças:

O bárin *às moças perguntou: Gostam de mim, gostam de mim, meninas?* Mas estas acham que não podem amá-lo: *O* bárin *me surraria E eu dele não gostaria.* Depois foi a vez de um cigano, que não é mais feliz: *O cigano há de roubar E eu lágrimas derramar.* Outras personagens desfilam, fazendo a mesma pergunta, até um soldado, repelido com desprezo:

O soldado levará Seu saco e eu atrás... Seguia-se um verso dos mais cínicos, cantado abertamente e que fazia furor entre os ouvintes. Acabava-se pelo comerciante: *O mercador às moças perguntou: Gostam de mim, gostam de mim, meninas?* Dele, elas gostam muito porque

O mercador será rico E eu dona de tudo fico. Kolgánov zangou-se:

— Só falta nessa canção um ferroviário ou um judeu para fazer perguntas às moças. Garanto que ganhariam para todos.

Quase ofendido, declarou que se entediava, sentou-se no divã e

adormeceu. Seu rosto gentil, um pouco empalidecido, repousava sobre a almofada.

— Olha como ele é belo — disse Gruchenhka a Mítia. — Passei-lhe a mão pelos cabelos, dir-se-ia linho...

E, inclinando-se sobre ele, beijou-lhe com ternura a testa. Kolgánov abriu logo os olhos, olhou-a, ergueu-se, perguntou com ar preocupado:

— Onde está Maksímov?

— Eis o que lhe faz falta! — Gruchenhka pôs-se a rir. — Fica comigo um minuto. Mítia, vai procurar o Maksímov dele.

Maksímov não largava as moças, exceto para ir beber licores. Já bebêra duas xícaras de chocolate. Estava com o nariz escarlate, os olhos úmidos e ternos. Aproximou-se e declarou que ia dançar *A Tamanqueira.*

— Na minha infância ensinaram-me essas danças mundanas...

— Vai com ele, Mítia, eu o verei dançar daqui.

— Eu também vou olhar — exclamou Kolgánov, declinando ingenuamente do convite de Gruchenhka para ficar com ela. E todos foram ver. Maksímov dançou, com efeito, mas não obteve êxito, salvo da parte dê Mítia. Sua dança consistia em saltitar com contorsões, com as solas do sapato no ar; a cada salto, Maksímov batia com a mão na sola. Isto desagradou a Kolgánov, mas Mítia beijou o dançarino.

— Obrigado, deves estar fatigado. Queres bombons, heín? Um charuto, talvez?

— Um cigarro.

— Queres beber?

— Tomei licores... Não tem bombons de chocolate?

— Há uma porção em cima da mesa, escolhe, meu anjo!

— Não, prefiro os de baunilha... para os velhos... ih! ih! ih!

— Não, irmão, não há desses.

— Escute! — disse o velho, inclinando-se para o ouvido de Mítia. — Aquela moça ali, a Maria, ih! ih! ih! Gostaria bem de conhecê-la, graças à sua bondade...

— Vejam só isso! Estás brincando, camarada.

— Não faço mal a ninguém — murmurou humildemente Maksímov.

— Bem, bem. Aqui, camarada, a gente tem de contentar-se com cantar e dançar, ainda que, afinal... Espera... Regala-te, bebe, diverte-te. Tens necessidade de dinheiro?

— Depois, talvez — sorriu Maksímov.

— Bem, bem.

Mítia tinha a cabeça em fogo. Saiu para o alpendre que cercava uma parte do prédio. O ar fresco lhe fêz bem. Só na escuridão, segurou a cabeça com as duas mãos. Suas idéias esparsas agruparam-se de súbito e tudo se aclarou a uma luz terrível... "Se tenho de matar-me é agora ou nunca", pensou ele. "Pegar uma pistola e acabar neste canto escuro!" Cerca de um minuto ficou indeciso. Ao vir a Mókroie, tinha na consciência a vergonha, o roubo cometido e o sangue derramado... Mas sentia-se mais à vontade. Tudo estava acabado. Gruchenhka, cedida a um outro, não existia mais para ele. Sua decisão fora fácil de tomar, parecia pelo menos inevitável e necessária, pois por que haveria de viver doravante? Mas a situação não era mais a mesma. Aquele fantasma terrível, aquele homem fatal, o amante de outrora, desaparecera sem deixar traços. A aparição temível tornava-se um boneco ridículo que se trancava a chave. Gruchenhka tem vergonha e adivinha em seus olhos quem é que ela ama. Bastaria agora viver, e é impossível, oh! maldição! "Meu Deus, ressuscita aquele que jaz perto da paliçada! Afasta de mim esse cálice amargo! Porque tu praticaste milagres para pecadores como eu! E se o velho vive ainda? Oh! então, lavarei a vergonha que pesa sobre mim, restituirei o dinheiro roubado, arrancá-lo-ei de sob a terra... A infâmia só terá deixado traços em meu coração para sempre. Mas não, são sonhos impossíveis! Oh! maldição!"

Um raio de esperança aparecia-lhe, no entanto, nas trevas. Correu para o quarto, para ela, para sua rainha por toda a eternidade. "Uma hora, um minuto de seu amor não valem o resto da vida, ainda mesmo nas torturas da vergonha? Vê-la, a sós, ouvi-la, não pensar em nada, esquecer tudo, pelo menos nesta noite por uma hora, um instante!" Ao tornar a entrar, encontrou o hospedeiro Trifon Borísovitch, que lhe pareceu sombrio e preocupado.

— Então, Borísovitch, estavas à minha procura?

— Não — o hospedeiro pareceu constrangido —, por que haveria de procurá-lo? Onde estava o senhor?

— Por que estás tão carrancudo? Estarias zangado? Espera, vais poder deitar-te... Que horas são?

— Já deve passar de 3 horas.

— Vamos acabar, vamos acabar.

— Mas não adianta nada. Enquanto o senhor quiser... "Que há?", pensou Mítia correndo para a sala de dança. Gruchenhka não estava mais ali. No quarto azul Kolgánov dormitava sobre o divã. Mítia olhou por trás das cortinas. Sentada sobre uma mala, com a cabeça inclinada sobre o leito, ela chorava copiosamente, esforçando-se por abafar seus soluços. Fez sinal a Mítia para se aproximar e tomou-lhe a mão.

— Mítia, Mítia, eu o amava! Não cessei de amá-lo durante cinco anos. Era a ele que eu amava ou ao meu rancor? Era a ele, oh! era a ele! Menti, dizendo o contrário!... Mítia, tinha eu dezessete anos então, era ele tão terno, tão alegre, cantava-me canções... ou então assim me parecia a mim, meninota tola. Agora, meu Deus, não é mais absolutamente o mesmo. Seu rosto mudou, não o reconhecia. Ao vir aqui, pensava todo o tempo: "Como irei abordá-lo, que lhe direi, que olhares trocaremos?"... Minha alma desf alecia... e foi como se recebesse um balde de água suja. Dir-se-ia um professor sisudo. Cheguei a ficar boba. Pensei a princípio que a presença de seu comprido camarada o constrangia. Pensei, ao olhá-los: por que não acho nada para dizer-lhe? .Sabes, foi a mulher dele que o estragou, a tal pela qual me abandonou... Ela o metamorfoseou, Mítia, que vergonha! Oh! que vergonha sinto, Mítia, vergonha por toda a minha vida! Maldito sejam esses cinco anos!

Desfez-se de novo em lágrimas, sem largar a mão de Mítia.

— Mítia, meu querido, não te vás, quero dizer-te uma coisa — murmurou ela, erguendo a cabeça. — Escuta, dize-me a quem amo. Amo alguém aqui, quem é? — Um sorriso brilhou em seu rosto cheio de lágrimas. — À entrada dele, meu coração desfaleceu: 'Tola, eis aquele a quem amas", disse meu coração. Tu apareceste e tudo se iluminou. "De quem tem ele medo?", pensei. Porque tu tinhas medo, não podias falar. "Não é deles que ele tem medo", disse a mim mesma. "Haverá homem que lhe cause medo? Eu só é que causo, eu só." Porque Fiénia te contou, bobinho, o que gritei a Aliócha pela janela: amei Mítia durante uma hora e

parto para amar... outro. Mítia, como pude pensar que amaria outro depois de ti? Perdoas-me, Mítia? Amas-me? Amas-me tu?

Levantou-se, pôs as mãos nos ombros dele. Mudo de felicidade, contempla-lhe ele os olhos, o sorriso; de repente, apertou-a em seus braços.

— Tu me perdoas o ter-te feito sofrer? Era por maldade que eu vos torturava a todos. Foi por maldade que| enlouqueci o velho... Lembras-te do copo que partiste em minha casa? Lembrei-me disso e fiz o mesmo hoje bebendo ao "meu coração vil". Mítia, por que não me beijas? Depois de um beijo tu me olhas, tu me escutas... Para que escutar-me? Beija-me com mais força, assim. Não se deve amar pela metade! Serei agora tua escrava, tua escrava por toda a vida! É doce ser escrava! Beija-me! Faze-me sofrer, faze de mim o que qui-seres... Oh! é preciso fazer-me sofrer... Pára, espera, depois, não quero assim... — E ela o repeliu, de repente. — Vai-te, Mítia, vou beber, quero embriagar-me, dançarei bêbeda, quero-o, quero-o.

Libertou-se dele e saiu. Mítia seguiu-a, cambaleando. "Aconteça o que acontecer, não importa, daria o mundo inteiro por este instante", pensava ele. Grúchenhka bebeu dum trago um copo de champanha, que a aturdiu. Sentou-se numa cadeira, sorrindo de felicidade. Suas faces coloriram-se, sua vista turvou-se, seu olhar apaixonado fascinava. O próprio Kolgánov ficou encantado e aproximou-se dela.

— Sentiste quando te beijei ainda há pouco, enquanto dormias? — murmurou ela. — Estou bêbeda agora, e tu? Por que não bebes, Mítia? Eu bebi...

— Já estou embriagado... de ti, e quero ficar bêbado de vinho. — Bebeu ainda um copo e — isto pareceu-lhe estranho — esse derradeiro copo embriagou-o de repente, a ele que suportara a bebida até então. A partir daquele momento, tudo girou em torno dele, como no delírio. Andava, ria, falava a todo mundo, não se conhecia mais. Só um sentimento ardente se manifestava nele por momentos "como brasa na alma", lembrou-se ele mais tarde. Aproximava-se dela, contemplava-a, escutava-a... Ela se tornou bastante loquaz, chamando todos, atraindo alguma moça do coro, que mandava embora depois de tê-la beijado, ou por vezes com um sinal-da-cruz. Estava a ponto de chorar. O "velhinho", como chamava a Maksímov, divertia-a bastante. A cada instante vinha ele beijar-lhe a mão, e acabou por dançar de novo, acompanhando-se de uma velha canção de estribilho arrebatante:

O porco, gru, gru, gru,

A bezerra mé, mé, mé,

O pato, coen, coen,

O ganso, quá, quá, quá,

No quarto a franga corria,

Cá, có, có, cantando ia.

— Dá-lhe alguma coisa, Mítia, ele é pobre. Ah! os pobres, os ofendidos!... Sabes tu, Mítia, quero entrar para um convento. Ê sério, irei algum dia. Lembrar-me-ei toda a vida do que me disse Aliócha hoje. Dancemos agora. Amanhã, no convento, hoje, no baile. Quero fazer loucuras, boa gente, Deus as perdoará. Se eu fosse Deus, perdoaria a todo mundo: "Meus caros pecadores, perdôo a todos". Irei implorar meu perdão: "Perdoai a uma tola, boa gente". Sou uma besta feroz, eis o que sou. Mas quero rezar. Dei uma pequena cebola. Uma miserável como eu quer rezar! Mítia, não os impeça de dançarem. Todo mundo é bom, sabes? Todo mundo. A vida é bela. Por mau que se seja, é bom viver... Somos bons e maus ao mesmo tempo... Dizei-me, rogo-vos, por que sou tão boa? Porque sou muito boa...

Assim divãgava Grúchenhka à medida que a embriaguez a dominava. Declarou que queria dançar, levantou-se, cambaleando.

— Mítia, não me dês mais vinho, mesmo se eu pedir. O vinho perturba-me e tudo gira, até mesmo a estufa. Mas quero dançar. Vão ver como danço bem...

Era uma intenção decidida; exibiu um lenço de batista que pegou por uma ponta para agitá-lo ao dançar. Mítia apressou-se, as moças se calaram, prontas a entoar, ao primeiro sinal, a toada da dança russa. Ao saber que Grúchenhka queria dançar, Maksímov lançou um grito de alegria, saltitou diante dela, cantando:

Pernas finas, ancas torneadas, Cauda em forma de trombeta. Ela, porém, o afastou com uma rabanada do lenço.

— Psiu! Que todos venham olhar-me. Mítia, chama também os que estão fechados... Por que fechá-los? Dize-lhes que vou dançar, que eles venham ver-me...

Mítia bateu vigorosamente à porta dos poloneses.

— Ei! vocês aí... Podvisótski! Saiam! Ela vai dançar e chama-os.

— *Laidakf* — resmungou um dos poloneses.

— E tu és mais que um *laidak,* és um canalha!

— Por que não pára o senhor de mexer com a Polônia? — observou gravemente Kolgánov, igualmente bêbado.

— É bom, meu rapaz! Mas o que eu disse dirige-se a ele e não à Polônia. O miserável não a representa. Cala-te, meu bonitote, come bombons.

— Que criaturas! Por que não querem eles fazer a paz? — murmurou Grúchenhka, que avançou para dançar. O coro repercutiu. Ela entreabriu os lábios, agitou seu lenço e, depois de ter balanceado, parou no meio da sala.

— Não tenho forças... — murmurou ela, com voz extinta. — Desculpem-me, não posso... perdão.

Saudou o coro, fêz reverências à direita e à esquerda.

— Ela bebeu, a bonita senhora — disseram vozes.

— A madama tomou um pileque — explicou, com uma risadinha, Maksímov às moças.

— Mítia, leva-me... toma-me...

Mítia ergueu-a em seus braços e foi depositar seu precioso fardo sobre o leito. "Agora, vou-me embora", pensou Kolgánov, e, deixando a sala, fechou atrás de si a porta do quarto azul. Mas nem por isso deixou a festa de continuar cada vez mais barulhenta. Grúchenhka estava deitada, Mítia colou seus lábios aos dela.

— Deixa-me — implorou ela —, não me toques antes que eu seja tua... Disse que seria tua... poupa-me... Perto dele, é impossível, causa-me horror isto.

— Obedeço! Nem mesmo em pensamento... Respeito-te! Sim, é repugnante aqui. — Sem afrouxar seu abraço, ajoelhou-se junto do leito.

— Muito embora sejas violento, sei que és nobre... É preciso que seja honestamente doravante... Sejamos honestos e bons, não nos assemelhemos aos animais... Leva-me para bem longe, entendes?... Não quero aqui, mas longe, longe...

— Sim, sim. — Mítia apertou-a. — Levar-te-ei, partiremos... Oh! daria toda a minha vida. por um ano contigo, só para nada saber desse sangue.

— Que sangue?

— Nada — e Mítia rangeu os dentes. — Grucha, queres que seja honestamente, mas sou um ladrão. Roubei Katka. Oh! vergonha! oh! vergonha!

— Katka? Aquela senhorita? Nã*o, nada lhe tomaste. Reembolsa-a, toma meu dinheiro... Por que gritas? Tudo quanto me pertence é teu. De que serve o dinheiro? Nós o gastamos sem poder impedir-nos disso. Iremos de preferência cavar a terra. É preciso trabalhar, entendes? Aliócha ordenou-o. Não serei tua amante, mas tua mulher, tua escrava, trabalharei para ti. Iremos cumprimentar a senhorita, pedir-lhe perdão, e partiremos. Se ela recusar, tanto pior. Entrega-lhe seu dinheiro e ama-me. Esquece-a. Se a amas ainda, estrangulo-a... Furar-lhe-ei os olhos com uma agulha...

— É a ti que amo, a ti somente. Amar-te-ei na Sibéria.

— Por que na Sibéria? Pois seja. na Sibéria, se quiseres. Que me importa?... Trabalharemos... há neve... Gosto de viajar sobre a neve... e o tintineio da si neta... Estás ouvindo? Uma sínêta tilin-ta... Onde é? Viajantes que passam... parou.

Fechou os olhos e pareceu adormecer. Uma sinêta, com efeito, havia tilintado ao longe. Mítia reclinou a cabeça sobre o peito de Grúchenhka. Não reparava que a campainha tinha cessado de tilintar e que às canções e ao tumulto havia sucedido na casa um silêncio de morte. Grúchenhka abriu os olhos.

— Que há? Dormi? Ah! sim, a sinêta... Sonhei que viajava sobre a neve... a sinêta tilintava e adormeci. íamos os dois juntos, longe, longe. Beijava-te, apertava-me contra ti, tinha frio e a neve cintilava...

Não sabes como ela cintila ao clarão da lua? Cria-me noutro lugar que não na terra... Desperto, meu bem-amado, junto de ti. Que bom!

— Perto de ti — murmurou Mítia, cobrindo de beijos o peito e as mãos de sua amada. De repente pareceu-lhe que ela olhava diretamente à sua frente, por cima de sua cabeça, com um olhar estranhamente fixo. A surpresa, quase o terror, pintou-se em seu rosto.

— Mítia, quem é esse que nos está olhando? — cochichou ela. Mítia

voltou-se e viu alguém que havia afastado as cortinas e os examinava. Levantou-se e avançou vivamente para o indiscreto.

— Venha cá, peço-lhe — disse uma voz decidida.

Mítia saiu de trás das cortinas e parou. O quarto estava cheio de novas personagens.. Mítia sentiu um arrepio na espinha, estremeceu. Reconhecera todos imediatamente. Aquele velho de elevada estatura, de sobretudo, com uma insígnia no casquete de seu uniforme, é o *is-právnik* Mikhail Makráritch. Aquele janota tuberculoso, de botas irrepro-cháveis, é o suplente. Tem um cronômetro de 400 rublos, ele o mostrou. Aquele rapaz de óculos, baixinho... Mítia esqueceu seu nome, mas conhece-o, viu-o: é o juiz de instrução, que acaba de sair da Escola de Direito. Este aqui, é o *stanovói,* Mavríki Mavríkitch, um de seus conhecidos. E aqueles, com suas placas de metal, que fazem? E depois dois mujiques... Ao fundo, perto da porta, Kolgánov e Trifon Baríso-vitch...

— Senhores... Que há, senhores? — proferiu a princípio Mítia, que, de repente, prosseguiu com voz forte:

— Com-pre-endo!

O rapaz de óculos aproximou-se dele e disse com ar importante, mas com um pouco de pressa:

— Temos de dizer-lhe... numa palavra, peço-lhe que venha aqui, perto do divã... É necessário que tenhamos uma explicação.

— O velho! — exclamou Mítia, exaltado. — O velho ensangüentado! ... Compreendo!

E deixou-se cair sobre uma cadeira.

— Compreendes? Compreendeste? Parricida, monstro, o sangue de teu velho pai grita contra ti! — berrou de repente o velho *isprávnik,* aproximando-se de Mítia. Estava fora de si, vermelho, trêmulo de cólera.

— Mas é impossível, Mikhail Makáritch! — exclamou o rapaz baixinho. — Não é assim, não é assim!... Não teria jamais esperado semelhante coisa do senhor!...

— Mas está delirando, senhores, delirando! — continuou o *isprávnik.*

— Olhem-no: à noite, bêbado em companhia de uma mulher perdida, manchado do sangue de seu pai... Está delirando!...

— Rogo-lhe instantemente, meu caro Mikhail Makáritch, que modere seus sentimentos — gaguejou o suplente, senão serei obrigado a tomar...

O pequeno juiz de instrução interrompeu-o e proferiu com voz firme e grave:

— Senhor tenente reformado Karamázov, devo declarar-lhe que o senhor é acusado de ter matado seu pai, Fiódor Pávlovitch, assassinado esta noite.

Acrescentou alguma coisa, o suplente igualmente, mas Mítia escutava sem compreender. Olhava-os a todos com um olhar estupidifiçado.

LIVRO IX

O PROCESSO PREPARATÓRIO

I

INICIA SUA CARREIRA O FUNCIONÁRIO PIERKHÓTIN

Piotr Ilitch Pierkhótin, que deixamos batendo com todas as suas forças no portão da Casa Morózova, acabou naturalmente fazendo que lhe abrissem. Ouvindo tamanho barulho, Fiénia, ainda mal reposta de seu terror, quase teve uma crise de nervos: imaginou que era Dimítri Fiódorovitch que voltava (se bem que tivesse assistido à sua partida), porque só ele podia bater tão insolentemente. Correu para o porteiro, que despertara com o barulho, e suplicou-lhe que não abrisse. Mas ele, tendo ficado sabendo o nome do visitante e seu desejo de vei Fiedóssia Márkovna para tratar de um negócio importante, decidiu deixá-lo entrar. Piotr Ilitch pôs-se a interrogar a moça e descobriu logo o fato mais importante: ao lançar-se à procura de Grúchenhka, Dimítri Fiódorovitch levara um pilão e voltara de mãos vazias, mas ensangüentadas. "O sangue pingava", exclamou Fiénia, imaginando na sua perturbação aquela horrenda circunstância. Piotr Ilitch vira aquelas mãos e ajudara a lavá-las; não se tratava de saber se tinham secado rapidamente, mas se Dimítri Fiódorovitch tinha ido verdadeiramente à casa de seu pai com o pilão, e donde se podia concluir isso. Piotr Ilitch insistiu neste ponto e, muito

embora nada haja em suma sabido de certo, ficou quase convencido de que Dimítri Fiódorovitch só pudera ter ido à casa de seu pai e que, por conseqüência, deveria ter-se passado lá alguma coisa. "Quando ele voltou", acrescentou Fiénia, "e quando lhe confessei tudo, perguntei-lhe: 'Dimítri Fiódorovitch, por que tem o senhor as mãos em sangue?' Respondeu-me que era sangue humano e que acabara de matar alguém. Assim confessou, arrependendo-se, depois saiu correndo como um louco. Pus-me a pensar: 'Onde bem pode ir agora? Irá a Mókroie matar minha patroa'. Corri então à casa dele para suplicar-lhe que a poupasse. Ao passar diante da venda dos Plas-tunovi, vi-o quando ia partir, mas de mãos limpas." (Fiénia notara este detalhe.) A avó confirmou o relato de sua neta. Piotr Ilitch deixou a casa ainda mais perturbado do que quando nela entrara.

Parecia que o mais simples seria agora ir à casa de Fiódor Pávlovitch informar-se se nada acontecera; em caso afirmativo, e uma vez ciente, iria à casa do *ispravnik.* Piotr Ilitch estava bem decidido a isso. Mas a noite estava escura, ò portão maciço, conhecia muito pouco Fiódor Pávlovitch; se, à força de bater, lhe abrissem e nada se tivesse passado, no dia seguinte o malicioso Fiódor Pávlovitch iria contar na cidade, como uma anedota, que, à meia-noite, o funcionário Pierkhótin, a quem não conhecia, forçara sua porta para saber se ele, Fiódor, não tinha sido assassinado. Seria um escândalo! Ora, Piotr Ilitch temia o escândalo mais que qualquer coisa. No entanto, o sentimento que o impelia era tão poderoso que, depois de ter batido o pé com cólera e haver invectivado a si mesmo, lançou-se noutra direção, para a casa da Senhora Khokhlakova. Se ela respondesse negativamente à pergunta, a respeito dos 3 000 rublos dados àquela hora a Dimítri Fiódorovitch, iria procurar o *isprávnik,* sem passar em casa de Fiódor Pávlovitch; senão, deixaria tudo para o dia seguinte e voltaria para sua casa. Compreende-se bem que a decisão do jovem de se apresentar às 11 horas da noite em casa de conhecida senhora da sociedade, obrigá-la a levantar-se talvez para fazer-lhe uma pergunta singular, arriscava a provocar um escândalo bem maior que ir pedir informação em casa de Fiódor Pávlovitch. Mas tal. é muitas vezes a sorte, sobretudo em semelhantes casos, das q>cisões das pessoas mais fleumatícas. Piotr Ilitch não estava de todo fleumático naquele momento! Lembrou-se toda a sua vida de como a inquietação insopitável que se apoderara dele degenerou em suplício e árrastou-o contra a sua vontade. Bem entendido, injuriou-se durante todo o caminho por causa daquele tolo passo que dava, mas "irei até o fim!", repetia pela décima vez, rangendo os dentes, e manteve sua

palavra.

Soavam 11 horas, quando chegou à casa da Senhora Khokhlakova. Penetrou com bastante facilidade no pátio, mas o porteiro não pôde dizer-lhe com certeza se a senhora já estava deitada, como era costume seu àquela hora. "Faça-se anunciar e verá bem se o recebem ou não." Piotr Ilitch subiu, mas as dificuldades começaram. O lacaio não queria anunciá-lo; acabou por chamar a arrumadeira. Num tom polido, mas firme, Piotr Ilitch rogou-lhe que dissesse à sua ama que o funcionário Pierkhótin desejava falar-lhe a respeito dum assunto importante, sem o que não se teria permitido incomodá-la; "anuncie-me nestes termos", insistiu ele. Esperou no vestíbulo. A Senhora Khokhlakova já se achava no seu quarto de dormir. A visita de Mítia perturbara-a, pressentia para a noite uma dor de cabeça certa em semelhante caso. Ficou surpresa, mas recusou com irritação receber o jovem funcionário, se bem que a visita de um desconhecido, a semelhante hora, superexcitasse sua curiosidade feminina. Mas Piotr Ilitch teimou desta vez como um mulo; vendo-se repelido, insistiu imperiosamente e fêz dizer nos mesmos termos "que se tratava dum assunto muito importante, e que a senhora lamentaria talvez depois não o ter recebido". A criada de quarto olhou-o com espanto e voltou para levar o recado. A Senhora Khokhlakova ficou estupefata, refletiu, perguntou que aspecto tinha o visitante e soube que estava bem trajado, era jovem e bastante polido. Notemos, de passagem, que Piotr Ilitch era belo rapaz e sabia disso. A Senhora Khokhlakova decidiu aparecer. Estava em roupão de quarto e de chinelas e lançou um xale preto sobre os ombros. O funcionário foi convidado a entrar no salão. A dona da casa apareceu com ar interrogador, e, sem mandar o visitante sentar-se, convidou-o a explicar-se.

— Permito-me incomodá-la, minha senhora, a respeito de nosso conhecido comum, Dimítri Fiódorovitch Karamázov — começou Pierkhótin; mal, porém, havia pronunciado este nome, viva irritação pintou-se no rosto de sua interlocutora. Abafou ela um grito e interrompeu-o com cólera:

— Será que haverão de atormentar-me ainda por muito tempo com tão horrível personagem? Como ousou o senhor incomodar uma dama a quem não conhece, a semelhante hora... para lhe falar de um indivíduo que, aqui mesmo, há três horas, veio assassinar-me, bateu com o pé e saiu duma maneira escandalosa? Saiba, senhor, que darei queixa contra o senhor; queira jetirar-se imediatamente... Sou mãe, vou... eu...

— Então queria ele matá-la também?

— Será que ele já matou alguém? — perguntou impetuosamente a Senhora Khokhlakova.

— Queira conceder-me um minuto de atenção, minha senhora, e lhe explicarei tudo — respondeu com firmeza Pierkhótin. — Hoje, às 5 horas da tarde, o Senhor Karamázov me pediu emprestados 10 rublos, na qualidade de amigo, e sei positivamente que ele estava sem dinheiro; às 9 horas, foi à minha casa tendo na mão um maço de cédulas de 100 rublos, para cerca de 2 000 ou 3 000 rublos. As mãos e o rosto ensangüentados, tinha o ar de um louco. À minha pergunta, donde provinha tanto dinheiro, respondeu textualmente que o recebera da senhora e que a senhora lhe adiantava uma soma de 3 000 rublos para que ele partisse em busca de minas de ouro...

O rosto da Senhora Khokhlakova exprimiu uma emoção súbita.

— Meu Deus! Foi o seu velho pai que ele matou! — exclamou ela, juntando as mãos. — Não lhe dei o dinheiro, absolutamente! Oh! corra, corra!... Não diga mais nada! Salve o velho, corra à casa do pai dele!

— Permita, minha senhora, com que então não lhe deu o dinheiro? Está bem certa de não lhe ter dado nenhuma soma?

— Nenhuma, nenhuma. Recusei, porque não sabia ele apreciar. Partiu furioso, batendo os pés. Lançou-se contra mim, recuei... Imagine — porque nada quero ocultar-lhe — que cuspiu em cima de mim! Mas por que ficar de pé? Sente-se... Desculpe-me, eu... Ou antes, corra a salvar aquele desgraçado velho de uma morte horrível!

— Mas se já o matou?

— Com efeito, meu Deus! Que vamos fazer agora? Que pensa o senhor que é preciso fazer?

Entretanto fizera Piotr Ilitch sentar-se e tomara lugar em frente dele. Este expôs-lhe brevemente os fatos de que fora testemunha, contou sua recente visita à casa de Fiénia e falou do pilão. Todos esses detalhes transtornaram a dama, que lançou um grito e pôs a mão diante dos olhos.

— Imagine o senhor que pressenti tudo isso! É um dom que tenho, todos os meus pressentimentos se realizam. Quantas vezes tenho olhado para aquele terrível homem pensando: acabará matando-me. E eis que aconteceu... Ou antes, se não me matou agora como a seu pai, foi graças a

Deus, que me protegeu; além do mais, teve vergonha, porque eu lhe havia amarrado ao pescoço, aqui mesmo, uma pequena imagem, proveniente das relíquias de Santa Bárbara, mártir... Estive bem perto da morte naquele minuto. Tinha-me aproximado completamente dele, que me estendia o pescoço! Sabe o senhor, Piotr Ilitch (o senhor disse, creio, que é esse o seu nome), não creio nos milagres, mas aquela imagem, aquele milagre evidente em meu favor, isto me impressiona e recomeço a crer em não importa o quê. Ouviu falar do *stáriets* Zósima?... Aliás, não sei o que digo... Imagine que ele cuspiu em mim com aquela imagem no pescoço... Cuspiu somente, sem matar-me, e... e eis para o que ele correu! Que vamos fazer agora? Que pensa o senhor?

Piotr Ilitch levantou-se e declarou que ia à casa do *ispravnik* contar tudo e este agiria como lhe conviesse.

— Ah! É um homem excelente, conheço Mikhail Makárovitch. Vá ter com ele sem falta. Como o senhor é engenhoso, Piotr Ilitch! No seu lugar, jamais teria pensado nisso!

— Tanto mais que me acho eu mesmo em bons termos com o *ispravnik* — observou Piotr Ilitch, visivelmente desejoso de escapar àquela dama expansiva que não o deixava despedir-se.

— Sabe duma coisa? Venha contar-me o que tiver visto e sabido... as verificações... o que se fará dele... Diga-me, a pena de morte não existe entre nós? Venha sem falta, ainda mesmo às 3 horas da manhã, até mesmo às 4... Mande acordar-me, sacudir-me, se não me levantar... Aliás, não dormirei, sem dúvida. E se eu o acompanhasse?

— N...ão, mas se certificar por escrito, para o que der e vier, que não deu o dinheiro a Dimítri Fiódorovitch, isto poderia servir... na ocasião...

— Decerto! — aprovou a Senhora Khokhlakova, lançando-se para sua escrivaninha. — Sabe? Estou impressionada e confundida com a sua engenhosidade, a sua perícia nessas questões... Serve aqui? Isto me causa grande prazer...

Enquanto falava, tinha, à pressa, traçado as seguintes poucas linhas, em letras graúdas:

Jamais emprestei 3 000 rublos ao desditoso Dimítri Fiódorovitch Ka~ ramázov, nem hoje, nem antes! Juro-o pelo que há de mais sagrado.

Khokhlakova.

— Pronto, aqui está! — disse ela, voltando-se para Piotr Ilitch. — Vá, salve sua alma. É um grande feito que o senhor pratica.

Fêz sobre ele três vezes o sinal-da-cruz e reconduziu-o até o vestíbulo.

— Quanto lhe sou grata! O senhor não pode imaginar como lhe sou grata por ter vindo em primeiro lugar procurar-me. Como é possível que não nos tenhamos jamais encontrado? Terei muito prazer em recebê-lo doravante. Causa-me prazer saber que o senhor serve aqui... e com tal exatidão, tanta engenhosidade... Mas devem apreciá-lo, compreendê-lo, enfim, e tudo quanto eu puder fazer pelo senhor, esteja certo... Oh! gosto da mocidade, sou doida por ela! As pessoas jovens são a esperança de nossa infeliz Rússia de hoje... Vá, vá!

Mas Piotr Ilitch já se havia escapulido, senão não o teria ela deixado partir tão depressa. Aliás, a Senhora Khokhlakova causara nele uma impressão bastante agradável, que amenizava mesmo sua apreensão de estar metido num negócio tão escabroso. Sabe-se que os gostos variam muito. "E ela não é lá tão idosa", pensava ele com satisfação, "pelo contrário, tê-la-ia tomado por sua filha."

Quanto à Senhora Khokhlakova, estava simplesmente encantada. "Uma tal habilidade, uma tal precisão em um homem tão jovem, com suas maneiras e seu exterior... Pretende-se que os jovens de hoje não prestam para nada, eis um exemplo, etc." Tanto que ela se esqueceu até "daquele horrendo acontecimento"; uma vez deitada, somente, é que se lembrou de "quão perto da morte estivera" e murmurou: "Ah! é horrível, horrível!" Mas adormeceu logo num sono profundo. Não me teria, aliás, estendido sobre detalhes tão insignificantes, se esse encontro singular do jovem funcionário com uma viúva ainda frescalhota não tivesse influído, posteriormente, sobre toda a carreira daquele rapaz metódico. Recorda-se isso mesmo com espanto em nossa cidade e diremos talvez uma palavra a respeito, ao terminar a longa história dos irmãos Karamázovi.

II

O ALARMA

Nosso *isprávnik* Mikhail Makárovitch, tenente-coronel reformado, que se tornara conselheiro de corte, era um honrado homem. Estabelecido

em nosa cidade havia três anos apenas, conseguira atrair a simpatia geral porque "sabia reunir a sociedade". Havia sempre gente em casa dele, fosse apenas uma ou duas pessoas para jantar. Não teria podido viver sem isso. Os pretextos mais variados motivavam os convites. A comida não era fina, mas abundante, os pastéis de peixe excelentes, a quantidade dos vinhos compensava-lhes a mediocridade. Na primeira sala encontrava-se um bilhar, com cavalos de corrida ingleses enquadrados em molduras negras nas paredes, o que constitui, como se sabe, o ornamento necessário de todo bilhar em casa dum celibatário. Todas as noites jogava-se baralho. Mas muitas vezes a melhor sociedade de nossa cidade reunia-se para dançar, as mães com suas filhas. Mikhail Makárovitch, embora viúvo, vivia em família, com sua filha viúva e suas duas netas. Estas, que tinham terminado seus estudos, eram bastante gentis e alegres e, se bem que sem dote, atraíam para a casa de seu avô a juventude mundana. Em negócios, Mikhail Makárovitch era bastante limitado, mas exercia suas funções tão bem quanto muitos outros. Para falar a verdade, era um homem pouco instruído e até mesmo descuidado na sua maneira de compreender suas atribuições. Tinha vistas curtas a respeito de certas reformas do presente reinado, não por incapacidade, mas por indolência, não achando tempo para estudá-las. "Tenho mais alma de militar que de civil", dizia, falando de si mesmo. Não tinha ainda uma idéia nítida das bases da reforma do camponês, que aprendia a conhecer pouco a pouco, pela prática e malgrado seu; no entanto, era ele próprio proprietário rural. Piotr Ilitch estava certo de encontrar naquela noite visitas em casa de Mikhail Makárovitch. Achavam-se em casa dele, jogando baralho, o procurador e o jovem médico do *ziêmstvo,* Varvínski, recentemente chegado de Moscou, onde obtivera o lugar de um dos primeiros alunos da Escola de Medicina. O procurador — isto é, o suplente, mas todos o chamavam assim — Ipolit Kirílovitch era um homem especial, ainda jovem, com 35 anos, mas predisposto à tuberculose, casado com uma mulher obesa e estéril, cheio de amor-próprio, irascível, tendo ao mesmo tempo sólidas qualidades. Por desgraça, tinha uma idéia exagerada de seus méritos, o que o fazia parecer constantemente inquieto. Tinha mesmo pendores artísticos, certa penetração psicológica aplicada aos criminosos e ao crime. Neste sentido, considerava-se como lesado e vítima de preterições, tendo sempre estado persuadido de que não o apreciavam segundo seu valor nas altas esferas e que tinha inimigos. Nas horas de desencorajamento, ameaçava mesmo tornar-se advogado criminal. O caso Karamázov galvanizou-o inteiramente: "Um caso que podia apaixonar a Rússia!" Mas estou

antecipando.

Na sala contígua achava-se, com as senhoritas, o jovem juiz de instrução Nikoíai Parfiénovitch Nieliúdov, chegado havia dois meses de Petersburgo. Causou espanto mais tarde que essas personagens se tivessem reunido como que de propósito na noite do crime, na casa do poder executivo. Entretanto, não havia nada naquilo que não fosse bastante natural: a mulher de Ipolit Kirílovitch estava com dor de dentes desde a véspera e era-lhe preciso a ele subtrair-se de suas queixas; o médico só podia passar o serão jogando baralho. Quanto a Nikolai Parfiénovitch Nieliúdov, projetara fazer visita naquela noite a Mikhail Makárovitch, como que por acaso, a fim de surpreender sua filha mais velha, Olga Mikháilovna, que fazia anos: conhecia seu segredo, porque, segundo ele, queria ela dissimulá-lo para não convidar a dançar, isto se prestava a alusões zombeteiras à idade dela, que temia revelar; amanhã falaria ele a todo mundo, etc. Aquele gentil rapaz era, a este respeito, um grande descarado, assim o tinham denominado nossas damas, e ele não se queixava disso. Pertencente à melhor sociedade, de famOia distinta, bem educado, era aquele gozador inofensivo e sempre correto. De baixa estatura e compleição delicada, trazia sempre em seus dedos delgados alguns grossos anéis. No exercício de seu cargo, tornava-se muito grave, tendo uma alta idéia de seu papel e de suas obrigações. Sabia sobretudo confundir, por ocasião dos interrogatórios, os assassinos e outros malfeitores da ralé, e suscitava neles certo espanto, senão respeito por sua pessoa.

Ao chegar em casa do *isprávnik,* ficou Piotr Ilitch estupefato por ver que todos estavam informados. Com efeito, tinham cessado de jogar, e discutiam a notícia, Nikolai Parfiénovitch tinha mesmo um ar belicoso. Piotr Ilitch soube com estupor que o velho Fiódor Pávlo-vitch fora efetivamente assassinado naquela noite em sua casa, assassinado e roubado. Acabava-se de sabê-lo da maneira seguinte:

Marfa Ignátievna, a mulher de Gregório, malgrado o sono profundo em que estava mergulhada, despertou de repente, sem dúvida aos gritos de Smierdiákov, que jazia no quartinho vizinho. Jamais pudera habituar-se àqueles gritos do epiléptico, precursores da crise e que a apavoravam. Ainda semi-adormecida, levantou-se e entrou no quarto de Smierdiákov. No escuro, ouvia-se o doente estertorar, debater-se. Tomada de medo, chamou seu marido, mas refletiu que, ao levantar-se, não vira seu marido a seu lado na cama. Voltou a tatear o leito: estava vazio. Correu para o

patamar e chamou-o timidamente. Como resposta, ouviu, no silêncio noturno, gemidos distantes. Prestou atenção: os gemidos repetiram-se; partiam mesmo do jardim. "Meu Deus, parecem os gemidos de Lisavieta Smierdiáchtchaia!" Desceu e percebeu que a portinha do jardim estava aberta: "Deve estar lá, o coitado!" Aproximou-se e ouviu Gregório chamá-la distintamente: "Marfa! Marfa!", com uma voz fraca e dolorida. "Meu Deus, preservai-nos!", murmurou Marfa, que se lançou na direção de Gregório.

Encontrou-o a vinte passos da paliçada, onde ele caíra. Tendo voltado a si, tivera.de arrastar-se muito tempo, perdendo várias vezes os sentidos. Notou ela logo que ele estava todo ensangüentado e pôs-se a gritar. Gregório murmurava fracamente palavras entrecortadas: "Matou ... matou o pai... Por que gritas, idiota?... Corre, chama..." Marfa Ignátievna não se acalmava; de repente, vendo a janela de seu patrão aberta e iluminada, correu para lá e pôs-se a chamar Fiódor Pávlovitch. Mas, tendo olhado para dentro do quarto, um horrível espetáculo se ofereceu: jazia ele de costas, inerte. Seu roupão claro e sua camisa branca estavam inundados de sangue. A vela, que ficara em cima da mesa, iluminava vivamente o rosto do morto. Aterrorizada, Marfa Ignátievna saiu correndo do jardim, abriu o portão e precipitou-se em casa de Maria Kondrátievna. As duas vizinhas, a mãe e a filha, dormiam; as pancadas redobradas batidas nos postigos despertaram-nas. Com palavras incoerentes, Marfa Ignátievna contou-lhes a coisa e chamou-as em socorro. Como que de propósito, dormia em casa delas naquela noite o vagabundo Fomá. Fizeram-no levantar-se imediatamente e todos acorreram ao local do crime. Em caminho, Maria Kondrátievna lembrou-se de ter ouvido, cerca das 9 horas, um grito agudo. Era precisamente o: "Parricida!", de Gregório, quando havia agarrado pela perna Dimítri Fiódorovitch, que já subira na pali-çada. Chegadas junto de Gregório, as duas mulheres, com a ajuda de Fomá, transportaram-no para o pavilhão. À luz, verificou-se que Smierdiákov continuava presa de sua crise, os olhos revirados, a espuma nos lábios. Lavaram a cabeça do ferido com água e vinagre, o que o reanimou completamente. Sua primeira pergunta foi para saber se Fiódor Pávlovitch ainda estava vivo. As duas mulheres e Fomá voltaram ao jardim e viram que não somente a janela, mas a porta da casa estava escancarada, quando havia uma semana que o *bárin* se fechava a duas voltas todas as noites e nem mesmo a Gregório permitia que batesse sob qualquer pretexto. Não ousaram entrar com medo de atraírem

complicações. Por ordem de Gregório, Maria Kondrátievna correu à casa do *isprávnik* a dar o alarma. Precedeu de cinco minutos Piotr Ilitch, de sorte que este chegou como testemunha ocular, confirmando pela sua narrativa as suspeitas contra o presumido autor do crime (o que havia êie recusado crer até então, no fundo de seu coração).

Resolveu-se agir energicamente. As autoridades judiciárias dirigiram-se aos locais e procederam a uma investigação. O médico do *ziémstvo,* um novato, ofereceu-se a acompanhá-las. Resumo os fatos: Fiódor Pávlovitch tinha a cabeça partida, mas com que arma? Provavelmente a mesma que servira em seguida para golpear Gregório. Este, depois de ter recebido os primeiros cuidados, fêz, malgrado sua fraqueza, um relato bastante lógico do que lhe acontecera. Procurando-se com uma lanterna perto da pai içada, encontrou-se numa aléia, bem à vista, o pilão de cobre. Não havia desordem alguma no quarto de Fiódor Pávlovitch, exceto ter-se encontrado, por trás do biombo, perto do leito, um envelope de grande formato, em papel forte, com os dizeres: "Três mil rublos para meu anjo, Grúchenhka, se ela quiser vir". Mais embaixo, Fiódor Pávlovitch acrescentara: "e para minha franguinha". O envelope, que trazia três grandes sinêtes em cera vermelha, estava rasgado e vazio. Encontrou-se no chão a fita côr-de-rosa que o amarrava. No depoimento de Piotr Ilitch, uma coisa atraiu a atenção dos magistrados: a suposição de que Dimítri Fiódorovitch se suicidaria na manhã seguinte, segundo suas próprias palavras, a pistola carregada, o bilhete que escrevera, etc. Como Piotr Ilitch, incrédulo, o ameaçasse duma denúncia para impedi-lo disso, replicara Mítia, sorrindo: "Não terás tempo". Era preciso, pois, apressarem-se a ir a Mókroie para apanhar o criminoso antes que pusesse ele fim a seus dias. "Está claro, está claro", repetia o procurador superexcitado, "semelhantes cabeças loucas agem sempre assim: fazem a farra antes de morrer". O relato das compras de Dimítri acalorou-o ainda mais. "Lembrem-se, senhores, de que o assassino do comerciante Olsúfiev, que se apoderou de 1 500 rublos, teve como primeiro cuidado mandar frisar os cabelos, depois ir à casa das mulheres, sem se dar ao trabalho de ocultar o dinheiro." Mas o inquérito, as formalidades exigiam tempo, assim despachou-se para Mókroie o *stanovói* Mavríki Mavríkitch Chmiertsov, que viera à cidade receber seus vencimentos. Recebeu como instruções vigiar discretamente o "criminoso" até a chegada das autoridades competentes, formar uma escolta, etc. Guardando o incógnito, pôs somente ao corrente de uma parte do caso Trifon Borísovitch, seu

velho conhecido. Foi então que Mítia encontrara no alpendre o hospedeiro que o procurava e notara uma mudança na expressão e no tom de Trifon Borísovitch. Mítia e seus companheiros ignoravam pois a vigilância de que eram objeto; quanto ao estôjo das pistolas, o hospedeiro havia-o desde muito posto em lugar seguro. Às 5 horas somente, quase ao romper do dia, chegaram as autoridades, em dois carros. O médico ficara em casa de Fiódor Pávlovitch, para fazer a autópsia e sobretudo porque o estado de Smierdiákov o interessava bastante. "Crises de epilepsia tão violentas e tão prolongadas, durante dois dias, são bastante raras e pertencem à ciência",' declarou a seus companheiros por ocasião da partida deles, e estes o felicitaram, rindo, por aquele achado. Afirmara mesmo que Smierdiákov não viveria até o amanhecer.

Depois desta digressão um tanto longa, mas necessária, retomamos nossa narrativa onde a deixamos.

III

PURGATÓRIOS DE UMA ALMA:

PRIMEIRO PURGATÓRIO

Mítia fitava os presentes com um ar estupidificado, sem compreender o que se dizia. De repente levantou-se, estendeu as mãos no ar e exclamou:

— Não sou culpado! Não derramei o sangue de meu pai... Queria matá-lo, mas sou inocente. Não fui eu!

Apenas acabava ele de falar surgiu Grúchenhka de trás das cortinas e caiu aos pés do *isprávnik.*

— Sou eu, maldita, que sou a culpada — gritou ela, chorando, de mãos estendidas. — Foi por minha causa que ele matou. Aquele pobre velho, que não mais existe, eu o torturei. Sou eu a principal culpada.

— Sim, és tu, criminosa! És uma desavergonhada, uma mulher depravada — vociferou o *isprávnik,* ameaçando-a com o punho. Fizeram-no calar-se imediatamente, o procurador chegou mesmo a agarrá-lo.

— Isto é desordem, Mikhail Makárovitch! 0 senhor perturba o inquérito... estraga o caso...

Estava quase sufocado.

— É precisor tomar providências... é preciso tomar providências — gritava de seu lado Nikolai Parfiénovitch — não se pode tolerar isso.

— Julguem-nos juntos! — continuava Grúchenhka sempre de joelhos — executem-nos juntos, estou pronta a morrer com ele.

— Grucha, minha vida, meu sangue, meu tesouro sagrado! — disse Mítia, ajoelhando-se ao lado dela e abraçando-a. — Não acreditem nela, está inocente, completamente inocente!

Separaram-nos à força, levaram para fora a jovem mulher. Ele desfaleceu e só voltou a si depois, sentado à mesa e cercado das pessoas com placas de metal. Em frente, sobre o divã, achava-se Nikolai Parfiénovitch, o juiz de instrução, que o exortava, da maneira mais cortês, a beber um pouco de água: "Isto o refrescará, o acalmará, não tenha medo, não se inquiete". Mítia interessava-se bastante pelos grossos anéis dele, um com uma ametista, o outro com uma pedra amarelo-clara, dum brilho magnífico. Por muito tempo depois lembrava-se ele com espanto de que aqueles anéis o fascinavam durante as penosas horas do interrogatório e de que não podia destacar deles os olhos. À esquerda de Mítia achava-se o procurador, à direita, um jovem de jaquetao de caça bastante usado, diante de um tinteiro e papel. Era o secretário do juiz de instrução. Na outra extremidade do quarto, perto da janela, mantinham-se o *isprávnik* e Kolgánov.

— Beba água — repetia docemente, pela décima vez, o juiz de instrução.

— Já bebi, senhores, já bebi... Pois bem! Esmagai-me, condenai-me, decidi minha sorte! — exclamou Mítia, fixando-o.

— Com que então, afirma o senhor estar inocente da morte de seu pai, Fiódor Pávlovitch?

— Inocente! Derramei o sangue de outro velho, mas não o de meu pai. E o deploro! Matei... mas é duro ver-se acusado dum crime horrível que não se cometeu. É uma acusação terrível, senhores, um verdadeiro golpe de maça! Mas quem então matou meu pai? Quem podia matá-lo, senão eu? É prodigioso, é um absurdo impossível!...

— Vou dizer-lhe... — começou o juiz, mas o procurador (chamaremos assim o suplente), depois de ter trocado uma olhadela com ele, disse

a Mítia:

— O senhor se atormenta inutilmente a respeito do velho criado Gre-gório Vassíliev. Saiba que está vivo. Recuperou os sentidos e, malgrado o golpe terrível que o senhor lhe assestou, de acordo com os depoimentos de ambos, escapará com certeza. Tal é a opinião do médico.

— Vivo? Está vivo? — exclamou Mítia, de mãos juntas, o rosto radiante. — Meu Deus, rendo-te graças por esse milagre insigne que concedes ao pecador, ao celerado que sou, à sua prece!,.. Porque rezei a noite inteira!... — E benzeu-se três vezes.

— Esse mesmo Gregório prestou a respeito do senhor um depoimento de tal gravidade que... — prosseguiu o procurador, mas Mítia levantou-se bruscamente.

— Um instante, senhores, por favor, nada mais que um instante. Vou ter com ela...

— Com licença! É impossível agora! — exclamou Nikolai Parfiénovitch, que também se levantou. Os policiais seguraram Mítia, que tornou a sentar-se, aliás de bom grado.

— É pena. Queria somente anunciar-lhe que esse sangue que me angustiou a noite inteira está lavado e não sou um assassino! Senhores, é minha noiva! — disse ele, respeitosamente, olhando para todos os circunstantes. — Oh! agradeço-vos! Vós me restituístes a vida... Aquele velho carregou-me nos braços, era ele quem me lavava numa tina, quando tinha eu três anos de idade, quando estava abandonado por todos. Serviu-me de pai!...

— Com que então, o senhor... — prosseguiu o juiz.

— Com licença, senhores, ainda um instante — interrompeu Mítia, pondo os cotovelos sobre a mesa, com o rosto oculto nas mãos —, dei-xai-me concentrar-me, deixai-me respirar. Tudo isso me transtorna, não se bate em cima de um homem como em cima de um tambor, senhores.

— O senhor deveria beber um pouco de água...

Mítia descobriu o rosto e sorriu. Tinha o olhar vivo e parecia transformado. Suas maneiras também tinham mudado, sentia-se de novo igual àquelas pessoas, seus antigos conhecidos, como se se tivessem encontrado na véspera numa reunião social, antes do acontecimento. Notemos que Mítia havia a princípio sido recebido cordialmente em casa do *isprávnik,*

mas que, posteriormente, no derradeiro mês sobretudo, quase cessara de freqüentar-lhe a casa. O *isprávnik,* quando o encontrava na rua, por exemplo, fechava a cara e só o cumprimentava por polidez, o que não escapava a Mítia. Conhecia ainda menos o procurador, mas visitava, sem bem saber por que, sua mulher, senhora nervosa e caprichosa; ela o recebia sempre graciosamente e testemunhava interesse por ele. Quanto ao juiz, conversara duas vezes com ele, a propósito de mulheres.

— O senhor, Nikolai Parfiénovitch, é um juiz de instrução bastante hábil, pelo que vejo — disse alegremente Mítia. — Vou ajudá-lo, aliás. Oh! senhores, ressuscitei... não se formalizem com minha franqueza, tanto mais que estou um pouco bêbado, confesso-o. Parece-me ter tido a honra... a honra e o prazer de tê-lo encontrado, Nikolai Parfiénovitch, em casa de meu parente Miúsov... Senhores, não pretendo igualdade, compreendo minha situação perante os senhores. Pesa sobre mim... se Gregório me acusa, pesa sobre mim, bem decerto, uma acusação terrível. Compreendo-o muito bem. Mas, de fato, senhores, estou pronto e em breve poderemos tudo terminar. Se estou seguro de minha inocência, não demorará muito, não é mesmo?

Mítia falava depressa, expansivamente, como se tomasse seus auditores por seus melhores amigos.

— De modo que, anotamos, enquanto esperamos, que o senhor nega formalmente a acusação feita contra o senhor — disse num tom grave Nikolai Parfiénovitch, e ditou a meia voz ao escrivão o necessário.

— Anotar? Quer anotar isso? Pois seja, coisinto, dou meu pleno consentimento, senhores... somente, vejam... Espere, escreva isto: é culpado de violências, de ter assestado golpes terríveis em um pobre velho. E depois, no meu foro íntimo, no fundo do coração, sinto-me culpado, mas isto não é preciso escrever, é minha vida privada, senhores, isto não lhes diz respeito, são segredos do coração... Quanto ao assassinato de meu velho pai, sou inocente! É uma idéia monstruosa!... Provar-lhes-ei, ficarão os senhores convencidos imediatamente. Rirão mesmo de suas suspeitas!...

— Acalme-se, Dimítri Fiódorovitch — disse o juiz. — Antes de prosseguir o interrogatório, quereria, se o senhor consentir em responder, que me confirmasse um fato: o senhor não gostava do defunto, parece, tinha constantes brigas com ele... Aqui, pelo menos, há um quarto de hora, declarou ter tido a intenção de matá-lo: "Não o matei", disse o senhor, "mas quis matá-lo!"

— Disse isso? Oh! bem possível! Sim, várias vezes, quis matá-lo... desgraçadamente!

— O senhor o queria. Consente em explicar-nos os motivos desse ódio contra seu pai?

— Que adianta explicar, senhores? — disse Mítia, com ar sombrio, erguendo os ombros. — Não ocultava meus sentimentos, toda a cidade os conhece. Não há muito tempo manifestei-os no mosteiro, na cela do *stáriets* Zósima... Na noite do mesmo dia, bati em meu pai e quase o matei, jurando diante de testemunhas que voltaria para matá-lo. Oh! as testemunhas não faltam, gritei isto durante um mês... O fato é patente, mas os sentimentos são outro negócio. Vejam, senhores, acho que não têm o direito de interrogar-me a respeito. Malgrado a autoridade de que estão revestidos, é um negócio íntimo, que só a mim interessa... mas uma vez que não ocultei meus sentimentos antes... falei deles a todo mundo no botequim, então... então não farei disso um mistério agora. Vejam os senhores, compreendo que há contra mim acusações esmagadoras: disse a todos que o mataria e eis que o matam: não serei eu o culpado, em semelhante caso? Ah! ah! ah! Eu os desculpo, senhores, eu os desculpo absolutamente. Eu mesmo estou estupefato. Quem é, pois, o assassino, neste caso, senão eu? Não é verdade? Se não sou eu, quem é então? Senhores, quero saber, exijo que me digam onde foi ele morto, como, com que arma.

Olhou longamente o juiz e o procurador.

— Nós o encontramos caído no soalho, em seu gabinete, com a cabeça rebentada — disse o procurador.

— É terrível, senhores!

Mítia estremeceu, apoiou os cotovelos na mesa, ocultou o rosto com sua mão direita.

— Continuemos — disse Nikolai Parfiénovitch. — Então, que motivos inspiraram seu ódio? O senhor, creio, declarou publicamente que ele provinha do ciúme?

— Oh! sim, o ciúme, e outra coisa mais.

— Questões de dinheiro?

— Oh! sim, o dinheiro desempenhava nisso também um papel.

— Tratava-se, creio, de 3 000 rublos que o senhor não havia recebido de sua herança?

— Como, 3 000? Mais, mais de 6 000, mais de 10 000, talvez. Disse-o a todo mundo, gritei-o por toda parte! Mas estava decidido, para pôr termo a tudo, a transigir em 3 000 rublos. Precisava deles a qualquer preço... de sorte que aquele pacote oculto debaixo de uma almof ada e destinado a Grúchenhka, considerava-o eu como propriedade minha que me tinha sido roubada, sim, senhores, como me pertencendo.

O procurador trocou uma olhadela significativa com o juiz.

— Voltaremos a isso — disse logo o juiz. — No momento, permita-nos consignar esse ponto, que o senhor considerava o dinheiro encerrado naquele envelope como propriedade sua.

— Escrevam, senhores. Compreendo que é uma nova acusação contra mim, mas isto não me causa medo, acuso-me a mim mesmo. Estão ouvindo? A mim mesmo. Vejam, senhores, creio que os senhores se enganam totalmente a meu respeito — acrescentou, com tristeza. — O homem que lhes fala é leal; cometeu muitas baixezas, mas sempre permaneceu nobre no íntimo de si mesmo... Em uma palavra, não sei exprimir-me... Esta sede de nobreza sempre me atormentou, como a um mártir; eu a buscava com a lanterna de Diógenes, e no entanto só pratiquei vilanias, como nós todos, senhores... isto é, como somente eu, engano-me, eu só é que sou assim!... Senhores, tenho dor de cabeça. Fiquem sabendo que tudo nele me desgostava: seu exterior, não sei quê de desonesto, de gabolice e desprezo por tudo quanto é sagrado, palhaçada e irreligião. Mas agora que ele está morto, penso diferentemente.

— Como assim diferentemente?

— Não diferentemente, mas lamento tê-lo detestado tanto.

— Sente remorsos?

— Não, remorsos não, não anotem isto. Eu mesmo, senhores, não brilho nem pela bondade, nem pela beleza; de modo que não tinha o direito de achá-lo repugnante. Podem anotar isto.

Tendo assim falado, Mítia pareceu bastante triste. Tornava-se cada vez mais sombrio à medida que respondia às perguntas do juiz. Foi nesse momento que se desenrolou uma cena inesperada. Se bem que tivessem afastado Grúchenhka, encontrava-se ela num quarto próximo daquele

onde se realizava o interrogatório, em companhia da Maksímov, abatido e aterrorizado, que se ligava a ela como a uma âncora de salvação. Um mujique com placa de metal guardava a porta. Grúchenhka chorava; de repente, incapaz de resistir a seu pesar, depois de ter gritado: "Desgraça, desgraça!", correu para fora do quarto para o seu bem-amado, tão bruscamente que ninguém teve tempo de detê-la. Mítia, que a havia ouvido, estremeceu, precipitou-se a seu encontro. Mas impediram de novo que se juntassem. Agarraram-no pelos braços; ele se debateu encarniçadamente, sendo precisos três ou quatro homens para contê-lo. Apoderaram-se também de Grúchenhka e ele a viu a estender-lhe os braços, enquanto a levavam. Passada a cena, reencontrou-se ele no mesmo lugar, à mesa, diante do juiz.

— Por que fazê-la sofrer? — exclamou ele. — Ela é inocente!... O procurador e o juiz esforçaram-se por acalmá-lo. Dez minutos decorreram assim.

Mikhail Makárovitch, que havia saído, tornou a entrar e disse todo comovido:

— Ela está lá embaixo. Permitem, meus senhores, que eu diga uma palavra a esse infeliz? Na presença dos senhores, bem entendido.

— Pois não, Mikhail Makárovitch, não vemos inconvenientes nisso — disse o juiz.

— Dimítri Fiódorovitch, escuta, meu pobre amigo — seu rosto exprimia uma compaixão quase paternal —, Agrafiena Alieksándrovna encontra-se lá embaixo, com as filhas do hospedeiro, o velho Maksímov não a deixa. Tranqüilizei-a, fiz-lhe compreender que tu devias justificar-te, que não se devia perturbar-te, senão agravadas as acusações contra ti, compreendes? Em suma, ela compreendeu, é inteligente e boa, queria beijar-me as mãos, pedindo graça para ti. Foi ela quem me enviou para tranqüilizar-te. Preciso dizer-lhe que estás tranqüilo a teu respeito. Acalma-te, pois. Sou culpado diante dela, é uma alma cristã, senhores, uma alma terna e inocente. Posso dizer-lhe, Dimítri Fiódorovitch, que estarás calmo?

O bom homem estava comovido pela dor de Grúchenhka, tinha mesmo lágrimas nos olhos. Mítia adiantou-se para ele.

— Perdão, senhores, com licença, peço-lhes. O senhor é um anjo, Mikhail Makárovitch, obrigado por ela. Ficarei calmo, ficarei alegre, áiga-Ihe

isso na sua bondade; vou mesmo pôr-me a rir, sabendo que o senhor vela por ela. Acabarei em breve isto, assim.que ficar livre correrei para ela. Que ela tenha paciência! Senhores, vou abrir-lhes meu coração, vamos terminar tudo isto alegremente, acabaremos rindo juntos, não é? Senhores, aquela mulher é a rainha da minha alma! Oh! deixem-me dizer-lhes... Vejo que são corações nobres. Ela aclara e enobrece minha vida! Oh! se os senhores soubessem! Ouviram seus gritos: "Irei contigo à morte!" Que lhe dei eu, eu que nada tenho? Por que tal amor? Sou eu digno, eu, vil criatura, de ser amado a ponto de seguir-me ela à prisão? Ainda há pouco, arrastava-se aos pés dos senhores por minha causa, ela, tão altiva e inocente! Como não adorá-la, não correr para ela? Senhores, perdoem-me! Agora, eis-me consolado!

Caiu sobre uma cadeira e, cobrindo o rosto com as mãos, pôs-se a soluçar. Mas eram lágrimas de alegria. O velho *isprávnik* parecia encantado, os juizes igualmente; sentiam que o interrogatório entrava numa fase nova. Quando o *isprávnik* saiu, Mítia tornou-se alegre.

— Pois bem, senhores, agora estou a seu dispor. E... não fossem todos esses detalhes e já nos teríamos entendido. Senhores, a seu dispor, mas é preciso que uma confiança mútua reine entre nós, senão não acabaremos nunca. É pelos senhores que falo. Ao fato, senhores, ao fato! Sobretudo não cascavilhem minha alma, não a torturem com bagatelas, mantenham-se no essencial e lhes darei satisfação. Ao diabo os detalhes!

Assim falou Mítia. O interrogatório recomeçou.

IV

SEGUNDO PURGATÓRIO

— O senhor não poderia acreditar quanto sua boa-vontade nos reconforta, Dimítri Fiódorovitch — disse Nikolai Parfiénovitch. Seus olhos, de um cinzento-claro e salientes, brilhavam de satisfação. — O senhor falou com razão dessa confiança mútua, indispensável nos negócios de uma tal importância, se o acusado deseja verdadeiramente, espera e pode justificar-se. De nosso lado, faremos tudo quanto de nós depender. O senhor já pôde ver como conduzimos este caso... Está de acordo, Ipolit Kirílovitch?

— Decerto — aprovou o procurador, todavia um pouco secamente

em comparação com o outro.

Notemos uma vez por todas que Nikolai Parfiénovitch, desde sua recente entrada em funções, testemunhava profundo respeito pelo procurador, pelo qual sentia simpatia. Era quase o único a acreditar absolutamente no notável talento psicológico e oratório de Ipolit Kirílovitch, vítima de injustiças, no que acreditava piamente. Já ouvira falar dele em Petersburgo. Em compensação, o jovem Nikolai Parfiénovitch era o único homem no mundo de quem o nosso mal-aventurado procurador gostava sinceramente. Em caminho, tinham podido combinar-se a respeito do caso que se anunciava e agora o espírito agudo de Nikolai Parfiénovitch captava no ar e interpretava cada sinal, cada jogo fisionômico de seu colega.

— Senhores, deixem-me contar-lhes as coisas sem me interromperem a propósito de bagatelas. Não será longo — continuou Mítia.

— Muito bem, mas, antes de ouvi-lo, permita-nos que constatemos este pequeno fato muito curioso para nós. O senhor pediu emprestados 10 ru-blos ontem à tardinha, às 5 horas, deixando suas pistolas como penhor a seu amigo Piotr Ilitch Pierkhótin.

— Sim, senhores, empenhei-as por 10 rublos, quando voltei de via-gem. E com isso?

— O senhor voltava de viagem? Tinha deixado a cidade?

— Fora a 40 verstas da cidade, senhores. Não sabiam disso? O procurador e o juiz trocaram um olhar.

— O senhor faria bem começando sua narrativa pela descrição me-tódica de seu dia desde a manhã. Queira dizer-nos, por exemplo, por que se ausentou, o momento de sua partida, e de seu regresso...

— Deviam ter-me pedido imediatamente — disse Mítia rindo. — Se quiserem, remontarei a anteontem, então comoreenderão o sentido de meus passos. Há dois dias, fui, logo de manhã, à casa do comerciante Samsónov para lhe pedir emorestados* 3 000 rublos com seguras garantias. Precisava dessa soma de repente e o mais depressa possível.

— Com licença — interrompeu num tom polido o procurador —, por que tinha o senhor necessidade de repente de tal soma, precisamente 3 000 rublos?

— Ah! senhores, quantos detalhes! Como, quando, por que, por qual razão tal soma e não outra? Palavrório, tudo isso. Desse jeito, nem três volumes seriam suficientes, precisaria ainda um epílogo!

Mítia falava com a bonomia familiar de um homem desejoso de dizer toda a verdade e animado das melhores intenções.

— Senhores — prosseguiu ele —, queiram desculpar minha brusquidão, estejam certos de meus sentimentos respeitosos a seu respeito. Não estou mais embriagado. Compreendo a diferença que nos separa: sou aos olhos dos senhores um criminoso que devem vigiar; não me passarão a mão pelos cabelos por causa de Gregorio, não se pode rebentar impunemente a cabeça de um velho. Isso me valerá seis meses ou um ano de prisão, mas sem privar-me de meus direitos civis, não é, senhor procurador? Compreendo tudo isso... Mas confessem que os senhores desconcertariam o próprio Deus com perguntas assim: "Aonde fôste, como e quando? Por quê?"Eu me atrapalharia desta forma, os senhores anotariam imediatamente, e que resultaria disso? Nada! Afinal, se comecei a mentir, irei até o fim, e os senhores mo perdoarão, dadas sua instrução e nobreza de seus sentimentos. Para terminar, peço-lhes que renunciem a esses processos oficiais que consistem em fazer perguntas insignificantes: "Gomo te levantaste? Que comeste? Onde cuspiste?" e, es-estando adormecida a atenção do réu, perturbá-lo, perguntando-lhe: "A quem mataste? A quem roubaste?" Ah! ah! Eis o processo clássico dos senhores, eis em que se funda toda a sua astúcia! Empreguem esse ardil com os mujiques, mas não comigo, que compreendo as coisas e já servi! Ah! ah! ah! Não se zanguem, senhores, perdoem meu atrevimento. — Olhava-os com estranha bonomia. — Pode-se ter mais indulgência por Mítia Karamázov do que por um homem de espírito, ah! ha! ah!

O juiz ria. O procurador permanecia grave, não desfitava os olhos de Mítia, observava atentamente seus menores gestos e os movimentos de sua fisionomia.

— Contudo — disse Nikolai Parfiénovitch, continuando a rir —, nós não o confundimos a princípio com questões tais como: "Como se levantou esta manhã? Que comeu?" Fomos mesmo demasiado depressa ao alvo.

— Compreendo, aprecio a bondade dos senhores. Estamos todos três de boa fé, deve reinar entre nós a confiança recíproca de pessoas do mundo ligadas pela nobreza e pela honra. Em todo o caso, deixem-me

olhá-los como meus melhores amigos nestas penosas circunstâncias! Isto não os ofende, não é, senhores?

— Pelo contrário, o senhor diz muito bem, Dimítri Fiódorovitch — aprovou o juiz.

— E os detalhes, senhores, todo esse processo chicanista, deixemo-los de lado! — exclamou Mítia muito exaltado. — Com eles não chegaremos a nenhum resultado.

— O senhor tem toda a razão — interveio o procurador —, mas mantenho minha pergunta. — É-nos indispensável saber por que tinha o senhor necessidade desses 3 000 rublos.

— Para uma coisa ou outra... que importa? Para pagar uma dívida.

— A quem?

— Isto recuso absolutamente dizer, senhores! Não é por temor ou timidez, pois se trata duma bagatela, mas por princípio. Isto diz respeito à minha vida privada e não permito que nela se toque. Sua pergunta nada tem que ver com o caso, portanto diz respeito à minha vida privada. Queria pagar uma dívida de honra, mas não direi a quem.

— Permita-nos anotar isso — disse *o* procurador.

— Peço-lhe. Escreva que recuso dizê-lo, achando que não seria honroso fazê-lo. Vê-se bem que não lhes falta tempo para escrever!

— Permita-me, senhor, preveni-lo, lembrar-lhe ainda, se o ignora — disse num tom severo o procurador —, que o senhor tem o direito absoluto de não responder às nossas perguntas, e que, de outra parte, não temos absolutamente o direito de exigir respostas que o senhor julgue que não deve dar. Mas devemos chamar sua atenção para o prejuízo que causa a si mesmo recusando falar. Agora, queira continuar.

— Senhores, não me estou zangando... eu... — gaguejou Mítia um pouco confuso diante daquela observação — saibam que aquele Samsónov a cuja casa fui...

Bem entendido, não reproduziremos sua narrativa dos fatos que o leitor já conhece. Na sua impaciência, queria o narrador contar tudo detalhadamente e ao mesmo tempo com rapidez. Mas tinha-se de tomar por escrito suas declarações à medida que eram feitas, donde a necessidade de fazê-lo por vezes parar. Dimítri Fiódorovitch a isso se resignava, de má

vontade; exclamava por vezes: "Senhores, é de exasperar o próprio Deus", ou "Senhores, sabem que me irritam sem motivo?", mas, apesar dessas exclamações, continuava expansivo. Foi assim que contou como Samsónov o mistificara (dava-se perfeitamente conta disso agora). A venda do relógio por 6 rublos, a fim de arranjar o dinheiro da viagem, interessou bastante os magistrados, que ainda ignoravam isso; com extrema indignação de Mítia, julgou-se necessário consignar com detalhes esse fato, que estabelecia de novo que na véspera também estava ele quase sem dinheiro algum. Pouco a pouco, Mítia tornava-se sombrio. Em seguida, depois de ter descrito sua visita a Liagávi, a noite passada na isbá e o começo de asfixia, abordou seu regresso à cidade e se pôs por si mesmo a descrever suas torturas de ciúme por causa de Grúchenh-ka. Escutavam-no em silêncio e com atenção, anotando-se sobretudo o fato de que desde muito tempo tinha ele um posto de observação no jardim de Maria Kondrátievna, para o caso de Grúchenhka ir à casa de Fiódor Pávlovitch, e que Smierdiákov lhe transmitia informações; isto foi mencionado bem devidamente. Falou longamente de seu ciúme, malgrado sua vergonha em exibir seus sentimentos mais íntimos, por assim dizer, à desonra pública, mas dominava-a a fim de ser verídico. A severidade impassível dos olhares fixos nele, durante seu relato, acabou por perturbá-lo bastante fortemente: "Esse rapazola, Nikolai Parfiéno-vitch, com quem tagarelava eu a respeito de mulheres, há alguns dias, e esse procurador doentio não merecem que lhes conte isso", pensava ele tristemente. "Que vergonha!" "Suporta, resigna-te, cala-te", concluía, enquanto se fortalecia para continuar. Chegado ao ponto da visita à casa da Senhora Khokhlakova, voltou a ficar alegre e quis mesmo contar a seu respeito uma anedota recente, fora de propósito; mas o juiz interrompeu-o e convidou-o a passar ao essencial. Em seguida, tendo descrito seu desespero e falado do momento em que, ao sair da casa daquela senhora, tinha mesmo pensado em estrangular alguém para arranjar os 3 000 rublos, fizeram-no parar para que fosse isso consignado. Por fim, contou como soubera da mentira de Grúchenhka, que logo partira da casa de Samsónov, quando devia, afirmava ela, ficar em casa do velho até a meia-noite. "Se não matei então aquela Fiénia, senhores, foi unicamente porque me faltava tempo", deixou ele escapar. Isto também ficou consignado. Mítia esperou com ar sombrio e ia explicar como entrara no jardim de seu pai, quando o juiz o interrompeu e, abrindo um grande guardanapo que se achava junto dele, em cima do divã, dali tirou um pilão de cobre.

— Conhece este objeto?

— Ah! sim. Como não? Deixe-me vê-lo... Ao diabo, é inútil!

— O senhor esqueceu-se de falar dele.

— Que diabo! Pensam que haveria de ocultar isso? Tinha-me esquecido, eis tudo.

— Quer contar-nos como arranjou esta arma?

— De boa vontade, senhores.

E Mítia contou como pegara o pilão e saíra.

— Mas qual era sua intenção apoderando-se deste objeto?

— Que intenção? Nenhuma. Peguei-o e saí correndo.

— Por que então, se não tinha intenção?

A irritação apoderava-se de Mítia. Fixava o rapazola com um mau sorriso, lamentava a franqueza que estava tendo com tal gente, a propósito de seu ciúme.

— Que me importa o pilão?

— No entanto...

— Pois bem, era contra os cachorros. Estava escuro... prevenia-me.

— Antes, quando o senhor saía à noite, levava também uma arma, uma vez que receava tanto a escuridão?

— Com a breoa! É impossível conversar com os senhores! — exclamou Mítia exasperado, e, dirigindo-se, rubro de cólera, ao escrivão:

— Escreva imediatamente... agora mesmo: "Pegou ele o pilão para ir matar seu pai... Fiódor Pávlovitch... para lhe rebentar a cabeça!" Estão contentes, senhores? — perguntou ele, num tom provocativo.

— Não podemos levar em conta tal depoimento, inspirado pela cólera. Nossas perguntas lhe parecem fúteis e irritam-no, quando na verdade são muito importantes — disse secamente o procurador.

— Por favor, senhores! Peguei esse pilão... Por que se pega alguma coisa em semelhante caso? Ignoro-o. Peguei-o e saí correndo. Eis tudo. Ê vergonhoso, senhores, mas deixemos isso, senão juro-lhes que não direi mais uma palavra.

Pôs os cotovelos sobre a mesa, com a cabeça na mão. Estava sentado de lado em relação a eles e olhava a parede, esforçando-se por dominar um mau sentimento. Tinha, com efeito, grande vontade de levantar-se, de declarar que não diria mais uma palavra, ainda que tivessem de levá-lo a suplício.

— Vejam, senhores, ao ouvi-los, parece-me ter um sonho como por vezes me acontece... sonho muitas vezes que alguém me persegue, alguém de quem tenho muito medo, e me procura, nas trevas. Oculto-me vergonhosamente atrás de uma porta, atrás de um armário. O desconhecido sabe, sobretudo, perfeitamente, onde me encontro, mas finge ignorá-lo, a fim de atormentar por mais tempo, de brincar com meu terror... É o que os senhores estão fazendo agora! É a mesma coisa!

— O senhor tem tais sonhos? — perguntou o procurador.

— Sim, tenho tais sonhos... Não vão anotar?

— Não, mas o senhor tem sonhos estranhos.

— Agora, não é mais um sonho! É a realidade, senhores, o realismo da vida! Sou o lobo, os senhores são os caçadores!

— Sua comparação é injusta... — disse mansamente Nikolai Parf ié-novitch.

— Absolutamente, senhores! — disse Mítia com irritação, se bem que aliviado por sua brusca explosão de cólera. — Os senhores podem recusar-se a crer num criminoso ou num acusado que torturam com suas perguntas, mas não num homem animado de nobres sentimentos (digo-o ousadamente). Os senhores não têm o direito. Mas *Silêncio, meu coração, Suporta, résigna-te, cala-te!*

— Devo continuar? — perguntou ele, áspero.

— Como não? Peço-lhe — disse Nikolai Parfiénovitch.

V

TERCEIRO PURGATÓRIO

Embora falando com brusquidao, Mítia pareceu ainda mais desejoso de não omitir nenhum detalhe. Contou como escalara a paliçada, caminhara até a janela e tudo quanto se passara então nele. Com precisão e

clareza, expôs os sentimentos que o agitavam, quando ardia por saber se Grúchenhka estava ou não na casa. Coisa estranha, o procurador e o juiz escutavam com extrema reserva, de ar rebarbativo, não fazendo senão raras perguntas. Mítia nada podia presumir da expressão de seus rostos. "Estão irritados e ofendidos", pensou, "tanto pior!" Quando contou que havia feito a seu pai o sinal, anunciando a chegada de Grúchenhka, os magistrados não prestaram nenhuma atenção à palavra "sinal", como se não compreendessem o alcance na circunstância. Mítia notou esse detalhe. Chegado ao momento em que, à vista de seu pai debruçado para fora da janela, fremira de ódio e tirara o pilão de seu bolso, parou de súbito como de propósito. Olhava a parede e sentia os olhares dos juizes fixos nele.

— Pois bem! — disse Nikolai Parfiénovicth. — O senhor agarrou sua arma e... que se passou em seguida?

— Em seguida? Matei... descarreguei em meu pai um golpe de pilão que lhe fendeu o crânio... Segundo os senhores, foi assim, não é mesmo?

Seus olhos cintilavam. Sua cólera acalmada reacendia-se em toda a sua violência.

— Segundo nós, mas segundo o senhor? Mítia baixou os olhos, fez uma pausa.

— No que me diz respeito, senhores, no que me diz respeito, eis o que se passou — recomeçou ele, mansamente: — Teria sido minha mãe que implorava a Deus por mim, um espírito celeste que me beijou a fronte naquele momento? Não sei, mas o diabo foi vencido. Afastei-me da janela e corri para a paliçada. Meu pai, que me avistou então, ficou com medo, lançou um grito e recuou vivamente, lembro-me bastante bem... Eu já havia trepado na barreira, quando Gregório me agarrou...

Mítia ergueu enfim os olhos para seus ouvintes, que o olhavam com ar impassível. Um frêmito de indignação percorreu-o.

— Senhores, zombam de mim!

— Donde concluiu isso? — perguntou Nikolai Parfiénovitch.

— Os senhores não acreditam uma palavra do que digo! Compreendo muito bem que cheguei ao ponto capital; o velho jaz agora, com a cabeça fendida, e eu, depois de ter tragicamente descrito minha vontade de matá-lo, com o pilão já na mão, fujo da janela... Tema de poema a ser posto em versos! Pode-se acreditar sob palavra em tal

pândego? Os senhores são uns farsantes!

Voltou-se bruscamente na cadeira, que estalou.

-— Não notou o senhor — disse o procurador, parecendo ignorar a agitação de Mítia —, quando deixou a janela, se a porta que dá acesso ao jardim, no outro extremo da fachada, estava aberta?

— Não, não estava aberta.

— Tem certeza?

— Estava, pelo contrário, fechada. Quem teria podido abri-la? Ah! a porta? Esperem! — pareceu reconsiderar e estremeceu: — Os senhores encontraram-na aberta?

— Sim.

— Mas quem pôde abri-la, senão os senhores?

— A porta estava aberta, o assassino de seu pai seguiu esse caminho para entrar e para sair — disse o procurador, esc and indo as palavras. — É bastante claro para nós. O assassinato foi cometido evidentemente no quarto, e não através da janela. Isto resulta do exame dos locais e da posição do corpo. Não há nenhuma dúvida a este respeito.

Mítia estava confuso.

— Mas é impossível, senhores! — exclamou ele, totalmente transtornado. — Eu... eu não entrei... Afirmo-lhes que a porta ficou fechada durante todo o tempo em que eu estive no jardim e quando fugi... Conservava-me sob a janela e só vi meu pai do exterior... Lembro-me até o derradeiro minuto. Mesmo se não me lembrasse, estou certo disso, porque os sinais só eram conhecidos de mim, de Smierdiákov e do defunto, e sem sinais ele não teria aberto a ninguém no mundo!

— Que sinais? — perguntou com ardente curiosidade o procurador, cuja reserva desapareceu logo. Interrogava com uma espécie de hesitação, pressentindo um fato importante, e receava que Mítia se recusasse a explicá-lo.

— Ah! O senhor não sabia? — disse Mítia, piscando o olho, com um sorriso irônico. — E se eu recusasse responder? Quem os informaria? O defundo, eu e Smierdiákov éramos os únicos a conhecer o segredo, Deus também o sabe, mas ele não o dirá aos senhores. Ora, o fato é curioso e sobre ele pode-se construir à vontade. Ah! Ah! Consolem-se, senhores, eu

lhes revelarei o segredo, seus temores são vãos. Os senhores não sabem com quem têm de avir-se! O acusado depõe contra si mesmo, sim, porque sou um cavalheiro de honra, mas os senhores, não!

O procurador engolia essas pílulas na sua impaciência de conhecer o fato novo. Mítia explicou pormenorizadamente os sinais imaginados por Fiódor Pávlovitch para Smierdiákov, o sentido de cada pancada na janela; reproduziu-òs mesmo em cima da mesa. Tendo-lhe Nikolai Parfié-novitch perguntado se ele havia feito então ao velho o sinal convencionado para a chegada da Grúchenhka, Mítia respondeu afirmativamente.

— Agora, construam sobre isso uma hipótese! — cortou ele, voltando-se com desdém.

— De modo que seu defunto pai, o senhor e o criado Smierdiákov eram os únicos a conhecer esses sinais? — insistiu o juiz.

. — Sim, o criado Smierdiákov e depois Deus. Notem isto. Devem os senhores mesmo recorrer a Deus.

Consignou-se, bem entendido, mas naquele momento disse o procurador, como se lhe tivesse sobrevindo uma idéia:

— Neste caso, e já que o senhor afirma sua inocência, não teria sido Smierdiákov que fêz seu pai abrir a porta, dando o sinal, e em seguida... o assassinou?

Mítia lançou-lhe um olhar carregado de ironia e de ódio, fixou-o tanto tempo que o procurador bateu as pálpebras.

— Os senhores queriam ainda pegar a raposa, beliscaram-lhe a cauda, ah, ah, ah, pensavam que eu ia agarrar-me ao que os senhores insinuam e exclamar a plenos pulmões: "Ah! Sim, foi Smierdiákov, eis o assassino!" Confessem que pensaram isto, confessem, e então continuarei.

O procurador não confessou nada. Esperou em silêncio.

— Os senhores enganaram-se. Não acusarei Smierdiákov — declarou Mítia.

— E o senhor nem mesmo suspeita dele?

— Será que os senhores suspeitam?

— Nós também suspeitamos dele. Mítia baixou os olhos.

— Basta de brincadeiras, escutem: desde o começo, quase no mo-

mento em que saí de trás daquela cortina, esta idéia já me viera: "Foi Smierdiákov!" Sentado a esta mesa, quando gritava a minha inocência, o pensamento de Smierdiákov me perseguia. Agora, por fim, pensei nele, mas por espaço de um segundo, e logo disse a mim mesmo: "Não, não foi Smierdiákov!" Esse crime não é obra dele, senhores!

— Não suspeita então de alguma outra personagem? — perguntou com precaução Nikolai Parfiénovitch.

— Não sei quem, Deus ou Satã, mas não Smierdiákov! — disse resolutamente Mítia.

— Mas por que afirma o senhor com tal insistência que não foi ele?

— Por convicção. Porque Smierdiákov é uma natureza vil e covarde, ou antes, o composto de todas as covardias caminhando em cima de dois pés. Nasceu de uma galinha. Quando me falava, tremia de medo, pensando que eu ia matá-lo, quando nem mesmo levantava a mão. Lançava-se a meus pés chorando, beijava minhas botas suplicando-me que não lhe fizesse medo. Entendem? Que não lhe fizesse medo. E eu mesmo dei-lhe presentes. É uma galinha epiléptica, um espírito fraco; um menino de oito anos surrá-lo-ia. Não, não foi Smierdiákov. Não gosta de dinheiro, recusava meus presentes... Aliás, por que teria ele matado o velho? É talvez seu filho natural, sabem disso?

— Conhecemos esta lenda. Mas o senhor também é filho de Fiódor Pávlovitch e no entanto andou dizendo a todo mundo que queria matá-lo.

— Mais outra pedra no meu jardim! É abominável. Mas eu não tenho medo. Os senhores deviam ter vergonha de dizer-me isto em rosto! Porque fui eu que lhes falei. Não somente quis matá-lo, mas podia tê-lo feito, eu mesmo me acusei de ter estado a ponto de matá-lo. Mas meu anjo da guarda salvou-me do crime, eis o que os senhores não podem compreender... É ignóbil da parte dos senhores, ignóbil! Porque eu não matei, não matei! Entende, procurador? Não matei!

Sufocava. Durante o interrogatório jamais estivera em semelhante agitação.

— E que lhes disse Smierdiákov? — concluiu após uma pausa. — Posso sabê-lo?

— Ó senhor pode interrogar-nos sobre tudo quanto diga respeito aos fatos — respondeu friamente o procurador —, e repito-lhe que concor-

damos em responder às suas perguntas. Encontramos o criado Smierdiákov em seu leito, sem conhecimento, presa de violenta crise de epilepsia, a décima talvez desde a véspera. O médico que nos acompanhava declarou, depois de ter examinado o doente, que não passaria ele talvez da noite.

— Então, foi o diabo que matou meu pai! — deixou Mítia escapar, como se sua derradeira dúvida desaparecesse.

— Voltaremos a este ponto — concluiu Nikolai Parfiénovitch. — Queira continuar seu depoimento.

Mítia pediu para repousar, o que lhe foi concedido com cortesia. Em seguida retomou seu relato, mas com esforço visível. Estava fatigado, indisposto, abalado moralmente. Além do mais, o procurador, como de propósito, irritava-o a cada instante, detendo-se em minúcias. Mítia acabava de descrever como, cavalgando a paliçada, assestara um golpe de pilão na cabeça de Gregório, que se agarrara à sua perna esquerda, depois saltara para junto do ferido, quando o procurador lhe pediu que explicasse com mais detalhes como se mantinha ele sobre a paliçada. Mítia admirou-se.

— Ora! Estava sentado assim, a cavalo, com uma perna de cada lado...

— E o pilão?

— Tinha-o na mão.

— Não estava no seu bolso? Lembra-se desse detalhe? O senhor deve ter golpeado do alto.

— É provável. Por que essa observação?

— Quereria o senhor colocar-se sobre sua cadeira como estava então na paliçada, para nos mostrar perfeitamente como e de que lado o senhor golpeou?

— Será que não está zombando de mim? — perguntou Mítia, olhando de alto a baixo o procurador; mas este não fêz nenhum movimento. Mítia pôs-se a cavalo sobre a cadeira e levantou o braço:

— Eis como golpeei! Como matei! Estão satisfeitos?

— Agradeço-lhe. Não quererá explicar-nos agora por que de novo saltou para o jardim e com que fim?

— Com os diabos! Para ver o ferido... Não sei por quê!

— Na perturbação em que se encontrava e no momento em que fugia?

— Sim, numa perturbação daquela e no momento de fugir.

— Queria ir-lhe em socorro?

— Como? Sim, talvez, em socorro, não me lembro.

— Não se dava conta o senhor de seus atos?

— Oh! dava-me bem conta deles. Lembro-me dos menores detalhes. Saltei para ver e enxuguei-lhe o sangue com meu lenço.

— Vimos seu lenço. Esperava fazer o ferido voltar à vida?

— Não sei... Queria simplesmente certificar-me de que vivia ainda.

— Ah! queria certificar-se? E então?

— Não sou médico, não posso julgar isso. Fugi pensando tê-lo matado.

— Muito bem, agradeço-lhe. É tudo quanto precisava saber. Queira continuar.

Ai! Mítia não teve a idéia de contar — e no entanto se lembrava — que saltara por compaixão e pronunciara palavras de piedade diante de sua vítima: "O velho está liquidado; tanto pior, que aí fique!" O procurador concluiu que o acusado saltara em tal momento e em tal perturbação somente para verificar com certeza se a única testemunha de seu crime vivia ainda. Quais deviam ser então a energia, a resolução, o sangue-frio daquele homem, etc, etc. O procurador estava satisfeito: "Exasperei esse homem irritável com minúcias e ele se traiu".

Mítia prosseguiu penosamente. Desta vez foi Nikolai Parfiénovitch que o interrompeu:

— Como pôde o senhor ir à casa da criada Fiedóssia Márkovna com as mãos e o rosto ensangüentados?

— Mas eu não sabia disso.

— É verossímil, isto acontece — disse o procurador, trocando uma olhadela com Nikolai Parfiénovitch.

— O senhor tem razão, procurador — aprovou Mítia. Em seguida contou sua decisão de se afastar, de deixar o caminho livre aos amantes.

Mas não pôde resolver-se, como ainda há pouco, a exibir seus sentimentos, a falar da rainha de seu coração. Isso causava-lhe repugnância diante daquelas criaturas frias. De modo que, às perguntas reiteradas, respondeu lacônicamente:

— Pois bem! Tinha resolvido matar-me. Para que viver? O antigo amante de Gruchenhka, seu sedutor, vinha, após cinco anos, reparar sua falta, desposando-a. Compreendi que tudo estava acabado para mim... Atrás de mim a vergonha, e depois aquele sangue, o sangue de Gre-gório. Por que viver? Fui desempenhar as minhas pistolas, a fim de alojar-me uma bala na cabeça, ao amanhecer...

— E, esta noite, uma festa de arromba.

— Isto mesmo. Que diabo, senhores, acabemos o mais depressa. Estava decidido a matar-me, lá, no fim da aldeia, às 5 horas da manhã. Tenho mesmo no bolso um bilhete escrito em casa de Pierkhótin, quando carregava minha pistola. Ei-lo, leiam-no. Não é para os senhores que conto! — acrescentou desdenhoso. Lançou sobre a mesa o bilhete que os juizes leram com curiosidade, e, como de justiça, juntaram ao processo.

— E o senhor não pensou em lavar as mãos, mesmo antes de ir à casa do Senhor Pierkhótin? Não temia então as suspeitas?

— Que suspeitas? Que suspeitem de mim ou não, pouco me importa. Ter-me-ia suicidado às 5 horas, antes que tivessem tempo de agir. Sem a morte de meu pai, os senhores de nada saberiam e não teriam vindo aqui. Oh! é a obra do diabo, foi ele que matou meu pai, que tão prontamente informou os senhores. Como puderam chegar tão depressa? É fantástico!

— O Senhor Pierkhótin nos informou que, ao entrar em casa dele, tinha o senhor em suas mãos... em suas mãos ensangüentadas... grossa soma... um maço de cédulas de 100 rublos. Seu jovem criado também o viu.

— É verdade, senhores, lembro-me.

— Uma pequena pergunta — disse com grande mansidão Nikolai Parfiénovitch. — Poderia o senhor indicar-nos onde arranjou tanto dinheiro, quando está demonstrado que o senhor não teve tempo de ir à sua casa?

O procurador franziu o cenho a esta pergunta assim feita de frente, mas não interrompeu Nikolai Parfiénovitch.

— Não, não voltei à minha casa — disse Mítia tranqüilamente, mas de. olhos baixos.

— Permita-me neste caso que repita minha pergunta — insinuou o juiz. — Onde encontrou de repente semelhante soma, quando, segundo suas próprias confissões, às 5 horas do mesmo dia...

— Tinha necessidade de 10 rublos, empenhei minhas pistolas em casa de Pierkhótin, depois fui à casa da Senhora Khokhlakova para lhe pedir emprestados 3 000 rublos que ela nâo me deu, etc. Ah! sim, senhores, estava sem recursos e, de repente, eis-mecom milhares! Sabem de uma coisa? Os senhores têm medo, todos dois agora: que acontecerá se ele não nos indica a procedência desse dinheiro? Pois bem, não lhes direi, senhores, adivinharam certo, não o saberão — disse Mítia martelando a derradeira frase.

— Compreenda, Senhor Karamázov, que é essencial para nós sabê-lo — disse mansamente Nikolai Parfiénovitch.

— Compreendo-o, mas não o direi,

O procurador, por sua vez, lembrou que o acusado podia não responder às perguntas, se o julgasse preferível, mas que, em vista do prejuízo que causava a si próprio com seu silêncio, em vista sobretudo da importância das perguntas...

— E assim por diante, senhores, e assim por diante! Estou farto, já ouvi essa ladainha. Compreendo a gravidade do caso: é esse o ponto capital, contudo não falarei.

— Que é que temos com isso? É ao senhor mesmo que prejudica — observou nervosamente Nikolai Parfiénovitch.

— Basta de brincadeiras, senhores. Pressenti desde o começo que haveríamos de contender sobre este ponto. Mas então, quando comecei a depor, tudo estava para mim confuso e flutuante, tive mesmo a simplicidade de propor-lhes uma confiança mútua. Agora vejo que essa confiança era impossível, uma vez que devíamos chegar a essa barreira maldita e nela estamos. Aliás, não lhes censuro nada, compreendo bem que os senhores não poderiam acreditar em mim sob palavra.

Mítia calou-se, com ar sombrio.

— Não poderia o senhor, sem renunciar à sua resolução de calar o essencial, informar-nos a respeito de um ponto: quais são os motivos bastante poderosos que o obrigam ao silêncio num momento tão crítico?

Mítia sorriu tristemente.

— Sou melhor do que os senhores pensam. Dir-lhes-ei esses motivos, se bem que não mereçam isso. Calo-me porque há para mim nisso uma questão de vergonha. A resposta à pergunta sobre a proveniência do dinheiro implica uma vergonha pior do que se tivesse eu assassinado meu pai para roubá-lo. Eis por que me calo. Então, senhores, querem consignar isso?

— Sim, vamos consigná-lo — gaguejou Nikolai Parfiénovitch.

— Não deveriam mencionar o que se refere à "vergonha". Se lhes falei assim, quando podia calar-me, foi unicamente por complacência. Pois bem, escrevam, escrevam o que quiserem — concluiu com ar de desgosto — não os temo e... mantenho meu orgulho perante os senhores.

— Não nos explicará de que natureza é essa vergonha? — perguntou timidamente Nikolai Parfiénovitch.

O procurador franziu o cenho.

— Bem, bem, *c'est fini,* não insistam. Não adianta envilecer-me. Já me envileci ao contato com os senhores. Não merecem que eu fale, nem os senhores, nem ninguém. Basta, senhores, calo-me.

Era categórico. Nikolai Parfiénovitch não insistiu mais; compreendeu, porém, pelos olhares de Ipoiit Kirílovitch, que este não desesperava ainda.

— Não pode dizer, pelo menos, a soma que tinha ao chegar à casa do Senhor Pierkhótin?

— Não, não posso.

— O senhor falou ao Senhor Pierkhótin de 3 000 rublos supostamente emprestados pela Senhora Khokhlakova.

— É possível. Mas chega, senhores, não direi qual a soma.

— Então, queira dizer-nos como veio o senhor a Mókroie e tudo quanto aqui fêz.

— Oh! basta que interroguem as pessoas que estão aqui. Aliás, vou

contar-lhes.

Não reproduziremos seu relato, feito rapidamente e com sequidão. Passou em silêncio a sua embriaguez amorosa, explicando como desistira de suicidar-se, "em resultado de fatos novos". Narrava sem dar os motivos, sem entrar nos detalhes. Os magistrados fizeram-lhe, aliás, poucas perguntas; aquilo só lhes interessava mediocremente.

— Voltaremos a isso por ocasião dos depoimentos das testemunhas, que se realizarão, bem entendido, em sua presença — declarou Nikolai Parfíénovitch, terminando o interrogatório. — Por agora, queira depositar sobre a mesa tudo quanto tiver em seu poder, sobretudo seu dinheiro.

— O dinheiro, senhores? Às suas ordens, compreendo que é necessário. Admiro-me de não terem os senhores pensado nisso mais cedo. Ei-lo, meu dinheiro, contem, tomem-no, está tudo aí, creio. — Esvaziou os bolsos, inclusive o dinheiro miúdo, tirou duas moedas de 10 cope-quês do bolso do colete. Fizeram a conta: havia 836 rublos e 40 copeques.

— É tudo? — perguntou o juiz.

— Tudo.

— De acordo com o seu depoimento, o senhor gastou 300 rublos na casa dos Plótnikovi; deu 10 rublos a Pierkhótin, 20 ao cocheiro. Perdeu 200 no jogo, em seguida...

Nikolai Parfíénovitch refez a conta, ajudado por Mítia. Até os copeques foram incluídos.

— Com esses 800, deveria o senhor ter, por conseqüência, cerca de 1 500 rublos.

— Isto mesmo.

— Todo mundo afirma que o senhor tinha muito mais.

— Pois que afirmem.

— O senhor também, aliás.

— Eu também.

— Verificaremos tudo isso pelos depoimentos de outras testemunhas. Não se inquiete, a respeito de seu dinheiro. Será depositado em lugar seguro e posto à sua disposição.7. ao terminar o processo... se ficar demonstrado que tem direito a ele. Agora...

Nikolai Parfíénovitch levantou-se e declarou a Mítia que tinha ele o encargo e o dever de examinar-lhe minuciosamente as roupas e tudo mais.

— Pois seja, senhores, revirarei os bolsos, se quiserem. E fêz menção de fazê-lo.

— É preciso mesmo que tire suas roupas.

— Como? Tirar as roupas? Que diabo! Não me poderia o senhor revistar como estou?

— Impossível, Dimítri Fiódorovitch, é preciso que tire as roupas.

— Como quiser — consentiu Mítia com ar sombrio. — Somente não aqui, peço-lhe; por trás da cortina. Quem procederá à revista?

— Decerto, por trás da cortina — aprovou com um sinal de cabeça Nikolai Parfíénovitch, cuja carinha expressava gravidade.

VI

O PROCURADOR CONFUNDE MÍTIA

Passou-se então uma cena pela qual Mítia não esperava. Não teria jamais suposto, dez minutos antes, que ousassem tratá-lo daquela maneira, a ele, Mítia. Karamázov. Sobretudo, sentia-se humilhado, exposto à arrogância e ao desdém. Não lhe importava retirar sua sobrecasaca, mas pediram-lhe que se desvestisse completamente. Ou antes, ordenaram-lhe, dera-se bem conta disso. Submeteu-se sem murmurar, por altivez desdenhosa. Além dos juizes, alguns mujiques acompanharam-no para trás da cortina, "sem dúvida para prestar mão forte", pensou Mítia, "talvez mesmo com algum outro fim”. "Será preciso tirar também minha camisa?", perguntou ele bruscamente; mas Nikolai Parfiénovitch não lhe respondeu: ele e o procurador estavam absorvidos pelo exame da sobrecasaca, das calças, do colete e do casquete, que pareciam interessá-los bastante. "Que sem-cerimônial Nem mesmo observam a poli-dez necessária. "

— Pergunto-lhes pela segunda vez se devo tirar minha camisa, sim ou não? — disse Mítia, com irritação.

— Não se inquiete, nós o preveniremos — respondeu Nikolai Parfiénovitch, num tom que pareceu autoritário a Mítia.

O procurador e o juiz entretinham-se a meia voz. A sobrecasaca

trazia, sobretudo na aba esquerda, enormes manchas de sangue coagulado, bem como as calças. Além do mais, Nikolai Parfiénovitch tateou, em presença das testemunhas instrumentais, a gola, punhos, costuras, procurando ver se não havia dinheiro escondido. Deu-se a entender a Mítia que ele era bem capaz de ter costurado dinheiro em suas roupas. "Tratam-me como ladrão e não como oficial", resmungou ele consigo. Trocavam suas impressões na sua presença com uma franqueza singular. £ deu-se que o escrivão, que se encontrava também atrás da cortina e se atarefava na busca, chamou a atenção de Nikolai Parfiénovitch para o casquete, que igualmente foi revistado: "Lembrem-se do amanuense Grudienko; foi no verão receber os vencimentos para todos da secretaria e pretendeu nos enganar, ao voltar, alegando ter perdido o dinheiro quando se encontrava embriagado; onde o encontraram? Na bainha de seu casquete, onde as notas de 100 rubi os estavam enroladas e cosidas". O juiz e o procurador lembravam-se perfeitamente desse fato, de modo que puseram de lado o casquete de Mítia para ser submetido, bem como as roupas, a um exame minucioso.

— Com licença — exclamou de súbito Nikolai Parfiénovitch, percebendo o punho da manga direita da camisa de Mítia, arregaçado e manchado de sangue —, com licença! É sangue?

— Sangue.

— Que sangue? E por que sua manga está arregaçada?

Mítia explicou que se manchara de sangue quando se ocupara com Gregório e havia arregaçado a manga em casa de Pierkhótin, ao lavar as mãos.

— Será preciso também tirar sua camisa. É muito importante para as peças de convicção.

Mítia corou e zangou-se.

— Então, vou ficar completamente nu?

— Não se inquiete, arranjaremos isso. Faça o favor de tirar também suas meias.

— Não será brincadeira? Tudo isto é verdadeiramente indispensável?

— Não estamos brincando — replicou severamente Nikolai Parfiénovitch.

— Está bem, se é preciso... eu... — murmurou Mítia, que, sentando-se no leito, se pôs a tirar suas meias. Estava muito constrangido e, coisa estranha, sentia-se como culpado, assim nu, diante daquelas pessoas vestidas, achando quase que tinham elas agora o direito de desprezá-lo, como inferior. "A nudez em si nada tem de chocante, a vergonha nasce do contraste", pensou ele. "Dir-se-ia um sonho, tenho por vezes experimentado tais sensações em sonho." Era-lhe penoso tirar suas meias, bastante sujas, bem como sua roupa de baixo, e agora todo mundo o vira. Seus pés sobretudo lhe desagradavam, sempre achara disformes seus dedos grandes dos pés, particularmente o do pé direito, chato, com a unha recurvada, e todos o viam. O sentimento de sua vergonha tomou-o mais grosseiro. Tirou sua camisa com raiva.

— Não querem procurar em mais alguma parte, se não tiverem vergonha?

— Não, para o momento é inútil.

— Então, devo ficar assim nu?

— Sim, é necessário... Queira sentar-se, enquanto espera. Pode enrolar-se num cobertor do leito, e eu... ocupar-me-ei com isso.

Tendo sido mostradas as roupas às testemunhas instrumentais e redigido o auto de seu exame, o juiz e o procurador saíram, levando as roupas. Mítia ficou em companhia dos mujiques, que não desfitavam dele os olhos. Sentia frio e enrolou-se no cobertor, demasiado curto para cobrir seus pés nus. Nikolai Parfienovitch fêz-se esperar muito tempo. "Toma-me por um rapazola", murmurou Mítia, rangendo os dentes. "Esse palerma desse procurador saiu também, por desprezo talvez, repugnava-íhe ver-me nu." Mítia imaginava que lhe restituiriam suas roupas após o exame. Qual não foi sua indignação, quando Nikolai Parfienovitch reapareceu com outra roupa, que um mujique trazia atrás dele.

— Aqui estão roupas — disse ele num tom desprendido, visivelmente satisfeito com seu achado. — Foi o Senhor Kolgánov que lhas emprestou, bem como uma camisa limpa. Por felicidade, tinha-as ele na mala. O senhor pode ficar com suas meias.

— Não quero roupas dos outros! — exclamou Mítia exasperado. — Entreguem as minhas!

— Impossível.

— Dêem-me as minhas! Que Kolgánov e suas roupas vão para o inferno!

Tiveram dificuldade em convencê-lo. Mas afinal, de qualquer forma, explicaram-lhe que suas roupas, sujas de sangue, deviam "figurar entre as peças de convicção. Não temos mesmo direito de deixá-las com o senhor... diante do aspecto que o caso pode tomar". Mítia acabou por compreendê-lo, calou-se, vestiu-se à pressa. Fêz somente notar que o casaco que lhe emprestavam era mais rico que o seu e que não queria aproveitar disso. Além do mais, ridiculamente estreito. — Devo estar vestido como um palhaço... para diverti-los?

Fizeram-lhe observar que exagerava, que somente as calças eram um pouco compridas. Mas a sobrecasaca apertava-lhe os ombros.

— Diabos! É difícil de abotoar — resmungou de novo Mítia. — Façam o favor de dizer ao Senhor Kolgánov que não fui eu quem pediu essa roupa e que me disfarçaram de palhaço.

— Ele o compreende muito bem e lamenta... isto é, não sua roupa, mas este incidente... — resmoneou Nikolai Parfienovitch.

— Pouco me importa que ele o lamente! Está bem! Para onde ir agora? Preciso ficar aqui?

Pediram-lhe que passasse para o outro lado. Mítia saiu, com ar sombrio, esforçando-se por não olhar para ninguém. Naquele traje estranho, sentia-se humilhado, até mesmo aos olhos dos mujiques e de Trifon Borísovitch, cuja cara apareceu à porta: "Vem ver-me nestes trajes", pensou Mítia. Tornou a sentar-se no mesmo lugar, como sob a im-presão de um pesadelo. Parecia-lhe não se achar em seu estado normal.

— Agora, vão mandar-me açoitar? Só lhes falta isso! — disse ele, dirigindo-se ao procurador. Evitava voltar-se para Nikolai Parfienovitch, como desdenhando dirigir-lhe a palavra. "Examinou demasiado minuciosamente minhas meias, revirou-as mesmo, o monstro, para que todo mundo veja como estão elas sujas!"

— É preciso agora ouvir as testemunhas — proferiu Nikolai, como em resposta à pergunta de Mítia.

— Sim — disse o procurador com ar absorto.

— Dimítri Fiódorovitch, fizemos o possível a seu favor — prosseguiu o juiz —, mas como o senhor se recusou categoricamente a nos

explicar a proveniência da soma encontrada em seu poder, somos agora...

— De que é esse seu anel? — interrompeu Mítia, como que saindo de um devaneio e designando um dos anéis que ornavam a mão de Nikolai Parfiénovitch.

— Meu anel?

— Sim, esse aí... no dedo grande, cuja pedra é veiada — insistiu Mítia, como uma criança teimosa.

— É um topázio enfurnado — disse Nikolai Parfiénovitch, sorrindo. — Quer examiná-lo? Tirá-lo-ei...

— Não, não, não o tire! — exclamou raivosamente Mítia, reconsiderando e furioso contra si mesmo. — Não o tire, é inútil... Ao diabo... Os senhores me envileceram! Acreditam que eu o dissimularia, se tivesse matado meu pai, que eu recorreria à astúcia e à mentira? Não, não está isto no caráter de Dimítri Fiódorovitch, ele não o suportaria, e, se eu fosse culpado, juro-lhes que não teria esperado a chegada dos senhores e o nascer do sol, como tinha a princípio intenção; ter-me-ia suicidado antes da aurora! Sinto-o bem agora. Em vinte anos, teria aprendido menos do que durante essa noite maldita!... E estaria desse jeito sentado ao lado dos senhores, falaria desta maneira, com os mesmos gestos, os mesmos olhares, se fosse realmete um parricida, quando o assassínio acidental de Gregório me atormentou a noite inteira?... Não por temor, não pelo simples medo do castigo. Oh! vergonha! E querem que a farsantes como os senhores, que nada vêem e em nada crêem, cegos como toupeiras, revele eu nova baixeza, nova vergonha, ainda que fosse para me desculpar? Prefiro ir para o presídio! Aquele que abriu a porta para entrar em casa de meu pai é o assassino e o ladrão. Quem é? Perco-me em conjeturas, mas não foi Dimítri Karamázov, fiquem sabendo, eis tudo quanto posso dizer-lhes. Basta, não insistam... Mandem-me para a prisão ou para o cada-falso, mas nao me atormentem mais... Calo-me. Chamem suas testemunhas!

O procurador, que havia observado Mítia, enquanto este proferia seu monólogo, disse-lhe, de repente, no tom mais calmo e como se se tratasse de coisas perfeitamente naturais.

— A propósito dessa porta aberta de que o senhor acaba de falar, recebemos um depoimento muito importante do velho Gregório Vassílievitch. Afirma positivamente que, quando se decidiu, ao ouvir barulho, a entrar no jardim pela portinha que ficara aberta, notou à esquerda a porta

da casa escancarada, bem como a janela, ao passo que o senhor garante que a dita porta ficou fechada todo o tempo em que o senhor esteve no jardim. Naquele momento não o havia ele ainda visto no escuro quando o senhor fugia, de acordo com seu relato, da janela onde estivera a ver seu pai. Não lhe oculto que Vassíliev conclui formalmente e declara que o senhor deve ter escapado por aquela porta, se bem que não o haja visto sair por ela. Avistou-o a certa distância, no jardim, quando o senhor corria do lado da paliçada...

Mítia levantara-se.

— É uma mentira inpudente. Não pode ter visto a porta aberta, porque ela estava fechada... Ele mente.

— Creio-me obrigado a repetir-lhe que seu depoimento é categórico e que persiste nele. Interrogamo-lo por várias vezes.

— Fui eu precisamente quem o interrogou — confirmou Nikolai Parfiénovitch.

— É falso, é falso! É uma calúnia ou a alucinação dum louco. Muito simplesmente ter-lhe-á parecido ver isso no delírio causado pelo seu ferimento.

— Mas havia ele notado a porta aberta antes de ter sido ferido, quando acabava de entrar no jardim.

— Não é verdade, não pode ser! Ele me calunia por maldade... não pode ter visto... Não passei por aquela porta — disse Mítia, ofegante.

O procurador voltou-se para Nikolai Parfiénovitch e disse-lhe:

— Mostre então.

— Conhece este objeto? — E o juiz pousou sobre a mesa um grande envelope que trazia ainda três sinêtes. Estava vazio e rasgado dum lado. Mítia escancarou os olhos.

— É... é o envelope de meu pai — murmurou ele —, o que encerrava os 3 000... se o subscrito corresponde... Com licença: "À minha franguinha", é isto, "3 000", estão vendo, 3 000?

— Estamos vendo, decerto, mas não encontramos o dinheiro. O envelope estava no chão, perto do leito, por trás do biombo.

Mítia ficou alguns segundos como que aturdido.

— Senhores, foi Smierdiakov! — exclamou ele, de súbito, com todas as suas forças. — Foi ele quem o matou, foi ele quem o roubou! Só ele sabia onde o velho escondia esse envelope... Foi ele sem dúvida alguma!

— Mas o senhor também sabia que este envelope estava escondido debaixo do travesseiro.

— Nunca! Vejo-o agora pela primeira vez, ouvira apenas falar dele por Smierdiakov... Somente ele conhecia o esconderijo do velho. Eu o ignorava...

— No entanto, o senhor inda há pouco afirmou, depondo, que o envelope se encontrava sob o travesseiro do defunto. Sob o travesseiro, portanto o senhor sabia onde ele estava.

— Nós consignamos isso! — confirmou Nikolai Parfiénovitch.

— É um absurdo! Ignorava-o totalmente. Aliás, talvez não fosse sob o travesseiro... Disse isto sem refletir... Que diz Smierdiakov? Interrogaram-no a respeito? Que diz ele? Isto é o principal... Eu lhes menti de propósito, por caçoada... Disse, sem pensar, que era sob o travesseiro, e agora os senhores... Bem sabemos, senhores, que a gente deixa escapar inexatidões. Mas somente Smierdiakov o sabia e ninguém mais!... Não me revelou o esconderijo! Mas foi ele, incontes-tàvelmente, foi ele o assassino, agora está para mim claro como o dia — clamou Mítia, com uma exaltação crescente. — Apressem-se em detê-lo... Matou enquanto eu fugia e Gregório jazia sem sentidos, é evidente... Fêz o sinal e meu pai abriu-lhe a porta... Porque somente ele conhecia os sinais, e sem sinal meu pai não teria aberto...

— O senhor se esquece de novo — observou o procurador com a mesma calma e ar já triunfante — que não havia necessidade de fazer o sinal, se a porta já estava aberta, quando o senhor se encon-contrava ainda no jardim...

— A porta, a porta — murmurou Mítia, fixando o procurador. Dei-xou-se cair de novo sobre sua cadeira. Houve um silêncio...

— Sim, a porta... É um fantasma! Deus está contra mim! — exclamou ele, com os olhos alucinados.

— Veja — disse gravemente o procurador —, julgue o senhor mesmo, Dimítri Fiódorovitch. Dum lado, esse depoimento esmagador para o senhor, a porta aberta por onde o senhor saiu. *T>o* outro, seu

silêncio incompreensível, obstinado, relativamente à proveniencia de seu dinheiro, quando três horas antes o senhor empenhara suas pistolas por 10 rublos. Nestas condições, julgue o senhor mesmo em qual convicção devemos deter-nos. Não diga que somos zombadores frios e cínicos, incapazes de compreender os nobres ímpetos de sua alma... Ponha-se em nosso lugar...

Mítia experimentava uma emoção indescritível. Empalideceu.

— Está bem — exclamou, de repente —, vou revelar-lhes meu segredo, dizer-lhes onde arranjei o dinheiro... Revelarei minha ignomínia, para não acusar em seguida nem aos senhores nem a mim.

— E acredite, Dimítri Fiódorovitch — disse com alegre solicitude Nikolai Parfiénovitch —, que uma confissão sincera e completa de sua parte, neste instante, pode melhorar muito sua situação ulterior, e até mesmo...

Mas o procurador tocou-o levemente com o pé por baixo da mesa e ele parou. Aliás, Mítia não o escutava.

VII

O GRANDE SEGREDO DE MÍTIA. ZOMBAM DELE

— Senhores — começou ele, emocionado —, esse dinheiro... quero contar tudo... esse dinheiro era meu.

Os rostos do procurador e do juiz alongaram-se, não esperavam por isso.

— Como, seu? — disse Nikolai Parfiénovitch. — Pois se ainda cinco horas antes, segundo sua própria confissão...

— Ao diabo essas 5 horas da tarde e minha própria confissão! Não se trata mais disso! Esse dinheiro era meu, isto é... eu o tinha roubado... não meu, mas roubado para mim. Havia 1 500 rublos que andavam sempre comigo...

— Mas onde o senhor os arranjou?

— No meu peito, senhores... encontravam-se aqui, costurados, num pano, pendurados no meu pescoço. Desde muito tempo, desde um mês, trazia-os como testemunho de minha infâmia!

— Mas a quem pertencia esse dinheiro de que o senhor... o senhor se apropriou?

— O senhor quer dizer: "roubou", não é mesmo? Fale, pois, francamente. Sim, acho que é como se o tivesse roubado, ou, se quiser, dele me "apropriei". Ontem, à noite, roubei-o definitivamente.

— Ontem à noite? Mas o senhor acaba de dizer que há já um mês que... que o senhor o arranjou.

— Sim, mas não foi a meu pai que o roubei, tranqüilize-se, foi a ela. Deixe que eu conte, sem me interromper. É penoso. Veja o senhor, há um mês, Catarina Ivânovna Vierkhóvtseva, minha ex-noiva, me chamou... O senhor a conhece?

— Como não?

— Sei que o senhor a conhece. Uma alma nobre entre todas, mas odeia-me desde muito tempo e com razão.

— Catarina Ivânovna? — perguntou o juiz com admiração. O procurador também estava bastante surpreso.

— Oh! não pronunciem o seu nome em vão! Sou um miserável pelo fato de pô-la nisso. Sim, vi que ela me odiava... desde muito tempo... desde o primeiro dia, quando veio à minha casa, lá... Mas basta, os senhores não são dignos de sabê-lo, é inútil... Direi somente que há um mês ela me entregou 3 000 rublos para enviá-los à sua irmã e a uma sua outra parenta, em Moscou (como se não pudesse fazê-lo ela mesma!). E eu... estava precisamente na hora fatal de minha vida em que... Em suma, acabava de apaixonar-me por outra, por ela, por Grúchenhka, aqui presente. Trouxe-a aqui, a Mókroie, e gastei em dois dias a metade desse maldito dinheiro, guardando o resto. Pois bem, são esses 1 500 rublos que eu carregava sobre meu peito como um amuleto. Ontem, abri o pacote e comecei a gastar a soma. Os 800 rublos que restam estão nas mãos dos senhores.

— Com licença, o senhor gastou aqui, há três meses, 3 000 rublos e não 1 500, todo mundo o sabe.

— Quem o sabe? Quem contou meu dinheiro?

— Mas o senhor mesmo disse que havia gasto justamente 3 000 rublos.

— É verdade, disse-o a qualquer um, repetiram-no, toda a cidade acreditou. No entanto, só gastei 1 500 rublos e costurei a outra metade num amuleto. Eis donde provém o dinheiro de ontem...

— Isto é prodigioso! — murmurou Nikolai Parfiénovitch.

— Não falou disso antes a alguém... quero dizer, desses 1 500 rublos postos de parte? — perguntou o procurador.

— Não, a ninguém.

— É estranho. Na verdade, a ninguém no mundo?

— A ninguém no mundo.

— Por que esse silêncio? Que é que o obrigava a fazer disso um mistério? Muito embora esse segredo lhe pareça tão vergonhoso, essa apropriação, aliás temporária, de 3 000 rublos, não é relativamente, na minha opinião, senão um pecadilho, sendo dado, além disso, o caráter do senhor. Admitamos que seja uma ação das mais repreensíveis, concordo, mas não vergonhosa... Aliás, muitas pessoas tinham adivinhado a proveniência desses 3 000 rublos, sem que o senhor o confessasse, eu mesmo ouvi falar, Mikhail Makárovitch igualmente... Numa palavra: é o segredo de Polichinelo. Além do mais, há indícios, salvo erro, de que o senhor confiara a alguém que esse dinheiro vinha da Senhorita Vierkhóvtseva. De modo que, por que cercar de tal mistério o fato de ter guardado uma parte da soma, ligando a isso uma espécie de horror?... É difícil acreditar que lhe custe tanto confessar esse segredo... o senhor acaba de exclamar, com efeito: antes a prisão!

O procurador calou-se. Acalorara-se e não ocultava seu aborrecimento, sem mesmo procurar "castigar seu estilo".

— Não eram os 1 500 rublos que constituíam a vergonha, mas o fato de ter dividido a soma — disse com altivez Mítia.

— Mas enfim — disse o procurador com irritação —, que há de vergonhoso no fato de haver o senhor dividido esses 3 000 rublos adquiridos desonestamente? O que importa é a apropriação dessa soma e não o uso que o senhor fêz dela. A propósito, por que operou essa divisão? Com que fim? Poderia explicar-nos?

— Oh! senhores, é o fim que faz tudo! Pratiquei essa divisão por baixeza, isto é, por cálculo, porque aqui o cálculo é uma baixeza... E essa baixeza durou todo um mês!

— É incompreensível.

— O senhor me causa espanto. Aliás, vou ser preciso: é talvez, com efeito, incompreensível. Acompanhem-me bem: aproprio-me de 3 000 rublos confiados à minha honra, faço farra com eles, gasto a soma inteira; pela manhã vou à casa dela dizer-lhe: "Perdão, Cátia, gastei os teus 3 000 rublos". Fica bem isso? Não, é desonesto e covarde, é ação monstruosa, dum homem incapaz de dominar-se, não é? Mas não é um roubo, convenham, não é um roubo direto. Gastei o dinheiro, não o roubei. Eis um caso ainda mais favorável; acompanhem-me, porque arrisco-me a atrapalhar-me, gira-me a cabeça. Gasto 1 500 rublos apenas dos 3 000. No dia seguinte, vou à casa dela levar-lhe o resto: "Cátia, sou um miserável, toma esses 1 500 rublos, porque gastei os outros, estes serão também gastos, preserva-me da tentação". Que sou eu em semelhante caso? Tudo quanto os senhores quiserem, um monstro, um celerado, mas não um ladrão confesso, porque um ladrão não teria decerto levado a soma, ter-se-ia apropriado dela. Ela assim vê que uma vez que eu restituí a metade do dinheiro, trabalharei se preciso toda a minha vida para devolver o resto, mas haverei de procurá-lo. Dessa forma, sou desonesto, mas não um ladrão.

— Admitamos que haja um matiz — o procurador sorriu friamente —, no entanto é estranho que veja o senhor nisso uma diferença fatal.

— Sim, vejo nisso uma diferença fatal. Cada qual pode ser desonesto, creio mesmo que cada qual o é, mas para roubar é preciso um franco canalha. E depois, perco-me nessas sutilezas... Em todo caso, o roubo é o cúmulo da desonestidade. Pensem: há um mês que guardo esse dinheiro, amanhã posso decidir devolvê-lo e cesso de ser desonesto. Mas não posso decidir-me a isso, muito embora exorte-me cada dia a tomar uma decisão. E há um mês que isto dura! Está bem, segundo a opinião dos senhores?

— Admito que não esteja bem, não o contesto... Mas deixemos de discutir a respeito dessas diferenças sutis, chegue ao fato, peço-lhe. O senhor não nos explicou ainda os motivos que o incitaram a dividir assim no começo esses 3 000 rublos. Com que fim escondeu a metade, que uso contava fazer dela? Insisto nisso, Dimítri Fiódorovitch.

— Ah! sim! — exclamou Mítia, batendo na testa. — Perdão por conservá-lo em suspenso em lugar de explicar-lhe o principal. O senhor teria logo compreendido, porque é o fito de minha ação que a torna

ignóbil. Veja, o defunto não cessava de obsedar Agrafiena Alieksándrovna; eu sentia ciúme, acreditava que ela hesitava entre ele e mim. Pensava todos os dias: e se ela fosse decidir-se, se ela me dissesse de repente: "É a ti que amo, leva-me para o fim do mundo". Ora, possuía eu ao todo 20 copeques; como levá-la? Que fazer então? Estava perdido. Porque eu não a conhecia ainda, acreditava que ela precisava do dinheiro, que não me perdoaria minha pobreza. Então conto a metade da soma, de sangue-frio coso-a num trapo, de propósito deliberado, e vou para a pândega com o resto. É ignóbil! Compreendeu agora?

Os juizes puseram-se a rir.

— Na minha opinião, deu o senhor prova de sabedoria e de moralidade moderando-se, não gastanto tudo — disse Nikolai Parfiénovitch. — Que há de grave nisso?

— Há que eu roubei! Causa-me espanto que o senhor não compreenda. Desde que carrego esses 1 500 rublos sobre meu peito, dizia a mim mesmo cada dia: "És um ladrão, és um ladrão!" £ste sentimento inspirou minhas violências durante esse mês, eis por que surrei o capitão no botequim e bati em meu pai. Nem mesmo ousei revelar este segredo a meu irmão Aliócha, tão celerado e, gatuno me sentia! E, no entanto, pensava: "Dimítri Fiódorovitch, talvez não sejas ainda um ladrão... Poderias amanhã ir entregar esses 1 500 rublos a Cátia". E foi ontem à noite somente que me decidi a rasgar meu amuleto, foi naquele momento que me tornei um ladrão incontestável. Por quê? Porque com meu amuleto destruí ao mesmo tempo meu sonho de ir dizer a Cátia: "Sou desonesto, mas não ladrão". Compreende agora?

— E por que foi justamente ontem à noite que o senhor tomou essa decisão? — interrompeu Nikolai Parfiénovitch.

— Que pergunta ridícula! Mas porque me havia condenado à morte às 5 horas da manhã, aqui, ao romper da aurora: "Não importa", pensava eu, "morrer honesto ou desonesto!" Mas aconteceu que não era a mesma coisa. Acreditarão os senhores? O que me torturava, sobretudo, nessa noite, não era o assassinato de Gregório, nem o temor da Sibéria, *e* isto no momento em que meu amor triunfava, em que o céu se abria de novo diante de mim! Sem dúvida, isto me atormentava, mas menos do que a consciência de ter tirado de meu peito aquele maldito dinheiro para gastá-lo, e ter-me tornado assim um ladrão incontestável! Senhores, repito-lhes, aprendi muito durante esta noite! Aprendi que não somente é impossível

viver sentindo-se desonesto, mas também morrer com tal sentimento... É preciso ser honesto para enfrentar a morte!...

Mítia estava lívido.

— Começo a compreendê-lo, Dimítri Fiódorovitch — disse o procurador com simpatia —, mas, como quiser, tudo isso vem dos nervos... o senhor tem os nervos doentes. Por que, por exemplo, para pôr fim a seus sofrimentos, não foi devolver esses 1 500 rublos à pessoa que lhos havia confiado e ter uma explicação com ela? Em seguida, dada sua terrível situação então, por que não ter tentado uma combinação que parece bastante natural? Depois de ter confessado nobremente suas faltas, o senhor ter-lhe-ia pedido a soma de que necessitava; tendo em vista a generosidade dessa pessoa e o embaraço em que o senhor se encontrava, ela não lhe teria decerto recusado, sobretudo propondo-lhe as garantias oferecidas ao comerciante Samsónov e à Senhora Khokhla-kova. Não considera o senhor essa garantia como válida ainda agora?

Mítia corou.

— Acreditar-me-ia o senhor vil a este ponto? É impossível que o senhor fale seriamente — disse ele com indignação.

— Mas estou falando seriamente... Por que o duvida? — admirou-se por sua vez o procurador.

— Mas seria ignóbil. Senhores, fiquem sabendo que me estão atormentando! Pois seja, dir-lhes-ei tudo, confessarei meu pensamento infernal, e os senhores verão, para sua vergonha, até onde os sentimentos humanos podem descer. Saibam que também eu encarei essa combinação de que o senhor fala, procurador. Sim, senhores, estava quase resolvido a ir à casa de Cátia, tão desonesto eu era! Mas anunciar-lhe minha traição e, para as despesas que ela acarreta, pedir-lhe dinheiro, a ela, Cátia (pedir, entendem os senhores?), e fugir logo com sua rival, com aquela que a odeia e a ofendeu, vejamos, procurador, o senhor está louco!

— Não estou louco, mas não pensei a princípio nesse ciúme de mulher... se existia, como o senhor o afirma... sim, pode bem haver aí algo desse gênero — aquiesceu o procurador, sorrindo.

— Mas isto teria sido uma baixeza sem nome — berrou Mítia, batendo com o punho sobre a mesa —, algo de infecto! Ela me teria dado aquele dinheiro por vingança, por desprezo, porque tem ela também uma

alma infernal *e* de grandes cóleras. Eu teria aceitado o dinheiro, por certo, tê-lo-ia aceitado, e então toda a minha vida... oh! Deus! Perdoem-me, senhores, o gritar tão forte. Não há muito tempo pensava eu ainda nessa combinação, na outra noite, quando estava cuidando de Liagávi, e durante todo o dia de ontem, lembro-me, até aquele acontecimento.

— Até qual acontecimento? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, mas Mítia não ouviu.

— Fiz-lhes uma - terrível confissão. Saibam apreciar isso, senhores, compreendam-lhe todo o valor. Mas se são capazes disso, é que me desprezam e morrerei de vergonha por haver-me confessado a gente como os senhores! Oh! matar-me-ei! E já vejo, vejo que não me acreditam! Como? Querem consignar isto? — exclamou ele, com terror.

— Mas sim — replicou Nikolai Parfiénovitch, espantado —, nós notamos que até a última hora pensava o senhor em ir à casa da Senhorita Vierkhóvtseva para lhe pedir aquela soma... Asseguro-lhe que essa declaração é muito importante para nós, Dimítri Fiódorovitch... e sobretudo para ò senhor.

— Vejamos, senhores, tenham pelo menos o pudor de não mandar consignar isto! Pus minha alma a nu diante dos senhores e os senhores se aproveitam para nela cascavilhar!... Oh! meu Deus!

Cobriu o rosto com as mãos.

— Não se inquiete tanto, Dimítri Fiódorovitch — concluiu o procurador —, far-lhe-ão leitura de tudo quanto está escrito, modificando-se o texto lá onde o senhor não estiver de acordo. Agora, pergunto-lhe pela terceira vez, é bem verdade que ninguém, nem uma alma, ouviu falar desse dinheiro costurado no amuleto?

— Ninguém, ninguém, já o disse, o senhor então não compreendeu. Deixe-me tranqüilo.

— Pois seja, este ponto terá de ser esclarecido; enquanto se espera, reflita; temos talvez uma dezena de testemunhas que afirmam que o senhor mesmo sempre falou duma despesa de 3 000 rublos e não de 1 500. E agora, à sua chegada aqui, o senhor declarou a muitos que trazia ainda 3 000.

— Os senhores têm entre as mãos centenas de testemunhos análogos, um milhar de pessoas ouviu isso!

— Pois bem, como vê o senhor, todos são unânimes. A palavra "todos" significa pois alguma coisa.

— Isso não significa nada absolutamente. Menti e todos mentiram como eu.

— Por que mentiu?

— O diabo sabe por quê. Por gabolice, talvez... a gloríola de ter gasto tal soma... talvez para esquecer o dinheiro que eu havia escondido... sim, justamente, eis por quê... diabos... quantas vezes já me fizeram esta pergunta? Menti, eis tudo, e não quis desdizer-me. Por que se mente, por vezes?

— É bem difícil de explicar, Dimítri Fiódorovitch — disse gravemente o procurador. — Mas diga-nos: esse amuleto, como o senhor chama, era grande?

— Não.

— De que tamanho, por exemplo?

— Do tamanho de uma nota de 100 rublos dobrada em duas.

— Faria melhor mostrando-nos os pedaços; deve tê-los certamente com o senhor.

— Que tolice! Não sei onde eles estão.

— Com licença: onde e quando o retirou de seu pescoço? O senhor não voltou para casa, segundo sua declaração.

— Foi ao ir à casa de Pierkhótin, depois de ter deixado Fiénia. Rasguei-o para tirar o dinheiro.

— No escuro?

— Para que uma vela? O pano foi depressa rasgado.

— Sem tesouras, na rua?

— Na praça, creio.

— Que fez dele?

— Atirei-o lá.

— Onde?

— Em alguma parte, na praça, o diabo sabe onde. Que é que

interessa isso aos senhores?

— É muito importante, Dimítri Fiódorovitch; há nisso uma peça de convicção em seu favor, não o comprende? Quem o ajudou a costurá-lo, há um mês?

— Ninguém. Eu mesmo o costurei.

— Sabe coser?

— Um soldado deve saber coser; aliás, não há necessidade de ser hábil para isso.

— E onde arranjou o pano, isto é, esse trapo?

— Os senhores querem rir.

— Absolutamente. Não estamos com vontade de rir, Dimítri Fiódorovitch.

— Não me lembro onde.

— Como pode ter esquecido?

— Palavra, não me lembro, rasguei talvez um pedaço de roupa branca.

— É muito importante: poder-se-ia encontrar, amanhã, em sua casa, a peça, a camisa, talvez, de que o senhor arrancou um pedaço. De que era esse trapo: de algodão ou de linho?

— O diabo o sabe. Esperem... Parece-me que não rasguei nada. Era, creio, de algodão. Costurei da touca de minha locadora.

— Da touca de sua locadora?

— Sim, tirei-a dela.

— Como, tirou-a?

— Estão vendo? Lembro-me, com efeito, de ter subtraído uma touca para aproveitar o pano em trapos, talvez como limpador de penas. Tirei-a furtivamente, porque era um trapo sem valor e me servi para costurar dentro *dele* aqueles 1 500 rublos... Creio bem que foi isso, um velho pedaço de tecido de algodão, mil vezes lavado.

— E está certo disso?

— Não sei. Parece-me. Aliás, pouco me importa.

— Neste caso, sua locadora poderia ter verificado o desaparecimento desse objeto.

— Não, não o notou. Um velho trapo, digo-lhes eu, um trapo que não valia 1 copeque.

— E a agulha, a linha, onde as arranjou?

— Paro, chega! — cortou bruscamente Mítia, zangado.

— É estranho que o senhor não se lembre onde atirou aquele... amuleto, na praça.

— Mandem varrer a praça amanhã, talvez o encontrem. Basta, senhores, basta! — proferiu Mítia num tom de acabrunhamento. — Vejo-o bem, não acreditam os senhores uma palavra do que lhes digo! É culpa minha e não dos senhores. Não deveria ter-me deixado levar a isso. Porque degradei-me revelando meu segredo! Isto lhes parece engraçado, vejo-o pelos seus olhos! Foi o senhor que me atraiu a este ponto, procurador! Triunfe agora!... Malditos sejam, carrascos!

Curvou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos. O procurador e o juiz calavam-se. Ao fim dum minuto, Mítia levantou a cabeça e fitou-os inconscientemente. Sua fisionomia exprimia o desespero no seu último grau, tinha o ar desvairado. Entretanto era preciso acabar, proceder ao interrogatório das testemunhas. Eram 8 horas da manhã, tinham apagado as-velas desde muito tempo. Mikhail Makárovitch e Kolgánov, que andavam abaixo e acima durante o interrogatório, tinham agora saído ambos. O procurador e o juiz pareciam fatigados. Fazia mau tempo, o céu estava nublado, a chuva caía torrencialmente. Mítia olhava vagamente através das vidraças.

— Posso olhar pela janela? — perguntou ele a Nikolai Parfié-novitch.

— À sua vontade — respondeu este.

Mítia levantou-se e aproximou-se da janela. A chuva fustigava as pequenas vidraças esverdeadas. Via-se a estrada enlamaçada e, mais longe, as filas de isbás, sombrias e pobres, que a chuva tornava mais miseráveis ainda. Mítia se lembrou de "Febo dos cabelos de ouro" e de sua intenção de matar-se "logo aos seus primeiros raios". Semelhante manhã teria convindo ainda melhor. Sorriu amargamente e voltou-se para seus "carrascos".

— Senhores, vejo que estou perdido. Ela, porém? Digam-me, supli-

co-lhes, deve ela sofrer a mesma sorte? Está inocente, perdera a cabeça, ontem, para gritar que "era culpada de tudo". Está completamente inocente! Após esta noite de angústia, não me podem dizer os senhores o que farão com ela?

— Tranqüilize-se a este respeito, Dimítri Fiódorovitch — apressou-se em responder o procurador —, não temos no momento nenhum motivo para inquietar a pessoa pela qual se interessa. Espero que o mesmo aconteça ulteriormente. Pelo contrário, faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance em seu favor.

— Senhores, agradeço-lhes, sabia que os senhores são justos e honestos, apesar de tudo. Tiram-me um peso da alma... Que querem fazer agora? Estou pronto.

— É preciso proceder imediatamente ao interrogatório das testemunhas, o que deve realizar-se em sua presença, de modo que...

— Se tomássemos chá? — interrompeu Nikolai Parfiénovitch. — Creio que bem o merecemos.

Decidiu-se tomar um copo de chá e prosseguir-se o inquérito sem parar, esperando-se, para uma refeição mais substanciosa, uma hora mais favorável. Mítia, que a princípio recusara o copo que lhe oferecia Nikolai Parfiénovitch, tomou-o em seguida ele próprio e bebeu com avidez. Parecia extenuado. Com sua constituição robusta, parecia, que mal poderia causar-lhe uma noite de farra, mesmo acompanhada das mais fortes sensações? Mal se mantinha, porém, sobre sua cadeira e por vezes cria ver os objetos girarem em torno de si. "Ainda um pouco e vou delirar", pensava.

VIII

DEPOIMENTOS DAS TESTEMUNHAS. O NENÊ

Começou o interrogatório das testemunhas. Mas não prosseguiremos nosso relato de uma maneira tão detalhada como até agora, deixando de lado a maneira pela qual Nikolai Parfiénovitch lembrava a cada testemunha que devia depor de acordo com a verdade e sua consciência, e repetir mais tarde seu depoimento sob juramento, etc. Notaremos somente que o ponto essencial, aos olhos do juiz, era a questão de saber se Dimítri Fiódorovitch tinha gasto 3 000 rublos ou 1 500 por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, um mês antes, bem como na véspera.

Ai! todas as testemunhas, sem exceção, foram desfavoráveis a Mítia, algumas contavam fatos novos, quase esmagadores, que infirmavam as declarações dele. O primeiro interrogado foi Trifon Bo-rísovitch. Apresentou-se sem o menor temor, pelo contrário, cheio de indignação contra o acusado, o que lhe conferiu grande ar de veracidade e de dignidade. Falou pouco, com reserva, esperando as perguntas às quais respondia com firmeza, refletindo. Declarou, sem rebuços, que um mês antes o acusado deveria ter gasto pelo menos 3 000 rublos, que os mujiques testemunhariam isso, tinham ouvido o próprio Mítri Fiódorovitch dizê-lo.

— Quanto dinheiro atirou ele aos ciganos! Só com eles, creio que deve ter gasto mais de 1 000 rublos.

— Não cheguei talvez a dar-lhes nem 500 — observou Mítia. — Somente não os contei então, estava bêbado. É pena.

Mítia escutava com ar sombrio, parecia triste e fatigado e parecia dizer: "Ora! Contem o que quiserem, agora para mim dá no mesmo".

— Os ciganos custaram-lhe mais de 1 000 rublos, Mítri Fiódorovitch. O senhor atirava-lhes o dinheiro sem contar e eles o apanhavam. É uma corja de gatunos, roubam os cavalos, foram expulsos daqui, senão teriam talvez declarado a quanto montou o ganho deles. Eu mesmo vi então a soma nas mãos do senhor — o senhor não ma deu a contar, é verdade —, mas assim à vista, lembro-me, havia bem mais de 1 500 rublos... Nós também sabemos o que seja o dinheiro...

Quanto à soma do dia anterior, Dimítri Fiódorovitch lhe havia declarado, desde sua chegada, que trazia 3.000 rublos.

— Vejamos, Trifon Borísovitch, declarei eu que trazia 3 000 rublos?

— Mas sim, Mítri Fiódorovitch. Disse-o em presença de Andriéi. Ele ainda está aqui, chamem-no. E na sala, quando o senhor servia o coro, exclamou mesmo que deixava aqui sua sexta nota de 1 000 rublos, contando com a outra vez, bem entendido. Stiepan e Siemion ouviram isso, Piotr Fomitch Kolgánov mantinha-se então ao lado do senhor, talvez também ele se lembre...

A declaração relativa ao sexto milhar de rublos impressionou os juizes e lhes agradou pela sua clareza: 3 000 então, 3 000 agora, completavam bem os 6 000.

Foram interrogados os mujiques Stiepan e Siemion, o cocheiro Andriéi, que confirmaram o depoimento de Trifon Borísovitch. Além disso, consignou-se a conversa que Andriéi tivera em caminho com Mítia perguntando se iria para o céu ou para o inferno e se lhe perdoariam no outro mundo. O "psicólogo" Ipolit Kirílovitch, que escutara, sorrindo, recomendou que se acrescentasse essa declaração aos autos.

Quando chegou sua vez, Kolgánov apresentou-se a contragosto, com ar sombrio, caprichoso, e conversou com o procurador e Nikolai Par-fiénovitch, como se os visse pela primeira vez, quando os conhecia desde muito tempo. Começou por dizer que "não sabia de nada e de nada queria saber". Mas ouvira Mítia falar da sexta nota de 1 000 e confessou que se encontrava então ao lado dele. Ignorava a soma que Mítia podia ter e afirmou que os poloneses tinham trapaceado no jogo de baralho. Após perguntas reiteradas, explicou que, expulsos os poloneses, Mítia voltara às boas graças junto a Agrafiena Alieksándrov-na e que esta declarara amá-lo. A respeito desta última exprimiu-se com delicadeza, como se pertencesse ela à melhor sociedade, não se permitiu nem uma só vez chamá-la Grúchenhka. Malgrado a repugnância visível do rapaz em depor, Ipolit Kirílovitch reteve-o muito tempo e somente por ele soube do que constituía, por assim dizer, o "romance" de Mítia naquela noite. Nem uma vez Mítia interrompeu Kolgánov, que se retirou sem esconder sua indignação.

Passaram aos poloneses. Tinham-se deitado em seu quartinho, mas não haviam pregado olho a noite toda; à chegada das autoridades, vestiram-se rapidamente, compreendendo que iriam chamá-los. Apresentaram-se com dignidade, mas não sem apreensão. O *pan* baixinho, mais importante, era funcionário aposentado, de décima-segunda classe, servira como veterinário na Sibéria e se chamava Mussialóvitch. *Pan* Vrubliévski era dentista. Às perguntas de Nikolai Parfiénovitch, responderam a princípio dirigindo-se a Mikhail Makárovitch, que se conservava de lado; tomavam-no como a personagem mais importante e chamavam-no, a cada frase, *pán polkhóvnik*[37] Conseguiram fazer que eles compreendessem seu erro, aliás falavam corretamente o russo, salvo a pronúncia de certas palavras. Ao falar de suas relações com Grúchenhka, *pan* Mussialóvitch pôs nisso um ardor e uma altivez que exasperaram Mítia; exclamou que não permitia que um "tratante" se exprimisse assim em sua presença. *Pan* Mussialóvitch rebateu o termo e rogou que o mencionássemos nos autos. Mítia fervia de cólera.

— Sim, um tratante! Façam constar,'isto não me impedirá de repetir que ele é um tratante.

Nikolai Parfiénovitch deu prova de muito tato por ocasião deste desagradável incidente; depois de uma severa repreensão a Mítia, renunciou a inquirir a respeito do lado romanesco do caso e passou ao fundo. Os juizes interessaram-se bastante pelo depoimento dos poloneses, segundo o qual Mítia oferecera 3 000 rublos a *pan* Mussialóvitch para renunciar a Grúchenhka; 700 de contado e o resto "amanhã de manhã na cidade". Afirmava sob palavra de honra não ter consigo, em Mó-kroie, a soma completa. Mítia declarou a princípio que não prometera

---

[37] *Senhor coronel, em polonês.*

fazer o pagamento no dia seguinte na cidade, mas *pan* Vrubliévski confirmou o depoimento, e Mítia, depois de pensar, conveio que poderia ter falado assim na sua exaltação. O procurador fêz grande caso desse depoimento; tornava-se claro para a acusação que uma parte dos 3 000 rublos caídos nas mãos de Mítia tinha podido ficar escondida na cidade, talvez mesmo em Mókroie. Assim se explicava uma circunstância embaraçosa para a acusação, o fato de terem sido encontrados apenas 800 rublos com Mítia; era, até então, a única que falava em seu favor, por mais insignificante que fosse. Agora, aquele único testemunho vinha abaixo. À pergunta do procurador: onde teria ele arranjado os 2 300 rublos prometidos ao *pan* para o dia seguinte, quando ele próprio afirmava não ter em seu poder senão 1 500, havendo dado sua palavra de honra, respondeu Mítia que tinha a intenção de propor ao *pan,* em lugar de dinheiro, a transferência por ato em cartório de seus direitos sobre a propriedade de Tchermachniá, já oferecidos a Samsonov e à Senhora Khokhlakova. O procurador sorriu da "ingenuidade do subterfúgio".

— E o senhor pensa que ele teria consentido em aceitar esses "direitos" em lugar de 2 300 rublos em dinheiro?

— Decerto, porque isso lhe iria dar não 2 000, mas 4 000 e até mesmo 6 000 rublos. Teria mobilizado seus advogados judeus e poloneses, que haveriam de trazer o velho num cortado.

Naturalmente, o depoimento de *pan* Mussialóvitch foi transcrito *in extenso* nos autos, depois do que ele e seu companheiro puderam retirar-se. O fato de haverem trapaceado no jogo foi silenciado; Nikolai Parfiénovitch era-lhes grato e não queria inquietá-los por bagatelas, tanto mais quanto se tratava de uma querela entre jogadores embriagados e nada mais. Aliás, o escândalo não faltara naquela noite... Os 200 rublos ficaram assim no bolso dos poloneses.

Chamaram em seguida o velho Maksímov. Entrou timidamente, a passos miúdos, o ar triste e a roupa em desordem. Refugiara-se todo o tempo junto a Grúchenhka, sentado ao lado dela em silêncio, "pronto a choramingar, enxugando os olhos com seu lenço de quadrados", como contou mais tarde Mikhail Makárovitch. Tanto que era ela quem o acalmava e consolava. De lágrimas nos olhos, o velho pediu desculpas por ter pedido emprestados 10 rublos a Dimítri Fiódorovitch, visto sua pobreza, e declarou-se pronto a restituí-los... Tendo-lhe Nikolai Parfiénovitch perguntado quanto ele pensava que Dimítri Fiódorovitch tinha em dinheiro, visto que podia observá-lo de perto ao pedir-lho emprestado, respondeu Maksímov categoricamente: 20 000 rublos.

— O senhor já viu antes alguma vez 20 000 rublos? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, sorrindo.

— Como não? Decerto. Não 20 000, mas 7 000, quando minha esposa hipotecou minha propriedade. Para falar a verdade, ela só mos mostrou de longe e

aquilo formava uma maçaroca bem grossa de notas de 100 rublos. Dimítri Fiódorovitch também estava com notas de 100 rublos...

Não o retiveram muito tempo. Por fim chegou a vez de Grúchenhka. Os juizes temiam a impressão que sua chegada poderia produzir em Dimítri Fiódorovitch, e Nikolai Parfiénovitch dirigiu-lhe mesmo algumas palavras de exortação, às quais Mítia respondeu com um aceno de cabeça, indicando assim que não haveria desordem. Foi Mikhail Makárovitch quem trouxe Grúchenhka. Ela entrou, o rosto rígido e sombrio, o ar quase calmo, e tomou lugar em frente de Nikolai Parfiénovitch. Estava muito pálida e enrolava-se friorentamente no seu belo xale negro. Sentia, com efeito, o arrepio da febre, começo da longa doença que contraiu naquela noite. Seu ar rígido, seu olhar franco e sério, a calma de suas maneiras produziram a impressão mais favorável. Nikolai Parfiénovitch ficou mesmo seduzido; contou mais tarde que somente então compreendera quanto era encantadora aquela mulher; antes via nela "uma cortesã de subprefeitura". "Tem as maneiras da melhor sociedade", deixou ele escapar uma vez com entusiasmo num círculo de senhoras. Ouviram-no com indignação e logo o trataram de "descarado", o que o encantou. Ao entrar, lançou Grúchenhka a Mítia um olhar furtivo; ele, por sua vez, a examinou com inquietação, mas seu ar tranqüilizou-o. Após as perguntas habituais, Nikolai Parfiénovitch, com alguma hesitação, mas com o ar mais polido, perguntou-lhe "quais eram suas relações com o tenente reformado Dimítri Fiódorovitch Karamázov".

— Era um conhecido e como tal o recebi em minha casa neste último mês.

Em resposta a outras perguntas, declarou francamente que não amava Mítia então, se bem que ele lhe agradasse "por momentos"; seduzira-o por maldade, bem como ao velho; o ciúme que Mítia sentia de Fiódor Pávlovitch e de todos divertia-a. Jamais pensara em ir à casa de Fiódor Pávlovitch, de quem ela zombava. "Durante todo este mês, não me interessava por eles; esperava um outro, que tinha culpa para comigo... Somente acho que não precisam os senhores de interrogar-me a esse respeito e não tenho obrigação de responder-lhes. Trata-se de minha vida privada."

Nikolai Parfiénovitch deixou imediatamente de lado os pontos "romanescos" e abordou a questão capital dos 3 000 rublos. Grúchenhka respondeu que fora mesmo a soma gasta em Mókroie um mês antes, segundo as palavras de Dimítri, porque ela mesma não havia contado as cédulas.

— Disse-lhe ele isso em particular ou diante de terceiros, ou então só o soube a senhora por intermédio de outras pessoas? — perguntou logo o procurador.

Grúchenhka respondeu afirmativamente a essas três perguntas.

— Ouviu-o a senhora dizê-lo em particular uma ou várias vezes? Respondeu que várias vezes-

Ipolit Kirílovitch ficou bastante satisfeito com esse depoimento. Ficou depois estabelecido que Grúchenhka sabia que o dinheiro provinha de Catarina Ivânovna.

— Não ouviu a senhora dizer que Dimítri Fiódorovitch gastara então menos de 3 000 rublos e guardara para si a metade?

— Não, nunca.

Pelo contrário, havia um mês Mítia lhe declarara por várias vezes estar sem dinheiro. "Esperava sempre recebê-lo de seu pai", concluiu Grúchenhka.

— Não disse ele, diante da senhora... incidentemente ou num momento de irritação — perguntou de repente Nikolai Parfiénovitch —, que tinha intenção de tentar contra a vida de seu pai?

— Sim, ouvi-o dizer — respondeu Grúchenhka.

— Uma vez ou várias?

— Várias vezes, sempre em acessos de cólera.

— E a senhora acreditava que ele poria esse projeto em execução?

— Não, nunca! — respondeu ela com firmeza. — Contava com a nobreza de seus sentimentos.

— Senhores, um instante — exclamou Mítia —, permitam-me que diga, na presença dos senhores, uma palavra apenas a Agrafiena Aliek-sándrovna.

— Pode falar — consentiu Nikolai Parfiénovitch.

— Agrafiena Alieksándrovna — disse Mítia, levantando-se —, juro-o perante Deus: sou inocente da morte de meu pai!

Mítia tornou a sentar-se. Grúchenhka levantou-se, benzeu-se piedosamente diante do ícone.

— Deus seja louvado! — disse ela com efusão e acrescentou, dirigindo-se a Nikolai Parfiénovitch: — Acredite no que ele disse! Eu o conheço, é capaz de dizer não sei o quê por brincadeira ou por teimosia, mas nunca fala contra a sua consciência. Diz a verdade completa, esteja certo!

— Obrigado, Agrafiena Alieksándrovna, reconfortaste minha alma — disse Mítia, com voz trêmula.

A respeito do dinheiro do dia anterior, declarou ela não conhecer a soma, mas ter ouvido Dimítri repetir freqüentemente que levara 3 000 rublos. Quanto à sua proveniência, dissera-lhe comente a ela que os "roubara" de Catarina Ivânovna, ao que respondeu ela que não era um roubo e que era preciso restituir o dinheiro logo no dia seguinte. Insistindo o procurador em saber o que entendia Dimítri por

dinheiro roubado, o do dia anterior ou o de havia um mês, declarou Gruchenhka que ele falara do dinheiro de então e ela assim o compreendia.

Terminado o interrogatório, disse Nikolai Parfiénovitch, com solicitude, a Gruchenhka que estava ela livre de voltar para a cidade e que, se pudesse ele ser-lhe útil em alguma coisa, arranjando-lhe por exemplo cavalos ou fazendo-a acompanhar, faria...

— Obrigada — disse Gruchenhka, cumprimentando-o. — Partirei com aquele velho, o proprietário rural. Mas, se o senhor o permitir, esperarei aqui sua decisão a respeito de Dimítri Fiódorovitch.

Saiu. Mítia estava calmo e tinha o ar reconfortado, mas por um instante somente. Uma estranha lassitude invadia-o cada vez mais. Seus olhos se fechavam contra a sua vontade. O interrogatório das testemunhas estava afinal acabado. Procedeu-se à redação definitiva do processo verbal. Mítia levantou-se e foi estender-se a um canto, sobre uma grande mala coberta por um tapete. Adormeceu logo. Teve um sonho estranho, sem relação com as circunstâncias. Viajava pela estepe, numa região por onde passara outrora, estando de serviço. Um mujique o conduz em *tieliega* através da planície enlameada. Faz frio, são os primeiros dias de novembro, a neve cai em grossos flocos que se derretem imediatamente. O mujique chicoteia vigorosamente seus cavalos, tem uma comprida barba ruiva, é um homem duns cinqüenta anos, vestido com um ordinário cafetã cinzento. Aproximam-se de uma aldeia da qual se avistam as isbás negras, muito negras, a metade incendiadas, erguendo-se ainda apenas traves carbonizadas. Na estrada, à entrada da aldeia, uma multidão de mulheres alinha-se, todas magras e descarnadas, o rosto crestado. Ali está uma, à beira da estrada, ossuda, alta, parecendo ter uns quarenta anos, mas talvez não tendo senão vinte, o rosto longo e desfeito; tem nos braços uma criancinha que chora, seu peitos devem estar esgotados, parecem ressequidos, e a criança chora, chora sem parar, estende seus bracinhos nus, seus pequenos punhos roxos de frio.

— Por que choram eles? — pergunta Mítia, passando a galope.

— Ê o nenê — responde o cocheiro —, é o nenê que chora.

E Mítia fica impressionado por ter ele dito à sua maneira, como os mujiques, o "nenê" e não o bebê. Isso lhe agrada, isso lhe parece mais compassivo.

— Mas por que chora ele? — obstina-se em perguntar Mítia. — Por que seus bracinhos estão nus? por que não lhos cobrem?

— O nenê está transido de frio, suas roupas estão geladas, de modo que não o aquecem.

— Como assim? — insiste Mítia, estupidificado.

— É que eles são pobres, suas isbás foram queimadas, não têm pão.

— Não, não — prosseguiu Mítia, que parecia continuar a não compreender —, dize-me por que aquelas desgraçadas se conservam aqui, por que tanta miséria, aquele pobre nenê, por que a estepe é nua, por que aquelas pessoas não se beijam cantando canções alegres, por que são tão negras, por que não dão de comer ao nenê?

Sente bem que suas perguntas são absurdas, mas não pode impedir-se de fazê-las e tem razão; sente também que o invade um enternecimento, que vai chorar, gostaria de consolar o nenê e sua mãe de peitos estor-ricados, de secar as lágrimas de todo mundo e isto tudo imediatamente, sem levar nada em conta, com todo o ardor de um Karamázov.

— Estou contigo, não te deixarei mais — diz-lhe ternamente Grú-chenhka.

Seu coração se abrasa e vibra a uma luz longínqua, quer viver, seguir o caminho que leva àquela luz nova, àquela luz que o chama.

— Que é? Onde estou? — exclama ele, abrindo os olhos. Ergue-se sobre a mala como quem desperta de um desmaio, com um sorriso radiante. Diante dele se encontra Nikolai Parfiénovitch, que o convida a ouvir o processo verbal e a assiná-lo.

Mítia deu-se conta de que dormira uma hora ou mais, mas não escutava o juiz. Estava estupefato por ter encontrado sob sua cabeça uma almofada que lá não estava quando se estirou esgotado sobre a mala.

— Quem pôs aqui esta almofada? Quem teve tanta bondade? — exclamou ele, com exaltação, com uma voz emocionada, como se se tratasse dum benefício inestimável. O corajoso coração que tivera essa atenção permaneceu desconhecido, mas Mítia estava comovido até as lágrimas. Aproximou-se da mesa e declarou que assinaria tudo quanto quisessem.

— Tive um belo sonho, senhores — disse ele com uma voz estranha e o rosto como que iluminado de alegria.

IX

LEVAM MÍTIA PRESO

Uma vez assinado o processo verbal, dirigiu-se Nikolai Parfiénovitch solenemente ao acusado e leu para ele um "auto de processo e de prisão", segundo cujos termos ele, juiz de instrução... tendo interrogado e detido... (seguiam-se os termos de acusação), atendendo a que este,

embora declarando-se inocente dos crimes quê lhe eram imputados, nada produzira para justificar-se, a que entretanto as testemunhas ... e as circunstâncias... o inculpavam inteiramente, tendo em vista os artigos... do Código Penal, ordenava, a fim de impedir que o supracitado se subtraísse ao inquérito e julgamento, que fosse encarcerado e se desse cópia do presente ao procurador, etc. Em suma, declarou-se a Mítia que se achava ele doravante detido, qué iam levá-lo à cidadf e encerrá-lo numa residência muito pouco agradarei. Mítia ergueu ©s ombros.

— Está bem, senhores, não lhes quero mal, estou pronto... compreendo que não lhes resta outra coisa a fazer.

Nikolai Parfiénovitch explicou-lhe que ele ia ser levado por Mavríki Mavríkitch, ali presente.

— Esperem — interrompeu Mítia, e sob um impulso irresistível dirigiu-se a todos os presentes: — Senhores, somos todos cruéis, todos monstros, é por nossa causa que choram as mães e as criancinhas, mas entre todos, eu o proclamo, sou eu o pior! Cada dia, batendo no peito, jurava emendar-me, e cada dia cometia as mesmas vilanias. Compreendo agora que a criaturas tais como eu é preciso um golpe do destino e seu laço, uma força exterior que as dome. Jamais teria eu mesmo podido erguer-me! Mas o raio descarregou-se. Aceito as torturas da acusação, da ignomínia pública. Quero sofrer e redimir-me pelo sofrimento! Talvez o consiga, não é, senhores? Escutem, no entanto, pela derradeira vez: não derramei o sangue de meu pai! Aceito o castigo, não por tê-lo matado, mas por ter querido matá-lo, e talvez mesmo o tivesse feito! Estou resolvido não obstante a lutar contra os senhores, declaro-lhes. Lutarei até o fim e, em seguida, que Deus decida! Adeus, senhores, perdoem-me meus rompantes durante o interrogatório, estava então ainda desvairado... Dentro de um instante serei um preso e pela derradeira vez Dimítri Karamázov, como um homem livre ainda, estende-lhes a mão. Apresentando-lhes minhas despedidas, é ao mundo que as apresento!...

Sua voz tremia, estendeu com efeito a mão, mas Nikolai Parfiénovitch, que era quem se achava mais perto dele, ocultou a sua com um gesto convulsivo. Mítia percebeu-o e estremeceu. Deixou seu braço recair.

— O inquérito ainda não está terminado — disse o juiz um pouco confuso —, vai prosseguir na cidade, e, de minha parte, desejo que o senhor... consiga... justificar-se... Pessoalmente, Dimítri Fiódoro-vitch, sempre o considerei mais infeliz que culpado... Todos aqui, se ouso fazer-

me intérprete deles, estamos dispostos a ver no senhor um jovem, no íntimo nobre, mas, ai! arrebatado por suas paixões duma maneira excessiva...

Foram estas derradeiras palavras pronunciadas pelo pequeno juiz com grande dignidade. Pareceu de repente a Mítia que aquele rapazola ia pegá-lo pelo braço, levá-lo para um canto e continuar sua recente conversa a respeito das "garotas". Mas quem sabe as idéias intempestivas que ocorrem por vezes mesmo a um criminoso a quem levam ao suplício?

— Os senhores são bons, humanos. Poderei tornar a vê-la para dizer-lhe um último adeus?

— Sem dúvida, mas... em nossa presença...

— De acordo.

Trouxeram Grúchenhka, mas o adeus foi lacônico e decepcionou Nikolai Parfiénovitch. Grúchenhka fez uma profunda saudação a Mítia.

— Já te disse que sou tua, que te pertenço para sempre, seguir-te-ei por toda parte aonde te enviarem. Adeus, tu que te perdeste sem seres culpado.

Seus lábios tremiam, ela chorava.

— Perdoa-me, Grucha, o amar-te, o ter causado também tua perda pelo meu amor.

Mítia queria falar ainda, mas deteve-se e partiu. Foi logo cercado por pessoas que não o perdiam de vista. Duas *tieliegui* esperavam ao pé do patamar, onde chegara ele na véspera com muito barulho na tróica de Andriéi. Mavríki Mavríkitch, baixo e robusto, o rosto enrugado, estava irritado por causa de alguma desordem inesperada e gritava. Num tom cortante, convidou Mítia a subir na *tieliega.* "Outrora, quando eu lhe pagava de beber no botequim, a personagem tinha outra cara'*, pensou Mítia. Trifon Borísovitch desceu o patamar. Perto do portão comprimiam-se mujiques, mulheres, os cocheiros, todos mirando Mítia.

— Adeus, boa gente! — gritou-lhes Mítia já na *tieliega.*

— Adeus! — disseram duas ou três vozes.

— Adeus, Trifon Borísovitch!

Mas Trifon Borísovitch nem mesmo se voltou, estando sem dúvida

bastante preocupado. Gritava também e agitava-se. Tudo não estava em regra na segunda *tieliega* em que devia subir a escolta. O mujique designado para conduzi-la, enquanto vestia seu cafetã, sustentava energicamente que não era ele quem devia ir, mas Akim. Mas Akim não estava ali; corria-se à sua procura; o mujique insistia, suplicava que se esperasse.

— É uma trama descarada que temos aqui, Mavríki Mavríkitch! — exclamou Trifon Borísovitch. — Há três dias, Akim te deu 25 copeques, tu os bebeste e agora gritas. Espanto-me somente da bondade do senhor para com esses sujeitos.

— Que necessidade temos duma segunda tróica? — interveio Mítia. — Viajemos com uma só, Mavríki Mavríkitch, não me revoltarei nem fugirei. Por que queres uma escolta?

— Aprenda a falar comigo, senhor, se não o sabe ainda. Trate de não me tratar por tu e guarde seus conselhos para outra ocasião... — replicou impertinentemente Mavríki Mavríkitch, como que feliz por extravasar seu mau humor.

Mítia calou-se, corando. Um instante depois, sentiu vivamente o frio. A chuva cessara, mas o céu estava coberto de nuvens, um vento áspero soprava no rosto. "Tenho arrepios", pensou Mítia, enrodilhando-se. Por fim Mavriki Mavríkitch subiu por sua vez e sentou-se pesadamente, bem à vontade, empurrando Mítia para um lado, sem parecer prestar-lhe atenção. Na verdade, estava mal-humorado e bastante descontente com a missão que lhe haviam confiado.

— Adeus, Trifon Borísovitch! — gritou de novo Mítia, sentindo que, desta vez, não era de bom coração, mas de cólera, malgrado seu, que gritava. Trifon Borísovitch, com ar arrogante, as mãos atrás das costas, fixou Mítia com um olhar severo e não lhe respondeu.

— Adeus, Dimítri Fiódorovitch, adeus! — repercutiu de súbito a voz de Kolgánov. Correndo para a *tieliega,* estendeu a mão a Mítia. Estava sem casquete. Mítia teve ainda tempo de apertar-lha.

— Adeus, meu bravo amigo, não esquecerei sua generosidade! — disse ele com ardor. Mas a *tieliega* pôs-se em movimento, suas mãos desenlaçaram-se, os guizos retiniram, levavam Mítia.

Kolgánov correu para o vestíbuló, sentou-se num canto, curvou a cabeça, ocultou o rosto nas mãos e chorou por muito tempo, chorava como

um menino. Estava quase convencido da culpabilidade de Mítia. "Que podem as pessoas valer depois disso?", murmurava ele, num total desamparo. Não queria mesmo mais viver naquele instante. "Será que isso vale a pena?", exclamava o rapaz no seu pesar.

QUARTA PARTE

LIVRO X

MORTE DE ILIÚCHA

I

KÓLIA KRASÓTKIN

Primeiros dias de novembro. Onze graus de frio e regêlo. Durante a noite, caiu um pouco de neve seca, que o vento áspero e picante levanta e varre através das ruas sombrias de nossa cidadezinha, sobretudo na praça do mercado. Está escura a manhã, mas a neve cessou. Não longe da praça, perto da loja dos Plótnikovi, encontra-se a casinha, muito limpinha no exterior e no interior, da Senhora Krasótkina, viúva de um funcionário. Completar-se-ão em breve catorze anos da morte do secretário do governo Krasótkin, mas sua viúva, ainda graciosa e com pouco mais de trinta anos, vive de suas rendas em sua casinha. Doce e alegre, leva uma existência modesta e digna. Tendo ficado viúva aos dezoito anos, com um filho que acabava de nascer, consagrou-se inteiramente à educação de Kólia. Amava-o cegamente, mas o menino lhe causou certamente mais pesares que alegrias, no temor perpétuo de vê-lo adoecer, resfriar-se, vadiar, ferir-se ao brincar, etc. Quando Kólia entrou para o colégio, sua mãe pôs-se a estudar todas as matérias, a fim de ajudá-lo a fazer seus exercícios, travou conhecimento com os professores e suas esposas, adulou mesmo os camaradas de seu filho, para evitar que zombassem dele ou que lhe batessem. Chegou a ponto de começarem os colegiais a zombar verdadeiramente de Kólia, a importunar "o queridinho da mamãe". Mas o menino soube fazer-se respeitar. Era ousado e logo passaram a achá-lo na classe "rudemente forte", e além disso esperto, de caráter teimoso, espírito audacioso e empreendedor. Era um bom aluno, corria mesmo o rumor de que em matemática e história universal passava a perna no Professor

Dardaniélov. Mas Kólia, embora afetando certo ar de superioridade, era bom camarada e nada orgulhoso. Aceitava como devido o respeito dos colegiais e mostrava uma atitude amigável. Conhecia sobretudo a medida, sabia reter-se a tempo devido e para com os professores não ultrapassava jamais o derradeiro limite além do qual a vivacidade não pode ser tolerada, tornando-se desordem e insubordinação. No entanto, estava sempre pronto à travessura, quando se ensejava ocasião, como o derradeiro dos garotos, ou antes a bancar de malicioso, a chamar a atenção. Cheio de amor-próprio, soubera ganhar ascendência sobre sua mãe, que sofria desde muito tempo o seu despotismo. Somente era-lhe insuportável a idéia de que seu filho a amava pouco. Kólia parecia-lhe sempre insensível a seu respeito e acontecia que, numa crise de lágrimas, ela o censurava pela sua frieza. O rapazinho não gostava disso e quanto mais efusões exigiam dele mais a elas se furtava. Mas era contra a sua vontade, provinha isto de seu caráter e não de sua vontade. Sua mãe se enganava; ele a amava, somente, não gostava das "ternuras de novilha", como dizia em sua linguagem de escolar. Seu pai deixara uma biblioteca, e Kólia, que gostava de ler, ficava por vezes horas mergulhado nos livros, em lugar de ir brincar, para grande espanto de sua mãe. Leu assim coisas acima de sua idade. Nos últimos tempos, suas travessuras — sem ser perversas — espantavam sua mãe por causa de sua extravagância. Durante as férias, em julho, a mãe e o filho iam passar uma semana em casa de uma parenta, cujo marido era empregado ferroviário na estação mais próxima da nossa cidade. (Fora lá, a 70 verstas, que Ivã Fiódorovitch tomara o trem para Moscou, um mês antes.) Kólia começou por examinar minuciosamente o caminho de ferro e seu funcionamento, compreendendo que poderia deslumbrar seus colegas com seus novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, ligou-se a seis ou sete garotos da vizinhança, de doze a quinze anos de idade, entre os quais dois provinham de nossa cidade. Faziam travessuras em comum e em breve o alegre bando teve idéia de fazer uma aposta verdadeiramente estúpida, cuja parada era de 2 rublos. Kólia, um dos mais jovens e portanto um pouco desdenhado pelos mais idosos, levado pelo amor-próprio ou pela temeridade, propôs ficar deitado entre os trilhos, sem mexer-se, enquanto o trem das 11 horas da noite passaria sobre ele a todo vapor. Na verdade, um exame prévio permitiria verificar que a coisa era factível, que a pessoa podia realmente achatar-se entre os trilhos sem ser mesmo roçada pelo trem. Mas que minuto penoso teria de passar! Kólia jurou por toda parte que o faria. Começaram por zombar dele, trataram-no de fanfarrão, o que

o excitou ainda mais. Também aqueles rapazes de quinze anos mostravam-se por demais arrogantes, tendo mesmo recusado a princípio levar em consideração aquele fedelho, tratando-o como camarada. Ofensa intolerável. Numa noite sem lua, decidiram ir a 1 versta da estação, onde o trem já passaria rapidamente. Na hora marcada Kólia deitou-se entre os trilhos. Os cinco outros apostadores, de coração a desfalecer, em breve tomados de pavor e de remorso, aguardavam nas moitas embaixo do talude. Dentro em pouco ouviu-se o barulho do trem que se punha em movimento. Duas lanternas vermelhas brilharam nas trevas, o monstro aproximava-se estrondosamente. "Foge! Foge!", gritaram, apavorados. Era demasiado tarde, o trem passou e desapareceu. Precipitaram-se para Kólia, que jazia, inerte, puseram-se a sacudi-lo, a erguê-lo. De repente, ele se levantou e declarou que fingira um desmaio para fazer-lhes medo. Na realidade, tinha desmaiado mesmo, como ele próprio, espontaneamente, o confessou muito tempo depois à sua mãe. Dessa maneira, seu renome de "estabanado" ficou definitivamente estabelecido. Voltou para casa branco como linho. No dia seguinte, teve uma febre nervosa, mas mostrou-se muito alegre e contente. O acontecimento foi divulgado em nossa cidade, chegou ao conhecimento das autoridades escolares. A mamãe de Kólia suplicou-lhes que perdoassem a seu filho, e por fim um professor estimado e influente, Dardaniélov, falou em seu favor e obteve ganho de causa. O caso não teve conseqüências. Esse Dardaniélov, solteiro e ainda moço, estava desde muito tempo apaixonado pela Senhora Krasótkina; um ano antes, com o coração cheio de apreensão, arriscara-se a pedir-lhe a mão; ela o recusara, considerando que o casar-se de novo seria uma traição a seu filho. No entanto, Dardaniélov, de acordo com certos indícios, teria tido o direito de pensar que não era fundamentalmente antipático aquela viúva encantadora, mas casta e delicada em excesso. A louca travessura de Kólia deve ter rompido o gelo, e após a intervenção de Dardaniélov deu-se a entender a este que podia ter esperança, aliás longínqua, mas ele próprio era um fenômeno de pureza e de delicadeza e aquilo bastava à sua felicidade no momento. Gostava do menino, mas teria achado humilhante procurar amansá-lo; na classe mostrava-se severo para com ele, exigente. O próprio Kólia mantinha-o a distância, preparava muito bem seus exercícios, ocupava o segundo lugar, e toda a classe estava persuadida de que, em história universal, ele "passava a perna" ao próprio Dardaniélov em pessoa. Com efeito, Kólia perguntou-lhe uma vez quem havia fundado Tróia. Ao que respondeu o mestre por meio de considerações a respeito dos povos e de suas migrações da noite dos

tempos, da fábula, mas não pode responder à pergunta precisa sobre a fundação de Tróia, achando-a mesmo ociosa. Os alunos ficaram convencidos de que Dardaniélov de nada sabia. Kólia informara-se a respeito em Smaragdov, que figurava entre os livros de seu pai. Finalmente, todos se interessaram pela fundação de Tróia, mas Krasótkin guardou seu segredo e seu prestígio permaneceu intacto.

Após o incidente da estrada de ferro, ocorreu uma mudança na atitude de Kólia para com sua mãe. Quando Ana Fiódorovna soube da proeza de seu filho, quase enlouqueceu. Teve violentas crises de nervos durante vários dias, a ponto de Kólia, seriamente aterrorizado, dar-lhe sua palavra de honra de jamais recomeçar semelhantes travessuras. Jurou-o de joelhos diante do ícone e pela memória de seu pai, como o exigia a Senhora Krasótkina; a emoção dessa cena fez chorar o "intrépido" Kólia como uma criança de seis anos: a mãe e o filho passaram o dia a lançar-se nos braços um do outro, derramando lágrimas. No dia seguinte, Kólia despertou de novo "insensível", mas tornou-se mais silencioso, modesto, pensativo. Seis semanas depois» reincidia, e seu nome chegou até o juiz de paz, mas desta vez tratava-se de uma travessura bem diferente, ridícula mesmo e estúpida, cometida por outros e na qual não estava implicado. Tornaremos a falar dela. Sua mãe continuou a tremer e a atormentar-se e a esperança de Dardaniélov crescia na medida dos alarmas dela. É preciso notar que Kólia compreendia e adivinhava a este respeito Dardaniélov, e, bem entendido, desprezava-o profundairiente por causa de seus "sentimentos"; antes tivera mesmo a indelicadeza de exprimir seu desprezo diante de sua mãe, fazendo alusões vagas às intenções de Dardaniélov. Mas após o incidente da estrada de ferro mudou também de conduta a este respeito; não se permitiu mais nenhuma alusão e falou com mais respeito de Dardaniélov diante de sua mãe, o que a sensível Ana Fiódorovna compreendeu imediatamente com uma gratidão infinita; em compensação, à menor palavra referente a Dardaniélov proferida em presença de Kólia, fosse mesmo um estranho, tornava-se ela vermelha como uma cereja. Naqueles momentos Kólia olhava pela janela com ar carrancudo ou examinava o estado de seus sapatos, ou ainda chamava raivosamente Carrilhão, um cachorro de longos pêlos, muito grande e feio, que havia recolhido um mês antes e guardava em segredo, sem mostrá-lo a seus camaradas. Tratava-o com rigor, ensinava-lhe diversas habilidades, tanto que o pobre animal gania quando ele partia para o colégio, latia alegremente quando ele voltava, saltava como um louco, andava de duas

patas, fazia-se de morto, etc, em suma, mostrava todas as habilidades que lhe haviam sido ensinadas, isto não porque lho ordenavam, mas no ardor de seu entusiasmo e de sua dedicação.

A propósito: esqueci-me de dizer que Kólia Krasótkin era o menino a quem Iliúcha, já conhecido do leitor, filho do capitão reformado Snieguiriov, ferira com o canivete, ao defender seu pai, a quem os colegiais ridicularizavam, chamando-o de "esfregão de tília".

II

GENTE MIÚDA

Portanto, naquela manhã glacial e brumosa de novembro, o jovem Kólia Krasótkin permanecia em casa. Era domingo e não havia aula. Mas acabavam de soar 11 horas, era-lhe absolutamente preciso sair "para um negócio muito importante", contudo ficava sozinho a guardar a casa, porque os adultos haviam saído em conseqüência de uma circunstância extraordinária. A viúva Krasótkina alugava um apartamento de duas peças, o único da casa, à mulher dum médico, que tinha dois filhos pequenos. Era da mesma idade de Ana Fiodorovna e sua grande amiga; quanto ao doutor, que partira para Oremburgo, depois para Ta-chkent, não dava notícias de si havia seis meses, de sorte que a abandonada teria passado seu tempo a chorar sem a amizade da Senhora Krasótkina, que amenizava seu pesar. Para cúmulo de infortúnio, Catarina, a única criada da mulher do doutor, declarara bruscamente à sua patroa, durante a noite, que se preparava para dar à luz de manhã. Era quase miraculoso que ninguém tivesse notado a coisa até então. A mulher do doutor, estupefata, decidiu, enquanto era ainda tempo, transportar Catarina para a casa de uma parteira que aceitava pensionistas. Como estimava muito essa sua criada, pôs logo seu projeto em execução e ficou mesmo ao lado dela. Em seguida, pela manhã, foi preciso recorrer ao concurso e ajuda da Senhora Krasótkina, que podia naquela ocasião tomar providências e exercer certa proteção. De modo que as duas senhoras estavam ausentes, a criada da Senhora Krasótkina, Agáfia, saíra para o mercado e Kólia achava-se provisoriamente como guarda dos fedelhos, o menino e a menina da mulher do doutor, que haviam ficado sozinhos. A guarda da casa não fazia medo a Kólia, sobretudo com Carrilhão; este recebera ordem de deitar-se debaixo de um banco, no vestíbulo, sem se mexer, e cada vez que

seu dono passava, erguia ele a cabeça, batia no soalho com a cauda com um ar suplicante, mas, ai!, nenhum chamado se ouvia. Kólia olhava com severidade o infeliz cão-d'água, que recaía na imobilidade completa. Mas a única preocupação de Kólia eram os fedelhos. Ao passo que a aventura de Catarina lhe inspirava profundo desprezo, gostava muito dos pequenos e trouxera já para eles um livro infantil. Nástia, a mais velha, de oito anos, sabia ler, e o mais moço, Kóstia, de sete anos, gostava de escutá-lo. Bem entendido, Krasótkin teria podido interessá-los brincando com eles de soldado ou de esconder, por toda a casa. Não desdenhava fazê-lo quando preciso, tanto que se espalhou na classe o boato de que Krasótkin brincava de tróica em sua casa com seus pequenos locatários, fazendo papel do cavalo de sota, galopando, de cabeça baixa. Krasótkin repelia altivamente essa acusação, fazendo notar que com camaradas de sua idade teria sido vergonhoso, com efeito, "em nossa época", brincar de cavalo, mas que assim o fazia para os fedelhos, porque gostava deles e ninguém tinha o direito de pedir-lhe conta de seus sentimentos. Em compensação, os dois fedelhos o adoravam. Mas desta vez não se tratava de brinquedos; tinha de ocupar-se de um assunto de muita importância e parecendo mesmo quase misterioso. Entretanto, o tempo passava e Agáfia, a quem os meninos teriam podido ser confiados, não se dignava voltar do mercado. Já por várias vezes atravessara ele o vestíbulo, abrira a porta da locatária, observara com solicitude os fedelhos lendo, por injunção sua; cada vez que se mostrava, os meninos sorriam-lhe largamente, esperando vê-lo entrar e fazer alguma coisa engraçada. Mas Kólia estava preocupado e não entrava. Por fim, soaram as 11 horas e decidiu ele firmemente que, se dentro de dez minutos a "maldita" Agáfia não estivesse de volta, sairia sem esperá-la, depois de, é claro, ter feito os fedelhos prometerem não ter medo durante sua ausência, nem fazer bobagens, nem chorar. Com estas disposições, vestiu seu pequeno sobretudo algodoado, lançou sua sacola ao ombro e, malgrado os rogos reiterados de sua "mãe de nunca sair "com semelhante frio" sem calçar suas galochas, contentou-se em lançar-lhes um olhar desdenhoso ao passar no vestíbulo. Vendo-o vestido para sair, Carrilhão bateu no soalho com a cauda, agitando-se, e ia mesmo lançar um gemido lamentoso, mas Kólia julgou tal ardor contrário à disciplina, manteve o cão-d'água ainda um minuto debaixo do banco e só assobiou para ele ao abrir a porta do vestíbulo. O animal lançou-se como um louco e se pôs a saltar de alegria. Kólia ia ver o que estavam fazendo os fedelhos. Tinham acabado de ler e discutiam com animação, como lhes acontecia freqüentemente; Nástia, na qualidade de mais velha, levava sempre a

melhor, e, se Kóstia não se punha de seu lado, apelava ela quase sempre para Kólia Krasótkin, cuja sentença era definitiva para as duas partes. Desta vez, a discussão dos fedelhos tinha algum interesse para Kólia, que ficou na soleira a escutar, vendo o que, as crianças redobraram de ardor na sua controvérsia.

— Nunca, nunca, acreditarei — sustentava Nástia — que as parteiras encontrem os bebês nos pés de couve. Agora é inverno, não há couves e a parteira não pode trazer uma filhinha para Catarina.

— O quê! — murmurou Kólia.

— Ou então elas as trazem de alguma parte, mas somente para aquelas que se casam.

Kóstia fixava sua irmã, escutava gravemente, refletia.

— Nástia, como és tola! — disse ele por fim, num tom calmo. — Como pode Catarina ter um filho, já que ela não é casada?

Nástia irritou-se.

— Tu não compreendes nada, talvez tivesse ela um marido, mas está na prisão.

— Será que ela tem de verdade um marido na prisão? — perguntou o positivo Kóstia.

— Ou então — continuou impetuosamente Nástia, abandonando sua primeira hipótese — pode acontecer também que ela hão tenha marido; tens razão; mas quer se casar e pôs-se a pensar como fazer, pensou e tornou a pensar, tanto que acabou por ter não um marido» mas um bebê.

— Está bem! É possível — aquiesceu Kóstia, subjugado —, mas não o disseste antes. Como podia eu saber?

— Muito bem, meninada! — exclamou Kólia, avançando. — Vocês são uma gente perigosa, pelo que vejo!

— Carrilhão está com você? — perguntou, sorrindo, Kóstia, que se pôs a estalar os dedos, chamando o cachorro.

— Meninada, estou atrapalhado — começou solenemente Kólia. — Vocês devem ajudar-me. Agáfia deve ter quebrado a perna, já que não volta, é seguro e certo. Tenho de sair. Vocês me deixarão ir?

Os meninos olharam-se receosos, seus rostos sorridentes exprimiram inquietação. Não compreendiam ainda bem o que queriam deles.

— Não farão bobagens em minha ausência? Não subirão no armário com risco de quebrar uma perna? Não chorarão de medo, quando ficarem sozinhos?

A angústia apareceu nos rostinhos.

— Em compensação, poderia eu mostrar-lhes alguma coisa, um canhãozinho de cobre que se carrega com pólvora verdadeira.

Os rostinhos iluminaram-se.

— Mostre o canhão — disse Kóstia, radiante.

Krasótkin tirou de sua sacola um canhãozinho de bronze, que pousou em cima da mesa.

— Olhe, tem rodas — disse, fazendo o brinquedo rodar. — Pode-se carregá-lo com chumbinho e atirar.

— E ele mata?

— Mata todo mundo, basta apontá-lo — e Krasótkin explicou onde era preciso colocar a pólvora, o chumbo, indicou uma pequena abertura que representava o ouvido, explicou que o canhão recuava. As crianças escutavam com ardente curiosidade. O recuo sobretudo feria-lhes a imaginação.

— E você tem pólvora? — informou-se Nástia.

— Tenho, sim.

— Mostre também a pólvora — disse ela com um sorriso implorativo.

Krasótkin tirou de sua sacola um frasquinho, onde havia de fato um pouco de pólvora verdadeira e alguns grãos de chumbo enrolados em papel. Abriu mesmo o frasco, derramou um pouco de pólvora em sua mão.

— Aqui está. Somente tomem cuidado com o fogo, senão ela explodirá e nós todos morreremos — disse ele, para impressioná-las.

As crianças examinavam a pólvora com um temor respeitoso que aumentava o prazer. Os grãos de chumbo, sobretudo, agradavam a Kóstia.

— O chumbo não queima? — perguntou ele.

— Não.

— Dê-me um pouco de chumbo — disse, num tom suplicante.

— Aqui está um pouco, tome, somente não o mostre à sua mãe antes de minha chegada. Ela iria pensar que é pólvora, morreria de medo ou surraria vocês.

— Mamãe nunca surra a gente — observou Nástia.

— Sei disso, disse-o somente por causa da beleza do estilo. E vocês, nunca enganem sua mamãe, só desta vez, até que eu volte. Portanto, meninada; posso ir ou não? Não chorarão de medo na minha ausência?

— Nós cho-ra-remos — disse lentamente Kóstia, preparando-se já para fazê-lo.

— Nós choraremos, decerto — apoiou Nástia, receosa.

— Oh! meninos, que idade perigosa é a de vocês! Não há nada a fazer. Será preciso ficar com vocês não sei quanto tempo. E o tempo é precioso.

— Mande Carrilhão fingir de morto — pediu Kóstia.

— Não há outro recurso senão valer-me de Carrilhão. Aqui, Carrilhão! — E Kólia ordenou ao cão de pêlos compridos, dum cinzento violaceo, do tamanho de um mastim comum, cego do olho direito e com a orelha esquerda cortada. Bancava o elegante, caminhava sobre as patas traseiras, deitava-se de costas com as patas no ar e ficava inerte, como' morto. Durante este último exercício a porta abriu-se e a gorda criada Agáfia, uma mulher de quarenta anos, com marcas de varíola, apareceu na soleira, com a rede de provisões na mão, e pôs-se a olhar. Kólia, por mais apressado que estivesse, não interrompeu a representação e, quando por fim assobiou para Carrilhao, o animal pôs-se a saltitar na alegria do dever cumprido.

— Isso é que um cachorro! — disse Agáfia, com admiração.

— E por que demoraste tanto tempo, sexo feminino? — perguntou severamente Krasótkin.

— Sexo feminino! Ora que fedelho!

— Fedelho?

— Sim, fedelho. Que é que tens com isso? Se estou atrasada, é que foi preciso — resmungou Agáfia, começando a remexer em redor da estufa, num tom nada irritado e- como que alegre por poder discutir com aquele jovem senhor tão jovial.

— Escuta, velha frívola, podes jurar-me por tudo quanto há de mais sagrado neste mundo que tomaras conta dessas crianças na minha ausência? Vou sair.

— E por que jurar? — disse Agáfia, rindo. — Tomarei conta deles, sim.

— Não, é preciso que jures pela tua salvação eterna. Senão não me vou.

— À tua vontade. Que me importa isso? Está gelando. Fica em casa.

— Meninos, essa mulher ficará com vocês até minha volta ou à da mamãe de vocês, que já deveria estar de volta. Além disso, ela dará o almoço de vocês. Não é, Agáfia?

— Pode ser, sim.

— Adeus, meninos, vou-me de coração tranqüilo. Quanto a ti, vovó — disse ele, gravemente, a meia voz, ao passar diante de Agáfia —, espero que não lhes contes, bobagens a respeito de Catarina. Poupa a inocência deles. Aqui, Carrilhao.

— Que Deus te perdoe! — disse Agáfia, irritada. — Como é engraçado! Mereceria uma surra, por falar assim.

III

O COLEGIAL

Mas Kólia não ouviu. Afinal, estava livre. Ao transpor o portão, ergueu os ombros e, depois de ter dito: "Que frio!", dirigiu-se para a praça do mercado. De caminho, parou diante de uma casa, tirou um apito do bolso, apitou com todas as suas forças, como dando um sinal convencionado. Ao fim dum minuto, viu-se sair um menino de onze anos, de tez vermelha, vestido igualmente com um sobretudo quente e até mesmo elegante. Era o jovem Smúrov, aluno da classe preparatória (ao passo que Kólia Krasótkin se achava duas classes acima), filho de um

funcionário em boa situação. Seus pais proibiam-no de andar com Krasótkin, por causa de sua reputação de travesso, de modo que Smúrov acabava de ausentar-se furtivamente. Esse Smúrov, se o leitor está lembrado, fazia parte do grupo que atirava pedras em Iliú-cha, dois meses antes, e foi ele quem falou de Iliúcha a Aliócha Ka-ramázov.

— Há uma hora que o espero, Krasótkin — proferiu Smúrov, com ar decidido.

Os rapazes marcharam para a praça.

— Estou atrasado — replicou Krasótkin. — Culpa das circunstâncias. Não te surrarão por vires comigo?

— Que idéia! Será que me surram? Carrilhão está com você?

— Claro.

— Vai levá-lo lá?

— Levo, sim.

— Ah! Se fosse Besouro!

— É impossível. Besouro não existe mais. Desapareceu não se sabe onde.

— Não se poderia então dar um jeito? — Smúrov parou de repente. — Iliúcha disse que Besouro também tinha pêlos compridos, cinzentos, côr de fumaça, como Carrilhão. Não se poderia dizer que este é Besouro? Talvez ele o acreditasse.

— Colegial, evita a mentira, em primeiro lugar; e em segundo lugar, ainda que seja com bom fim. Espero, principalmente, que não tenhas falado de minha vinda.

— Deus me livre. Compreendo. Mas não o consolarão com Carrilhão — suspirou Smúrov. — Sabes? O pai dele, o capitão, "esfregão de tília", disse-nos que lhe levariam hoje um cãozinho, um mastim verdadeiro, de focinho preto; pensa consolar assim Iliúcha, mas é pouco provável.

— Como vai ele, Iliúcha?

— Mal, mal! Creio que ele está tísico. Tem pleno conhecimento, mas sua respiração é bem má. Um dia destes pediu que o levassem a passear um pouco. Calçaram-lhe os sapatos. Mas ele caiu ao fim de alguns passos.

"Ah! papai, bem que te disse que estes sapatos não prestam. Antes mesmo tinha dificuldade em andar com eles." Pensava que caía por causa de seus sapatos e era simplesmente de fraqueza. Não dura uma semana. Herzenstube visita-o. Têm de novo muito dinheiro.

— Canalhas!

— Canalhas, quem?

— Os doutores e toda essa ralé médica, em geral e em particular. Renego a medicina. Não serve para nada. Aliás, estudarei tudo isso. Dize-me, vocês todos lá ficaram muito sentimentais. A classe inteira vai lá incorporada, digo a verdade?

— Toda não, mas uma dezena dos nossos vai lá todos os dias. Não é nada.

— O que me surpreende em tudo isso é o papel de Alieksiéi Karamázov; vão julgar amanhã ou depois seu irmão por um crime como aquele e acha ele tempo de fazer sentimentalismo com colegiais!

— Mas não há no caso nenhum sentimentalismo. Tu mesmo vais agora lá reconciliar-te com Iliúcha.

— Reconciliar-me? Expressão engraçada! Aliás, não permito que ninguém analise meus atos.

— Como Iliúcha ficará contente ao ver-te! Não duvida de que vais. Por que, por que recusaste por tanto tempo ir vê-lo? — exclamou de repente Smúrov, com ardor.

— Meu caro, o problema é meu e não teu. Vou lá por minha vontade, porque quero ir, ao passo que foi Alieksiéi Karamázov quem levou vocês todos lá; há pois uma diferença. E que sabes tu? Talvez não vá eu lá absolutamente para reconciliar-me. Estúpida expressão.

— Karamázov não tem nada a ver com isso. Os colegas tomaram simplesmente o hábito de ir lá, é bem certo que no começo com Karamázov. Primeiro um, depois outro. Mas nada se passou de estúpido. O pai ficou encantado ao ver-nos. Sabes? Perderá a razão, se Iliúcha morrer. Vê que seu filho está perdido. Causou-lhe tanto prazer o nos termos reconciliado com Iliúcha... Iliúcha pediu informações a teu respeito, mas sem nada acrescentar. Seu pai ficará louco ou se enforcará. Já antes tinha jeito de maluco. Sabes? Ê um homem honesto, vítima dum erro. A culpa é daquele parricida que lhe bateu então.

— No entanto, Karamázov é um enigma para mim. Teria podido travar conhecimento com ele, desde muito tempo, mas, em certos casos, gosto de mostrar-me orgulhoso. Além do mais, já formei sobre ele uma opinião que será preciso verificar, esclarecer.

Kólia calou-se gravemente, bem como Smúrov. Bem entendido, Smú-rov respeitava Kólia Krasótkin e nem mesmo pensava em se comparar com ele. Agora estava muito intrigado, porque Kólia explicara que vinha "por si mesmo"; devia haver aí um mistério nessa decisão súbita de ir hoje à casa de Iliúcha. Seguiam pela praça do mercado, atravancada de carroças e de aves domésticas. Sob os alpendres das vendas, mulheres do povo vendiam sequilhos, linha, etc. Em nossa cidade, esses ajuntamentos do domingo são chamados ingenuamente de feiras e há muitos deles durante o ano. Carrilhão corria com o humor mais alegre, afastava-se constantemente à direita ou à esquerda para farejar alguma coisa. Quanto aos seus irmãos de espécie encontrados no caminho, fa-rejava-os de boa vontade, segundo as regras em uso entre a gente canina.

— Gosto de observar a realidade, Smúrov — disse de súbito Kólia. — Notaste como os cães se farejam, quando se encontram? É, entre eles, uma lei geral da natureza.

— Sim, uma lei ridícula.

— Não é ridícula, não tens razão. Na natureza, nada há de ridículo, apesar do que dela pense o homem com seus preconceitos. Se os cães pudessem raciocinar e criticar, encontrariam certamente outro tanto de ridículo, se não mais, nas relações sociais das pessoas, seus donos, se não mais, repito-o, porque estou persuadido de que há bem mais tolices entre nós. É a idéia de Rakítin, uma idéia notável. Sou socialista, Smúrov.

— Que é um socialista? — perguntou Smúrov.

— É quando todos são iguais, têm uma opinião comum, não há casamentos, sendo a religião e as leis como convém a cada um. És ainda demasiado jovem para compreender essas questões. Está frio, não é mesmo?

— Sim, 12 graus. Meu pai olhou o termômetro ainda há pouco.

— Notaste, Smúrov, que no meio do inverno, com 15 ou mesmo 18 graus, o frio parece menos vivo que agora, no começo, quando gela de repente a 12 graus e há ainda pouca neve? Isto significa que as pessoas

não estão ainda acostumadas a ele. Entre elas, tudo é hábito, em tudo, mesmo em política e nos negócios do Estado. Como é engraçado aquele mujique.

Kólia mostrou um mujique, de alta estatura, metido num *tulup,* com ar bonacheirão, que, ao lado de sua carroça, se aquecia batendo as mãos uma contra a outra com suas luvas. Sua barba estava coberta de geada.

— A barba do mujique está gelada! — disse Kólia em voz alta e com um ar implicante, passando ao lado dele.

— Há bem outras geladas — replicou sentenciosamente o mujique.

— Não mexas com ele — observou Smúrov.

— Não tem importância, ele não se zangará, é um homem bom. Adeus, Matviéi.

— Adeus.

— Chamas-te Matviéi?

— Matviéi. Não o sabias?

— Não; disse-o por acaso.

— Ora vejam só! És talvez um colegial?

— Com efeito.

— Surram-te?

— Decerto.

— Com força?

— Acontece.

— A vida não é alegre — suspirou o mujique de todo o coração.

— Adeus, Matviéi.

— Adeus. És um garoto delicado. Os rapazes continuaram seu caminho.

— É um bom mujique — disse Kólia a Smúrov. — Gosto de falar com gente do povo e sinto-me sempre contente em fazer-lhe justiça.

— Por que o fizeste crer que nos surravam? — perguntou Smúrov.

— Para causar-lhe prazer.

— Como assim?

— Sabes duma coisa, Smúrov? Não gosto que insistam, se não se compreende desde a primeira palavra. É por vezes difícil explicar. Na idéia do mujique, surra-se o colegial e deve-se fazê-lo; que é um colegial a quem não se surra? E se lhe digo que não, isto lhe causará pesar. Aliás, tu não compreendes isto. É preciso saber falar ao povo.

— Somente, nada de zombarias, rogo-te. Para que não haja outra complicação como aquela do pato.

— Tens medo?

— Evita bem isso, Kólia, deveras, tenho medo. Meu pai ficaria furioso. Proibiram-me expressamente de andar contigo.

— Não tenhas medo, desta vez não acontecerá nada. Bom dia, Natacha — gritou ele para uma vendedora.

— Natacha coisa nenhuma! Chamo-me Maria — gritou-lhe a vendedora, uma mulher ainda jovem.

— Está bem, Maria, adeus.

— Ah! engraçadinho, não mais alto que uma bota, que intrometimento é esse?

— Não tenho tempo, conversaremos no domingo próximo — disse Kólia gesticulando, como se fosse ela que o importunasse, em vez do contrário.

— E que é que haveremos de conversar no domingo? Fôste tu que mexeste comigo e não eu que mexi contigo, insolente! Mereces umas chicotadas. Bem te conhecemos, boa bisca!

Risadas espocaram entre as vendedoras vizinhas de Maria, quando, de repente, surgiu duma arcada um indivíduo excitado, com ar de caixeiro de venda, aliás estranho à nossa cidade, de cafetã de longas abas, trazendo um casquete de pala, ainda jovem, de cabelos castanhos cacheados, o rosto pálido e bexigoso. Parecia agitado sem saber por que e se pôs logo a ameaçar Kólia com o punho.

— Eu te conheço — vociferou ele —, eu te conheço!

Kólia encarou-o. Não se lembrava de haver brigado com aquele homem, aliás tivera por demasiadas vezes altercações na rua para lem-

brar-se de todas.

— Tu me conheces? — perguntou, ironicamente.

— Conheço-te! Conheço-te! — repisou o indivíduo.

— Tens muita sorte. Mas estou com pressa, adeus.

— Por que te mostras insolente? Recomeças? Eu te conheço!

— Se me mostro insolente, meu amigo, não tens nada com isso! — proferiu Kólia, parando, com os olhos sempre fixos nele.

— Como assim?

— Assim mesmo.

— Quem é então que tem? Quem é?

— Agora, camarada, o negócio é com Trifon Nikítitch e não contigo.

— Que Trifon Nikítitch? — E o rapaz, sempre acalorado, fixou Kólia com ar estúpido. Kólia olhou-o de alto a baixo, seriamente.

— Fôste à Igreja da Ascensão? — perguntou, num tom imperioso.

— Que igreja? Por quê? Não, não fui lá — respondeu o rapaz desconcertado.

— Conheces Sabaniéiev? — perguntou Kólia, no mesmo tom.

— Que Sabaniéiev? Não, não o conheço.

— Então, vai para o diabo! — cortou Kólia, que, dobrando à direita, afastou-se a passos rápidos, como que desdenhando falar a um simplório que nem mesmo conhecia Sabaniéiev.

— Espera, hei! Que Sabaniéiev? — reconsiderou o rapaz, de novo agitado. — De quem fala ele? — perguntou às vendedoras, olhando-as com ar aparvalhado.

As boas mulheres puseram-se a rir.

— Não é bobo aquele garoto — disse uma delas.

— De que Sabaniéiev falava ele? — teimava em repetir o rapaz, gesticulando.

— Deve ser o Sabaniéiev que trabalha em casa dos Kuzmítchev, eis de quem se trata — conjeturou uma das mulheres.

O rapaz examinou-a com espanto.

— Kuzmítchev? — repetiu outra. — Então não é Trifon. Aquele se chama Kuzmá e não Trifon. Ora, o garoto chamou-o de Trifon Nikítitch, logo não é ele.

— Estás vendo, não é nem Trifon, nem Sabaniéiev, é Tchitchov — interveio uma terceira vendedora, que havia ouvido com seriedade. — Alieksiéi Ivânovitch Tchitchov.

— É mesmo Tchitchov, com efeito — confirmou uma quarta. Todo confuso, o rapaz olhava ora uma ora outra.

— Mas por que me perguntou ele isso, por que, boa gente? — exclamou ele, quase desesperado. — "Conheces Sabaniéiev?" Quem diabo haverá de ser esse Sabaniéiev?

— Tens a cabeça dura, estão-te dizendo que não é Sabaniéiev, mas Tchitchov, Alieksiéi Ivânovitch, compreendes? — disse gravemente uma vendedora.

— Que Tchitchov? Di-lo, já que o sabes.

— Um grandalhão, de cabelos compridos. Era visto no mercado, no verão.

— Que queres que eu faça com o teu Tchitchov, hein, alma de Deus?

— E eu é que hei de saber?

— Quem sabe lá o que queres? — insistiu outra. — Tu mesmo deves saber, já que berras! Porque era a ti que falavam e não a nós, pateta! Não o conheces deveras?

— A quem?

— Tchitchov.

— Que o diabo carregue o teu Tchitchov e a ti com ele! Vou dar-lhe uma surra, palavra! Ele zombou de mim!

— Vais surrar Tchitchov? Ou será bem o contrário? Não passas dum imbecil!

— Tchitchov não, Tchitchov não, mulher dos diabos! É o garoto que surrarei. Tragam-no, tragam-no! Ele zombou de mim!

As mulheres desataram a rir. Kólia já estava longe e caminhava com

ar vencedor; Smúrov, a seu lado, voltava-se por vezes para o grupo que gritava. Ele também se divertia muito, ao mesmo tempo que receava ter-se misturado a uma estória com Kólia.

— De qual Sabaniéiev lhe falavas tu? — perguntou ele a Kólia, duvidando da resposta.

— Sei lá! Agora, vão-se descompor até de noite. Gosto de mistificar os imbecis em todas as classes sociais. Olha aquele mujique. Ali está outro simplório. Nota isto; dizem: "Não há pior tolo que um tolo francês", mas uma fisionomia russa trai-se da mesma maneira. Não está escrito na testa dele que é um imbecil, aquele mujique?

— Deixa-o, tranqüilo, Kólia, sigamos nosso caminho.

— Nunca, já comecei, agora. Hei! bom dia, mujique!

Um robusto mujique, que caminhava devagar, sem dúvida, meio tocado, de rosto redondo e ingênuo, a barba grisalhante, ergueu a cabeça e olhou o rapazola.

— Ora bem! Bom dia, se não estás brincando — respondeu ele, sem se apressar.

— E se eu estiver brincando? — disse Kólia, rindo.

— Então brinca, se quiseres, Deus te perdoe. Pode-se sempre brincar, não tem importância.

— Perdão, amigo, estava brincando.

— Pois bem, que Deus te perdoe!

— E tu, me perdoas?

— De todo o coração. Segue teu caminho.

— Tens ar de um mujique inteligente.

— Mais inteligente do que tu — respondeu ele com a mesma seriedade.

— Duvido — disse Kólia, um tanto desconcertado.

— Digo a verdade.

— Afinal, pode bem dar-se isso.

— Sei o que digo.

— Adeus, mujique.

— Adeus.

— Há mujiques de diferentes espécies — observou Kólia, depois de uma pausa. — Poderia eu saber que iria dar com um sujeito inteligente?

Soou meio-dia no relógio da igreja. Os rapazes apressaram o passo e não falaram quase mais durante o trajeto, ainda bastante longo, até a casa do Capitão Snieguiriov. A vinte passos da casa, Kólia parou, disse a Smúrov que fosse na frente e chamasse Karamázov.

— É preciso tomar informações previamente — disse-lhe.

— De que serve fazê-lo vir? — objetou Smúrov. — Vai duma vez, ficarão encantados ao ver-te. Por que fazer conhecimento na rua, com um frio desses?

— Sei por que o faço vir aqui no frio — replicou despòticamente Kólia (o que gostava ele muito de fazer com aqueles "pequenos"), e Smúrov correu a executar suas ordens.

IV

BESOURO

Kólia, com ar importante, encostou-se à barreira, aguardando a chegada de Aliócha. Desde muito tempo queria vê-lo. Tinha ouvido falar muito a seu respeito de parte de seus camaradas, mas, até o presente, testemunhava uma indiferença desdenhosa e criticava mesmo Aliócha, de acordo com o que lhe relatavam a seu respeito. No seu foro íntimo desejava muito conhecê-lo; havia, em tudo quanto se contava de Aliócha, algo de simpático que atraía. De modo que o momento era grave; tratava-se de manter sua dignidade, de mostrar sua independência: "Senão ele me tomará por um garoto como esses outros. Que são para ele? Perguntar-lhe-ei, quando nos tivermos conhecido. É pena que seja eu de baixa estatura. Tuzinkov é mais moço do que eu e é uma meia cabeça mais alto. Não sou bonito, sei que meu rosto é feio, mas inteligente. Não é preciso tampouco que me expanda muito, lançando-me imediatamente nos seus braços. Acreditaria ele... Ufa! que vergonha, se acreditasse..."

Assim se agitava Kólia, que se esforçava por assumir um ar de

desprendimento. Sobretudo sua baixa estatura o atormentava mais ainda que sua feiúra. Em casa, desde o ano passado, notara seu tamanho a lápis na parede, e de dois em dois meses, de coração a bater, media-se para ver se crescera. Ai! crescia muito lentamente, o que lhe provocava por vezes desespero. Quanto a seu rosto, não era absolutamente feio, mas, pelo contrário, bastante gentil, pálido, com sardas. Os olhos cizentos e vivos olhavam ousadamente e brilhavam muitas vezes de emoção. Tinha as maçãs do rosto um pouco largas, lábios pequenos e mais para delgados, porém muito vermelhos; o nariz nitidamente arrebitado: "Completamente chato, completamente chato!", murmurava, olhando-se no espelho, Kólia, que se retirava sempre com indignação. "E o rosto não deve ser inteligente", imaginava por vezes, duvidando mesmo disso. Aliás, não é preciso crer que a preocupação com seu rosto e sua estatura o absorvesse por completo. Pelo contrário, por mais vexatórias que fossem as estadas diante do espelho, esquecia-as em breve e por muito tempo, "consagrando-se todo inteiro às idéias e à vida real", como ele próprio definia sua atividade.

Aliócha apareceu dentro em pouco e avançou rapidamente ao encontro de Kólia; ainda a distância notou este que mostrava ele um af radioso. "Estará realmente tão contente assim por ver-me?", pensava Kólia com satisfação. Notemos, de passagem, que Aliócha mudara muito, desde que o deixamos; abandonara a batina e trazia agora uma sobrecasaca de bom corte, um chapéu de feltro cinzento, os cabelos curtos. Ganhara com a mudança. Parecia um belo rapaz. Seu rosto gentil irradiava sempre a alegria, mas uma alegria doce e tranqüila. Kólia ficou surpreso por vê-lo sem sobretudo; saíra decerto à pressa. Estendeu a mão a Kólia.

— Ei-lo afinal, nós o esperávamos com impaciência.

— Minha demora tinha causas que o senhor saberá. Em todo o caso, tenho prazer em conhecê-lo. Esperava essa ocasião, pois me falaram muito do senhor — murmurou Kólia, constrangido.

— De qualquer maneira ter-nos-íamos conhecido. Também eu ouvi falar muito a seu respeito, mas chega aqui demasiado tarde.

— Diga-me, como vão as coisas aqui?

— Iliúcha vai muito mal, morrerá certamente.

— Será possível? Convenha que a medicina é uma coisa infame, Karamázov — disse Kólia com ardor.

— Iliúcha lembrou-se de você muitas vezes, no delírio. Vê-se que ele gostava muito de você antes... até aquele incidente... com o canivete. Há outra causa... Esse cachorro lhe pertence?

— Sim, é Carrilhão.

— Não é Besouro? — Aliócha fitou tristemente os olhos de Kólia. — O outro desapareceu de verdade?

— Sei que todos estão querendo ver Besouro, contaram-me tudo — replicou Kólia, com um sorriso enigmático. — Escute, Karamázov, vou dizer-lhe tudo, foi aliás para explicar-lhe a situação que mandei chamá-lo antes de entrar — começou ele com animação. — Na primavera, Iliúcha entrou para a classe preparatória. Sabe-se o que são os alunos dessa classe: uns fedelhos, uma criançada. Puseram-se logo a implicar com ele. Estou duas classes adiante e, bem entendido, observo de longe. Vejo um rapazinho raquítico, que não se submete, bate-se mesmo contra eles; é orgulhoso, seus olhos brilham. Gosto de tais caracteres. Os outros redobram. O pior é que tinha ele então uma roupa ordinária, umas calças que subiam nas pernas, sapatos furados. Razão demais para humilhá-lo. Isso me desagradou, tomei logo a defesa dele e dei-lhes uma lição, porque bato neles e eles me adoram, sabe disso, Karamázov? — disse Kólia, com um orgulho expansivo. — Em geral, gosto dos meninos. Tenho agora, em casa, dois garotinhos a meu cargo, foram eles que me retiveram hoje. De modo que cessaram de bater em Iliúcha e tomei-o sob minha proteção. É um menino altivo, asseguro-lhe, mas acabou por me ser servilmente devotado, executou minas menores ordens, obedeceu-me como a Deus, esforçando-se por imitar-me. Nos recreios, vinha procurar-me e íamos juntos, nos domingos também. No ginásio, zombam ao ver um grande ligar-se assim com um pequeno, mas é um preconceito. Tal é minha fantasia, e basta, não é? Instruo-o, desenvolvo-o, por que não posso desenvolvê-lo, diga, se me apraz? Porque o senhor, Karamázov, se se ligou a todos esses meninos, é sem dúvida porque quer influir sobre a jovem geração, desenvolvê-la, tornar-se útil, não é assim? E, confesso-o, essa feição de seu caráter, que conhecia por ouvir dizer, interessou-me ainda mais. Aliás, de fato, noto que se desenvolve naquele menino não sei que sensibilidade, sentimentalidade; ora, saiba que desde minha infância sou inimigo decidido das ternuras de novilha. Além do mais, ele se contradiz; altivo e servilmente devotado — servilmente devotado e, de repente, seus olhos cintilam, não quer ficar de acordo comigo, discute, zanga-se. Expunha eu por vezes certas idéias; não que ele se opusesse a

essas idéias, mas via que ele se revoltava contra mim pessoalmente, porque respondia eu a suas ternuras com frieza. A fim de educá-lo, mostrava-me tanto mais frio quanto se tornava ele mais terno; fazia-o de propósito, tal era a minha convicção. Propunha-me formar seu caráter, nivelá-lo, fazer dele um homem... afinal, o senhor me entende decerto. De repente, vejo-o vários dias seguidos perturbado, aflito, não por causa de ternuras, mas por alguma outra coisa, mais forte, superior. "Que tragédia será essa?", pensava eu. Apertando-o com perguntas, soube da coisa: travara ele conhecimento com o lacaio do falecido pai do senhor (quando ainda vivo), Smierdiákov; este ensinou-lhe uma brincadeira estúpida, isto é, cruel e covarde, pegar miolo de pão, nele enfiar um alfinete e atirá-lo a um mastim, um desses cães esfomeados que engolem dum trago, depois ficar vendo o que resultaria disso. Prepararam, pois, uma bolinha e atiraram-na a esse Besouro de pêlos compridos de que se trata agora, um cão que ninguém alimentava e que ladrava ao vento o dia inteiro. (Gosta desse estúpido ladrido, Karamazov? Eu não posso suportá-lo.) O animal atirou-se à bolinha, engoliu-a, gemeu, depois pôs-se a girar e a correr, uivando, e desapareceu, como me contou Iliúcha. Confessava-o, chorando, agarrando-me, sacudido pelos soluços: "O cão corria e gemia", era só o que repetia. Aquela cena havia-o abalado. Tinha remorsos. Levei a coisa a sério. Queria sobretudo ensiná-lo a viver de acordo com sua conduta anterior, de modo que me utilizei de astúcia, confesso-o, e fingi uma indignação que não sentia talvez absolutamente. "Cometeste uma ação vil", disse-lhe, "és um miserável, não divulgarei a coisa, está entendido, mas no momento rompo minhas relações contigo. Vou refletir e far-te-ei saber por Smúrov (acompanhou-me hoje e é-me devotado) minha decisão definitiva". Ele ficou consternado. Senti que havia ido um pouco longe, mas que fazer? Era minha idéia então. No dia seguinte, mandei dizer-lhe por Smúrov que não lhe falaria mais, é a expressão em uso, quando dois camaradas rompem as relações. Minha intenção secreta era tratá-lo com rigor alguns dias, depois, à vista de seu arrependimento, estender-lhe a mão. Estava firmemente decidido a isso. Mas, acredita-o? depois de ter ouvido Smúrov, eis que seus olhos faíscam e ele exclama: "Dize a Krasótkin de minha parte que agora vou atirar a todos os cachorros bolinhas com alfinetes, a todos, a todos!" "Ah!", pensei, "ele está ficando voluntarioso, é preciso corrigi-lo", e me pus a testemunhar por ele perfeito desprezo, a desviar-me ou a sorrir ironicamente a cada encontro. E eis que sobreveio aquele incidente com o pai dele, o senhor se lembra? o esfregão de tília". Compreende o senhor que assim estava ele pronto a exasperar-se.

Vendo que eu o abandonava, os meninos puseram-se a mexer com ele cada vez mais: "Esfregão de tília, esfregão de tília!" Foi então que começaram entre eles batalhas que eu lamento enormemente, porque creio que uma vez foi ele brutalmente surrado. Aconteceu-lhe atirar-se contra os outros ao sair da aula, mantinha-me eu a dez passos e observava-o. Não me lembro de ter rido então; pelo contrário, causava-me ele grande compaixão e estava eu a ponto de lançar-me em seu socorro. Deu ele com meu olhar, ignoro o que imaginou, mas agarrou um canivete, atirou-se sobre mim e fincou-mo na coxa direita. Não fiz um movimento, sou corajoso quando preciso, Karamazov, limitei-me a fitá-lo com desprezo, como para dizer-lhe: "Não queres recomeçar, como lembrança de nossa amizade? Estou à tua disposição". Mas não me golpeou de novo, não pôde fazê-lo, ficou com medo, atirou fora o canivete, fugiu chorando. Bem entendido, não o denunciei, ordenei a todos que se calassem, a fim de que a coisa não chegasse aos ouvidos dos professores, só falei com minha mãe depois que a ferida cicatrizou, um simples arranhão. Soube depois que no mesmo dia batera-se ele a pedradas e mordera o dedo do senhor. Compreende em que estado se encontrava ele? Quando caiu doente, cometi a falta de não ir perdoá-lo, isto é, de me reconciliar com ele. Lamento-o agora. Mas foi então que me veio uma idéia. Aí está toda a história... somente, creio que errei...

— Ah! que pena — disse Aliócha, comovido — que não tenha eu conhecido as relações anteriores de você com Iliúcha; há muito tempo que teria ido rogar-lhe que me acompanhasse à casa dele. Sabe que no seu delírio febril fala de você? Ignorava quanto você lhe era querido! Será possível que você não tenha tentado reencontrar esse Besouro? Seu pai e seus camaradas procuraram-no por toda a cidade. Saiba que, doente e a chorar, repetiu três vezes diante de mim: "Foi porque matei Besouro que estou doente, papai. Foi Deus quem me puniu!" Não se pode tirar-lhe essa idéia da cabeça. £, se você tivesse trazido agora Besouro e provasse que ele está vivo, creio que a alegria o haveria de ressuscitar. Contamos todos com você.

— Diga-me, por que esperavam que fosse eu que deveria procurar Besouro? — perguntou Kólia com viva curiosidade. — Por que contavam comigo e não com outrem?

— Correu o boato de que você o procurava e o levaria. Smúrov falou a respeito. Esforçamo-nos todos em fazer crer a Iliúcha que Besouro está vivo, que o viram. Os meninos levaram-lhe um lebracho. Olhou-o com um

fraco sorriso e pediu que lhe restituíssem a liberdade. Foi o que fizemos. Seu pai acaba de voltar com um molosso bem novinho. Pensava consolá-lo assim, mas creio que é pior...

— Diga-me ainda, Karamázov, que espécie de homem é o pai dele? Conheço-o, mas que pensa dele o senhor: é um palhaço, um farsante?

— Oh! não. Há pessoas de alma sensível, mas que vivem como que esmagadas. Sua palhaçada é uma espécie de ironia malévola para com aqueles a quem não ousam dizer a verdade na cara, em conseqüência da humilhação e da timidez que sentem desde muito tempo. Creia, Krasótkin, que semelhante palhaçada é por vezes das mais trágicas. Agora, Iliúcha é tudo para ele e, se morrer, seu pai perderá a razão ou se matará. Estou quase certo disso, quando o olho!

— Compreendo-o, Karamázov, vejo que o senhor conhece o homem.

— Vendo-o com um cão, pensei que era Besouro.

— Espere, Karamázov, talvez tornemos a encontrar Besouro, mas este aqui é Carrilhão. Vou deixá-lo entrar e talvez cause mais prazer a Iliúcha que o molosso novinho. Espere, Karamázov, o senhor vai saber duma coisa. Ah! meu Deus, em que pensava eu? — exclamou de repente Kólia. — O senhor está sem sobretudo num frio desses e eu a retê-lo! Veja como sou egoísta! Somos todos egoístas, Karamázov!

— Não se inquiete, faz frio, mas não sou friorento. Vamos, pois. A propósito, qual é seu nome? Sei somente que se chama Kólia.

— Nikolai, Nikolai Ivânovitch Krasótkin, ou, como se diz administrativamente, Krasótkin filho. — Kólia sorriu, mas acrescentou:

— Naturalmente, detesto meu nome de Nikolai.

— Por quê?

— É tão vulgar.

— Tem treze anos? — perguntou Aliócha.

— Catorze dentro de quinze dias. Devo confessar-lhe uma fraqueza, Karamázov, como entrada em matéria, para que o senhor veja de relance toda a minha natureza. Detesto que me perguntem minha idade... enfim... caluniam-me dizendo que estive brincando de bandidos com os alunos da preparatória, na semana passada. É verdade que brinquei, mas pretender que brinquei para me divertir eú mesmo, para meu próprio prazer, é uma

verdadeira calúnia. Tenho razões de crer que o senhor está informado disso; ora, não brinquei por mim, mas por causa dos garotos. Porque nada sabiam imaginar sem mim. E, entre nós, contam-se sempre bobagens. É a cidade dos mexericos, posso afirmar-lhe.

— E ainda mesmo que tivesse você brincado por prazer próprio, que teria isso demais?

— Ah! para me divertir... Mas o senhor brincaria de cavalinhos?

— Você deve dizer a si mesmo isto — disse, sorrindo, Aliócha: — os adultos, por exemplo, vão ao teatro, onde representam também as aventuras de diversos heróis, por vezes também cenas de banditismo e de guerra; ora, não é isso a mesma coisa, no seu gênero, bem entendido? E quando os jovens brincam de guerra, durante o recreio, ou de bandidos, é também a arte nascente, uma necessidade artística que se desenvolve nas almas jovens e por vezes esses brinquedos são mais perfeitos que as representações teatrais; a única diferença é que se vai ao teatro ver os atores, ao passo que a mocidade desempenha ela própria o papel de atores. Mas é tudo natural.

— Acredita-o? Está certo disto? — perguntou Kólia, fixando-o. — O senhor exprimiu uma idéia bastante curiosa; vou meditá-la, uma vez de volta para casa. Sabia bem que se pode aprender alguma coisa com o senhor. Vim instruir-me em sua companhia, Karamázov — disse Kólia, expansivamente.

— E eu na sua.

Aliócha sorriu, apertou-lhe a mão. Kólia estava encantado com Aliócha. O que o impressionava era encontrar-se num pé de igualdade perfeita com ele, que lhe falava como a um adulto.

— Vim mostrar-lhe um número, Karamázov, uma representação teatral também — disse ele com um riso nervoso. — Foi por isso que vim.

— Então, primeiro à esquerda, à casa do proprietário. Seus camaradas deixaram lá seus sobretudos, porque no quarto está-se muito apertado e faz calor.

— Oh! não ficarei muito tempo, conservarei meu sobretudo. Carrilhao me esperará no vestíbulo. "Aqui, Carrilhao, deita-te e morre!" Está vendo? Ele está morto. Entrarei primeiro para ver o que se está passando, depois, quando chegar o momento, assobiarei para ele: "Aqui,

Carrilhao!" O senhor vê-lo-á precipitar-se. Somente, é preciso que Smúrov não sé esqueça de abrir a porta nesse momento. Darei minhas instruções e o senhor verá um número...

V

À CABECEIRA DE ILIÚCHA

No quarto ocupado pela família do capitão reformado Snieguiriov, que já conhecemos, estava-se apertado e abafava-se, em vista do número de visitantes. Se bem que os meninos que ali se encontravam estivessem prontos, como Smúrov, a negar que Aliócha os tivesse reconciliado com Iliúcha e levado à casa deste, era mesmo assim. Toda a sua habilidade consistira em levá-los um após outro, sem ternuras de novilha e como que por acaso. Isto levara grande alívio aos sofrimentos de Iliúcha. A amizade quase terna e o interesse que lhe testemunhavam seus antigos inimigos muito o comoveram. Só faltava Krasotkin e sua ausência era de todas a mais penosa. Nas tristes recordações de Iliúcha, o episódio mais amargo era o incidente com Krasotkin, seu único amigo e seu defensor, contra o qual se lançara naquela ocasião com um canivete.

Era o que pensava o jovem Smúrov, rapaz inteligente (que fora o primeiro a reconciliar-se com Iliúcha). Mas Krasótkin, sondado vagamente por Smúrov a respeito da visita de Aliócha para um negócio, cortara cerce, mandando responder a Karamázov que sabia o que tinha de fazer, que não pedia conselho a ninguém e que, se fosse visitar o doente, seria idéia sua, tendo já um plano. Isto se passara duas semanas antes daquele domingo. Eis por que Aliócha não fora ele próprio ao seu encontro, como era intenção sua. Aliás, enquanto esperava, mandara Smúrov por duas vezes à casa de Krasótkin. Mas de cada vez este recusara secamente, mandando dizer a Aliócha que se ele fosse procurá-lo, ele próprio não iria jamais à casa de Iliúcha, e rogava que o deixasse tranqüilo. Até o derradeiro dia, o próprio Smúrov ignorava que Kólia tivesse decidido ir à casa de Iliúcha, e, na véspera à noite, somente, ao despedir-se dele, Kólia lhe dissera bruscamente que o esperasse em casa no dia seguinte de manhã, porque o acompanharia à casa dos Snieguiriovi, mas que evitasse falar a quem quer que fosse dessa visita, porque queria chegar de improviso. Smúrov obedeceu. Gabava-se de que Krasótkin levaria Besouro desaparecido, de acordo com certas expressões feitas por ele

incidentemente de que "eram todos uns asnos pelo fato de não poderem encontrar aquele cachorro, se ainda estivesse vivo". Quando Smúrov lhe dera parte timidamente de suas conjeturas a respeito do cachorro, Krasótkin ficara rubro de raiva: "Serei bastante estúpido para procurar cachorros forasteiros pela cidade, quando tenho Carrilhão? Pode-se esperar que tal animal tenha ficado vivo depois de ter engolido um alfinete? São ternuras de novilha, eis tudo!"

Entretanto, Iliúcha, desde duas semanas, quase não deixara seu pequeno leito, a um canto, perto das santas imagens. Não ia mais à escola desde o dia em que mordera o dedo de Aliócha. Sua doença datava de então, portanto, durante ainda um mês, pôde ele por vezes levantar-se, para andar pelo quarto e pelo vestíbulo. Por fim, suas forças abandonaram-no completamente e não podia mover-se sem a ajuda de seu pai. Este tremia por Iliúcha, deixou mesmo de beber; o temor de perder seu filho tornava-o quase louco e muitas vezes, sobretudo depois de tê-lo sustentado através do quarto e tornado a deitar, fugia para o vestíbulo. Ali, num canto escuro, com a testa contra a parede, abafava convulsiva-mente seus soluços, para que o doentinho não os ouvisse. De volta ao quarto, punha-se comumente a divertir e consolar seu querido filho, contava-lhe histórias, anedotas cômicas, ou imitava pessoas engraçadas que tinha encontrado, imitava mesmo os gritos dos animais. Mas as caretas e as palhaçadas de seu pai desagradavam bastante a Iliúcha. Muito embora se esforçasse por dissimular seu mal-estar, sentia, de coração cerrado, que seu pai era humilhado em público e a lembrança do "esfregão de tília" e daquele horrível dia perseguia-o sem cessar. A irmã doente de Iliúcha, a doce Nínotchka, não gostava tampouco das caretas de seu pai (Varvara Nikoláievna partira desde muito tempo para fazer cursos em Petersburgo); em compensação, a mamãe, fraca de espírito, divertia-se bastante, ria de todo o coração, quando seu esposo representava alguma coisa ou fazia gestos cômicos. Era sua única consolação, pois no resto do tempo queixava-se, chorando, de que todos a esqueciam, de que não a tratavam com atenção, etc. Mas, nos derradeiros dias, também ela pareceu mudar. Olhava muitas vezes Iliúcha no seu canto e punha-se a pensar. Tornou-se mais silenciosa, acalmou-se, chorava por vezes, mas mansamente, para que não a ouvissem, O capitão notava aquela mudança com dolorosa perplexidade. As visitas dos meninos desagradavam-lhe a princípio, só faziam irritá-la, mas pouco a pouco os gritos alegres dos garotos e as histórias que contavam divertiram-na também e acabaram por agradar-lhe

a ponto de ficar terrivelmente aborrecida quando não estavam eles presentes. Batia palmas, ria, vendo-os brincar, chamava alguns dentre eles para beijá-los. Gostava particularmente do jovem Smúrov. Quanto ao capitão, as visitas dos meninos que vinham distrair Ilíúcha enchiam-no de alegria e mesmo de esperança de que o pequeno cessaria agora de atormentar-se, restabelecer-se-ia talvez mais depressa. Malgrado sua inquietude, ficou persuadido até os derradeiros dias de que seu filho ia recuperar a saúde. Acolhia os jovens visitantes com respeito, pondo-se a serviço deles, pronto a carregá-los às costas, e começou mesmo a fazê-lo, mas essas brincadeiras desagradaram a Iliúcha e foram abandonadas. Comprava para eles gulodices, bolinhos, nozes, oferecia-lhes chá com torradas. É preciso notar que não lhe faltava dinheiro. Aceitara os 200 rublos de Catarina Ivânovna, exatamente como Aliócha o previa. Em seguida, a moça, informada mais exatamente da situação deles e da doença de Iliúcha, fora visitá-los, travara conhecimento com toda a família e encontrara mesmo a pobre demente. Desde então sua generosidade não se retardara e o capitão, tremendo à idéia de perder seu filho, esquecera sua antiga altivez e recebia humildemente a caridade. Durante todo esse tempo, o Doutor Herzenstube, mandado por Catarina Ivânovna, visitara regularmente o doente de dois em dois dias, mas isto não servia de grande coisa, muito embora o enchesse de remédios. Naquele mesmo domingo, esperava o capitão novo médico chegado de Moscou, onde passava por ser uma celebridade. Catarina Ivânovna mandara chamá-lo, com grandes despesas, com um fim do qual se tratará mais tarde, e na mesma ocasião pediu-lhe para visitar Iliúcha, do que fora prevenido o capitão. Não imaginava ele absolutamente que Kólia Krasótkin iria chegar, se bem que desejasse desde muito tempo a visita desse rapaz, a respeito do qual Iliúcha tanto se atormentava. Quando ele entrou, todos se aglomeravam em torno do leito do doente e examinavam um molosso pequenino, nascido na véspera, que o capitão encomendara havia uma semana para distrair e consolar Iliúcha, sempre pesaroso com a desaparição de Besouro, que devia ter morrido. Iliúcha sabia, havia três dias, que lhe fariam presente dum pãozinho, um verdadeiro molosso (o que era bastante importante) e, embora por delicadeza se mostrasse encantado, seu pai e. seus camaradas viam bem, aquele novo cão só fazia despertar no seu coração as lembranças do desgraçado Besouro, que ele fizera sofrer. O animalzinho mexia-se ao lado dele; com um fraco sorriso, acariciava-o com sua mão diáfana; via-se que o cão lhe agradava, mas... não era Besouro! Se tivesse os dois juntos, nada teria faltado à sua felicidade!

— Krasótkin! — gritou um dos meninos, que fora o primeiro a ver Kólia entrar. Houve certa emoção, os meninos se afastaram dos dois lados do leito, descobrindo assim Iliúcha. O capitão precipitou-se ao encontro de Kólia.

— Seja bem-vindo, caro visitante! Iliúcha, o Senhor Krasótkin veio ver-te...

Tendo-lhe estendido a mão, Krasótkin mostrou logo sua boa educação. Voltou-se, primeiro, para a esposa do capitão, sentada na sua poltrona (estava ela justamente bastante descontente e resmungava porque os meninos lhe ocultavam o leito de Iliúcha e impediam-na de olhar o cão) e fêz-lhe uma reverência cortês, depois, dirigindo-se a Nínotchka, cumprimentou-a da mesma maneira. Essa conduta impressionou favoravelmente a doente.

— Reconhece-se logo um jovem bem educado — disse ela, abrindo os braços. — Não é como aqueles ali; entram um por cima do outro.

— Como assim, mamãe, um por cima do outro? Que quer a senhora dizer? — balbuciou o capitão um tanto inquieto.

— Entram assim mesmo. No vestíbulo um monta a cavalo nos ombros do outro e assim se apresentam em casa de uma família decente. Com que é que isso se parece?

— Mas quem então, mamãe, entrou assim?

— Ali está um que carregava o outro e ainda aqueles dois ali... Mas Kólia já estava à cabeceira de Iliúcha. O doente empalidecera.

Ergueu-se, encarando fixamente Kólia. Este, que havia dois meses não via seu amiguinho, parou consternado; não esperava encontrar um rosto tão amarelo e emagrecido, olhos ardentes de febre e como que desmesuradamente aumentados, mãos tão descarnadas. Com dolorosa surpresa via que Iliúcha respirava penosa e precipitadamente, os lábios ressequidos. Aproximou-se, estendeu-lhe a mão e disse, embaraçado:

— Como é, meu velho... como vai isso?

Mas sua voz estrangulou-se, seu rosto contraiu-se, teve um ligeiro tremor perto dos lábios. Iliúcha sorria-lhe tristemente, ainda incapaz de pronunciar uma palavra. Kólia passou-lhe de repente a mão pelos cabelos.

— Não vai mal! — respondeu ele, maquinalmente. Calaram-se um

instante.

— Então, tens um novo cão? — perguntou Kólia, num tom indiferente.

— Si... im — disse Iliúcha, que ofegava.

— Ele tem o focinho preto, vai ser mau — disse Kólia, num tom grave, como se não houvesse nada de mais importante. Sobretudo esforçava-se por dominar sua emoção, para não chorar como um petiz, mas não o conseguia. —. Quando ele crescer, será preciso pô-lo na corrente, tenho certeza.

— Ficará enorme! — exclamou um dos meninos.

— É coisa sabida, um molosso é enorme, do tamanho dum bezerro.

— Do tamanho dum bezerro, dum verdadeiro bezerro — interveio o capitão. — Procurei de propósito um assim, o mais feroz, seus pais também são enormes e ferozes... Sente-se no leito de Iliúcha, ou então em cima do banco. Seja bem-vindo, caro visitante, esperado desde tanto tempo. Veio com Alieksiéi Fiódorovitch?

Krasótkin sentou-se no leito, aos pés de Iliúcha. Tinha talvez preparado em caminho uma entrada em assunto, mas agora perdia o fio do mesmo.

— Não... Estou com Carrilhão... Tenho um cão assim, agora, Carrilhão. Está esperando lá embaixo... eu assobio e ele vem correndo. Tenho também um cão. — Voltou-se para Iliúcha. — Lembras-te, meu velho, de Besouro? — perguntou à queima-roupa.

O rostinho de Iliúcha contraiu-se. Olhou Kólia cheio de dor. Aliócha, que se conservava perto da porta, franziu o cenho, fez sinal às ocultas a Kólia para não falar de Besouro, mas Kólia não o notou ou não quis notá-lo.

— Onde está então... Besouro? — perguntou Iliúcha com uma voz partida.

— Ah! irmão, teu Besouro desapareceu!

Iliúcha calou-se, mas olhou de novo Kólia fixamente. Aliócha, que havia encontrado o olhar de Kólia, fêz-lhe novo sinal, mas de novo desviou ele a vista, fingindo não ter compreendido.

— Fugiu sem deixar rasto. Podia-se esperar isso mesmo, depois daquela bolinha — disse o impiedoso Kólia, que, entretanto, parecia ele próprio ofegante. — Em troca, tenho Carrilhão... Trouxe-o para ti...

— É inútil — exclamou Iliúcha.

— Não, não, pelo contrário, é preciso que o vejas... Isto te distrairá. Trouxe-o de propósito... um animal de pêlos compridos, como o outro... A senhora permite que chame meu cachorro? — perguntou ele à Senhora Snieguiriova, com uma agitação incompreendida.

— Não é preciso, não é preciso! — gritou Iliúcha, com uma voz dilacerante. A censura brilhava em seus olhos.

— O senhor deveria ter... — o capitão levantou-se precipitadamente de cima da arca onde estava sentado, perto da parede. — O senhor deveria ter... esperado... — Mas Kólia, inflexível, gritou para Smúrov: "Smúrov, abre a porta!" Assim que ela foi aberta, lançou ele um assobio. Carrilhão precipitou-se para dentro do quarto.

— Salta, Carrilhão, banca o elegante, banca o elegante! — vociferou Kólia. — O cão, erguendo-se nas patas trazeiras, manteve-se diante do leito de Iliúcha. Algo de inesperado se passou. Iliúcha estremeceu, inclinou-se com esforço para Carrilhão e examinou-o, desfalecente.

— É... Besouro! — exclamou ele, com uma voz partida pelo sofrimento e pela felicidade.

— Quem pensavas que era? — gritou com todas as suas forças Krasótkin, radiante. Passou os braços em redor do cão e levantou-o.

— Olha, meu velho, vê, um olho cego a orelha esquerda cortada, os próprios sinais que me tinhas indicado. Procurei-o de acordo com eles. Não demorou muito. Não pertencia, com efeito, a ninguém! a ninguém! Refugiara-se em casa dos Fiedótovi, no quintal, mas não lhe davam comida, é um cão vadio, que fugiu duma aldeia... Vês, meu velho, não deve ter engolido a tua bolinha! Senão, estaria morto, decerto! Portanto, pôde cuspi-la de novo, uma vez que está vivo. Tu não o havias notado. No entanto, picou a língua, por isso gemia. Corria gemendo, acreditaste que ele havia engolido a bolinha. Deve ter-lhe doído muito, porque os cães têm a pele bastante sensível na boca... bem mais sensível que o homem!

Kólia falava muito alto, com ar acalorado e radiante. Iliúcha nada podia dizer. Olhava para Kólia com seus grandes olhos escancarados e

tornara-se branco como linho. Se Kólia, que de nada desconfiava, tivesse sabido o mal que podia causar ao doentinho uma tal surpresa, jamais se teria decidido a preparar tal golpe teatral. Mas no quarto era talvez Aliócha o único a compreender. Quanto ao capitão, dir-se-ia um menino.

— Besouro! Então é Besouro? — gritava ele cheio de felicidade. — Iliúcha, é Besouro, o teu Besouro! Mamãe, é Besouro! — Chorava quase.

— E eu não adivinhei! — disse tristemente Smúrov. — Bem dizia que Krasótkin encontraria Besouro. Manteve sua palavra.

— Manteve a palavra! — disse uma voz alegre.

— Bravo, Krasótkin! — disse um terceiro.

— Bravo, Krasótkin! — exclamaram todos os meninos, que se puseram a aplaudir.

— Esperem, esperem! — Krasótkin esforçava-se por dominar o tumulto. — Vou contar-lhes como foi. Procurei-o e levei-o para casa e mantive-o oculto a todos os olhares até o derradeiro dia. Somente Smúrov o soube, há duas semanas, mas assegurei-lhe que era Carrilhão e ele não desconfiou de nada. No intervalo, treinei Besouro. Vocês vão ver as habilidades que ele sabe! Treinei-o, meu velho, para trazê-lo já treinado. Não têm aí um pedaço de cozido? Ele fará um número de matar de rir. Têm mesmo?

O capitão correu à casa dos proprietários, onde se preparava a refeição da família. Kólia, para não perder um tempo precioso, gritou logo a Carrilhão: "Faze-te de morto!" Carrilhão pôs-se a girar, deitou-se de costas, imobilizou-se, com as quatro patas no ar. Os rapazes riam, Iliúcha olhava com o mesmo sorriso doloroso, mas a mais contente era a "mamãe". Desatou a rir à vista do cão e se pôs a estalar os dedos, chamando:

— Carrilhão! Carrilhão!

— Por coisa alguma do mundo ele se levantará —, disse Kólia, com ar triunfante e com justo orgulho —, ainda mesmo que todos o chamassem, mas à minha voz por-se-á de pé. Aqui, Carrilhão!

O cão se levantou, pôs-se a saltitar com gritos de alegria. O capitão chegou com um pedaço de cozido.

— Não está quente? — informou-se logo Kólia, com ar entendido. — Não, está bem, porque os cães não gostam das coisas quentes. Olhem

todos, Iliúcha, olha então, meu velho, em que pensas? Trouxe-o para ele e ele não olha!

A nova habilidade consistia em pôr um belo pedaço de carne sobre o focinho estendido do cão imóvel. O infeliz animal devia mantê-lo tanto tempo quanto aprouvesse a seu dono, fosse mesmo uma meia hora. A prova de Carrilhão só durou um curto minuto.

— Engole! — gritou Kólia. E num piscar de olhos o pedaço passou do focinho de Carrilhão para sua goela. O público, é claro, exprimiu viva admiração.

— Será possível que tenha você tardado tanto, unicamente para amestrar o cachorro? — exclamou Aliócha, num tom involuntário de censura.

— Isto mesmo — exclamou Kólia, com ingenuidade. — Queria mostrá-lo em todo o seu brilho.

— Carrilhão! Carrilhão! — E Iliúcha estalou os dedos magros, para atrair o cão.

— Para que isso? Manda-o logo subir à tua cama. Aqui, Carrilhão! Kólia bateu sobre a cama e Carrilhão atirou-se como uma flecha para

Iliúcha, que lhe pegou a cabeça com as duas mãos, em troca do que Carrilhão lambeu-lhe logo a face. Iliúcha estreitou-o contra si, estendeu-se sobre o leito e ocultou o rosto no pêlo espesso do animal.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou o capitão. Kólia sentou-se de novo no leito de Iliúcha.

— Iliúcha, posso mostrar-te ainda alguma coisa. Trouxe-te um canhãozinho. Lembras-te? Falei-te então e tu disseste: "Ah! como gostaria de vê-lo!" Pois bem, trouxe-o.

E Kólia tirou à pressa de sua sacola o canhãozinho de bronze. Apressava-se porque se sentia ele próprio muito feliz. Em outra ocasião, teria esperado que o efeito produzido por Carrilhão tivesse passado, mas agora apressava-se, desprezando qualquer comedimento: "Você já está feliz, pois bem, tome mais felicidade!" Ele próprio estava encantado.

— Há muito tempo que eu namorava isto em casa do funcionário Morózov, para ti, meu velho, para ti. Ele não se servia disso, vinha-lhe de seu irmão. Troquei-o por um livro da biblioteca de papai: *O Parente de*

Maomé ou A Tolice Salutar. É uma obra libertina de há cem anos, quando não existia ainda censura em Moscou. Morózov é amador dessas coisas. Chegou mesmo a agradecer-me... — Kólia segurava o canhão, de modo que todos pudessem vê-lo e admirá-lo. Iliúcha soergueu-se e, continuando a apertar Carrilhão com a mão direita, contemplava deliciado o brinquedo. O efeito atingiu o cúmulo, quando Kólia declarou que tinha também pólvora e que se podia atirar, "se isto todavia não incomodar as senhoras!" Mamãe pediu para ver o brinquedo de mais perto, o que foi logo feito. O canhãozinho de bronze, munido de rodas, agradou-lhe de tal modo que ela se pôs a fazê-lo rodar sobre seus joelhos. Ao lhe pedirem permissão para atirar, consentiu imediatamente, sem compreender, aliás, do que se tratava. Kólia mostrou a pólvora e o chumbo. O capitão, na qualidade de antigo militar, preparou a carga, derramou um pouco de pólvora, rogando que se reservasse o chumbo para outra vez. Puseram o canhão no soalho, com a boca voltada para um espaço livre, introduziram-se no ouvido alguns grãos de pólvora e acenderam-na com um fósforo. O tiro partiu muito bem. A mamãe estremeceu, mas se pôs logo a rir. Os meninos olhavam, num silêncio solene, o capitão sobretudo exultava, contemplando Iliúcha. Kólia pegou o canhão e fez dele presente imediatamente a Iliúcha, com a pólvora e o chumbo.

— É para ti, para ti! Preparei-o desde muito tempo — repetiu ele, no cúmulo da felicidade.

— Ah! dê-mo, dê o canhãozinho antes a mim — pediu de repente a mamãe, como uma criança. Estava com ar inquieto, receando uma recusa. Kólia ficou perturbado. O capitão agitou-se.

— *Mátuchka, mátuchka!*... o canhão é teu, mas Iliúcha guardá-lo-á porque foi dado a ele; é a mesma coisa. Iliúcha deixará sempre que brinques com ele, será dos dois...

— Não, não quero que ele seja de nós dois, mas só meu e não de Iliúcha — continuou a mamãe, prestes a chorar.

— Mamãe, tome-o, ei-lo aqui, tome-o! — gritou Iliúcha. — Krasótkin, posso dá-lo a mamãe? — Voltou-se com ar suplicante para Krasótkin, como se temesse ofendê-lo, dando seu presente a outrem.

— Mas decerto! — consentiu logo Krasótkin, que tomou o canhão das mãos de Iliúcha e entregou-o ele próprio à mamãe, inclinando-se com uma reverência cortês. Ela chorou de enternecimento.

— Esse querido Iliúcha! Gosta bem de sua mamãe! — exclamou ela, comovida, e se pôs de novo a fazer o canhão rodar sobre seus joelhos.

— *Mámienhka,* vou beijar-te a mão — disse seu marido, passando logo das palavras aos atos.

— O jovem mais gentil é esse bom rapaz — disse a dama, reconhecida, designando Krasótkin.

— Quanto à pólvora, Iliúcha, trar-te-ei tanta quanta queiras. Nós mesmos a fabricamos agora. Boróvikov aprendeu a composição: 24 partes de salitre, dez de enxofre, seis de carvão de bétula; bate-se num pilão tudo junto, junta-se água para fazer uma pasta, coa-se através duma pele de asno e obtém-se pólvora.

— Smúrov já me falou da pólvora de vocês, mas papai diz que não é a verdadeira pólvora — observou Iliúcha.

— Como não a verdadeira? — Kólia corou. — Ela incendeia. Aliás, não sei...

— Não é nada — disse o capitão contrafeito. — Disse mesmo que a pólvora verdadeira tem outra composição, mas pode-se também fabricá-la dessa forma.

— O senhor sabe melhor do que eu. Pusemos fogo à nossa pólvora num pote de pomada, de pedra. Queimou bem, só ficou um pouco de fuligem. E era apenas a pasta, ao passo que se é coada através de uma pele... Aliás, o senhor conhece isso melhor do que eu... O pai de Búlkin deu-lhe uma surra por causa de nossa pólvora, sabes disso? — perguntou Kólia a Iliúcha.

— Ouvi dizê-lo — respondeu Iliúcha. Não se cansava de escutar Kólia.

— Tínhamos preparado uma garrafa de pólvora. Ele a guardava debaixo da cama. Seu pai viu-a. "Ela pode explodir", disse ele, e deu-lhe ali mesmo uma surra. Queria queixar-se de mim no ginásio. Agora, proibição de andarem comigo foi feita a ele, a Smúrov, a todos. Minha reputação está feita: dizem que sou um maluco. — Kólia mostrou um sorriso de desprezo. — Começou isso desde o caso da estrada de ferro.

— Sua proeza chegou ao nosso conhecimento — exclamou o capitão. — Será verdade que o senhor não sentiu medo nenhum, quando o trem lhe passava por cima? Era aterrorizador?

O capitão esforçava-se por lisonjear Kólia.

— Não, particularmente! — disse este, num tom displicente. — Foi sobretudo aquele pato que forjou minha reputação — e voltou-se de novo para Iliúcha. Mas se bem que afetasse, ao falar, um jeito desprendido, não estava senhor de si e não acertava o tom.

— Ah! também ouvi falar do pato! — disse Iliúcha, rindo. — Contaram-me, mas não compreendi. É mesmo verdade que compareceste ao tribunal?

— Uma travessura, uma bagatela, da qual fizeram uma montanha, como é de costume entre nós — começou Kólia, com desenvoltura. — Caminhava eu pela praça, quando trouxeram patos para ali. Parei para olhá-los. Um tal Vichniakov, que é agora moço de recados na casa dos Plótnikovi, olha para mim e diz: "Por que olhas tanto para os patos?" Examino-o: o rosto redondo e estúpido, uns vinte anos; eu, fiquem sabendo, nunca desdenho o povo. Gosto de frequentá-lo. Ficamos para trás em relação ao povo — é um axioma. O senhor, ri, creio, Karamázov?

— Não, Deus me livre, sou todo ouvidos — respondeu Aliócha, com o ar mais ingênuo.

O desconfiado Kólia retomou logo coragem.

— Minha teoria, Karamázov, é clara e simples: creio no povo e sinto-me sempre feliz em fazer-lhe justiça, mas sem mimá-lo, é o *sine qua*... Mas falava de um pato... Respondo àquele bobo: "É que estava perguntando a mim mesmo em que pensa o pato". Ele me fita, com um ar totalmente estúpido: "Em que pensa ele?" "Estás vendo aquela *tieliega* carregada de aveia? A aveia escapa-se do saco e o pato estende o pescoço até debaixo da roda para bicá-la, estás vendo?" "Estou vendo, sim. " "Pois bem", digo eu, "se se fizer avançar um pouquinho aquela *tieliega,* a roda cortará o pescoço do pato, sim ou não?" "Decerto que cortará", e ele abre-se num largo sorriso. "Pois bem, meu rapaz", digo eu, "vamos a isso. " "Vamos a isso", repete ele. Logo foi feito; colocou-se junto da brida disfarçadamente e eu ao lado para dirigir o pato. O mujique naquele momento olhava para outra parte, conversando com alguém, e não tive de intervir; o próprio pato estendeu o pescoço para bicar, por baixo da *tieliega,* no caminho da roda. Fiz sinal ao rapaz, ele puxou a brida e, zás! lá se foi o pescoço do pato! Por desgraça, os mujiques nos viram naquele momento e berraram: "Tu fizeste de propósito!" "Não foi, não!" "Foi, sim!" e gritaram: "Ao juiz de

paz!", e levaram-me também: 'Tu também estavas lá. Estavas combinado com ele, todo o mercado te conhece!" Com efeito, sou conhecido de todo o mercado — acrescentou Kólia com orgulho. — Fomos todos à casa do juiz de paz, não tendo sido esquecido o pato. E eis o meu rapaz, apavorado, que se põe a chorar, chorava como uma mulher. O condutor gritava: "Desta maneira, pode-se matar quantos patos se quiser!" As testemunhas seguiam, naturalmente. O juiz de paz logo sentenciou: 1 rublo de indenização ao cocheiro, mas podia ficar com o pato. Não deveria permitir-se fazer semelhantes brincadeiras no futuro. O rapaz não cessava de gemer: "Não fui eu, foi ele que me ensinou!" Respondi com grande sangue-frio que não lho ensinara, mas somente exprimira a idéia principal, não se tratava senão de um projeto. O juiz Niefiedov sorriu, mas arrependeu-se logo de haver sorrido: "Vou enviar uma comunicação a seu diretor", disse-me ele, "para que doravante não amadureça você mais tais projetos, em lugar de estudar e de aprender suas lições". Não fez nada disso, mas o caso espalhou-se e chegou, com efeito, às orelhas da diretoria; sabe-se como são elas compridas! O Professor Kolbásnikov ficou mais que qualquer outro exaltado, mas Dardaniélov tomou de novo minha defesa. E Kolbásnikov está agora zangado com nós todos, como um burro vermelho. Ouviste dizer, Iliúcha, que ele se casou, recebendo 1 000 rublos de dote dos Mikháilovi? A noiva é um verdadeiro espantalho. Os alunos da terceira classe logo compuseram um epigrama. É engraçado, vou trazê-lo para ti depois. Nada tenho a dizer de Dardaniélov: é um homem de sólidos conhecimentos. Respeito as pessoas como ele e não é porque ele me defendeu...

— No entanto, tu lhe passaste a perna a respeito da fundação de Tróia! — observou Smúrov, todo orgulhoso de Krasótkin. A história do pato agradara-lhe bastante.

— Mas deu-se mesmo isso? — interveio servilmente o capitão. — Trata-se da fundação de Tróia? Ouvimos falar disso. Iliúcha tinha-me contado...

— Ele sabe tudo, papai, é o mais instruído de nós todos! — disse Iliúcha. — Finge que não, mas é o primeiro em todas as matérias...

Iliúcha contemplava Kólia com uma felicidade infinita.

— É uma bagatela, considero eu mesmo essa questão como fútil — replicou Kólia com um orgulho modesto. Conseguira desinibir-se, se bem que estivesse um tanto perturbado; sentia que havia contado a história do

pato com demasiado ardor, ao passo que Aliócha calara-se durante todo o relato e ficara sério; seu amor-próprio inquieto perguntava a si mesmo, pouco a pouco: "Será que se cala porque me despreza, crendo que procuro seus elogios? Se ele se permite acreditar isto, eu... " — Esta questão é para mim das mais fúteis — cortou ele, orgulhosamente.

— Eu sei quem fundou Tróia — disse de repente um menino que não havia dito grande coisa até então, de ar tímido e silencioso, rosto delicado, de onze anos, chamado Kartachov. Mantinha-se perto da porta. Kólia olhou-o com surpresa. Com efeito, a fundação de Tróia tornara-se em todas as classes um segredo que só se podia desvendar lendo Smarágdov e somente Kólia o possuía. Um dia, o jovem Kartachov aproveitou dum momento de distração de Kólia e abriu furtivamente um volume de Smarágdov que se encontrava entre os livros dele e deu diretamente na passagem em que se tratava dos fundadores de Tróia. Havia já muito tempo que isso se dera, mas acanhava-se ele de revelar publicamente que também conhecia o segredo, temendo ser perturbado por outra pergunta de Kólia. Agora, não pudera impedir-se de falar, como o desejava desde muito tempo.

— Pois bem, quem foi? — E Kólia voltou-se arrogantemente para o lado dele, vendo pelo seu ar que Kartachov sabia-o deveras e estava pronto para todas as conseqüências. Sentiu um frio.

— Tróia foi fundada por Teucro, Dárdano, Ilo e Trós — recitou o menino, corando como uma peônia, a ponto de causar dó ver. Seus colegas fixaram-no por um minuto, depois seus olhares voltaram-se para Kólia. Este continuava a mirar de alto a baixo o audacioso, com um sangue-frio desdenhoso.

— Pois bem! Como se arranjaram eles? — dignou-se por fim proferir. — E que significa em geral fundar uma cidade ou um Estado? Será que eles foram colocar os tijolos, hein?

Riram. O temerário, de rosado tornou-se purpúreo. Calou-se, prestes a chorar. Kólia manteve-o assim um minuto.

— Para interpretar acontecimentos históricos, tais como a fundação duma nacionalidade, é preciso em primeiro lugar compreender o que isso significa — disse num tom doutorai. — Aliás, não atribuo importância a todos esses contos de comadres; em geral, não tenho grande apreço pela história universal — acrescentou, displicentemente.

— Pela história universal? — perguntou o capitão, assustado.

— Sim. É o estudo das tolices da humanidade e nada mais. Só gosto das matemáticas e das ciências naturais — disse Kólia, num tom pretensioso, olhando a furto para Aliocha; só receava a opinião dele. Mas Aliocha permanecia grave e silencioso. Se tivesse falado então, as coisas ficariam como estavam; mas calava-se e seu silêncio podia ser desdenhoso, o que irritou completamente Kólia.

— Outra vez, vêm-nos com as línguas clássicas. Loucura e nada mais... O senhor parece não concordar comigo, Karamázov?

— Não — disse Aliocha, retendo um sorriso.

— As línguas clássicas, se quer minha opinião, são uma medida policial, eis sua única razão de ser — e pouco a pouco Kólia recomeçou a ofegar. — Instituíram-nas porque são enfadonhas e embrutecem. Como fazer para agravar o aborrecimento e a tolice que reinavam? Imaginou-se o estudo das línguas clássicas. Eis minha opinião e espero jamais mudá-la. — Corou, ligeiramente.

— É verdade — aprovou em tom convencido Smúrov, que escutara com atenção.

— Ele é o primeiro em latim — notou um dos meninos.

— Sim, papai, ele fala assim, mas é o primeiro da classe em latim — confirmou Iliúcha.

— Pois bem! E com isso? — Kólia achou necessário defender-se, se bem que o elogio lhe fosse bastante agradável. — Cavaco o latim porque é preciso, porque prometi à mamãe acabar meus estudos e, na minha opinião, quando se empreende uma coisa, deve-se fazê-la como é preciso, mas no meu foro íntimo desprezo profundamente o classicismo e toda essa baixeza... Não está de acordo, Karamázov?

— Por que uma baixeza? — sorriu de novo Aliocha.

— Com licença, todos os clássicos foram traduzidos, portanto não é para estudá-los que se tem necessidade do latim, mas unicamente por medidas policiais e a fim de embotar as faculdades. Não será isso uma baixeza?

— Mas quem lhe ensinou tudo isso? — exclamou Aliocha, afinal surpreso.

— Em primeiro lugar, eu mesmo posso compreendê-lo, sem que mo ensinem, em seguida, saiba que o que acabo de explicar-lhe, a respeito das traduções clássicas, o próprio Professor Kolbásnikov disse-o em presença de toda a terceira classe...

— Eis o doutor! — disse Nínotchka, que se havia mantido calada todo o tempo:

Com efeito, diante do portão parará um carro, pertencente à Senhora Khokhlakova. O capitão, que esperara o médico a manhã inteira, precipitou-se a seu encontro. A mamãe preparou-se, tomando um ar digno. Aliócha aproximou-se do leito, arranjou o travesseiro do doentinho. De sua cadeira Nínotchka o observava com inquietação. Os meninos despediram-se rapidamente, alguns prometendo voltar à tardinha. Kólia chamou Carrilhão, que saltou para baixo do leito.

— Eu fico, eu fico! — disse ele precipitadamente a Aliócha. — Esperarei no vestíbulo e voltarei com Carrilhão, assim que o doutor se retirar.

Mas o médico já vinha entrando, uma personagem importante, de peliça, com grandes suíças e queixo rapado. Transposta a soleira, parou de repente, como que desconcertado. Acreditava ter-se enganado: — "Onde estou?", murmurou, sem tirar a peliça e conservando seu boné de pele. Toda aquela gente, a pobreza do quarto, a roupa branca pendurada numa corda perturbavam-no. O capitão inclinou-se profundamente...

— É mesmo aqui — murmurou, obsequioso —, é a mim que o senhor procura...

— Snie-gui-riov? — pronunciou gravemente o doutor. — O Senhor Snieguiriov é o senhor?

— Sou eu!

— Ah!

O doutor lançou novo olhar de asco pelo quarto e tirou sua peliça. Uma condecoração importante brilhava no seu peito. O capitão tomou conta da peliça, o doutor retirou seu gorro.

— Onde está o paciente? — perguntou ele num tom imperioso.

VI

DESENVOLVIMENTO PRECOCE

— Que pensa que dirá o doutor? — disse rapidamente Kólia. — Que fisionomia repelente, não é? Não posso tolerar a medicina!

— Iliúcha morrerá. Creio que é infalível — respondeu Aliócha, muito triste.

— Os médicos são charlatães! Sinto-me contente por tê-lo conhecido, Karamázov. Há muito tempo que tinha vontade de conhecê-lo. Somente, é pena que nos encontremos em tão tristes circunstâncias...

Kólia teria bem querido dizer algo de mais caloroso, de mais expansivo, mas sentia-se constrangido. Aliócha notou isso, sorriu, estendeu-lhe a mão.

— Aprendi, desde muito tempo, a respeitar no senhor uma criatura rara — murmurou de novo Kólia, atrapalhando-se. — Disseram-me que o senhor era místico, que viveu num mosteiro... Mas isto não me deteve. O contato da realidade curá-lo-á... É o que acontece às naturezas como a sua.

— Quem chama você místico? De que me curarei? — perguntou Aliócha, um tanto surpreso.

— Ora essa! Deus e o resto.

— Como, será que você não acredita em Deus?

— Pelo contrário, nada tenho contra Deus. Decerto, Deus não é senão uma hipótese... mas... reconheço que ele é necessário à ordem... à ordem do mundo e assim por diante... e se ele não existisse, seria preciso inventá-lo — acrescentou Kólia, ficando corado. Imaginou de súbito que Aliócha pensasse que ele queria exibir seu saber e portar-se como adulto. "Ora, não quero absolutamente exibir meu saber diante dele", pensou Kólia com indignação. E ficou de repente muito contrariado.

— Confesso que todas essas discussões me repugnam — interrompeu-se. — Pode-se amar a humanidade sem crer em Deus, que pensa o senhor? Voltaire não acreditava em Deus mas amava a humanidade. ("Ainda, ainda!", pensou ele consigo.)

— Voltaire acreditava em Deus, mas fracamente, parece, e amava a

humanidade da mesma maneira — respondeu Aliócha, num tom bem natural, como se conversasse com alguém da mesma idade ou mais velho do que ele. Kólia ficou impressionado com essa falta de segurança de Aliócha na sua opinião sobre Voltaire e com o fato de parecer deixar que ele, um rapazinho, resolvesse a questão.

— Será que você leu Voltaire? — concluiu Aliócha.

— Não, precisamente... Aliás, li *Candide* numa tradução russa... uma velha tradução, malfeita, ridícula... ("Ainda, ainda!")

— E compreendeu?

— Oh! sim, tudo... isto é... por que pensa o senhor que não compreendi? É certo que tem umas passagens salgadas... Sou capaz, certamente, de compreender que é um romance filosófico e escrito para demonstrar uma idéia... — Kólia, decididamente, se atrapalhava. — Sou socialista, Karamázov, socialista incorrigível — declarou ele, de súbito, inconsideradamente.

— Socialista? — Aliócha pôs-se a rir. — Mas quando teve tempo? Não tem senão treze anos, creio?

Kólia sentiu vexame.

— Em primeiro lugar, não tenho treze anos, mas quatorze dentro de quinze dias — disse ele, impetuosamente. — Em seguida, não compreendo absolutamente o que tem que ver aqui a minha idade. Trata-se de minhas convicções e não de minha idade, não é verdade?

— Quando for mais idoso, verá que influência tem a idade sobre as idéias. Pareceu-me também que isso não partia de você — respondeu Aliócha, sem se comover; mas Kólia, nervoso, interrompeu-o.

— Com licença, o senhor quer a obediência e o misticismo. Convenha que o cristianismo, por exemplo, só serviu aos ricos e aos grandes para manter a classe inferior na escravidão, não é verdade?

— Ah! sei onde você leu isso. Trataram de doutriná-lo! — exclamou Aliócha.

— Permita, por que teria eu lido necessariamente isso? E ninguém me doutrinou. Posso eu mesmo... E se o senhor quer, não sou contra Cristo. Era uma personalidade completamente humana, e se tivesse vivido na nossa época ter-se-ia juntado aos revolucionários, talvez tivesse

desempenhado um papel de destaque... É mesmo fora de dúvida.

— Mas onde pescou você tudo isso? Com que imbecil andou às voltas? — exclamou Aliócha.

— Não se pode dissimular a verdade. Tenho muitas vezes ocasião de conversar com o Senhor Rakítin, mas... pretende-se que o velho Bielínski também disse isso.

— Bielínski? Não me lembro. Não o escreveu em parte alguma.

— Se não escreveu, disse-o, assegura-se. Ouvi alguém dizer... aliás, diabos...

— Você leu Bielínski?

— Veja o senhor... não... não o li, na verdade, mas... li o trecho a respeito de Tatiana, porque não parte ela com Oniéguin.

— Por que não parte ela com Oniéguin? Será que você... compreende já isso?

— Com licença, creio que o senhor me toma pelo jovem Smúrov! — Kólia sorriu, irritado. — Aliás, não vá crer que sou um grande revolucionário. Estou muitas vezes em desacordo com o Senhor Rakítin. Não sou partidário da emancipação das mulheres. Reconheço que a mulher é uma criatura inferior e deve obedecer. "*Les femmes tricotent*", disse Napoleão — Kólia sorriu —, e, pelo menos nisto, estou de pleno acordo com a opinião desse pseudogrande homem. Acho igualmente que é uma covardia expatriar-se para a América, pior que isso, uma tolice. Por que ir para a América, quando se pode trabalhar entre nós para bem da humanidade? Sobretudo agora, há todo um campo de atividade fecunda. Foi o que respondi.

— Como, respondeu? A quem? Será que já lhe propuseram ir para a América?

— Impeliram-me a isso, confesso-o, mas recusei. Isto, bem entendido, aqui entre nós, Karamázov, nem uma palavra a ninguém, entendeu? Só ao senhor é que conto. Não tenho vontade nenhuma de cair entre as patas da Terceira Seção e aprender lições na Ponte das Correntes. [38]

Lembra-se? É magnífico! Por que ri? Acha que lhe contei pilhérias?

---

[38] *Perto da Ponte das Correntes Do edifício te recordarás.*

("E se ele souber que só possuo aquele único número de *O Sino*** e que nada li além disso?", pensou Kólia, estremecendo.)

— Oh! não, não estou rindo e não penso absolutamente que você me mentiu. Eis por que não o penso: porque é, ai! a pura verdade! Diga-me, leu o *Oniéguin,* de Púchkin? Você falava de Tatiana...

— Não, ainda não, mas quero lê-lo. Não tenho preconceitos, Karamázov. Quero ouvir ambas as partes. Por que essa pergunta?

— Por coisa nenhuma.

— Diga, Karamázov, o senhor me despreza? — cortou Kólia, que se ergueu diante de Aliócha, como para se pôr em posição. — Por favor, fale francamente.

— Eu o desprezo? — Aliócha olhou-o com espanto. — Por que, afinal? Deploro somente que uma natureza encantadora como a sua, na aurora da vida, já esteja pervertida por tais absurdos.

— Não se inquiete pela minha natureza — interrompeu Kólia, não sem fatuidade —, mas quanto a suspeitoso, eu o sou. Tola e grosseiramente suspeitoso. O senhor sorriu ainda há pouco, e pareceu-me...

— Ah! sorri por uma razão bem diversa. Fique sabendo: li recentemente a opinião de um estrangeiro, um alemão que vivia na Rússia, a respeito da juventude estudantil de hoje: "Se mostrardes a um estudante russo", escreveu ele, "uma carta do firmamento, a respeito da qual não tinha ele até então nenhuma idéia, ele vo-la devolverá no dia

Terceira Seção era a polícia secreta, cuja sede ficava perto da Ponte das Correntes.

Kolokol, *em russo. Famosa revista fundada por Herzen, literato russo, contemporâneo de Dostoiévski, e partícipe do movimento revolucionário da época. Era publicada em Londres e introduzida clandestinamente na Rússia.* seguinte com correções". Conhecimentos nulos e uma presunção sem limites, eis o que queria dizer o alemão a respeito do estudante russo.

— Ah! é totalmente verdadeiro! — disse Kólia, numa explosão de riso. — É a própria verdade! Bravo, alemão! No entanto, aquele cabeça quadrada não encarou também o lado bom, que- pensa o senhor? A presunção, seja, isto vem da juventude, isto se corrige, se verdadeiramente deve ser corrigido; em compensação, há o espírito de independência desde os mais jovens anos, a audácia das idéias e das convicções, em lugar

de seu servilismo rastejante diante da autoridade. No entanto, o alemão disse a verdade! Viva o alemão! Entretanto, é preciso sufocar os alemães. Muito embora sejam fortes nas ciências, é preciso sufocá-los...

— Por que isso? — sorriu Aliócha.

— Ora essa! É pilhéria minha, possivelmente, convenho. Sou por vezes um capeta e, quando alguma coisa me agrada, não me contenho e sou capaz de proferir absurdos. A propósito, estamos aqui prosando e aquele doutor não acaba. Aliás, pode dar-se que esteja examinando a mamãe e a Nínotchka, a doente. Sabe duma coisa? Essa Nínotchka me agradou. Quando eu ia saindo, sussurrou-me ela: "Por que não veio antes?", num tom de censura. Creio que ela é muito boa e digna de lástima.

— Sim, sim, você voltará e verá que criatura é ela. Precisa conhecer tais criaturas para saber apreciar muitas outras coisas que aprenderá precisamente em companhia delas — observou Aliócha com ardor. — É o melhor meio para você se transformar.

— Oh! quanto lamento e me censuro por não ter vindo antes! — disse Kólia com amargura.

— Sim, é muito de lamentar. Viu a alegria do pobrezinho? E como se consumia ele à sua espera!

— Não me fale disso! Aviva meu pesar. Aliás, bem o mereci. Se não vim, foi por amor-próprio egoísta e por vil despotismo, do qual jamais pude desembaraçar-me, malgrado todos os meus esforços. Vejo-o agora, por muitas coisas sou um miserável, Karamázov!

— Não, você tem uma natureza encantadora, se bem que falsificada, e compreendo por que podia exercer tamanha influência sobre aquele menino nobre duma sensibilidade doentia! — respondeu calorosamente Aliócha.

— E é o senhor quem me diz isso? — exclamou Kólia. — Imagine que pensei várias vezes, estando aqui, que o senhor me desprezava. Se soubesse como faço questão de sua opinião!

— Mas pode ser mesmo verdade que seja você tão desconfiado? Nessa idade! Pois bem, imagine que ainda há pouco, ao olhá-lo, quando você contava, pensava justamente que você deveria ser muito desconfiado.

— Já o pensou? Que golpe de vista tem o senhor, vejam só! Aposto que foi quando falava eu do pato. Imaginei então que o senhor me des-

prezava profundamente, porque eu me esforçava por bancar o malicioso. Detestei-o de repente por essa razão e comecei a perorar. Em seguida, pareceu-me (já aqui), quando eu disse: "Se Deus não existisse, era preciso inventá-lo", que me apressara por demais em exibir minha instrução, tanto mais quanto lera essa frase em alguma parte. Mas juro-lhe que não era por vaidade, mas à toa, ignoro por que, na minha alegria, verdadeiramente creio que foi na minha alegria... muito embora seja vergonhoso aborrecer as pessoas pelo fato de se estar alegre. Sei disso. Em compensação, estou persuadido agora de que o senhor não me despreza e que sonhei tudo isso. Oh! Karamázov, sou profundamente infeliz. Imagino por vezes, Deus sabe por que, que toda gente zomba de mim e estou pronto então a subverter a ordem estabelecida.

— E atormenta o seu meio — sorriu Aliócha.

— É verdade, sobretudo minha mãe. Karamázov, diga, mostro-me agora muito ridículo?

— Não pense nisso, não pense absolutamente! — exclamou Aliócha. — E que é o ridículo? Sabe-se quantas vezes um homem é ou parece ridículo? Além do mais, atualmente, quase todas as pessoas que têm capacidade temem extremamente o ridículo, o que as torna infelizes. Admiro-me somente de que experimente você isso a tal ponto, se bem que o observe desde muito tempo e não unicamente em sua casa. Atualmente, adolescentes estão atingidos por esse mal. É quase uma loucura. O diabo encarnou-se no amor-próprio, para apoderar-se da geração atual, sim, o diabo — insistiu Aliócha sem sorrir, como pensava Kólia, que o fixava. — Você é como todos — concluiu ele —, isto é, como muitos, somente não se deve ser como todos.

— Ainda mesmo que todos sejam assim?

— Sim, ainda mesmo que todos sejam assim. Apenas você não será como eles. Na realidade, você não é como todos; não corou em confessar um defeito e até mesmo um ridículo. Ora, atualmente quem é capaz disso? Ninguém, não se sente mesmo mais a necessidade de condenar-se a si mesmo. Não seja como todos, ainda que ficasse sozinho.

— Muito bem! Não me enganei a seu respeito. O senhor é capaz de consolar. Oh! quanto me senti atraído para o senhor, Karamázov! Desde muito tempo aspirava por este encontro. Dar-se-ia que também pensasse assim a meu respeito? Ainda há pouco o disse.

— Sim, ouvi falar de você e pensava também em você... e se em parte é o amor-próprio que o fez agora perguntar isso, isso nada quer dizer.

— Sabe, Karamázov, que nossa explicação se assemelha a uma declaração de amor? — declarou Kólia com uma voz fraca e como que envergonhada. — Não é ridículo?

— Absolutamente, e mesmo se fosse ridículo não quereria dizer nada, porque está bem — afirmou Aliócha, com um claro sorriso.

— Convenha, Karamázov, que o senhor mesmo, agora, tem um pouco de vergonha também... Vejo-o nos seus olhos — e Kólia sorriu com um ar astuto, mas quase feliz.

— Que há de vergonhoso?

— Por que corou?

— Mas foi você que me fez corar! — disse, rindo, Aliócha, que ficara, com efeito, todo vermelho. — Pois bem, sim, tenho um pouco de vergonha, Deus sabe por que, ignoro-o... — murmurou ele, quase constrangido.

— Oh! como gosto do senhor e como o aprecio neste momento, justamente, porque o senhor também tem vergonha comigo! Porque é como eu! — exclamou Kólia, entusiasmado. Tinha as faces vermelhas, seus olhos brilhavam.

— Escute, Kólia, você será muito infeliz na vida — disse de repente Aliócha.

— Sei, sei. Como o senhor adivinha tudo! — confirmou logo Kólia.

— Mas, no conjunto, abençoará, no entanto, a vida.

— É isto! Viva! O senhor é um profeta! Nós nos entenderemos, Karamázov. Sabe? O que mais me encanta é que o senhor me tratava completamente como a um igual. Ora, nós não somos iguais, o senhor é superior! Mas nos entenderemos. Dizia a mim mesmo há um mês: "Ou seremos imediatamente amigos para sempre, ou nos separaremos como inimigos até a morte!"

— E, ao falar assim, você já gostava de mim, decerto! — E Aliócha soltou uma risada alegre.

— Eu gostava enormemente do senhor, gostava do senhor e pensava

no senhor! E como pode o senhor tudo adivinhar? Ora, eis o doutor. Meu Deus, diz alguma coisa, olhe que cara ele tem!

VII

ILIÚCHA

O doutor saía da isbá metido na sua peliça e com seu gorro na cabeça. Tinha o ar quase irritado e cheio de asco, como se receasse sujar-se. Percorreu com os olhos o vestíbulo, lançando um olhar severo a Aliócha e a Kólia. Aliócha fez sinal ao cocheiro e o carro que havia trazido o doutor avançou para a porta. O capitão saiu precipitadamente atrás dele e, inclinado, desculpando-se quase, deteve-o para uma derradeira palavra. O rosto do pobre homem estava abatido, seu olhar apavorado.

— Excelência, excelência... será possível? — começou ele, sem terminar, limitando-se a juntar as mãos em seu desespero, se bem que seu olhar implorasse ainda o médico, como se verdadeiramente uma palavra deste pudesse mudar a sorte do pobre menino.

— Que fazer? Não sou Deus — respondeu o doutor num tom displicente, se bem que grave por hábito.

— Doutor... Vossa Excelência... e será em breve, em breve?

— Pre-pa-rem-se para tudo — respondeu o doutor, martelando as palavras e, baixando os olhos, dispunha-se a transpor a soleira para subir no carro.

— Excelência, em nome de Cristo! — O capitão apavorado deteve-o uma segunda vez. — Excelência... será que na verdade não há nada, nada que possa salvá-lo, agora?

— Isto não de-pen-de de mim, agora — declarou o médico, impaciente —, e, no entanto, hum! — parou de repente — sim, por exemplo, o senhor poderia... en-viar... seu paciente... imediatamente e sem tardar (o doutor pronunciou estas derradeiras palavras quase com cólera, a ponto de fazer o capitão estremecer) a Si-ra-cu-sa, então... em conseqüência das novas condições cli-ma-té-ri-cas fa-vo-rá-veis... poderia, talvez, pro-du-zir-se...

— A Siracusa? — exclamou o capitão, como se não compreendesse

ainda.

— Siracusa é na Sicília — explicou Kólia, em voz alta. O doutor olhou para ele.

— Na Sicília? Excelência — disse o capitão transtornado —, o senhor viu! — Juntou as mãos, mostrando o interior de sua casa. — E a mamãe, a família?

— N-ão, sua família não iria à Sicília, mas ao Cáucaso, desde a primavera... e depois que sua esposa tivesse tomado as águas no Cáucaso em vista de seus reumatismos... seria preciso enviá-la imediatamente a Paris, à clínica do a-li-e-nista Le-pel-le-tier. Poderia dar-lhe uma apresentação; e então... poderia talvez produzir-se...

— Doutor, doutor! O senhor está vendo! — E o capitão estendeu de novo os braços, mostrando, no seu desespero, as traves nuas que formavam a parede do vestíbulo.

— Mas isto não é de minha alçada — sorriu o médico. — Disse-lhe simplesmente o que poderia responder a ciência à sua pergunta a respeito dos derradeiros meios, o resto... a meu pesar...

— Não tenha medo, curandeiro, meu cachorro não o morderá — disse bem alto Kólia, notando que o doutor olhava com alguma inquietação para Carrilhão, que se mantinha na soleira. Um tom colérico ressoava em sua voz. Como o declarou mais tarde, foi de propósito e para insultar o doutor que o chamara de curandeiro.

— Que é? — disse o doutor, fitando Kólia com surpresa. — Quem é? — e dirigiu-se a Aliócha, como para lhe pedir contas.

— É o dono de Carrilhão, curandeiro, não se inquiete a respeito de minha pessoa.

— Carrilhão? — repetiu o doutor, que não tinha compreendido.

— Adeus, curandeiro, tornaremos a ver-nos em Siracusa.

— Quem é, quem é ele? — perguntou o doutor, exasperado.

— É um colegial, doutor, um- brincalhão, não lhe dê atenção — declarou, rapidamente, Aliócha, franzindo o cenho. — Kólia, cale-se! Não dê atenção — repetiu ele, com alguma impaciência.

— É preciso dar-lhe uma surra, dar-lhe uma surra — disse o doutor

furioso, batendo com os pés.

— Sabe, curandeiro, que Carrilhão poderia muito bem morder? — proferiu Kólia, com voz trêmula e muito pálido, de olhos chamejantes. — Aqui, Carrilhão!

— Kólia, se você disser ainda uma palavra, romperei com você para sempre! — gritou impetuosamente Aliócha.

— Curandeiro, só há uma criatura no mundo que possa dar ordens a Nikolai Krasótkin, ei-la (designou Aliócha). Submeto-me, adeus.

Abriu a porta e entrou no quarto. Carrilhão lançou-se atrás dele. O doutor ficou cinco segundos como que petrificado, olhou Aliócha e cuspiu, gritando: "É, é, não sei o quê!" O capitão precipitou-se para ajudá-lo. Aliócha entrou por sua vez. Kólia já estava à cabeceira de Iliúcha. O doente segurava-lhe a mão e chamava seu pai. O capitão voltou logo.

— Papai, papai, venha cá... nós... — murmurou Iliúcha superexcitado, mas, não tendo força para continuar, estendeu para a frente seus braços emagrecidos, passou-os em torno de Kólia e de seu pai, que reuniu no mesmo abraço, apertando-se contra eles. O capitão foi sacudido por soluços silenciosos e Kólia estava a ponto de chorar.

— Papai, papai! Quanto dó o senhor me causa, papai! — gemeu Iliúcha.

— Iliúcha... meu querido... o doutor disse... que tu ficarás curado... seremos felizes...

— Ah! papai! Sei bem o que o novo doutor lhe disse a meu respeito... Vi! — exclamou Iliúcha.

Apertou-os de novo com todas as suas forças contra si, ocultando seu rosto no ombro de seu pai.

— Papai! não chore... quando eu morrer, tome um bom menino, outro... escolha o melhor dentre eles, chame-o de Iliúcha e ame-o em lugar de mim...

— Cala-te, meu velho, ficarás bom! — gritou Krasótkin, como que zangado.

— Quanto a mim, papai, não se esqueça nunca de mim — continuou Iliúcha. — Venha a meu túmulo... o senhor sabe, papai, enterre-me junto de nossa grande pedra, lá aonde nós íamos passear, e vá lá com Krasótkin,

de tardinha. E Carrilhão... E eu os esperarei... Papai, papai!

Sua voz estrangulou-se, os três mantiveram-se enlaçados, sem falar. Nínotchka chorava mansamente em sua cadeira, e de repente, vendo todos a chorar, a mamãe desatou em lágrimas.

— Iliúcha! Iliúcha! — exclamava ela. Krasótkin desvencilhou-se dos braços de Iliúcha.

— Adeus, meu velho, minha mãe me espera para almoçar — disse ele rapidamente. — Que pena não a haver eu prevenido! Ficará muito inquieta. Mas depois do almoço voltarei para teu lado, até a noite, e terei muita coisa para contar-te. E trarei Carrilhão, agora vou levá-lo, porque ele se poria a uivar na minha ausência e te incomodaria. Até logo!

Correu para o vestíbulo. Não queria chorar, mas não pôde impedir-se disso. Foi nesse estado que o encontrou Aliócha.

— Kólia, deve manter absolutamente sua palavra e voltar, senão experimentará ele violento pesar — disse, com insistência.

— Absolutamente! Oh! quanto me censuro por não ter vindo mais cedo! — murmurou Kólia, chorando francamente.

Naquele momento o capitão surgiu e tornou a fechar logo a porta atrás de si. Tinha o ar desvairado, seus lábios tremiam. Parou diante dos dois jovens e ergueu os braços para o ar.

— Não quero um bom menino! Não quero outro! — murmurou ele, selvagem, rangindo os dentes, "se me esquecer de ti, Jerusalém, fique pegada minha língua... "

Não terminou, como se lhe faltasse a voz, e deixou-se cair diante de um banco de -madeira. Com a cabeça apertada entre os punhos, pôs-se a soluçar, gemendo, mas baixinho, para que seus gemidos não fossem ouvidos na isbá. Kólia precipitou-se para a rua.

— Adeus, Karamázov, virá também? — perguntou com um ar brusco, zangado, a Aliócha.

— Esta tarde, sem falta.

— Que disse ele a respeito de Jerusalém?... Que era aquilo?

— Tirado da Bíblia: "Se me esquecer de ti, Jerusalém", [39] isto é, se eu esquecer o que tenho de mais precioso, se o trocar por outro amor, então que seja fulminado...

— Compreendo, basta! Venha também! Aqui, Carrilhão! — gritou ele, com raiva, ao cachorro, e afastou-se a grandes passadas.

LIVRO XI

IVA FIÓDOROVITCH

I

EM CASA DE GRÚCHENHKA

Aliócha dirigia-se à praça da igreja, à Casa Morózova, onde residia Grúchenhka. Naquela mesma manhã, havia-lhe ela enviado Fiénia, rogando-lhe insistentemente que fosse à sua casa. Indagando dela, soube Aliócha que sua patroa se achava desde a véspera numa grande agitação. Durante os dois meses que se haviam seguido à prisão de seu irmão, fora ele muitas vezes à Casa Morózova, espontaneamente ou da parte de Mítia. Três dias após, caíra Grúchenhka gravemente doente; mantivera-se de cama quase cinco semanas, ficando oito dias sem conhecimento. Mudara muito e emagrecera, com a tez amarelecida, embora pudesse sair havia já umas duas semanas. Mas aos olhos de Aliócha o rosto dela tornara-se mais sedutor e gostava ele, ao se aproximar dela, de encontrar-lhe o olhar. Seus olhos tinham tomado algo de resoluto e de reflexivo; uma decisão calma, mas inflexível, manifestava-se nela. Entre os supercílios cavara-se uma pequena ruga vertical que dava a seu gracioso rosto uma expressão concentrada, quase severa ao primeiro contato. Nenhum traço da frivolidade de outrora. Admirava-se Aliócha de que Grúchenhka tivesse conservado sua alegria de outrora, malgrado a desgraça que a ferira — noiva de um homem detido quase logo depois por um crime horrível —, apesar da doença e da ameaça de uma condenação quase certa. Nos seus olhos outrora altivos uma espécie de doçura brilhava agora, mas mostravam por vezes um clarão de maldade, quando a retomava uma

---

[39] *Salmos, C. CXXXVI, vs. 5 e 6.*

antiga inquietação que, longe de se acalmar, aumentava em seu coração. Era a respeito de Catarina Ivânonva, de quem falava mesmo em seu delírio, durante sua doença. Aliócha compreendia que ela estava com ciúme por causa de Mítia, muito embora Catarina não o tivesse visitado uma vez sequer na prisão, como teria podido fazê-lo. Tudo isso embaraçava Aliócha, porque era somente nele que Grúchenhka» confiava, pedindo sem cessar seus conselhos; por vezes não sabia o que dizer-lhe.

Chegou à casa dela, preocupado. Voltara ela da prisão havia meia hora e, apenas pela vivacidade com que se levantou à entrada dele, concluiu que o esperava com impaciência. Em cima da mesa, havia um baralho, sobre o divã de couro arranjado como cama estava semi-estendido Maksímov, doente e enfraquecido, mas sorridente. Aquele velho, sem pouso, que voltara dois meses antes de Mókroie com Grúchenhka, não a deixara mais desde então. Após o trajeto sob a chuva e na lama, todo encharcado e apavorado, sentara-se no divã, olhando-a em silêncio com um sorriso que implorava. Grúchenhka, esmagada de pesar e já presa da febre, esqueceu-o quase a princípio, absorvida por outros cuidados; de repente, olhou-o fixamente; ele mostrou um sorriso lastimoso, embaraçado. Ela chamou Fiénia e ordenou que lhe desse de comer. Durante o dia inteiro ficou ele quase imóvel no seu lugar. Quando escureceu e fecharam os postigos, Fiénia perguntou à sua patroa:

— Então, senhora, esse senhor vai ficar para dormir?

— Sim, prepara-lhe um leito no divã — respondeu Grúchenhka. Interrogando-o, soube que não sabia ele para onde ir e que "o Senhor Kolgánov, meu benfeitor, declarou-me francamente que não me receberia mais e me deu 5 rublos". "Pois bem, tanto pior, fica", decidiu Grúchenhka no seu pesar, sorrindo-lhe com compaixão. O velho ficou comovido com aquele sorriso, seus lábios tremeram de emoção. Foi assim que ficou em casa dela na qualidade de parasita errante. Mesmo durante a doença de Grúchenhka, não deixou a casa. Fiénia e a velha cozinheira, sua avó, não o expulsaram, mas continuaram a dar-lhe de comer e a fazer-lhe a cama em cima do divã. Posteriormente, Grúchenhka se habituou mesmo com ele e voltando duma visita a Mítia (a quem visitava ainda convalescente) punha-se a conversar futilidades com Maksímuchka, para esquecer seu pesar. Verificou-se que o velho possuía certo talento de contador, de sorte que se lhe tornou mesmo necessário. Fora Aliócha, que não demorava, aliás, muito tempo, Grúchenhka não recebia quase ninguém. Quanto ao velho comerciante Samsónov, estava então gravemente doente, "ia-se",

como diziam na cidade; morreu, com efeito, uma semana depois do julgamento de Mítia. Três semanas antes de sua morte, sentindo chegar o fim, chamou à sua presença seus filhos com suas famílias e ordenou-lhes que não mais o deixassem. A partir daquele momento, deu ordens expressas aos criados para não deixarem entrar Grúchenhka e, se ela se apresentasse, dizer-lhe que "ele lhe desejava que vivesse muito tempo feliz e que o esquecesse completamente". Grúchenhka mandava, no entanto, quase todos os dias saber notícias dele.

— Eis-te afinal! — exclamou ela, largando as cartas e acolhendo alegremente Aliócha. — Maksímuchka me amedrontava dizendo que não virias mais. Ah! quanta necessidade tenho de ti! Senta-te. Queres café?

— Com prazer — disse Aliócha, sentando-se. — Estou com muita fome.

— Fiénia, Fiénia, café! Está pronto desde muito tempo... Traze também uns bolinhos quentes! Sabes, Aliócha, tive uma complicação hoje a respeito desses bolinhos. Levei-os à prisão e, acredita, ele os recusou. Chegou mesmo a pisar um. "Vou deixá-los com o guarda", disse-lhe eu. "Se não os queres é que tua maldade te alimenta!" E fui saindo. Brigamos ainda uma vez. É todas as vezes a mesma coisa.

Grúchenhka falava com agitação. Maksímov sorriu timidamente e baixou os olhos.

— A propósito de que, hoje? — perguntou Aliócha.

— Não esperava isso absolutamente. Imagina que está com ciúme de meu "antigo". "Por que lhe dás dinheiro?", diz-me ele. "Puseste-te então a sustentá-lo?" Está com ciúme, da manhã à noite. Uma vez estava com ciúme até mesmo de Kuzmá, na última semana.

— Mas ele conhecia "o antigo"?

— Como não? Sabia de tudo desde o começo, hoje me injuriou. Tenho vergonha de repetir suas palavras. O imbecil! Rakitka chegou, quando eu saía. É talvez ele quem o excita, hein? Que pensas? — acrescentou ela, com ar distraído.

— Ele te ama muito e agora está nervoso.

— Como não estar nervoso? Julgam-no amanhã. Tinha ido justamente para reconfortá-lo, porque tenho medo, Aliócha, de imaginar o que acontecerá amanhã! Tu dizes que ele está nervoso? E eu então? E ele fala

do polonês! Que imbecil! Mas creio que ele não está com ciúme de Maksímuchka.

— Minha mulher também era bastante ciumenta — observou Maksímov.

— De ti!... — disse Grúchenhka, rindo, malgrado seu. — Quem poderia mesmo fazê-la ficar ciumenta?

— As criadas de quarto.

— Cala-te, Maksímuchka, não estou de humor para risadas, a cólera mesmo me domina. Não olhes os bolinhos, não terás deles, far-te-iam mal. É preciso cuidar também desse; dir-se-ia que minha casa é um asilo. — Sorriu.

— Não mereço seus benefícios, sou insignificante — disse Maksímov, num tom queixoso. — Prodigalize antes sua bondade com os que são mais úteis do que eu.

— Ora, Maksímuchka, cada qual é útil, como saber qual o mais, qual o menos? Se somente aquele polonês não existisse! Aliócha, ele também imaginou cair doente, hoje. Fui vê-lo igualmente. Vou enviar-lhe de propósito os bolinhos. Não o fiz, mas já que Mítia me acusa disso, enviá-los-ei agora de propósito! Ah! eis Fiénia com uma carta. É isto, são os poloneses pedindo ainda dinheiro!

Pan Mussialóvitch enviava-lhe, com efeito, uma carta bastante longa e empolada, como era seu hábito, em que lhe rogava que lhe emprestasse 3 rublos. Era acompanhada por um recibo com a promessa de pagar dentro de três meses; a assinatura de *pan* Vrubliévski figurava também. Grúchenhka já havia recebido de seu "antigo" muitas cartas semelhantes com reconhecimentos de dívidas. Isto datava de sua convalescença, duas semanas antes. Sabia que os dois *panówie* tinham, contudo, vindo saber notícias dela durante sua doença. A primeira carta, escrita numa folha de grande formato, lacrada com um sinête de família, era longa, bastante obscura e empolada, de modo que Grúchenhka só leu a metade e pô-la de parte sem ter nada compreendido dela. Zombava bem de cartas naquela ocasião. Essa primeira carta foi seguida, no outro dia, de uma segunda, em que *pan* Mussialóvitch pedia-lhe que lhe emprestasse 2 000 rublos a curto prazo. Grúchenhka deixou-a igualmente sem resposta. Veio em seguida uma série de missivas, igualmente pretensiosas, em que a soma pedida diminuía gradualmente, caindo para 100 rublos, para 25, para 10, e por

fim Grúchenhka recebeu uma carta em que os *panówie* mendigavam 1 rublo somente, com um recibo assinado pelos dois. Tomada de súbita piedade, foi ela mesma, ao crepúsculo, à casa do *pan*. Encontrou os dois poloneses numa miséria negra, famintos, sem fumo, sem cigarros, devendo à sua locadora. Os 200 rublos ganhos de Mítia tinham desaparecido depressa. Grúchenhka ficou surpresa, contudo, por ser acolhida pretensiosamente pelos *panówie,* com uma etiqueta majestosa e falas enfáticas. Só fez rir daquilo, deu 10 rublos ao seu "antigo", contou rindo a coisa a Mítia, que não demonstrou nenhum ciúme. Mas depois os *panówie* agarravam-se a Grúchenhka, bombardeavam-na todos os dias com pedidos de dinheiro, e todas as vezes enviava ela alguma coisa. Eis que hoje Mítia se mostrara ferozmente ciumento.

— Como uma tola, passei em casa dele, quando fui ver Mítia, porque ele também estava doente, o meu antigo *pan* — continuou Grúchenhka com volubilidade. — Conto isso a Mítia, rindo: "Imagina", digo-lhe, "que meu polonês pôs-se a cantar-me as canções de outrora, acompanhando-se numa guitarra. Pensa enternecer-me"... Então Mítia começou a injuriar-me... De modo que vou enviar bolinhos aos *panówie.* Fiénia, dá 3 rublos à menina que eles mandaram e uma dúzia de bolinhos enrolados num papel. Tu, Aliócha, contarás isto a Mítia.

— Nunca! — disse Aliócha, sorrindo.

— Ora! Pensas que ele se atormenta? É de propósito que se faz de ciumento. No fundo, isto pouco lhe importa — declarou Grúchenhka, com amargura.

— Como, de propósito?

— Como és ingênuo, Aliócha! Não compreendes nada, malgrado toda a tua inteligência. O que me ofende não é o ciúme dele, o contrário é que me teria ofendido. Sou assim. Admito o ciúme, sendo eu mesma ciumenta. Mas o que me ofende é que ele não me ama absolutamente e tem ciúme agora de mim de propósito. Serei uma cega? Põe-se a falar-me de Cátia, de como mandou ela vir de Moscou um médico afamado e o primeiro advogado de Petersburgo para defendê-lo. Ama-a, pois que lhe faz o elogio em minha presença. É culpado para comigo, mas arma brigas contra mim e é o primeiro a acusar-me e a lançar as culpas sobre mim: "Conheceste o polonês antes de mim; é-me portanto permitido ter agora relações com Cátia". Eis como estão as coisas. Quer lançar sobre mim toda a culpa. É de propósito que provoca essas brigas comigo, digo-te, somente

eu...

Grúchenhka não terminou, cobriu os olhos com seu lenço e desatou em lágrimas.

— Ele não ama Catarina Ivânovna — disse, com firmeza, Aliócha.

— Saberei dentro em pouco se ele a ama ou não — disse ela, com uma voz ameaçadora. Seu rosto alterou-se. Aliócha teve pena ao vê-la tomar de súbito um ar sombrio e irritado.

— Basta de tolices! Não foi para isso que te mandei chamar. Meu caro Aliócha, que se passará amanhã? Eis o que me tortura. Sou a única. Vejo que os outros não pensam nisso, ninguém se interessa. Tu, pelo menos, pensas nisso? É amanhã o julgamento! Dize-me, como vão julgá-lo? Mas foi o lacaio quem matou, o lacaio! Meu Deus! Será possível que o condenem em lugar dele e que ninguém tome sua defesa? Não incomodaram o lacaio, não é mesmo?

— Interrogaram-no rigorosamente e todos concluíram que não foi ele. Agora está gravemente doente, desde aquela crise. É uma doença séria.

— Senhor! Devias ir à casa daquele advogado e contar-lhe o caso em particular. Parece que mandaram buscá-lo em Petersburgo por 3 000 rublos.

— Sim, fomos nós que fornecemos a quantia, Ivã, Catarina Ivânovna e eu. Ela, sozinha, é que mandou buscar o médico, por 2 000 rublos. O advogado Fietiukóvitch teria exigido mais; este caso, porém, teve repercussão na Rússia inteira, todos os jornais falam dele, de modo que Fietiukóvitch quis mesmo encarregar-se dele sobretudo por causa da glória, tendo em vista a celebridade do processo. Estive com ele ontem.

— Então, falaste-lhe?

— Escutou sem dizer nada. Sua opinião já está formada, afirmou-me. No entanto, prometeu levar em consideração minhas palavras.

— Como, em consideração? Ah! os velhacos! Eles o perderão. E o doutor, porque o fizeram vir?

— Como perito. Quer-se estabelecer que Mítia é louco e que matou num acesso de demência — Aliócha sorriu mansamente —, mas meu irmão não consentirá nisso.

— Mas seria a verdade, se ele tivesse matado! Estava louco, então,

completamente louco, e a culpa foi minha, minha, miserável! Mas não foi ele. E todo mundo pretende que foi ele o assassino. Até mesmo Fiénia depôs de maneira que parece ele culpado. E na venda, e aquele funcionário, e no botequim, onde o tinham ouvido antes, todos o acusam.

— Sim, os depoimentos multiplicaram-se — notou Aliócha, com ar sombrio.

— E Gregório Vassílievitch persiste em dizer que a porta estava aberta, pretende tê-la visto, e nada o fará mudar de opinião; fui vê-lo, falei-lhe. Pois ainda por cima injuriou-me.

— Sim, é talvez o depoimento mais grave contra meu irmão — disse Aliócha.

— Quanto à loucura de Mítia, ela existe agora mesmo — começou Grúchenhka, com ar preocupado, misterioso. — Sabes, Aliócha, há muito tempo que queria dizer-te: vou vê-lo todos os dias e encho-me de espanto. Dize-me: que pensas? De que fala ele sempre, atualmente? Não comprendo nada do que ele diz, pensava que era algo de profundo, acima do meu alcance, tola que sou, mas eis que ele me fala dum nenê: "Por que é ele pobre, o nenê? Por causa dele é que vou agora para a Sibéria, não matei, mas é preciso que eu vá para a Sibéria!" De que se trata? Quem é este nenê? Não compreendi nada disso. Pus-me simplesmente a chorar. Ele falava tão bem, ambos nós chorávamos, beijou-me e fez sobre mim o sinal-da-cruz. Que é que isso significa, Aliócha, quem é esse nenê?

— Rakítin tomou o hábito de visitá-lo — sorriu Aliócha. — Aliás... isto não parte de Rakítin. Não o vi ontem, irei vê-lo hoje.

— Não, não é Rakitka, é seu irmão Ivã Fiódorovitch quem o atormenta, quem vai vê-lo... — Grúchenhka interrompeu-se bruscamente. Aliócha olhou-a, estupefato.

— Como? Ivã vai vê-lo? Mítia mesmo me disse que ele nunca fora lá.

— Pois bem! Pois bem! Eis como sou! Tagarelei! — exclamou Grúchenhka, rubra de confusão. — Enfim, Aliócha, não fales, já que comecei, direi toda a verdade. Ivã foi lá duas vezes vê-lo: a primeira, logo que chegou de Moscou; a segunda, há uma semana. Proibiu Mítia de falar disso. Visitava-o às ocultas.

Aliócha permanecia mergulhado em suas reflexões. Aquela notícia impressionara-o fortemente.

— Ivã não me falou do caso de Mítia. Em geral, conversou pouco comigo; quando eu ia vê-lo, parecia sempre descontente, de modo que há já três semanas que não vou à casa dele. Hum... Se ele esteve lá há oito dias... produziu-se, com efeito, uma mudança em Mítia há uma semana...

— Sim, uma mudança — disse vivamente Grúchenhka. — Eles têm um segredo, o próprio Mítia me falou disso, e um segredo que o atormenta. Antes mostrava-se alegre, e se mostra ainda agora, somente, vês tu, quando começa a mover a cabeça, a andar de lá para cá, a puxar os cabelos das têmporas, sei que está agitado... tenho certeza!... Aliás, ainda hoje estava alegre.

— Tu disseste: nervoso.

— Uma e outra coisa. Fica nervoso por um momento, depois alegre, depois, de repente, nervoso de novo. Na verdade, Aliócha, ele me surpreende; uma tal sorte em perspectiva e acontéce-lhe desatar em gargalhadas por bagatelas; dir-se-ia uma criança.

— É verdade que ele te proibiu de me falares a respeito de Ivã?

— Sim, és tu sobretudo que Mítia teme. Porque há um segredo, ele mesmo mo disse... Aliócha, meu querido, vai pois, trata de saber qual é esse segredo e vem dizer-mo, que eu, desgraçada, conheça enfim minha sorte maldita! Foi por isso que te mandei chamar hoje.

— Pensas que isso diz respeito a ti? Mas então ele não te teria falado!

— Não sei. Talvez não ouse dizer-mo. Está prevenido. O fato é que tem um segredo.

— Mas tu mesma, que pensas disso?

— Penso que tudo está acabado para mim. São três ligados contra mim, Cátia faz parte disso. É dela que provém tudo. Mítia me previne por alusão. Pensa em abandonar-me, eis todo o segredo. Imaginaram isto todos três, Mítia, Cátia e Ivã Fiódorovitch. Ele mo disse, há uma semana, que Ivã está apaixonado por Cátia, por isso vai tanto à casa dela. Aliócha, queria perguntar-te: é verdade ou não? Fala-me em consciência.

— Não mentirei. Ivã não ama Catarina Ivânovna.

— Pois bem! eu também pensei isso então! Ele mente descaradamente. E faz-se agora ciumento para poder acusar-me em seguida. Mas é um imbecil, não sabe dissimular, é demasiado franco... Pagar-mo-á! "Tu

acreditas que eu matei!" Eis o que ele ousa censurar-me! Que Deus lhe perdoe! Espera, essa Cátia terá o que ver comigo no tribunal! Falarei... Direi tudo!

Pôs-se a chorar.

— Eis o que posso afirmar-te, Grúchenhka — disse Aliócha, levantando-se: — Em primeiro lugar, é que ele te ama, ama-te mais do que a tudo no mundo, e a ti somente, acredita-me. Tenho certeza disto. Em seguida, confesso-te que não irei arrancar seu segredo, mas se ele mo disser, preveni-lo-ei de que te prometi contar-to. Neste caso, voltarei para dizer-to hoje. Somente... parece-me que Catarina Ivânovna nada tem a ver com isso, esse segredo deve referir-se a outra coisa. É certamente isso. Por agora, adeus!

Aliócha apertou-lhe a mão. Grúchenhka continuava chorando. Via ele bem que não acreditava ela em suas consolações, mas aquela efusão havia-a aliviado. Causava-lhe pena deixá-la naquele estado, mas estava com pressa. Tinha ainda muito que fazer.

II

O PÉ DOENTE

Queria em primeiro lugar ir à casa da Senhora Khokhlakova. Apressava-se para acabar o mais depressa possível, para não chegar demasiado tarde ao encontro com Mítia. Havia três semanas que a Senhora Khokhlakova estava doente; tinha o pé inflamado e, muito embora não estivesse de cama, passava os dias semi-estendida sobre um divã, na sua alcova, em galante traje íntimo, mas decente. Aliócha observara uma vez, sorrindo inocentemente, que a Senhora Khokhlakova tornava-se faceira, malgrado sua doença; enfeitava-se de borlas, fitas, camisetas. Durante os dois últimos meses, o jovem Pierkhótin pusera-se a frequentar-lhe a casa. Havia quatro dias que Aliócha ali não ia e, assim que entrou, dirigiu-se aos aposentos de Lisa, que lhe mandara dizer na véspera que fosse lá imediatamente vê-la para um negócio muito importante, o que por certas razões o interessava. Mas enquanto a criada de quarto ia anunciá-lo, a Senhora Khokhlakova, informada de sua chegada, chamou-o só por um minuto. Aliócha achou que era melhor satisfazer em primeiro lugar a mamãe, senão ela o mandaria chamar a todo instante. Estava estendida

sobre o divã, vestida como para uma festa, e parecia bastante agitada. Acolheu Aliócha com gritos de entusiasmo.

— Há um século que não o vejo! Uma semana inteira, misericórdia! Ah! você cá esteve há quatro dias, na quarta-feira passada. Ia aos aposentos de Lisa, estou certa de que queria andar na ponta dos pés, para que eu não o ouvisse. Meu caro Alieksiéi Fiódorovitch, se você soubesse quanto ela me inquieta! Isto é o principal, mas falaremos a respeito depois. Caro Alieksiéi Fiódorovitch, confio-lhe inteiramente a minha Lisa. Após a morte do *stáriets* Zósima — paz à sua alma! (ela se benzeu) —, depois dele, considero você um asceta, se bem que lhe assente muito elegantemente seu novo traje. Onde encontrou você aqui um tal alfaiate? Mas não, afinal, isto não tem importância. Perdoe-me chamá-lo por vezes Aliócha, sou uma velha, tudo me é permitido — sorriu faceiramente —, mas isto também virá depois. Sobretudo, não devo esquecer o principal. Rogo-lhe, se divãgar, chame-me a atenção. Depois que Lisa retirou sua promessa — sua promessa infantil, Alieksiéi Fiódorovitch — de casar com você, deve ter bem compreendido que não era senão o capricho de uma menina doente, que ficou muito tempo na sua poltrona. Deus seja louvado, agora ela já anda. Esse novo médico que Cátia mandou buscar em Moscou para seu infeliz irmão, que amanhã... Que acontecerá amanhã? Morro só de pensar nisso! Sobretudo de curiosidade... Em suma, o tal médico veio ontem e examinou Lisa... Paguei-lhe 50 rublos pela visita. Mas não se trata disto. Está vendo, atrapalho-me. Apresso-me sem saber por quê. Não sei mais onde estou, tudo é para mim como uma meada enredada. Tenho medo de pô-lo em fuga, aborrecendo-o. Só tenho visto você. Ah! meu Deus! Nem pensei nisso, em primeiro lugar, café, Iúlia, Glafira, café!

Aliócha aparessou-se em agradecer, dizendo que acabara de tomar café.

— Em casa de quem?

— Em casa de Agrafiena Alieksándrovna.

— Em casa daquela mulher?! Ah! é ela a causa de tudo, aliás, não sei, dizem que ela procede agora irreprochàvelmente, é um pouco tarde. Teria valido mais antes, quando era preciso, de que serve isso agora? Cale-se, Alieksiéi Fiódorovitch, porque tenho tanto que dizer que não direi nada absolutamente, creio. Esse horrível processo... irei de qualquer forma, preparo-me para isso, levar-me-ão numa cadeira, posso ficar sentada, e você sabe que figuro no rol das testemunhas. Como haverei de falar, como

haverei de falar? Não sei o que direi. É preciso prestar juramento, não é?

— Sim, mas penso que a senhora não poderá comparecer.

— Posso ficar sentada. Ah! você me atrapalha! Esse processo, esse ato selvagem, em seguida todos vão para a Sibéria, outros se casam, e tudo isso depressa, depressa, e tudo muda, enfim todos envelhecem e olham para o túmulo. Pois bem! seja, estou fatigada. Aquela Cátia... *cette charmante personrie,* iludiu minha esperança; agora vai acompanhar um de seus irmãos à Sibéria, o outro a seguirá e estabelecer-se-á na cidade vizinha e todos farão uns e outros sofrer. Isto me faz perder o juízo, sobretudo essa publicidade; falaram disso milhares de vezes nos jornais de Petersburgo e de Moscou. Ah! sim, imagine você que escreveram também a meu respeito, que eu era uma "boa amiga" de seu irmão. Não posso pronunciar a tal palavra vergonhosa, imagine!

— É impossível! Onde escreveram isso, como?

— Vou mostrar-lhe. Recebi o jornal ontem. Aqui está, é no jornal de Petersburgo, *Boatos.* Esse *Boatos* apareceu este ano. Gosto muito dos boatos, tomei assinatura, e eis-me bem servida em questão de boatos. Está aqui, neste lugar, leia.

E estendeu a Aliócha um jornal que se achava sob o travesseiro.

Não estava agitada, mas abatida e, com efeito, tudo se misturava talvez na sua cabeça. O tópico era característico e devia certamente impressioná-la, mas por felicidade achava-se ela então incapaz de concentrar-se em um ponto e podia num instante esquecer mesmo o jornal e passar a outra coisa. Quanto à repercussão daquele triste caso na Rússia inteira, conhecia-a Aliócha desde muito tempo, e Deus sabe as notícias estranhas que tivera ocasião de ler havia dois meses, entre outras verídicas, a respeito de seu irmão, dos Karamázovi e dele mesmo. Dizia-se mesmo num jornal que, apavorado pelo crime de seu irmão, havia-se ele feito monge e enclausurara-se; aliás, desmentia-se esse boato afirmando, pelo contrário, que em companhia do *stáriets* Zósima arrombara ele a caixa do mosteiro e fugira. A notícia aparecida no jornal *Boatos* intitulava-se: "Escrevem-nos de Skotoprigonievski" [40] (ai! assim se chama nossa cidadezinha, nome que ocultei por muito tempo), "a propósito do processo Karamázov". Era curta e o nome da Senhora Khokhlakova nela

---

[40] *Significa, por extensão: Mercado de Animais.*

não figurava. Contava-se somente que o criminoso que se preparavam para julgar com tal solenidade, capitão reformado, de atitudes insolentes, vadio e partidário da servidão, mantinha intrigas amorosas, influenciava sobretudo "algumas damas a quem sua solidão pesava". Uma delas, "uma viúva que se entediava", afetando mocidade, se bem que mãe de uma filha já grande, enamorara-se dele a ponto de oferecer-lhe, duas horas antes do crime, 3 000 rublos para partir em sua companhia para as minas de ouro. Mas o celerado preferira matar seu pai para roubar-lhe esses 3 000 rublos, contando com a impunidade, em vez de passear pela Sibéria os encantos quadragenários de sua dama. Essa correspondência faceta terminava, como convém, por uma nobre indignação contra a imoralidade do parricídio e da servidão. Depois de ter lido com curiosidade, Aliócha dobrou o jornal, que entregou à Senhora Khokhlakova.

— Então? Não sou eu? Fui eu, com efeito, que, uma hora antes, lhe propus as minas de ouro, e logo "encantos de quarenta anos"! Mas era esse o meu objetivo? O jornalista fê-lo de propósito. Que o soberano juiz lhe perdoe essa calúnia como eu mesma lhe perdôo, mas foi... sabe quem? Seu amigo Rakítin.

— Talvez — disse Aliócha —, se bem que nada tenha ouvido a respeito.

— Foi ele, foi ele, decerto! Porque o pus para fora! Conhece então essa história?

— Sei que a senhora lhe pediu que cessasse suas visitas no futuro, mas por qual razão, justamente, não o soube... da parte da senhora pelo menos.

— Soube-o então por ele? Então, deblatera ele contra mim, com veemência?

— Sim, deblatera contra todo mundo, aliás. Mas ele tampouco me disse por qual motivo a senhora o despediu! De resto, encontro-o muito raramente. Não somos amigos.

— Pois bem! Vou contar-lhe tudo e, apesar de tudo, arrependo-me, porque há um ponto a respeito do qual sou eu mesma talvez culpada. Algo de totalmente insignificante, aliás. Veja, meu caro (a Senhora Khokhlakova assumiu um ar jovial, e sorriu enigmàticamente), veja, suspeito... perdoe-me, falo-lhe como uma mãe... Oh! não, não, pelo contrário, dirijo-me a você como a meu pai... porque a mãe nada tem que ver aqui...

Enfim, tanto faz, como ao *stáriets* Zósima a confissão, e é tudo perfeitamente justo: chamei-o ainda há pouco de asceta... Pois bem! eis, aquele pobre rapaz, seu amigo Rakítin (meu Deus! não posso zangar-me contra ele), em suma, aquele desmiolado, imagine que lhe deu na cabeça, creio, enamorar-se de mim. Só o percebi depois, mas no começo, isto é, há um mês, veio ver-me frequentemente, quase todos os dias, e contudo já nos conhecíamos antes. Não suspeitava de nada... e de repente foi como um raio de luz. Sabe você que há dois meses comecei a receber esse gentil e modesto rapaz, Piotr Ilitch Piekhótin, funcionário aqui? Você o encontrou mais de uma vez. Não tem mérito ele, não é sério? Vem duas vezes por semana, aparece sempre bem vestido, e, em geral, gosto da mocidade, Aliócha, quando ela tem modéstia, talento, como você; é quase um estadista, fala tão bem, haverei de recomendá-lo sem dúvida alguma. É um futuro diplomata. Naquele horrendo dia, quase me salvou da morte vindo procurar-me à noite. Quanto a seu amigo Rakítin, vem sempre com seus sapatos ordinários que arrasta pelo tapete... em suma, põe-se a fazer alusões; uma vez, ao retirar-se, apertou-me a mão com bastante força. Foi a partir daquele momento que fiquei doente do pé. Ele já havia encontrado Piotr Ilitch em minha casa e — acreditá-lo-ia você? — falava mal dele sem cessar, encarniçava-se contra ele não se sabia por quê. Contentava-me com observar os dois, para ver como se arranjariam, rindo comigo mesma. Um dia em que me encontrava sozinha, sentada, ou antes, já estendida, Mikhail Ivânovitch veio ver-me e, imagine você, trouxe-me versinhos de sua autoria, nos quais descrevia meu pé doente. Espere, como é?

Esse encantador pèzinho, Sofre um tanto, coitadinho... ou algo assim, não consigo lembrar-me desses versos, tenho-os aí, hei de mostrar-lhos depois, são encantadores, e não tratam somente de meu pé, são morais, com uma idéia deliciosa, mas esqueci-a, em suma, dignos de figurar num álbum. Naturalmente, agradeci-lhe, ele pareceu lisonjeado. Mal acabara de fazê-lo e entrou Piotr Ilitch. Mikhail Ivânovitch ficou sombrio como a noite. Via bem que Piotr Ilitch o incomodava, porque queria ele certamente dizer alguma coisa após os versos, pressentia-o, e o outro entrou naquele momento. Mostrei os versos a Piotr Ilitch, sem dizer o nome do autor. Mas estou persuadida de que ele o adivinhou imediatamente, muito embora o negue até hoje. Piotr Ilitch desatou na gargalhada, pôs-se a criticar: "Maus versos", disse ele, "escritos por algum seminarista... " Sim, se o senhor visse com que calor, com que temeridade! Foi então que seu amigo, em

lugar de rir, tornou-se furioso... Meu Deus! pensei que eles iam bater-se. "Sou eu", disse ele, "o autor. Escrevi-os por brincadeira, porque acho uma baixeza fazer versos... Somente, meus versos são bons. Querem elevar um monumento a Púchkin por ter cantado os pés das mulheres; meus versos têm uma tendência moral, o senhor mesmo não passa de um reacionário refratário à humanidade, ao progresso, estranho ao movimento das idéias, um burocrata, um papa-ordenados!" Pus-me então a gritar, a suplicar-lhes. Ora, Piotr Ilitch, você sabe, não tem medo, assumiu uma atitude muito digna, olhou-o ironicamente e pediu desculpas depois de tê-lo escutado: "Não sabia", disse, "senão não me teria exprimido dessa maneira, teria louvado seus versos... Os poetas são uma gente irritável". Em suma, zombadas proferidas no tom mais sério. Ele mesmo me confessou depois que estava zombando, mas eu deixara-me enganar. Pensava então, estendida como agora: ficará bem ou não, se eu expulsar Mikhail Ivanovitch por causa da intemperança de sua linguagem para com meu hóspede? Acreditaria você? Estou estendida, de olhos fechados, sem conseguir decidir-me, atormento-me, meu coração bate; gritarei ou não gritarei? Uma voz me diz: "Grita" e outra "Não, não grites!" Mal ouvi esta outra voz, pus-me a gritar, depois desmaiei. Naturalmente, foi uma cena tumultuosa. De repente, levanto-me e digo a Mikhail Ivanovitch: "Lamento muito, mas não quero mais vê-lo em minha casa". Foi assim que o pus para fora. Ah! Alieksiéi Fiódorovitch! Sei bem que agi mal, mentia, não estava absolutamente zangada com ele, mas de súbito pareceu-me que seria muito bem aquela cena..., Somente — acredita-o você? —, era aquela cena, no entanto, natural, porque eu chorava deveras e depois ainda alguns dias em seguida, afinal acabei por esquecer tudo, uma vez, depois do almoço. Havia ele cessado suas visitas desde duas semanas e eu perguntava a mim mesma: será possível que não volte mais? Foi então e eis que à noite trazem-me o jornal *Boatos.* Leio e fico boquiaberta, com muita raiva. De quem seria? Dele! Logo que saiu daqui, rabiscara isto para enviá-lo ao jornal que o publicou. Passava-se isto há duas semanas. Aliócha, tagarelo a torto e a direito, mas é mais forte do que eu!

— É preciso absolutamente que chegue a tempo hoje de estar com meu irmão — balbuciou Aliócha.

— Justamente, justamente! Isso me lembra tudo! Diga-me, que é a obsessão?

— Que obsessão? — perguntou Aliócha, surpreso.

— A obsessão judiciária. Uma obsessão que faz perdoar tudo. Tenha você cometido o que tiver cometido, perdoam-lhe.

— A propósito de que diz isso?

— Eis por quê: essa Cátia... Ah! é uma encantadora criatura, mas ignoro de quem está ela enamorada. Veio aqui outro dia e nada pude saber. Tanto mais quanto ela se limita agora a generalidades, só me fala de minha saúde, afeta mesmo certo tom, e disse a mim mesma: "Pois seja, Deus a guarde!... " Ah! a propósito dessa obsessão, chegou esse tal doutor. Você sabe disso decerto, foi você que o mandou chamar, isto é, você não, mas Cátia. Sempre Cátia! Está bem! Eis aqui: um indivíduo é normal, mas de repente tem uma obsessão. Está lúcido, dá-se conta de seus atos, entretanto, está presa duma obsessão. Pois bem! é o que aconteceu certamente a Dimítri Fiódorovitch. É uma descoberta e um benefício da justiça nova. O tal doutor chegou, fez-me perguntas a respeito daquela noite, enfim, a respeito das minas de ouro: como estava ele então, o acusado? Em estado de obsessão, bem decerto; exclama: dinheiro, dinheiro, dê-me 3 000 rublos, depois foi assassinar. Não quero, dizia ele, não quero matar, no entanto o fez. De modo que perdoá-lo-ão por causa dessa resistência, muito embora tenha matado.

— Mas ele não matou — interrompeu um pouco bruscamente Alió-cha, cuja agitação e impaciência cresciam.

— Eu sei, foi o velho Gregório quem matou.

— Como, Gregório?

— Mas sim, foi Gregório. Ficou desmaiado depois de ter sido gol-peado por Dimítri Fiódorovitch, depois levantou-se e, vendo a porta aberta, foi matar Fiódor Pávlovitch.

— Mas por quê, por quê?

— Sob o império duma obsessão. Voltando a si, depois de ter sido golpeado na cabeça, a obsessão fê-lo cometer aquele crime. Ora, diz ele que não matou, talvez não se lembre. Somente veja você, será bem melhor que Dimítri Fiódorovitch haja matado. É bem isto, embora fale de Gregório, foi certamente Dimítri, e isto é melhor, muito melhor. Não que eu aprove o assassínio dum pai por um filho; os filhos, pelo contrário, devem respeitar os pais, no entanto, vale mais que seja ele, porque então não terão vocês de ficar desolados, uma vez que ele matou

inconscientemente, ou antes conscientemente, mas sem saber como a coisa ocorreu. Deve-se absolvê-lo; será humano, ver-se-ão os benefícios da justiça nova, eu não sabia de nada, dizem que isso é já coisa antiga; desde que o soube, ontem, fiquei tão impressionada que queria mandar chamar você; e se o absolverem convidá-lo-ei para jantar imediatamente, reunirei conhecidos e beberemos à saúde dos novos juizes. Não acho que seja perigoso, aliás haverá gente, poder-se-á sempre levá-lo, se ele se mostrar furioso; mais tarde, poderá ele noutra parte ser juiz de paz ou alguma outra coisa, porque os melhores juizes são aqueles que sofreram também desgraças. Sobretudo, quem não tem sua obsessão agora? Você, eu, todo mundo, e quantos exemplos! Um indivíduo está cantando uma romança, de repente algo lhe desagrada, pega uma pistola, mata o primeiro que encontra e absolvem-no. Li-o recente, todos os doutores confirmaram-no. Confirmam tudo, agora. Pense pois, Lisa tem uma obsessão, fez-me chorar ontem e anteontem; hoje adivinhei que era simplesmente uma obsessão. Oh! Lisa causa-me tanta pena! Creio que perdeu o juízo. Por que mandou chamá-lo? Ou então veio você espontaneamente?

— Ela mandou chamar-me e vou ter com ela — declarou Aliócha, levantando-se com ar resoluto.

— Ah! caro Alieksiéi Fiódorovitch, eis talvez o essencial — exclamou a Senhora Khokhlakova, chorando. — Deus é testemunha de que lhe confio sinceramente Lisa, e não tem importância o haver mandado chamá-lo, sem que eu o soubesse. Quanto a seu irmão Ivã, desculpe-me, mas não lhe posso confiar tão facilmente minha filha, muito embora o considere sempre como o rapaz mais cavalheiresco. Imagine que veio visitar Lisa e eu não sabia de nada.

— Como? O quê? Quando? — perguntou Aliócha, estupefato. Não se havia tornado a sentar.

— Vou contar-lhe, talvez o tenha mandado chamar para isso, não me lembro mais. Ivã Fiódorovitch veio ver-me duas vezes, depois de seu regresso de Moscou; a primeira, para fazer-me uma visita na qualidade de conhecido; a segunda, recentemente. Cátia encontrava-se aqui em minha casa e ele entrou sabendo disso. Bem entendido, não pretendia eu frequentes visitas da parte dele, conhecendo suas complicações, *vous comprenez, cette affaire et Ia mort terrible de votre papa,* [41] mas venho a saber

---

[41] *Você compreende, esse caso e a morte terrível de seu papai.*

de repente que ele veio de novo, não aos meus aposentos, mas aos de Lisa, há seis dias, ficou uns cinco minutos. Soube-o três dias depois por Glafira, isto chocou-me. Chamo logo Lisa, que se põe a rir: "Pensava", disse ela, "que a senhora estava dormindo e veio pedir-me notícias suas". Foi isto, decerto. Somente, Lisa, Lisa, meu Deus, que pena me causa! Imagine que, uma noite, há quatro dias, depois de sua visita, teve ela uma crise de nervos, gritos, gemidos. Por que nunca tenho eu crises de nervos? No dia seguinte, e no outro dia, novo ataque, e, ontem, essa obsessão. Ela grita para mim de repente: "Detesto Ivã Fiódorovitch, exijo que a senhora não o receba mais, que lhe proíba a entrada nesta casa!" Fiquei estupefata e repliquei-lhe: "Por que razão despedir um jovem tão cheio de mérito, tão instruído e além do mais tão infeliz, porque todas essas histórias são antes uma desgraça que uma felicidade, não é mesmo?" Ela desatou a rir às minhas palavras, duma maneira ferina. Fiquei contente, pensando tê-la divertido e que as crises cessariam. Aliás, queria eu mesma despedir Iva Fiódorovitch por causa de suas estranhas visitas sem meu consentimento e pedir-lhe explicações. Esta manhã, eis que, ao despertar, Lisa zangou-se com Iúlia e, imagine, bateu-lhe «na cara. Ora, é monstruoso, trato de "você" minhas criadas de quarto. Uma hora depois, abraçava ela Iúlia e beijava-lhe os pés. Mandou dizer-me que não viria aqui, que não queria vir mais aqui aos meus aposentos, doravante, e, quando me arrastei até o seu qurato, cobriu-me de beijos, chorando, depois empurrou-me para fora sem dizer uma palavra, de modo que nada pude saber. Agora, caro Alieksiéi Fiódorovitch, ponho toda a minha esperança em você, meu destino está sem dúvida em suas mãos. Rogo-lhe que vá ver Lisa, que esclareça tudo isso, como só você sabe fazê-lo, e vir contar-me, a mim, a mãe, porque você comprende, morrerei deveras, se isto tudo continua, ou fugirei desta casa. Não posso mais, tenho paciência, mas posso perdê-la e então... então será terrível. Ah! meu Deus, enfim, Piotr Ilitch! — exclamou a Senhora Khokhlakova, radiante, vendo entrar Piotr Ilitch Pierkhótin. — Você chegou atrasado, atrasado! Pois bem, sente-se, fale, decida a sorte, que diz esse advogado? Aonde vai você, Alieksiéi Fiódorovitch?

— Ao quarto de Lisa.

— Ah! sim. Não se esquecerá, não se esquecerá do que lhe pedi? Trata-se de meu destino!

— Decerto que não, se todavia fôr possível... mas estou tão atrasado... — murmurou Aliócha, retirando-se.

— Não, venha sem falta e não, como diz, se fôr possível, senão morrerei! — gritou às costas dele a Senhora Khokhlakova, mas Aliócha já havia desaparecido.

III

UM DIABINHO

Encontrou Lisa semi-estendida na poltrona onde a carregavam, quando ainda não podia ela andar. Não se levantou à entrada dele, mas seu olhar penetrante atravessou-o. Aquele olhar estava um tanto aceso, a tez amarelada; ficou Aliócha impressionado com a mudança que se operara nela naqueles três dias, havendo mesmo emagrecido. Não lhe estendeu ela a mão. Ele lhe aflorou os dedos finos, imóveis sobre seu vestido, e sentou-se diante dela, sem dizer nada.

— Sei que tem você pressa de ir à prisão — declarou bruscamente Lisa. — Mamãe reteve-o duas horas, acaba de falar-lhe de Iúlia e de mim.

— Como o sabe?

— Escutei. Que tem de me olhar? Se me agrada, escuto, não há mal nisso. Não peço perdão.

— Há alguma coisa que a perturbe?

— Pelo contrário, sinto-me muito bem. Ainda há pouco, pensava pela décima vez em como fiz bem em retomar a palavra dada e não me tornar sua mulher. Você não convém como marido; se casar com você e encarregá-lo de levar um bilhete a um apaixonado por mim, você o faria e traria mesmo a resposta. E aos quarenta anos ainda levaria tais bilhetes.

Pôs-se a rir.

— Há em você algo de mau e, ao mesmo tempo, de ingênuo — disse Aliócha, sorrindo.

— É por ingenuidade que não tenho vergonha diante de você. Não somente não tenho vergonha, mas não quero tê-la, justamente diante de você. Aliócha, por que é que não o respeito? Amo-o muito, mas não o respeito. Senão, não lhe falaria sem nenhuma vergonha, não é?

— Com efeito.

— Acredita que não tenho vergonha diante de você?

— Não, não acredito.

Lisa riu de novo nervosamente; falava depressa.

— Mandei bombons para seu irmão, Dimítri Fiódorovitch, na prisão. Aliócha, sabe que você é muito gentil? Eu o amarei muito por me ter permitido tão depressa não amá-lo.

— Por que mandou chamar-me, hoje, Lisa?

— Queria dar-lhe parte dum desejo. Quero que alguém me faça sofrer, que case comigo, depois me torture, me engane e me abandone. Não quero ser feliz.

— Enamorou-se da desordem?

— Ah! quero a desordem. Quero pôr fogo na casa. Imagino a coisa: irei às ocultas, absolutamente às ocultas, tratar de pôr fogo. Procuram apagá-lo, a casa arde. Sei e me calo. Ah! que coisa estúpida! que horror!

Fez um gesto de desgosto.

— Você vive na riqueza — disse Aliócha, em voz baixa.

— Será que vale mais viver pobremente?

— Sim.

— Era seu defunto monge quem lhe contava isso. Não é verdade. Que eu seja rica e todos os outros pobres, comerei bombons, beberei creme e não darei a ninguém! Ah! não fale, não diga nada (fez um gesto, se bem que Aliócha não tivesse aberto a boca), você já me disse tudo isso antes, sei-o de cor. É aborrecido. Se sou pobre, matarei alguém, talvez mesmo mate sendo rica. Por que me constranger?... Sabe duma coisa? Quero segar, segar os trigos. Serei sua mulher, você tornar-se-á mujique, um verdadeiro mujique; teremos um poldrinho, quer? Conhece Kolgánov?

— Sim.

— Ele sonha, andando. Diz: "De que serve viver? Na verdade, é melhor sonhar". Podem-se sonhar as coisas mais alegres, mas a vida é o tédio. Ele se casará em breve, fez, também a mim, uma declaração. Sabe chicotear pião?

— Sim.

— Pois bem! ele parece um pião: é preciso pô-lo em movimento, atirá-lo, chicoteá-lo. Se casar com ele, lançá-lo-ei a vida inteira. Não tem você vergonha de ficar comigo?

— Não.

— Você está muito zangado porque não falo das coisas santas. Não quero ser santa. Que se faz no outro mundo para o maior pecado? Você deve saber ao certo.

— Deus condena — disse Aliócha, olhando-a fixamente.

— É o que quero. Chegaria, condenar-me-iam, riria bem na cara de todos. Quero absolutamente pôr fogo na casa, Aliócha, em nossa casa, não me acredita?

— Por que, afinal? Há crianças, aos doze anos, que têm muita vontade de pôr fogo em alguma coisa e o fazem. É uma espécie de doença.

— Não é verdade, não é verdade. Há mesmo crianças, mas não falo disso.

— Você toma o mal pelo bem, é uma crise passageira que provém talvez de sua antiga doença.

— Mas você me despreza! Não quero fazer o bem, muito simplesmente, quero fazer o mal, não há nenhuma doença.

— Por que fazer o mal?

— Porque não resta nada em parte alguma. Ah! como seria bom! Sabe, Aliócha, penso por vezes em fazer muito mal, coisas vis, durante muito tempo, às ocultas, e de repente todos ficarão sabendo. Todos me cercarão e me mostrarão com o dedo e eu os encararei. É muito agradável. Por que é tão agradável, Aliócha?

— À toa. A necessidade de esmagar algo de bom, ou, como você dizia, de pôr fogo. Isto acontece também.

— Não me contentarei com dizê-lo, fá-lo-ei.

— Acredito-o.

— Ah! como o amo por causa dessa palavras: acredito-o. Com efeito, você não mente. Mas pensa talvez que lhe digo tudo isso de propósito, para irritá-lo?

— Não, não penso... se bem que haja talvez também um pouco dessa necessidade.

— Um pouco, sim. Não minto nunca diante de você — declarou ela com um clarão nos olhos.

O que impressionava sobretudo Aliócha era a seriedade dela; não havia sombra de malícia nem de brincadeira em seu rosto, muito embora outrora a alegria e a jovialidade não a deixassem nos seus momentos mais sérios.

— Há momentos em que o homem ama o crime — declarou Aliócha, com ar pensativo.

— Sim, sim, você exprimiu minha idéia, amam-no, todos o amam, sempre, e não por momentos. Sabe? Há como que uma convenção geral de mentira a este respeito, todos mentem desde então. Pretendem odiar o mal e todos o amam dentro de si mesmos.

— E você continua a ler maus livros?

— Sim. Mamãe oculta-os debaixo de seu travesseiro, mas os surripio.

— Será que não tem você consciência de que se está destruindo?

— Quero destruir-me. Há aqui um rapaz que ficou deitado entre os trilhos durante a passagem de um trem. Felizardo! Escute, julgam agora seu irmão por ter assassinado seu pai, e todo mundo está contente porque ele o matou.

— Estão contentes porque ele matou meu pai?

— Sim, todos estão contentes. Dizem que é horrível, mas, dentro de si mesmos, estão muito contentes. Eu sou a primeira.

— Nas suas palavras, há um pouco de verdade — disse docemente Aliócha.

— Ah! que idéias tem você! — exclamou Lisa, entusiasmada. — E é um monge! Não pode você crer quanto o respeito, Aliócha, porque você nunca mente. Ah! é preciso que lhe conte um sonho ridículo: vejo por vezes, em sonho, diabos; é à noite, estou no meu quarto com uma vela; de repente, diabos surgem em todos os cantos, debaixo da mesa, abrem a porta, há uma multidão deles que quer entrar para agarrar-me. E já avançam, agarram-me. Mas benzo-me, e todos eles recuam, tomados de pavor; mas não desaparecem completamente; ficam a esperar na porta e

nos cantos. De repente, sinto uma vontade louca de me pôr a blasfemar em voz alta; começo, ei-los que avançam em multidão, muito contentes; agarram-me de novo, de novo me persigno... e então vão-se todos eles. É algo muito divertido; tanto que até se perde a respiração.

— Eu também já tive sonho igual — disse Aliócha.

— Será possível? — gritou Lisa, espantada. — Escute, Aliócha, não ria, é muito importante: pode acontecer que duas pessoas tenham o mesmo sonho?

— Decerto.

— Aliócha, digo-lhe que é muito importante — prosseguiu Lisa, no auge da surpresa. — Não é o sonho que importa, mas o fato de haver você podido ter o mesmo sonho que eu. Você nunca mente, não minta agora: é verdade? Não está troçando?

— É verdade.

Lisa, atordoada, calou-se um instante.

— Aliócha, venha ver-me, venha mais vezes — proferiu ela num tom suplicante.

— Virei sempre à sua casa, toda minha vida — respondeu ele, com firmeza.

— Falo a você só — continuou Lisa. — Falo a mim só e ainda a você. Senão a você, no mundo inteiro. E falo-lhe mais voluntariamente do que a mim. E não sinto nenhuma vergonha diante de você, Aliócha, nenhuma. Por que isso? Aliócha, é verdade que na Páscoa os judeus roubam as crianças e as degolam?

— Não sei.

— Tenho um livro em que se fala dum processo; conta-se que um judeu primeiro cortou os dedos de uma criança de quatro anos, depois crucificou-a numa parede com pregos; declarou ao tribunal que a criança morrera rapidamente, ao fim de quatro horas. É rápido, com efeito! Não cessava de gemer e ele ali permanecia a contemplá-la. Muito bem!

— Bem?

— Sim. Penso por vezes que fui eu quem a crucificou. Está pendurada e geme, sento-me diante dela e como compota de abacaxi. Gosto

muito disso. E você?

Aliócha contemplava em silêncio Lisa, cujo rosto dum amarelo pálido alterou-se de repente, seus olhos flamejaram.

— Sabe? Depois de ter lido essa história, solucei a noite inteira. Creio ouvir a criança gritar e gemer (aos quatro anos, compreende-se) e essa idéia da compota não me deixa. De manhã, enviei uma carta pedindo a alguém que viesse sem falta ver-me. Veio, contei-lhe tudo a respeito da criança e da compota, tudo, e disse: "Muito bem!" Pôs-se a rir e achou que, com efeito, estava bem. Depois partiu ao fim de cinco minutos. Será que me desprezava? Fale, Aliócha, fale, desprezava-me, sim ou não?

Ergueu-se em seu divãzinho, com os olhos cintilantes.

— Diga-me — proferiu Aliócha, agitado —, você mesma mandou chamar esse "alguém"?

— Eu mesma.

— Enviou-lhe uma carta?

— Sim.

— Precisamente para pedir-lhe isso, a propósito da criança?

— Não, absolutamente. Mas quando entrou, perguntei-lhe. Respondeu, pôs-se a rir, depois retirou-se.

— Agiu como homem honesto para com você — disse mansamente Aliócha.

— Mas desprezou-me? Riu.

— Não, porque ele mesmo crê talvez na compota de abacaxi. Está também muito doente agora, Lisa.

— Sim, assim o crê! — disse Lisa, com os olhos cintilantes.

— Ele não despreza ninguém — prosseguiu Aliócha. — Somente, não crê em ninguém. Se não crê, é bem certo que despreza.

— Por conseguinte a mim também? A mim?

— A você também.

— Está bem — disse Lisa, com raiva. — Quando ele saiu rindo, senti que o desprezo tinha algo de bom. Ter os dedos cortados como aquela

criança é boa coisa; ser desprezada é boa coisa igualmente...

E soltou uma risada má, olhando para Aliócha.

— Sabe, Aliócha, quereria... Salve-me! — ergueu-se, inclinou-se para ele, abraçou-o. — Salve-me! — gemeu ela quase. — Disse a alguém no mundo o que acabo de dizer-lhe? Sim, disse a verdade, a verdade! Matar-me-ei, porque tudo me desgosta! Não quero mais viver! Tudo me inspira desgosto, tudo! Aliócha, por que você não me ama, de modo algum?

— Mas não, eu a amo! — respondeu Aliócha, com ardor.

— Será que você chorará por mim?

— Sim.

— Não porque recusei ser sua esposa, mas em geral?

— Sim.

— Obrigada! Só tenho necessidade de suas lágrimas. E que os outros me torturem, me pisem aos pés, todos, todos, sem exceção de ninguém! Porque não amo ninguém. Está ouvindo? Ninguém! Pelo contrário, odeio-os! Vá ver seu irmão, Aliócha, já é tempo! — e largou-o.

— Como deixá-la assim? — disse ele, quase aterrorizado.

— Vá ver seu irmão, a prisão será fechada. Vá, eis aqui seu chapéu! Abrace Mítia, vá, vá!

Empurrou Aliócha quase à força para a porta. Ele a olhava numa dolorosa perplexidade, quando sentiu na sua mão direita um bilhete dobrado, lacrado. Leu o endereço: "Ivã Fiódorovitch Karamázov". Lançou um olhar rápido a Lisa. O rosto dela era quase ameaçador.

— Não deixe de lho entregar! — ordenou, com exaltação, toda tremente. — Hoje, imediatamente! Senão, envenenar-me-ei! Foi por isso que o chamei!

E bateu a porta. Aliócha pôs a carta em seu bolso e dirigiu-se para a escada, sem entrar nos aposentos da Senhora Khokhlakova, a quem havia mesmo esquecido. Assim que ele se afastou, Lisa entreabriu à porta, meteu seu dedo na fenda e apertou-o com todas as suas forças, fechando-a. Ao fim de alguns segundos, tendo retirado sua mão, foi lentamente sentar-se na poltrona, examinou com atenção seu dedo enegrecido e o sangue que havia brotado por baixo da unha. Seus lábios tremiam e ela

murmurou rapidamente:

— Miserável! Miserável! Miserável! Miserável!

IV

O HINO E O SEGREDO

Já era tarde (e os dias são curtos em novembro), quando Aliócha tocou à porta da prisão. Caía a noite. Mas sabia que o deixariam entrar sem dificuldade. Na nossa cidadezinha, é o mesmo que em toda parte. No começo, sem dúvida, uma vez terminada a instrução preparatória, as entrevistas de Mítia com seu parentes ou algumas outras pessoas eram cercadas de certas formalidades necessárias, mas, posteriormente, fizeram exceção para certos visitantes. Chegou a ponto de, por vezes, realizarem-se quase a sós as entrevistas com o prisioneiro. Aliás, esses privilegiados eram pouco numerosos: somente Grúchenhka, Aliócha e Rakítin. O *isprávnik* Mikhail Makárovitch estava muito favorável à jovem. O velho lamentava ter gritado contra ela em Mókroie. Em seguida, uma vez ao corrente, mudara completamente de opinião a seu respeito. E, coisa estranha, se bem que estivesse persuadido da culpabilidade de Mítia, desde sua prisão tornava-se mais indulgente para com ele: "Era talvez uma boa natureza, mas a embriaguez e a desordem perderam-no!" Uma espécie de compaixão havia sucedido nele ao horror do começo. Quanto a Aliócha, o *isprávnik* gostava muito dele e conhecia-o desde muito tempo, e Rakítin, que tomara o costume de visitar frequentemente o prisioneiro, estava muito ligado com "as meninas do *isprávnik*", como as chamava, e não se passava dia que não estivesse em casa delas. Dava lições na casa do inspetor da prisão, velhote bonachão, mas militar severo. Aliócha conhecia bem e desde muito tempo esse inspetor, que gostava de conversar com ele a respeito da "suprema sabedoria". O velhote respeitava e até mesmo temia Ivã Fiódorovitch, sobretudo seus raciocínios, muito embora fosse ele próprio grande filósofo, à sua maneira, bem entendido. Mas sentia por Aliócha uma simpatia invencível. Havia um ano vinha estudando os Evangelhos apócrifos e dava parte a cada instante de suas impressões a seu jovem amigo. Outrora, ia mesmo vê-lo no mosteiro e discutia horas inteiras com ele e com os religiosos. Em suma, se Aliócha chegava atrasado à prisão, bastava passar em casa dele e a coisa se arranjava. Além do mais, o pessoal, até o derradeiro guarda, estava

acostumado com ele. A sentinela não fazia naturalmente dificuldades, contanto que se tivesse uma autorização. Quando chamavam Mítia, descia este de sua cela e ia ao parlatório. Ao entrar, Aliócha encontrou Rakítin, que se despedia de Mítia. Ambos falavam em voz alta. Mítia, despedindo-se dele, ria muito, e Rakítin parecia resmungar. Sobretudo nos últimos tempos, não gostava. Rakítin de encontrar Aliócha, não lhe falava, cumprimentava-o mesmo com secura. Vendo Aliócha entrar, franziu o cenho, desviou a vista, mostrou-se muito preocupado em abotoar seu sobretudo quente de gola de pele. Depois pôs-se a procurar seu guarda-chuva.

— Contanto que não esqueça nada! — falou, para dizer alguma coisa.

— Especialmente, não esqueças o que não te pertence! — disse Mítia, rindo. Rakítin esquentou-se imediatamente.

— Recomenda isto a teus Karamázovi, raça de exploradores, e não a Rakítin! — exclamou ele, tremendo de cólera.

— Que é que te deu? Estava brincando... São todos assim — disse Mítia a Aliócha, apontando Rakítin, que saía rapidamente. — Ria, estava alegre, e ei-lo que se arrebata! Nem mesmo te cumprimentou. Estão brigados? Por que vens tão tarde? Esperei-te com impaciência a manhã inteira. Não importa. Vamos tirar o atraso.

— Por que vem ele ver-te tantas vezes? Estás ligado a ele?

— Ligado a Mikhail? Não, precisamente. Aliás, é um porco! Toma-me por um miserável. Sobretudo, não entende uma brincadeira. É uma alma seca, lembra-me os muros da prisão, tais como os vi ao chegar. Mas é inteligente. Pois bem! Alieksiéi, estou perdido agora!

Sentou-se num banco, indicou um lugar, junto dele a Aliócha.

— Sim, é amanhã o julgamento. Não tens na verdade nenhuma esperança, irmão?

— De que falas? — perguntou Mítia, com o olhar vago. — Ah! sim, do julgamento. Ao diabo! Bagatelas tudo isso. Falemos do essencial. Sim, julgam-me amanhã, mas não é isto que me faz dizer que estou perdido. Não temo pela minha cabeça, somente o que há dentro dela é que está perdido. Por que me olhas com ar desaprovador?

— De que falas, Mítia?

— Idéias! idéias! A ética! Que é a ética?

— A ética? — disse Aliócha, surpreso.

— Sim, uma ciência, qual?

— Há, com efeito, uma ciência com esse nome... somente... não posso explicar-te, confesso-o.

— Rakítin sabe. É muito culto. Que o diabo o carregue! Não se fará monge. Quer ir para Petersburgo fazer crítica, mas de tendência moral. Pois bem! pode ser útil, tornar-se alguém. É um ambicioso! Ao diabo a ética! Estou perdido, Aliócha, homem de Deus! Amo-te mais do que a todos. Meu coração bate, quando penso em ti. Quem é Carl Bernard?

— Carl Bernard?

— Não, Carl não, Claude Bernard. Um químico, não?

— Ouvi dizer que é um sábio, não sei de mais nada a seu respeito.

— Ao diabo! Também eu nada sei. É provavelmente algum canalha, são todos canalhas. Mas Rakítin irá longe. Mete-se em toda parte, é também um Bernard. Oh! esses Bernard! Pululam.

— Mas que tens, afinal?

— Quer ele escrever um artigo a meu respeito e estrear assim na literatura, eis por que vem ver-me, ele mesmo o declarou. Um artigo de tese: "Tinha de matar, é uma vítima do meio", etc. Haverá, diz ele, um matiz de socialismo. O diabo o carregue! Quanto a mim, pouco me importa! Não gosta de Ivã, detesta-o, tu também não lhe és simpático. Não o ponho para fora, ele tem espírito, mas que orgulho! Dizia-lhe eu ainda há pouco: "Os Karamázovi não são canalhas, são filósofos, como todos os verdadeiros russos; mas tu, malgrado teu saber, não és um filósofo, não passas de um labrego". Riu-se maldosamente. E eu acrescentei: *de opinionibus non est disputandum.* [42] Também sou clássico — concluiu Mítia, disparando a rir.

— Mas por que estás perdido? Disseste ainda há pouco.

— Por que estou perdido? Hum, no fundo... se se toma a coisa em conjunto, lamento Deus, eis tudo.

---

[42] *Opiniões não se discutem.*

— Que queres dizer?

— Imagina, na cabeça, isto é, no cérebro, há nervos... esses nervos têm fibras e desde que elas vibram... vês, olho alguma coisa, assim, e elas vibram, essas fibras... e assim que elas vibram forma-se uma imagem, não imediatamente, mas ao fim dum instante, dum segundo, e forma-se um momento, isto é, não um momento — que o diabo o leve! — mas um objeto ou uma ação; eis como se efetua a percepção, o pensamento vem em seguida... porque tenho fibras, e não porque tenho uma alma e fui criado à imagem de Deus; que bobagem! Mikhail explicava-me isto, ainda ontem, e enchia-me de ardor. Que bela coisa a ciência, Aliócha! O homem se transforma, compreendo-o... No entanto, lamento Deus!

— Já é uma boa coisa — disse Aliócha.

— Lamentar eu Deus? A química, irmão, a química! Não há nada a fazer. Vossa Reverendíssima, afaste-se um pouco, é a química que passa! Rakítin não ama Deus. Oh! não, não o ama! É o ponto fraco deles todos! Mas ocultam-no, mentem. "Pois bem! exporás essas idéias na rubrica da crítica?", perguntei-lhe. "Não, não me deixarão fazê-lo", continuou ele, rindo. "Mas então, que se tornará o homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por conseqüência, tudo é lícito?" "Não o sabias? Para um homem de talento, tudo é permitido, sabe sempre tirar-se de apertos. Mas tu, tu mataste, tu te deixaste apanhar e agora apodreces em cima da palha. " Eis o que ele me disse, o porco. Outrora, punha para fora indivíduos como esse, agora os escuto. Aliás, diz ele coisas sensatas e escreve bem. Começou, há oito dias, a ler-me um artigo; tomei nota de três linhas, espera, ei-las.

Mítia tirou vivamente de seu bolso um papel e leu: "Para resolver essa questão, é preciso pôr sua pessoa em oposição à sua atividade".

— Compreendes ou não?

— Não, não compreendo — disse Aliócha. Olhava Mítia e escutava-o com curiosidade.

— Eu tampouco. Não é claro, mas tem espírito. "Todos", diz ele, "escrevem assim, atualmente, vem do meio ambiente... " Faz também versos, o tratante. Cantou os pés da Khokhlakova, ah! ah! ah!

— Ouvi falar disso — disse Aliócha.

— Sim? Mas conheces os versos?

— Não.

— Tenho-os, vou ler-tos. Não sabes, mas é uma verdadeira história! Canalha! Há três semanas, imaginou ele mexer comigo: "Deixaste-te apanhar como um imbecil, por 3 000 rublos, mas eu vou recolher 150 000, caso com uma viúva e comprarei uma casa de pedra em Petersburgo, começarei a publicar um jornal". E a boca se lhe enche de água, não por causa da Khokhlakova, mas dos 150 000 rublos. Estava seguro de si, vinha ver-me todos os dias: "Ela está cedendo", dizia ele, radiante. E eis que o põem para fora; Pierkhótin, Piotr Ilitch passou-lhe a perna, viva! Beijarei de boa vontade aquela perua por havê-lo despachado. Foi na ocasião em que havia ele escrito esses versos. "Pela primeira vez", diz ele, "rebaixo-me a escrever versos, para seduzir, portanto com um fim útil. De posse do capital duma idiota, posso tornar-me útil à sociedade. " A utilidade pública serve de desculpa a essa gente para todas as baixezas! "E, no entanto", diz ele, "escrevi coisa melhor que Púchkin, porque soube exprimir, em versos brincalhões, minha tristeza cívica. " Compreendo o que diz ele de Púchkin. Por que limitar-se a descrever pés, se tinha verdadeiramente talento? Como estava orgulhoso de seus versos! Ah! o amor-próprio dos poetas! "Pelo restabelecimento do pé do objeto amado", eis o título que aquele pândego imaginou!

Seu encantador pèzinho Não vou seu pé lamentar,

Inchou, lhe dói um pouquinho. Púchkin o há de cantar,

Vêm doutores torturá-lo, Lamento-lhe a cabecinha.

Todos no afã de curá-lo. A toda idéia durinha.

Já começava a entender Quando o pé veio a doer. Que o pé se restabeleça E entre a idéia na cabeça.

Um verdadeiro porco, mas seus versos são divertidos, patife! E misturou-lhes deveras uma tristeza cívica. Estava furioso por ter sido despedido. Rangia os dentes.

— Já se vingou — disse Aliócha. — Escreveu um artigo a respeito da Senhora Khokhlakova.

E Aliócha contou-lhe o que aparecera no jornal *Boatos.*

— Foi ele, é bem dele! — confirmou Mítia, franzindo o cenho. — Esses artigos... eu sei... quantas infâmias já foram escritas a respeito de Grúchenhka, por exemplo!... e a respeito de Cátia, também... Hum!

Pôs-se a andar pelo quarto com ar preocupado.

— Irmão, não posso ficar muito tempo — disse Aliócha, após um silêncio. — Amanhã é um dia terrível para ti. Vai-se cumprir o julgamento de Deus... e admira-me que em lugar de coisas sérias fales de bagatelas...

— Não, não te espantes. Devo falar daquele cão fedorento? Do assassino? Conversamos de sobra a respeito dele! Que não se fale mais de Smierdiákov, aquele fedorento filho de uma fedorenta! Deus o castigará, hás de ver!

Aproximou-se de Aliócha, beijou-o com emoção. Seus olhos cintilavam.

— Rakítin não compreenderia isto, mas, tu, tu compreendes tudo: por isso esperava-te com impaciência. Vês, queria desde muito tempo dizer-te muitas coisas, entre estas paredes degradadas, mas calava o essencial, o momento não parecia ter ainda chegado. Esperei a derradeira hora para expandir-me. Meu irmão, senti nascer em mim, desde minha prisão, um novo ser; um homem novo ressuscitou! Existia em mim, mas nunca se teria revelado se o rato não o tivesse atingido. Que me importa a mim cavoucar durante vinte anos nas minas? Isto não me amedronta, mas temo outra coisa agora: que esse homem ressuscitado se retire de mim! Pode-se encontrar também nas minas, em um forçado e em um assassino, um coração de homem e entrar em entendimento com ele, porque ali também se pode amar, viver e sofrer! Pode-se reanimar o coração entorpecido de um forçado, cuidar dele, trazer afinal da cova para a luz uma alma grande, regenerada pelo sofrimento, ressuscitar um herói! Ora, há centenas deles e somos todos culpados para com eles. Por que pensei então no nenê, em tal momento? Era uma profecia. Irei por causa do nenê. Porque todos são culpados para com todos. Todos são nenês, há crianças grandes e pequenas. Irei por causa delas, é preciso que alguém se devote por todos. Não matei meu pai, mas aceito a expiação. Foi aqui, entre estas paredes degradadas, que tive consciência de tudo isso. Há muitos, centenas sob a terra, de martelo na mão. Sim, estaremos acorrentados, privados de liberdade, mas em nossa dor ressuscitaremos para a alegria, sem a qual o homem não pode viver nem Deus existir, porque é ele que a dá. Este é o seu grande privilégio. Senhor, que o homem se consuma na oração! Como viverei sob a terra sem Deus? Rakítin mente; se expulsam Deus da terra, nós o reencontraremos sob a terra! Um forçado não pode passar sem Deus, ainda menos que um homem livre! E então nós, os

homens subterrâneos, cantaremos das entranhas da terra um hino trágico ao Deus da alegria! Viva Deus e sua alegria divina! Eu o amo!

Ao declamar essa tirada estranha, Mítia estava quase sufocado. Empalidecera, seus lábios tremiam, lágrimas lhe corriam dos olhos.

— Não, a vida está cheia, a vida extravasa mesmo sob a terra! Não podes crer, Aliócha, como quero viver agora, a que ponto a sede da existência apoderou-se de mim, precisamente entre estas paredes degradadas! Rakítin não compreende isto, só pensa em construir uma casa, em pôr nela locatários, mas eu te esperava. Que é o sofrimento? Não o temo, fosse ele infinito. Outrora o temia. Pode acontecer que não responda a nada no tribunal... Com a força que sinto em mim, creio-me em condições de dominar todos os sofrimentos, contanto que possa dizer a mim mesmo a cada instante: existo! Em meio dos tormentos, crispado pela tortura, existo! Amarrado ao pelourinho, existo ainda, vejo o sol, e, se não o vejo, sei que ele luz. E saber isto é já toda a vida. Aliócha, meu querubim, a filosofia me mata, que o diabo a leve! Nosso irmão Ivã...

— Que há com Ivã? — interrompeu Aliócha, mas Mítia não ouviu.

— Vês, outrora, não tinha todas essas dúvidas, ocultava-as dentro de mim. Foi justamente talvez porque idéias desconhecidas referviam em mim que eu me embriagava, batia-me, arrebatava-me; era para dominá-las, esmagá-las. Nosso irmão Ivã não é como Rakítin, oculta seus pensamentos; é uma esfinge, cala-se sempre. Mas Deus me atormenta, não penso senão nisso. Que fazer se Deus não existe? Rakítin tem razão de pretender que é uma idéia forjada pela humanidade? Neste caso, o homem seria o rei da terra, do universo. Muito bem! Somente, como será ele virtuoso sem Deus? Pergunto a mim mesmo. Com efeito, a quem amará o homem então? A quem cantará hinos de reconhecimento? Rakítin ri, diz que se pode amar a humanidade sem Deus. Aquele fedelho pode afirmar isso, eu não posso compreendê-lo. A vida é fácil para Rakítin: "Ocupa-te antes", dizia-me hoje, "com estender os direitos cívicos ou impedir a alta da carne; dessa maneira, servirás. melhor a humanidade e a amarás mais que com toda a tua filosofia". Ao que lhe respondi: "Tu mesmo, não acreditando em Deus, elevarás o preço da carne se houver oportunidade, e ganharás 1 rublo em vez de 1 copeque". Zangou-se. Com efeito, que é a virtude? Responde-me, Alieksiéi. Não me represento a virtude como um chinês, é pois uma coisa relativa? Ou então, não é relativa? Questão insidiosa! Não rirás se te disser que isto me impediu de dormir durante duas noites? Admira-me que se

possa viver sem pensar nisto. Vaidade! Para Ivã, não há Deus. Ele tem uma idéia. Uma idéia acima de meu alcance. Mas não a diz. Penso que ele é franco-maçom. Interroguei-o, não me deu resposta. Teria querido beber da água de sua fonte, ele se cala. Uma vez somente falou.

— Que disse?

— Perguntava-lhe: "Então, tudo é permitido?" Ele franziu a testa: "Fiódor Pávlovitch, nosso pai", disse ele, "era um porco, mas raciocinava certo". Eis suas palavras. É mais claro que Rakítin.

— Sim — disse Aliócha, com amargura.

— Voltaremos a isto. Quase não te tenho falado de Ivã até o presente. Esperei até o fim. Uma vez terminada a peça e pronunciada a sentença, contar-te-ei tudo. Há uma coisa terrível, para a qual serás meu juiz. Mas agora, nem mais uma palavra a respeito. Falas do julgamento de amanhã, acreditarias? não sei de nada.

— Falaste àquele advogado?

— De que serve? Contei-lhe tudo. Um manso velhaco da capital, um Bernard! Não crê uma palavra do que lhe digo. Pensa que sou culpado, imagina, vejo-o bem! "Então, por que veio defender-me?", perguntei-lhe. Pouco me importa essa gente! E os médicos quereriam fazer-me passar por louco. Não o permitirei! Catarina Ivânovna quer cumprir "seu dever" até o fim. Com rigor! (Mítia sorriu amargamente.) É cruel como uma gata. Sabe que eu disse em Mókroie que tinha ela grandes cóleras! Contaram-lhe. Sim, os depoimentos multiplicaram-se ao infinito. Gregório mantém o que disse; é honesto, mas imbecil. Há muitas pessoas honestas por imbecilidade. É uma idéia de Rakítin. Gregório me é hostil. Valeria melhor ter tal pessoa por inimiga que por amiga. Digo isto a propósito de Catarina Ivânovna. Tenho muito medo de que ela fale no tribunal da saudação até o chão que ela me fez, quando lhe emprestei os 4 500 rublos! Há de querer pagar até o derradeiro vintém. Não quero seus sacrifícios! Terei vergonha disso no tribunal! Vai vê-la, Aliócha, pede-lhe que não fale disso. Ou então será impossível? Que diabo, não importa, agüentarei! Não a lastimo. É ela que o quer. O ladrão só terá aquilo que merece. Farei um discurso, Alieksiéi. (Sorriu de novo, amargamente.) Somente, somente, há Grúchenhka, Senhor! Por que sofre ela tanto, agora? — exclamou ele, com lágrimas. — Pensar nela é o que me mata. Estava aqui, ainda há pouco.

— Contou-me. Causaste-lhe muito pesar hoje.

— Sei. Que o diabo me leve por causa de meu gênio! Fiz-lhe uma cena de ciúmes. Estava arrependido, quando ela partiu, beijei-a. Mas não lhe pedi perdão.

— Por quê?

Mítia pôs-se a rir alegremente.

— Que Deus te preserve, meu caro, de pedir alguma vez perdão a uma mulher amada! Sobretudo a uma mulher amada, e quaisquer que sejam teus agravos a ela! Porque a mulher, meu irmão, quem diabo sabe o que é? Eu, em todo o caso, conheço as mulheres! Tenta pois reconhecer teus erros: "É culpa minha, perdão, desculpa-me", sofrerás uma saraivada de censuras! Jamais um perdão franco, simples; começará por humilhar-te, envilecer-te, censurar-te-á agravos imaginários, e então somente te perdoará. E ainda é a melhor dentre elas! Não perdoará as menores coisas. Tal é a ferocidade de todas, sem exceção, desses anjos sem os quais não poderíamos viver! Vês tu, meu caríssimo, digo-o francamente: todo homem decente deve estar sob a chinela duma mulher. É minha convicção, ou antes, meu modo de sentir. O homem deve ser generoso; isto não rebaixa. Mesmo um herói, mesmo César. Mas nunca peças perdão, a nenhum preço. Lembra-te desta máxima, - vem de teu irmão Mítia, a quem as mulheres botaram a perder. Não, repararei meus agravos a Grúchenhka, mas sem pedir-lhe perdão. Venero-a, Alieksiéi, mas não o nota ela; pensa que nunca a amo bastante. Faz-me sofrer com esse amor. Antes, sofria eu com suas sinuosidades pérfidas, agora formamos uma só alma e por ela tornei-me um homem. Ficaremos juntos? Se não, morrerei de ciúme... Já penso nisso cada dia... Que te disse ela de mim?

Aliócha repetiu-lhe o que Grúchenhka dissera. Mítia escutou atentamente e ficou satisfeito.

— Então, não está zangada pelo fato de ser eu ciumento! Eis bem a mulher! "Também eu tenho um coração duro. " Gosto dessas naturezas, se bem que não suporte o ciúme! Brigaremos, mas a amarei sempre. Será que os forçados podem casar-se? Não posso viver sem ela...

Mítia andou pelo quarto, com os supercílios franzidos. Já quase não se enxergava. De repente, pareceu preocupado.

— Então, diz ela que há um segredo? Uma conspiração a três contra ela, com Cátia? Pois bem! não, não é isto. Grúchenhka enganou-se como uma tola. Aliócha querido, tanto pior... Vou revelar-te nosso segredo.

Mítia olhou para todos os lados, aproximou-se de Aliócha, pôs-se a falar-lhe em voz baixa, se bem que na realidade ninguém pudesse ouvi-los; o velho guarda dormitava sobre um banco, os soldados de serviço estavam bastante afastados.

— Vou-te revelar nosso segredo — disse ele à pressa. —- Iria fazê-lo depois, porque posso eu tomar uma decisão sem ti? És tudo para mim. Ivã nos é superior, mas tu vales mais que ele. Somente tu decidirás. Talvez sejas mesmo superior a Ivã. Vês, é um caso de consciência, um negócio tão importante que não posso resolvê-lo eu mesmo, sem teu conselho. No entanto, é ainda demasiado cedo para um pronunciamento, é preciso esperar o julgamento. Tu decidirás em seguida de minha sorte. Agora, contenta-te em escutar-me, mas não digas nada. Expor-te-ei somente a idéia, deixando de parte os detalhes. Mas nada de perguntas, não te mexas, está entendido? E teus olhos, que eu esquecia! Lerei neles tua decisão, mesmo que não fales. Oh! tenho medo! Escuta, Aliócha: Ivã propõe que eu fuja. Passo por cima dos detalhes; tudo está previsto, tudo pode arranjar-se. Cala-te. Na América, com Grucha, porque não posso viver sem ela... E se não a deixam seguir-me? Será que os forçados podem casar-se? Ivã diz que não. Que farei sem Grucha, debaixo da terra, com um martelo?

Só serviria para partir com ele minha cabeça! Mas, por outro lado, a consciência. Furto-me ao sofrimento, desvio-me da via de purificação que se oferecia a mim. Ivã "diz que na América, com boa vontade, pode a gente ser mais útil que nas minas. Mas que virá a ser então de nosso hino subterrâneo? A América é ainda vaidade! E há também, eu penso, muita desonestidade em partir para a América. Escapo à expiação! Eis por que te digo, Aliócha, só tu podes compreender isso; para os outros, tudo quanto te disse do hino são tolices, delírio. Tratar-me-ão de louco ou de imbecil. Ora, não sou uma coisa nem outra. Ivã também compreende o hino, decerto, mas cala-se. Não crê nele. Não fales, não fales: vejo pelo teu olhar que já decidiste. Poupa-me, não posso viver sem Grucha, espera até o julgamento.

Mítia acabou com ar desvairado. Segurava Aliócha pelos ombros, fixava-o com seu olhar ávido, ardente.

— Podem os forçados casar-se? — repetiu ele pela terceira vez, com voz suplicante.

Aliócha, muito comovido, escutava com profunda surpresa. — Dize-me — perguntou ele —, é verdade que Ivã insiste muito? Quem teve

primeiro essa idéia?

— Foi ele. Ele insiste! Não o via, veio de repente, há uma semana, e começou por aí. Não propõe, ordena. Não duvida de minha obediência, se bem que lhe tenha eu aberto meu coração como a ti e falado do hino. Expôs-me seu plano, reuniu as informações, mas voltarei a isso. Ele o quer ardentemente. E, sobretudo, oferece dinheiro: 10 000 rublos para fugir, 20 000 na América; pretende que se pode muito bem organizar a fuga com 10 000 rublos.

— E recomendou-te que não me falasses?

— A ninguém e sobretudo a ti. Tem medo de que sejas como a minha consciência viva. Não lhe digas que te pus a par, rogo-te!

— Tens razão, é impossível decidir antes da sentença. Depois do julgamento, verás tu mesmo; haverá em ti um homem novo que decidirá.

— Um homem novo, ou um Bernard, que decidirá como Bernard! Assim, parece-me ser eu mesmo um vil Bernard — disse Mítia, com um sorriso amargo.

— Será possível, meu irmão, que não esperes justificar-te amanhã? Mítia ergueu os ombros, abanou a cabeça negativamente.

— Aliócha — disse de repente —, está na hora de ires. Acabo de ouvir o inspetor no pátio; vai chegar aqui, estamos atrasados, é desordem. Beija-me depressa, faze sobre mim o sinal-da-cruz para o calvário de amanhã...

Abraçaram-se e beijaram-se.

— E Ivã, que me propõe a fuga, ele próprio acredita que eu matei. Triste sorriso desenhou-se em seus lábios.

— Perguntaste-lhe?

— Não. Queria perguntar-lhe, mas não tive coragem. Aliás, compreendi-o pelo seu olhar. Então, adeus!

Beijaram-se de novo. Aliócha ia sair, quando Mítia o chamou.

— Fica assim diante de mim, assim.

Pegou de novo Aliócha pelos ombros. Seu rosto tornou-se muito pálido, seus lábios se contraíram, seu olhar sondava seu irmão.

— Aliócha, dize-me toda a verdade, como diante de Deus. Crês que eu matei? A verdade inteira, não mintas!

Aliócha cambaleou, teve um aperto de coração.

— Basta! Que dizes?... — murmurou como desvairado.

— Toda a verdade, não mintas!

— Jamais cri um só instante que sejas um assassino — exclamou com voz trêmula Aliócha, que levantou a mão como para tomar a Deus por testemunha. Uma expressão de felicidade pintou-se no rosto de Mítia.

— Obrigado — disse, suspirando, como depois de um desmaio. — Restituíste-me a vida... Acreditas? Até agora temia perguntar-to, a ti, a ti! Vai-te, agora, vai-te! Tu me fortificaste para amanha, que Deus te abençoe! Retira-te, ama Ivã!

Aliócha saiu todo choroso. Semelhante desconfiança da parte de Mítia, mesmo para com ele, revelava um desespero que ele jamais suspeitara que fosse tão profundo em seu desgraçado irmão. Infinita compaixão apoderou-se dele. Estava profundamente magoado. "Ama Ivã!" Lembrou-se de súbito desta derradeiras palavras de Mítia. Ia precisamente à casa de Ivã, a quem queria ver desde a manhã. Ivã inquietava-o tanto quanto Mítia, e agora mais do que nunca, após aquela entrevista.

V NÃO FOSTE TU!

Para ir à casa de seu irmão, tinha de passar diante da casa onde morava Catarina Ivânovna. As janelas estavam iluminadas. Parou e resolveu entrar. Não havia visto Catarina desde mais de uma semana e pensou que Ivã estivesse talvez em casa dela, sobretudo na véspera dum tal dia. Na escada, fracamente iluminada por uma lanterna chinesa, cruzou com um homem em quem reconheceu seu irmão.

— Ah! és tu? — disse secamente Ivã Fiódorovitch. — Adeus. Vais à casa dela?

— Sim.

— Não to aconselho. Está agitada, tu a pertubarás ainda mais.

— Não, não — gritou uma voz no alto da escada. — Alieksiéi Fiódorovitch, acaba de vê-lo?

— Sim, vi-o.

— Manda ele dizer-me alguma coisa? Entre, Aliócha, e você também, Ivã Fiódorovitch, volte sem demora. Estão ouvindo?

A voz de Cátia era tão imperiosa que Ivã, após um instante de hesitação, decidiu-se a subir de novo com Aliócha.

— Ela estava escutando! — murmurou ele, agitado, consigo mesmo, mas Aliócha o ouviu.

— Permita-me que conserve meu sobretudo — disse Ivã, ao entrar no salão. — Ficarei apenas um minuto.

— Sente-se, Alieksiéi Fiódorovitch — disse Catarina Ivânovna, que ficou de pé. Não havia mudado, mas seus olhos sombrios brilhavam com um clarão mau. Aliócha lembrou-se mais tarde de que ela lhe parecera particularmente bela naquele instante.

— Que me manda ele dizer?

— Somente isto — disse Aliócha, olhando-a de frente: — Que a senhora se poupe e não fale no tribunal do que (hesitou um pouco)... se passou entre vocês... por ocasião do primeiro encontro.

— Ah! de minha saudação até o chão por causa do dinheiro? — disse ela, com um riso amargo. — Teme por si ou por mim? Quer que eu poupe a quem, afinal? A ele ou a mim? Fale, Àlieksiéi Fiódorovitch.

Aliócha olhava-a atentamente, esforçando-se por, compreendê-la.

— À senhora e a. ele.

— É isto — disse ela com maldade, e corou. — Você não me conhece ainda, Àlieksiéi Fiódorovitch. Eu tampouco me conheço. Talvez venha a detestar-me, depois do interrogatório de amanhã.

— A senhora deporá com lealdade — disse Aliócha. — É o que é preciso.

— A mulher nem sempre é leal. Há uma hora, temia o contato daquele monstro como o de um réptil... entretanto, é ele sempre um ser humano para mim. Mas é um assassino? Foi ele quem matou? — exclamou ela, voltando-se para Ivã. Aliócha compreendeu logo que ela já lhe havia feito aquela pergunta antes de sua chegada, pela centésima vez talvez, e que haviam brigado. — Fui à casa de Smierdiákov... Foste tu que

me persuadiste de que ele é um parricida. Acreditei em ti!

Ivã sorriu constrangido. Aliócha estremeceu, ouvindo aquele "em ti". Não suspeitava de tal intimidade.

— Pois bem! Basta — cortou Ivã. — Vou-me embora. Até amanhã. Saiu, dirigindo-se para a escada. Catarina Ivânovna agarrou imperiosamente as mãos de Aliócha.

— Siga-o! Alcance-o! Não o deixe só um instante. Está louco. Não sabe que ele ficou louco? Está com febre nervosa. O médico mo disse, vá, corra...

Aliócha precipitou-se atrás de Ivã Fiódorovitch, que não havia dado ainda cinquenta passos.

— Que queres? — disse ele, voltando-se para Aliócha. — Ela te mandou seguir-me, porque eu estou louco. Sei isso de cor — acrescentou ele, irritado.

— Ela se engana, decerto, mas diz com razão que estás doente. Examinava-te ainda há pouco, tens o rosto desfeito, Ivã.

Ivã continuava andando, Aliócha seguia-o.

— Sabes, Àlieksiéi Fiódorovitch, como é que se fica louco? — perguntou Ivã, num tom calmo, em que transparecia curiosidade.

— Não, ignoro-o, penso que há muitos gêneros de loucura.

— Pode uma pessoa perceber por si mesma que está ficando louca?

— Penso que a pessoa não pode observar-se em semelhante caso — respondeu Aliócha, surpreso. Ivã calou-se um instante.

— Se queres conversar comigo, mudemos de conversa — disse ele, de repente.

— Com medo de esquecê-la, eis aqui uma carta para ti — disse timidamente Aliócha, estendendo-lhe a carta de Lisa. Aproximavam-se dum lampião. Ivã reconheceu a letra.

— Ah! é daquela diabinha! — Deu uma risada má e, sem abri-la, rasgou a carta em pedaços, que se dispersaram ao vento.

— Ainda não tem dezesseis anos e já se oferece — disse, num tom cheio de desprezo.

— Como se oferece ela? — exclamou Aliócha.

— Ora essa, como as mulheres corrompidas.

— Que estás dizendo, Ivã? — protestou Aliócha, cheio de dor. — É uma criança, tu insultas uma criança! Ela também está muito doente, talvez também se torne louca. Tinha de entregar-te sua carta... Queria eu, pelo contrário, que me explicasses... para salvá-la.

— Nada tenho a explicar-te. Se é uma criança, não sou eu sua babá. Cala-te, Alieksiéi, não insistas. Nem mesmo penso nisso.

Houve novo silêncio.

— Ela vai rezar à Virgem todas as noites para saber o que deve fazer amanhã — continuou ele, num tom maldoso.

— Tu... falas de Catarina Ivânovna?

— Sim. Aparecerá ela para salvar Mítia ou para perdê-lo? Rezará para ser esclarecida. Não sabe ainda, vê, não tendo tido ainda tempo de se preparar. Outra ainda que me toma por ama-de-leite, quer que eu a acalente.

— Catarina Ivânovna te ama, meu irmão — disse tristemente Aliócha.

— É possível. Mas a mim ela não agrada.

— Ela sofre. Por que então dizer-lhe... por vezes, palavras que lhe dão esperança? — prosseguiu timidamente Aliócha. — Sei que o fizeste, perdoa-me se falo assim.

— Não posso fazer o que seria preciso, romper e falar-lhe de coração aberto! — disse Ivã, com arrebatamento. — É preciso esperar que o assassino seja julgado. Se romper com ela agora, botará a perder amanhã, por vingança, aquele desgraçado, porque ela o odeia e tem consciência disso. Aqui, é mentira sobre mentira! Enquanto ela conservar esperança, não botará a perder aquele monstro, sabendo que eu quero salvá-lo. Ah! quando será pronunciada essa maldita sentença!

As palavras "assassino" e "monstro" tinham impressionado dolorosamente Aliócha.

— Mas como poderia ela perder o nosso Mítia? Em que é de temer o seu depoimento?

— Não o sabes ainda. Tem em suas mãos um documento escrito por Mítia e demonstrando que foi ele quem matou Fiódor Pávlovitch.

— É impossível! — exclamou Aliócha.

— Impossível, como? Eu mesmo o li.

— Não pode existir semelhante documento! — repetia Aliócha com ardor. — Não pode existir, porque não foi Mítia o assassino. Não foi ele quem matou nosso pai.

Ivã parou.

— Quem então o matou, na tua opinião? — perguntou ele friamente. Havia arrogância na sua voz.

— Tu mesmo sabes quem — disse mansamente e num tom penetrante Aliócha.

— Quem? Essa fábula a respeito daquele idiota epiléptico, Smierdiákov?

— Tu mesmo sabes quem... — deixou Aliócha escapar, já sem forças. Ofegava, tremia.

— Mas quem então, quem? — gritou Ivã cheio de raiva. Não era mais senhor de si.

— Só sei uma coisa — disse Aliócha, em voz baixa: "Não foste tu" que mataste o pai. Estou certo disso.

— Que queres dizer com estas palavras: "Não foste tu"? — perguntou Ivã, estupefato.

— Não foste tu que mataste, não foste tu! — repetiu com firmeza Aliócha. Houve um silêncio.

— Mas sei bem que não fui eu, estás delirando? — disse Ivã, pálido, com um sorriso que era mais uma careta. Encarava Aliócha. Encontravam-se de novo perto de um lampião.

— Não, Ivã, disseste a ti mesmo várias vezes que eras tu o assassino.

— Quando o disse?... Estava em Moscou... Quando o disse? — repetiu Ivã perturbado.

— Tu o disseste a ti mesmo muitas vezes, quando ficavas sozinho, durante aqueles dois terríveis meses — disse Aliócha brandamente. Dir-

se-ia que falava, malgrado seu, obedecendo a uma ordem imperiosa. — Tu te acusaste, reconheceste que o assassino não era outro senão tu. Mas enganas-te, não és tu, tu me entendes? não és tu! É Deus quem me envia para dizer-to.

Ambos se calaram durante um minuto. Pálidos, fitavam-se bem nos olhos. De súbito, Ivã estremeceu, agarrou Aliócha pelo ombro.

— Estavas em minha casa! — cochichou ele, com os dentes cerrados. — Estavas em minha casa, à noite, quando ele veio... Confessa-o... Viste-o?

— De quem falas... de Mítia? — perguntou Aliócha, que não compreendia.

— Dele não... ao diabo o monstro! — vociferou Ivã. — Será que sabes que ele veio ver-me? Como o soubeste? Fala!

— "Ele", quem? Ignoro a quem te referes — disse Aliócha, aterrorizado.

— Não, tu sabes... senão como é que tu... não podes deixar de saber...

Mas conteve-se. Parecia meditar. Um sorriso estranho pregueava-lhe os lábios.

— Meu irmão — prosseguiu Aliócha, com voz trêmula —, disse-te isto porque crês na minha palavra, eu o sei. Disse-to duma vez para sempre: "Não foste tu!" Ouves? Duma vez para sempre. E foi Deus quem me inspirou, ainda que tenhas de odiar-me doravante.

Mas Ivã voltara a dominar-se.

— Alieksiéi Fiódorovitch — disse ele, com um sorriso frio —, não gosto nem dos profetas nem dos epilépticos; sobretudo dos enviados de Deus, você bem o sabe. Desde agora, rompo com você e sem dúvida para sempre. Rogo-lhe que me deixe nesta encruzilhada. De resto, aqui está a rua que leva à sua casa. Sobretudo, evite vir à minha casa hoje, ouviu?

Voltou-se e afastou-se a passos firmes, sem se voltar.

— Meu irmão — gritou-lhe Aliócha —, se te acontecer alguma coisa hoje, pensa em mim!...

Ivã não respondeu. Aliócha ficou na encruzilhada, perto do lampião, até que Ivã desapareceu na escuridão. Retomou então lentamente o

caminho de sua residência. Nem ele nem Ivã tinham querido morar na casa solitária de Fiódor Pavlovitch. Aliócha alugava um quarto mobiliado em casa de particulares. Ivã Fiódorovitch ocupava um apartamento espaçoso e bastante confortável na ala duma casa que pertencia a uma senhora abastada, viúva de um funcionário. Tinha para servi-lo apenas uma velha surda, entrevada de reumatismo, que se deitava e se levantava às 6 horas. Ivã Fiódorovitch tornara-se muito pouco exigente durante aqueles dois meses e gostava muito de ficar sozinho. Ele mesmo arrumava seu quarto e ia raramente às outras peças. Tendo chegado ao portão e já segurando o cordão da sinêta, parou. Sentia-se sacudido por um arrepio de cólera. Largou o cordão, cuspiu, e dirigiu-se bruscamente para o outro extremo da cidade, para uma casinha de madeira em penada, a 2 verstas de sua residência. Era ali que morava Maria Kondrátievna, a antiga vizinha de Fiódor Pávlovitch, que ia à casa dele buscar sopa e à qual Smierdiákov cantava canções, acompanhando-se na guitarra. Vendera sua casa e vivia com sua mãe numa espécie de isbá; Smierdiákov, doente e quase moribundo, instalara-se em casa delas. Era para lá que se dirigia agora Ivã Fiódorovitvh, cedendo a um impulso súbito, irresistível.

VI

PRIMEIRA ENTREVISTA COM SMIERDIÁKOV

Era a terceira vez que Ivã Fiódorovitch ia conversar com Smierdiákov, desde seu regresso de Moscou. Vira-o após o drama, no primeiro dia de sua chegada, depois visitou-o duas semanas após. Mas havia mais de um mês não voltara à casa de Smierdiákov e não sabia quase nada dele. Ivã Fiódorovitch voltara de Moscou cinco dias somente após a morte de seu pai, enterrado na véspera. Com efeito, ignorando Aliócha o endereço de seu irmão em Moscou, recorrera a Catarina Ivânovna, que telegrafou a suas parentas, na idéia de que Ivã Fiódorovitch fora visitá-las assim que chegara. Mas só as visitou quatro dias mais tarde e, depois de ter lido o telegrama, regressou a toda a pressa para a nossa cidade. Conversou em primeiro lugar com Aliócha, ficando surpreso por vê-lo afirmar a inocência de Mítia e designar Smierdiákov como o assassino, contrariamente à opinião geral. Depois de ter visto o *isprávnik* e o procurador, tomou conhecimento, com detalhes, da acusação e do interrogatório, ficou mais espantado ainda e atribuiu a opinião de Aliócha

unicamente ao seu extremo afeto fraternal, à compaixão que Mítia lhe inspirava. A este propósito, expliquemos de uma vez por todas os sentimentos de Ivã por seu irmão Dimítri Fiódorovitch: decididamente não gostava dele, a compaixão que ele lhe inspirava misturava-se a muito desprezo, indo até à aversão. Mítia era-lhe totalmente antipático, até mesmo fisicamente. Quanto ao amor de Catarina Ivânovna por ele, causava indignação a Ivã. Vira Mítia no primeiro dia de sua chegada, e essa entrevista, longe de enfraquecer sua convicção de culpabilidade, havia-a fortificado. Seu irmão estava então inquieto, numa agitação doentia, falava muito, mas distraído e desorientado, exprimia-se com brusquidão, acusava Smierdiákov, atrapalhava-se terrivelmente. Falava sobretudo dos 3 000 rublos "roubados" pelo defundo. "Aquele dinheiro me pertencia", afirmava Mítia. "Mesmo se eu o tivesse roubado, teria sido justo. " Não respondia quase às acusações que se elevavam contra ele e se discutia os fatos em seu favor era duma maneira confusa, canhestra, como se não quisesse mesmo justificar-se aos olhos de Ivã; pelo contrário, zangava-se, desdenhava as acusações, invectivava, acalorava-se. Zombava do testemunho de Gregório relativo à porta aberta, assegurava que era "o diabo quem a tinha aberto". Mas não podia explicar esse fato de uma maneira plausível. Havia mesmo ofendido Ivã, por ocasião dessa primeira entrevista, declarando-lhe bruscamente que não cabia aos que sustentavam que "tudo é permitido" suspeitar dele e interrogá-lo. Em suma, mostrara-se bastante pouco amável com Ivã Fiódorovitch. Este, após sua entrevista com Mítia, foi logo ter com Smierdiákov.

Ainda no vagão, pensava constantemente em Smierdiákov e na sua derradeira conversa na véspera de sua partida. Muitas coisas o perturbavam, pareciam-lhe suspeitas. Mas no seu depoimento ao juiz de instrução, havia Ivã provisoriamente guardado segredo a respeito. Esperava avistar-se com Smierdiákov, que se encontrava então no hospital. O Doutor Herzenstube e o médico do hospital Varvínski responderam categoricamente às perguntas de Ivã Fiódorovitch que a epilepsia de Smierdiákov estava certificada e pareceram mesmo surpresos de que ele lhes perguntasse se não houvera simulação no dia do drama. Deram-lhe a entender que era uma crise extraordinária, que se repetira durante vários dias, pondo em perigo a vida do doente. Agora, graças às medidas tomadas, podia-se afirmar que ele escaparia, mas talvez, acrescentou o Doutor Herzenstube, sua razão ficasse perturbada, se não para sempre, pelo menos por muito tempo. Insistindo Ivã Fiódorovitch em saber se ele

estava louco no momento, responderam-lhe que, sem estar ainda completamente louco, apresentava certas anomalias. Ivã Fiódorovitch resolveu dar-se conta disso* pessoalmente. Foi imediatamente admitido à presença de Smierdiákov, que se encontrava num quarto separado, deitado. Um segundo leito era ocupado por um hidrópico que só poderia durar um ou dois dias e não iria atrapalhar a conversa. Smierdiákov mostrou um sorriso desconfiado à vista de Ivã Fiódorovitch, pareceu mesmo intimidado no primeiro momento, pelo menos teve Ivã essa impressão. Mas isso só durou um instante e Smierdiákov espantou-o quase pela sua calma no resto do tempo. À primeira vista, pôde Ivã Fiódorovitch convencer-se da gravidade de seu estado; estava muito fraco, falava lentamente, penosamente, emagrecera muito e amarelecera. Durante os vinte minutos que durou a entrevista, queixava-se sem cessar de dores de cabeça e de lassidão em todos os membros. Seu rosto chupado de eunuco havia-se encolhido, com os cabelos revoltos nas têmporas. Somente uma mecha delgada erguia-se à guisa de topete. Mas o olho esquerdo, piscante e parecendo fazer alusão, lembrava o antigo Smierdiákov: "Dá gosto falar com um homem de espírito", lembrou-se logo Ivã Fiódorovitch. Sentou-se a seus pés, num tamborete. Smierdiákov mexeu-se, gemendo, mas guardou silêncio, não tinha ar de muita curiosidade.

— Podes falar-me? Não te fatigarei demais.

— Decerto — murmurou Smierdiákov, com voz fraca. — Há muito tempo que o senhor chegou? — acrescentou com condescendência, como para encorajar o visitante constrangido.

— Hoje somente... para esclarecer a trapalhada de vocês. Smierdiákov suspirou.

— Que tens de suspirar? Sabias então — perguntou Ivã.

— Como não o teria sabido? — disse Smierdiákov, após um silêncio. — Era claro, de antemão. Mas como prever que aquilo acabaria assim?

— Acabaria o quê? Nada de rodeios! Por que predisseste que terias uma crise logo que descesses à adega? Designaste abertamente a adega.

— Disse isso no seu depoimento? — perguntou Smierdiákov, com fleuma.

— Ainda não, mas o direi decerto. Deves-me explicações, meu ami-

go, e fica sabendo, meu caro, que não permitirei que brinques comigo!

— Por que brincar com o senhor, quando minha esperança está toda no senhor, como que em Deus? — proferiu Smierdiákov, sem se comover.

— Em primeiro lugar, sei que não se pode prever uma crise de epilepsia. Tomei informações, portanto é inútil fingir. Como, pois, fizeste, para me predizer o dia, a hora e até mesmo o lugar? Como podias saber de antemão que terias uma crise justamente naquela adega, se não simulaste?

— De toda maneira teria eu de ir à adega várias vezes por dia — respondeu lentamente Smierdiákov. — Foi assim que caí do celeiro, há um ano. Bem decerto não se podem prever o dia e a hora duma crise, mas pode-se ter sempre um pressentimento.

— Ora, tu predisseste o dia e a hora!

— No que concerne à minha doença, senhor, informe-se antes junto aos médicos para saber se ela era natural ou fingida; nada mais tenho a dizer-lhe a este respeito.

— Mas a adega? Como previste a adega?

— Essa adega o atormenta! Quando ali desci, tinha medo, desconfiava, tinha medo porque, uma vez ausente o senhor, não havia mais ninguém para me defender. Pensava: "Vou ter um ataque, cairei ou não?" E essa apreensão provocou o espasmo na garganta... vim abaixo. Tudo isso, bem como nossa conversa, na véspera, no portão, quando lhe dava parte de meus temores, inclusive a adega, eu o expus com detalhes ao Senhor Doutor Herzenstube e ao juiz de instrução, Nikolai Parfiénovitch; ficou tudo constando dos autos. O médico do hospital, Varvínski, explicou particularmente que a apreensão mesma havia provocado a crise e o fato foi notado.

Como que esgotado pela lassidão, Smierdiákov respirou com dificuldade.

— Então, já fizeste essas declarações? — perguntou Ivã Fiódorovitch um tanto desconcertado. Queria amedrontá-lo, ameaçando-o com a divulgação de sua conversa, mas o outro tomara a dianteira.

— Que tenho a temer? Devem eles conhecer toda a verdade — disse Smierdiákov, com segurança.

— E contaste também exatamente nossa conversa perto do portão?

— Não, não exatamente.

— Disseste também que sabes simular uma crise, como disso te gabavas diante de mim?

— Não.

— Dize-me agora: por que me mandavas para Tchermachniá?

— Temia que o senhor fosse para Moscou. Tchermachniá é mais perto.

— Mentes, foste tu que instaste comigo para partir; "Afaste-se do pecado", dizias.

— Foi unicamente por amizade, por devotamento, pressentindo uma desgraça, e para poupá-lo. Mas minha segurança passava além da do senhor. De modo que lhe disse: afaste-se do pecado, para fazê-lo compreender que aconteceria alguma coisa e que o senhor deveria ficar para defender seu pai.

— Deverias ter-me falado francamente então, imbecil!

— Como poderia fazê-lo? O medo dominava-me e o senhor poderia ter-se zangado. Podia temer, com efeito, que Dimítri Fiódorovitch fizesse escândalo e arrebatasse aquele dinheiro que considerava como propriedade sua, mas quem teria crido que aquilo acabaria por um assassinato? Pensava que ele se contentaria com furtar aqueles 3 000 rublos ocultos sob o colchão, num envelope, mas ele assassinou. Como adivinhar, senhor?

— Então, se dizes tu mesmo que era impossível, como podia eu adivinhar e ficar? Não está claro.

— O senhor podia adivinhar pelo fato de enviá-lo eu a Tchermachniá em lugar de Moscou.

— Que é que isso prova?

Smierdiákov, que parecia muito cansado, calou-se de novo.

— O senhor podia compreender que se eu o aconselhava a ir a Tchermachniá é que desejava tê-lo por perto, porque Moscou é longe. Sabendo que o senhor estava nas proximidades, Dimítri Fiódorovitch teria hesitado! O senhor poderia, se preciso, acorrer e defender-me, porque eu

lhe havia informado que Gregório Vassílievitch estava doente e eu receava uma crise. Ora, explicando-lhe que se poderia, por meio de sinais, penetrar em casa do defunto, e que Dimítri Fiódorovitch os conhecia graças a mim, pensei que o senhor adivinharia por si mesmo que ele se entregaria decerto a violências e que, longe de partir para Tchermachniá, o senhor ficaria.

"Ele fala sensatamente", pensava Ivã, "se bem que titubeie; por que dizia Herzenstube que tem ele o espírito transtornada?"

— Estás com astúcias comigo. O diabo te carregue! — exclamou ele, zangado.

— Francamente, cria então que o senhor havia adivinhado — replicou Smierdiákov, com o ar mais ingênuo.

— Neste caso, teria eu ficado!

— Isto mesmo! Eu pensava que o senhor partia apesar de tudo para salvar-se, porque o senhor tinha medo.

— Acreditavas que todos são tão covardes com tu?

— Desculpe, pensava que o senhor era como eu.

— Decerto, era preciso prever; aliás, eu previa uma vilania de tua parte. Mas tu mentes, mentes de novo — exclamou ele, impressionado por uma lembrança. — Hás de lembrar-te de que, no momento de minha partida, disseste-me: "Dá gosto conversar com um homem de espírito". Estavas, pois, contente com a minha partida, uma vez que me cumprimentavas.

Smierdiákov suspirou várias vezes e pareceu corar.

— Estava contente — disse ele com esforço —, mas unicamente porque o senhor se decidia por Tchermachniá em lugar de Moscou. É sempre mais perto; e minhas palavras não eram um cumprimento, mas uma censura. O senhor não compreendeu.

— Que censura?

— Muito embora pressentindo uma desgraça, o senhor abandonava seu pai e recusava-se a defender-nos, porque podia eu ser suspeitado de ter furtado aqueles 3 000 rublos.

— Que o diabo te leve! Um instante; falaste aos juizes a respeito dos

sinais, daquelas pancadas?

— Expliquei-lhes tudo, sem faltar nada. Ivã Fiódorovitch admirou-se de novo.

— Se pensei então em alguma coisa foi numa infâmia de tua parte; aliás, esperava isso. Dimítri podia matar, mas acreditava-o incapaz de roubar. Tu me disseste que sabias simular as crises. Por que disseste isso?

— Por ingenuidade. Jamais simulei a epilepsia, foi simplesmente para me gabar, por estupidez. Gostava muito do senhor então e conversava com toda- a simplicidade.

— Meu irmão te acusa, diz que foste tu que mataste e roubaste.

— Decerto, que outra coisa poderá dizer? — Smierdiákov sorriu amargamente. — Mas quem acreditará em tais acusações dele? Gregório Vassílievitch viu a porta aberta. É concludente. Enfim, que Deus o perdoe! Ele tenta salvar-se e tem medo.

Smierdiákov pareceu refletir, depois acrescentou:

— É sempre a mesma coisa; quer atirar esse crime sobre mim, já o ouvi dizer, mas teria eu prevenido o senhor de que sei simular a epilepsia, se me preparasse para matar seu pai? Meditando esse crime, poderia eu ser tão tolo a ponto de revelar de antemão tal prova e, ainda por cima, ao filho da vítima! Pense nisso! É verossímil? Neste momento, ninguém ouve nossa conversa, exceto a Providência, mas se o senhor a comunicasse ao procurador e a Nikolai Parfiénovitch, serviria isto para minha defesa, porque um celerado não pode ser tão ingênuo. Todos raciocinarão assim.

— Escuta — disse Ivã Fiódorovitch levantando-se, impressionado por esse último argumento. — Não suspeito de ti absolutamente. Seria ridículo acusar-te... agradeço-te mesmo teres-me tranqüilizado. Vou-me embora, mas voltarei. Adeus. Restabelece-te. Tens necessidade de alguma coisa?

— Agradeço-lhe. Marfa Ignatiévna não me esquece e, sempre boa, me vem em auxílio quando preciso. Pessoas de bem vêm ver-me todos os dias.

— Adeus. Aliás, não direi que sabes simular uma crise... aconselho-te também a não falar disso — disse Ivã sem saber por quê.

— Compreendo bem. Se o senhor não disser, não repetirei tampouco

toda a nossa conversa junto ao portão...

Ivã Fiódorovitch saiu. Apenas dera uns dez passos no corredor, deu-se conta de que a derradeira frase de Smierdiákov tinha algo de ferino. Queria já arrepiar caminho, mas ergueu os ombros e "saiu do hospital. Sentia-se tranqüilizado pelo fato de que o culpado não era Smierdiákov, mas seu irmão Mítia, conquanto devesse ser isso precisamente o contrário, parece. Não queria procurar a razão disso, sentindo repugnância em analisar suas sensações. Tinha pressa de esquecer. Nos dias que se seguiram, convenceu-se definitivamente da culpabilidade de Mítia, estudando mais a fundo as acusações que pesavam sobre ele. Pessoas inferiores, tais como Fiénia e sua mãe, tinham prestado depoimentos perturbadores. Inútil falar de Pierkhótin, do botequim, da loja dos Plótnikovi, das testemunhas de Mókroie. Os detalhes sobretudo eram esmagadores. A história das pancadas misteriosas havia impressionado o juiz e o procurador quase tanto quanto o depoimento de Gregório a respeito da porta aberta. Marfa Ignátievna, interrogada por Ivã Fiódorovitch, declarou-lhe que Smierdiákov passara a noite atrás do biombo, "a três passos de nosso leito", e que, muito embora dormisse ela profundamente, despertara muitas vezes ouvindo-o gemer: "Gemia o tempo todo". Conversando com Herzenstube, Ivã Fiódorovitch deu parte de suas dúvidas a respeito da loucura de Smierdiákov, a quem achava simplesmente fraco, mas o velho sorriu com finura: "Sabe em que ele se ocupa agora? Aprende de cor palavras francesas escritas em letras russas num caderno, eh! eh! eh!" As dúvidas de Ivã Fiódorovith desapareceram, afinal. Já não podia pensar mais em Dimítri senão com desgosto. No entanto, havia uma coisa estranha: a persistência de Aliócha em afirmar que o assassino não era Dimítri, mas "muito provavelmente" Smierdiákov. Ivã sempre fizera grande caso da opinião de seu irmão e aquilo o tornava perplexo. Outra coisa estranha, notada por Ivã: Aliocha nunca era o primeiro a falar de Mítia, limitando-se a responder às perguntas dele, Ivã. Aliás, tinha Ivã bem outra coisa na cabeça no momento; desde seu regresso de Moscou, estava loucamente apaixonado por Catarina Ivânovna. Não é aqui o lugar para descrever essa nova paixão de Ivã Fiódorovitch, que influiu em toda a sua vida; formaria isto matéria dum outro romance que escreverei talvez um dia. Devo assinalar, em todo caso, que quando ele declarou a Aliócha, ao sair da casa de Catarina Ivânovna: "A mim ela não agrada", como o contei acima, mentia a si mesmo; amava-a loucamente, ao mesmo tempo que a odiava por vezes, a ponto de ser

capaz de matá-la. Isto ligava-se a muitas causas; transtornada pelo drama, voltara-se para Ivã Fiódorovicht, que de novo estava a seu lado, como para um salvador. Estava ofendida, humilhada nos seus sentimentos. E eis que reaparecia o homem que a amava tanto antes — ela bem o sabia — e cuja inteligência e coração sempre apreciara. Mas a severa moça não se dera totalmente, malgrado a impetuosidade de seu amoroso, digna dos Karamázovi, e a fascinação que ele exercia sobre ela. Ao mesmo tempo, atormentava-se sem cessar por ter traído Mítia e, por ocasião de suas frequentes discussões com Ivã, declarava-lhe isso francamente. Era o que, falando a Aliócha, chamara ela de "mentira sobre mentira". Havia, com efeito, muita mentira nas relações deles, o que exasperava Ivã Fiódorovitch.,. mas não antecipemos. Em suma, por algum tempo, esqueceu-se ele quase de Smierdiákov. No entanto, duas semanas após sua primeira visita, as mesmas idéias estranhas recomeçaram a atormentá-lo. Perguntava a si mesmo muitas vezes por que, na derradeira noite, na casa de Fiódor Pávlovitch, antes de sua partida, saíra de mansinho para a escada, como um ladrão, para escutar o que fazia seu pai no rés-do-chão. Posteriormente, lembrou-se disso com desgosto. Sentiu-se de súbito angustiado no dia seguinte pela manhã em viagem e, ao aproximar-se de Moscou, dizia a si mesmo: "Sou um miserável!" Por que isso? Pensava mesmo uma vez que essas idéias penosas podiam fazer que esquecesse Catarina Ivânovna, quando encontrou Aliócha na rua. Deteve-o logo e perguntou-lhe:

— Lembras-te daquela tarde em que Dimítri irrompeu em casa de nosso pai e bateu nele? Disse-te mais tarde no pátio que me reservava "o direito de desejar". Dize-me, pensaste então que eu desejava a morte de nosso pai?

— Sim — disse mansamente Aliócha.

— Aliás, não era difícil adivinhar. Mas não pensaste também que eu desejava que os répteis se devorassem mutuamente, isto é, que Dimítri matasse nosso pai o mais depressa possível... e que eu mesmo o ajudaria nisso?

Aliócha empalideceu, olhou em silêncio para seu irmão, fitando-o bem nos olhos.

— Fala! — exclamou Ivã. — Quero saber o que pensaste. É-me precisa toda a verdade!

Sufocava e olhava de antemão Aliócha com um ar cheio de maldade.

— Perdoa-me, pensei isso também — murmurou Aliócha, sem acrescentar "circunstância atenuante".

— Obrigado — disse secamente Ivã, que prosseguiu seu caminho.

Desde então, notou Aliócha que seu irmão o evitava e lhe testemunhava aversão, tanto que cessou suas Visitas. Logo depois desse encontro, voltara Ivã Fiódorovitch a ver Smierdiákov

VII

SEGUNDA ENTREVISTA COM SMIERDIÁKOV

Smierdiákov havia saído do hospital. Residia naquela casinha empenada que se compunha de duas peças reunidas por um vestíbulo. Maria Kondratievna e sua mãe habitavam uma, a outra era ocupada por Smierdiákov. Não se sabia exatamente a que título se instalara ele em casa delas; mais tarde, supôs-se que vivia como noivo de Maria Kondratievna e não pagava nada no momento. A mãe e a filha estimavam-no muito e consideravam-no superior a elas. Depois de ter batido, Ivã, segundo as indicações de Maria Kondratievna, entrou diretamente à esquerda na peça ocupada por Smierdiákov. Uma estufa de faiança desprendia um calor intenso. As paredes estavam ornadas de papel azul, mas rasgado, sob* o qual, nas fendas, formigavam as baratas, das quais se ouvia o barulho contínuo. O mobiliário era insignificante: dois bancos contra as paredes e duas cadeiras perto da mesa muito simples, coberta por uma toalha de ramagens côr-de-rosa. Sobre as janelas, gerânios; a um canto, imagens santas. Sobre a mesa, um pequeno samovar de cobre, fortemente amassado, uma bandeja e duas xícaras. Mas estava apagado, Smierdiákov já havia tomado o chá... Estava sentado sobre um banco e escrevia num caderno. Ao lado dele, achavam-se um pequeno tinteiro e uma vela num candelabro de ferro fundido. Olhando Smierdiákov, teve Ivã a impressão de que estava ele completamente restabelecido. Tinha o rosto mais fresco, menos magro, os cabelos empomadados, um roupão de quarto pintalgado, forrado de algodão e bastante usado. Trazia óculos, o que era novidade para Ivã Fiódorovitch. Esse detalhe irritou-o: "Semelhante criatura usar óculos!" Smierdiákov ergueu lentamente a cabeça, fixou o visitante através de seus óculos; tirou-os, depois levantou-se displicentemente, menos em

atitude de respeito do que para cumprir estrita polidez. Ivã notou tudo isso num piscar de olhos e sobretudo o olhar malévolo e mesmo orgulhoso de Smierdiákov. "Que vens fazer aqui? Já nos entendemos", parecia ele dizer. Ivã Fiódorovitch mal se continha.

— Faz calor aqui — disse, ainda de pé, desabotoando seu sobretudo.

— Tire-o — sugeriu Smierdiákov.

Ivã Fiódorovitch tirou seu sobretudo, pegou uma cadeira com suas mãos trêmulas, aproximou-a da mesa e sentou-se. Smierdiákov já havia retomado seu lugar.

— Em primeiro lugar, estamos sós? — perguntou severamente Ivã Fiódorovitch. — Não poderão ouvir-nos?

— Ninguém. O senhor viu que há um vestíbulo.

— Escuta, então. Que é que insinuavas quando te deixei, no hospital, dizendo que se eu não falasse de tua habilidade em simular epilepsia, tu não relatarias ao juiz toda a nossa conversa junto do portão? Que significa esse "toda"? Que entendias com isso? Era uma ameaça? Existe um acordo entre nós? Tenho medo de ti?

Ivã Fiódorovitch falava com cólera, dava claramente a entender que desprezava os rodeios, jogava cartas na mesa. Smierdiákov lançou um olhar mau, seu olho esquerdo pôs-se a piscar, como para dizer, com sua reserva habitual: "Queres ir diretamente ao caso, pois seja!"

— Queria dizer então que, prevendo o assassinato do seu próprio pai, o senhor deixou-o sem defesa. Era uma promessa de calar-me para impedir julgamentos desfavoráveis de seus sentimentos ou mesmo de outra coisa.

Pronunciou Smierdiákov estas palavras sem se apressar, parecendo senhor de si, mas num tom áspero, provocante. Fixou Ivã Fiódorovitch com ar insolente.

— Como? O quê? Estás em teu bom senso?

— Estou em todo o meu bom senso.

— Estava eu então a par do assassinato? — exclamou Ivã, dando um formidável murro sobre a mesa. E que significa "de outra coisa"? Fala, miserável!

Smierdiákov calava-se, com a mesma insolência no olhar.

— Fala, pois, canalha infecto, dessa outra coisa!

— Pois bem! Queria eu dizer com aquilo que o senhor mesmo, talvez, desejasse vivamente a morte de seu pai.

Ivã Fiódorovitch levantou-se e bateu com todas as suas forças no ombro de Smierdiákov; este cambaleou até perto da parede, lágrimas inundaram-lhe o rosto. "É vergonhoso, senhor, bater em um homem sem defesa!"

Cobriu o rosto com seu sujo lenço de quadrados azuis e pôs-se a soluçar.

— Basta! Pára com isso! — disse imperiosamente Ivã, que tornou a sentar-se. — Não me leves aos extremos!

Smierdiákov descobriu seus olhos. Seu rosto enrugado exprimia vivo rancor.

— De modo que, miserável, acreditavas que, de conluio com Dimítri, queria eu matar meu pai?

— Não conhecia os seus pensamentos e foi para sonda-lo que o detive no corredor.

— Quê? Sondar o quê?

— Suas intenções. Se o senhor desejava que seu pai fosse prontamente assassinado!

O que exasperava Ivã Fiódorovitch era o tom altivo e impertinente de que não queria desistir Smierdiákov.

— Foste tu que o mataste! — exclamou ele, de repente. Smierdiákov sorriu, desdenhoso.

— O senhor sabe perfeitamente que não fui eu, e teria crido que um homem inteligente não insistiria nisso.

— Mas por que tiveste tal suspeita a meu respeito?

— Como o senhor sabe, é por medo. Porque estava em tal situação que desconfiava de todo mundo. Quis também sondá-lo porque, pensei, se o senhor estivesse de acordo com seu irmão, estaria eu perdido.

— Não falavas assim, há duas semanas.

— Subentendia a mesma coisa no hospital, supondo que o senhor compreenderia por meias palavras e que evitava uma explicação direta.

— Vejam só! Mas responde então, insisto: como pude inspirar em tua alma vil essa ignóbil suspeita?

— Matar pessoalmente, não era o senhor capaz disso, mas desejava que outrem o fizesse.

— Com que fleuma ele fala! Mas por que tê-lo-ia eu querido?

— Como? Por quê? E a herança? — disse perfidamente Smierdiákov. — Após a morte de seu pai, devia receber 40 000 rublos cada um, se não mais. Se Fiódor Pávlovitch, porém, tivesse desposado aquela senhora, Agrafiena Alieksándrovna, teria ela logo transferido o capital para seu nome, porque não é tola, de sorte que nada teria restado para os senhores três. Esteve isso por um fio; bastava que ela dissesse uma palavra e ele a teria acompanhado à igreja, todo enamorado. Ivã Fiódorovitch mal se podia conter.

— Está bem — disse por fim —, vês? nem te bati, nem te matei. Continua. Então, na tua opinião, encarregara eu meu irmão Dimítri dessa tarefa, contava com ele?

— Certamente. Assassinando, perdia ele todos os seus. direitos, era degradado e deportado. Seu irmão Alieksiéi Fiódorovitch e o senhor herdariam a parte dele, e não seriam 40 000 rublos para cada um, mas 60 000 que lhes caberia. O senhor contava certamente com Dimítri Fiódorovitch.

— Pões minha paciência à prova! Escuta, patife, se tivesse contado naquele momento com alguém, seria contigo, e não com Dimítri, e, juro-o, pressentia alguma infâmia de tua parte... então... lembro-me de minha impressão!

— Eu também cri um instante que o senhor contava comigo — disse ironicamente Smierdiákov —, de sorte que o senhor se desmascarava ainda mais, porque se partia malgrado aquele pressentimento, isto revertia em dizer: podes matar meu pai, não me oponho a isso.

— Miserável! Havias compreendido isso.

— Pense um pouco: o senhor ia partir para Moscou, recusava, malgrado os rogos de seu pai, dirigir-se a Tchermachniá. E consente, de repente, a uma palavra minha! Que é que o levava àquela Tchermachniá?

Para partir assim sem razão, a meu conselho, era preciso que esperasse o senhor alguma coisa de mim.

— Não, juro que não — gritou Ivã, rangendo os dentes.

— Como não? O senhor deveria ter-me, pelo contrário, o senhor, o filho da casa, por causa daquelas palavras, conduzido à polícia e mandado chicotear-me... pelo menos surrar-me ali mesmo. Em lugar de zangar-se, segue conscienciosamente meu conselho, parte, coisa absurda, porque deveria ter ficado para defender seu pai... Que devia eu concluir?

Ivã tinha o ar sombrio, com os punhos crispados sobre os joelhos.

— Sim, lamento não te ter surrado então — disse, com um sorriso amargo. — Não podia levar-te à polícia, não me teriam acreditado sem provas. Mas surrar-te... ah! lamento não ter pensado nisso; muito embora as agressões físicas sejam proibidas, ter-te-ia amassado devidamente o focinho.

Smierdiákov observava-o quase com volúpia.

— Nos casos ordinários da vida — declarou ele, num tom satisfeito e doutorai, como quando discutia sobre a fé com Gregório Vassílievitch em casa de seu amo —, as agressões físicas estão realmente proibidas pela lei, renunciaram a tais brutalidades. mas nos casos excepcionais, entre nós como no mundo inteiro, até mesmo na República Francesa, continuam a atacar-se violentamente como no tempo de Adão e Eva, e será sempre assim. No entanto, o senhor, mesmo num caso excepcional, não ousou.

— São palavras francesas que estás aprendendo ali? — perguntou Ivã, designando um caderno sobre a mesa.

— Por que não? Completo minha instrução com a idéia de que um dia talvez visitarei também eu aquelas felizes regiões da Europa.

— Escuta, monstro — disse Ivã, que tremia de cólera —, não temo tuas acusações, depõe contra mim tudo quanto queiras. Se não te matei, ainda há pouco, foi unicamente porque suspeito de ti como autor desse crime e quero entregar-te à justiça. Eu te desmascararei.

— Na minha opinião, o senhor faria melhor calando-se. Porque, que pode o senhor dizer contra um inocente e quem o acreditará? Mas se o senhor me acusar, contarei tudo. Preciso bem defender-me!

— Pensas que tenho medo de ti agora?

— Admitamos que a justiça não acredite em minhas palavras; em compensação o público acreditará e será uma vergonha para o senhor.

'— Isto quer dizer que "dá gosto falar com um homem de espírito", não é? — perguntou Ivã, rangendo os dentes.

— O senhor o disse. Dê prova de espírito.

Ivã Fiódorovitch levantou-se, fremente de indignação, vestiu seu sobretudo e, sem mais responder a Smierdiakov, sem mesmo olhá-lo, precipitou-se para fora da isbá. O vento fresco da noite refrescou-o. Fazia luar. As idéias e sensações turbilhonavam nele. "Ir denunciar agora Smierdiakov? Mas que dizer? Ele é, contudo, inocente. Será ele quem me acusará, pelo contrário. Com efeito, por que parti então para Tchermachniá? Com que fim? Certamente, esperava eu alguma coisa, ele tem razão... " Pela centésima vez, lembrava-se de como, na derradeira noite passada em casa de seu pai, se mantinha ele na escada, à escuta, e isto lhe causava tal sofrimento que chegou mesmo a parar, como que traspassado: "Sim, esperava aquilo, então, é verdade! Quis o assassinato! Eu o quis mesmo? Preciso matar Smierdiakov!... Se não tiver a coragem disso, não vale a pena viver!... " Ivã seguiu diretamente para a casa de Catarina Ivânovna, que ficou espantada com o ar desvairado dele. Repetiu-lhe toda a sua conversa com Smierdiakov, até a mínima palavra. Se bem que se esforçasse ela por acalmá-lo, andava ele para lá e para cá, proferindo frases incoerentes. Sentou-se afinal, pôs os cotovelos sobre a mesa, com a cabeça entre as mãos e fez uma reflexão estranha:

— Se não foi Dimítri, mas Smierdiakov, sou seu cúmplice, porque fui eu que o impeli ao crime. Impéli-o eu mesmo? Não o sei ainda. Mas se foi ele que matou e não Dimítri, sou também um assassino.

A estas palavras, Catarina Ivânovna levantou-se em silêncio, foi à sua escrivaninha e tirou de uma caixinha um papel que colocou diante de Ivã. Era o. documento a respeito do qual falara mais tarde a Aliócha como duma prova formal da culpabilidade de Dimítri. Era uma carta escrita a Catarina ivânovna por Mítia, em estado de embriaguez, na noite de seu encontro com Aliócha, quando este voltava ao mosteiro depois da cena em que Grúchenhka insultara sua rival. Depois de tê-lo deixado, correu Mítia à casa de Grúchenhka, não se sabe se ele a viu, mas acabou a noite no botequim A Capital, onde se embriagou completamente. Nesse estado pediu uma pena, papel e rabiscou um documento importante. Era uma carta prolixa, incoerente, digna de um bêbado. Dir-se-ia um ébrio, que, de

volta à sua casa, conta com animação à sua mulher ou aos que o cercam que um canalha acaba de insultá-lo, a ele, homem decente, mas que haverá de arrancar-lhe o couro; o homem fala a mais não poder, pontuando de murros sobre a mesa sua narrativa incoerente, comovido até as lágrimas. O panei de carta que lhe tinham dado no botequim era uma folha grosseira, suja, trazendo nas costas uma conta. Faltando espaço para aquele falatório de bêbado, Mítia enchera as margens e escrevera as derradeiras linhas atravessando o texto. Eis o que dizia a carta:

Cátia fatal, amanhã arranjarei dinheiro c te restituirei os teus 3 000 rublos. Adeus, mulher rancorosa, adeus também, meu amor! Acabemos com isso! Amanhã, irei pedir dinheiro a todo mundo, se me recusarem, dou-te minha palavra de honra de que irei à casa de meu pai, quebrar-lhe-ei a cabeça e me apoderarei do dinheiro debaixo de seu travesseiro, contanto que Ivã tenha partido. Irei parar no presídio, mas restituir-te-ei os teus 3 000 rublosf Adeus. Saúdo-te até o chão, em comparação contigo sou um miserável. Perdoa-me. Ou antes, não, não me perdoes; estaremos mais à vontade, tu e eu! Prefiro o presídio ao teu amor, por que amo outra, tu a conheces demasiado desde hoje. Como poderias perdoar? Matarei aquele que me despojou! Abandonarei vocês todos para partir para o Oriente, não mais ver ninguém, "ela" tampouco, porque não és a única a me fazer sofrer. Adeus!

P. S. Eu te amaldiçôo, e contudo adoro-te! Sinto meu coração bater, resta nele uma corda que vibra por ti. Ah! Ê preferível que ele rebente! Eu me matarei, mas matarei em primeiro lugar o monstro, arrancar-lhe-ei os 3 000 rublos e os atirarei a teus pés. Serei um miserável a teus olhos, mas não um ladrão! Aguarda os 3 000. Estão na casa do cão maldito, debaixo de seu colchão, amarrados por uma fita côr-de-rosa. Não sou eu o ladrão, matarei o homem que me roubou. Cátia, não me desprezes. Dimítri é um assassino, mas não é um ladrão! Matou seu pai e se perdeu, para não ter de suportar o teu orgulho. E para não te amar.

PP. S. Beijo-te os pés, adeus!

PP. SS. Cátia, roga a Deus para que me dêem dinheiro. Então não derramarei sangue, mas, se mo recusarem, eu o derramarei. Mata-me!

Teu escravo e teu inimigo.

D. KARAMÁZOV

Depois de ter lido esse "documento", Ivã ficou convencido. Fora seu irmão quem matara e não Smierdiákov. Se não fora Smierdiákov, não fora

pois ele, Ivã. Aquela carta constituía a seus olhos uma prova categórica. Para ele, não podia mais haver dúvida alguma sobre a culpabilidade de Mítia. A propósito, Ivã jamais suspeitara de uma cumplicidade entre Mítia e Smierdiákov, isto não concordava com os fatos. Estava completamente tranqüilizado. No dia seguinte, só se lembrou com desprezo de Smierdiákov e de suas zombarias. Ao fim de alguns dias, admirou-se mesmo de ter podido ofender-se tão cruelmente com as suspeitas dele. Resolveu esquecê-lo totalmente. Passou-se assim um mês. Soube por acaso que Smierdiákov estava doente de corpo e espírito. "Esse indivíduo ficará louco", dissera a respeito dele o jovem médico Varvínski. Cerca do fim do mês, o próprio Ivã começou a sentir-se bastante mal. Consultara mesmo o médico mandado vir de Moscou por Catarina Ivânovna. Pela mesma época as relações entre eles azedaram-se ao extremo. Eram como dois inimigos amorosos um do outro. Os regressos de Catarina Ivânovna para Mítia, passageiros mas violentos, exasperavam Ivã. Coisa estranha, até a derradeira cena em presença de Aliócha, quando voltou este da prisão, ele, Ivã, jamais ouvira, durante todo o mês, Catarina Ivânovna duvidar da culpabilidade de Mítia, malgrado seus regressos a ele, que lhe eram tão odiosos. Era também de notar que, sentindo seu ódio por Mítia crescer cada dia, compreendesse Ivã ao mesmo tempo que o odiava não por causa dos regressos a ele de Catarina Ivânovna, mas por ter matado o pai deles! Dava-se perfeitamente conta disso. Não obstante, dez dias antes do julgamento, fora ver Mítia e lhe propusera um plano de evasão, evidentemente concebido desde muito tempo. Fora esse passo inspirado em parte pelo despeito que lhe causava a insinuação de Smierdiákov, de que ele, Ivã, tinha interesse em que seu irmão fosse condenado, porque sua parte da herança e a de Aliócha subiria de 40 000 para 60 000 rublos. Decidira sacrificar 30 000 para fazer Mítia evadir-se. Ao voltar da prisão, estava triste e perturbado, teve de súbito a impressão de que desejava aquela evasão não somente para fazer desaparecer assim o seu despeito, mas por outra razão. "Seria porque, no fundo de minha alma, seja também um assassino?", perguntara a si mesmo. Estava vagamente inquieto e ulcerado. Sobretudo, durante aquele mês, seu orgulho muito sofrerá, mas tornaremos a falar disso...

Quando Ivã Fiódorovitch, após sua conversa com Aliócha e já à porta de sua casa, resolvera ir à casa de Smierdiákov, obedecia a uma indignação súbita que dele se havia apoderado. Lembrou-se de repente de que Catarina lvânovna acabava de exclamar em presença de Aliócha:

"Foste tu, tu somente, que me persuadiste de que ele (isto é, Mítia) era o assassino!" Ao lembrar-se disso, ficou Ivã estupefato; jamais lhe assegurara a culpabilidade de Mítia, pelo contrário, chegara a suspeitar de si mesmo em presença dela, ao voltar da casa de Smierdiákov. Em compensação, fora "ela" que lhe exibira então aquele documento e demonstrara a culpabilidade de seu irmão! E agora ela exclamava: "Eu mesma fui à casa de Smierdiákov!" Quando isso? Ivã nada sabia. Não estava ela então bem convencida. E que tinha podido dizer-lhe Smierdiákov? Teve um acesso de furor. Não compreendia como, uma meia hora antes, pudera deixar passar aquelas palavras sem se espantar. Largou o cordão da campainha e dirigiu-se à casa de Smierdiákov. "Eu o matarei talvez, agora!", pensava pelo caminho.

VIII

TERCEIRA E ÚLTIMA ENTREVISTA COM SMIERDIÁKOV

Durante o trajeto, um vento áspero e fresco começou a soprar, o mesmo que de manhã, trazendo uma neve fina, espessa e seca. Caía ela sem aderir ao solo, o vento fazia-a turbilhonar e dentro em breve desencadeou-se uma verdadeira tormenta. Na parte da cidade em que morava Smierdiákov, quase não há lampiões. Ivã marchava no escuro, orientando-se instintivamente. A cabeça doía-lhe. As têmporas latejavam-lhe, seu pulso estava precipitado. Um pouco antes de chegar à casinha de Maria Kondrátievna, encontrou um mujique embriagado, de cafetã remendado, que caminhava em ziguezague, invectivando, interrompendo-se por vezes para entoar uma canção com sua voz rouca: *Para Piter*[43] *partiu Vanka, Por ele não esperarei.*

Mas parava sempre no segundo verso e recomeçava suas imprecações. Desde bom tempo, sentia Ivã Fiódorovitch inconscientemente verdadeiro ódio contra aquele indivíduo; de repente deu-se conta disso. Imediatamente, teve uma vontade irresistível de matá-lo. Justamente naquele momento encontraram-se lado a lado, e o mujique, cambaleando, deu violento encontrão em Ivã. Este repeliu com raiva o bêbado, que caiu sobre a terra gelada, exalou um gemido e calou-se. Jazia de costas, desmaiado. "Ele vai gelar!", pensou Ivã, que prosseguiu seu caminho.

---

[43] *Petersburgo, na linguagem do povo.*

No vestíbulo, Maria Kondrátievna, que viera abrir, com uma vela na mão, disse-lhe em voz baixa que Páviel Fiódorovitch (isto é, Smierdiákov) estava muito mal e parecia fora de juízo, tendo mesmo recusado tomar o chá.

— Está fazendo barulho, então? — indagou Ivã.

— Pelo contrário, está completamente calmo, mas não o retenha demasiado tempo... — pediu Maria Kondrátievna.

Ivã entrou na isbá.

Estava esta sempre bastante aquecida, mas notavam-se algumas mudanças no quarto; um dos bancos dera lugar a um grande divã de falso acaju, recoberto de couro, arranjado como cama, com travesseiros bastante limpos. Smierdiákov estava sentado, sempre metido no seu velho roupão de quarto. Tinham posto a mesa diante do divã, de sorte que restava pouco espaço. Em cima, um grosso volume de capa amarela. Acolheu ele Ivã com um longo olhar silencioso, não parecendo absolutamente surpreendido pela sua visita. Tinha mudado muito fisicamente, com o rosto bastante emagrecido e amarelo, os olhos cavados, as pálpebras inferiores arroxeadas.

— Estás verdadeiramente doente? — disse Ivã Fiódorovitch. — Não te reterei muito tempo, conservarei mesmo meu sobretudo. Posso sentarme?

Aproximou uma cadeira da mesa e sentou-se.

— Por que não falas? Só tenho uma pergunta a fazer-te, mais juro-te que não partirei sem resposta. Catarina Ivânovna veio ver-te?

Smierdiákov não respondeu, fez um gesto apático e virou-se.

— Que tens?

— Nada.

— Nada, como?

— Está bem! Sim, ela veio, que é que tem o senhor com isso? Deixeme tranqüilo.

— Não, não te deixarei. Fala, quando veio ela?

— Ora, já perdi a lembrança.

Smierdiákov sorriu com desdém. De repente, voltou-se para Ivã, com o olhar carregado de ódio, como um mês antes.

— Creio que o senhor também está doente. Como tem as faces cavadas, o ar desfeito!

— Deixa minha saúde e responde à minha pergunta.

— Por que seus olhos estão tão amarelos? O senhor deve estar-se atormentando.

Pôs-se a rir, escarninho.

— Escuta, já te disse que não partirei sem resposta — exclamou Ivã exasperado.

— Por que essa insistência? Por que me tortura? — disse Smierdiákov, num tom doloroso.

— Que diabo! Não és tu quem me interessa. Responde e ir-me-ei imediatamente.

— Nada tenho a responder-lhe.

— Asseguro-te que te obrigarei a falar.

— Por que se inquieta o senhor? — Smierdiákov fitou-o com desgosto, mais do que com desprezo. — Porque é amanhã o julgamento? Mas o senhor não arrisca nada, tranqüilize-se pois, afinal! Vá tranqüilamente para sua casa, durma em paz, nada tem a temer.

— Não te compreendo... por que haveria eu de temer amanhã? — disse Ivã, espantado e, de repente, sentiu-se gelado de medo. Smierdiákov mirava-o de alto a baixo.

— O senhor não com-pre-ende? — disse ele, num tom de censura.

— Que necessidade experimenta um homem inteligente de representar semelhante comédia?

Ivã olhava-o sem falar. O tom inesperado, tão arrogante, com que lhe falava seu antigo lacaio, exorbitava do comum.

— Digo-lhe que o senhor nada tem a temer. Não deporei contra o senhor, não há provas. Veja como suas mãos tremem. Por que isso? Volte à sua casa, não é o senhor o assassino!

Ivã estremeceu, lembrou-se de Aliócha.

— Sei que não sou eu... — murmurou ele.

— O senhor o sa-be?

Ivã levantou-se e agarrou-o pelo ombro.

— Fala, réptil! Dize tudo!

Smierdiákov não se mostrou nada amedrontado. Olhou somente Ivã com um ódio louco.

— Então, foi o senhor que matou, se é assim — murmurou ele com raiva.

Ivã deixou-se recair sobre sua cadeira, parecendo meditar. Sorriu maldosamente.

— Sempre a mesma história, como da outra vez?

— Sim, o senhor compreendia tudo da vez passada, compreende agora ainda.

— Compreendo somente que estás louco.

— E isto não o aborrece? Estamos aqui, creio, na intimidade, de que serve enganar-nos, representar uma comédia mutuamente? Ou então quer ainda lançar tudo sobre mim só, à minha cara? O senhor matou, é o senhor o principal assassino, não fui senão seu auxiliar, seu fiel instrumento, o senhor sugeriu, eu realizei.

— Realizou? Foste tu que mataste?

Sentiu como uma comoção no cérebro, um arrepio glacial percorreu-o todo. Por sua vez, Smierdiákov observava-o com espanto. O terror de Ivã impressionava-o afinal pela sua sinceridade.

— Não sabia, pois, de nada? — disse ele com desconfiança. Ivã continuava a olhá-lo, sua língua estava como que paralisada.

Para Piter partiu Vanka, Por ele não esperarei,

creu ele, de súbito, ouvir.

— Sabes, tenho medo de que sejas um fantasma — murmurou ele.

— Não há fantasma aqui, exceto nós dois, e ainda um terceiro. Sem dúvida, está aí, agora.

— Quem? Que terceiro? — proferiu Ivã cheio de medo, olhando em

redor de si, como se procurasse alguém.

— É Deus, a Providência, que está aqui, perto de nós, mas é inútil procurá-lo, o senhor não o encontrará.

— Mentiste, não foste tu que mataste! — vociferou Ivã. — Estás louco, ou me exasperas à vontade, como da outra vez!

Smierdiákov, nada amedrontado, observava-o atentamente. Não podia dominar sua desconfiança, parecia-lhe que Ivã sabia de tudo e simulava ignorância para rejeitar todas as culpas sobre ele só.

— Espere — disse ele afinal, com uma voz fraca e, retirando sua perna esquerda de sob a mesa, pôs-se a arregaçar sua calça. Smierdiákov usava meias brancas e chinelos. Sem pressa, tirou sua liga e meteu a mão em sua meia. Ivã Fiódorovitch, que o olhava, estremeceu, de súbito, de terror.

— Demente! — berrou ele. Levantou-se dum salto, recuou vivamente batendo com as costas na parede, onde ficou como que pregado, com os olhos fixos em Smierdiákov, cheio dum terror louco. Imperturbável, continuava Smierdiákov a cascavilhar na meia, esforçando-se por pegar alguma coisa. Conseguiu-o por fim e Ivã viu-o retirar papéis ou um maço de papéis, que depositou em cima da mesa.

— Eis! — disse ele em voz baixa.

— O quê?

— Queira olhar.

Ivã aproximou-se da mesa, pegou o maço e começou a desfazê-lo, mas de repente retirou seus dedos como ao contato de um réptil repugnante, temível.

— Seus dedos tremem convulsivamente — notou Smierdiákov e ele mesmo, sem se apressar, desdobrou o papel. Sob o envelope, havia três pacotes de cédulas de 100 rublos.

— Está tudo aí, os 3 000, não precisa contar. Tome — disse designando as cédulas. Ivã tombou sobre sua cadeira. Estava branco como linho.

— Fizeste-me medo... com essa meia... — proferiu ele, com estranho sorriso.

— Então, deveras, não sabia ainda?

— Não, não sabia, acreditava que tivesse sido Dimítri. Ah! meu irmão! meu irmão! — Pegou a cabeça entre as mãos. — Escuta: tu mataste só, sem meu irmão?

— Somente com o senhor, com o senhor só. Dimítri Fiódorovitch está inocente.

— Está bem... está bem... Falaremos de mim em seguida. Mas por que tremo dessa maneira?... Não posso articular as palavras.

— O senhor era atrevido então, "tudo é permitido", dizia o senhor, agora está com medo! — murmurou Smierdiákov estupefato. — Quer limonada? Vou pedir. Refresca. Mas seria preciso cobrir primeiro isto.

Designava o maço de cédulas. Fez um movimento para a porta, a fim de chamar Maria Kondrátievna e dizer-lhe para trazer limonada; procurando com que ocultar o dinheiro, tirou a princípio seu lenço, mas, como este estivesse sujo demais, pegou de cima da mesa o grosso volume amarelo que Ivã havia notado ao entrar, e cobriu com ele as cédulas. Aquele livro tinha como título: *Sermões de Nosso Santo Padre Isaac, o Sírio.*

— Não quero limonada — disse Ivã. — Senta-te e fala: como o fizeste? Dize tudo...

— O senhor deveria tirar seu sobretudo, senão ficará alagado de suor.

Ivã tirou seu sobretudo que atirou sobre o banco, sem se levantar.

— Fala, rogo-te, fala!

Parecia calmo. Estava certo de que Smierdiákov diria tudo agora.

— Como se passaram as coisas? — Smierdiákov suspirou. — Da maneira mais natural, segundo suas próprias palavras...

— Voltaremos a falar de minhas palavras — interrompeu Ivã, mas sem se zangar desta vez, como se estivesse totalmente senhor de si. — Conta somente, em detalhe e com ordem, como deste o golpe. Sobretudo não esqueças os detalhes, rogo-te.

— O senhor tinha partido, caí na adega...

— Era uma crise, ou então simulavas?

— Simulava, é claro. Desci tranqüilamente até embaixo, estendi-me, depois do que comecei a gritar. E debati-me, enquanto me transportavam.

— Um instante. Simulaste também mais tarde, no hospital?

— Absolutamente. No dia seguinte de manhã, ainda em casa, fui dominado por uma crise verdadeira, a mais forte desde anos. Fiquei dois dias inconsciente.

— Bem, bem. Continua.

— Puseram-me sobre um divã, por trás do biombo; esperava por isso mesmo, porque, quando eu estava doente, Marfa Ignátievna me instalava sempre para passar a noite no quarto deles. Sempre foi boa para mim, desde que nasci. Durante a noite, eu gemia, mas mansamente. Esperava sempre Dimítri Fiódorovitch.

— Onde o esperavas, em tua casa?

— Por que em minha casa? Esperava sua vinda à casa do pai. Estava certo de que ele viria naquela mesma noite, porque, privado de minhas informações, devia fatalmente introduzir-se por meio de escalada e empreender alguma coisa.

— E se ele não tivesse vindo?

— Então, nada teria acontecido. Sem ele, eu não teria agido.

— Bem, bem... fala sem te apressares, sobretudo não omitas nada.

— Contava que ele mataria Fiódor Pávlovitch... decerto, porque eu o tinha preparado bem para isso... nos últimos dias... e sobretudo, conhecia os sinais. Desconfiado e arrebatado como era, não podia deixar de penetrar na casa. Esperava por isso.

— Um instante. Se ele tivesse matado, teria também tirado o dinheiro; devias raciocinar assim. Que teria restado para ti? Não o vejo.

— Mas não teria jamais encontrado o dinheiro. Disse-lhe que o dinheiro estava debaixo do colchão. Mentia. Antes estava numa caixinha. Em seguida, como Fiódor Pávlovitch só confiava em mim no mundo, sugeri-lhe esconder o dinheiro por trás dos ícones, porque ninguém teria a idéia de procurá-lo ali, sobretudo, num momento de pressa. Meu conselho havia agradado a Fiódor Pávlovitch. Teria sido ridículo guardar o dinheiro debaixo do colchão, numa caixinha fechada à chave. Mas todos acreditaram nessa caixinha. Raciocínio estúpido. Portanto, se Dimítri

Fiódorovitch tivesse assassinado, teria fugido ao menor alerta, como todos os assassinos, ou então tê-lo-iam surpreendido e detido. Podia eu assim, no dia seguinte, ou na mesma noite, ir furtar o dinheiro, sendo tudo imputado a Dimítri Fiódorovitch.

— Mas se ele tivesse apenas golpeado, sem matar?

— Neste caso, não teria eu certamente ousado tirar o dinheiro, mas contava que ele golpearia Fiódor Pávlovitch até fazê-lo perder os sentidos; então eu me apossaria da bolada e lhe teria explicado em seguida que fora Dimítri Fiódorovitch quem roubara.

— Espere... não estou entendendo mais. Foi então Dimítri quem matou? Tu somente roubaste?

— Não, não foi ele. Decerto, eu poderia dizer-lhe, ainda agora, que foi ele... mas não quero mentir, porque... porque mesmo se, como o vejo, o senhor nada compreendeu até o presente e não simula para lançar todas as culpas sobre mim, é, no entanto, culpado de tudo; com efeito, o senhor estava prevenido do assassinato, o senhor me encarregou da execução e partiu. De modo que quero demonstrar-lhe esta noite que o principal, o único assassino foi o senhor, e não eu, se bem que tenha matado. Legalmente, é o senhor o assassino.

— Como assim? Por que sou eu o assassino? — não pôde Ivã Fiódorovitch impedir-se de perguntar, esquecendo sua decisão de deixar para o fim da conversa o que lhe dizia respeito pessoalmente. — É sempre a propósito de Tchermachniá. Pára! Dize-me por que era preciso o meu consentimento, uma vez que havias tomado minha partida como um consentimento? Como me explicarás tu isso?

— Seguro de seu consentimento, sabia que, quando o senhor voltasse, não faria histórias com a perda desses 3 000 rublos, se por acaso a justiça suspeitasse de mim em lugar de Dimítri Fiódorovitch ou de cumplicidade com ele; pelo contrário, o senhor teria tomado minha defesa... Tendo herdado, graças a mim, poderia o senhor em seguida recompensar-me para o resto da vida, porque, se seu pai tivesse casado com Agrafiena Alieksándrovna, o senhor nada viria a receber.

— Ah! tinhas então a intenção de atormentar-me toda a vida! — disse Ivã de dentes cerrados. — E se eu não tivesse partido e te tivesse denunciado?

— Que poderia o senhor dizer? Que eu o aconselhara a partir para Tchermachniá? Bobagens, tudo isso. Aliás, se o senhor tivesse ficado, nada teria acontecido, teria eu compreendido que o senhor não queria e manter-me-ia tranqüilo. Mas sua partida assegurava-me que o senhor não me denunciaria e fecharia os olhos a respeito desses 3 000 rublos. Não teria podido perseguir-me em seguida, porque teria eu contado tudo à justiça, não o roubo ou o assassinato, isto não o teria eu dito, mas que o senhor me havia impelido e que eu não consentira. Desta maneira, não poderia o senhor confundir-me, por falta de provas, e eu teria revelado com que ardor o senhor desejava a morte de seu pai, e todo mundo tê-lo-ia crido, dou-lhe minha palavra.

— Desejava eu tão intensamente a morte de meu pai?

— Decerto, e seu silêncio me autorizava a agir.

Smierdiákov estava muito enfraquecido e falava com lassidão, mas uma força interior galvanizava-o, tinha algum desígnio oculto, Ivã o pressentia.

— Continua tua narrativa.

— Continuemos! Estou deitado e ouço um grito do *bárin.* Gregório saíra um pouco antes. De repente, põe-se ele a gritar, depois tudo volta a silenciar. Espero, imóvel, meu coração bate, não podia agüentar mais. Levanto-me, saio; à esquerda, a janela de Fiódor Pávlovitch estava aberta, avancei para escutar se dava ele sinal de vida, ouço o *bárin* agitar-se e suspirar. "Está vivo", penso. Aproximo-me da janela e grito ao *bárin:* "Sou eu". E ele me diz: "Veio, veio e fugiu". (Referia-se a Dimítri Fiódorovitch.) "Matou Gregório!" "Donde?", pergunto-lhe em voz baixa. "Lá embaixo, no canto", e mostra-me. "Espere!", digo. Pus-me à sua procura e tropecei, perto do muro, em Gregório, que jazia desmaiado e todo ensangüentado. "É então verdade que Dimítri Fiódorovitch veio", pensei, e resolvi levar a coisa a cabo. Mesmo que Gregório estivesse vivo ainda, nada veria, uma vez que estava sem sentidos. O único risco era Marfa Ignátievna levantar-se. Senti-o naquele momento, mas um frenesi apoderara-se de mim, a ponto de fazer-me perder a respiração. Voltei à janela do *bárin:* "Ela está aqui, Agrafiena Alieksándrovna veio, quer entrar". Ele estremeceu. "Onde, aqui, onde?" Susnira. ainda sem acreditar. "Ora, aqui, abra pois!" Olha-me pela janela, indeciso, temendo abrir; "tem medo de mim", pensei. É engraçado; de repente, imaginei fazer sobre a vidraça o sinal da chegada de Grúchenhka, diante dele, sob seus olhos; não acreditava ele nas pala-

vras, mas, logo que eu bati, correu a abrir a porta. Eu queria entrar, ele barra-me a passagem. "Onde está ela, onde está ela?" Olha-me e palpita. "Ah! pensei, se tem tal medo de mim, isto vai mal!" E minhas pernas bambeavam, tremia ao pensar que ele não me deixasse entrar, ou que chamasse, ou que Marfa Ignátievna chegasse. Não me lembro, mas devia estar muito pálido. Cochichei: "Ela está lá embaixo, sob a janela, como foi que não a viu?" "Traze-a, traze-a!" "Ela está com medo, os gritos amedrontaram-na, escondeu-se numa moita; chame-a o senhor mesmo do gabinete. " Correu para ali, pousou a vela sobre a janela: "Grúchenhka, Grúchenhka! estás aí?", gritava ele. Não queria debruçar-se, nem afastar-se de mim, não ousava, por causa do medo que eu lhe inspirava. "Ei-la", digo-lhe, "ei-la lá na moita, sorri para o senhor, está vendo?" Acreditou em mim de repente e se pôs a tremer, tão louco estava por aquela mulher; debruçou-se inteiramente. Agarrei então o pesa-papéis de ferro fundido, que estava em cima da mesa, o senhor se lembra?, pesa bem umas 3 libras, e assestei-lhe com todas as minhas forças uma pancada na cabeça, com o canto. Não lançou um grito, tombou. Dei-lhe mais dois golpes e senti que estava ele com o crânio partido. Tombou de costas, todo coberto de sangue. Examinei-me: nem um respingo; enxuguei o pesa-papéis, repu-lo em seu lugar, depois tirei o envelope de trás dos ícones, retirando dele o dinheiro e atirando-o ao chão com a fita côr-de-rosa. Fui ao jardim todo a tremer, diretamente àquela macieira ôca, que o senhor conhece. Tinha-a notado e pus de reserva papel e um trapo; enrolei a soma neles e meti-a no fundo do ôco. Ficou lá quinze dias, até minha saída do hospital. Voltei a deitar-me, pensando com terror: "Se Gregório estiver morto, poderá isto ir muito mal; mas, se voltar a si, estará tudo muito bem, porque Dimítri Fiódorovitch veio e, por conseqüência, matou e roubou". Na minha impaciência, pus-me a gemer para despertar Marfa Ignátievna. Esta se levantou por fim, chegou até junto de mim, depois, notando a ausência de Gregório, correu para o jardim, onde eu a ouvi gritar. Já estava eu tranqüilizado.

Smierdiákov parou. Ivã havia-o escutado num silêncio de morte, sem se mover, sem desfitar dele os olhos. Smierdiákov lançava-lhe por vezes uma olhadela, mas olhava sobretudo de lado. Terminada sua narrativa, pareceu emocionado, respirando com dificuldade, o rosto coberto de suor. Não se podia adivinhar se ele sentia remorsos.

— Um instante — retomou Ivã, refletindo. — E a porta? Se ele só abriu a ti, como pôde Gregório tê-la visto aberta antes? Por que a viu ele

bem em primeiro lugar? — Ivã interrogava com o tom mais calmo, nada irritado, de sorte que se alguém os tivesse observado naquele momento, do limiar, teria concluído que eles se entretinham pacificamente a respeito dum assunto qualquer.

— Quanto àquela porta que Gregório pretende ter visto aberta, não passa de um efeito de sua imaginação — disse Smierdiákov, com um sorriso. — Porque é um homem muito teimoso, terá acreditado ver e o senhor não conseguirá demovê-lo disso. É uma felicidade para nós que tenha ele formado uma idéia errônea; o depoimento dele acaba de confundir Dimítri Fiódorovitch.

— Escuta — disse Ivã, parecendo de novo atrapalhar-se —, escuta... Tinha ainda muitas coisas a perguntar-te, mas esquecia-as... Ah! sim, dize-me somente, por que abriste e lançaste ao chão o envelope? Por que não ter saído com tudo?... De acordo com tua narrativa, pareceu-me que o tinhas feito de propósito, mas não lhe posso compreender a razão...

— Não agi sem motivos. Um homem inteirado de tudo, como eu, por exemplo, que talvez pôs o dinheiro no envelope, viu quando o lacravam e escreviam o endereço, por que tal homem, se cometeu o crime, haveria de deslacrar logo o envelope, com tal precipitação e estando seguro do conteúdo? Pelo contrário, metê-lo-ia simplesmente em seu bolso e se esquivaria. Dimítri Fiódorovitch teria agido de outro modo; não conhece o envelope senão por ouvir dizer e apressar-se-á em deslacrá-lo, assim que o encontrar, para verificar o conteúdo, depois atirá-lo-á no chão, sem refletir que ele constituirá uma peça acusadora, porque é um ladrão novato, jamais operou abertamente e é nobre de nascimento. Não teria vindo precisamente roubar, mas retomar seus bens, como o havia previamente declarado diante de todo mundo, vangloriando-se de ir à casa de Fiódor Pávlovitch para fazer justiça com suas próprias mãos. Por ocasião de meu depoimento, sugeri esta idéia ao procurador, mas sob forma de alusão, e de tal sorte que ele acreditou ter sido ele próprio quem a encontrou; estava encantado...

— Refletiste verdadeiramente em tudo isso no local e naquele momento? — exclamou Ivã Fiódorovitch estupefato. Observava de novo Smierdiákov, cheio de espanto.

— Por favor, pode-se pensar em tudo numa tal pressa? Tudo isso estava combinado de antemão.

— Pois bem!... Pois bem! Foi o próprio diabo que te emprestou seu concurso! Não és bobo, és muito mais inteligente do que eu pensava...

Levantou-se para dar alguns passos pelo quarto, mas, como mal se podia passar entre a mesa e a parede, deu meia volta e tornou a sentar-se. Foi o que talvez o exasperou; pôs-se de novo a vociferar.

— Escuta, miserável, vil criatura! Não compreendes então que se ainda não te matei, é porque te guardo para responder amanhã perante a justiça? Deus o vê (levantou a mão), talvez tenha eu sido culpado, talvez tenha desejado secretamente... a morte de meu pai, mas, juro-to, não te impeli absolutamente, não, não! Não importa, denunciar-te-ei eu mesmo amanhã, está decidido! Direi tudo, mas compareceremos juntos! E digas ou testemunhes o que quiseres a meu respeito, eu o aceito e não te temo; confirmarei tudo eu mesmo! Mas tu também, será preciso que confesses! É preciso, é preciso, iremos juntos! Será assim!

Ivã exprimia-se com energia e solenidade: somente pelo seu olhar se via que manteria sua palavra.

— O senhor está doente, vejo, bem doente. Tem os olhos completamente amarelos — disse Smierdiákov, mas sem ironia e até mesmo com compaixão.

— Iremos juntos! — repetiu Ivã. — E se não vieres, confessarei tudo sozinho.

Smierdiákov pareceu refletir.

— Isto não se dará, o senhor não irá — disse ele, num tom categórico.

— Tu não me compreendes!

— O senhor terá demasiada vergonha de confessar tudo, aliás isso não serviria de nada, porque negarei ter falado tais coisas com o senhor, direi que o senhor está doente (vê-se bem) ou que se sacrifica por compaixão por seu irmão e me acusa porque jamais vali nada a seus olhos. E quem lhe dará crédito? que prova tem o senhor?

— Escuta, tu me mostraste esse dinheiro para convencer-me. Smierdiákov retirou o volume, descobrindo o maço.

— Tome este dinheiro — disse ele suspirando.

— Decerto que o tomo! Mas por que mo dás, uma vez que mataste para obtê-lo? — E Ivã observou-o com estupefação.

— Não tenho mais necessidade dele — disse Smierdiákov, com voz trêmula. — Pensava a princípio, com este dinheiro, estabelecer-me em Moscou, ou mesmo no estrangeiro, era meu sonho, pois que tudo é permitido. Foi o senhor quem, com efeito, me ensinou isso e muitas vezes explicou-o: se Deus não existe, não há virtude e ela é inútil. Raciocinei assim.

— Chegaste a isso sozinho? — perguntou Ivã, com um sorriso constrangido.

— Sob a influência do senhor.

— Então tu crês em Deus, agora, pois que entregas o dinheiro?

— Não, não creio nele — murmurou Smierdiákov.

— Por que então o entregas?

— Deixe isso! — cortou Smierdiákov num gesto de lassidão. — O senhor mesmo repetia então que tudo é permitido. Por que está tão inquieto agora? Quer mesmo denunciar-se? Mas não há perigo! O senhor não irá! — afirmou ele, categórico.

— Haverás de ver!

— É impossível. O senhor é demasiado inteligente. Ama o dinheiro, eu o sei, as honras também, porque o senhor é muito orgulhoso, é doido pelo belo sexo, ama acima de tudo viver à sua vontade e independente. Não haverá de querer estragar toda a sua vida, atraindo sobre si tal ignomínia. De todos os filhos de Fiódor Pávlovitch é o senhor aquele que mais se lhe assemelha, é a mesma alma.

— Não és na verdade bobo — disse Ivã, com estupor; o sangue subiu-lhe ao rosto. — Pensava que eras um tolo.

— Era por orgulho que o senhor o acreditava. Tome, pois, o dinheiro.

Ivã pegou o maço de cédulas e meteu-o no seu bolso, sem embrulhá-lo.

— Mostrá-las-ei amanha no tribunal — disse ele.

— Ninguém lhe dará crédito. Não é o dinheiro que lhe falta no momento, o senhor põe no seu cofrezinho esses 3 000 rublos.

Ivã levantou-se.

— Repito-te que não te matei unicamente porque tenho necessidade de ti amanhã, não o esqueças!

— Pois bem! Mate-me, mate-me agora — disse Smierdiákov, com um ar estranho. — O senhor nem mesmo o ousa — acrescentou com um sorriso amargo —, o senhor não ousa mais nada, o senhor, tão ousado outrora!

— Até amanhã!... — E Ivã marchou para a porta.

— Espere... mostre-mas ainda uma vez.

Ivã tirou as cédulas, mostrou-lhas; Smierdiákov mirou-as uma dezena de vezes.

— Pois bem! vá... Ivã Fiódorovitch! — gritou ele, de repente.

— Que queres? — Ivã, que ia saindo, voltou-se.

— Adeus.

— Até amanhã.

Ivã saiu. A tormenta continuava. Marchou a princípio com passos seguros, mas se pôs dentro em pouco a combalear. "É algo físico", pensava, sorrindo. Uma espécie de alegria invadia-o. Sentia em si uma firmeza inabalável; as hesitações dolorosas daqueles últimos tempos tinham desaparecido. Sua decisão estava tomada e "já não voltaria atrás", dizia a si mesmo, cheio de felicidade. Naquele momento, tropeçou, esteve a ponto de cair. Parando, distinguiu a seus pés o mujique que ele havia derrubado, jacente no mesmo lugar, inerte. A neve quase lhe recobria o rosto. Ivã ergueu-o e carregou-o em seus ombros. Tendo avistado luz em uma casinhola, foi bater nos postigos e pediu ao proprietário que o ajudasse a transportar o mujique para uma casa particular, prometendo-lhe 3 rublos. Não contarei pormenorizadamente como Ivã Fiódorovitch conseguiu ser bem sucedido em sua empresa e mandou examinar o mujique por um médico, pagando generosamente as despesas. Digamos somente que isso exigiu quase uma hora. Mas Ivã ficou satisfeito. Suas idéias dispersavam-se: "Se não tivesse eu tomado uma resolução tão firme para amanhã", pensou ele de súbito, deliciado, "não teria ficado uma hora a ocupar-me com aquele mujique, teria passado de lado sem me inquietar... Mas como tenho a força de observar-me? E eles, que decidiram que me estou tornando louco!" Ao chegar diante da porta de sua casa, parou para perguntar a si mesmo: "Não faria eu melhor indo desde agora à casa do

procurador e contar tudo?... Não, amanhã, tudo duma vez!" Coisa estranha, quase toda a sua alegria desapareceu no mesmo instante. Quando entrou no seu quarto, uma sensação glacial constringiu-o, como a lembrança, ou antes, a evocação de não sei que de penoso ou repugnante, que se encontrava naquele momento naquele quarto e que lá já estivera. Deixou-se cair sobre o divã. A velha criada trouxe-lhe o samovar, ele fez chá, mas não o bebeu; mandou a criada embora até o dia seguinte. Sentia-se tonto, cansado, indisposto. Foi adormecendo, mas pôs-se a andar para afugentar o sono. Parecia-lhe que delirava. Depois de se ter tornado a sentar, pôs-se a olhar, de tempos em tempos, em redor de si, como para examinar alguma coisa. Por fim seu olhar se fixou em um ponto. Sorriu, mas o rubor da cólera subiu-lhe ao rosto. Por muito tempo ficou imóvel, com a cabeça entre as mãos, fixando sempre o mesmo ponto, sobre o divã colocado contra a parede em frente. Visivelmente, alguma coisa naquele lugar o irritava, o inquietava.

IX

O DIABO. A ALUCINAÇÃO DE IVÃ FIÓDOROVITCH

Não sou médico e, no entanto, sinto que chegou o momento de fornecer algumas explicações sobre a doença de Ivã Fiódorovitch. Digamos imediatamente que estava na iminência de uma febre nervosa, tendo a doença acabado por triunfar de seu organismo enfraquecido. Sem conhecer a medicina, arrisco esta hipótese de que tinha ele talvez conseguido, por um esforço de vontade, conjurar a crise, esperando, bem entendido, a ela escapar. Sabia-se doente, mas não queria abandonar-se à doença naqueles dias decisivos em que devia mostrar-se, falar ousadamente, justificar-se a seus próprios olhos. Tinha ido ver o médico vindo de Moscou a chamado de Catarina Ivânovna. Depois de havê-lo auscultado e examinado, concluiu o facultativo pela existência de um desarranjo cerebral e não ficou nada surpreendido com uma confissão que Ivã lhe fez, no entanto, com repugnância. "As alucinações são muito possíveis no seu estado, mas seria preciso controlá-las... aliás o senhor deve tratar-se seriamente, senão isso se agravará. " Mas Ivã Fiódorovitch não deu importância a esse sábio conselho: "Tenho ainda força para andar. Quando eu cair, será diferente. Tratará de mim quem quiser!"

Tinha quase consciência de seu delírio e fixava obstinadamente certo

objeto, em cima do divã, em frente dele. Ali apareceu de repente um indivíduo, que entrou Deus sabe como, porque não estava ele ali quando chegou Ivã Fiódorovitch, após sua visita a Smierdiákov. Era um senhor, ou uma espécie de cavalheiro russo, *qui frisait Ia cinquen-taine,* [44] como dizem os franceses, um pouco grisalho, os cabelos longos e espessos, a barba em ponta. Trazia um paletó marrom, evidentemente de casa de um bom alfaiate, mas já usado, datando de cerca de três anos e completamente fora de moda. A roupa branca, o comprido lenço de pescoço, tudo lembrava o cavalheiro elegante; mas a roupa, observada de perto, não estava lá muito limpa e o lenço de pescoço bastante gasto. Suas calças de quadrados assentavam-lhe bem, mas eram demasiado claras e demasiado justas, como não se usam mais atualmente, da mesma maneira seu chapéu de feltro branco, malgrado a estação. Em suma, um aspecto ao mesmo tempo decente e de quem estava em dificuldades financeiras. O cavalheiro parecia ser um desses antigos proprietários rurais que floresciam no tempo da servidão; vivera na sociedade, tivera outrora relações conservadas talvez até agora, mas, pouco a pouco, empobrecido após as dissipações da juventude e a recente abolição da servidão, tornara-se uma espécie de parasita de boa companhia, recebido em casa de seus antigos conhecidos por causa de seu gênio acomodatício e a título de homem decente, que se pode admitir à sua mesa em qualquer ocasião, embora num lugar modesto. Esses parasitas, de gênio afável, que sabem contar uma história, organizar uma partida, detestar as incumbências de que os encarregam, são em geral viúvos ou solteirões; por vezes têm filhos, sempre educados longe, em casa de alguma tia, a respeito da qual o cavalheiro quase nunca fala quando em boa companhia, como se se envergonhasse de tal parentesco. Acaba por se desacostumar de seus filhos, que lhe escrevem de longe em longe, por ocasião de seu aniversário ou do Natal, cartas de felicitações às quais ele por vezes responde. A fisionomia daquele visitante inesperado era mais afável que bonachona, pronta à amabilidade de acordo com as circunstâncias. Não tinha relógio, mas usava um lornhão de tartaruga, preso por uma fita preta. O dedo médio de sua mão direita estava ornado com um anel de ouro maciço com uma opala barata. Ivã Fiódorovitch mantinha-se em silêncio, resolvido a não travar conhecimento. O visitante aguardava, como um parasita que acaba de deixar o quarto que lhe é reservado, à hora do chá, para fazer companhia ao dono da casa, mas que se cala, estando este absorvido em

---

[44] *Orçando pelos cinquenta.*

suas reflexões, pronto todavia a uma amável prosa, contanto que o dono da casa a comece. De repente seu rosto revelou preocupação.

— Escuta — disse ele a Ivã Fiódorovitch —, desculpa-me, quero somente lembrar-te: foste à casa de Smierdiákov, a fim de te informares a respeito de Catarina Ivânovna, mas vieste embora sem nada saber. Decerto te esqueceste...

— Ah! sim! — disse Ivã preocupado. — Esqueci-me... Não importa, aliás, deixemos isso para amanhã. A propósito — disse ele, irritado, ao visitante —, era eu quem devia ter-me lembrado disso ainda há pouco, porque me sentia angustiado a respeito. Bastou que tivesses surgido para que acredite que essa sugestão partiu de ti.

— Pois bem! não o creio — e o cavalheiro sorriu com ar amável. —

A fé não se impõe. Aliás, neste domínio, as provas, mesmo materiais, são ineficazes. Tome acreditou porque queria acreditar, não por ter visto o Cristo ressuscitado. Assim, os espíritas... gosto muito deles... imagina que acreditam servir à fé, porque o diabo lhes mostra seus chifres de vez em quando. "É uma prova material da existência do outro mundo. " O outro mundo demonstrado materialmente! Que idéia! Enfim, isto provaria a existência do diabo, mas não a de Deus. Quero passar para uma sociedade idealista, a fim de fazer-lhes oposição.

— Escuta — disse Ivã Fiódorovitch, levantando-se —, creio que estou delirando, conta o que quiseres, pouco me importa! Não me exasperarás como antes. Somente, tenho vergonha... Quero andar pelo quarto... Por vezes deixo de ver-te, de ouvir-te, mas adivinho sempre o que queres dizer, porque "sou eu quem fala e não tu!" Mas não sei se dormia, na derradeira vez, ou se te vi realmente. Vou aplicar na minha cabeça um guardanapo molhado, talvez assim te dissipes.

Ivã foi buscar um guardanapo e fez como dizia, depois do que pôsse a andar para lá e para cá.

— Causa-me prazer nos tratarmos por "tu" — disse o visitante.

— Imbecil, acreditas que vou tratar-te por "vós"? Sinto-me disposto... se pelo menos não tivesse dor de cabeça... mas não me venhas com tanta filosofia como na última vez. Se não podes ir-te embora, inventa pelo menos algo de engraçado. Conta-me mexericos, porque não passas de um parasita. Que pesadelo tenaz! Mas não te temo. Acabarei vencendo-te.

Não me internarão!

— *C'est charmant!,* parasita. É meu papel, com efeito. Que sou eu na terra, senão um parasita? A propósito, surpreende-me ouvir-te; palavra, começas a tomar-me por um ser real e não pelo produto apenas de tua imaginação, como o sustentavas da outra vez.

— Nem um instante tomo-te por uma realidade — exclamou Ivã, com raiva. — És uma mentira, um fantasma de meu espírito doente. Mas não sei como desembaraçar-me de ti, vejo que será preciso sofrer algum tempo. És uma alucinação, a encarnação de mim mesmo, de uma parte apenas de mim... de meus pensamentos e de meus sentimentos, mas dos mais vis e dos mais tolos. A este respeito, poderias mesmo interessar-me, se tivesse tempo para perder contigo.

— Com licença, vou confundir-te; ainda há pouco, perto do lampião, quando deste com Aliócha, gritando-lhe: "Soubeste-o por ele? Como sabes que ele vem ver-me?", era a meu respeito que falavas. Portanto, acreditaste um instante que eu existo realmente — disse o cavalheiro com um sorriso delicado.

— Sim, era uma fraqueza... mas não podia acreditar em ti. Talvez te tenha visto somente em sonho, e não na realidade, na derradeira vez.

— E por que foste tão duro com Aliócha? Ele é encantador, sinto-me culpado para com ele, por causa do *stáriets* Zósima.

— Como ousas falar de Aliócha, lacaio! — disse Ivã, rindo.

— Injurias-me rindo, bom sinal. Aliás, estás bem mais amável comigo do que da última vez e compreendo por que: essa nobre resolução...

— Não me fales disto — gritou Ivã furioso.

— Comprendo, compreendo, *c'est noble, c'est charmant,* vais amanhã defender teu irmão, tu te sacrificas... *c'est chevaleresque...*

— Cala-te, se não, toma cuidado com os pontapés!

— Em certo sentido, isso me causará prazer, porque meu objetivo será atingido; se ages assim, é que crês na minha realidade, não se trata um fantasma a pontapés. Basta de brincadeiras! Podes injuriar-me, mas vale mais a pena ser um pouco mais delicado, mesmo comigo. Imbecil, lacaio! Que expressões!

— Injuriando-te, injurio-me! Tu és eu mesmo, mas com outro focinho. Exprimes meus próprios pensamentos... e nada podes dizer de novo!

— Se nossos pensamentos, se encontram, isto me causa honra — disse graciosamente o cavalheiro.

— Somente, tu escolhes meus pensamentos mais estúpidos... És besta e vulgar. És estúpido. Não posso suportar-te! Que fazer, que fazer?! — murmurou Ivã entre dentes.

— Meu amigo, quero, no entanto, permanecer um cavalheiro e ser tratado com tal — disse o visitante com certo amor-próprio, aliás conciliante, bonachão. — Sou pobre, mas... não direi muito honesto, mas... admite-se geralmente como um axioma que sou um anjo decaído. Palavra, não posso imaginar como pude, outrora, ser um anjo. Se o fui algum dia, foi há tanto tempo que não é um pecado esquecê-lo. Agora, atenho-me apenas à minha reputação de homem decente e vivo como posso, esforçando-me por ser agradável. Gosto sinceramente dos homens; caluniaram-me muito. Quando me transporto aqui para a terra, entre vocês, minha vida toma uma aparência de realidade, e é o que mais me agrada. Porque o fantástico me atormenta como a ti mesmo, de modo que gosto do realismo terrestre. Entre vocês, tudo é definido, há fórmulas, geometria; entre nós, só equações indeterminadas! Aqui, passeio, sonho (gosto de sonhar). Torno-me supersticioso, não rias, peço-te; a superstição me agrada. Adoto todos os hábitos de vocês; gosto de ir aos banhos públicos, • imagina, estar na estufa com os comerciantes e os popes. Meu sonho é encarnar-me, mas definitivamente, em algum comerciante obeso e partilhar de todas as suas crenças. Meu ideal é ir à igreja e lá acender uma vela, de todo o coração, palavra! Então meus sofrimentos terão fim. Gosto também dos remédios de vocês; na primavera, havia uma epidemia de varíola, fui vacinar-me. Se soubesses como estava eu contente! Dei 10 rublos para "nossos irmãos eslavos"!... Não me ouves. Não estás no teu estado normal, hoje... — O cavalheiro fez uma pausa. — Sei que foste ontem consultar aquele médico... pois bem! como vais? Que te disse ele?

— Imbecil!

— Em compensação, tens tanto espírito! Invectivas de novo. Não é por interesse que te perguntava isso. Podes não responder. Eis meus reumatismos que se apoderam de mim de novo.

— Imbecil!

— Continuas? Lembro-me ainda de meus reumatismos do ano passado.

— O diabo com reumatismo?

— Por que não? Se me encarno, tenho de suportar todas as con seqüências. *Satanas sum et nihil humani a me alienum, puto*[45]

— Como, como? *Satanas sum et nihil humani*... Não está mal para o diabo!

— Sinto-me feliz por ver que afinal te causo satisfação.

— Isto não aprendeste de mim — disse Ivã, surpreso —, isto jamais me ocorreu. Ê estranho...

— *Cest du nouveau, n'est-ce pas?*[46] Desta vez agirei lealmente e te explicarei a coisa. Escuta. Nos sonhos, sobretudo durante os pesadelos que provêm dum desarranjo de estômago ou de outra coisa, o homem tem por vezes visões tão belas, cenas da vida real tão complicadas, atravessa tal sucessão de acontecimentos, de peripécias inesperadas, desde as manifestações mais altas até as menores bagatelas, que, juro-te, o próprio Liev Tolstói não as imaginaria. Entretanto, esses sonhos ocorrem não aos escritores, mas a pessoas comuns: funcionários, jornalistas, popes... Um ministro chegou a confessar-me que suas melhores idéias lhe vinham quando dormia. É o mesmo agora; digo coisas originais, que nunca te vieram ao espírito, como nos pesadelos, entretanto, não sou senão tua alucinação.

— Mendes. Teu fim é persuadir-me de que existes e eis que tu mesmo pretendes ser um sonho.

— Meu amigo, escolhi hoje um método particular que te explicarei em seguida. Espera um pouco, onde estava eu? Ah! sim! Resfriei-me, mas não entre vocês, lá mesmo...

— Lá mesmo, onde? Dize, pois, demorarás ainda muito tempo? — exclamou Ivã, quase desesperado. Parou, sentou-se sobre o divã, pegou de novo a cabeça entre as mãos. Arrancou o guardanapo molhado e atirou-o fora com despeito.

---

[45] *Sou Satanas e nada do que é humano reputo alheio a mim.*
[46] *E novidade, não é?*

— Estás com os nervos doentes — observou o cavalheiro com ar displicente, mas amigável. — Estás com raiva de mim porque me resignei, entretanto aconteceu da maneira mais natural. Corria eu para uma festa diplomática, em casa duma grande dama de Petersburgo, que manejava a seu gosto os ministros. De casaca, gravata branca, enluvado, no entanto estava ainda Deus sabe onde, e para chegar à terra era preciso transpor o espaço. Decerto, não é senão um instante, mas a luz do sol leva oito minutos e, imagina, de casaca e de colete aberto. Os espíritos não gelam, mas quando me encarnei... em suma, agi descuidadamente e aventurei-me; no espaço, no éter, na água... faz um frio, nem se pode mesmo chamar isso de frio, imagina: 150 graus abaixo de zero. Conhece-se a brincadeira de jovens aldeãs: quando gela a 30 graus, propõem a algum simplório lamber um machado; a língua gela instantaneamente, o simplório arranca a pele e são apenas 30 graus. A 150 graus, bastaria, penso, tocar um machado com um dedo para que este desapareça... se pelo menos houvesse um machado no espaço...

— Mas será possível? — interrompeu distraidamente, Ivã Fiódorovitch. Lutava com todas as suas forças para resistir ao delírio e não afundar na loucura.

— Um machado? — repetiu o visitante com surpresa.

— Mas sim, que será feito dele lá? — exclamou Ivã com uma obstinação colérica.

— Um machado no espaço? *Quelle idéel* Se se encontrar bem longe da terra, penso que se porá a girar em torno sem saber por que, à maneira de um satélite. Os astrônomos calcularão quando se levantará e quando se porá. Gatsuk pô-lo-á no seu almanaque, eis tudo.

— És estúpido, horrivelmente estúpido! Prega mentiras mais espirituosas, ou não te darei ouvidos. Queres convencer-me pelo realismo de teus processos, persuadir-me de tua existência] Não creio nela!

— Mas não estou mentindo, tudo isso é verdade. Infelizmente, a verdade quase nunca é espirituosa. Vejo que esperas de mim algo de grande, talvez de belo. É lamentável, porque só dou o que posso...

— Não me venhas com filosofia, pedaço de asno!

— Como posso eu filosofar, quando estou com todo o lado direito paralisado, obrigando-me a gemer? Consultei a Faculdade; sabem diag-

nosticar maravilhosamente, explicam-nos a doença, mas são incapazes de curar. Havia lá um estudante entusiasta: "Se o senhor morrer", dizia ele, "conhecerá exatamente a natureza de seu mal!" Têm a mania de dirigir-nos a especialistas: nós nos limitamos a diagnosticar, vá ver fulano, ele o curará. Não se encontra mais absolutamente o médico à moda antiga, que tratava todas as doenças. Agora só há especialistas, que fazem publicidade. Para uma doença no nariz enviam a gente a Paris, ao consultório de um especialista europeu. Ele examina o nariz da gente. "Não posso", diz ele, "curar senão a narina direita, porque não trato as narinas esquerdas, não é minha especialidade. Vá a Viena; há lá um especialista para as narinas esquerdas. " Que fazer? Recorri aos remédios de curandeiras, um médico alemão aconselhou-me que esfregasse no corpo, após o banho, mel e sal. Fui aos banhos só por prazer e me besuntei em pura perda. Em desespero de causa, escrevi ao Conde Mattei, de Milão; enviou-me um livro e umas bolinhas. Que Deus lhe perdoe! Imagina que o extrato de malte de Hoff curou-me. Tinha-o comprado por acaso, tomei um frasco e meio e tudo desapareceu radicalmente. Estava resolvido a publicar uma declaração nos jornais, porque a gratidão falava dentro de mim, mas foi outra história, nenhuma redação a aceitou! "É demasiado reacionária", dizem, "ninguém acreditará nisso, *le diable n'existe point.* Publique isso anonimamente. " Mas de que vale uma declaração anônima? Brinquei com os redatores: "Ser reacionário", dizia-lhes, "é crer em Deus em nossa época, mas eu, eu sou o diabo". "Decerto, toda gente crê no diabo, contudo é impossível, poderia isso prejudicar o nosso programa. Talvez... sob uma forma humorística... " Mas então, pensei, não seria espirituoso. E minha declaração não apareceu. Isto ficou-me pesando no coração. Os melhores sentimentos, tais como a gratidão, estão formalmente proibidos para mim, por causa de minha posição social.

— Voltas a cair na filosofia? — disse Ivã, de dentes cerrados.

— Deus me livre! Mas a gente não pode impedir-se de queixar-se por vezes. Sou caluniado. Tu me tratas a todo momento de imbecil. Vê-se bem que és um homem jovem. Meu amigo, só há o espírito. Recebi da natureza um coração bom e alegre, "também compus *vaudevilles*". [47] Tomas-me, creio, por um velho Khlestakov, mas meu destino é bem mais sério. Por uma espécie de decreto inexplicável, tenho por missão "negar", e no entanto sou visceralmente bom e inapto para a negação. "Não! tens de

---

[47] *Palavras de Khlestakov, em* O Inspetor, *de Gógol, 3. o ato, cena 6.*

negar! Sem negação, não há crítica, e que seria das revistas sem a crítica? Só restaria um hosana. Mas isto não basta para a vida, é preciso que esse hosana passe pelo cadinho da dúvida, etc. " Aliás, não me meto em tudo isto, não fui eu quem inventou a crítica, não sou o responsável por ela. Pois bem! tenho servido de bode expiatório, obrigaram-me a fazer crítica e a vida começou. Compreendemos essa comédia; quanto a mim, aspiro ao nada. Não, é preciso que vivas, dizem-me, porque sem ti nada existiria. Se tudo fosse razoável na terra, nada se passaria nela. Sem ti, nada de acontecimentos; ora, são precisos os acontecimentos. Cumpro, pois, minha missão, bem a contragosto, para suscitar acontecimentos, e realizo o irracional, cumprindo ordem. As pessoas levam essa comédia a sério, malgrado todo o seu espírito. Para elas é uma tragédia. Sofrem, evidentemente... em compensação, vivem, uma vida real e não imaginária, porque o sofrimento é a vida. Sem o sofrimento, que prazer ofereceria ela? Tudo se assemelharia a um *Te-Deum* interminável; é santo, mas bastante tedioso. E eu? Eu sofro e, no entanto, não vivo. Sou a incógnita de uma equação. Sou o espectro da vida, que perdeu a noção das coisas, e esqueço até o meu nome. Ris?... Não, não ris, zangas-te de novo, como sempre. Ser-te-ia preciso sempre inteligência; ora, repito-te, daria toda essa vida sideral, todos os graus, todas as honras, para encarnar-me na pele duma vendedora obesa e ir queimar velas na igreja.

— Tu também não crês em Deus — disse Ivã, com um sorriso cheio de ódio.

— Como dizer, se falas seriamente...

— Deus existe ou não existe? — insistiu Ivã encolerizado.

— Ah! é sério, então? Meu caro, Deus é-me testemunha de que não sei de nada, não posso dizer melhor.

— Não, tu não existes, tu és eu mesmo e nada mais! Não passas de uma quimera!

— Se queres, tenho a mesma filosofia que tu, é verdade. *Je pense, donc je suis,* [48] eis o que é certo; quanto ao resto, quanto a todos esses mundos, Deus e o próprio Satã, tudo isso não me é provado. Têm eles uma existência própria, ou serão apenas uma emanação de mim, o desenvolvimento sucessivo de meu "eu", que existe temporal e

---

[48] *"Penso, logo existo. " (Descartes.)*

pessoalmente... mas detenho-me, porque tenho a impressão de que vais bater-me.

— Farias melhor se me contasses uma anedota!

— Eis uma, precisamente no quadro de nosso tema, isto é, mais uma lenda que anedota. Tu me censuras minha incredulidade. Mas, meu caro, não sou eu só assim: entre nós, todos estão agora perturbados por causa das ciências de vocês. Enquanto havia os átomos, os cinco sentidos, os quatro elementos, a coisa ia bem ainda. Os átomos já eram conhecidos na Antigüidade. Mas vocês descobriram "a molécula química", "o protoplasma", e o diabo sabe ainda o quê! Aprendendo isso, os nossos baixaram a cauda. Foi a barafunda; sobretudo a superstição, os mexericos proliferaram; fica sabendo que temos disso, tanto quanto vocês, talvez mesmo um pouco mais, e afinal também as declarações: há igualmente entre nós uma seção em que recebemos certas "informações". Pois bem, essa lenda de nossa Idade Média, da nossa, não da de vocês, não merece nenhum crédito, exceto entre gordas vendedoras, as nossas, não as de vocês. Tudo quanto existe entre vocês existe também entre nós: revelo-te este mistério por amizade, se bem que seja proibido. Essa lenda fala, pois, do paraíso. Havia na terra certo filósofo que negava tudo, as leis, a consciência, a fé, sobretudo a vida futura. Morreu pensando entrar nas trevas do nada e ei-lo em presença da vida futura. Espanta-se, indigna-se: "Isto", diz ele, "é contrário às minhas convicções". E foi condenado por isso... Desculpa-me, transmito-te esta lenda como ma contaram... Portanto, foi ele condenado a percorrer nas trevas 1 quatrilhão de quilômetros (porque contamos também em quilômetros, agora), e quando tiver ele acabado o seu quatrilhão, as portas do paraíso se abrirão diante dele e tudo lhe será perdoado...

— Que tormentos há no outro mundo, além do quatrilhão? — perguntou Ivã com estranha animação.

— Que tormentos? Ah! não me fales! Outrora, havia-os para todos os gostos; agora, é sempre mais o sistema das torturas morais, "os remorsos da consciência" e outras pataratas. Devemos isso à "doçura dos costumes" de vocês. E quem tira proveito disso? Somente os que não têm consciência, porque zombam dos remorsos! Em compensação, as pessoas decentes, que conservaram o sentimento da honra, sofrem... Eis o que acontece com as reformas operadas em terreno mal preparado e copiadas de instituições estrangeiras. São deploráveis! O fogo de outrora valia

melhor. O condenado ao quatrilhão olha, pois, em redor de si, depois se deita atravessado na estrada: "Não ando, por princípio recuso!" Pega a alma de um ateu russo esclarecido e mistura-a com a do profeta Jonas, que se aborreceu três dias e três noites na barriga de uma baleia, e obterás o nosso pensador recalcitrante.

— Sobre que se estendeu ele?

— Havia certamente alguma coisa sobre a qual se estenderia. Não estás brincando?

— Viva! — exclamou Ivã, com a mesma animação. Escutava com uma curiosidade inesperada. — Pois bem! Continua ele deitado?

— Mas não, ao fim de mil anos, levantou-se e pôs-se a andar.

— Que asno! — Ivã deu uma risada nervosa e pôs-se a refletir. — Não será a mesma coisa ficar deitado eternamente ou marchar 1 quatrilhão de verstas? Mas perfaz isso 1 bilhão de anos?

— E até mesmo mais. Se houvesse um lápis e papel, poder-se-ia calcular. Faz muito tempo que ele chegou e é aqui que começa a anedota.

— Como? Mas onde arranjou ele 1 bilhão de anos?

— Pensas sempre na nossa terra atual! A terra reproduziu-se talvez 1 milhão de vezes; gelou-se, fendeu-se, desagregou-se, depois decompôs-se em seus elementos, e de novo as águas recobriram a terra. Em seguida, foi novamente um cometa, depois um sol donde saiu o globo. Esse ciclo se repete talvez uma infinidade de vezes, sob a mesma forma, até o mínimo detalhe. É mortalmente aborrecedor...

— Pois bem! Que aconteceu quando ele acabou?

— Assim que ele entrou no paraíso, dois segundos, de relógio na mão, não se tinham passado (se bem que seu relógio, na minha opinião, deve ter-se decomposto em seus elementos durante a viagem) e já exclamava que, por aqueles dois segundos, bem valia fazer não só 1 quatrilhão de quilômetros, mas 1 quatrilhão de quatrilhões, à quatrilhonésima potência! Em suma, cantou hosanas, exagerou mesmo, a ponto de pensadores mais dignos recusarem estender-lhe a mão nos primeiros tempos; tornara-se demasiado bruscamente conservador. É o temperamento russo. Repito-o, é uma lenda. Eis as idéias que têm curso entre nós a respeito dessas matérias.

— Apanhei-te! — exclamou Ivã com uma alegria quase infantil, como se lhe voltasse a memória. — Fui eu mesmo que inventei essa anedota do quatrilhão de anos! Tinha então dezessete anos, estava no ginásio... Contei-a a um de meus camaradas, Koróvkin, em Moscou... Essa anedota é muito característica, tinha-a esquecido, mas lembrei-me dela inconscientemente; não foste tu que a contaste! É assim que uma multidão de coisas nos volta à memória, quando marchamos para o suplício... ou quando sonhamos. Pois bem, não passas de um sonho!

— A violência com que me negas assegura-me que, apesar de tudo, crês em mim — disse o cavalheiro jovialmente.

— Absolutamente! Não creio em ti nem uma centésima parte!

— Mas uma milésima crês. As doses homeopáticas são talvez as mais fortes. Confessa que crês em mim, pelo menos uma décima milésima parte...

— Não! — gritou Ivã irritado. — Aliás, gostaria bem de crer em ti!

— Eh! eh! eh! Por fim, confessou! Mas sou bom, vou ajudar-te. Fui eu que te apanhei! Contei-te, de propósito, essa anedota para desenganar-te definitivamente a meu respeito.

— Mentes. O fim de tua aparição é convencer-me de tua existência.

— Precisamente. Mas as hesitações, a inquietação, o conflito entre a fé e a dúvida constituem por vezes tal sofrimento para um homem escrupuloso como tu, que melhor vale enforcar-se. Sabendo que crês um pouco em mim, contei-te essa anedota para entregar-te definitivamente à dúvida. Conduzo-te entre a fé e a* incredulidade alternativamente, não sem um fito. É um novo método; quando cessares completamente de crer em mim, por-te-ás a assegurar-me que não sou um sonho, que existo verdadeiramente, conheço-te: então meu fito será atingido. Ora, meu fito é nobre. Depositarei em ti um minúsculo germe de fé que dará nascimento a um carvalho, um carvalho tão grande que será teu refúgio e quererás fazer-te anacoreta, porque é teu vivo desejo em segredo, nutrir-te-ás de gafanhotos, prepararás a tua salvação r. o deserto.

— Então, miserável, é para minha salvação que trabalhas?

— É bem preciso praticar alguma vez uma boa obra. Tu te zangas, pelo que vejo!

— Palhaço! Jamais tentaste aqueles que se nutrem de gafanhotos,

rezam dezessete anos no deserto até ficarem cobertos de musgo?

— Meu caro, não faço outra coisa senão isso. A gente esquece o mundo inteiro por uma alma assim, porque é uma jóia de preço, uma aritmética. A vitória é preciosa! Ora, certos solitários, palavra de honra, valem tanto quanto tu, do ponto de vista intelectual, se bem que não o creias; podem contemplar simultaneamente tais abismos de fé e de dúvida que parece por vezes, na verdade, que basta apenas um cabelo para que eles sucumbam.

— Pois bem! Tu te retirarias de nariz bem comprido!

— Meu amigo — observou o visitante, sentencioso —, mais vale ter o nariz comprido do que não ter nariz nenhum, como dizia ainda recentemente um marquês doente (devia ter sido tratado por um especialista), confessando-se a um padre jesuíta. Assisti a isso, era encantador. "Entregai-me meu nariz!", e batia no peito. "Meu filho", insinuava o padre, "tudo é regulado pelos decretos insondáveis da Providência, um mal aparente traz por vezes um bem oculto. Se uma sorte cruel o privou de seu nariz, o senhor ganha com isso pelo fato de ninguém mais doravante ousar dizer-lhe que o senhor tem o nariz comprido. " "Meu padre, não é isto um consolo!", exclamou ele desesperado. "Ficarei, pelo contrário, encantado por ter cada dia o nariz comprido, contanto que ele esteja no seu lugar!" "Meu filho", disse o padre, suspirando, "não se podem pedir todos os bens ao mesmo tempo e já é murmurar contra a Providência, que, mesmo assim, não o esqueceu; porque, se o senhor grita, como ainda há pouco, que seria feliz toda a sua vida por ter o nariz comprido, seu desejo será satisfeito indiretamente, porque, tendo perdido seu nariz, pelo fato mesmo, tem o senhor o nariz comprido... "

— Ora! Que coisa estúpida! — exclamou Ivã.

— Meu amigo, eu queria fazer-te rir, juro-te que tal é a casuística dos jesuítas e que tudo isso é rigorosamente exato. Esse caso é recente e causou-me bastantes preocupações. De volta para casa, o desgraçado rapaz estourou os miolos naquela noite; não o deixei até o derradeiro instante... Quanto aos confessionários jesuíticos, são na verdade meu divertimento agradável nas horas de tristeza. Eis uma historieta destes últimos dias. Uma jovem normanda, loura, de vinte anos, chega à casa de um velho padre. Uma beleza! Que corpo! Era de fazer vir água à boca. Ajoelha-se, murmura seu pecado através da grade. "Como, minha filha, você recaiu no pecado?... *Ó Saneia Maria,* que ouço eu? Já é outro? Até

quando durará isso? Não tem você vergonha?" "*Ah! mon père*", responde a pecadora arrependida, "*ça lui a fait tant de plaisir et à moi si peu de peine!*"[49] Considera essa resposta! É o grito da própria natureza, vale isto mais que a inocência! Dei-lhe a absolvição e voltei-me para retirar-me, quando ouvi o padre marcar-lhe um encontro para aquela noite. Por mais resistente que tenha sido o velho, sucumbiu logo à tentação. A natureza, a verdade desforraram-se! Por que fazes careta? Eis-te de novo zangado? Não sei mais que fazer para te ser agradável...

— Deixa-me, tu me obsedas como um pesadelo — gemeu Ivã, vencido pela sua visão. — Tu me aborreces e me atormentas. Daria muito para escorraçar-te.

— Repito, modera tuas exigências, não exijas de mim o grande e o belo, e verás como seremos bons amigos — disse o cavalheiro com um tom sugestivo. — Na verdade, tens razão de querer-me mal porque não apareci em meio duma nuvem vermelha, entre o trovão e os raios, com as asas avermelhadas, mas me apresentei com traje tão modesto. Em primeiro lugar teus sentimentos estéticos estão melindrados, depois teu orgulho: tão grande homem receber a visita de um diabo tão comum! Há em ti aquela fibra romântica de que zombou Bielínski! Que fazer, rapaz? Ainda há pouco, no momento de vir à tua casa, pensei, para brincar, em tomar a aparência de um conselheiro de Estado aposentado, condecorado com as ordens do Leão e do Sol, mas não ousei, porque ter-me-ias batido: como, pôr no peito as placas do Leão e do Sol, em lugar da Estrela Polar ou de Sírio?! E insistes em chamar-me estúpido. Meu Deus, não pretendo ter a tua inteligência. Mefistófeles, aparecendo a Fausto, afirma que quer o mal e não faz senão o bem. Bem, isso é lá com ele, comigo é o contrário. Sou talvez o único ser no mundo que ama a verdade e quer sinceramente o bem. Estava presente quando o Verbo crucificado subiu ao céu, levando a alma do bom ladrão; ouvi as exclamações jubilosas dos querubins cantando hosana! e os hinos dos serafins, que faziam tremer o universo. Pois bem, juro-o pelo que há de mais sagrado, quis juntar-me aos coros e gritar também hosana! As palavras iam sair de meu peito... sabes que sou bastante sensível e impressionável do ponto de vista estético. Mas o bom senso — a mais desgraçada de minhas faculdades — reteve-me nos justos limites e deixei passar a hora propícia! Porque, pensava eu então, que aconteceria se eu cantasse hosana? Tudo se extinguiria no mundo, não se

---

[49] *Ah! meu padre, isso lhe causou tanto prazer e a mim tão pouco trabalho!*

passaria mais nada. Eis como os deveres de meu cargo e minha posição social obrigaram-me a repelir um impulso generoso e a permanecer na infâmia. Outros arrogam-se toda a honra do bem: não me deixam senão a infâmia. Mas não invejo a honra de viver às custas de outrem, não sou ambicioso. Por que, entre todas as criaturas, sou eu só votado às maldições das pessoas honestas e mesmo aos pontapés de botas, pois, encarnando-me, devo suportar tais conseqüências? Há aí um mistério, mas a preço algum querem revelar-mo, com medo de que entoe eu hosana e tão logo desapareçam as imperfeições necessárias, reine a razão no mundo inteiro: seria naturalmente o fim de tudo, até mesmo de jornais e revistas, ' porque quem os assinaria então? Sei que por fim eu me reconciliaria, farei também eu o meu quatrilhão e conhecerei o segredo. Mas, à espera, amuo-me e cumpro a contragosto minha missão: perder milhões para salvar um só. Quantas almas, por exemplo, foi preciso perder e quantas reputações macular para obter um só justo, Jó, do qual se serviram outrora para me pregarem bem má peça. Não, enquanto o segredo não for revelado, existem para mim duas verdades: a lá de baixo, a deles, que ignoro totalmente, e a outra, a minha. Resta ver qual é a mais pura... Dormes?

— Penso bem — gemeu Ivã — em tudo o que há de animal em mim, tudo o que desde muito tempo digeri e eliminei como uma sujeira, tu mo trazes como uma novidade!

— Então, não fui bem sucedido! Eu que pensava encantar-te com minha eloqüência! Esse hosana no céu, na verdade, não estava mal, não é? Depois aquele tom sarcástico à Heine, não é?

— Não, jamais tive esse espírito de lacaio! Como pôde minha alma produzir um lacaio de tua espécie?

— Meu amigo, conheço um encantador jovem russo, amador de literatura e de arte. É o autor dum poema que promete, intitulado: "O Grande Inquisidor... " Era unicamente ele que eu tinha em vista.

— Proíbo-te de falar do "Grande Inquisidor" — exclamou Ivã, rubro de vergonha.

— E o cataclismo geológico, lembras-te? Que poema!

— Cala-te ou eu te mato!

— Matar-me? Não, é preciso que eu me explique em primeiro lugar. Vim cá para oferecer a mim mesmo esse prazer. Oh! quanto amo os

sonhos de meus jovens amigos, fogosos, sedentos de vida! "Ali vive gente nova!", dizias tu na última primavera, quando te preparavas para vir aqui, "eles querem tudo destruir e regressar à antropofagia. Não me consultaram, os estúpidos. Na minha opinião, não é preciso destruir nada, a não ser a idéia de Deus no espírito do homem: eis por onde é preciso começar. Oh! os cegos, não compreendem nada! Uma vez que a humanidade inteira professe o ateísmo (e creio que essa época, à maneira das épocas geológicas, chegará a seu tempo), então, por si mesma, sem antropofagia, a antiga concepção do mundo desaparecerá, e sobretudo a antiga moral. Os homens se unirão para retirar da vida todos os gozos possíveis, mas neste mundo somente. O espírito humano se elevará até um orgulho titânico e isto será a humanidade deificada. Triunfando sem cessar e sem limites da natureza pela ciência e pela energia, o homem por isso mesmo experimentará constantemente uma alegria tão intensa que ela substituirá para ele as esperanças das alegrias celestes. Cada qual saberá que é mortal, sem esperança de ressurreição, e resignar-se-á à morte com uma altivez tranqüila, como um deus. Por altivez, abster-se-á de murmurar contra a brevidade da vida e amará seus irmãos duma maneira desinteressada. O amor só procurará gozos breves, mas o próprio sentimento de sua brevidade reforçar-lhe-á a intensidade tanto quanto outrora ela se disseminava nas esperanças de um amor eterno, além-tumular"... e assim por diante. É encantador!

Ivã tapava os ouvidos com as mãos, olhava para o chão, tremia da cabeça aos pés. A voz prosseguiu:

— A questão consiste nisto, sonhava meu jovem pensador: será possível que essa época chegue algum dia? Na afirmativa, tudo está decidido, a humanidade se organizará definitivamente. Mas como, diante da estupidez inveterada da espécie humana, não se venha isso a realizar talvez nem dentro de mil anos, é permitido a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo com os novos princípios. Neste sentido, tudo lhe é permitido. Mais ainda: mesmo se essa época nunca deva chegar, como Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo tornar-se um homem-deus, seja ele o único no mundo a viver assim. Poderia doravante, de coração leve, libertar-se das regras da moral tradicional, às quais estava o homem sujeito como um escravo. Para Deus, não existe lei. Em toda parte onde Deus se encontra, está em seu lugar! Em toda parte em que me encontrar, será o primeiro lugar... tudo é permitido, um ponto, é tudo!

Tudo isso é muito gentil; somente, se se quer trapacear, de que serve a sanção da verdade? Mas nosso russo contemporâneo é assim feito: não se decidirá a trapacear sem essa sanção, tanto ama ele a verdade...

O visitante deixara-se arrebatar pela sua eloqüência, elevava cada vez mais a voz e olhava com ironia o dono da casa; mas não pôde acabar. Ivã agarrou de repente um copo em cima da mesa e atirou-o no orador.

— *Ah! mais, c'est bete enfin!*[50] — exclamou o outro, erguendo-se vivamente e enxugando as gotas de chá que lhe caíram na roupa; lembrou-se do tinteiro de Lutero![51] Quer ver em mim um sonho e lança copos contra um fantasma! Isso é digno duma mulher! Bem suspeitava de que fingias tapar os ouvidos e que estavas escutando...

Nesse momento, bateram na janela com insistência. Ivã Fiódorovitch levantou-se.

— Estás ouvindo? Abre então — exclamou o visitante. — É teu irmão Aliócha que vem anunciar-te uma notícia das mais inesperadas, garanto-te!

— Cala-te, impostor, sabia antes de ti que era Aliócha, pressentia-o, e decerto não vem à toa, traz evidentemente uma "notícia" — exclamou Ivã exaltado.

— Abre então, abre-lhe. Está lá fora uma tempestade de neve e é teu irmão quem bate. *Monsieur sait-il le temps qu'il fait? Cest à ne pas mettre un chien dehors...* [52]

Continuavam a bater. Ivã quis correr à janela, mas sentiu-se como que paralisado. Esforçava-se por partir os laços que o prendiam, mas em vão. Batiam cada vez com mais força. Por fim os laços se romperam e Ivã Fiódorovitch levantou-se. As duas velas acabavam de consumir-se, o copo que havia atirado contra seu visitante estava sobre a mesa. Sobre o divã, ninguém. As pancadas na janela persistiam, mas bem menos fortes do que lhe tinham parecido, bem discretas até.

— Não é um sonho! Não, juro que não era um sonho, tudo isso

---

[50] *Ah! mas é estúpido, afinal!*
[51] *Martinho Lutero acreditava ter visto muitas vezes o diabo, atirando-lhe certo dia com um tinteiro à cabeça.*
[52] *O senhor sabe que tempo está fazendo? Nem um cachorro se deve pôr lá fora..*

acaba de ocorrer.

Ivã correu à janela e abriu o postigo.

— Aliócha, eu te havia proibido de vir — gritou ele, com raiva a seu irmão. — Em duas palavras: que queres? Em duas palavras, ouves-me?

— Há uma hora Smierdiákov enforcou-se — disse Aliócha.

— Sobe o patamar, vou abrir a porta — disse Ivã.

X

"FOI ELE QUEM O DISSE!"

Aliócha contou a Ivã que uma hora antes Maria Kondrátievna fora à casa dele para informá-lo de que Smierdiákov acabava de suicidar-se. "Entro no quarto dele para retirar o samovar e vejo-o pendurado de um prego grande na parede. " Perguntando-lhe Aliócha se fizera ela sua declaração a quem de direito, respondeu que viera diretamente à casa dele, correndo. Tremia como uma folha. Tendo-a acompanhado à isbá, havia Aliócha encontrado Smierdiákov ainda pendurado. Em cima da mesa, um papel com estas palavras: "Ponho fim a meus dias voluntariamente. Não acusem ninguém de minha morte". Deixando esse bilhete em cima da mesa, dirigiu-se Aliócha à casa do *isprávnik,* "e dali à tua casa", concluiu, olhando fixamente para Ivã, cuja expressão o intrigava.

— Meu irmão — disse de repente —, deves estar muito doente! Olhas-me sem ter o ar de compreender o que te digo.

— Foi bom teres vindo — disse Ivã com ar preocupado e sem prestar atenção à exclamação de Aliócha. — Sabia que ele se tinha enforcado.

— Por intermédio de quem o sabias?

— Não lembro por intermédio de quem, mas sabia-o. Sabia-o? Sim, ele mo disse. Dizia-mo ainda há pouco...

Ivã mantinha-se no meio do quarto, com o ar sempre absorto, olhando para o chão.

— Ele, quem? — perguntou Aliócha com uma olhadela involuntária em redor.

— Esquivou-se.

— Ivã ergueu a cabeça e sorriu mansamente.

— Teve medo de ti, da pomba. És um puro "querubim". Dimítri assim te chama: querubim... O grito formidável dos serafins! Que é um serafim? Talvez toda uma constelação, e essa constelação não é talvez senão uma molécula química... Existe a constelação do Leão e do Sol, sabes?

— Meu irmão, senta-te — disse Aliócha espantado —, senta-te no divã, suplico-te. Deliras, apóia-te na almofada, assim. Queres um guardanapo molhado sobre a cabeça? Isso te aliviaria.

— Dá-me o guardanapo que está em cima da cadeira, atirei-o ali ainda há pouco.

— Não, não está ali. Não te inquietes, ei-lo aqui — disse Aliócha encontrando num canto, perto do lavatório, um guardanapo limpo, ainda dobrado. Ivã examinou-o com olhar estranho. Pareceu voltar-lhe a memória.

— Espera — disse ele, levantando-se. — Há uma hora apliquei à minha cabeça esse mesmo guardanapo molhado, depois joguei-o ali... como pode estar ele seco? Não havia outro.

— Aplicaste esse guardanapo na cabeça?

— Mas sim, e andei pelo quarto há uma hora... Por que as velas estão consumidas? Que horas são?

— Em breve será meia-noite.

— Não, não, não! — exclamou Ivã. — Não era um sonho! Ele estava aqui, neste divã. Quando tu bateste na janela, atirei-lhe um copo... aquele... Espera um pouco, não é a primeira vez... mas não são sonhos, é realidade: ando, falo, vejo... dormindo. Mas ele estava aqui, neste divã... É muito estúpido ele, Aliócha, muito estúpido. — Ivã pôs-se a rir e a caminhar pelo quarto.

— Quem é estúpido? De quem falas, meu irmão? — perguntou ansiosamente Aliócha.

— Do diabo! Ele vem ver-me. Veio duas ou três vezes. Irrita-me, pretendendo que lhe quero mal por não ser ele senão o diabo, em lugar de Satã, com asas avermelhadas, cercado de trovões e raios. Não passa de um impostor, um mau diabo de baixa classe. Vai aos banhos. Se lhe tirassem a

roupa, haveriam de encontrar nele certamente uma cauda fulva, do comprimento de 1 *archin,* lisa como a de um cão dinamarquês... Aliócha, estás enregelado, coberto de neve, queres chá? Está frio, vou pôr a funcionar o samovar... *Cest à ne pas mettre un chien dehors...*

Aliócha correu ao lavatório, molhou o guardanapo, persuadiu Ivã a tornar a sentar-se e aplicou-lho à cabeça. Sentou-se ao lado dele.

— Que é que me dizias há pouco a respeito de Lisa? — prosseguiu Ivã. (Tornava-se bastante loquaz.) Lisa me agrada. Falei-te mal dela. É falso, ela me agrada. Tenho medo amanhã, por causa de Cátia sobretudo, pelo futuro. Ela me abandonará amanhã e me espezinhará. Crê que perco Mítia por ciúme, por causa dela, sim, ela crê isto! Mas não! Amanhã, será a cruz e não a forca. Não, não me enforcarei. Sabes que não poderei jamais me matar, Aliócha? Será por baixeza? Não sou um covarde. É por amor à vida! Como sabia eu que Smierdiákov se enforcara? Sim, foi "ele" quem mo disse...

— E estás persuadido de que alguém veio aqui?

— Neste divã, no canto. Foste tu que o afugentaste. Sim, foste tu que o puseste em fuga, desapareceu à tua chegada. Gosto de teu rosto, Aliócha. Sabias disto? Mas "ele" sou eu, Aliócha, eu mesmo. Tudo quanto há em mim de baixo, de vil, de desprezível! Sim, sou um "romântico", ele o notou... no entanto, é uma calúnia. Ele é horrendamente estúpido, mas por isso é que logra êxito. É astuto, bestialmente astuto, sabe muito bem levar-me ao extremo. Zombava de mim, dizendo que eu creio nele, foi assim que me obrigou a escutá-lo. Mistificou-me como a uma criança. Aliás, disse a meu respeito muitas verdades, coisas que eu jamais teria dito a mim mesmo. Sabes, Aliócha, sabes — acrescentou Ivã, num tom confidencial — que eu gostaria bem que fosse realmente "ele", e não eu?

— Ele fatigou-te — disse Aliócha, olhando para seu irmão com compaixão.

— Irritou-me, sabes, e bem habilmente: "A consciência, que é isso?

Fui eu que a inventei. Por que se tem remorsos? Por hábito. Hábito que tem a humanidade há 7 000 anos. Desfaçamo-nos do hábito e seremos deuses". Foi ele quem o disse!

— Mas não tu, não tu? — exclamou malgrado seu Aliócha, com um olhar luminoso. — Pois bem! Deixa-o, esquece-o então! Que ele leve

consigo tudo quanto maldizes agora e que não volte mais!

— Ele é mau, zombou de mim. É um insolente, Aliócha — disse Ivã, fremindo à lembrança da ofensa. — Caluniou-me a muitos respeitos, caluniou-me em minha própria cara. "Oh! vais praticar uma nobre ação, declararás que foste tu o assassino responsável, que o lacaio matou teu pai por instigação... "

— Meu irmão, contém-te; não foste tu que mataste. Não é verdade!

— Foi ele que o disse e ele o sabe: "Vais praticar uma ação virtuosa e, contudo, não crês na virtude, eis o que te irrita e te atormenta". Eis o que ele me. disse, e ele é perito nisso...

— És tu que dizes, e não ele! E falas em delírio!

— Não, ele sabe o que diz: "É por orgulho que vais dizer: 'Fui eu que matei, por que estais tomados de espanto? Mentis! Desprezo vossa opinião, zombo do vosso espanto'". Dizia ainda: "Sabes? queres que te admirem; é um criminoso, um assassino, dirão, mas que sentimentos nobres! Para salvar seu irmão, acusou-se!" Mas *é* falso, Aliócha — exclamou Ivã, com os olhos cintilantes. — Não quero a admiração dos alarves. Juro-te que ele mentiu. Foi por isso que lhe atirei um copo, que se quebrou no focinho dele!

— Meu irmão, acalma-te, deixa de...

— Não, é um sábio torcionário, e cruel — prosseguiu Ivã, que não havia ouvido. — Sabia bem por que ele vinha. "Pois seja", dizia ele, "tu querias ir por orgulho, mas guardando a esperança de que Smierdiákov seria desmascarado e enviado ao presídio, que absolveriam Mítia e que te condenariam moralmente apenas (ouves, ele riu neste ponto!), enquanto outros te admirariam. Mas Smierdiákov está morto, quem te acreditará agora no tribunal? Tu somente? No entanto, vais, decidiste ir. Com que objetivo, afinal?" É estranho, Aliócha, não posso suportar semelhantes perguntas. Quem tem a audácia de mas fazer?

— Meu irmão — interrompeu Aliócha, gelado de medo, mas esperando sempre fazer Ivã voltar à razão —, como pôde ele falar-te da morte de Smierdiákov antes de minha chegada, quando ninguém a conhecia e não tivera tempo de sabê-la?

— Ele me falou dela — disse Ivã, num tom decisivo. — Não me falou senão disso, se quiseres. "Se ainda acreditasses na virtude: não me

acreditarão, não importa, vou por uma questão de princípio. Mas tu não passas de um porco, como Fiódor Pávlovitch, nada tens que ver com a virtude. Por que ires até lá, se teu sacrifício é inútil? Não sabes de nada e darias muito para sabê-lo! Suponhamos: tu te decidiste! Pássaras a noite a pesar o pró e o contra! No entanto, irás, bem o sabes, sabes que, qualquer que seja tua resolução, a decisão não depende de ti. Irás, porque não ousarás fazer de outro modo. E por que não ousarás? Adivinha tu mesmo, é um enigma!" Nisso partiu, quando tu chegavas. Tratou-me de covarde, Aliócha. *Le mot de Venigme*[53] é que sou um covarde! Smierdiákov disse o mesmo. É preciso matá-lo. Cátia me despreza, vejo-o desde um mês. Lisa começa a desprezar-me: "Irás para que te admirem", é uma mentira abominável! E tu também, tu me desprezas, Aliócha. Detesto-te de novo! E odeio também o monstro, que ele apodreça no presídio! Cantou um hino! Irei amanhã cuspir na cara de todos.

Ivã levantou-se cheio de furor, arrancou o guardanapo, voltou a andar pelo quarto. Aliócha lembrou-se de suas recentes palavras: "Parece-me dormir acordado... Ando, falo, vejo e, contudo, durmo". Era bem isso. Não ousava deixá-lo para ir procurar um médico, não tendo ninguém a quem confiá-lo. Pouco a pouco Ivã pôs-se a desarrazoar completamente. Continuava a falar, mas suas palavras eram incoerentes. Articulava mal as palavras; de repente cambaleou, mas Aliócha pôde sustentá-lo; tirou-lhe a roupa, com dificuldade, e meteu-o na cama. O doente caiu num profundo sono, com a respiração regular. Aliócha velou-o ainda umas duas horas, depois pegou um travesseiro e estendeu-se sobre o divã, sem tirar a roupa. Antes de adormecer, rezou por seus irmãos. Começava a compreender a doença de Ivã. "Os tormentos duma resolução orgulhosa, uma consciência exaltada!" Deus, em quem Ivã não acreditava, e sua verdade tinham subjugado aquele coração ainda rebelde. "Sim", pensava Aliócha, "já que Smierdiákov está morto, ninguém acreditará em Ivã; no entanto, ele irá depor. " "Deus vencerá", disse a si mesmo Aliócha, com um doce sorriso. "Ou Ivã despertará à luz da verdade, ou então... sucumbirá no ódio, vingando-se de si mesmo e dos outros por ter servido uma causa na qual não acreditava", acrescentou ele com amargura, e rezou de novo por Ivã.

---

[53] *A chave do enigma.*

LIVRO XII

UM ERRO JUDICIÁRIO

I

O DIA FATÍDICO

No dia seguinte aos acontecimentos que narramos, às 10 horas da manhã, foi aberta a sessão do tribunal e começou o julgamento de Dimítri Karamázov.

Devo declarar previamente que me é impossível relatar todos os fatos na sua ordem detalhada. Tal exposição demandaria, creio, um grosso volume. De modo que não me queiram mal por limitar-me ao que me pareceu mais impressionante. Pode ser que tenha tomado o acessório pelo essencial e omitido traços característicos... Aliás, é inútil desculpar-me... Faço o melhor que posso e os leitores saberão vê-lo.

Antes de penetrar na sala, mencionemos o que causava a surpresa geral. Todo mundo conhecia o interesse despertado por aquele processo impacientemente esperado, as discussões e suposições que provocava havia dois meses. Sabia-se também que aquele caso tivera repercussão em toda a Rússia, mas sem se imaginar que ele pudesse suscitar semelhante emoção em outra parte que não entre nós. Veio gente, não somente da sede da província, mas de outras cidades e até mesmo de Moscou e de Petersburgo, juristas, notabilidades, bem como senhoras. Todos os cartões foram arrebatados num abrir e fechar de olhos. Para os visitantes de destaque, haviam reservado lugares por trás da mesa que presidia o tribunal; instalaram-se ali cadeiras, o que jamais se vira. As senhoras, bastante numerosas, formavam pelo menos a metade do público. Havia tantos juristas que não se sabia onde metê-los, estando todos os convites distribuídos desde muito tempo. Construiu-se à pressa no fundo da sala, por trás do estrado, uma separação no interior da qual tomaram eles lugar, dando-se por felizes em poderem ficar mesmo de pé, porque haviam retirado todas as cadeiras, a fim de obter-se espaço, e a multidão reunida assistiu ao julgamento de pé, em massa compacta. Certas senhoras, sobretudo as recém-chegadas, mostraram-se nas galerias excessivamente enfeitadas, mas a maior parte não pensava na toalete. Lia-se em seus rostos uma curiosidade ávida. Uma das particularidades daquele público,

digna de ser assinalada e que se manifestou no correr dos debates, era a simpatia da enorme maioria das senhoras por Mítia, que desejavam ver absolvido. Talvez porque tivesse ele a reputação de cativar os corações femininos. Contava-se com a presença das duas rivais. Catarina Ivânovna sobretudo excitava o interesse geral; contavam-se coisas espantosas a seu respeito e de sua paixão por Mítia, apesar do crime deste. Lembravam seu orgulho (não fizera visitas quase a ninguém), suas "relações aristocráticas". Dizia-se que tinha ela a intenção de pedir ao governo autorização para acompanhar o condenado ao presídio e casar-se com ele nas minas, embaixo do solo. A aparição de Grúchenhka não despertava menos interesse, esperava-se com curiosidade o encontro em plenário das duas rivais, a jovem aristocrata e a cortesã. Aliás, nossas damas conheciam melhor Grúchenhka, que "tinha posto a perder Fiódor Pávlovitch e seu desgraçado filho", e a maior parte se admirava de que uma mulher tão ordinária, nem mesmo bonita, tivesse podido tornar a tal ponto apaixonados o pai e o filho. Sei pertinentemente que em nossa cidade sérias querelas de família rebentaram por causa de Mítia. Muitas senhoras disputavam com seus maridos, em conseqüência do desacordo a respeito daquele triste caso, e compreende-se que estes chegassem ao recinto, não somente mal dispostos para com o acusado, mas enraivecidos contra ele. Em geral, ao contrário das mulheres, o elemento masculino era hostil ao detento. Viam-se rostos severos, carrancudos, outros encolerizados e isto na maioria. É verdade que Mítia insultara muitas pessoas, durante sua permanência entre nós. Decerto, alguns espectadores estavam quase alegres e bastante indiferentes à sorte de Mítia, embora interessados pelo resultado do caso; a maior parte desejava o castigo do culpado, salvo talvez os juristas, que só encaravam o processo do ponto de vista jurídico contemporâneo, negligenciando o lado moral. A chegada de Fietiukóvitch, de grande reputação por causa de seu talento, agitava todo mundo; não era a primeira vez que vinha ele à província advogar em processos criminais de repercussão, dos quais se guardava depois por muito tempo a lembrança. Circulavam anedotas sobre nosso procurador e sobre o presidente do tribunal. Contava-se que o procurador tremia ao ter de tornar a encontrar-se com Fietiukóvitch, que eram antigos inimigos, já em Petersburgo, no começo de suas carreiras; que o nosso suscetível Ipolit Kirílovitch, que se julgava lesado desde muito, porque não era convenientemente apreciado o seu mérito, havia retomado coragem com o caso Karamázov e sonhava mesmo reerguer sua reputação embaciada, mas que Fietiukóvitch lhe causava medo. Quanto ao temor de

Fietiukóvitch, essas asserções não eram totalmente justas. Nosso procurador não era desses caráteres que se deixam levar diante do perigo, mas, pelo contrário daqueles cujo amor-próprio aumenta, exalta-se, precisamente na proporção do perigo. Em geral, nosso procurador era demasiado ardente e impressionável. Punha por vezes toda a sua alma num negócio, como se de sua decisão dependessem sua sorte e sua fortuna. No mundo judiciário, sorriam dessa singularidade, que valera a nosso procurador certa notoriedade, maior do que não se teria podido crer de acordo com sua situação modesta na magistratura. Riam sobretudo de sua paixão pela psicologia Na minha opinião, todos se enganavam; nosso procurador era, eu creio, dum caráter bem mais sério do que muitos pensavam. Mas aquele homem doentio não soubera colocar-se no início de sua carreira, nem depois.

Quanto ao presidente do tribunal, era um homem instruído, humano, conhecendo praticamente a causa e com as idéias mais modernas. Tinha certo amor-próprio, mas pouca ambição. O principal objetivo de sua existência consistia em ser um progressista. Aliás, tinha relações, fortuna. Verificou-se mais tarde que se interessava bastante vivamente pelo caso Karamázov, mas somente num sentido geral; como fenômeno classificado, encarado como a resultante de nosso regime social, como a característica da mentalidade russa, etc. Quanto ao caráter particular do caso, à personalidade dos seus atores, a começar pelo acusado, isso não lhe apresentava senão um interesse vago, abstrato, como convinha aliás, talvez.

Muito tempo antes da hora, a sala estava repleta. É a mais bela da cidade, vasta, alta, sonora. À direita do tribunal, que tinha assento sobre um estrado, tinham instalado uma mesa e duas filas de cadeiras para o júri. À esquerda se encontrava o lugar do acusado e de seu defensor. No meio da sala, perto dos juizes, as peças de convicção figuravam sobre uma mesa: o roupão de seda branca de Fiódor Pávlovitch, ensangüentado; o pilão de cobre, instrumento presumido do crime; a camisa e a sobrecasaca de Mítia, toda manchada perto do bolso onde metera ele o lenço; o dito lenço, onde o sangue formava uma crosta; a pistola carregada em casa de Pierkhótin para o suicídio de Mítia e tirada furtivamente por Trifon Borísovitch, em Mókroie; o envelope dos 3 000 rublos destinados a Grúchenhka, a fita côr-de-rosa que o amarrava e outros objetos que esqueci. Mais longe, no fundo da sala, mantinha-se o público, mas diante da balaustrada tinham disposto cadeiras para as testemunhas que ficariam

na sala depois de seu depoimento. Às 10 horas apareceu o tribunal, composto do presidente, dum assessor e dum juiz de paz honorário. O procurador chegou no mesmo instante. O presidente era robusto, baixo e gordo, com o rosto congestionado, homem duns cinquenta anos, de cabelos grisalhos cortados curtos e condecorado. O procurador pareceu a toda gente estranhamente pálido, de tez quase verdoenga, emagrecido por assim dizer subitamente, porque eu o havia visto na antevéspera no seu estado normal. O presidente começou por perguntar ao oficial de justiça se todos os jurados estavam presentes... Mas é-me impossível continuar assim, tendo-me escapado certas coisas e sobretudo porque, como já o disse, o tempo e o lugar me faltariam para um relato integral. Sei somente que a defesa e a acusação só recusaram pequeno número de jurados. O júri compunha-se de quatro funcionários, dois comerciantes, seis camponeses e pequenos burgueses de nossa cidade. Muito tempo antes do julgamento, lembro-me de que na sociedade perguntavam, sobretudo as senhoras: "Será possível que um caso de psicologia tão complicada seja submetido à decisão de funcionários e de mujiques? Que é que eles compreenderão disso?" Efetivamente, os quatro funcionários que faziam parte do júri eram gente modesta, já grisalha, exceto um, pouco conhecidos em nossa sociedade, tendo vegetado com mesquinhos ordenados; deviam ser casados com velhas, impossíveis de exibir, e ter uma ninhada de meninos, talvez descalços; as cartas encantavam-lhes os lazeres e não tinham, bem entendido, jamais lido coisa alguma. Os dois comerciantes tinham o ar calmo, mas estranhamente taciturno e imóvel, estando um deles barbeado e trajado à européia, e o outro, de barba grisalha, trazia no pescoço uma medalha. Nada a dizer dos pequenos burgueses e camponeses de Skotoprigonievsk. Os primeiros assemelham-se bastante aos segundos e trabalham como eles. Dois dentre eles usavam também traje europeu, o que os fazia parecerem mais sujos e mais feios talvez que os outros, tanto que todos perguntavam a si mesmos involuntariamente, como o fiz, olhando-os: "Que pode essa gente compreender mesmo dum tal caso?" Não obstante, seus rostos, rígidos e carrancudos, mostravam uma expressão imponente.

Enfim, o presidente abriu a sessão declarando ao auditório que ia dar-se início ao julgamento do crime de que foi vítima o conselheiro titular aposentado, Fiódor Pávlovitch Karamázov... Não me recordo bem como o disse. Os oficiais de justiça tiveram ordem de introduzir o acusado e apareceu Mítia. Reinou profundo silêncio na sala. Poder-se-ia ouvir uma

mosca voar. Mítia causou-me uma impressão das mais desfavoráveis. Apresentou-se como um janota, de roupa nova, luvas lustrosas, roupa branca fina. Soube depois que ele encomendara para aquele dia uma sobrecasaca em Moscou, em casa de seu antigo alfaiate, que havia conservado suas medidas. Avançou a grandes passos, rígido, olhando fitamente à sua frente, e sentou-se com ar impassível. Apareceu ao mesmo tempo seu defensor, o famoso Fietiukóvitch; um murmúrio discreto percorreu a sala. Era um homem grande e seco, de pernas finas, dedos exangues e afilados, cabelos curtos, o rosto imberbe, e seus lábios finos pregueavam-se por vezes num sorriso sarcástico. Parecia ter quarenta anos. O rosto teria sido simpático não fossem os olhos, desprovidos de expressão e muito aproximados do nariz, comprido e delgado. Em suma, aquela fisionomia lembrava um pássaro. Estava de casaca e de gravata branca. Lembro-me do interrogatório de identificação. Mítia respondeu com uma voz tão forte que surpreendeu o presidente. Depois fizeram leitura da lista das testemunhas e peritos. Quatro dentre ele faltavam: Miúsov, que voltara a Paris, mas cujo depoimento figurava no processo; a Senhora Khokhlakova e o proprietário rural Maksímov, por motivo de doença, e Smierdiákov, falecido subitamente, como o atestava um relatório da polícia. A notícia de sua morte causou sensação. Muitos, no público, ignoravam ainda o seu suicídio. O que impressionou sobretudo foi uma frase de Mítia a esse respeito:

— Para cão, morte de cão! — exclamou ele.

Seu defensor adiantou-se para ele, o presidente ameaçou-o de tomar medidas severas no caso de novo insulto. Mítia repetiu várias vezes ao advogado, à meia voz e sem arrependimento aparente:

— Não o farei mais! Escapou-me. Não recomeçarei.

Esse episódio não testemunhava em seu favor aos olhos dos jurados e do público. Dava uma amostra de seu caráter. Foi sob essa impressão que o escrivão leu o libelo acusatório. Era conciso, limitando-se à exposição dos principais motivos de acusação; não obstante, fiquei vivamente impressionado. O escrivão lia com uma voz nítida e sonora. Aquela tragédia aparecia em relevo, alumiada por uma luz implacável. Depois do que, o presidente perguntou a Mítia:

— Acusado, reconhece-se culpado? Mítia levantou-se.

— Reconheço-me culpado de embriaguez, de devassidão e de pre-

guiça — disse ele com exaltação. — Queria corrigir-me definitivamente, na hora mesma em que a sorte me feriu. Mas estou inocente da morte do velho, meu pai e meu inimigo. Não o roubei tampouco, não, não sou capaz disso. Dimítri Karamázov é um canalha, mas não um ladrão!

Sentou-se de novo, a fremir. O presidente exortou-o a responder unicamente às perguntas. Em seguida, foram chamadas as testemunhas para prestar juramento. Os irmãos do acusado foram dispensados dessa formalidade. Depois das exortações do padre e do presidente, mandaram para fora as testemunhas para serem de novo chamadas uma a uma.

II

TESTEMUNHOS PERIGOSOS

Ignoro se as testemunhas de acusação e de defesa foram agrupadas pelo presidente e em que ordem se propunha chamá-las. É provável. Em todo o caso, começou-se pelas testemunhas de acusação. Repito que não tenho a intenção de reproduzir integralmente os interrogatórios. Aliás, seria em parte supérfluo, porque a acusação e a defesa resumiram claramente a marcha e o sentido do caso, bem como os depoimentos das testemunhas. Anotei integralmente por vezes aqueles dois notáveis discursos que citarei a seu tempo, da mesma maneira que um episódio inesperado do julgamento, que influiu indubitavelmente no seu desenlace fatal. Desde o começo, uma particularidade daquele caso afirmou-se aos olhos de todos: a força extraordinária da acusação, em relação aos meios da defesa. Todo mundo compreendeu logo isso, quando se viu os fatos agruparem-se, acumularem-se e o horror do crime exibir-se pouco a pouco à plena luz. Dava-se conta o público de que a causa estava bem clara, que a dúvida era impossível, que os debates seriam apenas mera formalidade, estando mais que demonstrada a culpabilidade do acusado. Penso mesmo que nem dúvida havia para todas as senhoras que aguardavam com tanta impaciência a absolvição do interessante acusado. Mais ainda, parece-me que se sentiriam elas aflitas diante de uma culpabilidade menos evidente, porque isso teria diminuído o efeito do desenlace, quando se absolvesse o criminoso. Coisa estranha é que todas as senhoras acreditaram na absolvição quase até o derradeiro minuto. "Ele é culpado, mas absolvê-lo-ão por humanidade, em nome das idéias novas", etc. Eis por que haviam acorrido com tanto açodamento. Os homens interessavam-se sobretudo

pela luta entre o procurador e o famoso Fietiukóvitch. Todos perguntavam a si mesmos com espanto: que poderá fazer de uma causa perdida de antemão Fietiukóvitch, com todo o seu talento? De modo que o observavam com uma atenção intensa. Mas Fietiukóvitch ficou até o fim como um enigma para todos. As pessoas experimentadas pressentiam que tinha ele um sistema, que perseguia um objetivo, mas era quase impossível adivinhar qual. Sua segurança saltava no entanto aos olhos. Além disso, notou-se com satisfação que, durante sua curta estada entre nós, se pusera notavelmente a par do caso e havia-o estudado em todos os seus detalhes. Admirou-se em seguida sua habilidade em desacreditar todas as testemunhas da acusação, em confundi-las tanto quanto possível e sobretudo em manchar-lhes a reputação moral, e, por conseqüência, seus depoimentos. Aliás, supunha-se que ele assim agia muito por jogo, por assim dizer, por coquetismo jurídico, a fim de pôr em ação todos os processos advocatórios, porque pensava-se com razão que aqueles "denegrimentos" não lhe proporcionariam nenhuma vantagem definitiva, e ele próprio, provavelmente, o compreendia melhor que ninguém; devia ter em reserva uma idéia, uma arma oculta, que revelaria no momento querido. No instante, consciente de sua força, parecia divertir-se. Assim, quando interrogou Gregório Vassílievitch, o antigo criado de quarto de Fiódor Pávlovitch, que afirmou ter visto a porta da casa aberta, o defensor aferrou-se a ele, quando chegou sua vez de fazer-lhe perguntas. Gregório Vassílievitch apareceu à barra das testemunhas sem se mostrar absolutamente perturbado pela majestade do tribunal ou pela presença do numeroso público. Depôs com a mesma segurança com que o teria feito se estivesse a sós com sua mulher, mas com mais deferência. Era impossível confundi-lo. O procurador interrogou-o muito tempo a respeito de particularidades da família Karamázov. Gregório traçou dela um quadro sugestivo. Via-se que a testemunha era ingênua e imparcial. Malgrado todo o seu respeito pelo antigo patrão, declarou que este fora injusto para com Mítia e "não educava seus filhos como era preciso. Sem mim, teria ele sido roído pelos piolhos", disse ele, ao falar da tenra infância de Mítia. "Tampouco, não deveria ter o pai prejudicado seu filho no referente aos bens que herdara da mãe. " Tendo-lhe o procurador perguntado sobre que se baseava para afirmar que Fiódor Pávlovitch prejudicara a seu filho por ocasião do acerto de contas, Gregório, para espanto geral, não apresentou nenhum argumento decisivo, mas persistiu dizendo que aquele acerto não fora justo, e que Mítia deveria ter recebido ainda alguns milhares de rublos. A este propósito, interrogou o procurador, com uma insistência

particular, todas as testemunhas que se presumia estivessem ao corrente, inclusive os irmãos do acusado, mas nenhuma delas o esclareceu duma maneira precisa, cada qual afirmando a coisa sem poder fornecer dela uma prova mais ou menos exata. O relato da cena na mesa, que Dimítri Fiódorovitch irrompeu na sala e bateu em seu pai, ameaçando de voltar para matá-lo, produziu uma impressão sinistra, tanto mais quanto o velho criado narrava com calma e concisão, numa linguagem original, o que causava muito efeito. Declarou que a ofensa de Mítia, que então lhe batera no rosto e o derrubara, estava desde muito tempo perdoada. Quanto a Smierdiákov — benzeu-se —, era um rapaz bem dotado, mas deprimido pela doença e sobretudo ímpio, tendo sofrido a influência de Fiódor Pávlovitch e de seu filho mais velho. Atestou com calor sua honestidade, contando o episódio do dinheiro achado e entregue por Smierdiákov a seu patrão, o que lhe valeu, com uma moeda de ouro, a confiança dele. Sustentou teimosamente a versão da porta aberta para o jardim. Aliás, fizeram-lhe tantas perguntas que não posso lembrar-me de todas. Por fim, foi a vez do defensor; que se informou em primeiro lugar do envelope onde, segundo parecia, Fiódor Pávlovitch ocultara 3 000 rublos para certa pessoa. "Viu-o, o senhor que vivia desde tanto tempo junto de seu patrão?" Gregório respondeu que não e que não sabia da existência desse. dinheiro e dele só conhecendo "depois que toda gente falava". Esta pergunta relativa ao envelope fê-la Fietiukóvitch, todas as vezes que pôde, às testemunhas, com a mesma insistência que o procurador pusera em informar-se sobre a partilha dos bens; todas responderam que não tinham podido ver o envelope, embora muitas dele tivessem ouvido falar. A persistência do defensor foi notada desde o começo.

— Agora, poderia eu perguntar-lhe — continuou Fietiukóvitch — de que se compunha esse bálsamo, ou antes essa infusão com a qual o senhor esfregou seus rins, antes de deitar-se, na noite do crime, como ressalta do inquérito?

Gregório olhou-o com ar aparvalhado e, após um silêncio, murmurou: "Havia salva nela".

— Somente salva, nada mais?

— E tanchagem.

— E pimenta, talvez?

— Havia também pimenta.

— E tudo isso com vodca!

— Com álcool.

Ligeiro sorriso percorreu o auditório.

— Veja-se, até mesmo álcool. Depois de ter-se esfregado a região renal, o senhor bebeu o resto da garrafa, com uma piedosa prece conhecida somente por sua esposa, não é?

— Sim.

— Bebeu muito? Um ou dois copinhos?

— O conteúdo de um copo.

— Tanto assim? Um copo e meio, talvez? Gregório guardou silêncio. Parecia compreender.

— Um copo e meio de álcool puro, não teria sido muito? Que pensa o senhor? Com isso podem-se ver abertas as portas do paraíso!

Gregório continuava calado. Nova risada esfuziou. O presidente agitou-se.

— Poderia o senhor dizer — insistiu Fietiukóvitch — se estava desperto quando viu a porta do jardim aberta?

— Estava em cima de minhas duas pernas.

— Isto não quer dizer que o senhor estivesse desperto. (Novas risadas.) Teria podido, por exemplo, responder naquele momento, se alguém lhe perguntasse, em que ano nós estamos?

— Não sei.

— Está bem! Em que ano estamos, desde o nascimento de Jesus Cristo? Sabe-o?

Gregório, com ar confuso, olhava fixamente seu carrasco. Sua ignorância do ano atual parecia estranha.

— Talvez saiba o senhor quantos dedos tem nas mãos.

— Tenho o hábito de obedecer — proferiu, de súbito, Gregório. — Se agrada às autoridades zombar de mim, devo suportá-lo.

Fietiukóvitch ficou um pouco desconcertado. O presidente interveio e lembrou-lhe que devia fazer perguntas mais em relação com o caso. O

advogado respondeu com deferência que nada mais tinha a perguntar. Certamente, o depoimento de um homem "tendo visto as portas do paraíso" e ignorando em que ano vivia poderia inspirar dúvidas, de sorte que o fito do defensor foi atingido. Um incidente marcou o fim do interrogatório. Tendo-lhe o presidente perguntado se tinha observações a apresentar, Mítia exclamou:

— Exceto o que se refere à porta, a testemunha disse a verdade. Eu lhe agradeço ter-me livrado dos parasitas e perdoado minhas pancadas; esse velho foi durante toda a sua vida honesto e fiel a meu pai como 36 cães-d'água.

— Acusado, policie suas expressões — disse severamente o presidente.

— Não sou um cão-d'água — resmungou Gregório.

— Pois bem! Sou eu que sou um cão-d'água! — gritou Mítia. — Se é uma ofensa, assumo-a para mim e peço-lhe perdão. Fui brutal e violento com ele. Com Esopo também.

— Que Esopo? — acentuou severamente o presidente.

— Refiro-me a Pierrot... a meu pai Fiódor Pávlovitch.

O presidente exortou de novo Mítia a escolher seus termos com mais prudência.

— O senhor se prejudica assim no espírito de seus julgadores.

O defensor procedeu com a mesma habilidade com Rakítin, uma das testemunhas mais importantes, da qual muito esperava o procurador. Sabia uma multidão de coisas, vira tudo, conversara com uma multidão de pessoas e conhecia a fundo a biografia de Fiódor Pávlovitch e dos Karamázovi. Na verdade, não ouvira falar do envelope de 3 000 rublos senão por Mítia. Em compensação, descreveu com detalhes as proezas de Mítia no botequim A Capital, suas palavras e atos comprometedores, contou a história do "esfregão de tília", do Capitão Snieguiriov. Quanto ao que o pai podia ter de restituir ao filho por ocasião do acerto de contas, o próprio Rakitin nada sabia e safou-se graças a generalidades desdenhosas: "Impossível compreender qual não tinha razão e não se emaranhar naquela barafunda dos Karamázovi". Apresentou aquele crime trágico como o produto dos costumes atrasados da servidão e da desordem em que estava mergulhada a Rússia, privada das instituições necessárias. Em

suma deixaram-no discorrer. Foi depois desse julgamento que o Senhor Rakitin se revelou e atraiu a atenção. O procurador sabia que a testemunha preparava para uma revista um artigo relativo ao crime e citou algumas partes dele no seu discurso acusatório (como se verá mais adiante). O quadro pintado pela testemunha pareceu sinistro e reforçou a acusação. Em geral, a exposição de Rakitin agradou ao público pela independência e pela nobreza de pensamento; ouviram-se mesmo alguns aplausos, quando falou ele da servidão e da Rússia presa da desorganização. Mas Rakitin, que era jovem, cometeu um descuido de que soube logo aproveitar-se o defensor. Interrogado a respeito de Grúchenhka e arrastado pelo seu êxito e pela altura moral em que havia plainado, exprimiu-se com algum desdém a respeito de Agrafiena Alieksándrovna, "mantida pelo comerciante Samsónov". Teria dado muito depois para retirar esta expressão, porque foi aí que Fietiukóvitch o apanhou. E isto porque Rakitin não esperava que o advogado tivesse podido iniciar-se em tão pouco tempo em detalhes tão íntimos.

— Permita-me uma pergunta — começou o defensor com um sorriso amável e quase atencioso. — É mesmo o Senhor Rakitin, autor de uma brochura editada pela autoridade diocesana, *Vida do Bem-Aventurado Padre Zósima,* cheia de pensamentos religiosos, profundos, com uma dedicatória bastante piedosa a Sua Grandeza e que eu li recentemente com muito prazer?

— Não estava destinada a aparecer... publicaram-na depois — murmurou Rakitin, que parecia desconcertado.

— Está muito bem. Um pensador como o senhor pode e mesmo deve interessar-se pelos fenômenos sociais. Sua brochura, graças à proteção de Sua Grandeza, o Senhor Bispo, divulgou-se e prestou serviço... Mas eis o que estaria eu curioso de saber: o senhor acaba de declarar que conhecia intimamente a Senhora Svietlova?[54] *(Nota bene.* Tal era o nome de família de Grúchenhka. Ignorava-o até aquele dia.)

— Não posso responder por todas as minhas amizades... Sou jovem... Aliás, quem o poderia? — disse Rakitin, corando.

— Compreendo, compreendo perfeitamente! — disse Fietiukóvitch, fingindo-se confuso e como que pressuroso em desculpar-se. — O senhor

---

[54] *Nome forjado. Derivado de* sviet, *luz, claridade.*

poderia, como não importa quem, interessar-se por uma mulher jovem e bonita, que recebia em sua casa a flor da juventude local, mas... eu queria somente informar-me; sabemos que há dois meses, desejava vivamente a Senhora Svietlova conhecer o mais moço dos Karamázovi, Alieksiéi Fiódorovitch. Ela lhe prometera 25 rublos, se o senhor lho levasse com sua batina religiosa. A visita ocorreu na noite mesma do drama que provocou o processo atual. Recebeu o senhor então da Senhora Svietlova 25 rublos de recompensa? Eis o que queria que o senhor me dissesse.

— Era uma brincadeira... Não vejo em que isto possa interessá-lo. Recebi esse dinheiro por brincadeira... para restituí-lo em seguida.

— Por conseqüência, o senhor aceitou-o. Mas ainda não o restituiu... ou talvez já?

— Uma bagatela... — murmurou Rakítin. — Não posso responder a tais perguntas... Decerto, haverei de restituí-lo.

O presidente interveio, mas o defensor declarou que não tinha mais nada a perguntar ao Senhor Rakítin. Este retirou-se um tanto envergonhado. O prestígio da personagem ficou assim abalado, e Fietiukovitch, acompanhando-o com olhar, parecia dizer ao público: "Eis o que valem vossos acusadores!" Mítia, furioso por causa do tom com que Rakítin se referira a Grúchenhka, gritou de seu lugar: "Bernard!" Quando o presidente lhe perguntou se tinha alguma coisa a dizer, exclamou:

— Ia ele ver-me na prisão para arrancar-me dinheiro, esse miserável, esse ateu. Mistificou Sua Grandeza, o Senhor Bispo!

Mítia foi naturalmente chamado à ordem, mas o Senhor Rakítin ficou liquidado. O testemunho do Capitão Snieguiriov não logrou êxito, por uma razão bem diversa. Apareceu esfarrapado, de roupa suja e, malgrado as medidas de precaução e o exame prévio, encontrou-se em estado de embriaguez. Recusou responder a respeito do caso do insulto que lhe fizera Mítia.

— Deus lhe perdoe! Iliúcha proibiu-o. Deus me recompensará lá em cima.

— Quem o proibiu de falar?

— Iliúcha, meu menino: "*Bátiuchka, bátiuçhka,* como ele te humilhou!" Dizia isto perto da pedra. Agora, está morrendo.

O capitão se pôs subitamente a soluçar e deixou-se cair aos pés do

presidente. Levaram-no logo, entre as risadas da assistência. O efeito com que contava o procurador malogrou-se.

O defensor continuou a usar de todos os meios, causando admiração cada vez mais pelo seu conhecimento do caso, até nos seus menores detalhes. Assim, o depoimento de Trifon Borísovitch tinha causado viva impressão, naturalmente das mais desfavoráveis ao acusado. Segundo ele, Mítia, por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, deveria ter gasto pelo menos 3 000 rublos, "mais ou menos. Quanto dinheiro foi gasto, só com os cigarros! Quanto aos nossos mujiques piolhentos, não eram 50 copeques mas 25 rublos no mínimo que distribuía a cada um. E quanto lhe roubaram! Os ladrões não se gabaram disso. Como reconhecê-los, entre tamanhas liberalidades? Nossa gente são uns bandidos, desprovidos de consciências. E as moças, que não tinham um vintém, estão ricas agora". Em suma, lembrava cada despesa e fazia conta de tudo. Isto arruinava a hipótese de 1 500 rublos gastos e do restante guardado no amuleto. "Vi eu mesmo os 3 000 rublos em suas mãos, vi com os meus próprios olhos e sabemos o que é dinheiro, ora se não sabemos!" Sem tentar prejudicar-lhe o depoimento, o defensor lembrou que o cocheiro Timofiéi e outro mujique, Akim, tinham encontrado no vestíbulo, por ocasião da primeira viagem a Mókroie, um mês antes da detenção, 100 rublos perdidos por Mítia, que estava embriagado, e os haviam entregue a Trifon Borísovitch, que deu 1 rublo a cada um. "Pois bem! devolveu o senhor então esse dinheiro ao Senhor Karamázov, sim ou não?" Trifon Borísovitch, malgrado seus rodeios, confessou a coisa, depois que foram interrogados os mujiques, afirmando ter restituído o dinheiro a Dimítri Fiódorovitch, "com toda a honestidade, mas estando este embriagado na ocasião, não podia lembrar-se disso".

Ora, como tivesse negado o achado antes, sua restituição a Mítia embriagado inspirava naturalmente dúvidas. Desta maneira, uma das testemunhas de acusação mais perigosas tornava-se suspeita e atingida na sua reputação. Foi a mesma coisa com os poloneses; entraram com ar desenvolto, atestando que haviam "servido à coroa" e que "*pan* Mítia lhes oferecera 3 000 rublos para comprar-lhes a honra". *Pan* Mussialóvitch esmaltava suas frases com palavras polonesas e vendo que isto lhe dava importância aos olhos do presidente e do procurador, tornou-se ousado e se pôs a falar em polonês. Mas Fietiukóvitch apanhou-os também em suas redes; malgrado suas hesitações, Trifon Borísovitch, chamado de novo à barra, teve de reconhecer que *pan* Vrabliévski substituíra um baralho de

cartas ao dele, e que *pan* Mussialóvitch, presidindo a banca, trapaceava. Isto foi confirmado por Kolgánov por ocasião de seu depoimento, e os *panówie* retiraram-se um tanto envergonhados, entre os risos da assistência. As coisas se passaram da mesma maneira com quase todas as testemunhas mais importantes. Fietiukóvitch conseguiu desconsiderar cada uma delas e apanhá-las em falta. Os amadores e os juristas admiravam-no, enquanto perguntavam a si mesmos para que podia servir aquilo, porque, repito-o, a acusação parecia cada vez mais irrefutável e trágica. Mas via-se, pela segurança do "grande mago", que ele estava tranqüilo e esperava-se: não era homem para vir de Petersburgo para nada e para lá voltar sem resultado.

III

A PERÍCIA MÉDICA E 1 LIBRA DE AVELÃS

A perícia médica tampouco foi favorável ao acusado. Aliás, Fietiukóvitch mesmo não contava muito com ela, como bem se viu. No fundo, realizou-se unicamente por insistência de Catarina Ivanovna, que mandara chamar um famoso médico de Moscou. A defesa, certamente, nada podia perder com isso, podia mesmo ganhar, no caso mais favorável. Misturou-se nisso certo elemento cômico em conseqüência de um desacordo entre os médicos. Os peritos eram o famoso médico em questão, o Doutor Herzenstube, de nossa cidade, e o jovem médico Varvínski. Os dois últimos figuravam também na qualidade de testemunhas citadas pelo procurador. O primeiro chamado foi o Doutor Herzenstube, setuagenário grisalho, atingido de calvície, de estatura mediana e constituição robusta. Bastante estimado e respeitado em nossa cidade, era um médico consciencioso, excelente homem pio, uma espécie de irmão morávio. Desde muito tempo estabelecido entre nós, tinha grande dignidade em suas maneiras. Filantropo, tratava gratuitamente os pobres e os camponeses, visitava os casebres e as isbás, deixando dinheiro para os remédios, mas era teimoso como uma mula. Impossível fazê-lo desistir duma idéia. A propósito, quase todo mundo na cidade sabia que o famoso médico, chegado de pouco, já se permitira fazer observações bastante descorteses a respeito da capacidade do Doutor Herzenstube. Se bem que o médico de Moscou não cobrasse menos de 25 rublos por visita, houve pessoas que aproveitaram de sua estada para consultá-lo. Eram

naturalmente clientes de Herzenstube e o famoso médico criticou por toda parte o tratamento dele da maneira mais acerba. Acabou por perguntar ao doente, ao entrar: "Então, quem o atochou de drogas, Herzenstube? Eh! eh! eh!" Este, bem entendido, veio a saber. Portanto, os três médicos apareceram como peritos. O Doutor Herzenstube declarou que "o acusado era visivelmente anormal do ponto de vista mental". Depois de ter exposto suas considerações, que omito aqui, acrescentou que essa anomalia resultava não só da conduta anterior do acusado, mas se observava presentemente, e, quando lhe pediram que se explicasse, declarou o velho doutor com ingenuidade que o acusado, ao entrar, "tinha um ar espantoso, em vista das circunstâncias, caminhava como um soldado, olhando diretamente à sua frente, quando deveria voltar os olhos para a esquerda, onde se conservavam as senhoras, porque era grande amador do belo sexo e devia preocupar-se com o que elas diriam dele", concluiu o velho na sua linguagem original. Exprimia-se voluntária e longamente em russo, mas cada uma de suas frases tinha um torneio alemão, o que não o perturbava de modo algum, porque imaginara toda a sua vida que falava excelentemente o russo, melhor mesmo que os russos, e gostava muito de citar os provérbios, afirmando cada vez que os provérbios russos são os melhores e os mais expressivos de todos. Na conversação, por distração talvez, esquecia por vezes as palavras mais comuns, que conhecia perfeitamente, mas que lhe fugiam de repente. O mesmo acontecia quando falava alemão; viam-no então agitar a mão diante de seu rosto como para agarrar a expressão perdida, e ninguém teria podido obrigá-lo a continuar antes que a tivesse tornado a encontrar. Sua observação de que o acusado deveria ter, ao entrar, olhado para as senhoras divertiu a assistência. O velho era muito querido de nossas damas. Sabiam que, tendo ficado celibatário, piedoso e de costumes puros, considerava as mulheres criaturas ideais e superiores. Assim, sua observação inesperada pareceu das mais estranhas.

O médico de Moscou declarou categoricamente por sua vez que tinha o estado mental do acusado como normal, mesmo em supremo grau. Discorreu sapientemente sobre a obsessão e a mania e concluiu que, de acordo com todos os dados recolhidos, o acusado, já vários dias antes de sua detenção, se achava presa duma obsessão mórbida incontestável, e se cometera um crime, se bem que tivesse dele consciência, era quase involuntariamente, sem ter a força de resistir ao impulso que o impelia. Mas, além da obsessão, notara o doutor a mania, o que constituía, na sua opinião, um primeiro passo para a demência completa. *(N. B.* Uso dos

meus próprios termos, pois o doutor exprimia-se numa linguagem científica e especial.) "Todos os seus atos estão em contradição com o bom senso e a lógica", prosseguiu ele. "Sem falar do que não vi, isto é, do crime e de todo esse drama, anteontem, conversando comigo, tinha um olhar fixo e inexplicável. Ria bruscamente e sem motivo, presa duma verdadeira irritação permanente e incompreensível. Proferia palavras estranhas: Bernard, a ética e outras coisas que não vêm ao caso. " Mas o doutor notava sobretudo essa mania no fato de que o acusado não podia falar sem exasperação dos 3 000 rublos de que se julgava frustrado, ao passo que ficava relativamente calmo ao lembrar-se das outras ofensas e fracassos sofridos. Enfim, parecia que, já antes, ficava furioso a respeito desses 3 000 rublos e, no entanto, assegura-se que não é ele interesseiro, nem cúpido. "Quanto à opinião de meu sábio colega", concluiu com ironia o doutor de Moscou, "de que o acusado, ao entrar, deveria ter olhado para as senhoras em vez de fazê-lo diretamente à sua frente, é uma asserção engraçada, mas radicalmente errônea, porque, muito embora convenha eu que o acusado, ao entrar na sala em que se decide sua sorte, não deveria ter tido um olhar tão fixo e que isso poderia com efeito revelar uma perturbação mental, afirmo ao mesmo tempo que deveria ter ele olhado não para a esquerda, para as senhoras, mas para a direita, procurando com os olhos seu defensor, aquele em quem espera e do qual depende sua sorte. " O doutor formulara sua opinião num tom imperioso. Mas o desacordo entre os dois peritos pareceu particularmente cômico após a conclusão inesperada do Doutor Varvínski, que lhe sucedeu. Segundo ele, o acusado, agora como então, era absolutamente normal, e muito embora antes de sua detenção devesse encontrar-se numa superexcitação extraordinária, podia isto provir das causas mais evidentes: ciúme, cólera, embriaguez contínua, etc. Mas aquele nervosismo nada tinha que ver com "a obsessão", de que acabavam de falar. Quanto a saber para onde devia olhar o acusado ao entrar na sala, "na minha humilde opinião, deveria olhar diretamente à sua frente, como o havia feito na realidade, com os olhos fixos sobre os juizes dos quais dependia doravante sua sorte, de modo que por isso mesmo demonstrara seu estado perfeitamente normal naquele instante", concluiu o jovem médico com alguma animação.

— Bravo, curandeiro! — gritou Mítia. — É isto mesmo! Fizeram Mítia calar-se, mas aquela opinião teve influência decisiva

sobre tribunal e público, porque toda a gente dela partilhou, como se viu posteriormente. O Doutor Herzenstube, ouvido como testemunha,

serviu inopinadamente aos interesses de Mítia. Na qualidade de velho habitante, conhecia desde muito tempo a família Karamázov, forneceu algumas informações bastante interessantes para a acusação e continuou:

— No entanto, o pobre rapaz merecia melhor sorte, porque tivera bom coração na sua infância e mesmo depois, eu o sei. Um provérbio russo diz: "Bom é que o homem tenha juízo, porém melhor é ainda que o acompanhe outro homem de juízo, pois assim serão dois juízos e não um só... "

— Dois juízos valem mais que um — declarou com impaciência o procurador, que conhecia o hábito do velho de falar com lentidão e prolixidade, sem se perturbar com a impressão produzida e com a perda de tempo que causava, afeiçoado ao contrário à sua pesada facúndia germânica. O velho gostava de mostrar-se espirituoso.

— Isto mesmo! É o que digo — continuou ele, com tenacidade: — Dois juízos valem mais do que um. Mas ele ficou só e o dele se foi... Onde o largou ele? Esqueci-me da palavra — prosseguiu, agitando a mão diante dos olhos. — Ah! sim! *spazieren.* [55]

— A passear?

— Isto mesmo! É o que digo. Seu juízo saiu, pois, a vagabundear e perdeu-se. E no entanto, era um jovem grato e sensível; lembro-me dele quando era pequeno, abandonado em casa de seu pai no quintal, quando corria de pés descalços, com um botão só nas calças. — A voz do honesto velho matizou-se de emoção. Fietiukóvitch estremeceu como se pressentisse alguma coisa.

— Sim, era eu mesmo ainda. jovem então... Tinha 45 anos e acabava de chegar aqui. Tive piedade da criança e disse a mim mesmo: "Por que não comprar 1 libra para ele?... " Pois sim! Uma libra de quê? Esqueci como isso se chama... 1 libra do que as crianças gostam muito, como é mesmo?... — E o doutor agitou de novo as mãos. — Cresce numa árvore, colhem-no.

— Maçãs?

— Oh! n-não! Vendem-se às libras, ao passo que as maçãs se vendem às dúzias, não a peso... há muitas, são pequeninas, a gente mete-as na

---

[55] *Passear, em alemão*

boca e craque!...

— Avelãs?

— Isto mesmo! Avelãs, é o que digo — confirmou o doutor, imperturbável, como se não tivesse procurado a palavra. — E levei ao menino 1 libra de avelãs; nunca as recebera. Levantei o dedo e disse: "Meu rapaz! *Gott der Vater*". Ele pôs-se a rir e repetiu: "*Gott der Vater*". "*Gott der Sohn.* " Ele riu de novo e gorjeou: "*Gott der Sohn*". "*Gott der heilige Geist*" Ele riu ainda e esforçou-se para dizer: "*Gott der heilige Geist*" * Dois dias depois, quando eu passei, ele mesmo gritou para mim: "Meu senhor, *Gott der Vater, Gott der Sohn*". Esquecera-se de *Gott der heilige Geist,* mas eu lho recordei e ele de novo me causou compaixão. Levaram-no e não mais o vi. Vinte e três anos depois, encontrava-me uma manhã em meu consultório, com a cabeça já branca, quando entra um jovem em pleno viço e que não fui capaz de reconhecer; levantou o dedo e disse rindo: "*Gott der Vater, Gott der Sohn und Gott der heilige Geist!*[56] Cheguei ainda há pouco e venho agradecer-lhe a libra de avelãs, porque ninguém nunca as comprara para mim, foi o senhor o único". Lembrei-me então de minha feliz juventude e do pobre menino descalço. Fiquei comovido e disse-lhe: "És um jovem agradecido, já que não te esqueceste daquela libra de avelãs que te levei na tua infância". Apertei-o em meus braços e abençoei-o. E chorei. Ele ria... porque o russo ri muitas vezes em ocasiões em que devia chorar. Mas ele chorava também, vi-o. E agora, ai!...

— E agora choro eu, alemão, e agora choro eu, homem de Deus! — gritou de repente Mítia.

Seja como fôr, aquela anedota produziu uma impressão favorável. Mas o principal efeito em favor de Mítia foi causado pelo depoimento de Catarina Ivânovna, do qual vou falar. Em geral, quando chegou a vez das testemunhas de defesa, a sorte pareceu sorrir a Mítia e, o que *é* mais de notar, inopinadamente para a própria defesa. Mas antes de Catarina Ivânovna, interrogaram Aliócha, que se lembrou de súbito de um fato que parecia refutar positivamente um dos pontos mais importantes da acusação.

---

[56] *Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo.*

IV

A SORTE SORRI A MÍTIA

Isso ocorreu improvisadamente mesmo para Aliócha. Não prestara juramento e desde o começo fora objeto duma viva simpatia, tanto de um lado quanto do outro. Via-se que seu bom renome o precedia. Aliócha mostrou-se modesto e reservado, mas seu afeto por seu desgraçado irmão transparecia em seu depoimento. Caracterizou-o como um ser sem dúvida violento e arrebatado pelas suas paixões, mas nobre, altivo, generoso, capaz de se sacrificar se lho pedissem. Reconheceu aliás que para o fim a paixão de Mítia por Grúchenhka, sua rivalidade com seu pai, haviam-no posto numa posição intolerável. Mas repeliu com indignação a hipótese de que seu irmão tivesse podido matar para roubar, embora convindo que aqueles 3 000 rublos tinham-se tornado uma obsessão no espírito de Mítia, que os considerava como uma parte de sua herança, fraudulentamente desviada por seu pai, e não podia falar-se deles sem ficar furioso. Quanto à rivalidade das duas "pessoas", como dizia o procurador, exprimiu-se evasivamente e recusou mesmo responder a uma ou duas perguntas.

— Seu irmão lhe disse que tinha a intenção de matar seu pai? — perguntou o procurador. — O senhor pode não responder, se isto lhe convier.

— Diretamente não mo disse.

— Indiretamente, então?

— Falou-me uma vez de seu ódio por seu pai, temia... num momento de exasperação, ser capaz de matá-lo.

— E o senhor acreditou nele?

— Não ouso afirmá-lo. Sempre pensei que um sentimento elevado o salvaria no momento fatal, como aconteceu, com efeito, porque não foi "ele" quem matou meu pai — disse Aliócha, com uma voz forte que ressoou. O procurador estremeceu como um cavalo de batalha ao som do clarim.

— Esteja certo de que não duvido da sinceridade de sua convicção, independentemente de seu amor fraternal por esse infeliz. O inquérito já nos revelou sua opinião original sobre o trágico episódio que se

desenrolou em sua família. Mas não lhe oculto que ela é isolada e contraditada pelos outros depoimentos. De modo que estimo necessário insistir para conhecer os dados que o convenceram definitivamente da inocência de seu irmão e da culpabilidade de uma outra pessoa que o senhor designou no inquérito.

— No inquérito, respondi somente às perguntas — disse Aliócha com calma. — Não formulei acusação contra Smierdiákov.

— Contudo, o senhor designou-o.

— De acordo com as palavras de meu irmão Dimítri. Sabia que, por ocasião de sua detenção, acusara Smierdiákov. Estou persuadido da inocência de meu irmão. E se não foi ele quem matou, então...

— Foi Smierdiákov? Por que ele precisamente? E por que está o senhor tão convencido da inocência de seu irmão?

— Não podia duvidar dele. Sei que ele não mente. Vi, pelo seu rosto, que ele me dizia a verdade.

— Somente pelo seu rosto? São essas todas as suas provas?

— Não tenho outras.

— E não tem outras provas da culpabilidade de Smierdiákov senão as palavras de seu irmão e a expressão de seu rosto?

— Não.

O procurador não insistiu. As respostas de Aliócha decepcionaram profundamente o público. Tinha-se falado de Smierdiákov, corria o boato de que Aliócha reunia provas decisivas em favor de seu irmão e contra o lacaio. Ora, ele nada trazia, senão uma convicção moral, bem natural no irmão do acusado. Chegou a vez de Fietiukóvitch, que perguntou a Aliócha em que momento o acusado lhe falara de seu ódio por seu pai e de suas veleidades de assassínio, e se fora, por exemplo, por ocasião de sua derradeira entrevista antes do drama. Aliócha estremeceu como se uma lembrança lhe voltasse.

— Lembro-me agora de uma circunstância que tinha completamente esquecido. Não era claro então, mas agora...

E Aliócha contou com animação que, quando viu seu irmão pela última vez, à noite, debaixo de uma árvore, ao voltar para o mosteiro, Mítia, batendo no peito, lhe repetira várias vezes que possuía o meio de

reerguer sua honra, que esse meio estava ali, sobre seu peito... "Acreditei então que, ao bater no peito, falava de seu coração", prosseguiu Aliócha, "das forças que podia ali colher para escapar a uma vergonha horrenda que o ameaçava e que ele não ousava mesmo confessar-se. Na verdade, pensei então que falasse de seu pai e fremisse de vergonha à idéia de tratá-lo com violência; no entanto, parecia designar alguma coisa sobre seu peito, de modo que, lembro-me, veio-me a idéia de que o coração se encontra mais embaixo, ao passo que ele batia bem mais alto, aqui, abaixo do pescoço, e designava sempre esse lugar. Minha idéia pareceu-me absurda, mas designava talvez precisamente o amuleto onde estavam costurados os 1 500 rublos!...

— Precisamente — gritou de súbito Mítia. — É isso, Aliócha, era sobre ele que eu batia.

Fietiukóvitch rogou-lhe que se acalmasse, depois voltou a Aliócha. Este, arrebatado pela sua recordação, emitiu calorosamente a hipótese de que aquela vergonha provinha sem dúvida de que, tendo consigo aqueles 1 500 rublos que teria podido restituir a Catarina Ivânovna como a metade de sua dívida, tinha Mítia, no entanto, decidido fazer deles outro uso e partir com Grúchenhka, se ela consentisse nisso...

— É isso mesmo, é bem isso mesmo — exclamou Aliócha, muito animado —, meu irmão me disse naquele momento que poderia apagar imediatamente a metade de sua vergonha (disse várias vezes: a metade!), mas que, por desgraça, a fraqueza de seu caráter o impedia disso... sabia de antemão que era incapaz de fazê-lo!

— E o senhor se recorda nitidamente de que ele batia naquele lugar do peito? — perguntou Fietiukóvitch.

— Muito nitidamente, porque perguntava a mim mesmo então: por que bate ele tão alto, se o coração está mais embaixo? Minha idéia pareceu-me absurda... lembro-me. Eis por que essa recordação me voltou. Como pude esquecê-la até agora? Seu gesto designava decerto esse amuleto, esses 1 500 rublos que ele não queria restituir! E por ocasião de sua detenção, em Mókroie, contaram-me, gritou que a ação mais vergonhosa de sua vida era que, tendo a possibilidade de devolver a Catarina Ivânovna a metade de sua dívida (justamente a metade!) e de passar por um homem honesto, preferira guardar o dinheiro e continuar como ladrão a seus olhos. E quanto essa dívida o atormentava! — concluiu Aliócha.

Bem entendido, o procurador interveio. Pediu a Aliócha que descrevesse de novo a cena e insistiu em saber se o acusado, batendo no peito, parecia designar alguma coisa. Talvez batesse por acaso com o punho.

— Não, não com o punho! — exclamou Aliócha. — Designava com os dedos, aqui, bem no alto... Como pude esquecê-lo até agora?

O presidente perguntou a Mítia o que podia dizer a respeito desse depoimento. Mítia confirmou que designara os 1 500 rublos que trazia sobre o peito, abaixo do pescoço, e que era uma vergonha, "uma vergonha que não contesto, o ato mais vil de minha vida! Teria podido restituí-los e não o fiz. Preferi ficar como ladrão aos olhos dela e o pior é que eu sabia de antemão que agiria assim! Tu tens razão, Aliócha, obrigado".

Dessa forma terminou a declaração de Aliócha, caracterizada por um fato novo, por mínimo que fosse, um começo de prova demonstrando a existência daquele amuleto com os 1 500 rublos e a veracidade do acusado, quando declarava, em Mókroie, que aquele dinheiro lhe pertencia. Aliócha estava radiante, sentou-se todo vermelho no lugar que lhe indicaram, repetindo entre si: "Como pude esquecer aquilo? Como foi que só me lembrei, agora?"

Foi ouvida em seguida Catarina Ivânovna. Sua entrada causou sensação. As senhoras assestaram suas lunetas, os homens agitaram-se, alguns se levantaram para ver melhor. Afirmou-se, mais tarde, que Mítia ficara branco como um pano, quando ela apareceu. Toda de preto, avançou para a barra modestamente, quase timidamente. Seu rosto não traía nenhuma emoção, mas a resolução brilhava nos seus olhos sombrios. Estava muito bonita naquele momento. Falou com uma voz doce, mas nítida, com grande calma, ou pelo menos esforçando-se para isso. O presidente interrogou-a com muitas atenções, como se temesse tocar "certas cordas", e cheio de respeito pelo seu infortúnio. Desde as primeiras palavras, Catarina Ivânovna declarava que fora noiva do acusado "até o momento em que ele próprio me abandonou... " Quando a interrogaram, a respeito dos 3 000 rublos confiados a Mítia para serem enviados pelo correio às suas parentas, respondeu com firmeza: "Não lhe havia dado aquela quantia para que a remetesse logo; sabia que estava ele muito precisado de dinheiro... naquele momento... Entreguei-lhe aqueles 3 000 rublos com a condição de enviá-los a Moscou, se quisesse, no prazo de um mês. Não teve razão em atormentar-se a propósito dessa dívida... "

Não relato as perguntas e as respostas integralmente, limitando-me

ao essencial de seu depoimento.

— Estava certa de que enviaria aquela soma assim que a tivesse recebido de seu pai — prosseguiu ela. — Sempre tive confiança na sua lealdade... na sua perfeita lealdade... nos negócios de dinheiro. Contava ele receber 3 000 rublos de seu pai e falou-me disso por diversas vezes. Sabia que estavam eles em conflito e sempre acreditei que seu pai o havia lesado. Não me recordo de que haja ele proferido ameaças contra seu pai, pelo menos na minha presença. Se tivesse vindo ver-me, tê-lo-ia logo tranqüilizado a respeito daqueles desgraçados 3 000 rublos, mas não voltou... e eu mesma... encontrava-me numa situação... que não me permitia que o mandasse chamar... Aliás, não tinha absolutamente o direito de mostrar-me exigente por conta dessa dívida — acrescentou num tom resoluto. — Recebi eu mesma dele, um dia, uma soma superior, e aceitei-a sem saber quando estaria em condições de pagar-lhe.

Sua voz tinha algo de provocante. Naquele momento, foi a vez de Fietiukóvitch interrogá-la.

— Não foi aqui, mas no começo de suas relações com ele, não? — perguntou com tato o defensor, que pressentia algo em favor de seu cliente. (Entre parentesis, se bem que chamado de Petersburgo, em parte pela própria Catarina Ivânovna, tudo ignorava do episódio dos 5 000 rublos dados por Mítia e da saudação até o chão. Ela lho havia dissimulado! Silêncio estranho. Pode-se supor que, até o derradeiro momento, hesitou em falar, aguardando alguma inspiração.)

Não, jamais esquecerei aquele momento! Ela contou tudo, todo aquele episódio, comunicado por Mítia a Aliócha, e a saudação até o chão, as causas, o papel de seu pai, sua visita à casa de Mítia, e não fez nenhuma alusão à proposta de Mítia de enviar-lhe Catarina Ivânovna para buscar o dinheiro. Guardou a respeito um silêncio magnânimo e não corou de revelar que fora ela que correra, por sua própria vontade, à casa do jovem oficial, esperando não sabia o que... para obter dele dinheiro. Era comovedor. Eu estremecia ouvindo-a, a assistência era toda ouvidos. Havia naquilo algo de inaudito, jamais se teria esperado, mesmo de uma moça tão imperiosa e altiva, tal franqueza e semelhante imolação. E por quem, para quê? Para salvar aquele que a havia traído e ofendido, para contribuir, por pouco que fosse, a tirá-lo de apuros, causando uma boa impressão! Com efeito, a imagem do oficial, dando seus 5 000 rublos, tudo quanto lhe restava, e inclinando-se respeitosamente diante de uma moça

inocente, aparecia como das mais simpáticas, mas... meu coração cerrou-se! Senti a possibilidade de uma calúnia, posteriormente (e foi o que aconteceu!). Com uma ironia malévola, repetiu-se na cidade que a narrativa não era talvez totalmente exata, precisamente naquele ponto em que o oficial deixava partir a moça com apenas uma respeitosa saudação. Fez-se alusão a uma "lacuna". "Se as coisas não se passaram mesmo assim", diziam as mais respeitáveis de nossas damas, "podem-se ainda fazer reservas a respeito da conduta da moça, mesmo para salvar seu pai. " Será que Catarina Ivânovna, com sua penetração mórbida, não pressentira tais falatórios? Decerto que sim, mas decidira tudo dizer! Naturalmente, essas dúvidas insultuosas a respeito da veracidade do relato só se manifestaram mais tarde. No primeiro momento todos ficaram emocionados. Quanto aos membros do tribunal, escutavam num silêncio respeitoso. O procurador não se permitiu nenhuma pergunta sobre o assunto. Fietiukóvitch fez a Catarina uma profunda vênia. Oh! o triunfo era seu, quase. Que o mesmo homem tenha podido, num ímpeto de generosidade, dar seus derradeiros 5 000 rublos, e em seguida matar seu pai para roubar-lhe 3 000, era coisa que não se agüentava de pé. Fietiukóvitch podia pelo menos afastar a acusação de roubo. O caso esclarecia-se a uma nova luz. A simpatia voltava-se a favor de Mítia. Uma ou duas vezes, durante o depoimento de Catarina Ivânovna, quis ele levantar-se, mas tornou a cair sobre o banco, cobrindo o rosto com as mãos. Quando ela acabou, exclamou ele, estendendo-lhe os braços.

— Cátia, por que causaste minha perda?

Desatou em soluços, mas se repôs depressa e gritou ainda:

— Agora, estou condenado!

Depois enrijeceu-se em seu lugar, com dentes cerrados, os braços cruzados sobre o peito. Catarina Ivânovna ficou na sala? estava pálida, de olhos baixos. Seus vizinhos contaram que ela tremia, como presa de febre. Foi a vez de Grúchenhka.

Vou abordar a catástrofe que causou talvez, com efeito, a perda de Mítia. Porque estou persuadido, e todos os juristas disseram-no depois, que, sem esse episódio, o criminoso teria obtido pelo menos as circunstâncias atenuantes. Mas tratar-se-á disso dentro em pouco. Falemos primeiro de Grúchenhka.

Apareceu também toda de preto, com os ombros cobertos pelo seu

magnífico xale. Avançou para a barra com seu andar silencioso, requebrando-se levemente, como fazem por vezes as mulheres corpulentas, com os olhos fixos no presidente. Na minha opinião, estava muito bem e nada pálida, como o pretenderam as damas mais tarde. Assegurou-se também que tinha o ar absorto e maldoso. Creio somente que estivesse irritada e sentisse pesar com intensidade sobre ela os olhares desprezadores e curiosos de nosso público, ávido de escândalo. Era uma dessas naturezas altivas, incapazes de suportar o desprezo, que, desde que o suspeitam nos outros, as inflama de cólera e as impele à resistência. Havia também, seguramente, timidez e pudor dessa timidez, o que explica a desigualdade de sua linguagem, ora encolerizada, ora desdenhosa e grosseira, na qual se sentia de súbito uma nota sincera, quando ela se acusava a si mesma. Por vezes, falava sem se importar com as conseqüências: "Tanto pior para o que acontecerá, dir-lhe-ei no entanto... " A propósito de suas relações com Fiódor Pávlovitch, observou num tom cortante: "Bagatelas, tudo isso; é culpa minha se ele se ligou a mim?" Um instante depois, acrescentou: "Tudo isso é culpa minha, zombava do velho e de seu filho e levei-os aos extremos a ambos. Sou a causa desse drama". Veio-se a falar de Samsónov: "Isto não diz respeito a ninguém", replicou ela com violência, "era meu benfeitor, foi ele quem me recolheu descalça, quando os meus me expulsaram da isbá". O presidente lembrou-lhe que ela devia responder diretamente às perguntas, sem entrar em detalhes supérfluos. Grúchenhka corou, seus olhos cintilaram. Não vira o envelope dos 3 000 rublos e só sabia da existência pelo "celerado". "Mas tudo isso são bobagens, por preço algum teria ido à casa de Fiódor Pávlovitch... "

— A quem trata a senhora de celerado? — perguntou o procurador.

— Ao lacaio Smierdiákov, que matou seu amo e enforcou-se ontem. Apressaram-se em perguntar sobre que baseava uma acusação tão

categórica, mas tampouco ela sabia de nada.

— Foi Dimítri Fiódorovitch quem mo disse. Podem crer nele. Aquela pessoa perdeu-o, ela é a única causa de tudo — acrescentou Grúchenhka, toda trêmula, num tom em que transparecia o ódio.

Quiseram saber a quem fazia ela alusão.

— Ora, a essa senhorita, a essa Catarina Ivânovna. Chamara-me à sua casa, oferecera-me chocolate, na intenção de seduzir-me. Não tem um pingo de vergonha, palavra...

O presidente interrompeu-a, rogando-lhe que moderasse suas expressões, Mas, inflamada pelo ciúme, estava pronta a tudo afrontar...

— Por ocasião da detenção, em Mókroie —- lembrou o procurador —, a senhora acorreu da peça vizinha, gritando: "Sou culpada de tudo, iremos juntos para o presídio!" A senhora também então, naquele momento, acreditava que fosse ele parricida?

— Não me recordo de meus sentimentos de então — respondeu Grúchenhka. — Todo mundo o acusava, senti que era eu a culpada e que ele havia matado por minha causa. Mas desde que ele proclamou sua inocência, acreditei nele e acreditarei sempre, não é homem de mentiras.

Fietiukóvitch, que a interrogou em seguida, informou-se de Rakítin e dos 25 rublos "como recompensa por ter-lhe levado Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov".

— Não há nada de espantar no fato de ter ele aceitado esse dinheiro — sorriu desdenhosamente Grúchenhka. — Vinha sempre pedinchar, recebendo até 30 rublos por mês e na maior parte das vezes para se divertir; tinha com que comer e beber, sem precisar de pedir dinheiro.

— Por qual razão era a senhora tão generosa para com o Senhor Rakítin? — continuou Fietiukóvitch, muito embora o presidente se agitasse.

— É meu primo. Minha mãe e a dele eram irmãs. Mas suplicava-me que eu não dissesse a ninguém, tanta era a vergonha que eu lhe causava.

Este fato novo foi uma revelação para todo mundo, ninguém suspeitava disso na cidade, nem mesmo no mosteiro. Rakítin, dizem, estava rubro de vergonha. Grúchenhka estava furiosa contra ele, pois soubera que havia deposto contra Mítia. A eloqüência do Senhor Rakítin, suas nobres tiradas contra a servidão e a desordem cívica da Rússia ficaram assim arruinadas na opinião pública. Fietiukóvitch estava satisfeito, o céu vinha-lhe em auxílio. Aliás, não retiveram Grúchenhka muito tempo, pois nada podia comunicar de particular. Causou no público uma impressão das mais desfavoráveis. Centenas de olhares desdenhosos fixaram-na, quando após seu depoimento foi sentar-se bastante longe de Catarina Ivânovna. Enquanto a interrogavam, Mítia mantivera-se em silêncio, como petrificado, de olhos baixos. Ivã Fiódorovitch apresentou-se como testemunha.

V

SÚBITA CATÁSTROFE

Fora chamado antes de Aliócha, mas o oficial de justiça informou ao presidente que uma indisposição súbita impedia a testemunha de comparecer e que logo que se refizesse viria depor. Não se deu aliás atenção a isso e sua chegada quase passou sem ser notada, as principais testemunhas, sobretudo as duas rivais, já tinham sido ouvidas, a curiosidade começava a cansar-se. Nada de novo a esperar dos derradeiros depoimentos, depois de tudo quanto já tinha sido dito. O tempo passava. Ivã avançou com uma lentidão estranha, sem olhar para ninguém, a cabeça baixa, o ar absorto. Trajava corretamente, mas seu rosto, marcado pela doença, tinha qualquer coisa de terroso que lembrava o de um moribundo. Ergueu os olhos, percorreu a sala com um olhar turvo. Aliócha levantou-se, lançou uma exclamação, mas não lhe prestaram atenção.

O presidente lembrou à testemunha que não havia ele prestado juramento, podendo, portanto, manter silêncio, mas devia depor de acordo com sua consciência, etc. Ivã escutava, com os olhos vagos. De repente, um sorriso desenhou-se no seu rosto e quando o presidente, que o olhava com espanto, acabou, desatou ele a rir.

— E depois, que mais? — perguntou em voz alta. Silêncio absoluto na sala. O presidente ficou inquieto.

— O senhor... talvez esteja ainda indisposto? — perguntou, procurando com o olhar o oficial de justiça.

— Não se inquiete, excelência, sinto-me suficientemente bem e posso contar-vos algo de curioso — respondeu Ivã num tom calmo e deferente.

— Tem uma comunicação particular a fazer? — continuou o presidente com certa desconfiança.

Ivã Fiódorovitch baixou a cabeça e esperou durante alguns segundos antes de responder.

— Não... nada a dizer de particular.

Interrogado, deu a contragosto respostas lacônicas e, no entanto,

bastante razoáveis, com uma repulsa crescente. Alegou sua ignorância a respeito de muitas coisas e nada sabia das contas de seu pai com Dimítri Fiódorovitch. "Não me ocupava com isso", declarou. Ouvira as ameaças do acusado contra seu pai e sabia da existência do envelope por intermédio de Smierdiákov.

— Sempre a mesma coisa! — interrompeu-se de súbito, com um ar de cansaço. — Nada posso dizer ao tribunal.

— Vejo que o senhor ainda está doente e compreendo seus sentimentos... — começou o presidente.

Ia perguntar ao procurador e ao advogado se tinham perguntas a fazer, quando Ivã disse com voz extenuada:

— Permita que me retire, excelência, não me sinto, bem. — Depois do que, sem esperar a autorização, voltou-se e encaminhou-se para a saída. Mas depois de alguns passos parou, pareceu refletir, sorriu e voltou a seu lugar:

— Pareço-me, excelência, com aquela jovem camponesa, o senhor sabe: "Se quiser, irei, se não quiser, não irei!" Seguem-na para vesti-la e levá-la ao altar e ela repete aquelas palavras... Isto se encontra numa cena popular...

— Que entende o senhor com isso? — perguntou severamente o presidente.

— Aqui está — disse Ivã, exibindo um maço de cédulas —, aqui está o dinheiro... o mesmo que se achava naquele envelope (e designava as peças de convicção) e por causa do qual mataram meu pai. Onde devo depositá-lo? Senhor oficial de justiça, entregue-lho.

O oficial de justiça pegou o maço de notas e entregou-o ao presidente.

— Como pode estar este dinheiro em seu poder... se é bem o mesmo? — perguntou o presidente surpreso.

— Recebi-o de Smierdiákov, do assassino, ontem... Fui à casa dele antes que se enforcasse. Foi ele quem matou meu pai, e não meu irmão. Matou e eu o incitei a isso... Quem não deseja a morte de seu pai?

— Está no seu juízo? — não pôde o presidente impedir-se de dizer.

— Mas sim, estou no meu juízo... um juízo vil como o vosso, como o

de todos esses... focinhos! — Voltou-se para o público.

— Mataram seus pais e simulam o terror — disse ele com desprezo e rangendo os dentes. — Fazem caretas uns para os outros. Os mentirosos! Todos desejam a morte de seu pais. Um réptil devora o outro... Se não houvesse parricídio, zangar-se-iam e ir-se-iam embora furiosos. É um espetáculo! *Panem et circenses!*[57] Aliás, também eu sou bonito! Têm água, dêem-me de beber, em nome de Cristo! — Agarrou a cabeça. O oficial de justiça aproximou-se dele logo. Aliócha levantou-se, gritando: "Ele está doente, não acreditem nele, está com febre nervosa!" Catarina Ivânovna tinha-se levantado precipitadamente e, imóvel de terror, contemplava Ivã Fiódorovitch. Mítia, com um sorriso careteante, escutava avidamente seu irmão.

— Tranqüilizai-vos, não estou louco, sou apenas um assassino — continuou Ivã. — Não se pode exigir eloqüência de um assassino — acrescentou, sorrindo.

O procurador, visivelmente agitado, inclinou-se para o presidente. Os jurados cochichavam. Fietiukóvitch aguçou os ouvidos. A sala aguardava, ansiosa. O presidente pareceu dominar-se.

— Testemunha, o senhor usa duma linguagem incompreensível e que não se pode tolerar aqui. Acalme-se e fale... se tem verdadeiramente alguma coisa a dizer. Por qual meio poderá confirmar tal confissão... se é que ela não resulta do delírio?

— O fato é que não tenho testemunhas. Aquele cão do Smierdiákov não vos enviará lá do outro mundo o seu depoimento... num envelope. Vós desejaríeis sempre envelopes. Basta um. Não tenho testemunhas... Exceto uma, talvez.

Sorriu com ar pensativo.

— Quem é sua testemunha?

— Tem uma cauda, excelência, não está de conformidade com as regras! *Le diable ri existe point!* Não presteis atenção, é um diabinho sem importância — acrescentou ele confidencialmente, deixando de rir. —

---

[57] *Pão e circo* (Sátiras, *X, 81). Expressão de desprezo com que Juvenal, célebre poeta satírico latino, fustiga os romanos da decadência, que só pediam trigo no Fórum e espetáculos gratuitos no circo.*

Deve estar em alguma parte aqui, debaixo da mesa das peças de convicção. Onde estaria ele, senão ali? Escutai-me: eu lhe disse: "Não quero calar-me" e ele me fala de cataclisma geológico... besteiras! Ponde o monstro em liberdade... ele cantou seu hino porque tem

O coração leve! A mesma coisa que se um canalha bêbado berrasse: "Para Piter partiu Vanka". Eu, por dois segundos de alegria, daria 1 quatrilhão de quatrilhões. Vós não me conheceis! Oh! como tudo é estúpido entre vós! Pois bem! Prendei-me em lugar dele! Não vim aqui por coisa nenhuma... Por que tudo o que existe é tão estúpido?

E voltou a inspecionar lentamente a sala com ar meditativo. A emoção era geral. Aliócha ia correr para ele, mas o oficial de justiça já havia agarrado Ivã Fiódorovitch pelo braço.

— Que é que há? — exclamou ele, fixando o oficial de justiça, mas de repente agarrou-o pelos ombros e derrubou-o. Os guardas acorreram, prenderam-no e ele se pôs a urrar como um louco furioso. Enquanto o levavam, gritava palavras incoerentes.

Foi um tumulto geral. Não me lembro de tudo em sua ordem, a emoção impedia-me de observar direito. Sei somente que, uma vez estabelecida a calma, o oficial de justiça foi repreendido, se bem que explicasse às autoridades que a testemunha estava durante todo o tempo em estado normal, que o doutor o examinara por ocasião de sua ligeira indisposição, uma hora antes; até o momento de comparecer exprimia-se sensatamente, de modo que nada se podia prever, fazia ele mesmo questão de ser ouvido. Mas antes que a emoção se acalmasse, ocorreu nova cena. Catarina Ivanovna teve uma crise de nervos. Gemia e soluçava ruidosamente, sem querer retirar-se. Debatia-se, suplicando que a deixassem na sala. De repente, gritou para o presidente:

— Tenho ainda alguma coisa a dizer, imediatamente... imediatamente!... Eis aqui um papel, uma carta... tomai-a, lede depressa! É a carta do monstro que ali está! — disse ela, apontando Mítia. — Foi ele quem matou seu pai, ides vê-lo, escreveu-me dizendo como o mataria! O outro está doente, há três dias que está com febre nervosa!

O oficial de justiça pegou o papel e entregou-o ao presidente. Catarina Ivanovna tornou a cair sobre sua cadeira, ocultou seu rosto, pôs-se a soluçar silenciosamente, abafando seus menores gemidos, de medo que a fizessem sair. O papel em questão era a carta escrita por Mítia no

botequim A capital, que Ivã considerava como uma prova categórica. Ai! foi justamente o efeito que ela produziu! Sem essa carta, não teria Mítia talvez sido condenado, pelo menos tão rigorosamente! Repito que foi difícil seguir todos os detalhes. Mesmo agora, tudo aquilo me aparece de um modo confuso. O presidente apresentou sem dúvida aquele novo documento às partes e ao júri. Ao perguntar a Catarina Ivânovna se já se restabelecera, respondeu ela vivamente:

— Estou pronta! Estou completamente em condições de responder-vos. Temia ainda que não a ouvissem. Pediram-lhe que explicasse pormenorizadamente em que circunstâncias recebera aquela carta.

— Recebi-a na véspera do crime, vinha do botequim, escrita numa fatura, vede — gritou ela, ofegante. — Ele me odiava então, tendo tido a baixeza de seguir aquela criatura... e também porque me devia aqueles 3 000 rublos. Sua vilania e sua dívida causavam-lhe vergonha. Eis o que se passou. Suplico-vos que me ouçais. Três semanas antes de matar seu pai, chegou à minha casa uma manhã. Sabia que ele necessitava de dinheiro e sabia também para quê... precisamente para seduzir aquela criatura e levá-la consigo. Conhecia sua traição, sua intenção de abandonar-me e entreguei-lhe eu mesma aquele dinheiro, sob pretexto de enviá-lo à minha irmã em Moscou. Ao mesmo tempo, fitava-o bem no rosto e lhe disse que poderia enviá-lo quando quisesse, mesmo dentro de um mês. Como não compreendeu ele que isso significava: "Precisas de dinheiro para trair-me; aqui está: sou eu que to dou; toma-o, se tens coragem!" Queria confundi-lo. Pois bem! Ele aceitou esse dinheiro, levou-o e gastou-o em uma noite com aquela criatura. No entanto, compreendera que eu sabia de tudo, garanto-vos, e que eu lho dava unicamente para experimentá-lo, para ver se cometeria ele a infâmia de aceitá-lo. Nossos olhares se cruzavam, ele compreendeu tudo e partiu com meu dinheiro!

— É verdade, Cátia — exclamou Mítia. — Tinha compreendido tua intenção e, no entanto, aceitei teu dinheiro. Desprezai todos um miserável, eu o mereci!

— Acusado — disse o presidente —, ainda uma palavra e eu o farei sair da sala.

— Esse dinheiro atormentou-o — prosseguiu Cátia, precipitadamente —, queria devolver-mo, mas precisava dele para aquela criatura. Eis por que matou seu pai, mas não me restituiu nada, partiu com ela para aquela aldeia onde o prenderam. Foi lá que de novo fez a farra, com o

dinheiro roubado. Um dia, antes do crime, escreveu-me essa carta estando bêbado — adivinhei logo —, sob o império da cólera e persuadido de que eu não a mostraria a ninguém, mesmo se ele cometesse assassínio. Senão, não a teria escrito. Sabia que eu não queria perdê-lo por vingança! Mas lede, lede com atenção, rogo-vos, vereis que ele descreve tudo de antemão: como matará seu pai, onde está escondido o dinheiro. Notai sobretudo esta frase: "Matarei contanto que Ivã tiver partido". Por conseguinte, premeditou seu crime — insinuou perfidamente Catarina Ivânovna. Via-se que ela estudara cada detalhe daquela carta fatal. — Sóbrio, não me teria ele escrito, mas vede, essa carta constitui um programa!

Na sua exaltação, desdenhava as conseqüências possíveis, se bem que as tivesse encarado talvez um mês antes, quando perguntava a si mesma, trêmula de cólera: "Será preciso ler isto no tribunal?" Agora, havia queimado seus navios. Foi então que o escrivão leu a carta, que produziu uma impressão esmagadora. Perguntaram a Mítia se a reconhecia.

— Sim, sim! e não a teria escrito, se não tivesse bebido!... Nós nos odiávamos por muitas causas, Cátia, mas juro-te que, malgrado meu ódio, eu te amava e tu não me amavas!

Recaiu sobre seu banco, torcendo as mãos.

O procurador e o defensor perguntaram, cada qual por sua vez, a Catarina Ivânovna por quais motivos havia ela a princípio dissimulado aquele documento e deposto num tom completamente diverso.

— Sim, menti ainda há pouco, contra minha honra e minha consciência, mas queria salvá-lo, precisamente porque ele me odiava e me desprezava. Oh! desprezava-me, sempre me desprezou, desde o instante em que lhe fiz aquela saudação até o chão por causa daquele dinheiro. Senti-o logo, mas fiquei muito tempo sem acreditá-lo. Quantas vezes li em seus olhos: "Tu vieste, no entanto, tu mesma, à minha casa". Oh! ele nada tinha comprendido, não adivinhou por que eu fora, só pode pensar na baixeza! Julga todos os outros por si — disse com furor Cátia, no auge da exaltação. — Queria casar comigo somente por causa da minha herança, somente por isso, sempre suspeitei disso. É uma fera! Estava certo de que durante toda a minha vida eu tremeria de vergonha diante dele e que ele poderia desprezar-me e dominar-me, eis porque queria desposar-me! É a verdade! Tentei vencê-lo por um amor infinito, queria mesmo esquecer sua traição, mas ele nada compreendeu, nada, nada! Pode ele compreender alguma coisa? É um monstro! Não recebi essa carta senão no

dia seguinte, à noite, trouxeram-ma do botequim, e de manhã estava ainda decidida a perdoar-lhe tudo, até mesmo sua traição!

O procurador e o presidente acalmaram-na do melhor modo possível. Estou certo de que eles próprios tinham talvez vergonha de aproveitar-se de sua exaltação para colher tais confissões. Ouviram-nos dizer: "Compreendemos seu sofrimento, creia-o, somos capazes de compartilhar de seus sentimentos", etc, etc, e, no entanto, arrancavam aquele depoimento de uma mulher enlouquecida, presa duma crise de nervos. Enfim, com uma lucidez extraordinária, como acontece frequentemente em semelhante caso, descreveu ela como se desarranjara, naqueles dois meses, a razão de Ivã Fiódorovitch, obsedado pela idéia de salvar "o monstro e o assassino", seu irmão.

— Ele se atormentava — exclamou ela —, queria atenuar a falta, confessando-me que ele próprio não gostava de seu pai e tinha talvez desejado sua morte. Oh! É uma consciência de escol, eis as causas de seus sofrimentos! Não tinha segredos para mim; ia ver-me todos os dias como meu único amigo. Tenho a honra de ser sua única amiga! — disse ela, num tom de desafio, com os olhos brilhantes. — Foi ele duas vezes à casa de Smierdiákov. Um dia, veio dizer-me: "Se não foi meu irmão quem matou, se foi Smierdiákov (porque divulgou-se essa lenda), talvez seja eu também culpado, porque Smierdiákov sabia que eu não gostava de meu pai e pensava talvez que eu desejasse sua morte. Foi então que lhe mostrei essa carta. Ficou definitivamente convencido da culpabilidade de seu irmão. Estava aterrorizado. Não podia suportar a idéia de que seu próprio irmão fosse um parricida! Há uma semana que isso o torna doente. Nestes último dias, delirava, verifiquei que sua razão se perturbava. Ouviram-no andar falando sozinho pelas ruas. O médico que mandei buscar em Moscou examinou-o anteontem e disse-me que a febre nervosa ia-se declarar, e tudo isso por causa do monstro! Ontem, soube da morte de Smierdiákov e isto foi para ele o derradeiro golpe. Tudo isso por causa desse monstro e a fim de salvá-lo!

Certamente, não se pode falar assim e fazer tais confissões senão uma vez na vida, nos seus derradeiros momentos, por exemplo, ao subir-se no cadafalso. Mas isto convinha precisamente ao caráter de Cátia. Era bem a mesma moça impetuosa que havia corrido à casa de um jovem libertino para salvar seu pai; a mesma que, havia pouco, altiva e casta, sacrificara publicamente seu pudor virginal contando "a nobre ação de Mítia", com o único objetivo de amenizar a sorte que o esperava. E agora

se sacrificava igualmente, mas por um outro, tendo talvez, naquele instante, somente, sentido pela primeira vez quanto aquele outro lhe era querido. Sacrificava-se por ele no seu terror, imaginando de súbito que ele se perdia com o seu depoimento, que havia matado em lugar do irmão, sacrificava-se a fim de salvá-lo, a ele e à sua reputação. Uma questão angustiante surgia: tinha ela caluniado Mítia a respeito de suas antigas relações? Não, não mentia cientemente, gritando que Mítia a desprezava por causa daquela saudação até o chão! Acreditava nisso, estava profundamente convencida desde aquela saudação talvez, de que o ingênuo Mítia, que a adorava ainda naquele momento, zombava dela e a desprezava. E somente por orgulho deixara-se dominar por um amor extremado por ele, por orgulho ferido, e esse amor assemelhava-se a uma vingança. Talvez aquele amor extremado se tivesse tornado um amor verdadeiro, talvez Cátia não quisesse outra coisa melhor, mas Mítia havia-a ofendido até o fundo de sua alma com a sua traição e aquela alma não perdoava. A hora da vingança soara bruscamente, e todo o rancor doloroso, acumulado no coração da mulher ofendida, exalara-se dum só jato. Entregando Mítia, entregava-se ela própria. Assim que ela terminou, seus nervos a traíram, a vergonha invadiu-a. Sofreu nova crise de nervos, foi preciso carregá-la para fora. Naquele momento, Grúchenhka correu gritando para Mítia, tão rapidamente que não houve tempo para detê-la.

— Mítia, aquela víbora te perdeu! Vós a vistes em ação! — acrescentou, fremente, dirigindo-se aos jurados. A um sinal do presidente, agarraram-na e levaram-na para fora. Ela se debatia, estendendo os braços para Mítia. Este lançou um grito e quis correr-lhe ao encontro. Subjugaram-no, não sem dificuldade.

Penso que as espectadoras ficaram satisfeitas, o espetáculo valia a pena. O médico de Moscou, que o presidente mandara chamar para cuidar de Ivã, veio fazer seu relatório. Declarou que o doente atravessava uma crise das mais perigosas, que deveriam levá-lo dali imediatamente. Na antevéspera, o paciente fora consultá-lo, mas recusara tratar-se, malgrado a gravidade de seu estado. "Confessou-me que tinha alucinações, encontrava mortos na rua, e que Satã lhe fazia visitas todas as noites", concluiu o famoso doutor. A carta de Catarina Ivânovna foi ajuntada às provas documentárias. Tendo o tribunal deliberado, decidiu prosseguir os debates e mencionar nos autos os depoimentos inesperados de Catarina Ivânovna e de Ivã Fiódorovitch.

Os depoimentos das últimas testemunhas só fizeram confirmar os

precedentes, mas com certos detalhes característicos. Aliás, a acusação, à qual chegamos, resume-os todos. Os derradeiros incidentes haviam superexcitado os espíritos, esperavam-se com uma impaciência febril os discursos e o veredicto. Fietiukóvitch estava aterrorizado com as revelações de Catarina Ivânovna. Em compensação, o procurador triunfava. Houve suspensão da audiência por uma hora. Às 8 horas da noite em ponto, creio, o procurador começou sua acusação.

VI

A ACUSAÇÃO. — CARACTERIZAÇÃO

Ipolit Kirílovitch tomou a palavra com um tremor nervoso, a fronte e as têmporas banhadas dum suor frio, o corpo percorrido por arrepios, como o contou depois. Olhava aquele discurso como seu *chef-d'ouvre,* [58] seu canto de cisne, e morreu tuberculoso nove meses mais tarde, justificando assim essa comparação. Pôs nele todo o seu coração e toda a inteligência de que era capaz, revelando um senso cívico inesperado e interesse pelas questões ardentes. Seduziu sobretudo pela sinceridade; acreditava sinceramente na culpabilidade do acusado e acusava não só por dever, em virtude de suas funções, mas animado do desejo de salvar a sociedade. Até mesmo as damas, hostis no entanto a Ipolit Kirílovitch, convieram na viva impressão que ele produzira. Começou com uma voz irregular, que em breve se firmou e ressoou na sala inteira, até o fim. Mas apenas acabara sua acusação esteve a ponto de desmaiar.

"Senhores jurados, este caso teve repercussão na Rússia inteira. No fundo, por que admirar-se disso? Estamos habituados a todas essas coisas! Por desgraça, esses casos sinistros quase não nos emocionam mais. É nossa apatia que deve causar horror e não o crime de tal ou qual indivíduo. Por que essa indiferença, donde vem que reajamos tão fracamente diante dos fenômenos que nos pressagiam um futuro sombrio? Será preciso atribuir isso ao cinismo, ao esgotamento precoce da razão e da imaginação de nossa sociedade, tão jovem ainda, mas já débil? À subversão de nossos princípios morais ou à ausência total desses princípios? Deixo em suspenso estas perguntas, que nem por isso são menos angustiantes e solicitam a atenção de cada cidadão. Nossa imprensa, no começo tão

---

[58] Obra-prima.

tímida ainda, prestou no entanto alguns serviços à sociedade, porque, sem ela, não conheceríamos a licenciosidade desenfreada e a desmoralização que revela sem cessar a todos, e não apenas aos frequentadores das audiências que se tornaram públicas sob o novo reinado. E que lemos nos jornais? Oh! atrocidades, diante das quais o processo atual empalidece e parece quase sem importância. A maior parte de nossas causas criminais atesta uma espécie de perversidade geral, que entrou em nossos costumes e é difícil de combater como flagelo social. Aqui, é um jovem e brilhante oficial da alta classe que assassina sem remorso um modesto funcionário, a quem devia dinheiro, e sua criada, a fim de reapossar-se de uma promissória, e rouba o dinheiro: 'Isto servirá para meus prazeres'. Realizado o seu crime, retira-se, depois de ter posto um travesseiro sob a cabeça das vítimas. Em outra parte, um jovem herói, condecorado pela sua bravura, estrangula como um salteador, na grande estrada, a mãe de seu chefe, e, para persuadir seus cúmplices, assegura-lhes que 'aquela mulher ama-o como a um filho, confia nele e, por conseguinte, não tomará precauções'. São monstros, mas em nossa época não ouso dizer que estejamos diante apenas de casos isolados. Outro, sem chegar até o crime, pensa da mesma maneira e é tão infame quanto o outro, mas em seu foro íntimo. A sós com sua consciência, pergunta a si mesmo, talvez: 'Não será a honra um preconceito?' Vão dizer que calunio nossa sociedade, que estou fora de meu juízo, que exagero. Pois seja, nada de melhor exigiria senão que me enganasse a este respeito.

"Não me acrediteis, considerai-me como um doente, mas lembrai-vos de minhas palavras; mesmo que eu não diga senão a vigésima parte da verdade, é de fazer fremir! Olhai quantos suicídios ocorrem entre os jovens! E eles se matam sem perguntar a si mesmos, como Hamlet, o que haveria 'em seguida", a questão da imortalidade da alma, da vida futura não existe para eles. Vede nossa corrupção, nossos devassos: ao lado deles Fiódor Pávlovitch, a desgraçada vítima deste processo, parece uma criança inocente. Ora, nós todos o conhecemos vivia entre nós... Sim, a psicologia do crime, na Rússia, será talvez estudada um dia por espíritos eminentes, entre nós e na Europa, porque o assunto vale a pena. Mas esse estudo virá depois, com vagar, quando a incoerência trágica da hora atual, não sendo mais que uma recordação, poderá ser analisada mais imparcialmente do que sou eu capaz de fazê-lo. No momento, nós nos atemorizamos ou fingimos atemorizar-nos, embora saboreando esse espetáculo, como amadores de sensações fortes, que sacodem nossa cínica

ociosidade, ou, como as crianças, escondemos a cabeça sob o travesseiro à vista desses fantasmas que passam, para esquecê-los em seguida na alegria e nos prazeres. Mas um dia ou outro será preciso refletir, fazer nosso exame de consciência, dar-nos conta de nosso estado social. Um grande escritor do período precedente, no final de uma de suas obras-primas, comparando a Rússia a uma fogosa tróica, que galopa para um fim desconhecido, exclama: 'Ah! tróica, ligeira como um pássaro, quem pois te inventou?', e, num ímpeto de entusiasmo, acrescenta que, diante dessa tróica em disparada, todos os povos se afastam respeitosamente. [59] Seja assim, senhores, bem o quero, mas, na minha humilde opinião, o genial artista concluiu assim num acesso de entusiasmo ingênuo, ou talvez temesse a censura da época. Porque, atrelando somente seus heróis à sua tróica, os Sobakiévitch, [60] os Nosdriov, os Tchítchikov, qualquer que seja o cocheiro, ir-se-ia Deus sabe aonde com tais corcéis! Ora, são os corcéis de outrora, bem inferiores aos nossos, temos melhores... "

Aqui, o discurso de Ipolit Kirílovitch foi interrompido por aplausos. O liberalismo do símbolo da tróica russa agradou. Na verdade, os aplausos foram raros, de sorte que o presidente não achou mesmo necessário ameaçar o público de "mandar evacuar" a sala. No entanto, Ipolit Kirílovitch sentiu-se reconfortado: nunca o haviam aplaudido! Tinham recusado escutá-lo durante tantos anos e de repente podia fazer-se ouvir por toda a Rússia!

"Quem é, pois, essa família Karamázov, que adquiriu de súbito tão triste celebridade? Talvez exagere, mas parece-me que ela resume certos traços fundamentais de nossa sociedade contemporânea, em estado microscópico, 'como uma gota de água resume o sol'. Vede aquele velho debochado, aquele pai de família que acabou tão tristemente. De raça nobre, tendo estreado na vida como mesquinho parasita, um casamento imprevisto proporciona-lhe um pequeno capital; a princípio vulgar, velhaco e palhaço obsequioso, é antes de tudo um usurário. Com o tempo, à medida que se enriquece vai tomando asas. A humildade, a bajulação desaparecem, resta apenas um cínico mau e zombador, um debochado. Nenhum senso moral, uma sede de viver inextinguível. De parte os prazeres sensuais, nada existe, eis o que ele ensina a seus filho6. Na qualidade de pai, não reconhece nenhuma obrigação moral, zomba dela,

---

[59] *Gógol, em* As Almas Mortas.
[60] *Nome forjado pelo autor. De* sobako, *cão.*

deixa seus filhos ainda meninos nas mãos dos criados e regozija-se quando os levam. Esquece-se mesmo deles totalmente. Toda a sua moral se resume nesta frase: *Après moi le déluge!*[61] É o contrário de um cidadão, destaca-se completamente da sociedade: 'Pereça o mundo, contanto que eu me ache bem, eu só'. E acha-se bem, sente-se completamente contente, quer levar aquela vida ainda vinte ou trinta anos. Engana seu filho e com o dinheiro dele, herança de sua mãe que se recusa a entregar-lhe, procura tomar-lhe a amante. Não, não quero abandonar a defesa do acusado ao eminente advogado vindo de Petersburgo. Eu também direi a verdade, eu também compreendo a indignação acumulada no coração desse filho. Mas basta a respeito desse desgraçado velho: recebeu sua recompensa. Lembremos, no entanto, que era um pai e um pai moderno. Será caluniar a sociedade dizer que há nela muitos como ele? Ai! a maior parte dentre eles não se exprime com tanto cinismo porque são mais bem educados, mais instruídos, porém no fundo têm a mesma filosofia. Admitamos que seja eu pessimista. Está entendido que me perdoareis. Não me acrediteis, mas deixai que me explique, havereis de lembrar-vos, contudo, de algumas de minhas palavras. Vejamos os filhos desse homem. Um está diante de vós, no banco dos réus; serei breve a respeito dos outros. O mais velho destes é um desses rapazes modernos, brilhante pela sua instrução e pela sua inteligência, que não crê em nada no entanto e já renegou muitas coisas, como seu pai. Todos nós o ouvimos, era recebido cordialmente em nossa sociedade. Não ocultava suas opiniões, muito pelo contrário, o que me encoraja a falar agora dele com alguma franqueza, não a título pessoal, mas somente como membro da família Karamázov. Ontem, suicidou-se aqui, na extremidade da cidade, um desgraçado, idiota, implicado estreitamente neste processo, antigo criado e talvez filho natural de Fiódor Pávlovitch, Smierdiákov. Contou-me, lamuriando, no inquérito, como esse jovem Karamázov, Ivã Fiódorovitch, o amedrontara com seu niilismo moral: Tudo, segundo ele, é permitido, e nada doravante deve ser proibido. Eis o que ele me ensinava'. Essa doutrina deve ter acabado de desarranjar o espírito do idiota, se bem que certamente sua doença e o terrível drama ocorrido na casa lhe tenham também perturbado o cérebro. Mas esse idiota é o autor duma observação que teria feito honra a um observador mais inteligente, eis por que falei dele. 'Se há', disse-me ele, 'um dos filhos de Fiódor Pávlovitch que mais se parece com ele pelo

---

[61] *"Depois de mim o dilúvio. " Frase atribuída a Luís XV por uns, e à Mme. Pompadour, por outros.*

caráter, é Ivã Fiódorovitch!' A respeito dessa observação, que considero característica, não quero insistir mais, pois acho indelicado seguir por esse caminho. Oh! não quero tirar conclusões e prognosticar unicamente a ruína para esse jovem destino. Vimos hoje que a verdade é ainda poderosa no seu jovem coração, que os sentimentos familiares não estão ainda sufocados nele pela irreligião e pelo cinismo das idéias, inspirados ainda mais pela hereditariedade do que pelo verdadeiro sofrimento moral. O mais moço, ainda adolescente, é piedoso e modesto; ao inverso da doutrina sombria e dissolvente de seu irmão, aproxima-se dos 'princípios populistas', ou do que assim se chama em certos meios intelectuais. Ligou-se ao mosteiro, esteve mesmo quase a ponto de tomar o hábito. Encarna, parece-me, inconscientemente, o fatal desespero que leva uma multidão de pessoas em nossa desgraçada sociedade — por temor do cinismo corruptor e porque atribuem falsamente todos os nossos males à cultura ocidental — a voltar, como dizem, ao solo natal, a lançar-se, por assim dizer, nos braços da terra natal, como crianças aterrorizadas pelos fantasmas se refugiam sobre o seio esgotado de sua mãe, para dormir tranqüilamente e escapar às visões que as amedrontavam. Quanto a mim, formulo os melhores votos para esse adolescente tão bem dotado, desejo que seus nobres sentimentos e suas aspirações pelos princípios populistas não degenerem posteriormente, como ocorre com freqüência, num sombrio misticismo do ponto de vista moral, e num estúpido chauvinismo do ponto de vista cívico, dois ideais que ameaçam a nação de males ainda mais graves, talvez, do que a perversão precoce proveniente da cultura ocidental mal compreendida e adquirida em vão, tal como a de que sofre seu irmão. "

As alusões ao chauvinismo e ao misticismo receberam alguns aplausos. Sem dúvida, deixara-se Ipolit Kirílovitch arrebatar e tudo isso não quadraria com o processo, sem contar que era pouco claro, mas aquele tuberculoso avinagrado tinha muita vontade de fazer-se ouvir, pelo menos uma vez na vida. Contou-se mais tarde que, na caracterização de Ivã Fiódorovitch, obedecera a um sentimento pouco delicado: batido uma ou duas vezes por ele em discussões em público, queria agora vingar-se. Ignoro se se podia concluir assim. Aliás, tudo isso não era senão uma introdução antes de abordar diretamente o caso.

"O terceiro filho dessa família moderna está no banco dos réus. Sua vida e suas façanhas se desenrolam diante de nós, chegou a hora em que tudo se exibe à luz meridiana. Ao contrário de seus irmãos, dos quais um

é um 'ocidental', o outro um 'populista', representa a Rússia natural, não toda, Deus nos livre! E, no entanto, ei-la, a nossa querida Rússia, sente-se, ouve-se nele *a mátuchka.* Há em nós uma estranha liga de bem e de mal, amamos Schiller e a civilização, ao mesmo tempo fazemos barulho nos botequins e arrastamos pela barba nossos companheiros de embriaguez. Acontece-nos ser excelentes, mas só quando tudo nos vai bem. Nós nos entusiasmamos pelos mais nobres ideais, com a condição de alcançá-los sem esforço e sem que isso nos custe alguma coisa. Não gostamos de pagar, mas gostamos muito de receber. Fazei-nos a vida feliz, dai-nos todos os bens possíveis e vereis como somos gentis. Não somos ávidos, decerto, mas dai-nos o máximo de dinheiro possível e vereis com que desprezo pelo vil metal nós o dissiparemos em uma noite de orgia. E, se nos recusam o dinheiro, mostraremos como sabemos arranjá-lo, se preciso. Mas procedamos com ordem. Vemos em primeiro lugar o pobre menino abandonado, 'descalço no quintal', segundo a expressão de nosso respeitável concidadão, de origem alemã. Ai! Repito, não abandono a ninguém a defesa do acusado. Sou acusador e defensor. Somos também seres humanos, capazes de apreciar a influência das primeiras impressões de infância sobre o caráter. Mas o menino torna-se um rapaz, ei-lo oficial; suas violências e uma provocação a duelo obrigam-no a exilar-se para uma cidade fronteiriça. Naturalmente, farreia, leva vida a rédeas soltas. Temos sobretudo necessidade de dinheiro e, após longas discussões, transige com seu pai em troca de 6 000 rublos que lhe são enviados. Notai: assinou um papel; existe uma carta dele em que renuncia quase ao resto e termina, por esta soma, a questão por causa da herança. Foi então que travou conhecimento com uma moça culta, de nobre caráter. Não entrarei em detalhes, vós acabais de ouvi-los: trata-se de honra e de abnegação, e eu me calo. A imagem do rapaz frívolo e corrupto, mas inclinando-se diante da verdadeira nobreza, diante de uma idéia superior, nos pareceu das mais simpáticas. Mas em seguida, nesta mesma sala, mostraram-nos o reverso da medalha. Não ouso tampouco lançar-me em conjeturas e abstenho-me de analisar as causas. Nem por isto deixam essas causas de existir. Essa mesma pessoa, com as lágrimas de uma indignação muito tempo contida, declara-nos que foi ele o primeiro a desprezá-la pelo seu ímpeto imprudente, impetuoso talvez, porém nobre e generoso. O noivo desta jovem teve um sorriso zombador que somente dele não podia ela suportar. Sabendo que a havia traído (porque pensava ele poder permitir-se tudo no futuro, até mesmo a traição), sabendo disto, ela lhe entrega 3 000 rublos, dando-lhe a entender claramente que adivinha suas intenções:

'Pois bem! recebê-los-ás, sim ou não, terás a coragem?' diz-lhe seu olhar penetrante. Ele a olha, compreende-lhe perfeitamente o pensamento (ele mesmo o confessou perante vós), depois apropria-se desses 3 000 rublos e gasta-os em dois dias com seu novo amor. Em que acreditar? Na primeira lenda, no nobre sacrifício de seus derradeiros recursos e na homenagem à virtude, ou no reverso da medalha, na baixeza dessa conduta? Nos casos comuns, convém procurar a verdade entre os extremos; não é o caso aqui. Muito provavelmente, mostrou-se ele tão nobre da primeira vez como vil da segunda. Por quê? Porque somos uma 'natureza ampla' um Karamázov — eis onde quero chegar —, capaz de reunir todos os contrastes e de contemplar ao mesmo tempo dois abismos, o do alto, o abismo dos sublimes ideais, e o de baixo, o abismo da mais ignóbil degradação. Lembrai-vos da brilhante idéia formulada ainda há pouco pelo Senhor Rakítin, o jovem observador, que estudou de perto toda a família Karamázov: 'À consciência da degradação é tão indispensável a essas naturezas desenfreadas quanto a consciência da nobreza moral', e é verdade; essa mistura antinatural lhes é constantemente necessária. Dois abismos, senhores, dois abismos simultaneamente, senão não estamos satisfeitos, falta alguma coisa à nossa existência. Somos amplos, amplos como nossa mãe, a Rússia, tudo admitimos e a tudo nos acomodamos. A propósito, 'senhores jurados, acabamos de falar desses 3 000 rublos e me permito antecipar um pouco. Imaginai que com esse caráter, tendo recebido esse dinheiro ao preço duma tal vergonha, da derradeira humilhação, imaginai que no mesmo dia tenha podido separar a metade, costurá-la num amuleto e ter em seguida a constância de andar com ela um mês inteiro sobre seu peito, malgrado a falta de recursos e as tentações? Nem por ocasião de suas orgias nos botequins, nem quando lhe foi preciso deixar a cidade para arranjar em casa de sabe Deus quem o dinheiro necessário, a fim de subtrair sua bem-amada às seduções de seu pai, de seu rival, ousa tocar naquele amuleto. Não fosse senão para não deixar sua amiga exposta às intrigas do velho de que se mostrava tão ciumento, deveria ter desfeito seu amuleto e montado guarda em torno dela, aguardando o momento em que ela lhe diria: 'Sou tua', para levá-la para longe daquele meio fatal. Mas não, não recorreu ao seu talismã, e sob qual pretexto? O primeiro pretexto, dissemo-lo, era que necessitava de dinheiro, no caso de querer sua amiga partir com ele. Mas esse primeiro pretexto, segundo as próprias palavras do acusado, deu lugar a um outro. Enquanto, diz ele, carregar comigo este dinheiro, 'sou um miserável, mas não um ladrão', porque posso sempre ir encontrar minha noiva e,

apresentando-lhe a metade da soma de que fraudulentamente me apropriei, dizer-lhe: 'Vês, gastei a metade de teu dinheiro e provei que sou um homem fraco e sem consciência e, se queres, um miserável (emprego os termos do acusado), mas não um ladrão, porque então não te teria trazido esta metade, ter-me-ia apropriado dela como da primeira'. Singular explicação! Esse arrebatado sem caráter, que não pôde resistir à tentação de aceitar 3 000 rublos em condições tão vergonhosas, dá prova de súbito de uma firmeza estóica e anda com 1 000 rublos no pescoço sem ousar neles tocar! Quadra-se isto com o caráter que analisamos? Não, e permito-me contar-vos como o verdadeiro Dimítri Fiódorovitch teria procedido, se estivesse verdadeiramente decidido a costurar seu dinheiro num amuleto. À primeira tentação, fosse apenas para causar prazer à sua bem-amada, com a qual já havia despendido a metade do dinheiro, teria descosido o amuleto e retirado, digamos, 100 rublos para a primeira vez, porque de que serve restituir absolutamente a metade, quando 1 400 rublos são suficientes? Dá na mesma: 'Sou um miserável e não um ladrão, porque restituirei 1 400 rublos; um ladrão teria guardado tudo'. Algum tempo depois, teria de novo retirado uma cédula, depois uma terceira, e assim por diante, até a penúltima, no fim do mês: 'Um miserável, não um ladrão. Gastei 29 cédulas, restituirei a trigésima, um ladrão não agiria assim'. Mas essa penúltima cédula desapareceu por sua vez e teria ele olhado a derradeira dizendo a si mesmo: 'Não vale mais a pena, gastemos esta como as outras!' Eis como teria procedido o verdadeiro Dimítri Karamázov, tal como o conhecemos! Quanto à lenda do amuleto, está em contradição absoluta com a realidade. Pode-se supor tudo, menos isso. Mas voltaremos a isso. "

Depois de ter exposto ordenadamente tudo quanto o inquérito conhecia das discussões de interesses e relações entre pai e filho, concluindo de novo que era totalmente impossível estabelecer, a respeito da divisão da herança, a qual havia prejudicado o outro, Ipolit Kirílovitch, a propósito daqueles 3 000 rublos que se tornaram uma idéia fixa no espírito de Mítia, trouxe à baila a perícia médica.

VII

BOSQUEJO HISTÓRICO

"A perícia médica quis provar-nos que o acusado não está em seu

juízo cabal e é maníaco. Sustento que está no uso de sua razão; mas isto é o pior de tudo: se não estivesse com todo o seu juízo, talvez se tivesse mostrado mais inteligente. Eu reconheceria de boa vontade sua mania, mas num ponto somente, assinalado pela perícia, a maneira de ver o acusado a respeito desses 3000 rublos de que seu pai o havia fraudado. Não obstante, pode-se encontrar um ponto de vista bem mais direto que a propensão do acusado à loucura para explicar sua exasperação constante a propósito desse dinheiro. Quanto a mim, partilho inteiramente da opinião do jovem médico que acha que o acusado goza e gozava de todas as suas faculdades e estava apenas exasperado e irritado. Eis o que importa: não eram aqueles 3000 rublos que constituíam o objeto da exaltação constante do acusado, mas bem outra causa que excitava sua cólera. Essa causa era o ciúme!"

Aqui, Ipolit Kirílovitch estendeu-se a respeito da fatal paixão do acusado por Grúchenhka. "Começou pelo momento em que o acusado se dirigira à casa da 'jovem pessoa' para 'bater nela', de acordo com a expressão dele; mas, em lugar disso, ficou a seus pés e foi o começo desse amor. Ao mesmo tempo, essa pessoa é notada pelo pai do réu — coincidência fatal e surpreendente —, porque aqueles dois corações inflamaram-se ao mesmo tempo com uma paixão desenfreada, como verdadeiros Karamázovi, se bem que conhecessem desde antes a jovem mulher. Possuímos a própria confissão dela: 'Zombava', diz ela, 'de um e do outro'. Sim, essa intenção veio-lhe de repente ao espírito, e finalmente os dois ficaram enfeitiçados por ela. O velho, que adorava o dinheiro, preparou 3 000 rublos, somente para que ela fosse à casa dele, e em breve chegou a estimar-se feliz se ela consentisse em casar-se com ele. Temos testemunhos formais a este respeito. Quanto ao réu, conhecemos a tragédia que viveu. Mas tal era o 'jogo' da jovem pessoa, Essa sereia não deu nenhuma esperança ao desgraçado, senão no derradeiro momento, quando, de joelhos diante dela, estendia-lhe os braços. 'Enviai-me para o presídio com ele, fui eu que o impeli, sou a culpada!', gritava ela com um sincero arrependimento por ocasião da detenção. O Senhor Rakítin, o talentoso jovem que já citei e que empreendeu descrever este caso, definiu em algumas frases concisas o caráter da heroína: 'Um desencanto precoce, a traição e o abandono do noivo que a seduzira, depois a pobreza, a maldição duma honesta família, por fim a proteção dum velho rico que, ' aliás, ela encara ainda agora como seu benfeitor. Naquele jovem coração, talvez inclinado ao bem, a cólera amontoou-se. Tornou-se calculista,

amante da acumulação de dinheiro; zomba da sociedade e tem-lhe rancor'. Isto explica o ter podido ela zombar de um e de outro, por pura maldade. Durante esse mês em que o réu ama sem esperança, degradado pela sua traição e pela sua desonestidade, está além disso enlouquecido, exasperado por um ciúme incessante de seu pai. E, para cúmulo, o velho insensato esforça-se por seduzir o objeto de sua paixão por meio daqueles 3 000 rublos que seu filho lhe reclama como a herança de sua mãe. Sim, convenho que era duro de suportar! Havia motivo para ficar maníaco. E não era o dinheiro que importava, mas o cinismo repugnante que conspirava contra a sua felicidade, com aquele mesmo dinheiro!"

Em seguida, Ipolit Kirílovitch abordou a gênese do crime no espírito do réu, baseando-se nos fatos.

"Em primeiro lugar, limitamo-nos a vociferar nos botequins durante todo aquele mês. Dizemos voluntariamente tudo quanto nos passa pela cabeça, até mesmo as idéias mais perigosas. Somos expansivos, mas, não se sabe por que, exigimos que nossos ouvintes nos testemunhem inteira simpatia, tomem parte em nossos desgostos, façam coro, não nos estorvem em nada. Senão, ai deles! (Seguia-se o caso do Capitão Snieguiriov.) Os que viram e ouviram o acusado durante esse mês tiveram finalmente a impressão de que ele não se ateria a simples ameaças contra seu pai e que, na sua exasperação, era capaz de levá-las a efeito. (Aqui o procurador descreveu a reunião de família no mosteiro, as conversações com Aliócha e a cena escandalosa em casa de Fiódor Pávlovitch, em que o réu havia irrompido na sala depois do jantar.) Não estou certo", prosseguiu Ipolit Kirílovitch, "de que, antes dessa cena, tivesse já o réu resolvido suprimir seu pai. Mas esta idéia lhe viera já, encarava-a, os fatos, as testemunhas e sua própria confissão o provam. Confesso, senhores jurados, que até hoje hesitava em crer na premeditação completa. Estava persuadido de que havia ele encarado por várias vezes aquele momento fatal, mas sem precisar a data e as circunstâncias da execução. Minha hesitação cessou em presença desse documento esmagador, apresentado hoje ao tribunal pela Senhorita Vierkhóvtseva. Vós ouvistes, senhores, sua exclamação: 'É o plano, o programa do assassinato!' Eis como definiu ela aquela desgraçada carta de bêbado. Com efeito, essa carta estabelece a premeditação. Foi escrita dois dias antes do crime, e sabemos que naquele momento, antes da realização de seu horrendo projeto, jurava o réu que, se não encontrasse quem lhe emprestasse o dinheiro no dia seguinte, mataria seu pai para tomar o dinheiro que estava embaixo do travesseiro,

'num envelope amarrado com uma fita côr-de-rosa, assim que Ivã partir'. Estais ouvindo? 'Assim que Ivã partir... ' Por conseguinte, tudo está combinado, as circunstâncias são previstas, e tudo se passou como ele o escrevera. A premeditação não tem dúvida alguma, o crime tinha o roubo como móvel, está escrito e assinado. O acusado não renega sua assinatura. Dir-se-á: é a carta de um bêbado. Mas isto não atenua nada, pelo contrário; escreveu, estando bêbado, o que havia combinado em estado lúcido. Senão, ter-se-ia abstido de escrever. Mas, objetar-se-á talvez, por que gritou seu projeto nos botequins? Quem premedita tal ato cala-se e mantém seu segredo. Ê verdade, mas então tinha ele apenas veleidades, sua intenção amadurecia. Posteriormente, mostrou-se mais reservado a esse respeito. Na noite em que escreveu aquela carta, depois de ter-se embriagado no botequim A Capital, ficou excepcionalmente silencioso, manteve-se à parte sem jogar bilhar, limitando-se a maltratar um caixeiro de armazém, mas inconscientemente, incapaz de renunciar a discutir, de acordo com seu hábito. Decerto, uma vez resolvido a agir, devia o réu recear ter-se gabado por demais em público de suas intenções, e que isso pudesse servir de prova contra ele, quando executasse seu plano. Mas que fazer? Não podia recolher suas palavras e esperava safar-se ainda dessa vez. Fiamo-nos em nossa estrela! Senhores! Deve-se reconhecer que fez ele grandes esforços antes de chegar a esse ponto e para evitar um desenlace sangrento: 'Pedirei amanhã dinheiro a todo mundo', escreve ele na sua linguagem original, 'e se mo recusarem, o sangue correrá'. De novo, vemo-lo agir em estado lúcido, como tinha escrito quando estava ébrio!"

Aqui, Ipolit Kirílovitch descreveu pormenorizadamente as tentativas de. Mítia para arranjar dinheiro, para evitar o crime. Relatou suas gestões junto a Samsónov, sua visita a Liagávi. "Fatigado, mistificado, faminto, tendo vendido seu relógio para pagar a viagem (embora levando consigo 1500 rublos, com efeito!), atormentado pelo ciúme por causa de sua bem-amada que deixou na cidade, suspeitando de que na sua ausência pudesse ela ir encontrar-se com Fiódor Pávlovitch, regressa afinal. Deus seja louvado! Ela não esteve lá. Ele próprio a acompanha à casa de seu protetor Samsónov. (Coisa estranha, não temos ciúme de Samsónov, e é este um detalhe característico!) Corre a seu posto de observação 'no quintal' e ali sabe que Smierdiákov teve uma crise, que o outro criado está doente; o campo está livre, os 'sinais' estão em suas mãos, que tentação! Não obstante, resiste; vai à casa de uma pessoa por todos respeitada, a Senhora Khokhlakova. Esta senhora, que se compadeceu

desde muito tempo da sorte dele, dá-lhe o mais sábio dos conselhos: renunciar à farra, àquele amor escandaloso, àquelas excursões pelos botequins, em que se gastava sua jovem energia, e partir para as minas de ouro, na Sibéria: 'Lá está o derivativo para as forças que refervem no senhor, para seu caráter romanesco, ávido de aventuras'. " Depois de ter descrito o desenlace do encontro e o momento em que o réu soube de repente que Grúchenhka não ficou em casa de Samsónov, bem como o furor do infeliz ciumento, à idéia de que ela o enganava e se encontrava agora em casa de Fiódor Pávlovitch, Ipolit Kirílovitch concluiu, fazendo notar a fatalidade desse incidente: "Se a criada tivesse tido tempo de dizer-lhe que a bem-amada dele estava em Mókroie com seu primeiro amante, nada teria acontecido. Mas estava transtornada, jurou a seus deuses, e se o réu não a matou ali mesmo foi porque correu em perseguição da infiel. Mas notai isto: embora fora de si, apodera-se de um pilão de cobre. Por que precisamente um pilão? Por que não outra arma? Mas se nos preparávamos para essa cena, encarada havia um mês, se qualquer coisa parecida com uma arma se nos apresenta, dela nos apoderamos como tal. Desde um mês, dizíamos a nós mesmos que um objeto daquele gênero poderia servir de arma. De modo que não hesitamos. Por conseguinte, o réu sabia o que fazia ao agarrar aquele fatídico pilão. Ei-lo no jardim de seu pai, o campo está livre, nenhuma testemunha, uma escuridão profunda e o ciúme. A suspeita de que ela está ali, nos braços de seu rival, e zomba dele talvez naquele instante, apodera-se de seu espírito. E não somente a suspeita, trata-se bem disto, a velhacaria salta aos olhos: ela está ali, naquele quarto onde há luz, está em casa dele, por trás do biombo, e o infeliz desliza para a janela, olha com delicadeza, resigna-se e se vai prudentemente para não praticar uma desgraça, para evitar o irreparável; e querem fazer-nos acreditar nisso, a nós que conhecemos o caráter do acusado, que compreendemos seu estado de espírito revelado pelos fatos, sobretudo então quando estava a par dos sinais que permitiam penetrar logo na casa!"

A este propósito, Ipolit Kirílovitch abandonou provisoriamente a acusação e achou necessário estender-se a respeito de Smierdiákov, a fim de liquidar o episódio das suspeitas dirigidas contra ele e de liquidar duma vez por todas essa idéia. Não negligenciou nenhum detalhe e todo mundo compreendeu que, malgrado o desdém que testemunhava por essa hipótese, considerava-a, no entanto, muito importante.

VIII

DISSERTAÇÃO A RESPEITO DE SMIERDIÁKOV

"Em primeiro lugar, donde vem a possibilidade de semelhante suspeita? Quem primeiro denunciou Smierdiákov como o assassino foi o próprio réu, por ocasião de sua prisão; contudo, até hoje, não apresentou ele o menor fato em apoio dessa inculpação, nem mesmo uma alusão mais ou menos verossímil a um fato qualquer. Em seguida, três pessoas somente confirmam seus dizeres: seus dois irmãos e a Senhora Svietlova. Mas o mais velho formulou essa suspeita somente hoje, no curso dum acesso de demência e de febre nervosa; antes, durante estes dois meses, estava persuadido da culpabilidade de seu irmão e nem. mesmo procurou combater essa idéia. Aliás, voltaremos a isso. O mais moço declara não ter nenhuma prova que confirme sua idéia da culpabilidade de Smierdiákov e se baseia unicamente nas palavras do acusado e na 'expressão de seu rosto'; proferiu duas vezes ainda há pouco esse argumento extraordinário. A Senhora Svietlova exprimiu-se duma maneira talvez ainda mais estranha: 'Podeis crer no acusado, não é homem de mentiras*. Eis todas as acusações alegadas contra Smierdiákov, por essas três pessoas que estão muito interessadas na sorte do réu. E no entanto a acusação contra Smierdiákov circulou e persiste; pode-se acreditar nisso, pode-se imaginá-la?"

Aqui, Ipolit Kirílovitch julgou necessário esboçar o caráter de Smierdiákov, "que pôs fim a seus dias numa crise de loucura". Apresentou-o como um ser fraco, de instrução rudimentar, conturbado por idéias filosóficas acima de seu alcance, aterrorizado diante de certas doutrinas modernas sobre o dever e a obrigação moral, que lhe inculcavam — na prática —, pela sua vida descuidada, seu amo Fiódor Pávlovitch, talvez seu pai, e — na teoria —, por meio de conversações filosóficas estranhas, o filho mais velho do defunto, Ivã Fiódorovitch, que apreciava essa diversão, sem dúvida por tédio ou por uma necessidade de zombaria, não tendo encontrado outro emprego. "Descreveu-me ele próprio seu estado de espírito, os derradeiros dias que passou na casa de seu amo", explicou Ipolit Kirílovitch, "mas outras pessoas atestam a coisa: o acusado, seu irmão e até mesmo o criado Gregório, isto é, todos aqueles que deviam conhecê-lo de perto. Além disso, atingido de epilepsia, Smierdiákov era medroso como uma galinha. 'Caía a meus pés e beijava-os', declarou-nos o

réu, quando não compreendia ainda o prejuízo que poderia causar-lhe essa declaração, 'é uma galinha epiléptica*, dizia ele do outro na sua linguagem pitoresca. E eis que o acusado (ele mesmo o atesta) faz dele seu homem de confiança e o intimida a ponto de consentir ele afinal em servir-lhe de espião e de informante. Nesse papel de espião, trai seu amo, revela ao acusado a existência do envelope das cédulas e os sinais por meio dos quais pode-se chegar até ele; aliás, poderia ele agir de outro modo? 'Ele me matará, dava-me bem conta disso', dizia ele, tremendo, no inquérito, se bem que seu carrasco já estivesse detido e fora de condições de molestá-lo. 'Suspeitava de mim a cada instante e eu, gelado de terror, apressava-me, para acalmar-lhe a cólera, em comunicar-lhe todos os segredos, a fim de provar minha boa fé e ter a vida salva'. Tais são as palavras, anotei-as. 'Quando gritava por mim, acontecia-me atirar-me a seus pés. * De natural bastante honesto, gozando da confiança de seu amo, que comprovara essa honestidade quando seu criado lhe entregou o dinheiro que ele havia perdido, o infeliz Smierdiákov deve ter sentido profundo arrependimento de sua traição aquele a quem amava como seu benfeitor. Os epilépticos, gravemente atacados, de acordo com o relato de psiquiatras eminentes, têm a mania de acusar-se a si mesmos. A consciência de sua culpabilidade atormenta-os, têm remorsos, muitas vezes sem motivos, exageram suas faltas, forjam mesmo crimes imaginários. Acontece que semelhante indivíduo torna-se verdadeiramente culpado e criminoso, sob a influência do medo, da intimidação. Além disso, pressentia ele a possibilidade duma desgraça, em vista das circunstâncias. Quando o filho mais velho de Fiódor Pávlovitch, Ivã Fiódorovitch, partiu para Moscou, no mesmo dia do drama, Smierdiákov suplicou-lhe que ficasse, mas sem ousar, com sua covardia habitual, dar-lhe parte de seus temores de uma maneira categórica. Limitou-se a alusões que não foram compreendidas. É preciso notar que, para Smierdiákov, Ivã Fiódorovitch representava como que uma defesa, uma garantia de que nada de desagradável aconteceria enquanto estivesse ele presente. Lembrai-vos da frase de Dimítri Fiódorovitch na sua carta de ébrio: 'Matarei o velho, contanto que Ivã parta'. Por conseguinte, a presença de Ivã Fiódorovitch parecia a todos garantir a ordem e a calma na casa. Parte ele e Smierdiákov, cerca de uma hora depois, tem uma crise, aliás bastante compreensível. É preciso mencionar aqui que, presa do terror e duma espécie de desespero, Smierdiákov, nos derradeiros dias, sentia particularmente a possibilidade de uma crise próxima, que se produzia sempre nas horas de ansiedade e de viva emoção. Não se podem evidentemente adivinhar o dia e a hora

desses ataques, mas cada epiléptico pode sentir-lhes os sintomas. Assim fala a medicina. Um pouco depois da partida de Ivã Fiódorovitch, Smierdiákov, que se sente abandonado e sem defesa, vai à adega para atender às necessidades da casa e pensa, ao descer a escada: Terei ou não um ataque, e se ele me tomasse' agora?' Precisamente, aquele estado de espírito, aquela apreensão, aquelas perguntas provocam o espasmo na garganta, precursor da crise; precipita-se sem conhecimento no fundo da adega. Esforçam-se em suspeitar desse acidente bem natural, em ver nele uma indicação, uma alusão revelando a simulação voluntária da doença! Mas, neste caso, pergunta-se logo: 'Por quê? Com que fim?' Deixo de lado a medicina; a ciência» mente, dizem, a ciência se engana, os doutores não souberam distinguir a verdade da simulação; pois seja, admitamos, mas respondei a esta pergunta: que razão tinha ele para simular? Seria para se fazer notar de antemão na casa onde premeditava um assassínio? Vede, senhores jurados, houve cinco pessoas em casa de Fiódor Pávlovitch, na noite do crime: em primeiro lugar, o dono da casa, mas não se matou a si mesmo, é claro; em segundo lugar, seu criado Gregório, mas quase foi morto; em terceiro lugar, a mulher de Gregório, Marfa Ignátievna, mas seria uma vergonha supô-la assassina de seu amo. Restam, por conseqüência, duas pessoas em causa: o réu e Smierdiákov. Mas como o acusado afirma que não é ele o assassino, deve ser Smierdiákov, não há outra alternativa, porque não se pode suspeitar de ninguém mais. Eis a explicação dessa acusação 'sutil' e extraordinária contra o infeliz idiota que se suicidou ontem! Justamente porque não havia ninguém em quem deitar a mão! Se tivesse existido a mínima suspeita contra algum outro, uma sexta pessoa, estou certo de que o próprio réu teria tido vergonha de acusar então Smierdiákov e acusaria esse outro, porque é perfeitamente absurdo acusar Smierdiákov desse assassinato.

"Senhores, deixemos a psicologia, deixemos a medicina, deixemos mesmo a lógica, consultemos os fatos, nada mais que os fatos, e vejamos, o que eles nos dizem. Smierdiákov matou, mas como? Só ou de cumplicidade com o réu? Examinemos primeiro o primeiro caso, isto é, o assassinato cometido sozinho. Evidentemente, se Smierdiákov matou, foi por alguma coisa, num interesse qualquer. Mas, não tendo nenhum dos motivos que impeliam o acusado, isto é, o ódio, o ciúme, etc, Smierdiákov só matou para roubar, para se apropriar daqueles 3 000 rublos que seu patrão metera, diante dele, em um envelope. E eis que. tendo resolvido matar, comunica previamente a outra pessoa, que acontece ser a mais

interessada, precisamente o réu, tudo quanto se refere ao dinheiro e aos sinais, o lugar onde se encontra o envelope, seu sobrescrito, com que está ele amarrado, e sobretudo lhe comunica aqueles sinais, por meio dos quais pode-se entrar em casa de seu amo. Pois bem! é para se trair que ele age assim? Ou a fim de arranjar um rival que talvez tenha também vontade de vir a apoderar-se do envelope? Sim, dir-se-á, mas falou dominado pelo medo. Como assim? O homem que não hesitou em conceber um ato tão ousado e feroz, e em executá-lo em seguida, comunica semelhantes informações, que é o único a conhecer no mundo e que ninguém teria jamais adivinhado, se tivesse ele guardado silêncio. Não, por mais medroso que fosse, depois de ter concebido tal ato, esse homem não teria falado a ninguém a respeito do envelope e dos sinais, porque teria sido trair-se de antemão. Teria inventado alguma coisa de propósito e mentido, se tivessem exigido dele informações, mas guardado silêncio a respeito. Pelo contrário, repito-o, se não tivesse dito palavra a respeito do dinheiro e dele se tivesse apossado após o delito, ninguém no mundo teria jamais podido acusá-lo de assassinato tendo o roubo como móvel, porque ninguém, exceto ele, tinha visto aquele dinheiro, ninguém sabia da existência dele na casa. Mesmo acusando-o, ter-se-ia atribuído outro motivo ao crime. Mas na ausência de outros motivos prévios, e como todo mundo, ao contrário, tinha-o visto estimado por seu amo, honrado com sua confiança, ter-se-ia suspeitado logo de início de um homem tendo esses motivos, de um homem que, longe de dissimulá-los, ter-se-ia gabado publicamente, em uma palavra, ter-se-ia suspeitado do filho da vítima, Dimítri Fiódorovitch. Teria sido vantajoso para Smierdiákov, assassino e ladrão, que se acusasse esse filho, não é? Pois bem! é a ele, é a Dimítri Fiódorovitch que Smierdiákov, tendo premeditado seu crime, fala de antemão do dinheiro, do envelope, dos sinais; que lógica, que clareza!!!

"Chega o dia do crime premeditado por Smierdiákov, e ele cai da escada, tendo simulado um ataque de epilepsia. Por quê? Sem dúvida para que o criado Gregório, que tinha intenção de tratar-se, renuncie a isso talvez vendo a casa sem vigilância, e monte guarda. Provavelmente também a fim de que o próprio patrão, vendo-se abandonado e temendo a vinda de seu filho, o que ele não ocultava, redobrasse de desconfiança e de precauções. Sobretudo, enfim, para que o transportem imediatamente, a ele, Smierdiákov, esgotado pela sua crise, da cozinha onde dormia só e tinha sua entrada particular, para a outra extremidade do pavilhão, no quarto de Gregório e de sua mulher, por trás duma separação, como

faziam sempre que tinha ele um ataque, de acordo com as instruções do amo e da compassiva Marfa Ignátievna. Ali, oculto atrás do biombo e para melhor parecer doente, começa sem dúvida a gemer, isto é, a despertá-los a noite inteira (o depoimento deles faz fé), e tudo isso a fim de se levantar mais facilmente e matar em seguida seu patrão!

"Mas, dir-se-á, talvez simulasse uma crise precisamente para desviar as suspeitas, e falou ao réu a respeito do dinheiro e dos sinais para tentá-lo e impeli-lo ao crime. E quando o réu, depois de ter matado, retirou-se. levando o dinheiro e talvez fez barulho e despertou testemunhas, então, vede, Smierdiákov se levanta e vai também... pois bem, que vai ele fazer? Vai assassinar uma segunda vez o patrão e roubar o dinheiro já roubado. Senhores, não é isto caso para rir? Eu mesmo tenho vergonha de fazer tais suposições; no entanto, imaginai que é precisamente o que afirma o acusado: 'Quando eu já havia partido', diz ele, 'depois de ter abatido Gregório e provocado o alarma, Smierdiákov se levantou para assassinar e roubar'. Deixo de lado a impossibilidade para Smierdiákov de calcular e de prever os acontecimentos, a vinda do filho exasperado que se contenta com olhar respeitosamente pela janela e, conhecendo os sinais, retira-se e lhe abandona sua presa! Senhores, proponho a pergunta seriamente: em que momento Smierdiákov cometeu seu crime? Indicai esse momento, senão a acusação tomba.

"Mas talvez a crise fosse real. Tendo recuperado seus sentidos, o doente ouviu um grito, saiu, e então? Olhou e disse a si mesmo: 'Está decidido: matarei o patrão!' Mas como soube ele o que se tinha passado, jazendo até então sem conhecimento? Aliás, senhores, a própria fantasia tem seus limites.

" 'Pois seja', dirão as pessoas sutis, 'mas se os dois estivessem de conivência, se houvessem assassinado juntos e partilhado o dinheiro?'

"Sim, há, com efeito, uma suspeita grave, e, antes de tudo, com fortes presunções em apoio: um deles assassina e se encarrega de tudo, enquanto o outro cúmplice fica deitado simulando uma crise precisamente para despertar de antemão a suspeita em todos, para alarmar o patrão e Gregório. Pergunta-se: por quais motivos teriam podido os dois cúmplices imaginar plano tão absurdo? Mas talvez não houvesse senão uma cumplicidade passiva da parte de Smierdiákov; talvez, apavorado, consentiu apenas em não se opor ao assassínio e, pressentindo que o acusariam, pode ter deixado matar seu amo sem defendê-lo, terá obtido de

Dimítri Karamázov a permissão de ficar deitado durante aquele tempo, como se tivesse uma crise: 'Estás livre para assassinar, nada tenho com isso'. Neste caso, como essa crise teria posto a casa em alvoroço, Dimítri Karamázov não podia consentir em tal convenção. Mas admito que tenha consentido; nem por isso deixaria de resultar que Dimítri Karamázov é o assassino direto, o instigador, e Smierdiákov, um cúmplice passivo, e nem mesmo isso; deixou simplesmente fazer, por temor e contra a sua vontade; esta distinção não teria escapado à justiça; ora, que vemos? Por ocasião de sua detenção, o acusado lança toda a culpa sobre Smierdiákov e acusa-o, só a ele. Não o acusa de cumplicidade; só ele é que assassinou e roubou, é obra de suas mãos. Mas que cúmplices são esses que começam logo a acusar-se? Isto não existe. E notai que risco para Karamázov: é o principal assassino, o outro limitou-se a deixar fazer, deitado atrás do tabique, e ele o ataca. Mas esse comparsa poderia zangar-se e, por instinto de conservação, apressar-se em dizer toda a verdade; participamos todos dois, contudo, eu não matei, somente tolerei e deixei fazer, por temor. Porque Smierdiákov podia compreender que a justiça discerniria logo seu grau de culpabilidade, e contar com um castigo bem menos rigoroso que o principal assassino, que queria atirar toda a culpa sobre ele. Mas então teria forçosamente confessado. Contudo, nada disso se dá. Smierdiákov não soprou palavra a respeito da cumplicidade, se bem que o assassino o haja acusado formalmente e apontado todo o tempo como o único autor do crime. Não é tudo; Smierdiákov revelou no inquérito que havia ele próprio falado ao acusado do envelope com o dinheiro e dos sinais, e que sem ele este nada teria sabido. Se tivesse sido verdadeiramente cúmplice e culpado, teria comunicado a coisa tão voluntariamente no inquérito? Pelo contrário, ter-se-ia desdito, teria certamente desnaturado e atenuado os fatos. Mas não agiu assim. Somente um inocente, que não teme ser acusado de cumplicidade, pode agir dessa maneira. Pois bem! num acesso de melancolia mórbida consecutivo à epilepsia e a todo esse drama, enforcou-se ontem, depois de ter escrito este bilhete: 'Ponho fim a meus dias voluntariamente. Não acusem ninguém de minha morte'. Que lhe custaria acrescentar: sou eu o assassino e não Karamázov? Mas não fez nada disso; sua consciência não chegou a esse ponto.

"Ainda há pouco, trouxeram dinheiro ao tribunal, 3 000 rublos, 'as cédulas que se encontravam no envelope que figurava entre as peças de convicção, recebi-as ontem de Smierdiákov'. Mas vós não vos esquecestes, senhores jurados, dessa triste cena. Não lhe tornarei a traçar os detalhes,

contudo permitir-me-ei duas os três observações escolhidas de propósito entre as mais insignificantes, porque não surgirão no espírito de cada um e serão esquecidas. Em primeiro lugar, foi por remorso que ontem Smierdiákov restituiu o dinheiro e enforcou-se. (De outro modo não o teria restituído.) E não foi senão ontem à noite evidentemente que confessou pela primeira vez seu crime a Ivã Karamázov, como este último o declarou, senão por que teria este guardado silêncio até agora? Confessou, admitamos. Mas, por que, repito-o, não disse toda a verdade no seu bilhete fúnebre, sabendo que no dia seguinte iam julgar um inocente? O dinheiro apenas não constitui uma prova. Soube completamente por acaso, há uma semana, bem como duas pessoas aqui presentes, que Ivã Fiódorovitch Karamázov mandara trocar na sede da província dois títulos de dívida a 5 por cento, de 5 000 rublos cada um, ou seja, 10 000 ao todo. Isto para mostrar que sempre se pode arranjar dinheiro para uma data fixa e que os 3 000 rublos apresentados não são necessariamente os mesmos que se encontravam na gaveta ou no envelope. Enfim, tendo Ivã Karamázov colhido ontem as confissões do verdadeiro assassino, ficou em seu quarto. Por que não fez imediatamente SUE declaração? Por que ter esperado até o dia seguinte? Estimo que se possa adivinhar a razão disso; doente desde uma semana, tendo confessado ao médico e aos que o cercavam que tinha alucinações e encontrava pessoas mortas, ameaçado pela febre nervosa que se declarou hoje, ao saber de súbito da morte de Smierdiákov, fez este raciocínio: 'Esse homem está morto, pode-se acusá-lo, salvarei meu irmão. Tenho dinheiro, apresentarei um maço de cédulas, dizendo que Smierdiákov mas entregou antes de morrer'. É desonesto, direis, se bem que acuse um morto, mas não é desonesto mentir, mesmo para salvar seu irmão? Pois seja, mas se mentiu inconscientemente, se imaginou que tenha acontecido, com o espírito definitivamente transtornado pela notícia da morte súbita do lacaio? Assististes àquela cena ainda há pouco, vistes em que estado se encontrava aquele homem. Mantinha-se de pé e falava, mas onde estava sua razão? O depoimento do doente foi seguido de um documento, de uma carta do réu à Senhorita Vierkhóvtseva, escrita dois dias antes do crime de que contém o programa detalhado. De que serve procurar esse programa e seus autores? Tudo se passou exatamente de acordo com ele e ninguém ajudou o autor! Sim, senhores jurados, isso se passou como estava escrito!' E não fugimos com um temor respeitoso da janela paterna, sobretudo estando persuadidos de que nossa bem-amada se encontrava nos aposentos dele. Não, é absurdo e inverossímil. Ele entrou e foi até o

fim. Deve ter matado num acesso de furor, vendo seu' rival detestado, talvez com um só golpe de pilão, mas em seguida, depois de ter-se convencido por um exame detalhado de que ela não estava ali, não se esqueceu de meter a mão sob o travesseiro e de apoderar-se do envelope com o dinheiro, que figura agora, rasgado, entre as peças de convicção. Falo disso para assinalar-vos uma circunstância característica. Um assassino experimentado, vindo exclusivamente para roubar, teria deixado no soalho o envelope, tal como foi encontrado junto do cadáver? Smierdiákov, por exemplo, teria levado tudo, sem se dar o trabalho de abri-lo perto de sua vítima, sabendo bem que ele continha dinheiro, pois que o vira ser nele metido e lacrado; ora, desaparecido o envelope, não se podia saber se houvera roubo. Pergunto-vos, senhores jurados, teria Smierdiákov agido assim e deixado o envelope no chão? Não, assim devia proceder um assassino furioso, incapaz de refletir, nunca tendo roubado nada e que, mesmo agora, se apropria do dinheiro, não como um vulgar malfeitor, mas como alguém que retoma seus bens daquele que os roubou, porque tais eram precisamente, a respeito daqueles 3 000 rublos, as idéias de Dimítri Karamázov, que nele chegavam já à mania. De posse do envelope, que jamais vira antes, rasga-o para certificar-se de que contém dinheiro, depois atira-o fora e foge com as cédulas no seu bolso, sem suspeitar de que deixa assim atrás de si, sobre-o soalho, uma prova esmagadora. Tudo porque foi Karamázov e não Smierdiákov, e não refletiu, aliás não tinha tempo. Foge, ouve o grito do criado que o alcança, que o agarra, que o detém, vacila e caí derrubado por uma pancada de pilão. O réu salta do alto da paliçada por compaixão. Imaginai que" ele nos garante que desceu por piedade, por compaixão, para ver se podia socorrê-lo. Mas seria aquele o momento para enternecimentos? Não, tornou a descer precisamente para certificar-se de que estivesse ainda viva a única testemunha de seu crime. Qualquer outro sentimento, qualquer outro motivo teriam sido insólitos! Notai que ele se mostra solícito para com Gregório, enxuga-lhe a cabeça com o lenço, depois, crendo-o morto, como que desvairado, coberto de sangue, corre de novo à casa de sua bem-amada; como não pensou ele que naquele estado imediatamente o acusariam? Mas o próprio réu nos assegura que não prestou atenção a isso; pode-se admiti-lo, é muito possível, isto acontece sempre aos criminosos em semelhantes momentos. Dum lado, um cálculo infernal, do outro, o raciocínio falha. Mas naquele minuto perguntava ele somente a si mesmo onde ela estava. Na sua pressa de sabê-lo, corre à sua casa e sabe duma notícia imprevista, esmagadora para ele; ela partiu para Mókroie a fim de

juntar-se ao seu antigo amante, 'o indiscutível'. "

IX

PSICOLOGIA A VAPOR. A TRÓICA EM DISPARADA. PERORAÇÃO

Chegado a este momento de seu discurso, Ipolit Kiríloviích, que havia evidentemente escolhido o método de exposição rigorosamente histórico, muito do agrado de todos os oradores nervosos que procuram de propósito quadros estritamente delimitados, a fim de moderar seu ardor, estendeu-se a respeito do primeiro amante, 'o indiscutível', e formulou a esse respeito algumas idéias interessantes. "Karamázov, ferozmente ciumento de todos, apaga-se de súbito e desaparece diante do 'antigo' e do 'indiscutível'. E é tanto mais estranho que antes quase não prestara atenção ao novo perigo que o ameaçava na pessoa desse rival inesperado. Mas representava-se isso como distante, e Karamázov só vive no momento presente. Provavelmente, considerava-o mesmo como uma ficção, mas tendo logo compreendido, com seu coração dolorido, que a dissimulação daquela mulher, sua mentira de ainda há pouco, provinham talvez do fato de que esse novo rival, longe de ser um capricho e uma ficção, representava tudo para ela, toda sua esperança na vida. Tendo compreendido isso, resignou-se. Pois bem, senhores jurados, não posso passar em silêncio esse traço inesperado no réu: de súbito apareceram a sede da verdade, a necessidade imperiosa de respeitar aquela mulher, de reconhecer os direitos de seu coração, e isto no momento em que, por ela, acabava de tingir suas mãos no sangue de seu pai! É verdade que o sangue vertido gritava já vingança, porque, tendo perdido sua alma, destruído sua vida terrestre, devia, malgrado seu, perguntar a si mesmo naquele momento: 'Que sou eu, que posso eu ser agora para ela, para essa criatura querida mais que tudo no mundo, em comparação com esse primeiro amante, 'o indiscutível', com aquele que, arrependido, volta para essa mulher seduzida outrora por ele, com um novo amor, com propostas leais e a promessa de uma vida regenerada e doravante feliz?' Mas ele, o desgraçado, que pode ele oferecer-lhe agora? Karamázov compreendeu tudo isso e que seu crime lhe barrava a estrada, que não passava de um criminoso votado ao castigo, indigno de viver! Esta idéia o esmagou, aniquilou-o. Imediatamente, decide-se por um plano insensato que, dado o seu caráter, devia parecer-lhe a única saída para sua terrível situação: o

suicídio. Corre a desempenhar suas pistolas em casa do funcionário Pierkhótin, e, de caminho, tira de seu bolso o dinheiro por causa do qual acaba de manchar suas mãos no sangue de seu pai. Oh! agora mais do que nunca tem ele necessidade de dinheiro; Karamázov vai morrer, Karamázov se mata; hão de lembrar-se disso! Não é por coisa nenhuma que somos poeta, não é por coisa nenhuma que queimamos nossa vida como uma vela, pelos dois- lados. Alcançá-la e, lá, uma festa de arromba, uma festa como jamais se viu, para que fique na lembrança e dela se fale por muito tempo. No meio dos gritos selvagens, das loucas canções e das danças dos ciganos, ergueremos nosso copo para felicitar a bem-amada pela sua nova felicidade, depois ali, diante dela, a seus pés, estouraremos os miolos, para redimir nossas faltas. Ela se recordará de Mitia Karamázov, verá quanto a amava, lamentará Mítia! Aí temos o pitoresco, a exaltação romanesca em quantidade, reencontramos o arrebatamento selvagem e a sensualidade dos Karamázòvi, mas há algo mais, senhores jurados, que grita na alma, impressiona o espírito sem cessar, envenena o coração até a morte; esse algo é a consciência, senhores jurados, é seu julgamento, é o remorso. Mas a pistola concilia tudo, é a única solução; quanto ao outro mundo, ignoro se Karamázov pensou então no que haveria do outro lado e se é capaz disso, como Hamlet. Não, senhores jurados, em outra parte, tem-se Hamlet, nós não temos senão Karamázov!'*

Aqui, Ipolit Kirílovitch traçou um quadro detalhado dos fatos e gestos de Mítia, da cena em casa de Pierkhótin, no botequim, com os cocheiros. Citou uma multidão de frases confirmadas por testemunhas, e o quadro se impunha à convicção dos ouvintes. Sobretudo impressionava o conjunto dos fatos. A culpabilidade daquele ser desorientado, descuidoso de sua segurança, saltava aos olhos. "De que servia a prudência?", prosseguiu Ipolit Kirílovitch. "Duas ou três vezes esteve ele a ponto de confessar e fez alusões (seguiam-se os depoimentos das testemunhas). Gritou mesmo ao cocheiro na estrada: 'Sabes que conduzes um assassino?* Mas não podia dizer tudo; era-lhe preciso em primeiro lugar chegar à aldeia de Mókroie e ali terminar o poema. Ora, que é que esperava o infeliz? O fato é que em Mókroie percebeu logo que seu rival indiscutível' não é irresistível e que suas felicitações a propósito da nova felicidade não são recebidas com agrado. Mas conheceis já os fatos, senhores jurados, segundo o inquérito. O triunfo de Karamázov sobre seu rival foi completo; então começa para ele uma crise terrível, a mais terrível de todas as que atravessou. Pode-se reconhecer, senhores jurados, que a natureza

ultrajada e o coração criminoso exercem um castigo mais rigoroso que o da justiça humana! Além disso, os castigos que ela inflige trazem um abrandamento à expiação da natureza, são mesmo necessários à alma do criminoso naqueles momentos, para salvá-la do desespero, porque posso imaginar o horror e o sofrimento de Karamázov ao saber que ela o amava, que ela repelia por causa dele o antigo amante, que o convidava a ele, Mítia, a uma vida regenerada, prometia-lhe a felicidade, e isto quando tudo está para ele acabado, quando nada mais é possível! A propósito, eis aqui, de passagem, uma observação muito importante para explicar a verdadeira situação do acusado naquele momento: aquela mulher, objeto de seu amor, permaneceu para ele até o fim, até a detenção, uma criatura inacessível, se bem que apaixonadamente desejada. Mas por que não se suicidou ele então? Por que ter abandonado esse projeto e esquecido até mesmo sua pistola? Essa sede apaixonada de amor e a esperança de estancá-la imediatamente retiveram-no. Na embriaguez da festa, está como que acorrentado à sua bem-amada, que compartilha da orgia com ele, mais sedutora do que nunca. Ele não se afasta de seu lado e, cheio de admiração, apaga-se diante dela. Esse ardor apaixonado pôde abafar até mesmo por um instante o temor da prisão e o remorso. Oh! por um instante somente! Imagino o estado de alma do criminoso como escravizado a três elementos que o dominavam totalmente: em primeiro lugar, a embriaguez, os vapores do álcool, o barulho da dança e dos cantos, e ela, a tez avermelhada pelas libações, cantando e dançando, sorrindo-lhe, ébria também. Em seguida, o pensamento reconfortante de que o desenlace fatal está ainda afastado, de que virão prendê-lo somente no dia seguinte de manhã. Algumas horas de prazo é muito, pode-se imaginar muita coisa durante esse tempo. Suponho que terá experimentado sensação análoga à do criminoso a quem levam à forca; é preciso percorrer ainda uma longa rua, a passo, diante de milhares de espectadores, depois dobra-se para outra rua, ao fim da qual somente se encontra o lugar fatal. No começo do trajeto, o condenado, em cima da carreta ignominiosa, deve imaginar que tem ainda muito tempo para viver. Mas as casas se sucedem, a carreta avança, não tem importância, está ainda longe a esquina da segunda rua. Olha ele corajosamente à direita e à esquerda aqueles milhares de curiosos indiferentes que o encaram e sempre lhe parece que é um homem igual a eles. E eis que dobram para a segunda rua, mas não importa, resta um bom pedaço de caminho. Enquanto vai vendo desfilarem as casas, o condenado pensará: 'Ainda há muitas'. E assim até o local da execução. Eis, imagino, o que experimentou Karamázov. 'Ainda não des-

cobriram o crime', pensa ele, 'pode-se procurar alguma coisa, terei tempo de combinar um plano de defesa, de me preparar para resistir, mas no momento, viva a alegria! Ela é tão sedutora!' Está perturbado e inquieto, contudo consegue retirar a metade de seu dinheiro e escondê-lo. Não posso explicar a mim mesmo de outro modo o desaparecimento da metade dos 3 000 rublos retirados de sob o travesseiro de seu pai. Tendo já ido a Mókroie para fazer farra, conhece aquela velha casa de madeira, com seus alpendres e varandas. Suponho que uma parte do dinheiro foi escondida então, pouco tempo antes da detenção, numa fenda ou rachadura, sob uma tábua do parquete, num canto, debaixo do telhado. 'Por quê?', perguntarão. Uma catástrofe está iminente, sem dúvida não pensamos ainda em enfrentá-la, falta tempo, as têmporas nos batem, 'ela' nos atrai como um ímã, mas tem-se sempre necessidade de dinheiro. Em toda parte é-se alguém com dinheiro. Tal previdência, num momento semelhante, parecer-vos-á talvez estranha. Mas ele mesmo afirma ter, um mês antes, num momento também crítico, posto de lado e cosido num amuleto a metade de 3 000 rublos; e, se bem que seja isso certamente uma invenção, como vamos prová-lo, essa idéia é familiar a Karamázov, meditou-a. Além do mais, quando afirmava mais tarde ao juiz de instrução ter reservado 1 500 rublos num amuleto (o qual nunca existiu), imaginou isso ali na hora talvez, precisamente porque, duas horas antes, retirara e escondera a metade da soma, em alguma parte, em Mókroie, por prevenção, até pela manhã, para não a guardar consigo, de acordo com uma inspiração súbita. Lembrai-vos, senhores jurados, de que Karamázov pode contemplar ao mesmo tempo dois abismos. Nossas pesquisas naquela casa foram vãs, talvez o dinheiro lá ainda esteja, talvez tenha desaparecido no dia seguinte e se encontre agora de posse do acusado. Em todo caso, detiveram-no ao lado de sua amante, de joelhos diante dela, que estava deitada; estendia-lhe ele os braços, esquecendo tudo mais, a ponto de não ouvir a aproximação daqueles que iam detê-lo. Não teve tempo de preparar uma resposta e foi apanhado desprevenido.

"E agora ei-lo diante de seus juizes, diante daqueles que vão decidir de sua sorte. Senhores jurados, há, no exercício de nossa funções, momentos em que nós mesmos temos quase medo da humanidade! É quando se contempla o terror bestial do criminoso que se vê perdido, mas quer lutar ainda. É quando o instinto de conservação desperta nele de repente, quando ele fixa em nós um olhar penetrante, cheio de ansiedade e de sofrimento, quando ele escruta vosso rosto, vossos pensamentos,

pergunta a si mesmo de que lado virá o ataque, imagina, num instante, no seu espírito perturbado, mil planos, mas teme falar, teme trair-se! Esses momentos humilhantes para a alma humana, esse calvário, essa avidez bestial de salvação são horríveis, fazem tremer por vezes o próprio juiz e excitam sua compaixão. E nós assistimos a esse espetáculo. A princípio aturdido, deixou ele escapar no seu terror algumas palavras das mais comprometedoras: 'O sangue! Mereci!' Mas logo se reteve. Não sabe ainda que dizer, que responder, e só pode opor uma vã negativa: 'Sou inocente da morte de meu pai!' Eis a primeira trincheira, por trás da qual tentará construir outros trabalhos de defesa. Sem aguardar nossas perguntas, trata de explicar suas primeiras exclamações comprometedoras dizendo que se acha culpado somente da morte do velho criado Gregório: 'Sou culpado desse sangue, mas quem matou meu pai, senhores, quem pôde matá-lo, senão eu?' Ouvis, ele no-lo pergunta, a nós que fomos fazer-lhe essa pergunta! Compreendeis esta frase antecipada: 'Senão eu?', essa trapaça, essa ingenuidade, essa impaciência de Karamázov? Não fui eu quem matou, não acrediteis em nada. 'Quis matar, senhores', apressa-se ele em confessar (tem pressa), 'mas estou inocente, não fui eu!' Convém que quis matar: vede como sou sincero, apressai-vos também em crer na minha inocência. Oh! nesses casos, o criminoso se mostra por vezes duma irreflexão, duma credulidade incríveis. Como por acaso, o juiz de instrução lhe faz a pergunta mais ingênua: 'Não seria Smierdiákov o assassino?' Aconteceu o que esperávamos; zangou-se por ter sido precedido, tomado de improviso, sem que lhe deixem tempo de escolher o momento mais favorável para empurrar para a frente Smierdiákov. Seu gênio arrebata-o logo ao extremo, afirma-nos energicamente que Smierdiákov é incapaz de assassinar. Mas não lhe deis crédito, não passa de uma astúcia, não renuncia absolutamente a acusar Smierdiákov, pelo contrário, pô-lo-á ainda em causa, já que não tem outra pessoa, porém mais tarde, porque para o momento o negócio está estragado. Não será talvez senão no dia seguinte, ou mesmo dentro de vários dias: 'Vós vedes, era o primeiro a negar que foi Smierdiákov, vós vos lembrais, mas agora, estou convencido, não foi talvez senão ele!' No momento, opõe-nos negações veementes, a impaciência e a cólera lhe sugerem a explicação mais inverossímil; olhou seu pai pela janela e afastou-se respeitosamente. Ignorava ainda o alcance do depoimento de Gregório. Procedemos ao exame detalhado de suas roupas. Essa operação exaspera-o, mas retoma coragem; só foram encontrados 1 500 rublos dos 3 000. É então, nesses minutos de irritação contida, que a idéia do amuleto lhe vem pela

primeira vez ao espírito. Certamente, ele próprio sente toda a inverossimilhança desse conto e tem trabalho para torná-lo mais plausível, para inventar um romance conforme à verdade. Em semelhante caso, o inquérito não deve dar ao criminoso tempo de se reconhecer, proceder por ataque brusco, a fim de que ele revele seus pensamentos íntimos na sua ingenuidade e na sua contradição. Não se pode obrigar um criminoso a falar senão comunicando-lhe de improviso, como por acaso, um fato novo, uma circunstância duma extrema im-oortância, que permaneceu até então para ele não prevista e despercebida. Tínhamos bem pronto um fato semelhante, é o testemunho do criado Gregório, a respeito da porta aberta por onde saiu o acusado. Tinha-a ele totalmente esquecido e não supunha que Gregório tivesse podido notá-lo. O efeito foi colossal. Karamázov ergue-se, gritando: 'Foi Smierdiákov quem matou, foi ele!', revelando assim seu pensamento íntimo, sob a forma mais inverossímil, porque Smierdiákov não podia assassinar senão depois que Karamázov tivesse dominado Gregório e fugido. Ao saber que Gregório vira a porta aberta antes de cair, e ouvira, quando se levantou, Smierdiákov gemer por trás do tabique, ficou aterrorizado. Meu colaborador, o ilustre e sagaz Nikolai Par-fiénovitch, contou-me mais tarde que naquele momento sentira-se emocionado até às lágrimas. Então, para livrar-se de apuros, apressa-se o réu em contar-nos a história daquele famoso amuleto. Senhores jurados, já vos expliquei por que considero essa história do dinheiro cosido um mês antes num amuleto não somente como um absurdo, mas como a invenção mais estravagante que se possa imaginar no caso particular. Mesmo apostando para saber quem faria o conto mais inverossímil, nada de pior se teria encontrado. Aqui, pode-se confundir o narrador triunfante com os detalhes, esses detalhes cuja realidade é sempre tão rica e que esses infelizes narradores involuntários desdenham sempre como supostamente inúteis e insignificantes. Trata-se bem disto, o espírito deles medita um plano grandioso e ousam objetar-lhes ninharias! Ora, está nisso o defeito da couraça. Pergunta-se ao acusado: 'Onde arranjou o senhor o pano para seu amuleto, quem o costurou?' 'Eu mesmo o costurei. ' 'Mas donde vem o pano?' O acusado ofende-se logo, considera isso como um detalhe quase ofensivo para ele e, acreditá-lo-íeis? está de boa fé! São todos semelhantes. 'Cortei-o de minha camisa. ' 'Perfeito. De modo que, amanhã encontraremos na sua roupa íntima essa camisa com um pedaço tirado. ' Pensai bem, senhores jurados, que se tivéssemos encontrado essa camisa (e como não encontrá-la na sua mala ou na sua cômoda, se ele disse a verdade?), constituiria isto já um fato tangível em favor da exatidão de suas

declarações! Mas não se dá ele conta disso. 'Não me lembro, pode dar-se que o tenha costurado aproveitando uma touca de minha locadora. ' 'Que touca?' 'Tirei-a de seu quarto, andava por ali, uma velharia de algodão. ' 'Está bem certo disso?' 'Não, bem certo não... ' E ele se zanga, no entanto. Como não se lembrar? Nos momentos mais terríveis, quando levam a gente ao suplício, são precisamente de semelhantes detalhes que nos lembramos. O condenado esquecerá tudo, mas um teto verde avistado em caminho ou uma gral ha sobre uma cruz voltar-lhe-á à memória. Ao costurar seu amuleto, ocultava-se das pessoas da casa, deveria lembrar-se desse medo humilhante de ser surpreendido, de agulha na mão, e como, ao primeiro alerta, correu para trás do tabique (há um no seu quarto)... Mas, senhores jurados, por que comunicar-vos todos estes detalhes?", exclamou Ipolit Kirílovitch. "É porque o réu mantém obstinadamente até hoje essa versão absurda! Durante esses dois meses, desde aquela noite fatídica, nada explicou nem acrescentou um fato probante às suas precedentes declarações fantásticas. 'São ninharias', diz ele, 'e vós deveis acreditar na minha palavra de honra!' Oh! seríamos felizes em acreditar, desejá-lo-íamos ardentemente, ainda que seja só pela honra! Somos chacais, sedentos de sangue humano? Indicai-nos um só fato em favor do réu, e nós nos regozijaremos, mas um fato tangível, real, e não as deduções de seu irmão, baseadas na expressão de seu rosto, ou a hipótese de que, batendo no peito, no escuro, devia necessariamente designar o amuleto. Nós nos regozijaremos com esse acontecimento novo, seremos os primeiros a abandonar a acusação. Agora, a justiça reclama, e nós acusamos, sem nada suprimir às nossas conclusões. "

Depois, Ipolit Kirílovitch chegou à peroração. Tinha febre; com uma voz vibrante evocou o sangue vertido, o pai morto por seu filho "pela vil intenção de roubá-lo". Insistiu na concordância trágica e flagrante dos fatos. "E seja o que fôr que possa dizer-vos o defensor célebre do réu, malgrado a eloqüência patética que fará apelo à vossa sensibilidade, não esqueçais que estais no santuário da justiça. Lembrai-vos de que sois os defensores do direito, o baluarte de nossa santa Rússia, dos princípios, da família, de tudo quanto lhe é sagrado. Sim, vós representais a Rússia neste momento e não somente neste recinto repercutirá vosso veredicto; toda a Rússia vos escuta, a vós, seus sustentáculos e seus juizes, e ficará reconfortada ou consternada pela sentença que ides proferir. Não enganeis sua expectativa, nossa fatal tróica corre a toda a brida, talvez para c abismo. Desde muito tempo, muitos russos elevam os braços,

quereriam deter essa corrida insensata. E, se os outros povos se afastam ainda da tróica em disparada, não é talvez por respeito, como imaginava o poeta; é talvez por horror, por desgosto, notai-o bem. E ainda é bom que se afastem, porque poderiam muito bem erguer um muro sólido diante desse fantasma e pôr eles próprios um freio ao desencadeamento de nossa licenciosidade, para se preservar a si mesmos e à civilização. Essas vozes de alarma começam a repercutir na Europa, já as ouvimos. Guardai-vos de tentá-las, de alimentar seu ódio crescente com um veredicto que absolveria o parricida!"

Em suma, Ipolit Kirílovitch, que se deixara arrebatar, acabou duma maneira patética e produziu grande efeito. Apressou-se em sair e quase desmaiou na peça contígua. O público não aplaudiu, mas as pessoas sérias estavam satisfeitas. As damas estavam-no menos, contudo a eloqüência dele também lhes agradou, tanto mais que não lhes temiam as conseqüências e contavam bastante com Fietiukóvitch: "Ele vai afinal tomar a palavra, e, decerto, triunfar!" Mítia atraía os olhares; durante a acusação, permanecera silencioso; de dentes cerrados, olhos baixos. Uma vez ou outra, erguia a cabeça e prestava atenção, sobretudo quando se tratou de Grúchenhka. Quando o procurador citou a opinião de Rakítin sobre ela, Mítia teve um sorriso desdenhoso e proferiu bastante distintamente: "Bernard!" Quando Ipolit Kirílovitch contou como o havia atormentado por ocasião do interrogatório em Mókroie, Mítia levantou a cabeça, escutou com intensa curiosidade. Num dado momento, pareceu querer levantar-se, gritar qualquer coisa, mas conteve-se e contentou-se com erguer desdenhosamente os ombros. As proezas do procurador em Mókroie desenfrearam mais tarde os falatórios e zombaram de Ipolit Kirílovitch: "Não pôde ele impedir-se de gabar suas capacidades". A audiência foi suspensa por um quarto de hora, vinte minutos. Tomei nota de certas opiniões expostas em público:

— Um discurso sério! — observou, franzindo os supercílios, um senhor num grupo.

— Meteu-se na psicologia — disse outra voz.

— Tudo isso é rigorosamente verdadeiro.

— Sim, revelou-se um mestre.

— Fez o balanço completo.

— Nós também tivemos a nossa cota — acrescentou uma terceira

voz. — No começo, lembram-se? quando disse ele que todos eram como Fiódor Pávlovitch.

— E no fim também. Mas isso não é verdade.

— Deixou-se arrebatar um pouco!

— É injusto, injusto.

— Mas não, foi hábil. Esperou muito tempo sua hora: falou afinal! eh! eh!

— Que irá dizer o defensor? Num outro grupo:

— Não teve razão em atacar o petersburguês, "fazendo apelo à sensibilidade", lembram-se?

— Sim, cometeu uma rata.

— Foi demasiado longe.

— Um homem nervoso.

— Estamos aqui, a rir, mas como se sentirá o réu?

— Sim, como se sente Mítia?

— Que irá dizer o defensor? Num terceiro grupo:

— Quem é aquela senhora obesa, com uma luneta, sentada na extremidade?

— É a esposa divorciada dum general. Conheço-a.

— Por isso usa uma luneta.

— Um velho quadro.

— Mas não, é picante.

— Dois lugares mais adiante está uma lourinha, aquela é melhor.

— Procederam com muita habilidade em Mókroie, não foi?

— Decerto. Voltou a falar disso. Como se não o tivesse feito bastante na sociedade!

— Não pôde conter-se. O amor-próprio.

— Um preterido, eh! eh! eh!

— E suscetível. Muita retórica, frases grandiloquentes.

— Sim, e notem que ele quer causar medo. Lembram-se da tróica? "em outra parte tem-se Hamlet, e nós não temos senão Karamázov!". Isto não está mal.

— Isto é endereçado aos liberais. Tem medo.

— Tem medo também do advogado.

— Sim, que irá dizer o Senhor Fietiukóvitch?

— Pois bem! Diga o que disser, não convencerá os nossos mujiques.

— Acredita que não? Num quarto grupo:

— O que disse da tróica está bem, principalmente quando fala dos povos.

— E é verdade, lembras-te?, quando disse que os povos não esperariam.

— Como assim?

— Na semana passada, um membro do Parlamento inglês interpelou o ministério a respeito dos niilistas e perguntou: "Não seria tempo de ocuparem essa nação bárbara para educá-la?" Foi a ele que Ipolit Kirílovitch fez alusão, eu o sei. Falou disso a semana passada.

— Não têm o braço tão longo assim.

— Por que não bastante longo?

— Basta que fechemos Cronstadt [62] e não lhes forneçamos trigo. Onde o arranjarão?

— Mas há agora na América.

— Não é verdade.

Mas a sinêta fez-se ouvir. Cada qual se precipitou para seu lugar. Fietiukóvitch tomou a palavra.

---

[62] *Porto e forte militar numa ilha, no fundo do golfo da Finlândia, junto à foz do rio Nievá.*

X

A DEFESA. UMA ARMA DE DOIS GUMES

Ficou tudo em silêncio às primeiras palavras do célebre advogado. A sala inteira tinha os olhos fixos nele. Começou com uma simplicidade persuasiva, mas sem a menor jactancia. Nenhuma pretensão à eloqüência e ao patético. Era um homem que conversava na intimidade de um círculo de amigos. Tinha uma bela voz, forte, agradável, em que ressoava algo de sincero, de simples. Mas cada qual sentiu logo que o orador podia elevar-se ao verdadeiro patético, "e tocar os corações com uma força desconhecida". Exprimia-se talvez menos corretamente que Ipolit Kirílovitch, mas sem longas frases e com mais precisão. Uma coisa desagradou às senhoras: curvava-se, sobretudo no começo, não para saudar, mas como para lançar-se na direção de seu auditório; dir-se-ia que seu longo dorso estava provido no meio de uma charneira e capaz de formar quase um ângulo reto. No início, falou como que desalinhavadamente, sem método, escolhendo os fatos ao acaso, para deles formar afinal um todo completo. Ter-se-ia podido dividir seu discurso em duas partes, a primeira constituindo uma crítica, uma refutação da acusação, por vezes mordaz e sarcástica. Mas na segunda, mudou de tom e de processos, elevou-se de súbito até o patético; a sala parecia esperar por isso e fremiu de entusiasmo. Abordou diretamente o caso, declarando que, muito embora sua atividade se desenrolasse em Petersburgo, ia muitas vezes à província defender acusados cuja inocência lhe parecia certa ou provável. "Aconteceu-me a mesma coisa desta vez", explicou. "Bastou-me a leitura dos jornais no começo, para que eu notasse algo de impressionante em favor do acusado. Meu interesse foi despertado por um fato bastante frequente na prática judiciária, mas que não se observa nunca, creio, em tal. grau e com particularidades tão características como no presente processo. Deveria mencionar esse fato somente na minha peroração, mas formularei meu pensamento desde o começo, tendo a franqueza de abordar o assunto diretamente, sem mascarar os efeitos nem poupar as impressões. Será talvez imprudente de minha parte, mas é sincero. Esse pensamento se formula da seguinte maneira: uma concordância esmagadora de fatos contra o réu e, ao mesmo tempo, nem um fato que suporte a crítica, se examinado isoladamente. Os boatos e os jornais tinham-me confirmado sempre mais nessa idéia,

quando recebi de repente dos parentes do acusado a proposta para defendê-lo. Aceitei com entusiasmo e acabei de convencer-me aqui. Foi afinal para destruir essa funesta concordância dos fatos, para demonstrar a inanidade de cada uma das acusações considerada isoladamente, que aceitei defender esta causa. "

Depois deste exórdio, o defensor prosseguiu:

"Senhores jurados, sou aqui um forasteiro, acessível a todas as impressões, sem partido preconcebido. O acusado, de caráter violento, de paixões desenfreadas, não me ofendeu anteriormente, como aconteceu a numerosas pessoas desta cidade, o que explica muitas das prevenções contra ele. Decerto, convenho que a opinião pública está indignada contra ele com razão: o réu é violento, incorrigível. Era, no entanto, recebido em toda parte; acolhiam-no mesmo festivamente na família de meu eminente contraditor. *(Nota bene.* Houve aqui entre o público algumas risadas, aliás logo reprimidas. Cada um sabia que o procurador recebia Mítia em sua casa contra a sua vontade, unicamente porque se interessava por ele sua mulher, senhora das mais respeitáveis, porém extravagante, e que gostava de teimar contra seu marido, sobretudo em detalhes. De resto, Mítia ia bastante raramente à casa deles.) Não obstante, ouso admitir", prosseguiu o defensor, "que mesmo um espírito bastante independente e um caráter tão justo como meu contraditor tenha podido conceber contra meu constituinte certa prevenção errônea. Oh! é tão natural, o infeliz bem que o mereceu. O senso moral e sobretudo o senso estético são por vezes inexoráveis. Decerto, a eloquente acusação nos apresentou uma análise rigorosa do caráter e dos atos do acusado, um ponto de vista estritamente crítico; testemunha profundeza psicológica, quanto à essência do caso, que não poderia ter sido atingida se o animasse apenas um preconceito contra a personalidade do réu. Mas há coisas piores e mais funestas, em semelhante caso, que um preconceito hostil. Acontece, por exemplo, quando somos obsessionados por Uma necessidade de criação artística, de invenção romanesca, sobretudo com os ricos dons psicológicos que são nosso apanágio. Ainda em Petersburgo, tinham-me prevenido, aliás eu mesmo o sabia, que teria aqui como adversário um psicólogo profundo e sutil, que se assinalou desde muito tempo por essa qualidade no mundo judiciário. Mas a psicologia, senhores, embora sendo uma ciência notável, assemelha-se a uma arma de dois gumes. Eis aqui um exemplo tomado ao acaso na acusação. O réu, de noite, no jardim, ao fugir, escala a paliçada, derruba com uma pancada de pilão o criado Gregório, que o agarrou pela

perna. Logo depois, salta em terra, e durante cinco minutos fica ao lado de sua vítima para saber se a matou ou não. O acusador não quer por coisa alguma no mundo acreditar na sinceridade do acusado, que afirma ter agido por um sentimento de compaixão. Tal sensibilidade será possível em tal momento? Não é natural; o que ele quis precisamente foi assegurar-se de que a única testemunha de seu crime vivia ainda, provando assim que ele o havia cometido, porque não podia saltar dentro do jardim por outro motivo. ' Eis a psicologia, apliquemo-la por nossa vez ao caso, mas pela outra extremidade e será também perfeitamente verossímil. O assassino salta em terra por prudência, para assegurar-se de que a testemunha vive ainda, e, no entanto, acaba de deixar no escritório de seu pai, segundo o testemunho do próprio acusador, uma prova esmagadora, o envelope rasgado cujo sobrescrito indicava que continha ele 3 000 rublos. 'Se ele tivesse levado o envelope, ninguém no mundo teria sabido da existência desse dinheiro e, por conseguinte, do roubo cometido pelo réu. ' São os próprios termos da acusação. Mas admitamos a coisa; eis bem aqui a sutileza da psicologia, que me atribui em tais circunstâncias a ferocidade e a vigilância da águia, e um instante depois a timidez e a cegueira da toupeira! Mas se levo a crueldade e o cálculo ao ponto de tornar a descer, unicamente para ver se a testemunha de meu crime vive ainda, por que ficar, solícito, cinco minutos junto daquela nova vítima, correndo o risco de atrair novas testemunhas? Por que estancar com meu lenço o sangue que corre do ferimento, para que esse lenço sirva em seguida de peça de convicção? Neste caso, não teria valido mais acabar a golpes de pilão com aquela testemunha incômoda? Ao mesmo tempo, deixa no local outra testemunha, o pilão, de que se apoderou na casa das duas mulheres que poderão sempre reconhecê-lo, atestar que o retirou de casa delas. E não o deixou cair na alameda, esquecido por distração, no seu afobamento; não, atiramos fora nossa arma, encontrada a quinze passos do local onde Gregório tombou golpeado. Por que agir assim? — perguntarão. Foi o remorso de ter assassinado o velho criado, foi ele que nos fez atirar fora com uma maldição o instrumento fatal, não há outra explicação. Se podia sentir remorso desse assassinato, foi certamente porque estava inocente do de seu pai. Um parrícida, longe de se aproximar da vítima por compaixão, só teria pensado em salvar a pele. Pelo contrário, repito-o, em lugar de ir atendê-la, teria acabado de rebentar-lhe o crânio.. A piedade e os bons sentimentos supõem, previamente, uma consciência pura. Eis outra espécie de psicologia. É de propósito, senhores jurados, que recorro também eu à psicologia para demonstrar claramente que dela se pode

tirar não importa o quê. Tudo depende daquele que opera. Quero falar dos excessos da psicologia, senhores jurados, do abuso que dela se faz. " Aqui se ouviram de novo, entre o público, risos aprovadores. Não reproduzirei por inteiro a defesa, limitando-me a citar-lhe as passagens essenciais.

XI

NEM DINHEIRO, NEM ROUBO

Houve uma passagem da defesa que surpreendeu todo mundo: foi a negativa formal da existência daqueles 3 000 rublos fatais e, por conseqüência, da possibilidade de um roubo.

"Senhores jurados, o que impressiona neste processo, a qualquer espírito não prevenido, é uma particularidade das mais características: a acusação de roubo e, ao mesmo tempo, a impossibilidade completa de indicar materialmente o que foi roubado. Pretende-se que 3 000 rublos desapareceram, mas ninguém sabe se existiram realmente. Julgai: em primeiro lugar, como viemos a saber da existência desses 3 000 rublos e quem os viu? Somente o criado Smierdiákov, que declarou que se encontravam eles num envelope subscritado. Falou disso antes do drama ao acusado e a seu irmão, Ivã Fiódorovitch. A Senhora Svietlova foi também informada. Mas essas três pessoas não viram o dinheiro e uma questão surge: se verdadeiramente ele existiu e Smierdiákov o viu, quando foi que o viu a derradeira vez? E se seu amo tivesse retirado esse dinheiro da cama para tornar a guardá-lo no cofre, sem lho dizer? Notai que, segundo Smierdiákov, estava ele oculto debaixo do colchão; o acusado deve tê-lo arrancado dali; ora, o leito estava intato, como está provado nos autos. Como pode ser isso, e sobretudo, por que os lençóis finos colocados expressamente naquela noite não ficaram manchados pelas mãos ensangüentadas do réu? Mas, dir-se-á, e o envelope rasgado sobre o soalho? Vale a pena falar disso. Ainda há pouco, fiquei um tanto surpreso por ouvir o próprio eminente acusador dizer a esse respeito, quando assinalava o absurdo da hipótese de ser Smierdiákov o assassino: 'Sem esse envelope, se ele não tivesse ficado no chão como uma prova e o ladrão o tivesse levado, ninguém no mundo teria sabido de sua existência e de seu conteúdo e, por conseguinte, do roubo cometido pelo acusado'. Assim, pela própria confissão da acusação, é unicamente esse pedaço de

papel rasgado, munido dum sobrescrito, que serve para culpar de roubo o réu, 'senão, ninguém teria sabido que houvera roubo e, talvez, que o dinheiro existisse'. Ora. o simples fato de achar-se no chão esse pedaço de papel basta para provar que continha dinheiro e que o roubaram? Mas, objeta-se, Smierdiákov viu-o no envelope. Quando o viu pela última vez? Eis o que eu pergunto. Conversei com Smierdiákov, disse-me tê-lo visto dois dias antes do drama! Mas por que não supor, por exemplo, que o velho Fiódor Pávlovitch, trancado em seu quarto, na febril expectativa de sua bem-amada, teria, à toa, tirado e rasgado o envelope? 'Ela talvez não me acredite, mas quando eu lhe mostrar um maço de trinta cédulas, isto causará mais efeito, a água lhe virá à boca' — e rasga o envelope, retira dele o dinheiro e atira-o no chão, sem temer naturalmente comprometer-se. Senhores jurados, não vale esta hipótese o mesmo que a outra? Que há nela de impossível? Mas neste caso a acusação de roubo cai por si mesma; não havendo dinheiro, não há roubo. Pretende-se que o envelope encontrado no chão prova a existência do dinheiro; não posso eu sustentar o contrário e dizer que ele estava caído vazio no soalho precisamente porque aquele dinheiro tinha sido dele retirado previamente pelo seu próprio dono? 'Mas, neste caso, onde foi parar o dinheiro, não o encontraram por ocasião da busca?' Em primeiro lugar, encontraram uma parte no seu cofrezinho; depois pôde ele retirá-lo de manhã ou mesmo na véspera, dispor dele, enviá-lo, mudar afinal completamente de idéia, sem julgar necessário dar disso parte a Smierdiákov. Ora, se esta hipótese é um tanto pouco verossímil, como se pode inculpar tão categoricamente o réu de assassinato seguido de roubo e afirmar que houve roubo? Entramos assim no domínio da novela. Para sustentar que uma coisa foi roubada, é preciso designar essa coisa ou pelo menos provar irrefutavelmente que ela existiu. Ora, ninguém nem mesmo a viu. Recentemente, em Petersburgo, um rapaz de dezoito anos, comerciante ambulante, entrou em pleno dia na casa de um cambista que ele matou a golpes de machado com uma audácia extraordinária, levando 1 500 rublos. Foi preso cinco horas depois; encontrou-se em seu poder a soma inteira, menos 15 rublos já gastos. Além disso, o caixeiro da vítima, que se havia ausentado, indicou à polícia não só o montante do roubo, mas o valor e o número das cédulas e das moedas de ouro de que se compunha a soma. Foi tudo encontrado de posse do assassino, que fez aliás confissões completas. Eis, senhores jurados, o que chamo eu uma prova! O dinheiro está ali, pode-se tocá-lo, impossível negar-lhe a existência. Dá-se o mesmo no caso que nos ocupa? No entanto, a sorte de um homem está em jogo, 'pois seja', dir-se-á, 'mas

ele foi farrear naquela mesma noite e esbanjou dinheiro, e donde provêm os 1 500 rublos que foram encontrados em seu poder?' Mas precisamente o fato de só terem encontrado 1 500 rublos, a metade da soma, prova que esse dinheiro não provinha talvez de modo algum do envelope. Calculando rigorosamente o tempo, estabeleceu o inquérito que o acusado, depois de ter visto as criadas, se dirigiu diretamente à casa do funcionário Pierkhótin, pois não ficou só um instante, não tendo podido, pois, ocultar na cidade a metade dos 3 000 rublos. A acusação se baseia nisso para supor que o dinheiro está oculto em alguma parte na aldeia de Mókroie. Por que não nos subterrâneos do Castelo de Udolfo, senhores? Não é isto uma suposição fantástica e romanesca? E notai, basta afastar essa hipótese para que a acusação de roubo venha abaixo, porque que fim tiveram esses 1 500 rublos? Por meio de qual prodígio puderam desaparecer, se está demonstrado que o réu não foi a parte alguma? E é com semelhantes novelas que estamos prestes a destruir uma vida humana? 'No entanto', dir-se-á, 'não soube ele explicar a proveniência do dinheiro encontrado em seu poder, aliás, cada qual sabe que ele não o tinha antes. ' Mas quem o sabia? O acusado explicou claramente donde provinha o dinheiro, e se quiserdes, senhores jurados, essa explicação é das mais verossímeis e concorda completamente com o caráter do réu. A acusação atém-se à sua própria novela: um homem de vontade fraca, tendo aceito 3 000 rublos de sua noiva em condições humilhantes, não pôde, dizem, retirar a metade e guardá-la num amuleto; pelo contrário, supondo-se que o houvesse feito, tê-lo-ia descosido cada dois dias para dele retirar, 100 rublos e nada teria restado ao fim de um mês. Deveis lembrar-vos de que tudo isso foi declarado num tom' que não sofria objeção. Mas se as coisas se tivessem passado de outro modo e tivésseis criado outra personagem? Foi bem o que aconteceu. Objetar-se-á talvez: 'Testemunhas atestam que ele gastou de uma vez, na aldeia de Mókroie, os 3 000 rublos emprestados pela Senhorita Vierkhóvtseva, por conseguinte, não pôde retirar-lhes a metade'. Mas quais são essas testemunhas? Já se viu o crédito que merecem. Além do mais, um bolo na mão de outrem parece sempre maior. Nenhuma dessas testemunhas contou as cédulas, todas as avaliaram de relance de olho. A testemunha Maksímov chegou a declarar que o réu tinha 20 000 rublos. Vede, senhores jurados, como a psicologia serve a duplo fim. Permiti-me aplicar aqui a contrapartida. Veremos o que resultará disso.

"Um mês antes do drama, 3 000 rublos foram confiados ao acusado pela Senhorita Vierkhóvtseva, para enviá-los, pelo correio, mas pode-se

perguntar se foi em condições tão humilhantes como se proclamou ainda há pouco. O primeiro depoimento da Senhorita Vierkhóvtseva a este respeito era bem diferente, o segundo transpirava cólera, vingança, um ódio muito tempo dissimulado. Mas o simples fato de não ter a testemunha dito a verdade, por ocasião de sua primeira versão, dá-nos o direito de concluir que o mesmo aconteceu na segunda. A acusação respeitou essa novela, imitarei sua reserva. Todavia, permitir-me-ei observar que se uma pessoa tão pura e tão respeitável como a Senhorita Vierkhóvtseva se permite na audiência mudar de repente seu depoimento, no fim evidente de prejudicar o acusado, é também evidente que suas declarações estão maculadas de parcialidade. Negar-se-nos-ia o direito de concluir que uma mulher ávida de vingança pôde exagerar muitas coisas? Notadamente as condições humilhantes em que o dinheiro foi oferecido. Pelo contrário, esse oferecimento deve ter sido feito duma maneira aceitável, sobretudo para um homem tão leviano quanto nosso constituinte, que contava aliás receber em breve de seu pai os 3 000 rublos devidos pelo acerto de contas. Era aleatório, mas sua leviandade mesma o persuadia de que iria obter satisfação e poderia por conseguinte desonerar-se de sua dívida para com a Senhorita Vierkhóvtseva. Mas a acusação repele absolutamente a versão do amuleto: 'Esses sentimentos são incompatíveis com seu caráter'. No entanto, falastes vós mesmo dos dois abismos que Karamázov pode contemplar ao mesmo tempo. Com efeito, sua natureza bifronte é capaz de deter-se no meio da devassidão mais desenfreada, se sofre uma outra influência. Essa outra influência é o amor, esse novo amor que se inflamou nele como a pólvora, e para o qual é preciso dinheiro, mais ainda que para fazer a farra com aquela mesma bem-amada. Se ela lhe disser: "Sou tua, não quero Fiódor Pávlovitch', ele a agarrará, leva-la-á para longe, com a condição de ter os meios para isso. Isto se passa antes do bródio. Karamázov não se pode dar conta disso? Eis o que o atormentava; que há de inverossímil no ter ele reservado esse dinheiro para o que desse e viesse? Mas o tempo passa, Fiódor Pávlovitch não dá ao acusado os 3 000 rublos, pelo contrário, corre o boato de que os destina precisamente para seduzir sua bem-amada. 'Se Fiódor Pávlovitch não me der nada', pensa ele, 'passarei por um ladrão aos olhos de Catarina Ivânovna. ' Assim nasce a idéia de ir depositar diante de Catarina Ivânovna aqueles 1 500 rublos que continua a trazer consigo, no amuleto, dizendo: 'Sou um miserável, mas não um ladrão". Eis, pois, uma dupla razão para conservar aquele dinheiro como a menina de seus olhos, em lugar de descoser o amuleto e dele retirar uma cédula após outra. Por que

recusar ao acusado o sentimento da honra? Existe nele esse sentimento, mal compreendido talvez, muitas vezes errôneo, seja, mas real, levado até a paixão, provou-o ele. Mas a situação se complica, as torturas do ciúme atingem seu paroxismo, e essas duas questões, sempre as mesmas, obsedam cada vez mais o cérebro enfebrecido do acusado: 'Se eu reembolsar Catarina Ivânovna, com que dinheiro levarei Grúchenhka?' Se se embriagou, praticou loucuras e barulho nos botequins durante todo aquele mês, foi talvez precisamente porque estava cheio de amargura e sem força para suportar aquele estado de coisas. Essas duas questões tornaram-se finalmente tão irritantes que o reduziram ao desespero. Mandara seu irmão mais moço pedir uma derradeira vez aqueles 3 000 rublos a seu pai, mas, sem esperar a resposta, irrompeu em casa do velho e bateu-lhe diante de testemunhas. Depois disto, nada mais tinha a esperar. Naquela mesma noite, bate no alto do peito, precisamente no lugar daquele amuleto, e jura a seu irmão que tem um meio de apagar sua vergonha, mas que o manterá, porque se sente incapaz de recorrer a esse meio, sendo de caráter demasiado fraco. Por que recusa a acusação acreditar no depoimento de Alieksiéi Karamázov, tão sincero, tão espontâneo e plausível? Por que, ao contrário, impor a versão do dinheiro escondido numa fenda, nos subterrâneos do Castelo de Udolfo? Na mesma noite da conversa com seu irmão, escreveu o acusado aquela carta fatal, base principal da inculpação de roubo. 'Pedirei dinheiro a todo mundo, e, se mo recusarem, matarei meu pai e tirarei o dinheiro de sob o colchão, no envelope amarrado com uma fita côr-de-rosa, contanto que Ivã parta. ' Eis o programa completo do assassinato. Como não seria ele? Tudo se passou como ele o havia escrito!', exclama a acusação. Mas, em primeiro lugar, é uma carta de bêbado, escrita sob o império duma extrema irritação; em seguida, não fala do envelope senão por informação de Smierdiákov, sem tê-lo ele próprio visto; em terceiro, se bem que a carta exista, como provar que os fatos a ela correspondem? Encontrou o réu o envelope sob o travesseiro? Continha ele dinheiro mesmo? Aliás, era atrás do dinheiro que corria o acusado, lembrai-vos? Não correu como um louco para roubar, mas somente para saber onde estava aquela mulher que o fizera perder a cabeça, por conseguinte não de acordo com um plano, para um roubo premeditado, mas de improviso, num acesso de ciúme furioso! 'Sim, mas depois do crime, apoderou-se do dinheiro. ' Finalmente, matou, sim ou não? Repilo com indignação a acusação de roubo; só será possível, se se indicar exatamente o objeto do roubo, é um axioma! Mas está demonstrado que ele matou, mesmo sem roubar. Não

seria isso também uma novela?

XII

NÃO HOUVE ASSASSINATO

"Não vos esqueçais, senhores jurados, de que se trata da vida de um homem. A prudência se impõe. Até o presente, a acusação hesitava em admitir a premeditação. Foi preciso para convecê-la aquela fatal carta de bêbado, apresentada hoje ao tribunal. 'Isto se passou como ele o havia escrito. ' Mas, repito-o, o acusado não correu à casa de seu pai senão para procurar sua amiga, saber onde ela estava. É um fato irrecusável. Se a tivesse encontrado em sua casa, longe de executar suas ameaças, não teria ido a parte alguma. Foi por acaso, de improviso, talvez sem se recordar de sua carta. 'Mas apoderou-se de um pilão', o qual, haveis de lembrar-vos, deu margem a considerações psicológicas. No entanto, vem-me ao espírito uma idéia bem simples: se esse pilão, em lugar de encontrar-se a seu alcance, estivesse no armário, o acusado, não o vendo, teria partido sem arma, de mãos vazias, e não teria talvez matado ninguém. Como se pode concluir desse incidente a premeditação? Sim, mas proferiu nos botequins ameaças de morte contra seu pai, e dois dias antes, na noite em que foi escrita essa carta de bêbado, estava calmo e brigou somente com um caixeiro, 'porque Karamázov não podia fazer de outro modo'. A isto, responderei que, se tivesse ele meditado em tal crime, segundo um plano traçado, teria certamente evitado essa briga e não teria talvez ido ao botequim, porque, em semelhante caso, a alma busca a calma e o isolamento, esforça-se por subtrair-se à atenção: 'Esquecei-me, se puderdes', e isto, não por cálculo somente, mas por instinto. Senhores jurados, a psicologia tem duplo fim e nós sabemos também compreendê-la. Quanto a essas ameaças vociferadas durante um mês nos botequins, ouvem-se muitos meninos disputar-se ou bêbados brigar, ao sair do botequim: 'Eu te matarei', mas isso não vai mais longe. E essa carta fatal, não foi também o produto da embriaguez e da cólera, o grito do bêbado que ameaça praticar uma desgraça? Por que não? Por que essa carta é fatal, em lugar de ser ridícula? Porque foi encontrado assassinado o pai do réu, porque uma testemunha viu no jardim o acusado armado que fugia e foi ela mesma por ele abatida, por conseguinte tudo se passou como ele o havia escrito, eis por que essa carta não é ridícula, mas fatal. Deus seja

louvado, eis-nos chegados ao ponto crítico. 'Uma vez que estava no jardim, matou, pois. ' Toda a acusação se atem a estas palavras: 'uma vez que' e 'pois'. E se este 'pois' não tivesse fundamento, malgrado as aparências? Oh! convenho que a concordância dos fatos, as coincidências, são bastante eloquentes. No entanto, considerai todos esses fatos isoladamente, sem vos deixar impressionar por seu conjunto; por que, por exemplo, recusa a acusação absolutamente acreditar na veracidade do réu, quando declara ele ter-se afastado da janela de seu pai? Lembrai-vos dos sarcasmos a respeito da deferência e dos sentimentos piedosos que o assassino teria de súbito experimentado. E se tivesse havido verdadeiramente aqui algo de semelhante, um sentimento de piedade, senão de deferência? 'Sem dúvida, minha mãe rezava por mim então', declara o réu no inquérito, e fugiu assim que verificou que a Senhora Svietlova não estava em casa de seu pai. 'Mas não podia verificá-lo pela janela', objeta-nos a acusação. Por que não? A janela abriu-se aos sinais feitos pelo acusado. Fiódor Pávlovitch pôde pronunciar uma palavra, deixar escapar um grito, revelando a ausência da Senhora Svietlova. Por que ater-se absolutamente a uma hipótese surgida da nossa imaginação? Na realidade, há mil possibilidades escapando à observação do romancista mais sutil. 'Sim, mas Gregório viu a porta aberta, por conseguinte, o acusado entrou certamente na casa, matou, pois. ' Quanto a essa porta, senhores jurados... Vede, não temos aqui senão o único testemunho de um indivíduo que se achava, aliás, num tal estado que... Mas seja, a porta estava aberta, admitamos que as negativas do acusado sejam uma mentira, ditada por um sentimento de defesa bem natural, admitamos que ele haja penetrado na casa. Então, por que se quer que ele haja matado, se entrou? Pôde ter entrado, percorrido os quartos, pôde empurrar seu pai para um lado, bater-lhe mesmo, mas depois de ter verificado a ausência da Senhora Svietlova, fugiu, feliz por não tê-la encontrado e ter-se poupado um crime. Eis justamente por que, um momento depois, tornou a descer para ir em socorro de Gregório, vítima de seu furor; foi porque era suscetível de experimentar um sentimento de piedade e de compaixão, porque escapara à tentação, porque sentia a alegria de um coração puro. Com uma eloqüência impressionante, a acusação nos descreve o estado de espírito do acusado na aldeia de Mókroie, quando o amor lhe apareceu de novo, chamando-o a uma vida nova, quando não lhe era mais possível amar, tendo atrás de si o cadáver ensangüentado de seu pai e, em perspectiva, o castigo. No entanto, o ministério público admitiu, o amor, explicando-o à sua maneira: A ebriedade, a trégua de que se beneficiava o criminoso, etc'. Mas não

criastes uma nova personagem, senhor procurador, pergunto-vos novamente? O acusado é grosseiro e sem coração ao ponto de ter podido, num momento semelhante, pensar no amor e nos subterfúgios de sua defesa, tendo na verdade sobre a consciência o sangue de seu pai? Não, mil vezes não! Logo depois de ter descoberto que ela o ama, chama-o, promete-lhe a felicidade, estou persuadido de que teria ele experimentado uma necessidade imperiosa de suicidar-se e ter-se-ia tirado a vida, se tivesse tido atrás de si o cadáver de seu pai. Oh! não, decerto, não teria esquecido onde se encontravam suas pistolas! Conheço o acusado; a brutal insensibilidade que lhe atribuem é incompatível com seu caráter. Ter-se-ia matado, é certo, e não o fez precisamente porque 'sua mãe rezava por ele', e porque não havia vertido o sangue de seu pai. Durante aquela noite passada em Mókroie, atormentou-se somente por causa do velho que abatera, suplicando a Deus que o reanimasse para que pudesse escapar à morte e ele próprio ao castigo. Por que não admitir esta versão? Que prova decisiva temos nós de que o acusado mente? Mas irão de novo opor-nos o cadáver de seu pai! Ele fugiu sem matar, então quem é o assassino?

"Repito que é essa toda a lógica da acusação: quem matou, senão ele? Não há ninguém para pôr em seu lugar. Senhores jurados, será bem isso? É bem verdade que não se encontra ninguém mais? A acusação enumerou todos aqueles que estavam na casa ou a ela foram naquela noite. Encontraram-se cinco pessoas. Três dentre elas, convenho, estão inteiramente fora de causa: a vítima, o velho Gregório e sua mulher. Restam, pois, Karamázov e Smierdiákov. O senhor procurador exclama pateticamente que o acusado só designa Smierdiákov em desespero de causa, que se houvesse uma sexta pessoa, ou mesmo sua sombra, o acusado, tomado de vergonha, apressar-se-ia em denunciá-la. Mas, senhores jurados, por que não fazer o raciocínio inverso? Há dois indivíduos em presença: o acusado e Smierdiákov, não posso eu dizer que só se acusa o meu constituinte em desespero de causa? E isto unicamente porque, por prevenção, excluiu-se de antemão de toda suspeita Smierdiákov. Na verdade, Smierdiákov só é designado pelo réu, por seus dois irmãos e pela Senhora Svietlova. Mas há outros testemunhos: é a emoção confusa suscitada na sociedade por certa suspeita, percebe-se um vago rumor, sente-se uma espécie de expectativa. Enfim, prova disso é a conexão dos fatos, característica mesmo na sua impressão; em primeiro lugar, aquela crise de epilepsia sobrevinda precisamente no dia do drama, crise que a

acusação teve de defender e de justificar o melhor que pôde. Depois esse repentino suicídio de Smierdiákov na véspera do julgamento. Em seguida, o depoimento não menos inopinado, em plenário, do irmão do acusado, que havia crido até então na sua culpabilidade e traz de repente o dinheiro declarando que Smierdiákov é o assassino. Oh! estou persuadido, tanto como o ministério público, de que Ivã Fiódorovitch está com febre nervosa, de que seu depoimento tenha podido ser uma tentativa desesperada, concebida no delírio, para salvar seu irmão, acusando o defunto. Não obstante, o nome de Smierdiákov foi pronunciado, tem-se de novo a impressão de um enigma. Dir-se-ia, senhores jurados, que há aqui algo de inexprimido, de inacabado. Talvez a luz se faça. Mas não antecipemos. O tribunal decidiu ainda há pouco prosseguir nos debates. Eu poderia, enquanto espero, apresentar algumas observações a respeito do caráter de Smierdiákov, traçado com um talento tão sutil pela acusação. Embora admirando-o, não posso subscrever seus traços essenciais. Estive com Smierdiákov, falei-lhe, causou-me uma impressão bem diversa. Era fraco de saúde, decerto, mas não de caráter, não era absolutamente a criatura fraca que a acusação imagina. Sobretudo não encontrei nele timidez, essa timidez que nos descreveram de maneira tão característica. Nenhuma ingenuidade, uma extrema desconfiança, dissimulada sob as aparências da simplicidade, um espírito capaz de muito meditar. Oh! foi por candura que a acusação o julgou fraco de espírito. Produziu em mim uma impressão precisa; parti persuadido de estar tratando com uma criatura visceralmente má, desmedidamente ambiciosa, vingativa e invejosa. Recolhi certas informações; detestava sua origem, tinha vergonha dela e relembrava, rangendo os dentes, que provinha de uma fedorenta. Mostrava-se desrespeitoso para com o criado Gregório e sua mulher, que haviam tomado conta dele na sua infância. Maldizendo a Rússia, dela zombava, sonhava partir para a França, tornar-se francês. Muitas vezes declarou, ainda antes, não poder fazê-lo por falta de recursos. Creio que não amava ninguém senão a si próprio e achava-se singularmente elevado... A cultura consistia para ele numa roupa decente, numa camisa limpa e em botas bem engraxadas. Crendo-se (há fatos em apoio) filho natural de Fiódor Pávlovitch, pôde criar ódio à sua situação em relação com os filhos legítimos de seu amo; têm eles tudo e ele nada, para eles todos os direitos, herança, enquanto ele não passa de um cozinheiro. Contou-me que pusera o dinheiro no envelope com Fiódor Pávlovitch. O destino daquela soma — graças à qual teria podido abrir seu caminho — era-lhe evidentemente odioso. Além disso, viu 3 000 rublos em cédulas

novas (perguntei-lhe de propósito). Oh! nunca mostreis a uma criatura invejosa e cheia de amor-próprio uma grossa soma de uma vez; ora, via ele pela primeira vez tal soma na mesma mão. Aquele maço de dinheiro pode ter deixado na sua imaginação uma impressão mórbida, sem outras conseqüências no começo. Meu eminente contraditor expôs, com uma sutileza notável, todas as hipóteses pró e contra a possibilidade de inculpar Smierdiákov de assassinato, insistindo nesta pergunta: que interesse tinha ele em simular uma crise? Sim, mas não simulou necessariamente, a crise pôde sobrevir muito naturalmente e passar da mesma forma, voltando o doente a si. Sem se restabelecer, terá retomado conhecimento, como acontece entre os epilépticos. 'Em que momento Smierdiákov cometeu seu crime?', pergunta a acusação. É muito fácil indicá-lo. Pode ter voltado a si e ter-se levantado, depois de ter dormido profundamente (porque as crises são sempre seguidas dum profundo sono), justamente no momento em que o velho Gregório, tendo agarrado pela perna, sobre a paliçada, o acusado, que fugiu, vociferou: 'Parricida!' Esse grito incomum, no silêncio e nas trevas, pode ter despertado Smierdiákov, cujo sono era já talvez mais leve. Levanta-se e vai quase inconscientemente ver de que se trata. Ainda estremunhado, sua imaginação dor-mita, mas ei-lo no jardim, aproxima-se das janelas iluminadas, toma conhecimento da terrível notícia da boca de seu amo, evidentemente satisfeito com a presença dele. O velho, aterrorizado, conta-lhe tudo pormenorizadamente. Sua imaginação inflama-se. E, no seu cérebro perturbado, uma idéia toma corpo, idéia terrível, mas sedutora e duma lógica irrefutável: assassinar, apoderar-se dos 3 000 rublos e tudo atribuir depois ao filho do patrão. De quem se suspeitará agora, quem pode ser acusado senão ele? As provas existem, estava no local. A cupidez pode ter-se apoderado dele, ao mesmo tempo que a consciência da impunidade. Oh! a tentação sobrevém por vezes em rajadas, sobretudo em criminosos que não suspeitavam, um minuto antes, de que queriam matar! Assim, Smierdiákov pôde entrar nos aposentos de seu amo e executar seu plano. Com que arma? Mas com a primeira pedra que terá apanhado no jardim. Por que, com qual fim? Mas 3 000 rublos são uma fortuna. Oh! não me contradigo; o dinheiro pode ter existido. Talvez mesmo somente Smierdiákov sabia onde encontrá-lo em casa de seu amo. 'Pois bem! E o envelope caído no chão, rasgado?' Ainda há pouco, ao ouvir a acusação insinuar sutilmente a este respeito que somente um ladrão novato, tal como precisamente Karamázov, podia agir assim, e em nenhum caso Smierdiákov, que não teria jamais deixado tal prova contra

si, ainda há pouco, senhores jurados, reconheci de súbito um argumento dos mais familiares. Imaginei que essa hipótese relativa à maneira pela qual Karamázov devia ter procedido com o envelope, já a ouvira eu dois dias antes do próprio Smierdiákov, e isto para grande surpresa minha; parecia-me ele, com efeito, representar ingenuidade e impor-me de antemão essa idéia para que eu tirasse dela a mesma conclusão, como se ele ma soprasse. Não agiu ele da mesma maneira no inquérito e impôs essa hipótese ao eminente representante da acusação? E a mulher de Gregório, dirão? Ouviu o doente gemer toda a noite. Seja, mas é este um argumento muito frágil. Conheci uma senhora que se queixava amargamente de ter estado acordada toda a noite por um fraldiqueiro que a impedia de dormir. No entanto, o pobre animal, como se soube, não latira senão duas ou três vezes. E é natural; uma pessoa que dorme ouve gemer, desperta resmungando, para tornar a adormecer logo. Duas horas depois, novo gemido, novo despertar seguido do sono, e ainda duas horas depois, três vezes ao todo. De manhã, a pessoa que dormia levanta-se queixando-se de ter estado acordada a noite inteira por causa de gemidos contínuos. Deve necessariamente ter essa impressão; os intervalos de duas horas, durante os quais dormiu, escapam-lhe, somente os minutos de vigília lhe voltam ao espírito, parece-lhe que a despertaram a noite inteira. Mas por que, exclama a acusação, não confessou Smierdiákov no bilhete escrito antes de morrer? 'Sua consciência não chegou até aí. ' Permiti; a consciência é já o arrependimento, talvez que o suicida não experimentasse arrependimento, mas apenas desespero. São duas coisas totalmente diversas. O desespero pode ser mau e irreconciliável, e o suicida, no momento de liquidar-se, podia detestar mais do que nunca aqueles de quem tivera inveja toda a sua vida. Senhores jurados, tomai cuidado em não cometer um erro judiciário! Que há de inverossímil em tudo quanto vos expus? Encontrai um erro em minha tese, encontrai nela uma impossibilidade, um absurdo! Mas se minhas conjeturas são pelo menos um pouco verossímeis, sede prudentes. Juro-o pelo que há de mais sagrado, creio absolutamente na versão do crime que acabo de apresentar-vos. O que me perturba sobretudo e me põe fora de mim é o pensamento de que, entre a massa de fatos acumulados pela acusação contra o réu, não há nem um só que seja seu tanto quanto exato e irrecusável. Sim, decerto, o conjunto é terrível; aquele sangue que goteja das mãos, de que está impregnada sua roupa última, aquela noite escura em que repercutiu o grito de 'Parrícida!', aquele que o lançou ao cair, com a cabeça partida, depois aquela massa de palavras, de depoimentos, de gestos, de gritos, oh!

tudo isso pode falsear uma convicção, mas não a vossa, senhores jurados! Lembrai-vos de que vos foi dado um poder ilimitado de ligar e desligar. Mas quanto maior é esse poder, mais temível é o seu uso! Mantenho absolutamente tudo quanto acabo de dizer, mas seja, convenho por um instante com a acusação que meu infeliz constituinte sujou suas mãos com o sangue de seu pai. Não é senão uma suposição, repito-o, não duvido nem um minuto de sua inocência, no entanto, escutai-me, mesmo nesta hipótese. Tenho ainda alguma coisa a dizer-vos, porque pressinto em vossos corações um violento combate... Perdoai-me esta alusão, senhores, jurados, quero verdadeiramente ser verídico e sincero até o fim. Sejamos todos sinceros!"

Nesse momento o defensor foi interrompido por aplausos bastante vivos. Com efeito, pronunciou as derradeiras palavras com uma voz tão emocionada que todo mundo sentiu que talvez houvesse verdadeiramente alguma coisa a dizer, e alguma coisa de capital importância. O presidente ameaçou "mandar evacuar" a sala, se "semelhante manifestação" se reproduzisse. Todos se calaram e Fietiukóvitch começou, com uma voz compenetrada, totalmente mudada.

XIII

UM SOFISTA

"Não é somente o conjunto dos fatos que acabrunha meu constituinte, senhores jurados, não, o que o acabrunha, na realidade, é o fato apenas de terem encontrado seu pai assassinado. Se se tratasse de um simples crime, dada a dúvida que plaina sobre o caso, sobre cada um dos fatos considerados isoladamente, teríeis afastado a acusação ou pelo menos hesitado em condenar um homem unicamente por causa de uma prevenção, contra ele, ai! demasiado justificada! Mas estamos em presença de um parricídio. Isto se impõe a ponto de fortificar a fragilidade mesma dos pontos principais de acusação, no espírito menos prevenido. Como absolver tal acusado? Se fosse culpado e escapasse ao castigo? Eis o sentimento instintivo de cada um. Sim, é uma terrível coisa derramar o sangue de seu pai, o sangue daquele que vos gerou, amou, o sangue daquele que prodigou sua vida por vós, que se afligiu com vossas doenças infantis, que sofreu para que fósseis felizes e não viveu senão pelas vossas alegrias e pelos vossos êxitos! Oh! o assassinato de tal pai, não se pode

mesmo imaginá-lo! Senhores jurados, que é um pai verdadeiro, que majestade, que idéia grandiosa oculta esse nome? Acabamos de indicar em parte o que deve ser. Neste caso tão doloroso, o defunto, Fiódor Pávlovitch Karamázov, nada tinha de um pai, tal como nosso coração acaba de defini-lo. É desagradável. Sim, com efeito, há pais que se assemelham a uma calamidade. Examinemos as coisas de mais perto, não devemos recuar diante de nada, senhores jurados, diante da gravidade da decisão a tomar. Devemos sobretudo não ter medo agora nem afastar certas idéias, tais como crianças ou mulheres medrosas, de acordo com a feliz expressão do eminente representante da acusação. No decorrer de seu ardente libelo acusatório, o meu honrado adversário exclamou por várias vezes: 'Não, não abandonarei a ninguém a defesa do acusado, nem mesmo ao defensor chegado de Petesburgo, sou ao mesmo tempo acusador e defensor'. No entanto, esqueceu-se de mencionar que se esse temível acusado guardou por 23 anos tal gratidão por 1 libra de avelãs, com que o presenteou o único homem que, sendo ele menino, teve para com ele tal gesto em casa de seu pai, inversamente tal homem deveria lembrar-se, durante esses 23 anos, de como andava descalço em casa de seu pai, no quintal, 'as calças presas por um só botão', segundo a expressão de um homem de coração, o Doutor Herzenstube. Oh! senhores jurados, de que serve olhar de perto essa calamidade, repetir o que toda gente conhece! Que é que meu constituinte encontrou ao chegar à casa de seu pai? E por que o representar como um ser sem coração, um egoísta, um monstro? É impetuoso, é selvagem, violento, eis por que o julgam agora. Mas quem é o responsável pelo seu destino, de quem a culpa se, com tendências virtuosas, um coração sensível e grato, recebeu uma educação tão absurda? Desenvolveram-lhe a razão, instruíram-no, alguém lhe testemunhou um pouco de afeto na sua infância? Meu constituinte cresceu ao deus-dará, isto é, como um animal selvagem. Talvez tivesse ardente desejo de rever seu pai após aquela longa separação, talvez lembrando-se de sua infância, como através de um sonho, tenha afastado muitas vezes o fantasma odioso do passado, desejando de toda a sua alma absolver e abraçar seu pai! E então? Acolhem-no com zombarias cínicas, desconfiança, chicanas a respeito de sua herança; só ouve frases e máximas que enojam o coração, finalmente vê seu pai tentar arrebatar-lhe, com seu próprio dinheiro, a sua amiga. Oh! senhores jurados, é repugnante, é atroz! E aquele velho queixa-se a todo mundo de irreverência e da violência de seu filho, difama-o na sociedade, causa-lhe danos, calunia-o, compra suas promissórias para metê-lo na cadeia!

Senhores jurados, as pessoas aparentemente duras, violentas, impetuosas, tais como meu constituinte, são bem muitas vezes corações ternos, somente não o mostram. Não riais de minha idéia! O senhor procurador zombou impiedosamente de meu constituinte, apontando seu amor por Schiller e pelo sublime. Em seu lugar, não teria zombado. Sim, esses corações — oh! deixai-me defendê-los, tão raramente e tão mal compreendidos —, esses corações vivem muitas vezes sedentos de ternura, de beleza, de justiça, precisamente como por contraste consigo mesmos, com sua violência e sua dureza, e não suspeitam disso. Parecendo apaixonados e violentos, são capazes de amar até ao sofrimento, uma mulher, por exemplo, e certamente com um amor ideal e elevado. Repito-o, não riais, é o que acontece a maior parte das vezes com tais naturezas. Somente, não podem dissimular sua impetuosidade por vezes grosseira, eis o que fere a atenção, eis o que se nota, enquanto o íntimo permanece ignorado. Pelo contrário, suas paixões acalmam-se rapidamente, mas junto duma pessoa de sentimentos elevados, esse ser que parece grosseiro, violento, busca a regeneração, a possibilidade de emendar-se, de tornar-se nobre, honesto, 'sublime', por mais desacreditada que esteja esta palavra. Disse ainda há pouco que respeitaria o romance de meu constituinte com a Senhorita Vierfchóvtseva. Contudo, pode-se falar por palavras veladas; ouvimos, não um depoimento, mas apenas o grito de uma mulher exaltada que se vinga e não cabe a ela censurar a ele sua traição, porque foi ela quem traiu! Se tivesse tido o tempo de entrar em si mesma, não teria dado semelhante testemunho. Oh! não a acrediteis, não, meu constituinte não é um monstro, como o chamou ela. O Crucificado, que amava os homens, disse antes das angústias da Paixão: 'Eu sou o Bom Pastor, que dá sua vida pelas suas ovelhas, e nenhuma delas perecerá'. Não percamos, não, uma alma humana! Eu perguntava: que é um pai? É um nome nobre e precioso, exclamei. Mas é preciso usar lealmente o termo, senhores jurados, e me permito chamar as coisas pelo seu nome. Um pai tal como a vítima, o velho Karamázov, é indigno de se chamar assim. O amor filial não justificado é absurdo. Não se pode suscitar o amor com coisa nenhuma, somente Deus é quem tira alguma coisa do nada. Tais, não provoqueis a ira de vossos filhos', escreveu o apóstolo com um coração ardendo de amor. Não é para meu constituinte que cito estas santas palavras, recordo-as para todos os pais. Quem me confiou o poder de instruí-los? Ninguém. Mas como homem, como cidadão, dirijo-me a eles: *vivos voco!*[63] Não

[63] *Convoco os vivos.*

permanecemos muito tempo sobre a terra, nossas ações e nossas palavras são muitas vezes más. Por isso tratemos de aproveitar todos os momentos que passamos juntos para nos dirigir mutuamente uma boa palavra. É o que faço: aproveito da ocasião que me é oferecida. Não é por coisa nenhuma que esta tribuna nos foi concedida por uma vontade soberana, toda a Rússia nos ouve. Não falo somente para os pais que estão aqui, grito para todos: 'Pais, não provoqueis a ira de vossos filhos!' Pratiquemos em primeiro lugar nós mesmos o preceito do Cristo, e então somente poderemos exigir alguma coisa de nossos filhos. Senão, não somos pais, mas inimigos para eles, não são nossos filhos, mas nossos inimigos, e isto por culpa nossa! 'E com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós', [64] não sou eu que o digo, é o Evangelho que o prescreve; medi com a mesma medida que vos é aplicada. Como acusar nossos filhos se eles nos retribuem o que fazemos com eles? Recentemente, na Finlândia, suspeitou-se de que uma criada havia dado à luz clandestinamente. Espionaram-na e encontrou-se no celeiro, dissimulada por trás de tijolos, sua mala, que continha o cadáver de um recém-nascido, morto por ela. Descobriram-se igualmente os esqueletos de dois outros bebês, que ela confessou ter matado ao nascerem. Senhores jurados, é uma mãe uma mulher dessas? É certo que pôs filhos no mundo, mas qual de nós ousaria dar-lhe o santo nome de mãe? Sejamos ousados, senhores jurados, sejamos mesmo temerários, devemos sê-lo neste momento e não temer certas palavras, certas idéias, como as vendedoras de Moscou, que temem o 'metal' e o 'enxofre'. Provemos, pelo contrário, que o progresso dos derradeiros anos influiu também no nosso desenvolvimento, e digamos francamente: não basta procriar para ser pai, é preciso ainda merecer esse título. Sem dúvida, a palavra pai tem outra significação, segundo a qual um pai, fosse ele um monstro, um inimigo jurado de seus filhos, ficará sempre pai, pelo simples fato de tê-los gerado. Mas é uma significação mística, por assim dizer, que escapa à inteligência, que se pode admitir somente como artigo de fé, bem como muitas coisas incompreensíveis nas quais a religião nos obriga a crer. Mas, neste caso, deve permanecer isto fora do domínio da vida real. Neste domínio, que tem não somente seus direitos, mas impõe grandes deveres, se queremos ser humanos, cristãos enfim, somos obrigados a aplicar somente idéias justificadas pela razão e pela experiência passadas no crisol da análise, em uma palavra, agir sensatamente e não com extravagância, como em sonho ou no delírio,

---

[64] Mateus, C. VII, v. 2.

para não prejudicar nosso semelhante, fazê-lo sofrer, causar sua perda. Faremos então obra de cristãos e não somente de místicos, uma obra sensata, verdadeiramente filantrópica... "

Nesse momento, vivos aplausos partiram de diferentes pontos da sala, mas Fietiukóvitch fez um gesto, como para suplicar que não o interrompessem. Todos se acalmaram imediatamente. O orador prosseguiu:

"Pensais, senhores jurados, que tais questões possam escapar a nossos filhos, quando começam eles a refletir? Não, decerto, e não exigiremos deles uma abstenção impossível! A vista dum pai indigno, sobretudo comparado aos de outros meninos, seus condiscípulos, inspira, malgrado seu, a um jovem questões dolorosas. Respondem-lhe banalmente: 'Foi ele quem te gerou, és seu sangue, de modo que deves amá-lo'. O rapaz pensa, malgrado seu: 'Será que ele me amava quando me gerou', pergunta ele, cada vez mais surpreso, 'foi por minha causa que ele me deu a vida? Ele não me conhecia, ignorava mesmo meu sexo, naquele minuto de paixão, talvez aquecido pelo vinho, e só me transmitiu uma inclinação pela bebida, eis todos os seus benefícios... Por que devo amá-lo, pelo simples fato de me ter gerado, a ele que nunca me amou?' Oh! estas perguntas parecem-vos talvez grosseiras, cruéis, mas não exijais dum espírito jovem uma abstenção impossível: 'Expulsai o natural pela porta e ele entrará pela janela', mas, sobretudo, não temamos o 'metal' e o 'enxofre' e resolvamos a questão como o prescrevem a razão e a humanidade, e não as idéias místicas. Como resolvê-la? Pois bem! que o filho venha perguntar seriamente a seu pai: 'Pai, dize-me por que devo amar-te, prova-me que é um dever', e se esse pai for capaz de responder-lhe e de provar-lhe, eis uma verdadeira família, normal, que não repousa unicamente sobre um preconceito místico, mas sobre bases racionais, rigorosamente humanas. Pelo contrário, se o pai não apresenta nenhuma prova, está liquidada essa família; o pai não é mais um pai para seu filho, este recebe a liberdade e o direito de considerá-lo como um estranho e até mesmo um inimigo.. Nossa tribuna, senhores jurados, deve ser a escola da verdade e das idéias sãs!"

Vivos aplausos interromperam o orador. Certamente não eram unânimes, mas a metade da sala aplaudia, inclusive pais e mães. Gritos agudos partiam das tribunas ocupadas pelas senhoras. Gesticulava-se com os lenços. O presidente pôs-se a agitar a campainha com todas as suas forças. Estava visivelmente agastado com aquele tumulto, mas não ousou

mandar evacuar a sala, como já havia ameaçado; até mesmo dignitários, velhos condecorados instalados por trás do tribunal, aplaudiam o orador, de sorte que, restabelecida a calma, contentou-se ele em reiterar sua ameaça, e Fietiukóvitch, triunfante e emocionado, prosseguiu seu discurso.

"Senhores jurados, vós vos lembrais daquela noite terrível, de que tanto se falou aqui, em que o filho introduziu-se por escalada em casa de seu pai e se encontrou face a face com o inimigo que lhe havia dado o dia. Insisto vivamente nisto: não era o dinheiro que o atraía; a acusação de roubo é um absurdo, como já o expus! E não foi para matar que ele forçou a porta; se tivesse premeditado um crime, ter-se-ia munido previamente de uma arma, mas pegou o pilão instintivamente, sem saber por quê. Admitamos que tenha enganado seu pai com os sinais e penetrado na casa, já disse que não creio um instante sequer nessa lenda, mas seja, suponhamo-la um minuto! Senhores jurados, juro pelo que há de mais sagrado, se Karamázov tivesse tido como rival um estranho, em lugar de seu pai, depois de ter verificado a ausência daquela mulher, ter-se-ia retirado precipitadamente, sem fazer-lhe mal, quando muito ter-lhe-ia batido, empurrado, sendo a única coisa que lhe importava encontrar sua amiga. Mas viu seu pai, seu perseguidor desde a infância, seu inimigo que se tornara um monstruoso rival; bastou isto para que um ódio irresistível se apoderasse dele, abolindo sua razão. Todos os seus agravos ressurgiram-lhe duma vez. Foi um acesso de demência, mas também um movimento da natureza, que vingava inconscientemente a transgressão de suas leis eternas. No entanto, mesmo então, o assassino não matou, afirmo-o, proclamo-o, não, brandiu somente o pilão num gesto de indignação e de desgosto, sem intenção de matar, sem saber que matava. Se não tivesse tido esse fatal pilão nas mãos, teria somente batido em seu pai, talvez, mas não o teria assassinado. E, ao fugir, ignorava se o velho por ele abatido estava morto. Tal crime não é crime, não é um parricídio. Não, a morte de tal pai não pode ser assemelhada a um parricídio senão por preconceito! Mas foi esse crime realmente cometido?, pergunto-vos ainda uma vez. Senhores jurados, vamos condená-lo e ele dirá a si mesmo: 'Essas pessoas nada fizeram por mim, para me elevar, me instruir, tornar-me melhor, fazer de mim um homem. Recusaram-me toda assistência e agora me mandam para o presídio. Eis-me quite, não lhes devo nada, nem a ninguém. São más, cruéis. Sê-lo-ei também'. Eis o que ele dirá, senhores jurados! Juro-o: declarando-o culpado, vós não fareis senão pô-lo à vontade, aliviar sua consciência, maldirá o sangue por ele vertido, em

lugar de sentir remorsos. Ao mesmo tempo, tomareis sua recuperação impossível, porque permanecerá mau e cego até o fim de seus dias. Quereis infligir-lhe o castigo mais terrível que se possa imaginar, ao mesmo tempo que regenerais sua alma para sempre? Se afirmativamente, esmagai-o com a vossa clemência! Vós o vereis estremecer. Sou digno dum tal favor, dum tal amor?, dirá a si mesmo. Há nobreza, senhores jurados, nessa natureza selvagem. Inclinar-se-á diante de vossa mansuetude, tem sede de um grande ato de amor, inflamar-se-á e ressuscitará definitivamente. Certas almas são bastante mesquinhas para acusar o mundo inteiro. Mas cumulai essa alma de misericórdia, testemunhai-lhe amor e ela maldirá suas obras, porque os germes do bem nela proliferam. Sua alma expandir-se-á vendo a mansuetude divina, a bondade e a justiça humanas. Será tomada de arrependimento, a imensidão da dívida contraída a esmagará. Não dirá então: 'Estou quite', mas 'Sou culpado diante de todos e o mais indigno de todos'. Com lágrimas de enternecimento, exclamará: 'Os homens valem mais do que eu, porque quiseram salvar-me, em lugar de perder-me'. Oh! é-vos tão fácil usar de clemência, porque, na ausência de provas decisivas, ser-vos-ia demasiado penoso dar um veredicto de culpabilidade. Vale mais absolver dez culpados que condenar um inocente. Ouvis a grande voz do século passado de nossa história nacional? Cabe a mim, mesquinho, lembrar-vos que a justiça russa não tem unicamente por fim castigar, mas também regenerar um ser perdido? Que os outros povos observem a letra da lei, e nós, o espírito e a essência, para a regeneração dos decaídos. E se é assim, então avante, Rússia! Não vos atemorizeis com as vossas tróicas em disparada, das quais os outros povos se afastam com repulsa! Não é uma tróica em disparada, é um carro majestoso, que roda solenemente, tranqüilamente para o seu alvo. A sorte de meu constituinte está em vossas mãos, bem como os destinos do direito russo. Vós o salvareis, vós o defendereis, mostrando-vos à altura de vossa missão".

XIV

OS MUJIQUES MANTIVERAM-SE FIRMES

Assim concluiu Fietiukóvitch e o entusiasmo de seus ouvintes não conheceu mais limites. Não se devia pensar em reprimi-lo; as mulheres choravam, bem como muitos homens, houve mesmo dois dignitários que

derramaram lágrimas. O presidente resignou-se e esperou antes de agitar a campainha. "Atentar contra semelhante entusiasmo teria sido uma profanação!", exclamaram mais tarde nossas damas. O próprio orador parecia sinceramente emocionado. Foi nesse momento que nosso Ipolit Kirílovitch se levantou para replicar. Lançaram-lhe olhares carregados de ódio: "Como ousa ele replicar?", murmuravam as senhoras. Mas os murmúrios de todas as senhoras do mundo, tendo à frente sua esposa, não teriam detido o procurador. Estava pálido e tremia de emoção; suas primeiras frases foram mesmo incompreensíveis, ofegava, articulava mal, embaraçava-se. Aliás, conseguiu dominar-se logo. Não citarei senão algumas frases desse segundo discurso.

"... Censuram-nos ter inventado novelas. Mas fez o defensor coisa diversa? Só faltavam versos. Fiódor Pávlovitch, à espera de sua bem-amada, rasga o envelope e atira-o no chão. Citam-se mesmo suas palavras na ocasião. Não é um poema? E onde está a prova de que ele tirou o dinheiro e quem ouviu o que ele dizia? O imbecil Smierdiákov, transformado numa espécie de herói romântico que se vinga da sociedade por causa de seu nascimento ilegítimo, não é um poema ao gosto byroniano? E o filho que, tendo entrado intempestivamente em casa de seu pai, o mata sem matá-lo, não é mesmo nem mais uma novela, nem um poema, é uma esfinge propondo enigmas que ele próprio, decerto, não pode resolver. Se matou, é porque matou, como admitir que tenha matado sem ser um assassino, quem compreenderá isso? Em seguida, declara-se que nossa tribuna é a da verdade e a das idéias sãs e profere-se nela este axioma: que não passa de um preconceito qualificar de parricídio o assassinato de um pai. Mas se o parricídio é um preconceito e se cada menino pode perguntar a seu pai: 'Pai, por que devo amar-te?', que se tornarão as bases da sociedade, que se tornará a família? O parricídio, vede, é o 'enxofre' da vendedora moscovita. As mais nobres tradições da justiça russa são desnaturadas unicamente para obter ganho de causa, para obter a absolvição de quem não pode ser absolvido. Cumulai-o de clemência, exclama o defensor, o criminoso mais não pede, ver-se-á amanhã o resultado! Aliás, não será por uma modéstia exagerada que ele pede apenas a absolvição do acusado? Por que não pedir a fundação duma bolsa que imortalizaria a façanha do parricídio aos olhos da posteridade e da jovem geração? Corrigem-se o Evangelho e a religião: tudo isso é misticismo, somente nós possuímos o verdadeiro cristianismo, já verificado pela análise da razão e das idéias sãs. Evoca-se diante de nós

uma falsa imagem do Cristo! 'E com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós', exclama o defensor, concluindo logo que o Cristo ordenou medir com a mesma medida que nos é aplicada — eis o que se proclama da tribuna da verdade! Lemos o Evangelho somente na véspera de nossos discursos, para brilhar pelo conhecimento de uma obra bastante original por meio da qual pode-se produzir certo efeito na medida em que for necessário. Ora, o Cristo proibiu precisamente agir assim, porque é o que torna o mundo mau, e nós, longe de pagar o mal pelo mal, devemos oferecer a face e perdoar aqueles que nos ofenderam. Eis o que nos ensinou o nosso Deus e não que seja um preconceito proibir que os filhos matem seus pais. E não seremos nós que corrigiremos nesta tribuna o Evangelho de nosso Deus, que o defensor digna-se apenas em chamar 'o Crucificado que amava os homens', em oposição a toda a Rússia ortodoxa que o invoca: 'Porque tu és nosso Deus!... '"

Aqui, o presidente interveio e rogou ao orador que não exagerasse, que ficasse nos limites justos, etc, como fazem de hábito os presidentes em semelhante caso. A sala estava inquieta. O público agitava-se, proferia exclamações indignadas. Fietiukóvitch nem mesmo replicou, veio somente, de mãos sobre o coração, pronunciar num tom ofendido algumas palavras cheias de dignidade. Aflorou de novo, com ironia, as novelas e a psicologia e achou meio de desfechar o seguinte dardo: "Júpiter, não tens razão, pois que te zangas", o que causou risos no auditório, porque Ipolit Kirílovitch não se assemelhava absolutamente a Júpiter. Quanto à pretensa acusação de permitir à mocidade o parricídio, declarou Fietiukóvitch, com grande dignidade, que a ela não responderia. A respeito da falsa imagem do Cristo e do fato de não se ter ele dignado chamá-lo Deus, mas apenas "o Crucificado que amava os homens", o que é "contrário à ortodoxia e não podia ser dito na tribuna da verdade", falou Fietiukóvitch de "insinuação" e deu a entender que, vindo aqui, acreditava pelo menos aquela tribuna ao abrigo de acusações "perigosas para sua pessoa como cidadão e fiel súdito... " Mas a estas palavras o presidente também o deteve e Fietiukóvitch, inclinando-se, terminou sua tréplica, acompanhado pelo murmúrio aprovativo de toda a sala. Ipolit Kirílovitch, segundo a opinião de nossas damas, estava "confundido para sempre".

Foi em seguida dada a palavra ao acusado. Mítia levantou-se, mas não disse grande coisa. Estava física e moralmente sem forças. O ar de independência e energia com que entrara pela manhã havia quase desaparecido. Parecia ter atravessado naquela manhã uma crise decisiva que

lhe ensinara e fizera compreender algo de muito importante, que antes ele não apreendera. Sua voz se enfraquecera, não gritava mais. Sentia-se em suas palavras a resignação e o acabrunhamento da derrota.

"Que posso dizer, senhores jurados? Vão julgar-me, sinto a mão de Deus sobre mim. É o fim de um homem transviado! Mas como se me confessasse a Deus, a vós também digo: 'Não derramei o sangue de meu pai!' Repito-o uma derradeira vez. Não fui eu quem matou! Era desregrado, mas amava o bem. Constantemente, aspirava a emendar-me, e vivi como um animal selvagem. Obrigado ao procurador, disse a meu respeito muitas coisas que eu ignorava, mas é falso que tenha eu matado meu pai, o procurador se enganou! Obrigado igualmente a meu defensor: chorei ao ouvi-lo, mas é falso que eu tenha matado «meu pai, não se devia nem supô-lo! Não acrediteis nos médicos, estou em plena razão, somente sinto-me acabrunhado. Se me poupardes e me absolverdes, rezarei por vós. Tornar-me-ei melhor, dou minha palavra, dou-a diante de Deus. Se me condenardes, quebrarei eu próprio minha espada e beijar-lhe-ei os pedaços! Mas poupai-me, não me priveis de meu Deus, conheco-me: eu me revoltarei! Estou acabrunhado, senhores... poupai-me!"

Caiu quase no seu lugar, sua voz se partiu, a derradeira frase mal foi articulada. O tribunal redigiu em seguida os quesitos a propor e pediu suas conclusões às partes. Mas omito os detalhes. Enfim, os jurados retiraram-se para deliberar. O presidente estava extenuado, de modo que lhes dirigiu uma breve alocução: "Sede imparciais, não vos deixeis influenciar pela eloqüência da defesa, contudo pesai vossa decisão; lembrai-vos da alta missão de que estais revestidos", etc. Os jurados retiraram-se, foi suspensa a audiência. Pôde-se dar um giro, trocar impressões, fazer lanche no bufê. Era bastante tarde, cerca de 1 hora da madrugada, mas ninguém foi embora. Os nervos tensos impediam de pensar no repouso. Todo mundo aguardava com ansiedade o veredicto, exceto as damas, que, na sua impaciência febril, estavam tranqüilizadas: "A absolvição é inevitável". Todas se preparavam para o minuto emocionante do entusiasmo geral. Confesso que, entre os homens, muitos estavam certos da absolvição. Uns se regozijavam, outros franziam a testa, alguns baixavam simplesmente o nariz; não queriam absolvição! Fietiukóvitch mesmo estava certo do triunfo. Cercavam-no, felicitavam-no complacentemente.

— Há — dizia ele num grupo, como se contou depois —, há fios invisíveis que ligam o defensor aos jurados. Formam-se e se pressentem já

no curso da defesa. Senti-os, eles existem. Teremos ganho de causa, ficai tranqüilos.

— Que vão dizer agora os nossos mujiques? — proferiu um gordo senhor bexigoso, de ar carrancudo, proprietário nos arredores, aproximando-se de um grupo.

— Não há somente mujiques. Há quatro funcionários.

— Ah! sim! os funcionários — disse um membro do *ziémstvo.*

— Conhece Nazáriev, Prokhor Ivânovitch, aquele comerciante que tem uma medalha? Faz parte do júri.

— E com isso?

— É um dos luminares da corporação.

— Mantém-se sempre em silêncio.

— Mantém o silêncio, pois tanto melhor. Não cabe ao petersburguês dar-lhe lições. Ele mesmo seria capaz de dá-las a toda Petersburgo. Doze filhos, imaginem só!

— Será possível que não o absolvam? — gritava num outro grupo um de nossos jovens funcionários.

— Será certamente absolvido — disse uma voz decidida.

— Seria uma vergonha não o absolver — exclamou o funcionário. — Admitamos que tenha matado, mas um pai como o dele! E, afinal, estava em tal exaltação... Pôde deveras ter assestado apenas uma pancada de pilão e o velho caiu. Mas erraram metendo o lacaio nisso. Não passa de um episódio burlesco. No lugar do defensor, teria eu dito redondamente: ele matou, mas não é culpado, que o diabo vos leve!

— Foi o que ele fez, somente não disse: que o diabo vos leve!

— Não, Mikhail Siemiônitch, ele quase o disse — declarou uma terceira voz.

— Permiti, senhores, absolveram durante a Quaresma uma atriz que cortara a garganta da mulher de seu amante.

— Sim, ela, porém, não foi até o fim.

— Dá na mesma, tinha começado.

— E o que disse ele dos meninos! Foi admirável!

— Admirável.

— E sobre o misticismo, hein?

— Deixem o misticismo — exclamou outro —, considerem antes a sorte de Ipolit doravante! Amanhã, sua esposa o arranhará por causa de Mítia.

— Está aqui ela?

— Por que aqui? Se aqui estivesse, já o teria arranhado. Fica em casa, tem dor de dentes, eh! eh! eh!

— Eh! eh! eh!

Num terceiro grupo:

— Mítia poderia muito bem ser absolvido.

— Seria magnífico! Amanhã saqueará A Capital e passará dez dias na carraspana.

— Ah! sim, o diabo!

— Não se pôde passar sem o diabo, seu lugar estava bem indicado aqui.

— Senhores, a eloqüência é uma bela coisa. Mas não se pode rebentar a cabeça de um pai impunemente. Senão, aonde iríamos parar?

— E aquilo do carro, do carro, lembram-se?

— Sim, fez ele duma carroça um carro.

— Amanhã o carro virará carroça de novo, "de acordo com as conveniências".

— As pessoas tornaram-se espertas. A verdade existe ainda na Rússia, senhores, sim ou não?

Mas a campainha retiniu. Os jurados tinham deliberado uma hora exata. Profundo silêncio reinou, quando o público retomou seus lugares. Lembro-me da entrada do júri na sala. Afinal! Não citarei os quesitos por ordem, esqueci-os. Lembro-me somente da resposta ao primeiro quesito, o principal: "O acusado matou para roubar com premeditação?" (esqueci o texto). O presidente do júri, aquele funcionário que era o mais jovem de

todos, respondeu com uma voz nítida, em meio dum silêncio de morte:

— Sim, culpado.

Depois foi a mesma resposta a respeito de todos os pontos: culpado, sem a menor circunstância atenuante!

Ninguém esperava por isso, todos contavam pelo menos com a indulgência do júri. O silêncio continuava, como se o auditório estivesse petrificado, tanto os partidários da condenação como os da absolvição. Mas foram apenas os primeiros minutos, aos quais sucedeu um terrível tumulto. Entre o público masculino, muitos estavam encantados. Outros chegavam mesmo a esfregar as mãos, sem dissimular sua alegria. Os descontentes tinham o ar acabrunhado, erguiam os ombros, cochichavam como se ainda não se dessem conta. Mas as nossas damas, meu Deus!, pensei que elas iam fazer um motim. A princípio, não quiseram acreditar em seus ouvidos. De repente, ruidosas exclamações ecoaram: "Que é isso? Por que isso?" Deixavam seus lugares. Certamente, imaginavam que se podia, no mesmo instante, mudar tudo aquilo e recomeçar. Naquele momento, Mítia se levantou de repente e gritou com voz dilacerante, os braços estendidos para diante:

— Juro-o perante Deus e à espera do juízo final, não derramei o sangue de meu pai! Cátia, eu te perdôo! Irmãos, amigos, velai pela outra!

Não terminou e pôs-se a soluçar ruidosamente, com uma voz que não parecia a sua, como mudada, inesperada, vinda só Deus sabia donde. Nas tribunas, num canto recuado, repercutiu um grito agudo: era Grúchenhka. Suplicara que a deixassem entrar e voltara para a sala antes dos discursos. Levaram Mítia. A sentença do julgamento ficou adiada para o dia seguinte. Todos se levantaram em grande tumulto, mas eu já não escutava mais. Lembro-me somente de algumas exclamações no patamar da saída:

— Vai pegar não menos de vinte anos de trabalho nas minas.

— Nada menos!

— Sim, os nossos mujiques mantiveram-se firmes.

— E ajustaram suas contas com o nosso Mítia!

EPÍLOGO

I

PROJETOS DE EVASÃO

No quinto dia após o julgamento de Mítia, cerca de 8 horas da manhã, Aliócha dirigiu-se à casa de Catarina Ivanovna para se entender definitivamente com ela a respeito dum assunto importante; estava além disso encarregado dum recado. Mantinha-se ela no mesmo salão onde recebera Grúchenhka; na peça vizinha, Ivã Fiódorovitch, presa da febre, jazia inconsciente. Logo depois da cena no tribunal, Catarina Ivanovna mandara transportar para sua casa Ivã Fiódorovitch, desmaiado, sem se incomodar com os comentários inevitáveis e a censura da sociedade. Uma das duas parentas que viviam com ela partira imediatamente para Moscou, a outra ficara. Mas, se as duas tivessem partido, isso não teria mudado a decisão de Catarina Ivanovna, resolvida a tratar ela mesma o doente e a velar por ele noite e dia. Era tratado pelos doutores Varvínski e Herzenstube; o médico de Moscou regressara, recusando-se a pronunciar-se sobre o desenlace da doença. Os doutores, malgrado suas afirmativas tranqüilizadoras, não podiam dar ainda uma esperança firme. Aliócha visitava seu irmão duas vezes por dia, mas desta vez tratava-se de um assunto particularmente embaraçoso, pressentia a dificuldade que teria em falar dele, e apressava-se, devendo ir a outra parte para um outro assunto importante, naquela mesma manhã. Havia um quarto de hora que conversavam. Catarina Ivanovna estava pálida, extenuada, presa duma agitação doentia: pressentia o objetivo da visita de Aliócha.

— Não se inquiete com a sua decisão — dizia ela com firmeza a Aliócha. — Duma maneira ou doutra, chegará ele a esta solução: é preciso evadir-se. Esse infeliz, esse herói da consciência e da honra — não ele, não Dimítri Fiódorovitch, mas o que está doente aqui e se sacrificou pelo seu irmão (acrescentou Cátia, de olhos cintilantes) — já desde muito tempo me comunicou todo o plano de evasão. Tinha mesmo dado passos... já lhe falei disso... Veja você, será, provavelmente, na terceira etapa, quando se levar o comboio dos deportados para a Sibéria. Oh! é ainda longe. Ivã Fiódorovitch foi ver o chefe da terceira etapa. Mas não se sabe ainda quem comandará o comboio, aliás isto jamais é sabido com antecedência. Amanhã, talvez, lhe mostrarei o plano detalhado que Ivã Fiódorovitch me

deixou na véspera do julgamento, para o que desse e viesse... Você deve lembrar-se, discutíamos, quando você chegou; descia ele a escada, vendo você, obriguei-o a tornar a subir, recorda-se? Sabe a que respeito discutíamos?

— Não, não sei.

— Evidentemente, ele lhe ocultou: era precisamente a propósito desse plano de evasão. Já me havia explicado o essencial três dias antes; foi a origem de nossas discussões durante aqueles três dias. Eis por quê: quando me declarou que se ele fosse condenado, Dimítri Fiódorovitch fugiria para o estrangeiro com aquela criatura, zanguei-me de repente; não lhe direi por qual razão, ignoro-a eu mesma. Oh! sem dúvida foi por causa dela e porque acompanharia Dimítri na sua fuga! — exclamou Catarina Ivânovna, com os lábios trêmulos de cólera. — Minha irritação contra aquela criatura fez que Ivã Fiódorovitch acreditasse que eu estava com ciúme dela e, por conseguinte, ainda enamorada de Dimítri. Eis a causa de nossa primeira discussão. Não quis dar explicação e não podia pedir perdão, era-me penoso que tal homem pudesse suspeitar que eu amasse como outrora aquele... E isso quando desde muito tempo lhe havia eu declarado com toda a franqueza que não amava Dimítri e que só a ele amava! Foi por simples animosidade contra aquela criatura que me zanguei com ele! Três dias mais tarde, justamente na noite em que você veio, trouxe-me ele um envelope lacrado que eu deveria abrir no caso de acontecer-lhe alguma coisa. Oh! pressentia ele sua doença! Explicou-me que aquele envelope, continha o plano detalhado da evasão, e que se ele morresse ou caísse perigosamente doente deveria eu sozinha salvar Mítia. Deixou-me também dinheiro, quase 10 000 rublos, a soma à qual o procurador, tendo sabido que ele a mandara trocar, fez alusão no seu discurso. Fiquei estupefata ao ver que, malgrado seu ciúme, e persuadido de que eu amava Dimítri, Ivã Fiódorovitch não renunciara a salvar seu irmão e confiava em mim para isso! Oh! era um sacrifício sublime! Você não pode compreender a grandeza duma tal abnegação, Alieksiéi Fiódorovitch! Ia prostrar-me a seus pés, mas quando pensei de repente que ele atribuiria esse gesto unicamente à minha alegria de saber Mítia salvo (e ele o teria decerto acreditado!), a possibilidade duma tal injustiça de sua parte irritou-me tão fortemente que, em lugar de beijar-lhe os pés, fiz-lhe nova cena! Quanto sou infeliz! Que horrível gênio o meu! Você verá: agirei de tal maneira que ele me deixará por uma outra de mais fácil viver, como Dimítri, mas então... não, não o suportarei, matar-me-ei! No momento em

que você chegou, naquela noite, e quando ordenei a Ivã que tornasse a subir, o olhar cheio de ódio e de desprezo que ele me lançou ao entrar pôs-me em tal cólera que — lembra-se? — gritei de repente que fora ele, somente ele, quem me assegurara que Dimítri era o assassino! Caluniava-o para feri-lo uma vez mais; ele nunca me assegurara tal coisa, pelo contrário, era eu quem lho afirmava! A causa de tudo é a minha violência. Aquela abominável cena perante o tribunal, fui eu que a provoquei! Queria ele provar-me a nobreza de seus sentimentos e que, malgrado meu amor por seu irmão, não o haveria de perder por vingança, por ciúme. Então prestou o depoimento que você conhece... Sou a causa de tudo, sou eu a única culpada!

Jamais fizera Cátia tais confissões a Aliócha. Compreendeu ele que chegara ela aquele grau de sofrimento intolerável em que o coração mais orgulhoso abdica de toda altivez e se confessa vencido pela dor. Aliócha conhecia outra causa para o pesar da moça, se bem que ela lha dissimulasse desde a condenação de Mítia, mas isto lhe teria causado demasiada pena, se ela se humilhasse a ponto de falar-lhe disso ela mesma, agora. Sofría por causa de sua "traição" na audiência e pressentia que sua consciência a impelia a acusar-se precisamente diante dele, Aliócha, numa crise de lágrimas, batendo com a testa no chão. Temia ele aquele instante é queria poupar-lhe o sofrimento. Mas por isso seu recado se tornava mais difícil de dar. Voltou a falar de Mítia.

— Não receie nada por ele — continuou obstinadamente Cátia — sua decisão é passageira, fique certo de que ele consentirá em evadir-se: Aliás, não será imediatamente, terá ainda tempo para se decidir a isso. Ivã Fiódorovitch já estará curado na ocasião e ocupar-se-á de tudo, de sorte que não terei de meter-me nisso. Não se inquiete, Dimítri consentirá em evadir-se. Aliás, poderá ele renunciar aquela criatura? Ora, não a admitiriam no presídio, de modo que, como não fugir? Sobretudo, ele o teme, receia sua censura do ponto de vista moral, mas você deve permitir-lhe magnânimamente que fuja, já que sua sanção é tão necessária — acrescentou Cátia com ironia.

Calou-se um instante, sorriu e continuou:

— Ele fala de hinos, de cruz a carregar, dum certo dever, lembro-me. Ivã Fiódorovitch relatou-me tudo isso... Se soubesse você como ele falava a respeito! — exclamou de súbito Cátia, com um ímpeto irresistível. — Se você soubesse quanto ele amava aquele desgraçado, no momento em que

me contava isso, e quanto, talvez, o odiava ao mesmo tempo! E eu o escutava, eu o via chorar com um sorriso altivo! Oh! criatura! vil criatura que eu sou! Fui eu que o fiz enlouquecer! Mas o outro, o condenado, está pronto a sofrer — concluiu Cátia com irritação. — Será capaz? Os seres como ele ignoram o sofrimento!

Uma espécie de ódio e de desgosto transparecia através de suas palavras. Entretanto, havia-o traído. "Pois bem! é talvez porque se sinta culpada para com ele que o odeia por momentos", pensou Aliócha. Teria querido que só fosse por momentos. Sentira um desafio nas derradeiras palavras de Cátia, mas não lhe deu importância.

— Pedi-lhe que viesse hoje para que você me prometa convencê-lo. Mas talvez, segundo você também, seria desleal e vil evadir-se, ou como dizer... não cristão? — acrescentou Cátia com uma provocação ainda mais acentuada.

— Não, não é nada. Dir-lhe-ei tudo... — murmurou Aliócha. — Ele lhe pede que vá hoje — continuou ele, bruscamente, olhando-a bem no rosto.

Ela estremeceu e fez um leve movimento de recuo.

— Eu... é possível? — disse ela, empalidecendo.

— É possível e é um dever! — declarou Aliócha num tom firme e com animação. — Você lhe é mais necessária do que nunca. Não a teria atormentado prematuramente a esse respeito sem necessidade. Ele está doente, está como louco, pede que vá vê-lo, constantemente. Não é para uma reconciliação que quer vê-la, mostre-se somente no limiar de seu quarto. Está bem mudado desde aquele dia e compreende toda a extensão de seus agravos a você. Não é o seu perdão que ele quer: "Não posso ser perdoado", diz ele. Quer somente vê-la no limiar...

— Você de repente me... — murmurou Cátia. — Pressentia nestes dias que você viria aqui com esse fito... — Sabia bem que ele me mandaria chamar!... Ê impossível!

— Impossível, seja, mas faça-o. Lembre-se de que, pela primeira vez, está ele consternado por havê-la assim ofendido, pela primeira vez, jamais antes compreendeu suas faltas tão profundamente! Diz ele: "Se ela recusar vir, serei sempre infeliz". Entende? Um condenado a vinte anos de trabalhos forçados sonha ainda com a felicidade. Não causa isto

compaixão? Pense que vai você ver uma vítima inocente — disse Aliócha, com um ar de desafio. — Suas mãos estão limpas de sangue.

Em nome de todos os sofrimentos que o esperam, vá vê-lo agora! Vá, conduza-o nas trevas, mostre-se somente no limiar... Deve, deve fazê-lo — concluiu Aliócha, insistindo com energia na palavra "deve".

— Devo... mas não posso... — gemeu Cátia. — Ele me olhará... não posso...

— Vossos olhares devem reencontrar-se. Como poderá você viver doravante, se recusa agora?

— Antes sofrer toda a minha vida.

— Deve ir, é preciso — insistiu de novo Aliócha inflexível.

— Mas por que hoje, por que imediatamente?... Não posso abandonar o doente...

— Por um momento poderá, não demorará muito. Se você não fôr, Dimítri terá delírio esta noite. Não lhe estou mentindo, tenha piedade!

— Tenha piedade de mim! — disse com amargor Cátia, e desatou a chorar.

— Então você irá! — proferiu firmemente Aliócha, vendo-a chorar. — Vou dizer-lhe que você irá agora mesmo.

— Não, por coisa alguma do mundo, não lhe fale disso! — exclamou Cátia com terror. — Irei, mas não lhe diga de antemão, porque talvez eu não entre... Não sei ainda..

Sua voz partiu-se. Respirava com dificuldade. Aliócha levantou-se para sair.

— E se eu encontrasse alguém? — disse ela, de repente, empalidecendo de novo.

— Por isso é que é preciso ir imediatamente, não haverá ninguém, fique tranqüila. Nós a esperaremos — concluiu ele com firmeza, e saiu.

II

POR UM INSTANTE A MENTIRA TORNA-SE VERDADE

Apressou-se em seguir para o hospital onde se achava Mítia no momento. Dois dias depois do julgamento, tendo contraído febre nervosa, haviam-no transportado para o hospital, na divisão dos detidos. Mas o Doutor Varvínski, a pedido de Aliócha, da Senhora Khokhlakova, de Lisa e de outras pessoas, mandou colocar Mítia num quarto à parte, o ocupado outrora por Smierdiákov. Na verdade, no fundo do corredor estacionava uma sentinela e a janela era gradeada; Varvínski podia pois estar tranqüilo a respeito dos resultados dessa complacência um tanto ilegal. Bom e compassivo, compreendia quanto era duro para Mítia entrar sem transição na sociedade dos malfeitores e que lhe era preciso a princípio habituar-se a isso. As visitas eram autorizadas secretamente pelo doutor, pelo diretor e mesmo pelo *isprávnik,* mas somente Aliócha e Grúchenhka iam ver Mítia. Por duas vezes, Rakítin tentara introduzir-se, mas Mítia pediu insistentemente a Varvínski que não o deixasse entrar.

Aliócha encontrou seu irmão sentado num divã, com roupão de quarto; tinha um pouco de febre, a cabeça enrolada num guardanapo molhado com água e vinagre. Lançou a Aliócha um olhar vago em que transparecia uma espécie de terror.

Em geral, desde sua condenação, tornara-se pensativo. Por vezes, ficava uma meia hora sem dizer nada, parecendo entregar-se a uma meditação dolorosa, esquecendo seu interlocutor. Se saía de seu devaneio, era sempre de improviso e para falar de outra coisa diferente do assunto em conversa. Por vezes, olhava seu irmão com compaixão, parecia menos à vontade com ele do que com Grúchenhka. Na verdade, nunca falava com esta, mas assim que ela entrava seu rosto se iluminava. Aliócha sentou-se em silêncio ao lado dele. Dimítri esperava-o com ansiedade, contudo não ousava interrogá-lo. Achava impossível que Cátia consentisse em vir, enquanto sentia que, se ela não viesse, seria intolerável. Aliócha compreendia seus sentimentos.

— Parece que Trifon Borísovitch quase demoliu sua hospedaria — disse febrilmente Mítia. — Levanta as pranchas do parquete, arranca tábuas; desmontou toda a sua galeria, pedaço por pedaço, na esperança de encontrar um tesouro, os 1 500 rublos que o procurador pretende ter eu

escondido lá. Logo de volta, dizem que se pôs ele à obra. Bem feito para o velhaco. Soube-o ontem por um guarda que é de lá.

— Escuta — disse Alióscha —, ela virá, não sei quando, talvez hoje, ou dentro de algumas horas, ignoro-o. Mas virá, é certo. — Mítia estremeceu, teria querido falar, mas manteve silêncio. Aquela notícia perturbava-o. Via-se que estava ansioso por conhecer os detalhes da conversa, enquanto temia perguntá-los. Uma palavra cruel ou desdenhosa de Cátia teria sido para ele, naquele momento, igual a uma martelada na cabeça.

— Ela disse, entre outras coisas, que te tranqüilizasse a consciência a respeito da evasão. Se Ivã não estiver curado naquela ocasião, ela é quem se ocupará disso.

— Já me falaste disto — observou Mítia.

— E tu, tu o repetiste a Grucha.

— Sim — confessou Mítia. — Ela não virá esta manhã — olhou timidamente para seu irmão —, só virá à noite. Quando eu lhe disse que Cátia trataria do assunto, calou-se a princípio, com os lábios contraídos, depois murmurou: "Pois seja!" Compreendeu que era grave. Não ousei fazer-lhe perguntas. Agora parece ela compreender que não é a mim que Cátia ama, mas a Ivã.

— Deveras?

— Talvez não. Em todo caso, Grucha não virá esta manhã. Encarreguei-a dum recado... Escuta, nosso irmão Ivã é um espírito superior, ele é que deve viver e não nós. Curar-se-á.

— Imagina que Cátia, malgrado seus alarmas, quase não duvida de sua cura..

— Então é que ela está persuadida de que ele morrerá. Ê o pavor que lhe inspira essa convicção.

— Ivã é de constituição robusta. Eu também espero sua cura — disse Alióscha, apreensivo.

— Sim, ele se curará. Mas tem ela a convicção de que ele morrerá. Deve sofrer muito...

Reinou silêncio. Mítia estava atormentado por uma grave preocupação.

— Aliócha, eu amo apaixonadamente Grucha — disse ele de repente, com voz trêmula, em que havia lágrimas.

— Não a deixarão contigo, lá.

— Queria dizer-te ainda — prosseguiu Mítia com uma voz vibrante —, se me baterem em caminho ou lá, não o suportarei, matarei e fuzilar-me-ão. E serão vinte anos! Aqui, os guardas já me tuteiam. Esta noite toda refleti. Pois bem, não estou pronto! É acima de minhas forcas! Eu, que queria cantar um hino, não posso suportar o tuteio dos guardas. Tudo haveria de suportar por amor de Grucha, tudo... exceto as pancadas... Mas não a deixarão entrar lá.

Aliócha sorriu mansamente.

— Escuta, meu irmão, uma vez por todas. Eis minha opinião a este respeito. Sabes que não minto. Não estás preparado para semelhante cruz, não é feita para ti. Mais ainda, não tens necessidade duma provação tão dolorosa. Se houvesses matado teu pai, lamentaria que repelisses a expiação. Mas és inocente e essa cruz é demasiado pesada para ti. Uma vez que querias regenerar-te pelo sofrimento, guarda sempre presente, em qualquer parte em que viveres, esse ideal da regeneração. Isso bastará. O fato de te teres furtado a essa terrível prova servirá somente para fazer-te sentir um dever maior ainda, e esse sentimento contínuo contribuirá talvez mais para tua regeneração do que se fosses para lá. Porque não suportarias os sofrimentos do presídio, revoltarte-ias, talvez acabasses dizendo: "Estou quite". O advogado disse a verdade nesse sentido. Todos não suportam fardos pesados; há criaturas que sucumbem... Eis minha opinião, se desejas tanto conhecê-la. Se tua evasão devesse custar caro a outros, oficiais e soldados, não te permitiria que te evadisses. — Aliócha sorriu. — Mas assegura-se (o próprio chefe de condução disse-o a Ivã) que não haverá sanções severas, sabendo-se arranjar as coisas, e que eles se safarão de complicações sem mais nada. Decerto é desonesto corromper consciências, mesmo neste caso, mas aqui abster-me-ei de julgar, porque se, por exemplo, Ivã e Cátia me tivessem confiado um papel nesse negócio, não teria hesitado em empregar a corrupção: devo dizer-te toda a verdade. Assim, não cabe a mim julgar tua maneira de agir. Mas sabe que não te condenarei jamais. Aliás, é estranho, como poderei eu ser teu juiz neste caso? Está bem! creio ter examinado tudo.

— Em compensação, serei eu que me condenarei! — exclamou Mítia. — Evadir-me-ei Já estava decidido: será que Mítia Karamázov pode

não fugir? Mas me condenarei e passarei minha vida a expiar essa falta. É bem assim que falam os jesuítas? Como o estamos fazendo agora, hein?

— Com efeito — disse alegremente Aliócha.

— Eu te amo porque dizes sempre a verdade completa, sem nada ocultar! — disse Mítia, radiante. — Portanto, apanhei Aliócha em flagrante delito de jesuitismo! Merecerias que te beijassem por isso, deveras! Pois bem! escuta o resto, vou acabar de expandir-me. Eis o que imaginei e resolvi. Se conseguir evadir-me com dinheiro e um passaporte e se chegar à América, serei reconfortado por essa idéia de que não é para viver feliz que o faço, mas para sofrer um presídio que talvez seja igual a este! Asseguro-te, Alieksiéi, que um vale o outro! Que o diabo leve essa América! Já a odeio. Grucha me acompanhará, seja, mas olha-a: tem ela o ar duma americana? Ela é russa, russa até a medula dos ossos, sofrerá a saudade de sua terra, e sem cessar vê-la-ei sofrer por causa de mim, carregando uma cruz que não mereceu. E eu, suportarei os pulhas de lá, mesmo que todos valessem mais do que eu? Já a detesto, a essa América! Pois bem! muito embora sejam eles lá técnicos fora do comum ou outra coisa, leve-os o diabo, não são a minha gente! Amo a Rússia, Alieksiéi, amo o Deus russo, por mais vil que eu seja! Sim. rebentarei lá! — exclamou ele, com os olhos de repente cintilantes. Sua voz tremia.

— Pois bem! eis o que decidi, Alieksiéi, escuta! — prosseguiu, logo que se acalmou. — Assim que lá chegar, com Grucha, pôr-nos-emos a trabalhar na lavoura, a trabalhar na solidão, entre os ursos, bem longe. Lá também há recantos perdidos. Dizem que ainda existem peles-vermelhas. Pois bem! será para essa região que iremos, entre os derradeiros moicanos. Estudaremos imediatamente a gramática, eu e Grucha. Ao fim de três anos, saberemos o inglês a fundo. Então, adeus América! Voltaremos à Rússia, como cidadãos americanos. Não tenhas receio, não voltaremos para esta cidadezinha, ocultar-nos-emos em alguma parte, ao norte ou ao sul. Estarei mudado, ela também; mandarei fazer para mim na América uma barba postiça, furarei um olho, senão usarei uma barba grisalha de 1 *archin* (a nostalgia da pátria envelhecer-me-á depressa), talvez não me reconheçam. Se for reconhecido, que me deportem, tanto pior, era meu destino! Na Rússia também, trabalharemos num canto perdido e far-me-ei sempre passar por americano. Em compensação, morreremos na terra natal. Eis meu plano. É irrevogável. Tu o aprovas?

— Sim — disse Aliócha para não o contradizer. Mítia calou-se um

instante e declarou de repente:

— Viste como me trataram na audiência? Quanta má vontade!

— Mesmo sem isso, terias sido condenado — disse Aliócha suspirando.

— Sim, estão fartos de mim, aqui! Que Deus lhes perdoe, mas é duro! — gemeu Mítia. Novo silêncio.

— Aliócha, executa-me agora mesmo: virá ela ou não agora? Fala! Que disse ela?

— Prometeu vir, mas não sei se será hoje. É-lhe penoso! Aliócha fitou timidamente seu irmão.

— Concordo! Concordo! Aliócha, eu ficarei louco! Grúchenhka não cessa de fitar-me. Ela compreende. Meu Deus! acalma-me, que peço eu? Cátia! Será que compreende o que estou pedindo? Eis aqui a tal impetuosidade dos Karamázovi! Não, não sou capaz de sofrer! Não passo de um miserável!

— Ei-la! — exclamou Aliócha.

Nesse momento, Cátia apareceu no limiar. Parou um instante e olhou para Mítia com um ar desvairado. Mítia levantou-se vivamente, pálido de terror, mas logo um sorriso tímido, súplice, desenhou-se em seus lábios e, de repente, num movimento irresistível, estendeu seus braços para Cátia, que correu para ele. Ela agarrou-lhe as mãos, fê-lo sentar-se no leito, sentou-se também, sem largar-lhe as mãos, que apertava convulsivamente. Por várias vezes, ambos quiseram falar, mas se contiveram, olhando-se em silêncio, com um sorriso estranho, como que presos um ao outro; dois minutos assim se passaram.

— Perdoaste? — perguntou por fim Mítia e logo, voltando-se radiante para Aliócha, gritou-lhe:

— Ouves o que peço, ouves?

— Eu te amo, porque teu coração é generoso! — disse Cátia. — Não tens necessidade de meu perdão, nem eu tampouco do teu. Que me perdoes ou não, a lembrança de cada um de pós ficará como uma ferida na alma do outro, isto deve ser... — Deteve-se para tomar alento. — Por que vim? — prosseguiu ela, febrilmente. — Para beijar teus pés, apertar tuas mãos até doerem, lembras-te? como em Moscou, para dizer-te ainda

que és meu deus, minha alegria, para dizer-te que te amo loucamente — gemeu ela, num soluço. Pousou os lábios ávidos na mão de Mítia. Corriam-lhes lágrimas pelas faces. Aliócha mantinha-se silencioso e desconcertado. Não esperava aquela cena.

— O amor desapareceu, Mítia — continuou ela —, mas o passado é-me dolorosamente querido. Fica-o sabendo para sempre. Agora, por um instante, suponhamos verdadeiro o que teria podido ser — murmurou ela, com um sorriso crispado, fixando-o de novo com alegria.

— Agora, amamos cada um para nosso lado, no entanto, amar-te-ei sempre, e tu também sabia-lo? Ouve, ama-me, ama-me toda a tua vida! — suspirou ela, com uma voz trêmula em que havia leve tom de ameaça.

— Sim, eu te amarei e... sabes, Cátia — disse Mítia, parando a cada palavra —, sabes que há cinco dias, naquela noite, eu te amava... Quando caíste desmaiada e te levaram... Toda a minha vida! Será assim, para todo o sempre.

Assim trocavam eles essas frases quase absurdas e exaltadas, mentirosas talvez mas eram sinceros e tinham em si uma confiança absoluta.

— Cátia — exclamou, de repente, Mítia —, acreditas que eu matei? Sei que agora não o crês, mas naquela ocasião... quando depunhas... tu o acreditavas verdadeiramente?

— Jamais o acreditei, mesmo então! Eu te detestava e persuadi-me, por um instante... Ao depor, estava convencida... mas, logo imediatamente depois, deixei de crê-lo. Fica-o sabendo. Esquecia-me de que vim aqui para penitenciar-me! — disse ela, com uma expressão toda nova, que não lembrava em nada as ternas frases de ainda há pouco.

— Como isto é horrível para ti, mulher! — disse, de repente, Mítia.

— Deixa-me — murmurou ela —, eu voltarei, agora não posso mais. Levantara-se, mas de súbito lançou um grito e recuou.

No quarto havia entrado bruscamente, embora sem ruído, Gruchenhka. Ninguém a esperava. Cátia lançou-se para a porta, mas parou diante de Gruchenhka, tornou-se duma palidez de cera e murmurou, num suspiro:

— Perdoe-me!

A outra fitou-a e, ao fim dum instante, disse-lhe, em voz amarga,

carregada de ódio:

— Somos más todas duas! Como haveremos de perdoar uma à outra? Mas salva-o e, em compensação, eu rezarei por ti toda a minha vida.

— E tu recusas perdoar-lhe? — gritou Mítia, num tom de viva censura.

— Fica tranqüila, eu o salvarei — apressou-se em dizer Cátia, que saiu apressada.

— Pudeste recusar-lhe teu perdão, quando ela mesma to pedia? — exclamou de novo Mítia com amargura.

— Não a censures, Mítia, não tens o direito! — interveio com vivacidade Alíócha.

— Era o seu orgulho e não o seu coração que falava — disse com desgosto Gruchenhka. — Se ela te libertar, perdoar-lhe-ei tudo...

Calou-se, como se reprimisse alguma coisa e não pudesse ainda serenar-se. Chegara ali totalmente por acaso, não suspeitando de nada e sem esperar aquele encontro. -

— Aliócha, corre atrás dela! — disse Mítia, ansioso, a seu irmão. — Dize-lhe... não sei o quê... não a deixes partir assim!

— Virei ver-te antes do anoitecer! — gritou Aliócha, que correu para alcançar Cátia. Alcançou-a, de fato, já fora do hospital. Ia depressa e lhe disse rapidamente:

— Não, é-me impossível humilhar-me diante daquela mulher. Quis beber o cálice até o fim, por isso lhe pedi perdão. Ela recusou... Amo-a por isso! — disse Cátia com voz alterada e seus olhos brilhavam cheios de ódio feroz.

— Meu irmão não esperava por isso — balbuciou Aliócha. — Estava persuadido de que ela não viria...

— Sem dúvida. Deixemos isso — interrompeu ela. — Escute: não posso acompanhá-lo ao enterro. Enviei-lhes flores para o caixão. Devem ter ainda dinheiro. Se for preciso, diga-lhes que para o futuro não os abandonarei jamais. E agora, deixe-me, deixe-me, rogo-lhe. Você já está atrasado, está tocando para a derradeira missa... Deixe-me, por favor!

III

ENTERRO DE ILIÚCHA. ALOCUÇÃO PERTO DA PEDRA

Estava atrasado, com efeito. Esperavam-no e tinham mesmo já decidido levar sem ele para a igreja o pequeno ataúde ornado de flores. Era o de Iliúcha, o pobre menino. Morrera dois dias depois da sentença do julgamento. Ainda no portão, foi Aliócha acolhido pelos gritos dos rapazes, camaradas de Iliúcha. Tinha vindo uma dúzia, com suas sacolas escolares nas costas. "Papai chorará, fiquem com ele", dissera-lhes Iliúcha, ao morrer, e os meninos lembravam-se disso. À frente deles achava-se Kólia Krasótkin.

— Como estou contente. pela sua vinda, Karamázov! — exclamou ele, estendendo a mão a Aliócha. — Aqui, está horrível! Na verdade, causa dó ver. Snieguiriov não está bêbado, temos certeza de que não bebeu hoje, mas tem ar de embriagado... Mantenho-me firme, mas é horrível. Karamázov, se não o demoro, far-lhe-ei apenas uma pergunta antes de entrar.

— Que há, Kólia? — Aliócha parou.

— Seu irmão é inocente ou culpado? Foi ele quem matou seu pai ou foi o lacaio? Acreditarei no que o senhor disser. Há quatro noites que não durmo pensando nessa idéia.

— Foi o lacaio o assassino, meu irmão está inocente — respondeu Aliócha.

— É também minha opinião!... — exclamou de repente o jovem Smúrov.

— De modo que sucumbe ele como uma vítima inocente pela verdade? — exclamou Kólia. — Sucumbindo, é feliz! Estou pronto a invejá-lo!

— Como pode você dizer isso e por quê? — disse Aliócha, surpreso.

— Oh! se eu pudesse um dia sacrificar-me pela verdade! — declarou Kólia com entusiasmo.

— Mas não num caso com esse, não com tal opróbio em circunstâncias tão horríveis! — disse Aliócha.

— Certamente... quereria morrer pela humanidade inteira e, quanto

à vergonha, pouco importa: pereçam nossos nomes. Respeito seu irmão!

— Eu também! — exclamou de modo completamente inesperado o mesmo menino que pretendera outrora saber quem fundara Tróia. Como então, ficou vermelho como uma peônia.

Aliócha entrou. No ataúde azul, enfeitado com tiras brancas, estava Iliúcha deitado, as mãos juntas, os olhos fechados. Os traços de seu rosto emagrecido mal haviam mudado e, coisa estranha, o cadáver quase não exalava fétido. A expressão era séria e como que pensativa. As mãos sobretudo eram belas, como talhadas em mármore. Tinham posto flores nelas. O ataúde inteiro, por dentro e por fora, estava ornado de flores enviadas de manhã cedo por Lisa Khokhlakova. Mas tinham vindo outras da parte de Catarina Ivânovna, e quando Aliócha abriu a porta, o capitão, com um buquê nas mãos trêmulas, desmanchava-o sobre seu querido filho. Mal olhou para o recém-chegado; aliás, não prestava atenção a ninguém, nem mesmo à sua mulher, a *mamacha* demente e chorosa, que se esforçava por se erguer sobre suas pernas doentes, para ver de mais perto seu filho morto. Quanto a Nínotchka, os meninos tinham-na levado, com sua cadeira, para bem perto do caixão. Apoiara a cabeça nele e devia estar chorando mansamente. Snieguiriov tinha o ar animado, mas como que perplexo e ao mesmo tempo selvagem. Havia loucura em seus gestos, nas palavras que lhe fugiam. "Meu pequeno, meu querido pequeno!", exclamava ele a cada instante, olhando Iliúcha.

— *Pápotchka,* dá-me também flores, toma da mão dele aquela flor branca e dá-ma! — pediu, soluçando, a *mamacha* louca. Fosse que a rosinha branca que estava nas mãos de Iliúcha lhe agradasse muito, ou quisesse ela guardá-la como lembrança dele, agitava-se, com os braços estendidos para a flor.

— Não darei nada a ninguém! — respondeu duramente Snieguiriov. — São dele as flores e não tuas. Tudo é dele, nada de ti!

— Papai, dê uma flor a mamãe! — disse Nínotchka, mostrando seu rosto úmido de lágrimas.

— Não darei nada, sobretudo a ela! Ela não o amava. Tirou-lhe seu canhãozinho — disse o capitão com um soluço, lembrando-se de como Iliúcha tinha então cedido o canhão à sua mãe. A pobre louca pôs-se a chorar, ocultando o rosto nas mãos. Os meninos, vendo afinal que o pai não saía de junto do caixão, e que era tempo de levá-lo à igreja, cercaram-

no compactamente e puseram-se a levantá-lo.

— Não quero enterrá-lo no cemitério! — clamou de súbito Snieguiriov. — Enterrá-lo-ei perto da pedra, de nossa pedra! Era a vontade de Iliúcha. Não deixarei que o levem!

Havia três dias que ele falava em enterrá-lo perto da pedra; mas Aliócha e Krasótkin intervieram, bem como a locadora, sua irmã e todos os meninos.

— Que idéia essa de enterrá-lo perto de uma pedra impura, como um renegado? — disse severamente a velha. — No cemitério, a terra é abençoada. Será mencionado nas orações. Ouvem-se os cantos da igreja, o diácono tem uma voz tão sonora e tudo chegará até ele, como se fosse ali mesmo, junto de sua sepultura.

O capitão teve um gesto de lassidão, como para dizer: "Façam o que quiserem!" Os meninos ergueram o caixão, mas, ao passar perto da mãe, detiveram-se um instante para que ela pudesse dizer adeus a Iliúcha. Vendo, de repente, de perto aquele rosto querido, que ela havia três dias não tinha contemplado senão a certa distância, pôs-se ela a balançar sua cabeça grisalha.

— Mamãe, abençoe-o, beije-o — gritou-lhe Nínotchka. Mas a velha, como um autômato, continuou a menear a cabeça e, sem nada dizer, com o rosto crispado pela dor, bateu no peito com o punho. Levaram o caixão para mais longe. Nínotchka pousou um derradeiro beijo nos lábios de seu irmão. Aliócha, ao sair, rogou à locadora que velasse pelas duas mulheres: ela não o deixou acabar.

— Conhecemos nosso dever, ficarei junto delas, nós também somos cristãs.

A velha chorava ao dizer isso. A igreja estava a pouca distância, uns trezentos passos quando muito. Fazia um tempo claro e ameno, com um pouco de geada. Os sinos ainda dobravam. Snieguiriov, apressado e desorientado, acompanhava o ataúde, metido no seu velho sobretudo, demasiado leve para a estação, segurando na mão seu chapéu de feltro de largas abas. Presa de inexplicável inquietação, ora queria sustentar a cabeceira do caixão, o que só fazia atrapalhar os que o carregavam, ora esforçava-se por andar ao lado. Tendo uma flor caído na neve, precipitou-se para apanhá-la, como se aquilo tivesse uma grande importância.

— O pão, esqueceram o pão! — exclamou ele, de repente, com terror. Mas os meninos lhe lembraram logo que ele acabava de pegar um pedaço de pão e trazia-o no bolso. Tirou-o è acalmou-se ao vê-lo.

— É Iliúcha que o quer — explicou ele a Alíócha. — Uma noite, em que estava eu à sua cabeceira, disse-me de repente: "*Pápotchka,* quando me enterrarem, esmigalhe pão em cima de minha cova, para atrair os pardais. Eu os ouvirei e me causará prazer o não me sentir só".

— Está muito bem-— disse Aliócha. — Será preciso trazer pão muitas vezes.

— Todos os dias, todos os dias! — murmurou o capitão como que reanimado.

Chegaram por fim à igreja e o ataúde foi colocado no meio dela. Os meninos cercaram-no e portaram-se exemplarmente durante a cerimônia. A igreja era antiga e bastante pobre, muitos ícones não tinham molduras, mas em igrejas assim se sente a gente mais à vontade para rezar. Durante a missa, Sníeguiriov pareceu acalmar-se um pouco, se bem que a mesma preocupação inconsciente reaparecesse por momentos nele; ora se aproximava do caixão para arranjar o pano fúnebre, ou o *vientchk*[65], ora, quando uma vela caía do candelabro, corria a recolocá-la, demorando-se nisso infindavelmente. Depois tranqüilizou-se e ficou à frente, com ar preocupado e como que perplexo. Depois da epístola, cochichou a Aliócha que não a haviam lido como era devido, sem explicar seu pensamento. Pôs-se a cantar o hino querúbico, depois prosternou-se, com a cabeça contra as lajes, antes que ele terminasse, e assim ficou durante muito tempo. Por fim, foi dada a absolvição e distribuíram-se as velas. O pai, precipitado, ia de novo agitar-se, mas a unção e a majestade do canto fúnebre o transtornaram. Pareceu encolher-se e se pôs a soluçar a curtos intervalos, a princípio abafando sua voz, depois, para o fim, ruidosamente. No momento dos adeuses, quando se ia fechar o caixão, abraçou-se com ele como se quisesse a isso opor-se e começou a cobrir de beijos os lábios de seu filho. Exortaram-no a afastar-se e já havia ele descido o degrau, quando de repente estendeu vivamente os braços e tirou algumas flores do caixão. * Contemplou-as e nova idéia pareceu absorvê-lo, de modo que esqueceu, por um instante, o essencial. Pouco a pouco, tombou no

---

[65] *Tira de cetim ou de papel, na qual se colocavam imagens de Cristo, da Virgem e de São João Crisóstomo.*

devaneio e não fez nenhuma resistência quando levaram o caixão.

O túmulo, situado bem perto da igreja, no cemitério, custara caro. Pagara-o Catarina Tvânovna. Após o rito usual, os coveiros desceram o caixão. Sníeguiriov, com suas flores na mão, inclinava-se de tal maneira por cima da cova aberta que os meninos amedrontados agarraram-lhe o sobretudo e puxaram-no para trás. Mas ele parecia não compreender bem o que se passava. Quando encheram a cova, pôs-se a desenhar, com ar preocupado, na terra que se amontoava, e começou mesmo a falar, mas ninguém compreendeu nada: aliás, não tardou a calar-se. Lembraram-lhe então que era preciso reduzir o pão a migalhas: moveu-se, tirou o pão do bolso e espalhou-o em migalhas sobre o túmulo: "Venham, passarinhos, venham, gentis pardais!", murmurava ele, solícito. Um dos meninos fez-lhe ver que suas flores o atrapalhavam e que deveria confiá-las a alguém. Mas ele recusou, pareceu mesmo aterrorizado, como se quisessem tomá-las dele, e depois de haver-se assegurado com um olhar de que tudo estava realizado e o pão reduzido a migalhas, voltou-se e seguiu tranqüilamente para sua casa. ' Mas pouco a pouco apressou o passo, corria quase. Os meninos e Aliócha seguiam-no de perto.

— Flores para *mamacha,* flores para *mamacha!* Ofenderam a *mamacha!* — exclamou ele, de repente. Alguém lhe gritou que pusesse o chapéu, que estava fazendo frio. Como que irritado com tais palavras, atirou-o na neve, dizendo: "Não quero chapéu, não quero!" O jovem Smúrov apanhou o chapéu e segurou-o. Todos os meninos choravam, sobretudo Kólia e o rapaz que havia descoberto Tróia. Malgrado suas lágrimas, achou Smúrov meio de apanhar um pedaço de tijolo que aparecia vermelho entre a neve, para visar no vôo um bando de pardais. Não acertou neles, naturalmente, e continuou a correr, chorando. A meio caminho, Snieguiriov parou, de súbito, estacionou um instante como impressionado por alguma coisa, depois, voltando-se para o lado da igreja, encaminhou-se para o túmulo deixado só. Mas os meninos o agarraram em um piscar de olhos, aferrando-se a ele por todos os lados. Sem forças, dominado, rolou sobre a neve, debateu-se soluçando, e se pôs a gritar: "Iiiúcha, meu querido filhinho!" Aliócha e Kólia levantaram-no. suplicaram-lhe que se mostrasse razoável.

— Capitão, basta, um homem corajoso deve suportar tudo — balbuciou Kólia.

— O senhor está estragando as flores — disse Aliócha. — A *mamacha*

as espera, está chorando porque o senhor lhe recusou as flores de Iliúcha. O leito de Iliúcha ainda está lá.

— Sim, sim, vamos ver a *mamacha* — lembrou-se, de súbito, Snieguiriov. — Vão levar o leito! — acrescentou, como se temesse verdadeiramente que o levassem. Levantou-se e correu à casa, mas não se estava longe e todo mundo chegou ao mesmo tempo. Snieguiriov abriu vivamente a porta, gritou para sua mulher, para com a qual se mostrara tão duro:

— Querida *mamacha,* eis flores que Iliúcha te envia. Tens dores nos pés?

Estendeu-lhe as flores, geladas e machucadas, quando havia rolado na neve. Naquele momento, percebeu a um canto, diante do leito, os sapatos de Iliúcha que a locadora acabara de arrumar, velhos sapatos que se haviam tornado vermelhos, encoscorados, remendados. Vendo-os, ergueu os braços, avançou, caiu de joelhos, agarrou um dos sapatos, que cobriu de beijos, gritando:

— Iliúcha, meu querido filhinho, onde estão teus pés?

— Para onde o levaste? Para onde o levaste? — exclamou a louca, com uma voz dilacerante. Nínotchka também se pôs a soluçar. Kólia saiu correndo, seguido pelos meninos. Aliócha fez o mesmo.

— Deixemo-lo chorar — disse ele a Kólia. — É impossível consolá-los. Voltaremos daqui a pouco.

— Sim, não há nada a fazer, é horrível — aprovou Kólia. — Sabe, Karamázov? — disse ele, baixando a voz para não ser ouvido. — Tenho muito pesar e para ressuscitá-lo daria tudo no mundo!

— Eu também — disse Aliócha.

— Que pensa o senhor, Karamázov, será preciso vir esta noite? Ele vai embriagar-se.

— É bem possível. Viremos somente nós dois, e basta, passar uma hora com ele, com a mamãe e Nínotchka. Se viéssemos todos, serviria para lembrar-lhes tudo — aconselhou Aliócha.

— A locadora vai preparar a mesa para a comemoração[66], virá o

---

[66] *O costume de "comemorar" os mortos com um jantar era, tanto na Rússia como*

pope. Será preciso voltar para lá agora, Karamázov?

— Absolutamente.

— É estranho tudo isso, Karamázov. Tal dor e pastéis; como tudo é estranho na nossa religião!

— Haverá salmão — disse o rapaz que havia descoberto Tróia.

— Peço-lhe seriamente, Kartachov, que não intervenha com suas bobagens, sobretudo quando não se está falando com você e que se quer mesmo ignorar sua existência — disse Kólia, com irritação. O rapaz corou, mas não ousou responder. Entretanto, todos seguiam lentamente a vereda e Smúrov exclamou de repente:

— Eis a pedra de Iliúcha, sob a qual queriam enterrá-lo.

Todos pararam, silenciosos, ao lado da pedra. Aliócha olhava, e a cena que lhe havia contado outrora Snieguiriov, de como Iliúcha, chorando e abraçando seu pai, exclamava: "*Pápotchka, pápotchka,* como ele te humilhou!", aquela cena lhe voltou repentinamente à memória. A emoção dominou-o. Olhou com ar sério todos aqueles rostos gentis de escolares, camaradas de Iliúcha, e lhes disse:

— Meus amigos, quereria dizer algumas palavras, aqui mesmo. Os meninos cercaram-no e fitaram nele olhares de expectativa.

— Meus amigos, vamos separar-nos. Ficarei ainda algum tempo com meus irmãos, dos quais um vai ser deportado e o outro está moribundo. Mas deixarei em breve esta cidade, talvez por muito tempo. Vamos, pois, separar-nos. Convenhamos aqui, diante da pedra de Iliúcha, que jamais o esqueceremos e nos lembraremos uns dos outros. E, aconteça o que acontecer mais tarde na vida, ainda mesmo que fiquemos vinte anos sem nos vermos, lembrar-nos-emos de como enterramos o pobre menino, contra o qual eram atiradas pedras perto do passadiço, deveis lembrar-vos, e que foi depois amado por todos. Era um menino amável, bom e corajoso, tendo o sentimento da honra e da amarga ofensa sofrida por seu pai, contra a qual se voltou. Assim nos lembraremos dele toda a nossa vida. E mesmo se estivermos ocupados com negócios da mais alta importância e tenhamos alcançado honras ou caído no infortúnio, mesmo então não

---

noutros países nôrdicos, sobrevivência dos ágapes funerários dos primeiros tempos do cristianismo.

esqueçamos jamais como nos foi doce, aqui, comungar uma vez em um bom sentimento que nos tornou, enquanto amávamos o pobre menino, talvez melhores do que somos na realidade. Meus pombinhos, deixai que vos chame assim, porque vos assemelhais todos àqueles encantadores pássaros, enquanto fito os vossos rostos amáveis, meus queridos meninos, talvez não compreendais o que vou dizer-vos, porque nem sempre sou claro, mas havereis de lembrar-vos e mais tarde me dareis razão. Sabei que não há nada de mais nobre, de mais forte, de mais são e de mais útil na vida que uma boa recordação, sobretudo provindo da juventude, da casa paterna. Falam-vos muito de vossa educação; ora, uma recordação santa, conservada desde a infância, é talvez a melhor educação. Sc fazemos provisão de tais recordações para a vida, salvamo-nos definitivamente. E mesmo se só guardarmos no coração uma boa recordação, isto poderá servir um dia para nos salvar. Talvez nos tornemos mesmo maus, mais tarde, incapazes de nos abstermos duma má ação, rirmos das lágrimas de nossos semelhantes, dos que dizem, como Kólia exclamou ainda há pouco: "quero sofrer por todos", talvez zombemos deles maldosamente. Mas, por piores que nos tornemos, do que Deus nos preserve, quando nos lembrarmos de como enterramos Iliúcha, de como o amamos nos seus derradeiros dias, e das conversas que mantivemos cordialmente em redor dessa pedra, o mais duro e o mais zombeteiro dentre nós, se assim nos tornarmos, não ousará zombar, no seu foro íntimo, dos bons sentimentos que experimenta neste momento! Mais ainda, talvez que precisamente essa recordação apenas o impeça de agir mal; fará um exame de consciência e dirá: "Sim, eu era bom então, ousado, honesto". Que ria mesmo consigo mesmo, pouco importa, a gente zomba muitas vezes do que é bom e belo; é somente por leviandade, mas asseguro-vos que, logo depois de ter rido, dirá a si mesmo em seu coração: "Fiz mal em rir-me, porque não devemos rir dessas coisas!"

— Será absolutamente assim, Karamázov, eu o compreendo! — exclamou Kólia, de olhos brilhantes. Os meninos agitaram-se e queriam também gritar alguma coisa, mas contiveram-se e fixaram no orador olhares emocionados.

— Disse isto para o caso em que nos tornarmos maus — prosseguiu Aliócha. — Mas por que nos tornarmos maus, não é, meus amigos? Seremos antes de tudo bons, depois honestos, enfim, não nos esqueceremos jamais uns dos outros. Insisto nisto. Dou-vos minha palavra, meus amigos, de que não esquecerei nenhum de vós: cada rosto que me

olha agora, dele me lembrarei, mesmo daqui a trinta anos. Ainda há pouco, Kólia disse a Kartachov que queríamos ignorar sua existência. Posso eu esquecer que Kartachov existe, que não cora mais como quando descobriu Tróia, mas me olha alegremente com seus belos olhos? Meus caros amigos, sejamos todos generosos e corajosos como Iliúcha, inteligentes, corajosos e generosos como Kólia (que se tornará bem mais inteligente ao crescer), sejamos modestos, porém amáveis como Kartachov. Mas por que só falar desses dois? Todos vós me sois caros doravante, todos tendes um lugar em meu coração e reclamo um no vosso! Poi bem! quem nos reuniu neste bom sentimento, do qual queremos guardar para sempre a lembrança, senão Iliúcha. aquele bom, aquele gentil menino, que nos será sempre querido? Nós não o esqueceremos, boa e eterna recordação dele em nossos corações, agora e para todo o sempre!

— É isto, é isto, lembrança eterna! — gritaram todos os meninos com suas vozes sonoras e com ar comovido.

— Nós nos lembraremos de seu rosto, de sua roupa, de seus pobres sapatinhos, de seu, ataúde, de seu desgraçado pai, e de como tomou a defesa dele, sozinho contra toda a classe.

— Nós nos lembraremos dele! Era bravo, era bom!

— Ah! como eu o amava! — exclamou Kólia.

— Meus meninos, meus queridos amigos, não temais a vida! Ela é *tão* bela quando se pratica o bem e a verdade!

— Sim, sim! — repetiram os meninos entusiasmados.

— Karamázov, nós o amamos! — ecoou uma voz, provavelmente a de Kartachov.

— Nós o amamos, nós o amamos! — repetiram em coro. Muitos tinham lágrimas nos olhos.

— Viva Karamázov! — proclamou Kólia.

— E lembrança eterna para o pobre menino! — acrescentou de novo Aliócha, com emoção.

— Lembrança eterna!

— Karamázov! — exclamou Kólia. — É verdade o que diz a religião, que ressuscitaremos dentre os mortos, que nos tornaremos a ver uns e outros, e todos e Iliúcha?

— Decerto ressuscitaremos, tornaremos a ver-nos, contaremos uns aos outros alegremente tudo quanto se passou — respondeu Aliócha, meio risonho, meio entusiasta.

— Oh! como será bom! — disse Kólia.

— E agora, já falamos muito. Vamos ao jantar fúnebre. Não vos perturbeis pelo fato de comermos pastéis. É uma velha tradição que tem seu lado bom — disse Aliócha, sorrindo. — Pois bem! vamos agora, de mãos dadas.

— E sempre assim, a vida inteira, de mãos dadas! Viva Karamázov! — repetiu Kólia com entusiasmo, e sua aclamação foi repetida por todos os meninos.

FIM